Leon Tolstoi

Guerra e Paz

Livro II

http://groups.google.com/group/digitalsource

2ª edição

Publicações Europa- América
c Publicações Europa- América,

Tradução de *Isabel da Nóbrega*
e João Gaspar Simões

Editor: Francisco Lyon de Castro
Edição n.º 006112129

Livro Terceiro

Primeira Parte

Nota. - Grafamos em itálico o que no texto russo está em francês. Era costume da alta sociedade da época usar habitualmente a língua francesa nas conversações mundanas.

Capítulo I

Em fins de 1811 principiaram os armamentos intensivos e a concentração das forças da Europa ocidental e, em 1812, estas forças, ou seja, milhões de homens, no número das quais se contava transportes e abastecimentos, puseram-se em marcha do ocidente para o oriente, em direcção às fronteiras da Rússia, para onde se encaminhavam, igualmente, a partir de 1811, os exércitos russos. No dia 12 de Junho, os exércitos da Europa ocidental atravessaram a fronteira e a guerra principiou, isto é, produziu-se então um acontecimento em desacordo completo com a razão e a própria natureza do homem. Estes milhões de homens praticaram, em relação uns aos outros, tão grande número de abominações, de fraudes, de traições, de roubos, de falsificações de moeda, de pilhagens, de incêndios e de morticínios como não há exemplo nos arquivos dos tribunais do mundo inteiro, funcionando há séculos, e sem que, no entanto, durante todo este período, aqueles que cometeram tais crimes fossem considerados, realmente, criminosos.

Que produziu tão monstruoso acontecimento? Quais as suas causas? Os historiadores, com uma segurança ingénua, foram buscá-las ao insulto de que foi vítima o duque de Oldemburgo, não observância do bloqueio continental, à ambição de Napoleão, à resistência de Alexandre, aos erros da diplomacia, etc. Por conseguinte, teria bastado que Metternich, Rumiantsov ou Talleyrand, entre uma recepção na corte e uma reunião política, conviessem em redigir com arte uma nota bem cozinhada ou que Napoleão pegasse na pena para escrever a Alexandre: «Senhor meu irmão, consinto em devolver o ducado ao duque de Oldemburgo», para que não tivesse havido guerra.

É natural que fosse este o ponto de vista dos contemporâneos. Concebe-se que Napoleão tivesse atribuído a guerra às intrigas da Inglaterra, como declarou na ilha de Santa Helena. Admite-se que os membros do Parlamento inglês pensassem que deveriam ir buscar-se-lhe as causas à ambição de Napoleão; que o duque de Oldemburgo as tivesse

visto na violência de que fora vítima; o comércio no bloqueio que arruinava a Europa; que os velhos militares e os generais tenham dado como pretexto do conflito a necessidade de ocupar os seus homens; os legitimistas da época a urgência em restabelecer os bons princípios, enquanto os diplomatas pensavam que tudo provinha de a aliança da Prússia com a Áustria em 1809 não ter sido habilmente escondida de Napoleão e de o memorando nº 178 haver sido mal redigido. Compreende-se que os contemporâneos tenham invocado estas e ainda outras razões, tantas ou tão poucas que o número delas pode variar consoante os numerosos pontos de vista.

Para nós, a posteridade, que contemplamos em toda a sua amplitude este acontecimento considerável e que penetramos o seu sentido simples e terrível, todas elas são, evidentemente, insuficientes. Não podemos conceber como milhões de cristãos puderam matar-se uns aos outros e torturar-se mutuamente só porque Napoleão era ambicioso, Alexandre firme, a política da Inglaterra tortuosa e o duque de Oldemburgo se sentia ofendido. Não é possível compreender a ligação que existe entre todas estas circunstâncias e as violências e os morticínios propriamente ditos.

Para nós, a posteridade, nós, que não somos historiadores, nem nos deixamos levar pelo entusiasmo das investigações, e examinamos, por conseguinte, com um bom senso imperturbável os acontecimentos, as causas aparecem-nos em número incalculável. Quanto mais nos enfronhamos na investigação dessas causas mais numerosas elas se nos revelam e cada uma em si ou uma série delas se nos afiguram igualmente justas, embora falsas também, dada a sua insignificância quando comparadas com a imensidade do acontecimento, e igualmente falsas pela sua insuficiência, independentemente de todas as demais causas concordantes poderem ter produzido o resultado encarado, Uma delas, por exemplo, o facto de Napoleão se ter recusado a retirar as suas tropas para o outro lado do Vístula e restituir o ducado de Oldemburgo, parece-nos valer tanto como a recusa de um primeiro-cabo francês a realistar-se, pois a verdade é que, se este não tivesse querido voltar à actividade e o seu exemplo houvesse sido seguido por milhares de soldados, teria havido muito menos homens no exército de Napoleão e este ver-se-ia impossibilitado de declarar a guerra.

Se Bonaparte se não houvesse sentido ofendido ao receber a comunicação em que se lhe pedia que se retirasse para a outra margem do Vístula e não tivesse dado às suas tropas ordem de marcha, não teria havido guerra. Mas se todos os seus sargentos se houvessem recusado a realistar-se também a agressão não se daria. Fosse como fosse, não se teria dado se não tivesse havido intrigas da Inglaterra, se não existisse o príncipe de O1demburgo, se Alexandre não fosse tão susceptível, se a Rússia não tivesse um governo autocrático, se não

tivesse havido a Revolução Francesa e assim por diante. Sem qualquer destas causas nada teria acontecido. É muito possível que para que o acontecimento se produzisse tivesse sido preciso o encontro de todas estas causas, de milhares de causas, o que só quer dizer não haver causas exclusivas e que as coisas acontecem porque têm de acontecer.

Milhões de homens, repudiando todo o sentimento humano e toda a espécie de razões, tinham de marchar do Ocidente para o Oriente dispostos a matar os seus semelhantes, tal qual, séculos antes, massas de homens tinham marchado do Oriente para o Ocidente matando igualmente o seu semelhante.

Os actos de Napoleão e de Alexandre, cuja palavra, na aparência, só por si podia impedir ou desencadear os acontecimentos, eram tão pouco livres e arbitrários como os do simples soldado destinado pela sorte ou o recrutamento a tomar parte na campanha.

As coisas não podiam passar-se de outra maneira, pois, para que fosse cumprida a vontade de Napoleão ou de Alexandre, na aparência senhores omnipotentes, era absolutamente necessária a concordância de numerosas circunstâncias, e bastava faltar uma só que fosse para nada vir a produzir-se. Era necessário que milhões de homens entre cujas mãos se encontrava a força actuante - soldados para disparar e transportar abastecimento,, e canhões- estivessem de acordo para cumprir a vontade daqueles dois fracos indivíduos, se isolados, e que a tal fossem conduzidos por um número infinito de razões, tão complicadas quão diversas.

A intervenção do fatalismo na história é inevitável para explicar estas manifestações desprovidas de sentido, ou, antes, cujo sentido nos não é dado compreender. Quanto mais procuramos explicá-las logicamente tanto mais desarrazoadas e incompreensíveis se nos apresentam.

O homem vive para si mesmo, goza de liberdade para alcançar os seus objectivos particulares; todo o seu ser lhe diz que pode realizar ou não imediatamente este ou aquele acto; mas assim que age, realizado que seja o seu acto em tal ou qual momento da continuidade temporal, ei-lo que passa a ser irrevogável e a pertencer daí para o futuro à história, perdendo o seu carácter de acto livre para ocupar um lugar que lhe é previamente designado.

A vida do homem tem duas faces. Há, em primeiro lugar, a vida individual, tanto mais livre quanto mais gerais os seus interesses, quanto mais abstractos; e depois a vida como um elemento social, a vida do cortiço humano, em que o homem tem inevitavelmente de se submeter às leis que lhe são prescritas.

O homem vive conscientemente a sua vida individual, servindo de instrumento inconsciente à realização dos fins históricos da humanidade inteira. O acto realizado torna-

se irrevogável, e, graças à sua concordância com os milhões de outros actos realizados ao mesmo tempo, assume valor histórico. Quanto mais alto o homem está colocado na escala da humanidade, quanto mais importantes as personagens com quem entra em contacto, tanto maior, igualmente, o seu poder sobre os outros homens e mais evidente o carácter de predestinação e de fatalidade de cada um dos seus actos.

«O coração dos reis está na mão de Deus.» «O rei é escravo da história.»

A história, quer dizer, a vida inconsciente, geral, elementar, da humanidade serve-se de todos os minutos da vida dos reis para alcançar os seus objectivos.

Embora então, em 1812, Bonaparte estivesse mais do que nunca convencido de que não dependia senão dele «fazer ou não verter o sangue dos povos», como dizia Alexandre na última carta que lhe escreveu, a verdade era mais do que nunca encontrar-se sujeito a essas leis fatais que, enquanto lhe davam a ilusão de agir por si, segundo o seu próprio capricho, o compeliam o, colaborar na obra comum, a história, realizando o que necessariamente tinha de realizar-se.

Os homens do Ocidente puseram-se a caminho do Oriente para se chacinarem uns aos outros. E, segundo a coincidência das causas, colaboraram neste acontecimento e encontraram-se em correlação com ele milhares de pequenas causas desse movimento e dessa guerra, entre as quais a violação do bloqueio continental, a ofensa ao duque de Oldemburgo, os deslocamentos de tropas na Prússia, realizados, segundo pensava Napoleão, com o único fim de se conseguir uma paz armada; o amor da guerra do imperador dos Franceses e o hábito em que estava de a fazer, de acordo com as disposições particulares do seu povo; o entusiasmo a que levavam os preparativos grandiosos; as despesas que estes preparativos determinaram; a necessidade de conseguir vantagens que compensassem tais despesas; as honrarias inebriantes que recebera em Dresde; as conversações diplomáticas que, de acordo com a opinião dos contemporâneos, haviam sido realizadas com o sincero desejo de alcançar a paz e que no fim de contas só serviram para irritar o amor-próprio de parte a parte; milhões de milhões de outras causas, enfim, que concorreram para a realização do acontecimento ou que coincidiram com ele.

Uma maçã cai quando está madura. Porquê? É o peso que a faz cair? Ou porque se lhe seca o pé, porque o sol a queima, porque se tornou pesada de mais, porque o vento a sacudiu ou, muito simplesmente, porque um garoto junto da árvore morria por comê-la?

Nenhuma destas causas é a válida. Não há mais que uma concordância de condições favoráveis na realização de qualquer dos acontecimentos elementares da vida orgânica. O botânico que descobre que a maçã cai como consequência da decomposição do tecido celular ou qualquer coisa semelhante não tem mais razão que o garoto dizendo que a maçã

caiu porque ele a desejava comer e nesse intuito rezou a Deus. Igual razão ou sem-razão terá aquele que vier dizer que Napoleão entrou em Moscovo por ser esse o seu desejo e que aí se perdeu por ser essa a decisão de Alexandre. Igualmente estará em erro e terá razão aquele que disser que uma montanha de milhões de *puds* que acabou por se desmoronar minada na base caiu graças ao último golpe de picareta do último dos sapadores. Nos factos históricos, esses a quem se dá o nome de grandes homens não passam, no fundo, de etiquetas para designar o acontecimento. Aqueles têm tão pouca relação com tais factos como as próprias etiquetas que lhes põem.

Nenhum dos seus actos que a eles se lhes afigurem produto do livre arbítrio podem considerar-se em verdade voluntários no sentido histórico da palavra, pois estão relacionados com a marcha geral da história, onde o seu lugar se encontra assinalado para toda a etcrnidade.

Capítulo II

No dia 29 de Maio, Napoleão abandonou Dresde, onde passara três semanas, rodeado por uma corte de príncipes, de duques, de reis e até por um imperador. Antes da sua partida, agradecera aos príncipes, aos reis e ao imperador que mereceram os seus elogios, dera uma lição aos reis e aos príncipes de quem tinha razões para estar descontente, presenteara com pérolas e diamantes do seu próprio escrínio, isto é, roubados a outros reis, a imperatriz da Áustria, e, depois de estreitar amorosamente nos braços Maria Luísa, deixara-a, assim dizia um historiador, profundamente dorida com uma despedida que, ao que parece, esta Maria Luísa muito sentia, considerando-se já esposa de Bonaparte apesar da outra esposa que ficara em Paris.

Não obstante a confiança dos diplomatas na manutenção da paz, para que trabalhavam com afinco, não obstante a carta autógrafa de Napoleão a Alexandre, em que o tratava por Senhor meu irmão e lhe dava a sincera garantia de não querer a guerra e de nunca vir a deixar de lhe consagrar estima e amizade, não obstante tudo isso, pôs-se em marcha, em seguimento do exército, dando as suas ordens, em cada muda, para se activar o movimento das tropas para oriente. Numa sege de viagem tirada por seis cavalos, rodeado de pajens, de ajudantes-de-campo e seguido de uma escolta, ei-lo que toma a estrada de Posen Thorn, Danzigue e Conisberga. Milhares de pessoas vieram ao seu encontro em cada uma destas cidades movidas por um entusiasmo a que se misturava algum terror.

O exército deslocava-se para oriente e após ele o levava aquela sege tirada por seis cavalos mudados em cada nova posta. A 1O de Junho alcançou o exército e passou a noite em plena floresta de Wilkowyski, na propriedade de um conde polaco, onde lhe haviam reservado aposentos.

No dia seguinte ultrapassou o exército, seguindo de sege até às margens do Niémen, e, disposto a estudar um local propício à passagem das suas tropas, envergou um uniforme polaco e apeou-se do cavalo para examinar o rio.

Ao ver os cossacos na outra margem, as estepes perdendo-se na distância, no meio das quais estava Moscovo, a cidade santa, a capital desse mesmo império dos Citas por onde passara Alexandre da Macedónia, Napoleão, com espanto de todos, e contrariamente a todas as considerações, quer estratégicas quer diplomáticas, deu ordem para avançar, e no

dia seguinte as suas tropas atravessaram o Niémen.

A 12, de madrugada, saiu da tenda armada sobre uma eminência da margem esquerda e pôs-se a observar com o óculo a vaga das tropas que saíam da floresta de Wilkowyski e enfiavam pelas três pontes que mandara lançar sobre o rio. Os soldados, sabendo que o imperador estava presente, procuravam-no com os olhos, e quando o descobriram sobre a escarpa, diante da tenda, afastado do resto da comitiva, de redingote e chapéu, lançaram ao ar as barretinas de pêlo, gritando: «Viva o imperador!» E, inesgotável, lá continuava a correr, da enorme floresta em que se ocultava, aquela torrente de homens que, dividindo-se pelas três pontes, inundava a margem oposta.

«Desta é que vamos longe. Quando ele próprio intervém no assunto a coisa aquece... Com mil demónios!... Ei-lo!... Viva o imperador!... São estas, pois, as estepes da Ásia! De qualquer modo, uma terra feia. Adeus, Beauché; reservo-te o mais belo palácio de Moscovo. - Adeus, boa sorte.- Viste o imperador? Viva o imperador... rador...! - Se me nomearem governador das índias, Gérard, faço-te ministro de Caxemira, fica combinado. - Viva o imperador! Viva! Viva! Viva! - É ver como eles fogem, esses marotos dos cossacos. Viva o imperador! Ei-lo! Viste-o? Vi-o duas vezes tal como te estou a ver a ti. O pequeno cabo... Vi-o dar a cruz a um dos velhos... Viva o imperador!...»

Eis o que diziam velhos e novos, homens de todos os feitios e posições sociais. Em todos os rostos se reflectia a mesma alegria por verem iniciada uma campanha tão ardentemente esperada e o mesmo entusiasmo e a mesma dedicação pelo homem do redingote cinzento que lá estava em cima naquela eminência.

A 13 de Junho trouxeram a Napoleão um cavalinho árabe, puro-sangue, que ele montou, e a galope despediu em direcção a uma das pontes de Niémen, sempre no meio do mesmo clamor, clamor que ele apenas tolerava, via-se bem, por não ser possível impedir os seus soldados de assim exprimirem o amor que lhe tinham. Esses gritos que o perseguiam por toda a parte fatigavam-no e distraíam-no das preocupações militares que o assoberbavam desde que se juntara ao exército. Atravessou uma das oscilantes pontes de barcas e, embrenhando-se na outra margem, meteu à esquerda, e a galope seguiu na direcção de Kovno, precedido pelos caçadores da Guarda, que, loucos de alegria, lhe abriam caminho por entre os soldados. Quando chegou junto do curso do grande Vístula, parou ao pé de um regimento de ulanos polacos que estacionava ali.

«Viva!», gritavam os polacos com não menor entusiasmo que os próprios franceses, rompendo fileiras e acotovelando-se para melhor o verem.

Napoleão examinou o rio, desmontou e foi sentar-se num tronco de árvore junto das águas. A um seu gesto, trouxeram-lhe o óculo, que ele apoiou no ombro de um pajem, contentíssimo, que logo aparecera, e pôs-se a olhar para a margem oposta. De- pois

enfronhou-se no estudo do mapa aberto sobre o tronco da árvore. Sem erguer a cabeça, pronunciou duas ou três palavras e imediatamente dois dos seus ajudantes-de-campo despediram a galope em direcção aos ulanos polacos.

«Que foi? Que disse ele?», ouvia-se nas fileiras, à medida que se aproximava o ajudante-de-campo.

Fora dada ordem para se procurar um vau por onde passar à margem oposta. O coronel dos ulanos, homem idoso, mas de bela presença, corando e com a língua entaramelada pela emoção, perguntou ao oficial se lhes seria permitido, a ele e aos seus homens, atravessarem o no a nado, sem se darem ao trabalho de procurar um vau. Receoso que lhe recusassem o que pedia, como um garoto que pede para montar a cavalo, solicitou autorização para atravessar o no na presença do imperador, o ajudante-de-campo replicou ser muito natural que este excesso de zelo não deixasse de ser agradável ao imperador.

Ao ouvir estas palavras, o velho oficial de grande bigodeira, felicidade no rosto e os olhos cintilantes, puxou do sabre, gritando: «Viva!» Depois, dando ordem aos seus ulanos para que o seguissem, esporeou o cavalo e meteu-se ao rio. Fustigando, colérico, o animal, que vacilava, entrou na água, dirigindo-se para um local profundo onde a corrente era impetuosa. Atrás dele iam centenas de homens. Lá para o meio do rio, o frio principiou a apoquentá-los. Os soldados tropeçavam uns nos outros e caíam das montadas. Houve cavalos que se afogaram e alguns soldados também, enquanto outros procuravam nadar, agarrando-se às selas ou às crinas dos animais. Embora a meia *versta* apenas houvesse um vau, eles, procurando alcançar a outra margem, mostravam-se orgulhosos de nadar e morrer afogados à vista daquele homem sentado num tronco de árvore que nem sequer olhava para eles. Quando o ajudante-de-campo voltou para junto do imperador e, aproveitando um momento favorável, se permitiu chamar-lhe a atenção para a prova de lealdade dos polacos, o homenzinho do redingote cinzento levantou-se, chamou Berthier e pôs-se a passear com ele de um lado para o outro, ao longo da margem, dando-lhe ordens e lançando de tempos a tempos um olhar descontente para aqueles homens que se afogavam, distraindo-lhe a atenção.

Não era a primeira vez que podia convencer-se de que bastava a sua presença, em qualquer parte do mundo, da África às estepes da Moscóvia, para despertar nos homens como que a loucura do sacrifício. Mandou que lhe trouxessem o cavalo e regressou ao acantonamento.

Quarenta ulanos se afogaram, apesar das barcaças que foram socorrê-los. A maior parte dos corpos foi arrastada para a cidade que acabavam de deixar. O coronel e alguns soldados atravessaram o no e com grande dificuldade conseguiram escalar a margem.

Assim que lá chegaram, com os uniformes a pingar, gritaram: «Viva!», procurando com os olhos o local onde se devia encontrar Napoleão, que já lá não estava, e nesse momento sentiram-se plenamente felizes.

Pela noite, após ter tomado duas decisões, a primeira no sentido de apressar o envio de notas de banco eslavas falsificadas com destino à Rússia e a segunda de se executar um saxão em poder do qual se haviam encontrado informes relativos à situação do exército francês, ainda tomou uma terceira, mandando que fosse condecorado com a Legião de Honra, de que era chefe supremo, o coronel polaco que, sem necessidade, se precipitara no rio.

Quos vult perdere dementat...

Capítulo III

Entretanto havia mais de um mês que o imperador da Rússia se encontrava em Vilna, onde passava revista às tropas e assistia às manobras. Nada estava disposto para a guerra que toda a gente esperava e para a preparação da qual o imperador deixara Petersburgo. Não havia qualquer plano geral para as operações. As dúvidas e hesitações sobre o plano a seguir ainda eram maiores um mês depois de o imperador se achar no quartel-general. Cada um dos três corpos de exército tinha um general-chefe, mas não havia generalíssimo e o imperador não queria assumir semelhantes funções.

À medida que o tempo ia passando em Vilna mais atrasados estavam os preparativos. Toda a gente se sentia cansada de esperar. Dir-se-ia que a maior preocupação do séquito de Sua Majestade era fazer que ele passasse agradavelmente o seu tempo e esquecesse a guerra iminente.

Depois de muitos bailes e festas oferecidos pelos magnates polacos, personagens da corte e pelo próprio imperador, um dos generais polacos ajudante-de-campo teve a ideia de organizar um jantar e um baile oferecidos pelos seus colegas. Esta ideia obteve o mais jovial acolhimento. O próprio imperador lhe deu o seu apoio. Os generais ajudantes-de-campo abriram uma subscrição. A senhora que gozava de maior prestígio junto do imperador aceitou desempenhar o papel de anfitrião. O conde de Bennigsen, proprietário na província de Vilna, pôs o seu castelo de Zakreta, nos arredores da cidade, à disposição dos organizadores da festa, e 13 de Junho foi a data marcada para o festival, que se compunha de banquete, baile, passeio no rio e fogo de artifício.

No mesmo dia em que Napoleão dera ordem para se atravessar o Niémen e em que as guardas avançadas do seu exército, repelindo os cossacos, atravessavam a fronteira da Rússia, encontrava-se Alexandre no festival promovido pelos seus ajudantes-de-campo na propriedade de Bennigsen.

A festa foi alegre e brilhante; os entendidos opinaram que raramente se tinha visto um conjunto de tão lindas mulheres. A condessa Bezukov, que, na companhia de outras senhoras russas, seguira o imperador até Vilna, assistiu à festa eclipsando com a sua beleza tipicamente russa, um pouco pesada, a das mais airosas polacas. Chamou as atenções e o imperador concedeu-lhe a honra de a ir buscar para dançar.

Bóris Drubetskoi, de novo solteiro, como ele dizia, deixara a mulher em Moscovo, e também assistiu ao baile. Embora não fosse ajudante-general, contribuíra com uma bonita soma para a colecta. Agora era o que se chama um homem rico, dado ao culto de honrarias de toda a espécie, sem precisar já de protecções e tratando de igual para igual as mais altas personalidades do tempo. Encontrou-se com Helena em Vilna; não a via há muito e não lhe lembrou o passado, mas, como ela estava nas graças de uma personalidade muito importante, desde logo passaram a ser velhos amigos.

A meia-noite ainda se dançava. Helena, que não via à sua volta par digno de si, propôs a Bóris que a fosse buscar para a mazurca. Bóris,, indiferente aos resplandecentes ombros nus de Helena, que emergiam de um corpinho de gaze escura bordado a ouro, falava de pessoas conhecidas sem deixar de seguir com os olhos, como que inconscientemente, o imperador, que se encontrava no mesmo salão. Este não dançava; estava de pé junto de uma porta e ora detinha este ora aquele, dirigindo a cada um a sua palavra amável como só ele sabia fazer.

No princípio da mazurca Bóris notou que o general ajudante-de-campo Balachov, um dos íntimos do imperador, se aproximou do monarca e esperava a seu lado, numa atitude inteiramente contrária ao protocolo, enquanto este conversava com uma senhora polaca. Quando a conversa acabou, o imperador interrogou-o com a vista e, compreendendo que Balachov não teria procedido daquela maneira se não fosse por qualquer grave motivo, fez uma mesura à senhora e voltou-se para o general. Poucas palavras ele dissera ainda e já no rosto do imperador se pintava um profundo espanto. Travou do braço de Balachov e atravessou com ele a sala, sem prestar a mais pequena atenção às pessoas presentes, que abriram largas alas para o deixar passar. Bóris reparou que Araktcheiev, ao ver o imperador com Balachov, mostrara certa perturbação. O ministro, olhando para o monarca com olhos baixos e resfolgando pelo afogueado nariz, destacara-se da multidão, como que à espera que o imperador lhe dirigisse a palavra. Bóris percebeu que Araktcheiev sentia ciúmes de Balachov e estava contrariado com o facto de uma notícia, sem dúvida importante, não ser transmitida por ele.

No entanto, o imperador e Balachov atravessaram o salão sem o ver e penetraram no jardim iluminado. Araktcheiev, com mão na bainha da espada e olhares coléricos, seguiu-os a uns vinte passos de distância.

Enquanto durou a marcação da mazurca, Bóris deu voltas à imaginação para descobrir o que teria dito Balachov ao imperador e a maneira de o vir a saber antes de mais ninguém.

Como naquele momento lhe competia escolher outro par, murmurou ao ouvido de

Helena que ia tirar a condessa Potochka, o qual, segundo pensava, saíra para a escada. Deslizando pelo parquet, precipitou-se para a porta que dava para o jardim e ao ver o imperador e Balachov entrarem no terraço deteve-se. Ambos se encaminhavam para a porta. Bóris, pressuroso, como se não tivesse tido tempo de se afastar, colou-se, respeitosamente, contra o alizar, numa grande vénia.

O imperador, com a expressão de um homem pessoalmente ofendido, pronunciava estas palavras:

- Entrar na Rússia sem declaração de guerra! Só assinarei a paz no dia em que não houver sobre o meu território um único inimigo armado.

Afigurou-se-lhe, a Bóris, que Alexandre punha uma espécie de satisfação em exprimir-se daquela maneira: a forma que dera ao pensamento agradava-lhe. No entanto, pouco satisfeito se mostrou pensando ter sido ouvido.

- É preciso que ninguém saiba! - acrescentou, franzindo o sobrolho. Bóris percebeu que aquela advertência lhe dizia respeito e, baixando os olhos, vergou a cabeça. O imperador voltou ao salão e permaneceu no baile ainda cerca de meia hora.

Foi assim que Bóris veio a saber antes de mais ninguém que os Franceses haviam atravessado o Niémen e deste modo lhe foi possível mostrar a algumas altas personalidades que tinha conhecimento do que os outros ignoravam. E isto tornou-o aos seus olhos maior ainda.

A notícia de que os Franceses haviam atravessado o Niémen caía de improviso no meio do baile depois de um mês de expectativa! O imperador, no primeiro momento de indignação e de cólera, encontrara a fórmula, mais tarde célebre, que a ele próprio agradara, e que em verdade exprimia plenamente os seus sentimentos. No regresso do baile, às duas horas da madrugada, mandou chamar o seu secretário, Chichkov, a quem ditou uma ordem do dia dirigida às tropas e um rescrito com vista ao príncipe Soltikov. Teve o cuidado de transcrever a frase célebre em que declarava só assinar a paz no dia em que não houvesse um único francês armado sobre a terra russa.

No dia imediato dirigiu a Napoleão a carta que se segue:

> *«Senhor meu irmão. Soube ontem que, apesar da lealdade com que mantive os meus compromissos para com Vossa Majestade, as suas tropas atravessaram as fronteiras da Rússia, e acabo de receber de Petersburgo uma nota em que o conde Lauriston, por causa dessa agressão, anuncia que Vossa Majestade se considerou em estado de guerra para comigo desde o momento em que o príncipe Kurakine fez o pedido dos seus passaportes. Os motivos em que o duque de Bassano fundamentava a recusa de lhos passar nunca me fariam supor que*

essa diligência viria alguma vez a servir de pretexto para a agressão. Com efeito, o embaixador não fora a tal autorizado, como ele próprio o declarou, e logo que fui disso informado comuniquei-lhe quanto desaprovava essa deslocação, dando-lhe a ordem de se manter no seu posto. Se Vossa Majestade não tem a intenção de fazer verter o sangue das nossas gentes por um mal-entendido desta espécie e se consentir em retirar as suas tropas do território russo, encararei o que se passou como se nada fosse, e será possível as coisas comporem-se entre nós. No caso contrário, Vossa Majestade, ver-me-ei forçado a repelir um ataque que nós não provocámos. Depende ainda de Vossa Majestade evitar à humanidade as calamidades de uma nova guerra.

Sou, de Vossa Majestade, etc.
ALEXANDRE»

Capítulo IV

No dia 13 de Junho, às duas horas da madrugada, o imperador mandou chamar Balachov, leu-lhe a carta que acabara de escrever a Napoleão, dando-lhe ordem para que a fosse entregar pessoalmente ao imperador dos Franceses. Ao despedir-se dele repetiu as palavras que pronunciara no baile, ordenando-lhe que as repetisse fielmente a Napoleão. Não as transcrevera na sua carta, pois sentia, com o seu tacto habitual, que seriam ali deslocadas, visto tratar-se de uma última tentativa de conciliação. No entanto, ordenou a Balachov que lhas repetisse textualmente.

Tendo partido na noite de 13 para 14, Balachov, acompanhado de um trombeta e de dois cossacos, chegou de madrugada à aldeia de Rykonty, guarda-avançada dos Franceses nessa margem do Niémen. As sentinelas da cavalaria francesa detiveram-no.

Um sargento de hússares, de uniforme amaranto e barretina de pêlo, gritou-lhe que parasse. Balachov não obedeceu imediatamente e prosseguiu a passo.

De sobrancelhas franzidas e soltando palavrões, o sargento atravessou-se na estrada com o seu cavalo, fazendo parar o general russo. Depois desembainhou o sabre e perguntou-lhe grosseiramente se era surdo, pois não parecia entender o que ele dizia. Balachov declinou a sua identidade. O francês deu ordens a um soldado para que fosse chamar um oficial.

Indiferente ao enviado russo, o hússar pôs-se a conversar com os seus camaradas sobre assuntos que lhes diziam respeito, sem se dignar pousar nele os olhos.

Estranha impressão causou isto a Balachov. Ele, que estava em comunicação contínua com o poder supremo e as autoridades, ele que, algumas horas antes, falava com o imperador, ele, que no desempenho das suas funções estava habituado a ser tratado com todas as honras, via-se agora, em terra russa, tratado como um inimigo e, pior ainda, sem qualquer respeito, por semelhantes representantes da força bruta.

O sol principiava a romper as nuvens; o ar era fresco e repassado de humidade. Um rebanho ia da aldeia a caminho dos montes. As andorinhas, umas após outras, como bolhas que rompem à superfície de água, saíam das sebes, soltando trinados.

Balachov olhava à sua roda enquanto aguardava o oficial que haviam ido buscar à aldeia. Os cossacos e o trombeta, em silêncio, de tempos a tempos, trocavam olhares com

os hússares franceses.

O coronel dos hússares, que naturalmente acabara de saltar da cama, apareceu montado num belo cavalo cinzento, bem tratado, escoltado por dois dos seus homens. O oficial, os soldados, os seus próprios cavalos, respiravam contentamento e abastança.

Estava-se no princípio da guerra, nesse momento em que as tropas, de ponto em branco, parecem preparadas para uma parada do tempo da paz, apenas com qualquer coisa de mais bélico no equipamento e esse matiz de jovialidade e animação, traço característico de um exército quando principia uma nova campanha.

Só muito a custo o coronel francês reprimiu o bocejar, mas mostrou-se polido e percebeu, evidentemente, a importância da missão de que Balachov vinha incumbido. Fê-lo atravessar as linhas e garantiu-lhe que o desejo manifestado de ir à presença do imperador seria imediatamente satisfeito, visto o quartel-general, assim o supunha pelo menos, estar situado ali perto.

Atravessaram a aldeia de Rykonty pelo meio dos piquetes de hússares, de sentinelas e de soldados que faziam continência ao seu coronel e olhavam curiosos para o uniforme russo, e assim atingiram a outra extremidade da povoação. Segundo dizia o coronel, a dois quilómetros dali estava o comandante da divisão, que receberia Balachov e o conduziria ao seu destino.

O Sol surgira no horizonte e brilhava alegremente sobre os campos muito verdes.

Mal ultrapassaram a estrada do monte viram surgir diante de si, descendo a encosta, um grupo de cavaleiros, à frente dos quais, montado num cavalo preto, cujos arreios brilhavam ao sol, cavalgava um homem de grande estatura, de chapéu emplumado, com os negros cabelos encaracolados caindo-lhe pelas costas, embrulhado numa capa vermelha e as pernas estendidas para a frente, característica maneira de montar dos Franceses. Este homem galopava ao encontro de Balachov, e a sua pluma, as suas pedras preciosas, os seus galões dourados ondulavam e brilhavam ao ardente sol de Junho.

Estava Balachov a menos de dois cavalos daquele cavaleiro em atitude solene e teatral, coberto de cordões, de plumas, de colares e de galões dourados, quando Ulner, o coronel francês, lhe segredou ao ouvido respeitosamente: *«O Rei de Nápoles.»* Era, efectivamente, Murat, a quem chamavam então rei de Nápoles. Embora fosse absolutamente impossível saber porquê, o certo é que era rei de Nápoles, assim lhe chamavam, e ele próprio disso estava convencido, circunstância que lhe dava um aspecto mais imponente e solene. Tão persuadido estava da situação que na véspera da sua partida de Nápoles, andando a passear com a mulher nas ruas da cidade e ouvindo alguns italianos aclamá-lo, gritando *«Viva il re!»,* se voltou para a mulher com um triste sorriso e disse:

«Desgraçados! Ignoram que os deixo amanhã!»

Apesar da sua íntima convicção de ser realmente rei de Nápoles e de que os seus súbditos suspiravam por ele, naqueles últimos tempos, depois de receber ordem para regressar ao serviço do exército, principalmente após a sua entrevista com Napoleão em Danzigue, quando ouviu o seu augusto cunhado dizer-lhe: *«Eu tornei-o rei para que reinasse à minha maneira, não à sua»,* confiou-se alegremente ao seu mister familiar e como um cavalo bem tratado e sem gorduras em excesso, que, sentindo-se atrelado, brinca entre os varais, arreado com as cores mais vistosas e as mais preciosas jóias, ei-lo que vai caracolear, sem que ele próprio saiba muito bem aonde nem porquê, pelas estradas da Polónia.

Ao ver o general russo, atirou majestosamente para trás, numa atitude verdadeiramente real, a sua cabeça ornada de compridos cabelos encaracolados, e interrogou com os olhos o coronel francês. Este informou respeitosamente Sua Majestade da identidade de Balachov, cujo nome não conseguia pronunciar.

- *De Bal-Machève!* - articulou o rei, superando com decisão a dificuldade que o coronel não soubera vencer - *muito prazer em conhecê-lo, general* - acrescentou com um gesto de condescendência verdadeiramente augusto.

Assim que ergueu a voz e principiou a falar depressa, toda a, sua dignidade real desapareceu como por encanto e, em vez dela, surgiu, sem que ele próprio desse por isso, um tom de bonomia familiar. Passou a mão pela crina do cavalo de Balachov.

- *Pois bem, general, estamos então em guerra, ao que parece* - disse, como se lamentasse uma circunstância de que se não sentia responsável.

- *Sire* - replicou Balachov - *o imperador, meu senhor, não deseja a guerra, como Vossa Majestade pode verificar.* - Para o que desse e viesse, Balachov resolvera tratar Murat por Majestade, evidente despropósito, visto que se dirigia a alguém para quem esse título constituía uma novidade.

O rosto do rei de Nápoles todo se abriu numa estúpida satisfação enquanto lhe dirigia a palavra *Monsieur de Balachoff.* Mas, *realeza obriga,* teve de reconhecer ser indispensável abordar negócios de Estado com o enviado de Alexandre, uma vez que era rei e aliado. Desmontando, pegou no braço de Balachov, afastou-se alguns passos da comitiva, que aguardava numa atitude respeitosa, e pôs-se a passear com ele de um lado para o outro, procurando imprimir autoridade às mais pequenas palavras que pronunciava. Lembrou que o imperador Napoleão ficara ofendido com o pedido que lhe fora dirigido no sentido de retirar as suas tropas da Prússia, sobretudo porque essa intimação fora divulgada por toda a parte, ferindo assim a dignidade da França.

Balachov replicou-lhe não haver a mais pequena ofensa num tal pedido, uma vez

que.- Murat interrompeu-o.

- Com que então, na sua opinião, o instigador não é o imperador Alexandre? - exclamou, de chofre, com o seu estúpido sorriso bonacheirão.

Balachov explicou-lhe porque entendia ser, de facto, Napoleão o causador da guerra.

- *Eh!, meu querido general* - interrompeu de novo Murat -, *desejo de todo o coração que os imperadores cheguem a um acordo e que esta guerra de que eu não sou responsável ter- mine o mais cedo possível.* - Dizendo o que, assumiu o tom dos criados que conversam entre si, querendo continuar bons amigos, embora os amos andem desavindos.

Em seguida quis saber como ia de saúde o grão-duque, recordando os agradáveis momentos que haviam passado juntos em Nápoles.

E de súbito, como se se tivesse lembrado da sua dignidade real, empertigou-se majestosamente, tomou a atitude que assumira por altura da coroação e com um gesto da mão direita:

- *Não o retenho mais, general, e desejo-lhe o êxito da sua missão* - exclamou, e, resplandecente no seu manto vermelho bordado a ouro, as plumas do chapéu a esvoaçar, as jóias faiscantes, encaminhou-se ao encontro da comitiva que o aguardava respeitosamente.

Balachov prosseguiu o seu caminho, supondo, de acordo com o que lhe dissera Murat, que não tardaria a encontrar-se na presença de Napoleão. Mas, em vez disso, as sentinelas do corpo de infantaria de Davout detiveram-no ainda na localidade próxima, como acontecera na primeira linha, e um ajudante-de-campo conduziu-o à aldeia, à presença do marechal Davout.

Capítulo V

Davout era o Araktcheiev do imperador Napoleão, Araktcheiev em tudo menos na covardia, como ele meticuloso e cruel e incapaz de provar a dedicação que tinha ao amo de outra maneira que não fosse pela crueldade.

Nas engrenagens de um Estado, homens assim são tão necessários como os lobos na natureza. Existem sempre, aparecem sempre e mantêm-se, por mais absurda que a sua presença possa parecer, junto do chefe do Estado ou na sua intimidade. Graças à fatalidade desta lei se pode explicar que este cruel Araktcheiev, habituado a arrancar com as próprias mãos os bigodes aos granadeiros, e de resto incapaz, por fraqueza nervosa, de enfrentar o menor perigo, que este homem sem cultura e sem educação tivesse podido manter uma tal influência sobre a natureza nobre, cavalheiresca e doce de um Alexandre.

Balachov encontrou o marechal Davout na isbá de um aldeão, sentado num barril e ocupado a verificar umas contas. A seu lado, de pé, estava um ajudante-de-campo. Ter-lhe-ia sido possível arranjar uma instalação mais própria, mas Davout pertencia ao número dos homens que gostam de viver nas mais difíceis condições de vida para terem o direito de se conservar tristes e severos. E é por isso também que tais homens andam sempre apressados e esmagados com trabalho. «Como se há-de pensar nas coisas agradáveis da vida quando, como vocês estão a ver, uma pessoa tem de sentar-se em cima de um barril numa isbá sórdida, sempre que precisa de trabalhar?» Eis o que parecia ler-se-lhe na cara. O maior prazer, a necessidade capital destas pessoas quando em presença de alguém contente de viver é atirar-lhes à cara o seu trabalho obstinado e taciturno. Eis a satisfação que sentiu Davout com a chegada de Balachov. Ainda mais se enfronhou nas suas contas ao ver aparecer o general russo, e, depois de lançar um olhar por cima das lentes àquela figura animada pela corrida matinal e a conversa que tivera com Murat, sem se erguer, sem fazer um movimento, ainda franziu mais as sobrancelhas, com um sorriso mau.

Vendo a impressão desagradável que o acolhimento provocava no recém-chegado, acabou por levantar a cabeça e perguntar-lhe friamente o que desejava.

Como Balachov só podia atribuir aquela recepção ao facto de Davout ignorar a sua dupla qualidade de general ajudante-de-campo e de enviado, junto de Bonaparte, do imperador Alexandre, tratou de declinar a sua identidade e de enunciar o objectivo da sua

missão. Ao contrário, porém, do que esperava, Davout ainda se mostrou mais rude e severo.

- Onde está a sua mensagem? - interrogou ele. - *Dê-ma, que eu envio-a ao imperador.*

Balachov replicou que recebera ordens para a entregar pessoalmente ao imperador.

- As ordens do seu imperador só têm curso no exército dele; aqui o senhor tem de fazer o que se lhe diz.

E, como que para fazer compreender ao general russo que estava na dependência de uma força brutal, mandou um ajudante-de-campo procurar o oficial de serviço.

Balachov sacou do invólucro que continha a carta do imperador e pousou-o em cima da mesa, a qual era formada por uma porta donde pendiam ainda os gonzos, assente sobre dois barris. Davout pegou no sobrescrito e leu o endereço.

- É consigo tratar-me ou não com respeito - disse Balachov -, mas permita que lhe observe que tenho a honra de pertencer ao número dos generais ajudantes-de-campo de Sua Majestade.

Davout olhou-o sem dizer palavra e a irritação que se lia no rosto do oficial russo foi para ele evidente motivo de satisfação.

- Será tratado com as honras devidas - replicou, e, metendo a mensagem na algibeira, saiu da cabana.

Um minuto mais tarde entrou o ajudante-de-campo do marechal, o Sr. De Castries, que conduziu Balachov ao alojamento que lhe fora destinado.

Balachov jantou nesse dia com o marechal, na choupana, em cima da mesa de barris.

No dia seguinte Davout partiu logo de madrugada, depois de haver convocado Balachov e de lhe ter ordenado que permanecesse onde estava, que apenas se afastasse com o comboio, no caso de este receber instruções para se deslocar, e que não falasse fosse com quem fosse, à excepção de Castries.

Depois de quatro dias de tédio e solidão, agravados pelo sentimento de sujeição e de impotência, tanto mais impressionantes para ele quanto acabava de abandonar um meio onde era todo poderoso, após várias etapas com as bagagens pessoais do marechal e as tropas francesas que ocupavam toda a região, Balachov entrou em Vilna, então ocupada pelos Franceses, pela mesma porta da cidade por onde havia saído quatro dias antes.

No dia seguinte, o camareiro do imperador, Monsieur de Turenne, veio anunciar-lhe que o imperador Napoleão lhe concedia uma audiência.

Quatro dias antes, sentinelas do regimento de Preobrajenski estavam de guarda à porta da casa onde conduziram Balachov; no lugar delas, agora, havia dois granadeiros franceses, de uniforme azul com largas bandas e barretinas de pêlo, uma escolta de hússares

e de ulanos, uma brilhante comitiva de ajudantes-de-campo, pajens e, generais, que aguardavam a saída de Napoleão à roda do cavalo do imperador, mantido pela arreata pelo mameluco Roustan. Napoleão recebeu Balachov na mesma casa de Vilna em que Alexandre lhe entregara a mensagem.

Capítulo VI

Embora Balachov estivesse muito habituado às magnificências da corte, o luxo e o fausto da de Napoleão impressionaram-no.

O conde de Turenne introduziu-o numa grande antecâmara onde esperavam muitos generais, camareiros e magnates polacos, a maior parte dos quais ele vira já na Rússia. Duroe veio anunciar que Napoleão receberia o general russo antes do passeio habitual,

Após alguns minutos de espera, apareceu o camareiro de serviço, que, com uma polida reverência a Balachov, o convidou a segui-lo.

Balachov entrou numa salinha cuja porta dava para um gabinete, para esse mesmo gabinete em que recebera as últimas ordens do imperador da Rússia. Esperou dois ou três minutos. Atrás da porta ouviram-se passos precipitados. Os dois batentes foram bruscamente abertos, toda a gente se calou, e novos passos firmes e enérgicos ressoaram no gabinete: era Napoleão. Acabava de vestir-se para o seu passeio a cavalo, Envergava um uniforme azul, cujas bandas abertas deixavam ver o colete branco que lhe moldava a rotundidade do ventre, e calções brancos também cingindo-lhe as coxas gordas e as curtas pernas metidas em botas altas, de montar. Via-se que acabara de pentear os cabelos curtos, mas uma madeixa se lhe derramava pela ampla testa. O branco e anafado pescoço ressaltava da gola negra do uniforme; rescendia a água-de-colónia. Em seu rosto cheio, ainda novo, de queixo proeminente, pintava-se a benevolência e a majestade de um acolhimento imperial.

Entrou apressado, uma espécie de estremecimento nervoso a cada passo que dava, a cabeça ligeiramente atirada para trás. Toda a sua figura, repleta e curta, de ombros largos e espessos, o ventre e o arcabouço do peito fugindo-lhe para avante, davam-lhe esse aspecto representativo e imponente próprio dos quarentões que sempre viveram vida folgada. E, depois, via-se que nesse dia estava muito bem disposto.

Com uma ligeira inclinação de cabeça respondeu à profunda e respeitosa saudação de Balachov, depois aproximou-se dele e imediatamente se pós a falar como um homem para quem todos os minutos são preciosos, que não se dá sequer ao trabalho de preparar os seus discursos, persuadido de que dirá sempre o que é preciso.

- Bons dias, general! - exclamou. - Recebi a carta, que me trouxe, do imperador

Alexandre e tenho muito prazer em vê-lo. - Fitou Balachov com os seus grandes olhos, desviando-os, porém, imediatamente.

Era evidente que a personalidade de Balachov o não interessava: o que tinha interesse para ele era o que se passava na sua própria alma. Tudo o que lhe era exterior não tinha qualquer importância, uma vez que no mundo - pensava ele - tudo dependia da sua vontade.

- Não desejo, nem desejei a guerra - disse ele. - Obrigaram-me a fazê-la. E mesmo agora - acrescentou, acentuando estas palavras - estou pronto a aceitar todas as explicações que me possa dar.

E pôs-se a expor, pormenorizadamente, as causas do seu descontentamento em relação ao Governo russo. Graças ao tom tranquilo, moderado e até mesmo amistoso que tomou então, Balachov persuadiu-se de que na verdade ele desejava a paz e estava disposto a entabular negociações.

- *Sire!... O imperador, meu senhor...* - tentou dizer Balachov, quando Napoleão, que se calara, o interrogou com o olhar.

O russo trazia preparado o seu discurso, mas aqueles olhos fitos nele desorientaram-no. «Está perturbado, calma», parecia dizer Napoleão, que examinava, com um imperceptível sorriso nos lábios, o uniforme e a espada de Balachov.

Este, serenando, continuou. Disse que o imperador Alexandre não considerava *casus belli* suficiente o pedido de passaportes de Kurakine, que este agira por iniciativa própria, sem conhecimento do monarca, que Alexandre não queria a guerra e não assinara qualquer pacto com a Inglaterra.

- Ainda não - interveio Napoleão, mas, receoso de se deixar arrastar pelos seus sentimentos, franziu as sobrancelhas e baixou ligeiramente a cabeça, dando a entender a Balachov que podia continuar.

Exposto que foi quanto lhe fora ordenado que dissesse, Balachov concluiu que o imperador Alexandre desejava a paz, porém que só entabularia negociações com a condição de... Neste ponto hesitou: lembrava-se das palavras que Alexandre não escrevera na sua carta mas que ordenara fossem introduzidas, sem esquecimento, no seu rescrito a Saltikov e que ele fora encarregado de repetir textualmente a Napoleão. Lembrava-se das palavras: «... enquanto houver um só inimigo em armas sobre a terra russa», mas um sentimento muito complexo reteve-lhe a frase, prestes a escapar-lhe, Foi-lhe impossível pronunciá-la, embora o desejasse. Acrescentou: - Com a condição de que as tropas francesas se retirem para o outro lado do Niémen.

Napoleão dera-se conta da perturbação de Balachov no momento de pronunciar

estas palavras: o rosto estremeceu-lhe e os músculos da barriga da perna esquerda tremeram-lhe. Sem se mover do sítio em que estava, mas em voz mais alta e mais precipitada, pôs-se a falar. Durante todo o discurso que se seguiu, Balachov, sempre que baixava os olhos, reparava, sem querer, no tremor da barriga da perna esquerda de Napoleão, que se ia acentuando à medida que o soberano levantava a voz.

- Não desejo menos a paz que o imperador Alexandre - principiou ele. - Não fui eu quem durante dezoito meses fez tudo para a conseguir? Há dezoito meses que espero explicações. E que exigem de mim para entabular negociações? - acrescentou, franzindo o sobrolho e fazendo um gesto enérgico com a pequena mão branca e anafada.

- A retirada das tropas para o outro lado do Niémen, Majestade - disse Balachov.

- Para o outro lado do Niémen? - repetiu Napoleão. - Então agora querem que eu retroceda para lá do Niémen? - insistiu, fitando Balachov nos olhos.

Este inclinou respeitosamente a cabeça.

Em vez de lhe exigirem, como quatro meses antes, a evacuação da Pomerânia, agora apenas lhe pediam a retirada para o outro lado do Niémen. Napoleão voltou as costas, num movimento brusco, e pôs-se a andar de um lado para o outro.

- Com que então, exigem de mim que retire para o outro lado do Niémen para entabular negociações? Mas há dois meses queriam que me retirasse para o outro lado do Óder e do Vístula, e apesar disso estão prontos agora a entabular negociações.- Percorreu a sala em silêncio de um extremo ao outro, depois deteve-se novamente diante de Balachov. Este notou que a barriga da perna esquerda do imperador ainda tremia mais e que a sua máscara se havia como que petrificado numa expressão severa. Napoleão conhecia esta sua particularidade: *«A vibração da barriga da perna esquerda é, em mim, um grande sinal»,* costumava dizer.

- Proposta como essa, o abandono do Óder e do Vístula, é para fazer ao grão-duque de Baden, não a mim - exclamou, de súbito, com uma violência que o surpreendeu a ele próprio. Mesmo que me oferecessem Petersburgo e Moscovo, não aceitaria as vossas condições. Dizem os senhores que eu principiei esta guerra! Mas quem primeiro concentrou as suas tropas? O imperador Alexandre e não eu. E vem o senhor falar-me de negociações quando eu já gastei milhões, quando sois aliados de Inglaterra e a vossa situação é má. Propõem-me negociações? Mas qual o objectivo da vossa aliança com a Inglaterra? Que vos deu Ela? - Falava precipitadamente; via-se que o seu discurso não tentava mostrar as vantagens da paz e discutir a viabilidade desta, mas apenas demonstrar quer o seu direito, quer a sua força e provar os erros e as faltas de Alexandre.

Quando principiara a falar, tinha por finalidade, evidentemente, chamar a atenção

para as vantagens da sua situação e que apesar de tudo aceitava as negociações. Mas agora, quanto mais falava menos senhor era das suas palavras.

- Diz-se que assinaram a paz com os Turcos?

Balachov inclinou a cabeça afirmativamente.

- A paz foi assinada... - principiou.

Mas Napoleão cortou-lhe a palavra. Havia nele uma necessidade imperiosa de monologar, e prosseguiu com essa eloquência irritada e essa intemperança de linguagem própria, às vezes, das pessoas favorecidas pela sorte.

- Sim, bem sei, assinaram a paz com os Turcos sem terem conseguido nem a Moldávia nem a Valáquia. E eu teria dado essas províncias ao seu imperador, da mesma maneira que lhe ofereci a Finlândia. Sim – continuou - prometera e daria ao imperador Alexandre a Moldávia e a Valáquia, mas a verdade é que essas belas províncias lhe fugiram das mãos. E no entanto teria podido anexá-las ao seu império e sob o seu reinado a Rússia alargar-se-ia do golfo de Bótnia até às embocaduras do Danúbio. Nem a grande Catarina faria mais. - À medida que falava ia ficando mais exaltado.

De um lado para o outro, na sala, repetia a Balachov, quase palavra por palavra, o que dissera na entrevista de Tilsitt. - *E teria tido tudo isso devido à minha amizade. Ah, que belo reino, que belo reino!* - Repetiu várias vezes estas palavras, parou, tirou da algibeira uma caixa de rapé, de ouro, e sorveu avidamente uma pitada.

- Que belo reino poderia ter sido o do imperador Alexandre!

Olhou para Balachov com ar de compaixão e, como este ia dizer qualquer coisa, interrompeu-o:

- Que pode ele desejar e procurar que eu lhe não pudesse oferecer com a minha amizade?... - pronunciou, encolhendo os ombros. - E pensou que seria melhor rodear-se dos meus inimigos, e que inimigos? Chamou para junto de si os Stein, os Armfeld, os Bennigsen, os Wintzengerode. Stein, um traidor expulso do seu país, Armfeld, um libertino e um intriguista, Wintzengerode, um súbdito francês foragido, Bennigsen, um pouco mais militar que os outros, mas tão inepto como eles, que não foi capaz de fazer fosse o que fosse em 1807 e cujo nome deve despertar no imperador Alexandre tremendas recordações... Se eles prestassem para alguma coisa, vamos, podiam ser úteis - prosseguiu Napoleão, cuja palavra dificilmente lhe obedecia, tantos os argumentos que lhe acorriam para demonstrar o seu direito e a sua força, a seus olhos, afinal, uma e a mesma coisa. - Não, para nada prestam, nem na guerra nem na paz! Barclay, segundo dizem, é o mais esperto deles todos, mas eu não sou dessa opinião, a julgar pelos seus primeiros passos. E eles que fazem? Que fazem todos estes cortesãos? Pfuhl propõe, Armfeld discute,

Bennigsen examina. Quanto a Barclay, chamado para agir, não sabe por onde começar. E o tempo vai passando sem nada acontecer de novo, Militar só Bagration. É estúpido, mas tem experiência, golpe de vista e decisão... E que papel desempenha o vosso jovem imperador no meio dessa massa amorfa? Comprometem-no e fazem pesar sobre ele a responsabilidade de tudo. *Um soberano só deveria encontrar-se à frente do exército quando fosse general* - concluiu Bonaparte, como se estas palavras fossem uma provocação directa ao czar. Ele bem sabia que Alexandre tinha o sonho de ser um grande capitão.

- Há oito dias que a campanha principiou e os senhores não souberam defender Vilna. O exército russo está cortado em dois e foi expulso das províncias polacas. As tropas rebelam-se.

- Perdão, Majestade - interrompeu Balachov, que, com dificuldade, apreendia aquela torrente de palavras - Pelo contrário, as tropas ardem em desejos...

- Sei tudo - interrompeu Napoleão. - Sei tudo e o número dos vossos batalhões tão bem como dos meus. Os senhores nem duzentos mil homens têm em armas e eu tenho mais do triplo. Dou-lhe a minha palavra de honra - acrescentou, esquecendo-se de que esta sua garantia não podia ser tomada a sério -, *dou-lhe a minha palavra de honra que tenho quinhentos e trinta mil homens deste lado do Vístula.* Os Turcos não os podem ajudar: para nada prestam, e mostraram-no bem quando assinaram a paz convosco. Os Suecos, esses estão predestinados a ser governados por loucos. Tinham um rei louco: mudaram de rei e arranjaram outro, Bernadotte, que logo enlouqueceu também, pois é preciso estar doido para, sendo sueco, assinar uma aliança com a Rússia.

Napoleão sorriu malevolamente e sorveu mais uma pitada de rapé. Cada frase sua sugeria uma réplica a Balachov, que gesticulava, como se fosse pedir a palavra. Napoleão, porém, interrompia-o sempre.

A propósito da pretensa loucura dos Suecos queria dizer que a Suécia se transformava numa ilha, com a Rússia por detrás dela, mas Napoleão vociferava, para lhe abafar a voz. Estava nesse estado de irritação em que as pessoas têm necessidade de falar, de falar, de falar sempre, apenas para provarem a si próprias terem razão. A situação de Balachov era penosa.

Como embaixador, receava comprometer a sua dignidade e sentia dever apresentar objecções; como homem, encolhia-se moralmente perante os excessos de ira sem causa a que o imperador se entregava. Sabia que aquela torrente de palavras não tinha grande importância, que Napoleão, quando voltasse a si, seria o primeiro a envergonhar-se do que dissera. Conservava-se diante dele com os olhos baixos, observando as grossas pernas do imperador e procurando evitar-lhe o olhar.

- Que importam, no fim de contas, todos os vossos aliados? - dizia este. - Também os tenho, os Polacos: oitenta mil homens que se batem como leões. E não tarda que sejam duzentos mil.

E indignado, provavelmente por ter a consciência de estar a mentir e da atitude de Balachov, o qual, dando a impressão de resignado perante a sua sorte, não dizia palavra e se mantinha sempre na mesma atitude, voltou-se bruscamente, veio colocar-se à frente do seu interlocutor e, com violentos gestos das suas mãos brancas, quase gritou:

- Fique sabendo que, se levantarem a Prússia contra mim, eu apagá-la-ei do mapa da Europa.

Estava pálido e desfigurado - pela ira e uma das suas pequenas mãos sobre a outra simulava o gesto de apagar.

- Sim, fá-los-ei retroceder para lá do Dvina, para lá do Dniéper e restabelecerei contra vós essa barreira que a Europa, cega e criminosa, permitiu que desaparecesse. Sim, eis o que vos espera, eis o que ganharam afastando-se de mim - concluiu. Depois, em silêncio, deu alguns passos, os largos ombros agitados por movimentos nervosos.

Guardou a caixa do rapé na algibeira do colete, voltou a tirá-la, levou-a várias vezes às narinas e de novo veio postar-se diante de Balachov. Calado, por momentos, olhou ironicamente nos olhos o general russo, dizendo em voz serena:

- E no entanto que belo reino poderia ter sido o do seu senhor!

Balachov, sentindo ser preciso objectar fosse o que fosse, disse que da parte dos Russos as coisas não se apresentavam sob um aspecto tão tétrico. Napoleão continuou calado, olhando-o sempre com a mesma ironia, naturalmente sem o ouvir. Balachov acrescentou que na Rússia se esperavam óptimos resultados da guerra. Napoleão abanou a cabeça, condescendente- mente, como a dizer-lhe:

«Bem sei, falas assim por obrigação, mas nem tu próprio acreditas no que estás a dizer. Convenci-te.»

No fim da tirada de Balachov, Napoleão puxou de novo da caixa de rapé, tomou outra pitada, e, como se fizesse um sinal, bateu duas vezes com o pé no chão. A porta abriu-se; um camareiro, respeitosamente vergado pela cintura, entregou ao imperador o chapéu e as luvas, outro pôs-lhe na mão o lenço de assoar. Napoleão, sem lhes prestar a mínima atenção, voltou-se para Balachov:

- Assegure, em meu nome, ao imperador Alexandre - disse, pegando no chapéu -, que continuo a ter por ele a mesma devoção de sempre: conheço-o e aprecio altamente as suas grandes qualidades. *Não continuo a retê-lo, general, receberá a minha carta para o imperador.*

E Napoleão encaminhou-se rapidamente para a porta. Todos os que estavam na sala

de espera se precipitaram para a escada.

Capítulo VII

Depois de tudo o que Napoleão lhe dissera, dos seus arrebatamentos coléricos e das suas últimas palavras secas em extremo: *«Não o retenho mais, general, receberá a minha carta dirigida ao imperador»,* Balachov persuadiu-se de que o imperador não só não tinha o mais pequeno desejo de o tornar a ver, mas até evitaria mesmo voltar a encontrá-lo, a ele, embaixador humilhado, e sobretudo testemunha da sua intempestiva exaltação. Mas, com grande espanto seu, foi convidado por Duroe, nesse mesmo dia, para sentar-se à mesa do imperador.

Bessières, Caulaincourt e Berthier eram também convivas do jantar.

Napoleão recebeu Balachov alegre e afavelmente. Não só não deu mostras de molestado ou arrependido pelo que se passara nessa manhã, mas, muito pelo contrário, procurou por o seu hóspede perfeitamente à vontade. Era evidente de há muito estar convencido de que não podia enganar-se e que aos seus próprios olhos tudo quanto ele próprio fizesse estaria bem feito, não porque os seus actos estivessem de acordo com a ideia que ele tinha do bem e do mal, mas simplesmente por ser ele o autor de tais actos.

Voltara muito alegre do seu passeio a cavalo pelas ruas de Vilna, onde a multidão o acolhera e aclamara com entusiasmo. Todas as janelas das casas nas ruas que ele atravessara ostentavam colgaduras e bandeiras com as suas armas e as senhoras polacas haviam-no saudado agitando os lencinhos.

A mesa sentou Balachov a seu lado e não só o tratou amavelmente, mas como se fosse um dos seus cortesãos, como se pertencesse ao número dos que aprovavam os seus planos e deviam alegrar-se com os seus êxitos. Entre outras coisas, veio à fala Moscovo, e Bonaparte interrogou-o acerca da capital, ao mesmo tempo como um viajante, desejoso de se instruir, que colhe informações sobre um país desconhecido que deseja visitar, mas também com a convicção de que Balachov, russo que era, se sentiria muito lisonjeado com esse interesse.

- Quantos habitantes tem Moscovo? Quantas casas? É verdade que lhe chamam *Mouscou la sainte?* Quantas igrejas tem? - perguntou.

E, ao ouvir que mais de duzentas, observou:

- Para quê tantas igrejas?

- Os Russos são muito tementes a Deus - replicou Balachov.

- Convém notar que grande número de conventos e de igrejas é sempre sinal de atrasada civilização - disse o imperador, procurando a aprovação de Caulaincourt.

Balachov, respeitosamente, ousou exprimir opinião contrária.

- Cada terra com seus usos - disse.

- Mas nada há na Europa que se pareça com isso - voltou Napoleão.

- Que Vossa Majestade me perdoe - tornou o russo -, mas, além da Rússia, há a Espanha também, onde existem, igualmente, muitos conventos e igrejas.

Esta resposta, alusão à recente derrota dos Franceses em Espanha, foi muito apreciada na corte da Rússia quando Balachov aludiu a ela, mas não produziu o mais pequeno efeito na mesa de Napoleão, onde passou despercebida.

Via-se na indiferença das máscaras atentas dos senhores marechais que eles não haviam apreendido o sal da resposta, bem sublinhado pela entoação de Balachov. «Se isso levava água no bico, não demos por tal, o que quer dizer que graça nenhuma tem», pareciam dizer.

Tão bem apreciada foi tal resposta que Napoleão lhe não prestou qualquer atenção e se limitou a perguntar a Balachov quais as cidades atravessadas pela estrada directa para Moscovo. Balachov, sempre de sobreaviso, respondeu que assim como todos os caminhos levavam a Roma, todos os caminhos levavam a Moscovo, que, aliás, eram muitas as estradas e que no número delas se contava a que passava por Poltava, escolhida por Carlos XII. Balachov corou involuntariamente, satisfeito com resposta tão feliz. Mas ainda não acabara de pronunciar o nome de Poltava já Caulaincourt falava dos incómodos da estrada de Petersburgo a Moscovo e das suas recordações da capital.

Depois do jantar foram tomar café para o gabinete de Napoleão, o qual, quatro dias antes, pertencera ao imperador Alexandre.

Bonaparte sentou-se, mexendo o seu café numa chávena de Sévres, e apontou a Balachov uma cadeira a seu lado.

Depois do jantar o homem está sempre numa disposição bem conhecida, a qual, mais persuasiva que qualquer razão lógica, o leva a sentir-se satisfeito consigo mesmo e disposto a não ver senão afeições à sua roda. O imperador estava nessa feliz disposição. Imaginava-se rodeado de amigos que o adoravam. Estava convencido de que o próprio Balachov, depois daquele jantar, também era seu amigo e admirador. Observou-lhe com um sorriso amável e ligeiramente trocista:

- Disseram-me que o imperador Alexandre ocupava esta mesma sala, É curioso, não acha, general? - Não lhe passou pela cabeça que esta observação não podia agradar ao seu

interlocutor, visto ser uma prova da sua superioridade, dele, Napoleão, sobre Alexandre.

Balachov, como não podia responder, limitou-se a inclinar a cabeça silenciosamente.

- Sim, há quatro dias, discutiam nesta mesma sala Wintzengerode e Stein - continuou Napoleão, sempre com um sorriso trocista e seguro de si. - Eis o que eu não posso perceber, que e imperador Alexandre se haja rodeado de todos os meus inimigos pessoais. É o que eu não posso compreender... Não teria ele pensado que eu poderia vir a fazer o mesmo? - Formulando a pergunta, a Balachov, sentia-se, evidentemente, arrastado pela ira que o tomara nessa manhã, recordação bem presente no seu espírito.

- Pois é bom que ele saiba que o farei - acrescentou, levantando-se e afastando de si a chávena. - Enxotarei da Alemanha toda a sua parentela, os Wurtemberg, os Bade, os Weimar.... sim, correrei com eles. Trate de lhes arranjar refúgio na Rússia!

Balachov abanou a cabeça, dando a entender que desejava retirar-se e que não ouvia semelhantes considerações senão por lhe ser impossível proceder doutra maneira. Napoleão não dera por coisa alguma; continuou a tratar Balachov não como um enviado do seu inimigo, mas como um homem agora absolutamente dedicado e que devia sentir-se contente com a humilhação infligida ao seu antigo amo.

- Porque assumiu o imperador Alexandre o comando dos seus exércitos? Que significa isso? A guerra é o meu mister, o dele é reinar, não comandar as tropas. Para que assumiu ele uma tal responsabilidade?

Bonaparte tornou a puxar da caixa de rapé, deu alguns passos em silêncio e de repente abeirou-se de Balachov. Com um ligeiro sorriso, num gesto firme, pronto e simples, como se executasse um acto não só importante, mas em extremo lisonjeiro para o general russo, aproximou a mão do rosto daquele homem de quarenta anos e puxou-lhe ao de leve uma orelha.

Receber um puxão de orelhas do imperador era considerado na corte de França uma grande honra e uma alta mercê.

- *Então, não diz nada, admirador e cortesão do imperador Alexandre?* - pronunciou, ele, como se houvesse qualquer coisa de divertido de na sua presença ser-se cortesão e admirador de outro homem que não ele, Napoleão. - Os cavalos para o general estão prontos? - acrescentou, respondendo com um aceno de cabeça à saudação de Balachov. - Dêem-lhe os meus, têm muito que andar.

A carta que Balachov levou consigo seria a última que Napoleão escreveria a Alexandre. Todos os pormenores da precedente conversa foram transmitidos ao imperador russo e a guerra principiou.

Capítulo VIII

Depois da sua conversa em Moscovo com Pedro, o príncipe André dirigiu-se a Petersburgo para tratar de negócios, dissera ele à família, mas em verdade para se encontrar com Anatole Kuraguine, encontro que ele considerava indispensável. Procurou logo informar-se do paradeiro deste, mas Kuraguine já não estava em Petersburgo, Pedro fizera saber ao cunhado que André o procurava. Anatole obtivera imediatamente do ministro da Guerra uma comissão e partira a incorporar-se no exército da Moldávia. Em Petersburgo, o príncipe André encontrou Kutuzov, seu antigo general, sempre muito bem disposto a seu favor. Propôs-lhe que fosse com ele para o Moldávia, de cujo exército o velho general fora nomeado comandante-chefe. André, nomeado adido ao estado-maior do quartel-general, partiu para a Turquia.

O príncipe considerava inconveniente escrever a Kuraguine desafiando-o para um duelo. Achava que desafiá-lo sem alegar um pretexto plausível seria, da sua parte, comprometer a condessa Rostov; por isso procurava encontrá-lo pessoalmente, o que lhe proporcionaria a oportunidade desejada. Mas também não encontrou Kuraguine no exército da Turquia; este mal soubera da chegada de André regressara à Rússia. Naquele país desconhecido e nas suas novas condições de existência a vida pareceu-lhe mais fácil. Depois da traição da noiva, tanto mais penosa para ele quanto mais procurava esconder o desgosto que sofrera, o meio em que fora feliz tornara-se-lhe insuportável e a liberdade e a independência, que tão caras lhe eram, ainda mais penosas. Não voltara ao estado de espírito que se apoderara dele pela primeira vez diante do céu de Austerlitz e às ideias que tanto gostava de discutir com Pedro e as quais lhe haviam enchido a solidão de Bogutcliarovo e, depois, da Suíça e de Roma. Receava mesmo tornar a evocá-las, a essas ideias, que lhe abriam horizontes luminosos e infinitos. Agora não se ocupava de mais nada senão de interesses práticos imediatos, sem relação com os de outrora, e punha nisso tanto maior ardor quanto mais distantes lhe ficavam as antigas ideias. Dir-se-ia que a abóbada do céu perdida no infinito que tivera por cima da cabeça se transformara de súbito numa abóbada baixa, limitada, que o esmagava, e tudo era nítido e claro, sem nada já de misterioso e etcrno.

De todas as ocupações a que podia consagrar-se, o serviço militar era a mais simples

e a mais familiar. Nas suas funções de adido ao estado-maior de Kutuzov ocupou-se com perseverança e zelo do seu mister, surpreendendo o chefe com o afã e a pontualidade do seu trabalho. Não topou com Kuraguine na Turquia, julgou desnecessário ir atrás dele para a Rússia, o que o não impediu de dizer de si para consigo que, apesar do tempo que passara já, se viesse a encontrar Anatole, não obstante o desprezo que tinha por ele e as razões que alegava para o julgar indigno de se bater consigo, consideraria indispensável, no entanto, desafiá-lo, pela mesma razão que um esfomeado que vê um prato de sopa não pode deixar de se atirar a ele. E o certo é que o sentimento de que a ofensa que recebera ainda não fora vingada, que a sua ira ainda não extravasara, continuando entranhada no fundo do seu coração, lhe envenenava a calma fictícia que criara na Turquia graças a uma actividade cheia de zelo e preocupações e de certa ambição e vaidade.

Quando, em 1812, chegou a Bucareste, onde, havia dois meses, Kutuzov passava os dias e as noites em casa de uma amante valáquia, a notícia da guerra com Napoleão, o príncipe André pediu licença para ser transferido para o exército do Ocidente. Kutuzov, a quem o zelo de Bolkonski ofuscava, como uma censura viva à sua indolência, de muito boa vontade lhe deu consentimento, confiando-lhe uma missão junto de Barclay de Tolly.

Antes de se juntar ao exército, que em Maio estava no acampamento d6 Drissa, André passou por Lissia Gori, que ficava no seu caminho, a três *verstas* da estrada real de Smolensk. Naqueles três últimos anos houvera tantas modificações na sua vida, tantas revoluções nas suas ideias e nos seus sentimentos, vira tantas coisas nas suas viagens no Ocidente e no Oriente, que, ao chegar a Lissia Gori, sentiu uma impressão estranha verificando que a vida ali se mantinha imutável nos seus mais pequenos pormenores. Entrou na alameda e transpôs o pórtico de pedra da residência como se entrasse num castelo encantado. Sempre o mesmo alinho, o mesmo asseio, a mesma serenidade em casa: os móveis eram os mesmos, as mesmas paredes; os ruídos os mesmos; o mesmo cheiro, as mesmas caras tímidas, embora um pouco envelhecidas. A princesa Maria a mesma, já não muito nova, feia e medrosa, vivendo continuamente em terrores e transes morais e assim passando os melhores anos da sua existência sem utilidade nem alegria. Mademoiselle Bourienne não mudara, apreciando alegremente os mais curtos momentos, fabricando para si própria as mais belas esperanças, *coquette* e satisfeita. «Apenas adquirira mais segurança em si própria», assim pensou André. O preceptor, Dessalles, que ele trouxera da Suíça, vestia um redingote de talho eslavo, mastigava o russo com os criados e era sempre o mesmo pedagogo mediocremente inteligente, mas instruído, honestíssimo e um pouco pedante. O velho príncipe mudara fisicamente apenas nisto: a um canto da boca notava-se que perdera um dente; moralmente estava na mesma. Tornara-se apenas mais irritável e

mais desconfiado de tudo neste mundo. Só Nikoluchka crescera, transformara-se, ganhara cores rosadas, e os seus cabelos eram agora castanhos encaracolados, rindo sem saber porquê, divertido com tudo. Soerguia o lábio superior da sua linda boca, tal qual a mãe, a falecida princesinha. Era o único que não queria saber da regra imutável que parecia reinar naquele castelo encantado. Mas, embora as aparências fossem as mesmas, as relações íntimas dos habitantes tinham mudado muito desde que André partira. Havia dois campos opostos naquela casa, estranhos um ao outro e inimigos, que apenas agora na sua presença se aproximavam, renunciando provisória- mente aos seus hábitos. A um desses campos pertencia o velho príncipe, Mademoiselle Bourienne e o arquitecto; ao outro, Maria. Dessalles, Nikoluchka e todas as criadas e amas.

Durante a sua estada todos comeram juntos; sentia-se, porém, um mal-estar geral e o príncipe André tinha a sensação de ser um hóspede a favor de quem se faz uma excepção, e de que a sua presença era um embaraço para toda a gente. No primeiro dia, à mesa, sentindo esse embaraço, quedou-se silencioso, e o velho príncipe, que notava o seu ar pouco à vontade, mostrou-se igualmente taciturno e silencioso, retirando-se assim que a refeição acabou. Quando, pela noite, André o veio ver, e, para o distrair, se pôs a contar-lhe a campanha do jovem conde Kamenski, o pai, de repente, principiou a falar da princesa Maria, acusando-a de ser supersticiosa e de não gostar de Mademoiselle Bourienne, em sua opinião a única pessoa que lhe era verdadeiramente dedicada.

O velho príncipe assegurou ao filho que se estava doente a culpa era de Maria, pois o atormentava de propósito e o irritava, estragando o príncipezinho com os seus excessos de indulgência e as suas tolas histórias. Sabia muito bem que atormentava inutilmente a filha, que a vida dela, em tais condições, era muito penosa, mas também sabia que não podia impedir-se a si próprio de a atormentar e que ela merecia esse tratamento.

«Por que razão o André», dizia de si para consigo, «que vê tudo isto, não me fala da irmã? Naturalmente porque julga que eu sou algum malfeitor ou um velho doido, que, sem motivos, se afastou da filha para se aliar com a francesa? Então ele não me compreende. É por isso que preciso de lhe explicar, é preciso que ele me entenda.» E pôs-se a demonstrar as razões por que não podia tolerar o carácter absurdo da filha.

- Se o pai me não tivesse pedido - volveu André, sem olhar para o príncipe, e era a primeira vez em sua vida que se atrevia a censurá-lo -, não lhe teria falado no caso, mas, desde que o pai pede a minha opinião, vou dizer-lhe francamente o que penso de tudo isto. Se existe entre o pai e Macha qualquer mal-entendido ou desacordo, não posso de maneira alguma acusá-la disso. Pois sei perfeitamente quanto ela lhe quer e quanto o venera. Desde que me pergunta a minha opinião - continuou André, irritando-se, o que, de resto, nesses

últimos tempos se lhe tornara habitual -, só lhe direi uma coisa: se há qualquer mal-entendido, a única culpada é a insignificante dessa mulher, indigna de ser amiga de sua filha.

O velho, no primeiro momento, não cabia em si de surpreendido, os olhos fitos em André, mostrando, com um sorriso forçado, a falta do dente, coisa a que o filho não conseguira habituar-se.

- Que amiga é essa, meu caro? Hem! Estás a repetir a lição que aprendeste! Hem!

- Meu pai, não pretendo ser seu juiz - disse André num tom azedo e duro -, mas obrigou-me a isso e eu digo e direi sempre que a princesa Maria não tem culpa, que os culpados... a culpada é essa francesa... é essa francesa...

- Ah! Tu estás a julgar-me!... Estás a julgar-me! - exclamou o velho, em voz serena, e, assim pareceu a André, com um certo embaraço. Mas, de súbito, erguendo-se de um salto, gritou: - Fora daqui! Fora daqui! Não voltes a pôr aqui os pés!...

O príncipe André resolveu abalar imediatamente, mas Maria implorou-lhe que ficasse mais um dia, Durante todo esse dia não viu o pai, que não saiu dos seus aposentos nem admitiu ao pé de si mais alguém além de Mademoiselle Bourienne e de Tikon. Por várias vezes perguntou se André já partira. No dia seguinte, antes da abalada, o príncipe André foi despedir-se do filho. A criança, saudável e de cabelos encaracolados, como sua mãe, sentou-se-lhe nos joelhos. O pai pôs-se a contar-lhe a história do Barba- Azul, mas, antes de chegar ao fim, calou-se, pensativo. Não era na gentil criança que tinha nos joelhos que pensava, mas em si próprio. Procurava em si mesmo, sem nada encontrar, qualquer coisa que lhe dissesse estar arrependido de ter provocado a ira do pai ou penalizado por se ver obrigado a deixá-lo zangado com ele pela primeira vez na sua vida. E o mais importante ainda é que procurava debalde em si mesmo vestígios da sua antiga ternura pelo filho, tentando despertá-la acariciando-o e sentando-o nos seus joelhos.

- Anda! Conta-me o fim - dizia o filho.

Sem lhe responder, fê-lo saltar dos seus joelhos e saiu. Logo que deixava as suas ocupações quotidianas, sobretudo assim que voltava a sentir-se no meio antigo, em que fora feliz, o tédio da existência apoderava-se dele tão intenso que procurava fugir o mais depressa que podia das suas recordações, fazendo por encontrar uma ocupação qualquer.

- Decididamente, vais-te, André? - disse-lhe a irmã.

- Louvado seja Deus que me posso ir embora - respondeu-lhe ele- e só lamento não poderes fazer outro tanto.

- Porque falas assim? - voltou Maria.- Porque falas assim quando partes para essa

guerra terrível e ele é tão velho! Mademoiselle Bourienne disse-me que perguntou por ti...

Maria não podia abordar este assunto sem que a emoção lhe fizesse tremer os lábios e as lágrimas se lhe soltassem dos olhos. O príncipe André afastou-se e principiou a passear na sala.

- Meu Deus, meu Deus! Quando uma pessoa pensa que seres desprezíveis podem ser a causa da infelicidade dos outros! - exclamou, com uma raiva que assustou a irmã.

Compreendera que os seres de quem ele falava eram não só Mademoiselle Bourienne, que a fizera infeliz a ela, mas também o homem que o fizera infeliz a ele.

- André, só te peço uma coisa, suplico-te - disse-lhe ela, travando-lhe do braço e fitando-o com uns olhos que cintilavam através das lágrimas.- Vai, compreendo-te - acrescentou, baixando os olhos.- Mas não penses que são os homens a causa das nossas dores. Os homens não são mais do que os Seus instrumentos. - O olhar de Maria passou por cima da cabeça de André, como se ela procurasse, confiante, com os olhos, uma imagem familiar no seu lugar habitual.- As dores são-nos enviadas por Ele e não pelos homens. Os homens são instrumentos, não são culpados. Se estás convencido de que alguém andou mal contigo, esquece e perdoa. Nós não temos o direito de castigar. Um dia compreenderás a felicidade de perdoar.

- Se eu fosse mulher, assim faria. Perdoar é uma virtude de mulher. Mas o homem não deve nem pode esquecer e perdoar. - Embora até então não tivesse pensado em Kuraguine, toda a sua cólera insatisfeita lhe afluiu subitamente ao coração.

«Se Maria me pede tanto que perdoe é porque há muito que eu o devia ter castigado», disse de si para consigo. E, sem responder à irmã, pensou, com uma alegria raivosa, no momento em que encontraria Kuraguine, que sabia no exército.

A princesa Maria ainda suplicou ao irmão que ficasse mais um dia; disse-lhe saber muito bem que o pai sofreria caso ele partisse sem se reconciliarem. O príncipe André respondeu-lhe que podia muito em breve estar de volta do exército e que não deixaria de escrever ao pai, mas que naquela altura quanto mais tempo ali estivesse mais o seu desentendimento se acentuaria.

- Adeus, André. Recorde-se de que as desgraças provêm de Deus e que os homens nunca são culpados. - Tais foram as últimas palavras que a irmã lhe disse no momento da despedida.

«Assim deve ser!», pensava o príncipe André ao deixar a alameda de Lissia Gori. «Ela, pobre e inocente criatura, aqui vai ficar entregue a este velho meio doido. O velho sabe que é culpado, mas não pode modificar-se. O meu pequeno cresce e sorri à vida, a vida, onde, como todos os outros, virá a enganar ou ser enganado. Eu vou para a guerra, porquê? Nem eu próprio o sei, e só desejo encontrar esse homem que desprezo para lhe dar uma

oportunidade de me matar e de se rir de mim!» Os elementos de que a sua existência se compunha não deixavam de seios mesmos, mas antes formavam um conjunto uno e agora iam por água abaixo,

E uma série de visões insensatas e incoerentes se lhe foi representando no espírito.

Capítulo IX

O príncipe André chegou em fins de Junho ao quartel-general. As tropas do primeiro exército, sob o comando do imperador, estavam concentradas no campo fortificado de Drissa, as do segundo recuavam, esforçando-se por juntar-se ao primeiro exército, de que as separavam, dizia-se, forças francesas muito consideráveis. Toda a gente se mostrava descontente com a marcha geral das operações, mas a ninguém passava pela cabeça que se pudesse vir a dar uma invasão das províncias russas, ninguém mesmo supunha que a guerra pudesse ultrapassar as províncias polacas de oeste.

O príncipe André encontrou Barclay de Tolly, junto do qual fora nomeado adido, estabelecido nas margens do Drissa. Como não havia qualquer casal ou povoado nas imediações do acampamento, grande número de generais ou dignitários da corte que estavam no exército tinha-se espalhado por uma área de dez *verstas* em volta, nas melhores casas das aldeias de um lado e outro do rio. Barclay de Tolly alojara-se a quatro *verstas* do imperador, Acolheu Bolkonski seca e friamente e disse-lhe, com o seu sotaque estrangeiro, que informaria o czar para que se lhe desse algum destino e que entretanto ficaria pertencendo ao seu estado-maior, Anatole Kuraguine, que André supunha no exército, também ali se não encontrava. Estava em Petersburgo, e esta notícia não lhe foi de todo desagradável.

Todo o seu interesse se concentrava agora naquela guerra gigantesca e sentia-se feliz por se ver livre por algum tempo do nervosismo que lhe, causava a lembrança de Kuraguine. Durante os primeiros dias, em que ninguém lhe perguntou fosse o que fosse, deu-se a percorrer todo o campo fortificado, e, graças aos seus próprios conhecimentos e às conversas que teve com pessoas competentes, tratou de formar uma ideia exacto, da situação militar. Um problema, porém, não foi capaz de resolver: o da utilidade daquela posição, A sua experiência da guerra ensinara-lhe que os planos mais cuidadosamente elaborados pouco valor têm, coisa que pudera verificar por si próprio em Austerlitz, e que tudo depende da maneira como se riposta aos ataques inesperados e imprevisíveis do inimigo e da forma como são conduzidas as operações, bem como da capacidade daqueles que as dirigem. Na intenção de obter pormenores sobre este último ponto, procurou, mercê da situação que ocupava e dos conhecimentos que tinha, penetrar o carácter do

comando e das pessoas e dos grupos que nele tomavam parte, e acabou por obter do conjunto o quadro seguinte:

Quando o imperador se encontrava ainda em Vilna, o exército achava-se dividido em três partes: o primeiro exército estava sob o comando de Barclay de Tolly o segundo, sob o de Bagration; o terceiro, sob o de Termassov. O imperador encontrava-se junto do primeiro corpo do exército, sem, no entanto, desempenhar funções de comandante-chefe. Na ordem do dia dizia-se apenas que ele estava presente, não que o comandava. Além disso, o imperador, pessoalmente, não tinha junto de si um estado-maior de comandante-chefe, mas o estado-maior do quartel-general imperial.

Sob as suas ordens tinha o chefe do estado-maior imperial, o general quartel-mestre príncipe Volkonski, generais, ajudantes-de-campo, diplomatas, uma turbamulta de estrangeiros, mas a verdade é que não existia estado-maior do exército. Também estavam com o czar, sem missão especial: Araktcheiev, o antigo ministro da Guerra, o conde Bennigsen, o general mais antigo da sua patente, o czarevitch, grão-duque Constantino Pavlovitch, o conde Rumiantsov, chanceler. Stein, antigo ministro prussiano. Armfeld, general sueco, Pfuhl, principal organizador do plano de campanha, Paulucci, ajudante-de-campo general e foragido da Sardenha, Woltzogen e muitos outros. Estas personalidades, embora não desempenhassem funções oficiais, exerciam pessoalmente grande influência, e muitas vezes um comandante de corpo de exército e até mesmo o comandante-chefe não sabiam em que qualidade Bennigsen ou o grão-duque, Araktcheiev ou o príncipe Volkonski lhes perguntavam isto ou aquilo ou lhes davam este ou aquele conselho, ignorando se tais observações provinham do seu comandante ou da parte do imperador, e se era mister ou não executá-las. Tudo isto, aliás, não passava de um cenário. No fundo ninguém se enganava sobre o que queria dizer a presença junto do exército do imperador e de todas essas personagens, as quais, necessariamente, na intimidade, não passavam, de cortesãos.

O imperador não assumira o título de comandante-chefe, mas na realidade tinha nas mãos todos os corpos do exército. As pessoas que o rodeavam eram seus colaboradores. Araktcheiev era o fiel mantenedor da ordem e o guarda do corpo do soberano; Bennigsen, grande proprietário da região de Vilna, parecia limitar-se a fazer as *honras* do país, quando na realidade era um bom general, útil no conselho e óptimo para conservar de reserva e substituir Barclay. O grão-duque, esse apenas ali estava porque isso lhe dava prazer. O antigo ministro Stein encontrava-se presente na qualidade de conselheiro e por Alexandre ter em alta estima as suas qualidades pessoais. Armfeld era o inimigo implacável de Napoleão e um general muito seguro de si próprio, coisa que sempre impressionava o imperador. Paulucci era ousado e enérgico por palavras. Os generais ajudantes-de-campo

estavam onde estivesse o imperador, e finalmente, ponto principal, Pfuhl achava-se presente por ser o autor do plano de campanha contra Napoleão, aprovado por Alexandre, que o considerava perfeito no seu conjunto, sendo ele quem na realidade dirigia todas as operações, Ao lado de Pfuhl, Woltzogen encarregava-se de dar uma forma prática às ideias deste teórico de gabinete, homem violento, cheio de uma tal confiança em si próprio que tinha um soberano desprezo por tudo e todos.

Além destas personagens, russas e estrangeiras, principalmente estrangeiras - e estas, com a ousadia característica de todo o indivíduo que actua num meio que não é o seu próprio, todos os dias propunham novos planos -, ainda havia muitas mais, homens em posições subalternas, que se encontravam ali por os seus superiores lá estarem também.

Entre todas as ideias e opiniões que ganhavam corpo no meio daquela massa de gente inquieta, vaidosa e ávida de honrarias não tardou que André pudesse distinguir correntes bem nítidas, partidos vários e diversas tendências.

O primeiro partido era formado por Pfuhl e os seus apaniguados, teóricos convencidos de que existe uma ciência da guerra fiel a leis imutáveis, como as do movimento oblíquo, do envolvimento do inimigo, etc. Pfuh1 e os seus sequazes preconizavam a retirada para o interior do país, em virtude de leis estritas, fixadas pela pretensa teoria da guerra, e consideravam qualquer infracção a esta teoria como uma prova de barbárie, de ignorância ou de má-fé. A este partido pertenciam os príncipes alemães, Woltzogen, Wintzengerode, e outros, numa palavra, sobretudo os alemães.

O segundo partido era diametralmente oposto. Como sempre acontece, pecava por excesso contrário. As pessoas que dele faziam parte reclamavam a ofensiva na Polónia, a partir de Vilna, e opunham-se a todos os planos traçados de antemão. Ao mesmo tempo que defendiam a ousadia na acção encarnavam o espírito nacional. Por isso eram ainda mais intransigentes nas discussões. Eram os russos: Bagration, Ermolov, que então principiava a elevar-se, e outros ainda. Contava-se então uma anedota de Ermolov. Dizia-se que ele pedira ao imperador uma única mercê: ser promovido a alemão. Os membros deste partido repetiam, lembrando-se de Suvorov, ser inútil conceber lindas teorias e espetar alfinetes num mapa, dizendo que o que era preciso era lutar, vencer o inimigo, não o deixar penetrar na Rússia e não dar tempo a que as tropas se desmoralizassem.

O terceiro partido, aquele que inspirava mais confiança ao imperador, era formado por cortesãos partidários de combinações entre as duas tendências extremas. As pessoas deste partido, pela sua maior parte civis, pensavam e diziam o que geralmente dizem os que não têm convicções, embora desejem mostrar-se convencidos de alguma coisa. Eram de opinião de que a guerra, sobretudo com um génio como Bonaparte (de novo o chamavam

assim), exigia combinações profundas e conhecimentos científicos e que de tal ponto de vista Pfuhl era um talento. Nem por isso, no entanto, devia deixar de reconhecer-se que os teóricos são por vezes exclusivistas, Daí que se não depositasse neles uma confiança absoluta. Deviam ouvir-se também os adversários de Pfuhl e o que diziam as pessoas práticas, experimentadas na arte da guerra, preferindo um meio-termo.

Teimavam na necessidade de se manter a posição do Drissa, de acordo com o plano de Pfuhl, e de modificar o movimento dos demais corpos de exército. Embora desta sorte não se alcançasse nem uma nem outra solução, as pessoas deste partido pensavam ser aquele o caminho mais acertado.

A quarta tendência tinha por representante mais saliente o grão-duque herdeiro, que não podia esquecer o desastre de Austerlitz, em que ele se apresentara como numa parada militar, à frente da Guarda, de capacete e plumas, convencido de que num abrir e fechar de olhos esmagaria os Franceses, tendo-se surpreendido de repente nas primeiras linhas, e só com grande dificuldade conseguindo escapar no meio da debandada geral. As pessoas deste partido tinham o mérito e ao mesmo tempo o de- feito de serem sinceras. Temiam Napoleão, reconheciam ser forte e elas fracas e diziam-no às claras. Iam repetindo: «De tudo isto não nos virá senão vergonha, desgraça e a derrota! Já abandonámos Vilna e Vitehsk, Também acabaremos por abandonar Drissa. A única coisa razoável a fazer é assinar a paz, e o mais depressa possível, se não quisermos ser expulsos de Petersburgo!»

Esta opinião, muito espalhada nas altas esferas, obtinha eco também em Petersburgo e junto do próprio chanceler Rumiantzov, que outrossim sustentava o ponto de vista da paz por razões de Estado.

O quinto partido agrupava-se em volta de Barclay de Tolly, não tanto pelo seu valor pessoal como pelo facto de ser ministro da Guerra e comandante- chefe. Os membros deste partido diziam: «Seja como for (era assim que principiavam sempre), é um homem honesto e activo e não temos melhor. Dêem-se-lhe poderes absolutos, pois a guerra não pode ter êxito sem unidade de comando, e ele se encarregará de demonstrar do que é capaz, como aconteceu na Finlândia. Se o nosso exército é organizado e forte e já pôde recuar até ao Drissa sem nenhuma derrota, a Barclay, e só a Barclay, o devemos. Se agora o substituíssemos por Bennigsen tudo estaria perdido. Bennigsen já mostrou a sua incapacidade em 1807.»

O sexto grupo, de que faziam parte os partidários de Bennigsen, dizia, pelo contrário, não haver homem mais activo e experimentado e que fizessem o que fizessem acabariam sempre por recorrer a ele.

E os membros deste grupo demonstravam ser a retirada russa até ao Drissa o mais

vergonhoso dos desastres e uma cadeia ininterrupta de erros. «Quanto mais erros cometerem melhor! É a única maneira de compreenderem que as coisas não podem continuar assim», diziam. «Não precisamos de um Barclay qualquer, mas de um homem como Bennigsen, que já se revelou em 1807, e a quem o próprio Napoleão fez justiça. E o único homem a quem todos reconheciam poderes é Bennigsen.»

As pessoas que constituíam a sétima categoria pertenciam a essa espécie de criaturas que sempre se encontram na roda dos jovens soberanos e que eram sobretudo numerosos junto do imperador Alexandre: generais e ajudantes-de-campo apaixonadamente devotados mais ao homem que ao soberano, que o adoravam sincera e desinteressadamente, como acontecera a Rostov em 1805, e que atribuíam ao imperador não só todas as virtudes, mas também todas as qualidades humanas. Essa gente, ao mesmo tempo que exaltava a modéstia do seu imperador, que se escusara a chamar a si o comando das tropas, censurava tão excessiva modéstia, declarando só desejarem uma coisa: que o seu soberano bem-amado vencesse essa desconfiança exagerada, declarasse francamente que tornava o comando do exército, organizasse em torno de si um estado-maior de comandante-chefe e, depois de se ter aconselhado junto dos técnicos, práticos mais experimentados, conduzisse ele próprio no campo de batalha as suas tropas, a quem a sua presença, só por si, encheria de um entusiasmo desbordante.

O oitavo grupo, o mais importante de todos - em relação ao anterior na proporção de noventa e nove para um - era constituído por pessoas que não queriam nem a paz, nem a guerra, nem a ofensiva, nem campos entrincheirados em Drissa ou em qualquer outra parte, nem Barclay, nem o imperador, nem Pfuhl, nem Bennigsen: não procuravam senão uma coisa, para eles mais substancial que tudo o mais: o maior número possível de vantagens pessoais e de diversões. Nestas águas turvas de intrigas e de enredos que formigavam no quartel-general do imperador era possível atingir situações que noutra altura se não poderiam conseguir. Um, para não perder uma situação vantajosa, era hoje partidário de Pfuhl, amanhã do adversário deste, e depois de amanhã afirmava não ter opinião sobre determinado ponto, e isto apenas para evitar assumir responsabilidades e agradar ao imperador.

Outro, desejoso de se colocar bem, chamava sobre si a atenção do soberano fazendo muito barulho a propósito de unia, observação que o imperador fizera na véspera, discutia, gritava no conselho, batendo no peito, desafiava para duelo aqueles que não eram da sua opinião e tudo isto para demonstrar que estava pronto a sacrificar-se pelo interesse geral. Um terceiro, entre dois conselhos, e na ausência dos seus inimigos, solicitava muito simplesmente auxílio pecuniário por motivo dos seus fiéis serviços, convencido de naquele

momento não haver tempo para lho recusarem. Um quarto procurava encontrar-se sempre, como que por acaso, esmagado de trabalho ante os olhos do imperador. Um quinto, para alcançar um objectivo ardentemente ambicionado - sentar-se à mesa imperial -, demonstrava encarniçadamente a justeza ou a falsidade de uma opinião recentemente adoptada e para tal servia-se de argumentos mais ou menos sólidos e justos,

Toda esta gente não pensava noutra coisa senão em caçar dinheiro, cruzes, categorias, e nessa caçada não seguia outra pista que não fosse o penacho da mercê imperial, e assim que verificava que esse penacho se voltava para determinado ponto, todo esse enxame de zangãos batia as asas na mesma direcção, de tal sorte que se tornava por assim dizer impossível ao imperador fazê-lo girar noutro sentido. Em presença da incerteza da situação, da gravidade de um perigo iminente, que dava a todas as intrigas um carácter muito alarmante, no meio daquele remoinho de intrigas, de ambições e conflitos entre pontos de vista e tendências diferentes, na confusão daquela gente de nacionalidades várias, este oitavo grupo, o mais numeroso, exclusivamente preocupado com os seus interesses pessoais, contribuía de maneira singular para tornar a marcha geral mais difícil e complicada. Fosse qual fosse a questão que se levantasse, este enxame de zangãos, sem ter ainda resolvido um problema, tratava de voar para outro, ensurdecendo com os seus zumbidos e abafando cada vez mais as vozes sinceras que tomavam parte na discussão.

Na altura da chegada do príncipe André ao exército acabava de se constituir um novo partido, cuja voz apenas principiava a ouvir-se, Era o partido das pessoas idosas, sensatas, com experiência de assuntos políticos e que sabiam, sem partilhar nenhuma das opiniões contraditórias enunciadas, examinar objectivamente tudo quanto se passava no quartel-general, procurando maneira de acabar com a incerteza, a indecisão, a confusão e a fraqueza.

Esta gente dizia e pensava que o mal provinha antes de mais nada da presença do imperador e da sua corte militar junto do exército, que se haviam transplantado para o campo de batalha os hábitos de versatilidade, de hesitação e de indiferentismo, talvez próprios da corte mas fatais no exército, e que o papel de um soberano era o de reinar e não o de comandar tropas, e que a, única saída para a situação consistia na partida do imperador e da sua corte. Bastava a sua presença para paralisar cinquenta mil soldados, indispensáveis para assegurar a sua guarda pessoal, e que o mais medíocre dos generais-chefes, sentindo-se independente, valia mais que o melhor deles enleado pela presença e pela vontade soberana do imperador.

Quando o príncipe André vivia em Drissa, sem ocupar-se em quaisquer funções definidas, o secretário de Estado, Chichkov, um dos membros mais influentes deste

partido, escreveu uma carta ao imperador, que Balachov e Araktcheiev concordaram em assinar também.

Aproveitando a autorização que lhe fora concedida de apreciar a marcha geral das operações, propunha ao soberano, em termos respeitosos e salientando a necessidade de acordar o valor bélico do povo da capital, que abandonasse o exército.

Esta necessidade de animar o moral do povo, de chamá-lo à defesa da pátria, acção que mais tarde se tornou eficaz com a presença pessoal de Alexandre em Moscovo e que veio a ser uma das razões principais da vitória russa, foi exposta ao imperador e por ele aprovada, ficando decidida a sua partida.

Capítulo X

Ainda esta carta não fora entregue ao imperador quando um dia Barclay, durante uma das refeições, disse a Bolkonski que Sua Majestade desejava vê-lo para o interrogar sobre a Turquia e que devia apresentar-se a Bennigsen nesse mesmo dia às seis horas.

Nessa mesma altura chegou ao quartel-general do imperador a notícia de um novo avanço de Napoleão que podia tornar-se perigoso para o exército, notícia esta que depois se reconheceu ser inexacta. Pela manhã, o coronel Michaux percorrera com o imperador as defesas de Drissa e provara que aquele campo entrincheirado construído Por Pfuhl, e que gozava da fama de obra-prima de técnica, destinado a vir a ser a ruína de Napoleão, não só não passava de uma utopia mas poderia vir a ser a perda do exército russo.

O príncipe André apresentou-se no alojamento de Bennigsen, que estava instalado numa casa senhorial nas margens do rio. Não encontrou nem Bennigsen nem o imperador, mas Tchernichov, o ajudante-de-campo do czar, recebeu Bolkonski e explicou-lhe que o soberano fora, na companhia do general Bennigsen e do marquês Paulucci, inspeccionar, pela segunda vez nesse dia, as fortificações do campo, sobre cujo valor defensivo principiavam a correr sérias dúvidas.

Tchernichov lia um romance francês à janela da primeira sala. Esta dependência servira provavelmente outrora de salão; ainda lá se via um harmónio, sobre o qual se empilhavam tapetes. A um canto estava a cama de campanha do ajudante-de-campo de Bennigsen. O ajudante-de-campo estava presente. Provavelmente cansado por algum divertimento ou por muito ter trabalhado, dormitava na cama de campanha, Duas portas abriam Para esta dependência: uma, em frente, dava directamente para o antigo salão, a outra, à direita, para um gabinete. Através da primeira ouvia-se falar alemão e de longe em longe francês. No antigo salão, por desejo do Imperador, reunira-se não um conselho de guerra, pois o czar gostava das designações vagas, mas um grupo de pessoas cuja opinião queria conhecer rias circunstâncias actuais. Não era um conselho de guerra, mas uma espécie de reunião de personalidades selectas para esclarecer certos problemas para interesse próprio do imperador. Tinham sido convocados: o general sueco Armfeld, o ajudante-de-campo Woltzogen, Wintzengerode, a quem Napoleão chamava o súbdito francês foragido, Michaux, Toll, o conde Stein, que não era militar, e finalmente Pfuhl, que,

como André veio a perceber, era a trave mestra do caso de que se tratava. André teve ocasião de o examinar muito bem, pois Pfuhl chegou pouco depois dele e passou pelo salão, detendo-se um momento a falar com Tchernichov.

A primeira vista, Pfuhl, com o seu uniforme de general russo mal feito, e que lhe ficava tão mal que parecia disfarçado, deu-lhe a impressão de alguém muito seu conhecido, embora nunca o tivesse visto antes. Parecia-se muito vagamente com os Weirother, os Mack, os Schmidt, com tantos outros generais teóricos que ele tivera oportunidade de ver em 1805, embora fosse mais típico que todos os demais. Nunca vira um alemão que reunisse a tal ponto os traços característicos de todos os alemães.

Pfuhl era de pequena estatura, mas de sólida compleição, bacia larga e omoplatas ossudas. Tinha a cara sulcada de rugas f, os olhos profundamente enterrados nas órbitas.

Devia ter passado uma escova pelos cabelos, à frente e nas têmporas, mas atrás mechas soltas pendiam, ridiculamente. Entrou lançando à sua roda olhares inquietos e furiosos, como se tudo receasse na vasta sala em que penetrava. Segurando na espada desajeitadamente dirigiu-se a Tchernichov, perguntando-lhe em alemão onde estava o imperador. Era evidente que desejava atravessar a sala à pressa e desembaraçar-se das saudações e dos cumprimentos habituais para se instalar diante de um mapa, o seu elemento natural. Fez com a cabeça repetidos e breves acenos, enquanto ouvia Tchernichov, e teve um sorriso irónico quando este lhe disse que o imperador examinara o entrincheiramento que ele, Pfuhl, construíra segundo as suas teorias. Numa voz rude de baixo, como é própria dos alemães muito seguros de si, resmungou para si mesmo: «Imbecil... está tudo estragado... Daqui não sai coisa que preste.» *(Em alemão no texto original. (N dos T.)* O príncipe André, que não conseguia perceber distintamente o que ele dizia, quis afastar-se, mas Tchernichov apresentou-o a Pfuhl, dizendo que ele acabava de chegar da Turquia, onde a guerra findara vitoriosa, Pfuhl mal o olhou: disse rindo: «Devia ter sido uma rica guerra táctica.» *(Em alemão no texto original. (N dos T.)* E com um riso desdenhoso penetrou na sala onde se ouviam vozes.

Pfuhl, irritável por natureza e propenso à ironia, estava evidentemente furioso por terem ousado na sua ausência examinar o seu campo entrincheirado, atrevendo-se a criticá-lo. Mercê daquela rápida entrevista com Pfuhl, e graças ao que vira em Austerlitz, não foi difícil ao príncipe André ficar com uma ideia muito nítida de tal personagem. Pfuhl era criatura de uma só peça e de uma teimosia tal que seria capaz de afrontar o martírio em defesa das suas ideias; era como só os Alemães sabem ser, pois só eles são capazes de uma cega confiança nas noções abstractas, na ciência, isto é, no conhecimento pressuposto da verdade absoluta.

O Francês é um homem seguro de si, persuadido de que, pessoalmente, quer pelo espírito, quer pelo físico, exerce uma irresistível sedução tanto nos homens como nas mulheres. O Inglês também, goza da mesma segurança por estar persuadido de que é cidadão do Estado mais bem organizado do mundo, e daí saber sempre, na sua qualidade de inglês, que o que deve fazer e faz é indiscutivelmente perfeito. Pelo seu lado, o Italiano tem confiança em si próprio porque facilmente se emociona, esquecendo-se ainda mais depressa de si e dos outros. Ao Russo também não falta confiança, visto que tudo ignora e nada quer saber e estar convencido de que ninguém pode saber seja o que for. No que diz respeito ao Alemão, porém, esse é o pior de todos, mais obstinado que ninguém e mais desagradável para todo o mundo, convencido de que conhece a verdade, ou seja a ciência que ele próprio fabrica, para ele, a verdade absoluta.

Evidentemente Pfuhl era assim mesmo, Tinha na sua mão uma ciência: isto é, a teoria do movimento oblíquo, colhida na história das guerras de Frederico, o Grande, e vai daí tudo quanto observava na história das guerras recentes a seus olhos não passava de insensatez, barbaria e um tremendo caos. Tailtos eram os erros nelas cometidos que a bem dizer nem sequer mereciam o nome de guerras. Como não acertavam com a sua teoria, não podiam mesmo ser objecto de estudo,

Em 1806, Pfuhl fora um dos autores do plano que conduzira a leria e a Auerstaedt, mas o resultado dessa campanha não lhe Provara a falsidade da sua teoria, Pelo contrário, em sua opinião haviam sido precisamente os desvios dela as únicas causas do seu malogro e por isso dissera com ironia, muito contente de si próprio, coisa que lhe era peculiar: «Imbecil... está tudo estragado... vai tudo por água abaixo... » *(Em alemão no texto original. (N dos T.)*

Pfuhl pertencia à família desses teóricos que de tanto amarem as teorias em si acabam por esquecer-lhes os fins, ou seja a sua aplicação prática. Por amor da própria teoria odiava tudo quanto fosse prático, recusando sistematicamente prestar atenção a esse aspecto. Até o próprio fracasso lhe dava satisfação, uma vez que o insucesso provocado pela violação da teoria na sua aplicação prática só servia para lhe provar a ele a justeza da teoria que professava.

As poucas palavras que trocara com o príncipe André e Tchernichov sobre a guerra em curso foram pronunciadas no tom de quem sabe de antemão que tudo correrá mal e nada mais pode fazer senão lamentar que assim seja. O tufo de cabelos que lhe fustigava a nuca e as têmporas penteadas a preceito estavam a dizer isso mesmo com particular eloquência. Entrou na sala contígua e imediatamente se principiou a ouvir a sua voz rabugenta de baixo.

Capítulo XI

Ainda o príncipe André não tivera tempo de ver desaparecer a figura de Pfuhl quando entrou, apressadamente, o conde de Bennigsen. Cumprimentando- o com um aceno de cabeça, penetrou no gabinete depois de ter dado ordens ao ajudante-de-campo. Como o imperador vinha logo atrás dele, tinha pressa de tomar algumas disposições antes de o receber. Tchernichov e André vieram até à escadaria da entrada. Com ar fatigado, o imperador desmontava. O marquês Paulucci dirigiu-lhe a palavra. O czar, inclinando a cabeça para a esquerda, ouvia, descontente, o que Paulucci lhe dizia, e este exprimia-se com uma violência desusada. O imperador, que evidentemente queria pôr ponto final naquele discurso, principiou a andar, mas o italiano, muito afogueado pela exaltação de que se achava possuído, esquecendo as conveniências, foi-lhe no encalço, falando sempre.

- *Quanto aquele que aconselhou este campo, este campo de Drissa* - dizia Paulucci, enquanto o imperador, subindo os degraus da escada, fixava o príncipe André, que, de momento, parecia não conhecer. - Quanto aquele, Sire - teimava ele num ímpeto de quem não pode dominar-se -, que aconselha o campo de Drissa, não vejo outra alternativa senão a casa amarela *(Hospital de alienados, geralmente pintado de amarelo (N, dos T.)* ou a forca.

Sem esperar pela conclusão do discurso e como se não tivesse ouvido o que dizia o italiano, o imperador, que acabava de reconhecer Bolkonski, dirigiu-se-lhe, muito cortês:

- Gostei muito de te ver: entra para a sala em que eles estão reunidos e espera lá por mim.

O czar penetrou no gabinete, onde o seguiram o príncipe Piotre Mikailovitch Volkonski e o barão Stein, e a porta fechou-se.

O príncipe André, servindo-se da autorização do imperador, entrou com Paulucci, a quem conhecera na Turquia, no salão onde estava reunido o conselho.

O príncipe Piotre Mikailovitch Volkonski desempenhava então as funções de chefe do estado-maior do imperador. Veio do gabinete com uns mapas que desdobrou em cima da mesa do salão. Depois pôs à assembleia as questões acerca das quais desejava conhecer a opinião dos presentes. Recebera-se durante a noite a notícia - que depois veio a saber-se, aliás, ser falsa -, de que os Franceses se propunham contornar o campo de Drissa.

O primeiro a usar da palavra foi o general Armfeld. Inesperadamente, para enfrentar

as dificuldades que se levantavam, propôs que se ocupasse uma posição completamente nova e que nada justificava (salvo o desejo que tinha de fazer ver que também podia ter uma opinião) a retirada das estradas de Petersburgo e Moscovo, posição essa na qual, segundo ele, o exército devia concentrar-se para ai aguardar o inimigo. Via-se perfeitamente que este plano de há muito estava elaborado pelo seu autor, o qual, se o expunha naquele momento, era menos para responder às questões formuladas, a que, aliás, nenhuma resposta dava, que para aproveitar a ocasião de o tornar conhecido, Era uma dessas numerosas propostas, nem melhor nem pior que qualquer outra aos olhos de quem quer que fosse sem a menor ideia do que aquela guerra viria a ser. Houve quem a combatesse e quem a defendesse. O moço general Toll, com mais ardor que nenhum outro, criticou esse plano, e, extraindo da algibeira um manuscrito, pediu licença para proceder à sua leitura. Nessa exposição, amplíssima, propunha um plano de campanha inteiramente oposto ao de Armfeld e de Pfuhl. Para o refutar, Paulucci aconselhou a ofensiva e o ataque, única solução, em seu parecer, para arrancá-los a todos da incerteza e da ratoeira, nome que dava ao campo de Drissa, onde se encontravam. Durante a discussão, Pfuhl e o seu intérprete Woltzogen - era obrigado a fazer passar através dele todas as suas comunicações com a corte mantinham-se calados. Pfuh1 limitava-se a fungar desdenhosamente e a voltar as costas, mostrando que nunca desceria a refutar as tolices que ouvia. Quando o príncipe Volkonski, que presidia ao debate, lhe pediu que expusesse a sua opinião, limitou-se a dizer:

- Para quê? O general Armfeld propôs-lhe uma posição magnífica com as retaguardas descobertas. Podem escolher, igualmente, ou o ataque *desse senhor italiano, que também é óptimo, ou então a retirada, que é melhor ainda (Em alemão no texto original. (N, dos T,).* Para que pedem a minha opinião? Os senhores sabem tudo melhor do que eu.

Quando Volkonski franziu o sobrolho, dizendo pedir-lhe a sua opinião em nome do imperador, ele levantou-se, exaltando-se de repente, e prosseguiu:

- Estragaram tudo, complicaram tudo: toda a gente queria saber mais do que eu e agora recorrem a mim. Como reparar o que está mal? Nada há a reparar. O que é preciso é aplicar exactamente os princípios que eu estabeleci - afirmou, batendo com o dedo ossudo em cima da mesa. - Onde está a dificuldade da situação? Tolices! *Kinderspiel! (Brincadeira de crianças. (N, dos T)*

Aproximou-se da mesa e pôs-se a falar muito depressa, enquanto ia batendo no mapa com a ponta do dedo seco, demonstrando que nenhum acontecimento imprevisto poderia modificar a eficácia do campo de Drissa, que tudo fora previsto e que se de facto o inimigo tentasse um movimento de flanco acabaria inevitavelmente por ser aniquilado.

Paulucci, que não sabia alemão, interrogou-o em francês. Woltzogen acorreu em

auxílio do seu chefe, que falava mal o francês, e traduziu as suas explicações, seguindo-o com muita dificuldade, pois Pfuhl demonstrava, cada vez mais rápido, que, tudo, tudo, fora previsto no seu plano, não só o que acontecera, mas também o que viria a acontecer, e que se presentemente algumas dificuldades se levantavam o mal advinha de o não terem executado tal qual. E continuava a fungar ironicamente, prosseguindo na sua demonstração. Por fim deixou de argumentar pela mesma razão que um matemático desiste de apresentar provas de um problema demonstrado, Woltzogen substituiu-o, e continuou a expor, em francês, as ideias de Pfuhl, dizendo de vez em quando: «Não é verdade, Excelência?» *(Em alemão no texto original. (N, dos T)* Pfuhl, como um soldado que na excitação da batalha se põe a disparar contra os seus camaradas, gritava, furioso, a Woltzogen:

- Pois claro, pois claro, para quê tantas explicações? Tanto Paulucci como Michaux refutavam Woltzogen, » mesmo tempo, em francês. Armfeld dirigia-se a Pfuhl em alemão. Toll explicava em russo a Volkonski o que todos eles diziam. O príncipe André ouvia e observava em silêncio.

De entre todas aquelas personalidades, a que lhe despertava maior simpatia era Pfuhl, esse homem irascível, decidido e doidamente seguro de si próprio. De todos quantos ali estavam era aquele o único que nada queria para ele, a ninguém tinha inimizade. Apenas pretendia uma coisa: pôr em execução um plano assente numa teoria que lhe custara anos de trabalho. Evidentemente que era ridículo e desagradável com a sua permanente ironia, mas apesar de tudo inspirava respeito, graças â absoluta devoção pelas suas ideias. Aliás, em todos os discursos pronunciados, à excepção de Pfuhl, havia um traço comum, coisa que se não verificava nos do conselho de guerra de 1805: sentia-se neles uma espécie de terror pânico, conquanto dissimulado, perante o génio de Napoleão, e esse pânico transparecia nos argumentos mais insignificantes. Estavam convencidos de que aquele homem era capaz de tudo, esperavam vê-lo aparecer em toda a parte ao mesmo tempo e o seu temido nome servia a cada um para dar um golpe de morte na posição do adversário. Só Pfuhl se atrevia a considerar bárbaro Napoleão, pela mesma razão que considerava bárbaro qualquer que se opusesse às suas teorias, Além do respeito que Pfuhl lhe inspirava, o príncipe André sentia por ele uma espécie de piedade. Pelo tom que tomavam os cortesãos ao dirigir-se-lhe, pelo que Paulucci se permitira dizer ao imperador, e sobretudo pelo amargor e pela violência de que as suas próprias palavras vinham repassadas, era evidente todos estarem certos, e ele mesmo já desconfiava disso, de ser chegada a hora da sua ruína. Eis porque, não obstante a sua segurança e a sua acerba ironia de alemão, causava dó, com as melenas empastadas nas fontes e os tufos de cabelo a caírem-lhe na nuca. Embora dissimulasse os seus sentimentos

por detrás de umas maneiras irritadas e desdenhosas, via-se que estava desesperado por ver fugir-lhe a ocasião única de verificar em vasta escala as suas teorias e de poder prová-las aos olhos do mundo.

Os debates prolongaram-se por muito tempo e quanto mais se prolongavam mais exaltados se mostravam os contendores, que gritavam e faziam alusões pessoais, e menos probabilidades havia de extrair qualquer conclusão prática de tudo quanto se dissera.

No meio de toda aquela confusão de línguas, de todas aquelas hipóteses, de todos aqueles planos, de todas aquelas contradições e de todos aqueles gritos não pôde o príncipe André deixar de se mostrar surpreendido que fosse possível falar-se tanto. Enquanto estivera no exército várias vezes fora levado a pensar que não havia nem podia haver uma ciência da guerra e que por isso mesmo se não devia falar num suposto génio militar. E eis esta ideia confirmada agora com a plena evidência da verdade. ‚Como falar-se em teoria e ciência numa matéria em que as condições e as circunstâncias são desconhecidas, não podendo ser definidas de antemão, e em que as forças actuantes mais dificilmente ainda podem ser determinadas? Nunca ninguém soube nem nunca ninguém poderá saber qual a posição do nosso exército e a do inimigo dentro de vinte e quatro horas e qual a acção deste ou daquele destacamento. Partindo do princípio de que na primeira fileira, em vez de um poltrão que debande a gritar: 'Estamos cortados!' se ouve, em seu lugar, um moço, valente e decidido, gritando 'Hurra!, aí temos como um destacamento de cinco mil homens vale mais de que um corpo de exército de trinta mil. Esse o caso de Schöngraben. O que não impede que, noutra altura, cinquenta mil homens debandem diante de oito mil. Assim acontecera em Austerlitz. Como falar em ciência numa matéria em que, como sucede com todas as coisas da vida prática, nada pode ser previsto antecipadamente e tudo depende de circunstâncias imponderáveis cuja importância surge de um momento para o outro, sem que ninguém saiba quando chegará a sua hora? Armfeld sustenta que, o nosso exército está cortado: Paulucci, pelo contrário, afirma que colocámos o exército francês entre dois fogos; Michaux diz que o campo entrincheirado de Drissa é desvantajoso, pois o no lhe fica na retaguarda, enquanto Pfuhl mantém ser precisamente isso que lhe dá força. Toll propõe um plano, Armfeld propõe outro.

«Todos estes planos são igualmente bons e igualmente maus e as vantagens de cada um deles não podem tornar-se evidentes senão no próprio momento em que os acontecimentos vierem a cumprir-se. Porque falta então toda a gente em génio militar? Será génio aquele que saiba abastecer a tempo de biscoitos o exército e envie Fulano para a direita e Sicrano para a esquerda? A verdade é esta: os génios militares são brilhantes e poderosos e há uma multidão de cobardes sempre pronta a lisonjear o poder, chamando a

tais homens génios e atribuindo-lhes qualidades extraordinárias. Em vez de génios, os melhores generais que eu conheci eram estúpidos ou pouco sérios. Bagration, por exemplo, o melhor de todos, como o próprio Napoleão o reconheceu. E Bonaparte? Lembro-me perfeitamente da sua máscara cheia de suficiência na batalha de Austerlitz. Um bom militar nem precisa de ser génio nem de ter qualidades especiais. Pelo contrário, deve ser desprovido do que há de melhor e de mais elevado no homem: o amor, a poesia, a ternura, a dúvida filosófica, filha da experiência. Deve ser limitado, estar persuadido de que é de alta importância tudo quanto faz. De outro modo faltar-lhe-á a persistência; só assim será um valoroso capitão. Que Deus o de- fenda de amar alguém, de se afeiçoar seja a quem for, de ser compadecido, de pensar no que é justo e no que o não é. Compreende-se que desde tempos imemoriais se tenha inventado para galardão seu a teoria do génio, pois, em verdade, representa o poder. O êxito ou o desaire de uma acção militar não podem ser-lhe atribuídos, mas ao soldado que nas fileiras grita: 'Estamos perdidos!' ou então exclama 'Hurra!' Somente nas fileiras um homem pode servir convencido de que é útil!»

Assim pensava o príncipe André enquanto ouvia as discussões e só deu por si quando todos se levantaram e Paulucci o chamou. No dia seguinte, durante a revista, o imperador perguntou a André onde desejava prestar serviço. E foi então que ele para sempre perdeu os seus créditos junto da corte pedindo que o deixassem prestar serviço na frente de batalha, em lugar de se deixar ficar na comitiva do soberano.

Capítulo XII

Antes do princípio da campanha, Rostov recebera uma carta dos pais onde estes o informavam sumariamente da doença de Natacha e do seu rompimento com o príncipe André, rompimento que lhe explicaram como tendo sido provocado pela irmã, e de novo lhe rogavam que pedisse baixa do exército e voltasse para junto deles. Nicolau, quando recebeu esta carta, não tentou sequer obter licença ou autorização para deixar a tropa, e escreveu aos pais a dizer-lhes estar muito zangado por causa da doença de Natacha e do malogro do seu noivado, e que faria todo o possível para cumprir os desejos deles. A Sónia escreveu separadamente:

> *Adorada amiga do meu coração.*
>
> *Nada, a não ser a honra, me impediria de regressar a casa. Mas neste momento, na altura em que se inicia u campanha, considerar-me-ia desonrado, não só perante os meus camaradas mas aos meus próprios olhos, se preferisse a minha felicidade ao meu dever e ao meu amor pela pátria. Esta será, porém, a nossa última separação, podes crer: assim que a guerra acabar e se eu for vivo e tu ainda me quiseres, deixarei tudo e correrei a apertar-te para sempre contra o meu coração fervoroso e apaixonado.*

E, com efeito, só o início da campanha retivera Rostov e o impedira, como prometera, de voltar a casa para casar com Sónia.

O Outono em Otradnoie, com as suas caçadas, o Inverno, com as suas festas do Natal, e o amor de Sónia prometiam-lhe toda uma perspectiva de serenas alegrias e o, sossego de uma fidalga vida que ele outrora não conhecera e tanto o seduzia agora. «Uma esposa dedicada, filhos, uma boa matilha de cães com dez ou doze casais de vigorosos galgos, os trabalhos agrícolas, os vizinhos e as funções que competem à nobreza...», pensava Nicolau.

Mas havia guerra e impunha-se-lhe ficar no regimento. E como tinha de ser, Nicolau Rostov, por índole, parecia satisfeito com a vida assim que levava no exército, procurando torná-la agradável.

No regresso da licença fora acolhido com grande alegria pelos camaradas. E,

encarregado da remonta, trouxera consigo da Pequena Rússia óptimos cavalos, que muito o entusiasmaram e lhe mereceram as felicitações dos chefes. Durante a ausência fora promovido a capitão e quando o regimento foi colocado em pé de guerra, com os efectivos reforçados, deram-lhe o comando do seu antigo esquadrão.

A campanha principiou, o regimento foi enviado para a Polónia, dobraram os soldos, chegaram novos oficiais, praças novas, cavalos, e especialmente passou a reinar na tropa a animação de todas as novas campanhas. Rostov, que apreciava as vantagens da sua posição, entregou-se inteiramente aos prazeres e aos deveres do serviço militar, sabendo perfeitamente que mais tarde ou mais cedo teria de abandonar o exército.

As tropas tinham evacuado Vilna por diversas e complicadas razões: razões de Estado, razões políticas e tácticas. Cada passo à retaguarda era pretexto para toda uma rede de complicações de interesses, de combinações, e todo um jogo de paixões do estado-maior. Para os hússares do regimento de Pavlogrado esta retirada, na melhor estação do ano, com abastecimentos em abundância, não passava de uma agradável excursão. Tudo quanto fossem tristezas, inquietações, intrigas, era com o quartel-general no seio do exército ninguém perguntava para onde iam e qual o motivo daquela retirada.

A única coisa que levava a tropa a lamentar ter de bater em retirada era o facto de se ver obrigada a mudar do alojamento a que estava afeita, renunciando à bela polaca local. Se porventura algum dos oficiais se lembrava de pensar que as coisas não corriam bem, logo tratava de se sentir alegre, como é próprio de todo o bom soldado, e não pensava na situação geral, preocupando-se exclusivamente com as suas ocupações imediatas. De princípio estiveram alegremente acantonados em volta de Vilna, travando conhecimento com os proprietários polacos e preparando-se constantemente para as revistas que eram passadas pelo imperador e outros altos postos militares.

Depois vieram ordens para retirarem sob Sventsiany e destruírem os abastecimentos que não fosse possível transportar. Sventsiany ficou memorável para os hússares, pois esse acampamento veio a ser conhecido por todo o exército pelo «campo dos borrachos», sendo muitas as queixas que se receberam por virtude de as tropas, que tinham ordem para se abastecer junto dos habitantes, haverem requisitado aos proprietários polacos, em matéria de abastecimentos, cavalos, equipagens e tapetes. Rostov lembrava-se muitíssimo bem de Sventsiany. No próprio dia da chegada vira-se obrigado a meter na ordem o sargento, nada podendo conseguir dos soldados do seu esquadrão, que se tinham emborrachado, bebendo cinco barris de cerveja velha roubada. Depois de Sventsiany cada vez recuava mais até ao Drissa, e ainda para além do Drissa, aproximando-se das fronteiras russas.

A 13 de Julho, pela primeira vez, o regimento de Pavlogrado tomou parte numa

operação séria.

A 12, pela noite, levantou-se uma grande tempestade com forte chuva e granizo. O Estio de 1812 foi particularmente assinalado por numerosas tempestades.

Dois esquadrões do regimento de Pavlogrado acampavam numa seara de cevada pisada pelos homens e pelo gado. Chovia a cântaros, e Rostov, mais o moço oficial Iline de nome, a quem tomara sob a sua protecção, abrigaram-se numa cabana construída ao deus-dará.

Um oficial do regimento, de grandes bigodaças, que regressava do quartel-general e fora surpreendido pela chuva, entrou no abrigo de Rostov:

- Acabo de chegar do estado-maior, conde. Já ouviu falar da façanha de Raievski?

E o oficial pôs-se a contar o que soubera acerca da batalha de Saltanovka.

Rostov, voltando o pescoço, onde a chuva penetrava, fumava o seu cachimbo e ouvia, com ar distraído, olhando de vez em quando para Iline, todo encolhido junto dele. Este oficial, um rapazote dos seus dezasseis anos chegado havia pouco ao regimento, era agora tratado por Nicolau como ele o fora, anos antes, por Denissov. Iline fazia por imitar Rostov em tudo e dir-se-ia enamorado dele como uma mulher.

O oficial da bigodaça, Zdrzinski, contava, enfático, como o dique de Saltanovka era agora as Termópilas russas e como o general Raievski aí realizara uma façanha digna da antiguidade. Raievskl, sob intenso fogo inimigo, conduzira os seus dois filhos até ao dique e lançara-se na batalha com eles a seu lado. Rostov escutava o relato não só sem uma palavra que encorajasse o narrador, mas inclusivamente com uma cara que dir-se-ia envergonhada pelo que ouvia, embora nada tivesse que objectar. Depois de Austerlitz e da campanha de 1807, sabia, por experiência própria, que quem conta um episódio militar nunca fala inteiramente verdade, como com ele próprio acontecera então. Além disso, já era bastante experimentado na guerra para saber que nada se passa no campo de batalha como as pessoas o imaginam ou como é costume virem a contá-lo mais tarde. Por tudo isso, não lhe agradava o relato e também porque não morria de amores por Zdrzinski, que, com as suas bigodaças, tinha o péssimo costume de se debruçar sobre o interlocutor, estando a ocupar muito espaço na acanhada choupana. Rostov olhava para ele sem dizer palavra. «Em primeiro lugar, no dique em que se deu o ataque deve ter-se produzido uma tal barafunda e uma tal compressão que mesmo ainda que Raievski tivesse levado consigo os filhos, esse acto apenas poderia ter impressionado os dez ou doze homens que o rodeavam», pensava Rostov. «Os outros não podiam ter visto com quem é que Raievski pusera os pés no dique. E aqueles que porventura o tivessem visto não deviam ter sentido uma impressão por aí além, pois a verdade era esta: que lhes importavam a eles os sentimentos paternais do

general, quando eles próprios estavam a dar o corpo ao manifesto? E depois, o destino da pátria não dependia da tomada de tal dique. Não vinha, pois, a propósito falar-se das Termópilas. E para que servia aquele sacrifício? Que ideia era aquela de arriscar a pele dos próprios filhos no campo de batalha? Eu, por mim, nunca me lembraria de expor assim roeu irmão Pétia, nem mesmo Iline, que não é meu parente, embora seja um belo moço. Pelo contrário, tudo faria para o deixar em lugar seguro. E Rostov assim ia pensando enquanto Zdrzinski falava, embora não lhe passasse pela cabeça dizer a alguém o que lhe ocorria naquele momento: a sua experiência pessoal dizia-lhe que era inútil. Sabia que todas aquelas histórias tinham por fim a glorificação dos exércitos russos; por isso o melhor era não pô-las em dúvida. E eis o que estava a fazer.

- Já não posso mais! - disse, por fim, Iline, que percebera que a algaraviada de Zdrzinski não agradava a Rostov. - As botas, a camisa, estou todo a escorrer. Vou tratar de arranjar outro abrigo. Parece-me que a chuva está a passar.

Iline abalou e Zdrzinski abalou também.

Cinco minutos depois já Iline estava de volta, patinhando na lama.

- Hurra! Rostov, despacha-te! Encontrei! A duzentos passos temos uma taberna, e os nossos já lá estão. Ao menos podemos enxugar a roupa. E está lá a Maria Henrikovna.

Maria Henrikovna era a mulher do médico do regimento: uma jovem e bonita alemã com quem ele se casara na Polónia. Ou porque não tivesse recursos para deixar a mulher em qualquer outra parte, ou porque não quisesse separar-se dela, nos primeiros tempos de noivado levava-a sempre consigo atrás do regimento, e os ciúmes que isso lhe causava tornaram-no motivo de troça entre a oficialidade.

Rostov embrulhou-se no capote, e, chamando Lavnichka, mandou que levasse as suas coisas para a taberna. E lá foi com Iline, patinhando na lama, debaixo da chuva, que ia passando, no meio das trevas da noite, de onde em onde iluminadas pelos relâmpagos longínquos.

- Rostov, onde estás tu?

- Aqui. Olha, isto é que são relâmpagos - iam dizendo um para o outro.

Capítulo XIII

A *kibitka* do médico estacionava diante da porta da taberna, onde já estavam quatro ou cinco oficiais. Maria Henrikovna, uma lourita alemã, roliça de carnes, de casaco e de touca de dormir, estava sentada, em lugar de honra, num grande banco, O marido, o médico, dormia atrás dela. Rostov e Iline foram recebidos com joviais exclamações e grandes risadas. - Ena! Vocês estão muito alegres por estes sítios! - disse Rostov, rindo.

- E vocês, porque estão vocês aborrecidos?

- Ah!, vêm em bonito estado! Deitam água por todos os lados! Nada de inundar o salão.

- É proibido sujar o vestido de Maria Henrikovna.

Rostov e Iline trataram de descobrir um recanto onde pudessem mudar de roupa sem ofender o pudor da mulher do médico. Passaram para o outro lado do tabique, para aí se despirem, mas o cubículo, iluminado por uma candeia pousada em cima de uma arca vazia, estava inteiramente ocupado por três oficiais que jogavam as cartas e por nada deste mundo lhes quiseram ceder o lugar. Maria Henrikovna então ofereceu-lhes a saia, que tirou para esse fim, com que eles fizeram um reposteiro, atrás do qual, auxiliados por Lavruchka, que lhes trouxera um carregamento de roupa, despiram as fardas molhadas e vestiram outras enxutas.

Acenderam a estufa desmantelada, Depois arranjaram uma tábua, que colocaram sobre duas selas de montar, cobriram-na com a gualdrapa de um cavalo, puseram-lhe em cima um samovar, uma cantina e meia garrafa de rum, e, tendo pedido a Maria Henrikovna que fizesse as honras da casa, juntaram-se todos à sua volta. Um deles ofereceu-lhe o lenço de assoar para enxugar as roliças mãos: outro pôs-lhe debaixo do,-, pés, para os resguardar da humidade, o seu capote de hússar: um terceiro tapou a janela com o seu para não deixar entrar o vento, e um quarto deu-se a afugentar as moscas da cara do médico para ele não acordar.

- Deixem-no em paz - exclamou Maria Henrikovna, com um sorriso jovial e nada tímido. - Está a dormir, porque passou a, outra noite em claro.

- Impossível, Maria Henrikovna - replicou o oficial -, temos de ter cuidado com o doutor. Talvez seja a maneira de ele ter pena de nós quando for obrigado a cortar-nos um

braço ou uma perna.

Só havia três copos. A água, de tão suja, tornara impossível saber se o chá estava forte ou fraco de mais, e no samovar apenas havia beberagem para seis copos. Contudo era uma satisfação para todos receber o seu copo, à vez, e por ordem de antiguidade, das mãos rechonchudas, de curtas unhas, e nada limpas, de Maria Henrikovna. Naquela noite dir-se-ia que todos os oficiais estavam realmente enamorados dela. Até os que se encontravam atrás do tabique a jogar as cartas acabaram por deixar o jogo, vindo juntar-se em volta do samovar, dispostos a fazer a corte a Maria Henrikovna. Ao ver-se rodeada de tantos moços distintos e corteses, a mulher do médico não cabia em si de contente, embora procurasse esconder essa satisfação e estivesse receosa de que o marido entretanto acordasse.

Havia apenas uma colher. O açúcar era de sobra, mas não se conseguia dissolvê-lo na beberagem. Foi por isso resolvido ser ela a mexer o açúcar de todos, cada um por sua vez. Rostov, depois de ter deitado rum num copo, pediu a Maria Henrikovna que lhe mexesse o chá.

- Mas o senhor não tem açúcar - exclamou ela, sorrindo sempre, como se tudo o que ela, dizia ou o que os demais diziam fosse engraçadíssimo e se prestasse a um segundo sentido.

- Não preciso de açúcar, o que eu queria era vê-la a mexer o meu chá com a sua linda mãozinha.

Maria Henrikovna acedeu e pôs-se à procura da colher de que alguém se havia apropriado.

- Mexa com o seu dedinho, Maria Henrikovna - disse Rostov -, ainda será mais gostoso.

- Mas está muito quente! - protestou ela, toda ruborizada de satisfação.

Iline pegou num jarro de água, deitou-lhe dentro algumas gotas de rum e aproximou-se de Maria Henrikovna, a quem pediu que o mexesse com o dedo.

- É a minha chávena - disse ele. Ponha lá o seu dedinho que eu bebo tudo.

Unia vez despejado o samovar, Rostov pegou nas cartas e propôs-se jogar aos reis com Maria Henrikovna. Tiraram à sorte, para ver quem seria o parceiro dela. Rostov propôs, e foi aceite, que quem fosse rei teria o direito de beijar a mão de Maria Henrikovna e aquele que perdesse seria obrigado a preparar um novo samovar para o médico, quando este acordasse.

- E se o rei for Maria Henrikovna? - perguntou Iline.

- Já é rainha! E uma ordem sua é uma lei.

Assim que principiou o jogo, por detrás de Maria Henrikovna ergueu-se a cabeça

toda esguedelhada do médico. Havia algum tempo já que estava acordado, ouvindo o que se dizia. E via-se perfeitamente que aqueles ditinhos alegres nada tinham, para ele, de engraçado ou divertido. Era triste e aborrecida a sua expressão. Sem saudar os oficiais, coçou a cabeça e pediu licença para sair, pois vedavam-lhe o caminho. Mal ele desapareceu, todos romperam num estrondoso riso, o que fez com que Maria Henrikovna corasse muito, razão por que ainda ficou mais atraente aos olhos dos companheiros. Quando voltou a entrar, o médico disse à mulher, a qual perdera a vontade de rir e o olhava como se aguardasse, ansiosamente, a sentença que ele ia lavrar, que deixara de chover e que era melhor irem dormir para a *kibitka,* pois de outra maneira lhe roubariam as suas coisas.

- Se quiser mandarei uma sentinela... até duas - disse Rostov. - Não se preocupe, doutor.

- Eu próprio me encarrego de fazer de sentinela! - acrescentou Iline.

- Não, meus senhores, os senhores dormiram bem, mas eu há duas noites que não prego olho - disse o médico, sentando-se de má catadura ao pé da mulher, à espera que a partida acabasse.

O aspecto carrancudo do médico, que olhava a mulher de soslaio, ainda lhes tornou a cena mais divertida, e alguns deles não puderam reter o riso, rompendo em gargalhadas para que buscavam justificações adrede. Quando o médico e a esposa foram alojar-se na pequenina *kibitka,* os oficiais deitaram-se no chão, cobrindo-se com os capotes molhados. Mas muito tempo levaram antes que adormecessem: ora se punham a comentar o ar carrancudo do médico e a jovialidade da mulher, ora vinham à porta espreitar o que se estava passando dentro da *kibitka.*

Por várias vezes, Rostov, cobrindo a cabeça, tentara dormir, mas os ditos deste e as saídas daquele não lho consentiam, e as conversas recomeçavam, bem como as gargalhadas infantis, joviais, sem tom nem som, que rompiam de todos os lados.

Capítulo XIV

As três horas da manhã, ainda não tinham conseguido conciliar o sono, apareceu um sargento com ordem de retirarem imediatamente para a aldeia de Ostrovno.

Sem deixarem de palestrar e de rir, fizeram os oficiais apressadamente os preparativos da partida, e de novo acenderam o samovar, metendo-lhe dentro a mesma água suja. Rostov, sem aguardar que o chá estivesse pronto, tratou de abalar para o esquadrão. Já era dia, deixara de chover, as nuvens abriam clareiras no céu. Sentia-se frio e humidade, sobretudo os que tinham em cima, do corpo roupas mal secas. Quando saíram da taberna, Rostov e Iline, ao passarem, lançaram um olhar, através da semi-obscuridade da madrugada, às cortinas de couro da *kibitka,* todas reluzentes da chuva, por baixo das quais se estiraçavam as longas pernas do médico, e para o seu interior, onde se descortinava, numa almofada, a touca de noite de Maria Henrikovna, ouvia-se lá dentro ressonar.

- Realmente, é uma linda mulher - disse Rostov para Iline.

- É encantadora! - replicou Iline, com a gravidade dos seus dezasseis anos.

Meia hora mais tarde estava o esquadrão alinhado na estrada. A voz de comando «Montar!» ressoou. Os soldados persignaram-se e montaram a cavalo. Rostov tomou o comando da coluna e gritou: «Marchar!» Os hússares, quatro a quatro, no meio do estrépito das patas dos cavalos na lama da estrada, do entrechocar dos sabres e do rumor das conversas surdas, puseram-se a caminho ao longo da ampla estrada orlada de álamos, atrás da infantaria e da artilharia, que caminhavam na vanguarda.

O vento varria rapidamente as nuvens de um azul-violáceo, todas avermelhadas lá para os lados donde nascia o Sol. Ia clareando cada vez mais. Via-se agora nitidamente a erva rasteira e frisada que corre sempre ao lado das estradas vicinais e que estava toda repassada da chuva da véspera. Os ramos dos álamos, todos molhados também, balançando ao vento, despediam gotas de água brilhantes. As caras dos soldados desenhavam-se cada vez mais distintamente. Rostov, com Iline, que o não deixava um só momento, cavalgava, ao longo da berma da estrada, entre duas fileiras de álamos.

Em campanha, Rostov dava-se ao luxo de montar, não um cavalo regimental, mas um cavalo de cossaco. Como aficcionado e entendedor que era, arranjara ultimamente um alazão do Dom, de crinas brancas, belo animal, vigoroso e possante, que nenhum outro

podia vencer. Montá-lo era para ele um grande prazer. Pensando no seu cavalo, na manhã que chegava e na mulher do médico, nem um só momento lhe vinha à mente o perigo grande que os esperava.

Outrora, Rostov, antes de um combate, tinha medo; agora não sentia o mais pequeno receio. Não porque se tivesse acostumado à metralha (ninguém pode habituar-se ao perigo), mas aprendera a dominar a alma. Acostumara-se, quando ia para o combate, a pensar em tudo menos no que mais importava, a proximidade do perigo. Apesar de todos os seus esforços, não obstante chamar-se a si próprio cobarde, nos primeiros tempos fora-lhe muito difícil chegar àquele resultado, mas com os anos as coisas vieram naturalmente. Lá ia cavalgando, ao lado de Iline, entre os álamos, arrancando, de quando em quando, um ramo que lhe passava junto das mãos, outras vezes aflorando de leve com as esporas o ventre do cavalo, ou, sem se voltar, estendendo o cachimbo ao hússar que o seguia, tão tranquilo e despreocupado como se fosse em passeio. Grande era a compaixão que lhe inspirava o rosto alterado de Iline, que falava muito e se mostrava inquieto. Conhecia por experiência aquela angústia na expectativa do medo e da morte que apertava o coração do porta- estandarte Iline e sabia que só o tempo lhe daria remédio.

Assim que o disco do Sol apareceu numa faixa de céu descoberta, emergindo de entre as nuvens, o vento serenou como se não quisesse perturbar aquela magnífica manhã de Verão após aí, tempestade da noite. Ainda caíram algumas gotas de chuva, mas verticalmente já, e tudo se acalmou... O Sol descobrira-se por completo, surgindo por cima da linha do horizonte e desaparecendo em seguida por detrás de uma longa e estreita nuvem. Minutos depois despontou de novo, mais brilhante ainda, pela parte superior da nuvem, cujos bordos se franjaram, Tudo se iluminou e cintilou. E, como que para saudar esta onda de luz, ouviu-se, lá longe, o troar do canhão. Ainda Rostov não tivera tempo de se dar conta da distância a que estavam a troar os canhões quando surgiu, a galope, dos lados de Vitebsk, um ajudante-de-campo do conde Ostermann Tolstoi com ordem de meterem a trote.

O esquadrão, ultrapassando a infantaria e, a bateria de artilharia, que igualmente aceleraram a sua marcha, meteu por uma ladeira, atravessou uma povoação abandonada pelos habitantes, e outra vez subiu a encosta. Os cavalos estavam cobertos de suor e os rostos dos soldados afogueados pela cavalgada,

«Alto! Alinhar!», gritou a voz do comandante. «A esquerda, marchar!»

Os hússares seguiram ao longo do flanco esquerdo das tropas e foram colocar-se por detrás dos ulanos da primeira linha, A direita, formando uma coluna compacta, estava a infantaria, que constituía a reserva. Por cima dela, na colina, destacavam-se os canhões

russos iluminados pela luz clara e oblíqua da manhã. Lá para diante, no vale, divisavam-se as colunas e os canhões do inimigo. As primeiras linhas russas já tinham entrado em acção, trocando vivo tiroteio com os franceses,

Como se ouvisse os primeiros compassos de uma alegre melodia, Rostov regozijou-se com o ruído da fuzilaria, que havia muito não ouvia! Trap, ta, ta, tap! As descargas sucediam-se, ora simultaneamente, ora sucessivas, Depois tudo ficava silencioso, e de repente os estampidos recomeçavam, como se fossem petardos que alguém tivesse pisado,

Os hússares permaneceram quase uma hora no mesmo sítio, o canhoneio recomeçou. Seguido da sua escolta, passou o conde Ostermann por detrás do esquadrão. Parou, trocou algumas palavras com o comandante do regimento e afastou-se na direcção dos canhões instalados na colina.

Pouco depois de ele se ter afastado ouvia-se a voz do comandante dos ulanos gritar: «Formar, colunas! Atacar!» A infantaria, que os encobria, abriu fileiras para deixar passar a cavalaria. Com as flâmulas das suas lanças flutuando ao vento, os ulanos desceram a trote a encosta ao encontro da cavalaria francesa, que se divisava no sopé da colina, à esquerda.

Assim que os ulanos abandonaram a sua posição, os hússares receberam ordem de subir à cumeada para cobrirem a bateria. Enquanto este movimento se executava, algumas balas, gemendo e assobiando, passaram, perdendo-se no ar.

Este ruído, que Rostov há muito não ouvia, ainda mais o estimulou que os primeiros que ouvira, enchendo-o de força e de alegria.

Endireitou-se na sela e pôs-se a observar o campo de batalha, que se descortinava do alto, e com toda a sua alma tomou parte no ataque dos ulanos. Estes caíram sobre os dragões franceses.

No meio da fumarada houve um momento de confusão e cinco minutos depois os ulanos retrocediam a galope, não para o lugar que anteriormente ocupavam, mas um pouco mais para a esquerda. Por entre os uniformes alaranjados dos ulanos em seus cavalos alazões, e também na sua retaguarda, distinguia-se um grupo compacto de dragões azuis montados em cavalos cinzentos.

Capítulo XV

Rostov, com o seu penetrante olhar de caçador, fora um dos que primeiro vira os dragões azuis na cola dos ulanos. Estes fugiam em debandada, e os franceses, que os perseguiam, cada vez se aproximavam mais deles. Já se podiam ver os homens, que lá no sopé da colina pareciam pequeníssimos, investirem agitando os sabres e os braços.

Rostov olhava para o espectáculo como se assistisse a uma caçada. Por instinto, compreendia que, se caísse, naquele momento, COM os seus hússares, sobre os dragões franceses, estes não resistiriam, mas era preciso agir imediatamente, de chofre; de outra maneira seria tarde de mais. Olhou à sua volta. O capitão, que estava a seu lado, também não perdia de vista a cavalaria lá no fundo da encosta.

- André Sevastianitch - disse. - Nós podíamos dar cabo deles...

- Realmente, que golpe magnífico - exclamou o capitão - e se...

Sem ouvir mais, Rostov esporeou o seu cavalo e pôs-se à frente do esquadrão. Não teve tempo de dar qualquer voz de comando; todos os seus homens, impelidos pelo mesmo sentimento, se precipitaram atrás dele. Nem ele próprio sabia como e porque agira daquela maneira. Procedera como se estivesse numa caçada, sem pensar, nem reflectir. Ali muito perto via os dragões que galopavam. Tinha a convicção íntima de que não resistiriam. Sabia que, se perdesse a oportunidade, aquele minuto não voltaria. O assobio das balas excitava-o tanto, tamanha era a impaciência do seu cavalo, que não pudera resistir. No momento em que esporeava a montada, soltando o grito de comando, sentiu atrás de si todo o esquadrão que se agitava, e despediu a trote largo, pela encosta abaixo, direito aos dragões. Mal atingiram o fundo da encosta, os cavalos, espontaneamente, puseram-se a galopar, galope que se tornava cada vez mais rápido à medida que se aproximavam dos ulanos e dos dragões que os perseguiam. Estes estavam muito próximos. Os que iam na vanguarda, ao verem carregar os hússares, deram meia volta, e os da retaguarda pararam. Impelido pelo mesmo entusiasmo de quando se lançava atrás de um lobo, Rostov, lançando à rédea solta o seu cavalo do Dom, precipitou-se através das fileiras desordenadas dos dragões. Um ulano estacou, um soldado de infantaria deitou-se ao chão para não ser esmagado, um cavalo sem cavaleiro veio embater nos hússares. Quase todos os dragões fizeram meia volta. Rostov firmou-se num montado num cavalo cinzento, correu sobre ele.

Na sua galopada surgiu-lhe diante uma moita; o seu rico cavalo empinou-se e galgou-a de um salto. Aguentando-se a custo em cima do selim, momentos depois Nicolau verificava ter apanhado o inimigo que se propusera atacar. Este, oficial, naturalmente, como se depreendia do uniforme, todo alapardado sobre o cavalo, galopava a mais não poder, fustigando-o com o sabre. Num abrir e fechar de olhos a montada de Rostov veio embater com os peitorais na garupa do cavalo do dragão, que por pouco não atirou a terra, ao mesmo tempo que Nicolau, sem saber o que fazia, brandia o sabre e feria o inimigo.

De súbito todo o seu entusiasmo se desvaneceu por completo.

O oficial caiu, não tanto em virtude da sabrada que recebera, a qual apenas lhe rasgara o braço um pouco acima do pulso, mas por causa do choque dos dois animais e do medo que o tornou. Refreando o seu cavalo, Rostov procurou-o com a vista para ver o homem a quem acabava de atacar. O oficial de dragões saltava, coxo, um dos pés preso no estribo. Fechava os olhos, franzia as sobrancelhas, cheio de medo, sempre à espera de receber uma nova cutilada, horrorizado, olhando, de baixo para cima, para o hússar. Aquele rosto, pálido e sujo de lama, muito infantil, de cabelos louros, olhos azul-claros, uma covinha no queixo, não era um rosto de guerreiro, um rosto de inimigo, mas a mais simples das caras, uma cara de filho de família. Ainda Rostov não sabia o que ia fazer dele quando o oficial gritou*: «Rendo-me!»*

Tentando libertar o pé do estribo, sem o conseguir, continuava a fitar Rostov com os olhos azuis espavoridos. Os hússares que acorreram soltaram-lhe o pé e ajudaram-no a montar. Por todos os lados havia hússares a bater-se contra os dragões. Um deles estava ferido, e embora o sangue lhe escorresse pela cara abaixo não largava o cavalo; outro, com um hússar nos braços, cavalgava montado na garupa; um terceiro montava amparado por um hússar. A infantaria francesa acorria em reforço, disparando. Os russos trataram de se retirar, levando consigo os prisioneiros. Rostov ia atrás deles, dominado por uma penosa sensação, que lhe alanceava a alma. Despontava nele um pensa- mento obscuro, complicado, que não compreendia, desde que fizera prisioneiro aquele homem, e sobretudo desde que o atingira com o sabre.

O conde Ostermann Tolstoi acolheu os hússares, mandou chamar Rostov, felicitou-o e disse-lhe que comunicaria ao imperador o seu acto heróico, propondo-o para a cruz de S. Jorge. Quando o chamaram à presença do conde, lembrando-se de que atacara sem ordens superiores, ia convencido de que o iriam castigar por ter agido de moto próprio. Maiores foram por isso a sua surpresa e o contentamento que sentiu ao ouvir as palavras elogiosas de Ostermann e a promessa de uma recompensa. No entanto, o tal sentimento obscuro e penoso continuava a pesar-lhe no coração. «Então, que me está a atormentar?», perguntava

a si Próprio, no regresso. «Iline? Não; esse está são e salvo. Procederia eu mal? Não. Não é nada disso.» Qualquer outra coisa o atormentava como um remorso. «Sim, sim, é aquele oficial francês com a covinha no queixo. Ah!, sim, já sei! Foi o meu braço que se deteve quando o ergui para o acutilar.»

Ao ver aproximar-se a leva dos prisioneiros quis tornar a Olhar para o francês. Lá vinha ele, com o seu estranho uniforme, montado num belo cavalo de hússar, lançando em roda olhares inquietos. A ferida que recebera no braço era por assim dizer insignificante. Sorriu para Rostov, com um ar embaraçado, acenando-lhe com a mão, como se o cumprimentasse. Também Rostov se sentiu embaraçado e quase com vergonha.

Durante todo aquele dia e no que se lhe seguiu, amigos e camaradas notaram que, embora não estivesse aborrecido ou zangado, permanecia silencioso, pensativo e concentrado. Não lhe apetecia beber, procurava estar só e dir-se-ia obcecado por uma ideia qualquer.

Rostov não se cansava de pensar na proeza que com grande espanto seu lhe valera a cruz de S. Jorge e lhe fizera ganhar a reputação de herói, dizendo de si para consigo haver ali qualquer coisa que ele não podia compreender. «Então eles ainda têm mais medo do que eu!», dizia com os seus botões. «E é a isto que se chama heroísmo? Foi, realmente, pela minha pátria que eu fiz isto? E que culpa cabe àquele outro com a sua covinha no queixo e os seus olhos azuis? E o medo que teve! Julgava que eu o ia matar. E porque havia eu de o matar? Aliás, tremeu-me a mão. E dar-me-ão a cruz de S. Jorge! Realmente não consigo perceber!»

A verdade, porém, é que enquanto Rostov ia debatendo consigo todas estas interrogações, sem conseguir uma ideia clara do que o perturbava a tal ponto, a roda da fortuna, como tantas vezes acontece, rodava a seu favor. Depois da acção de Ostrovno foi promovido, nomearam-no comandante de batalhão e quando precisavam de um oficial corajoso para qualquer missão a ele se dirigiam.

Capítulo XVI

Quando teve conhecimento da doença de Natacha, a condessa, que ainda não estava restabelecida e se sentia fraca, partiu para Moscovo com Pétia e toda a criadagem. A família abandonou a casa de Maria Dmitrievna e foi instalar-se na sua residência da capital, onde todos se reuniram.

A doença de Natacha era tão séria que, felizmente para ela e para os pais, as causas que a tinham provocado - o seu procedimento e o desmanchar do casamento - foram relegadas para segundo plano. Tão grave era o seu estado que ninguém pensava nas suas culpas e em tudo o que acontecera. Não comia, não dormia, emagrecia a olhos vistos, tossia e corria sério risco, como os médicos davam a entender. Não se podia pensar noutra coisa senão em tratá-la. Os médicos iam vê-la, quer separadamente, quer em conferência, discutiam muito em francês, alemão e latim, criticavam-se mutuamente, prescreviam os remédios mais variados, aptos para curar todas as doenças de que tinham conhecimento, mas nunca pela cabeça de qualquer deles passou a ideia tão simples de que a doença de que ela padecia estava tão pouco ao seu alcance como qualquer dos muitos males de que sofre a criatura humana. Cada homem, com efeito, tem sua constituição particular e traz consigo a sua doença especial, uma doença só dele, nova, complicadíssima, desconhecida da medicina, uma doença que não é dos pulmões, nem do fígado, nem da pele, nem do coração, nem dos nervos, etc., não está descrita nos livros, mas é produto de inumeráveis combinações produzidas pela alteração dos órgãos. Esta ideia simplíssima não podia vir à cabeça dos médicos - pela mesma razão que uma bruxa não pode renunciar aos seus bruxedos -, pois que o mister deles era curar, para isso eram pagos, e a essas funções consagravam os melhores anos da sua vida. Se antes de mais nada, porém, lhes não vinha à cabeça uma tal ideia, é porque sabiam incontestavelmente serem úteis, e o facto é que eram de grande utilidade para todos os habitantes da casa Rostov. Não por fazerem com que a doente ingerisse drogas geralmente prejudiciais, cujo nefasto efeito era, de resto, atenuado por serem tomadas em pequeninas doses. Eram úteis, indispensáveis, inevitáveis pelo facto de darem satisfação às necessidades morais da doente e daqueles que lhe queriam, e é essa a razão por que há e sempre haverá curandeiros, charlatães, homeopatas e alopatas. Davam satisfação aos desejos, perenes no homem, de consolação, à avidez de simpatia que há nele,

à necessidade de que se ocupem dele sempre que sofre. Davam satisfação a essa perene necessidade que nas crianças se observa sob a sua forma elementar esfregando o sítio em que se magoam. A criança que se magoa vai logo lançar-se nos braços da mãe ou da ama, na esperança de que elas a beijem e lhe esfreguem o lugar ofendido, e o certo é que se sente consolada assim que obtém estes carinhos. Não lhe passa pela cabeça que as pessoas mais fortes e mais crescidas do que ela sejam capazes de a não socorrer. E com efeito a esperança de um lenitivo, a simpatia que lhe testemunham enquanto a mãe lhe passa a mão pelo sítio lesado, eis quanto basta para a consolarem. Os médicos desempenhavam junto de Natacha o papel da mãe que beija o filho e lhe passa a mão pelo dói-dói. Diziam-lhe que o mal de que padecia se curaria desde que o cocheiro fosse comprar ao farmacêutico da Praça de Arbate, por um rublo e sete grivens, certos pós ou certas pílulas, numa caixinha muito bonita, e ela tomasse esses pós, sem falta, de duas em duas horas, nem mais nem menos, em água fervida.

Que seria de Sónia, do conde, da condessa, se todos tivessem de cruzar os braços em vez de cuidarem em dar-lhe essas pílulas de hora a hora, essas poções mornas, em vez de lhe prepararem esses caldos de galinha e tantas outras coisas prescritas pelos médicos, coisas para eles uma ocupação e uma consolação apreciáveis? Teria o conde podido suportar a doença da sua filha querida se não pudesse dizer consigo mesmo que esta já lhe custara mil rublos e que de bom grado despenderia outros mil para lhe dar alívio, se não pudesse pensar que para a restabelecer não se importaria de gastar outros mil rublos, levando-a a consultar médicos no estrangeiro sem olhar a despesas; se lhe não tivesse sido dado contar a toda a gente que Métivier e Feller nada tinham percebido do estado dela e que Friese acertara com o mal, mas que Mudrov ainda fora mais feliz no seu diagnóstico? Que teria sido da condessa se lhe não fosse dado zangar-se de quando em quando com a doente por esta não seguir à risca as prescrições médicas?

- Assim nunca mais te curas - dizia-lhe ela numa irritação que a fazia esquecer o desgosto -, se não ouves o que diz o médico e não tomas o teu remédio a tempo e a horas! Não é ocasião para brincadeiras, quando tudo isso pode degenerar numa pneumonia - acrescentava, consolada por poder empregar aquele termo científico nem só para ela ininteligível.

E Sónia, que teria feito Sónia pela sua parte se não lhe fosse dada a satisfação de dizer a si mesma que passara, de princípio, três noites sem se despir, sempre pronta a executar pontualmente as prescrições do médico e que ainda então mal fechava os olhos para não esquecer a hora de lhe administrar as pílulas assaz inofensivas da linda caixa dourada? E a própria Natacha, conquanto estivesse sempre a dizer que nenhum

medicamento a poderia curar e que todas aquelas drogas eram tolice, ela própria sentia uma certa satisfação ao ver que as pessoas faziam por ela tantos sacrifícios, e tomava as suas poções a horas fixas. E até alegre se sentia descuidando-se do cumprimento das prescrições, por poder mostrar que não acreditava na cura e que não apreciava a vida.

Todos os dias vinha o médico, que lhe tomava o pulso, lhe olhava a língua e gracejava com ela, sem prestar atenção ao seu parecer desfeito. Depois, quando entrava no quarto contíguo, a condessa seguia-o, e ele, com um ar grave e abanando a cabeça pensativamente, afirmava que, embora a situação fosse bastante grave, tinha confiança no efeito do último remédio, que era preciso aguardar e ver, que a doença era sobretudo moral, mas que...

A condessa, procurando dissimular o pormenor, tanto aos seus próprios olhos como aos do médico, introduzia-lhe na mão uma moeda de ouro e voltava sempre com o coração mais aliviado para ao pé da doente.

As características da doença de Natacha consistiam em que comia e dormia pouco, tossia e não tinha ânimo para coisa alguma. Os médicos diziam que ela não podia estar sem assistência clínica e por isso a mantinham na atmosfera sufocante da cidade. Os Rostov passaram o ano de 1812 sem irem à aldeia.

Apesar da imensidade das pílulas absorvidas, das gotas e dos pós em garrafinhas e caixas, caixas de que Madame Schoss, que muito apreciava esse género de bugigangas, fizera uma colecção completa, apesar de a terem privado dos ares do campo, a mocidade venceu. O desgosto de Natacha foi pouco a pouco absorvido pelas impressões da vida quotidiana. Deixou de sentir uma dor tão violenta, que, lentamente, se foi desvanecendo e as forças físicas principiaram a reanimá-la.

Capítulo XVII

Natacha estava mais tranquila, mas não mais alegre. Não só evitava todas as oportunidades de se distrair - os bailes, os passeios, os concertos, os espectáculos -, como nunca na sem que sentisse as lágrimas a borbulhar por detrás do riso. Já não podia cantar. Se se punha a rir, ou se tentava cantar só para si, as lágrimas sufocavam-na: lágrimas de arrependimento, lágrimas choradas sobre o seu inocente passado, que não mais volta- ria, lágrimas de pesar por ter dissipado daquele modo a sua juventude, que tão feliz podia ter sido. O riso e o canto afiguravam-se-lhe como que uma profanação da sua dor. Nem sequer pensava em ser *coquette*, pelo que não precisava de se reprimir. Dizia Para si mesma que todos os homens agora lhe eram tão indiferentes como Nastásia Ivanovna, o bobo. Uma voz íntima lhe interdizia ainda toda a espécie de prazeres. Já não sentia em si o amor à vida como outrora, no tempo em que fora rapariga descuidada, cheia de esperanças. Lembrava-se, com muitas saudades, dos meses do Outono, da caça, do tio, das festas do Natal, na Companhia de Nicolau, em Otradnoie. Que não teria ela dado Para voltar atrás, um dia só que fosse, a esses felizes tempos! Mas não, tinham passado para sempre. Não a enganava o pressentimento de que nunca mais voltaria a encontrar a alma livre que tivera outrora, aberta, a todas as alegrias. No entanto era preciso viver. Consolava-a pensar que não era mais feliz do que os outros, como imaginara antigamente, mas menos, muito menos feliz do que qualquer outra pessoa. O presente, contudo, pouco lhe importava. Desconfiava dele e perguntava a si mesma muitas vezes: «Que acontecerá mais tarde?» E o futuro também nada lhe dizia. Já não sentia alegria na vida e a vida continuava a passar. A única coisa que desejava era não ser pesada a ninguém, não incomodar fosse quem fosse, embora para si mesma nada pedisse. Conservava-se muitas vezes afastada de todos os que a cercavam e a única satisfação que tinha era junto de Pétia, seu irmão.

Divertia-se muito mais com ele do que com os outros e por vezes a sós com a criança voltava a ser alegre. Quase não saía de casa, e de todas as pessoas que a visitavam uma só lhe era simpática: Pedro. Ninguém era capaz de lhe falar com tanta ternura, tanto tacto e ao mesmo tempo tanta seriedade como o conde Bezukov. Sem dar por isso, sentia bem toda aquela ternura, daí o grande prazer que lhe dava a companhia do amigo. E no entanto nem sequer lhe agradecia. Sabia que a bondade nada custava a Pedro. Tão natural

lhe parecia a ele dever ser bom para toda a gente que lhe não advinha daí qualquer mérito. Por vezes Natacha percebia-o embaraçado e confuso na sua presença, principalmente quando ele queria ser-lhe agradável ou então quando receava que a conversa lhe pudesse trazer penosas recordações. Reparava nisso e atribuía o facto ao seu bom coração e sua timidez, que tímido, supunha-o ela, devia ele ser com toda a gente.

Desde aquele dia em que lhe dissera inopinadamente que se fosse livre lhe pediria de joelhos que lhe quisesse e casasse com ele, palavras pronunciadas num momento de profunda emoção, Pedro nunca mais lhe falara dos seus sentimentos e para ela era evidente que aquelas palavras, que então lhe haviam sido de grande lenitivo, não tinham tido mais importância do que o que se diz Para consolar uma criança que chora. Não por Pedro ser casado, mas por Natacha sentir entre eles, no mais alto grau, aquela barreira moral que tanta falta lhe fizera na presença de Kuraguine; nunca lhe ocorrera que das suas relações pudesse nascer amor, não só nela, mas muito menos nele, ou sequer essa espécie de amizade amorosa, só poesia natural entre um homem e uma mulher, como ela conhecia alguns casos.

Depois da Quaresma de S. Pedro, Agráfena Ivanovna Bielova, vizinha dos Rostov em Otradnoie, chegou a Moscovo para orar aos santos moscovitas. Propôs a Natacha que fizesse com ela as suas devoções e esta aceitou a ideia com alegria.

Apesar da advertência dos médicos, que a proibiam de sair de manhã cedo, ela insistiu em fazer as suas devoções, e não era como de costume em casa dos Rostov, ou seja mandando rezar três ofícios na capela particular, mas como as fazia Agráfena Ivanovna, isto é, durante uma semana inteira, sem faltar às matinas, à missa e ao ofício de vésperas.

Esta devoção religiosa agradou à condessa, que no fundo esperava, depois do tratamento pouco profícuo dos médicos, que a oração fosse mais eficaz do que as drogas. E embora receosa, escondendo o caso ao médico, cedeu aos desejos da filha, confiando-a à senhora Melova. Agráfena Ivanovna costumava chamar Natacha às três horas da manhã, e geralmente já a encontrava acordada. Arranjada à pressa, tendo enfiado o seu mais simples vestido e um casaco velho, lá ia a tremer de frio, pela algidez da noite, ao longo das ruas desertas, que a aurora começava já a iluminar. A conselho da companheira, Natacha não se dirigia à igreja paroquial, mas ao templo em que a devota Bielovna dizia haver um sacerdote muito austero e digno. Havia ali sempre muito poucos fiéis. As duas mulheres iam colocar-se no seu recanto habitual, diante do ícone da Virgem, que pendia da parte posterior do coro esquerdo. Um desconhecido sentimento de humildade invadia a alma de Natacha na presença de qualquer coisa de grande e de inacessível quando, àquela hora da manhã, contemplando o rosto enegrecido da Mãe de Deus iluminado pelos círios e a luz da

madrugada filtrada pelas janelas, prestava atenção ao ofício divino, que procurava compreender. Se percebia as palavras, os seus sentimentos íntimos fundiam-se com a oração, se as não percebia, ainda lhe era mais grato pensar que o desejo de tudo compreender nascia do orgulho e não era possível saber tudo e que cada qual deve limitar-se a crer e a confiar-se a Deus, que ela, naqueles instantes, sentia reinar no seu coração. Persignava-se, posternava-se e quando não compreendia limitava-se, horrorizada perante as suas inquietações, a pedir a Deus que lhe perdoasse e se amerceasse dela. As orações que proferia eram de contrição. No regresso a casa, a uma hora ainda muito matinal, quando nas ruas apenas se viam os operários a caminho do trabalho, os porteiros que varriam os passeios diante das portas, e toda a gente dormia, Natacha experimentava um sentimento novo para ela, a possibilidade de corrigir os seus defeitos e vir a conhecer ainda uma vida de regeneração pura e feliz.

Durante toda a semana em que se consagrou a estas piedosas práticas cresceu nela este sentimento de regeneração. E a felicidade que era para ela comungar, ou, como Agráfena Ivanovna gostava de dizer, recorrendo a um trocadilho, comunicar com Deus, afigurava-se-lhe tamanha que receava morrer antes da chegada desse bem-aventurado domingo.

Essa venturosa data chegou, por fim, e quando Natacha, nesse domingo memorável, voltou da comunhão, com o seu vestido de musselina branca, foi a primeira vez após muitos meses que se sentiu em paz consigo mesma e a vida deixou de lhe parecer penosa.

O médico, à hora da visita habitual, observou-a e mandou que continuassem a dar-lhe os pós que prescrevera quinze dias antes.

- É preciso tomá-los de manhã e à noite, sem falta - disse, convencido da eficácia da droga -, e com toda a regularidade, se fazem favor. Esteja descansada, condessa - gracejou, fechando com presteza, na palma da mão, a moeda de ouro costumada -, não tarda que a tornemos a ver cantar e divertir-se. Está com muito melhor parecer,

A condessa, olhando para as unhas, cuspiu *(Entre o povo russo, cuspir correspondia a um exorcismo. (N, dos T)* voltando muito contente ao salão.

Capítulo XVIII

Em princípios de Julho espalharam-se em Moscovo boatos cada vez mais inquietantes sobre a marcha das operações militares; falava-se numa proclamação do imperador dirigida ao povo e no seu regresso à capital. Ora como a 11 ainda se não tinha conhecimento de qualquer manifesto nem de qualquer proclamação, mais exagerados se espalharam os rumores a esse respeito e a propósito da situação. Dizia-se que o imperador abandonava o exército por este estar em perigo, que Smolensk se rendera, que Napoleão dispunha de um milhão de homens e que só um milagre podia salvar a Rússia.

Sábado, 11, recebeu-se o manifesto, mas ainda não fora tornado público, Pedro, que se encontrava nessa altura em casa dos Rostov, prometeu vir jantar no dia seguinte, domingo, e trazer o manifesto e a proclamação, que esperava obter através do conde Rostopchine.

Nesse domingo, como de costume, os Rostov foram ouvir missa à capela particular dos Razumovski. Estava muito calor. Desde as dez da manhã, hora a que os Rostov se apearam da sua carruagem diante da capela, que o vento quente, os pregões dos vendedores ambulantes, a multidão com os seus trajos claros do Estio, as árvores das avenidas cobertas de poeira, o rataplã da banda de um regimento de pantalonas brancas dirigindo-se à parada, o rolar das carruagens ao longo dos pavimentos, o resplandecer de um sol de fogo, tudo se misturava, transmitindo já essa impressão amodorrante, misto de satisfação e de desgosto, que costuma sentir-se numa grande cidade em dia de muito calor. Boa parte da nobreza moscovita, personagens dos conhecimentos dos Rostov, estava reunida na capela dos Razumovski. Nesse ano, por causa dos acontecimentos, muitas das mais ricas famílias haviam ficado na capital, embora habitualmente passassem esses meses nas suas propriedades no campo. Seguindo atrás de um lacaio que afastava a multidão, Natacha, ao lado da mãe, ouvia um rapaz falar dela em voz baixa.

- É a Rostov, a que...

- Que magra, mas ainda assim é uma linda rapariga!

Julgou ouvi-los pronunciar os nomes de Kuraguine e de Boikonski. Aliás, isso acontecia-lhe frequentemente. Estava sempre a pensar que toda a gente falava da sua aventura. Dolorosamente sentida e de coração apertado, que assim estava sempre no meio

da multidão. Natacha continuou a andar, com o seu vestido de seda lilás guarnecido de rendas pretas, num passo tanto mais calmo e majestoso quanto maior a vergonha e o desgosto no fundo da alma, Sabia muito bem, e não se enganava, que era muito bonita; mas não sentia com isso o prazer de outrora. Pelo contrário, ultimamente o reconhecer que assim era fazia-a sofrer, sobretudo num dia como aquele, claro e quente, em plena cidade. «Mais um domingo, mais uma semana», dizia de si para consigo, lembrando-se de que ali viera no domingo anterior, «e sempre a mesma vida, que não chega a ser vida, sempre a mesma gente agradável de antigamente. Sou bonita, sou nova e agora também sei que sou bondosa; antigamente era má, mas agora não, tenho a certeza, e assim, em pura perda, vão passando os meus dias sem proveito para nada, sem proveito Para ninguém.» Ficou ao lado da mãe e cumprimentou com acenos de cabeça as pessoas conhecidas mais próximas. Como de costume, examinou os vestidos das senhoras, criticou o porte e a maneira pouco fina como uma delas fazia o sinal da cruz, e ali a dois passos, na estreita capela, pensou com despeito que diziam dela o que ela dizia das demais, mas de súbito, assim que principiou o serviço divino, sentiu-se como que assustada diante da sua própria baixeza e como que aterrada ao ver que perdera de novo a pureza de outrora.

Um velhinho, de venerável aspecto, oficiava, com a serena unção de tão apaziguadora influência na alma dos fiéis. As portas reais abriram-se; a cortina afastou-se lentamente; ouviu-se lá dentro uma voz misteriosa e doce. Lágrimas, cuja causa ela não compreendia, oprimiam Natacha, e uma impressão alegre e enervante a invadiu,

«Ensina-me o que tenho de fazer, como me devo conduzir na vida, como corrigir-me para sempre», orava ela.

O diácono subiu ao púlpito, afastou com o dedo polegar as longas madeixas que lhe saíram do stikar, e depois de ter levado a cruz ao peito leu, em alta voz e solenemente, as palavras da oração.

«Oremos em paz a Deus nosso Senhor!»

«Oremos em paz todos juntos, isto é, sem distinções de classe, sem ódios, unidos no mesmo amor fraternal», disse Natacha para si mesma.

«Oremos para que nos seja dado o reino dos Céus e a salvação das nossas almas!»

«Sim, o reino dos anjos e de todos os espíritos celestes que vivem por cima de nós», pensou ela, ao mesmo tempo.

Quando rezaram pelo exército lembrou-se do irmão e de Denissov. Quando rezaram pelos que andam sobre a terra e sobre o mar, rezou pelo príncipe André, pedindo que o Senhor lhe perdoasse o mal que lhe fizera. Quando oraram pelos entes queridos, rezou pelos seus, pelo pai, pela mãe e por Sónia, e pela primeira vez sentiu quanto era culpada

para com eles e quanto lhes queria. Quando rezaram pelos que têm ódio, procurou saber quais os seus inimigos e os que lhe queriam mal, para rezar por eles. Não achou, porém, senão os credores de seu pai e aqueles que com ele haviam questionado. E assim lhe veio à mente Anatole, que tanto mal lhe fizera, e embora o não considerasse no número dos que a odiavam, rezou por ele, satisfeita, como se de um inimigo se tratasse. Só enquanto rezava era capaz de se lembrar serenamente e sem comoção do príncipe André e de Anatole, pois os sentimentos que nesse momento sentia nada eram ao pé do seu temor e do seu amor de Deus. Quando rezaram pela família imperial e pelo Santo Sínodo, ainda se posternou mais contra o solo, persignando-se e dizendo para si mesma que, embora o não compreendesse, lhe era impossível duvidar e que, fosse como fosse, tinha de amar o Sínodo e rezar por ele.

Dita que foi a *lektenia,* o diácono fez com a estola o sinal da cruz sobre o peito e murmurou:

«Encomendemo-nos, e encomendemos as nossas vidas a Jesus Cristo Nosso Senhor!»

«Encomendemo-nos a Deus», repetiu Natacha no seu íntimo. «Deus meu, entrego-me à Tua vontade», orou ela. «Nada quero nem desejo mais. Ensina-me o que devo fazer, como hei-de empregar a minha vontade! Mas toma-me, toma-me!», murmurou ela mentalmente com exaltação e impaciência, sem se benzer, deixando cair os braços, como se esperasse que uma força invisível, naquele mesmo instante, tomasse conta dela e a libertasse de si própria, das suas mágoas, dos seus desejos, dos seus remorsos, das suas esperanças e dos seus erros.

A condessa, por várias vezes durante o ofício, relanceara os olhos ao rosto recolhido e aos olhos fulgurantes da filha e rogara a Deus que a ajudasse.

Subitamente, no meio da cerimónia, e alterando a ordem que Natacha muito bem conhecia, o sacristão trouxe um escabelo, o escabão que costumava servir para ler as orações da Santíssima Trindade, e colocou-o diante das portas reais. O sacerdote, com a sua sotaina de veludo lilás, emergiu das portas, compôs os cabelos e ajoelhou com dificuldade. Todos os fiéis repetiram o seu gesto, olhando uns para os outros com grande surpresa. Ia-se rezar a oração, recentemente emanada do Santo Sínodo, rogando a Deus a salvação da Rússia, sob a ameaça da invasão estrangeira.

«Senhor Deus todo-poderoso, Deus da nossa salvação», principiou o sacerdote nessa voz nítida, suave e sem ênfase tão característica dos eclesiásticos eslavos quando oram e que tão grande Poder exerce sobre a alma russa.

«Senhor Deus todo-poderoso, Deus da nossa salvação! Concede a Tua graça e a Tua misericórdia às Tuas humildes criaturas e ouve a nossa oração, amerceia-Te de nós e tem

piedade.

O inimigo enche de confusão a Terra e quer transformar o mundo num deserto. Este inimigo levanta-se contra nós. Homens criminosos reuniram-se para destruir o Teu bem, para arrasar a Tua fiel Jerusalém, a Tua Rússia bem-amada, para conspurcar Os Teus templos, derrubar os altares e profanar os Teus santuários. Até quando, Senhor, até quando triunfarão os pecadores?

«Senhor todo-poderoso! Escuta-nos a nós, que Te imploramos: ampara com a Tua força o nosso mui piedoso imperador autocrata Alexandre Pavlovitch. Lembra-Te da sua lealdade e da sua doçura, recompensa-o pela bondade com que ele nos protege, a nós, a Tua Israel bem-amada. Abençoa as suas decisões, as suas empresas, as suas obras. Revigora com a Tua dextra todo-poderosa o seu reino e concede-lhe a vitória sobre o inimigo, como a Moisés sobre Amalek, Gedeão sobre Madian, David sobre Golias. Protege os seus exércitos, sustém o arco de cobre debaixo do braço dos que se armaram em Teu nome e cinge-os com a Tua força para o combate. Pega nas Tuas armas e no Teu escudo e vem em nosso auxílio. Que a confusão e a vergonha caiam sobre aqueles que nos querem mal e que eles sejam diante do rosto dos Teus fiéis armados como a poeira diante do vento e que o Teu Anjo todo-poderoso os expulse e persiga. Que uma rede os envolva sem eles darem por isso e que as armadilhas que escondem sirvam para que caiam nelas. Que eles caiam aos pés dos Teus escravos e que eles sejam esmagados pelos Teus exércitos, Senhor! Tens o poder que salva grandes e pequenos. Tu és Deus e o homem nada pode contra Ti.

«Deus de nossos pais! Lembra-Te da Tua generosidade e da Tua graça, que são etcrnas. Não nos afastes da Tua presença, não Te apartes das nossas iniquidades, mas, na grandeza da Tua bondade e na imensidade da Tua misericórdia, esquece os nossos crimes e os nossos pecados. Edifica em nós um coração puro e renova no nosso seio um espírito recto. Fortalece-nos a todos na nossa fé em Ti, revigora a nossa esperança, inspira-nos um verdadeiro amor ao próximo, une-nos a todos para a defesa legítima do património que Tu nos deste, a nós e a nossos pais, e que o ceptro dos ímpios se não eleve sobre a terra daqueles a quem abençoaste.

«Senhor nosso Deus, em quem nós cremos e em quem temos firme confiança, não desiludas a nossa esperança na Tua graça c, faz um milagre para nosso bem. Que o vejam aqueles que nos odeiam, a nós e à nossa fé ortodoxa, e que eles sejam confundidos e que pereçam e que todas as nações saibam que o Teu nome é Senhor e que nós somos Teus filhos. Revela-nos, Senhor, hoje mesmo, a Tua misericórdia e concede-nos a Tua salvação. Regozija o coração dos Teus escravos com a Tua graça. Fulmina os nossos inimigos e aniquila-os debaixo dos pés dos Teus fiéis. És o apoio, és o socorro e a vitória dos que

confiam em Ti. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, agora e por todos os séculos dos séculos. Amen.»

No estado impressionante em que se encontrava, Natacha sentiu-se profundamente abalada por esta oração. Escutando as palavras referentes à vitória de Moisés sobre Amalek, de Gedeão sobre Madian, de David sobre Golias e à ruína de Jerusalém, rezava com toda a doçura e toda a ternura do seu coração. Contudo, não compreendia lá muito bem o que estava a rogar a Deus.

Com toda a sua alma pedia que se lhe purificasse o espírito, que se lhe fortalecesse o coração com a fé e a esperança e que nela reinasse o amor. Era-lhe impossível, porém, orar para que os seus inimigos fossem esmagados quando minutos antes desejara ter ainda mais inimigos para por eles poder rezar. No entanto, não podia duvidar da justiça da oração que se rezara de joelhos. No fundo do seu coração sentia um terror pleno de reconhecimento ao pensar no castigo que fulmina os pecadores e sobretudo no castigo a que a expunham os seus próprios pecados e pediu a Deus que lhes perdoasse a eles e a ela própria e que lhes concedesse a todos, igualmente, o descanso e a felicidade nesta vida. E parecia-lhe que Deus ouvia a sua oração.

Capítulo XIX

Desde o dia em que Pedro, ao sair de casa dos Rostov sob a impressão do olhar reconhecido de Natacha, contemplara o cometa e sentira como que desvendar-se-lhe um novo horizonte, deixara de ser atormentado pelo etcrno problema da vaidade e da loucura de tudo quanto existe à face da Terra. A terrível pergunta: «Porquê? Para quê?», que outrora vinha associar-se às suas ocupações, achava-se substituída não por qualquer outra pergunta ou por qualquer solução, mas pela imagem que guardara dela. Quando escutava ou falava de coisas insignificantes, quando lia ou se inteirava de qualquer baixeza ou loucura humana, não se horrorizava como antigamente. Não estava sempre a perguntar-se a si próprio porque se agitam tanto os homens quando a vida é tão curta e depois os espera o desconhecido. Bastava evocá-la, no aspecto em que a vira pela última vez, e todas as suas dúvidas desapareciam, e não era porque ela desse resposta a estas perguntas, mas porque a sua imagem o transportava num instante a uma região luminosa da alma onde não podia haver nem justos nem culpados, à região da beleza e do amor, as únicas razões pelas quais vale a pena viver. Fossem quais fossem as misérias morais que a existência lhe oferecia, para si mesmo Pedro murmurava:

«Que me importa a mim que fulano roube o Estado e o czar e que o Estado e o czar o tenham cumulado de honrarias? Ontem ela sorriu-me e pediu-me que a fosse ver e eu amo-a e ninguém o saberá jamais.» E a alma de Pedro ganhava a serenidade e a paz.

Pedro continuava a frequentar a sociedade, a beber muito, a levar a mesma vida ociosa e dissipada, pois, não falando nas horas que passava em casa dos Rostov, as demais tinha ele de as preencher de qualquer maneira. Os seus hábitos e as suas relações arrastavam-no vitoriosamente para aquela vida que o absorvia.

Mas ultimamente, quando principiaram a chegar do campo de batalha notícias cada vez mais alarmantes, quando a saúde de Natacha principiou a restabelecer-se e deixou de lhe inspirar aquele antigo sentimento de compaixão, uma vaga inquietação, cada vez mais inexplicável a seus olhos, se apoderou dele. Pressentia que a vida que levava não podia durar muito, que uma catástrofe se preparava que transformaria toda a sua existência, e ei-lo a espiar com impaciência os sinais anunciadores. Um dos pedreiros-livres seu irmão desvendara-lhe a profecia seguinte, referente a Bonaparte, extraída do Apocalipse de S.

João.

No capítulo XIII do *Apocalipse,* versículo 18, diz-se: «Aqui está a sabedoria. Aquele que tem entendimento conte o número da besta; porque é número de homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis.»

No mesmo capítulo, versículo 5: «E deu-se-lhe a boca para falar grandezas e blasfémias: e deu-se-lhe poder para assim o fazer quarenta e dois meses.»

As letras do alfabeto francês, iguais às do hebraico, podem exprimir-se por meio de algarismos, e atribuindo as dez primeiras letras o valor das unidades e o das dezenas às restantes, o seu valor numérico é o seguinte:

a	*b*	*e*	*d*	*e*	*f*	*g*	*h*	*i*	*j*	*k*
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	20
l	*m*	*n*	*o*	*p*	*q*	*r*	*s*	*t*	*u*	*v*
30	40	50	60	70	80	90	100	110	120	130
x	*y*	*z*								
140	150	160								

Utilizando este alfabeto cifrado, as palavras *l'empereur Napoléon* correspondem, pelas suas letras, a uns números que, somados, davam o resultado 666. E aí estava como Napoleão era a, besta de que falava o Apocalipse. Além disso, ao escrever-se, com esse alfabeto, as palavras *quarante-deux,* isto é, o limite que fora assinalado à besta para «falar grandezas e blasfémias», a soma das cifras obtidas era de novo igual a 666. Resultava, pois, que o poder de Napoleão teria o seu termo em 1812, data em que o imperador faria quarenta e dois anos. Esta profecia impressionara muito Pedro, que frequentemente perguntava a si próprio quem acabaria com o poder da besta, isto é, de Napoleão, e, graças à mesma representação das letras por algarismos e mercê dos mesmos cálculos, deu-se a procurar uma resposta para a interrogação. Escreveu como resposta a essa pergunta: *«O Imperador Alexandre? A nação russa?»* Calculou as letras, mas a soma era maior que 666. Unia vez em que estava entregue a estes cálculos escreveu: «*Comte Pierre Bésouhoff»,* mas não conseguiu obter o resultado desejado. Alterou a grafia e pós um z no lugar do s, acrescentou a preposição de, o artigo le, mas também sem conseguir o resultado que esperava. Então ocorreu-lhe que, se a resposta à pergunta estivesse no seu nome, seria naturalmente necessário mencionar a nacionalidade. Escreveu então: *«le russe Bésouhoff»* e adicionando os algarismos obteve como resultado 671. Sobravam apenas cinco letras, e o cinco representava a letra e, a mesma letra e que em francês se suprime do artigo da palavra

l'empereur. Suprimindo este e, não obstante resultar um erro, escreveu *«le russe Bésouhoff»,* isto é, precisamente 666. Esta descoberta perturbou-o. Como estava ele relacionado com aquele acontecimento previsto pelo *Apocalipse*? Eis o que a si próprio não sabia explicar. Mas não hesitou um momento. O amor por Natacha Rostov, o Anticristo, a invasão de Napoleão, o cometa, o número 666, «*l'empereur Napoléon»* e *«l'russe Besouhoff»,* todo aquele conjunto de factos misteriosos devia amadurecer, tinha de acabar por explodir, impelindo-o para fora do círculo vicioso dos hábitos mundanos moscovitas de que se sentia prisioneiro, e levando-o, por fim, a realizar um acto heróico e- a alcançar uma grande felicidade.

Na véspera daquele domingo em que fora lida a oração, Pedro prometera trazer aos Rostov a proclamação do imperador e as últimas novas sobre o que se passava no exército, que procuraria obter junto do conde Rostoptchine, com quem estava em boas relações. Na manhã em que se apresentou em casa deste encontrou ali um correio que acabava de chegar do exército. Este correio era um dos melhores dançarinos dos bailes de Moscovo, e, conhecido seu.

- Não quererá ajudar-me? - disse-lhe o correio - Trago uma mala cheia de cartas para pessoas de família.

Entre essas cartas havia uma de Nicolau Rostov dirigida ao pai. Pedro tomou conta dela. Por seu lado, o conde Rostoptchine entregou-lhe a proclamação do imperador ao povo de Moscovo, que acabava de receber, as últimas ordens do exército e o último apelo por ele redigido. Ao percorrer as ordens do exército, Pedro descobriu, na lista dos, mortos, dos feridos e dos agraciados, o nome de Nicolau Rostov, que fora condecorado com a cruz de S. Jorge, de 4ª classe, pelo acto de bravura que cometera em Ostrovno, e na mesma ordem do exército a nomeação de André Bolkonski para comandante de um regimento de caçadores. Embora não lhe parecesse muito agradável lembrar aos Rostov o nome de Bolkonski, não quis deixar de lhes comunicar a boa nova da distinção concedida, e, resolvendo ser ele próprio a levar-lhes as outras ordens do exército, a proclamação e o apelo, à hora do jantar, tratou de lhes mandar imediatamente a relação impressa e a carta.

A conversa que teve com o conde Rostopchine, o ar inquieto e azafamado deste, o encontro com o correio e as más novas do exército que o último lhe comunicara despreocupadamente, o boato que corria segundo o qual se haviam descoberto espiões em Moscovo encarregados de distribuir panfletos em que se dizia que Napoleão prometera ocupar as duas capitais antes do Outono e as conversações sobre a chegada do imperador, esperado no dia seguinte, tudo concorria para agravar a agitação e a inquietação em que andava Pedro desde a aparição do cometa, e sobretudo depois do começo da guerra.

Havia muito que lhe ocorrera a ideia de alistar-se no exército, e já o teria feito se, por um lado, não pertencesse à sociedade maçónica, a que estava ligado por um juramento, e a qual pregava a paz perpétua e a abolição das guerras, e, por outro, não tivesse visto como avultado número de moscovitas vestia o uniforme militar com grande alarde de patriotismo, coisa que, sem que ele soubesse muito bem porquê, o fazia sentir-se um pouco envergonhado de dar esse passo. A causa principal do seu retraimento, no entanto, era aquela vaga convicção de ser ele *«l'russe Bésouhoff»,* quem representava o número 666, e de que a sua participação na grande obra de destruição do poder da besta estava decidida desde toda a etcrnidade, facto que o levava a pensar, por conseguinte, não dever tomar por si próprio qualquer resolução, mas esperar pelo que fatalmente tinha de acontecer.

Capítulo XX

Em casa dos Rostov, como era costume todos os domingos, havia algumas pessoas íntimas a jantar.

Pedro chegou mais cedo para encontrar a família só. Engordara tanto nesse ano que, se não fosse a sua grande estatura, estaria disforme. Os seus largos ombros e a sua grande robustez aguentavam perfeitamente aquela obesidade.

Subiu as escadas resfolgando e murmurando qualquer coisa entre dentes. O cocheiro não lhe perguntara se devia esperar; sabia muito bem que teria de aguardar até à meia-noite. Os lacaios de Rostov haviam-se precipitado para o ajudar a despir o casacão e tomarem conta do chapéu e da bengala. Deixava-os sempre no vestíbulo, como costumava fazer no clube.

A primeira pessoa que ele avistou foi Natacha, Ouvira-a mesmo antes de a ver quando despia o casacão ira antecâmara. Dava-se a exercícios de solfejo no salão, como Pedro sabia que ela não voltara a cantar desde que adoecera, o som da sua voz foi para ele uma surpresa muito agradável. Entreabriu a porta de mansinho e viu-a com o seu vestido lilás, o que levara à missa, andar de um lado para o outro cantando. Estava de costas quando ele abriu a porta, mas, tendo-se voltado bruscamente, descobriu, assombrada, a sua espessa figura, Corando muito, correu para ele.

- Estou com vontade de cantar outra vez - disse ela. - Ajuda-me a passar o tempo - acrescentou, como que a desculpar-se.

- Muito bem.

- Estou muito contente por ter vindo! Sinto-me hoje tão feliz! - continuou com a mesma animação de outrora, animação que Pedro lhe não via há muito. - Sabe? O Nicolau teve a cruz de S. Jorge! Estou cheia de orgulho por ele!

- Sim, bem sei, fui eu quem mandou a ordem do exército. Mas não a quero importunar- acrescentou, dispondo-se a passar ao salão contíguo.

Natacha deteve-o.

- Conde! Acha que faço mal em cantar? - disse, corando, enquanto o interrogava com os olhos.

- Mas... porquê? Pelo contrário... Porque me pergunta isso?

- Não sei - replicou ela precipitadamente. - Não gostava de fazer fosse o que fosse que lhe desagradasse. Tenho tanta confiança em si! Nem calcula a importância que tem para mim e o bem que me tem feito!- prosseguiu ela, no mesmo tom, sem reparar que Pedro ia corando à medida que ela falava.- Ah!, também vi nessa mesma ordem do exército que ele está na Rússia, ele, Bolkonski - pronunciou o nome em voz baixa e precipitadamente -, e que voltou para o exército. Que acha? Crê que virá a Perdoar-me? - acrescentou, em voz sumida, como se receasse que as forças lhe faltassem antes de acabar a frase. - Acha que ficará para sempre zangado comigo? Diga. Que lhe parece?

- Acho... - volveu Pedro - que nada tem a perdoar-lhe... E se eu estivesse no lugar dele...

Por associação de ideias, transportara-se, subitamente, ao momento em que, para consolá-la, lhe dissera que se estivesse livre lhe pediria de joelhos que se casasse com ele, e os mesmos sentimentos de piedade, de ternura, de amor lhe encheram o coração e as mesmas palavras de então lhe vieram aos lábios. Natacha, porem, não lhe deu tempo de pronunciá-las.

- Oh, o Pedro... o Pedro... - articulou a palavra com exaltação - o Pedro é muito diferente. Ninguém conheço melhor, mais generoso, mais nobre e não pode haver outro. Se o não tivesse a meu lado então, e agora mesmo, não sei o que teria sido de mim, pois...

De súbito encheram-se-lhe os olhos de lágrimas. Voltou a cabeça para o lado, ergueu o caderno de música para esconder a emoção que a tomava e pôs-se a cantar, passeando na sala de um lado para o outro.

Nessa altura Pétia entrou no salão.

Era um rapazinho de quinze anos, fresco e rosado, com grossos lábios vermelhos, que se parecia com Natacha. Estava a preparar-se para entrar na universidade, mas ultimamente, tanto ele como o seu camarada Obolenski, congeminavam, às escondidas, fazer-se hússares.

Pétia precipitou-se a falar do problema ao seu homónimo. Pediu-lhe que se informasse se o aceitariam no corpo de hússares.

Mas Pedro, sem o ouvir, continuava a andar de cá para lá. Pétia travou-lhe do braço para lhe chamar a atenção.

- Então, como vão as minhas coisas, Pedro Kirilovitch? Por amor de Deus! É a minha única esperança! - exclamou Pétia.

- Ah, sim! O teu caso? Os hússares? Hei-de falar nisso, hei-de falar nisso. Hoje, sem falta.

- Então, meu caro, então! Arranjou a proclamação? - disse-lhe o velho conde assim

que o viu. - A condessa foi à missa, à capela dos Razumovski. Rezaram uma nova oração. Parece que é muito bonita. Ela assim o diz.

- Sim, arranjei - redarguiu Pedro - O imperador chega amanhã... Haverá uma reunião extraordinária da nobreza e faia-se num recrutamento de dez por cada mil homens. E os meus parabéns!

- É verdade, é verdade! Louvado seja Deus! E do exército, que notícias há?

- Os nossos recuaram outra vez. Estão já nas proximidades de Smolensk, segundo se diz - replicou Pedro.

- Meu Deus, meu Deus! - exclamou o conde. - E onde é que tem a proclamação?

- A proclamação! Ah!, sim!

Pedro pôs-se a mexer nos bolsos e não pôde dar com ela. Sempre revolvendo as algibeiras, ia beijando a mão à condessa, que entretanto penetrara na sala, e lançando olhares inquietos à sua roda, preocupado com Natacha, que deixara de cantar e não aparecia.

- *Ora que isto, não sei onde a meti* - disse ele.

- Perde tudo! - murmurou a condessa.

Natacha entrou nessa altura na sala com um ar enternecido e emocionado e sentou-se, sem dizer palavra, a olhar para Pedro. Ao vê-la na sala, o rosto deste, triste até então, iluminou-se de súbito, e, continuando nas suas pesquisas, olhava-a de vez em quando.

- Eu vou procurá-la. Devo tê-la deixado em casa. Com certeza...

- Vai chegar tarde para o jantar.

- É verdade, e o cocheiro foi-se embora.

Mas Sónia, que fora procurar os papéis ao vestíbulo, encontrara-os no chapéu de Pedro, onde ele os guardara cuidadosamente debaixo da vira, Pedro ia principiar a ler.

- Não, depois do jantar - atalhou o velho conde, que se preparava para apreciar devidamente a leitura.

Durante o jantar, em que se bebeu champanhe à saúde do novo cavaleiro de S. Jorge, Chinchine contou o que se dizia na cidade: falou na doença da velha princesa georgiana, no desaparecimento de Métivier, na história de um alemão que fora conduzido à presença de Rostoptchine, a quem disseram que se tratava de um *champignon,* mas que, como o próprio Rostoptchine contara, mandara soltar dizendo que não era um *champignon* francês, mas apenas um velho cogumelo alemão.

- Sim, sim, deitam-lhes a mão, deitam-lhes a mão – disse o conde -, e já tenho dito muitas vezes à condessa que não fale francês. Não é momento para isso.

- E querem saber? - voltou Chinchine. - O príncipe Galitzine contratou um preceptor

russo, está a aprender russo. *Começa a ser perigoso falar francês pelas ruas.*

- Então, Pedro Kirilovitch, quando recrutarem a milícia, lá verei a cavalo - disse o velho conde.

Pedro estivera silencioso e pensativo durante toda a refeição. Fitou o conde, que o interpelava, sem parecer tê-lo compreendido.

- Sim, sim, a guerra! - exclamou ele. - E eu, que belo guerreiro! De resto, é tudo tão estranho! Realmente não percebo coisa alguma. Não sei, sou um homem com muito pouca propensão para a guerra, mas nos tempos que correm ninguém pode responder por si.

Depois do jantar, o conde instalou-se tranquilamente numa poltrona, e, com grave semblante, pediu a Sónia, que tinha fama de pronunciar muito bem, que lesse a proclamação.

«Dada em Moscovo, a nossa primeira capital.

*«O inimigo atravessou com forças consideráveis as fronteiras da Rússia. Vem assolar a nossa pátria bem-amada», l*eu Sónia, meticulosamente, com a sua vozita fina. O conde ouvia-a de olhos fechados, suspirando de vez em quando em certos passos. Natacha, na sua cadeira, muito atenta, ia fixando, escrutadoramente, ora o pai ora Pedro. Este, sentindo que ela o olhava, evitava voltar-se para o seu lado. A condessa, sempre que havia uma frase solene na proclamação, abanava a cabeça num ar descontente e desaprovador. Em tudo aquilo via apenas que os perigos que ameaçavam o filho estavam longe de acabar. Chinchine, a boca franzida num sorriso trocista, preparava-se evidentemente para aproveitar todas as oportunidades que se lhe oferecessem para fazer espírito, quer a propósito da leitura de Sónia, quer do que o conde diria, quer ainda da própria proclamação, à falta de qualquer outro pretexto.

Depois de ter lido os passos relativos aos perigos que ameaçavam a Rússia, às esperanças que o imperador depositava em Moscovo e sobretudo na sua gloriosa nobreza, Sónia, em voz trémula, principalmente por virtude da atenção que lhe prestavam, chegou ao fim:

«Não tarda que nós próprios nos encontremos entre o nosso povo nesta capital e em outros locais do nosso Império, prontos a deliberar e a guiar todas as nossas milícias, tanto as que actualmente cortam o passo ao inimigo como as que se vão formar para combatê-lo onde quer que ele se encontre. Que a perdição em que ele quer precipitar-nos recaia sobre a sua própria cabeça e que a Europa, liberta da escravidão, glorifique o nome da Rússia!»

- Muito bem! - exclamou o conde, entreabrindo os olhos humedecidos e fungando por várias vezes, como se lhe dessem sais a cheirar. E acrescentou: - Basta uma palavra do imperador, e estamos prontos a tudo sacrificar, sem poupar nada.

Ainda Chinchine não tinha tido oportunidade de proferir o seu gracejo sobre o patriotismo do conde quando Natacha correu para o pai.

- Que pai encantador eu tenho! - exclamou ela, beijando-o, e ao mesmo tempo relanceava de novo um olhar a Pedro com uma galanteria inconsciente, que acordava nela ao mesmo tempo que a alegria.

- Isto é que é uma patriota! - disse Chinchine.

- Não sou patriota, sou apenas... - ripostou Natacha, ofendida. - Ri-se de tudo, mas isto não é para rir...

- Que há nisto que dê vontade de rir...? - observou o conde. - Basta uma palavra sua, e todos nós nos levantaremos... Nós não somos como os Alemães...

- Repararam que a proclamação diz: «prontos a deliberar»?

- Ou seja para isso ou para qualquer outra coisa.

Nesse momento Pétia, a quem ninguém prestava atenção, aproximou-se do pai, e, muito corado, numa voz entrecortada, ora vibrante ora quase surda, disse-lhe:

- Pois bem, pai, dir-lhe-ei agora, e a si também, minha mãe, se assim o querem; digo-lhes: deixem-me ingressar no exército, porque não posso mais... e é tudo...

A condessa, aterrorizada, elevou os olhos, apertou as mãos uma na outra e disse para o marido:

- Aqui tens! Foi isto o que tu conseguiste!

Mas o conde imediatamente baixou o calor do seu entusiasmo.

- Bom, bom - disse ele. - Olhem para este guerreiro. Não digas tolices! Trata mas é de ir para a escola.

- Não são tolices, pai. Obolenski Fédia é mais novo do que eu e também vai para a guerra. Além disso, por mais que faça, não sou capaz de estudar agora, que... - Pétia calou-se, corando até às meninas dos olhos, e concluiu: - a pátria está em perigo.

- Basta, basta! Deixa-te de disparates...

Mas o pai ainda agora disse que estava pronto a sacrificar tudo.

- Pétia! Já te disse que te calasses! - gritou o conde, trocando um olhar com a mulher, a qual, muito pálida, não retirava Os olhos do seu filho mais novo.

- E vou dizer-lhe... Pedro Kirilovitch lhe dirá...

- Já disse, são disparates. Ainda ontem era um menino de mama e já hoje quer ser soldado. Bem, bem, já te disse o que tinha a dizer-te.

E o conde, pegando na proclamação, naturalmente para voltar a lê-la no seu gabinete, antes de ir para a cama, dispunha-se sair.

- Pedro Kirilovitch - disse ele -, venha fumar um cigarro...

Pedro estava muito perturbado e indeciso. Sentia postos nele a todo o momento os olhos brilhantes e animados de Natacha, com uma insistência que não era apenas amabilidade.

- Não. Parece-me que vou para casa...

- Que diz? Para casa? Mas o senhor vinha passar a noite connosco... Vem poucas vezes a nossa casa. E esta... - continuou o conde, bonacheirão, apontando para Natacha - esta só parece alegre na sua presença.

- Sim, mas esqueci-me... Tenho de voltar a casa sem falta... Uns assuntos... - replicou Pedro, pressuroso.

- Bem, então adeus - disse o conde, retirando-se.

- Porque se vai embora? Porque está tão perturbado? Porquê? - perguntou-lhe Natacha, fitando-o provocadoramente nos olhos.

«Porque te amo!», teria ele desejado dizer, mas não abriu a boca e corou até à raiz dos cabelos, baixando a vista.

- Porque seria melhor para mim visitá-los menos vezes... Porque... Não, seriamente, é porque tenho uns assuntos...

- Porquê? Diga-me porquê... - teimou Natacha, num tom decidido. De repente, porém, calou-se.

Os dois entreolharam- se, receosos e confusos. Pedro procurou sorrir, mas não pôde. No seu esgar havia sofrimento. Beijou a mão de Natacha em silêncio e desapareceu.

Pedro decidiu não voltar a casa dos Rostov.

Capítulo XXI

Pétia, depois de tão formal negativa do pai, fechou-se no quarto e chorou amargamente. Todos fingiram não dar por coisa alguma quando ele apareceu para o chá, triste e calado, com os olhos todos vermelhos.

No dia seguinte chegava o imperador. Alguns dos criados de Rostov pediram licença para assistir à chegada do czar. Naquela manhã Pétia levou muito tempo a vestir-se e a pentear-se e pôs um colarinho de homem. Franzia as sobrancelhas diante do espelho, esboçava grandes gestos, encolhia os ombros. Finalmente, sem dizer nada a ninguém, pôs o chapéu e saiu pela porta de serviço, procurando não ser visto. Decidira ir directamente ao local onde estivesse o imperador e explicar a um dos camaristas - pensava que o imperador andava sempre rodeado de uma nuvem de camaristas - ser o conde Rostov e que, não obstante muito novo, era seu desejo servir a pátria, e que a sua pouca idade não podia ser obstáculo quando se tratava de uma coisa assim e que estava disposto... Preparara uma série de lindos discursos para recitar ao dito camarista.

Pétia contava ser bem sucedido ao apresentar-se ao imperador precisamente porque era uma criança - pensava, inclusivamente, assombrar toda a gente com a sua juventude -, e, no entanto, na maneira como arranjara o colarinho, na forma como se penteara, no seu andar grave e moderado, procurava dar a impressão de ser um homem feito, A medida, porém, que ia avançando, mais distraído se mostrava com a multidão que afluía ao Kremlin, esquecendo-se de manter o ar grave que convinha. Ao aproximar-se do palácio, tratou de não deixar que a multidão o arrastasse e pôs-se a distribuir empurrões para a direita e para a esquerda, com ar ameaçador. Na porta da Trindade, apesar de toda a sua energia, a multidão, que provavelmente ignorava as suas intenções patrióticas, de tal modo o comprimiu de encontro à muralha que ele não teve outro remédio senão ficar ali parado espera que as carruagens que passavam sob o arco, estrondeando, houvessem desfilado. Ao pé dele estava uma mulher do povo, um lacaio, dois negociantes e um soldado reformado. Depois de algum tempo imobilizado, Pétia, sem esperar que desfilassem todas as carruagens, quis passar adiante dos demais e resolveu abrir caminho à força de cotovelos. Porém a mulher que estava a seu lado, a primeira pessoa a ser acotovelada, interpelou-o, colérica:

- Que é lá isso, senhorito? Não vê que estão todos à espera? Onde vai com essa pressa?

- Assim todos nós podíamos caminhar - corroborou o lacaio, que, servindo-se também dos seus cotovelos, o empurrou de encontro a um malcheiroso recanto da porta.

Pétia passou a mão pela cara coberta de suor e deu um jeito ao colarinho todo amarrotado que com tanto esmero pusera, à imitação das pessoas crescidas.

Reconhecia já não estar com aspecto decente e que se se apresentasse ao camarista não o deixariam aproximar-se do imperador. Mas recompor-se e sair daquele labirinto não lhe era possível. A certa altura viu passar um general conhecido da família. Pensou pedir-lhe que o ajudasse, mas logo reconsiderou, achando que isso não era atitude digna de um homem como ele. Assim que acabaram de desfilar as carruagens, a multidão precipitou-se c, arrastou-o consigo até à praça, coalhada de povo. Havia gente Por todos os lados, até em cima dos telhados, Assim que desembocou na praça ouviu distintamente o repicar dos sinos que enchia todo o Kremlin e o burburinho da turba-multa. De súbito abriu-se uma clareira entre a multidão, todas as cabeças se descobriram e mais uma vez toda a gente se lançou para diante. Pétia, esmagado pela multidão, mal podia respirar. Todos gritavam: «Hurra! Hurra! Hurra!» O pequeno erguera-se na ponta dos pés, empurrava os vizinhos, agarrava-se a eles, mas nada mais podia ver além da multidão que o cercava.

Em todos os rostos havia o mesmo entusiasmo e o mesmo carinho.

Uma vendedeira, a seu lado, rompeu em soluços, e as lágrimas caíam-lhe pela cara.

- Paizinho, meu anjo, meu paizinho! - balbuciava ela, enxugando as lágrimas com as mãos.

«Hurra!», continuava a ouvir-se por todos os lados.

Por momentos, a multidão imobilizou-se, e de novo se lançou para a frente.

Pétia sem dar conta do que fazia, de dentes cerrados e os olhos esbugalhados, precipitou-se também, distribuindo socos e gritando: «Hurra!» Dir-se-ia que naquele momento estava pronto a matar os outros e a matar-se a si. A seu lado, pessoas com expresses idênticas e igualmente selvagens, soltavam os mesmos clamores.

«Finalmente, lá está o imperador!», pensava ele. «Ah!, mas como apresentar-lhe a minha petição? Seria um atrevimento!» Nem por isso deixava contudo de furar a multidão desesperadamente, e por cima dos ombros dos que iam diante dele pôde ver um espaço livre com uma passadeira encarnada. No mesmo momento, porém, a multidão recuou, pois os polícias que estavam na frente tinham repelido os que haviam chegado perto de mais do cortejo na altura em que o imperador, vindo do palácio, entrava na catedral de Uspenki. Foi então que Pétia recebeu de repente uma grande pancada na cabeça e se sentiu de tal modo

esmagado pela multidão que a vista lhe toldou e caiu sem sentidos. Quando voltou a si, um dignitário da igreja, com um rabicho de cabelos brancos na nuca, vestindo uma sotaina azul desbotada, naturalmente um sacristão, amparava-o com uma mão por debaixo de um braço, enquanto com a outra o protegia da vaga da multidão.

- Iam matando este rapazinho! - clamava o sacristão. - Não vêem?... Cuidado!... Está esmagado, esmagado!

O imperador entrava na catedral. A multidão apaziguou-se outra vez e o sacristão levou consigo Pétia, muito pálido, mal podendo respirar, até ao pé do rei dos canhões. Várias pessoas se compadeceram de Pétia e a multidão refluiu, de súbito, direita a ele, comprimindo-se à sua volta. Os que estavam mais .perto desapertaram-lhe o fato, obrigaram-no a sentar-se no pedestal do canhão, manifestando a sua revolta contra os que o haviam Posto em tal estado.

«Podiam tê-lo liquidado! Sempre te digo! É um crime! Olhem para ele, pobre miúdo, está branco como a cal da parede!» murmurava-se na turba.

Não tardou que Pétia voltasse completamente a si. As faces tornaram a ficar coradas, a dor passou e graças a esta passageira indisposição pôde conseguir um bom lugar em cima do canhão, donde esperava poder ver agora perfeitamente o imperador no seu regresso da catedral. Não pensava mais, porém, na sua petição. Vê-lo que fosse já era uma grande felicidade.

Durante a cerimónia na catedral, em que se celebrava um serviço de acção de graças pelo regresso do imperador e outro pela conclusão da paz com os Turcos, a multidão dispersou-se. Apareceram então os vendedores de *kvass,* de rosquilhas de amêndoa e de sementes de papoula, de que Pétia gostava muito; soltavam os seus pregões enquanto a multidão tagarelava. Uma vendedeira expunha o xale rasgado e dizia quanto lhe custara, outra garantia estarem as sedas por um preço doido. O sacristão que salvara Pétia falava com um funcionário sobre as personalidades que oficiavam com Sua Eminência. Por várias vezes pronunciou a palavra «concílio», cuja significação Pétia ignorava. Dois comerciantes novos chalaceavam com duas moças que rilhavam nozes. Todas estas conversas, principalmente a dos rapazotes com as moças, coisa própria para o interessar na sua idade, não lhe despertavam a mais pequena curiosidade naquele momento. Ali estava empoleirado no pedestal do canhão, comovidíssimo, a pensar no imperador e no amor que lhe tinha. E a dor e o medo que experimentara quando se vira por terra, juntos ao entusiasmo que sentia, ainda lhe tornavam mais memorável aquela hora solene.

De repente estrondearam tiros de canhão ao longo do cais - eram salvas para comemorar a paz com os Turcos -, e a multidão arrojou-se em peso para aquele lado na

esperança de desfrutar o novo espectáculo. Pétia quis fazer o mesmo, mas o sacristão, que o tomara à sua guarda, não consentiu. Ainda as salvas não tinham cessado quando saíram apressadamente da catedral oficiais, generais, camareiros, e atrás deles outra gente que caminhava menos apressada, Todos os presentes se desbarretaram e a multidão que ocorrera ao cais de novo afluiu àquele lado da praça. Finalmente quatro senhores de uniforme de gala apareceram à porta. «Hurra! Hurra!», gritou a multidão,

«Qual é? Qual é?», perguntava Pétia com lágrimas na voz, mas ninguém lhe respondia. Toda a gente estava embasbacada com o espectáculo. E, escolhendo ao acaso uma das quatro personagens que mal podia distinguir através das lágrimas de alegria que lhe inundavam os olhos, foi a ela que consagrou todo o seu entusiasmo. Gritou «Hurra!», numa voz arrebatada, e ali mesmo resolveu definitivamente, custasse o que custasse, que a partir do dia seguinte seria soldado.

A turba correu atrás do imperador, acompanhando-o até ao palácio e em seguida dispersou, Era tarde, e Pétia, em jejum, sentia-se alagado de suor, que lhe gotejava da testa. Não saía, porém, de ao pé dos basbaques, cada vez mais raros, mas ainda muitos nessa altura. Enquanto durou o banquete do imperador deixou-se ficar diante do palácio, a olhar para as janelas, sempre à espera de um acontecimento qualquer, e cheio de inveja, ao mesmo tempo, quer dos dignitários que chegavam para tomar parte no jantar, quer dos lacaios que serviam à mesa e que se viam através das janelas.

Durante o banquete, Valuiev, lançando um olhar para a rua, disse:

- O povo ainda espera tornar a ver Vossa Majestade.

O jantar estava no fim, o imperador levantou-se, a trincar ainda um biscoito, e apareceu à varanda.

«Nosso anjo! Nosso pai! Hurra! Nosso pai!...», gritava a multidão, e Pétia com ela. E de novo as mulheres e alguns homens também, mais discretamente, em cujo número se contava Pétia, choraram lágrimas de alegria.

Um pedaço de biscoito que o imperador tinha na mão caiu sobre o parapeito da varanda e daí para a rua. Um cocheiro, de avental, que estava mais perto, precipitou-se para apanhá-lo. Os que se encontravam nas imediações lançaram-se sobre ele. Vendo o que, o czar mandou lhe trouxessem o prato dos biscoitos e despejou-o do alto da varanda. Os olhos de Pétia injectaram-se de sangue. O perigo de ser pisado ainda mais o excitava, e precipitou-se. Não sabia porquê, mas sentia que precisava absolutamente de um dos biscoitos arrojados pela mão do imperador e por nada deste mundo teria desistido do seu intento. Na sua carreira atirou ao chão uma velha que ia deitar a mão a um deles, a qual se não deu por vencida, embora de joelhos em terra. Tinha, porém, o braço muito curto. Pétia

deu-lhe uma joelhada, apanhou o biscoito, e, para não ficar atrás dos outros, gritou de novo: «Hurra!», mas desta vez numa voz rouca.

O imperador recolheu-se e então a maior parte do povo dispersou.

«Eu bem te disse que era bom esperar. Aqui tens, conseguimos vê-lo!», dizia-se, alegremente, no meio da multidão.

Apesar da alegria que experimentava, Pétia não estava satisfeito por voltar para casa; o prazer daquela jornada findara para ele. Por isso, em vez de regressar ao lar, dirigiu-se a casa do seu camarada Obolenski, que tinha quinze anos e ia ingressar no exército. Quando voltou a casa, Pétia declarou resoluto que fugiria se o não deixassem alistar-se. E no dia seguinte, embora sem ter dado ainda a sua autorização formal, o conde Ilia Andreitch foi informar-se de qual seria a melhor maneira de alistar o filho sem o expor demasiado.

Capítulo XXII

No dia 15, de manhã, três dias depois dos acontecimentos relatados, grande número de carruagens estacionava diante do Palácio Slobotski.

Os salões estavam cheios de gente. No primeiro havia nobres envergando os seus uniformes; no outro, comerciantes de grandes barbas, com as suas condecorações e os seus cafetãs azuis.

Na sala da nobreza tudo era bulício e agitação. Diante de uma grande mesa, sob o retrato do imperador, em cadeiras de alto espaldar, sentavam-se as personalidades mais importantes, mas a maior parte das pessoas deambulava pela sala.

Toda esta fidalguia, a mesma gente que Pedro encontrava todos os dias no clube ou a quem visitava, vestia uniformes de épocas diferentes, do tempo de Catarina, de Paulo, de Alexandre, ou então a farda vulgar da nobreza. Mas esses uniformes, no fundo bastante parecidos, davam um aspecto estranho e fantástico a essas figuras, jovens ou idosas, tão diferentes e ao mesmo tempo tão conhecidas. Os mais extraordinários eram os velhos: desdentados, calvos, meio cegos, cobertos de uma gordura amarelenta ou então magros e rugosos. A maior parte permanecia sentada, sem dizer palavra, e, se alguns se levantavam para conversar, iam instalar-se ao pé dos mais novos.

À semelhança do que acontecia com os rostos da multidão estacionada na praça em que estivera Pétia, também na expressão desta gente se reflectiam as mais variadas preocupações: a expectativa de um acontecimento memorável ou a recordação do facto mais banal da vida, uma partida de boston, um bom jantar preparado pelo cozinheiro Petrushka, a boa saúde de Zenaida Dmitrievna e coisas do mesmo teor.

Desde manhã muito cedo que Pedro, que a custo se enfiara no seu uniforme de fidalgo, muito apertado, se encontrava na sala. Uma grande emoção o dominava. Esta reunião extraordinária, não só da nobreza, mas dos próprios comerciantes, aquela reunião das diversas classes, os estados gerais, despertava nele uma revoada de ideias há muito abandonadas, embora profundamente arreigadas no seu espírito, relativas ao Contrato Social e à Revolução Francesa.

As palavras da proclamação anunciando que o imperador iria a Moscovo para deliberar com o seu povo confirmavam-no na sua maneira de ver. E na suposição de que se

preparava, nesta ordem de ideias, qualquer coisa de importante, que há muito esperava, ia e vinha, observava, prestava o ouvido às conversas, sem de resto nada encontrar em parte alguma que viesse ao encontro dos pensamentos que o absorviam.

Foi lida a proclamação, que despertou entusiasmo, depois formaram-se grupos fazendo comentários. Além dos assuntos triviais de conversa, Pedro reparou que se falava do lugar em que deviam ficar colocados os marechais da nobreza quando entrasse o imperador, da data do baile em sua honra, e as pessoas perguntavam umas às outras se deveriam reunir-se por distritos ou por províncias, etc. Sempre porém que se falava da guerra e do objecto preciso daquela reunião, só se diziam coisas vagas e indecisas. As pessoas preferiam ouvir a falar.

Um homem de certa idade, com ar marcial, bonita figura e farda de oficial da marinha reformado, falava numa das salas a um grupo de pessoas que o rodeavam. Pedro aproximou-se e pôs-se a escutar.

O conde Ilia Andreitch, com o seu cafetã de voivoda do tempo de Catarina, cirandava com um sorriso nos lábios por meio da multidão, tudo gente sua conhecida. Aproximando-se igualmente do grupo, apurou o ouvido, com esse ar bonacheirão que tinha sempre em tais casos, enquanto abanava a cabeça aprovadoramente. O marinheiro sustentava opiniões muito atrevidas, como podia depreender-se da expressão dos que o ouviam e do facto de pessoas que Pedro conhecia como pacíficas e serenas se afastarem dele com modos reprovadores ou contradizendo-o. Abrindo caminho até meio do grupo, Pedro, depois de escutar por algum tempo, convenceu-se de que quem falava era realmente um liberal, mas um liberal de uma natureza muito diversa da sua, o orador tinha uma voz de barítono, sonora e cantante, comia os rr e abreviava as consoantes, uma dessas vozes que costumam gritar: «Apraz, o meu cachimbo!» e coisas idênticas. Falava com e entono e a segurança de quem está habituado a mandar.

- E então? Que tem que os de Smolensk tenham oferecido milícias ao imperador? São eles quem faz as leis? Se a digna nobreza da província de Moscovo assim o entender, tem outras maneiras de mostrar a sua dedicação. Já esquecemos a milícia de 1807? Só ganharam com isso os ladrões e os filhos de pope...

O conde Ilia Andreitch, sorrindo docemente, abanava a cabeça, aprovador.

- E então? De que serviram ao Estado os milicianos? De nada. A única coisa que fizeram foi arruinar as nossas propriedades. Ainda o melhor é o recrutamento... Se assim não for, aqueles que voltarem da guerra nem serão soldados nem camponeses, mas malandros, malandros, nada mais. Os nobres não poupam a sua vida, todos nós lá iremos individualmente e levaremos connosco os recrutas. Basta que o imperador chame por nós,

e estaremos prontos a morrer por ele - concluiu o orador, cada vez mais entusiasmado.

Ilia Andreitch engasgava-se, de tão contente, e ia dando cotoveladas a Pedro, pela sua parte desejoso de dizer alguma coisa também. Deu alguns passos em frente, arrebatado pelas circunstâncias, mas sem saber ao certo o que ia dizer.

Mal abriu a boca, logo foi interrompido por um senador desdentado, de expressão inteligente, mas furibunda, que estava ao lado do orador. Via-se ser homem habituado a presidir a debates, e falava numa voz serena, mas precisa.

- Suponho, meu caro senhor - disse, com a sua boca desdentada -, não termos sido convocados para discutir o que é preferível para o imperador na hora que passa: o recrutamento ou a milícia. Temos de responder à proclamação com que o imperador nos honrou. Quanto a escolher entre o recrutamento e a milícia, deixemos que o poder supremo decida...

Pedro encontrou logo uma saída para a exaltação que o tomava.

Estava indignado com as vistas curtas e com as limitações que o senador queria impor às opiniões da nobreza. Deu um passo em frente e interrompeu-o. Ele próprio não sabia o que ia dizer, mas pôs-se a falar com vivacidade, usando palavras francesas intercaladas num russo assaz livresco.

- Perdoe-me, Excelência - principiou ele. Era íntimo do senador mas entendia dever dar-lhe esse tratamento. - Embora eu sei a da opinião deste senhor... - Engasgou-se. Era sua intenção dizer: *meu muito digno preopinante...* - Deste senhor... q*ue não tenho a honra de conhecer,* suponho que a nobreza não foi convocada apenas para exprimir a sua simpatia e o seu entusiasmo, mas também para discutir as medidas que entenda úteis à pátria. Suponho - prosseguiu ele, cada vez mais animado - que o próprio imperador ficaria descontente se visse que não passávamos de proprietários de campónios postos às suas ordens para... carne de canhão, em vez de um... conselho.

Vários circunstantes afastaram-se ao verem o sorriso desdenhoso do senador, além de acharem que Pedro empregava uma linguagem muito livre. Só Ilia Andreitch aprovou o discurso deste, tal qual como havia aprovado antes o do marinheiro, o do senador e em geral de todos quantos fossem os últimos a falar.

- Suponho - prosseguiu Pedro - que antes de discutirmos estas questões devemos pedir respeitosamente ao imperador que nos comunique o número de soldados de que dispomos e a situação em que está o nosso exército e então...

Mas Pedro não pôde continuar. Interpelaram-no de três lugares distintos. E o mais violento dos seus antagonistas foi um homem que ele conhecia havia muito, seu parceiro no jogo do boston, sempre nos melhores termos com ele, um tal Stepan Stepanovitch

Adraksine. Este tal Stepan Stepanovitch envergava o uniforme, e, ou fosse por essa ou por outra razão, Pedro viu diante de si um homem completamente diferente. Com uma súbita cólera senil pintada no rosto, gritou para Pedro:

- Em primeiro lugar, devo chamar-lhe a atenção para o facto de não termos o direito de formular tais perguntas ao imperador, e, em segundo lugar, ainda mesmo que a nobreza russa tivesse esse direito, o imperador não podia responder-nos, A marcha das nossas tropas está subordinada à do inimigo. Ora vão ora vêm...

Outra voz ressoou, a voz de um homem de estatura média, dos seus quarenta anos, que Pedro outrora vira em casa das ciganas e que conhecia por batoteiro. Completamente outro, talvez também mercê do uniforme que vestia, avançou para Pedro, interrompendo Adraksine.

- O momento não é para discussões - disse ele -, mas para agir: temos a guerra em casa. O nosso inimigo avança disposto a esmagar a Rússia, a profanar os túmulos dos nossos antepassados, a levar consigo as nossas mulheres, os nossos filhos. - Ao dizer estas palavras o orador bateu no peito. - Levantar-nos-emos todos, daremos tudo ao nosso pai, o czar! - Gritava com os olhos injectados fora das órbitas, e na multidão ouviram-se algumas palavras de aplauso - Somos russos e não pouparemos e nosso sangue na defesa da fé, do trono e da Rússia. E se somos dignos filhos da nossa pátria, deixemos de lado todas essas quimeras. Mostraremos à Europa como a Rússia é capaz de se levantar pela Rússia.

Pedro teria querido replicar, mas achou melhor não abrir a boca. Tinha percebido que as suas palavras, independentemente das ideias que exprimissem, teriam menos repercussão que as daquele nobre exaltado.

Ilia Andreitch, lá atrás do grupo, aprovou também o orador. Quando este terminou o seu discurso, alguns dos presentes voltaram-se para ele e exclamaram:

«Muito bem! Muito bem!»

Pedro teria querido dizer estar pronto também a todos os sacrifícios monetários, e em homens igualmente, e até a sacrificar-se a si próprio, mas que entendia ser preciso conhecer a situação para lhe dar remédio. Não o pôde fazer porém. Toda a gente gritava e falava simultaneamente. Ilia Andreitch não tinha tempo de os aprovar a todos. E o grupo aumentava, dispersava-se, refazia-se, até que, finalmente, no meio do rumor das conversas, lá foi, através da sala, direito à grande mesa. Não só Pedro não lograva dizer uma única palavra, como o interpelavam grosseiramente, repeliam-no, voltavam-lhe as costas, como se ele fosse um inimigo comum, Não é que estivessem descontentes com o sentido do seu discurso - tinham esquecido por completo o que, ele dissera depois dos que haviam falado em seguida -, mas aquela multidão excitada necessitava de um objecto palpável que amasse

ou odiasse. Pedro, eis o bode expiatório. Muitos foram os oradores que falaram ainda, e todos eles no mesmo tom. Alguns discursavam bastante bem e de maneira original.

O director do Mensageiro Russo, Glinka, a quem saudaram, ao reconhecê-lo, gritando: «O escritor! O escritor!», disse que «o Inferno devia ser repelido pelo Inferno», que «vira uma criança sorrir à luz dos relâmpagos e ao ribombar dos trovões», mas ele «não era uma criança».

«Sim, sim, o ribombar dos trovões!», repetia-se lá para trás, nas últimas filas.

A multidão aproximou-se da grande mesa onde, de uniforme de gala, se sentavam as personalidades da alta nobreza, septuagenários de cabelos brancos uns, outros calvos. Pedro tinha-os visto quase todos, quer nas suas próprias casas, com os seus bufões, quer no clube, sentados às mesas do boston. As conversas nem por isso cessaram. Uns após outros, e às vezes ao mesmo tempo, iam os oradores tomando a palavra, comprimidos contra os altos espaldares das cadeiras. Os que estavam atrás notavam o que o orador precedente não dissera, para se darem pressa de o expressarem. Outros, no meio daquele calor e daquele apertão, procuravam no cérebro as ideias que lhes escapavam para que os outros as tomassem. Os nobres conservavam-se nos seus tronos, olhavam uns para os outros, um pouco sobressaltados, e na expressão dos seus rostos apenas se percebia estarem cheios de calor. No entanto, Pedro sentia-se emocionado também e aquele desejo de tudo sacrificar pela pátria que palpitava em todos os discursos acabou por comunicar-se-lhe. Não renegava qualquer das suas convicções, mas sentia-se confusamente culpado e que- na justificar-se.

- Apenas digo que seriam mais fáceis os nossos sacrifícios se soubéssemos quais as necessidades a enfrentar - gritou, procurando dominar a outras vozes.

Um velhinho que estava perto de Pedro encarou-o, mas logo o distraíram os gritos que ressoaram na outra extremidade da mesa.

«Sim, Moscovo render-se-á! Será a expiadora», gritava alguém.

«É um inimigo da humanidade!», vociferou outra voz. «Deixem-me falar... Os senhores sufocam-me!...»

Capítulo XXIII

Naquele momento entrou na sala, apressadamente, por entre a multidão, que se afastava, o conde Rostoptchine, de uniforme de general, banda militar a tiracolo, queixo proeminente e olhos coruscantes.

- Sua Majestade o imperador está a chegar - disse ele - Venho lá de dentro. Creio que na situação em que nos encontramos não temos muito tempo para discutir. O imperador dignou-se reunir-nos, bem como aos comerciantes. É dali que virão os milhões - acrescentou, apontando para a sala contígua. - A nós cabe-nos formar a milícia e não nos pouparmos a nós próprios... É o menos que podemos fazer.

Entre os notáveis que se sentavam em volta da mesa principiou uma espécie de conselho. Tudo se dizia em voz segredada. E depois da algazarra anterior era triste ouvir aquele rouquejar de velhos, emitindo as suas opiniões um por um. Dizia uma voz: «Estou de acordo»; e outra, para variar a fórmula, murmurava: «Sou da mesma opinião.»

Ao secretário foi dada ordem de inscrever a resolução seguinte da nobreza moscovita: «Os Moscovitas, seguindo o exemplo dos habitantes de Smolensk, darão dez homens por mil com equipamento completo.» Em seguida levantaram-se, satisfeitos por poderem desentorpecei, as pernas, afastando as cadeiras com fragor, e espalhando-se pela sala, de braço dado, dando à língua.

«O imperador! O imperador!», gritaram daí a pouco, e toda a gente se precipitou para a entrada.

Em passos largos, pelo meio de uma fila de nobres, o imperador caminhou sala dentro. Em todos os rostos havia uma curiosidade respeitosa e assustada. Pedro, bastante longe, não pôde distinguir muito bem as palavras pronunciadas. Compreendeu apenas que o imperador falava do perigo em que se encontrava o império e das esperanças que tinha na nobreza de Moscovo. Outra voz respondeu ao imperador para lhe comunicar os termos da resolução que acabava de tomar-se.

- Meus senhores - disse o imperador em voz trémula. Um ligeiro sussurro percorreu a multidão, que instantaneamente se calou, e Pedro ouviu distintamente a voz simpática e comovedora do soberano, que dizia: - Nunca duvidei da dedicação da nobreza russa. Mas hoje sinto que ultrapassou as minhas esperanças. Agradeço-vos em nome da pátria. Meus

senhores, mãos à obra, o tempo e precioso...

O imperador calou-se, a multidão comprimiu-se à sua roda e exclamações de entusiasmo irromperam de todos os lados.

«Sim, e o que é mais precioso ainda... é a palavra do czar», dizia, soluçando, nas ultimas filas, Ilia Andreitch, que nada ouvira e tudo compreendera à sua maneira.

Da sala da nobreza o imperador passou à dos comerciantes. Esteve ali perto de dez minutos. Pedro, e como ele tantos outros, viram-no abandonar a sala com lágrimas de reconhecimento a bailar-lhe dos olhos. Como depois veio a saber-se, mal principiara c seu discurso aos comerciantes, as lágrimas saltaram-lhe dos olhos e foi em voz trémula que pronunciou as últimas palavras. Quando Pedro o viu saía ele da sala acompanhado por dois dos assistentes, Um deles era seu conhecido, um grande produtor de álcool; o outro era administrador local, de rosto magro e amarelento, barba rala. Ambos choravam. O magro tinha lágrimas nos olhos, mas o outro soluçava como uma criança, repetindo constantemente: «Majestade! Ofereço-vos a minha vida e a minha fortuna!»

Naquele momento Pedro não desejava outra coisa senão mostrar que para ele não havia obstáculos e que estava disposto a tudo sacrificar. Lamentava o seu discurso de tendências constitucionais. Procurava uma oportunidade para o fazer esquecer. Ao saber que o conde Mamonov oferecia um regimento inteiro, declarou imediatamente ao conde Rostoptchine que daria mil homens e se encarregaria da sua manutenção.

O velho Rostov não pôde contar sem lágrimas, à mulher, que o ouvia, o que se tinha passado, dando desde logo a Pétia o consentimento que ele pedia e indo ele próprio alistá-lo.

No dia seguinte o imperador partiu. Todos os nobres que tinham sido convocados despiram o uniforme, retomando os seus hábitos, tanto em casa como no clube, e foi resmungando que deram ordem aos intendentes respectivos para a formação das milícias, surpreendidos eles próprios dos seus oferecimentos.

SEGUNDA PARTE

Capítulo I

Napoleão iniciou a guerra contra a Rússia porque não podia deixar de ir a Dresde, porque não podiam deixar de lhe subir à cabeça as honrarias, porque precisava de envergar um uniforme polaco e de se deixar envolver nos encantos de uma linda manhã de Junho, porque não pôde resistir à cólera na presença de Kurakine depois de Balachov.

Alexandre recusara-se a parlamentar, pois se sentia pessoalmente ofendido. Barclay de Tolly procurava comandar o exército o melhor que podia no cumprimento do seu dever e na esperança de conquistar a fama de grande cabo-de-guerra. Rostov lançara-se contra os franceses porque não podia resistir à tentação de galopar em campo aberto. E eis como agiam, consoante as suas disposições pessoais, os seus hábitos, a sua condição ou as suas intenções, as numerosas personagens que tomavam parte na guerra. Os seus receios, as suas vaidades, as suas alegrias, os seus descontentamentos, as suas críticas vinham de suporem saber o que faziam e de julgarem agir por si próprios, quando afinal não passavam de instrumentos inconscientes da história, realizando um trabalho oculto para eles, mas inteligível para nós. Tal é o destino imutável de todos os comparsas, tanto menos livres quanto mais alto na hierarquia social.

Os actores dos acontecimentos de 1812 já não pertencem ao número dos vivos, os interesses que os impeliam não deixaram o mais pequeno vestígio, e só restam os resultados históricos da sua época.

Mas, se admitirmos que os habitantes da Europa conduzidos Por Napoleão deviam penetrar no coração da Rússia e ali ficar, toda a conduta contraditória, insensata e cruel dos actores dessa guerra se nos torna inteligível.

A Providência obrigava todos esses homens na peugada de fins pessoais a colaborar num único e enorme resultado, resultado que ninguém conhecia, nem Napoleão nem Alexandre, e ainda muito menos qualquer dos que participavam na guerra.

No momento actual vemos claramente o que provocou a perda do exército francês. Ninguém contestará que a causa desse desastre foi, por um lado, a sua penetração tardia e sem preparação suficiente no coração da Rússia, sujeito a arrostar com uma campanha de Inverno, e, por outro, o carácter que a guerra assumiu em virtude do incêndio das povoações e o ódio que germinou no coração do povo russo. Mas então ninguém podia

prever o que actualmente é a própria evidência, isto é, que bastavam estas causas para aniquilar um exército de oitocentos mil homens, o melhor que ainda houvera no mundo, conduzido pelo melhor dos capitães, diante do exército russo, duas vezes mais fraco, sem experiência, e dirigido por generais igualmente inexperientes. E não só ninguém podia prever semelhante desfecho como todos os esforços da parte dos Russos tendiam constantemente a impedir a única coisa susceptível de salvar a Rússia e os da parte dos Franceses, apesar da experiência e do suposto génio militar de Napoleão, igualmente tendiam a levar as suas vitórias até Moscovo antes do fim do Estio, ou seja, a fazer exactamente o que deveria perdê-los.

Nas obras históricas respeitantes a 1812 os autores franceses insistem no facto de Napoleão sentir o perigo que para ele havia em estender demasiado as suas linhas, e dizem que procurava dar batalha, que os seus generais o tinham aconselhado a deter-se em Smolensk e em quejandos argumentos da mesma sorte que provam não se ignorar então o perigo que ameaçava o exército francês, Por outro lado, os autores russos insistem, com mais peso ainda, no plano estabelecido, segundo eles, desde o princípio da campanha, de guerra cita, o qual consistia em atrair Napoleão ao coração da Rússia, e atribuem esse plano uns a Pfuh1, outros a um certo francês, outros ainda a Toll, e outros, por fim, ao próprio Alexandre, documentando-se nas notas, nos projectos e nas cartas em que existem, de facto, alusões a esta maneira de ver. Mas a verdade é que todas estas alusões a uma previsão do que veio a acontecer, tanto do lado francês como do russo, se agora são postas em relevo é precisamente porque os acontecimentos as justificam. Se tivesse acontecido o contrário, teriam sido completamente esquecidas, como sucede a milhares de alusões e de hipóteses espalhadas então e que se verificaram ser inexactas. O resultado de cada acontecimento dá sempre lugar a tantas suposições que, sejam elas quais forem, há sempre pessoas prontas a afirmar: «Eu bem dizia que as coisas se passariam assim.» Esquecem que entre todas estas numerosas suposições algumas há absolutamente contraditórias.

É evidente que a esta categoria de suposições sem fundamento pertence a do perigo entrevisto por Napoleão na extensão da sua linha de comunicações e a relativa à guerra cita, e os historiadores só com muitas reservas devem atribuir tais vistas a Bonaparte e tal plano aos chefes militares russos. Todos os factos estão em contradição absoluta com essas hipóteses. Não só no decurso de toda a guerra se não observou qualquer desejo da parte dos Russos de atraírem os Franceses ao interior do seu país, mas, pelo contrário, tudo quanto se fez foi no sentido de os deter, uma vez verificado o seu primeiro avanço. Por outro lado, não só Napoleão não receava o alongamento da sua linha, mas até se regozijava, como se se tratasse de uma vitória, de cada passo em frente, indo com maior entusiasmo

para a luta do que no decurso das suas campanhas anteriores.

Desde o princípio que os exércitos russos se encontraram cortados, e o único objectivo dos seus chefes foi reuni-los de novo, quando é certo que para bater em retirada e atrair o inimigo ao coração do seu país tal junção não representava qualquer vantagem. O imperador esteve junto das suas tropas para encorajá-las na defesa de cada palmo da terra russa, e não para ordenar a retirada. Construiu-se o enorme campo entrincheirado de Drissa, de acordo com os planos de Pfuhl, na intenção bem clara de não se recuar mais. Cada passo à retaguarda custou aos comandantes-chefes repreensões do imperador. Não só este não Podia imaginar que os Russos deitariam fogo a Moscovo, como nem sequer previa que deixariam avançar o inimigo até Smolensk, e, quando os exércitos operaram a sua junção, exasperou-se pelo facto de aquela cidade ser tomada e incendiada e de se não ter travado uma batalha geral à volta das suas muralhas.

Assim pensava o imperador, mas assim pensavam também os chefes russos, e o povo inteiro indignou-se com a ideia de que o seu exército recuava até ao interior do país.

Napoleão, depois de cortar em dois o exército de Alexandre, Penetra cada vez mais a fundo em território russo, deixando escapar várias oportunidades para dar combate. Em Agosto está em Smolensk e não pensa noutra coisa senão em avançar mais ainda, embora, como hoje se vê perfeitamente, esse movimento fosse perigoso para ele.

Os factos mostram com toda a evidência que Napoleão não previa o perigo de um movimento em direcção a Moscovo e que Alexandre e os chefes russos não pensavam em atrair Napoleão, mas sim exactamente no contrário. O facto deu-se não em resultado de um plano qualquer - e o certo é que ninguém teria acreditado na possibilidade de o pôr em prática -, mas como consequência de um complicadíssimo jogo de intrigas, de ambições, de desejos da parte dos comparsas da guerra, os quais não adivinhavam o que iria acontecer e seria a única salvação da Rússia. É inopinadamente que as coisas sucedem. Os exércitos são cortados em dois no princípio da campanha. Os Russos tentam reuni-los na intenção evidente de travar uma batalha e de deter o inimigo, mas no decurso desta tentativa, quando as tropas russas evitavam um recontro com forças muito superiores, eis que os exércitos de Alexandre batem involuntariamente em retirada, formando um ângulo agudo, e os Franceses se vêem deste modo atraídos até Smolensk. Ainda não é tudo dizer-se que os Russos retrocedem em ângulo agudo, pois os Franceses avançam entre os dois exércitos. O ângulo torna-se ainda mais agudo e os Russos recuam ainda mais, porque Barclay de Tolly, esse estrangeiro impopular. é odiado por Bagration, que lhe deve ser subordinado, e o qual, à frente do 2º exército, procura realizar a sua junção com elo, quanto mais tarde melhor, para não vir a encontrar-se sob as suas ordens. Durante muito tempo Bagration

não opera a junção, embora seja esse o objectivo de todos os comandantes do exército, porque se lhe afigura que se realizar esse movimento porá em perigo as suas tropas e por lhe parecer melhor recuar mais à esquerda e para o sul, inquietando o flanco e a retaguarda do inimigo, o que lhe permitirá completar o seu exército na Ucrânia. Ao mesmo tempo parece ter imaginado semelhante táctica para não querer ver-se subordinado ao estrangeiro Barclay, a quem detesta e é mais novo na promoção,

O imperador está com o exército para o animar com a sua presença, mas o certo é que a sua estada junto das tropas, a ignorância das decisões que devem tomar-se e o número incrível de conselheiros e de planos propostos anulam a força ofensiva do 1º exército e as tropas batem em retirada.

As coisas dispõem-se para as tropas irem deter-se no campo de Drissa, mas inesperadamente Paulucci, que aspira ao posto de comandante-chefe, influi, graças à sua energia, no espírito de Alexandre, e todo o plano de Pfhul é abandonado, passando tudo para as mãos de Barclay. Como este porém não inspira confiança, o seu poder é limitado. E ai temos os exércitos fraccionados. Já não há unidade de comando, e Barclay não goza de popularidade, Desta confusão, deste fraccionamento, desta impopularidade do general-chefe, resultam, por um lado, a indecisão e a recusa de travar batalha, a qual se não teria podido evitar se os exércitos estivessem reunidos e se Barclay não tivesse o comando, por outro, um descontentamento cada vez maior em relação aos estrangeiros e um despertar do sentimento patriótico.

Finalmente o imperador retira-se de junto do exército e o único e mais plausível pretexto da sua retirada é que a ele compete incitar o entusiasmo nas capitais com vista a criar o espírito de uma guerra nacional. E esta viagem a Moscovo triplica as forças do exército russo.

O imperador abandona o exército para não prejudicar a unidade do comando e espera-se que, após a sua partida, se tomem decisões mais enérgicas. Mas não. Pelo contrário, a situação do chefe do exército complica-se e enfraquece cada vez mais. Bennigsen, o grão-duque, todo um enxame de generais ajudantes-de-campo, permanecem no exército para vigiar os actos do comandante-chefe e despertar, em caso de necessidade, a sua energia, e Barclay, que de dia para dia se sente menos livre sob a vigilância de todos estes «olhos do imperador», torna-se ainda mais hesitante nas suas decisões e evita a batalha.

Barclay é, pela prudência. O grão-duque herdeiro chega a pronunciar a palavra «traição», e pede que se trave a batalha geral. Liubomirski, Bronnitski, Blotski e outros ainda dão tanta repercussão a este boato que Barclay, a pretexto de entregar uns

documentos ao imperador, faz com que partam para, Petersburgo todos os ajudantes-de-campo polacos e entra em luta aberta com Benngsen e o grão-duque.

Finalmente, apesar da oposição de Bagration, em Smolensk opera-se a junção dos dois exércitos.

Bagration chega, de carruagem, à residência ocupada por Barclay. Este afivela o cinturão, vai ao seu encontro e faz-lhe o seu relatório como se fosse de patente inferior a ele. Bagration, num rasgo de magnanimidade, embora mais antigo, submete-se a Barclay. Feito o que, no entanto, cada vez se mostra em maior desacordo com ele. Por ordem do imperador, dirige-lhe pessoalmente o seu relatório. Escreve a Araktcheiev: «Apesar de ser esse o desejo do imperador, não posso de maneira nenhuma permanecer com o 'ministro' [assim designava Barclay]. Por amor de Deus, enviai-me para qualquer parte, ainda que não seja senão Para comandar um regimento. Aqui é que eu não me posso ver.

O quartel-general está cheio de alemães, e de tal modo que um russo não pode viver no meio deles. É de perder a cabeça. Julguei servir realmente o imperador e a pátria e afinal a quem eu sirvo é Barclay. Confesso que me recuso a isso. A praga dos Bronnitski, dos Wintzengerode e quejandos continua a envenenar cada vez mais os relatórios dos comandantes-chefes e de dia para dia é menor a unidade de vistas. Preparam-se para atacar os Franceses diante de Smolensk. É enviado um general para examinar as posições. Este general, que detesta Barclay, dirige-se a casa de um dos seus amigos comandante de corpo de exército, passa com ele o dia, regressa ao quartel-general e faz crítica cerrada, ponto por ponto, do campo de batalha que não viu nem de longe.

Enquanto os Russos discutem e intrigam e se disputam sobre o futuro campo de batalha, enquanto procuram os Franceses e se enganam sobre as suas posições, estes caem sobre a divisão Nevierovski e aproximam-se dos muros de Smolensk,

É preciso aceitar, quer queiram quer não, a batalha às portas de Smolensk a fim de salvar as linhas de comunicação dos Russos. A batalha dá-se. Caem milhares de homens de um lado e do outro. Smolensk é abandonada contra a vontade do imperador e de todo o povo. Os habitantes porém, enganados pelos seus governantes, queimam a cidade. Completamente arruinados, chegam a Moscovo, só pensando nos prejuízos que sofreram, para darem o exemplo aos outros russos e comunicar-lhes o seu ódio ao inimigo. Napoleão prossegue a sua rota. Os Russos recuam, e assim se encaminham as coisas para que os Franceses sejam vencidos.

Capítulo II

No dia seguinte ao da partida do filho, o príncipe Nicolau Andreievitch mandou chamar a princesa Maria.

- Bom, estás contente agora? - disse-lhe ele. - Conseguiste que eu me zangasse com o meu filho! Estás satisfeita? Era isso que querias, não é verdade? Estás contente?... Mas a mim isso faz-me pena, faz-me pena. Sou velho e fraco e foi isso que tu quiseste. Anda, alegra-te, alegra-te...

Depois disto a princesa Maria não tornou a ver o pai durante todo o resto da semana. Estava doente e não saía do seu gabinete.

Com grande espanto seu, a princesa notou que durante todo o período da doença o velho príncipe também não deixou que Mademoiselle Bourienne entrasse rios seus aposentos, Tikon era a única pessoa que cuidava dele.

No cabo de oito dias voltou a sair e retomou a sua vida habitual, dedicando-se com particular actividade à edificação e às plantações, sem, no entanto, voltar a ver Mademoiselle Bourienne, No seu rosto, na maneira fria como tratava a filha, parecia ler-se: «Vês, foste contar histórias a meu respeito, caluniaste-me junto de André por causa das minhas relações com a francesa e conseguiste que eu me zangasse com ele. Como vês, não preciso de ti nem da francesa.»

A princesa Maria passava parte do dia com Nikoluchka: assistia às suas lições, dava-lhe mesmo, ela própria, lições de língua russa e de música e entretinha-se com Dessales. O resto do seu tempo levava-o a ler ou com a velha ama e os homens de Deus, que a vinham às vezes visitar pela porta do serviço. Pensava na guerra o que em geral as mulheres pensam. Temia pelo irmão, que por lá andava, horrorizava-a, sem poder percebê-la, a crueldade dos homens chacinando-se uns aos outros. E não compreendia a importância daquela guerra, que se lhe afigurava igual a todas as outras. No entanto, Dessales, o seu habitual interlocutor, seguia apaixonadamente a marcha das operações, procurando expor-lhe as suas ideias. Também os homens de Deus, à sua maneira, lhe falavam do que se dizia sobre a vinda do Anticristo, e Júlia, agora princesa Drubetzkoi, voltara a corresponder-se com ela, escrevendo-lhe de Moscovo cartas cheias de sentimento patriótico.

Escrevo-lhe em russo, minha querida amiga - dizia-lhe ela - porque odeio os Franceses e a língua que eles falam, que já não posso ouvir... Em Moscovo estamos todos entusiasmados com o nosso adorado imperador.

O meu pobre marido está passando fome e toda a sorte de incómodos nas sórdidas estalagens judias, mas as notícias ainda me animam mais.

Provavelmente ouviu falar no feito heróico de Raievsy, o qual, abraçando os seus dois filhos, lhes disse: «Morrerei convosco, mas daqui não saímos!» E efectivamente, embora o inimigo fosse duas vezes mais forte, não recuámos. Passamos o tempo como podemos, mas a guerra é a guerra! A princesa Aline e Sofia estão dias inteiros comigo e as pobres de nós, infelizes viúvas de maridos vivos, enquanto preparamos ligaduras entretemo-nos a falar de coisas edificantes, Só temos saudades da nossa querida amiga...

A princesa Maria não se dava conta da importância da guerra, principalmente porque o velho príncipe, que nunca falava em tal, parecia ignorá-la e troçava de Dessales quando ele se lhe referia, O tom do príncipe era tão calmo e seguro que a filha, sem raciocinar, acreditava nas suas palavras.

Durante todo o mês de Julho o velho andou muito ocupado e até mesmo atarefado. Mandou plantar uma nova mata e construir um novo edifício para a criadagem. A única coisa que apoquentava a filha era o facto de ele passar mal as noites e de ter acabado com o seu antigo costume de dormir no gabinete: todos os dias mudava de quarto. Ora mandava pôr a cama de campanha na galeria, ora ficava num divã ou na cadeira de braços do salão, onde dormitava sem se despir, enquanto o jovem Petrucha, que substituíra Mademoiselle Bourienne, lhe lia em voz Outras vezes pernoitava na sala de jantar.

No dia 1 de Agosto chegou a segunda carta do príncipe André, Na primeira, recebida pouco depois da sua partida, pedia docilmente ao pai lhe perdoasse o que se permitira dizer-lhe e rogava-lhe que voltasse a conceder-lhe a sua afeição. O velho príncipe respondera-lhe em termos afectuosos e depois dessa carta afastara de si a francesa. A segunda, datada de Vitebsk, depois da ocupação da cidade, era uma rápida descrição de toda a campanha, com um plano desenhado por ele e algumas considerações sobre a marcha da guerra. Chamava a atenção do pai para a inconveniência de estar a residir muito próximo do teatro da guerra, precisamente na linha de movimento das tropas, e aconselhava-o a que partisse para Moscovo.

Ao jantar, nesse mesmo dia, ao ouvir dizer a Dessales que corria o boato de que os Franceses se encontravam já em Vitebsk, o velho príncipe lembrou-se da carta do filho.

- Recebi hoje uma carta do príncipe André - disse ele para Maria. - Não a leste?

- *Não, meu pai* - volveu-lhe ela, assustada.

Não lhe teria sido possível, efectivamente, ler uma carta que nem sequer sabia que tinha chegado.

- Falava da guerra, desta guerra - voltou o príncipe, com esse sorriso desdenhoso que se lhe tornara habitual sempre que abordava o assunto.

- Deve ser, com certeza, muito interessante - observou Dessales. - O príncipe deve estar bem informado...

- Ah!, interessantíssima! - exclamou Mademoiselle Bourienne.

- Vá buscá-la - disse o velho príncipe para a francesa. - Está na mesinha, debaixo do pesa-papéis.

Mademoiselle Bourienne ia já a sair, muito contente.

- Não, não! - exclamou ele, franzindo as sobrancelhas. - Vai tu, Mikail Ivanovitch.

Mikail Ivanovitch levantou-se e dirigiu-se ao gabinete. Mal ele saiu, o velho príncipe, olhando desassossegadamente à sua roda, atirou com o guardanapo e foi atrás dele.

- Nada sabem fazer. Vão-me mexer em tudo.

Durante a sua ausência, Maria, Dessales, Mademoiselle Bourienne, o próprio Nikoluchka, olharam uns para os outros sem dizer palavra. O velho príncipe voltou dai a pouco em passos apressados, seguido de Mikail Ivanovitch, com a carta e o plano, que pousou a seu lado, sem consentir que ninguém a lesse antes de findo o jantar.

Quando passaram ao salão, o velho príncipe entregou a carta à filha, e, estendendo o plano diante de si, pôs-se a estudá-lo, pedindo a Maria que lesse a carta em voz alta, Acabada a leitura, Maria olhou para o pai, mas este observava o plano, parecendo absorto nos seus pensamentos.

- Que pensa de tudo isto, príncipe? - permitiu-se dizer Dessales.

- Eu? Eu? - replicou ele, sem erguer os olhos do plano e como se emergisse de um sonho.

- É muito possível que o teatro da guerra realmente se aproxime de nós...

- Ah! Ah! O teatro da guerra - repetiu o príncipe - Disse e repito: o teatro da guerra é a Polónia e o inimigo nunca avançará para além do Niémen.

Dessales fitou-o, estupefacto e falava ele do Niémen quando e, inimigo já estava no Dniepre. Mas a princesa Maria, que esquecera a geografia, aceitava como verídicas as palavras do pai.

- Quando as neves principiarem a derreter-se morrerão todos afogados nos pântanos da Polónia. Agora não podem dar-se conta disso - disse o príncipe, que naturalmente estava a pensar na campanha de 1807, para ele de há dois dias. - Bennigsen devia ter entrado mais

cedo na Polónia. Então as coisas teriam tomado outro rumo...

- Mas, príncipe - interveio Dessales, timidamente -, na carta fala-se em Vitebsk...

- Na carta? Ah! Sim... - replicou ele, enfadado - Sim... Sim... - E de repente ficou triste, calando-se- Sim – voltou -, ele diz que os Franceses foram batidos junto a que rio?

Dessales baixou os olhos.

- O príncipe nada diz que se pareça com isso - observou mansamente.

- Quê? Não fala nisso? Fui eu quem o inventou ? Todos permaneceram calados por muito tempo.

- Sim... sim... Bom, Mikail Ivanovitch - continuou ele, de súbito, levantando a cabeça e mostrando o projecto do edifício que andava a fazer. - Como é que queres modificar isto?

Mikail Ivanovitch aproximou-se e o príncipe, depois de ter conversado com ele sobre o edifício em construção, relanceou um olhar furibundo a Maria e Dessales, desaparecendo em seguida.

A princesa Maria reparou no espanto do preceptor e na maneira como olhara o príncipe. Notou o seu silêncio e impressionou-a o facto de o pai ter esquecido em cima da mesa do salão a carta do filho. Receava interrogar Dessales sobre as causas do seu estarrecimento e do silêncio a que se votara; temia não só falar neste assunto, mas, inclusivamente, pensar nele. Pelo fim da tarde, Mikail Ivanovitch veio pela carta, da parte do príncipe. A princesa Maria entregou-lha. Embora isso a contrariasse, perguntou ao arquitecto que fazia seu pai.

- Nunca está quieto - replicou ele, com um sorriso entre respeitoso e irónico, o que fez empalidecer Maria - Está muito preocupado com os novos edifícios. Leu um bocado e agora - acrescentou Mikail Ivanovitch, baixando a voz - foi para o escritório, Parece-me estar às voltas com o testamento.

Naqueles últimos tempos uma das ocupações favoritas do príncipe era compulsar os papéis que queria deixar depois da sua morte: aquilo a que ele chamava o seu testamento.

- E sempre vai mandar Alpatitch a Smolensk? - inquiriu a princesa Maria.

- Isso mesmo. Há muito tempo já que ele espera ordens.

Capítulo III

Quando Mikail Ivanovitch voltou com a carta, encontrou o príncipe sentado diante da papeleira aberta, as lunetas no nariz e um quebra-luz na testa. A chama das velas lia uns papéis que conservava a certa distância dos olhos, numa atitude assaz teatral: lia o que ele chamava as suas anotações, anotações estas que deviam ser entregues ao imperador depois da sua morte.

Quando Mikail Ivanovitch entrou, viu que o príncipe tinha lágrimas nos olhos: recordava-se do tempo em que escrevera aquelas páginas. O príncipe pegou na carta, meteu-a na algibeira, e depois de juntar os papéis chamou Alpatitch, que aguardava há muito tempo ali perto.

Escrevera, num papel tudo quanto era preciso comprar em Smolensk e deu as suas ordens, andando sempre de um lado para o outro do quarto, a Alpatitch, que continuava no limiar da porta.

- Em primeiro lugar, papel de carta, percebes? Oito mãos, aqui tens o modelo, Com os cantos dourados, sem falta, como o modelo. Verniz, lacre, como diz a nota de Mikail Ivanovitch.

Continuando a passear, ia consultando o caderninho de algibeira.

- Depois entregarás pessoalmente ao governador a carta que vou dar-te.

Eram ainda precisas fechaduras para o novo edifício, exactamente do modelo que ele próprio inventara. E também necessitava de uma pasta para depositar o testamento.

Mais de duas horas levou o príncipe a dar as suas instruções a Alpatitch. E não o largava. Sentou-se, ficou um momento pensativo, e em seguida, fechando os olhos, adormeceu. Alpatitch fez um movimento.

- Anda, vai-te embora, vai-te embora. Se precisar de mais alguma coisa, chamo-te.

Alpatitch saiu. O príncipe aproximou-se de novo da papeleira, percorreu-a com a vista, remexeu os papéis, voltou a fechá-la e foi sentar-se à mesa de trabalho, onde se pôs a escrever uma carta ao governador.

Era, tarde quando se levantou da mesa, depois de ter lacrado a carta. Tinha sono, mas sabia que não poderia dormir e que desde que se deitasse o assaltariam os mais tristes pensamentos. Chamou Tikon e percorreu com ele várias dependências da casa à procura de

onde instalar a cama para a noite. A cada canto tomava medidas.

Não lhe agradava sítio algum, mas o que acima de tudo lhe repugnava era o local do costume, no divã do gabinete. Esse divã causava-lhe um imenso desgosto, naturalmente por virtude dos Penosos pensamentos que aí tivera deitado. Não lhe convinha sitio algum, mas apesar de tudo o recanto do gabinete, por detrás do piano, era o que lhe parecia preferível, naturalmente por ainda aí não ter passado noite alguma. Tikon, ajudado pelo mordomo, transportou para ali a cama e preparou-a.

- Assim não! Assim não! - gritou o príncipe, afastando ele próprio e leito do recanto onde Tikon o armara e voltando a colocá-lo no mesmo sítio.

«Bom, finalmente agora está tudo pronto, vou poder descansar», disse de si para consigo, consentindo que Tikon principiasse a despi-lo.

Entre trejeitos, devidos ao esforço que tinha de fazer para deixar que lhe tirassem o cafetã e as calças, acabou por despir-se, caindo pesadamente sobre a cama, onde ficou pensativo a olhar tristemente as pernas ressequidas e amarelentas. Não estava propriamente a pensar, apenas adiava o momento difícil em que teria de soerguer as canelas e estender-se na cama. «Oh, que penoso que tudo isto é! Se tudo isto pudesse acabar dentro de pouco e se 'vós outros' me pudésseis deixar tranquilo!», dizia para si mesmo. Tantas vezes tentou que, cerrando os dentes, acabou por se deitar. Mal se estendera, pôs-se-lhe a cama a balouçar. Dir-se-ia que o móvel ganhava vida. Era assim todas as noites. De novo abriu os olhos, que acabava de fechar.

«Não me deixam em paz estes malditos», resmungou, increpando, colérico, pessoas invisíveis. «Bom, que tinha eu reservado para me lembrar quando estivesse deitado? Era uma coisa muito importante. Ah!, já sei, as fechaduras. Não, as fechaduras já estão. Mas há qualquer coisa, qualquer outra coisa que se passou no salão. Não teria sido qualquer tolice da princesa Maria?... Ou qualquer coisa que contou esse imbecil de Dessales?... Não será qualquer coisa que eu tenha na algibeira?... Já me não lembro.»

- Tikon! De que se falou à mesa?

- Do príncipe André...

- Cala-te, cala-te - gritou o príncipe, fazendo um gesto violento. - Ah, sim, já sei, a carta do príncipe André. Dei-a a ler à Maria, Dessales disse lérias sobre Vitebsk. Agora é que tenho de a ler.

Deu ordens para lhe irem buscar a carta, que estava na algibeira. Mandou que lhe aproximassem da cama uma mesinha com o copo de limonada e uma vela de cera e depois de encaixar as lunetas no nariz principiou a ler. Só então, no silêncio da noite, àquela pálida luz coada pelo abat-jour verde, compreendeu, de súbito, a importância do que nela vinha

escrito.

«Os Franceses estão em Vitebsk. Estarão em Smolensk em quatro etapas. Talvez já lá estejam até.» - Tichka! - Tikon, sobressaltado, pôs-se de pé. - Não, nada quero, não quero coisa alguma!...

Pousou a carta debaixo da palmatória e cerrou as pálpebras, E diante dos olhos surgiu-lhe o Danúbio, por um radioso meio-dia, uns canaviais, o acampamento russo, e ele, moço general, sem uma ruga então, vigoroso, fresco e rosado, a penetrar na tenda bordada de Potemkine. E um pulgente sentimento do ciúme diante do favorito despertou nele tão poderoso como outrora. E lembrou-se de tudo quanto se disse nesse primeiro encontro, nos mais pequenos pormenores. E diante dele está uma mulherzinha de pequena estatura, cheia, as faces rechonchudas e tez amarelada: é a nossa mãe, a imperatriz. E tinha diante dos olhos o sorriso dela, ouvia as palavras amáveis que ela lhe dirigira a primeira vez que o recebeu, e lembrou-se desse mesmo rosto no catafalco e a altercação com Zubov junto do ataúde por causa do direito de beijar a mão da morta.

«Ah, se eu pudesse voltar atrás a esse tempo e se o presente pudesse desaparecer por completo, rapidamente, muito rapidamente! Se eles me deixassem em paz!»

Capítulo IV

Lissia Gori, o domínio do príncipe Nicolau Bolkonski, ficava a sessenta *verstas* mais além de Smolensk e a três *verstas* da estrada de Moscovo.

Na mesma noite em que Bolkonski dera as suas ordens a Alpatitch. Dessales pediu uma entrevista à princesa Maria e respeitosamente fez-lhe ver, que visto a saúde do príncipe lhe não permitir tomas as medidas necessárias à segurança da sua gente e a carta do príncipe André indicar claramente que a permanência em Lissia Gori não podia deixar de constituir um perigo, seria prudente enviar por Alpatitch uma carta ao governador da Província de Smolensk pedindo-lhe que a informasse, da verdadeira situação e do risco que corria se continuasse na aldeia. Ele próprio escreveu a carta, que a princesa Maria assinou, a qual foi confiada a Alpatitch que recebeu instruções para a entregar ao governador e no caso de urgência regressar a Lissia Gori o mais cedo possível.

Alpatitch munido, de todas estas instruções, rodeado de gente da casa, gorro de pelo branco, presente do amo, bengala na mão exactamente como o príncipe, quando saía, instalou-se numa pequena *kibitka*, de capota de couro, tirada por três nutridos cavalos ruões.

Tinha amarrado as campainhas e metido papel nos guizos.. O príncipe não consentia que se usasse cascáveis no seu domínio. Mas Alpatitch gostava de guizalhar quando partia para uma longa viagem. Foram despedir-se o cartorário, o guarda-livros, uma cozinheira, uma moça de cozinha, duas velhas, um moço de recados, cocheiros e vários criados.

A filha pusera-lhe no assento e nas costas almofadas de penas. A velha cunhada meteu-lhe no carro, às escondidas, um embrulhinho. Pegando-lhe por um braço, um dos cocheiros ajudou-o a subir para a carruagem.

- Bom! Bom!, estes arranjos mulherengos! As mulheres! As mulheres! - exclamou Alpatitch, resfolegando, exactamente como costumava fazer o amo. E sentou-se no seu lugar.

Depois de ter dado as suas últimas instruções ao chefe da polícia rural a respeito dos trabalhos e desta vez sem imitar o príncipe, Alpatitch descobriu a cabeça calva e por três vezes se persignou.

- Se acontecer alguma coisa... volta logo para casa, Iakov Alpatitch. Por Deus, tem

piedade de nós - gritou-lhe a mulher, aludindo aos rumores que corriam sobre a guerra.

«Ah! Coisas de mulheres! Coisas de mulheres! Sempre com histórias!», murmurou Alpatitch para com os seus botões quando a *kibitka* se pôs em marcha. E lançava um olhar para a direita, outro para a esquerda, mirando ora os campos de centeio que amareleciam, ora a aveia ramalhuda e ainda verdejante, ora os campos ainda negros, que principiavam a ser preparados para as sementeiras.

Alpatitch, ao longo do caminho, ia admirando as belas searas de trigo, excepcionais naquela Primavera, os regos de centeio onde, em certos locais, já principiava a ceifa, e para si mesmo ia deitando os cálculos às sementeiras e às próprias colheitas, ao mesmo tempo que se interrogava a si mesmo sobre se não se teria esquecido de qualquer recado do amo.

Depois de se deter duas vezes para dar de comer aos cavalos, chegou à cidade na noite de 4 de Agosto.

Já encontrara no caminho comboios e tropas que ultrapassara. Ao aproximar-se de Smolensk, ouvira tiros de canhão a distância, mas a nada prestara atenção. Impressionou-o bem mais o facto de ter visto, nos arredores da cidade, uma magnífica seara de aveia que os soldados ceifavam, naturalmente para ração dos cavalos, e onde se instalara um acampamento. No entanto, até este pormenor esqueceu em breve, preocupado que ia com o que tinha a fazer.

Havia mais de trinta anos que Alpatitch não vivia senão para cumprir as ordens do príncipe, e era tudo. O que não dissesse respeito ao cumprimento das ordens do amo não só não o interessava como nem sequer existia para ele.

Tendo chegado na noite de 4 de Agosto a Smolensk, deteve-se do outro lado do Dniepre, no arrabalde de Gatcha, na estalagem de Ferapontov, antigo porteiro do príncipe, onde havia trinta anos se hospedava. Trinta anos atrás, com a cumplicidade de Alpatitch, comprara Ferapontov uma mata ao príncipe, pusera-se a negociar e agora era dono de uma casa, de uma estalagem e de uma tenda de cereais na capital da província. Era um campónio dos seus cinquenta anos, gordo, vermelhusco, cabelo preto, lábios grossos, nariz batatudo, pança e lobinhos por cima das espessas sobrancelhas. Estava à porta da tenda que dava para a rua, de colete e em mangas de camisa. Ao ver Alpatitch velo a ele.

- Bem-vindo sejas, Iakov Alpatitch! Os habitantes vão-se da cidade e tu vens - exclamou.

- Que dizes tu? Vão-se da cidade? - inquiriu Alpatich. - E eu entendo que são estúpidos. Têm medo dos Franceses.

- Coisas de mulheres!, coisas de mulheres! - replicou Alpatitch.

- É o que eu digo, Iakov Alpatitch. Desde que deram ordens para não deixar passar o

inimigo, o inimigo não passa. E aí tens tu os campónios a pedir três rublos por um carro. Que hereges!

Iakov Alpatitch ouvia distraído. Pediu o samovar e feno para os cavalos e depois do chá foi deitar-se.

Durante toda a noite desfilaram tropas pela porta da estalagem. No dia seguinte, Alpatitch envergou o trajo que só vestia quando vinha à cidade e desandou à sua vida. Estava uma manhã soalheira e às oito horas já fazia calor. «Rico tempo para as colheitas!», pensava Alpatitch. Do outro lado da cidade, desde manhã se ouvia a fuzilaria.

A partir das oito horas salvas de artilharia vieram juntar-se aos tiros de espingarda. As ruas transbordavam de gente, que se agitava apressada, e de soldados, mas os carros de praça circulavam, e os comerciantes conservavam-se nas suas lojas. Nas igrejas celebravam-se os ofícios matinais. Alpatitch percorreu as lojas, as repartições, foi ao correio e a casa do governador. Nas repartições, nas lojas, no correio, não se falava senão na guerra e tio inimigo, que estava já a atacar a cidade; perguntavam todos uns aos outros o que deviam fazer e cada um procurava tranquilizar o vizinho.

Em casa do governador havia muita gente, cossacos e carros de viagem pertença desse alto funcionário. Na escadaria de entrada encontrou dois indivíduos, um deles seu conhecido. Este, ex-comissário da polícia do distrito, falava acaloradamente:

- Não se trata de uma brincadeira - dizia ele. - Isso é, bom para quem está sozinho. Quando se é só e pobre, passa, mas quando se têm treze pessoas de família a seu cargo e tudo quanto é nosso... Aí é que está, fica-se sem nada. Que, espécie de autoridades são estas?... Devíamos enforcá-los a todos. Bandidos...

- Bom, bom, basta - dizia o outro.

- Que me importa a mim? Pois que ouçam! Não somos cães.- E, tendo-se voltado, viu Alpatitch.

- Eh, Iakov Alpatitch, que fazes tu por aqui?

- Trago uma incumbência de Sua Excelência para o governador - replicou Alpatitch, empertigando a cabeça e metendo a mão na carcela da camisa, atitude que tomava sempre que se referia ao amo. - Encarregou-me de me informar da situação.

- Então, trata de te informares - gritou o outro. - Vais ver ao que estamos reduzidos. Não há mais carros, nada mais há. E eles aí estão, ouves? - prosseguiu ele, apontando para os lados donde se ouvia a fuzilaria.

- Arranjaram as coisas tão bem que estamos todos liquidados... Bandidos! - repetiu, enquanto descia a escada.

Alpatitch encolheu os ombros e meteu pela escadaria acima. Na sala de espera havia

negociantes, mulheres, funcionários, olhando todos uns para os outros, sem dizerem palavra. A porta do gabinete abriu-se: todos se levantaram e deram um passo em frente. Açodado, saiu lá de dentro um funcionário, que disse qualquer coisa a um dos negociantes, e depois se dirigiu a um gordo burocrata que trazia uma condecoração ao pescoço, desaparecendo em seguida, como que a eximir-se às perguntas e aos olhares que lhe endereçavam. Alpatitch colocou-se na primeira fila, e quando o funcionário voltou a aparecer, metendo a mão na carcela do cafetã, puxou das duas cartas, que lhe apresentou,

- Para o Sr. Barão Asch, da parte do general-chefe príncipe Bolkonski - articulou ele, numa voz tão importante e tão solene que o funcionário não teve outro remédio senão aceitar as cartas.

Alguns minutos depois, o governador recebia Alpatitch e dizia-lhe apressadamente:

- Diz ao príncipe e à princesa que nada sei: procedo de acordo com as ordens superiores. Toma, aqui tens – acrescentou, entregando-lhe um papel. - Aliás, se o príncipe está doente, aconselho-o a que vá para Moscovo, eu próprio vou partir imediatamente. Diz-lhe...

O governador não pôde concluir a frase. Um oficial coberto de suor e de poeira precipitou-se na sala e pôs-se a falar-lhe em francês. No rosto do governador havia uma expressão de pânico.

- Vai-te embora - disse ele, fazendo-lhe um sinal com a cabeça, e pôs-se a interrogar o oficial,

Olhares ávidos de notícias, assustados e impotentes, interrogaram Alpatitch quando ele saiu do gabinete do governador, Dando fé, mesmo sem querer, da fuzilaria cada vez mais intensa e mais próxima, tratou de regressar à estalagem. O papel que o governador lhe dera dizia o seguinte:

«Asseguro-lhe que a cidade de Smolensk não corre perigo algum e não é de crer que venha a estar ameaçada. O príncipe Bagration e eu avançamos cada um pelo seu lado para nos reunirmos diante de Smolensk, junção esta que estará realizada no dia 22 deste mês, e os dois exércitos, na totalidade das suas forças, defenderão os seus compatriotas da província que lhe foi confiada até que os nossos esforços afastem deles o inimigo da pátria ou até que caia o último soldado das nossas valorosas fileiras. Portanto já vê que pode tranquilizar os habitantes de Smolensk; quando se é defendido por dois exércitos ião valentes pode estar-se seguro da vitória.» *(Ordem do dia de Barclay de Tolly ao governador civil de Smolensk, barão Asch, no ano de1812.)*

O povo girava inquieto pelas ruas. Carroças carregadas de panelas, de cadeiras, de arcas, saíam a cada momento dos portais e seguiam ruas fora. Diante da casa contígua à de Ferapontov estacionavam vários carros, e algumas mulheres soluçavam, despedindo-se. Um cão ladrava correndo à frente dos cavalos atrelados.

Alpatitch, em passo mais acelerado que de costume, penetrou no pátio e dirigiu-se directamente ao telheiro onde estavam os seus cavalos e a sua carruagem. O cocheiro dormia; acordou-o e mandou-o atrelar, entrando depois no vestíbulo da estalagem.

No quarto do dono da casa ouviam-se choros de crianças, soluços dilacerantes de mulheres e a voz estentórea e rouca de Ferapontov. Quando Alpatitch penetrou no vestíbulo, a cozinheira corria de um lado para o outro como uma galinha assustada.

- Deu-lhe uma paulada que a deixou meio morta... Bateu na patroa. Arrastou-a.

- Porquê? - perguntou Alpatitch.

- Queria que a levasse daqui. É mulher, coitada! «Leva-me», disse-lhe ela, «não me deixes morrer aqui com os meus filhos. Toda a gente se vai embora. Que vai ser de nós?» E ele pôs-se a bater-lhe. Aquilo é que foi dar-lhe. Como ele a arrastou!

Alpatitch abanou a cabeça, com ar meio aprovador, e sem querer ouvir mais encaminhou-se para o quarto em frente do do patrão, onde deixara as suas compras.

- Malvado! Bandido! -, gritava nessa altura uma mulher magricela e pálida, com uma criança ao colo, que se precipitou na escada a caminho do pátio, o lenço da cabeça meio rasgado.

Ferapontov saiu-lhe no encalço, mas ao ver Alpatitch ajeitou colete e os cabelos e, bocejando, penetrou no quarto do amigo.

- Pelo que vejo, vais-te embora - disse- lhe.

Sem lhe responder e sem mesmo o olhar, Alpatitch continuou a embrulhar as suas compras e perguntou-lhe quanto lhe devia.

- Já faremos contas. Falaste com o governador? - inquiriu Ferapontov - Que decidiram eles?

Alpatitch explicou-lhe que o governador nada lhe dissera de muito preciso.

- Como havemos nós de nos ir embora? - disse Ferapontov. - Quem há-de dar sete rublos por um carro até Dorogobuj? É por isso que eu digo que são hereges! Selivanov, esse, teve sorte, na quinta-feira: vendeu farinha ao exército à razão de nove rublos por saco. Ouve cá, tornas chá? - acrescentou.

Enquanto atrelavam os cavalos os dois foram tomar chá, conversando sobre o preço dos trigos, sobre as colheitas e o tempo, que ia bom para as ceifas.

- Parece que isto vai melhor - disse Ferapontov, depois de tomar três chávenas de

chá, levantando-se. - Podes crer, os nossos têm-nos na mão. Eles bem dizem que os não hão-de deixar entrar. Só quer dizer que têm força... No outro dia, segundo ouvi, Matvei Ivanovitch Platov perseguiu-os até ao Marina. Dizem que só num dia afogou dezoito mil.

Alpatitch fez um embrulho das suas compras, deu-o ao cocheiro, que acabava de entrar, e pagou a conta ao estalajadeiro. Junto do portão ouviam-se o ruído da *kibitka* que saía do pátio e o retinir dos guizos.

Já passava do meio-dia. Parte da rua estava na sombra enquanto a outra brilhava ao sol. De súbito ouviu-se um silvo longínquo e estranho acompanhado de um estampido, e em seguida um ronco prolongado que fez estremecer os vidros.

Alpatitch saiu para a rua. Dois homens corriam na direcção da ponte. Por todos os lados se ouviam silvos e o estampido surdo das granadas que explodiam sobre a cidade. Mas isso nada era e pouco chamava a atenção dos habitantes comparado com o canhoneio que se ouvia fora de portas.

Era o bombardeamento da cidade de Smolensk, com cento e trinta peças de artilharia, que Napoleão ordenara principiasse às cinco horas da manhã. De princípio, a população da cidade não tinha sequer percebido que se tratava de um bombardeamento.

Os obuses e as granadas que caíam começaram por despertar apenas curiosidade. A mulher de Ferapontov, que continuava a choramingar no telheiro, calou-se repentinamente, e com o filho nos braços veio para o portão, onde ficou, sem dizer nada, olhando para quem passava, de ouvido à escuta.

A cozinheira e um lojista vieram-se-lhe juntar. Todos, numa curiosidade divertida, procuravam lobrigar os projécteis que lhes passavam por cima da cabeça. A esquina da rua apareceram uns indivíduos conversando animadamente.

- Que força, caramba! - dizia um - O telhado, o tecto, ficou tudo em cacos.

- Parece que andaram a fossar a terra como o porco faz com o focinho - acrescentou outro. - Isto sim, isto vale a pena. Põe um morto em pé! - prosseguiu um terceiro em ar de mofa. - Tiveste sorte. Se não tens dado um salto para o lado, estavas a estas horas em fanicos.

Aproximaram-se deles outras pessoas. Contaram que as granadas lhes tinham caído em casa, mesmo a seu lado. Entretanto, os projécteis, as granadas, de silvos prolongados e lúgubres, os obuses, de uma música mais alegre, continuavam a passar por cima das cabeças. No entanto, nenhum caiu nas imediações, todos seguiam mais longe. Alpatitch instalou-se na *kibitk*a. O estalajadeiro continuava de pé, ao portão.

- Que estás tu para aí a olhar? - gritou ele para a cozinheira, a qual, de mangas arregaçadas, saiote vermelho, mãos nas ancas, se aproximara do cunhal da rua para ouvir o

que se dizia.

- Sempre há coisas! - exclamava ela, Mas, ao ouvir a voz do amo, retrocedeu, deixando cair a saia repuxada para cima. De novo, e desta vez ali mesmo, ressoou um silvo, e, como uma ave vinda do céu, viu-se um grande clarão no meio da rua, enquanto uma detonação, que encheu tudo de fumo, atroava os ares.

- Bandidos! Que está esta gente a fazer? - gritou o estalajadeiro, correndo para a cozinheira.

Nesse mesmo momento romperam de vários lados gritos aflitivos de mulheres. A criança, aterrada, pôs-se a chorar, e as pessoas, silenciosas e pálidas, juntaram-se em volta da cozinheira. Os gemidos e as exclamações que ela soltava ouviam-se no meio do vozear da multidão.

- Oh, meus pombinhos! Oh, pombinhos brancos! Não me deixem morrer! Meus pombinhos brancos!

Cinco minutos depois não havia vivalma na rua. A cozinheira fora levada para a cozinha, com uma costela partida por um estilhaço de obus. Alpatitch, o cocheiro, a mulher de Ferapontov mais os filhos, o porteiro, todos se haviam refugiado na cave, e falavam de ouvido à escuta. O troar do canhão, o silvar das granadas bem como os gemidos da cozinheira, que dominavam todos os demais ruídos, não se calavam um instante, A mulher do estalajadeiro embalava o filho, procurando sossegá-lo, e perguntam aos que iam entrando se tinham visto o marido, que ficara lá fora. Um lojista que chegou disse que ele acompanhara o povo que se dirigia à catedral para rezar diante do ícone miraculoso de Smolensk.

Ao cair da noite o canhoneio diminuiu. Alpatitch saiu da cave e ficou um momento parado no limiar da porta. O céu, até aí claro, estava agora cheio de fumo. E no meio de toda aquela fumarada, no horizonte, resplandecia o crescente da lua nova. Desde que o troar das bocas de fogo se calara, parecia que a calma caíra sobre a cidade, apenas interrompida pelo ruído confuso dos passos, dos gemidos, dos gritos longínquos e do crepitar dos incêndios. Os gemidos da cozinheira tinham deixado de se ouvir. A direita e à esquerda elevavam-se, dispersando-se pelo ar, negras colunas de fumo, Nas ruas, não já em fileiras, mas como formigas de um formigueiro arrasado, corriam, em várias direcções, soldados com os mais variados uniformes. A vista de Alpatitch vários se refugiaram no pátio de Ferapontov. Alpatitch caminhou para o portão. Um regimento, em retirada, acelerada e em desordem, obstruía a rua.

- A cidade rende-se, fuja, fuja o mais depressa possível - disse um oficial que, ao passar, reparara na silhueta de Alpatitch, e logo em seguida, gritando para os soldados. - Eu

vos ensinarei a meterem-se no pátio.

Alpatitch voltou à estalagem e, chamando o cocheiro, deu-lhe ordem de abalar. O pessoal de Ferapontov saíra logo atrás de Alpatitch e do cocheiro. Ao verem a fumarada e as chamas dos incêndios, agora mais brilhantes por ter começado a cerrar-se a noite, as mulheres, até aí caladas, de repente puseram-se aos gritos. Como se lhes respondessem, nos dois extremos da rua ressoaram gemidos. Alpatitch e o cocheiro, de mãos trémulas, no telheiro, desembaraçavam as rédeas dos cavalos e os tirantes enrodilhados.

No momento em que saíam do portão viram na tenda de Ferapontov, cuja porta ficara aberta, um magote de soldados que em grande alarido enchiam sacos e bornais de farinha e de girassol. Nessa altura entrava Ferapontov, vindo da rua. Ao ver os soldados quis gritar mas, de súbito calou-se e, arrancando as mãos cheias os cabelos da cabeça, rompeu num riso entrecortado de soluços.

- Levem tudo, rapazes! Não deixem coisa, alguma Para esses diabos - gritava ele, pegando também nos sacos e despejando-os na rua.

Alguns dos soldados, assustados, fugiram, enquanto os outros continuaram a encher os sacos. Ao ver Alpatitch, Ferapontov gritou-lhe:

- Rússia, estás perdida! Alpatitch! Rússia, estás perdida! Eu vou tratar de deitar o fogo a tudo. Estás perdida... - repetia, correndo para a rua.

A rua estava completamente obstruída pelos soldados que passavam constantemente e Alpatitch, não podendo avançar, viu-se obrigado a esperar ali mesmo. A mulher de Feranontov com os filhos meteu-se também num carro à espera do poder passar.

A noite fechara-se por completo. O céu coberto de estrelas e de tempos a tempos via-se surgir a Lua através de uma cortina de fumo. Ao descerem para o Dniepre, os carros de Alpatitch e da mulher do estalajadeiro, que avançavam, a passo, entre duas filas de soldados e viaturas, foram obrigados a parar. Não longe da encruzilhada onde fizeram alto, uma casa e uma tenda ardiam ainda. O incêndio principiava a extinguir-se. Tão depressa as chamas esmoreciam, perdendo-se numa fumarada negra, como se punham a crepitar de súbito, iluminando, com uma nitidez fantástica, as figuras dos fugitivos acumulados na estrada. Por diante das chamas perpassavam silhuetas negras e no meio do crepitar ininterrupto do fogo ouviam-se vozes e gritos. Alpatitch apeou-se e, vendo que o caminho não estaria desimpedido tão depressa, dirigiu-se à encruzilhada para contemplar o fogo.

Os soldados andavam de um lado para o outro diante do braseiro. Viu que dois deles, acompanhados de um homem com um capote pelos ombros, arrastavam pela rua, em direcção a um Pátio vizinho, pranchas a arder. Outros traziam braçados de feno.

Alpatitch aproximou-se de um grande ajuntamento estacionado diante de um vasto

estabelecimento que ardia a bom arder. As paredes estavam envoltas em chamas, a retaguarda ruía. O telhado de folhas de madeira estava prestes a cair, as pranchas ardiam. A gente aguardava, sem dúvida, que o telhado viesse abaixo. Alpatitch esperou também.

- Alpatitch! - gritou de repente uma voz conhecida.

- Excelência, paizinho! - exclamou ele, ao reconhecer imediatamente a voz do seu jovem amo.

O príncipe André, envolto numa capa e montado num murzelo, estava no meio da multidão, de olhos fitos nele.

- Que estás aqui a fazer? - perguntou.

- Exce... excelência... - balbuciou Alpatitch, rompendo a chorar. - Exce... excelência... É possível que estejamos perdidos? Paizinho...

- Que estás aqui a fazer? - repetiu André.

Naquele momento reavivaram-se as chamas e Alpatitch pode ver o rosto pálido e esgotado do seu jovem amo, Contou ao que viera e como não podia dali sair.

- É verdade. Excelência, que estamos perdidos? - repetiu ele.

O príncipe André, sem lhe responder, puxou de uma carteirinha de algibeira, arrancou-lhe uma página e em cima do joelho pôs-se a escrever a lápis estas palavras, dirigidas à irmã:

«Smolensk rendeu-se. Lissia Gori será ocupada pelo inimigo dentro de oito dias. Partam imediatamente para Moscovo. Avisa-me em seguida da data da vossa partida, enviando-me um portador a Usviage.»

Depois de ter entregue o papel a Alpatitch, deu-lhe oralmente instruções sobre os preparativos da partida do príncipe, da princesa e do filho, com o seu preceptor, e sobre a resposta que lhe devia ser remetida imediatamente. Mal acabara de falar, um dos chefes do estado-maior, a cavalo, e seguido de uma comitiva, precipitou-se para ele.

- É o senhor o coronel? - Fritou, com um sotaque alemão não de todo desconhecido do príncipe André. - Estão a deitar fogo às casas na sua presença e o senhor nada faz para o impedir? Que quer isto dizer? O senhor é o responsável...

Era Berg, então subchefe do estado-maior do flanco esquerdo da infantaria do 1º exército, «posição muito agradável e de destaque», como costumava dizer.

O príncipe André fitou-o, e sem lhe responder continuou para Alpatitch:

- Diz-lhe que espero resposta até ao dia 10, e se nesse dia não receber comunicação de que toda a gente abalou, ver-me-ei obrigado a deixar tudo para ir pessoalmente a Lissia Gori.

- Príncipe, falo-lhe assim - disse Berg, reconhecendo-o - Porque sou obrigado a

cumprir as ordens que recebo e desempenho-as sempre escrupulosamente... Desculpe-me, se faz favor...

Alguma coisa crepitou no meio das chamas, que pareciam esmorecer, e turbilhões de fumo negro romperam do telhado.

Outro estrondo ainda maior se ouviu e o telhado desmoronou-se.

«Hurra!», ululou a multidão ao ouvir o estampido, O telhado do estabelecimento ruíra, espalhando em torno um forte cheiro a pão queimado. As chamas reavivaram-se de novo, iluminando os rostos fatigados da multidão extenuada que rodeava o braseiro.

O homem do capote gritou, erguendo os braços ao ar: - Muito bem! Bom trabalho! Assim mesmo, rapazes!...

- É o proprietário! - exclamaram algumas vozes de entre a multidão.

- Bom! Está entendido! - prosseguiu o príncipe André - Repete-lhes tudo tal qual eu te disse. - E sem dar atenção a Berg, que permanecia silencioso junto dele, esporeou o cavalo e desapareceu por uma azinhaga.

Capítulo V

Depois da queda de Smolensk, as tropas russas continuaram sua retirada, perseguidas pelo inimigo. No dia 10 de Agosto o regimento comandado pelo príncipe André passou, seguindo pela estrada principal, junto do caminho que conduzia a Lissia Gori.

O calor e a seca duravam havia mais de três semanas. Todos os dias grossas nuvens perpassavam pelo céu, escondendo o Sol de vez em quando. Mas para o fim da tarde o firmamento clareava e o Sol desaparecia no horizonte no meio de uma neblina avermelhada. Só o rocio da noite refrescava a terra. O trigo que não fora ceifado secava e o grão caía. Os pântanos tinham secado. O gado morria de fome, sem encontrar pastos nos prados restados pelo sol, Só de noite, e nas florestas, enquanto durava a humidade nocturna, fazia fresco. Mas na estrada real, por onde seguiam as tropas, até de noite, até mesmo no meio das florestas, o calor era insuportável. Não se dava pelo rocio da noite na poeira dos caminhos, de mais de um quarto de archina de altura. Mal luzia a manhã, logo recomeçava a marcha, Os comboios, a artilharia, rolavam sem ruído, enterrados até aos eixos, e a infantaria metia os pés, até à barriga da perna, na poeira mole, sufocante, que nem de noite arrefecia. Parte daquela poeira trituravam-na os pés dos soldados e as rodas das viaturas e a outra subia no ar, formando uma nuvem por cima das tropas e metendo-se pelos olhos dentro, por dentro dos cabelos, pelo nariz e sobretudo pelos pulmões dos homens e dos animais. À medida que o Sol ia subindo no horizonte mais espessa se tornava a nuvem! de poeira, a qual, à falta de verdadeiras nuvens, permitia aos soldados fitar o Sol o olho nu. Então o disco solar parecia um enorme globo carmesim. Não havia vento, e os soldados sufocavam nesta atmosfera imóvel. Era preciso marchar com um lenço diante do nariz e da boca. Ao atravessarem as aldeias precipitavam-se para a abertura dos poços. Disputavam a água a murro c às vezes até bebiam lama.

O príncipe comandava um regimento e, a administração e o bem-estar dos seus homens, a necessidade, de receber e transmitir ordens, tomavam-lhe o tempo todo. O incêndio e o abandono de Smolensk representavam uma época importante da sua vida. Um sentimento de ódio contra o inimigo fizera-o esquecer o seu desgosto. Entregava-se inteiramente ao cumprimento das suas funções. Preocupava-se com os soldados e os oficiais. Todos lhe chamavam o «nosso príncipe»: orgulhavam-se dele e estimavam-no

muito Mas só era bom e afectuoso com os homens do seu regimento, como Timokine e outros, gente nova para ele, gente de um meio desconhecido, que nada podia saber do seu próprio passado. Nas suas relações com os seus antigos conhecimentos, com a gente do estado-maior, tornava-se imediatamente intratável: era desagradável, irónico e altivo. Tudo quanto lhe lembrava o passado lhe repugnava, e em relação às pessoas do seu antigo meio limitava-se a usar da mais estrita justiça e a cumprir meramente os seus deveres.

Em verdade, a seus olhos tudo se lhe representava sombrio e triste, principalmente depois de 6 de Agosto, dia da rendição de Smolensk, cidade que na sua opinião podia ter sido defendida e se devia ter defendido, e depois que seu pai, doente, tivera de fugir para Moscovo, abandonando à pilhagem Lissia Gori, propriedade a que tanto queria e que ele próprio construíra e povoara. Mas, apesar de tudo, o príncipe André, graças ao seu regimento, tinha o espírito preocupado com outras coisas, bem diferentes de todas essas tristezas, A 10 de Agosto a coluna de que o seu regi- mento fazia parte chegou a alturas de Lissia Gori. Dois dias antes recebera a comunicação de que o pai, o filho e a irmã haviam partido para Moscovo. Embora, realmente, nada tivesse que fazer ali, resolveu, movido por essa tendência especial do seu carácter que o levava a apreciar dolorosas alegrias, visitar aqueles lugares.

Mandou selar o cavalo e dirigiu-se à aldeia de seus pais, onde ele próprio nascera e onde decorrera a sua infância. Ao passar junto do tanque em que habitualmente dezenas de mulheres lavavam a roupa chalreando, notou que não havia vivalma e que uma tábua arrancada da borda, quase submersa, flutuava no meio da água. Aproximou-se da casa do guarda. Junto do portão de pedra da entrada ninguém havia e a porta da casa estava aberta, As áleas do parque estavam cobertas de relva e os bezerros e os cavalos deambulavam pelo jardim à inglesa. Na estufa os vidros estavam partidos e algumas plantas caídas por terra e outras secas... Chamou Tarass, o jardineiro, mas ninguém lhe respondeu. Rodeando a estufa pelo terraço, notou ao passar que a balaustrada de madeira entalhada estava partida e que os ramos das ameixieiras, sem frutos, jaziam quebrados no chão. Um velho camponês, que o príncipe de há muito conhecia, estava, junto do portão, sentado num banco verde entrançando *laptis*.

Era surdo e não dera pela chegada do amo. Estava acomodado no banco em que o velho príncipe gostava de sentar-se, e junto dele, suspensas dos ramos de uma magnólia partida e seca, viam-se as meadas de cânhamo.

O príncipe André dirigiu-se a casa, Tinham cortado várias tílias do antigo parque, uma égua malhada com o seu potro cirandava, por debaixo das janelas, mesmo pelo meio dos alegretes das roseiras. As portadas das janelas estavam fechadas. Havia apenas uma

aberta, em baixo. Ao ver o príncipe André, o filho de um criado entrou correndo em casa. Alpatitch, que mandara família para a cidade, ficara em Lissia Gori, E ali estava a ler *Vida dos Santos*. Ao saber da, chegada do príncipe André, de lunetas no nariz e abotoando o casaco, tratou logo de vir ao encontro do amo, e sem dizer palavra rompeu a chorar enquanto se abaixava para lhe beijar o joelho.

Depois voltou a cara, arreliado com a fraqueza que mostrara, e pôs-se a contar ao príncipe o que se passara. Tudo o que era precioso e, de valor fora transportado para Bogutcharovo. O trigo, cerca de cem *tchetverts*, fora levado também para lugar seguro. Quanto ao feno e ao trigo, a colheita da Primavera, excepcional, segundo ele dizia, haviam sido ceifados verdes e levados pelas tropas. Os camponeses estavam arruinados, e parte deles fora também para Bogutcharovo, embora a maioria houvesse ficado.

Sem o ouvir até final, o príncipe André perguntou-lhe:

- Quando se foram meu pai e minha irmã?

Queria dizer: quando saíram para Moscovo. Alpatitch, julgando que ele se referia à partida para Bogutcharovo, respondeu terem partido no dia 7, e de novo voltou a falar dos assuntos do domínio, pedindo instruções.

- Acha que se deve dar às tropas, contra recibo, a aveia que ficou? Ainda há umas seiscentas *tchetverts*... - inquiriu.

«Que devo eu responder- lhe?», pensava o príncipe André, enquanto filava o crânio do velho, calvo como a palma da mão, brilhando ao sol, e lhe ia lendo na expressão que ele próprio compreendia quão inoportunas eram essas perguntas, que ele as não fazia senão para afogar mágoas.

- Pois sim, entrega-a - replicou.

- Naturalmente reparou na desordem do jardim - prosseguiu Alpatitch. - Não foi possível evitá-la. Três regimentos passaram aqui a noite, principalmente dragões. Tomei nota do posto e do nome do comandante, para apresentar queixa.

- E que vais tu fazer agora? Continuarás aqui se o inimigo ocupar a quinta? - perguntou o príncipe André.

Alpatitch virou a cara para o príncipe, fitou-o e, de súbito, num gesto solene, ergueu os braços ao céu.

- Ele é meu protector, que seja feita a Sua vontade! - exclamou.

Um grupo de camponeses e de criados, todos de cabeça descoberta, avançava através do campo, direito ao lugar onde estava o príncipe André.

- Bom, adeus! - disse este, inclinando-se para Alpatitch - Vai-te embora também. Leva contigo o que puderes e diz aos camponeses que se refugiem ou na propriedade de

Riazan ou nas dos arredores de Moscovo.

Alpatitch agarrou uma das pernas do amo, soluçando. O príncipe André desprendeu-se suavemente e, esporeando o cavalo, despediu a galope por uma das alamedas.

No terraço da estufa, tão indiferente como uma mosca pousada no rosto de um morto que nos é querido, continuava sentado o ancião, ocupado a pregar num cepo os seus *laptis,* e duas pequenitas com as saias arregaçadas, cheias de ameixas colhidas nas árvores da estufa, correram dando de caras com o cavaleiro. Ao ver o patrão novo, a mais idosa, muito assustada, pegou na companheira pela mão e ambas se foram esconder atrás de um álamo, sem terem tempo de apanhar as ameixas verdes que deixaram cair no chão.

O príncipe André deu-se pressa em voltar a cabeça para o lado, para que elas não vissem que ele as observara. Fez-lhe pena aquela linda garota, com o seu ar assustado. Não queria olhar, mas não conseguia. Um sentimento novo, doce e apaziguador o invadiu ao ver aquelas crianças. Compreendeu que outros interesses havia na vida completamente alheios aos seus e tão naturais como os que o preocupavam. Aquelas crianças não tinham evidentemente senão um desejo: levar consigo, para comê-las, aquelas ameixas verdes e não se deixarem apanhar, e o certo é que André, lá no fundo, lhes estava desejando que fossem bem sucedidas na sua proeza. E não resistiu a olhar para elas uma vez mais. Julgando passado todo o perigo saíram do seu esconderijo e, tagarelando nas suas vozitas agudas, de saias arregaçadas, puseram-se a correr alegremente pela relva, de pés descalços tostados pelo sol.

O príncipe André sentira-se um pouco mais fresco ao abandonar a atmosfera poeirenta da estrada real por onde avançavam as tropas. Mas não longe de Lissia Gori teve novamente de meter por ela e foi apanhar o seu regimento junto da comporta de um dique. Eram duas horas da tarde. O Sol, como uma bola vermelha no meio da poeira, escaldava, e as costas ficavam assadas através do pano preto do uniforme. O pó continuava na mesma e mantinha-se imóvel por cima dos soldados, que não cessavam de falar. Não havia vento. Ao passar junto da albufeira, André sentiu nas narinas um cheiro a lodo, e do tanque subiu um pouco de frescura. Teve vontade de se atirar à água, por mais suja que estivesse. Voltou-se para o lado da albufeira donde vinham gritos e risadas. Aquela pequenina extensão de água turva, cheia de juncos, parecia ter crescido mais dois palmos e inundava já a comporta, tantos eram os corpos brancos e nus que nela chafurdavam, de mãos, rostos e pescoços encarnados cor de tijolo. Toda essa carne humana chafurdava entre as gargalhadas e gritos naquele pântano lamacento, como carpas dentro de uma selha. Uma vaga tristeza se derramava daqueles alegres folguedos. Um soldado louro, das relações pessoais do príncipe André, da 3ª companhia, com uma correia na barriga da perna,

persignou-se e recuou alguns passos para dar uma corrida e mergulhar na água; outro, um sargento, trigueiro e cabelos sempre revoltos, metido no tanque até à cintura, agitava o busto musculoso, resfolegando alegremente, enquanto salpicava a cabeça com os braços queimados até ao pulso. Só se ouvia chapinhar e gritar.

Nas margens da albufeira, na comporta, no tanque, por toda a parte, só se via carne branca, sã e musculosa. O oficial Timokine, com o seu nariz vermelhusco, enxugava-se com uma toalha em cima da comporta, e, embora um pouco envergonhado ao ver o príncipe André, exclamou:

- Isto faz bem, Excelência, devia fazer o mesmo!

- Está muito suja a água - replicou o príncipe André, fazendo uma careta.

- Vamos já arranjar-lhe sítio. - E Timokine, meio vestido, correu a afastar os banhistas.

- O príncipe queria...

- Quem?, o nosso?... - exclamaram várias vozes, e todos se ajeitaram de tal modo que o príncipe André se viu em apuros para convencê-los a que se deixassem ficar como anteriormente. Preferia proceder as suas abluções debaixo de um te1heiro.

«Carne, corpos, carne para canhão», pensava ele, despindo-se também, e tremendo menos de frio que à lembrança dessa massa de corpos que chafurdava no tanque cheio de lama: sentia ao mesmo tempo desgosto e pavor, embora não soubesse explicar o porquê desses sentimentos.

No dia 7 de Agosto, o príncipe Bragation, do seu acampamento de Mikailovka, na estrada de Smolensk, escrevia a carta seguinte. Endereçada a Araktcheiev, sabia que seria lida pelo imperador, e por isso ponderou cada palavra, pelo menos na medida em que era capaz de o fazer

Sr. Conde Alexis

Suponho que o ministro já o terá informado que Smolensk foi abandonada ao inimigo. É doloroso e triste, e o exército inteiro está desesperado por ver que a mais importante das nossas praças foi perdida sem qualquer utilidade. Pela minha parte, pedi-lhe, pessoalmente e com o maior empenho, que o não fizesse, e até chequei a escrever-lhe nesse sentido, mas não se demoveu. Juro-lhe pela minha honra que Napoleão se encontrava num atoleiro e que teria perdido metade do seu exército sem tomar Smolensk. As nossas tropas têm-se batido e batem-se como nunca. Pela minha parte, resisti com quinze mil homens durante mais de trinta e cinco horas e venci-os, mas ele nem sequer catorze horas quis resistir. É uma vergonha e uma nódoa, para o nosso exército, e na minha opinião esse homem não tem direito a vida. Se lhe

diz que as nossas perdas são muito grandes, não é verdade. Talvez uns quatro mil homens, não mais, e talvez menos até. Mas ainda que fossem dez mil, que havíamos nós de fazer? É a guerra. As perdas do inimigo, porém, essas são enormes.

Que lhe custava demorar-se mais dois dias? Ao menos o inimigo ter-se-ia retirado por si, pois a verdade é que já não tinha água para os homens nem para os cavalos. Dera-me a sua palavra de honra de que não recitaria, e eis que me envia uma mensagem dizendo que se ia embora naquela mesma noite. Não se pode fazer a guerra deste modo, e por este andar não tarda, que o inimigo siga ate Moscovo.

Corre por aqui que pensa na paz. Deus nos livre! Depois de todos estes sacrifícios e de uma retirada tão insensata, pedir a paz? Seria fizer com que o Rússia ficasse toda contra si, e todos nós teríamos vergonha de vestir uma farda. Já que as coisas chegaram a este ponto é preciso que lutemos enquanto a Rússia puder e enquanto houver homens.

É mister que o comando esteja na mão de um, e não nas de dois. O seu ministro talvez seja excelente no exercício das funções da sua pasta, mas como general não é apenas mau, é mesmo péssimo. E a ele confiaram o destino da nossa pátria... Sinceramente, estou doido de indignação. Perdoe-me a ousadia das minhas palavras. É evidente que não gosta do seu imperador e que não deseja outra coisa senão a nossa perdição aquele que aconselha que se peça a paz e quer que o ministro seja o único a comandar. Por isso lhe digo a verdade: organize a milícia. De outra forma, o ministro acabará, de maneira magistral, por levar consigo o seu hóspede ale Moscovo. O senhor Vatltzofen, general ajudante-de-campo do imperador, não é visto com bons olhos pelo exército. Há quem diga que e mais fiel a Napoleão que ao nosso monarca e no entanto é o maior conselheiro do ministro. Quanto a mim, obedeço-lhe como um cabo, embora mais antigo do que ele. É triste, mas é por lealdade para com o meu benfeitor e soberano que me submeto. No entanto, não posso deixar de lamentar que o nosso imperador confie o seu magnífico exército a semelhante pessoa. Imagine que na nossa retirada perdemos mais de quinze mil homens por esgotamento e hospitalizados, coisa que não teria acontecido se tivéssemos caminhado em frente. Diga-lhes aí, por amor de Deus, que a nossa Rússia, a nossa mãe, acabará por acusar-nos de termos medo e de entregarmos a nossa boa e heróica pátria a esses canalhas: talvez seja a maneira de despertar a vergonha, e o ódio em cada cidadão. Que significa esta cobardia? De que ternos medo? Não é minha a culpa se o ministro é indeciso, medroso, absurdo, lento, e se há nele todos os defeitos possíveis. O exército inteiro não faz senão chorar e cobre-o de impropérios.

Capítulo VI

Entre as numerosas subdivisões que podem estabelecer-se nos fenómenos da vida há algumas em que predomina o fundo sobre a forma e outras em que é a forma que prevalece. É a esta última subdivisão, e em oposição à vida no campo, tia província, nas capitais do distrito e até mesmo em Moscovo, que pertence a vida de Petersburgo, principalmente a vida do salão. Esta última é imutável.

Em 1805, os Russos tinham-se reconciliado e zangado com Napoleão, tinham feito e desfeito constituições, mas os salões de Ana Pavlovna e de Helena eram exactamente o que haviam sido sete anos antes um e cinco o outro. No salão de Ana Pavlovna continuava a falar-se com o mesmo espanto dos êxitos de Bonaparte e a ver-se nos seus triunfos, bem como nas convivências dos monarcas da Europa, uma pérfida conspiração adrede preparada para enfadar e perturbar a corte russa, que Ana Pavlovna representava. No de Helena, a que Rumiantsov, inclusivamente, dava a honra da sua presença, considerando a condessa Bezukov como uma mulher de excepcional inteligência, em 1812, exactamente como em 1808, continuava a falar-se entusiasticamente da grande nação e do grande homem, deplorando o corte de relações com a França, mal-entendido que não podia deixai de terminar com um tratado de paz.

Nos últimos tempos, depois do regresso do imperador, verificava-se uma agitação desusada nestes mundos opostos, e houve, inclusivamente, algumas demonstrações hostis de parte a parte, embora a tendência geral de cada permanecesse a mesma, o salão de Ana Pavlovna, quanto a franceses, apenas recebia os legitimistas mais empedernidos, e os seus sentimentos patrióticos patenteavam-se no facto de incluir no índex o teatro francês cuja manutenção, segundo se dizia, era tão dispendiosa como a de um corpo de exército. Seguiam-se ali febrilmente os acontecimentos militares e faziam-se circular os boatos mais lisonjeiros para o exército russo. No salão de Helena, também o de Rumiantsov e dos franceses, desmentiam-se os rumores acerca das crueldades do inimigo e da guerra e discorria-se sobre as tentativas levadas a cabo por Napoleão para obter a paz. Eram censurados aí os que davam conselhos precipitados no sentido de transferir a corte para Kazan bem como os estabelecimentos de ensino de meninas dependentes da administração da imperatriz-mãe. Em geral, no salão de Helena a guerra apresentava-se como uma série

de demonstrações estéreis que não tardariam a acabar com a paz, e a opinião que reinava ai era a de Bilibine, nessa, altura um dos íntimos de Helena - pois todo o homem inteligente tinha de frequentar o seu salão. Segundo ele, não era a pólvora que deveria resolver o pleito, mas os que a tinham inventado. Troçava-se com muito espírito, mas sem prudência, do entusiasmo de Moscovo, de que haviam chegado rumores a Petersburgo, bem como da recepção do imperador na velha cidade.

No salão de Ana Pavlovna, pelo contrário, aplaudiam-se entusiasticamente essas manifestações, dignas dos heróis de Plutarco. O príncipe Vassili, que continuava a desempenhar as mesmas funções importantes, servia de traço de união entre os dois grupos. Frequentava, alternadamente, a minha boa amiga Ana Pavlovna e *o salão diplomático de minha filha;* como estava sempre a passar de um lado para o outro, sucedia às vezes enganar-se e dizer no salão de Helena o que devia dizer no de Ana Pavlovna e reciprocamente.

Pouco depois do regresso do imperador, o príncipe Vassili, ao falar da situação em casa de Ana Pavlovna, criticara severamente Barclay de Tolly, mostrando-se indeciso quanto ao nome que devia chamar-se para ocupar o lugar de general-chefe. Um dos frequentadores do salão, de quem se dizia *ser um homem cheio de valor,* e que contara ter visto nesse mesmo dia o chefe, da milícia de Petersburgo, Kutuzov, presidir à recepção dos voluntários na câmara das finanças, permitiu-se dizer, o mais prudentemente possível, que o homem que satisfaria a todas as exigências podia ser precisamente Kutuzov.

Ana Pavlovna pôs-se a sorrir melancolicamente e observou que Kutuzov só servira para causar desgostos ao imperador.

- Já disse e repeti na assembleia da nobreza - interrompeu o príncipe Vassili - mas ninguém me ouviu. Afirmei que essa escolha para chefe da milícia não agradaria ao imperador. Não fizeram caso. Não se perde o hábito de censurar! - prosseguiu ele. - E tudo isto porque o que queremos é macaquear os estúpidos entusiasmos de Moscovo. - Falando deste modo, cometia um deslize esquecendo-se que era no salão de Helena que devia ridicularizar esses entusiasmos, e no de Ana Pavlovna, pelo contrário, aplaudi-los. E ei-lo que corrige o seu desastramento. Será realmente recomendável que o conde Kutuzov, o mais velho dos generais russos, ocupe um lugar desses, valerá a pena? Será possível nomear para o cargo de general-chefe um homem que não pode montar a cavalo, que adormece no conselho e cujos costumes não são recomendáveis? Sim, senhor, arranjou uma rica fama em Bucareste! E não falo das suas qualidades de general, mas será possível que se nomeie um homem caduco e cego, sim cego, tal qual? Devia ser bonito um general cego! Não vê coisa alguma. É bom para jogar à cabra-cega... Completamente cego!

Ninguém fez objecção a estas palavras.

A 25 de Julho isto era exacto, mas a 29 Kutuzov recebeu o título de príncipe, Tal distinção, que podia querer dizer haver desejos de correr com ele, não invalidara o severo juízo do príncipe Vassili, embora obrigasse este a ser mais prudente. A 8 de Agosto reuniu-se uma comissão, de que faziam parte o marechal-de-campo Saltikov, Araktcheiev. Viazmitinov, Lopukine e Kotchubei, para tomar resoluções sobre a marcha da guerra. Chegou-se aí à conclusão de que os reveses eram provocados pela dualidade de comando e, embora os membros da comissão estivessem inteirados de que o imperador não estava satisfeito com Kutuzov, depois de uma curta deliberação, foi o nome dele que propuseram para o lugar de general-chefe. E assim, nesse mesmo dia, Kutuzov foi nomeado generalíssimo de todas as regiões ocupadas pelas tropas. A 9 de Agosto, o príncipe Vassili encontrou-se de novo no salão de Ana Pavlovna com o homem cheio de valor. Este, que queria obter o lugar de curador de um instituto de meninas, fazia a corte à dona da casa. O príncipe Vassili entrou no salão numa atitude de autêntico triunfador, como alguém que acaba de ver realizados os seus mais ardentes desejos.

- Então, já sabem a grande notícia? *O príncipe Koutouzoff foi nomeado marechal!* Acabaram todos os dissentimentos. Estou muito contente, muito feliz! - exclamou. - Temos enfim, um homem - acrescentou, eircunvagando um olhar ao mesmo tempo competente e severo. *O homem cheio de valor,* apesar do empenho que tinha em conseguir o almejado lugar, não pôde deixar de chamar a atenção de Vassili para o facto de ele não ter sido sempre da mesma opinião. Claro que isso não era uma atitude muito diplomática da sua parte quer para com o príncipe Vassili e no salão de Ana Pavlovna, quer para com a própria dona da casa, que se mostrara regozijadíssima ao saber a notícia. Mas não pudera dominar-se.

- *Mas diz-se que ele é cego, príncipe?* - observou ele, lembrando ao príncipe Vassili as palavras que ele próprio pronunciara.

- *Ora, ora, vê o suficiente* - retorquiu este na sua voz de baixo, escamoteando as palavras e tossicando, costume seu quando em embaraços.

- *Ora, ora, vê o suficiente* - repetiu. - E o que me dá maior prazer é o facto de o imperador lhe ter concedido plenos poderes sobre todo o exército e sobre todo o território, podei, nunca antes dado a qualquer outro general, É um segundo autocrata - concluiu com um sorriso de triunfo.

- Deus o queira! Deus o queira! - exclamou Pavlovna.

O homem cheio de valor, noviço da sociedade da corte, julgou lisonjear Ana Pavlovna tentando justificar a sua antiga opinião, e observou:

- Dizem que o imperador só de má vontade o investiu deste poder. *Dizem que corou*

como uma donzela a quem lessem a história Joconde, ao dizerem-lhe: o soberano e a pátria conferem-lhe esta honra.

- *Talvez o dissesse um pouco contrafeito* - comentou Ana Pavlovna.

- Oh, não, não! - exclamou Vassili, acaloradamente. Agora não podia trocar Kutuzov por mais ninguém. Em sua opinião, não só ele era perfeito, mas toda a gente o adorava. - Isso não pode ser, porque o imperador sempre apreciou muito o seu mérito.

- Deus queira - interveio Ana Pavlovna - que o príncipe Kutuzov tome, efectivamente, conta do Poder e não consinta que alguém lhe levante obstáculos.

O príncipe Vassili percebeu imediatamente a alusão. Disse em voz baixa:

- Sei de fonte limpa que Kutuzov impôs como condição *sine qua non* que o grão-duque herdeiro não continue no exército. *Sabem o que disse ao imperador?*

E o príncipe Vassili repetiu as palavras que este teria dito ao soberano: «Não posso castigá-lo se se portar mal nem recompensá-lo se se portar bem.»

- Oh, o príncipe Kutuzov é um homem de grande inteligência, *conheço-o de longa data.*

- Dizem mesmo - interveio o homem cheio de valor, continuando a dar provas de falta de tacto de cortesão - que Sua Excelência Sereníssima impôs como condição indispensável que o imperador não compareça no exército.

Mal pronunciou estas palavras, Vassili e Ana Pavlovna voltaram a cabeça simultaneamente e trocaram entre si um olhar triste, soltando um profundo suspiro, impressionados com tamanha ingenuidade.

Capítulo VII

Enquanto isto se passava em Petersburgo, os Franceses deixavam para trás Smolensk e aproximavam-se mais e mais de Moscovo. Thiers, o historiador de Napoleão, como todos os outros autores que se ocuparam da sua personalidade, para justificarem c seu herói, sustentam que ele foi atraído, a pesar seu, até junto dos muros de Moscovo. Thiers tem razão na medida em que têm razão todos quantos procuram explicar os acontecimentos históricos pela vontade de um só homem. Tem razão como a têm os historiadores russos que afirmam que Napoleão foi impelido para a frente graças à habilidade dos generais russos. Nisto, além da lei da retrospectividade, que leva a crer que o passado não é mais que a preparação do facto consumado, existe uma certa conexão dos acontecimentos que complica tudo. Um bom jogador de xadrez que perde uma partida fica convencido de ter perdido por virtude de um erro em que incorreu, e vai procurá-lo no principio do jogo esquecendo-se de que no decurso da partida incorreu em outros erros semelhantes e que nenhuma das suas jogadas foi perfeita, Deu conta do seu erro apenas porque o adversário dele tirou partido.

Quão mais complicado não é o jogo da guerra, que tem lugar em determinadas condições de tempo, em que não é uma vontade única que conduz as máquinas inanimadas, mas onde tudo depende do entrechocar de uma infinidade de vontades individuais e particulares!

Depois de Smolensk, Napoleão procurou dar batalha para lá de Dorogobuje, perto de Viazma, em seguida em Tsarevo-Zaimichtche, mas, em virtude de um grande número de circunstâncias, os Russos não puderam aceitar combate senão em Borodino, a cento e doze *verstas* de Moscovo. Depois de Viazma, Napoleão deu instruções para avançar directamente sobre a antiga capital.

Moscovo, a capital asiática deste grande império; a cidade santa do povo de Alexandre; Moscovo, com as suas inúmeras igrejas em forma de pagode chinês. Moscovo não deixava em paz a imaginação de Napoleão. Durante a etapa de Viazma a Tsarevo-Zaimichtche, Bonaparte montava o seu cavalo branco inglês, acompanhado da Guarda, de sentinelas, de pajens e de ajudantes-de-campo. O chefe do estado-maior, Berthier, ficara para trás para interrogar um

russo feito prisioneiro pela cavalaria. Acompanhado do intérprete Lelorgne d'Ideville, galopando, veio juntar-se ao imperador e, com alegre semblante, fez estacar o cavalo.

- Então? - perguntou Napoleão.

- *Um cossaco de Platov.* Disse que o corpo de exército de Platov vai reunir-se ao grosso do exército, que Kutuzov foi nomeado general-chefe. Inteligente e falador.

Napoleão sorriu, mandou dar um cavalo ao cossaco e deu ordem para que lho trouxessem. Desejava falar-lhe pessoalmente. Alguns dos ajudantes-de-campo puseram-se a galopar e, uma hora depois, Lavruchka, o servo que Denissov cedera outrora a Rostov, fardado de ordenança, com o seu ar astuto e jovial, um tanto borracho, surgiu diante de Napoleão montado sobre uma sela da cavalaria francesa. Este mandou-o seguir a seu lado e pôs-se a interrogá-lo.

- És cossaco?

- Cossaco, Sua Senhoria.

«O cossaco, ignorando em presença de quem se encontrava, pois a simplicidade de Napoleão nada podia revelar a uma imaginação oriental a figura de um soberano, discorreu com extrema familiaridade sobre os assuntos da guerra actual», diz Thiers no relatar este episódio. Efectivamente, Lavruchka, que na véspera se havia emborrachado e deixara o amo sem jantar, fora vergastado e tivera de ir à aldeia procurar galinhas. Ali entretivera-se no saque e fora feito prisioneiro pelos Franceses. Lavruchka era um desses soldados atrevidos e desavergonhados que tudo foram na vida, que se julgam na obrigação de praticar todas as baixezas e todas as velhacarias imagináveis, sempre prontos a prestar serviços a seus amos, cujos pensamentos adivinham, especialmente quando se trata de vaidade e mesquinhez.

Ao ver-se na presença de Napoleão, a quem não tardou a reconhecer, Lavruchka não se embaraçou, tratando desde logo de tirar o melhor partido que pudesse dos seus novos amos. Sabia perfeitamente que era Napoleão, e Napoleão não o intimidava mais que Rostov ou o sargento encarregado de o flagelar. Como nada tinha, nada lhe podiam tirar.

Referiu histórias que se contavam entre as ordenanças, e muitas delas eram exactas. Mas quando Napoleão lhe perguntou se os Russos tinham esperança de vencer Bonaparte, franziu o sobrecenho e pôs-se a pensar.

Percebeu que a pergunta escondia uma armadilha, pois as criaturas da espécie de Lavruchka estão habituadas a ver astúcia em tudo, e tomando um ar manhoso calou-se.

- É como quem diz - acabou por responder -; se houvesse uma batalha nestes dias mais chegados, os Franceses levariam a melhor. Sim, não há dúvida. Mas se nestes quatro dias mais próximos não houver batalha, então já não digo nada, que essa batalha não a ganhariam de pé para a mão.

Sorrindo, Lelorgne d'Ideville, traduziu deste modo para Napoleão as palavras de Lavruchka:- «Se a batalha se travar dentro de três dias, os Franceses ganhá-la-ão, mas, se ficar para mais tarde, só Deus sabe o que virá a acontecer.» Napoleão, embora muito bem disposto, em vez de sorrir quando lhe traduziram o oráculo, pediu que lho repetissem.

Lavruchka reparou no facto, e, para entreter Napoleão, prosseguiu, fingindo sempre que não sabia a quem estava falando:

- Sim, nós cá sabemos que há um francês, a quem chamam Bonaparte, que esta farto de levar a melhor por todo o lado, as com a gente o caso é, outro... – E, sem saber como nem porquê, as palavras saíam-lhe da boca cheias de presunção patriótica.

O intérprete traduziu a resposta, suprimindo a ultima Napoleão sorriu. «O moço cossaco fez sorrir o seu poderoso interlocutor», refere Thiers. Depois de cavalgar algum tempo calado. Napoleão chamou Berthier e disse-lhe que queria ver qual o efeito que produziria *sobre aquele rapaz do Don* o dizerem-lhe que o homem com quem estivera conversando era o próprio imperador, o imperador que tinha gravado nas Pirâmides o seu nome vitorioso e imortal.

E fez-se o que o imperador desejava.

Lavruchka deu-se conta de que o queriam atrapalhar e meter-lhe medo e foi assim que para agradar a seus novos amos fingiu imediatamente grande espanto e estupefacção, abriu muito os olhos e fez a mesma cara de quando o vergastavam. «Mal o intérprete de Napoleão», escreve Thiers, «abriu a boca o cossaco, tomado de uma espécie de estupor, não proferiu mais palavra e seguiu de olhos fitos naquele herói cujo nome chegara até ele através das estepes do Oriente. Toda a sua loquacidade desaparecera de repente para dar lugar a um ingénuo e silencioso sentimento de admiração. Depois de o recompensar, Napoleão mandou que o pusessem em liberdade, como o pássaro que se deixa voar para os campos que o viram nascer.»

Napoleão prosseguiu o seu caminho, pensando em Moscovo, cidade que lhe exaltava a imaginação. Quanto ao «pássaro que, deixaram voar para os campos que o viram nascer», esse tratou de cavalgar em direcção às linhas avançadas russas, congeminando uma engenhosa história para narrar aos camaradas. Não estava disposto a contar-lhes as coisas tal qual se haviam passado, pois a verdade é que a seus próprios olhos pouca importância, tinham. Reuniu-se aos cossacos, tratou de saber onde parava o seu regimento, o qual fazia parte do destacamento Platov, e à noitinha junto de seu amo, Nicolau Rostov, acantonado em Iankovo, e que nesse momento montava a cavalo para, com Iline fazer um giro pelas aldeias vizinhas. Mandou dar outro cavalo a Lavruchka e levou-o consigo.

Capítulo VIII

A princesa Maria nem estava em Moscovo nem livre, de perigo, como André supunha.

Depois que Alpatitch voltara de Smolensk, o velho príncipe pareceu como que acordar de repente. Deu ordens para que se levantassem as milícias nas suas terras e mandou que se armassem, escrevendo entretanto ao general-chefe. Informava-o de que resolvera ficar em Lissia Gori e que pensava defendê-la até, à última, deixando-lhe a ele a responsabilidade de saber se deveria ou não tomar medidas para proteger um domínio onde ia ser feito prisioneiro um dos mais antigos generais russos, Em seguida participou a todos os seus familiares que não arredaria pé de sua casa.

Entretanto dera ordens para prepararem a partida da princesa e de Dessalles, que acompanhariam o príncipezinho para Bogutcharovo, e dai para Moscovo. A princesa Maria, muito preocupada com a actividade febril e as insónias do pai depois da apatia dos últimos tempos, não quis deixa-lo só e pela primeira vez na sua vida tornou a resolução de lhe não obedecer. Recusando partir, desencadeou no príncipe uma tremenda tempestade de ira. Mais uma vez lhe repetiu todas as acusações injustas com que costumava flagelá-la. Disse-lhe que passava a vida a atormentá-lo, que o indispusera com o filho, que fizera a seu respeito suposições abomináveis, que não pensava noutra coisa senão em envenenar-lhe a existência, e acabou por expulsá-la do seu gabinete, acrescentando que se, de resto, estava disposta a ficar, para ele tanto se lhe dava. Disse-lhe ainda que não queria saber mais dela e prevenia-a de que não ousasse aparecer-lhe mais diante dos olhos. O facto de o pai não decidir o que ela mais temia, mandá-la partir à força, limitando-se a proibi-la de aparecer diante dele, foi para a princesa um grande alívio. Sabia muito bem o que isso queria dizer: no fundo do seu coração, o príncipe gostava que ela ficasse em casa e irão partisse.

No dia seguinte, após a partida de Nikoluchka, o velho príncipe apareceu logo pela manhã de uniforme de gala, disposto a ir ao encontro do general-chefe. A sua carruagem já estava pronto.

A princesa Maria viu-o a sair do gabinete, com todas as condecorações ao peito, e dirigir-se para o pátio, a fim de passar revista aos camponeses e criados a quem dera armas. Da janela, a princesa ouvia-lhe as vociferações que ressoavam através das árvores. De

súbito, um grupo de homens, muito assustado, surgiu, correndo, de uma das áleas do parque.

A princesa Maria precipitou-se para a escada e dali, pela rua bordada de flores, direito à alameda. Ao seu encontro deparou-se-lhe um magote de milicianos e criados, no meio dos quais, amparado por debaixo dos braços, arrastando-se, vinha o velhinho com o seu uniforme de gala e as suas condecorações. Maria correu para ele, mas não pôde desde logo dar-se conta da transformação que se operara rios traços do pai em virtude das manchas de luz que na alameda das tílias desciam através da folhagem. A única coisa que pôde ver foi que o seu rosto, até então severo e enérgico, tinha agora uma expressão receosa e humilde. Ao ver a filha, remexeu os lábios impotentes, deixando filtrar através deles sons roucos e indistintos. Era impossível compreender o que ele queria dizer. Levaram-no em braços até ao gabinete e estenderam-no no divã que tantos terrores lhe causara ultimamente.

- O médico, chamado à pressa, nessa mesma noite sangrou-o, dizendo que ele tinha uma paralisia do lado direito.

Como a permanência em Lissia Gori se tornava mais perigosa de dia para dia, logo na manhã seguinte o príncipe foi levado para Bogutcharovo. O médico acompanhou-o.

Quando ali chegaram, já Dessalles e as crianças haviam seguido para Moscovo.

Sem dar sinal de melhoras, o velho príncipe permaneceu três semanas em Bogutcharovo na casa que André ultimamente mandara construir. Sem conhecimento, estendido, desfigurado, mais parecia um cadáver. A todo o momento murmurava palavras desconexas, mexendo as sobrancelhas e os lábios, e era impossível saber se tinha consciência do que se passava à sua volta. Não havia dúvida, porém, de que sofria e queria dizer fosse o que fosse. O quê? Impossível saber se se trataria de qualquer capricho de doente sem tino ou de alguma coisa relativa aos acontecimentos ou a questões de família,

O médico afirmava que aquela inquietação era apenas de ordem física, mas a princesa Maria pensava que ele queria falar, e a confirmar a sua opinião lá estava o facto de o desassossego do enfermo desaparecer quando ela estava presente.

De facto sofria física e moralmente. Não havia a mais pequena esperança de cura e não estava em estado de ser transportado. Que aconteceria se ele morresse no caminho? «Não seria preferível chegar a sua hora, a sua derradeira hora?», dizia muitas vezes, de si para consigo, a princesa Maria. Noite e dia, quase sem dormir, ela lá estava, à cabeceira do pai, e, por mais triste que pareça, o certo é que muitas vezes lhe espiava os mais pequenos movimentos, não na esperança de o ver melhorar, mas desejosa de lhe descobrir sinais de morte próxima.

Por mais estranho que o facto lhe parecesse, a princesa Maria viu-se obrigada a

reconhecer consigo mesma que era verdade. O que se lhe afigurou ainda mais terrível foi que enquanto a doença durou e antes ainda desta doença, nos momentos em que, sozinha com ele, dir-se-ia esperar que alguma coisa acontecesse, sentira acordar nela o desejo e as esperanças até ai adormecidos ou esquecidos, A ideia que durante anos nem sequer a aflorara da possibilidade de uma vida livre, liberta do medo paterno, e que poderia vir - a amar e a casar - tomara-lhe agora a imaginação, como se fosse uma tentação do Demónio. Conquanto tudo fizesse para se ver livre dessa ideia, a cada passo se estava a interrogar a si própria sobre a maneira de organizar a sua vida quando ele deixasse de estar presente, Eram tentações do Demónio e disso estava persuadida. Sabia que a única arma que lhe assistia era a oração e procurava rezar. Punha-se em atitude de quem vai orar, pousava os olhos nos ícones, articulava as fórmulas, mas a alma não a acompanhava. Sentia-se levada por um novo mundo de vida activa, difícil e independente, em tudo absolutamente oposto ao meio moral onde estivera fechada até aí e em que o único lenitivo era a oração. Não podia nem rezar nem chorar, e as preocupações do dia-a-dia assoberbavam-na.

Continuar em Bogutcharovo era perigoso. De todos os lados chegavam notícias do avanço dos Franceses e numa aldeia a, quinze *verstas* dali os soldados inimigos tinham assaltado uma propriedade.

O médico teimava em que se transportasse o doente, e o marechal da nobreza enviou um funcionário à princesa Maria para convencê-la a partir o mais depressa que pudesse. O *ispraunik* também apareceu para lhe fazer o mesmo pedido, e disse-lhe que os Franceses estavam apenas a umas quarenta *verstas,* que tinham sido distribuídas proclamações inimigas nas aldeias e que se não partissem antes do dia 15 não podia responsabilizar-se pelo que acontecesse.

A princesa resolveu abalar no dia 15. Os preparativos e as ordens que era preciso dar - toda a gente se dirigia agora à princesa - ocuparam-na todo o dia 14. Como de costume ultimamente, passara a noite de 14 para 15 sem se despir no quarto contíguo ao do pai. Por várias vezes acordou para ouvir a respiração entrecortada e os gemidos do velho príncipe. A cama rangia. Tikon e o médico mudaram-no de posição. Por várias vezes veio escutar à porta e pareceu-lhe que nessa noite gemia mais do que o costume e, que o voltavam mais frequentemente. Não podia dormir, e foram muitas as vezes que veio pôr o ouvido à escuta: teria desejado entrar, mas não se resolvia a isso. Embora já não pudesse falar, Maria via e sentia quão desagradável Hw era a vista daquele rosto angustiado. Notara que ele voltava a cara sempre que encontrava o olhar dela obstinadamente fito nele. Sabia que aparecer-lhe no quarto, de noite, altas horas, o irritava.

No entanto, nunca fora maior o terror e a dor de o perder, Lembrava-se de todos

aqueles anos da, sua vida ao lado do pai e em todas as suas palavras, em todos os seus actos descobria o amor que ele lhe tinha. De longe em longe voltavam a aparecer-lhe, no meio das suas recordações, as tentações do espírito maligno, e pensava no que iria fazer depois da morte do príncipe, na sua existência futura, mais livre. Porém, horrorizada, sacudia de si tais pensamentos. Para a madrugada o pai acalmou e Maria pôde adormecer-

Acordou tarde. A lucidez que se costuma ter ao despertar fez-lhe ver claramente qual a sua constante preocupação. Foi escutar à porta e voltou a ouvir a respiração rouca do doente, dizendo de si para consigo, suspirando, que estava na mesma.

«Que tem ele então? Que quero eu então? É verdade que estou à espera que ele morra?», interrogou-se, sentindo que aquele pensamento a amargurava.

Vestiu-se, arranjou-se, disse as suas orações e veio até ao alpendre da escada. Carros ainda por atrelar esperavam enquanto carregavam as bagagens.

A manhã estava suave e cinzenta. Maria continuava no alpendre, alanceada de horror perante a sua cobardia moral e procurando que os seus pensamentos se aquietassem antes de penetrar nos aposentos do pai.

Entretanto o médico desceu as escadas e aproximou-se dela.

- Está um pouco melhor hoje - disse ele. - Andava à sua procura. Entende-se melhor o que ele diz, tem a cabeça mais fresca. Venha, está a perguntar por si...

Ao ouvir estas palavras, o coração principiou a bater-lhe apressadamente e, empalidecendo, teve de encostar-se à porta, para não cair. Vê-lo, falar-lhe, sentir-lhe o olhar quando tinha a alma cheia daqueles pensamentos criminosos e medonhos provocava-lhe uma espécie de angústia misturada de alegria.

- Vamos - disse o médico.

Penetrou no quarto do pai e aproximou-se da cama. O velho estava deitado de costas, o busto soerguido apoiado em almofadas, as pequenas mãos ossudas com a sua rede de veias azuladas assentes sobre o coberta, o olho esquerdo olhando direito na sua frente, as sobrancelhas e os lábios imóveis. Todo ele era delgado, pequeno, insignificante. O rosto parecia ressequido e como que, derretido, os seus traços tinham por assim, dizer encolhido. Maria aproximou-se e beijou-lhe a mão. A mão esquerda do príncipe apertou a dela como se a esperasse há muito. Abanou-a mesmo, enquanto as sobrancelhas e os lábios se lhe contraíam com impaciência.

Maria, olhou para ele assustada, tentando adivinhar o que, ele lhe queria. Mudou de posição de modo a que o olho esquerdo do príncipe lhe pudesse ver a cara: então ele serenou por alguns instantes, o olho fixo nela. Depois os lábios e a língua agitaram-se-lhe, saíram-lhe sons da boca e pôs-se a falar fixando-a com um ar tímido e súplice, como se

receasse que eu o não compreendesse.

Maria olhou-o concentrando nele toda a sua atenção. Diante do esforço quase cómico que ele fazia para mexer a língua, viu-se, obrigada a baixar os olhos e a custo reprimiu os soluços que lhe subiam à garganta. O príncipe falava, repetindo muitas vezes as mesmas palavras. A princesa Maria não conseguia perceber, mas fazia tudo para adivinhar e repetia interrogativamente as palavras que supunha entender.

O doente repetiu ainda mais algumas vezes as mesmas silabas Não era possível encontrar-lhes qualquer sentido. O médico julgou perceber que ele perguntava à princesa se ela tinha medo, mas, ao dizê-lo em voz alta, o velho príncipe respondeu com um aceno negativo de cabeça e expeliu quaisquer sons.

«A alma, a alma, dói-lhe a alma», percebeu de súbito, a princesa.

O príncipe gemeu um «sim» indistinto, pegou-lhe na mão e pousou-a sobre vários pontos do peito, como se procurasse o melhor sitio para ela.

- Penso sempre em ti... penso sempre articulou ele com muito maior nitidez, agora que estava certo de ter sido compreendido.

A princesa Maria inclinou a cabeça contra a rirão do pai para reprimir os soluços e as lágrimas.

Ele passou-lhe a mão pelos cabelos.

- Chamei por ti toda a noite... - murmurou.

- Se eu soubesse... - replicou ela entre lágrimas. - Tinha medo de entrar.

Apertou-lhe a mão.

- Não dormiste?

- Não, não pude - disse ela, com um aceno negativo de cabeça.

Submetendo-se mais uma vez sem querer à influência do pai, pusera-se, tal qual ele, a falar por acenos e parecia, também como ele, de língua entaramelada,

- Alma minha... minha amiga. - Maria não pôde inteirar-se de qual das duas carinhosas palavras o pai se servira, mas como quer que fosse no seu olhar lia-se que empregara uma palavra afectuosa nunca outrora em seus lábios quando falava à filha. - Porque não vieste tu?

«E eu a desejar, a desejar-lhe a morte!», dizia de si para consigo a princesa Maria.

O príncipe ficou algum tempo calado.

- Obrigado... minha filha, minha amiga... por tudo, por tudo... perdoa-me... obrigado... perdoa-me... obrigado! - As lágrimas saltaram-lhe dos olhos. - Chama o Andriucha - disse ele, de súbito, e, ao fazer este pedido, a sua expressão era de timidez e incredulidade como se fosse uma criança.

Dir-se-ia compreender que tal desejo era desprovido de bom senso; isso, pelo menos, o que a princesa Maria julgou perceber.

- Recebi carta dele - respondeu ela.

- E onde está ele?

- Na tropa, meu pai, em Smolensk.

Esteve muito tempo calado, de olhos fechados, e depois, como se respondesse a perguntas que a si próprio dirigira, e ao mesmo tempo para mostrar que recuperara a memória e o entendimento, fez com a cabeça um aceno afirmativo, reabrindo os olhos.

- Sim - murmurou em voz muito baixa e distintamente - a Rússia está perdida! Perderam a Rússia!

De novo rompeu em soluços e as lágrimas escorreram-lhe pela cara abaixo. Maria não pode mais, e ela própria se debulhou em pranto.

O velho príncipe fechou de novo os olhos e pouco a pouco ,quietou-se. Com um gesto de mão, apontou para as órbitas e Tikon, percebendo o que ele queria, enxugou-lhe os olhos.

Então voltou a abrir as pálpebras e pronunciou algumas palavras que de momento ninguém percebeu e que só mais tarde Tikon apreendeu, traduzindo-as. Maria julgou ver nelas uma alusão à ordem de ideias que o preocupava minutos antes. Supôs que ele falava da Rússia, ou então do príncipe André, ou ainda dela própria, do neto ou também da morte próxima. Por isso não podia adivinhar o que ele dizia.

- Vai pôr o teu vestido branco, gosto dele - dissera o príncipe.

Ao ouvir estas palavras, as lágrimas ainda mais se lhe soltaram, e o médico, pegando-lhe por um braço, levou-a até à varanda, pedindo-lhe que serenasse e que tratasse quanto antes dos preparativos de partida. Depois de ela sair, o príncipe falou ainda do filho, da guerra, do imperador, franziu as sobrancelhas com uma expressão irritada, elevou cada vez mais a sua voz rouca e, foi então que um segundo e último ataque o fulminou.

A princesa Maria deteve-se na varanda. O dia tinha clareado: fazia sol e estava quente. Não dava por nada, e não podia pensar noutra coisa que não fosse no amor apaixonado pelo pai, sentimento, pensava ela, que julgava ter ignorado até então. Correu para o jardim e, soluçando sempre, desceu até ao tanque, ao longo da alameda de tílias novas plantadas por André.

«E eu... e eu... que lhe desejei a morte! Sim, desejei que tudo acabasse quanto mais depressa melhor... Tinha necessidade de descansar finalmente... E que vai ser de mim? Para que hei-de querer eu descanso quando ele desaparecer?» Maria murmurava estas palavras numa voz entrecortada, dando grandes passadas e comprimindo com a mão o peito,

abalado por convulsivos soluços.

Depois de ter dado uma volta em roda do jardim, tomou a direcção da casa, e nesse momento viu Mademoiselle Bourienne, que ficara em Bogutcharovo, recusando-se partir, que se dirigia ao seu encontro na companhia de um desconhecido. Era o marechal da nobreza do distrito, que pessoalmente vinha persuadir a princesa da urgência de uma rápida partida. Maria ouvia-o sem o entender. Conduziu-o a casa, convidou-o a almoçar e pediu-lhe que se sentasse a seu lado. Em seguida, desculpando-se, levantou-se e dirigiu-se ao quarto do velho príncipe. O médico, que vinha ao seu encontro com uma expressão alterada, proibiu-a de entrar,

- Não entre, princesa, não entre, peço-lhe.

Maria voltou para o jardim, e no fundo da ladeira que descia para o tanque, num recanto onde ninguém a via, sentou-se na relva. Não podia dizer quanto tempo ali esteve. Passos femininos que corriam pela alameda obrigaram-na a despertar. Levantou-se e viu a criada de quarto, Duniacha, que a procurava, parar, de repente, como que assustada ao ver a ama.

- Por favor, princesa... o príncipe... - disse ela, numa voz entrecortada.

Vou já, vou imediatamente articulou a princesa, que sem lhe dar tempo de acabar o que ela queria dizer e sem olhar para Duniacha, correu para casa.

- Princesa, cumpriu-se a vontade de Deus, é bom estar preparada para tudo - disse o marechal, que a esperava à entrada. - Deixe-me, não é possível - exclamou ela com angústia.

O médico tentou detê-la, A princesa repeliu-o e correu para a porta. - «Porque não me deixa esta gente com estas caras assustadas? De ninguém preciso. Que estão todos aqui a fazer?» Abriu a porta e a viva claridade do dia que inundava o quarto ate então na obscuridade fê-la estremecer de pavor. No quarto viam-se várias mulheres, entre as quais a sua ama. Afastaram-se da cama para a deixar passar. O príncipe continuava deitado, mas o ar severo e calado que se espalhava no rosto imobilizou-a no limiar da porta

«Não, não está morto, não é possível!», dizia de si para consigo à medida que se aproximava, e, vencendo o horror que tomava, pousou os lábios na face do pai. Ao sentir a frieza da pele recuou instintivamente. De súbito toda a ternura que ele acabava de lhe inspirar foi substituída pelo sentimento de horror que lhe despertava o espectáculo que tinha diante dos olhos: «Já não existe! Já não existe! Já não está no lugar em que estava, já não é senão uma coisa desconhecida e horrível, um mistério terrível que me gela o sangue nas veias e me obriga a fugir!» E, escondendo a cara nas mãos a princesa Maria caiu desmaiada nos braços do médico.

Na presença de Tikon e do médico, as mulheres deram-se ao cuidado de lavar o corpo do príncipe, amarraram-lhe o queixo com um lenço, para que a boca lhe não descaísse, e para que as, pernas se lhe não afastassem amarraram-nas também. Depois vestiram-lhe o uniforme, com todas as condecorações, e estenderam sobre a mesa o pequeno cadáver descarnado. Só Deus sabe como tudo se fez, mas foi como se as coisas se fizessem por si próprias. Para a noite acenderam velas em volta do caixão e cobriu-se o ataúde com um pano mortuário. Espalharam no sobrado bagas de zimbro, puseram debaixo da cabeça do morto uma oração impressa e a um canto o chantre principiou a recitar os salmos.

Tal como os cavalos se empinam e relincham diante do cadáver de outro cavalo, assim veio juntar-se no salão em volta do ataúde do príncipe uma multidão de gente da casa e de fora: o marechal da nobreza, o estaroste, as mulheres da aldeia, todos inclinavam até ao chão, beijando a mão fria e hirta do velho príncipe.

Capítulo IX

Bogutcharovo, antes de o príncipe André ali se haver instalado, fora sempre uma propriedade abandonada pelo amo, e os camponeses dessa aldeia eram muito diferentes dos de Lissia Gori. Deles se distinguiam pela linguagem, pelo trajo e pelos costumes. Parece que eram camponeses da estepe. O velho príncipe elogiava-lhes o amor ao trabalho quando vinham a Lissia Gori ajudar nas colheitas ou abrir tanques ou canais, mas não gostava deles, selvagens que eram.

A última permanência do príncipe André em Bogutcharovo, apesar das inovações que introduzira ali - hospitais, escolas e a redução de impostos - não lhes suavizara os costumes, antes, pelo contrário, acentuara neles o traço característico, essa selvajaria de que falava o velho príncipe. Entre os camponeses circulavam sempre boatos estranhos ora que iam ser recrutados em massa para o corpo de cossacos, ora que iam obrigá-los a aceitar uma nova religião, ou ainda falavam em certas cartas do czar, do juramento prestado a Paulo Petrovitch em 1797, de quem se dizia que já então dera a liberdade aos servos, liberdade que os senhores lhes tinham retirado de novo, ou então de Pedro Feodorovitch, que devia vir a reinar dentro de sete anos e sob cujo reinado toda a gente seria livre e tudo seria tão simples que acabariam as leis. O que se contava da guerra de Bonaparte c da invasão misturava-se na imaginação desta gente a confusas ideias sobre o Anticristo, o fim do mundo e a liberdade absoluta.

Nos arredores de Bogritcharovo havia grandes povoações, propriedade da coroa ou de particulares, cujos camponeses viviam sob o regime de foreiros. Poucos eram os senhores que aí residiam: muito poucos eram também os criados ou servos que soubessem ler: daí que entre os habitantes desses lugarejos assumissem uma força e uma intensidade apreciáveis as misteriosas correntes da vida popular, cujas fontes costumam ser desconhecidas dos contemporâneos. Um fenómeno deste género se verificara uns vinte anos atrás, quando se formara uma corrente de emigração para certos rios de águas quentes. Centenas de famílias, entre as quais as de Bogutcharovo, venderam, de um dia para o outro, o eu gado e abalaram para sudoeste. Como aves migradoras que partem para além dos mares, com mulheres e crianças puseram-se a caminho para regiões onde nenhum deles jamais tinha estado. Agruparam-se em caravanas, depois de se haverem remido

individualmente uns, outros mesmo sem salvo-conduto, e a pé ou de carro meteram-se a caminho. Muitos deles foram apanhados e castigados, sendo deportados para a Sibéria, outros morreram pelo caminho de fome e de frio e outros ainda voltaram espontaneamente, e o movimento extinguiu-se por si, tal qual como principiara, sem causa aparente. Uma corrente subterrânea, porém, não deixara de continuar a disseminar-se por entre esta gente e ia ganhar novo alento e manifestar-se estranha e inopinadamente e de maneira igualmente simples e natural. Quem vivesse então, nesse ano da graça de 1812, em contacto com o povo podia verificar que ele se encontrava profundamente trabalhado por essas forças ocultas prontas a vir à superfície.

Alpatitch, que chegara a Bogutcharovo pouco tempo antes da morte do velho príncipe, notara certa agitação entre os camponeses, observando que, ao contrário do que acontecia na região de Lissia Gori, onde num raio de sessenta *verstas* todos os habitantes abalavam, abandonando as suas aldeias aos cossacos saqueadores, nesta zona da estepe, em Bogutcharovo, estabeleciam relações com os Franceses, segundo se dizia, acolhendo certos papéis que circulavam entre eles e permanecendo nas suas casas. Através de criados que lhe eram dedicados soube que o camponês Karp, ultimamente de volta de uma jornada no carro da administração, homem de grande influência na comuna, viera dizer que os cossacos saqueavam as aldeias abandonadas pelos seus habitantes enquanto os Franceses as respeitavam. Além disto, soube também que outro mujique trouxera, na véspera, da aldeia de Vislukovo, ocupada pelo inimigo, uma proclamação do general francês onde se dizia que se não faria mal algum aos habitantes e que se eles se conservassem nas suas casas lhes seriam pagas a pronto todas as requisições que se fizessem. Como prova desta afirmação exibia um assinado de cem rublos, que ignorava ser falso, com que lhe tinham pago a palha das suas terras.

Por último, e isto era o mais importante, Alpatitch veio a saber que no mesmo dia em que dera ordem ao estaroste para atrelar os carros destinados ao transporte das bagagens da princesa houvera uma reunião da assembleia da comuna onde se resolvera não saírem dali e esperar. E o pior era que não havia tempo a perder. No dia da morte do príncipe, 15 de Agosto, o marechal da nobreza insistira com a princesa Maria para que abalasse imediatamente, em virtude de a situação se apresentar perigosa, Dissera mesmo que depois do dia 12 não podia responsabilizar-se fosse pelo que fosse. E partira pela noite do dia em que o príncipe falecera, prometendo voltar no dia seguinte para assistir ao funeral. Fora-lhe, porém, impossível regressar ao ter conhecimento de que os Franceses operavam um movimento imprevisto e não tivera tempo senão de mandar partir a família e o que tinha de mais precioso.

Havia trinta anos que o estaroste Drone, a quem o velho príncipe chamava Dronuchka, administrava Bogutcharovo. Drone era um desses mujiques sólidos, quer física quer moralmente, que à medida que envelhecem principiam a deixar crescer as barbas, embora cheguem aos sessenta ou setenta anos com o melhor aspecto, todos os dentes, sem um cabelo branco, tão direitos e robustos como aos trinta anos. Drone pouco depois da emigração para as águas quentes, em que tomara parte como os demais, fora nomeado estaroste burmistre de Bogutcharovo, funções que desempenhava irrepreensivelmente havia mais de vinte e três anos. Os camponeses temiam-no mais a ele que ao próprio amo. Os amos, tanto o velho príncipe como o príncipe novo e o intendente, respeitavam-no e chamavam-lhe ministro, por graça. Durante todo o tempo em que desempenhara as suas funções nunca estivera nem bêbedo nem doente, nunca dera mostras do mais pequeno cansaço, ainda mesmo quando passava as noites em claro ou tinha que fazer qualquer trabalho extraordinário, e, sem saber ler nem escrever, nunca tivera qualquer engano quer nas contas em dinheiro, quer nos *puds* de farinha que vendia às carradas, quer na quantidade de feixes de trigo de cada *desiatina* dos campos de Bogutcharovo.

Foi este homem que Alpatitch, ao chegar do devastado domínio de Lissia Gori, mandara chamar no dia do funeral do príncipe, encarregando-o de preparar doze cavalos para as carruagens da princesa e dezoito carroças para as bagagens que era preciso transportar. «Embora os camponeses pagassem foro, o cumprimento desta ordem não podia encontrar dificuldades», pensava Alpatitch, «pois Bogutcharovo contava duzentos e trinta fogos e todos os habitantes eram remediados.» A verdade, porém, é que o estaroste Drone, ao ouvir a ordem que lhe davam, baixou os olhos sem dizer palavra. Alpatitch disse-lhe o nome dos camponeses seus conhecidos que podiam encarregar-se dos transportes.

Drone replicou que os cavalos desses camponeses estavam a fazer serviço. Alpatitch lembrou-lhe outros camponeses. E também esses não podiam, no dizer de Drone, pois não tinham cavalos: uns andavam em serviço da administração, outros estavam exaustos e a falta de pastos causara a morte de muitos outros. Dizia-se mesmo que não seria fácil arranjar cavalos, tanto para as carruagens como para as carroças.

Alpatitch olhou-o fixamente, franzindo as sobrancelhas. Se Drone era um estaroste modelar, Alpatitch, pelo seu lado, havia mais de vinte anos que administrava as propriedades do príncipe, no que sempre se mostrara intendente exemplar. Era apuradíssimo nele o faro necessário para compreender as necessidades e os instintos das pessoas com quem tinha de lidar, e por isso mesmo era um intendente verdadeiramente excepcional. Bastou-lhe um relance de olhos a Drone para imediatamente compreender

que as respostas que este lhe dava não correspondiam ao que ele pensava, antes reflectiam as disposições da comuna de Bogtitcharovo, a cuja influência o estaroste se não eximia. Por outro lado, não ignorava que Drone, camponês ricaço e detestado pela assembleia da comuna, devia estar hesitante entre dois campos, o dos senhores e o dos seus iguais. Lera esta mesma hesitação no olhar do estaroste, e por isso se aproximou dele com uma expressão de descontentamento.

- Escuta, Dronuchka - disse-lhe -, não me venhas com histórias da carochinha. Sua Excelência o príncipe André Nikolaitch deu-me pessoalmente ordens para evacuar toda a gente e para não deixar que ninguém caísse em poder do inimigo. Há, de resto, uma ordem do czar no mesmo sentido. Aquele que ficar é considerado traidor. Estás a perceber?

- Estou - replicou Drone, sem erguer os olhos.

Alpatich não se contentou com a resposta.

- Ah! Drone, está-me a cheirar a esturro! - exclamou ele, abanando a cabeça.

- Faça o que entender! - murmurou Drone tristemente.

- Drone! Basta! - voltou Alpatitch, retirando a mão da carcela do colete e apontando para o chão aos pés de Drone, com um gesto teatral. - Não sei se te diga que não estou só a ver claramente o que se passa contigo, mas até o que se está passando três archinas abaixo de ti.

Drone perturbou-se, lançou um olhar furtivo a Alpatitch e voltou a baixar os olhos.

- Deixa-te de tolices e vai dizer-lhes que se preparem para partir para Moscovo e que amanhã pela manhã tratem de trazer as carroças para a bagagem da princesa, e quanto a ti aconselho-te a que não ponhas os pés na assembleia. Estás a perceber?

Drone deixou-se cair de súbito aos pés de Alpatitch.

- Iakov Alpatitch, dispensa-me das minhas funções! Torna lá as chaves, dispensa-me das minhas funções, por amor de Deus!

- Basta! - exclamou Alpatitch severamente. - Estou a ver o que se passa a três archinas abaixo de ti - repetiu. O intendente sabia que a sua grande habilidade para tratar das abelhas, o conhecer em que momento se deve semear a aveia e o facto de haver sabido agradar ao príncipe por mais de vinte anos de há muito lhe tinham granjeado a reputação de bruxo, e o poder de ver três archinas abaixo de um homem era dom de feiticeiro, dizia-se.

Drone voltou a levantar-se e quis falar, mas Alpatitch cortou-lhe a palavra:

- Que passou pela cabeça desta gente sempre quero saber? Vamos... Em que estão vocês a pensar?...

- Que posso eu fazer com eles? - exclamou Drone. - Rebentou assim sem mais nem

menos, de repente. Eu bem lhes disse

- É isso mesmo que eu pensava, estão bêbedos, hem? - inquiriu o intendente, rápido.

- Estão todos com a cabeça perdida, Iakov Alpatitch: já entraram na segunda pipa.

- Bom, então ouve. Vou tratar de avisar Ipravnik, e tu vais dizer-lhes que se deixem de histórias e que arranjem as carroças.

- Às suas ordens - volveu Drone.

Iakov Alpatitch não insistiu mais. Havia muito que governava aquela gente e sabia que a melhor maneira de a submeter era nunca lhes dar oportunidade a que pensassem que ele julgava que lhe não pudessem obedecer. Depois de ter conseguido de Drone aquele dócil «Às suas ordens», isso lhe bastou, embora duvidasse de que as carroças viessem a ser-lhes fornecidas sem o auxílio da força pública e estivesse mesmo persuadido do contrário.

Com efeito, pela, noite nada de carroças. Houvera uma nova assembleia diante da taberna, onde se tomara a resolução de enxotarem os cavalos para as matas e de nada fornecerem do que se lhes pedia, Sem nada dizer à princesa, Alpatitch mandou descarregar as suas próprias bagagens das carroças que tinham chegado de Lissia Gori, mandou atrelar os seus cavalos às carruagens da princesa e tratou de se dirigir às autoridades.

Capítulo X

Depois do funeral do pai, a princesa Maria fechou-se no quarto e a ninguém quis receber, Uma criada aproximou-se da porta para lhe dizer que Alpatitch viera receber ordens sobre a partida - passara- se isto antes da conversa com Drone.

A princesa ergueu-se do divã onde se estendera e através da porta fechada respondeu que não sairia dali e que a deixassem em paz.

As janelas do quarto da princesa Maria davam para o poente. Estava estendida no divã, a cara virada para a parede e tacteava com os dedos os botões da almofada de couro; o horizonte que tinha diante dos olhos delimitava-lho esta almofada, e os seus pensamentos confusos concentravam-se num único objecto, a morte irrevogável e a sua própria baixeza moral até então dela própria ignorada, mas evidente agora durante a doença do pai. Queria rezar, mas não tinha coragem; no estado de espírito em que se via não ousava virar-se para Deus. Por muito tempo assim permaneceu naquela posição.

O Sol punha-se do outro lado da casa e os seus oblíquos raios vespertinos filtravam-se pelas janelas abertas iluminando parte do aposento e parte da almofada de marroquim em que ela fixava os olhos. O curso dos seus pensamentos foi, de súbito, interrompido. Soergueu o busto maquinalmente, compôs os cabelos, levantou-se e aproximou-se da janela, aspirando, a seu pesar, a fresca brisa daquele belo entardecer.

«Sim, agora podes admirar em paz a beleza do crepúsculo! Ele já cá não está e ninguém daqui para o futuro to poderá impedir», disse de si para consigo, deixando-se cair numa cadeira e pousando a cabeça no parapeito da janela.

Uma voz terna e doce chamou lá debaixo do jardim e alguém a beijou na fronte. Voltou-se. Era Mademoiselle Bourienne, vestida de luto e coberta de crepes. Aproximara-se suavemente, e, depois de a ter beijado, principiara a soluçar. A princesa Maria voltou-se para ela. Os atritos que tinham tido, os ciúmes que ela lhe despertara, tudo lhe veio à memória; lembrou-se também de que ultimamente também ele, o pai, mudara por completo na sua atitude para com a francesa, que a não quisera tornar a ver e concluiu que, naturalmente, as suspeitas que nutrira no fundo do seu coração eram injustas. «Terei porventura o direito, eu, que desejei a morte de meu pai, de julgar o meu semelhante?», murmurou para si mesma.

A princesa Maria fez passar diante dos olhos a situação de Mademoiselle Bourienne, a quem, nos últimos tempos, mantivera a distância, embora ela vivesse numa casa estranha e estivesse na sua dependência. E teve comiseração dela. Fitou-a com doçura e estendeu-lhe a mão. Mademoiselle Bourienne rompeu em soluços, beijou-lhe as mãos e falou-lhe do pesar por que estava passando e que sentia muito. Disse-lhe que a única consolação na sua dor era o facto de a ama lhe ter permitido que a partilhasse com ela. Todos os mal-entendidos do passado deviam desaparecer diante daquele imenso desgosto; no que lhe dizia respeito a ela, sentia pura a consciência, e ele, lá de cima, estava a ver quanto o estimara e quanto lhe estava reconhecida. A princesa ouvia-a sem compreender o que ela dizia; olhava para ela de vez em quando, deixando-se embalar pelo encanto das suas palavras.

- A sua situação é duplamente terrível, minha querida princesa - prosseguiu Mademoiselle Bourienne depois de alguns minutos de silêncio. - Compreendo que não tenha podido nem possa pensar em si mesma, mas a estima que tenho por si obriga-me a fazê-lo... Falou consigo o Alpatitch? Falou-lhe na nossa partida?

A princesa Maria não respondeu. Não percebia de que partida estava a francesa a falar: «Poderei eu pensar nalguma coisa ou tentar seja o que for num momento destes? Acaso me importa seja o que for?» E continuava calada, sem responder.

- *Sabe, querida Maria* - disse-lhe Mademoiselle Bourienne -, sabe que corremos perigo, que estamos cercadas pelos Franceses; é mesmo perigoso agora metermo-nos a caminho. Se partirmos, é quase certo que seremos capturados e só Deus sabe...

Maria olhava para Mademoiselle Bourienne sem compreender o que ela dizia.

- Ah, se soubessem como agora tudo me é completamente indiferente! - exclamou ela. - Não sairia daqui por nada deste mundo... Alpatitch disse-me qualquer coisa sobre essa partida... Fale com ele, por mim nada quero nem posso fazer...

- Falei com ele. Tem esperança de que possamos partir amanhã, mas na minha opinião acho que actualmente ainda seria mais prudente ficar aqui - disse Mademoiselle Bourienne. - Tem de concordar, querida Maria, que seria horrível sermos apanhadas na estrada pelos soldados ou pelos camponeses revoltados.

Mademoiselle Bourienne sacou da sua bolsinha uma proclamação do general francês Rameau, impressa num papel que não era o papel russo vulgar, em que se aconselhavam os habitantes a, não abandonarem as suas casas e em que se dizia que as autoridades francesas lhes concederiam a protecção que lhes era devida. Estendeu-o à princesa.

- Parece-me que o melhor que temos a fazer é dirigirmo-nos a este general - disse Mademoiselle Bourienne -, e estou convencida de que ele nos dispensará todas as atenções.

A princesa Maria leu o papel e o rosto contraiu-se-lhe convulsivamente.

- Quem lhe deu isto? - interrogou ela,

- Naturalmente souberam que eu era francesa, pelo meu nome - disse, corando. Mademoiselle Bourienne.

Maria, com o papel na mão, levantou-se da janela e, muito pálida, saiu, dirigindo-se ao antigo gabinete do príncipe André..

- Duinacha, chama Alpatitch, Dronuchka, seja quem for! - disse ela - E diz a Amélia Karlovna que quero estar só - acrescentou, ao ouvir a voz de Mademoiselle Bourienne. - Temos de partir o mais depressa possível, o mais depressa possível! - sentia-se aterrada com a ideia de vir a cair rias mãos dos Franceses.

«Ali! Se o príncipe André soubesse que ela caíra nas mãos deles, e que ela, a filha do príncipe Nicolau Andreievitch Boikonski, implorara a protecção do general Rameau, o qual usara para com ela da sua benevolência!» Este pensamento enchia-a de terror, fazia-a estremecer, corar, dava-lhe acessos de cólera dela própria desconhecida e revoltava-lhe o orgulho. Via com toda a clareza o que aquela situação representaria de penoso e sobretudo de humilhante. «Esses franceses vão-se instalar aqui, nesta casa; o Sr. General Rameau vai ocupar o gabinete do príncipe André: distrair-se-á a folhear e a ler as suas cartas e os seus papéis. Mademoiselle Bourienne far-lhe-á as honras de Bogutcharovo. A mim dar-me-ão, por caridade, um quartinho; os soldados profanarão o túmulo de meu pai para lhe roubarem as cruzes e condecorações: contar-me-ão as suas vitórias contra os Russos, fingirão simpatia pela minha dor..». Assim pensava a princesa Maria, não pessoalmente, mas sentindo-se, por assim dizer, obrigada, nestas circunstâncias, a adoptar os sentimentos que teriam animado seu pai ou seu irmão. A ela, pessoalmente, tanto se lhe dava ficar aqui ou ali e eram-lhe indiferentes as consequências que daí resultassem: mas para si mesma ia dizendo ser a representante do finado e do irmão ausente. Sem querer, pensava e reagia como eles. Sentia-se obrigada a dizer e a fazer o que eles teriam dito ou feito. Desde que entrara no gabinete de André que passara a encarar a situação como se estivesse possuída dos pensamentos dele.

As exigências da vida quotidiana que ela julgara desaparecidas após a morte do pai apresentavam-se-lhe de repente com uma força nova e ainda desconhecida e absorviam-na por completo.

Muito agitada, o rosto afogueado pela emoção, andava de um lado para o outro, ora chamando à sua presença Alpatitch, ora Mikail Ivanovitch, ora Tikon, ora Drone. Nem Duniacha, a ama, nem qualquer das criadas lhe puderam dizer fosse o que fosse a respeito da veracidade das asserções de Mademoiselle Bourienne. Alpatitch estava ausente: [ora

avistar-se com as autoridades, O arquitecto Mikail Ivanovitch apareceu à princesa meio adormecido e nada lhe pode dizer. Foi com o mesmo sorriso de aquiescência que durante mais de quinze anos utilizara para responder ao velho príncipe, sem nunca manifestar uma opinião pessoal, que respondeu à princesa sem que esta pudesse concluir fosse o que fosse das suas palavras. O velho criado do quarto, Tikon, de cara afilada pela fadiga e uma expressão de dor inconsolável, limitou-se a dizer: «As suas ordens» a todas as perguntas que a princesa lhe fez, rompendo em soluços sempre que erguia os olhos para ela.

Finalmente apareceu o estaroste Drone, que, depois de profundas reverências, se deixou ficar encostado à porta.

A princesa Maria atravessou o gabinete e deteve-se diante dele.

- Dronuchka - disse-lhe, vendo nele um amigo fiel, esse Dronuchka que lhe trazia todos os anos, aquando da sua jornada à feira de Viazma, para lhas oferecer, com um sorriso bom, rosquilhas de amêndoas especiais – Dronuehka, agora, depois da nossa desgraça... - Calou-se, porém, sem animo para continuar.

- Tudo depende da vontade de Deus - replicou Drone suspirando.

- Dronuchka, o Alpatitch não está, ninguém tenho com quem me aconselhar. É verdade que se diz que eu já não posso partir?

- Porque não há-de poder partir, Excelência? Pode partir - disse Drone.

- Disseram-me que é perigoso por causa do inimigo. Meu amigo, nada posso fazer, não percebo nada, ninguém tenho a meu lado. Quero ir-me embora sem falta esta noite ou amanhã de manhã muito cedo.

Drone permaneceu calado. Olhava para ela de soslaio.

- Não há cavalos - articulou ele. - Foi o que eu já disse a Iakov Alpatitch.

- Não há cavalos, porquê? - inquiriu a princesa,

- É castigo de Deus - replicou ele - Os cavalos que havia uns foram levados pelas tropas e os outros morreram. Ah! Vai um ano muito mau. E isso ainda é o menos, a gente não ter que dar a comer aos cavalos; mas o pior é que se acaba por morrer de fome, Não há nada de nada, estamos completamente arruinados. A princesa Maria ouvia atentamente.

- Os camponeses estão arruinados? Não têm pão? - perguntou ela.

- Estão a morrer de fome - volveu Drone. - Não só faltam carros...

- E porque não o tinhas tu dito já, Dronuchka? Não podemos ajudá-los? Farei tudo o que estiver na minha mão...

Parecia-lhe estranho pensar que naquele momento, naquela hora em que a dor lhe trespassava a alma, existissem ricos e pobres e que os ricos não procurassem ajudar os pobres. Ouvira falar vagamente do trigo dos senhores que por vezes se distribuía aos

camponeses. Sabia igualmente que nem o irmão nem o pai se teriam negado a auxiliar os pobres. Receava apenas não vir a propósito a distribuição que estava disposta a fazer. Sentia-se feliz por ter um pretexto digno de preocupação capaz de lhe fazer esquecer o seu desgosto. Pediu a Dronuchka pormenores sobre as necessidades que havia a mitigar com as reservas do celeiro de Bogutcharovo.

- Deve haver trigo dos senhores, de meu irmão, não é verdade? - perguntou ela.

- O trigo do amo está intacto - replicou Drone com orgulho. - O príncipe não autorizava que se vendesse,

- Distribui-o aos camponeses, distribui todo o trigo que for preciso. Estás autorizado a fazê-lo em nome de meu irmão - acrescentou ela.

Drone não respondeu e despediu um grande suspiro.

- Dá-lhes esse trigo, se há trigo bastante para eles. Distribui-o todo. É em nome de meu irmão que te dou esta ordem e diz-lhes que o que é nosso lhes pertence, que nada pouparemos para os ajudar. Repete-lhes bem isto.

Drone olhava fixamente para a princesa enquanto ela falava.

- Dispensa-me das minhas funções, mãezinha, em nome de Deus. Manda que eu te entregue as minhas chaves - disse ele. - Servi durante vinte e três anos sem nunca fazer nada de mal. Dispensa-me das minhas funções, em nome de Deus.

A princesa Maria não percebia o que ele lhe pedia e a razão por que não queria continuar a desempenhar as suas funções. Replicou-lhe que nunca duvidara da sua dedicação e que estava disposta a fazer tudo quanto pudesse por ele e pelos camponeses.

Capítulo XI

Daí a uma hora, Duniacha veio dizer à ama que Drone voltara e que todos os camponeses, de acordo com as suas ordens, estavam reunidos ao pé do celeiro e lhe queriam falar.

- Mas eu não os mandei chamar - disse a princesa. - Disse apenas ao Dronuchka que lhes distribuísse trigo.

- Por Deus, então, minha mãe, por amor de Deus, dê ordens para que os mandem embora e não vá falar com eles. Tudo isto é um grande engano - volveu Duniacha. - Quando Iakov Alpatitch voltar, ir-nos-emos embora... mas não consinta...

- De que engano estás tu a falar? - perguntou a princesa Maria, surpreendida.

- Bem sei o que digo, siga o meu conselho, por amor de Deus. Pergunte à ama. Não querem ir-se embora, como a senhora ordenou, segundo eles dizem.

- Tu não sabes o que dizes. Nunca dei ordem para que se fossem embora - afirmou a princesa Maria. - Manda cá o Dronuchka.

Drene confirmou as palavras de Duniacha: os camponeses haviam-se reunido por ordem da princesa.

- Mas eu nunca os mandei reunir - teimou ela. - Não lhe devias ter transmitido essa ordem. Apenas te disse para lhes distribuíres trigo.

Drene soltou um suspiro, sem responder.

- Se a senhora manda, eles ir-se-ão embora - tornou ele.

- Não, não, irei falar com eles - atalhou a princesa.

Apesar das suplicas de Duniacha e da ama, a princesa Maria assomou ao alpendre. Dronuchka, Duniacha, a ama e Mikail Ivanovitch seguiram-na.

«Naturalmente julgam que eu lhes ofereço o trigo em troca de eles consentirem em ficar, enquanto eu me vou embora, abandonando-os aos Franceses», dizia ela de si para consigo. Vou prometer-lhes cama e mesa na quinta dos arredores de Moscovo. Estou convencida de que no meu lugar André ainda faria mais do que eu.» Pensando deste jeito, aproximou-se da multidão reunida ao pé do celeiro no crepúsculo que descera do céu.

A turba, que principiava a dar sinais de impaciência, agitou-se quando viu a princesa e todos se descobriram precipitadamente.

A princesa Maria, baixando os olhos e tropeçando nas pregas do vestido, aproximou-se deles. Tantos eram os olhos de moços e velhos pousados nela e tantas as caras diferentes para ela voltadas que lhe não era possível reconhecer fosse quem fosse; diante da necessidade de se dirigir a todos ao mesmo tempo, não sabia como principiar. Porém, a consciência de ser, naquelas circunstâncias, o porta-voz do pai e do irmão deu-lhe a energia necessária e pôs-se a falar corajosamente.

- Estou muito contente porque tenham vindo - pronunciou ela, sem sequer erguer os olhos, enquanto o coração lhe batia descompassadamente no peito. - Dronuchka disse-me que a guerra os arruinou. Estamos todos sujeitos à mesma desgraça, e tudo farei para os auxiliar. Por mim, tenho de me ir embora, porque é perigoso ficar aqui - e o inimigo não está longe... também... Enfim, meus amigos, é tudo vosso, peço-vos que tomem conta de tudo: o trigo todo é vosso. Não quero que haja miséria entre vós. E, se lhes vierem dizer que eu vos dou trigo para que vocês fiquem, creiam que é mentira. Pelo contrário, suplico-lhes que partam com tudo que é vosso para a nossa propriedade perto de Moscovo e prometo-lhes que nada vos faltará ali, tomo essa responsabilidade. Tereis cama e mesa.

A princesa calou-se. Apenas se ouviram, entre a, multidão, alguns suspiros.

- Não sou eu quem torna esta resolução - prosseguiu ela. - Procedo em nome de meu falecido pai, que foi vosso amo, f, de meti irmão, seu filho.

Calou-se mais uma vez. Nenhuma voz rompeu o silêncio.

- A nossa desgraça é a mesma, e dividiremos tudo a meias. Tudo quanto é meu é vosso - prosseguiu ela, fixando desta vez os que estavam mais perto.

Todos os olhos a fitavam com uma expressão idêntica, expressão que ela não podia compreender. Curiosidade? Dedicação? Reconhecimento? Ou apenas medo e desconfiança? Impossível sabê-lo. Mas em todos os rostos a expressão era uma e a mesma.

- Estamos-lhe muito reconhecidos pela sua bondade, mas não convém que a gente tome conta do trigo que é do amo - disse uma voz lá por trás.

- E então porquê? - interrogou a princesa Maria.

Ninguém lhe respondeu e a princesa, ao percorrer com a vista a multidão, deu-se conta de que todos os olhos que encontravam agora os seus imediatamente se baixavam.

- Então porque não querem? - repetiu ela. Ninguém respondeu.

Maria sentiu-se incomodada perante este silêncio: tentou fixar alguns daqueles olhares.

- Porque não respondem? - E ao lobrigar um velho que estava diante dela encostado a um varapau: - Vamos, fala, achas que ainda precisam de mais alguma coisa? Estou pronta para tudo.

Mas ele, como se ficasse de súbito furioso por ver-se pelado daquela maneira, ainda, baixou mais os olhos enquanto murmurava:

- Porque havíamos nós de aceitar? Não precisamos de trigo. «E porque havíamos nós de abandonar tudo? Não estamos dispostos a isso... Não damos o nosso consentimento. Lamentamos mas não consentimos. Vai-te embora sozinha, se queres...», disseram várias vozes.

E novamente todos os rostos retomaram a, mesma expressão, e o que neles se reflectia não era, por certo, nem curiosidade nem reconhecimento, mas antes uma resolução enérgica.

- Naturalmente não me compreenderam bem - disse então a princesa Maria com um sorriso muito triste. - Porque não querem partir? Já lhes disse que lhes darei cama e mesa. Se ficarem aqui, o inimigo arruiná-los-á...

As vozes da multidão, porém, abafaram a da princesa.

«Não damos o nosso consentimento; pois que nos arruinem! Não queremos o teu trigo não damos o nosso consentimento!» Maria tentou ainda reter um olhar qualquer dos que falavam, mas nenhuns olhos estavam fitos nela. Todos a evitavam, E isto fê-la sentir uma impressão estranha e penosa.

«Viste como ela recitou bem a lição? Não faltava mais. Queria levar-nos para trabalhos forçados! Quando as nossas casas estiverem arruinadas, dá-nos trabalho de graça. Que vem a ser isso? E diz que nos dará trigo!», exclamavam no meio da multidão

De cabeça baixa abandonou o grupo e voltou para casa. Depois de ter repetido a Drone que eram precisos os cavalos para o dia seguinte pela manhã, retirou-se para o seu quarto e ali permaneceu sozinha com os seus pensamentos.

Capítulo XII

Naquela noite a princesa Maria ficou por muito tempo sentada junto da janela aberta, ouvindo as vozes dos camponeses que chegavam da aldeia, mas sem pensar neles. Sabia perfeitamente que quanto mais pensasse na maneira de proceder deles menos poderia compreendê-los. Para ela só uma coisa contava: a sua dor, a qual, agora, depois daquela diversão provocada pelas preocupações do presente, se perdia no passado. Já não podia lembrar-se mais, já não podia chorar, já não podia rezar, Com o pôr do Sol o vento calara-se. A noite estava serena e fresca. Depois da meia-noite as vozes foram-se calando pouco a pouco. O galo principiou a cantar; a lua cheia ergueu-se por detrás das tílias; neblinas frescas e esbranquiçadas envolveram a distância e o silêncio caiu sobre a aldeia e a casa.

Passaram diante dela, uma após outra, as imagens do passado tão próximo; a doença e os últimos momentos do pai. E era com alegria triste que ela recordava agora essas cenas, não repelindo com horror senão uma delas, a da morte, sentindo não ser capaz de a evocar naquela serena e misteriosa hora da noite. E esses quadros surgiam-lhe diante dos olhos com uma tal nitidez e com tais pormenores que se lhe afiguravam ora o presente, ora o passado, ora o futuro.

Recordou o momento em que o pai fora acometido de apoplexia, quando o haviam trazido do jardim, amparado por debaixo dos braços, balbuciando palavras incompreensíveis, franzindo as sobrancelhas brancas e olhando para ela com uma expressão tímida e inquieta.

«Já então me queria comunicar o que me disse no dia da morte», dizia ela consigo mesma. «Tinha pensado sempre no que me disse.» E eis que lhe ocorreu, em todos os seus pormenores, aquela noite em Lissia Gori, na véspera do dia em que ele fora acometido pelo último ataque, quando, na previsão da catástrofe, ela ficara ao pé do doente contra sua vontade. Não pudera dormir e em bicos de pés aproximara-se da porta do jardim de inverno onde o pai dormia nessa noite e ouvira-lhe a voz. Entretinha-se a conversar com Tikon num tom fatigado e de quem sofre. Falava da Crimeia, das noites nos países quentes, da imperatriz. Tinha, sem dúvida necessidade de conversar. «E porque me não mandou chamar? Porque me não deixou ocupar o lugar de Tikon?», pensava ela, como já pensara então. «Ah! Agora já não poderá dizer a ninguém o que então lhe ia no coração. Nem para

ele nem para mim. Não mais se repetirá aquele minuto em que ele teria dito quanto queria dizer e em que eu ali estaria presente, em vez de Tikon, para o ouvir e o compreender. Porque não entrei eu então? É de crer que ele me tivesse dito nesse momento o que me disse no dia da sua morte. Já então, conversando com Tikon, perguntara duas vezes por mim. Queria falar-me, e eu ali, atrás daquela porta. Era-lhe penoso não estar a ser ouvido senão por Tikon, que o não podia compreender. Lembro-me de que lhe falou de Lisa como se ela ainda estivesse viva, pois se esquecera de que ela morrera, que Tikon lhe disse que Lisa já não era do número dos vivos e que ele se pusera a gritar: 'imbecil'» Estas recordações eram-lhe penosas. Ouviu-o gemer através da porta quando ele se deitou e clamava em voz alta: «'Meu Deus!' Porque não entrei eu naquele momento? Que me teria ele feito? Que arriscava eu então? E talvez que afinal se tivesse consolado e me tivesse dito essas palavras.» E Maria pronunciou em voz alta essas palavras acariciadoras que ele lhe dissera no dia da sua morte: «Alma minha!», repetiu ela, e rompeu em soluços, que lhe aliviaram o coração. Via agora, ali na sua frente, o rosto dele: não essa cara, que ela tão bem conhecia, sempre distante, mas essa outra expressão tímida e receosa que ela contemplara pela primeira vez de perto, com todas as suas rugas, nos seus mínimos pormenores, quando se debruçou sobre os lábios dele para o ouvir melhor.

«Alma minha!», repetia ela.

«Em que pensava ele quando assim me chamou? Em que estará ele a pensar neste momento?», perguntou ela a si própria, subitamente, e de novo lhe surgiu diante dos olhos a expressão que ele tinha no caixão com a ligadura branca por debaixo do queixo. E o mesmo horror que dela se apossara ao tocar no morto e ao verificar que já não era ele quem ali estava, mas qualquer coisa de misterioso e repelente, esse mesmo horror se apoderou dela naquele instante. Teria desejado pensar noutra coisa, rezar; não o conseguia, porém. Erguia os seus grandes olhos muito abertos para o disco lunar e para a sombra e esperava a cada momento voltar a ver a cara do morto; sentia-se como que paralisada pela grande serenidade que reinava na casa e nas vizinhanças. «Duniacha!», balbuciou ela primeiro. «Duniacha!», clamou, em seguida, numa voz desesperada, e, arrancando-se ao silêncio e à meditação que a tomavam, correu para o quarto das criadas, ao encontro da ama e das mulheres, que vinham já atender ao seu chamamento.

Capítulo XIII

No dia 17 de Agosto, Rostov e Iline, na companhia de Lavruchka, de regresso do breve cativeiro, e de uma ordenança hússar, abalaram, para um curto passeio a cavalo, do acampamento de Iankov, a umas quinze *verstas,* pouco mais ou menos, de Bogutcharovo, Queriam experimentar um cavalo novo que Iline comprara e investigar se haveria palha nas aldeias próximas. Há três dias que Bogutcharovo estava entre os dois exércitos inimigos, de tal sorte que, de um momento para o outro, podia vir a ser ocupada quer pela retaguarda dos Russos, quer pela vanguarda dos Franceses. Eis a razão por que, Rostov, comandante de esquadrão previdente, queria apoderar-se, antes da chegada do inimigo, dos abastecimentos que porventura ai tivessem ficado.

Os dois amigos iam muito bem dispostos. Cavalgando em direcção a Bogutcharovo, a propriedade do príncipe, onde esperavam encontrar basta criadagem e lindas moças, interrogavam Lavruchka acerca de Napoleão, rindo das suas histórias, quando não se punham a galopar ao desafio para experimentar o cavalo de Iline.

Rostov ignorava por completo que a aldeia para onde se dirigiam era propriedade desse Bolkonski que fora noivo de sua irmã.

Num último desafio largaram a galope pela encosta que descia para Bogutcharovo, e Rostov, distanciando-se do amigo, foi o primeiro a atravessar a rua da povoação.

- Deixaste-me para trás - disse Iline, afogueado pela galopada.

- Sim, chego sempre primeiro, tanto em campo raso como aqui - replicou Rostov, afagando o seu corcel do Dom, branco de espuma.

- E eu, Excelências, com a minha francesa - interveio Lavruchka, que os seguia e era assim que chamava ao rocim em que ia montado - eu, se os não quisesse envergonhar, já há muito que os teria apanhado,

A passo aproximaram-se de um celeiro onde havia um grande ajuntamento de camponeses.

Alguns deles desbarretaram-se, enquanto outros se limitavam a olhar para os recém-chegados. Dois mujiques idosos, de barbas ralas e caras sulcadas de rugas, saíram de uma, taberna e, titubeando e cantarolando uma canção incoerente, aproximaram-se dos oficiais.

- Aqui temos homens! - exclamou Rustov, rindo. - Eh! Tendes palha?

- Qual deles o melhor. - disse Iline.

«Alegre... com... pa... nhia...», cantarolava um dos mujiques com um sorriso feliz.

Um camponês saiu da multidão e, aproximou-se de Rostov.

- Quem sois vós? - perguntou.

- Franceses - respondeu Iline, a rir - E aqui tens Napoleão em carne e osso - acrescentou, apontando para Lavruchka. Então são russos? - voltou o camponês.

- Trazem muitas forças? - perguntou outro camponês, pequenino, que se aproximara.

- Sim, muitas, muitas - retorquiu Rostov. - E que estão vocês a fazer todos aqui? - acrescentou. - É dia santo, porventura?

- Os velhos reuniram-se para tratar coisas lá da comuna - replicou o camponês, afastando-se.

Nesse momento duas mulheres e um homem de gorro branco saíram da casa senhorial e dirigiram-se para os oficiais.

- A vestida de encarnado é para mim! Ai daquele que ma roubar! - exclamou Iline, vendo Duniacha, que caminhava para ele num passo decidido,

- É para nós! - disse Lavruchka, piscando o olho a Iline.

- Que queres tu, minha linda? - perguntou Iline, sorrindo.

- A princesa manda perguntar a que regimento pertencem como se chamam.

- Conde Rostov, comandante de esquadrão e vosso muito humilde servidor.

«Com... pa... nhia!», ia cantando o camponês bêbedo, sorrindo com ar feliz e olhando para Iline, que conversava com a rapariga. Logo atrás de Duniacha apareceu Alpatitch, que de longe se descobrira respeitosamente.

- Atrevo-me a incomodar Vossa Senhoria - disse ele, com a mão na carcela do colete e numa deferência em que se misturava certa displicência, atendendo à juventude do oficial. - Minha ama, a filha do general-chefe príncipe Nicolau Andrejevitch Bolkonski, falecido no dia 15 deste mês, encontra-se numa situação penosa, por causa da ignorância desta gente. - E fez um gesto na direcção dos camponeses. - Roga-lhes que tenham a bondade... Querem fazer o favor de se afastar um pouco? Não é muito agradável na presença destes... - Apontou para os dois camponeses que, a pequena distância, cirandavam em volta dele como varejeiras à roda de um cavalo.

- Oh, Alpatitch... Oh, Talcov Alpatitch... Muito bem! Em nome de Cristo, perdoa-nos. Muito bem! - diziam os camponeses, mostrando-lhe o melhor dos seus sorrisos.

Rostov não pôde deixar de olhar para os dois borrachos e sorriu.

- A não ser que isto divirta Vossa Excelência! - observou Iakov Alpatitch, com um ar grave, tirando a mão da carcela do colete para apontar os dois velhos.

- Não, não, isto nada tem de divertido - atalhou Rostov, afastando-se. - E de que se trata afinal? - perguntou.

- Excelência, estes grosseiros indivíduos não querem deixar sair daqui a minha ama e ameaçam-na de lhe desengatar os cavalos, de modo que tudo está carregado desde manhã e a princesa não pode meter-se a caminho.

- Isso não pode ser! - exclamou Rostov.

- Tenho a honra de lhe dizer a verdade pura - confirmou Alpatitch.

Rostov apeou-se, entregou as rédeas do cavalo à ordenança e seguiu Alpatitch em direcção à casa, enquanto lhe ia pedindo pormenores. Efectivamente, a proposta da véspera aos camponeses para lhes distribuir o trigo e a explicação da princesa com Drone e a assembleia campesina de tal modo desarranjaram as coisas que Drone entregara definitivamente as suas chaves, se juntara aos camponeses e não aparecera quando convocado por Alpatitch. E assim, quando, na manhã seguinte, a princesa dera ordens para a partida, aquela gente reunira-se em grande número ao pé do celeiro e mandara dizer que não deixaria partir a princesa, que havia ordem para não abandonar as casas e que estava disposta a desatrelar os cavalos. Alpatitch viera parlamentar com os camponeses, tentando chamá-los à razão, mas haviam-lhe respondido - foi Karp quem falou, pois Drone não aparecia - não ser possível deixarem partir a princesa, que havia ordem para isso. Se ela consentisse, porém, em ficar, continuariam a servi-la como até ali e lhe obedeceriam em tudo.

Enquanto Rostov e Iline galopavam pela estrada, a princesa Maria, apesar das objecções de Alpatitch, da ama e das criadas, mandara atrelar os carros para a partida. Os cocheiros, no entanto, ao verem ao longe os cavaleiros, que julgaram franceses, fugiram e as mulheres puseram-se a gritar pela casa.

«Paizinho! Nosso paizinho! Foi Deus quem te mandou!», exclamavam vozes suplicantes no momento em que Rostov penetrava no vestíbulo da casa.

A princesa Maria, desamparada e sem forças, estava no salão quando Rostov entrou. Não percebia quem ele era, porque estava ali e o que estava a passar-se. Compreendeu tratar-se de um russo, e pela maneira de andar e assim que ele pronunciou as primeiras palavras deu-se conta de que estava diante de um homem polido. Fitou nele os olhos fundos e luminosos e pôs-se a falar-lhe numa voz entrecortada e trémula de emoção. Rostov sentiu imediatamente o que havia de romanesco naquele encontro. «Esta rapariga, sem defesa, esmagada pela desgraça, abandonada, à mercê de camponeses grosseiros revoltados! Que estranho capricho do destino me havia de trazer aqui!», dizia Rostov com os seus botões e, enquanto ouvia a narração que ela lhe fazia, observava-a, «E que

suavidade, que nobreza de traços, que expressão de rosto!»

Quando ela lhe disse que tudo aquilo acontecera no dia seguinte ao do funeral do pai, a voz tremia-lhe. Voltou a cabeça para o lado, e, em seguida, receosa de que Rostov pensasse que ela o queria comover, fitou nele uns olhares tímidos e interrogativos. Rostov tinha os olhos cheios de lágrimas. Maria deu por isso e agradeceu-lhe poisando nele umas pupilas luminosas que apagaram por completo a fealdade dos seus traços.

- Não tenho palavras, princesa, para lhe expressar como me sinto feliz por haver passado aqui por acaso e poder-me confessar à sua disposição - pronunciou ele, levantando- se. - Pode partir. Garanto-lhe sob palavra que ninguém ousará incomodá-la desde que me dê a honra de a escoltar. - E, inclinando-se diante dela tão respeitosamente como se estivesse em frente de uma princesa de sangue real, encaminhou-se para a porta.

Os modos cerimoniosos de Rostov queriam dizer clar2mente que, embora lhe fosse muito agradável entabular com ela mais amplas relações, não queria aproveitar aquela circunstância triste para prosseguir no seu diálogo.

A princesa Maria compreendeu e apreciou a sua discrição.

- Estou-lhe muito, muito reconhecida - disse-lhe ela em francês - espero que tudo isto não passe de um mal-entendido e que ninguém seja culpado. - E principiou a chorar. - Perdoe-me - acrescentou.

Rostov franziu as sobrancelhas, para esconder a emoção que o tomava, e, inclinando-se mais uma vez profundamente, saiu da sala.

Capítulo XIV

- Então? É bonita? Ah, rapazes, a minha, a de encarnado, é um encanto e chama-se Duniacha...

A expressão de Rostov, porém, fez que Iline se calasse imediatamente, Adivinhou que o seu herói e comandante estava numa disposição de espír4to diferente da sua.

Rostov lançou-lhe um olhar irritado e sem lhe responder dirigiu-se em passos rápidos para a povoação.

«Eu lhes ensinarei! Vão ter o que merecem, estes bandidos», dizia de si para consigo.

Alpatitch, alargando o passo quanto podia, custou-lhe a apanhá-lo.

- Que decisão se digna tomar? - perguntou-lhe, quando conseguiu alcançá-lo.

Rostov deteve-se e, cerrando os punhos, caminhou, de súbito, ameaçador para Alpatitch.

- Que decisão? Que decisão? Velho imbecil! - gritou-lhe. - Que andas tu para aí a fazer? Os camponeses revoltam-se e tu não sabes metê-los na ordem, hem! Afinal não passas de um traidor! Conheço-os a todos. Hei-de arrancar-lhes a pele! - E como se receasse esgotar inutilmente a cólera que se apoderava dele deixou Alpatitch no meio da rua e prosseguiu o seu caminho em passos acelerados.

Alpatitch, calando a ofensa imerecida que se lhe acabava de fazer, continuou atrás de Rostov em passo acelerado também e teimou em pô-lo ao corrente do seu ponto de vista. Explicava-lhe que os camponeses estavam naquele momento absolutamente obstinados, que' naquela altura seria insensato resistir-lhes sem o apoio da força armada, que seria muito melhor começar por pedir reforços.

- Eu lhes darei as forças armadas... Sou eu quem lhes vai fazer frente - repetiu Nicolau, sem pensar no que dizia, sufocado por uma ira irreflectida e animal que só queria expandir-se.

Sem medir o passo que ia dar, caminhou direito à multidão, rápido e decidido. E à medida que ele se aproximava, Alpatitch ia dizendo de si para consigo que talvez o seu acto insensato pudesse dar bons resultados. Eis o que os próprios camponeses pareciam compreender também ao verem av2nçar para eles aquele homem de passo rápido e enérgico e rosto decidido e contraído de raiva.

Mal os hússares tinham entrado na povoação, e assim que Rostov se dirigira a casa da princesa, uma certa desorientação e um certo desacordo se verificaram entre o povo. Alguns camponeses principiaram a dizer que os militares eram russos e que naturalmente iam zangar-se quando soubessem que eles impediam a partida da princesa. Drone, especialmente, era desta opinião: mas, assim que manifestara o seu Parecer, Karp e muitos outros irritaram-se com ele.

- Quantos anos estiveste tu para aí a comer à custa da comuna? - gritou-lhe Karp. - Para ti, tanto faz. Pegas na bolsa e por aqui me sirvo. Queres lá saber que as nossas casas sejam saqueadas!

- Que se cumpra o que está resolvido: que ninguém saia de sua casa. Desde que ninguém tire nada daqui, não haverá novidade! - gritou outra voz,

- O teu filho é que devia ter sido recrutado e tu, com p(ma dele, mandaste o meu Vanka no seu lugar. Todos ternos de morrer! - exclamou, de súbito, um velhito que se dirigia a Drone.

- Sim, sim, todos temos de morrer.

- Eu não sou delegado da comuna - observou Drone.

- Sim, sim, não és delegado da comuna, mas criaste barriga!...

Dois camponeses apalermados iam dizendo qualquer coisa. Assim que Rostov, acompanhado de Iline Lavruchka e Alpatitch, se aproximou do grupo, Karp, avançou para ele com os dedos no cinturão e um leve sorriso nos lábios. Drone, pelo contrário, tratou de se esconder nas últimas fileiras do povo, agora mais compacto do que nunca.

- Quem é aqui o estaroste? - gritou Rostov caminhando rapidamente.

- O estaroste? Que lhe quer? - perguntou Karp.

Antes que pudesse terminar a frase, o barrete voou-lhe pelo ar e a cabeça oscilou-lhe apanhada em cheio por um violento golpe.

- Desbarretem-se, traidores! - gritou Rostov em voz alta. - Onde está o estaroste? - acrescentou numa voz terrível.

«Está a chamar o estaroste, está a chamar o estaroste... Drone Zakaritch, estão a chamá-lo», exclamaram várias vozes receosas, e imediatamente os barretes desapareceram das cabeças.

Não queremos revoltar-nos, estamos apenas a cumprir as decisões que tomámos - disse Karp. Depois, algumas vozes, lá para trás, começaram a falar todas ao mesmo tempo:

«Foram os velhos quem resolveu... São muitos a mandar - Quem se atreve a falar?... É uma revolta!... Cambada de ladrões! Traidores! - vociferou Rostov sem pensar, numa voz que perdera a ressonância humana, agarrando Karp pela gola. - Amarrem-no, amarrem-no!

- gritou, embora para amarrar Karp houvesse ali apenas Lavruchka e Alpatitch-

Lavruchka precipitou-se para ele e agarrou-lhe as mãos por detrás.

- Se quiser, vai chamar-se a nossa gente, lá ao fundo da colina - disse ele.

Alpatitch chamou dois camponeses pelo seu nome para que viessem amarrar Karp. E os dois avançaram docilmente do meio da multidão e desataram os cinturões.

Onde está o estaroste? - gritou Rostov.

Drone, pálido e carrancudo, deu dois passos em frente.

- Tu é que és o estaroste? Amarra-o, Lavruchka! - ordenou Rostov, como se o cumprimento desta ordem não pudesse levantar qualquer obstáculo.

E, realmente, dois outros mujiques puseram-se a amarrar Drone, o qual, como se quisesse auxiliá-los, arrancou o cinturão e passou-lho para as mãos.

- E vocês todos, ouçam-me bem - prosseguiu Rostov, dirigindo-se aos camponeses. - Agora é cada um tratar de ir para sua casa e que ninguém se lembre de abrir o bico.

- Mas então? Que mal fizemos nós? Foi tudo uma asneira. Só fizemos asneiras. Eu bem disse que isto não estava direito - exclamaram algumas vozes, acusando-se mutuamente.

- Eu bem vos tinha prevenido - comentou Alpatitch, recuperando a autoridade perdida. - Não está certo, rapazes!

- Foi uma asneira nossa. Iakov Alpatitch - responderam várias vozes, e a multidão imediatamente se dispersou, espalhando-se pela aldeia.

Os dois camponeses prisioneiros foram conduzidos ao pátio da casa senhorial. Atrás deles foram os dois bêbedos.

- Olhem para a cara deles! - disse um dos bêbedos, dirigindo-se a Karp.

- É maneira de se falar aos amos? Que julgas tu? Imbecil, sim, és um imbecil - disse o outro.

Duas horas mais tarde estacionavam os carros no pátio de Bogutcharovo. Os camponeses atarefavam-se a carregar as bagagens dos amos enquanto Drone, que, a pedido da princesa, fora solto do sótão onde o haviam encerrado, ia dando as suas ordens no meio deles.

- Que isso fique bem arrumado - dizia um homem de grande estatura, de cara cheia e sorridente, ao receber uma caixinha das mãos da criada. - Essa caixa vale dinheiro. Não a ponhas para aí de qualquer maneira. Vê lá se a amarras de maneira que se estrague. Não gosto disso. É preciso que as coisas se façam com consciência, em ordem. Assim, isso mesmo, agora cobre-a com uma serapilheira e põe-lhe em cima um bocado de palha.

- Aqui vão livros, muitos livros - dizia outro, que transportava os livros da biblioteca

do príncipe André. - Não me toques! Caramba, que é pesado, rapazes! Isto sim, são livros que valem quanto pesam!

- Caramba, quem escreveu estes livros não teve tempo para se coçar! - dizia, por seu turno, piscando o olho, com ar de entendido, um rapazola gordo e grandalhão que apontava para os dicionários que vinham em cima.

Rostov, que não queria impor-se à princesa, não voltou a casa dela e deixou-se ficar na aldeia até ao momento da partida. Assim que as carruagens se puseram em marcha, montou a cavalo e escoltou-as até à estrada ocupada pelas tropas russas, a umas doze *verstas* dali. Na estalagem de Iankovo pediu respeitosamente licença para se retirar, permitindo-se, pela primeira vez, beijar-lhe a mão.

- Não diga isso, princesa - protestou ele, corando diante da princesa, que lhe agradecia ter-lhe salvo a vida, como ela dizia. - Qualquer comissário da polícia teria feito o que eu fiz. Se estivéssemos aqui só para guerrear com os camponeses, não teríamos deixado o inimigo chegar onde chegou. - E, para mudar de conversa, acrescentou: - Aliás, sinto-me feliz por ter tido a oportunidade de a conhecer. Adeus, princesa, desejo-lhe muitas felicidades e espero que ainda venhamos a encontrar-nos em circunstâncias mais agradáveis. Se não quer que eu core, por amor de Deus, não me agradeça.

A princesa, se calava as palavras de gratidão, nem por isso deixava de traduzir na sua resplandecente expressão de enternecido reconhecimento quanto estava agradecida a Rostov. Não podia acreditar que nada tivesse a agradecer-lhe. A seus olhos era indiscutível que, se Rostov ali não tivesse aparecido, teria sido vítima ao mesmo tempo dos camponeses revoltados e dos Franceses. Era para ela um facto que, para a salvar, se expusera aos mais evidentes e terríveis perigos. E também se lhe afigurava incontestável que era um homem de alma alevantada e nobre, pois soubera compreender a sua situação e ter pena da sua dor. Os olhos de Rostov, tão bons e tão honestos, tinham-se enchido de lágrimas quando ela, lacrimosa também, lhe falara da morte do pai e esta recordação estava gravada na sua alma.

Quando lhe disse adeus e ficou só, Maria sentiu, de súbito, que os olhos se lhe humedeciam, e foi então que, pela primeira vez, lhe veio ao espírito esta ideia estranha: estaria porventura enamorada?

No decurso da jornada para Moscovo, embora a situação não fosse das mais alegres, Duniacha, que ia ao lado da princesa, na mesma carruagem, mais de uma vez pôde observar que ela espreitava pela portinhola com um vago e triste sorriso.

«E se realmente eu estivesse enamorada dele?», dizia de si para consigo.

Apesar da vergonha que sentia por confessar a si própria que amava um homem pela

primeira vez, homem esse que naturalmente não tinha por ela qualquer sentimento especial, consolava-a a ideia de que nunca alguém conheceria o seu segredo e que não era crime gostar, sem o confessar a ninguém, e até ao último dos seus dias, daquele que seria o seu primeiro e último amor.

De vez em quando lembrava-se do olhar dele, das suas atenções, das suas palavras cheias de simpatia, e então a felicidade não se lhe afigurava impossível. E era então que Duniacha lhe notava o ar feliz quando olhava pela portinhola.

«Tinha de vir a Bogutcharovo e logo naquele momento!», dizia para consigo a princesa Maria. «E tinha sido preciso que a irmã desfizesse o casamento com o príncipe André!» E em tudo isto não podia deixar de ver o dedo da Providência. Quanto a Rostov, a impressão que lhe produzira a princesa

Maria era de suavidade e agrado. Sempre que falava dela sentia-se mais alegre, e sempre que os seus camaradas, a cujos ouvidos chegara qualquer coisa a respeito da aventura do camarada em Bogutcharovo, se punham a brincar com ele, dizendo que Rostov fora à procura de palha e achara uma das mais ricas herdeiras da Rússia, zangava-se a bom zangar. E o facto é que se irritava porque a ideia de um casamento com a doce e simpática princesa, possuidora aliás de uma grande fortuna, lhe ocorrera várias vezes sem que ele desse por isso. Pessoalmente, não podia desejar uma esposa melhor. <„Aquele casamento, que faria a felicidade da condessa e restabeleceria a situação do próprio pai, talvez não desagradasse à própria princesa», pensava Nicolau,

E que faria de Sónia? E a palavra dada? Eis por que Rostov se, irritava quando brincavam com ele por causa da princesa Bolkonski.

Capítulo XV

Tendo aceitado o comando dos exércitos russos, Kutuzov lembrou-se do príncipe André e expediu-lhe ordem para se apresentar no quartel-general

André chegou a Tsarevo-Zaimitch no dia e à hora em que Kutuzov passava a sua primeira revista às tropas. Deteve-se na aldeia, junto da casa do pope, onde estava a carruagem do general-chefe, e sentou-se num banco ao pé do portão para aguardar ali o «Sereníssimo», como toda a gente o tratava agora.

Nos campos por detrás da aldeia ressoavam ora os acordes de uma banda militar ora as formidáveis aclamações em honra do novo generalíssimo. A meia dúzia de passos do príncipe André, duas ordenanças, um impedido e um mordomo aproveitavam a ausência do amo e o bom tempo para tomarem o fresco. Um tenente-coronel de hússares, homenzinho trigueiro, de grandes bigodes e patilhas, aproximou-se do portão e, dirigindo-se a André, perguntou-lhe se era efectivamente ali que vivia o Sereníssimo e se regressaria em breve.

O príncipe André respondeu-lhe que não pertencia ao estado-maior e que além disso também acabava de chegar. O tenente-coronel de hússares dirigiu-se então a uma das ordenanças de grande uniforme e este disse-lhe, com o desdém peculiar das ordenanças dos generais-chefes pelos oficiais:

- Quem? O Sereníssimo? Sim, talvez, talvez não tarde a chegar. Que lhe quer?

O tenente-coronel pôs-se a rir do tom da ordenança retorcendo o bigode; apeou-se do cavalo, entregou-o ao impedido e aproximou-se de Bolkonski, inclinando-se ligeiramente. Bolkonski arranjou-lhe lugar no banco. O outro sentou-se a seu lado.

- Também está à espera do generalíssimo? - perguntou o tenente-coronel. - Tenho ouvido dizer que é pessoa para receber toda a gente. Graças a Deus! Se ainda fosse um desses papa-chouriços, que grande trapalhada! Razão tinha Ermolov quando pediu que o promovessem a alemão. Talvez agora os Russos também tenham o direito de falar! Só o diabo é que sabe o que se tem feito até hoje. Sempre a recuar, sempre a recuar. Esteve na frente?

- Tive o prazer - respondeu o príncipe André - não só de participar da retirada, mas também de perder o que tinha de mais querido, meu pai, que morreu de desgosto, sem alar

rios meus bens e na casa paterna. Sou de Smolensk.

- Ah! É o príncipe Bolkonski? Muito prazer em conhecê-lo, Eu sou o tenente-coronel Denissov, mais conhecido por Vaska - disse Denissov, apertando-lhe a mão e fitando-o com afectuoso interesse. - Sim, eu soube... - acrescentou com simpatia. E, após alguns momentos de silêncio, continuou: - É uma verdadeira guerra de citas. Tudo isto está certo menos para aqueles que têm de dar o corpo ao manifesto. Com que então, é o príncipe Bolkonski?... - Abanou a cabeça. - Muito prazer, príncipe, muito prazer em conhecê-lo - repetiu, com um sorriso triste, apertando-lhe de novo a mão.

O príncipe André conhecia Denissov através do que Natacha lhe dissera a respeito do seu primeiro namorado. Esta lembrança era para ele ao mesmo tempo agradável e penosa e fazia-o evocar recordaç5es dolorosas nos últimos tempos muito longe das suas preocupações, embora sempre a miná-lo no fundo do seu coração.

De então para cá experimentara já tantos abalos morais, e tão graves - o abandono de Smolensk, a sua visita a Lissia Gori, a notícia recente da morte do pai -, que as recordações antigas o tinham abandonado havia muito ou pelo menos não agiam sobre ele com o mesmo poder. Para Denissov, o nome de Bolkonski evocava toda uma série de imagens de um passado longínquo e poético, esse dia em que, depois da ceia e da romança cantada por Natacha, lhe fizera, a essa garota de quinze anos, nem sabia como, uma verdadeira declaração de amor. Sorriu, lembrando-se do seu romance de então, e logo em seguida voltou ao assunto das suas constantes e apaixonadas preocupações. Tratava-se do plano de campanha que imaginara durante a retirada estando de serviço nos postos avançados. Apresentara-o a Barclay de Tolly e pensava agora submetê-lo à apreciação de Kutuzov. Este plano baseava-se no facto de as linhas de operação dos Franceses serem muito extensas. Segundo ele, o que era preciso, em vez de os atacarem de frente e lhe cortarem o passo, ou até mantendo-se a mesma táctica, era atacarem-lhes as linhas de comunicação. Principiou a expor este plano ao príncipe André.

- Eles não se podem aguentar com uma linha assim. É impossível e eu sou capaz de lha cortar: dêem-me quinhentos homens e acabo com ela, palavra de honra! O único sistema eficaz é a guerra de guerrilhas.

Denissov levantou-se e em gestos exuberantes principiou a expor os seus planos. Enquanto ele falava, aclamações mais indistintas e mais prolongadas, que se misturavam com a música e os cantos, chegavam dos lados onde decorria a parada militar. A povoação estava cheia do tropear dos cavalos e dos gritos dos soldados,

- Aí vem ele - gritou um cossaco, à porta do pátio - aí vem ele!

Bolkonski e Denissov aproximaram-se do portão onde se perfilava uma esquadra de

soldados, a guarda de honra, e viram Kutuzov cavalgando um cavalito balo. Atrás dele vinha uma escolta de generais assaz considerável. Barclay cavalgava a seu lado; uma chusma de oficiais a cavalo ia e vinha, no flanco da coluna e na retaguarda, gritando: «Hurra!»

Os ajudantes-de-campo galoparam para entrar no pátio adiante do general-chefe. Kutuzov esporeava impacientemente o seu cavalo, que, vergando sob tão pesado fardo, caminhava a passo. A cada momento o Sereníssimo inclinava a cabeça e levava a mão ao gorro branco, de cavaleiro da guarda, sem pala e agaloado de encarnado. Ao chegar junto da guarda de honra, formada por heróicos granadeiros, a maior parte condecorados e que lhe apresentavam armas, fitou-os por momentos em silêncio com o seu olhar penetrante de superior e voltou-se para a chusma de generais e oficiais de outras patentes que o rodeavam. No seu rosto surgiu de súbito uma expressão irónica: encolheu os ombros com um gesto de surpresa.

- E recuamos, recuamos com rapazes tão valentes como estes! - exclamou ele. - Bom, até à vista, general - acrescentou, e, dando de esporas ao cavalo, meteu pelo portão, passando diante de André e Denissov.

«Hurra! Hurra! Hurra! », gritavam atrás dele.

Desde a última vez que o príncipe André o vira, Kutuzov ainda engordara mais, e parecia encolhido, esbarrondando-se em gordura. Mas o seu olho torto, a cicatriz e a expressão de cansaço da sua fisionomia e de toda a sua pessoa não tinham mudado. Vestia o redingote do uniforme, pingalim a tiracolo, suspenso de uma correia fina, e trazia na cabeça o gorro branco dos cavaleiros da guarda. Pesadamente escarranchado e balouçando-se em cima do selim do seu valente cavalinho, assobiava entre dentes quando penetrou no pátio. Na sua cara via-se a satisfação de estar finalmente em paz e de poder descansar depois de uma estopada. Tirou o pé esquerdo do estribo, e, torcendo o corpo e franzindo as sobrancelhas com o esforço que fazia, lá conseguiu passar a perna por cima da sela. Depois apoiou-se no joelho e, tossindo, deixou-se cair nos braços dos cossacos e dos ajudantes-de-campo que o amparavam.

Endireitou-se, passeou em volta o olho pisco, olhou para o príncipe André sem o conhecer e no seu andar pesadão encaminhou-se para o alpendre.

Fu... fu... fu... !, continuava a assobiar, enquanto relanceava de novo os olhos para o príncipe André. E alguns segundos foram precisos, como é vulgar entre os velhos, para reconhecer aquela cara.

- Ah!, viva, príncipe! Viva, meu amigo! Vamos. - disse penosamente, lançando um olhar à sua roda, e subiu, pesado, os degraus do alpendre, que rangiam sob os seus pés.

Desabotoou-se e sentou-se num banco que estava no patamar.

- Teu pai como está?

- Recebi ontem a notícia do seu falecimento - disse laconicamente o príncipe André.

Kutuzov fitou-o de olhos muito abertos e assustados. Depois tirou o gorro e persignou-se.

- Que Deus o tenha em Sua santa glória! Que a vontade de Deus seja feita em todos nós! - Suspirou fundo e calou-se. - Apreciava-o e estimava-o muito e sinto sinceramente a tua dor.

Abraçou o príncipe André, apertando-o contra o peito e assim o conservou por muito tempo. Quando dele se desprendeu, André viu que lhe tremiam os beiços grossos e que tinha os olhos cheios de lágrimas. Suspirou e para se levantar apoiou-se no banco com as duas mãos.

- Vamos, anda daí a minha casa para conversarmos - disse ele.

Nesse mesmo instante, porém, Denissov, tão destemido diante dos superiores como perante o inimigo, apesar de os ajudantes-de-campo terem tentado detê-lo no alpendre, gritando-lhe qualquer coisa em voz baixa e furiosa, galgara ousadamente os degraus, fazendo retinir as esporas. Kutuzov, com as mãos ainda apoiadas no banco, olhou para ele com ar pouco satisfeito. Denissov declinou o seu nome e declarou ter de comunicar a Sua Excelência uma coisa da maior importância para bem da pátria.

O general percorreu-o com o seu olhar fatigado e num gesto cheio de enfado, cruzando as mãos sobre o ventre, repetiu:

- Para bem da pátria? Bem, de que se trata? Fala. Denissov corou como uma donzela, o que não deixava de ser estranho naquela velha cara de bêbedo, com seus grandes bigodes, e principiou a expor um plano de rotura das linhas de comunicação do inimigo entre Smolensk e Viazma. Vivera naquela região e conhecia o sítio muito bem. O plano parecia, indiscutivelmente, de primeira ordem, quanto mais não fosse por causa da convicção com que ele o expunha. Kutuzov, de olhos postos no chão, erguia-os de quando em quando para mirar o pátio da isbá vizinha, como se esperasse ver sair dali alguém indesejável. Com efeito, enquanto Denissov falava, apareceu um general com uma pasta debaixo do braço.

- Então? - disse Kutuzov, interrompendo a exposição de Denissov. - Esta preparado?

- Sim, Excelência - volveu o general.

Kutuzov abanou a cabeça. Parecia dizer: «Como é possível um só homem fazer tudo isto?» E continuou a ouvir Denissov.

- Dou-lhe a minha palavra de honra de oficial russo - prosseguia este - de que cortarei as comunicações de Napoleão.

- Kiril Andreievitch Denissov, o intendente- geral, é teu parente? - perguntou

Kutuzov, interrompendo -o.

- É meu tio, Excelência.

- Oh, fomos amigos - continuou ele, alegremente. - Bom, bom, meu rapaz, fica aqui no estado-maior. Voltaremos a falar disso amanhã.

Com um aceno de cabeça amistoso, voltou-se e estendeu as mãos para os papéis que lhe trouxera Konovnitsine.

- Vossa Excelência não quer entrar? - disse o general de serviço em tom pouco satisfeito. - Há aqui planos para examinar e alguns documentos para assinar.

Nesse momento surgiu um ajudante-de-campo que vinha anunciar estar tudo em ordem na casa. Mas Kutuzov não queria entrar sem se ver livre de tudo aquilo. Franziu as sobrancelhas.

- Não, diz que tragam uma mesinha e despacharei aqui mesmo o que há a fazer. E, tu, não te vás embora - acrescentou, dirigindo-se ao príncipe André.

André deixou-se ficar no alpendre, ouvindo o que dizia o general de serviço.

Enquanto Kutuzov despachava, André apercebeu o ciciar de uma voz feminina e o roçagar de um vestido de seda. Atrás da porta, vestida de cor-de-rosa, com uma fita lilás na cabeça, estava uma linda mulher, bem fornida de carnes, de belas cores, com um tabuleiro na mão, esperando ansiosamente que o general-chefe entrasse em casa. Um ajudante-de-campo explicou em voz baixa que era a dona da casa, a mulher do pope, que se dispunha a oferecer o pão e o sal a Sua Excelência. O marido já recebera o Sereníssimo na igreja, de cruz alçada, e ela ia acolhê-lo em sua casa... «Não é qualquer peste», comentou o ajudante, sorrindo. Kutuzov, ao ouvir isto, voltou a cabeça.

Escutava o relatório do general que se referia especialmente à crítica da posição de Tsarevo-Zaimitch, e ouvia-o exactamente como escutara Denissov e como sete anos antes seguira a discussão no conselho de guerra de Austerlitz. Era evidente que ouvia pelo facto de ter ouvidos e porque, apesar do algodão que lhe rolhava um deles, não podia deixar de ouvir. Mas também era certo que nada que aquele general lhe dissesse seria capaz de o surpreender ou sequer interessar, a ele, que de antemão sabia tudo quanto lhe pudessem dizer e que escutava apenas porque assim tinha de ser, pela mesma razão que se tem de ouvir até ao fim um ofício divino. O que Denissov expusera era prático e sensato e o que o general de serviço dissera ainda era mais prático E, mais sensato. Mas a verdade é que Kutuzov menosprezava tanto o saber como a inteligência e estava certo de que havia de ser uma coisa muito diferente - uma coisa independente por completo do saber e da inteligência - que resolveria, a questão. O príncipe André observava cuidadosamente o jogo fisionómico do general-chefe e a única expressão que lhe podia ler no rosto era a, de

enfado, enfado esse que desapareceu quando ouviu o roçagar do vestido e se refreou para salvar as conveniências, Era evidente que Kutuzov desdenhava da inteligência, do saber, e até dos sentimentos patrióticos de Denissov, e se mostrava semelhante desdém não era por causa da inteligência dele, do seu saber, do seu patriotismo, de que não fazia o mais pequeno estendal. Era, sim, por causa da sua idade e da sua experiência da vida. A única medida que espontaneamente tomou dizia respeito aos actos de bandoleirismo praticados pelas tropas russas. No fim do relatório, o general apresentou ao Sereníssimo para assinar um documento relativo a uma queixa dirigida às autoridades militares por um proprietário a quem haviam ceifado verde um campo de aveia.

Kutuzov deu um estalido com a língua e abanou a cabeça.

- Fogo com eles... Estufa com eles... Digo-te de uma vez para sempre, meu caro, tudo isso para o fogo! Que ceifem o trigo, que queimem a lenha quantas vezes quiserem. Nem o proíbo nem o consinto; o que não posso é passar o tempo a fazer inquéritos a tal respeito. É inevitável. Quando se parte lenha. é certo e sabido que as lascas vão pelo ar, - E relanceando de novo os olhos ao papel: - Oh, esta meticulosidade alemã! - exclamou, abanando a cabeça.

Capítulo XVI

- Bom, agora já está tudo! - disse Kutuzov, enquanto assinava o último papel. Ergueu-se com esforço e, endireitando o grosso pescoço branco, dirigiu-se para a porta de cara satisfeita.

A mulher do pope, ruborizada pela emoção, apanhou, apressadamente, o prato que não conseguira apresentar a tempo apesar dos seus longos preparativos. Com uma profunda reverência ofereceu-o a Kutuzov.

O general piscou o olho, sorriu e, acariciando-lhe o queixo, disse:

- Que linda que ela é! Obrigado, minha flor!

Tirando da algibeira das calças algumas moedas de ouro pô-las em cima da bandeja. «Bom, bom, isto não vai mal!», dizia ao dirigir-se para o quarto que lhe fora destinado. A mulher do pope, com um sorriso que lhe abria covinhas na cara rosada, seguia atrás dele. Um ajudante-de-campo veio depois ao alpendre procurar o príncipe André, convidando-o para almoçar. Meia hora mais tarde foi novamente chamado para junto do general-chefe. Kutuzov estava recostado numa poltrona com o uniforme desabotoado. Tinha na mão um livro francês, que pousou, quando viu entrar o príncipe André, depois de o ter marcado com a faca de papel. Era *Les Chevaliers du Cygne*, de Madame de Genlis, como o príncipe pôde verificar relanceando a vista para a capa.

- Senta-te ali e conversemos - disse Kutuzov. - É triste, muito triste. Mas quero que saibas, meu amigo, que sou para ti como um pai, um verdadeiro pai...

O príncipe André contou-lhe tudo quanto sabia sobre os últimos momentos do pai e o que vira em Lissia Gori quando por lá passara.

- A que situação nos levaram... a que situação nos levaram! - exclamou, de súbito, Kutuzov, numa voz comovida, ao ver, com toda a nitidez, pelo relato do príncipe André, o estado em que a Rússia se encontrava.

- Mas paciência, paciência! - acrescentou, numa inflexão irritada, e, para não prosseguir numa conversa que o perturbava, disse: - Mandei chamar-te para que ficasses ao pé de mim.

- Estou-lhe muito grato, Excelência - respondeu André - mas receio já para nada servir nos serviços do estado-maior...

Kutuzov notou o sorriso com que ele sublinhara estas palavras e interrogou-o com os olhos.

-... E além disso - acrescentou - estou muito habituado ao meu regimento, estimo os meus oficiais e os meus soldados, que, segundo creio, também gostam de mim. Custar-me-ia muito separar-me deles! Se recuso a honra de ficar junto de Vossa Excelência, pode acreditar...

Uma expressão subtil, bondosa e ao mesmo tempo ligeiramente irónica iluminou o rosto balofo de Kutuzov. Interrompeu-o.

- Lamento, podias ser-me útil; mas tens razão, tens razão. Não é aqui que precisamos de homens. Conselheiros não faltam, mas homens a valer são raros. Os regimentos não seriam o que são se todos estes conselheiros que para aí há lá estivessem a prestar serviço como tu. Lembro-me de ti em Austerlitz... Lembro-me, lembro-me, ainda te estou a ver com a bandeira na mão. - Esta evocação fez perpassar pelo rosto de André um fugitivo rubor.

Kutuzov puxou-lhe por um braço e apresentou-lhe a cara, e André viu de novo que os olhos do velho estavam cheios de lágrimas, Embora soubesse que Kutuzov era homem que chorava com facilidade, e que o acolhia assim carinhosamente, com tanta simpatia, por causa da perda que ele sofrera, o príncipe André sentiu-se lisonjeado e feliz com o facto de o general-chefe lembrar Austerlitz.

- Continua no caminho que traçaste. Esse, sim, é o caminho da honra. - Ficou por momentos calado. - Fizeste-me muita falta em Bucareste; não tinha em quem confiar. - E, mudando de assunto, pôs-se a falar da guerra na Turquia e da paz concluída. - Sim, fizeram-me muitas críticas - continuou -, tanto pela guerra como pela paz que assinei. Sim. Mas tudo acabou bem. Quem espera sempre alcança. E lá não havia menos conselheiros do que aqui... - acrescentou, retomando um assunto que, pelo visto, o preocupava. - Ah! Os conselheiros, os conselheiros! Se lhes temos dado ouvidos a todos lá na Turquia, não teríamos assinado a paz e não teríamos posto termo à guerra. Acabar com as coisas, está certo, mas fazer tudo a correr dá muitas vezes resultado contrário. Se Kamenski não tem morrido, estaria perdido. Precisava de trinta mil homens para tomar as fortalezas. Tomar uma fortaleza não é difícil; difícil é ganhar tinia campanha. E para isso não é preciso tomar de assalto e, atacar, mas ter «paciência e tempo diante de nós». Kamenski deu ordens aos seus soldados para tomarem Rustchnk, mas eu, apenas com paciência e tempo, tomei mais fortalezas do que Kamenski e fiz com que os Turcos comessem carne de cavalo. - Abanou a cabeça. - E podes acreditar no que te digo: os Franceses também - prosseguiu com vivacidade, batendo na arca do peito -, os Franceses também a hão-de comer. - E as

lágrimas brilharam-lhe de novo nos olhos.

- Entretanto temos de aceitar o combate? - interrompeu o príncipe André.

- Talvez, se todos quiserem. Então nada haverá a fazer... Mas acredita no que te digo, meu caro: nada há que valha estes dois soldados: a paciência, e o tempo! Eles farão tudo. Mas os conselheiros não vêem por esse prisma, eis o mal. Uns querem, outros não. E então que se há-de fazer? - Calou-se, como se esperasse resposta à sua pergunta. - Bom, que farias tu? - perguntou ele, de olhos brilhantes, com uma expressão profunda e penetrante. - Pois bem, vou dizer-te o que é preciso fazer - prosseguiu, vendo que André não respondia.- Vou dizer-te o que é preciso fazer e o que eu faço. Na dúvida, meu caro, abstém-te - acrescentou, destacando as palavras.- Bem, adeus, meu amigo: lembra-te de que compartilho, de todo o coração, da tua dor e para ti nem sou Sereníssimo, nem príncipe, nem general-chefe, mas muito simplesmente teu pai. Se precisares de alguma coisa, dirige-te a mim. Adeus, meu caro.

Apertou-o mais uma vez nos braços e beijou-o. E, ainda o príncipe André não transpusera o limiar da porta, já ele, soltando um suspiro apaziguador, se engolfava de novo na leitura do romance *Les Chevaliers du Cygne.*

Embora o príncipe André não soubesse explicar como nem porquê, o certo é que voltou para o seu regimento, depois desta conversa, absolutamente descansado quanto à marcha geral da guerra e confiante na pessoa que orientava superiormente as operações. Quanto mais via a ausência de personalidade naquele velho, cuja única arma era, por assim dizer, a experiência, resíduo das paixões, e que, em lugar da inteligência que sabe associar os factos e tirar deles conclusões, apenas tinha a capacidade de contemplar tranquilamente a marcha dos acontecimentos. Tanto mais se persuadia de que, tudo havia de acontecer pelo melhor. «Nada trará de seu, não inventará nem empreendera coisa alguma», dizia de si para consigo. «mas ouvirá e lembrar-se-á de tudo, tudo colocará no seu lugar, não impedirá nada de útil, não consentirá nada de prejudicial. Compreende que há qualquer coisa de mais forte e de mais poderoso que a sua vontade pessoal: a marcha inevitável dos acontecimentos. Sabe vê-los, tem o dom de lhes apreender o valor, e sabe, para os não tolher, abster-se de intervir e anular a sua própria vontade, dirigida deliberadamente para outro objectivo. E sobretudo», concluía André, «inspira confiança, porque o sentimos verdadeiramente russo, apesar de Madame Genlis e dos adágios franceses, pois a verdade é que a voz lhe tremia quando murmurou: A que situação nos levaram!', e, que soluçava quando garantia que os havia de fazer comer carne de cavalo.»

Fora este sentimento, mais ou menos vagamente experimentado por todos, que levara à aprovação unânime., num movimento de entusiasmo nacional, e ao arrepio das

intenções dos cortesãos, da escolha de Kutuzov para general-chefe dos exércitos russos.

Capítulo XVII

Depois da partida do imperador a vida de Moscovo retornara o seu ritmo habitual, e tão habitual, realmente, que era difícil de conceber o entusiasmo patriótico e a exaltação dos últimos dias, e se não chegava quase a compreender como era possível a Rússia estar em perigo e os membros do Clube Inglês poderem ser também filhos da pátria prontos para todos os sacrifícios por ela. A única coisa que fazia lembrar o estado de espírito dos dias em que o imperador estivera em Moscovo era a execução do pedido de homens e de dinheiro, o qual, revestindo aspecto legal e oficializado, se tornara desde logo inevitável.

A aproximação do inimigo não levara os Moscovitas a acre- ditar que a situação se, tivesse tornado mais séria; examinavam-na, pelo contrário, com mais leviandade, como costuma acontecer quando uma catástrofe se aproxima. Na hora do perigo duas vozes, igualmente fortes, se ouvem na alma do homem: uma aconselha sempre, prudentemente, que cada um de nós se dê conta exacta do perigo que o ameaça e trate de procurar maneira de o evitar; a outra, ainda com maior prudência, diz-nos ser muito penoso e dolorosíssimo pensar no perigo, visto não estar nas possibilidades do homem prever e furtar-se à marcha dos acontecimentos, e o melhor é não nos preocuparmos com as coisas tristes antes do facto consumado e só pensarmos nas coisas agradáveis. O homem isolado obedece, regra geral, à primeira destas vozes; em sociedade, pelo contrário, submete-se à segunda. Era o que de facto estava a acontecer com os habitantes de Moscovo. Nunca as pessoas ali se haviam divertido tanto como naquele ano.

Os cartazes de Rostoptchine representavam uma taberna, um taberneiro e um burguês moscovita, Karpuchka Tchiriguine, que «tendo sido recrutado, depois de beber um copo a mais, ouviu dizer que Bonaparte queria ir a Moscovo, se zangara e proferira palavras grosseiras contra todos os franceses e, saindo da taberna, se pusera a falar ao povo reunido debaixo da tabuleta do taberneiro». Estes cartazes eram lidos e comentados e o mesmo acontecia às últimas rimas de Wassili Lvovitch Puchkine.

No clube, numa das salas, reuniam-se os sócios para comentar estes cartazes, e muitos riam-se da maneira como Karpuchka troçava dos Franceses, dizendo que «inchariam por terem comido couves, que rebentariam com as papas que tinham devorado, que haviam de estourar com uma indigestão de *chtchi,* que eram todos anões, que bastava

uma camponesa com uma forquilha para dar cabo de três franceses». Havia outros que não estavam de acordo com estas graçolas, qualificando-as de vulgares e de estúpidas. Contava-se que Rostoptchine expulsara os Franceses de Moscovo, e mesmo todos os estrangeiros de maneira geral, pois entre eles havia espiões e agentes de Napoleão. Mas se se falava nisso era sobretudo para poderem citar-se os ditos do governador. Expediam-se os estrangeiros em barcaças para Nijni Novgorod, e Rostoptchine dizia-lhes: «*Tenham juízo, entrem no barco, e não façam dele a barca de Caronte.*» Dizia-se já terem saído de Moscovo todos os serviços administrativos e acrescentava- se, repetindo um gracejo de Chinchine, que os Moscovitas deviam estar por este facto muito reconhecidos a Napoleão. Contava-se também que o regimento municiado por Mamonov lhe custaria oitocentos mil rublos, que Bezukov ainda gastara mais do que isso com os seus soldados e que - lindo acto da sua parte - ele próprio envergaria o uniforme, caracolando à frente dos seus homens, nada tendo de pagar os que viessem admirá-lo nessa atitude marcial.

- A ninguém perdoa - dizia Júlia Drubetskaia, enquanto enrolava um montinho de ligaduras entre os dedos delgados cheio de anéis.

Júlia pensava sair de Moscovo no dia seguinte e organizara uma festa de despedida.

- Bezukov é ridículo, mas é tão bom, tão gentil! Que prazer pode ter em ser tão cáustico?

- Multa! - exclamou um jovem de uniforme de miliciano, a quem Júlia chamava «meu cavaleiro» e que ia acompanhá-la a Nijni Novgorod.

No salão de Júlia, como em muitos outros de Moscovo, combinara-se não se falar senão russo, pagando multa quem pronunciasse palavras francesas, multa essa que reverteria para a comissão de socorros.

- Outra multa pelo galicismo - interveio um literato que estava presente, «que prazer... pode ter» não é russo.

- Ninguém poupa - prosseguiu Júlia, dirigindo-se ao miliciano, sem prestar atenção ao que dizia o homem de letras. - Por cáustico peço desculpa e estou pronta a pagar. Quanto ao galicismo acrescentou para o crítico -, recuso-me a considerar-me responsável. Não tenho nem tempo nem dinheiro, como o príncipe Galitzine, para arranjar um professor e aprender russo. Ai está ele, precisamente. Quando... Não, não, não me apanhará desta vez - disse ela para o miliciano. - Quando se fala do Sol, vêem-se-lhe os raios. - Sorria amavelmente para Pedro com aquela facilidade de mentir tão característica das senhoras da sociedade. - Acabávamos de falar de si. Dizíamos que o seu regimento devia ser com certeza muito melhor do que o de Mamonov.

- Oh! Não me fale do meu regimento! - replicou Pedro, beijando-lhe a mão e

sentando-se a seu lado.- Se soubesse os aborrecimentos que tenho com ele!

- Naturalmente vai comandá-lo, não é verdade? - inquiriu Júlia trocando um sorriso malicioso e trocista com o miliciano. Este último, na presença de Pedro, deixara de ser cáustico e pareceu contrariado ao ver o sorriso de Júlia. Apesar do seu ar distraído e de pobre diabo, Pedro, graças à sua personalidade, paralisava, na sua presença, qualquer tentativa de troça.

- Não, não - disse Pedro, rindo e mirando o rotundo corpo. - Que belo alvo seria eu para os Franceses, e tenho cá as minhas dúvidas quanto a ser capaz de montar a cavalo!

Entre as pessoas de quem se falou aconteceu aludir-se também à família Rostov.

- Tenho ouvido dizer que as coisas não vão bem lá por casa - disse Júlia. - Aquele conde é uma pessoa inútil. Os Razumovski queriam comprar-lhe a casa e a quinta de Moscovo, mas não vejo jeito. Pedem muito dinheiro.

- Consta-me que a venda se fará por estes dias - observou alguém -, se bem que me parece rematada loucura comprar agora qualquer coisa em Moscovo.

- Porquê? - interrogou Júlia. - Acha que Moscovo corre perigo?

- Então porque se vai embora?

- Eu? Que pergunta tão estranha. Vou-me embora porque... porque toda a gente se retira da cidade. E além disso também não tenho jeito nem para Joana d'Arc nem para amazona.

- Sim, sim, esta claro. Deixe-me ver mais trapos.

- Se ao menos soubessem administrar o que é seu, poderiam pagar as dívidas - prosseguiu o miliciano, voltando a falar dos Rostov.

- Sim, é um bom velho, mas um pobre sire. Mas que estarão eles aqui a fazer há tanto tempo? Há muito que deveriam ter regressado à aldeia. Não está já restabelecida a Nathalie? - perguntou Júlia, dirigindo-se a Pedro com um sorriso malicioso.

- Estão à espera do filho mais novo - replicou este. - Foi incorporado no regimento dos cossacos de Obolenski e mandado para Bielaia Tserkov, É lá que estão a formar o regimento. Mas os pais conseguiram transferi-lo para o meu e aguardam a sua chegada de um dia para o outro. Há muito que o conde se queria ir embora, mas a condessa por coisa nenhuma quis partir antes de tornar a ver o filho.

- Encontrei-os antes de ontem em casa dos Arkarov. Nathalie está mais bonita e outra vez alegre, cantou uma romança. Muito depressa esquecem certas pessoas...

- Que se passa? - perguntou Pedro com certa irritação. Júlia sorriu.

- Bem sabe, conde, que cavalheiros como o senhor já não se encontram senão nos romances de Madame Souza.

- Que cavalheiros? Que vem a ser isso? - teimou Pedro, corando.

- Então, meu querido conde, não se faça de novas, *não se fala de outra coisa em Moscovo.* Admiro-o muito, palavra de honra!

- Multa! Multa! - exclamou o miliciano.

- Credo. Não pode uma pessoa abrir a boca. Que maçada!

- De que é que se trata? - perguntou Pedro, levantando-se.

- Então, conde. Como se não soubesse!

- Não sei absolutamente nada - volveu Pedro.

- O que sei é que o conde é amigo de Natacha; por isso... Eu, por mim, sempre me dei melhor com Vera. *Aquela querida Vera.*

- *Não, senhora* - prosseguiu Pedro com a mesma voz irritada. - Não é verdade que eu me tenha transformado em pajem de Mademoiselle Rostov e há perto de um mês que não vou a sua casa. Não posso atingir o alcance da sua crueldade...

- Qui s'excuse s'accuse *(Provérbio francês que pode corresponder, em tradução livre, a: «Quem muito se justifica, alguma culpa tem.» (N, dos T.)* - pronunciou Júlia, sorrindo, enquanto sacudia a ligadura que tinha na mão, e, para ser ela a dizer a última palavra sobre o assunto, mudou repentinamente de conversa. - Querem saber o que me constou hoje? Que a pobre Maria Bolkonskaia chegou ontem. Já sabiam que lhe tinha morrido o pai?

- Será possível? E onde estará ela? Gostava muito de a ver! - exclamou Pedro.

- Passei ontem a noite com ela. Deve partir hoje ou amanhã com o sobrinho para a quinta nos arredores de Moscovo.

- E ela, como está? - inquiriu Pedro.

- Está bem, um pouco triste. E quer saber a quem deve ela a vida? É um verdadeiro romance. Ao Nicolau Rostov. Cercaram-lhe a quinta, quiseram matá-la, havia já gente ferida. E ele foi em seu auxílio e salvou-lhe a vida...

- Mais um romance - comentou o miliciano. - Estou a ver que esta debandada geral foi inventada para casar as solteironas. Primeiro a Catiche, agora, a princesa Bolkonskaia.

- Aqui para nós, tenho a impressão de que ela está um pouco derretida com o jovem.

- Multa! Multa! Multa!

- Como hei-de eu dizer isto em russo?

Capítulo XVIII

Ao chegar a casa, Pedro encontrou dois editais de Rostoptchine afixados naquele mesmo dia.

No primeiro dizia-se não ser verdade ele ter dado ordens proibindo que se saísse da cidade, e que, pelo contrário, com grande satisfação veria afastarem-se as senhoras e as esposas dos comerciantes. «Se houver menos medo, dar-se-á menos à língua», acrescentava. «Mas que esse malfeitor não entrará em Moscovo com a minha vida o garanto-» Estas palavras levaram Pedro a acreditar pela primeira vez que os Franceses entrariam na cidade. O segundo edital dizia que o quartel-general russo estava em Viazma, que o conde Wittgenstein derrotara os Franceses e que, como havia muitos habitantes desejosos de se armar, punha um carregamento de armas à disposição de todos no arsenal - sabres, pistolas, espingardas -, que podiam ser adquiridas por pouco dinheiro. O tom dos editais já nada tinha de divertido como os que até ai haviam servido de pretexto para os gracejos de Tchiriguine. Pedro ficou pensativo. Era evidente que aquela grande nuvem tormentosa que ele tanto desejava, embora com involuntário horror, essa feia nuvem se aproximava. «Deverei alistar-me no serviço militar e partir para a guerra ou esperar?», perguntava Pedro aos seus botões pela centésima vez. Pegou num baralho de cartas que estava em cima de uma mesa e pôs-se a fazer paciências.

«Se conseguir fazer esta paciência», dizia de si para consigo enquanto ia embaralhando as cartas de olhos fitos no tecto, «se conseguir fazer esta paciência, quer dizer... Que quer dizer?...»

Não teve tempo de concluir. Nesse mesmo instante a voz da princesa mais velha ressoou à porta, perguntando se podia entrar. «Quer dizer que devo partir para a guerra», concluiu Pedro.

- Entre, entre! – gritou.

Apenas a mais velha das princesas, a do longo busto e cara inexpressiva, continuava a viver sob o tecto de Bezukov. As duas mais novas tinham casado.

- Perdoe-me, meu primo, vir incomodá-lo - disse ela, num tom repreensivo e cheio de emoção - Temos de decidir, finalmente, qualquer coisa. Que quer isto dizer? Está toda a gente a sair de Moscovo e o povo revoltado. Que ficamos nós aqui a fazer?

- Ao contrário, tudo parece caminhar muito bem, minha prima - tornou Pedro, no tom faceto que habitualmente tomava ao falar-lhe, única maneira de esconder o embaraço que lhe causava o papel de benfeitor que representava aos olhos dela.

- Que diz? A caminhar bem? Onde foi descobrir isso? Ainda hoje me contou a Várvara Ivanovna que as nossas tropas se têm portado muito bem. Sim, devemos sentir-nos orgulhosos! Mas o pior é que o povo começa a revoltar-se, não quer obedecer. Até a minha criada tem sido grosseira para comigo. Pouco falta para que nos batam. Não se pode já passar pelas ruas. E o pior de tudo que os Franceses estão aí a chegar, hoje ou amanhã. Porque esperamos nós? A única coisa que lhe peço, meu primo, é que dê as suas ordens para me levarem a Petersburgo. Sei muitíssimo bem que não sou pessoa para acatar o domínio de Bonaparte.

- Que está a dizer, minha Prima? Quem lhe meteu tal coisa na cabeça? Ao contrário...

- Não me submeterei ao seu Napoleão. Os outros que façam o que quiserem... E se o senhor não atender ao que lhe peço...

- Que ideia! Vou dar ordens imediatamente.

A princesa parecia desconcertada por ter perdido aquela oportunidade de se zangar com alguém. Deixou-se cair numa cadeira, enquanto entre dentes ia murmurando fosse o que fosse.

- Muito mal a informaram - continuou Pedro. - Na cidade reina o sossego e não há perigo algum. Olhe o que eu estava a ler... - Mostrou-lhe os editais. - Diz aqui o conde que o inimigo não entrará em Moscovo, que o garante com a sua vida.

- Olhe, esse seu conde! - exclamou a princesa, mal-humorada. - Esse seu conde é um hipócrita, um miserável, que está farto de incitar o povo à revolta. Pois não foi ele quem escreveu num dos seus estúpidos editais ser preciso agarrar fosse quem fosse pela gola do casaco e metê-lo na cadeia? Que estupidez! E a quem assim proceder promete-lhe honra e glória. Ora aí tem o, resultado de tudo isto. Várvara Ivanovna contou-me que a iam quase matando na rua por estar a falar francês...

- Ora... Que diabo... Tomam as coisas demasiado a sério. - murmurou Pedro, que prosseguia com a sua paciência.

Embora a tivesse conseguido fazer, Pedro não foi para a guerra, e ficou em Moscovo, de dia para dia mais vazia, e sempre agitada pela mesma inquietação, a mesma incerteza, num terror a que se misturava alegria, sempre na expectativa de terríveis acontecimentos.

No dia seguinte, ao fim da tarde, a princesa abalou e Pedro recebeu a visita do seu administrador, que lhe vinha dizer ser impossível reunir o dinheiro necessário para equipar

o regimento sem vender uma das suas propriedades. Aliás, teve o cuidado de lhe fazer compreender que semelhantes fantasias acabariam por arruiná-lo, tão certo como ele ser seu administrador. Ao ouvir isto, Pedro só a muito custo pôde esconder o riso.

- Pois venda - disse-lhe ele. - Que havemos de fazer? Agora não posso voltar atrás com a minha palavra.

Quanto piores a situação geral e os seus negócios pessoais, tanto maior a sua alegria, tanto mais evidente a catástrofe que esperava para breve. Na cidade já por assim dizer ninguém das suas relações restava. Júlia abalara, a princesa Maria também. Dos seus íntimos, apenas os Rostov continuavam em Moscovo, mas Pedro não mais os visitara.

Nesse dia, para se distrair, foi à aldeia de Vorontzovo ver um grande balão imaginado pelo engenheiro Leppich com vista a aniquilar o inimigo. Iam experimentá-lo na intenção de o largar no dia seguinte. O balão ainda não estava pronto, mas Pedro veio a saber que o imperador mostrara desejos de o ver montado. A tal respeito, Sua Majestade endereçara a carta seguinte ao conde Rostoptchine:

> *Assim que Leppich estiver preparado, arranje-lhe uniu tripulação de homens de confiança e inteligentes para a barquinha do balão e mande um correio prevenir o general Kutuzov. Já o pus ao corrente do assunto.*
>
> *Faça o favor de recomendar a Leppich que repare no local onde descer pela primeira vez, para que se não engane e não caia nas mãos do inimigo, É indispensável que os seus movimentos sejam combinados previamente com o general-chefe.*

No regresso de Vorontzovo, ao passar na Praça Bolotnaia, Pedro viu uma grande multidão junto de Lobnoie Miesto. Mandou parar o carro e apeou-se. Tratava-se da flagelação de um cozinheiro francês acusado de espionagem. O castigo terminara e o carrasco desatava do potro um homem corpulento, de suíças ruivas, meias azuis e colete verde, que gemia dolorosamente. Outro delinquente, magro e pálido, esperava a sua vez. Pelo tipo, também este era francês. Assustado e lívido, Pedro abriu caminho por entre a multidão.

- Que foi? Que fizeram eles? - perguntou.

Mas tão absorvida estava no espectáculo a turba de funcionários, burgueses, comerciantes, mulheres de golinhas e peliças, que ninguém lhe respondeu, O rotundo homem levantou-se, franzindo o sobrolho, encolheu os ombros e desejando, sem dúvida, mostrar firmeza vestiu o casaco, sem olhar para a multidão que e rodeava, embora lhe tremessem os lábios e vertesse algumas lágrimas, furioso consigo mesmo, como acontece

aos homens de temperamento sanguíneo. «A turba falava alto para afogar talvez um assomo de piedade que ameaçava crescer», pensou Pedro.

«É o cozinheiro de um príncipe...»

- Então*, mussiu?* Pelo que se vê, o molho russo é um bocado picante para o paladar francês... Pica-te na língua - disse um manga-de-alpaca, todo encarquilhado, que estava ao lado de Pedro, quando viu o francês chorar.

E depois olhou em volta, como à procura de aplauso para o seu gracejo, Algumas pessoas puseram-se a rir, outras continuaram a olhar, apavoradas, o carrasco, que ia despindo o segundo sentenciado.

Pedro resfolgou, franziu as sobrancelhas e, dando de súbito meia volta, regressou à sua carruagem, não sem continuar a resmungar qualquer coisa entre dentes. Durante o resto do trajecto várias vezes estremeceu e soltou exclamações- o que levou o cocheiro a perguntar-lhe:

- Que diz, patrão?

- Aonde vais? – gritou. - Pedi-o, quando viu que o cocheiro se dirigia à Lubianka.

- Então não foi para casa do general governador que me mandou seguir? - perguntou o cocheiro.

- Imbecil! Animal! - vociferou Pedro, insultando o cocheiro, coisa que raramente lhe acontecia. - Disse-te que me levasses para casa. Depressa! - «Tenho de partir hoje mesmo», disse com os seus botões.

A multidão em volta dos flagelados de. Lobnoie Miesto convencera-o definitivamente a não permanecer por mais tempo em Moscovo, seguindo nesse mesmo dia para o campo de batalha. Julgou mesmo que o dissera já ao cocheiro ou que este devia conhecer as suas intenções mesmo sem nada lhe dizer.

Ao chegar a casa mandou chamar Evstafievitch, o cocheiro, um homem que tudo conhecia, sabia tudo, e era conhecido de toda a gente em Moscovo. Deu-lhe as suas instruções, dizendo-lhe que partia naquela mesma noite para Mojaisk, a fim de se incorporar no exército, ordenando-lhe que mandassem para ali os seus cavalos de sela. Não era coisa que se fizesse num só dia, por isso, a conselho de Evstafievitch, resolveu adiar a partida para o dia seguinte de modo a que ele tivesse tempo de lhe mandar preparar as mudas.

No dia 24 o tempo melhorou, depois de uma quadra de mau cariz, e nesse mesmo dia, após o jantar. Pedro deixava Moscovo. Já noite, ao mudar de cavalos em Perkuchkovo, soube que nessa mesma tarde se travara uma grande batalha, Dizia-se que até a terra tremera com o canhoneio. Perguntando Pedro quem ganhara a batalha, ninguém lhe

soubera responder. Tratava-se da batalha de 24, em Chevardino. De madrugada chegava a Mojaisk.

Todas as casas de Mojaisk estavam ocupadas pelas tropas e na estalagem onde o aguardavam o escudeiro e o cocheiro não havia um único quarto: estava tudo tomado pelos oficiais.

Tanto em Mojaisk como nas vizinhanças, por toda a parte, só havia militares. A cada canto se viam cossacos, soldados de infantaria, de cavalaria, furgões, armões e peças de artilharia. Pedro deu-se pressa em continuar avante e quanto mais se afastava de Moscovo e se submergia naquele mar de tropas mais se sentia invadido por um sentimento misto de inquietação e íntima satisfação, sentimento novo para ele. Era qualquer coisa como o que sentira no Palácio Slobodski aquando da visita do imperador. Tratava-se de tomar uma decisão e de se sacrificar. Agora tinha a satisfação de compreender que tudo quanto em geral constitui a felicidade do homem, as comodidades da existência, a riqueza, a própria vida, não passavam de coisas absurdas, a que renunciava com grande satisfação, quando comparadas com... Com quê, eis o que Pedro não sabia dizer; o certo é que não procurava explicar claramente por quem ou porque sen(,ia aquela satisfação no sacrifício. Não procurava saber porque se queria sacrificar, mas era de facto o próprio sacrifício em si que lhe dava aquela satisfação íntima e inteiramente nova.

Capítulo XIX

No dia 24 deu-se a batalha de Chevardino: a 25 não se disparou um único tiro quer de um lado, quer do outro, e a 26 travou-se a batalha de Borodino.

Porque se travaram estas duas batalhas? Como se deram? Porque se deu, particularmente, a batalha de Borodino? Tal batalha não tinha o menor sentido nem para os Franceses nem para os Russos. O seu resultado imediato foi, e tinha de ser, para os Russos mais um passo para a perda de Moscovo, a coisa que eles mais receavam, para os Franceses passo idêntico para a perda total do seu exército, o que eles também temiam acima de tudo. Este resultado era evidente; mesmo então, e apesar disso, Napoleão ofereceu batalha e Kutuzov aceitou-a.

Se os grandes capitães se deixassem guiar por considerações razoáveis, dir-se-ia evidente para Napoleão que, depois de se afastar mais de duas mil *verstas* das suas bases, travar uma batalha com a possibilidade a todo o ponto verosímil de perder a quarta parte do seu exército era como que caminhar para uma derrota certa. Devia ser igualmente certo para Kutuzov que aceitar o combate, arriscando também, por seu lado, a quarta parte das suas forças, era como que jogar a perda de Moscovo. Para este, então era tão matemático como nas damas aquele que, tendo no fim do jogo menos uma pedra do que o adversário, a joga deixando-a comer e perdendo, portanto, a partida.

Se um dos adversários tem dezasseis pedras e outro catorze, este é apenas uma oitava parte mais fraco do que aquele: porém, quando ambos tiverem perdido, cada um à sua parte, treze pedras, o primeiro será três vezes mais forte do que o segundo.

Antes de Borodino as forças russas, em relação às francesas, encontravam-se aproximadamente na proporção de cinco para seis e, depois da batalha, na de um para dois, o que quer dizer que antes da batalha os Russos eram cem mil contra cento e vinte mil, e depois dela cinquenta contra cem mil. E no entanto o experimentado e inteligente Kutuzov aceitou o combate. E Napoleão, esse génio militar, como então se dizia, aceitou a luta, que lhe custou um quarto do seu exército e ainda mais lhe estendeu as linhas. Ainda que se diga que, tomando Moscovo, pensava dar a campanha por finda, como acontecera depois da tomada de Viena, não faltam provas que demonstrem o contrário, Os próprios historiadores de Napoleão referem que depois de Smolensk ele queria deter-se, ele próprio

se dava conta do perigo da extensão das linhas, sabendo que a ocupação de Moscovo não seria o fim da campanha, pois desde Smolensk que verificava o estado em que encontravam as cidades que tomava e que nenhuma resposta obtinha às suas reiteradas tentativas de entabular negociações.

Oferecendo e aceitando a batalha, tanto Kutuzov como Napoleão agiram contrariamente ao livre-arbítrio e de forma insensata. No entanto, os historiadores, consumados os factos, extraíram consequências complicadas e especiosas sobre a visão e o génio dos generais, quando a verdade é que estes, no meio dos instrumentos inconscientes dos acontecimentos dessa época, mostraram ser os mais servis e os mais cegos.

Os antigos deixaram-nos modelos de poemas épicos em que os heróis são o principal interesse da história, por isso não nos podemos resignar a que a história do nosso tempo se lhe não assemelhe.

Para a pergunta - como se deram as batalhas de Borodino e a de Chevardino, que a precedeu? - existe também uma explicação precisa que toda a gente conhece, embora completamente falsa. Todos os historiadores, com efeito, descrevem essa dupla batalha da seguinte maneira:

O exército russo, na sua retirada depois de Smolensk, teria procurado a melhor posição para travar uma batalha geral e tê-la-ia encontrado em Borodino.

Os Russos teriam fortificado previamente essa posição à esquerda da estrada de Moscovo a Smolensk e perpendicularmente, pouco mais ou menos, a esta estrada, entre Borodino e Utitsa, exactamente no local onde a batalha se travou.

Ante esta posição, ter-se-ia estabelecido, para observar o inimigo, um posto avançado na encosta de Chevardino. A 24, Napoleão teria assaltado esse posto avançado e tê-lo-ia tomado: a 26 teria atacado o grosso do exército russo, concentrado no campo de Borodino.

Eis o que os historiadores dizem e tudo isto é absolutamente inexacto, coisa de que se convencerá facilmente quem quer que se decida a estudar com cuidado o acontecimento.

Os Russos não escolheram a melhor posição; pelo contrário, no decurso da sua retirada menosprezaram muitas outras melhores do que a de Borodino. Não se detiveram em qualquer delas porque Kutuzov não queria aceitar uma posição que não fosse escolhida por ele, e depois porque a patriótica necessidade de dar batalha ainda irão se concretizara com suficiente força e ainda porque Miloradovitch ali não estava com a sua milícia, além de outras razões impossíveis de enumerar. O facto é que as outras posições eram mais fortes, e que a de Borodino, onde se travou a batalha, não só não era a melhor como nem sequer era uma posição, visto não passar de um lugar como qualquer outro marcado ao acaso com um alfinete no mapa do império moscovita,

Os Russos não só não fortificaram a posição de Borodino à esquerda e perpendicularmente à estrada, quer dizer, no local onde a batalha se travou, como antes de 25 de Agosto nunca tinham pensado que se pudesse vir a dar um recontro naquele local. E a prova está, em primeiro lugar, que não só a 25 não havia ali qualquer fortificação, mas até mesmo as que se iniciaram a 25 não estavam concluídas a 26, e, em segundo lugar, na própria situação do reduto de Chevardino. Este reduto, na vanguarda da posição onde os exércitos se defrontaram, era inteiramente destituído de sentido, Porque foi esse reduto mais fortificado que todos os outros pontos? E porque é que, para defendê-lo, se resistiu no dia 24 até alta noite, envidando tantos esforços e perdendo seis mil homens? Para observar o inimigo, uma patrulha de cossacos chegava perfeitamente. Em terceiro lugar, a prova de que a posição onde se travou a batalha não estava prevista e que o reduto de Chevardino não era o seu posto avançado é que Barclay de Tolly e Bagration estiveram convencidos até 25 de que o reduto de Chevardino constituía o flanco esquerdo da posição, e que o próprio Kutuzov, no seu relatório, redigido quando ainda frescas as impressões da batalha, lhe chama o flanco esquerdo da posição. Muito mais tarde, ao descrever-se a batalha de Borodino, naturalmente para justificar os erros do general-chefe, infalível custasse o que custasse, emitiu-se a afirmação inexacta e estranha de que o reduto de Chevardino era um posto avançado, quando na verdade não passava de uma posição fortificada qualquer do flanco esquerdo, e afirmando-se também que os Russos tinham aceitado a batalha numa posição fortificada e escolhida previamente, quando a verdade é que essa batalha se travou num local de todo imprevisto e por assim dizei -, em fortificações.

Eis como em verdade se passaram as coisas: escolheu-se um ponto no Kolotcha, que corta a estrada real não em ângulo recto, mas em ângulo agudo, de tal sorte que o flanco esquerdo estava em Chevardino, o direito nas imediações da aldeia de Novoie e o centro em Borodino, na confluência dos rios Kolotcha e Voina. Esta posição, protegida pelo no Kolotcha, era, evidentemente, a de um exército que se propunha deter o inimigo em marcha ao longo da estrada de Smolensk a Moscovo: eis qualquer coisa de evidente para quem quer que examine o campo de batalha esquecendo-se de como os factos se passaram.

Napoleão, ao dirigir-se, no dia 24, para Valuieva, não viu, segundo dizem os historiadores, a posição ocupada pelos Russos entre Utitsa e Borodino (não podia vê-la porque ela não existia). Tão-pouco viu a guarda avançada do exército, e só ao perseguir a retaguarda tropeçou no flanco esquerdo dos Russos, isto é, no reduto de Chevardino, e que, inesperadamente para os Russos, fez passar as suas tropas para a outra margem de Kolotcha. E então os Russos, que não tinham podido travar uma batalha geral, fizeram

obliquar a ala esquerda da posição que pensavam ocupar para se estabelecerem numa posição nem prevista nem fortificada. Ao atravessar para a margem esquerda do no Kolotcha, portanto para a esquerda da estrada, Napoleão transportara a futura batalha do flanco direito para o esquerdo dos Russos, para a planície entre Utitsa. Semionovskoie e Borodino, planície não mais vantajosa como posição que qualquer outra, e ali se travou a batalha de 26. A traços largos, o plano da batalha, tal como a descreveram e tal como ela realmente se travou, seria o indicado na página seguinte.

Se Napoleão não tivesse atravessado o no Kolotcha no dia 24 à noite e não houvesse dado ordens para não atacar o reduto nessa mesma noite, adiando o ataque para o dia seguinte, seríamos obrigados a reconhecer que o reduto era o flanco esquerdo da posição russa e a batalha ter-se-ia travado como os Russos esperavam. Neste caso os Russos teriam defendido mais encarniçadamente ainda o reduto de Chevardino, seu flanco esquerdo, atacando Napoleão no centro e à direita, e no dia 24 travar-se-ia a batalha geral na posição fortificada e prevista. Mas como o ataque ao flanco esquerdo russo se verificou à noite, em consequência da retirada da retaguarda russa, isto é, imediatamente após a batalha de Gridnievo, e como os generais russos não puderam ou não quiseram desencadear no dia 24 à noite a batalha geral, a primeira e parte principal da batalha de Borodino estava perdida desde aquele mesmo dia, implicando, forçosamente, a derrota do dia 26.

Depois da perda do reduto de Chevardino, na manhã de 25, os Russos viram-se privados do ponto de apoio no flanco esquerdo, sendo forçados a restabelecer a ala esquerda e a fortificá-la à pressa, fosse como fosse.

Mas o facto de as tropas russas no dia 28 de Agosto se encontrarem em entrincheiramentos insuficientes nada era comparado com o facto de os generais russos não terem atribuído a devida importância à perda da posição do flanco esquerdo, ou seja, a mudança da orientação da batalha da esquerda para a direita, deixando que as suas linhas continuassem a estender-se da aldeia de Novoie a Utitsa, e viram-se obrigados à transferência de tropas da direita para a esquerda durante o combate. E foi assim que os Russos, em plena batalha, só puderam opor à totalidade das tropas francesas a sua ala esquerda, isto é, forças duas vezes mais fracas. Quanto aos ataques de Poniatowski a Utitsa e de Uvarov ao flanco direito dos Franceses, eis incidentes inteiramente alheios à marcha geral das operações.

E foi assim que a batalha de Borodino se travou em circunstâncias completamente diferentes daquelas por que foi descrita na intenção de ocultar os erros dos generais, e isso apenas serviu para diminuir a glória do exército e do povo russos.

Essa batalha não se travou numa posição escolhida e fortificada com forças apenas

um pouco mais fracas do lado russo; foi aceite, em consequência da perda de Chevardino, numa planície aberta e quase sem fortificações, com forças duplamente mais fracas que as dos Franceses. Isto é, em condições tais teria sido impossível a essas tropas não já baterem-se durante dez horas seguidas e num combate indeciso, mas até mesmo aguentarem-se três horas que fosse sem serem vítimas de um desastre completo e sem virem a ser completamente desbaratadas.

Capítulo XX

Na manhã do dia 25, Pedro saiu de Mojaisk. Para descer o empinado e tortuoso caminho que levava da cidade à catedral, situada um pouco à direita, e onde se celebrava um serviço religioso acompanhado do toque de sinos, apeou-se da sua carruagem e fez o percurso a, pé. Atrás dele vinha um regimento de cavalaria precedido dos seus cantores, um comboio de viaturas com feridos do recontro da véspera caminhava em sentido contrário. Os camponeses que o conduziam, entre gritos e chicotadas, corriam ladeando as carroças. Por cima das pedras espalhadas no caminho à guisa de pavimento, as viaturas, cada uma delas com três ou quatro feridos, rins sentados outros estendidos, lá iam cambaleando ladeira acima. Lá dentro, os feridos, pernas e, braços entrapados, pálidos, de lábios apertados e sobrancelhas franzidas, fincavam-se nos taipais, atirados uns contra os outros. Quase todos ficavam a olhar, numa curiosidade entre infantil e ingénua, o chapéu branco e o fraque verde de Pedro.

O cocheiro de Bezukov vociferava, colérico, contra os postilhões do comboio, exigindo-lhes que formassem fila de um só lado da estrada. Cantando, o regimento de cavalaria que descia a encosta, ao cruzar com a carruagem de Pedi-o, interceptou-lhe o caminho. Pedro parou, comprimindo-se contra o talude que marginava o caminho talhado na encosta. Tão abrupto era o local que o sol ainda não atingira a estrada profunda.

Fazia frio e estava húmido. Lá no alto, por cima da sua cabeça, brilhava uma bela manhã de Agosto e um jucundo carrilhão ressoava pelo espaço além. Uma das viaturas cheia de feridos parou à beira da, estrada, mesmo ao lado de Pedro. O postilhão de *laptis*, acorreu, ofegante, atirou uma pedra para debaixo das rodas traseiras e pôs-se a ajustar os arneses do cavalicoque.

Um dos feridos, soldado idoso, com um braço ao peito que seguia a pé, atrás do carro, agarrou-se a ele com a mão sã e voltou-se para Pedro.

- Que há, paisano? Vão deixar-nos para aqui a criar bolor ou vamos para Moscovo? - disse ele.

Pedro tão absorto estava nos seus pensamentos que não compreendeu a pergunta. Ora olhava para o regimento de cavalaria agora junto do comboio ora para a viatura que se detivera ao pé dele e onde jaziam três feridos, dois sentados e um prostrado, e afigurava-se-

lhe que aqueles desgraçados lhe davam a solução do problema que o preocupava.

Um dos que estavam sentados devia ter sido atingido na cara, Tinha o crânio completamente envolto em trapos e uma das faces inchada a tal ponto que parecia a cabeça de um recém-nascido. O nariz e a boca estavam disformes. Relanceou o olhar para a igreja e persignou-se. O outro, um recruta jovem, louro e de pele branca, que dir-se-ia não ter já gota de sangue na cara afilada, olhava para Pedro com um sorriso bondoso desenhado nos lábios. O terceiro estava deitado de bruços e não se lhe podia ver a cara. Os cantores a cavalo passavam nesse momento diante da viatura parada.

«Oh! Liquidada... cabeça de ouriço-cacheiro... para o estrangeiro é o caminho...» Destacavam bem nitidamente as palavras de uma canção de soldados.

Como a responder-lhes, mas num tom de uma jovialidade muito diferente, repicavam lá no alto as notas metálicas do carrilhão. E alegres também, mas ainda de outra alegria, os raios ardentes do Sol inundavam os píncaros dos montes que coroavam o outro lado da estrada.

Entretanto, do lado em que estava Pedro, junto da viatura com os feridos e o cavalicoque extenuado, continuava escuro, húmido e triste.

O soldado da cara inchada olhou furioso para os cantores.

- Olhem para eles, para estes presumidos - exclamou mal-humorado.

- Hoje em dia já lhes não bastam os soldados, recrutaram também os camponeses! Guerra com eles! - murmurou com um sorriso triste o soldado estacionado junto da viatura, dirigindo-se a Pedro. - Nesta altura tudo lhes serve. Toda a gente lhes serve! Moscovo... Não se fala doutra coisa. E cada qual que se governe! É o que eles querem.

Apesar da pouca nitidez destas palavras, Pedro compreendeu o que elas queriam dizer e acenou com a cabeça, aprovador.

A estrada ficou desimpedida. Pedro voltou a descer a encosta e subiu para a carruagem disposto a continuar o seu caminho ia olhando de quando em quando ora para um ora pura outro lado da estrada. à procura de alguma cara conhecida, mas apenas se lhe deparavam militares desconhecidos, de diversas armas, que todos, por igual, pasmavam diante do seu chapéu branco e do seu fraque verde.

Umas quatro *verstas* andadas viu, finalmente, alguém conhecido, a quem tratou de interpelar com grande satisfação. Era, um médico, militar de alta patente, que vinha na sua *britctka,* em sentido contrário ao da carruagem de Pedro. Acompanhava-o um médico jovem. Ao reconhecer o viajante, fez sinal ao cossaco que lhe servia de cocheiro para que se detivesse.

- Conde! Excelência! Que faz o senhor aqui? - inquiriu o médico.

- Queria ver isto...

- Sim, sim, tem muito que ver...

Pedro apeou-se do seu carro e pôs-se a contar-lhe como resolvera assistir à batalha.

O médico aconselhou-o a que se dirigisse directamente ao Sereníssimo.

- Só Deus sabe onde o senhor estaria bem durante a batalha sem ser reconhecido - disse ele, trocando um olhar com o seu jovem companheiro. - No entanto, o Sereníssimo conhece-o e estou certo de que o aconselhará de bom grado. Sim, é o que tem a fazer, meu caro.

O médico tinha um ar fatigado e parecia ter pressa.

- Então, acha? E também lhe queria perguntar onde fica a nossa posição - retorquiu Pedro.

- A nossa posição? - replicou o médico. - Isso não é da, minha competência. Depois de passar Tatarinovo verá, andam aí a remover muita terra. Suba ao cabeço. Daí poderá ver qualquer coisa.

- Então pode ver-se dali?... Se o senhor...

O médico interrompeu-o e apontou para a *britchka*.

- Acompanhá-lo-ia com gosto, mas, Deus meu!, estou até aqui - disse, com a mão na garganta. - Vou, numa carreira, ao encontro do comandante do corpo. E o senhor sabe como estas coisas são entre nós, conde... Amanhã travar-se-á a batalha. Em cem mil combatentes temos de contar muito por baixo com vinte mil feridos. E não temos macas, nem camas de campanha, nem enfermeiros, nem médicos que cheguem para seis mil. Contamos com dez mil viaturas, mas ainda é preciso mais alguma coisa. Arranja-te como puderes!

E Pedro, então, pensou que de entre aqueles milhares de homens na plenitude da vida, de perfeita saúde, jovens e velhos, que ao passar se punham a observar-lhe o chapéu com galhofeira surpresa, pelo menos vinte mil estavam votados ao sofrimento e à morte e muito bem podia acontecer que a esse número pertencessem exactamente aqueles que acabava de ver.

«Talvez morram amanhã mesmo; como podem eles pensar noutra coisa que não seja a morte?» E de súbito, mercê de uma associação misteriosa de ideias, viu diante de si a encosta de Moiaisk e as viaturas carregadas de feridos e ouviu o som dos sinos e entreviu os raios oblíquos do Sol e tornou a ouvir as canções dos cavaleiros.

«O regimento de cavalaria caminha para o combate e os soldados cruzam o comboio dos feridos e nem por um segundo lhes vem à cabeça o que os espera e ao passarem ao lado deles piscam o olho a este e àquele. E, embora vinte mil vão ao encontro da morte, o

meu chapéu diverte-os! Que estranho!», dizia Pedro de, si para consigo enquanto seguia direito a Tatarinovo.

Junto de uma casa senhorial, à esquerda da estrada, aglomeravam-se carruagens, galeras e uma chusma de impedidos e sentinelas. Era ali que estava instalado o Sereníssimo. Mas à hora em que Pedro chegava, tanto ele como quase todo o seu estado-maior encontravam-se ausentes. Assistiam todos ao serviço religioso. Pedro prosseguiu na direcção da Gorki.

Ao chegar ao alto da encosta, e quando atravessava a ruazinha da aldeia, viu pela primeira vez camponeses milicianos, de cruz na barretina e camisa branca, que falavam alto e riam, cobertos de suor, em grande animação, cavando à direita da estrada, num cabeço coberto de relva.

Uns abriam trincheiras à picareta, outros acarretavam terra em carrinhos de mão por cima de pranchas assentes no solo e outros ainda nada faziam.

Dois oficiais postados no cabeço dirigiam os trabalhos. Ao veios camponeses, muito contentes na sua nova profissão de soldados, Pedro lembrou-se dos feridos de Mojaisk e compreendeu então o que queriam dizer as palavras do militar. «Toda a gente lhes serve!» E a vista daqueles homens barbados, trabalhando no campo de batalha, com as suas botifarras estranhas, as nucas reluzentes de suor, os colarinhos desabotoados, com as ossudas clavículas à mostra, produziu em Pedro uma impressão mais forte que tudo o que observara e ouvira até então sobre a solenidade v a importância do momento.

Capítulo XXI

Pedro apeou-se da carruagem, e, passando diante dos milicianos entregues à sua tarefa, trepou ao cabeço, donde, na opinião do médico, podia ver-se o campo de batalha.

Eram onze horas da manhã. O Sol, um pouco à esquerda e na retaguarda de Pedro, através do ar puro e sereno. Iluminava vivamente o imenso panorama acidentado que diante dele se estendia como um grande anfiteatro.

A esquerda, e cortando esse anfiteatro, serpenteava, subindo, grande estrada de Smolensk que atravessava a aldeia, com a sua branca igreja, situada junto do cerro, a quinhentos passos dele, Era Borodino. A estrada, depois da aldeia, transpunha uma ponte e, através de uma série de descidas e subidas, encaminhava-se, serpeando, para o povoado de Valuieva, que se via a umas seis *verstas* de distância, agora nas mãos de Napoleão. Depois de Valuieva a estrada perdia-se no meio de uma floresta que amarelecia no horizonte. Nesta mata de álamos e abetos, à direita da estrada, brilhava, ao sol, a cruz e o campanário distantes do Mosteiro de Kolotcha. Nessa longínqua linha azulada, à direita e à esquerda da floresta, surgiam, aqui e ali, o fumo das fogueiras dos acampamentos e a massa indistinta das tropas russas e francesas. À direita, ao longo dos rios Kolotcha e Moskva, o terreno era entrecortado de barrancos e colinas. Ao longe, nesses barrancos, descobriam-se as aldeias de Bezubovo e de Zakarino. A esquerda a região era menos acidentada e viam-se aí searas de trigo e as ruínas fumegantes da aldeia de Semionovskoie, que fora incendiada.

Tudo o que Pedro dali descobria, quer à direita, quer à esquerda, era tão vago que nem de longe correspondia ao que ele esperava. Não via em parte alguma o campo de batalha com que contava, mas apenas campos lavrados, clareiras, tropas, florestas, fogueiras de acampamentos, aldeias, cerros, rios e, por mais que procurasse com os olhos, não conseguia distinguir as tropas russas das francesas naquela paisagem buliçosa.

«Tenho de perguntar a uma pessoa competente», dizia de si para consigo, e dirigiu-se a um oficial que, cheio de curiosidade, examinava a sua corpulenta figura nada marcial.

- Quer ter a bondade de me dizer - principiou ele - que aldeia é aquela ali em frente?

- Burdino, não é? - replicou o oficial, voltando-se para um dos seus camaradas.

- Borodino - corrigiu o outro.

O oficial, que pelos vistos parecia contentíssimo daquela oportunidade de dar à

língua, aproximou-se de Pedro.

- Ali são os nossos? - perguntou Pedro.

- Sim, e lá adiante, mais longe, os Franceses - tornou o oficial. - Lá adiante, lá muito adiante, está a ver?

- Onde? Onde?

- Vêem-se perfeitamente à vista desarmada. Lá adiante.

O oficial apontou para os penachos de fumo que se descobriam à esquerda, para lá do rio, enquanto se lhe pintava no rosto uma expressão preocupada e grave, expressão que Pedro já notara em muitos outros rostos.

- Ah!, são os Franceses! E lá adiante? Pedro apontava para um monte, à esquerda, em volta do qual se viam tropas.

- São os nossos.

- Ah!, os nossos! E lá, ali, mais adiante - apontou para outro cabeço mais afastado, com uma grande árvore, junto de um povoado assente numa dobra do terreno: ao lado subia no ai, fumo dos bivaques e viam-se manchas escuras no solo.

- Ali também é «ele» - disse o oficial. Tratava-se do reduto de Chevardino. - Ontem éramos nós quem ali estava e agora é «ele».

- Então onde fica a nossa posição?

- A nossa posição! - exclamou o oficial, com um sorriso satisfeito. - Posso descrever-lha com todos os pormenores, pois fui eu quem levantou quase todas as fortificações. Pois, o nosso centro fica ali, em Borodino, lá adiante. - Apontava para a aldeia da igreja branca, em frente deles. - Ali é o vau do Kolotcha. Vê, lá adiante, onde se descobrem, ainda no horizonte, aquelas medas de palha? Ali fica a ponte. É o nosso centro. O nosso flanco direito fica por aqui. - E apontava uma fractura do terreno, escarpada e profunda, na extrema direita.- Acolá é o no Moskva e ali construímos três redutos fortíssimos. O nosso flanco esquerdo... - Neste ponto o oficial calou-se. - Sabe?, é difícil de explicar... Ontem o nosso flanco esquerdo estava ali, em Chevardino, lá adiante, onde se divisa um carvalho. Mas agora retirámos para a retaguarda a ala esquerda. Afirme-se naquela aldeia e naquela fumarada. É Semionovskoie. E além - acrescentou, apontando para o cabeço de Raievski.- Mas não é natural que a batalha venha a travar-se ali. O inimigo fez deslocar para aqui as suas tropas por manha. É de esperar que trate de nos envolver pela direita, em direcção ao Moskva. Mas, seja como for, o certo é que amanhã muitos dos nossos ficarão ali!

Um velho sargento, que se aproximara enquanto o oficial falava, esperava, em silêncio, que o superior acabasse, mas quando ele chegou a este ponto, naturalmente pouco satisfeito com o que ouvia, interrompeu o oficial para dizer, bruscamente:

- É preciso ir buscar os cestões.

O oficial pareceu perturbado, como se compreendesse que, se podia pensar que no dia seguinte faltariam muitos dos seus camaradas, não lhe era dado falar no caso.

- Bem, manda outra vez a 3ª companhia - replicou o oficial imediatamente. - E o senhor, quem é o senhor? Não é médico?

- Não, estou aqui apenas por curiosidade - retorquiu Pedro. F pôs-se de novo a descer o cabeço, tornando a passar diante dos milicianos.

- Oh, malditos! - exclamou o oficial, que o seguia, enquanto tapava o nariz, e apressava o passo.

- Aí estão eles! Trazem-na, lá vêm... Lá estão... Daqui a bocado estão aí... - exclamaram, ao mesmo tempo, várias vozes, e oficiais, soldados e milicianos correram para a estrada.

Uma procissão, que saíra da Igreja de Borodino, subia a encosta. A frente, pela estrada poeirenta, marchava alinhada a infantaria, de barretinas na mão e espingardas de coronha ao alto. Lá para trás ouviam-se cânticos religiosos.

Soldados e milicianos passaram por Pedro, de cabeça descoberta, ao encontro dos que chegavam.

- Trazem a nossa Santa Mãe! A nossa protectora!... A Virgem Iverskaia.

- Não. É a Santíssima Virgem de Smolensk - corrigiu outro.

Tanto os milicianos que estavam na aldeia como os que trabalhavam na bateria, largando as pás, correram ao encontro da procissão. Atrás do batalhão seguia a cleresia de casula; o padre, ia velhinho, de solidéu, acompanhado dos acólitos e dos chantres.

Atrás deles vinha um grupo de soldados e de oficiais que carregavam um grande ícone, de rosto escuro, todo paramentado. Era o ícone que viera de Smolensk e acompanhava agora o exército. Em volta dele, por todos os lados, caminhava, corria, prosternava-se uma chusma de soldados de cabeça descoberta.

No alto da colina o ícone estacou. Os homens que o traziam aos ombros revezaram-se, os acólitos tornaram a acender os incensórios e deu-se começo a uma cerimónia religiosa de acção de graças, Os raios ardentes do Sol dardejavam, mas os cabelos das cabeças descobertas e as fitas que enfeitavam a imagem agitavam-se à brisa fresca. Os cânticos ressoavam debilmente na vasta curva dos céus. Grande multidão de oficiais, soldados, milicianos, todos de cabeça descoberta, rodeava a imagem. Atrás do padre e do acólito, num espaço livre, viam-se os oficiais de alta patente. Um general calvo, com a cruz de S. Jorge ao peito, mesmo atrás do sacerdote, sem se persignar, o que queria dizer que era alemão, esperava, pacientemente, que as orações terminassem, sentindo-se obrigado a

assistir a elas, pois reanimavam e patriotismo do povo russo. Outro general, que assumira uma atitude marcial, ia fazendo sucessivos sinais da cruz, enquanto olhava para um lado e para o outro. Pedro, no meio dos camponeses, identificou entre aquelas altas personalidades alguns conhecidos seus, mas não lhes prestou a mínima atenção, todo entregue a observar a grave expressão dos soldados e dos milicianos, de olhos fitos na imagem numa espécie de ávida exaltação. Quando os chantres, fatigados, principiaram a entoar arrastadamente - era a vigésima vez que o faziam - a invocação «Santa Mãe de Deus, salva os Teus escravos da desgraça», e o padre e o diácono repetiram: «Todos a Ti acorremos como a um muro inquebrantável, rogando-Te que Te amerceies de nós», em todos os rostos se via essa mesma expressão, essa mesma compenetração na solenidade do momento, por ele observada já na encosta de Mojaisk e em muitas pessoas com quem se cruzara nessa manhã. As cabeças pendiam cada vez mais para o chão, os cabelos esvoaçavam ao vento, ouviam-se profundos suspiros e os constantes sinais da cruz ecoavam na arca do peito dos fiéis.

De súbito, a multidão que rodeava o ícone afastou-se, arrastando Pedro. Alguém se aproximava, sem dúvida da mais alta categoria - a avaliar pela pressa com que todos abriam alas.

Era Kutuzov, que acabava de inspeccionar a posição. De regresso a Tatarinovo, quisera assistir àquela cerimónia religiosa. Pedro reconheceu-o imediatamente graças à sua figura particular, muito diferente de todas as outras.

De comprido redingote, que lhe envolvia a enorme corpulência, as costas arqueadas, a cabeça branca descoberta, o olho vazado na face de carnes flácidas, o passo balanceado e trôpego, chegou e deteve-se precisamente atrás do padre. Persignou-se maquinalmente, baixou-se quase até tocar no solo com a mão e, depois de soltar um profundo suspiro, deixou pender sobre o peito a cabeça branca. Bennigsen e a sua comitiva seguiam-no. Apesar da presença do general-chefe, que desde logo chamara a atenção de todos os oficiais superiores, os soldados e os milicianos, sem olharem para ele, continuavam a rezar.

Quando a cerimónia religiosa acabou, Kutuzov aproximou-se do ícone, deixou-se cair pesadamente sobre os joelhos, prosternou-se quase até ao chão e de novo tentou pôr-se de pé. Levou tempo a consegui-lo, mercê da sua corpulência e da fraqueza em que estava. Os esforços que fazia para se erguer comunicavam-lhe à cabeça branca movimentos sacudidos. Conseguiu levantar-se finalmente, e depois de beijar o ícone, estendendo os lábios num bochecho infantil e ingénuo, de novo se inclinou tocando a terra com a mão. Todos os generais fizeram o mesmo, imitando-o, depois foram os oficiais e em seguida, acotovelando-se e atropelando-se uns aos outros, no meio de exclamações e expressões

comovidas, chegou a vez dos soldados e dos milicianos.

Capítulo XXII

Surgido pela multidão, que o atirava de um lado para o outro. Pedro ia olhando à sua roda.

Conde Pedro Kirillitch, que está aqui a fazer? - exclamou uma voz.

Pedro voltou-se. Bóris Drubetskoi, sacudindo os joelhos que sujara no chão, naturalmente ao prosternar-se diante do ícone. Aproximou-se dele, sorrindo. A elegância da sua farda não excluía o ar marcial do militar em campanha. Vestia uma longa túnica tinha um pingalim a tiracolo, tal qual como Kutuzov, Entretanto o general-chefe regressara à aldeia e sentara-se à sombra da casa mais próxima, num banco que um cossaco trouxera a pressa e outro cossaco cobrira com um tapete. Rodeava-o uma brilhante e imensa comitiva.

O ícone fora levado para mais longe aos ombros da multidão. Pedro detivera-se a uns trinta passos de Kutuzov a conversar com Bóris.

O conde Bezkikov expunha-lhe o seu desejo de assistir à batalha e examinar a posição.

- É o que o senhor vai fazer - disse-lhe ele. - *Eu faço-lhe as honras do campo*. Verá, tudo melhor dali: acolá está também o conde Bennigsen. Estou adstrito ao seu quartel. Preveni-lo-ei, E se quiser percorrer a posição, irei consigo. Vamos agora precisamente ao flanco esquerdo, Não tardamos, e, queira aceitar o meti tecto para passar a noite, jogaremos uma partida. Conhece não é verdade, Dimitri Sergueievitch? Está aqui instalado - acrescentou, apontando para a terceira casa de Gorki.

- O que eu gostava de ver era o flanco direito. Dizem que é, muito forte - observou Pedro. - Gostava de percorrer toda a posição a partir do Moskva.

- Está bem, isso pode ser depois, o principal é o flanco esquerdo...

- Sim, sim. E onde fica o regimento do príncipe Bolkonski, poderia indicar-me a sua posição?

- O de André Nikolaievitch? Vamos passar diante dele, levá-lo-ei lá.

- Que me diz do flanco esquerdo? - perguntou Pedro.

- Para lhe falar verdade, entre nós, o nosso flanco esquerdo está numa triste situação - disse Bóris, baixando a voz, confidencialmente. - O conde Bennigsen esperava uma coisa completamente diferente. Propôs que se fortificasse aquele cabeço, lá adiante. Era outra

coisa. Mas - acrescentou, encolhendo os ombros - o Sereníssimo não quis, ou fizeram-no mudar de ideias. Porque...

E Bóris não concluiu a frase. Nesse mesmo instante aproximava-se Kaissarov, o ajudante-de-campo de Kutuzov.

- Eh, Paissi Sergueievitch! - exclamou ele, dirigindo-se ao recém-chegado com a maior desenvoltura.- Estou tratando de explicar ao conde a nossa posição. É assombroso como o Sereníssimo pode, prever com tamanha exactidão as intenções dos Franceses.

- Refere-se ao flanco esquerdo? - disse Kaissarov.

- Sim, sim, precisamente. O nosso flanco esquerdo está agora fortíssimo.

Embora Kutuzov tivesse afastado do seu estado-maior todos os inúteis, Bóris conseguira manter-se no quartel-general, tornando-se adido ao conde Bennigsen. Este, como todos os generais com que ele servira, considerava Drubetskoi homem de grande valor

No alto comando do exército haviam-se formado dois partidos bem definidos: o de Kutuzov e o de Bennigsen, chefe do estado-maior. Bóris pertencia a este último partido e, embora mostrasse diante de Kutuzov um respeito servil pela sua pessoa, não perdia a oportunidade de fazei, compreender que o velho não passam de um medíocre e que era Bennigsen quem tinha o supremo comando de tudo. Chegava agora o momento decisivo da batalha que devia ou aniquilar Kutuzov, que transmitiria a autoridade a Bennigsen, ou então, no caso de Kutuzov ganhar a bata-lha, dar a entender que fora Bennigsen quem tudo fizera. Em qualquer caso, no dia seguinte distribuir-se-iam importantes distinções e haveria numerosas promoções. E não era outra a razão por que Bóris nesse dia estava tão agitado.

Depois de Kaissarov, outros conhecidos de Pedro vieram ao seu encontro, e de tal modo o assediaram que muito dificilmente podia responder a todas as perguntas que lhe faziam sobre Moscovo ou então dar ouvidos a todas as histórias que lhe contavam. Em todos os rostos havia emoção e desassossego, Mas a Pedro afigurava-se-lhe que esta, emoção era geralmente provocada por motivos de interesse puramente pessoal e não pode deixar de se lembrar, a propósito disto, da exaltação que vira noutros rostos, a qual não provinha do roais pequeno interesse pessoal, mas do interesse geral relacionado com uma questão de vida ou de morte. Kutuzov acabou por descobrir a rotunda pessoa de Pedro e o grupo que o cercava.

- Chamem-no - ordenou.

Um ajudante-de-campo transmitiu o desejo do Sereníssimo. Pedro dirigiu-se para o banco do general. Um miliciano, soldado raso, adiantou-se-lhe, porém. Era Dolokov.

- Como é que este indivíduo se encontra aqui? - perguntou Pedro.

- Tipos como este têm sempre maneira de meter o nariz em toda a parte! - responderam-lhe. - Foi degradado. Tem de se fazer valer. Parece que apresentou diversos projectos e que de noite se introduziu rias linhas inimigas... Digam o que disserem, é um valente!...

Pedro, descobrindo-se, saudou Kutuzov respeitosamente.

- Pensei - ia dizendo, entretanto. Dolokov - que, se expusesse este projecto a Sua Excelência, me poderia mandar embora ou então que esta história já era sabida... De maneira que não me consideraria diminuído se...

- Bem! Bem!

- E se tiver razão, prestarei assim um serviço à minha pátria, pela qual estou pronto a dar a vida.

- Bem, muito bem!

- E se Sua Excelência precisar de um homem sem medo de dar o corpo ao manifesto, peço-lhe que se lembre de mim... Talvez possa vir a ser útil a Sua Excelência.

- Bem... Muito bem... - repetia Kutuzov mirando Pedro, como em confidência, com o seu olho risonho.

Nesse momento, Bóris, habilíssimo cortesão, aproximou-se para estar nas proximidades de Bezukov, na vizinhança imediata do grande chefe, como se fosse a coisa mais natural deste mundo, e, em voz baixa e como se prosseguisse uma conversa interrompida, disse a Pedro:

- Os milicianos vestiram camisas brancas, muito limpas, para se prepararem para a morte. Que heroísmo, conde!

Bóris pronunciara estas palavras para ser ouvido, evidentemente, pelo Sereníssimo. Sabia que Kutuzov prestava ouvidos a todos estes pormenores, e na verdade voltou-se para ele:

- Que estás tu a dizer da milícia? - perguntou. - Excelência, para se prepararem para o dia de amanhã, para morte, vestiram camisas brancas.

- Oh!... Que povo admirável, que povo incomparável! - exclamou o general-chefe, fechando os olhos e abanando a cabeça. Que povo incomparável! - repetiu, suspirando.

- Com que então quer sentir o cheiro da pólvora? - acrescentou, dirigindo-se a Pedro. - Sim, realmente, é um cheiro agradável. Tenho a honra de ser um adorador da senhora sua mulher. Como está ela? O meu acampamento está à sua disposição.

E, como amiúde acontece com os velhos, Kutuzov olhou em torno de si, preocupado, como se já não se recordasse do que queria dizer ou fazer.

Lembrando-se, naturalmente, do que procurava, fez um sinal a André Sergueievitch Kaissarov, irmão do seu ajudante-de-campo.

- Como são então esses versos de Marin, como são eles? Sim, os que ele escreveu sobre Guerakov: «Serás mestre no teu regimento...» Recita lá um bocado. E Kutuzov preparava-se para uma boa risada.

Kaissarov fez-lhe a vontade... Kutuzov, divertidíssimo, acenava com a cabeça a compasso.

Quando Pedro se afastou do general-chefe. Dolokov veio ao seu encontro e travou-lhe do braço.

- Tenho muito prazer em encontrá-lo aqui, conde - disse-lhe em voz alta, com o ar decidido e solene que lhe era natural e sem se preocupar com a presença de estranhos. - Na véspera do dia em que só Deus sabe qual de rios ficará com vicia, tenho muito gosto em aproveitar esta oportunidade para lhe dizer que lamento o mal-entendido havido entre nós e que espero que não tenha razão de queixa contra mim. Peço-lhe que me perdoe.

Pedro, sorrindo, olhava para ele sem saber que responder-lhe. Dolokov, com os olhos cheios de lágrimas, abraçou e beijou Pedro. Bóris disse qualquer coisa ao seu general e o conde Bennigsen propôs a Pedro que o acompanhasse na inspecção às linhas.

- Será interessante para si - disse-lhe ele.

- Sim, muito - respondeu Pedro.

Meia hora depois, Kutuzov voltava para Tatarinovo e Bennigsen e a sua comitiva, de que Pedro fazia parte, dirigiram-se para o campo de batalha.

Capítulo XXIII

De Gorki, Bennigsen e a sua escolta desceram a estrada real até à ponte que o oficial apontara a Pedro do alto do cabeço como sendo o centro da posição, e junto da qual medas de feno recém-cortado embalsamavam o ar- Atravessada a ponte, penetraram na aldeia de Borodino, voltaram à esquerda e, passando diante de tiro grande aglomerado de tropas e peças de artilharia, chegaram à vista de um cabeço onde milicianos revolviam a terra. Era o reduto, ainda por baptizar, mas que depois viria a chamar-se o «reduto Raievski» ou a «bateria do cabeço».

Pedro não prestou a isto qualquer atenção especial, ignorava que aquele local se tornaria o ponto mais memorável de todo o campo de batalha. Em seguida atravessaram a ravina defronte de Semionovskoie, donde os soldados levavam os restos do madeiramento das isbás e dos secadores de sementes. Final- mente, subindo e descendo encostas e atravessando campos de centeio arrasados, como se sobre eles tivesse caído granizo, meteram pelo novo caminho, recentemente aberto pela artilharia ao longo dos trilhos de um campo lavrado, e chegaram às «flechas» que se andavam ainda a abrir.

Bennigsen deteve-se ali e pôs-se a olhar em frente para o reduto de Chevardino, que ainda na véspera pertencia aos Russos, e onde se viam alguns cavaleiros. Os oficiais diziam que devia ser Napoleão ou Murat. Toda a gente olhava avidamente o grupo de cavaleiros. Pedro fez o mesmo, tentando perceber qual deles poderia ser Napoleão. Pouco depois, o grupo descia do cabeço, desaparecendo.

Bennigsen, dirigindo-se a um general que se aproximava, pôs-se a explicar-lhe a posição das tropas russas. Pedro ouvia-o, num esforço de inteligência, tentando compreender o essencial da futura batalha, mas, a pesar seu, verificou que o não podia acompanhar. Decididamente, não estava em condições de perceber, Bennigsen, quando acabou de falar, notou a expressão de Pedro.

- Suponho que isto o não interessa - disse-lhe ele, bruscamente.

- Pelo contrário! É muito interessante! - repetiu Pedro, que não era completamente sincero.

Das «flechas» tomaram mais à esquerda por um caminho que serpenteava através de uma mata de álamos muito espessa, mas de pouca altura. No meio dessa mata apareceu de

repente, saltitando, uma lebre parda de patinhas brancas. Assustada com o ruído das patas de tantos cavalos, de tal modo se alarmou que por muito tempo foi correndo e pulando diante dos cavaleiros, que riam a bom rir, e só quando alguns lhe gritaram abandonou o caminho, embrenhando-se no mato. Depois de terem cavalgado umas duas *verstas* entre folhagem, chegaram a uma floresta onde estavam reunidas as tropas do corpo de Tutchkov, que se destinavam a apoiar o flanco esquerdo.

Neste local, no extremo do flanco esquerdo. Bennigsen ficou a falar por muito tempo e animadamente e a Pedro afigurou-se-lhe que ele tomava nessa altura importantes disposições do ponto de vista militar. Diante das tropas de Tutchkov havia um monte. Esse monte não estava ocupado. Bennigsen lamentou em voz alta este erro, dizendo ser insensato deixar assim, sem qualquer guarnição, um ponto que dominava o terreno, colocando-lhe tropas no sopé. Alguns generais foram da mesma opinião. Um deles, com ardor bem militar, disse que aquilo era como mandar animais para o matadouro. E Bennigsen, de sua iniciativa, deu ordens para que no monte fossem colocadas tropas.

Esta medida, tornada no flanco esquerdo, ainda mais concorreu para que Pedro duvidasse da sua capacidade, para compreender os problemas estratégicos. A respeito deste pormenor - as tropas no sopé da encosta - estava pronto a dar razão às críticas de Bennigsen e dos generais, mas eis o que o levava a compreender ainda menos como pudera cometer um erro tão evidente quão grosseiro aquele que as mandara colocar ali.

Não subia Pedro que aquelas tropas não tinham sido ali colocadas para defesa daquela posição, como pensava Bennigsen, mas precisamente para preparar uma armadilha, naquele lugar oculto, isto é, para que não fossem vistas e pudessem assim cair de surpresa sobre o inimigo num momento determinado. Bennigsen ignorava também este pormenor e, de acordo com os seus pontos de vista particulares, alterava as disposições tomadas sem informar disso o general-chefe.

Capítulo XXIV

Precisamente naquela clara noite de 25 de Agosto estava o príncipe André deitado num telheiro desmantelado da aldeia de Kniazkovo, no extremo limite do local destinado ao seu regimento. Apoiado sobre o cotovelo, pousava os olhos, através das paredes desconjuntadas, numa fila de álamos dos seus trinta anos, cujos ramos inferiores haviam sido cortados e que se perdia na distância, e nos campos lavrados, no meio dos quais havia molhos de aveia dispersos, e nos arbustos onde se perdia o fumo das fogueiras em que os soldados preparavam o rancho.

Embora a vida lhe parecesse naquele momento mesquinha, inútil e penosa, tal qual como sete anos antes, em Austerlitz, na véspera da batalha, o príncipe sentia-se emocionado e nervoso.

Recebera e transmitira ordens para a batalha do dia seguinte. Nada mais tinha que fazer. No entanto agitavam-no os pensamentos mais simples, mais claros, e por consequência mais sinistros. Sabia que a batalha que se preparava seria a mais terrível de quantas assistira até então e a possibilidade de morrer apresentava-se-lhe pela primeira vez na sua vida com toda a simplicidade e todo o horror, despojada de toda a espécie de relações com o que era vivo, alheia a todas as considerações acerca do efeito que poderia causar nos outros, coisa que lhe dizia apenas respeito a ele próprio, e a sua própria alma, numa acuidade de visão extraordinária, quase como uma certeza. E lá do alto a que subiam os seus pensamentos tudo o que outrora o havia atormentado ou preocupado surgia-lhe banhado numa espécie de luz fria e branca, sem sombras, sem perspectiva, sem contornos definidos,

Toda a sua vida lhe aparecera por muito tempo como que projectada por Lima lanterna mágica através de um vidro e a uma luz artificial. E agora via, de súbito, sem qualquer interposição de vidros, à clara luz do dia, esses quadros grosseiramente coloridos. «Sim, sim, aqui estão elas, essas miragens enganosas que tanto me emocionaram, exaltaram e fizeram infeliz; dizia a si próprio, fazendo perpassar pela imaginação toda a fantasmagoria da existência e vendo-a agora a esta branca e fria luz do nítido pensamento da morte. Ei-las, essas figuras grosseiramente iluminadas que então me pareciam tão belas e misteriosas. A glória, o bem público, o amor de uma mulher, a própria pátria, quão grandes que

pareciam essas belas coisas, com que profundo sentido elas se me apresentavam! E afinal como tudo isso é mesquinho, pálido, miserável, a clara e fria aurora desta manhã que está nascendo em mim!», Retinham-lhe o pensamento sobretudo as três grandes dores da sua existência: o seu romance de ai-flor, a morte do pai e a invasão francesa, que alcançara já metade da Rússia, «O amor!... Aquela garotinha que se me afigurava rica de forças misteriosas! Sim! E eu amava-a. Entretinha com ela poéticos sonhos de amor, de felicidade mútua. Pobre rapaz!», exclamou, de súbito, em voz alta, com uma amarga ironia, «E depois? Acreditava em não sei que amor ideal que ma conservaria fiei todo o ano que estaria ausente. E ela acabaria por se consumir, como a meiga pomba da fábula, esperando, esperando sempre. Ai de mim! É tudo muito mais simples... Tudo é muito mais simples e muito mais repugnante!

«Meu pai também, ao instalar-se em Lissia Gori, pensava que aquele pedaço do mundo lhe pertencia, que a terra, o ar, os camponeses, tudo era dele. Mas aparece Napoleão, e, sem sequer saber que ele existia, varre-o para a rua como a um grão de poeira e a sua Lissia Gori e toda a sua existência caíram por terra, E a princesa Maria diz que tudo são provações que vêm do alto, Para quê tais provações se ele já não existe e nunca mais voltará a existir? Nunca mais voltará! A pátria, a perda de Moscovo! Mas, quem sabe?, matar-me-ão, e talvez nem sequer um francês, mas um dos nossos, como o soldado que ainda ontem descarregou a espingarda mesmo ao pé da minha cabeça. E os Franceses chegarão depois, e pegar-me-ão pelos pés e pela cabeça e atirarão comigo para dentro de uma vala para que eu não venha a cheirar mal. E depois novas condições de vida surgirão tão naturais para os que vierem como as antigas, e eu já não as conhecerei já não serei deste mundo.»

Fitou a mata de álamos, os seus ramos amarelos imóveis, as suas folhas verdes e a sua casca branca que brilhava ao sol. «Já que temos de morrer, bom, então que me matem... amanhã... que eu desapareça... Que tudo isto continue a existir, mas para mim tudo acabe.» Via com toda a nitidez a vida sem que ele já lá estivesse. E aqueles alamos brancos com a sua luz e a sua sombra, e aquelas nuvens desgrenhadas e o fumo dos acampamentos, tudo se transformou, de súbito, para ele, ganhando um aspecto terrível e ameaçador, Foi tomado de um arrepio. Levantou-se, saiu do telheiro e pôs-se a caminhar.

Atrás do telheiro ressoaram umas vozes.

- Quem vem lá? - perguntou o príncipe André.

Timokine, o capitão de nariz rubicundo, ex-comandante da companhia de Dolokov, então, por virtude da falta de oficiais, comandante de batalhão penetrou timidamente no telheiro. Atrás dele vinham um ajudante-de-campo e o tesoureiro do regimento.

André voltou a penetrar no telheiro e ouviu o que eles tinham a dizer-lhe relativamente ao serviço, deu-lhes ainda algumas instruções e preparava-se para os despedir quando ouviu lá fora uma voz sua conhecida, que resmungava.

- *Irra!* - dizia a voz do homem, que tropeçara em qualquer coisa.

André olhou lá para fora e viu Pedro, que ia caindo ao tropeçar numa viga que estava no chão, encaminhando-se para ele. Em geral era com desagrado que voltava a ver criaturas do seu meio, e Pedro especialmente, pois lhe recordava todos os dolorosos momentos por que passara aquando da sua última estada em Moscovo.

- Ah, és tu?! - exclamou ele. - Que te traz por aqui? Não esperava ver-te.

Ao pronunciar estas palavras, tios seus olhos e em toda a sua fisionomia havia mais do que frieza, havia mesmo hostilidade, e Pedro deu por isso. Este vinha na melhor disposição de espírito, mas, ao ver o ar nada acolhedor do amigo, sentiu-se embaraçado e pouco à vontade.

- Vim... Sim... Sabe... vim porque me interessa - disse Pedro, que já repetira nesse dia muitas vezes que aquilo o interessava. - Quis ver a batalha.

- Ah, sim? E que dizem da guerra os irmãos mações? Não a puderam impedir? - disse o príncipe André com ironia. - E que há por Moscovo? Como está a minha família? Já chegaram, finalmente? - acrescentou em tom mais grave.

- Sim, já chegaram. Disse-me Júlia Drubetskaia. Quis visitá-los, mas não os encontrei. Tinham partido para a quinta dos arredores.

Capítulo XXV

Os oficiais queriam retirar-se, mas o príncipe André, como para evitar ver-se só com o amigo, pediu-lhes que ficassem para tomar chá. Trouxeram bancos e serviu-se o chá. Os oficiais iam observando, não sem espanto, a enorme e maciça pessoa de Pedro, ouvindo as histórias que ele contava de Moscovo e a descrição que fazia da posição das tropas russas, que acabava de visitar, André não abria a boca e a sua expressão era tão desagradável que Pedro se dirigia de preferência a Timokine, o heróico comandante de batalhão.

- Então compreendeste a disposição das tropas? - perguntou-lhe o príncipe André, interrompendo-o de súbito.

- Compreendi! Ou antes - acrescentou Pedro - , como não sou da profissão, não posso dizer que tenha compreendido completamente, mas apreendi o plano geral.

- *Então sabes mais que ninguém* - tornou-lhe o príncipe André.

- Ah! - exclamou Pedro, estupefacto, mirando-o através dos vidros das lunetas. - E que pensa da nomeação de Kutuzov?

- Agradou-me muito, é tudo quanto te posso dizer.

- Bom, e que opinião tem de Barclay de Tolly? Diz-se tanta coisa dele em Moscovo, santo Deus! Que pensa dele?

- Pergunta a estes senhores - replicou o príncipe André, apontando para os oficiais.

Pedro, com o sorriso indulgente que toda a gente tinha quando se dirigia a Timokine, interrogou-o com os olhos.

- Foi a luz que brilhou para rios, Excelência, o aparecimento do Sereníssimo - disse Tiryiokine, timidamente, sem deixar de olhar para o seu coronel.

- Porquê? - inquiriu Pedro.

- Sim, posso falar-lhe, por, exemplo, da lenha, da forragem. Quando principiámos a recuar, depois de Sventsiani, que ninguém se lembrasse de apanhar um cavaco de lenha, um braçado de palha ou fosse o que fosse. E certo é que, rios íamos embora, e o inimigo, ficava com tudo, não é verdade, Excelência? - acrescentou dirigindo-se ao seu príncipe. – Mas ai de nós de o fizéssemos!

«Por esse motivo no nosso regimento foram julgados dois oficiais em conselho de guerra. Quando o Sereníssimo chegou, porém, tudo se tornou muito simples. Vimos a

luz...»

- Porque é que o general proibia?

Timokine pôs-se a rebolar os olhos, muito confuso, sem saber como responder a esta pergunta. Então Pedro dirigiu-se ao príncipe André.

- Para não arruinarmos o território que abandonámos ao inimigo - replicou este, com uma entoação de amarga ironia. - É justo: não pode consentir-se que as tropas saqueiem o país e os soldados se habituem a roubar. Já em Smolensk, o pensar que os Franceses podiam vir por ai abaixo e que dispunham de forças superiores às nossas, vira as coisas com equidade. O que ele não pode compreender, no entanto - gritou, subitamente, fazendo vibrar a sua voz fina - o que ele não pode compreender e que nós nos batemos pela primeira vez em defesa da terra russa, que as nossas tropas lutam com uma coragem que eu lhes não conhecia, que durante dois dias seguidos detivemos os Franceses e que a nossa resistência nos duplicara, as forças. E apesar disso deu ordem de retirada e foram baldados todos os nossos esforços e todas as nossas perdas. Naturalmente não queria trair-nos, procurava arranjar as coisas da melhor maneira, calculara tudo Mas exactamente por isso é que nada vale. Nada vale hoje precisamente por tudo ter previsto, prudente e cauteloso como bom alemão que é. Como hei-de explicar-te?... Supõe que teu pai tinha um criado alemão, um criado excelente, que adivinhava todos os seus pensamentos melhor do que tu próprio. E, como é natural, deixarias que ele continuasse a servi-lo. Mas supõe que teu pai adoecia gravemente, então tratarias de o pôr de lado e serias tu, com as tuas mãos desajeitadas e inexperientes, que cuidarias dele e muito melhor do que, um estranho, por mais hábil que fosse. Ora foi assim que procederam para com Barclay. Enquanto a Rússia esteve de perfeita saúde, qualquer estrangeiro podia servi-la, e este era um excelente ministro, mas desde que a sua vida corre perigo, é de um homem do seu sangue que ela precisa. Lá no teu meio, no teu clube, acharam que ele era um traidor. Caluniando-o dessa maneira é que depois se envergonharão dos juízos temerários que sobre ele ousaram, acabando por fazer dele um herói ou um génio, coisa ainda mais injusta. É um alemão honrado e meticuloso...

- No entanto, dizem que é um cabo-de-guerra muito hábil - contraveio Pedro.

- Não sei o que isso quer dizer - continuou o príncipe André, sorrindo.

- Um hábil cabo-de-guerra é aquele que prevê todas as eventualidades... que adivinha as intenções do adversário.

- É impossível! - replicou André, como se não pudesse haver dúvidas a tal respeito.

Pedro fitou-o, estupefacto.

- Há quem diga, no entanto - voltou ele - que a guerra é como que uma partida de

xadrez.

- Talvez - replicou o príncipe André -, mas com esta pequenina diferença: que no xadrez, antes de mexeres uma pedra, te é dado pensares o tempo que quiseres, o tempo não urge: e com esta diferença ainda: que o cavaleiro é sempre mais forte que o peão, que dois peões são sempre mais fortes do que um, enquanto na guerra um batalhão às vezes é mais forte que uma divisão e outras mais fraco que uma companhia. Ninguém é, competente para conhecer a força relativa das tropas. Acredita no que te digo: se o resultado dependesse das medidas tomadas pelos estados- maiores, eu teria ficado no estado-maior e aí daria as minhas ordens, mas é aqui, neste regimento, que eu e estes senhores temos a honra de servir; é de nós, realmente, em minha opinião, que depende o dia de amanhã e não deles... O êxito nunca dependeu, nunca dependerá, nem da posição, nem do armamento, nem mesmo do número de tropas, sobretudo nunca dependeu da posição.

- Então de que depende?

- Do sentimento íntimo que existe em mim, naquele - apontou para Timokine -, no sentimento íntimo de cada soldado.

O príncipe André olhava fixamente para Timokine, que, por sua vez, fitava o seu comandante com olhos assustados e estupefactos. Em vez de calado e sorumbático, como habitualmente, o príncipe André parecia agora extremamente agitado. Percebia-se que não podia deixar de exprimir os pensamentos que lhe acudiam em tropel.

- Ganha a batalha quem decide firmemente ganhá-la. Porque perdemos nós a batalha de Austerlitz? As nossas baixas eram quase iguais às dos Franceses, mas tínhamos dito a nós próprios cedo de mais que seríamos vencidos e na verdade fomos. E se o dissemos é porque não tínhamos porque rios bater ali: só queríamos abandonar o campo de batalha quanto mais depressa melhor. «A batalha está perdida, tratemos de fugir!» E demos ás de vila-diogo. Se assim não tivéssemos falado muito antes do fim da jornada, só Deus sabe o que teria acontecido. Amanhã não diremos a mesma coisa. Dizes tu que a nossa posição, a do flanco esquerdo. é fraca, que o nosso flanco esquerdo é extenso de mais. Tolices, tudo tolices, isso nada quer dizer. Que nos espera amanhã? Haverá milhões de possibilidades diversas, infinitamente variadas, que num momento dado farão que os deles ou os nossos homens desatem a fugir, que este ou aquele seja morto. Mas a verdade é que tudo quanto neste momento se faça não passa, de uma brincadeira, Na realidade, esses com quem til visitaste a posição, em vez de ajudarem a marcha geral das operações, estão a entravá-la. Só uma coisa os preocupa: os seus pequeninos interesses pessoais.

- Num momento destes?! - indignou-se Pedro.

- Sim, num momento destes - continuou o príncipe André. - Este momento, para

eles, é apenas o momento em que lhes é possível minar a situação de um adversário e conseguir mais uma cruz ou mais uma palma. Quanto a mim, eis como a situação se apresenta amanhã. Cem mil russos vão defrontar cem mil franceses. É um facto que estes duzentos mil homens se vão bater e que sairão vencedores aqueles que se mostrem mais encarniçados mi luta e que menos se compadeçam de si próprios. E dir-te-ei mais: aconteça o que acontecer, sejam quais forem as maquinações dos chefes, seremos nós quem ganhará a batalha de amanhã. Amanhã, apesar de tudo, ganharemos a batalha.

- Excelência, essa é a pura verdade - pronunciou Timokine.- Será a altura de poupar vidas? Pode crer, os soldados do meu batalhão não quiseram beber vodka. «Não é dia para isso», disseram eles.

Todos ficaram calados. Depois os oficiais levantaram-se. O príncipe André acompanhou-os para dar as últimas ordens ao ajudante-de-campo. Assim que eles saíram, Pedro aproximou-se do príncipe André disposto a cavaquear com ele, quando, na estrada, a pequena distância do telheiro, se ouviu o trote de três cavalos, e o príncipe André, relanceando os olhos nessa direcção, reconheceu Woltzogen e Clauzewitz, acompanhados de um cossaco. Tão perto passaram deles que puderam ouvir o que diziam: falavam alemão:

- É preciso que a guerra se espalhe. Não posso exprimir-lhe a elevada apreciação deste juízo - dizia um deles.

- Oh, sim! - replicou o outro. - Como o objectivo consiste em debilitar o inimigo, não se podem tomar em consideração as perdas de homens.

- Evidentemente - afirmou o primeiro.

- *Sim, que a guerra se espalhe (Em alemão no texto original. (N, dos T)*' - repetiu o príncipe André, numa expressão de cólera depois de eles passarem- Que eu tenha deixado um pai, um filho, uma irmã, em Lissia Gori, isso para eles não importa. Era o que eu te dizia, não serão estes senhores alemães quem ganhará amanhã a batalha: não farão outra coisa senão complicá-la em tudo que estiver nas suas mãos; naquelas cabeças não há senão raciocínios que não valem um ovo furado e àqueles corações falta-lhes a única coisa precisa para amanhã, aquilo que tem Timokine. Entregaram-lhe a «ele» toda a Europa e agora vêm dar-nos lições... Ricos mestres! concluiu numa voz áspera.

- Está então convencido de que se ganhará a batalha de amanhã? - inquiriu Pedro.

- Sim, estou - replicou o príncipe André, distraidamente. - Uma decisão tomaria, se tivesse poderes para tal: não fazer prisioneiros. Prisioneiros? Eis o que é cavalheiresco! Os Franceses saquearam-me a casa e tentaram destruir Moscovo. Ultrajaram-me e outra coisa não fazem senão ultrajar-me. São meus inimigos, e para mim todos são criminosos. E é

assim que pensam Timokine e o resto do exército. É preciso castigá-los. Desde que são meus inimigos não podem ser meus amigos, apesar de tudo o que disseram em Tilsitt.

- Sim, realmente - replicou Pedro, olhando para o amigo com olhos brilhantes.- Estou completamente de acordo consigo.

Naquele momento o problema que preocupava Pedro desde a encosta de Mojaisk afigurou-se-lhe claro e fácil de resolver, Agora compreendia inteiramente o sentido e a importância da guerra que se travava e da batalha que ia dar-se. Tudo o que vira durante aquele da, aquela expressão grave dos rostos que observara ao passar pelos homens, se iluminou para ele de um novo esplendor. Compreendeu esse calor oculto, latente, como se diz em física, o calor do patriotismo que emanava de toda essa gente e isso explicava-lhe porque todos, serena e por assim dizer despreocupadamente, se preparavam para morrer.

- Não fazer prisioneiros - prosseguiu o príncipe André - seria transformar a guerra e torná-la menos cruel. Em vez disso, não fizemos outra coisa senão brincar às guerras. E esse foi o erro: mostrámo-nos magnânimos, etc. Esta magnanimidade, este sentimentalismo, fazem-me lembrar a senhora que desmaia quando vê matar uma vitela. É tão boazinha que não pode ver correr sangue, embora seja capaz de comer com apetite essa mesma vitela servida com um molho saboroso. Falam-nos nos direitos da guerra, de cavalheirismo, de parlamentários, de humanidade para com os desgraçados e de outras coisas no mesmo género. Tudo isso são tolices. Eu bem vi em 1805 todas essas lindas coisas, esse cavalheirismo, esse respeito pelos parlamentários.. Enganaram-nos, e nós, pela nossa parte, fizemos o mesmo. Saqueiam casas que lhes não pertencem, espalham dinheiro falso, e, coisa pior ainda, matam-nos filhos, pais, e depois vêm-nos falar das leis da guerra e da generosidade para com o inimigo. Não fazer prisioneiros, mas matá-los a todos e morrermos também! Aquele que chegou, como eu, a esta convicção, depois de ter passado pelos mesmos sofrimentos...

O príncipe André ia dizer ser-lhe indiferente que Moscovo viesse a ser ou não tomada, como o fora Smolensk, mas calou-se de chofre: um espasmo imprevisto lhe apertava a garganta. Deu alguns passos calado, mas nos seus olhos havia um brilho febril e os seus lábios tremiam quando retomou a palavra:

- ...Se não existisse esta falsa magnanimidade na guerra, não caminharíamos para a morte senão quando a morte fosse certa, como acontece hoje. Não haveria guerras com o pretexto de que Pavel Ivanitch ofendeu Mikail Ivanitch. Mas em compensação quando houvesse uma guerra como a de hoje então seria uma guerra a valer. E não haveria também grandes massas de tropas em acção, como agora. Todos esses westfalianos e todos esses hessianos que Napoleão traz consigo não o teriam seguido até à Rússia, e nós, pela nossa

parte, não nos teríamos ido bater ia Áustria e na Prússia, sem mesmo saber por que razão. A guerra não é um divertimento, mas a coisa mais repugnante deste mundo. É preciso compreendê-la e não nos servirmos dela como uma brincadeira. É preciso aceitar seriamente, com austeridade, esta terrível necessidade. E daqui não há que sair, é preciso acabar Com a mentira: a guerra, sim, a guerra é a guerra e não um divertimento. De outro modo a guerra será um entretenimento próprio de ociosos e de espíritos superficiais. A classe militar é das mais dignas, Mas que é a guerra? Que é preciso para se ter êxito nas operações militares? Quais são os costumes da sociedade militar? A finalidade da guerra é o homicídio; as suas armas são a espionagem, a traição, a ruína dos habitantes, o saque e o roubo organizados para manutenção do exército, a fraude e a mentira mascaradas como astúcias de guerra. Quais os costumes da classe militar? A supressão da liberdade sob o pretexto da disciplina, a ociosidade, a grosseria, a crueldade, a devassidão, a embriaguez, E, apesar de tudo, é uma classe superior, respeitada por todos. Todos os reis, à excepção do imperador da China, envergam o uniforme militar e as mais altas recompensas reservam-se para aquele que mais gente matou. Reúnem-se os soldados, como vai acontecer amanhã, para se chacinarem uns aos outros. Matar-se-ão e ficarão mutilados dezenas de milhares de homens e depois haverá cerimónias religiosas de acção de graças por se terem morto tantos homens, sem que, no entanto, se deixe de exagerar o número dos que se mataram, proclamando-se a vitória, dizendo que quanto maior o número de mortos mais retumbante esta será. Como é possível que Deus os ouça e os escute lá de cima? - clamou o príncipe André na sua voz colérica. – Oh, querido amigo, durante os últimos tempos muito penoso me tem sido viver! Vejo que principiei a compreender coisas de mais. Não é bom conhecer o homem os frutos da árvore do bem e do mal... Mas não será por muito tempo - acrescentou. - Parece que estás com sono e para mim também são horas de dormir. Bom, volta para Gorki - disse, de súbito.

- Oh! Não! - replicou Pedro, fitando André com os olhos ao mesmo tempo assustados e enternecidos.

- Vai-te, vai-te! É preciso dormir bem antes da batalha.

Aproximou-se rapidamente de Pedro, abraçou-o e beijou-o.

- Adeus! Vai-te embora! - exclamou. - Tornar-nos-emos a ver?...

Deu meia volta rapidamente e recolheu-se ao telheiro.

Estava escuro e Pedro não pôde ver se no rosto do príncipe André transparecia raiva ou ternura.

Pedro permaneceu um momento em silêncio sem saber se devia seguir o amigo ou retirar-se. «Não, não precisa de mim!», decidiu. «Também eu sei que é a última vez que nos

vemos.» Soltou um fundo suspiro e regressou a Gorki.

O príncipe André, ao voltar ao telheiro, estendeu-se sobre uma manta, mas não pôde dormir.

Fechou os olhos. Imagens sobre imagens lhe perpassaram pela mente. O pensamento deteve-se-lhe por muito tempo e comovidamente numa delas. Uma noite, em Petersburgo. Natacha, muito animada e de rosto afogueado, contava-lhe como se perdera, no Verão anterior, andando a apanhar cogumelos, numa grande mata. E ia descrevendo-lhe, entrecortadamente, a floresta espessa, o que sentira, a conversa que tivera com um apicultor que encontrara ali; de vez em quando suspendia a narrativa para exclamar: «Não, não sei, não sei contar: não, não me pode compreender.» E ele tranquilizava- a, dizia-lhe compreendê-la muitíssimo bem; efectivamente sabia muitíssimo bem o que ela queria dizer. Natacha, porém, estava desolada por não ser capaz de exprimir como desejava a emoção poética que nesse dia lhe inundara a alma. «O velho era tão maravilhoso, estava tão escuro na floresta... e eram tão bondosos os seus... Não, não sei como dizer-lhe!», exclamava de novo, muito ruborizada e numa grande excitação. E André sorria agora com o mesmo venturoso sorriso com que então a olhara nos olhos. «Ah, compreendia-a perfeitamente. Sim, compreendia-a, e era isso mesmo que eu amava nela, essa alma que trasbordava, essa sinceridade, essa candura, essa alma que parecia não lhe caber no corpo... Sim, era essa alma que eu tão intensamente amava, que tão feliz me fazia... » E, de súbito, de novo se lembrou como terminara aquele idílio. «Aquele homem nada disto o embaraçava. Nada via, nada compreendia de todas estas coisas. Para ele era apenas uma garota bonita, um botãozinho, que nem sequer considerava digna de associar ao seu destino, Enquanto eu... no entanto, lá continua alegre e bem disposto.»

Como se se sentisse queimado por um ferro em brasa, André ergueu-se de um salto e principiou a andar de um lado para o outro diante do telheiro.

Capítulo XXVI

No dia 25 de Agosto, véspera da batalha de Borodino, haviam chegado ao acampamento de Napoleão em Valuieva o prefeito do palácio imperial, Monsieurs de Beausset, e o coronel Fabvier, o primeiro vindo de Paris e o segundo de Madrid.

Depois de envergar o seu uniforme palaciano, Monsieur de Beausset principiou por pedir que lhe trouxessem o embrulho que devia entregar ao imperador. Depois penetrou no primeiro compartimento da tenda imperial, e enquanto ia conversando com os ajudantes-de-campo ai presentes pôs-se a abrir a caixa que lhe trouxeram.

Fabvier, sem penetrar na tenda, detivera-se à entrada a cavaquear com os generais seus conhecidos.

O imperador Napoleão ainda, não saíra do seu quarto de, dormir, onde acabava de se arranjar. Resfolegando e espirrando, ia, voltando ora as espadaúdas costas ora a peitaça cabeluda para a escova coro que o friccionava o criado de quarto. Entretanto, outro criado, com o dedo no gargalo de um frasco, espargia de água-de-colónia o corpo bem tisnado do amo e lia-se no rosto que só ele estava em condições de saber em que sítio o devia pulverizar e quanto. Os cabelos curtos de Napoleão, molhados, empastavam-se-lhe na testa. Mas o rosto, embora balofo e amarelento, respirava bem-estar físico. «Vá, com firmeza, continue...», dizia ele., encolhendo-se e espirrando enquanto a escova o friccionava. Um ajudante-de-campo que penetrara na tenda para lhe comunicar o número de prisioneiros feitos no recontro da véspera, cumprida a sua missão, aguardava a ordem de se retirar- Napoleão, franzindo as sobrancelhas, olhava-o de soslaio.

- *Não há prisioneiros* - repetia ele - *Deixam-se matar. Tanto pior para o exército russo. Vá, com firmeza, continue* -, prosseguia ele, encolhendo o peito e apresentando ao criado os robustos ombros.

- *Bem, mande entrar Monsieur de Beausset, assim como Fabvier* - disse ao ajudante-de-campo, com um aceno de cabeça

- *Sim, Sire.* - E o ajudante-de-campo desapareceu.

Os dois criados vestiram num rufo o seu amo, o qual, envergando o uniforme azul da Guarda, se dirigiu para a antecâmara em passos rápidos e firmes.

Monsieur de Beausset, entretanto, dera-se pressa em instalar sobre duas cadeiras,

mesmo em frente do focal por onde o imperador devia passar, o presente que trouxera da parte da imperatriz. Napoleão, porém, vestira-se tão depressa e surgira tão inopinadamente que não tivera tempo de preparar a surpresa como queria.

O imperador percebeu imediatamente que tramavam qualquer coisa e que a surpresa ainda não estava pronta. Não quis privar Monsieur de Beausset do prazer que antegozava. Fingiu não dar pela sua presença e fez sinal a Fabvier para que se aproximasse. Napoleão ouviu, de sobrecenho carregado e sem nada dizer, os elogios do coronel à bravura e à dedicação das suas tropas que se haviam batido em Salamanca, na outra extremidade da Europa, e cujo único desejo era serem dignas do seu imperador, só receando uma coisa: não o satisfazer. O resultado da batalha não fora feliz. Napoleão, enquanto Fabvier falava, dirigiu-lhe algumas observações irónicas das quais se depreendia que, estando ele ausente, não era outro o resultado que esperava.

- Tenho de compensar isto em Moscovo. - comentou. - *Até já* - disse, e chamou De Beausset, que entretanto conseguira preparar a sua surpresa, instalando-a em cima de rima cadeira e cobrindo-a com um pano.

De Beausset fez uma reverência à francesa, como o sabiam os antigos servidores dos Bourbons, e aproximou-se com um sobrescrito na mão.

Napoleão colheu-o com jovialidade e puxou-lhe a ponta da orelha.

- Não perdeu tempo. Muito folgo. Então, que diz Paris? - acrescentou, ao mesmo tempo que no rosto, grave lhe transparecia uma expressão cheia de ternura.

- *Sire, Paris inteiro lastima a sua ausência* - replicou De Beausset cheio de a-propósito,

Posto Napoleão soubesse que aquelas ou quejandas palavras eram da praxe na boca de Monsieur de Beausset, e apesar de nos seus momentos de lucidez perceber que tudo aquilo era falso, a frase soou-lhe bem. E de novo se dignou puxar-lhe a orelha.

- Lastimo tê-lo obrigado a fazer uma tão longa jornada - disse ele.

- *Sire, nunca esperei encontrá-lo senão às portas de Moscovo* - replicou De Beausset.

Napoleão sorriu-se e, soerguendo a cabeça, lançou um olhar indiferente a sua direita. Um ajudante-de-campo aproximou-se rápido, e apresentou-lhe uma tabaqueira de ouro.

Napoleão pegou na caixa.

- Sim, teve sorte - disse ele, aproximando do nariz a tabaqueira aberta -, dentro de três dias, o senhor, que tanto gosta de viajar, vai ter ocasião de ver Moscovo. Naturalmente não contava visitar a capital asiática. Vai fazer uma linda viagem.

De Beausset inclinou-se reconhecido pela delicada atenção do seu soberano, que lhe atribuía inclusivamente gostos de que ele nem sequer suspeitava.

- E isto que é? - interrogou Napoleão, ao reparar que toda sua comitiva tinha os

olhos num objecto coberto com um pano.

De Beausset, com ligeireza de cortesão, recuou dois passos, sem voltar as costas, e retirou o pano ao mesmo tempo que dizia:

- Um presente para Vossa Majestade da parte da imperatriz. - Era um retrato, de cores vivas, pintado por Gérard, do filho de Napoleão e de Maria Luísa, a quem toda a gente, sem que se soubesse porquê, chamava rei de Roma.

A linda criança, cujo olhar lembrava o do Menino Jesus da Madona Sistina, jogava a emboca-bola. A bola era o globo terrestre e a forquilha que tinha na outra mão representava um ceptro.

Embora a intenção do pintor figurando o rei de Roma a perfurar o globo terrestre com uma forquilha não fosse muito clara, a alegoria agradara e parecera claríssima tanto aos olhos dos que tinham visto o quadro em Paris como aos do próprio Napoleão.

- *O Rei de Roma!* - exclamou ele, com um gesto gracioso. - *Admirável!*

Com essa facilidade tão dos italianos de mudarem de expressão a seu talante, aproximou-se do retrato com um ar ao mesmo tempo cismador e enternecido. Sentia que o que dissesse e o que fizesse naquele momento pertenciam à história. Em contraste com sua magnificência graças à qual seu filho podia jogar a emboca-bola com o próprio mundo, afigurava-se-lhe que o que de melhor tinha a fazer era mostrar uma expressão da mais singela ternura paternal. Os olhos velaram-se-lhe de lágrimas, aproximou-se, procurou com os olhos uma cadeira, que logo se apressaram a chegar-lhe, e sentou-se diante do retrato. A um ligeiro gesto seu, toda a gente saiu em bicos de pés, deixando o grande homem sozinho com os seus pensamentos.

Depois de permanecer algum tempo naquela muda contemplação, enquanto, sem saber porquê, percorria a rugosidade das tintas com a palma de uma das mãos, levantou-se e chamou De Beausset e o oficial de serviço. Deu ordem para que o retrato fosse colocado diante da tenda. Assim a velha Guarda não seria privada da grande ventura de ver o rei de Roma, filho e herdeiro do seu adorado imperador.

Como já o esperava, enquanto almoçava com Monsieur de Beausset, a quem concedera essa honra, ressoaram diante da tenda os gritos entusiastas dos oficiais e dos homens da Guarda, que se haviam aproximado.

- *Viva o Imperador! Viva o Rei de Roma! Viva o Imperador!*

Findo que foi o almoço. Napoleão, na presença de De Beausset, ditou a ordem do dia ao exército.

- *Curta e enérgica!* - disse ele quando acabou de ler a proclamação, escrita de um só jacto, sem uma rasura.

A proclamação dizia:

> *Soldados! Eis aqui a batalha que tanto desejáveis! A vitória depende de vós e é-nos indispensável; com ela teremos abundância, bons aquartelamentos de Inverno e um rápido regresso à pátria! Comportai-vos como vos comportastes em Austerlitz, em Friedland, em Vitebsk e em Smolensk e a posteridade recordara, orgulhosa, as vossas façanhas deste dia. Que se possa dizer de cada um de vós: este esteve na grande batalha de Moscovo.*

- De Moscovo! - repetiu Napoleão, e, tendo convidado Monsieur de Beausset, grande amador de viagens, a acompanhá-lo no seu passeio, saiu da tenda e dirigiu-se para os cavalos, já selados.

- É muita bondade de Vossa Majestade - respondeu De Beausset ao convite de Napoleão, conquanto muito desejasse ir dormir e não soubesse montar a cavalo.

Napoleão acenou com a cabeça ao visitante e este não teve outro remédio senão acompanhá-lo. Quando o imperador saiu da tenda, recrudesceram as aclamações dos soldados da Guarda diante do retrato. Napoleão franziu o sobrolho.

- Tirem-no daí - disse ele, apontando para o retrato com um gesto majestoso e cheio de graciosidade. - Ainda é muito cedo para que essa criança veja um campo de batalha.

Cerrando os olhos e inclinando a cabeça. De Beausset soltou um profundo suspiro, como querendo significar que avaliava muito bem as palavras que o imperador acabava de pronunciar.

Capítulo XXVII

Os historiadores de Napoleão contam que o imperador passou toda a manhã desse dia 25 de Agosto a cavalo, examinando o terreno, discutindo os planos que os marechais lhe apresentavam e transmitindo pessoalmente as suas ordens aos generais.

A linha primitiva dos Russos ao longo do no Kolotcha fora perfurada e uma parte dessa linha, a saber, o flanco esquerdo, depois da tomada do reduto de Chevardino, no dia 24, tivera de recuar. Essa parte não estava fortificada nem defendida por um curso de água e diante dela havia apenas uma planície descoberta e lisa. Era evidente, tanto para os observadores militares como para os leigos, que por ali os Franceses atacariam. Para isso não pareciam precisas quer tantas combinações, quer tantas preocupações e diligências da parte do imperador e dos seus marechais, bem como parecia dispensável essa alta capacidade muito especial a que se dá o nome de génio e que tanto gosto se exibir a Napoleão. Porém, os historiadores que mais tarde descreveram este acontecimento, as pessoas da sua comitiva e ele próprio pensavam de outra maneira.

Napoleão percorria o campo examinando atentamente a topografia, do local, abanava a cabeça ora para aprovar ora para rejeitar as sugestões que lhe faziam, sem nada dizer aos generais sobre a marcha secreta dos pensamentos que o levavam às suas decisões, e não lhes dava a conhecer senão as suas conclusões definitivas, já como ordens. A Davout, a quem chamava príncipe de Eckmühl, que propusera se contornasse o flanco esquerdo do inimigo, respondera simplesmente Napoleão que tal não devia fazer-se, e sem explicar porquê. Mas tendo o general Compans, encarregado de, atacar as flechas, emitido a opinião de que se fizesse marchar a sua divisão através da floresta, o imperador aprovou-o, embora o pretenso duque de Elchingen, isto é, Ney, se tivesse permitido observar que os movimentos através da floresta podiam ser perigosos e provocar a desordem nas fileiras.

Depois de examinar o terreno diante do reduto de Chevardino, o imperador quedou-se por momentos pensativo e silencioso, indicando, em seguida, os locais onde deviam ser instaladas no dia seguinte as duas baterias destinadas a atacar a,' fortificações russas e onde, a seu lado, deveria ser instalada a artilharia de campanha.

Depois de ter dado esta e outras ordens, regressou à sua tenda, e o dispositivo das tropas foi redigido por escrito e, ditado por ele. Os seus historiadores falam com grande

entusiasmo e demais com grande respeito desse dispositivo.

ORDEM DE BATALHA

Dada no acampamento imperial, na retaguarda de Mojaisk,
a 6 de Setembro de 1812

Ao amanhecer, as duas novas baterias, instaladas durante a noite no plaino do príncipe de Eckmühl, romperão fogo contra as duas baterias inimigas dispostas na sua frente.

Na mesma altura, o general Pernety, comandante de artilharia do 1º corpo, com as trinta bocas de jogo da divisão Compans e todos os obuses das divisões Dessaix e Friant, que avançarão, romperá fogo e inundará de granadas a bateria inimiga, a qual, deste modo, terá contra si vinte e quatro peças da Guarda, trinta da divisão Compans e oito das divisões Friant e Dessaix, Total, sessenta e duas bocas de fogo.

O general Foucher, comandando a artilharia do 3.` corpo, colocar-se-á, com todas as baterias de obuses dos 3º e 8º corpos, num total de dezasseis, em volta da bateria que bombardeia o reduto da esquerda, o que perfará um conjunto de quarenta bocas de fogo contra esta bateria.

O general Sorbier esta preparado para à primeira voz se dirigir com todas as baterias de obuses da Guarda contra uma ou outra das fortificações.

Durante este canhoneio, o príncipe Poniatowski dirigir-se-á, através da floresta, em direcção à aldeia e contornará a posição inimiga. O general Compans embrenhar-se-á na floresta para tomar o primeiro reduto.

Uma vez a batalha começada desta sorte, as ordens serão dadas consoante os movimentos do inimigo.

O canhoneio da esquerda iniciar-se-á assim que se ouvir o canhoneio da direita. Os atiradores da divisão Morand e das divisões do vice-rei, assim que virem principiado o ataque da direita, abrirão fogo muito intenso. O vice-rei ocupará a aldeia, transpondo as três pontes, e seguirá ao mesmo nível das divisões de Morand e de Friant, que, sob o seu comando, se dirigirão para o reduto e penetrarão na linha com as demais tropas.

Tudo isto será feito com ordem e método e conservando sempre uma boa reserva de homens.

Este dispositivo, pouco claro e assaz confuso, se assim nos é permitido referirmo-nos, sem blasfémia, ao génio de Napoleão, encerrava quatro pontos, quatro disposições.

Nenhum deles se podia cumprir nem nenhum foi cumprido.

A ordem dizia, em primeiro lugar, que as baterias instaladas no local escolhido pelo imperador, bem como as peças de Pernety e de Foucher, que a elas se deveriam associar, ou seja, na sua totalidade, cento e duas bocas de fogo, romperiam fogo e inundariam de granadas as flechas russas e o reduto. Eis o que era impossível, visto que dos locais designados os projécteis não Podiam alcançar as fortificações russas e estas cento e duas peças dispararíam debalde até que um comandante, procedendo contra as ordens dadas, as mandasse avançar.

A sua segunda resolução determinava que Poniatowski se dirigisse à aldeia, através da floresta, para contornar a ala esquerda dos Russos. Eis o que não podia executar-se, e o não foi, pois a Poniatowski deparou-se-lhe, na floresta, Tutchkov, que lhe cortou o passo e o impediu de contornar a posição.

A terceira determinação dizia que o general Compans atravessaria a floresta para se apoderar da primeira fortificação. A divisão Compans não pôde apoderar-se desta fortificação e foi repelida, visto que, ao desembocar da floresta, se viu obrigada a alinhar sob um fogo de metralha que Napoleão não previra.

E a quarta, por fim: «O vice-rei ocupará a aldeia de Borodino transpondo as três pontes, e seguirá ao mesmo nível das divisões de Morand e Friant, que, sob o seu comando, se dirigirão para o reduto e penetrarão na linha com as demais tropas.»

Tanto quanto é possível interpretar esta ordem, não quanto sua confusa redacção, mas de acordo com as tentativas feitas pelo vice-rei para a executar, devia ele atravessar Borodino à esquerda do reduto, enquanto as divisões Morand e Friant atacariam a frente ao mesmo tempo.

Esta ordem, assim como todos os outros pontos do dispositivo, não foi executada nem o podia ser. Depois de ter ultrapassado Borodino, o vice-rei foi repelido para o no Kolotcha e não pôde avançar mais: quanto às divisões de Morand e Friant, essas não tomaram o reduto, sendo esmagadas, e o reduto apenas foi tomado pela cavalaria no fim da batalha, circunstância que Napoleão naturalmente não previra. Assim, nenhuma das disposições preconizadas foi executada e não o podia ser. Lê-se ainda nesse documento que, uma vez iniciada a batalha de acordo com o dispositivo assente, ordens ulteriores seriam dadas, consoante os movimentos do inimigo. Era, portanto, de presumir que durante a batalha Napoleão desse todas as ordens necessárias. Ora tal não aconteceu, o que aliás seria impossível, visto que, como depois veio a saber-se, o imperador, durante o combate, se manteve tão afastado que não podia ter conhecimento do desenrolar da batalha e que nenhuma das suas ordens poderia ter sido executada.

Capítulo XXVIII

Muitos historiadores garantem que a batalha de Borodino não foi ganha pelos Franceses devido a Napoleão, nesse dia, estar constipado, e que, se não fosse isso, as suas ordens anteriores à batalha e durante ela teriam sido ainda mais geniais, a Rússia teria sido derrotada e a face do mundo teria sido outra. Para os historiadores que admitem ser a Rússia obra da vontade de um único homem, de Pedro, o Grande, que a França se metamorfoseou de república em império e que os exércitos franceses penetraram naquele país graças à vontade de um só homem, de Napoleão, aceitar que a Rússia se manteve poderosa apenas porque o imperador estava muito constipado no dia 26 eis o que é raciocinar com toda a lógica.

Se tivesse dependido da vontade de Napoleão travar ou não a batalha de Borodino, se dele dependesse tomar esta ou aquela disposição, é evidente que uma constipação, capaz, necessariamente, de influenciar as manifestações da sua vontade, podia ter sido a causa da salvação da Rússia e o criado de quarto que no dia 24 se esqueceu de dar umas botas impermeáveis ao imperador seria a esta hora, certamente, o nosso salvador. Nesta ordem de ideias, a conclusão é indiscutível, tão indiscutível como o gracejo de Voltaire ao atribuir a matança de S. Bartolomeu a uma indisposição de estômago de Carlos IX. Mas, para os homens que se recusam a admitir que os acontecimentos importantes possam ser a consequência da manifestação da vontade de um só homem, o argumento anterior, além de pura e simplesmente absurdo, é contrário a toda a verdadeira lógica humana. Quando se inquire da causa dos acontecimentos históricos, outra resposta pode dar-se, qual seja a que o caminho das coisas deste mundo está determinado antecipadamente, dependendo do concurso do livre arbítrio de todos os actores dos acontecimentos, não sendo senão externa e aparente a influência que sobre eles possam exercer os Napoleões.

Por estranho que pareça à primeira vista a asserção segundo a qual a ordem dada por Carlos IX para a matança de S. Bartolomeu só aparentemente dependeu da sua vontade, e que a batalha de Borodino, em que oitenta mil homens perderam a vida, não haja sido ordenada por Napoleão, embora tenha sido ele quem deu essa ordem e quem orientou os lances da batalha, pois apenas julgou fazê-lo, por mais ilógico que se suponha, a dignidade humana que nos diz que cada um de nós não é mais nem menos homem do que qualquer

Napoleão leva-nos a admitir essa solução como uma hipótese, e as investigações históricas plenamente confirmam tal ponto de vista.

Na batalha de Borodino, Napoleão não disparou um único tiro (1 não matou quem quer que fosse. Foram os seus soldados quem tudo fez. Por consequência, não foi ele quem matou.

Os soldados do exército francês acorreram a matar o seu semelhante não para executarem ordens, mas de livre vontade, Todo o exército - franceses, italianos, alemães, polacos – esfomeado, esfarrapado, morto de fadiga, ao ver-se diante desse outro exército que lhe cortava o passo para Moscovo, teve a impressão de que «o que não tem remédio, remediado está», Se naquele momento Napoleão tivesse proibido os seus soldados de se baterem com os Russos, tê-lo-iam matado a ele, e teriam ido bater-se fosse como fosse, visto isso ser inevitável.

Quando ouviram ler a ordem do dia de Napoleão, na qual lhes prometia, para os recompensar dos ferimentos e da morte, o orgulho, para a posteridade, de terem estado na batalha de Moscovo, gritaram. *«Viva o Imperador!»* exactamente como tinham gritado: «Viva o Imperador!» ao verem a criança que trespassava o globo terrestre com um taco de emboca-bola, e tal qual como o fariam de cada vez que lhes dissessem uma tolice do mesmo género. Outra coisa, não podiam fazer senão gritar: *«Viva o Imperador!»* e marchar para a batalha. Eis a única maneira, de virem a encontrar em Moscovo, depois da vitória, pão para a boca e descanso para o corpo, E eis como não foi por causa das ordens do seu amo que eles mataram o seu semelhante.

E também não foi Napoleão quem dirigiu a luta, visto nada se ter cumprido do dispositivo que ele traçara, e que ele próprio nada soube da marcha da batalha. Assim, pois, o facto de estes soldados terem chacinado o seu semelhante não veio a produzir-se por vontade de Napoleão, mas deu-se, sem sua intervenção, graças à vontade dessas centenas de milhares de homens que, intervieram no acontecimento. Bonaparte teve apenas a ilusão de, que tudo era obra de sua vontade. Por isso mesmo, o ter estado ,constipado ou não conta mais para a história que a constipação de qualquer dos seus mais modestos soldados.

A constipação de Napoleão no dia 26 de Agosto ainda se torna menos importante desde o momento em que são injustificadas as demonstrações dos historiadores ao dizerem ter sido por causa desta indisposição que as suas resoluções durante a batalha foram menos eficazes do que das outras vezes.

O dispositivo atrás citado não era pior do que os anteriores, era mesmo melhor que todos os que tinham servido para ganhar outras batalhas. As supostas ordens dadas por Napoleão durante o combate não eram piores que as precedentes, mas exactamente iguais.

No entanto esse dispositivo e essas ordens pareceram piores porque a batalha de Borodino foi a primeira que Napoleão não ganhou. Os mais belos e mais profundos planos parecem sempre maus e os sábios estrategos criticam-nos com um ar proficiente sempre que acontece não terem levado à vitória; pelo contrário, parecem excelentes as mais contestáveis disposições, e os autores mais sérios não se cansam de lhes louvar os méritos, enchendo sobre eles volumes e volumes, desde que levaram à vitória.

O dispositivo de Weirother em Austerlitz era modelar no seu género; no entanto, foi desaprovado e desaprovaram-no precisamente por causa da sua perfeição, da minúcia dos seus pormenores.

Na batalha de Borodino, Napoleão desempenhou o seu papel de representante do poder tão bem ou melhor do que em qualquer das outras batalhas. Nada fez que prejudicasse a marcha dos acontecimentos. Tomou as medidas mais sensatas; não perdeu a cabeça, não caiu em qualquer contradição, manteve o sangue-frio e não fugiu do campo de batalha. Mercê do seu grande tacto e da sua experiência guerreira, soube desempenhar com calma e dignidade o papel de personagem fictícia de chefe supremo.

Capítulo XXIX

Ao regressar da segunda e minuciosa inspecção das linhas, Napoleão disse:

- As pedras estão no tabuleiro, amanhã começará o jogo!

Deu ordem para que lhe servissem um ponche, e, chamando De Beausset, pôs-se a falar-lhe de Paris, das modificações que pensava fazer no palácio da Imperatriz, surpreendendo o prefeito com o facto de se lembrar das coisas mais insignificantes da corte.

Interessou-se por futilidades, entreteve-se a brincar com a mania que De Beausset tinha das viagens e a sua conversa era despreocupada como a de um cirurgião conhecedor do seu ofício e cheio de confiança em si que vai arregaçando as mangas e ajustando o avental enquanto colocam o paciente na marquesa.

«Tudo depende de mim e está claro e definido na minha cabeça. Quando chegar o momento de meter mãos à obra, ninguém fará melhor do que eu; por enquanto estou no meu direito de gracejar e quanto mais gracejo e estou sereno tanto mais deveis sentir-vos tranquilos e confiantes e tanto mais o meu génio vos causará admiração.»

Depois de ingerir o seu segundo copo de ponche, Napoleão foi descansar na expectativa do grave acontecimento que, como ele pensava, iria dar-se no dia seguinte.

O que se preparava preocupava-o de mais para o deixar dormir, e apesar da constipação, que se lhe agravara com a humidade da noite, às três horas da manhã entrou na grande sala da tenda assoando-se ruidosamente. Perguntou se os Russos não se haviam retirado. Responderam-lhe que as fogueiras inimigas se viam sempre no mesmo sítio. Bonaparte abanou a cabeça em sinal de aprovação.

O ajudante-de-campo de serviço penetrou na tenda.

- *Então, Rapp, acha que faremos hoje um bom trabalho?* - perguntou Napoleão.

- *Sem dúvida nenhuma, Sire* - replicou Rapp. Napoleão relanceou-lhe os olhos.

- *Recorda-se, Sire, do que me deu a honra de me dizer em Smolensk?* - voltou Rapp. - *«O que não tem remédio, remediado está.»*

Napoleão franziu as sobrancelhas e quedou-se por muito tempo calado, com a cabeça entre as mãos.

- *Pobre exército* - exclamou, de súbito - *diminuiu muito desde Smolensk. A fortuna é uma*

verdadeira cortesã, Rapp, sempre o disse e começo a senti-lo. Mas a Guarda, Rapp, a Guarda mantém-se intacta? - perguntou ele.

- *Mantém-se, sim, Sire* - respondeu Rapp.

Napoleão pegou numa pastilha e levou-a à boca enquanto consultava o relógio. Não tinha sono; a madrugada ainda vinha longe, e para matar o tempo nem sequer tinha ordens a dar, pois todas as medidas estavam dadas ou postas em execução.

- *Distribuíram os biscoitos e o arroz aos regimentos da Guarda?* - inquiriu com severa expressão.

- *Distribuíram, Sire.*

- *Mas o arroz?*

Rapp disse ter sido ele próprio quem transmitira pessoalmente essas ordens, mas o imperador abanou a cabeça, com ar descontente, como se duvidasse. Um criado entrou com o ponche. Mandou que trouxessem outro copo para Rapp e, calado, pôs-se a saborear o ponche, bebendo gole a gole.

- Não tenho nem paladar nem olfacto - disse, cheirando o copo. - Esta constipação é insuportável. Estão sempre a falar em medicina. Que medicina é esta que não é sequer capaz de curar uma constipação? Corvisart deu-me estas pastilhas, mas para nada prestam. Poderão curar? É impossível curar. *O nosso corpo é uma máquina de viver. Está organizado para isso, é da sua natureza; deixe-se nele a vida exprimir-se livremente, que ela própria se defenda: obrará maiores prodígios do que se a cumularmos de remédios. O nosso corpo é semelhante a um relógio perfeito com corda para um certo tempo; o relojoeiro não tem o poder de o abrir, mas apenas de o manusear às apalpadelas e de olhos vendados... O nosso corpo é uma máquina de viver, eis tudo.*

E embalado nas definições, coisa tão do seu agrado, logo ali deu outra.

- Sabe o que é a arte da guerra, Rapp? - perguntou. - É a arte de ser mais forte do que o inimigo em determinado momento. Eis tudo.

Rapp não respondeu.

- *Amanhã teremos de nos haver com Koutouzoff!* - exclamou Napoleão. - Vamos a ver. Lembre-se: era ele quem comandava em Braunau e nem uma só vez em três semanas montou a cavalo para inspeccionar as fortificações. Vamos a ver!

Voltou a olhar para o relógio. Eram apenas quatro horas. Não tinha sono, bebera o ponche e não havia mais que fazer. Levantou-se, pôs-se a passear de um lado para o outro, e, depois de vestir um redingote mais espesso, pegou no chapéu e saiu. A noite estava escura e húmida; do céu caía uma imperceptível cacimba. As fogueiras dos regimentos da Guarda, mesmo - ali, despediam uma luz ténue, e na distância, através da fumarada, viam-se brilhar as fogueiras das linhas russas. Tudo estava sossegado, ouvindo-se distintamente o

ruído surdo e o tropear das tropas francesas já em marcha a caminho das suas posições.

Napoleão deu alguns passos, observou as fogueiras, apurou o ouvido ao tropear dos soldados e ao passar por diante de uma grande praça da Guarda, com a sua barretina de pelo, que fazia sentinela diante da sua tenda e se imobilizara como um poste negro assim que sentira chegar o imperador, parou diante dela.

- Há quanto tempo estás de serviço? - inquiriu nesse tom afectuoso, entre brusco e afável, que lhe era habitual sempre que se dirigia aos soldados.

A praça respondeu.

- Ah, um dos antigos! E arroz? Receberam arroz no regimento?

- Recebemos, majestade.

Napoleão moveu a cabeça e afastou-se.

Às cinco horas e meia, o imperador dirigia-se a cavalo para a aldeia de Chevardino.

Começava a clarear, o céu iluminava-se, havia apenas uma nuvem para este, As fogueiras abandonadas apagavam-se na débil claridade do amanhecer.

A direita ressoou um tiro de canhão, abafado e solitário, que se Propagou e perdeu no silêncio geral, Decorreram alguns minutos. Ouviu-se uma segunda detonação, depois uma terceira, estremecendo o ar. Uma quarta e uma quinta mais majestosas se ouviram mais perto, algures, para a direita.

Ainda as primeiras detonações se não haviam esbatido já outras se lhe sucediam, fundindo-se num reboar contínuo. Napoleão chegara com o seu séquito ao reduto de Chevardino e desmontara do cavalo. Principiara a partida.

Capítulo XXX

Ao regressar a Gorki, depois de deixar o príncipe André, Pedro deu ordens ao escudeiro para preparar os seus cavalos e acordá-lo às primeiras horas da madrugada, adormecendo acto contínuo, atrás de um biombo, no cantinho que Bóris lhe cedera,

Quando acordou, no dia seguinte, ninguém mais havia na isbá. Os vidros das janelas estremeciam, O escudeiro abanava-o.

- Excelência! Excelência!... - repetia este, obstinado, abanando-o pelos ombros, sem o olhar, como se tivesse perdido a esperança de o acordar.

- Hem? Já principiou? São horas?! - exclamou ele, finalmente.

- Ouvem-se os tiros - disse o escudeiro, antigo soldado. - Os outros senhores já se foram embora, e até o Sereníssimo passou há muito.

Pedro vestiu-se apressadamente e veio para o alpendre. A manhã estava clara e alegre. Havia frio e sentia-se a humidade da cacimba da noite. O Sol, que acabava de despontar, rompendo cortina de nevoeiro, projectava os seus raios, ainda entre nuvens, pelos telhados em frente, pela poeira da rua humedecida de orvalho, pelas paredes das casas, pelas aberturas da sebe, pelos cavalos de Pedro, que o aguardavam diante da isbá. O troar do canhão tornou-se mais distinto, Um ajudante-de-campo passou a trote acompanhado de um cossaco.

«São horas, conde, são horas!», gritou ele.

Depois de dar ordem ao criado para o seguir com o cavalo. Pedro meteu pelo caminho que conduzia ao cabeço donde examinara na véspera o campo de batalha. Um rancho de militares ali estava reunido, ouviam-se as conversas em francês dos oficiais do estado-maior, no meio dos quais alvejava a cabeça branca de Kutuzov, com a sua barretina alvadia, de banda vermelha, e a sua espessa nuca enterrada nos largos ombros. Perscrutava o horizonte com um binóculo, para os lados da estrada real.

Ao subir os degraus que davam acesso ao cabeço, Pedro olhou lá para baixo e quedou extasiado diante do espectáculo que se lhe oferecia. Era o mesmo panorama que contemplara na véspera, mas agora toda a campina estava coberta de soldados e de fumo, e os raios oblíquos do Sol, que se erguia por detrás e à esquerda de Pedro, inundavam-no, através da atmosfera diáfana da manhã, de uma deslumbrante luz dourada com resplendor

rosado e grandes sombras negras. Os bosques longínquos que fechavam o panorama pareciam talhados numa pedra preciosa verde- amarelada e as suas encostas recortavam-se em linhas ondulosas, interceptadas por detrás de Valuieva pela estrada real de Smolensk, toda coberta de tropas. Mais perto resplandeciam campos dourados e matas novas. Por toda a parte havia soldados: em frente, à direita, à esquerda. Tudo aquilo estava cheio de movimento, de majestade, de imprevisto, mas o espectáculo que mais chamou a atenção de Pedro foi o próprio campo de batalha, Borodino e o vale de Kolotcha, numa e noutra margem do rio.

Em Borodino, em ambas as margens do rio, e sobretudo a esquerda, na confluência de Voina, de margens alagadiças, desdobrava-se um véu de neblina, que se dissipava e se vaporizam ao calor do sol, imprimindo cores e contornos mágicos a tudo que deixava a descoberto. A este nevoeiro misturava-se a fumarada da pólvora, e por toda a parte, por cima dessas nuvens, se reflectiam os lampejos furtivos da luz matinal, dardejando a água, o orvalho e as pontas das baionetas que se acumulavam ao longo dos rios e na povoação. Através da neblina surgiam a branca igreja, aqui e ali os telhados das isbás, a espaços massas compactas de soldados, e, de onde em onde, armões pintados de verde e peças de artilharia. Tudo isto remexia, ou parecia remexer, emergindo da névoa que se estendia sobre essa vasta área. Tanto nos lugares baixos cobertos de neblina, nas imediações de Borodino, como fora daí, mais para cima, e sobretudo mais à esquerda das linhas, pelas matas, pelos campos, pelos vales e nos altos dos cabeços, apareciam a todo o momento novelos de fumo, umas vezes isolados, outras em turbilhões, agora mais longe, logo mais perto, inchando, engrossando, turbilhonando, misturando-se, enchendo o espaço.

Aqueles novelos de fumo e, por estranho que pareça, as detonações que os acompanhavam constituíam a beleza principal do espectáculo.

«Paf!», e de súbito lá surgia um circulo de fumo compacto, que se tingia de violeta, de cinzento e de um branco-leitoso. E um segundo depois «Bum!», ouvia-se o estampido.

«Paf! Paf!» Dois círculos de fumo se projectavam no ar, se entrechocavam, se confundiam. «Bum! Bum!» ouvia-se em seguida, e os estampidos confirmavam o que os olhos viam.

Pedro viu a fumarada redonda, suspensa no ar como um balão compacto, e logo, no seu lugar, mais balões que se alongavam.

«Paf!... » E daí a pouco, outra vez: «Paf! Paf!» Lá vinham mais três, quatro, com intervalos igualmente regulares: «Buum! Buum... Buum!» ecoavam, plenas e seguras, as majestosas detonações. Os novelos de fumo ora pareciam fugir ora dir-se-ia imóveis, e então eram as matas, os campos, as baionetas faiscantes que fugiam. A esquerda, nos

campos de lavoura e nas moitas, lá iam surgindo continuamente estes grossos novelos de fumo, acompanhados do seu estrondear solene, enquanto mais perto, junto das colinas e das matas, rebentava o fumozinho das espingardas, que não tinha tempo de se estender, formando bolas, e logo era seguido de breve crepitar. «Trá... tá, tá, tá... » matraqueava a fuzilaria, com intervalos rápidos mas irregulares e relativamente raros comparados com a detonação das peças de artilharia.

Pedro sentiu desejos de estar ali onde se viam esses novelos de fumo, essas baionetas faiscando, aquele movimento, aquele ruído. Relanceou os olhos a Kutuzov e ao seu séquito, como que a comparar as suas impressões com as deles. Todos estavam de olhos fitos no espectáculo do campo de batalha, tal como ele, e pensou que todos sentiam o que ele estava a sentir. Em todos os rostos resplandecia esse calor latente, que ele já tivera ocasião de ver na véspera, e que plenamente compreendera depois da sua conversa com o príncipe André.

«Vai, meu amigo, vai, que Cristo te acompanhe!», dizia Kutuzov, sem tirar os olhos do campo de batalha, para um general que estava a seu lado.

O general a quem fora dada esta ordem passou diante de Pedro, dirigindo-se para o fundo do cabeço.

«Ao vau!», exclamou fria e severamente o general a um dos oficiais do estado-maior que lhe perguntava aonde ia.

«E eu também, eu também vou», disse Pedro de si para consigo, e foi no encalço do general.

Este montou no cavalo que um cossaco lhe apresentou. Pedro abeirou-se do seu escudeiro, que mantinha os cavalos pela arreata. Perguntou-lhe qual deles era o mais manso, montou, agarrou-se-lhe às crinas, firmou-se na sela e deixou-se levar a galope, no meio da comitiva do general, provocando sorrisos entre os oficiais do estado-maior que o olhavam do alto do cerro.

Capítulo XXXI

O general que Pedro seguia, depois de descer a encosta, voltou bruscamente para a esquerda, e Bezukov, tendo-o perdido de vista. Precipitou-se no meio das fileiras dos soldados de infantaria que marchavam na sua frente. Tratou de se escapar no meio deles, primeiro avançando, depois voltando para a esquerda e em seguida para a direita, Para onde quer que se voltasse, só via soldados com a mesma expressão preocupada, entregues a um labor invisível, mas muito importante sem dúvida, Todos olhavam para aquele homem corpulento, de chapéu branco, que, sem necessidade, os atropelava com o seu cavalo, com um olhar ao mesmo tempo interrogador e descontente.

«Que vens tu fazer a cavalo para o meio do batalhão?», gritou-lhe um dos soldados.

Outro assentou uma coronhada no animal e Pedro, firmando-se no arção da sela, dominando a custo o cavalo, que tomara e, freio nos dentes, lá conseguiu desenvencilhar-se dos soldados, ganhando o espaço livre. Na sua frente estava uma ponte junto da qual outros soldados disparavam. Aproximou-se. Sem saber, estava na ponte do no Kolotcha, entre Gorki e Borodino, ponte que os Franceses, depois de tomarem esta última povoação durante a primeira fase da batalha, acabavam de atacar. Viu na sua frente a ponte e os soldados que faziam fosse o que tosse, de ambos os lados do no e na campina, no meio da fumarada, por entre as medas de palha em que não reparara na véspera. No entanto, não obstante o tiroteio intenso, não lhe veio à mente que se encontrava em plena batalha. Não ouvia as balas que assobiavam de todos os lados nem as granadas que lhe passavam por cima da cabeça; não via o inimigo na outra margem do rio, e levou tempo a perceber que eram mortos e feridos que caíam a seu lado. Olhava para tudo com o sorriso que lhe não saía dos lábios.

«Que anda aquele a fazer no meio das linhas?», gritou uma voz.

«A direita, à esquerda!», exclamaram outras vozes.

Pedro meteu pela direita e viu-se inopinadamente diante de um ajudante-de-campo do general Raievski, seu conhecido. O oficial mirou-o colérico e ia cobri-lo de injúrias quando o reconheceu, dirigindo-lhe um aceno de cabeça.

- Que está aqui a fazer? - interrogou ele, e continuou galopando.

Pedro, que sentia estar ali deslocado e que para nada servia, receoso de embaraçar

ainda mais aquela gente seguiu a galope o ajudante-de-campo.

- Que aconteceu? Posso acompanhá-lo? - perguntou.

- Espere, espere! - replicou o ajudante-de-campo, e, depois de se dirigir a um coronel gordanchudo parado no meio da campina, transmitiu-lhe uma ordem e voltou para junto de Pedro.

- Que veio aqui fazer, conde? - disse-lhe, sorrindo. - Por simples curiosidade?

- Pois, pois - disse Pedro.

O ajudante-de-campo fez meia volta e seguiu o seu caminho,

- Graças a Deus, isto aqui não é nada - disse ele -, mas no flanco esquerdo, o de Bagration, a coisa está feia.

- Realmente? - exclamou Pedro. - Onde é isso?

- Venha comigo ao cabeço. Lá de cima vê-se tudo muito bem, Na nossa bateria as coisas não vão mal. Bom, quer vir?

- Vou, vou consigo - replicou Pedro, olhando à volta a procura do escudeiro.

Foi então que pela primeira vez viu soldados feridos arrastando-se por seu pé ou levados em padiolas. Naquele mesmo prado, com as suas cheirosas medas de palha, por onde ele passara na véspera, jazia um soldado imóvel, com a cabeça voltada de forma estranha e cuja barretina rolara por terra.

«Porque não levaram este?», ia ele dizer, mas calou-se, reparando na severa expressão do ajudante-de-campo, que olhara para o mesmo sítio,

Não foi capaz de descobrir o escudeiro, e na companhia do ajudante-de-campo meteu pelo talude para atingir a encosta de Raievski. O seu cavalo, no rasto do do companheiro, balouçava-o cadenciadamente.

- Bem se vê que não está habituado a montar, conde - disse o ajudante-de-campo.

- Estou, mas este cavalo tem um trote muito duro - tornou Pedro, embaraçado.

- Oh!, espere... Está ferido na perna direita, acima do joelho. Naturalmente foi uma bala. Os meus parabéns, conde: *o baptismo do fogo.*

Ultrapassaram o sexto corpo no meio da fumarada, na retaguarda da artilharia, que, instalada na vanguarda, disparava ininterruptamente, com um matraquear ensurdecedor. E assim penetraram numa matazinha. Estava fresco ali, havia uma grande serenidade e sentia-se no ar esse cheiro especial do Outono. Pedro e o ajudante-de-campo desmontaram e subiram a pé a encosta.

- Está o general? - perguntou o ajudante-de-campo ao chegar ao cabeço.

- Ainda há pouco aí estava, mas foi para aquele lado - responderam-lhe, apontando para a direita,

O ajudante-de-campo voltou-se para Pedro, como se não soubesse que destino dar-lhe.

- Não se preocupe - disse-lhe este - Se não há inconveniente, vou instalar-me lá em cima, no cabeço.

- Está bem, vá. Dali vê-se tudo e não é muito perigoso. Depois irei buscá-lo.

Pedro encaminhou-se para a bateria e o ajudante-de-campo prosseguiu o seu caminho, Nunca mais se viram e muito tempo depois Pedro veio a saber que nesse mesmo dia o seu companheiro ficara sem um braço.

O cabeço a que Pedro trepou veio a ser um lugar célebre - mais tarde conhecido entre os Russos pela «bateria de Raievski» e entre os Franceses *por o grande reduto, o reduto fatal, o cabeço do centro* -, e a sua volta tombaram dezenas de milhares de homens, considerando-o os Franceses como tendo sido a chave da posição.

O reduto era formado por trincheiras abertas nos três lados do cabeço. Dentro dessas trincheiras disparavam dez peças de artilharia que cuspiam metralha pelas canhoneiras abertas no parapeito.

Alinhadas de cada lado do cabeço havia outras peças que não cessavam de disparar. Um pouco à retaguarda estavam as tropas de infantaria. Quando Pedro ali chegou, nem por sombras lhe passou pela cabeça que aquelas trincheiras com aquele punhado de peças de artilharia representavam o ponto mais importante de toda a batalha.

Pelo contrário, precisamente porque ele ali se encontrava, pensava que devia ser uma das posições mais insignificantes. Assim que chegou instalou-se na extremidade da trincheira que contornava a bateria e pôs-se a observar, sorrindo, entre inconsciente e divertido, o que se passava à sua volta. Levantava-se, de tempos a tempos, sem deixar de sorrir. Fazia por não incomodar os soldados que carregavam as peças e as punham em posição, continuamente passando diante dele com sacos e projécteis. E por ali andava de passeio no meio da bateria. Os canhões continuavam a disparar, uns atrás dos outros, com um ronco ensurdecedor e enchendo tudo de fumo. Enquanto entre as tropas de infantaria encarregadas de proteger aquela posição se sentia uma espécie de mal-estar, ali, onde um pequeno número de homens, separados por um fosso de todos os demais, se entregava à sua tarefa, a animação era geral e comum, como se se tratasse de uma família.

A aparição de Pedro. à paisana e de chapéu branco, principiou por causar desagradável impressão naquela gente. Ao passarem diante dele olhavam-no de soslaio, com grande espanto e até com uma espécie de receio. Um oficial de artilharia, homem alto, trangalhadanças, aproximou-se de Pedro, fingindo querer verificar o funcionamento da peça do extremo, e fitou-o cheio de curiosidade.

Outro oficialzito, de cara redonda, pouco mais que uma criança, sem dúvida acabado de sair da escola militar, que andava a inspeccionar, cheio de zelo, as duas peças que lhe haviam sido confiadas, dirigiu-lhe a palavra, muito severo:

«Faça o favor de se afastar daqui. Não é permitido.»

Os soldados continuavam a abanar a cabeça, pouco satisfeitos. A verdade, porém, é que quando se convenceram de que aquele indivíduo de chapéu branco não estava ali a fazer mal algum, que apenas queria estar muito sossegado, sentado no barranco ou a passear na bateria com um sorriso tímido nos lábios, afastando-se delicadamente dos soldados para os não embaraçar, e tão calmo sob a metralha como se estivesse numa avenida, o sentimento de hostilidade que sentiam principiou a transformar-se numa simpatia afectuosa e levemente prazenteira, como a que os militares costumam mostrar por todos os animais Que aparecem junto do campo de batalha: cães, galos e bichos quejandos. Imediatamente os soldados acolheram Pedro como um dos seus e até desde logo lhe puseram uma alcunha, chamando-lhe «Nosso Senhor» e troçando dele amigavelmente.

Um projéctil rasgou o solo a dois passos de Pedro, o qual, sacudindo a poeira que lhe manchara o fato, olhou em volta de si, sorrindo.

- Com que então o senhor não tem medo? - exclamou um soldado, de ombros largos e cara vermelha, mostrando os seus grandes dentes brancos.

- E tu, tens medo, tu? - volveu-lhe Pedro.

- Mas é que... - tornou o soldado. - As balas não trazem endereço. Quando caem, até as tripas se nos arrepanham.

- Ninguém há que não tenha medo - acrescentou, rindo. Alguns soldados, de alegre e prazenteiro parecer, tinham-se-lhes juntado. Dir-se-ia esperarem que aquele senhor não falasse como toda a gente, e ao darem pelo engano rejubilavam.

«Nós, é a nossa obrigação. Mas ele, o senhor, caramba! Isto é que é um cavalheiro!»

- Para os seus postos -, gritou o oficialzito para os soldados que se tinham juntado em volta de Pedro.

Via-se que era a primeira ou a segunda vez que desempenhava as funções de oficial, por isso estava a ser tão exacto e formalista com as suas praças e diante dos seus superiores.

O troar dos canhões e a fuzilaria iam crescendo em todo o campo de batalha, especialmente à esquerda, onde ficavam as flechas de Bagration, mas do local onde Pedro estava quase nada se via por causa do fumo da pólvora que pairava no ar, Além disso, aquele pequeno grupo dos homens da bateria, por assim dizer uma pequena família isolada do resto das tropas, absorvia-lhe por completo a atenção. A primeira emoção, entre inconsciente e alegre, que lhe provocara o troar do canhão e o espectáculo que tinha diante

dos olhos desaparecera e o que sentia agora era completamente diferente, sobretudo depois de ter visto aquele soldado solitário prostrado no meio do terreno. Do talude onde estava sentado deixava-se agora absorver de todo na contemplação dos seres humanos que o rodeavam.

Pelas dez horas, duas dezenas de homens tinham sido levados da bateria; duas peças haviam sido desmanteladas; e eram cada vez em maior número os projécteis que caiam ali e as balas perdidas que passavam zumbindo e assobiando. Os artilheiros, porém, dir-se-ia não darem por coisa alguma, continuando a trocar entre si ditos e zombarias.

«Aí vem uma de arromba!», gritou um deles ao ver aproximar-se um obus, que passou sibilando.

«Não é para nós, é para os da infantaria!», exclamava outro, soltando uma gargalhada, ao ver que o obus lhes passara por cima da cabeça e ia cair no meio das tropas de cobertura.

«Hem! Parece das tuas relações!», acrescentou um terceiro, dirigindo-se a um camponês que se atirara para o chão quando o projéctil se aproximou.

Alguns soldados vieram debruçar-se no parapeito perscrutando o que se passava diante deles.

«Estás a ver? Romperam as linhas. Recuaram!», diziam eles. «Tratem das vossas obrigações, rapazes!», gritou-lhes um velho sargento. «Se andaram para trás, é porque têm lá qualquer coisa que fazer.»

E o sargento, agarrando um deles pelo ombro, despediu-lhe uma joelhada. Romperam gargalhadas.

«Quinta peça! A postos!», soou uma voz de comando.

«Todos à uma! Arriba!», gritaram alegremente os que punham a peça em posição.

«Caramba! Por pouco lá ia o chapéu do Nosso Senhor!», gracejou o farsista de ventas coradas, mostrando os dentes brancos, ,Aquilo é que é um animal!», acrescentou, furioso, dirigindo-se a uma bala que acabava de atingir ao mesmo tempo uma roda e a perna de um homem.

«Eh!, cachorros!», vociferou outro ao ver os milicianos todos curvados que penetravam na bateria para levar o ferido.

«As papas não estão de apetecer, hem? Eh, caguinchas, isso é que são dores de barriga!», gritavam para os mujiques especados diante do soldado com a perna decepada.

«Em que estado te puseram, meu rapaz!», acrescentavam, arremedando-os. «Disto é que eles não gostam!»

Pedro notava que quanto mais balas caíam e quanto maior o número de mortos e

feridos mais crescia a excitação dos artilheiros.

Como se a tempestade se aproximasse, todos aqueles rostos estavam cada vez mais iluminados, num desafio de raios e coriscos, por um fogo oculto e esbraseante.

Pedro deixara de olhar para o campo de batalha e parecia não se importar já com o que se estava ai a passar. Aquela chama cada vez mais viva que lhe ia queimando a alma, a ele também, mais e mais se assenhoreava dele.

Às dez horas a infantaria que alinhava diante da artilharia nas bouças e nas margens do Karnenka bateu em retirada. Lá de cima, daquele posto, via-se toda aquela gente fugir, levando consigo os soldados feridos em cima das espingardas ensarilhadas. Então um general, acompanhado da sua comitiva, apareceu no cabeço. Disse qualquer coisa ao coronel e, lançando um olhar irritado a Pedro, voltou a retirar-se depois de ter dado ordem às tropas de cobertura, alinhadas atrás da bateria, para que se deitassem de barriga no chão, única forma de estarem menos expostas à fuzilaria. Pouco depois ouviu-se rufar o tambor nas fileiras da infantaria, à direita da bateria. Vozes de comando ressoaram e a coluna pôs-se em marcha para a frente.

Pedro lançou os olhos por cima do parapeito. Impressionou-o sobretudo a expressão de uma das caras: a do oficial que marchava de costas para os seus homens, o rosto imberbe muito pálido, a espada baixa, olhando inquieto à sua volta.

A infantaria desapareceu no meio da fumarada e nada mais se ouviu além de prolongados clamores e tiroteio intenso, Alguns minutos depois surgiram dali muitos feridos, uns a pé, outros em padiolas. Os projécteis cada vez caíam mais numerosos sobre a bateria. Havia homens por terra, abandonados. Os artilheiros não tinham mãos a medir em volta das peças. Ninguém dava já pela presença de Pedro. Por duas ou três vezes vozes coléricas lhe gritaram que se afastasse. O comandante, de sobrancelhas franzidas, em grandes passadas precipitadas, ia de uma peça para outra.

O oficialzito, cada vez mais corado, dava ordens, ainda mais zeloso. Os soldados passavam com os projécteis, carregavam as peças, cumprindo a sua tarefa com admirável bravura, para um lado e para o outro, dir-se-ia impelidos por molas.

A nuvem tempestuosa aproximava-se e em todos os rostos ardia esse fogo intenso que Pedro via crescer, Estava ao lado do comandante. Entretanto, o oficialzito, com a mão na pala da barretina, aproximou-se do superior:

- Tenho a honra de o prevenir, meu coronel, de que apenas dispomos de oito cargas. Devemos continuar a fazer fogo? «Metralha!», gritou o coronel, que continuou a olhar para o parapeito, sem responder directamente ao subordinado. Subitamente, qualquer coisa de inesperado aconteceu. O oficialzito soltou um gemido rodopiando sobre si mesmo e caiu

no chão como uma ave atingida em pleno voo, Diante dos olhos de Pedro correu uma cortina estranha, vaga e sombria.

Os projécteis assobiavam uns atrás dos outros, crivando o parapeito, os artilheiros e as peças. Pedro, que até ali não prestara a mais pequena atenção a esse ruído, agora não podia ouvir outra coisa. De um dos lados da bateria. à direita, corriam soldados gritando: «Hurra!», mas não marchavam em frente, antes retrocediam, segundo se afigurava a Pedro.

Um projéctil atingiu o rebordo do parapeito onde ele estava, cobrindo-o de terra. Uma bola negra lhe passou diante dos olhos e no mesmo instante ouviu-se uma pancada mole, Os milicianos que penetravam na bateria debandaram.

«Metralha em todos os canhões!», gritou o oficial,

Um sargento aproximou-se dele a correr e murmurou-lhe ao ouvido, cheio de pânico, que as munições tinham acabado. Dir-se-ia um mordomo anunciando ao dono da casa, no meio de um banquete, não haver mais vinho para os convidados.

«Bandidos! Que estão eles aqui a fazer?», gritou um oficial, virando-se para Pedro.

Tinha o rosto corado e coberto de suor; os olhos, cavados nas órbitas, cintilavam-lhe.

«Corre às reservas, Que tragam as caixas de munições!», acrescentou, dirigindo-se a um artilheiro, enquanto relanceava a Pedro um olhar iracundo.

«Eu vou», disse este.

Sem lhe responder, o oficial afastou-se a passos largos. «Cessar fogo! Esperem!», ordenou o oficial.

O artilheiro que recebera ordem para ir buscar munições tropeçou com Pedro.

«Eh, senhor! O seu lugar não é aqui!», gritou-lhe, enquanto descia a encosta a correr.

Pedro seguiu-o contornando o local onde tombara o oficialzito.

Um, dois, três projécteis lhe passaram por cima da cabeça, caindo à sua volta. Pedro galgou o parapeito. «Aonde vou eu?», disse, de súbito, de si para consigo, ao chegar junto das caixas pintadas de verde. Parou, indeciso, sem saber se havia de voltar para trás ou prosseguir no seu caminho- De súbito uma pancada por detrás o atirou para o chão. Acto contínuo uma grande labareda o envolveu, enquanto o estampido de um trovão ensurdecedor, à mistura com agudos silvos, lhe abalava os tímpanos.

Quando voltou a si, encontrou-se sentado no chão, as mãos apoiadas no solo. Do armão junto do qual ele se encontrava não havia vestígios. Apenas se viam, aqui e ali, pranchas verdes, calcinadas, e sobre a erva requeimada alguns trapos. Um cavalo arrastando atrás de si uns varais em estilhas partiu a galope: outro jazia por terra, como ele próprio, soltando prolongados relinchos de dor.

Capítulo XXXII

Pedro, aterrorizado, sem saber o que fazia, pôs-se de pé e correu para a bateria, como se fosse aquele o único refúgio contra todos os horrores de que estava rodeado.

Ao penetrar na trincheira notou, surpreendido, que se não ouviam as peças e que outros soldados ocupavam a bateria. Não teve tempo de se dar conta de quem era aquela gente. Viu o velho coronel de barriga contra o parapeito, como se estivesse debruçado a ver o que se passava em baixo, e um soldado, que já notara antes, debatendo-se no meio de uns homens que o seguravam pelos braços e gritava: «Irmãos!» E ainda viu mais coisas estranhas. Não teve tempo de compreender que o coronel estava morto, que o soldado fora feito prisioneiro e que outro homem, diante dos seus olhos, acabava de ser trespassado pelas costas por uma baioneta.

Assim que penetrara no reduto, um homem, de uniforme azul, magro, amarelo, coberto de suor, veio sobre ele, de espada na mão, gritando, Pedro, instintivamente, furtou o corpo, para evitar o embate, já que ambos corriam um para o outro sem se terem visto. Estendeu os braços e agarrou esse alguém, que era um oficial francês, lançando-lhe uma mão a um ombro e a outra à garganta. O oficial, deixando cair a espada, apanhou-o pelo pescoço.

Por instantes cravaram os olhos um no outro, assustados, perplexos, sem saber o que tinham feito nem o que deviam fazer. Cada um deles se perguntava a si próprio: «Sou eu ou ele quem está prisioneiro?» O oficial francês parecia mais inclinado para primeira hipótese, pois a mão vigorosa de Pedro, compelida por um terror involuntário, cada vez lhe apertava mais a garganta. Afigurou-se-lhe que ele queria dizer qualquer coisa quando uma bala lhes passou rente ao crânio, deixando atrás de si um silvo sinistro, e tão perto que Pedro julgou que a cabeça do francês lhe fora decepada, tão rapidamente ele a abaixara.

Também Pedro, por sua vez, se agachou ao soltar o desconhecido, Sem se preocupar em saber qual deles era o prisioneiro, o oficial correu para a bateria e Pedro rolou do cabeço, tropeçando nos mortos e nos feridos com a sensação de eles se lhe agarrarem às pernas. Ainda não chegara, porém, ao fundo do barranco quando se viu no meio de uma massa compacta de russos que corriam direitos à bateria, soltando gritos de alegria e atropelando-se uns aos outros. Era o ataque de que Ermolov se vangloriou, dizendo que

fora graças à sua bravura e boa sorte que pudera dar-se aquele prodígio e acrescentando que distribuíra às mãos-cheias, no alto do cabeço, quantas cruzes de S. Jorge levava na algibeira.

Então os franceses que ocupavam a bateria debandaram. E os russos, soltando hurras, lançaram-se atrás deles com tal entusiasmo que muito a custo os detiveram na perseguição.

Na bateria fizeram-se alguns prisioneiros, entre os quais um general francês ferido, que logo se viu rodeado por oficiais russos. Um nunca acabar de feridos, russos e franceses, conhecidos e desconhecidos de Pedro, de feições transtornadas pelo sofrimento, passavam, arrastando-se penosamente pelo seu pé ou levados em padiolas. Voltou a subir ao reduto, onde permaneceu mais de uma hora, e nem um só dos homens daquele grupo de amigos que momentaneamente o tinham chamado a si restava com vida, No monte de mortos havia alguns seus conhecidos. O oficialzito lá estava, todo contorcido, sobre o parapeito, num lago de sangue. O soldado de cara afogueada ainda fazia alguns movimentos convulsivos, mas ali o tinham deixado ficar.

Pedro abalou a correr pelo talude abaixo.

«Ah, agora vão acabar com isto, naturalmente. Já devem estar satisfeitos com o que fizeram!», pensava ele, seguindo sem destino a fileira interminável de padiolas vindas do campo de batalha.

O Sol, porém, velado pela fumarada, ainda ia alto no céu, e lá adiante, principalmente à esquerda, dos lados de Semionovskoie, qualquer coisa se agitava por entre o fumo. Não só se não aplacavam, antes pareciam mais desesperadamente intensos o ribombar das peças e a fuzilaria das espingardas. Dir-se-ia um homem que quase sem forças solta o seu ultimo grito.

Capítulo XXXIII

A acção principal da batalha desenrolou-se numa área de mil sagenas, entre Borodino e as linhas de Bagration. Para além deste espaço, por um lado, a cavalaria de Uvarov, à volta do meio-dia, fez uma demonstração e, pelo outro, para os lados de Utitsa, houve um recontro entre Pomatowski e Tulchkov, nada mais, porém, que insignificantes operações parciais quando compara- das com o que acontecera no centro. Foi entre Borodino e as linhas junto da floresta, num espaço livre e aberto dos dois lados, que se travou a verdadeira batalha, da maneira mais simples e sem qualquer ardil.

De princípio apenas houve o canhoneio recíproco de centenas de bocas de fogo.

Depois, quando a fumarada principiou a, encobrir todo o campo de batalha, puseram-se em marcha, à direita, do lado francês, as duas divisões Dessaix e Compans, que avançaram sobre as linhas, e, à esquerda, os regimentos do vice-rei, que inflectiram sobre Borodino. Do reduto de- Chevardino, onde se encontrava Napoleão, até às linhas distava apenas uma *versta,* mas daí a Borodino, em linha recta, seriam pouco mais de duas. Eis porque o imperador não podia ver o que se passava aí, tanto mais que o fumo, de mistura com a neblina, se estendia por cima de todo o terreno. No que diz respeito às tropas da divisão Dessaix, essas só foram visíveis quando apareceram por detrás da ravina que as separava das flechas. Assim que entraram aí, o fumo dos canhões e da fuzilaria tão densamente cobriu as flechas que ocultou toda a vertente da ravina oposta, Através da espessa nuvem apenas se divisava qualquer coisa com a vaga configuração de soldados e de longe em longe o faiscar de uma baioneta. Mas de Chevardino era completamente impossível saber se se moviam ou permaneciam imóveis, se se tratava de franceses ou de russos.

O Sol erguia-se brilhante no céu e os seus raios vinham banhar directamente o rosto de Napoleão, que para observar as linhas se via obrigado a proteger os olhos com a mão. A fumarada cobria o terreno e ora parecia deslocar-se ora dava a impressão de que eram as tropas que se moviam. As vezes, entre as detonações, ouviam-se gritos, mas não era possível saber-se o que se passava.

Napoleão, de pé, no cômoro, estava de óculo assestado, e o limitado campo da objectiva deixava-lhe ver fumo e soldados, ora o fumo e os soldados franceses ora o fumo

e os soldados russos. Assim que observava, porém, o terreno à vista desarmada já lhe não era possível situar exactamente o que acabara de ver.

Desceu do cabeço e começou a passear de um lado para o outro.

A verdade é que nem do lugar em que estava Napoleão nem do alto da eminência onde tinham ficado vários dos seus generais, nem mesmo das próprias linhas agora ocupadas umas vezes pelos Franceses, outras pelos Russos, soldados mortos, feridos, vivos, aterrorizados ou meio loucos, em parte alguma podia saber-se o que se estava a passar naquele local. Durante muitas horas, naqueles sítios, no meio do ininterrupto troar das peças de artilharia e da fuzilaria das espingardas, tão depressa apareciam os Russos como os Franceses e ora eram soldados de infantaria ora de cavalaria que caíam, disparavam, tropeçavam uns nos outros, gritando e fugindo sem saber o que deviam fazer.

Dos diversos pontos do campo de batalha estavam sempre a chegar ajudantes-de-campo expedidos ao imperador, oficiais de ordenança dos marechais encarregados de trazer informações sobre a marcha da batalha, mas tudo o que diziam era falso, pois no calor da batalha não se podia dizer o que estava a passar-se num determinado momento e, aliás, muitos destes oficiais não Podiam atingir sequer os pontos designados, limitando-se a repetir o que ouviam. Além disso, enquanto eles percorriam as duas ou três *verstas* que os separavam de Napoleão, as coisas modificavam-se e as notícias por eles trazidas deixavam de corresponder à situação. Assim, um ajudante-de-campo do vice-rei veio anunciar que Borodino fora tomada e que a ponte do Kolotcha estava nas mãos dos Franceses, perguntando a Napoleão se dava ordem para as tropas atravessarem o rio, ao que lhe foi respondido que se mandassem alinhar as tropas na outra margem e que esperassem aí. No momento, porém, em que era dada esta ordem, melhor ainda, mal o ajudante-de-campo saíra de Borodino, a ponte fora retomada e queimada pelos Russos, feito a que Pedro assistira no princípio da batalha.

De regresso das flechas, um ajudante-de-campo, muito pálido, o terror pintado no rosto, anunciou ao imperador que o ataque fora repelido, que Compans estava ferido e Davout fora morto. Enquanto, todavia, ele comunicava estas notícias, as fortificações haviam sido de novo ocupadas por outras tropas e Davout continuava vivo, pois apenas fora ligeiramente ferido.

Guiando-se por estas informações, evidentemente falsas, Napoleão dava ordens já cumpridas ou que teriam sido impossíveis de executar.

Os marechais e os generais que se encontravam mais perto dos acontecimentos, mas que, tal como Napoleão, não participavam da batalha e raramente penetravam na zona de fogo, tomavam as suas disposições sem consultar o imperador e transmitiam as suas ordens

sobre onde devia incidir o fogo e como a cavalaria e a infantaria deveriam intervir. Mas estas ordens, bem como as do imperador, só em pequena escala eram executadas e muito raramente, a maior parte das vezes ao contrário das circunstâncias. As tropas que recebiam ordem para avançar, surpreendidas pela metralha, debandavam; aquelas que recebiam ordem para permanecer no seu lugar, ao verem surgir o inimigo inopinadamente, punham-se em fuga ou então atacavam-no, e a cavalaria, sem ter recebido ordem para isso, lançava-se na perseguição dos russos em debandada. Assim, dois regimentos de cavalaria que atravessaram a ravina de Semionovskoie, mal atingiram o cume viraram de rédea, regressando ao mesmo sítio a galope. E outro tanto aconteceu com a infantaria, que muitas vezes se precipitou sobre pontos que não estavam prescritos. Todas as ordens relativas às deslocações das peças de artilharia, dos batalhões de fuzileiros e das tropas montadas, com o objectivo de carregar sobre a infantaria russa, quem as deu foram os comandantes mais próximos das fileiras, sem pedirem conselho nem a Ney, nem a Davout, nem a Murat, quanto mais a Napoleão. Não receavam ser castigados por não haverem executado o que estava prescrito ou por terem agido de moto próprio, pois a verdade é que numa batalha ninguém pensa senão no que tem de mais precioso, ou seja, na própria vida, e o que pode acontecer é Que umas vezes a salvação esteja na fuga para a retaguarda e outras na marcha avante.

Estes homens, no calor da refrega, agiam segundo as circunstâncias. Na verdade, todos estes movimentos para a frente ou para trás não aliviavam nem modificavam a posição das tropas. Esses ataques, quer a pé, quer a cavalo, não produziam grande mortandade; o que semeava os ferimentos, as mutilações e a morte eram os projécteis, as balas que voavam por todos os lados na área onde se moviam as tropas. Logo que os homens atingiam a zona a que os projécteis não chegavam, os comandantes, na retaguarda, obrigavam-nos a cerrar fileiras, restabelecendo a disciplina, e, graças a esta disciplina, voltavam a expedi-los para aquele círculo de fogo onde o medo da morte os fazia perder de novo o sangue-frio, entregando-os ao cego instinto das multidões.

Capítulo XXXIV

Os generais de Napoleão, Davout, Ney, Murat, encontravam-se perto da linha de fogo e inclusivamente chegaram até ela algumas vezes conduzindo massas enormes de tropas bem disciplinadas. Mas, ao contrário do que acontecera invariavelmente nas precedentes batalhas, em vez da esperada notícia da fuga do inimigo, as tropas formadas voltavam da linha de fogo em massas desorganizadas e tomadas de pânico. De novo reorganizadas, cada vez era menor o número dos seus efectivos.

Cerca do meio-dia, Murat mandou o ajudante-de-campo pedir reforços a Napoleão.

O imperador estava sentado no sopé do cabeço bebendo ponche quando o ajudante-de-campo chegou com a notícia de que os Russos seriam esmagados se Sua Majestade enviasse mais uma divisão,

- Reforços?! - exclamou Napoleão, entre severo e surpreso, como se não compreendesse o sentido das palavras, enquanto fitava aquele moço bonito com os cabelos negros, compridos e encaracolados, à maneira de Murat.

«Reforços!», pensou, «Que reforços querem eles quando têm na mão metade do exército para atacar uma ala russa fraca e nem sequer fortificada?»

- Diga ao rei de Nápoles - articulou ele severamente - *que ainda não é meio-dia... que ainda é cedo para eu calcular com clareza a minha jogada. Ide...*

O ajudantezinho-de-campo dos lindos caracóis, sem retirar a mão da pala da barretina, despediu um profundo suspiro e galopou de novo em direcção ao local onde os homens se matavam. Napoleão ergueu-se e, chamando Caulaincourt e Berthier, principiou a falar-lhes de coisas absolutamente estranhas à batalha.

No meio desta conversa, que principiava a interessar o imperador, os olhos de Berthier dirigiram-se para um general com a sua comitiva, que, montado num cavalo coberto de suor, se encaminhava para o cabeço. Era Belliard. Logo que desmontou, dirigiu-se em passo rápido para o imperador e com firmeza e em voz alta começou a expor-lhe a necessidade que havia de reforços. Jurava pela sua honra que os Russos estariam perdidos se o imperador lhes desse mais uma divisão.

Napoleão encolheu os ombros e continuou a passear sem responder.

Belliard, sempre em voz alta e com veemência, prosseguiu falando para os generais

que o cercavam.

- O senhor é muito impetuoso, Belliard - disse Napoleão, aproximando-se do general. - Qualquer se pode enganar no meio da luta. Examine outra vez a situação e volte a aparecer por aqui.

Mal se afastara Belliard, um novo enviado chegava, por outro lado, vindo do campo de batalha.

- *Então? O que há?* - disse o imperador no tom de quem se sente exasperado por só ver obstáculos diante de si.

- *Sire, o príncipe...* - principiou o ajudante-de-campo.

- Pede reforços?! - exclamou Napoleão com um gesto colérico.

O oficial disse que sim com a cabeça e pôs-se a transmitir a sua mensagem. O imperador afastou-se, deu dois ou três passos, depois voltou a aproximar-se e mandou chamar Berthier.

- Temos de lhes dar as reservas - decidiu, com gesto enérgico. - Que lhes devemos mandar? Que acha? - perguntou a Berthier, a esse «ganso que transformei em águia», como disse mais tarde.

- Sire, mandemos a divisão Claparède - respondeu Berthier, que conhecia como os seus dedos todas as divisões, todos os regimentos e todos os batalhões.

Napoleão, com um aceno de cabeça, aprovou,

O ajudante-de-campo galopou ao encontro da divisão Claparède. Alguns minutos mais tarde, a Guarda nova, concentrada, na retaguarda do cabeço, punha-se em movimento. Napoleão olhava silenciosamente naquela direcção.

- Não - ordenou, subitamente, voltando-se para Berthier. - Não quero a Claparède. Mandem a divisão Friant.

Embora não houvesse qualquer vantagem especial em mandarem a 2ª em vez da 1ª e existisse, pelo contrário, o inconveniente da perda de tempo que resultava do facto de se ter de deter a divisão que se pusera em movimento para a substituir pela Friant, a ordem foi executada fielmente. Napoleão não se dava conta de que estava a proceder para com as suas tropas como o médico cujos remédios resultam mais perniciosos que a doença, maneira de agir aliás que ele muito bem sabia ver e criticar nos outros.

A divisão Friant, como sucedera com as demais, desapareceu no meio da fumarada do combate. Os ajudantes-de-campo continuaram a afluir de vários lados e todos eles, como se passassem palavra, repetiam a mesma coisa. Todos pediam reforços, todos diziam que os Russos não abandonavam as suas posições e mantinham as tropas francesas sob um fogo infernal. Napoleão, sentado no seu banco portátil, estava pensativo.

Monsieur de Beausset, o amador de viagens, que morria de fome desde manhã, aproximou-se do imperador e respeitosamente lembrou a Sua Majestade o almoço.

- Espero poder felicitar Vossa Majestade desde já pela vitória sobre o inimigo - disse ele.

Napoleão, em silêncio, moveu negativamente a cabeça. Interpretando esse gesto como referindo-se à vitória, e não ao almoço, Monsieur de Beausset permitiu-se, num tom ao mesmo tempo frívolo e respeitoso, observar-lhe que nada neste mundo o podia impedir de almoçar desde que houvesse oportunidade para isso.

- *Olhe, vá...* - exclamou, de súbito, o imperador, carrancudo, voltando-lhe as costas.

Um sorriso hipócrita, ao mesmo tempo de compaixão, desdita e admiração, perpassou pelo rosto de Monsieur de Beausset, que se dirigiu, sorrateiro, para junto dos outros generais.

Napoleão estava sentindo essa penosa sensação de jogador venturoso que atirou para a mesa de jogo, num desvario, todo o seu dinheiro, habituado que estava a ganhar sempre, e de súbito, precisamente quando calculou todos os azares da partida, pressente que quanto mais reflectir sobre a jogada tanto mais certa será a perda.

As suas tropas eram as mesmas, os mesmos os seus generais, análogas as medidas tomadas, o plano de batalha era o mesmo, mesmíssima a sua proclamação breve e enérgica. Ele próprio não mudara, tinha a certeza. Pensava, até, dispor de muito mais experiência e habilidade que outrora. O inimigo, por sua vez, também era o mesmo de Austerlitz e de Friedland. E, não obstante a marretada tremenda que lhe dera, resultava impotente. Parecia bruxedo.

Empregou todas as suas medidas outrora invariavelmente coroadas de êxito - concentração do fogo das baterias sobre um mesmo ponto, ataque das reservas para romper as linhas, assalto da cavalaria dos homens de ferro -, todas empregara agora e não só não conseguia a vitória, como eram sempre as mesmas as notícias que continuamente vinham até ele: generais mortos ou feridos, necessidade urgente de reforços, impossibilidade de vencer a resistência dos Russos, desorganização das tropas francesas.

Anteriormente, duas ou três disposições que tomasse, duas ou três frases que pronunciasse, logo apareciam, de riso feliz nos lábios e alegria no rosto, marechais e ajudantes-de-campo que anunciavam como troféus grandes massas de prisioneiros, feixes de bandeiras e de «cíquias» inimigas, canhões e comboios de abastecimentos, contentando-se Murat em pedir autorização para enviar a sua cavalaria pilhar os carros. Assim acontecera em Lodi, em Marengo, em Arcole, em Iena, em Austerlitz, em Wagram, etc, Mas agora estavam a passar-se, realmente, coisas estranhas.

Apesar da notícia que correra de que as trincheiras haviam sido tomadas, Napoleão dava-se conta de que não era a mesma coisa, que se não passava agora o que acontecera em todas as batalhas anteriores. E as impressões que sentia, via-o perfeitamente, eram as que estavam sentindo todos os da sua comitiva, homens experimentados na guerra. Havia tristeza em todos os rostos, os olhos evitavam encontrar-se. Só Beausset não podia compreender a gravidade do que se passava. O imperador, por virtude da sua grande experiência, sabia de sobra o que significava uma batalha de oito horas, batalha em que empregara todos os esforços e em que o atacante ainda não levara a melhor. Para ele era quase uma batalha perdida e, no ponto instável em que a luta se encontrava, o mais pequeno incidente podia perdê-los - a ele e ao exército.

Ao rememorar toda aquela estranha campanha da Rússia em que não obtivera qualquer vitória, onde, em dois meses, não tomara nem bandeiras, nem canhões, nem qualquer corpo de exército, ao evocar as expressões que o cercavam, secretamente preocupadas, ouvindo as referências à resistência obstinada do inimigo, sentia-se tomado de uma angústia no género das que se sentem nos pesadelos, e ao espírito acorriam-lhe, de súbito, todas as circunstâncias infelizes que o podiam perder. Os Russos podiam atacar a sua ala esquerda; podiam perfurar-lhe o centro; um projéctil perdido podia matá-lo. Tudo era possível. Em todas as batalhas anteriores apenas pensara nas possibilidades de êxito: agora só esperava e pressentia circunstâncias funestas. Sim, parecia um pesadelo em que um homem, atacado por um malfeitor, por mais esforços que faça para brandir uma arma e atingir o adversário, sente que a mão lhe cai, mole e impotente, como um trapo, enquanto o sentimento horrível de uma morte inevitável se apodera do desventurado indefeso.

A notícia de que os Russos atacavam o flanco esquerdo do exército francês acordou em Napoleão idêntico horror. Ali estava, calado, sentado no seu banco portátil, no sopé do cabeço, com a cabeça entre as mãos. Berthier aproximou-se dele e propôs-lhe uma visita às linhas para ter uma noção exacta da situação.

- Quê? Que está a dizer?! - exclamou o imperador. - Sim, mande que me tragam um cavalo.

Montou e dirigiu-se a Semionovskoie.

Por entre o fumo da pólvora que lentamente se ia dissipando, jaziam, no meio de poças de sangue, cavalos e soldados, ora isolados ora aos montes. Nem Napoleão nem nenhum dos seus generais vira ainda espectáculo tão horroroso, tanto cadáver em tão pequeno espaço. O troar dos canhões que ribombavam havia dez horas ininterruptamente martelava os tímpanos, formando como que um acompanhamento sinistro desse espectáculo, como a música nos quadros vivos.

Ao atingir o alto de Semionovskoie, e através da fumarada, Napoleão viu diante de si fileiras densas de soldados com uniformes cujas cores lhe não eram familiares. Eram os Russos.

Formando filas compactas, concentrados por detrás da povoação e do cabeço que tem o mesmo nome, as suas bocas de fogo despejavam metralha sem desfalecimento, cobrindo de fumo toda a, sua linha. Já não era uma batalha. Era uma chacina, e esta chacina já não podia dar a vitória nem aos Russos nem aos Franceses. O imperador deteve-se e recaiu na meditação a que o arrancara Berthier. Não estava nas suas mãos fazer parar o que via desenrolar-se diante dos seus olhos, embora passasse por iniciador e responsável de semelhante obra, e pela primeira vez, perante o seu fracasso, essa obra lhe parecia inútil e horrível.

Um dos generais que se aproximara de Napoleão permitiu-se propor-lhe que autorizasse a velha Guarda a entrar em acção. Ney e Berthier, que estavam junto do imperador, trocaram um olhar entre si e sorriram desdenhosamente ao ouvirem tão insensata proposta.

Napoleão baixou a cabeça e permaneceu por muito tempo silencioso.

- *A oitocentas léguas de França não sacrificarei a minha Guarda* - disse ele, e, dando meia volta, regressou a Chevardino.

Capítulo XXXV

Kutuzov estava sentado, a cabeça branca inclinada e todo ele prostrado sob o peso do corpo, num banco coberto com um tapete, exactamente no mesmo sítio onde Pedro o vira pela manhã. Não dava qualquer ordem, contentando-se em anuir ao que lhe vinham propor ou simplesmente discordar.

«Sim, sim, faça isso», respondia ele. «Sim, sim, vai ver», dizia ,u este ou àquele dos seus subordinados. Ou então: «Não, é inútil, é melhor esperar.» Ouvia as informações que lhe davam, não dando ordens senão quando os subordinados lhas pediam. Apurava o ouvido, sem parecer interessar-se pelo sentido das palavras que lhe diziam, embora observasse atentamente a expressão e o tom da voz das pessoas que lhe falavam. A sua larga experiência da guerra, a sua prudência de velho, diziam-lhe não ser possível a um só homem dirigir centenas de milhares de outros homens que lutam com a morte. Kutuzov sabia que o que decide do destino das batalhas não eram nem as medidas tomadas pelo general-chefe, nem as posições ocupadas pelos soldados, nem o número dos canhões e dos mortos, mas essa força inapreensível que se chama «o moral das tropas» e que ele procurava descobrir e dirigir na medida do possível.

O rosto de Kutuzov denunciava uma atenção concentrada e serena, contenção que só a custo dominava a fadiga de um corpo enfraquecido e gasto pela idade.

As onze horas vieram dizer-lhe que as flechas ocupadas pelos Franceses tinham sido retomadas, mas que o príncipe Bagration estava ferido. Kutuzov soltou uma exclamação e abanou a cabeça.

- Vai imediatamente procurar o príncipe Piotre Ivanovitch e informa-te por miúdo do que se passa - disse ele a um dos seus ajudantes-de-campo; depois voltou-se para o príncipe de Wurtemberg, que estava por detrás dele:

- Quererá Vossa Alteza assumir o comando do 2º exército?

Pouco depois da partida do príncipe, antes mesmo de ter podido chegar a Semionovskoie, aparecia o seu ajudante-de-campo, que vinha comunicar ao Sereníssimo que o príncipe precisava de reforços.

Kutuzov franziu as sobrancelhas e transmitiu imediatamente ordem a Dokturov para assumir o comando do 2º exército, rogando ao príncipe, ao qual dizia ser-lhe indispensável

nas graves circunstâncias de momento, que voltasse para junto de si. Quando lhe disseram que Murat fora feito prisioneiro e lhe transmitiram as felicitações do estado-maior, Kutuzov sorriu.

- Esperem, meus senhores - observou. - Que a batalha esteja ganha e Murat tenha sido feito prisioneiro não acho coisa extraordinária. Mas parece-me melhor não nos alegrarmos antes de tempo.

Entretanto expedia um ajudante-de-campo com esta, notícia para as tropas.

Quando Tcherbinine chegou do flanco esquerdo para comunicar que os Franceses haviam retomado as flechas e Semionovskoie, Kutuzov, adivinhando, pelos gritos que vinham do campo de batalha e pela expressão do emissário, que as coisas não estavam a caminhar bem, levantou-se, como se quisesse desentorpecer as pernas, e, travando do braço do oficial, afastou-se com ele.

- Vai, meu amigo - disse então a Ermolov. - Vai ver se não haverá maneira de fazer mais alguma coisa.

Kutuzov estava em Gorki, no centro das posições do seu exército. O ataque de Napoleão contra o flanco esquerdo dos Russos fora repelido por várias vezes. No centro, os Franceses não tinham ido além de Borodino. No flanco esquerdo a cavalaria de Uvarov obrigava o inimigo a fugir.

As três horas os ataques dos Franceses cessaram. Na expressão dos que chegavam do campo de batalha, bem como na das pessoas da sua comitiva, podia ler o general-chefe uma tensão que atingira o mais alto grau. Estava satisfeito com o êxito da jornada, que ultrapassara o que ele esperava. Mas àquele velho faltavam as forças físicas. Por várias vezes já o tinham visto deixar descair a cabeça no peito e dormitar. Trouxeram-lhe o almoço.

O ajudante-de-campo do imperador, Woltzogen, o mesmo a quem o príncipe André ouvira dizer ser preciso que a guerra se estendesse, e a quem Bagration odiava, apresentou-se a Kutuzov quando ele estava a comer. Vinha em nome de Barclay dar-lhe contas da situação no flanco esquerdo. O prudente Barclay, ao ver a vaga de feridos que afluía e a desorganização da retaguarda, e depois de pesar os prós e os contras, concluíra que a batalha estava perdida e enviara o seu oficial favorito levar a notícia ao general-chefe.

Kutuzov mastigava nesse momento, não sem dificuldade, um pedaço de frango assado; fixou em Woltzogen o seu olho pisco, que se tornara alegre.

Este, em passo negligente, um sorriso assaz desdenhoso nos lábios, aproximou-se, a mão algo frouxa na pala da barretina. Tratava o Sereníssimo com uma afectação descortês, como que a mostrar que ele, militar de altos méritos, deixava para os Russos o considerarem um ídolo aquele velho inútil, pois a verdade é que ele sabia muitíssimo bem

com quem estava a lidar.

«Der alte Herr», («do velho senhor» (N, dos T.) assim o tratavam os Alemães entre si, e «macht sich ganz bequern» *(«O velho senhor instalou-se comodamente.» (N, dos T.)*, pensou Woltzogen, lançando um olhar de reprovação aos pratos que Kutuzov tinha diante, e principiou o seu relatório sobre a situação do flanco esquerdo nos termos em que Barclay lhe ordenara que a expusesse e tal como ele próprio a vira e observara com os seus próprios olhos.

- Todos os pontos da nossa posição estão nas mãos do inimigo e não temos possibilidades de os rechaçar por falta de tropas. Os nossos soldados debandam e é impossível detê-los - disse ele.

Kutuzov pousou o talher e fixou Woltzogen, surpreendido, como se não compreendesse o que lhe estava a dizer. O oficial, ao notar a emoção «des alten Herr» *(«do velho senhor» (N, dos T.)*, disse-lhe, sorrindo:

- Não me julgava no direito de ocultar o que vi a Vossa Excelência. As tropas estão completamente desorganizadas.

- Foi o que o senhor viu? Foi o que o senhor viu?! exclamou Kutuzov, franzindo as sobrancelhas, erguendo-se rapidamente e avançando para Woltzogen. - Como se atreve?!... Como se atreve?!... - exclamou, fazendo gestos ameaçadores com as mãos trémulas, a voz embargada pela cólera. - Como se atreve, meu caro senhor, a falar-me a mim nesses termos? O senhor nada sabe. Vá dizer ao general Barclay, da minha parte, que as suas informações são falsas e que eu, general-chefe, conheço melhor do que ele o desenvolvimento da batalha.

Woltzogen quis replicar, mas Kutuzov interrompeu-o:

- O inimigo foi repelido no flanco esquerdo e vencido no direito. Se o senhor viu mal, não é razão para dizer o que ignora. Faça favor de voltar para junto do general Barclay e transmitir-lhe a minha ordem absoluta de atacar amanhã o inimigo acrescentou num tom severo.

Todos os presentes se conservavam calados e ouvia-se apenas a respiração ofegante do velho general.

- Os Franceses foram repelidos em toda a parte, e disso dou graças a Deus e ao nosso valoroso exército. O inimigo está vencido e amanhã expulsá-lo-emos do sagrado solo da Rússia - prosseguiu Kutuzov, persign4ndo-se, e de súbito as lágrimas inundaram-lhe os olhos.

Woltzogen encolheu os ombros, esboçou uma careta e afastou-se, surpreendido com *uber die Eigenommenheit des alten Herr («...essa obstinação do velho senhor.» N, dos T.).*

- E aqui tem o meu herói - disse Kutuzov, apontando para um general, um belo e entroncado mancebo de cabelos pretos que acabava de chegar ao cabeço.

Era Raievski, que passara o dia inteiro no ponto principal da batalha.

Raievski informou o Sereníssimo de que as tropas se mantinham firmes nas suas posições e que os Franceses não se atreviam a atacá-las de novo.

Ao ouvir estas palavras. Kutuzov exclamou em francês:

- Então não pensa como os outros que somos obrigados a retirar?

- Ao contrário, Alteza, nos assuntos indecisos é sempre o mais tenaz que sai vitorioso - replicou Raievski. - E na minha opinião...

- Kaissarov! - chamou Kutuzov. - Assenta-te ali e redige a ordem do dia para amanhã. E, tu - acrescentou, dirigindo-se a outro ajudante-de-campo vai percorrer as linhas e comunicar que amanhã atacaremos.

Entretanto, Woltzogen regressava, enviado por Barclay, para dizer que este desejava uma confirmação por escrito da ordem que o marechal acabava de dar.

Kutuzov, sem se dignar olhar para ele, mandou redigir a ordem que o ex-general-chefe exigia com razão para se ilibar de qualquer responsabilidade.

E graças a essa cadeia indefinida e misteriosa que mantinha em todo o exército o mesmo estado de espírito a que se costuma chamar «moral das tropas» e que constitui o nervo vital da guerra, as palavras de Kutuzov e a sua ordem do dia anunciando a batalha para a manhã seguinte imediatamente se transmitiram a todos os pontos do corpo do exército.

Não foram os termos da própria ordem que se transmitiram até aos últimos anéis dessa cadeia. No que cada um contava ao vizinho nada havia mesmo que se parecesse com o que Kutuzov dissera, mas pelo menos era o sentido das suas palavras que se transmitia, pois essas palavras emanavam, não de considerações mais ou menos astuciosas, mas dos sentimentos profundos que animavam a alma do general-chefe, como, aliás, a alma de todos os russos.

Ao inteirar-se de que no dia seguinte atacaria o inimigo, ao ouvir nas esferas superiores do exército a confirmação daquilo em que queria crer, toda aquela gente extenuada e hesitante se sentiu consolada e ganhou confiança.

Capítulo XXXVI

O regimento do príncipe André conservou-se entre as reservas inactivas na retaguarda de Semionovskoie, debaixo de um intenso fogo de artilharia, até cerca das duas horas. A essa hora o regimento, que já perdera mais de duzentos homens, avançara, por um campo de aveia espezinhada, para o espaço que mediava entre Semionovskoie e a bateria do cabeço, aquela em que durante a manhã haviam caído milhares de soldados e para onde precisamente às duas horas acabava de ser dirigido o fogo violento e convergente de muitas centenas de peças inimigas.

Sem se mover do mesmo lugar e sem haver disparado um único tiro, o regimento perdeu ali um terço dos seus efectivos. Mesmo em frente, e sobretudo à sua direita, no meio da fumarada que se não dissipava, os canhões metralhavam-no, e dessa misteriosa região envolta em fumo que se estendia ao longo de todo o terreno que lhe fazia face, sem tréguas, acompanhados de assobios rápidos e prolongados, chegavam as granadas, voavam os obuses. Por vezes, como para conceder um breve descanso, durante um quarto de hora, balas e obuses iam cair mais adiante, mas outras vezes não se passava um minuto sem que vários homens caíssem atingidos e continuamente se retiravam cadáveres ou se levavam feridos.

A cada nova descarga os que ainda estavam vivos menos probabilidades tinham de se salvar. O regimento formava em colunas de batalhão, com trezentos passos de intervalo entre cada batalhão. No entanto, todos os homens se encontravam no mesmo estado de espírito. Todos estavam igualmente silenciosos e taciturnos. Poucas palavras se trocavam entre eles, e essas mesmas eram interrompidas de cada vez que caía um projéctil e ressoava o grito: «Padiola!» A maior parte do tempo os homens, por ordem dos comandantes, estavam sentados no chão. Este, tirando a barretina, entretinha-se, com toda a minúcia, a fazer e a desfazer a corrediça; aquele limpava a baioneta com argila seca que se lhe esfarelava nas mãos: havia os que desmanchavam o correame e voltavam a afivelar os seus equipamentos; e ainda os que desenrolavam as grevas e voltavam a enrolar. Alguns construíam abrigos com caniços ou entrançavam esteiras com palha dos campos, Todos pareciam absortos nestas ocupações. Quando os seus camaradas caíam mortos ou feridos e eles viam passar as padiolas, quando os Russos recuavam, ou através da fumarada se

desenhavam as massas compactas dos soldados inimigos, ninguém entre eles prestava a mais pequena atenção a qualquer dessas coisas. Em compensação, desde que a artilharia, ou a cavalaria russas se punham em marcha, de todos os lados rompiam gritos de encorajamento. Mas a verdade é que eram os incidentes absolutamente acessórios e que nada tinham com a batalha que mais chamavam a atenção geral. Dir-se-ia que aquela gente, moralmente esgotada, encontrava repouso nas ocupações habituais da vida quotidiana. Uma bateria de artilharia passou diante do regimento. Um cavalo de varas enredou os arreios num dos armões. «ó tu! Não vês? Olha o cavalo!... Vai cair... Parece impossível... Então não vês?...» E por toda a parte no regimento se soltaram idênticas exclamações, De outra vez todas as atenções se fixaram num cãozito amarelado, de rabo arqueado, que, aparecendo ali por acaso, se pôs a correr, cheio de medo, por entre as fileiras dos homens. Só Deus sabe donde viria! De súbito, ao rebentar um obus ali perto, soltou um ganido e com o rabo entre as pernas desapareceu por um dos lados. Gritos e risos se ouviram por toda a parte, Mas essa, espécie de distracções durava apenas alguns minutos e havia já mais de oito horas que estavam inactivos e sem nada comer sob o contínuo horror da morte. Os seus rostos pálidos e taciturnos cada vez empalideciam e se carregavam mais.

O príncipe André, como todos os homens do seu regimento, pálido e de sobrancelhas franzidas, ia e vinha, no prado que confinava com o campo de aveia, de um rego a outro, a cabeça baixa e as mãos atrás das costas. Nada tinha a fazer nem nenhuma ordem a dar. Tudo se fazia por si mesmo. Os mortos eram arrastados para detrás das linhas, os feridos levados, as fileiras voltavam a refazer-se. Se os soldados se afastavam, não tardavam a voltar apressadamente. De princípio julgara de seu dever excitar a coragem dos soldados e dar-lhes o exemplo passando por entre as fileiras, mas em breve reconheceu que nada tinha a ensinar-lhes. Todas as forças da sua alma, como as forças da alma de cada um dos seus soldados, não tendiam inconscientemente a outra coisa senão a não pensar no horror da situação em que estavam. E lá ia passeando no prado, arrastando os pés, pisando a erva, examinando a poeira que lhe cobria as botas. Ora dava grandes passadas, tentando pôr os pés nos trilhos deixados pelos ceifeiros, ora contava os seus passos, calculando o número de vezes que teria de ir de um rego ao outro para perfazer uma *versta.* Outras vezes ainda arrancava, ao passar, as artemisas que cresciam nos regos, esfregava-as entre as mãos e respirava o seu aroma forte e amargo. Nada restava do labor dos seus pensamentos da véspera. Em nada pensava. Com seus ouvidos cansados ouvia sempre os mesmos sons, procurando distinguir no ar o silvo dos projécteis, do estampido das descargas, e examinava os rostos, que bem conhecia, dos soldados do primeiro batalhão, e esperava. «Lá vai mais um... Ainda para nós», dizia de si para consigo ao perceber o assobio, que se aproximava,

de um projéctil que emergia da zona de fumo. «Lá vem outro! Agora! Já está.» Calou-se e olhou as fileiras dos soldados. «Não, aquele passou longe. Mas agora é a nossa vez.» E de novo se pôs a passear, procurando alargar o passo de molde a alcançar o rego em dezasseis passadas. De súbito um silvo e depois uma pancada; ali, a cinco passos, um projéctil faz voar a terra seca de todos o, lados e enterra-se no chão, Um arrepio involuntário percorre-lhe as costas. De novo lança um olhar aos seus soldados. Há muitos atingidos, naturalmente: no segundo batalhão ouve-se tumulto.

- Senhor ajudante-de-campo - grita ele - irão permita que se formem ajuntamentos.

Este executa a ordem e aproxima-se do príncipe André. De outro lado chega a cavalo o comandante do batalhão.

- Cuidado! - grita um soldado, espavorido, e silvando, num rápido voo, uma granada caiu a dois passos do príncipe André, próximo do cavalo do comandante do batalhão. O cavalo empina-se relinchando, com risco de jogar por terra o cavaleiro, e recua. O terror do animal apodera-se dos homens.

- Deitem-se! - grita a voz do ajudante-de-campo que se atirara ao chão.

O príncipe continuava de pé, irresoluto. O obus, fumegando, girava no solo como um pião entre ele e o ajudante-de-campo no limite da seara de aveia e do prado, junto de uma pernada de artemisa.

«Será a morte?», pensou, olhando, com um olhar absoluta- mente novo e como que invejoso, a erva, a pernada de artemisa, o fio de fumo que se desprendia da bola negra em movimento.

«Não posso, não quero morrer, gosto da vida, gosto desta erva, desta terra, do ar que respiro...» Dizia isto de si para consigo e ao mesmo tempo pensava nos que estavam a olhar para ele.

- Não tem vergonha, senhor oficial? - disse para o ajudante-de-campo. - Que...

Não pôde concluir. Nesse mesmo instante ressoou a explosão, houve um retinir, como de vidros quebrados, uma baforada de fumo e o príncipe André, projectado de lado, ergueu um braço ao ar e foi cair de cara contra o chão.

Alguns oficiais acorreram. Do flanco direito escorria-lhe pela erva um grande rego de sangue.

Os milicianos, logo chamados, detiveram-se com a sua padiola na retaguarda dos oficiais. André estava estendido sobre o ventre, o rosto na erva, e estremecia com grandes soluços.

- Vamos, que estão aí a fazer, aproximem-se!

Os camponeses chegaram, pegaram-lhe pelos ombros e pelas pernas, mas ele gemia

dolorosamente e, depois de se entreolharem, voltaram a pô-1o no chão.

- Peguem-lhe, ponham-no na padiola, pouco importa! - gritou uma voz.

- Oh. Deus!, oh, Deus! Será possível?... No ventre. É a morte! Oh!, meu Deus! - exclamaram vários oficiais. - Roçou-me por uma orelha - disse o ajudante-de-campo. Os camponeses, depois de terem posto a padiola aos ombros, meteram a toda a pressa pelo atalho que conduzia à ambulância.

- A passo! - Eh, camponeses! - gritou-lhes um oficial detendo pelo ombro um dos milicianos, que caminhavam em passo irregular e agitavam a maca,

- Tem cuidado, hem, Kvedor! Eh, Kvedor! - exclamou o que ia à frente.

- Assim está bem! - respondeu, jovial, o que ia atrás, acertando o passo.

- É Sua Excelência? É o príncipe? - disse Timokine em voz trémula, correndo para a padiola.

O príncipe André abriu os olhos e do alto da padiola onde a cabeça lhe descaíra lançou um olhar àquele que lhe falava, voltando a cerrar as pálpebras,

Os milicianos levaram o príncipe André para a mata onde estavam os carros e a ambulância. Esta era formada por três tendas de campanha separadas, e de lonas abertas, na orla de uma inata de álamos. Os carros e os cavalos estavam debaixo das árvores. Os animais comiam a sua aveia nos respectivos sacos e os pardais cirandavam em volta deles na esperança de apanhar os grãos espalhados. Corvos, atraídos pelo sangue, grasnavam, impacientes, por entre os álamos. Em volta das tendas, numa área de umas duas dessiatinas, viam-se deitados, sentados ou de pé soldados ensanguentados, envergando os mais diversos uniformes. Na vizinhança dos feridos estacionava uma multidão de maqueiros de expressões tristes e atentas, que os oficiais encarregados de manter a ordem procuravam debalde afastar dali. Sem lhes dar ouvidos, estes soldados ali continuavam, encostados às suas padiolas, olhando fixamente tudo que se passava à sua volta, como que a procurarem compreender o terrível significado de semelhante espectáculo. Ouviam-se nas tendas ora gritos lancinantes e selvagens ora gemidos dolorosos. De tempos a tempos saíam de lá correndo enfermeiros que iam buscar água e designavam os feridos que deviam ser transportados. Estes, que esperavam a sua vez à entrada das tendas, gemiam, choravam, gritavam, proferiam injúrias, pediam que lhes dessem vodka, sentia-se-lhes o estertor. Alguns deliravam. Deixando para trás os feridos que ainda não tinham sido pensados, levaram o príncipe André, na sua qualidade de comandante de regimento, até à entrada de uma das tendas e aí se detiveram os seus maqueiros, aguardando ordens. André abriu os olhos e esteve assim muito tempo sem ser capaz de compreender o que se passava, O prado, as artemisas, o campo de aveia, a bola negra, girando e o seu arrebatamento de amor

pela vida, tudo isto lhe veio ao espírito. A dois passos da sua padiola um sargento alto e moreno, a cabeça atada, encostado ao tronco de uma árvore, falava em voz alta, chamando a atenção de toda a gente, Fora ferido na cabeça e numa perna. A sua volta agrupava-se uma chusma de feridos e de maqueiros que escutava, avidamente o que ele dizia.

«Quando corremos com eles dali, deixaram lá tudo, e até o rei deles fizemos prisioneiro», gritava o sargento, com os seus olhos negros resplandecentes e miradas de orgulho à sua roda. «Se ao menos naquele momento as reservas têm chegado, podem crer, rapazes, não tinha escapado um, tão certo como eu estar aqui.. »

O príncipe André, como todos os que rodeavam o narrador, olhava para ele com os olhos brilhantes, e um sentimento de alívio o percorria. «Mas que me importa agora», dizia de si para consigo, «que tenho eu a ver com o que acontecerá ali e com o que aconteceu aqui? E porque será que me custa tanto deixar esta vida? Há de facto nela qualquer coisa que eu não compreendia e que continuo sem compreender.»

Capítulo XXXVII

Um dos médicos saiu da tenda de campanha. Tinha um avental ensanguentado, e nos seus pequenos dedos, também cheios de sangue, entre o polegar e o anelar, equilibrava um charuto que procurava não sujar, Ergueu a cabeça e olhou para os dois lados por cima dos feridos. O que ele queria, evidentemente, era respirar um pouco de ar puro. Depois de olhar à direita e à esquerda, suspirou e baixou a cabeça.

«Sim, é já», respondeu ao enfermeiro que lhe apontava o príncipe André, e ordenou que o levassem para a tenda. «Pelos vistos até no outro mundo a vida é melhor para estes senhores», disse um dos feridos.

Transportaram o príncipe André para dentro da tenda e colocaram-no sobre uma, mesa que acabava de ficar livre e que um enfermeiro limpava. André não pôde distinguir coisa por coisa o que havia dentro da tenda. Os gemidos lancinantes que se ouviam por todos os lados, as dilacerantes dores que sentia na anca, no abdómen e nas costas tomavam-no por completo. O espectáculo que tinha diante dos olhos confundia-se numa única impressão geral de corpos humanos nus e ensanguentados que pareciam encher por completo toda aquela tenda de tecto baixo, exactamente como, semanas atrás, num cálido dia de Agosto, os corpos que vira dentro do tanque lodoso na estrada de Smolensk. Sim, era a mesma carne, precisamente essa carne para canhão, cujo espectáculo então, como se previsse o que estava a ver agora, o enchera de horror.

Na tenda havia três mesas. Duas delas já estavam ocup4 das: puseram o príncipe André na terceira. Deixaram-no só por instantes e pôde então, mesmo sem querer, ver o que se passava nas outras. Na que lhe ficava mais próxima estava sentado um tártaro, cossaco, sem dúvida, a avaliar pelo capote a seu lado. Quatro soldados o agarravam. Um médico de óculos retalhava-lhe as costas trigueiras e musculosas.

«Ai, ai, ai!», berrava o tártaro, como um cevado no matadouro, e de súbito, retesando a cara bronzeada, de malares salientes e nariz chato, rangendo os dentes brancos, principiou a estrebuchar, a soltar gritos prolongados e pungentes.

Na outra mesa, à volta da qual havia muitas pessoas, estava deitado de costas um homem forte e de grande estatura, com a cabeça caída para trás. Os seus cabelos encaracolados, a cor do cabelo e a forma da cabeça não pareceram desconhecidos ao

príncipe André. Vários enfermeiros mantinham-no imobilizado, segurando-o fortemente. Uma das suas pernas, branca e gorda, era constantemente agitada por estremecimentos convulsivos. O homem soltava soluços entrecortados e sufocava. Dois médicos, silenciosos, um deles muito pálido e trémulo, ocupavam-se da outra perna, muito vermelha. O médico dos óculos, depois de dar por finda a sua tarefa junto do tártaro, a quem cobriram com um capote, aproximou-se do príncipe André enxugando as mãos.

«Dispam-no! Que estão aí a fazer?», gritou, furioso, para os enfermeiros.

O príncipe André recordou-se da sua longínqua e tenra infância, quando o enfermeiro, de mangas arregaçadas, o desabotoara rapidamente e o despira. O médico debruçou-se sobre o seu ferimento, e depois de o palpar suspirou profundamente. Em seguida fez um sinal a alguém. A dor atroz que sentiu no abdómen fez perder os sentidos ao ferido. Quando voltou a si, haviam-lhe extraído os fragmentos do fémur quebrado, tinham-lhe cortado grandes pedaços de carne e a ferida fora envolta em ligaduras. Espargiam-lhe a cara com água. Assim que abriu os olhos, o médico debruçou-se para ele, beijou-o nos lábios, sem dizer palavra, e afastou-se precipitadamente.

Depois do sofrimento que suportara, André sentiu um bem-estar que desconhecia há muito. Pela imaginação perpassavam-lhe todos os melhores e mais felizes momentos da sua vida, especialmente a sua mais longínqua infância, quando o despiam e o deitavam na sua caminha, e a sua ama, embalando-o, cantava para o adormecer ou, quando, a cabeça pousada na almofada, era feliz por se sentir viver. E todas estas impressões não se lhe afiguravam passadas, mas uma realidade presente. Os médicos continuavam de volta do ferido cujos traços lhe não pareceram desconhecidos. Solevavam-no e esforçavam-se por acalmá-lo.

«Mostrem-ma!... Ai!, ai!, ai!», gemia ele, numa voz entrecortada de soluços, apavorada e como que quebrada pelo sofrimento.

Ao ouvir esses gritos, André sentia vontade de chorar. Seria por ver-se morrer sem glória? Seria por causa das recordações de infância para sempre desaparecida? Ou seria por ver sofrer os outros e ouvir aquele homem soltar diante dele gemidos tão lamentosos? Fosse como fosse, tinha vontade de chorar, de chorar lágrimas de criança, por assim dizer lágrimas suaves de alegria.

Mostraram ao ferido a perna cortada, com sangue coagulado e ainda com a bota calçada.

«Ai! Ai!», gemeu, rompendo a chorar como uma mulher.

O médico que estava diante do ferido e lhe ocultava a cara afastou-se.

«Meu Deus! Que é isto? Que está ele aqui a fazer?», disse para si mesmo o príncipe

André.

Naquele desgraçado que chorava, sem forças, e a quem acabavam de amputar uma perna, reconhecera Anatole Kuraguine. Amparavam-no por debaixo dos braços e chegavam-lhe um copo de água, que ele não conseguia atingir com a extremidade dos lábios tumefactos e trémulos. Continuava a soluçar. «Sim, é ele; aquele homem está ligado a mim por laços íntimos e dolorosos», disse de si para consigo o príncipe André, sem ter ainda uma ideia nítida, do que lhe estava a acontecer. «Que laços ligam aquele homem à minha infância, à minha existência?», perguntava sem conseguir obter resposta, E de súbito despertou-o um novo apelo inesperado: uma figura desse mundo da infância, cheia de pureza e de amor. Lembrou-se de Natacha, tal como ela lhe aparecera pela primeira, vez nesse baile e 1810, com o pescoço e os braços delgados, a sua expressão assombrada e feliz, tão pronta a entusiasmar-se, e o seu amor e a sua ternura por ela acordaram-lhe no fundo do coração mais vivos e fortes do que nunca. Compreendia agora o laço que existia entre ele e aquele, homem que através das lágrimas que lhe embaciavam os olhos o fitava com o seu olhar nublado. André lembrou-se de tudo, e uma imensa piedade, um apaixonado amor por aquele homem lhe encheu o coração feliz, Não podendo conter-se por mais tempo, pôs-se a chorar mansas lágrimas de amor pelos outros em geral, por ele próprio, pelos desvarios dos homens e pelos seus próprios desvarios.

«Sim, a piedade, o amor dos nossos irmãos, daqueles que nos amam, o amor dos que nos odeiam, o amor dos nossos inimigos, sim, esse amor que Deus veio pregar sobre a Terra, esse amor de que me falava a princesa Maria e que eu não compreendia, eis o que me faz ter pena da vida, eis a única coisa que me restaria se ainda tivesse vida para viver. Mas agora é tarde, tarde de mais, Eu bem sei.»

Capítulo XXXVIII

O aspecto aterrador do campo de batalha, coberto de mortos e moribundos, o peso que sentia na cabeça e a nova de que vinte dos ,seus generais tinham sido mortos ou postos fora de combate, tudo isto e o reconhecimento, a que se via obrigado, da impotência do seu pulso, outrora todo poderoso, produziu um efeito inesperado em Napoleão, que ordinariamente gostava de ver os mortos e os feridos no intuito de pôr à prova a sua força moral, como costumava dizer. Naquele dia o pavoroso aspecto do campo de batalha vencera a sua força moral, coisa em que estribava o seu mérito e a sua grandeza, Retirou-se precipitadamente e regressou ao reduto de Chevardino. Sentado no banco portátil, amarelento, inchado, pesado, os olhos embaciados, o nariz vermelho e a voz rouca, ouvia o tiroteio involuntariamente, de cabeça baixa. Era com febril inquietação que aguardava o fim daquela obra em que participava embora sem a poder dar por finda. Por momentos prevalecia nele, sobre a miragem em que vivera e de que por tanto tempo fora escravo, um puro sentimento de humanidade. Sentia pesar-lhe na alma o sofrimento e as mortes de que tivera a visão ao percorrer o campo de batalha. O peso na cabeça e a opressão que lhe tomava os pulmões faziam-no pensar que também podia sofrer e morrer. Naquele momento não desejava nem Moscovo, nem a vitória, nem a glória. Para que queria a glória? Nada mais desejava naquele momento além do repouso, da serenidade e da liberdade. Quando estivera, porém, no cabeço de Semionovskoie, o comandante da artilharia propusera-lhe instalar ali algumas baterias para reforçar o fogo sobre as tropas russas concentradas diante de Kniazkovo. Napoleão concordara, determinando que lhe comunicassem o resultado obtido.

Um ajudante-de-campo veio anunciar-lhe que duzentas peças de artilharia tinham aberto fogo contra os Russos, mas que estes continuavam a resistir.

- O nosso fogo ceifa-os, fileira a fileira, e apesar disso permanecem firmes - disse o ajudante-de-campo.

- *Ainda querem mais!* - exclamou Napoleão com voz rouca.

- *Sire?* – perguntou o oficial, que não ouvira bem.

- *Querem mais* - repetiu ele, com a mesma rouquidão na voz e franzindo as sobrancelhas. - *Dêem-lhes o que estão a pedir.*

E sem que disso tivesse a iniciativa, o que ele realmente não queria realizava-se, não dando ordens senão por pensar que esperavam que ele as desse. De novo se deixou mergulhar nesse mundo fictício, povoado de visões de grandeza, e de novo, como um cavalo que, movendo uma nora, julga realizar uma tarefa útil para si, cumpria, docilmente, o cruel, doloroso, inumano e penoso Papel para que estava predestinado.

E não foi só naquela hora e naquele dia que o espírito e a consciência se lhe obscureceram, àquele homem sobre quem pesava mais do que sobre qualquer outro ser humano a responsabilidade do que se estava a passar. Nunca, até ao último dos seus dias, pôde compreender o que era o bem, o que era a beleza, o que era a verdade, nem jamais compreendeu a significação dos seus próprios actos por de mais opostos à verdade e ao bem para que ele pudesse compreender-lhes o significado. Nunca pôde renegar os seus próprios actos, tão louvados por meio mundo, e assim se viu forçado a renegar a verdade e o bem e tudo o que era verdadeiramente humano,

Não foi só naquele dia que ele, percorrendo o campo de batalha juncado de soldados mortos ou mutilados - por obra e graça da sua vontade, assim pensava -, pôde calcular quantos eram os mortos russos por cada morto francês, e, enganando-se a si próprio, achara razões para rejubilar, pois, segundo ele, por cada um dos seus tinham caído cinco do inimigo. Não foi só naquele dia que ele disse, como escreveu numa carta para Paris: «O campo de batalha estava soberbo», por haver mais de cinquenta mil cadáveres. Também na ilha de Santa Helena, no silêncio da solidão, onde, segundo declarara, pensava consagrar os seus ócios a relatar as obras que levara a cabo, escreveria:

> *A guerra da Rússia devia ter sido a guerra mais popular dos tempos modernos: era a guerra do bom senso e dos verdadeiros interesses, a guerra do repouso e da segurança geral; era puramente pacífica e conservadora.*
>
> *Era pela grande causa, pelo fim dos acasos e pelo princípio da segurança. Um horizonte novo, novos trabalhos iam, desenrolar-se, cheios do bem-estar e da prosperidade de todos. Estava fundado o sistema europeu; restava apenas organizá-lo.*
>
> *Satisfeitos que fossem estes grandes objectivos e tranquilo que me visse em toda a parte, teria tido também o meu Congresso e a minha Santa Aliança. Ideias que me roubaram. Nessa reunião de grandes soberanos teríamos tratado dos nossos interesses em família e contaríamos então, de amo a servidor, com todos os povos.*
>
> *Deste modo teria chegado a ser a Europa verdadeiramente um único povo e toda a gente por onde quer que viajasse encontrar-se-ia sempre na pátria comum. Teria obtido o livre trânsito em todos os rios navegáveis, a comunidade dos mares, e que os grandes exércitos*

permanentes fossem reduzidos daí para o futuro à escolta dos soberanos.

De regresso a França, no seio da pátria, grande, forte, magnífica, tranquila, gloriosa, teria proclamado os seus limites imutáveis; teria declarado todas as guerras futuras puramente defensivas e qualquer engrandecimento novo antinacional. Teria associado meu filho ao império, a minha ditadura acabaria, e teria começado um reinado constitucional...

Paris teria sido a capital do mundo e os Franceses a inveja das nações!...

Os meus ócios e os dias da minha velhice teriam sido consagrados, na companhia da imperatriz e enquanto durasse o aprendizado real de meu filho, a visitar, vagarosamente, e como um verdadeiro casal de aldeões, com os nossos próprios cavalos, todos os recantos do Império, ouvindo as queixas, fazendo justiça, semeando por toda a parte monumentos e boas obras. (Em francês no texto original. (N, dos T.)

Destinado pela Providência para desempenhar o papel lamentável e servil de carrasco das nações, queria convencer-se de que o seu objectivo era o bem dos povos e que podia orientar o destino de milhões de seres fazendo a sua felicidade.

Dos 400 mil homens que atravessaram o Vístula - escreveria mais adiante a propósito da campanha da Rússia - metade eram austríacos, prussianos, saxões, polacos, bávaros, wurtem, burgueses, espanhóis, italianos, napolitanos. Um terço do exército imperial propriamente dito era formado por holandeses, belgas, naturais das margens do Rena, piemonteses, suíços, genebrinos, toscanos, romanos, componentes da 32ª divisão militar, habitantes de Brémen, Hamburgo, etc.; nele apenas 140 mil homens falavam francês. A expedição da Rússia custou menos de 50 mil homens à França actual; o exército russo, na retirada de Vilna para Moscovo e nas diversas batalhas que se travaram perdeu quatro vezes mais homens que o exército francês; no incêndio de Moscovo perderam a vida 100 mil russos, mortos de frio e de fome nas florestas; e por último, na sua marcha de Moscovo até ao Óder, o exército russo foi também castigado pelas intempéries da estação; quando chegou a Vilna, apenas contava 50 mil homens e em Kalisch tinha menos de 18 mil!.

Napoleão pensava, pois, que esta guerra contra a Rússia era obra sua, e o horror do que acontecera não lhe causava a mais pequena emoção. Assumia toda a responsabilidade dos acontecimentos e a sua mente ofuscada achava justificação no facto de entre as centenas de milhares de homens sacrificados haver menos franceses do que bávaros ou habitantes do Hesse.

Capítulo XXXIX

E eis como algumas dezenas de milhares de homens dos mais diversos uniformes jaziam mortos, à mistura, naqueles campos e pradarias, propriedade de um tal Sr. Davydov e dos mujiques da coroa, campos e pradarias onde, durante centenas de anos, os habitantes de Borodino, Gorki, Chevardino e Semionovskoie, todas as estações, invariavelmente, procediam às suas colheitas e levavam os seus rebanhos a pastar. Nas ambulâncias, na área de uma dessiatina, erva e terra estavam empapadas de sangue. Multidões de soldados de diversas armas, feridos ou válidos, o pânico escrito na cara, iam refluindo, uns sobre Mojaisk, outros sobre Valuieva. Massas de homens esgotados de fadiga e mortos de fome, conduzidos pelos seus chefes, continuavam a marchar. E por último outros havia que se mantinham no seu lugar disparando sempre.

Por cima do campo de batalha, tão formoso e alegre algumas horas antes, quando resplandeciam as baionetas ou se esgarçavam os vapores do sol matinal, estendia-se agora um nevoeiro húmido à mistura com fumo donde se desprendia um cheiro estranho e acre a salitre e a sangue. Enevoara-se o céu e uma chuva fina caía sobre os mortos, sobre os feridos, sobre aqueles homens extenuados, tornados de pânico, que principiavam a duvidar. Parecia gritar-lhes: «Basta, basta, infelizes! Cessai... Tomai tento! Que estais a fazer?»

Os soldados de ambos os exércitos, cansados e esfomeados. Principiavam a perguntar-se a si próprios se valeria a pena continuarem a matar-se uns aos outros, e rios seus rostos lia-se a hesitação e em cada alma surgia esta pergunta:

«Porquê, por quem devo eu matar ou deixar-me matar? Matai, vós, a quem quiserdes; fazei o que quiserdes; por mim, não quero mais!» Ao entardecer esta ideia amadurecera em todas as almas. De um momento para o outro estes homens podiam vir a sentir horror pelo que estavam a fazer e abandonar tudo e fugir fosse para onde fosse.

Sem embargo, ainda que no final da batalha estes sentimentos tivessem surgido na alma de todos os combatentes, ainda que todos se tivessem sentido felizes por acabar, uma força incompreensível e misteriosa obrigava-os a, continuar, e, cobertos de suor, negros de pó, sujos de sangue, reduzidos a um terço, extenuados e sem poderem mais, os artilheiros continuavam a transportar as cargas, a carregar as peças, a apontá-las, a inflamar as mechas, e os projécteis, com a mesma velocidade e a mesma crueldade, voavam quer de um lado,

quer do outro, rasgando os corpos humanos, continuando a mesma terrível tarefa que se cumpre não graças a vontade do homem, mas graças à vontade d'Aquele que rege os destinos do mundo inteiro.

Quem quer que tivesse visto as fileiras desorganizadas da retaguarda do exército russo teria pensado que bastava um pequenino esforço dos Franceses para esmagar esse exército. E quem quer que tivesse visto a desorganização dos Franceses teria podido raciocinar da mesma maneira. Mas a verdade é que nem os Franceses nem os Russos faziam esse esforço e o fogo da batalha ia-se apagando pouco a pouco,

Os Russos não faziam esse esforço porque não tinham sido eles quem atacara. De princípio haviam-se limitado a ocupar a estrada de Moscovo, interceptando-a ao inimigo, e nesse posto continuaram até ao fim. Aliás, ainda que o seu objectivo fosse derrotar os Franceses, eram incapazes deste último esforço, uma vez que todo o seu exército estava desorganizado, que todos sofreram com a batalha e que para se manterem nos seus postos tinham perdido metade dos seus efectivos.

Os Franceses, amparados pela recordação de quinze anos de vitórias, certos de que Napoleão era invencível, cientes de que se tinham apoderado de uma parte do campo de batalha, que não haviam perdido senão a quarta parte dos seus homens e que atrás deles ainda, intactos, estavam os vinte mil homens da Guarda, teriam podido facilmente fazer esse esforço. Eram os Franceses, que tinham atacado o exército russo com o objectivo de o desalojar das suas posições, quem devia fazer esse esforço, uma vez que enquanto os Russos continuassem, como no princípio da batalha, a interceptar-lhes a estrada para Moscovo, o seu alvo não fora atingido e inúteis deviam considerar-se todos os seus esforços e todas as suas perdas. A verdade, porém, é que não fizeram esse esforço. Alguns historiadores foram de parecer de que bastaria, Napoleão ter mandado avançar a sua velha Guarda para a batalha ser ganha. Mas quem assim se exprime parece supor que o Outono pode de súbito transformar-se em Primavera, coisa impossível. Se Napoleão não ofereceu a sua Guarda, não foi porque o não quisesse, mas por lhe ser impossível. Tanto os generais, como os oficiais, como os soldados, sabiam que assim era: o estado de desmoralização do exército não o permitia.

Não foi só Napoleão quem sentiu que o seu braço terrível tombava sem força: todos os generais, todos os soldados do exército francês, quer combatentes, quer não combatentes, depois do que tinham visto nas batalhas precedentes, em que o inimigo costumava debandar após uma resistência de um contra dois, haviam sido tomados de um pavor geral na presença de adversário que, após haver perdido metade dos seus efectivos, ali continuava tão ameaçador no fim como no princípio da batalha. A força moral do

exército francês atacante estava exausta. A vitória que os Russos obtiveram em Borodino não foi uma dessas vitórias que se proclamam com trapos hasteados em paus, à maneira de troféus, uma dessas vitórias que se medem pela extensão do território conquistado, mas uma vitória moral, uma dessas vitórias que convencem o adversário da superioridade moral que se lhe opõe e da inutilidade dos seus próprios esforços. A invasão francesa. à semelhança de uma fera enraivada mortalmente ferida na sua carreira, pressentia estar perdida, mas assim como o exército russo, duas vezes mais fraco, não podia ceder, a invasão não podia deter-se. Graças à velocidade adquirida, os Franceses ainda iriam até Moscovo, mas seria aí, sem que as forças russas tivessem de fazer novos sacrifícios, que soçobrariam, perdido que fora todo o seu sangue pela ferida mortal que receberam em Borodino, Uma das consequências directas da batalha foi obrigar Napoleão, sem qualquer motivo definido, a fugir de Moscovo, a bater em retirada pela velha estrada de Smolensk, suportando a perda de um exército invasor de quinhentos mil homens e assistindo à destruição da França napoleónica, sobre a qual, pela primeira vez, em Borodino, se abatera o braço de um adversário com força moral superior.

TERCEIRA PARTE

Capítulo I

A inteligência humana não compreende a continuidade absoluta do movimento. As leis de um movimento qualquer só são inteligíveis ao homem quando lhe é dado examinar separadamente as unidades que o compõem. A verdade porém é que é desta divisão arbitrária do movimento ininterrupto em unidades isoladas que resulta ao mesmo tempo a maior parte dos erros humanos.

Quem há aí que não conheça o sofisma dos antigos segundo c! qual Aquiles nunca apanharia a tartaruga ainda que caminhasse dez vezes mais depressa do que ela? Enquanto Aquiles percorre a distância que o separa da tartaruga, esta ter-se-lhe-á adiantado a décima parte desse espaço e quando Aquiles tiver percorrido essa décima parte, a tartaruga ter-se-lhe-á adiantado a centésima e assim por diante até ao infinito. Este problema afigurava-se insolúvel aos antigos, quando o absurdo da conclusão dada resulta apenas do facto de se decompor o movimento arbitrariamente em unidades, quando o certo é que o movimento de Aquiles e o da tartaruga se produzem ininterruptamente.

Ao tomarmos as unidades de um movimento nas suas parcelas cada vez mais pequenas, não fazemos mais do que aproximarmo-nos de uma solução sem nunca a podermos atingir. Só admitindo as grandezas infinitesimais e a sua progressão ascendente até à décima e depois somando esta progressão geométrica podemos obter a solução do problema. O novo ramo das matemáticas, que é a ciência dos infinitesimais, como sucede com os mais complicados problemas do movimento, resolve agora questões outrora consideradas insolúveis.

No exame destes problemas, admitindo os números infinitesimais, esta nova ciência restabelece as condições fundamentais do movimento, isto é, a sua continuidade absoluta, e por essa razão corrige o erro que a inteligência humana não pode evitar quando estuda as unidades parcelares do movimento em vez do movimento contínuo.

No que diz respeito ao estudo das leis do movimento histórico, a mesma coisa acontece.

O movimento da Humanidade, consequência de inúmeras vontades humanas parcelares, não sofre interrupções. A finalidade da História é a compreensão das leis deste movimento. Mas, para compreender as leis do movimento contínuo resultante da sorna de

todas as vontades humanas, a inteligência tem de admitir unidades parcelares e arbitrárias, O primeiro processo usado pelos historiadores consiste em tornar uma série de acontecimentos que se sucedem e examiná-los separadamente, quando é certo que não há e não pode haver princípio para nenhum acontecimento, pois todos dependem invariavelmente uns dos outros. O outro processo consiste em se considerarem os actos de um homem, rei ou grande general, como a soma das vontades de todos, quando o que acontece é que essas vontades nunca se traduzem na actividade de uma só personagem histórica, seja ela qual for.

A ciência histórica, na sua evolução, admite unidades cada vez menores, procurando deste modo aproximar-se da verdade. Mas, por mais pequenas que elas sejam, chegamos à conclusão de que conceber uma unidade separada das outras, aceitar o começo de um fenómeno qualquer, admitir que a vontade de todos se exprima nos actos de uma só pessoa, é caminho errado.

Toda a conclusão histórica se desfaz em pó, sem deixar rasto atrás de si, sob a pressão de qualquer ínfimo esforço crítico, desde que esta crítica eleja como medida de observação uma unidade maior ou mais pequena, coisa a que tem inteiro direito, visto ser sempre arbitrária a unidade histórica. Só podemos esperar compreender as leis históricas tomando para base das nossas observações a unidade infinitesimal, os diferenciais da História, quer dizer, as tendências uniformes dos homens, e integrando-as, isto é, somando-as umas às outras.

Nos quinze primeiros anos do século XIX milhões de homens se movimentam na Europa. Todos abandonam as suas preocupações habituais, deslocando-se de um lado para o outro do continente, e é vê-los saquear, matar, vencer e desesperarem. Durante estes anos a vida muda, arrastada num movimento de princípio intenso, para depois declinar, Qual a causa de semelhante fenómeno ou quais as leis que o produziram? - pergunta a razão humana.

Os historiadores respondem a esta pergunta expondo-nos os actos e os discursos de uma dezena de homens reunida num edifício da cidade de Paris, e dão a esses actos e a esses discursos o nome de «revolução». Depois oferecem-nos a biografia, em todos os seus pormenores, de Napoleão e de várias outras personalidades simpáticas ou hostis para com essa revolução, referindo-nos as influências que exercem uns sobre os outros, para nos dizerem em seguida: eis aqui a causa desse movimento, e ali as suas leis.

A verdade, porém, é que a nossa razão não só se recusa a admitir esta explicação como declara abertamente ser errónea, uma vez que as causas apresentadas são demasiado débeis para explicar semelhante fenómeno. Foi a soma das vontades humanas que fez a

revolução e que tornou possível Napoleão, e só ela os manteve e aniquilou.

«No entanto», dirá o historiador, «sempre que houve conquistas houve conquistadores; sempre que houve rima revolução houve grandes homens.» De facto, responde a razão, onde houve conquistadores houve guerras, o que não quer dizer que os conquistadores fossem a causa das guerras e que seja possível descobrirem-se as leis a, que essas guerras obedecem nos actos individuais de um único homem. Sempre que olho para o mostrador do meu relógio, quando o ponteiro se aproxima das dez, ouço badalar os sinos da igreja vizinha. Não tenho, porém, o direito de concluir que a posição do ponteiro do meu relógio seja a causa do badalar dos sinos.

Sempre que vejo deslocar-se uma locomotiva, sempre que lhe ouço o apito e vejo mover-se-lhe o êmbolo, não tenho o direito de concluir que o silvo e o movimento das rodas sejam a causa da marcha da locomotiva. Os camponeses estão convencidos de que o vento gelado que sopra no fim da Primavera é provocado pelo rebentar dos renovos do carvalho, e efectivamente, quando na Primavera começam a rebentar os renovos do carvalho, sopra um vento frio. E conquanto eu ignore a razão desse fenómeno, não me é permitido estar de acordo com os camponeses, pois é evidente que o vento não pode depender dos renovos do carvalho.

O fenómeno que observo é o resultado da coincidência de dois factos, o que aliás se verifica em numerosas manifestações naturais, e sou levado a concluir que, por mais que eu estude atentamente a marcha dos ponteiros do meu relógio, o movimento do êmbolo e das rodas da locomotiva ou os renovos do carvalho, não me é possível reconhecer nisso a razão do badalar dos sinos, do movimento da máquina ou do vento da Primavera. Para chegar a uma conclusão aceitável sinto-me na obrigação de modificar inteiramente o meu ponto de vista de observador, estudando as leis do vapor, as leis do som e as do vento. Eis o que o historiador tem de fazer. E o certo é que já se empreenderam ensaios nesse sentido.

No estudo das leis da história é o objecto das nossas observações que precisa de ser modificado, É preciso deixar em paz os reis, os ministros e os generais e procurarem-se os elementos homogéneos e infinitesimais que dirigem as massas. Ninguém pode dizer até que ponto por esse meio se podem chegar a conhecer essas leis, mas não lia duvida de que apenas por esse lado elas se podem apreender e que nesse caminho o espírito humano não fez a milésima parte dos esforços que empregou para descobrir os actos de tantos reis, de tantos chefes militares e de tantos ministros e desenvolver as considerações que esses actos sugerem.

Capítulo II

Exércitos de «doze povos diferentes» da Europa se tinham lançado sobre a Rússia. As tropas e as populações russas batem em retirada, evitando o contacto com o inimigo, em direcção a Smolensk e de Smolensk a Borodino. Os Franceses, animados por uma força propulsora cada vez maior, lançam-se sobre Moscovo, objectivo de todo o seu esforço. Esta força, à medida que, se aproxima do fim, aumenta de volume, de acordo com as leis que regem o movimento de aceleração na queda dos corpos. Na retaguarda do exército, milhares de *verstas* de um país devastado e, inimigo; na sua vanguarda, dezenas de *verstas* separando-o do seu destino. Eis o que cada soldado francês pensa, e a invasão continua por si mesma, graças à força deste impulso.

No exército russo, quanto mais se recua mais se inflama nos corações o ódio contra o inimigo: a retirada concentra e exaspera esse ódio. Em Borodino dá-se o choque. Nenhum dos exércitos cede terreno diante do outro, mas, após o embate, os Russos têm, fatalmente, de continuar a recuar. Como acontece a uma bola, que, jogada contra outra, animada de maior velocidade, tem forçosamente de recuar, assim a bola da invasão, conquanto haja perdido a sua força no embate, tem necessariamente de continuar a rolar por algum tempo.

Os Russos recuam para cento e vinte *verstas* além de Moscovo, os Franceses avançam até Moscovo e detêm-se aí. Nas cinco semanas seguintes, todos os combates cessam. Os Franceses não se mexem. A semelhança de uma fera mortalmente ferida que vai perdendo sangue enquanto lambe os seus ferimentos, ei-los ali imóveis durante cinco semanas, sem tentarem seja o que for, até que por fim, de súbito e independentemente de qualquer motivo, retrocedem. Precipitam-se pela estrada de Kaluga, e embora vitoriosos, pois no combate que se trava em MaloIaroslavetz ficam senhores do campo de batalha, sem travar qualquer combate sério, debandam cada vez mais depressa em direcção a Smolensk e de Smolensk direitos a Vilna, atravessando o no Beresina e assim por diante.

Na noite de 26 de Agosto, Kutuzov, bem como todo o exército russo, estavam persuadidos de que a batalha podia considerar-se ganha. O Sereníssimo comunicou-o mesmo, por escrito, ao imperador. E ordenou que se preparassem para um novo combate com o propósito de dar o golpe de morte ao adversário, não por ser intenção sua enganar

quem quer que fosse, mas apenas por estar persuadido de que o inimigo podia considerar-se vencido, persuasão, aliás, partilhada por todos os actores do drama.

Mas naquela mesma noite e no dia seguinte receberam-se notícias de perdas incríveis: podia considerar-se perdida quase metade do exército, e uma nova batalha era, praticamente, impossível.

Impossível pensar noutra batalha enquanto se não reunissem todas as informações necessárias e os feridos não estivessem recolhidos, as munições renovadas, contados os mortos, os novos comandantes nomeados para substituir os desaparecidos e os homens fortalecidos e devidamente refeitos. E, no entanto, imediatamente após a batalha, na manhã seguinte, o exército francês, accionado por uma força propulsora na razão inversa do quadrado da distancia, põe-se por si mesmo em marcha contra o exército russo. Kutuzov teria querido atacar logo na manhã seguinte e esse era o desejo unânime das suas tropas. Mas para tal se conseguir o desejar não bastava, era preciso o poder também, e essa possibilidade não existia. Era impossível não retroceder uma etapa, depois outra e outra ainda, e, por fim, no dia 1º de Setembro, quando as tropas chegaram a Moscovo - e apesar do animo que se apoderara dos soldados -, o estado das coisas exigiu que retirassem ainda mais. E o exército recuou mais uma etapa, a, última, e a capital rendeu-se ao inimigo.

Aqueles que estão persuadidos de que os chefes militares traçam os seus planos de guerra e a disposição das batalhas, como qualquer de nós, sentado diante de um mapa, pode decidir das medidas a tomar nesta ou naquela circunstância, esses não deixarão de perguntar porque não procedeu Kutuzov, na sua retirada, desta ou daquela maneira, porque não ocupou posições antes de Fili, porque não recuou de uma vez só pela estrada de Kaluga, ao deixar Moscovo, etc. Esquecem ou ignoram as circunstâncias inevitáveis nas quais qualquer chefe militar tem de agir.

O comandante de um exército é obrigado a proceder em condições absolutamente diferentes daquelas que concebemos no silêncio de um gabinete ao elaborarmos, com o mapa diante de nós, os planos de uma campanha, dispondo aqui e ali de forças determinadas e dando início às nossas operações num momento definido. O general-chefe nunca pode estar no «princípio» de um acontecimento, como acontece connosco, teóricos que somos. Vê-se sempre colocado no meio de uma série móvel de circunstâncias, de tal modo que nunca, em momento algum, é capaz de encarar exactamente o valor dos acontecimentos. O facto realizado toma, insensivelmente, pouco a pouco, o relevo que corresponde à importância que tem, e durante o tempo necessário para assim se desenvolver e colocar-se em evidência encontra-se o chefe mergulhado num jogo complicado de intrigas, de preocupações, de conflitos de poder, de projectos, de conselhos,

de ameaças, de fraudes, tendo de responder, a todo o momento, a uma infinita quantidade de perguntas, sempre contraditórias.

Os entendidos em assuntos militares dizem-nos, muito a sério, que Kutuzov teria podido evacuar as suas tropas pela estrada de Kaluga muito antes de Fili e que até mesmo alguém lhe propôs esta solução. Efectivamente, sobretudo nos momentos cri- ticos, o general-chefe tem sempre à sua disposição, em vez de um, dúzias de projectos, E cada um desses projectos, conquanto baseados na estratégia e na técnica, está em contradição com os outros. Dir-se-ia que lhe bastava escolher um deles. Mas até isso lhe é impossível. Tanto os acontecimentos como o tempo não esperam. Propuseram-lhe, suponhamos, no dia 28, seguir pela estrada real de Kaluga, mas eis que ao mesmo tempo chega um ajudante-de-campo de Miloradovitch, que vem perguntar-lhe se se devem atacar imediatamente os Franceses ou se é melhor recuarem, É preciso logo, naquele mesmo instante, transmitir ordens. Ordenar a retirada será condenar-se a um desvio para atingir a estrada de Kaluga. Depois do ajudante-de-campo chega o intendente, que pede instruções sobre o local para onde deve encaminhar os abastecimentos, enquanto o comandante das ambulâncias pergunta para onde deve dirigir os feridos. Entretanto chega um correio de Petersburgo com uma carta do imperador, em que se diz não admitir que se possa abandonar Moscovo. Em seguida, um dos rivais de Kutuzov, que move contra ele uma intriga - há sempre pessoas para tal e muitas vezes mais do que uma -, propõe um novo projecto, diametralmente oposto ao da retirada pela estrada de Kaluga. Aliás, o general-chefe tem necessidade de dormir para reparar as suas forças, mas eis que um digno general se lhe vem queixar de ter sido preterido na atribuição das condecorações, que uns civis lhe vêm implorar protecção, que um oficial enviado para examinar o terreno chega com informações absolutamente opostas às do oficial que o precedera. Um espião, um prisioneiro, bem como o general que fez o reconhecimento, descrevem de maneira completamente diferente posição do exército inimigo. As pessoas que fingem não compreender ou que esquecem as condições em que deve trabalhar o general-chefe desenham-nos um quadro, por exemplo, da posição das tropas em Fili e supõem então que Kutuzov teria podido no dia 1º de Setembro resolver livremente o problema do abandono ou da defesa de Moscovo, quando com o exército a cinco *verstas* da capital semelhante questão não era de formular. E quando foi essa questão resolvida? Em Drissa, em Smolensk e mais claramente do que nunca no dia 24, em Chevardino, e em 26 , em Borodino, e depois, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, na retirada de Borodino para Fili.

Capítulo III

Quando Ermolov, enviado por Kutuzov para a posição, lhe veio dizer ser impossível travar batalha naquele local, em frente dos muros de Moscovo, e que era preciso recuar, o marechal olhou silencioso para ele.

- Dá cá a tua mão - disse-lhe, ele relendo-a entre as suas para lhe tomar o pulso, acrescentou: - Estás doente, meu amigo. Pensa bem no que dizes.

Ainda não podia compreender ser possível abandonar Moscovo sem combate.

Apeou-se do carro, na colina de Poklonaia, a seis *verstas* da barreira de Dorogomilov, e sentou-se num banco à beira da estrada. A sua volta juntaram-se muitos generais. O conde Rostoptchinp, chegado de Moscovo, juntara-se-lhes. Esta brilhante reunião, dividida, em vários grupos, discutia as vantagens e os inconvenientes da posição, o estado das tropas, os planos propostos, o espírito que reinava na cidade e outras questões militares. Embora ninguém o dissesse, e conquanto não tivessem sido convocados para isso, todos sentiam tratar-se de um conselho de guerra. As conversas mantinham-se à volta de problemas de ordem geral. Se se comunicava ou se se tomava conhecimento de casos particulares era em voz baixa e logo se voltava aos assuntos de ordem geral. Não havia nem conversas, nem gracejos, nem risos, nem sequer sorrisos. Era evidente todos procurarem estar à altura das circunstâncias. E conquanto cada um dos grupos se entretivesse em conversas entre os seus componentes, todos procuravam conservar-se não muito longe do general-chefe, cujo banco constituía o ponto de mira geral, todos falando de modo que ele os ouvisse. Kutuzov ouvia e por vezes informava-se sobre o que se estava a dizer perto dele, sem intervir nas conversas nem emitir qualquer opinião. Geralmente, depois de apurar o ouvido, desviava a atenção, desapontado por não ter podido ouvir aquilo que queria saber. Uns, a propósito da posição escolhida, criticavam menos essa posição em si mesma que a competência de quem a escolhera. Outros sustentavam que o erro vinha de mais longe e que já na antevéspera se devia ter aceitado a batalha. Havia ainda quem se referisse à batalha de Salamanca, cujos pormenores haviam sido conhecidos através de um francês de uniforme espanhol que dava pelo nome de Crossart. Este Crossart discutia com um príncipe alemão que prestava serviço no exército russo o cerco de Saragoça, na previsão de a defesa de Moscovo lhe seguir as pisadas. Num quarto grupo. Rostoptchine declarava

estar pronto a morrer com a milícia moscovita defendendo a capital, embora acrescentasse que não podia deixar de lamentar a ignorância em que o tinham conservado e que, noutras circunstâncias, as coisas teriam corrido de outra maneira...

Num quinto grupo, num alarde de profundo conhecimento estratégico, falava-se da direcção que as tropas deviam ter tomado. E havia ainda quem não dissesse senão tolices.

Kutuzov cada vez parecia mais preocupado e mais triste, Em todo aquele linguajar apenas via uma coisa: tamanha era a impossibilidade material de defender Moscovo, no sentido literal da palavra, que, se houvesse um general-chefe tão louco capaz de dar ordem de combate, em vez de uma batalha apenas se veria uma desordem tremenda. Essa batalha não se travaria, pois todos os altos postos eram unânimes em considerar a posição impossível e não falavam noutra coisa senão no que viria a dar-se depois do abandono inevitável daquela posição. Como haviam aqueles generais de dirigir o exército num campo de batalha que eles próprios consideravam impraticável? Os oficiais subalternos f- os próprios soldados, pois todos discutiam o caso, reconheciam também a posição insustentável: não podiam bater-se de antemão certos de que se daria um desastre. É certo que Bennigsen teimava em que se defendesse essa posição, quando outros a criticavam, mas isso não linha importância alguma em si: não passava de pretexto para discussões e intrigas. Kutuzov compreendido perfeitamente.

Bennigsen, que escolhera a posição em causa, vangloriava-se do seu patriotismo, e Kutuzov não o podia ouvir sem franzir o sobrolho. Teimava na defesa de Moscovo. O general-chefe percebia claramente o seu estratagema. Se houvesse um desastre, alijaria sobre ele, que teria conduzido as tropas sem darem batalha até aos montes Vorobi, toda a responsabilidade: no caso contrário, teria o cuidado de chamar a si toda a glória: e, se se recusassem a ouvi-lo, lavaria as suas mãos do crime de ter abandonado a cidade. Estas intrigas, porém, não apoquentavam por então o velho general. Só um problema terrível se lhe formulava e ninguém estava em condições de lhe proporcionar uma solução. Esse problema era o seguinte.

«Teria sido eu quem deixou chegar Napoleão até às portas de Moscovo? E quando o teria feito? Quando? Ontem, quando enviei a Platov ordem de recuar, ou anteontem à noite, quando, meio adormecido, disse a Bennigsen que tornasse, as suas disposições? Ó teria sido ainda antes... Quando, quando é, que se decidiu esta coisa tremenda: Moscovo ter de sido abandonada?

O exército tem de bater em retirada e essa ordem tem de ser transmitida. Dar uma tal ordem afigurava-se-lhe tão espantoso como demitir-se do comando do exército. Além de amar o poder, a que estava habituado, tivera inveja das honras tributadas ao príncipe

Prozorovski, de cujo quartel-general foi agregado na Turquia, e estava convencido de que o destino o escolhera para salvar a Rússia, pois, contra a vontade do imperador, e apenas por virtude da vontade do povo, fora escolhido para o comando supremo. De facto, estava persuadido de que só ele, naquelas críticas circunstâncias, podia encontrar-se à frente do exército, e só ele neste mundo seria capaz de enfrentar o invencível Napoleão, sentindo-se horrorizado com a ideia da ordem que tinha de dar. A verdade, porém, é que era preciso tomar uma decisão: era mister pôr ponto final às conversas daquela gente, que principiavam a adquirir um tom demasiado livre.

Chamou os generais mais antigos.

- *Boa ou má, a minha cabeça só comigo pode contar* – disse, levantando-se para se dirigir a Fili, onde estavam as carruagens.

Capítulo IV

As duas da tarde reuniu-se o conselho de guerra na espaçosa e confortável isbá do camponês André Savostianov. Os homens, as mulheres e as crianças daquela numerosa família tinham-se ido acolher na dependência sem estufa do outro lado do vestíbulo. Apenas ficara empoleirada na estufa uma pequenita de seis anos, a filha de André, Malacha, a quem o Sereníssimo conquistara, quando tomava chá, oferecendo-lhe um pedaço de açúcar, Malacha, tímida e risonha, ia olhando do alto do seu observatório aquelas figuras, aqueles uniformes, aqueles generais, com o peito constelado de medalhas, que entravam uns atrás dos outros e se instalavam no recanto sagrado, nos grandes bancos, debaixo dos ícones. O «avô», como Malacha, mentalmente, chamava a Kutuzov, estava sentado sozinho no recanto escuro da estufa. Esbarrondado numa poltrona, não fazia senão gemer, passando a mão pela gola do dólman, o qual, embora desabotoado, parecia afogar-lhe o pescoço. Os que iam entrando aproximavam-se dele, um de cada vez: a uns apertava a mão, a outros limitava-se a fazer-lhes um aceno com a cabeça. Kaissarov, o ajudante-de-campo, fez menção de afastar a cortina da janela que lhe ficava diante, mas o marechal teve um gesto de impaciência e ele compreendeu que o Sereníssimo não queria que lhe vissem a cara.

Em torno da rústica mesa de pinho, cujo tampo estava coberto de mapas, planos, lápis, papéis, tanta gente se juntou daí a pouco que as ordenanças se viram obrigadas a trazer outros bancos. Neles se sentaram os recém-chegados, Ermolov, Kaissarov e Toll. Precisamente debaixo dos ícones, no lugar de honra, estava Barclay de Tolly, com a cruz de S. Jorge ao peito, o rosto pálido e enfermiço e a grande testa que lhe prolongava a cabeça calva. Estava com febre há dois dias e naquele momento, precisamente, arrepios o faziam estremecer, sentindo-se prostrado. A seu lado. Uvarov, com gestos bruscos, contava-lhe qualquer coisa em voz baixa. Todos, aliás,, falavam da mesma maneira. Dokturov, baixinho e reboludo, de sobrancelhas franzidas e mãos cruzadas sobre o ventre, ouvia em toda a atenção. Do outro lado, o conde Ostermann-Tolstoi apertando entre as mãos a sua grande cabeça de ousada expressão e olhos brilhantes, parecia mergulhado nos seus pensamentos. Raievski, impaciente, alisando os frisados cabelos com um gesto habitual, ora olhava para Kutuzov ora para a porta de entrada. O belo rosto firme e bondoso de Konovnitsine abria-

se num sorriso terno e malicioso. Os seus olhos e os de Malacha tinham-se encontrado e fazia-a rir com trejeitos.

Todos esperavam por Bennigsen, que, a pretexto de examinar novamente a posição, se estava refazendo com um bom repasto. Entre as quatro e as seis horas conversou-se, em voz baixa, sobre assuntos particulares, sem se dar início à discussão.

Só quando Bennigsen apareceu na isbá Kutuzov saiu do seu canto e se aproximou da mesa, mas de modo a que a luz das velas trazidas entretanto lhe não desse em cheio no rosto.

Bennigsen abriu imediatamente a sessão, perguntando se «se ia abandonar sem combate a santa e antiga capital da Rússia ou se, pelo contrário, se ia defendê-la». Seguiu-se um longo e absoluto silêncio. Em todos os rostos surgiu uma expressão carregada, e ouviu-se Kutuzov tossir, resmoneando, irritado, fosse o que fosse. Todos os olhares convergiam para ele. Até Malacha olhava para o «avô». Era ela quem, de mais perto, podia ver contrair-se-lhe o rosto: parecia ir chorar. Foi coisa de segundos.

- A santa, a antiga capital da Rússia! - exclamou, subitamente, repetindo, colérico, as palavras de Bennigsen, como a frisar quanto essas palavras destoavam. - Permita que lhe diga, Excelência, que esta pergunta não tem o mais pequeno sentido para um coração russo. - E enquanto assim falava, o corpo maciço inclinava-se-lhe para a frente. - Não se pode fazer semelhante pergunta e uma pergunta dessas não tem o mais pequeno sentido. Foi por motivos de ordem puramente militar que eu convoquei estes senhores. Ei-los: «A salvação da Rússia está no exército. Qual será mais vantajoso, arriscarmo-nos a perdê-lo, e com ele Moscovo, aceitando a batalha, ou entregar Moscovo sem combate?» Eis o ponto sobre que eu quero conhecer a vossa opinião.

E voltou a enterrar-se na sua poltrona.

A discussão tomou calor. Bennigsen ainda se não considerava vencido. Admitindo a opinião de Barclay e de outros, segundo a qual era impossível travar uma batalha defensiva em Fili, propunha, dominado, dizia, por sentimentos patrióticos e de amor a Moscovo, fazer passar as tropas, durante a noite, do flanco direito para o esquerdo, lançando-se na manhã seguinte sobre a ala direita francesa, As opiniões estavam divididas; discutiram-se os prós e os contras. Ermolov, Dokturov e Raievski estavam com Bennigsen. Ou guiados pela ideia de que era necessário um sacrifício antes do abandono da cidade ou por outra qualquer razão de ordem pessoal, fosse pelo que fosse, pareciam não compreender que aquela reunião não podia alterar a marcha inevitável dos acontecimentos e que Moscovo já estava de facto abandonada. Eis o que compreenderam muito bem os demais, que, deixando de lado a questão de Moscovo, apenas discutiram a direcção que os exércitos

deviam seguir na retirada.

Malacha que seguia atentamente o espectáculo, interpretava de maneira muito diferente o que estava a passar-se. Para ela tratava-se apenas de uma luta pessoal entre o «avô» e o «homem das grandes abas», como chamava a Bennigsen. Via muitíssimo bem que se dirigiam um ao outro iracundos e lá no fundo do seu coraçãozinho tornava o partido do «avô». No decorrer da conversa surpreendeu o olhar rápido e malicioso que este lançara a Bennigsen, e imediatamente percebeu, com grande satisfação, que o «homem das grandes abas» fora posto no seu lugar: Bennigsen corara, subitamente e, furioso, pusera-se a andar de um lado para o outro. As palavras que sobre ele tinham produzido tão grande efeito eram as que Kutuzov pronunciara, numa voz mansa e tranquila, acerca das vantagens e dos inconvenientes da proposta relativa ao ataque da ala direita dos Franceses.

- Não posso, meus senhores - dissera Kutuzov -, aprovar o plano do conde. Movimentos de tropas nas vizinhanças do inimigo são sempre perigosos e a história militar aí está para confirmar o facto. Assim, por exemplo... - Pareceu querer reflectir e lançou um olhar ingénuo e claro ao antagonista, como se procurasse um exemplo ali bem próximo. - É o caso da batalha de Friedland, que, como o conde se deve lembrar muito bem, assim o espero, não foi... o que se pode dizer um êxito, apenas porque as nossas tropas se tinham reagrupado a uma distancia demasiado próxima do adversário...

Seguiu-se um breve silêncio que a todos pareceu muitíssimo longo.

A discussão recomeçou, entrecortada de frequentes interrupções: sentia-se que, já não havia matéria para mais dissertações.

Durante uma destas interrupções, Kutuzov soltou um grande suspiro: parecia querer falar. Todos voltaram para ele os olhos.

- *Bem, meus senhores, já vi que eu é que tenho de pagar os vidros partidos!* - disse ele. E, erguendo-se com dificuldade, aproximou-se da mesa. - Meus senhores, ouvi o que cada um pensa. Alguns dos senhores não são, com certeza, da minha opinião. Mas eu - acrescentou, depois de uma ligeira pausa - mercê dos poderes que me foram conferidos pelo imperador e pela Pátria, ordeno a retirada.

Pouco depois os generais separavam-se, com essa circunspecção solene e calada com que se costumam separar as pessoas que assistiram a um funeral.

Alguns deles, em voz baixa, e num tom muito diferente daquele que tinham durante o conselho, dirigiram algumas palavras ao general-chefe.

Malacha, que esperava havia muito pelo jantar, deixou-se deslizar do seu miradouro, cautelosamente, de costas, fixando os seus pèzinhos descalços nas saliências da estufa, e desapareceu pela porta, esgueirando-se por entre as pernas dos militares.

Depois de se despedir dos generais, Kutuzov deixou-se ficar, por muito tempo, sentado, com os cotovelos em cima da mesa, pensando sempre na mesma tremenda pergunta: «Quando é que se decidiu então que Moscovo seria abandonada? Quando ficou isso resolvido e quem era o responsável?»

- Ah! Não era isto que eu esperava! - disse para o ajudante-de-campo, Schneider, que viera vê-lo já noite adiante. - Não esperava isto! Nunca julguei que se desse uma coisa destas!

- É melhor ir descansar, Excelência - disse-lhe Schneider - Pois bem, já que assim querem, obrigá-los-ei a comer carne de cavalo, como aos Turcos - exclamou, de súbito, sem responder ao ajudante-de-campo, deixando cair o grosso punho em cima da mesa- Sim, também a hão-de comer, ou então...

Capítulo V

Entretanto, e num caso ainda mais grave que o da retirada do exército sem combate, o do abandono e incêndio de Moscovo, Rostoptchine, que aparece como o agente executor desse acontecimento, agia de forma muito diversa de Kutuzov.

Este grave acontecimento - o abandono e o incêndio de Moscovo - era tão inevitável como a retirada das tropas para além de Moscovo depois da batalha de Borodino.

Nenhum russo houve, não por dedução lógica, mas em virtude desse sentimento que lhe enchia o coração, como já acontecera com os seus antepassados, que não previsse o que ia suceder.

Depois da tomada de Smolensk, em todas as cidades e povoações russas, sem ser precisa a intervenção do conde Rostoptchine nem das suas proclamações, aconteceu precisamente o mesmo que em Moscovo. O povo esperou calmamente o inimigo, sem se revoltar, sem se agitar, sem atentar contra a vida de ninguém: esperou tranquilamente a sua hora, certo de que, nas circunstâncias mais trágicas, saberia achar a decisão que convinha. A medida que o inimigo se aproximava, as classes mais abastadas retiravam-se, abandonando os seus haveres; as mais pobres ficaram e incendiaram e destruíram o que restava.

Todos os russos sentiam que tinha de ser assim e que assim seria sempre. Esta convicção, sobretudo o pressentimento de que Moscovo seria tomada, espalhara-se por toda a sociedade moscovita de 1812. Aqueles que, a partir de Julho e do começo de Agosto, largaram da cidade mostraram esperar isso mesmo. Os que abalaram levando consigo o que podiam e abandonando as suas casas e grande parte dos seus haveres agiram desse modo impelidos por um patriotismo latente que se não traduz nem em frases nem no assassínio dos filhos em nome da salvação da Pátria ou quejandos actos antinaturais, mas se exprime sem alarde, simplesmente, de maneira natural, e que por isso mesmo dá sempre os melhores resultados.

«É uma vergonha fugir do perigo, só os cobardes procedem assim», diziam-lhes. Rostoptchine, nas suas proclamações, dava-lhes a entender que esse procedimento era uma desonra. Apesar de mortificados por se verem tratados como poltrões e lhes custar partirem, mesmo assim abalavam, pois sabiam que tinha de ser. E porque se iam embora? Não, com certeza, por se sentirem alarmados pelo que dissera Rostoptchine sobre as

atrocidades que Napoleão praticava nos países conquistados. Abalavam, e os ricos, as pessoas cultas, eis quem partia primeiro, eles, que sabiam perfeitamente que Viena e Berlim estavam intactas e que durante a ocupação os habitantes passavam o seu tempo muito divertidos na companhia desses franceses, gente sedutora, de quem os Russos tanto gostavam, especialmente as mulheres.

Partiam porque, para os Russos, não se punha a pergunta de se seria bom ou mau viver sob a administração francesa, Não era possível ali ficar: para eles, seria o pior que lhes podia acontecer. Partiam mesmo antes de Borodino e ainda mais depressa depois desta batalha, sem quererem saber das proclamações relativas à defesa da cidade, apesar de o governador de Moscovo ter anunciado a «saída» da Virgem Iverskaia e a sua intenção de se alistar, e dos balões que deviam matar todos os franceses, e, de todos os despautérios que Rostoptchine proclamava nos seus editais. Sabiam muitíssimo bem que era o exército que devia bater-se e que se este se mostrava incapaz não era com as filhas dos criados que eles podiam enfrentar Napoleão em Tri Gori, e que o que havia a fazer era partir, por mais que lhes custasse abandonar os seus haveres. E lá iam, sem se deterem a pensar na majestade daquela enorme e rica capital abandonada pelos seus habitantes e destinada, sem dúvida, a ser pasto das chamas, pois não destruir ou reduzir a cinza casas vazias eis coisa extraordinária para a gente russa. Iam por iniciativa individual e, apesar disso, graças ao facto de partirem, cumpria-se esse acto magnífico que ficará para todo o sempre com a maior gloria do povo russo. Até aquela senhora que já no mês de Junho, seguida dos seus negros e dos seus bobos, abandonava Moscovo, para se refugiar nas suas propriedades de Saratov, sentia confusamente que nunca poderia ser criada de Bonaparte. E apesar do receio de ser presa às ordens de Rostoptchine, realizava simples e naturalmente a grande obra que salvaria a Rússia. E o conde Rostoptchine, que tão depressa envergonhava os que fugiam como ordenava que se fechassem as repartições públicas; que umas vezes distribuía entre o povo embriagado armas que para nada serviam, organizando procissões pelas ruas, outras proibia o metropolita Augustin de o fazer: que requisitava agora todos os carros particulares existentes na cidade e logo utilizava cento e trinta e seis carroças para transportar o famigerado balão de Leppich; que tanto declarava ir deitar fogo a Moscovo como que incendiara a sua própria casa enquanto numa proclamação aos Franceses os censurava solenemente por haverem saqueado o asilo de crianças por ele fundado; que ora, se vangloriava do incêndio de Moscovo ora o reprovava; que ora dava instruções ao povo para deitar a mão aos espies e trazer-lhos ora o condenava por o ter feito: que ora expulsava de Moscovo todos os franceses ora deixava em paz Madame Aubert-Chalmé, sob cujo tecto se reunia toda a colónia daquele país, quando, sem qualquer motivo especial,

mandava prender e deportar o velho e venerando director dos correios, Kliutcharev; que ora mandava convocar o povo para se reunir em Tri Gori e marchar contra os Franceses ora, para se ver livre da multidão, lhe entregava um homem para que ela o liquidasse enquanto ele próprio fugia pela porta das traseiras; que ora dizia que não sobreviveria às desgraças de Moscovo ora escrevia num álbum, em francês, uma quadra sobre o pape' que então estava a desempenhar *(1),* esse homem nada percebia dos acontecimentos que estavam a dar-se, apenas queria fazer fosse o que fosse, pôr-se em evidência, realizar um feito patriótico, brincando como uma criança enquanto se cumpria esse acto formidável e fatal que foi a, evacuação e o incêndio de Moscovo. Com os seus bracinhos de criança, ora tratava de espicaçar ora de deter essa imensa torrente popular que tudo arrastava no seu curso.

(1)
Je suis ne Tartare
Je voutus étre Romain.
Les Français m'appelèient barbare,
Les Russes. Georges Dardin,

(Nasci tártaro
Quis ser romano.
Os Franceses chamaram-me bárbaro
Os Russos, Georges Dandin.)
(Nota de Tolstoi.)

Capítulo VI

Helena, que regressara de Vilna a Petersburgo com a corte, encontrava-se numa situação embaraçosa.

Em Petersburgo gozava da protecção muito especial de um magnate que ocupava um dos mais altos postos do Estado. Em Vilna tornara-se íntima de um jovem príncipe estrangeiro. No seu regresso encontrou-se com o príncipe e o magnate, e ambos quiseram fazer valer os seus direitos, o que a obrigou a resolver um problema inédito na sua carreira: manter relações intimas com os dois sem ofender qualquer deles.

Isto, que teria parecido difícil e até impossível a qualquer outra, não obrigou a condessa Bezukov a um momento sequer de reflexão, ou não tivesse ela fama de mulher superior. Se tem dissimulado o seu procedimento, servindo-se de subterfúgios para evitar complicações, teria deitado tudo a perder, pois seria como confessar-se culpada. Pelo contrário, procedendo como um grande homem capaz de conseguir tudo o que quer, imediatamente se colocou na situação de quem tem razão, razão em que ela, aliás, acreditava sinceramente, atribuindo a culpa aos outros.

A primeira vez que o mancebo estrangeiro se permitiu censurá-la, ela ergueu altivamente a sua bela cabeça e, meia voltada para ele, disse-lhe:

- Aqui têm o egoísmo e a crueldade dos homens! Não contava com outra coisa. Sacrifica-se uma mulher, e aqui têm a recompensa. Que direito tendes vós, monsenhor, de me pedirdes contas das minhas amizades, dos meus afectos? Esse homem foi um verdadeiro pai para mim.

O príncipe quis dizer fosse o que fosse, mas ela interrompeu-o:

- Sim, está bem - prosseguiu - *pode ser que ele alimente por mim sentimentos que não são propriamente de um pai, mas isso não é razão para eu lhe dar com as portas na cara. Não sou homem para ser ingrata. Fique sabendo, monsenhor, que em tudo que diz respeito aos meus sentimentos íntimos só a Deus e à minha consciência presto contas.*- E dizendo o que, pousou a mão sobre o seu belo seio, que se soerguia emocionado, ao mesmo tempo que levantava os olhos para o céu.

- Mas ouça-me, por amor de Deus. Case comigo, e eu serei sua escrava.

- Mas é impossível.

- Não quer descer até mim, bem vejo... - E rompeu a chorar.

O príncipe procurou consolá-la. Helena, chorando sempre, disse-lhe- como se, não

desse conta das suas palavras, que nada a podia impedir de se casar, pois havia casos de divórcio (não eram muitos os que então havia, mas Helena citou o de Napoleão e outras grandes personalidades), que nunca fora mulher do seu marido, que era, apenas a sua vítima.

- Mas as leis, a religião... - replicou o moço, que principiava a transigir.

- As leis, a religião... Mas para que teriam elas sido feitas se, não servissem para isso?

O príncipe, surpreendido com o facto de ainda não ter pensado no caso, coisa tão simples e razoável, foi dali pedir conselho aos reverendos padres da Companhia de Jesus, com quem mantinha estreitas relações.

Alguns dias depois, numa dessas encantadoras festas que Helena costumava oferecer na sua residência de Kamenn! Ostrov, apresentaram- lhe uma personagem de certa idade, de cabelos brancos como neve e brilhantes olhos pretos, o sedutor Monsieur de Jobert, um jesuíta de sotaina curta. No jardim iluminado e enquanto a orquestra tocava, por muito tempo este padre falou a Helena do amor de Deus e de Cristo, do Sagrado Coração de Maria e do consolo que nesta vida e na outra promete a religião católica. Helena comoveu-se, por várias vezes sentiu as lágrimas nos olhos, como, aliás, o próprio Monsieur de Jobert, e a voz tremeu-lhe. Alguém se aproximou de Helena convidando-a para dançar e interrompeu esta conversa com o seu futuro director espiritual; mas no dia seguinte Monsieur de Jobert passou o serão em casa de Helena e daí para o futuro tornou-se íntimo da condessa.

Um dia acompanhou Helena à igreja católica e Helena ajoelhou diante do altar que ele lhe indicara. O insinuante velho pousou-lhe as mãos na cabeça e ao sentir este contacto, assim ela o contaria mais tarde, foi como se um sopro de ar fresco lhe Perpassasse pela alma. Explicaram-lhe que era a graça.

Depois enviaram-lhe um sacerdote de sotaina comprida, que a confessou e lhe deu a absolvição. No dia seguinte trouxeram-lhe a comunhão numa caixa que lhe deixaram em casa à disposição. Alguns dias depois veio a saber, com grande alegria sua, ter dado entrada na verdadeira igreja católica, que o próprio papa ia ser posto ao corrente desse facto e que lhe enviaria, tal propósito, um documento autêntico.

Tudo o que estava a acontecer por esse tempo, a atenção que lhe consagravam pessoas tão inteligentes, exprimindo-se de uma forma tão agradável e tão distinta, e a sensação de se sentir pura como uma pomba - por então usava vestidos brancos enfeitados com laços da mesma cor -, tudo isso lhe dava um grande prazer, mas a verdade é que, apesar de tudo, nem por um só momento desistia do seu objectivo. E como sempre acontece quando entra em cena, a malícia, que é o mais néscio quem vergar, o mais

inteligente, percebendo que o objectivo de todas aquelas palavras e preocupações consistia principalmente em arrancarem-lhe dinheiro em benefício dos Jesuítas, depois de a terem convertido ao catolicismo, insinuação que já lhe fora feita. Helena, antes de entregar a importância, insistiu em submeter-se a todas as operações que pudessem libertá-la do marido. Segundo ela, a religião devia servir para manter certas conveniências na satisfação dos desejos humanos. E foi assim que numa das suas conversas com o confessor exigiu que ele lhe dissesse formalmente até que ponto ela estava ligada pelo matrimónio.

Estavam ambos sentados no salão, ao pé da janela, Caía a tarde. O perfume das flores penetrava pela vidraça aberta. Helena tinha um vestido branco que não lhe tapava o colo e os ombros. O padre, bem alimentado, as faces cheias, barbeadas de fresco, a boca agradável e firme, as brancas mãos cruzadas sobre os joelhos, em atitude beata, estava sentado ao lado de Helena, e com um fino sorriso nos lábios olhava para ela de tempos a tempos, embriagado pela sua beleza, enquanto lhe expunha o seu ponto de vista sobre a questão que a interessava. A condessa, sorrindo, com inquietação, ia olhando para aquele homem de cabelo encaracolado, faces cheias e sombreadas depois da recente passagem da navalha, esperando a todo o momento que a conversa tornasse um rumo novo. O sacerdote, porém, embora visivelmente perturbado com os encantos da interlocutora, abandonava-se ao prazer de expor com arte o seu pensamento.

O director espiritual raciocinava nestes termos: «Ignorando os deveres que assumia, jurou fidelidade a um homem que, pela sua parte, contraindo o matrimónio sem pensar na importância religiosa desse sacramento, cometeu um verdadeiro sacrilégio. Este casamento não teve o carácter recíproco que lhe é próprio. Não obstante, o seu juramento conta. Se amanhã o vier a quebrar, qual será o seu pecado? *Um pecado venial* ou um pecado mortal? *Um pecado venial,* pois não houve da sua parte má intenção ao praticá-lo. Se agora viesse a contrair novo casamento, na esperança de ter filhos, o seu pecado podia ser-lhe perdoado. Mas o problema assume agora duplo aspecto, o primeiro...»

- Eu pensava - disse, de súbito, Helena, enfadada com todos aqueles discursos, e com o mais sedutor dos seus sorrisos -, eu pensava que, desde o momento em que abracei a verdadeira religião, deixaria de estar ligada pelas obrigações impostas pela falsa religião.

Surpreendeu-se o director espiritual ao ver apresentar-se-lhe com tanta simplicidade o problema do ovo de Colombo. Entusiasmado com os rápidos e imprevistos progressos da discípula, não quis, porém, renunciar à exposição dos seus argumentos sérios e bem fundamentados.

- *Entendarno-nos, condessa* - exclamou, sorrindo, e pôs-se relutar os raciocínios da sua filha espiritual.

Capítulo VII

Helena compreendeu que a questão do ponto de vista religioso era muito fácil e simples, mas que os seus guias espirituais apenas levantavam dificuldades receosos da maneira como as autoridades laicas acolheriam estes projectos.

E nestas condições decidiu ser preciso preparar a opinião pública. Provocou ciúmes no seu velho protector, dizendo-lhe pouco mais ou menos o mesmo que dissera ao primeiro pretendente, isto é, apresentou-lhe as coisas de tal modo que a conclusão a tirar era que para ter sobre ela quaisquer direitos seria preciso desposá-la. No primeiro momento, a surpresa do ancião perante a proposta de se casar com uma senhora que tinha marido foi tão grande como a do jovem, mas a imperturbável segurança de Helena, dizendo-lhe que o caso era tão simples e natural como se se tratasse de uma donzela, acabou por influenciá-lo da mesma maneira. Se ela tivesse tido a menor hesitação, se tivesse mostrado a mais ligeira vergonha ou o mínimo escrúpulo, a partida estaria perdida para ela. Mas foi com toda a sinceridade e a mais cândida bonomia que contou aos seus amigos íntimos, isto e, a Petersburgo inteira, que o príncipe e o magnate se lhe tinham declarado os dois e que ela não queria magoar nem um nem o outro.

Instantaneamente, espalhou-se por Petersburgo que Helena pensa divorciar-se. Semelhante notícia teria provocado reparos se se não tivesse sabido ao mesmo tempo que a infeliz e interessante Helena estava perplexa sem saber qual dos dois pretendentes escolher. Não se tratava já de saber se isso seria possível, mas apenas qual seria o partido mais vantajoso e como encararia a corte o casamento. É certo que, havia pessoas de ideias retrógradas, incapazes da elevação de espírito suficiente para estarem à altura da questão, pois encaravam esse projecto como uma verdadeira profanação do sacramento do matrimónio, mas eram poucas e não faziam comentários, enquanto a maioria não pensava senão na felicidade de Helena e na escolha que ela faria. Nem uma palavra, porem, no que dizia respeito a considerar-se legítimo ou reprovável o facto de ela se casar estando vivo o marido, pois, dizia-se, o assunto já fora resolvido por pessoas «mais instruídas do que qualquer ele nós», e por em dúvida a sensatez de uma tal resolução seria arriscarmo-nos a fazer figura de parvos ou descorteses.

Só uma pessoa ousou pronunciar francamente a sua opinião, contrária à de todos os

demais: Maria Dmitrievna Akrossimova, que viera a Petersburgo visitar um dos seus filhos. Tendo encontrado Helena num baile, deteve-a no meio do salão e, na sua voz rude disse-lhe em voz alta, quando à roda o silêncio era geral: «Com que então cá por estes sítios é costume agora as pessoas casarem com os maridos vivos? Julgas que inventaste, alguma coisa nova? Estás atrasada, minha amiga. Há muito que isso se inventou. Fazem-no todas...» E dizendo o que. Maria Dmitrievna arregaçou as largas mangas do seu vestido, num gesto ameaçador que lhe era habitual, e, depois de a olhar severamente, continuou o seu caminho.

Conquanto a temessem, Maria Dmitrievna em Petersburgo gozava da fama de meio doida e foi assim que da sua algaraviada apenas ficou no ouvido dos que assistiram à cena a palavra grosseira que ela empregou no fim. Repetiam-na em voz baixa e só nessa palavra lhe saboreavam o sal da peroração

O príncipe Vassili, que nos últimos tempos se esquecia muito e estava sempre a repetir a mesma coisa, dizia sempre a filha quando acontecia encontrá-la:

- *Helena, tenho ama palavra a dizer-te.* - E, travando-lhe do braço, afastava-se com ela para um canto. - *Chegaram-me aos ouvidos certos projectos relativos a... Sabes. Pois bem, minha querida filha, fica sabendo que o meu coração de pai se regozija de te saber... Tens sofrido tanto... Mas, querida filha, só deves ouvir o teu coração. É tudo quanto tenho a dizer-te.*

E, escondendo a emoção de encomenda, esfregava a cara de encontro à da filha, afastando-se.

Bilibine, sempre com a reputação de homem extremamente espirituoso e amigo desinteressado de Helena, amigo no género costumado entre as mulheres da moda, um amigo que nunca se enamora da sua amiga, Bilibine exprimiu um dia, numa pequena reunião, à sua íntima, tudo quanto pensava do seu caso.

- *Ouça, Bilibine* - disse-lhe Helena, que tratava sempre os seus amigos desta categoria pelo apelido de família; e enquanto ia falando pousava a sua branca mão cheia de anéis na manga do fraque de Bilibine. - *Diga-me como se fosse a uma irmã, que devo eu fazer? Qual dos dois?*

Bilibine franziu a testa e com um sorriso nos lábios pôs-se a reflectir.

- *Não me apanha desprevenido, sabe* - replicou ele.- *Como seu verdadeiro amigo, estou farto de pensar no seu caso, Aqui tem, se casar com o príncipe* - (isto é, o rapaz) e principiou a contar pelos dedos -, *perderá para sempre a possibilidade de casar com o outro, e depois descontentará a Corte. (Como sabe, há uma espécie de parentesco.) Mas, se casa com o velho conde, fará a felicidade dos seus últimos dias, e depois, como viúva do grande... o príncipe já não faz um casamento desigual casando consigo.* - E Bilibine desfranziu a testa.

- *Chama-se a isto um verdadeiro amigo* - exclamou Helena, radiante, pousando de novo a

mão na manga do fraque do amigo. - *Mas eu gosto de um e de outro, não queria causar-lhes pena. Dava a vida pela felicidade dos dois.*

Bilibine encolheu os ombros, com o que queria dizer que nada podia contra semelhante dor.

«Uma mulher às direitas! Chama-se a isto pôr as cartas na mesa. Gostaria de casar com os três ao mesmo tempo», pensou ele com os seus botões.

- Mas, diga-me uma coisa, como vai o seu marido encarar o problema? - interrogou ele, partindo do princípio de que a sua sólida reputação lhe permitia formular uma tão ingénua pergunta. - Consentirá ele?

- *Ah, ele gosta tanto de mim!* - exclamou Helena, que se julgava também amada por Pedro.- Fará tudo por mim.

A testa de Bilibine sulcou-se de rugas, o que queria dizer que estava preparando um mot.

- *Até divorciar-se* - comentou, Helena soltou uma gargalhada.

A mãe de Helena, a princesa Kuraguina, pertencia ao número das pessoas que se permitiam duvidar da legalidade do casamento projectado. Sempre tivera ciúmes da e agora, sobretudo, não podia resignar-se à ideia de que os desejos desta se realizassem plenamente. Foi junto de um sacerdote russo aconselhar-se e perguntou-lhe até que ponto seria possível uma mulher divorciar-se e voltar a casar estando vivo o marido- O padre, respondeu-lhe que tal coisa não era possível e com grande satisfação sua mostrou-lhe o texto do Evangelho que nega terminantemente toda a viabilidade do casamento em semelhantes condições.

Munida destes argumentos, que se lhe afiguravam irrefutáveis, a princesa apresentou-se em casa da filha logo pela manhã muito cedo, de modo a encontrá-la só.

Após ter ouvido as objecções da mãe, um sorriso tranquilo e zombeteiro lhe perpassou pelos lábios.

- Sim, está lá escrito formalmente: «Aquele que casar com mulher divorciada...» - repetia a velha princesa.

- *Oh, mãezinha, não diga tolices. Não percebe nada. Na minha posição tenho deveres.* - retorquiu-lhe Helena, transpondo a conversa do russo para o francês, pois, quando falava russo, afigurava-se-lhe sempre que havia fosse o que fosse de pouco claro naquela história.

- Mas, minha amiga

- *Oh, mãezinha, como assim? Então não compreende que o Santo Padre tem o direito de conceder dispensas...*

Nesse momento, a dama de companhia de Helena veio anunciar-lhe que Sua Alteza o

príncipe estava no salão e desejava vê-la.

- *Não, diga-lhe que o não quero ver, que estou furiosa com ele, porque faltou à sua palavra.*

- *Condessa, todo o pecado tem perdão* - exclamou um jovem louro, alto, esguio e de grande nariz, que aparecera a porta.

A velha princesa ergueu-se e fez uma respeitosa reverência. O recém-chegado nem mesmo se dignou reparar nela. Com um aceno de cabeça à filha, a princesa dirigiu-se para a porta.

«Sim, ela tem razão», dizia de si para consigo, pois, ao ver surgir Sua Alteza, todos os seus escrúpulos haviam desaparecido. «Tem razão. Como foi possível que ignorássemos isto quando éramos novas? E no entanto é tão simples...», pensava ela, ao subir para a carruagem.

No princípio de Agosto, o caso de Helena estava inteiramente concluído e esta escreveu ao marido, que a amava tanto, como ela pensava, a participar-lhe estar na intenção de se casar com N. N, e que se convertera à única religião verdadeira. Pedia-lhe que satisfizesse todas as formalidades necessárias para o divórcio consoante a indicação do portador da carta.

«Posto isto, rogo a Deus que o tenha sob a Sua poderosa e santa guarda. Sua amiga, Helena.»

Esta carta chegou a casa de Pedro quando ele se encontrava no campo de Borodino.

Capítulo VIII

Para o fim da batalha, depois de abandonar pela segunda vez a, bateria de Raievski, Pedro dirigiu-se, entre massas de soldados, através de um barranco, para Kniaskovo, chegando ao posto de socorros, Porém, ao ver sangue e ao ouvir gemidos, deu-se pressa em continuar o seu caminho, misturando-se à soldadesca, que lhe embaraçava os movimentos.

Só desejava uma coisa e com toda a sua alma: afastar-se o mais depressa possível das terríveis impressões de todo aquele dia, retomar a sua vida normal e dormir tranquilamente na sua cama. Dava-se conta de que só depois de regressar às condições de vida normal seria capaz de se compreender a si mesmo e tudo o que vira e experimentara, Mas ainda não obtivera essas condições de vida.

Embora as granadas e as balas houvessem deixado de sibilar no caminho que tomara, por toda a parte se via o que observara no campo de batalha. Viam-se as mesmas caras dolorosas, extenuadas de cansaço e por vezes com uma expressão de estranha indiferença, havia sangue por toda a parte, por toda a parte se viam os mesmos capotes de soldados e se ouviam descargas, que, embora longínquas, causavam medo, e por cima de tudo isto pairava uma poeira e uma fumarada asfixiantes. Depois de ter andado cerca de três *verstas* ao longo da estrada de Mojaisk. Pedro sentou-se à beira do caminho.

Escurecia e deixara de se ouvir o troar do canhão. Apoiando-se num braço, Pedro estendeu-se e por muito tempo assim permaneceu, seguindo com a vista as sombras que passavam diante dele no meio das trevas. A cada momento tinha a sensação de que uma granada lhe ia cair em cima com um silvo tremendo. Estremecia então e punha-se direito. Não teria sido capaz de dizer quanto tempo ali estivera. Lá pela noite adiante, apareceram três soldados com braçadas de ramos secos e sentaram-se perto dele para acenderem uma fogueira.

Depois de terem olhado desconfiados para Pedro, acenderam o lume, puseram-lhe em cima uma panela e migaram-lhe dentro biscoitos e um pedaço de toucinho. O cheiro agradável daquela sopa gordurosa espalhou-se no ar, misturando-se ao do fumo. Pedro levantou-se com um suspiro. Os três soldados começaram à comer sem olhar para ele, conversando entre si.

- E tu, a que regimento pertences? - perguntou-lhe, de súbito, um deles, com o que queria dizer, assim o pensou Pedro: «Se queres comer, conta connosco, mas, antes, diz-nos se és pessoa de bem.»

- Eu? Eu? - murmurou Pedro, sentindo que devia descer até ao nível daqueles soldados para mais perto estar deles e mais facilmente se fazer compreender. - Eu, por agora, sou oficial das milícias, mas o meu destacamento não está para estes lados. Estive no campo de batalha e perdi-me dos meus homens.

- Caramba! - exclamou um deles.

O outro abanou a cabeça.

- Bom, come, se te apetece, gostas de *kavardak?* - voltou e primeiro, oferecendo a Pedro a colher de pau, depois de a ter lambido.

Pedro foi sentar-se junto da fogueira e pôs-se a comer. Parecia-lhe nunca ter comido coisa tão boa! Enquanto se agachava junto da panela, engolindo avidamente, umas atrás das outras, grandes colheradas de sopa, tinha o rosto iluminado pela fogueira e os soldados olhavam-no em silêncio.

- E para onde vais agora? Hem? - perguntou ainda um deles.

- Vou para Mojaisk.

- És um senhor, não és?

- Sou.

- E como te chamas?

- Piotre Kirilovitch.

- Pois bem, Piotre Kirilovitch, anda daí. Nós te acompanharemos.

No meio da mais negra escuridão, os soldados e Pedro meteram pés a caminho, na direcção de Mojaisk.

O galo já tinha cantado quando eles chegaram a esta cidade e se puseram a subir a íngreme ladeira que a ela conduz. Pedro, seguindo os soldados, esquecera-se por completo de que a sua estalagem ficava lá no fundo da encosta e que a ultrapassara já. Não teria dado mesmo por isso, tão preocupado ia, se a meio da ladeira não se lhe tivesse deparado o escudeiro, que andara à procura dele pelas ruas da cidade e regressava à estalagem. Reconhecera o amo no meio das trevas graças ao chapéu alvadio.

- Excelência - exclamou ele -, tínhamos perdido as esperanças de o encontrar. Vem a pé? Venha daí!

- Pois sim - murmurou Pedro.

Os soldados estacaram.

- Bem, pelo que vemos, encontraste a tua gente! - exclamou um deles. - Então, adeus!

Piotre Kirilovitch, não é?

- Adeus, Piotre Kirilovitch! - repetiram os outros.

- Adeus! - disse Pedro. E, acompanhado do escudeiro, dirigiu-se para a estalagem.

«É preciso dar-lhes qualquer coisa!», pensou, levando a mão à algibeira. «Não! É melhor não o fazer!», respondeu-lhe uma voz interior.

Na estalagem não havia lugar: todos os quartos estavam ocupados. Pedro dirigiu-se ao pátio e deitou-se na carruagem, cobrindo a cabeça com o capote.

Capítulo IX

Mal pousara a cabeça na almofada, sentiu que ia cair no sono, mas, de súbito, com uma nitidez que parecia real, pôs-se a ouvir os «buum, buum» dos canhões, os gemidos, os gritos, o estampido das granadas, sentia o cheiro da pólvora e do sangue derramado e um terrível sentimento de horror e medo da morte se apossou dele. Apavorado, abriu os olhos e levantou a cabeça. Tudo estava em sossego à sua volta. Apenas, no alpendre, um impedido falava com o estalajadeiro, para cá e para lá, patinhando na lama. Debaixo do telheiro, por cima da sua cabeça, abrigados no escuro do tecto ripado, um bando de pombos agitou-se assustado com o ruído que ele fizera ao levantar-se. Todo e pátio rescendia àquele aroma de que Pedro tanto gostava a essa hora, a esse cheiro das estalagens, misto de palha, de estrume e alcatrão. Pelo intervalo de duas tábuas negras via-se o céu límpido picado de estrelas.

«Louvado seja Deus por tudo ter acabado», disse ele para si mesmo, tornando a cobrir a cabeça. «Oh! É horrível uma pessoa ter medo! Que vergonha não me ter sabido dominar! Enquanto eles... eles, até ao fim, ali firmes e tranquilos.»

«Eles» eram os soldados, os da bateria e também os que lhe tinham dado de comer e os que rezavam diante do ícone. «Eles» era aquela gente estranha que desconhecera até então e que no seu pensamento fazia esquecer agora todas as demais pessoas que conhecia.

«Ser soldado, soldado raso», pensava enquanto pegava no sono. «Aderir com todo o nosso ser a esta vida comum, penetrar nos sentimentos que assim os fizeram, Como hei-de eu ver-me livre de todo este fardo supérfluo, diabólico, que é a vida exterior? Houve tempo em que teria podido consegui-lo, em que teria podido vir a ser um simples soldado. Podia ter fugido de casa de meu pai, como era meu desejo. E também me podiam ter mandado assentar praça depois do duelo com Dolokov.» E pela imaginação perpassaram-lhe o jantar no clube, em que provocara Dolokov, e a imagem do Benfeitor em Torjok. E ei-lo que se põe a ver a sessão solene na loja maçónica. Por acaso é no clube inglês. Alguém que ele muito bem conhece, um amigo querido e íntimo, está sentado no extremo da mesa. Mas é ele! É o Benfeitor. «Mas então não morreu?», pergunta-se a si próprio. «Sim, morreu. E não sabia que ele estava vivo. Que pena eu tinha que ele tivesse morrido e que grande alegria sinto ao ver que ressuscitou!» A um dos lados da mesa sentavam-se Anatole, Dolokov,

Nesvistski, Denissov e outras pessoas mais, e os traços de cada um pareciam-lhe tão nítidos em sonho como os dos soldados em que acabara de pensar. E aquela gente, Anatole, Dolokov, gritava muito alto e bebia. Sobrepujando as suas vozes ouvia-se, porém, do Benfeitor, que se não calava, e a sua palavra era tão potente e contínua como o fragor do campo de batalha, embora agradável e consoladora. Pedro não compreendia o que ele dizia, mas, porque no sonho os pensamentos eram de uma grande nitidez, estava certo de que falava do bem, da possibilidade de se ser o que «eles» eram, esses soldados. E «eles», com as suas caras, bondosas e firmes, rodeavam o Benfeitor. Conquanto fossem, porém, muito bons, não olhavam para Pedro, não o conheciam. Quis chamar-lhes a atenção para si e dirigir-lhes a palavra. Ergueu-se, e no mesmo instante sentiu frio nas pernas descobertas. Perpassou-o uma impressão desagradável e puxou o capote: efectivamente, o capote escorregara-lhe para o chão. Por um momento, enquanto o ajeitava, abriu os olhos e viu as mesmas tábuas, os mesmos barrotes, o mesmo pátio, mas agora tudo azulíneo, claro, palhetado de gotas de orvalho ou de geada.

«Está a amanhecer», disse Pedro de si para consigo, «mas não se trata disso. Tenho de ouvir até ao fim e compreender as palavras do Benfeitor.» Voltou a embrulhar-se no capote, porém a sessão na loja e o Benfeitor tinham desaparecido. Nada mais lhe restava além de pensamentos claramente formulados em palavras que alguém pronunciara ou que ele próprio imaginara.

Quando mais tarde se recordou destes pensamentos, embora eles lhe tivessem sido sugeridos pelas impressões do dia, foi como se alguém estranho lhos tivesse segredado. Afigurava-se-lhe que em estado de vigília nunca teria sido capaz de conceber semelhantes pensamentos e exprimi-los daquela maneira.

«A guerra», dizia-lhe uma voz, «é a sujeição mais penosa que pode conceber-se da liberdade humana às leis de Deus. A simplicidade é a obediência a Deus; tudo depende d'Ele. E 'eles' são simples. Eles não dizem o que fazem. A palavra é de prata, mas o silêncio é de ouro. O homem nada pode possuir enquanto temer a morte. Só quem não teme a morte é senhor de tudo. Se u dor não existisse, o homem não conheceria os seus limites, não se conheceria a si mesmo. Nada mais difícil», pensava ele, continuando a sonhar, «que cada um saber reunir na sua própria alma o significado de todas as coisas. Reunir tudo? Não, não é essa a palavra. Não é possível unir todas as ideias, mas, sim, *pô-las de acordo!»,* repetia, com uma espécie de entusiasmo interior, como se sentisse que essas palavras, e só elas, exprimiam perfeitamente o que ele queria dizer, resolvendo a questão que o atormentava.

«Sim, é preciso pô-las de acordo, é tempo de harmonizar as coisas.»

- É preciso atrelar, são horas de atrelar, Excelência! Excelência! - repetiu uma voz. - É preciso atrelar, são horas de atrelar...

Era o escudeiro a acordá-lo. O sol batia-lhe em cheio na cara. Lançou um olhar para o pátio sujo da estalagem no meio da qual, num poço, os soldados davam de beber aos esqueléticos cavalos, enquanto carroças transpunham o portão. Pedro afastou os olhos, enojado, e, voltando a cerrar as pálpebras, deu-se pressa em se enterrar nas almofadas da sege.

«Não, não quero ver isto, não quero ver nem compreender coisa alguma; só quero compreender o que me foi desvendado durante o meu sonho. Mais um bocadinho e teria compreendido tudo. Que hei-de fazer então? Harmonizar, sim, mas como harmonizar tudo?» E Pedro apercebeu-se, com espanto, de que o sentido profundo do que vira e concebera durante o sono desaparecera para sempre.

O escudeiro, o cocheiro e o porteiro contavam-lhe que chegara um oficial com a notícia de que os Franceses se aproximavam de Mojaisk e os Russos batiam em retirada.

Pedro levantou-se e, dando ordem para que logo que atrelassem viessem ter com ele, seguiu a pé ao longo das ruas da cidade.

As tropas tinham-na evacuado, deixando na sua retaguarda perto de dez mil feridos. Havia feridos por toda a parte, nos pátios, nas janelas das casas, em grupos pelas ruas. Em volta das viaturas que os deviam levar só se ouviam gritos, injúrias, estrondear, Pedro ofereceu a sua sege, que viera ao seu encontro, a, um general ferido seu conhecido e ambos seguiram viagem até Moscovo. No caminho, Pedro soube da morte do cunhado e da perda do príncipe André.

Capítulo X

Pedro chegou a Moscovo no dia 30. Perto das muralhas encontrou o ajudante-de-campo do conde Rostoptchine.

- Andámos à sua procura por toda a parte - disse-lhe este. - O conde precisa, sem falta, de falar consigo. Pede-lhe Que o vá ver imediatamente por causa de um assunto urgente.

Pedro, sem mesmo pensar em dirigir-se a casa, meteu-se num carro e dirigiu-se à residência do governador.

O conde Rostoptchine acabava de chegar nessa mesma manhã da sua casa de campo de Sokolniki. A antecâmara e o salão de recepção estavam cheios de funcionários convocados ou que vinham receber ordens. Vassiltchikov e Platov já tinham visto o conde e já lhe haviam explicado ser impossível defender a cidade, que capitularia. Embora houvessem ocultado estas resoluções aos habitantes, os funcionários, os chefes das diferentes administrações, sabiam que Moscovo ia cair nas mãos do inimigo, e o próprio Rostoptchine também o sabia. No intuito de alijarem responsabilidades, todos tinham vindo perguntar ao governador o que deviam fazer nos seus respectivos serviços.

No momento em que Pedro penetrava no salão, um correio chegado do exército saía do gabinete do conde.

Foi com um gesto pouco encorajador que respondeu às perguntas que lhe dirigiam no momento em que atravessava a sala. Enquanto esperava, Pedro pôs-se a olhar com os seus olhos fatigados para as diversas personalidades, novas ou velhas, militares ou civis, que estavam presentes, Em todos os rostos se via uma expressão inquieta e descontente. Aproximou-se de um grupo onde vira conhecidos seus. Depois de o cumprimentarem, prosseguiram nas suas conversas.

- Demiti-lo e chamá-lo em seguida não seria mau, embora na actual situação ninguém possa responder por coisa alguma,

- Sim, mas ele escreve... - acrescentou outro, exibindo um papel impresso que tinha na mão,

- Ah! Isso é outra questão. Essas coisas são precisas para o povo - replicou o primeiro.

- Que é isso? - perguntou Pedro.

- Uma nova proclamação.

Pedro pegou nela e pôs-se a lê-la:

> *O Sereníssimo Príncipe, para se reunir mais depressa às tropas que vêm ao seu encontro, atravessou Mojaisk e instalou-se numa posição fortificada onde o inimigo não poderá atacá-lo facilmente. Foram-lhe enviadas daqui quarenta e oito peças de artilharia, com as respectivas munições, e o Sereníssimo afirma que defenderá Moscovo até à última gota de sangue e que está mesmo disposto a bater-se nas ruas. Não vos preocupeis, irmãos, com o facto de as repartições estarem fechadas: era preciso transferi-las para lugar seguro. Quanto a nós, nós cá estamos para ajustar contas com esse bandoleiro! Quando a hora soar, precisaremos de rapazes sólidos, tanto da cidade como do campo. Lançarei um apelo dentro de dois ou três dias, mas de momento, como é inútil, não falo nisso. É bom que cada um venha armado do seu varapazi e do seu machado e não será mau que traga o seu chuço, e se trouxer a sua forquilha de três dentes ainda melhor: um francês não pesa mais que um, feixe de centeio. Amanhã, depois do jantar, sairei em procissão com a Virgem Iverskaia para visitar os feridos do Hospital Catalina. Proceder-se-á à bênção da água: os feridos curar-se-ão assim mais depressa. Eu também estou curado. Tinha um olho doente, mas agora vejo com os dois.*

- Disseram-me uns militares - objectou Pedro - que era impossível lutar na cidade e que a posição...

- Sim, era disso mesmo que nós estávamos a falar - disse o primeiro funcionário.

- Que quer ele dizer com isto? - perguntou Pedro - «Tinha um olho doente, mas agora vejo com os dois»?

- Tinha um terço! - respondeu o ajudante-de-campo, sorrindo - e mostrava-se atormentado quando eu lhe dizia que o povo vinha saber da sua saúde. E a propósito, conde - acrescentou, de súbito, dirigindo-se a Pedro -, ouvimos dizer que está sofrendo desgostos de família, que sua esposa, a condessa...

- De nada, ouvi falar - replicou Pedro com indiferença. - Que se diz?

- Ah! Bem sabe, às vezes as pessoas inventam. Repito o que ouvi dizer.

- E que ouviu o senhor dizer?

- Diz-se - prosseguiu o ajudante-de-campo, sempre com o mesmo sorriso - que a condessa sua esposa pensa partir para o estrangeiro. É natural que não passe de má-língua...

- Naturalmente - repetiu Pedro, lançando à sua roda um olhar indiferente. - E aquele, quem é aquele? - perguntou, apontando para um velho pequenino, com um longo cafetã

azul, a barba e as sobrancelhas brancas como neve e as bochechas rosadas.

- Aquele? É um comerciante, ou antes um taberneiro, um tal Verechtchaguine. Se calhar, já ouviu falar nessa história da proclamação.

- Ah!, sim! É realmente Verechtchaguine?! - exclamou Pedro, observando a fisionomia firme e serena do velho comerciante e procurando ver nela debalde a máscara de um traidor.

- Não foi ele precisamente. É o pai do que escreveu a proclamação - continuou o ajudante-de-campo. - Esse, o filho, está na cadeia, e, se me não engano, as coisas não lhe vão correr bem.

Um velhinho, com uma condecoração ao peito, e um alemão, velho também, funcionário com uma cruz pendente, aproximaram-se dos interlocutores.

- É uma história muito complicada - dizia o ajudante-de-campo - A proclamação apareceu há uns meses. Vieram dizer ao conde, que mandou fazer um inquérito. Encarregaram disso Gravila Ivanitch. A proclamação tinha passado precisamente por sessenta e três mãos. Procuraram um dos detentores. «Quem lha deu?» Este diz que foi Fulano. Interrogam esse Fulano. «Quem lha deu?» E assim por diante. Até que chega a vez de Verechtchaguine... um comerciantezito, sem grande malícia, como vêem, um comerciantezito - acrescentou sorrindo - Interrogam-no. «Quem te deu isto?» E, note-se, nós sabíamos muitíssimo bem quem lha tinha dado. Só podia ter sido o director dos correios. Mas, está claro, estavam coniventes. Responde: «Ninguém. Fui eu quem a fez.» Ameaçam-no, insistem. Continua na sua: fora ele quem a escrevera. Apresentam o relatório ao conde. Este interroga-o: «Quem te deu a proclamação?» «Fui eu quem a fez.» Conhecem o conde! - prosseguiu, sorrindo, com um sorriso orgulhoso e divertido - Deu por paus e por pedras, como calculam, diante de tanta insolência, tanta mentira, tanta casmurrice.

- Sim, já percebo, o conde queria que ele denunciasse Kliutcharev! - exclamou Pedro.

- Não era preciso - deu-se pressa em responder o ajudante-de-campo -, Kliutcharev já tinha às costas outras acusações, por isso foi deportado. Mas o conde estava exaltadíssimo, «Como pudeste escrevê-la?», disse-lhe ele. Em cima da mesa estava *a Gazeta de Hamburgo.* Pegou nela, «Aqui a tens, Tu não a escreveste, traduziste-a, e traduziste-a muito mal, percebes, imbecil, pois não sabes uma palavra de francês.» Que acham? «Não», replica. «não a li em jornal algum, fui eu quem a escreveu.» - «Então, se assim é, és um traidor e vou entregar-te à justiça, que te mandará enforcar, Vamos, diz lá, quem ta deu?» - «Não vi jornal algum. Fui eu quem a escreveu.» E as coisas ficaram assim. O conde mandou citar o pai: mas este não arreda pé. Foi levado ao banco dos réus e condenaram-no, segundo creio, a trabalhos forçados. E o pai ali está agora para interceder pelo filho. É

má rês, o rapaz! É um desses filhos de comerciante, presumido e sedutor, que lá por ter frequentado umas aulas julga que sabe tudo. Sempre me saiu um menino! O pai tem uma taberna na Ponte Kaminii. Pois não querem saber? Na taberna havia uma grande imagem de Nosso Senhor com o ceptro numa das mãos e o globo terrestre na outra. Levou o quadro para casa, por uns dias, e sabem o que fez? Arranjou um pintor sem vergonha...

Capítulo XI

Nesta altura, Pedro foi chamado à presença do governador. Penetrou no gabinete do conde Rostoptchine, quando este, de sobrancelhas franzidas, passava a mão pela testa e pelos olhos. Falava-lhe nesse momento um homenzinho de somenos estatura, que se calou e saiu.

- Bons dias, ilustre guerreiro - disse Rostoptchine, assim que o homenzinho desapareceu - Ouvi falar das suas proezas! Mas não é disso que se trata. Meu caro, entre nós, diga-me uma coisa, é mação? - prosseguiu ele no mesmo tom severo, como se isso fosse motivo para censura, embora não quisesse ser impiedoso para com ele. Pedro ficou calado. - Meu caro, estou bem informado, mas sei perfeitamente que há mações e mações e espero que o senhor não pertença à categoria daqueles que a pretexto de salvar a Humanidade querem perder a Rússia.

- Sim, sou mação - replicou Pedro.

- Bem, meu amigo, suponho que não ignora que os senhores Speranski e Magnitski foram expedidos para onde pode calcular, e o mesmo aconteceu ao senhor Kliuteharev e ainda a outros, que, a pretexto de levantarem o templo de Salomão, tratavam de deitar abaixo o templo da Pátria. Como pode calcular, houve motivo para proceder assim e que eu não teria mandado deportar o director dos correios se este não fosse um homem perigoso. Acabo de saber agora que o senhor lhe mandou a sua carruagem para ele sair da cidade e que aceitou, inclusivamente, papéis que ele lhe confiou. Estimo-o e não lhe quero mal, mas, como tenho o dobro da sua idade, aconselho-o, na minha qualidade de mais velho, a que deixe de ter relações com essa gente e a que abandone Moscovo o mais depressa possível.

- Mas de que acusam Kliutcharev? - perguntou Pedro.

- Esse assunto é a mim que diz respeito, e não é o senhor que me deve fazer perguntas! - exclamou Rostoptchine.

- Acusam-no de ter espalhado as proclamações de Napoleão, mas isso não está provado - prosseguiu Pedro, sem olhar para o seu interlocutor - e Verechtchaguine...

- *Cá estamos* - exclamou o governador numa voz cada vez mais alta, franzindo as sobrancelhas e interrompendo Pedro. - Verechtchaguine é um traidor da pior espécie, que

receberá o castigo que merece. - Nas suas palavras ressoava uma tal cólera que dir-se-ia terem-no ofendido pessoalmente.- Mas não foi para discutir os meus actos que o chamei aqui, foi para lhe dar um conselho, uma ordem, se assim quer. Peço-lhe que corte as suas relações com pessoas como Kliutcharev e que saia de Moscovo. Sim, estou disposto a acabar com todas estas tolices, sejam eles quais forem. - E ao notar, naturalmente, que elevava demasiado a voz para falar a Bezulcov, que ainda não era acusado de qualquer crime, acrescentou, pegando-lhe por um braço com maneiras amistosas: - *Estamos em vésperas de um desastre público, e não tenho tempo para dizer coisas amáveis a todos os que se dirigem a mim. Há momentos em que sentimos a cabeça à roda. Pois bem, meu caro, que faz o senhor, sim, o senhor, pessoalmente?*

- *Mas nada* - replicou Pedro, que continuava de olhos baixos e que tinha um ar cismador.

O conde franziu as sobrancelhas.

- *Um conselho de um amigo, meu caro. Desapareça, e quanto mais depressa melhor, é tudo quanto tenho a dizer-lhe. A bom entendedor!* Adeus, meu caro. Ah! A propósito - gritou-lhe, quando Pedro já estava no limiar da porta - será verdade a condessa ter caído nas garras *dos Santos Padres da Companhia de Jesus?*

Pedro não respondeu e saiu do gabinete de Rostoptchine com uma expressão preocupada e irritada: nunca estivera tão irado na sua vida.

Quando regressou a casa, já era noite. Umas oito pessoas o aguardavam: o secretário da comissão, o coronel do seu batalhão, o intendente, o mordomo e vários solicitadores. Todos tinham assuntos a expor-lhe, que ele precisava de resolver. Nada compreendia do que lhe diziam nem se interessava por aqueles assuntos e, a todas as perguntas que lhe faziam respondia de molde a ver-se livre de tudo aquilo o mais depressa possível. Finalmente, quando ficou só, abriu e leu a carta da mulher.

«Eles, os soldados da bateria... o príncipe André morto... O velho... a simplicidade de espírito consiste na submissão a Deus... É preciso saber sofrer... O sentido de todas as coisas... É necessário harmonizá-las... A minha mulher vai tornar a casar... Tenho de desistir de compreender...» Aproximou-se da cama e sem se despir deixou-se cair sobre ela, adormecendo imediatamente. Quando acordou, na manhã seguinte, o mordomo veio informá-lo de que um polícia, enviado especialmente pelo conde Rostoptchine, viera informar-se sobre se o conde Bezukov partira ou ia partir.

Duas dezenas de pessoas com assuntos a tratar com ele esperavam já no salão. Vestiu-se, arranjou-se à pressa e, em lugar de as receber, meteu pela escada de serviço e saiu pela porta das traseiras.

Desde aquele momento e até ao fim da destruição de Moscovo nenhum dos seus familiares conseguiu tornar a vê-lo nem soube o que era feito dele, apesar de o terem procurado por toda a parte.

Capítulo XII

Até ao 1º de Setembro, isto é, até à véspera da entrada do inimigo em Moscovo, os Rostov conservaram-se na cidade.

Desde que Pétia fora incorporado nos cossacos de Obolenski e partira para Bielaia Tserkov, onde o regimento estava em formação, que a condessa vivia no maior terror. A ideia de que os seus dois filhos estavam na guerra, que ambos precisavam da sua protecção maternal, que hoje ou amanhã qualquer deles podia morrer, como acontecera aos três filhos de uma senhora das suas relações, eis a ideia que se lhe impunha pela primeira vez naquele Estio com uma nitidez cruel. Tentara fazer regressar Nicolau para junto de si, quisera ir ela própria buscar Pétia, mas tudo debalde, Pétia não podia vir senão quando voltasse o seu regimento ou pedindo transferência para outro regimento no activo. Nicolau estava algures no campo de batalha e desde a sua última carta, em que contara pormenorizadamente o seu encontro com a princesa Maria, nunca mais dera sinal de vida. A condessa deixara de dormir e quando porventura fechava os olhos era só para ver os filhos mortos. Depois de muito se ter aconselhado e de sobre o assunto ter trocado muitas impressões, o conde acabou por conceber uma maneira de a serenar. Conseguiu transferir Pétia do regimento Obolenski para o regimento de Bezukov, que estava a organizar-se nas imediações de Moscovo, Pétia continuava, claro está, ao serviço, mas a condessa tinha a satisfação de conservar perto dela pelo menos um dos seus filhos, na esperança de o instalar de tal maneira que ele não se afastasse mais e de lhe arranjar situações que lhe permitissem conservá-lo longe dos campos de batalha. Enquanto só Nicolau estivera em perigo, afigurava-se-lhe, a ela, e assim o dizia, querer ao seu filho mais velho acima de todos, mas quando o benjamim, esse garoto endiabrado, que estudava, pouco, partia tudo em casa, se metia com toda a gente, esse Pétia de nariz arrebitado, olhinhos pretos cheios de malícia, tez rosada e fresca, a cara coberta de penugem, quando ele partiu, também, para o meio desses homens corpulentos, terríveis e cruéis, que gostavam de lutar, pareceu-lhe querer-lhe mais a ele que a todos os seus outros filhos. A medida que se aproximava o momento do regresso de Pétia a Moscovo, maior era a inquietação da condessa. Afigurava-se-lhe que nunca esse momento venturoso chegaria. A presença não só de Sónia, mas até de Natacha, sua preferida, ou do próprio marido, apenas servia para irritá-la. «Que tenho eu que ver

com eles? Não preciso de mais ninguém senão de Pétia!», pensava ela,

Nos últimos dias de Agosto, os Rostov receberam uma segunda carta de Nicolau. Era datada da província de Voroneje, aonde fora em serviço de remonta. Essa carta não sossegou a condessa. Depois de saber que um dos seus filhos não estava em perigo, os seus cuidados cresceram por causa do outro.

Desde 20 de Agosto que quase todas as pessoas conhecidas dos Rostov tinham deixado Moscovo e, embora todos insistissem com a condessa para abalarem o mais cedo possível, ela não queria ouvir falar em tal enquanto o seu tesouro, o seu Pétia adorado, não estivesse de volta. No dia 28, finalmente, chegava Pétia. A ternura apaixonada e doentia com que a mãe o recebeu não foi das coisas que mais agradaram a esse jovem oficial de dezasseis anos. Conquanto ela escondesse a sua intenção de o conservar junto de si, o moço adivinhou-lhe os desejos e com receio instintivo de se deixar comover, de se efeminar, como ele dizia, junto da mãe, mostrava-se frio com ela, evitava-a, e durante todo o tempo da sua estada na capital manteve-se quase exclusivamente na companhia de Natacha, a quem sempre dedicara uma ternura fraternal muito sua.

A negligência do conde era sempre a mesma e no dia 28 nada estava preparado para a partida: os carros que deviam chegar, vindos das suas propriedades de Riazan e dos arredores de Moscovo, e que se utilizariam no transporte dos móveis, só apareceram a 30.

De 28ª 31 de Agosto toda a cidade andou numa agitação febril. Todos os dias entravam em Moscovo, pela porta de Dorogomilov, carros e carros cheios de milhares de feridos provenientes do campo de batalha enquanto pelas outras barreiras saíam caravanas e caravanas de viaturas carregadas de gente e de bagagens. Apesar das proclamações de Rostoptchine, ou precisamente por causa delas, corriam os boatos mais contraditórios e estranhos. Uns diziam que ninguém tinha licença de sair da cidade; outros, pelo contrário, faziam correr que os ícones das igrejas haviam sido todos retirados e que as pessoas eram afastadas à força de Moscovo. Este dizia que depois de Borodino houvera uma batalha em que os Franceses tinham sido derrotados: aquele anunciava, em contrapartida, que o exército russo fora completamente desbaratado. Havia quem dissesse que a milícia moscovita e o clero iriam bater-se em Tri Gori, e também se dizia à boca pequena que o metropolita Augustin fora proibido de sair da cidade, que tinham sido presos alguns traidores e que os camponeses, revoltados, assaltavam os que abandonavam Moscovo, etc-etc. Tudo falsos boatos. Na realidade, tanto os que partiam como os que ficavam, sem o dizerem a ninguém, embora ainda se não tivesse reunido o conselho de guerra de Fili, onde veio a decidir-se o abandono da cidade, todos sentiam que Moscovo teria de capitular e que o que havia a fazer era cada um tratar de se salvar e ao que era seu. Reinava o

pressentimento de que tudo se desmoronaria e se transformaria de um momento para o outro. No entanto, até ao dia 1º de Setembro nada se modificara. Assim como o condenado a morte que é conduzido ao local do suplício, mesmo sabendo que vai morrer, olha à sua volta e compõe o boné, Moscovo, conquanto soubesse que a hora da sua perdição era chegada e que as condições de vida a que até então se submetera iam sofrer uma transformação, continuava, maquinalmente a sua vida de todos os dias.

Durante os três dias que precederam a catástrofe andou a família Rostov atarefada nos preparativos da partida. O chefe da família, o conde Ilia Andreitch, corria de um lado para outro da cidade, sempre à cata de notícias, e as disposições que tomava para a partida eram vagas e precipitadas.

Sempre descontente, procurando Pétia por todo o lado, o qual fazia o possível por evitá-la, cheia de ciúmes de Natacha, com quem o rapaz passava os dias, a condessa vigiava os preparativos de partida. A única pessoa pratica no seu trabalho era Sónia, embora rios últimos tempos andasse triste e silenciosa, A carta de Nicolau que falava da princesa Maria levara a condessa, que via nesse encontro o dedo da Providência, a fazer algumas alegres reflexões diante dela,

- Nunca senti grande satisfação com o noivado de Bolkonski e de Natacha - dizia a condessa -, mas sempre sonhei ver Nikolenka casado com a princesa, e tenho o pressentimento de que é o que vai acontecer, Bom seria!

Sónia, via-se obrigada a reconhecer que a única maneira de remediar o estado da fortuna dos Rostov seria um casamento rico e que a princesa era um bom partido. Eis o que era doloroso para ela.

Apesar da sua tristeza, ou talvez até para esquecê-la, chamava a si todas as pesadas tarefas da mudança e tinha os dias todos ocupados. O conde e a condessa, quando se tratava de alguma ordem, a ela recorriam. Pelo contrário, Pétia e Natacha não só não ajudavam os pais como embaraçavam e enfadavam toda, a gente em casa. Andavam o dia inteiro em correrias loucas, rindo e gritando a todo o propósito. Não tinham, realmente, qualquer razão especial para rir ou para estar satisfeitos, mas, como ambos se sentiam alegres, tudo lhes servia para se divertirem. Pétia estava contente porque, tendo saído de casa garoto, voltara transformado, como toda a gente dizia, num homem e num herói. Sentia-se feliz por estar com a sua família e também porque, deixando Bielaia, Tserkov, onde lhe não seria fácil assistir tão depressa a qualquer batalha, viera para Moscovo e aí, dentro de pouco, teria oportunidade de entrar na luta. De resto estava alegre porque Natacha, que muito influía no seu estado de espírito, o estava também. Quanto a Natacha, essa sentia-se alegre porque estivera triste durante muito tempo e nada lhe lembrava agora a

causa das suas penas, tendo recuperado a sua óptima saúde. E sentia-se alegre ainda porque alguém a adorava e a admiração dos outros lhe era um estimulante indispensável à sua actividade normal, sendo Pétia esse alguém. Além disso ambos andavam em grande exaltação porque a guerra se travava agora às portas de Moscovo, ia haver luta nas barreiras da cidade, distribuíam-se armas, os habitantes fugiam por todos os lados, numa palavra, davam-se factos extraordinários, coisa sempre muito divertida para quem é novo.

Capítulo XIII

Sábado. 31 de Agosto, ia grande confusão em casa dos Rostov. As portas estavam abertas, os móveis haviam sido tirados do seu lugar ou levados, os quadros e os espelhos tinham sido apeados. Havia malas, palha, papéis de embrulho, fios por todo o lado. Os camponeses e os criados andavam de um lado para o outro pisando os parquets pesadamente, carregados de embrulhos. No pátio estacionavam as carroças, unias já cheias até cima e amarradas, outras ainda vazias.

Só se ouviam por toda a parte os passos e as vozes da criadagem e dos camponeses que tinham vindo com os carros, chamando-se uns aos outros. O conde desaparecera logo pela manhã. A condessa, a quem o ruído e a agitação faziam dores de cabeça, estava deitada na sua nova alcova com compressas de vinagre na testa. Pétia saíra: fora visitar um camarada com quem queria transferir-se da milícia para o exército activo, Sónia assistia no salão de festas ao trabalho de empacotamento das porcelanas e dos cristais. Natacha estava no seu quarto, sentada no sobrado, no meio de um montão de vestidos, de fitas, de xales, os olhos fitos num trajo de baile, fora de moda, que tinha nas mãos. Era o vestido que levara ao seu primeiro baile em Petersburgo.

Natacha sentia-se envergonhada por nada fazer quando toda a gente estava ocupada, e por várias vezes já, desde manhã, tentara exercer qualquer actividade. Mas aquilo não a atraía. Era incapaz de se dedicar fosse ao que fosse desde que o não fizesse com toda a sua alma. Ali estava, ao pé de Sónia, que embrulhava as porcelanas, querendo ajudá-la, mas logo abandonando tudo para voltar ao seu quarto a emalar as suas coisas. Entreteve-se, primeiro, a distribuir pelas suas criadas de quarto vestidos e fitas, mas, quando chegou o momento de guardar o que restava, sentiu-se aborrecida.

- Duniacha, anda, trata de guardar tudo isto, minha querida! Hem?

E como Duniacha lhe prometeu ocupar-se de tudo. Natacha, sentou-se no chão, pegou no velho vestido de baile e pôs-se a pensar em coisas que nada tinham com as suas preocupações actuais. Despertou-a deste devaneio uma conversa das criadas na sala contígua e passos precipitados na escada de serviço. Levantou-se e foi espreitar pela janela. Um grande comboio de feridos estacionava na rua.

Ao portão apinhavam-se as criadas, os lacaios, a governanta, a ama, os cozinheiros,

os cocheiros, os postilhões, os moços da cozinha, que assistiam à passagem dos carros.

Natacha amarrou um lenço branco à cabeça e apanhando-o nas pontas com as mãos desceu a escada.

A antiga governanta, a velha Mavra Kuzminitchna, afastou-se da multidão dos curiosos e aproximou-se de um carro com um toldo de serapilheira, pondo-se a conversar com um jovem oficial, muito pálido e que nele ia deitado, Natacha deu alguns passos e deteve-se intimidada, segurando sempre as pontas do lenço, a escutar o que dizia a governanta.

- Então ninguém conhecido tem em Moscovo? - perguntava Mavra Kuzminitchna.- Ficaria mais sossegado numa casa particular - Por exemplo, na nossa, Os amos vão partir.

- Não sei se nos deixariam - respondeu o oficia, numa voz apagada. - Está ali o comandante. Pergunte-lhe. - E apontou para um major gordo que se dirigia para a retaguarda do comboio, ladeando a fila dos carros.

Natacha olhou assustada para o rosto do ferido e encaminhou-se imediatamente para, o major.

- Os feridos podem ficar em nossa casa? - perguntou.

O comandante levou a mão, sorrindo, à pala da barretina.

- Em que posso servi-la, menina? - disse, piscando os olhos e sorrindo.

Natacha repetiu serenamente a sua pergunta: o seu rosto, todos os seus modos, conquanto continuasse a segurar o lenço na cabeça, ganharam uma expressão tão séria que o major deixou de sorrir e, depois de perguntar a si próprio se lhe seria lícito dar essa autorização, respondeu afirmativamente,

- Porque não? Acho que sim – disse.

Natacha inclinou ligeiramente a cabeça e aproximou-se, em passos rápidos, de Mavra Kuzminitchna, que se debruçava para o ferido e conversava com ele cheia de comiseração.

- Diz que sim, disse que podia ser! - murmurou Natacha em voz baixa,

O carro do oficial penetrou no pátio dos Rostov e dezenas de outros carros, cheios de feridos, entraram igualmente nos pátios das casas da Rua Povarskaia. Este incidente, tão estranho ao que ela estava habituada, via-se que agradava muitíssimo a Natacha. Ajudada por Mavra Kuzminitchna, procurou fazer entrar no pátio da casa o maior número possível de feridos.

- Era bom, no entanto, dizer alguma coisa ao pai - disse Mavra Kuzminitchna,

- Não, não, não tem importância! Por um dia, mudar-nos-emos para o salão. Podemos ceder-lhes os nossos quartos.

- Veja lá, menina, veja o que está a fazer. Até mesmo para os alojamentos nas

camaratas, nos quartos de arrumação ou na dependência dos criados é melhor pedir licença.

- Está bem, eu peço.

Natacha entrou pela casa dentro e em bicos de pés, pela porta, que estava aberta, penetrou na alcova onde cheirava muito a vinagre e a gotas de Hoffmann.

- Está a dormir, mãezinha?

- Como queres que eu possa dormir? - exclamou a condessa, num sobressalto, pois acabava de passar pelo sono.

- Mãezinha, mãezinha querida - disse Natacha, ajoelhando diante da mãe e juntando a sua cara à dela.- Perdoe, desculpe-me, não volto a fazê-lo. Acordei-a. Foi a Mavra Kuzminitchna quem me mandou cá. Estão lá fora feridos, oficiais. Dá licença? Eles não têm para onde ir. Tenho a certeza de que a mãezinha consente... - Falava muito depressa, sem tomar fôlego.

- Que oficiais? De que estás tu a falar? Não percebo nada.

Natacha pôs-se a rir, e aos lábios da mãe também aflorou um pálido sorriso.

- Tenho a certeza de que a mãe consente... Vou dizer-lhes. Natacha beijou a mãe, levantou-se e precipitou-se para a porta.

No salão encontrou o pai, que trazia más notícias.

- Fizemo-la bonita esperando até à última hora! - disse contrariado. - O clube fechou e a polícia vai-se embora.

- Paizinho, não te importas que eu tenha mandado entrar uns feridos? - perguntou Natacha.

- Claro. Não faz mal - respondeu ele, distraidamente. - Mas não se trata disso. É melhor deixares-te de patetices e ajudares a arranjar as coisas para nos irmos embora, para nos irmos embora amanhã...

O conde deu a mesma ordem ao mordomo e aos criados. Durante o jantar chegou Pétia, que contou também as novidades que sabia. Disse que àquela hora o povo estava a armar-se no Kremlin e que, não obstante os editais de Rostoptchine, em que este comunicava à população de Moscovo que soltaria o grito de alarme dois ou três dias antes, com certeza já se haviam tomado medidas para, a partir do dia seguinte, se reunirem armados em Tri Gori, onde se esperava uma grande batalha.

A condessa mirava com um misto de timidez e horror o rosto excitado e jovial do filho enquanto ele falava. Tinha a certeza de que se dissesse uma palavra que fosse para pedir a Pétia que não tomasse parte nessa batalha - e esse combate iminente devia ser para ele uma grande alegria, pensava ela - teria de o ouvir falar na coragem, na honra, na pátria. Diria as coisas mais absurdas com uma decisão viril e obstinada, e ela nada poderia dizer

contra isso, estragando tudo. Bis porque nada disse, na esperança de conseguir arranjar tudo para partir antes, levando Pétia como seu protector, e, findo que foi o jantar, chamou o conde de parte, a quem implorou, soluçando, que a levasse dali o mais depressa que pudesse, nessa mesma noite se fosse possível, Com a astúcia involuntária e bem feminina que lhe dava o amor maternal, ela, que até aí se mostrara completamente indiferente ao perigo, dizia agora que morreria de medo se não saíssem da cidade nessa mesma noite. E efectivamente a partir daquele momento o medo apossara-se dela.

Capítulo XIV

Madame Schoss, que tinha ido visitar a filha, ainda agravou mais os terrores da condessa contando-lhe o que vira na Rua Miasilitskaia, diante de um depósito de bebidas. No regresso, não tinha podido passar por ali, tantos eram os bêbedos que alvoroçavam as vizinhanças. Viu-se obrigada a tornar um carro e a seguir por ruas transversais, tendo-lhe o cocheiro contado que o povo arrebentara com as pipas de álcool, de acordo com as ordens que recebera para isso.

Depois do jantar, todos se puseram a embalar as coisas com uma rapidez febril para acelerar a partida. O velho conde, que subitamente se pusera também a trabalhar, passava a vida para cá e para lá, ora no pátio ora em casa, arengando, a propósito e despropósito, à criadagem, para que as coisas se fizessem depressa. Pétia dirigia os trabalhos no pátio. Sónia perdia a cabeça com as recomendações contraditórias do conde e não sabia o que havia de fazer. A criadagem gritava, discutia, zaragateava correndo e esfalfando-se. Natacha, animada daquela paixão que ela sabia pôr em todas as coisas, deitou também mãos à obra. De princípio a sua intervenção foi acolhida com desconfiança. Não esperavam dela senão travessuras e ninguém queria dar ouvidos ao que ela dizia, mas ela exigiu com obstinação e ardor que lhe obedecessem, zangou-se, quase chorou porque a não queriam ouvir e acabou por conseguir o que queria. A primeira medida que tomou, e que grandes esforços lhe custara, assentando de vez a sua autoridade, foi o enrolar dos tapetes. O conde tinha preciosas tapeçarias de Gobelin e tapetes persas. Quando Natacha pôs mãos à obra, duas caixas estavam abertas no salão: uma quase cheia até cima de porcelanas, a outra, de tapetes. Ainda havia muitas peças de porcelana espalhadas pelas mesas e continuavam a trazer mais dos armários. Era preciso encher uma nova caixa e os criados foram por ela.

- Sónia, espera. Podemos meter todo o resto ali - disse Natacha.

- Não há forma, menina; já tentámos de todas as maneiras - replicou o moço da copa.

- Qual quê? Querem ver?

E principiou a tirar da caixa travessas e pratos embrulhados em papel.

- Temos de pôr as travessas aqui, no meio dos tapetes - voltou ela.

- Só para os tapetes serão precisas pelo menos três caixas - comentou o moço da copa.

- Espera. Vais ver. - E Natacha pôs-se a extrair os objectos da caixa com toda a presteza - Estes não - dizia, mostrando os pratos de Kiev. - Estes, sim, ali, com os tapetes - acrescentava, apontando para as travessas de Saxe.

- Deixa isso, Natacha, não te preocupes, nós conseguiremos tudo, seja como for - resmoneava Sónia.

- Deixe, menina... - dizia o mordomo.

Natacha não desistia. Desmanchou todos os embrulhos e principiou outra vez a fazê-los com grande celeridade, dizendo ser inútil levarem os tapetes usados e a louça suplementar. E quando chegou ao fim, voltou outra vez ao princípio. De facto, assim que retiraram tudo que era ordinário, que não valia a pena levar, as coisas de valor tiveram lugar nas duas caixas. No entanto, as tampas teimavam em não fechar. Era natural que ainda se pudesse encontrar qualquer coisa susceptível de ser posta de lado, mas Natacha não queria desistir do seu intento. Fazia, desfazia as caixas, enchia, dizia ao moço da copa e a Pétia, que arrastara consigo para a ajudarem, que comprimissem o tampo... ela própria fazia desesperados esforços.

- Bem, pronto, Natacha - acabou por dizer Sónia. - Sim, bem veio que tens razão, mas no entanto tira esse tapete de cima.

- Não quero - gritava Natacha, apartando da cara, coberta de suor, com uma das mãos, os cabelos desgrenhados, enquanto com a outra batia em cima dos tapetes. - Anda, Petka, força! Vassilitch, carrega!

Os tapetes acabaram por se comprimir e a tampa fechou-se. Natacha bateu palmas, gritando de alegria, e lágrimas de satisfação orvalharam-lhe os olhos. Mas foi obra de segundos. Imediatamente se consagrou a outra tarefa, embora tivesse agora confiança em si. E o conde não se zangou quando lhe disseram que Natacha Ilinitchna desrespeitara as ordens que ele dera. E a ela é que os criados vieram pedir instruções para amarrar os embrulhos e carregar os carros. Graças a Natacha, o trabalho progrediu. As coisas banais foram postas de parte e as mais preciosas colocadas umas contra as outras.

No entanto, quando a noite chegou, apesar do empenho de todos, ainda não se pudera emalar tudo. A condessa adormecera e o conde, adiando a partida para o dia seguinte, foi deitar-se. Sónia e Natacha estenderam-se vestidas na alcova.

Nessa noite passou um carro com mais um ferido pela Rua Povarskaia e Mavra Kuzminitchna, que estava ao portão, mandou-o entrar para casa dos Rostov. Esse ferido, pelo que dissera Mavra Kuzminitehna, devia ser pessoa importante. Era transportado num carro fechado e ao pé do cocheiro sentava-se um criado velho de aspecto venerável. Atrás, noutro carro, vinham o médico e dois soldados.

- Entrem aqui, para nossa casa, se fazem favor. Os patrões vão-se embora, a casa está vazia - disse a velha para o criado.

- Ah! - suspirou o criado. - Julgámos que não chegasse até aqui. Temos a nossa casa em Moscovo, mas é longe e não está lá ninguém.

- Tenham a bondade de entrar. Na casa dos nossos amos há tudo que é preciso. Entrem. Está muito mal? - acrescentou ela.

O criado fez um gesto vago.

- Julgámos que não chegasse até aqui. Pergunte ao médico.

O criado apeou-se e aproximou-se da carruagem.

- Está bem - disse o médico.

O criado voltou a primeira carruagem, espreitou para dentro e agitou a cabeça. Depois disse ao cocheiro que entrasse no pátio e veio de novo para junto de Mavra Kuzminitchna.

- Meu Senhor Jesus Cristo! - exclamou ela. - Passem por aqui, os senhores nada dirão... - afirmou ela.

Era preciso evitar que o ferido fosse transportado pela escada, por isso o levaram para o pavilhão. Instalaram-no no antigo quarto de Madame Schoss. O ferido era o príncipe André Bolkonski.

Capítulo XV

Chegou a derradeira hora de Moscovo. Estava um dia de Outono claro e alegre. E, sendo domingo, como em todos os domingos, os sinos repicavam para a missa em todas as igrejas. Dir-se-ia que ninguém compreendia ainda o destino que aguardava a capital.

Só dois barómetros acusavam a situação da cidade: a atitude da populaça, isto é, do grosso da arraia-miúda, e a alta dos preços. Os operários das fábricas, os criados e os camponeses, em magotes, à mistura com funcionários, seminaristas e fidalgos, tinham ido de madrugada para Tri Gori. Chegada que foi aí, toda aquela gente ficou à espera de Rostoptchine; mas, depois de muito esperar e convencida de que Moscovo seria entregue ao inimigo, acabou por regressar à cidade, dispersando-se por ruas e tabernas. Os preços das coisas também diziam muito, As armas, o ouro, os carros, os cavalos, aumentavam constantemente de preço enquanto baixava continuamente o valor do Papel-moeda e dos objectos de luxo, e de tal maneira que por volta do meia-dia os panos, por exemplo, valiam menos de metade do seu preço habitual. Em compensação, um cavalo de aldeão chegava a pagar-se por quinhentos rublos. E os móveis, os espelhos, os bronzes, cediam-se por qualquer preço.

Na velha e respeitável residência dos Rostov pouco se fizera sentir esta subversão das antigas condições da vida. Durante a noite apenas haviam desaparecido três dos numerosos criados da casa, que nada tinham roubado, e os trinta carros chegados da aldeia acharam-se de um momento para outro transformados numa verdadeira riqueza, riqueza invejada por muitos. Por eles ofereciam aos Rostov chorudas somas. Não só lhes vinham propor semelhantes ofertas, como desde essa noite, e logo muito cedo na manhã do dia 1 de Setembro, o pátio da residência se viu cheio de ordenanças e criadagem dos oficiais feridos ali instalados ou nas casas vizinhas que vinham implorar do pessoal do conde que lhes arranjasse meios de transporte para sair da cidade. O mordomo, a quem se dirigiam, embora lamentasse a situação dos feridos, recusava-se categoricamente a conceder o que lhe pediam, dizendo não ter coragem sequer de falar nisso ao amo. Por mais dignos de piedade que fossem todos aqueles desgraçados, a verdade é que se se transigisse com um ter-se-ia de transigir com todos, e nesse caso não haveria razão para se não cederem inclusivamente as próprias carruagens reservadas para os donos da casa. Trinta carros não

bastavam para salvar todos os feridos e no meio de toda aquela desgraça era impossível não se pensar em si próprio e na família. Eis o que pensava o mordomo por conta do seu patrão.

Quando acordou, na manhã do dia 1, o conde Ilia Andreitch saiu nos bicos dos pés do seu quarto de dormir para não acordar a condessa, que só então passara pelo sono, e ainda de roupão, o seu roupão de seda lilás, veio até ao alpendre. A fila de carros, prontos a partir, estava alinhada no pátio. O mordomo conversava com um velho impedido e um moço oficial, muito pálido, que tinha um braço ao peito. Ao ver o conde, pôs-se a fazer gestos muito graves, como a dar-lhes a entender que seria melhor retirarem-se.

- Então, Vassilitch, está tudo pronto? - disse o conde passando a mão pela calva, com um aceno de cabeça cordial ao militar e ao seu impedido, pois muito gostava de ver caras novas. - Podemos atrelar imediatamente, Excelência.

- Bom, magnífico, logo que a condessa acorde, abalamos! Que há, meus senhores? - exclamou, dirigindo-se ao oficial. - Está em minha casa.

O oficial aproximou-se. O sangue subiu-lhe ao rosto pálido.

- Conde, peço-lhe, consinta... é por Deus que lhe peço... consinta que eu me instale em qualquer parte entre as suas malas. Não trago nada comigo... Vou numa das carroças, pouco me importa...

Ainda o oficial se não calara, já o impedido dirigia ao conde pedido idêntico para o seu amo.

- Naturalmente, naturalmente - deu-se pressa em dizer o conde. - Tenho muito gosto, tenho muito gosto. Vassilitch, anda, diz que lhe arranjem lugar aí numa das carroças... Olha... Ali... O que for necessário acrescentou, vago, como sempre que dava uma ordem.

O oficial desfez-se em agradecimentos tão calorosos que o conde se sentiu compelido a dar ainda maiores provas de bom coração. Olhou em torno de si: no pátio, junto da porta de serviço, à janela do pavilhão, só havia feridos e impedidos. Todos o fitavam, aproximando-se do local onde ele estava.

- Quererá V. Ex, vir até à galeria? - disse o mordomo. - Que manda V. Ex.a quanto aos quadros?

O conde retirou-se com o mordomo, voltando a insistir para que satisfizessem o pedido dos feridos que desejassem ser evacuados.

- A verdade é que podemos dispensar algumas destas bagagens - acrescentou, em voz baixa e misteriosa, como se receasse ser ouvido de alguém.

A condessa acordou às nove horas, e Matrena Timofeievna, sua ex-criada de quarto,

espécie de comissário de polícia a ela agregada, veio dizer-lhe que Maria Karlovna estava muito aborrecida, pois não podia deixar ali abandonada a roupa das crianças. A condessa quis saber porque estava Madame Schoss aborrecida e disseram-lhe que a mala dela fora retirada de uma das carroças descarregada para se arranjar lugar para os feridos que o conde, apiedado, dera ordens de transportar. Mandou chamar o marido.

- Que aconteceu, meu amigo, estão outra vez a descarregar as malas?

- É que, minha querida, fazia tenção precisamente de te prevenir... minha querida condessinha... Um oficial veio pedir-me que cedesse alguns carros para os feridos... Tudo isto, as nossas coisas, tudo pode ser substituído, mas eles, coitados! Havemos de os deixar aqui?... E estão em nossa casa, fomos nós quem os convidou, a esses oficiais... Então pensei, realmente, minha querida, que diabo!... Podíamos levá-los... Temos assim tanta pressa?

O conde tomara uma atitude muito tímida, como sempre que Linha de referir-se a interesses materiais. A condessa conhecia-lhe muito bem o tom que ele tomava quando se metia em empresas prejudiciais aos interesses dos filhos: a construção de uma galeria ou de uma estufa, a instalação lá em casa de um teatro ou de uma orquestra, e entendia obrigação sua opor-se-lhe sempre que o conde se mostrava assim.

Com uma expressão de vítima resignada, resolveu dizer:

- Sim, conde, colocaste-nos numa situação em que já nos não dão nada pela casa e ainda queres perder todos os nossos bens, isto é, os bens dos nossos filhos. És o primeiro a dizer que em nossa casa há para cima de cem mil rublos de mobília. Com o meu consentimento não, conde, eu não consinto, não consinto. Faz o que quiseres, mas a verdade é que o Governo é que deve tratar dos feridos. Eles bem sabem o que hão-de fazer. Olha, aqui mesmo defronte, os Lopukine, antes de ontem, já tinham a casa vazia. Se me não queres poupar a mim, ao menos poupa os teus filhos.

O conde esboçou um gesto evasivo, e, sem responder, saiu.

- Paizinho, que foi? - perguntou Natacha, que entrara atrás dele nos aposentos da mãe.

- Nada. Não é coisa que te diga respeito! - exclamou o conde, desabrido.

- Mas se eu ouvi tudo - replicou ela. - Porque não há-de a não consentir?

- Não és para aqui chamada! - vociferou o conde, Natacha aproximou-se da janela e aí ficou pensativa.

- Paizinho, vem ali o Berg! - exclamou, olhando através das vidraças.

Capítulo XVI

Berg, o genro dos Rostov, já era coronel e condecorado com as Ordens de S. Vladimiro e de Santa Ana. Continuava a desempenhar as quietas e agradáveis funções de ajudante-de-campo do comandante da primeira secção do estado-maior do segundo corpo de exército.

Chegara a Moscovo no dia 1º de Setembro, procedente do seu quartel, Nada tinha que fazer em Moscovo, mas, ao notar que todos os seus camaradas pediam para seguir para a capital por esta ou por aquela razão, julgou-se obrigado a solicitar uma licença por motivos de ordem familiar.

Chegara a casa do sogro no seu elegante drojkis tirado por uma parelha de magníficos cavalos iguais aos que vira atrelados à carruagem de um príncipe das suas relações. Ao penetrar no pátio, olhou atentamente para os carros que aí estavam e enquanto subia as escadas do alpendre puxou de um lenço de assoar muito limpo, dando-lhe um nó numa das pontas.

Atravessou o vestíbulo e precipitou-se para o salão, onde abraçou o conde, beijou as mãozinhas de Natacha e de Sónia e logo ali pediu notícias sobre a saúde da mãe.

- Como queres que uma pessoa se sinta bem por uns tempos destes? - exclamou o conde. - E tu, conta qualquer coisa. Onde estão as tropas? Retrocedem ou vai haver alguma batalha?

- Só Deus sabe, pai - replicou Berg. - Só Deus pode decidir do destino da nossa pátria. O exército está cheio de entusiasmo, mas os chefes, por agora, mantêm-se reunidos em conselho. O que vai sair dali ninguém sabe. Mas sempre lhe direi, pai, que não há palavras para descrever o heroísmo, a valentia à moda antiga, dos nossos soldados no combate de 26... Dir-lhe-ei francamente, meu pai - disse Berg, que entretanto batia na arca do peito, como o general a quem ouvira discurso idêntico, embora o seu gesto, retardado, não tivesse coincidido, como era mister, com as palavras «nossos soldados». - Dir-lhe-ei com toda a franqueza: nós, os seus comandantes, não só não precisámos de incitar os homens a marchar para a frente ou a animá-los de qualquer maneira como tínhamos até dificuldade em impedir esses... esses... Sim, é o que lhe digo, cometeram actos de bravura dignos da antiguidade - acrescentou, volúvel. - O general Barclay de Tolly a cada passo

jogava a vida à testa dos seus soldados, digo-lho eu. E o nosso corpo estava mesmo no alto do cabeço. Imagine!

Neste ponto, Berg pôs-se a contar o que se lembrava de ter ouvido nas histórias de guerra que então circulavam. Natacha, sem apartar dele os olhos, parecia tentar descobrir-lhe no rosto resposta para uma pergunta que a si mesma fazia, e isso perturbava o narrador.

- Não pode imaginar-se o heroísmo que mostraram os nossos soldados. É digno de todos os elogios! - prosseguiu, fixando os olhos em Natacha e tentando, com um sorriso, conquistar-lhe as boas graças. - «A Rússia não está em Moscovo, está no coração dos seus filhos!», não é verdade, meu pai?

Neste momento a condessa saiu do seu quarto: parecia cansada e descontente. Berg correu para ela, beijou-lhe a mão, perguntou-lhe como ia de saúde e fazendo-a compreender, por um movimento de cabeça, quanto se condoía do seu estado, permaneceu a seu lado.

- Sim, mãe, não há dúvida de que estes tempos que correm são realmente penosos e tristes para todos nós. Mas porque há-de inquietar-se assim? Tem tempo de partir...

- Não percebo o que estão a fazer os criados - disse a condessa, dirigindo-se ao marido. - Ainda agora me vieram dizer que nada está pronto. É preciso que alguém lhes dê ordens. Agora é que sinto a falta de Mitenka. Nunca mais sairemos daqui.

O conde quis dizer qualquer coisa, mas deteve-se. Levantou-se e encaminhou-se para a porta.

Berg puxou então do lenço, como se fosse assoar-se, e, ao ver o nó numa das suas pontas, quedou-se pensativo, abanando tristemente a cabeça.

- É verdade, pai, tenho uma coisa muito importante a pedir-lhe - disse ele.

- Hem! - exclamou o conde, detendo-se.

- Passei há pouco pela casa de Iussupov - disse Berg, pondo-se a rir. - O intendente, meu conhecido, veio a mim e perguntou-me se eu não queria comprar qualquer coisa. Fui ver, como calcula, por mera curiosidade: tinha lá uma cómoda com um toucador. Bem sabe quanto a Vera gostava de ter um móvel assim, várias vezes falámos nesse assunto. - E no tom que punha nas suas palavras ao referir estas coisas denunciava a satisfação que sentia por dispor de uma bela casa. - Que maravilha! É cheia de gavetinhas e tem uma fechadura inglesa de segredo, sabe? Há tanto tempo que a Verotchka sonha com uma cómoda assim! Queria fazer-lhe uma surpresa. Vi lá em baixo no pátio muitos campónios. Permita que disponha de um deles, peço-lhe, pagar-lhe-ei decentemente e...

O conde franziu a sobrecenho e tossicou nervoso. Peça à condessa, não sou eu quem dá ordens.

- Se é coisa muito difícil, então não falamos mais nisso - acrescentou Berg. - Se o fiz, foi por lembrar-me da Vera.

- O diabo que os leve, a todos, a todos!... - vociferou o conde. - É de uma pessoa perder a cabeça.

Saiu da sala com fragor enquanto a condessa se desfazia em pranto.

- É verdade, mãe, os tempos estão duros! - comentou Berg. Natacha saíra atrás do pai, mas, como se uma ideia súbita lhe tivesse ocorrido, desceu a escada correndo.

Pétia estava no alpendre muito ocupado a distribuir armas pelos homens que deviam escoltar os carros. As viaturas, todas atreladas, continuavam estacionadas no pátio. Duas delas haviam sido descarregadas e sobre uma empoleirara-se um oficial com o seu impedido.

- Sabes porque foi? - perguntou Pétia à irmã.

Esta percebeu que ele queria referir-se à discussão entre o pai e a mãe, mas não deu troco.

- Pois fica sabendo que foi porque o pai queria pôr todos os carros à disposição dos feridos - disse Pétia. - Foi o Vassilitch quem me contou. Por mim...

- Por mim - desembuchou Natacha, subitamente, volvendo para o irmão a sua face indignada - por mim... acho tão feio, tão reles, tão... Realmente, não sei que dizer... Acaso seremos nós uns alemães quaisquer?...

Soluços embargaram-lhe a voz, e para que a ira que se apossara dela não fosse em pura perda, virou costas ao irmão e subiu escada a correr.

Berg continuava ao lado da condessa e ia-lhe dirigindo respeitosas frases de consolação. O conde, de cachimbo na mão, passeava de um lado para o outro. Nesse momento Natacha, o rosto transtornado, agressiva, entrou na sala e correu para a mãe.

- É uma vergonha, uma infâmia! - gritou. - Não posso crer que tenha dado semelhantes ordens.

Berg e a condessa olhavam-na entre surpreendidos e assustados. O conde deteve-se junto de uma janela, atento ao que ia passar-se,

- Mãezinha, não é possível, olhe para o pátio. - gritou ela. - Vão ficar ali!...

- Que tens tu? Quem? Que queres?

- Os feridos, quem havia de ser? É impossível, mãezinha, uma coisa dessas não tem classificação... Mãe, mãezinha, perdoe-me se lhe falo nestes termos, minha querida mãezinha... Então, para que queremos nós todas essas coisas que levamos connosco? Olhe, se faz favor, para o que está a passar-se lá em baixo... Mãezinha!... Isto não pode ser!...

O conde conservava-se junto da janela e ouvia a filha sem se voltar para dentro. De

súbito, resfolgou e aproximou-se dos vidros.

A condessa leu nos olhos da filha a reprovação que a conduta dela lhe inspirava, viu a excitação que a tomava, percebeu porque o marido desviava dela os olhos e uma expressão de absoluto desamparo se estampou no seu rosto.

- Façam o que quiserem! Porventura os impeço? - murmurou ela, sem renunciar de todo à sua atitude.

- Mãe, mãezinha, perdoe-me!...

A condessa afastou-a de si e aproximou-se do conde. - Meu amigo, dá as tuas ordens como entenderes... Como podia eu saber? - articulou, baixando os olhos, como se se sentisse culpada.

- São os pintos, são os pintos que dão lições à galinha... - exclamou o conde, com as lágrimas nos olhos, recebendo a condessa nos braços, contente por poder assim esconder no peito do marido a confusão que lhe ia na alma.

- Pai, mãe! Pode então dar as ordens? Não e verdade? - perguntava Natacha. - Assim mesmo podemos levar tudo de que ternos necessidade.

O conde assentiu com um gesto de cabeça e a filha, rápida como quando jogava às escondidas, precipitou-se no vestíbulo e desandou escada abaixo.

Os criados acercaram-se de Natacha, rodearam-na, e não acreditaram nas estranhas ordens que ela lhes dava enquanto as não viram confirmadas pelo conde em nome da condessa, Tratava-se de pôr todos os carros à disposição dos feridos e de transportar os caixotes para a arrecadação. Assim que se certificaram das ordens dadas, com alegria e entusiasmo meteram mãos à obra. Já não lhes parecia estranha agora a resolução dos anos afigurava-se-lhes naturalíssimo que se recolhessem os feridos e se abandonassem as bagagens, quando é certo que um quarto de hora antes o contrário é que lhes parecia razoável.

Toda a gente da casa, como para compensar o tempo perdido, se consagrou a instalar os feridos nos respectivos carros. Estes, pálidos, mas contentes, arrastaram-se para fora de casa e rodearam as viaturas. A boa nova não tardou a correr pelas casas próximas e o pátio dos Rostov encheu-se de feridos.

Muitos deles pediram que os deixassem estar onde estavam as bagagens e instalaram-se em cima delas, Uma vez, porém, que se tinham principiado a descarregar os carros já se não podia voltar atrás. Aliás, que fazia abandonar tudo ou só parte das coisas? O pátio estava juncado de caixotes cheios de louças, de bronzes, de quadros, tudo quanto fora cuidadosamente encaixotado na noite anterior, e ainda se arranjava maneira de descarregar mais coisas para deixar livres os carros,

- Ainda se podem arranjar mais quatro. - disse o intendente - Cedo o meu carro. De outra maneira, como havemos de os instalar a todos?

- Dêem-lhes o carro onde vai o meu guarda-roupa. Dutilacha virá comigo no meu.

Esta ordem foi executada, e mandaram a carruagem recolher feridos duas casas mais adiante. Uma jovial animação impelia toda a criadagem. Natacha há muito tempo que se não sentia tão animada e feliz.

- Como havemos de a amarrar? - diziam os criados que içavam uma mala para o acanhado estribo de uma das viaturas. - Deviam ao menos reservar um dos carros,

- Que tem a mala lá dentro? - perguntou Natacha. - Os livros CIO conde.

- Deixem. O Vassilitch trata disso. Não se preocupem.

O carro não podia levar mais gente. Onde havia de sentar-se Piotre Ilitch?

- Irá no banco do cocheiro. Não é assim, Pétia? Irás ao lado do cocheiro - gritou-lhe Natacha.

Também Sónia agia como podia, mas ao contrário do que fazia Natacha. Ordenava cuidadosamente as coisas que ficavam, inventariando-as, como queria a condessa, procurando levar o que fosse possível.

Capítulo XVII

As duas horas da tarde, as quatro carruagens dos Rostov, carregadas e atreladas, estavam diante da porta principal. Os carros com os feridos tinham saído uns atrás dos outros, abandonando o pátio. A sege que transportava o príncipe André, ao passar diante do alpendre, chamara a atenção de Sónia, ocupada então, com o auxílio de uma criada, a arranjar um bom lugar para a condessa na sua alta e grande carruagem parada diante da porta.

- De quem é aquela sege? - perguntou ela, metendo a cabeça pela portinhola.

- Não sabe, menina? - disse a criada. - É do príncipe fendo que passou aqui a noite e vai partir ao mesmo tempo que nós.

- Quem é? Como se chama?

- É o noivo antigo, o príncipe Boliconski - replicou a criada tristemente. - Parece que está perdido.

Sónia saltou do estribo do carro e correu em busca da condessa.

Esta, já em trajo de jornada, com o xale pelos ombros e o chapéu na cabeça, andava de um lado para o outro do salão, cansada, aguardando que todos saíssem para se sentar um instante, com as portas fechadas, como era seu costume, fazendo as suas orações antes da abalada. Natacha não estava presente.

- Mãezinha! - exclamou Sónia. - O príncipe André está aqui, ferido, e à morte. Vai partir connosco.

A condessa olhou para ela de olhos arregalados e pegando-lhe por um braço:

- Porventura Natacha...? - articulou ela.

Tanto a ela como a Sónia aquela notícia principiara por despertar-lhes um único pensamento. Ambas conheciam muitíssimo bem Natacha e horrorizava-as a ideia do efeito que nela produziria uma tal nova, o que as levava a esquecer a simpatia que o príncipe lhes despertava.

- Natacha nada sabe por ora, mas o príncipe vai connosco. - voltou Sónia.

- Disseste que está a morrer?

Sónia abanou a cabeça afirmativamente, A condessa apertou-a contra si, soluçando,

«Os caminhos de Deus são insondáveis!», disse para si mesma. E pensou que em

tudo que estava a acontecer havia a mão da Providência, oculta até aí.

- Bem, mãezinha, está tudo pronto. Que tem? - perguntou Natacha, que, muito animada, acabava de entrar na sala. - Nada - replicou a condessa. - Se tudo está pronto, vamo-nos embora.

E, para esconder a perturbação que a tomava, pôs-se a remexer na maleta. Sónia estreitou Natacha nos seus braços e beijou-a na face.

Esta fitou-a surpreendida.

- Que tens tu? Que aconteceu?

- Nada... nada...

- Alguma má notícia para mim? Que foi? - inquiriu Natacha, tomada de um pressentimento.

Sónia despediu um suspiro sem responder. O conde, Madame Schoss, Mavra Kuzminitchna, Vassilitch, entraram no salão. De- pois de fecharem as portas, sentaram-se, e assim ficaram por algum tempo sem dizerem palavra e sem olharem uns para os outros.

O primeiro a levantar-se depois foi o conde, e, suspirando fundo, persignou-se diante dos ícones. Todos os demais o imitaram. Em seguida beijou Mavra Kuzminitchna e Vassilitch, que ficavam em Moscovo, e enquanto eles lhe pegavam na mão e o beijavam no ombro, o conde batia-lhes nas costas, pronunciando algumas palavras carinhosas e consoladoras. A condessa recolheu-se ao seu oratório e ajoelhou diante das imagens ainda nas paredes, pois as mais preciosas, recordações de família, haviam sido retiradas para seguir também.

No alpendre e no pátio, os criados que acompanhavam os amos, armados de sabres e punhais que Pétia lhes distribuíra, as calças metidas nos canos das botas, o torso bem cingido em correias e cinturões, despediam-se dos que ficavam.

Como sempre acontece à hora da partida, muitas coisas tinham esquecido, outras estavam mal arrumadas nos carros. Eis porque os dois lacaios estacionaram, por muito tempo, dos dois lados das portinholas abertas e dos estribos da carruagem, prontos a ajudar a condessa a subir, enquanto as criadas andavam de um lado para o outro com as almofadas e os embrulhos, correndo da casa para a berlinda, e da sege para a britchka.

- Sempre se hão-de esquecer de alguma coisa! - exclamava a ama. - Mas bem sabem que eu me não posso sentar assim.

Sem responder de dentes cerrados e uma expressão de censura. Duniacha precipitou-se para a carruagem a fim de ajeitar as almofadas.

- Oh, que gente! - murmurava o conde, abanando a cabeça.

O velho cocheiro Efim, o único em que a condessa confiava, sentado, lá no alto da

boleia, pouco parecia preocupar-se com o que se passava atrás. Graças à experiência que adquirira em mais de trinta anos de serviço, estava certo de que não seria tão cedo que lhe diriam «Vamos! » e que depois de o dizerem ainda o mandariam parar mais duas ou três vezes, para buscar coisas esquecidas, e que em seguida o fariam parar ainda uma vez e que a condessa meteria a cabeça pela portinhola para lhe pedir, em nome de Deus, que descesse as ladeiras devagar. Tudo isto ele o sabia, e, muito mais pacientemente que os seus próprios cavalos, sobretudo o da esquerda, o alazão Sokol, que relinchava e remordia o freio, aguardava os acontecimentos. Finalmente, toda a gente se instalou: recolheram-se os estribos, as portinholas fecharam-se, mandaram ainda procurar um cofrezinho esquecido, e a condessa, metendo a cabeça pela portinhola, pronunciou as palavras sacramentais. Então Efim, lentamente, desbarretou-se e fez o sinal da cruz. O postilhão e os criados imitaram-no. «Que Deus nos proteja!», exclamou Efim, cobrindo-se. O postilhão fez rodar a carruagem. O cavalo de lança da direita fez força sobre o arnês, as molas rangeram e a caixa da sege estremeceu. O lacaio saltou para o assento depois do carro em marcha. Aos solavancos, este entrou na rua empedrada, as outras carruagens, por sua vez, agitaram-se também e todos se puseram em marcha. Um por um, todos os viajantes, ao passarem diante da igreja que ficava defronte da casa, se persignaram. Os criados que ficavam na cidade acompanhavam a pé, de cada lado, os carros que partiam.

Poucas vezes Natacha estivera tão alegre como no momento em que, sentada diante da mãe, via desfilar, lentamente, o casario da cidade de Moscovo, inquieta e abandonada. De quando em quando metia a cabeça pela portinhola e contemplava o grande comboio de feridos que os seguia. À frente de todos lá vinha a capota da sege do príncipe André. Ignorava quem ali ia, e no entanto, do lugar em que se encontrava, era sempre essa capota que procurava com a vista, pois precedia todas as outras carruagens.

Em Kudine desembocaram das Ruas Nikitskaia, de Priesni e de Podriovinski vários comboios do mesmo género, e ao passarem por Sodovaia todos os carros formaram duas filas.

Diante da Torre Sukariev, Natacha, entretida a observar a multidão e as carruagens, exclamou, de súbito, com jovial surpresa:

- Santo nome de Deus! Mãe, Sónia, olhem. é ele!

- Quem? Quem?

- Olhem! O Bezukov. - E debruçou-se da portinhola, apontando para um homenzarrão, envergando um cafetã de cocheiro, evidentemente, como podia depreender-se do seu porte e do seu andar, um senhor disfarçado. Acompanhado por um velhinho de rosto amarelento e imberbe, de capote de lã, caminhava direito ao arco da Torre.

- Garanto-lhes que é o Bclzukov, de cafetã, e vai com um velho. Podem ter a certeza, olhem, olhem!

- Não pode ser. Não é ele. Como podes dizer semelhante tolice?

- Mãezinha, corto o pescoço: é ele. Garanto-lhe. Pára! Para! - gritou para o cocheiro,

O cocheiro, porém, não podia parar, pois da Rua Miechtchanskaia desembocavam mais comboios e mais carros e os cocheiros gritavam aos Rostov que não embaraçassem a circulação.

Efectivamente, embora já longe, todos os Rostov reconheceram Pedro, ou, pelo menos, um homem que com ele se parecia extraordinariamente, caminhando, de cabeça baixa e expressão grave, com um cafetã de cocheiro, ao lado de um velhinho imberbe, com aspecto de lacaio. O velho, notando a cabeça que se debruçava da portinhola, tocou respeitosa m ente no cotovelo do companheiro e disse-lhe qualquer coisa, apontando para a carruagem. De tão mergulhado que ia nos seus pensamentos, Pedro tardou em compreender o que o velho lhe dizia. Tendo, por fim, compreendido, ergueu os olhos, reconheceu Natacha e, num primeiro impulso, correu para o carro. Alguns passos andados, contudo, parou indeciso.

A cabeça de Natacha, toda debruçada da portinhola, resplandecia de irónica doçura.

- Piotre Kirilitch, venha daí! Não vê que já o conhecemos? Que engraçado que é! Que anda a fazer? Para que se disfarçou?

Pedro apertou a mão que se lhe estendia, e sempre a andar, pois o carro continuava a rodar, beijou-a desajeitadamente.

- Que anda a fazer, conde? - perguntou a condessa, numa voz repassada de espanto e compaixão.

- Eu? Mas nada, nada. Não me faça perguntas - replicou ele, sentindo que o olhar alegre e luminoso de Natacha o atraía com o seu encanto.

- Que anda a fazer? Fica em Moscovo?

Pedro manteve-se calado.

- Em Moscovo? - perguntou ele.

- Sim, em Moscovo. Adeus! Oh! O que eu daria para ser um homem! Ficaria consigo. Oh! Seria magnífico! - exclamou Natacha. - Mãezinha, se dá licença, eu também ficarei.

Pedro olhou para ela distraidamente e quis dizer qualquer coisa, mas a condessa interrompeu-o.

- Esteve na batalha, não é verdade? Foi o que nos disseram.

- Estive - respondeu ele. - Amanhã haverá outra batalha...

Natacha interrompeu-o.

- Mas que tem, conde? Não é o mesmo...

- Oh! Não me faça perguntas. Nada lhe posso dizer. Amanhã... Mas não. Adeus, adeus! Que tempos terríveis! - acrescentou.

E, afastando-se da carruagem, dirigiu-se para o passeio.

Por muito tempo ainda Natacha se conservou à portinhola, seguindo-o com o seu sorriso alegre e afectuoso em que havia fosse o que fosse de irónico.

Capítulo XVIII

Desde que desaparecera de sua casa, dois dias antes, Pedro vivia no andar abandonado do falecido Bazdeiev. Eis o que se passara:

Quando acordou, no dia seguinte ao do seu regresso a Moscovo e da sua entrevista com Rostoptchine, levou tempo a compreender onde se encontrava e o que queriam dele. Depois, ao dizerem-lhe que entre as pessoas que o aguardavam na antecâmara estava o francês que lhe entregara a carta da mulher, tornou-o, de súbito, um desses acessos de desânimo e aturdimento a que era atreito. Consigo mesmo disse que tudo estava acabado, que só havia confusão e ruínas, que ninguém tinha culpa nem ninguém tinha razão, que nada esperava do futuro e que a sua vida era um beco sem saída. Rindo com um riso artificial e articulando palavras sem nexo, ora se deixava cair, inanimado, num divã, ora se levantava, se aproximava da porta e espreitava para a antecâmara pelo buraco da fechadura, ora ainda, com um gesto desesperado, voltava a sentar-se, tentando ler. O mordomo veio dizer-lhe, pela segunda vez, que o tal senhor insistia em falar-lhe, por pouco tempo que fosse, e acrescentou que alguém viera pedir-lhe que aceitasse uns livros pertencentes à viúva Bazdeiev, a qual também deixara a cidade.

- Sim, vou já, espera... ou melhor... Diz-lhes que vou Imediatamente - respondera ele.

Assim que o mordomo saíra, Pedro agarrara no chapéu e desaparecera por uma porta detrás. Não havia ninguém no corredor. Seguiu ao longo desse corredor até à escada e, uma vez aí, absorto e apertando a cabeça entre as mãos, desceu até ao primeiro patamar. O porteiro estava junto da porta principal. No patamar onde Pedro se detivera havia outra escada que conduzia à porta de serviço. Por aí passou e desceu para o pátio. Ninguém o vira. Na rua, porém, ao transpor o portão, os cocheiros que aí estacionavam e o próprio porteiro, vendo-o, descobriram-se. Ao sentir que os olhos deles o seguiam, Pedro fez como e, avestruz, que esconde a cabeça debaixo da asa para passar despercebido. Baixando os olhos, acelerou o passo.

A coisa que se lhe afigurara mais urgente naquela manhã era recolher os livros e os papéis de Osip Alexeievitch Bazdeiev. Tomou o primeiro carro que se lhe deparou e mandou bater para os Tanques Patriartchi, onde residia a viúva Bazdeiev.

Ia observando a grande fileira de carros que saíam da cidade enquanto se firmava o

melhor que podia na velha carruagem desconchavada que ameaçava atirá-lo à rua.

Sentia a alegria de uma criança que faz gazeta à escola e todo o caminho tagarelou com o cocheiro.

Este contou-lhe que no Kremlin estavam a distribuir armas pelo povo e que no dia seguinte toda aquela gente se concentraria na barreira de Tri Geri, onde iria travar-se uma grande batalha. Quando chegou aos Tanques Patriartchi, pediu que lhe indicassem a casa de Bazdeiev, onde há muito não vinha. Aproximou-se da cancela. Guerassime, aquele velhinho imberbe e amarelento que ele vira em Torjok, há cinco anos, na companhia do falecido amo, acorreu a recebê-lo.

- A senhora está? - perguntou Pedro.

- Saiba Vossa Excelência que a senhora e os meninos foram para as suas terras de Torjok. - Informou ele.

- Mesmo assim entro. Tenho de seleccionar os livros. - volveu Pedro.

- Bem-vindo seja. O irmão do falecido, que Deus tenha em descanso. Makar Alexeievitch, está aí. Mas, como sabe, é tontinho - tornou o velho criado.

Makar Alexeievitch, como Pedro sabia, era meio doido e passava a vida a beber.

- Sim, sim, bem sei. Vamos... vamos... - disse Pedro, entrando.

No vestíbulo, de pé, com os pés, sem meias, metidos nuns chinelos, estava um corpulento velho, calvo, embrulhado num roupão. Quando viu Pedro, murmurou algumas palavras, furibundo, e saiu para o corredor.

- Era inteligentíssimo, mas agora, como vê, está tontinho - disse Guerassime. - Quer entrar para o escritório?

Pedro assentiu com um aceno de cabeça.

- Tem estado sempre fechado. Sofia Danilovna deu ordens, caso alguém viesse da sua parte, para entregarmos os livros.

Pedro penetrou no escritório escuro onde nunca entrara em vida do Benfeitor sem um estremecimento.

Agora, coberto de pó e intacto desde que morrera Osip Alexeievitch, ainda parecia mais triste.

Guerassime, depois de abrir as portadas das janelas, desapareceu em bicos de pés. Pedro, assim que percorreu a dependência, aproximou-se do armário onde estavam os manuscritos e pegou num deles, um dos mais preciosos para a história da Ordem. Eram as actas originais das lojas escocesas, anotadas e explicadas pelo Benfeitor. Sentou-se diante da mesa de trabalho coberta de pó e, colocando o manuscrito diante de si, folheou-o, voltou a fechá-lo, e, por fim, esquecido dele, quedou-se, mergulhado nos seus pensamentos, de

cabeça entre as mãos. Por várias vezes Guerassime, relanceando um olhar discreto ao escritório, viu Pedro na mesma postura. Passadas mais de duas horas, permitiu-se remexer qualquer coisa junto da porta para chamar a atenção de Bezukov: este, porém, não deu por coisa alguma. - Quer que mande embora o cocheiro?

- Ah! Sim - replicou Pedro, voltando a si e levantando-se precipitadamente. - Ouve - prosseguiu, detendo Guerassime por um botão da blusa enquanto o mirava dos pés à cabeça com os seus olhos brilhantes, húmidos e cheios de entusiasmo. - Ouve, sabes que amanhã vai haver uma batalha?

- É o que dizem - volveu Guerassime.

- Peço-te que a ninguém digas quem eu sou. E agora faz o que eu te disser...

- Às suas ordens, Quer comer alguma coisa?

- Não, é de outra coisa que preciso. Quero que me arranjes um fato de camponês e uma pistola - disse Pedro, corando.

- Às suas ordens - replicou Guerassime após um momento de reflexão.

Pedro levou o resto daquele dia no escritório do Benfeitor, passeando, nervosamente, de um lado para o outro, como Guerassime o pôde ver, e falando sozinho. À noite dormiu numa cama ali mesmo armada.

Guerassime, que na sua longa vida de criado vira muita coisa estranha, aceitou sem relutância que Pedro se instalasse em casa dos seus amos e sentiu-se mesmo contente por ter tido ocasião de lhe prestar um serviço. Nessa noite, sem perguntar sequer para que isso lhe serviria, arranjou um cafetã e um boné para Pedro, prometendo-lhe para o dia seguinte a pistola pedida. Makar Alexeievitch, por duas vezes, durante o dia, a arrastar os chinelos, veio postar-se à porta, olhando para Bezukov com um olhar carinhoso. De uma das vezes, tendo-se Pedro voltado para, ele, o idiota embrulhou-se no roupão, com ar tímido e enfadado, e afastou-se pressuroso. Foi então que Bezukov, vestido com o trajo de cocheiro que Guerassime conseguira para ele, na companhia deste, e quando ia tentar arranjar uma pistola na Torre Sukariev, se cruzou na rua com os Rostov.

Capítulo XIX

Na noite do dia 1 de Setembro, Kutuzov deu ordem às tropas russas para retirarem sobre Moscovo pela estrada de Riazan, As primeiras tropas puseram-se a caminho durante a noite. Nessa marcha nocturna ninguém se apressava, todos caminhavam lenta e ordenadamente; quando raiou, porém, a madrugada, ao chegarem à ponte de Dorogomilov, os soldados viram diante de si, do outro lado, massas de homens armados que se atropelavam para passar a ponte, acumulando-se na outra margem, bloqueando ruas e quelhas, comprimidos por outros que vinham atrás deles. Nas colunas de tropas deu-se então uma grande desordem. Toda a gente se precipitou para a ponte, para os vaus e para as barcas. O próprio Kutuzov ordenou que os transportassem para a outra margem por caminhos desviados.

As dez horas da manhã do dia 2 de Setembro havia apenas tropas de retaguarda nos arrabaldes de Dorogomilov. O grosso do exército atravessara o Moskva e estava já muito para além de Moscovo.

À mesma hora encontrava-se Napoleão, no meio das suas tropas, no monte Poklonaia e contemplava o espectáculo que se lhe oferecia aos olhos. Entre 26 de Agosto e 1 de Setembro, da batalha de Borodino à entrada do inimigo em Moscovo, durante aquela semana memorável e inquieta, fizera um tempo extraordinário, motivo de surpresa em pleno Outono. O Sol, já muito baixo no horizonte, era mais ardente que na Primavera; pela atmosfera, levíssima e pura, irradiava uma luz que deslumbrava os olhos; o peito dos homens dilatava-se feliz por aspirar os capitosos aromas outonais; as próprias noites, escuras e mornas, eram suaves, e durante elas caía do céu como que uma chuva de estrelas de ouro que, espalhando alegria, ao mesmo tempo assustava as pessoas.

No dia 2 de Setembro, às dez horas da manhã, o tempo estava assim.

A luz matinal irradiava um brilho feérico. Do alto do monte Poklonaia via-se em baixo Moscovo, com o seu rio, os seus jardins, as suas igrejas. Dir-se-ia que a cidade tinha vida própria, com as suas cúpulas cintilando, sob os raios do Sol, como se fossem estrelas.

Ante a arquitectura extraordinária daquela capital.- Napoleão sentiu essa curiosidade inquieta e cobiçosa que costuma despertar o contacto com uma existência de que nada sabemos e que nos é completamente estranha. Via-se bem que aquela cidade tinha vida

própria e intensa. Graças a esses sinais indefiníveis que nos permitem distinguir a distância um ser vivo de um cadáver, Napoleão, do alto do monte Poklonaia, apercebia o palpitar da vida daquela capital como se sentisse a respiração desse grande e magnífico corpo.

Ao contemplar Moscovo, todos os russos sentem que ela é como que uma mãe para eles. O estrangeiro, embora desprovido deste sentimento filial, não pode deixar de se sentir impressionado pelo carácter feminino da cidade. Eis a impressão que Napoleão sentia também.

- Esta cidade asiática das mil igrejas, Moscovo, a Santa. Aqui está ela, finalmente, a famosa cidade. Já era tempo! - exclamou ele, e, apeando-se do cavalo, mandou abrir diante de si a planta da cidade e chamou o intérprete, Lelorgne d'Ideville. *«Uma cidade ocupada pelo inimigo faz lembrar uma virgem que Perdeu a virgindade»,* pensava, repetindo para si próprio o que dissera em Smolensk a Tutchkov. E animado por estes sentimentos contemplava, estendida a seus pés, a beleza oriental que via pela primeira vez. Ele próprio achava extraordinário que, se realizasse enfim aquele sonho que havia tanto acarinhava e que se lhe afigurara irrealizável. Aquela clara luz matinal, ora fixava os olhos na cidade ora no mapa que tinha diante, confirmando pormenores, e a certeza daquela posse ao mesmo tempo que o perturbava causava-lhe medo,

«Teria porventura podido ser de outra maneira?», interrogava-se a si próprio. «Ei-la aqui, a grande capital, ei-la a meus pés, aguardando o destino. Onde estará agora Alexandre? E que pensará ele? Cidade estranha, soberba, magnífica! Que momento raro e solene! Sob que aspecto me verão eles?», prosseguia pensando nos seus soldados. «Aqui a têm, a recompensa que dou a esses homens de pouca fé.» E percorria com os olhos a comitiva e as tropas que marchavam em perfeita ordem! «Basta uma palavra minha, um só gesto da minha mão, e esta antiga capital dos czares converter-se-á num monte de ruínas. *Mas a minha clemência está sempre pronta a descer até aos vencidos.* Devo ser magnânimo e verdadeiramente grande... Não! Será possível que eu esteja em Moscovo?», interrogava-se, de súbito. «Mas a verdade é que ela aqui está, deitada a meus pés, com as suas cúpulas douradas e as suas cruzes cintilando à luz do Sol. Saberei poupá-la. Na fachada destes antigos monumentos, símbolo da barbaria e do despotismo, mandarei escrever grandiosas palavras inspiradoras de justiça e misericórdia - Tenho a certeza de que Alexandre o há-de apreciar acima de todas as coisas...» Afigurava-se-lhe que tudo aquilo era resultado da rivalidade pessoal entre ele e Alexandre. «Do alto do Kremlin - sim, aquilo é o Kremlin- ditar-lhes-ei leis justas, mostrar-lhes-ei a verdadeira civilização; as futuras gerações dos boiardos hão-de pronunciar amorosamente o nome do seu conquistador. Direi à delegação que me enviarem que não quis e não quero a guerra, que a que me v forçado a fazer visava

a política mentirosa da sua corte, que amo e respeito Alexandre e que estou pronto a aceitar em Moscovo uma paz digna de mim e dos meus povos. Não quero aproveitar-me de uma guerra vergonhosa para humilhar o soberano a quem venero. 'Boiardos!', dir-lhes-ei, 'não quero a guerra, quero a paz e o bem-estar de todos os meus súbditos.' Aliás, tenho a certeza de que a presença dessa gente me há-de inspirar e que lhes hei-de falar como sempre falo, com clareza, com solenidade e com grandeza. Mas será possível que eu esteja em Moscovo? Estou, Moscovo, ei-la ali.»

- *Tragam-me os boiardos!* - exclamou, voltando-se para a comitiva.

Um general, seguido de um séquito brilhante, partiu imediatamente a galope em busca dos boiardos.

Duas horas decorreram. Napoleão almoçou e voltou para o mesmo local do monte Poklonaia a aguardar a delegação. O discurso que lhe dirigiria desenhava-se-lhe já claro na imaginação. Era um modelo de dignidade e grandeza de acordo com a concepção napoleónica.

A magnanimidade desse discurso, que ele esperava agisse poderosamente sobre Moscovo, enchia-o de entusiasmo. Assentava já na data em que reconvocaria a reunião no palácio dos czares, reunião essa em que as altas personalidades russas deveriam encontrar-se com as da sua corte. E nomearia previamente um governador capaz de conquistar para ele, Bonaparte, a simpatia da população. Sabendo que Moscovo dispunha de grande número de instituições de caridade, estava decidido a cumulá-las de benesses. «Assim como, em África», pensava, «devemos envergar um albornoz para entrar numa mesquita, em Moscovo convém sermos generosos para com os czares.» E para definitivamente conquistar o coração dos Russos, como todo o bom francês, incapaz de conceber seja o que for de sentimental sem falar da minha querida, da minha terna, da minha pobre mãe, ei-lo que decide que na fachada de todas as instituições mandaria inscrever em grandes letras: - *Estabelecimento dedicado à minha querida mãe.* Ou, não, antes, simplesmente: Casa de minha mãe. «Mas estarei eu, realmente, em Moscovo?», repetia de si para consigo, mentalmente. «Sim, ei-la aqui diante de mim. Então porque leva a delegação tanto tempo a aparecer?»

Entretanto, nas últimas fileiras da sua comitiva, generais e marechais discutiam a meia voz. Os que haviam sido enviados pela delegação tinham voltado e informavam que a cidade estava deserta, todos os seus habitantes a tinham abandonado. A palidez e a consternação estamparam-se em todos os rostos. Não era propriamente a notícia que os atemorizava, embora fosse de vulto, mas a maneira de a comunicarem ao imperador sem colocar Sua Majestade numa situação ridícula, para os Franceses a mais grave de todas,

fazendo-lhe saber que debalde aguardaria os boiardos e que em Moscovo apenas se viam bandos de bêbedos. Havia quem fosse de parecer que apesar de tudo devia arranjar-se uma delegação; outros, pelo contrário, sustentavam ser preciso, com todo o cuidado, e prudência, preparar o imperador e dizer-lhe a verdade.

- *É preciso dizer-lho, seja como for...* - diziam. - *Mas, meus senhores...*

A situação era tanto mais penosa quanto era certo o imperador, todo entregue aos seus sonhos de generosidade, andar de um lado para outro, pacientemente, diante do mapa da cidade, olhando de tempos a tempos para a estrada de Moscovo e sorrindo triunfante.

- Mas é impossível... - diziam os membros da comitiva, encolhendo os ombros, sem se decidirem a pronunciar a palavra terrível - «ridículo» - Que cada um tinha nos lábios.

Entretanto o imperador, cansado de esperar, e sentindo, graças ao seu instinto de actor, que o instante sublime tardava de mais, perdendo, portanto, a sua grandeza, acenou com a mão. Um tiro de peça deu o sinal e as tropas que cercavam a cidade por todos os lados marcharam em direcção a Tverskaia, através da Calçada de Kaluga, e romperam pela barreira de Dorogomilov. Em passo cada vez mais acelerado, adiantando-se uns aos outros, soldados de infantaria e cavalaria avançavam, levantando grandes nuvens de poeira e atroando os ares com os seus gritos ensurdecedores.

Arrebatado pelo entusiasmo dos seus soldados, Napoleão chegou ao mesmo tempo do que eles à barreira de Dorogomilov. Uma vez aí, parou, apeando-se do cavalo, e por muito tempo aí ficou a passear junto da esplanada de Kamer-Koleskovo, sempre espera da delegação.

Capítulo XX

Moscovo estava deserta, Embora lá se encontrassem alguns habitantes, a quinta parte, pouco mais ou menos, da sua população habitual, nem por isso estava menos deserta. Na colmeia o que falta a rainha, não há vida, embora a um olhar superficial continue tão animada como antes.

Sob os ardentes raios de sol do meio-dia, as abelhas dessa colmeia zumbem em torno dela como em torno das demais. Também aí se sente o cheiro a mel, e as abelhas entram e saem. Um pouco de atenção, porém, e compreender-se-á que nessa colmeia já não há vida. As abelhas não lhe zumbem em redor como em redor das colmeias vivas, e não têm nem o mesmo cheiro nem o mesmo zumbido. Quando se bate na parede de uma colmeia doente, em vez da resposta instantânea e unânime de dezenas de milhares de insectos que alçam, ameaçadores, o ferrão, agitando no ar as asas rápidas, apenas se ouvem zumbidos isolados em certos pontos da colmeia quase vazia. A entrada já se não aspira, como antes, o perfume alcoolizado e forte do mel e do veneno cios seus habitantes; já não sai lá de dentro o calor de um lugar habitado. Ao perfume adocicado de outros tempos junta-se agora um cheiro a podridão e abandono. Já não há guardas prontas a dar sinal de alarme e a morrer em defesa da colmeia. Já se não ouve esse som regular e tranquilo. índice de um trabalho activo, que faz lembrar o cachão da água a ferver, mas zumbidos irregulares e dispersos, indício de desordem. Entram e saem da colmeia, tímidas e astuciosas, salteadoras negras, de corpo alongado e coberto de mel. Desprovidas de ferrão, fogem quando as perseguem. Antigamente as obreiras chegavam com o seu quinhão e partiam sem nada; agora, pelo contrário, cada uma leva a sua parte. O apicultor abre a parte inferior da colmeia e examina o que se passa aí. Em vez das abelhas negras e gordas, entregues ao seu trabalho, pendendo em cacho até à parte inferior, fincadas umas nas outras pelas patas, e segregando cera num zumbido ininterrupto, abelhas sonolentas erram de um lado para o outro no fundo e nas paredes da colmeia. Em lugar de um pavimento bem fornido de cera vermelha e cuidadosamente varrido pelas asas dos habitantes, juncam o chão migalhas de cera, excrementos e abelhas semimortas, que agitam as patas molemente, ou estão mortas de todo.

O apicultor abre agora a parte superior da colmeia e examina c, que lá vai dentro. Em

vez dos intervalos das prateleiras bem calafetados, para que os insectos estejam aconchegados, vê um trabalho artístico, complicado e hábil, mas já não no seu estado virgem de outrora. Tudo está sujo e deserto. As abelhas salteadoras introduzem-se, rápidas e subtis, pelo meio das obreiras: estas, secas, encolhidas, murchas, como se fossem velhas, deslocam-se lentamente, sem impedir a pilhagem das salteadoras, sem nada quererem, sem gosto pela vida. Zângãos, larvas, borboletas, batem de encontro às paredes da colmeia. Aqui e ali, entre os tabuleiros com abelhas mortas e mel, ouve-se, de quando em quando, um zumbido irritado. Algures, duas abelhas, impelidas Pelo instinto e o antigo hábito, limpam o interior da colmeia e arrastam para o exterior, num esforço que excede o seu poder, cadáveres de abelhas mortas ou de zangãos, sem se darem conta do que estão a fazer. Noutro canto, duas velhas abelhas lutam Preguiçosamente ou lavam-se ou nutrem-se uma à outra, sem consciência de ser hostil ou amistosa a sua atitude. Noutro ponto ainda um grupo de abelhas, esmagando-se mutuamente, ataca uma vítima qualquer, e sufoca-a. E a vítima, impotente ou morta, cai lentamente, leve como uma pena, sobre o monte de cadáveres. O apicultor retira dois tabuleiros do meio para ver o ninho. No centro de milhares de abelhas que formam um círculo negro e apertado, costas com costas, ali colocadas para vigiar os altos mistérios da eclosão, vê agora apenas alguns centos de abelhas esqueléticas, tristíssimas, quase mortas e entorpecidas. Pela maior parte, estão efectivamente semimortas e Ignoram, na sentinela que fazem àquele santuário, que já não existe o que elas tinham de guardar. Despedem um fedor a podridão e a morte. Apenas algumas remexem ainda, esvoaçam e preguiçosamente vêm pousar na mão do inimigo, já sem forças para perder a vida picando-o. As outras, mortas, caem no fundo, leves, como escamas de peixe. O apicultor fecha a colmeia, marca-a a giz e na altura precisa quebra-a para queimá-la.

Assim era Moscovo, enquanto Napoleão, inquieto, fatigado, carrancudo, andava de um lado para o outro na esplanada de Karner-Koleskovo, aguardando a chegada da delegação: cerimónia puramente convencional, mas que ele considerava indispensável.

Nos diversos bairros de Moscovo apenas restavam algumas pessoas movendo-se sem saberem o que faziam, por simples hábito.

Acabaram, com as precauções devidas, por comunicar a Napoleão que Moscovo estava vazia. O imperador fitou, colérico, aquele que lhe deu a notícia e continuou a andar de cá para lá em silêncio.

- A minha carruagem! - ordenou por fim.

E subindo para o carro, na companhia do ajudante-de-campo de serviço, dirigiu-se para os arrabaldes da cidade. *«Moscovo deserta! Que acontecimento inverosímil!»,* dizia de si para

consigo.

Não chegou a entrar na cidade e deteve-se numa estalagem dos arrabaldes, em Dorogomilov.

O golpe de teatro falhara.

Capítulo XXI

As tropas russas tinham desfilado em Moscovo das duas horas da madrugada às duas horas da tarde, levando consigo os últimos habitantes e os últimos feridos.

Durante o desfile das tropas a maior confusão se verificou nas pontes de Pedro, do Moskva e do Iauza.

Enquanto as tropas se cindiam em duas partes para contornarem o Kremlin pelas pontes do Moskva e de Pedro, numerosos soldados, aproveitando a paragem e a precipitação, voltaram para trás. Passando sub-repticiamente pela porta Borovitski e pela Igreja do Bem- Aventurado Basílio, dirigiram-se à Praça Vermelha, onde pressentiam que lhes seria possível apoderarem-se facilmente dos bens alheios. Uma, multidão que fazia lembrar a de um dia de feira encheu todas as entradas e ruelas de Gostinii Dvor. Não se ouviam, porém, as vozes melífluas e falsamente acolhedoras dos feirantes e bufarinheiros. Não se via a turbamulta garrida dos habituais compradores. Por toda a parte eram fardas e capotes de soldados sem armas que entravam nas lojas de mãos vazias e delas saíam a abarrotar. Alguns comerciantes, poucos, com os seus empregados, atarefavam-se pelo meio dos militares, abrindo e fechando as lojas, tentando levar os seus artigos para sítio seguro. Na Praça de Gostinii Dvor rufavam tambores. Mas o som dos tambores já não reunia os militares, como antigamente. Pelo contrário, dispersava-os ainda mais. A mistura com os soldados viam-se nas lojas e ruelas homens de cafetã sujo e de cabeça rapada *(Os malfeitores que tinham sido postos em liberdade. (N, dos T.).* Dois oficiais, um montado num cavalicoque cinzento-escuro, uma faixa a tiracolo sobre a farda, e, outro, de capote e a pé, estacionavam, conversando, à esquina da Rua Ilinka, quando outro se acercou deles.

- O general ordena que se corra imediatamente daqui com as praças custe o que custar. Isto não tem classificação! Metade dos homens debandou.

- Aonde vais tu? Aonde vão vocês?... - gritou a três soldados de infantaria, que, sem armas, as abas dos capotes levantadas, se introduziam numa loja ali mesmo. - Agarrem-nos! Canalha!

- Trate lá de os reunir! - comentou um dos oficiais. - Não há maneira de os juntar. É preciso irmo-nos daqui, quanto mais depressa melhor para que os que ainda restam não desapareçam também. Não há outra coisa a fazer!

- E como havemos de avançar? Fizeram alto lá adiante, a ponte está atulhada e não há maneira de se sair daqui. O melhor era cerrar fileiras para impedir a fuga dos que ainda nos restam,

- Pois trate disso! Corra com eles daqui! - gritou o comandante.

O oficial da faixa desmontou do cavalo, chamou um tambor e, dirigiu-se com ele para as arcadas. Alguns grupos de soldados debandaram. Um comerciante, com as bochechas cobertas de borbulhas em volta do nariz, aproximou-se do oficial num passo rápido e um tanto amaneirado, gesticulando muito. Na sua expressão havia uma resolução serena e inabalável.

- Excelência – disse - faça-nos a mercê de nos conceder a sua protecção. Não regateamos ninharias. Será para nos um grande prazer que queira escolher qualquer coisa. Aqui tem um bom pano. Mesmo duas peças, para um cavalheiro como o senhor, não faz mal. Nós compreendemos. Mas que vem a ser isto? É um saque. Peço-lhe, mande a guarda para aqui; ao menos que possamos fechar as lojas...

Vários comerciantes se acercaram do oficial.

- Ora, deixem-se de palavreado inútil! - disse um deles, magro, de expressão severa. - Quando nos cortam a cabeça, não vale a pena chorar a perda dos cabelos. Pois que levem o que quiserem. E fez com a mão um gesto enérgico, meio voltado para o lado do oficial.

- Sim, sim, Ivan Sidoritch, para ti é, o mesmo - replicou o primeiro. - Queira vir por aqui, Excelência!

- Que dizes? Eu sei o que digo - exclamou o magricela. - Aqui, nas minhas três lojas, tenho para cima de cem mil rublos de mercadoria. Quem vai guardar isto depois de as tropas partirem? A gente bem os conhece. Contra a vontade de Deus nada pode o braço do homem.

- Por favor. Excelência. - repetia o primeiro comerciante, todo mesuras.

O oficial continuava indeciso e a sua atitude traía irresolução.

- E que tenho eu com isso? - exclamou, de súbito, dirigindo-se a passos rápidos para as arcadas.

Numa das lojas cuja porta estava aberta ouviam-se socos e invectivas e, na altura em que o oficial se aproximava, saía lá de dentro, correndo, um homem de *armiak (Trapo próprio dos cocheiros russos. (N, dos T.)* sujo e cabeça rapada.

Encolhendo-se, esgueirou-se por entre o oficial e os lojistas. Aquele lançou-se sobre os soldados que estavam dentro da loja. Nesse momento, contudo, ressoaram espantosos clamores da imensa multidão aglomerada na ponte do Moskva, e o oficial correu para a praça.

- Que se passa? Que foi? - perguntou, mas o seu camarada já se precipitara para onde vinham os gritos, metendo ao longo da Igreja do Bem- Aventurado Basílio.

O oficial montou a cavalo e seguiu-o. Ao chegar à ponte, viu duas peças retiradas das carretas, a infantaria em marcha, carroças voltadas, rostos esgazeados e soldados rindo a bandeiras despregadas. Junto das peças de artilharia estava uma carroça tirada por dois cavalos. Atrás das rodas da carroça, amarrados uns contra os outros, havia quatro galgos. Na carroça amontoavam-se muitos objectos e lá no alto, junto a uma cadeirinha de criança, de pés para o ar, sentava-se uma mulher, que soltava gritos agudos e desesperados. O oficial soube pelos seus camaradas que os gritos eram devidos ao facto de o general Ermolov, ao ter conhecimento de que os soldados se tinham dispersado pelas lojas e que os habitantes se acumulavam junto à ponte, mandar retirar as peças das carretas e gritar que ia mandar fazer fogo, para exemplo.

Então a multidão derrubara as carroças e empurrando-se esmagando-se, em grandes gritos, acabara por desimpedir a ponte, podendo as tropas prosseguir na sua marcha.

Capítulo XXII

No centro da cidade, porém, tudo estava deserto. Nas ruas não havia quase vivalma. As portas dos prédios e das lojas estavam fechadas. Aqui e ali, em volta das tabernas, ouviam-se gritos isolados ou cantorias de bêbedos. Ninguém circulava de carruagem, raramente de ouviram os passos de um peão. Na Rua Povarskaia, vazia, o sossego era completo. No imponente pátio do palácio dos Rostov, além de restos de palha e excrementos de cavalo, não se via mais nada nem ninguém. De resto, lá dentro, em casa, onde ficara todo o mobiliário, havia apenas duas pessoas, que estavam instaladas no salão nobre: o porteiro Ignate e o cossaco Michka, neto de Vassilitch, que ficara em Moscovo com o avô. Michka abrira o cravo e tocava só com um dedo.

O porteiro, de mãos à cinta e sorriso nos lábios, mirava-se a um grande espelho.

- Não é verdade que toco muito bem? Hem! Tio Ignate! - exclamou o rapaz, pondo-se, de súbito, a bater com as duas mãos em cima das teclas.

- Não há dúvida! - replicou Ignate, maravilhado com a imagem que o espelho lhe reflectia, cada vez mais risonha.

- Não tem vergonha! Sim, não tem vergonha nenhuma! - disse, por detrás deles, Mavra Kuzminitchna, penetrando na sala - sem fazer ruído. - Olhem como ele arreganha os dentes! Não servem para mais nada. Tudo está ainda por arranjar, e o Vassilitch não pode mais. Eu te direi!

Depois de ajeitar o cinturão, Ignate, que deixara de sorrir, baixou os olhos e saiu da sala.

- Tiazinha, só mais um bocadinho - suplicou o pequeno. - Deixa estar que eu te dou «mais um bocadinho», maroto! - exclamou Mavra Kuzminitchna, erguendo para ele a mão. - Trata de arranjar depressa o samovar para o teu avô.

Mavra Kuzminitchna espanejou os móveis, fechou o cravo e, despedindo um fundo suspiro, saiu do salão, fechando a porta à chave.

Quando chegou ao pátio, pôs-se a pensar no que deveria fazer: iria ao pavilhão tomar chá com Vissilitch, ou arranjaria na despensa o que ainda não estava em ordem?

Passos apressados ressoaram no silêncio da rua detendo-se em frente da cancela do portão e o ferrolho rangeu impelido por uma mão que fazia força para abri-lo.

Mavra Kuzminitcha dirigiu-se para a porta.

- Que deseja?

- O conde, o conde Ilia Andreitch Rostov.

- E o senhor quem é?

- Sou oficial. Precisava de falar com ele - replicou o desconhecido com o agradável timbre de voz de um senhor russo. Mavra Kuzminitchna abriu a porta. Um oficial dos seus dezoito anos, de rosto redondo, tipo dos Rostov, penetrou no pátio.

- Paizinho, os senhores foram-se embora. Dignaram-se partir ontem à noite. - explicou Mavra Kuzminitchna, amavelmente.

O jovem continuava à porta, indeciso, sem saber se devia ou não entrar. Deu um estalo com a língua.

- Oh, que aborrecimento! - exclamou. - Devia, ter vindo ontem... Que pena!

Entretanto a velha governanta examinava, com simpatia, atentamente, a fisionomia do desconhecido, em que havia muitos traços dos Rostov, o seu capote esfarrapado e as botas velhas que calçava.

Que queria do conde? - inquiriu ela.

- Agora... nada há a fazer! - volveu o oficial, desconsolado, e deu um passo para a porta.

Mas deteve-se ainda indeciso.

- É que... - explicou ele, de súbito. - Eu sou parente do conde e ele sempre foi muito bom para mim. E, como vê, o meu vestuário - acrescentou, mirando o capote e as botas, enquanto sorria cordialmente - está um tudo-nada usado e estou sem cinco réis. Queria por isso pedir ao conde...

Mavra Kuzminitchna não o deixou concluir.

- Quererá esperar um instante, Paizinho, só um instante? - disse ela.

E enquanto o oficial soltava a mão do ferrolho, Mavra Kuzminitchna, com o seu passinho pressuroso de velha, encaminhou-se para o pavilhão.

Entretanto, o oficial pôs-se a passear no pátio, de cabeça baixa e remirando as botas rotas. «Que maçada não encontrar o meu tio. Mas que simpática velha! Que teria ido fazer? Era bom que me dissesse que ruas devo eu seguir para apanhar o meu regimento, a esta hora lá para os lados da Rogojskaia.» Mavra Kuzminitchna surgiu daí a pouco no cunhal da casa, preocupada, mas decidida, trazendo na mão um tabaqueiro atado nas pontas. Depois de alguns passos em direcção ao desconhecido, desfez o nó do lenço, retirou de dentro uma nota de vinte rublos e precipitadamente meteu-a na mão do oficial.

- Se Sua Excelência estivesse em casa. é claro que o receberia como seu parente, mas

assim...

Mavra Kuzminitchna parecia envergonhada e confusa; o oficial, porém, sem se fazer rogado, lentamente, pegou na nota e agradeceu a dádiva.

- Se o conde estivesse em casa... - prosseguiu a velha, desculpando-se. - Que Jesus Cristo o acompanhe, paizinho. Que Deus e, proteja - acrescentou seguindo o oficial e fazendo-lhe uma reverência.

O oficial dir-se-ia rindo para si mesmo e, abanando a cabeça, pôs-se a andar em passo acelerado, ao encontro do seu regimento, ao longo das ruas desertas, direito à ponte do Iauza. Mavra Kuzminitchna, os olhos cheios de lágrimas, por muito tempo ali ficou plantada atrás da porta fechada, pensativa, abanando a cabeça: o oficialzinho desconhecido despertara nela uma súbita onda de ternura e piedade maternal.

Capítulo XXIII

Numa casa por acabar da Rua Varvarka, com uma taberna no rés-do-chão, ouviam-se gritos e canções de bêbedos. Numa divisão suja, sentados em redor de uma mesa, havia dez operários, Bêbedos, cobertos de suor, os olhos nublados, cantavam, abrindo muito a boca. Cada um entoava para seu lado, fazendo grandes esforços, sem entusiasmo, não, claro, porque isso lhes desse prazer, mas apenas para mostrarem que estavam bêbedos e que se divertiam. Só um deles, um rapagão louro, alto, de cafetã azul, estava de pé. Podia dizer-se que tinha uma bela cara, de nariz direito e fino, se não fossem os seus lábios cerrados, que remexiam sem cessar, e os olhos imóveis, turvos e sombrios. Dominava, pela estatura, todos os demais cantores e como que para dirigir o coro ia agitando por cima das cabeças, num movimento solene e desajeitado, um braço branco, nu até ao cotovelo, cujos dedos da mão separava de maneira pouco natural. A manga do casaco estava constantemente a descair-lhe para cima do braço, e ele, com a outra mão, voltava a arregaçá-la cuidadosamente, como se fosse da maior importância conservar desnudo o braço branco e musculoso que estava sempre a agitar. No meio daquela cantoria ouviu-se lá para o vestíbulo e alpendre a algazarra de uma altercação. O rapaz alto fez calar os cantores com um gesto da mão.

- Basta! - gritou, numa voz de comando. - Há pancada, rapazes!

E ei-lo que, de mangas arregaçadas, se precipita no alpendre. Os demais operários seguiram-lhe os passos. Aqueles bêbedos tinham trazido ao taberneiro nessa manhã, para lhe pagar o vinho que beberam, couros da fábrica em que trabalhavam. Os serralheiros da vizinhança, supondo a taberna assaltada, queriam entrar à força no estabelecimento. Eis porque no alpendre se chegara a vias de facto.

O dono da taberna debatia-se com um deles, o qual, no momento em que os operários apareceram, tendo-se-lhe escapado das mãos, fora cair estatelado no passeio.

Um seu companheiro atirou-se ao dono da taberna. O rapaz alto, das mangas arregaçadas, deu um soco no serralheiro, vociferando como um selvagem.

- Rapazes! Estão a matar os nossos companheiros!

Entretanto, o primeiro serralheiro, que se erguera do chão, ao passar a mão pela cara ensanguentada, principiou a gritar, numa voz lastimosa:

-Ó da guarda! Mataram-me... Irmãos, mataram um homem! Irmãos!

- Pai do Céu! Mataram um homem, mataram um homem! - esganiçou-se uma mulher que surgiu de uma porta vizinha.

A multidão aglomerava-se em torno do serralheiro ensanguentado.

- Não te basta roubares o povo até lhe arrancares a ultima camisa - vociferou alguém dirigindo-se ao taberneiro. - Agora ainda rios queres matar? Bandido!

O rapagão, no alto da escada do alpendre, olhos nublados, ora fitava o taberneiro ora os serralheiros, perguntando a si mesmo com qual deles iria bater-se.

- Assassino! - de súbito, dirigindo-se ao taberneiro. - Amarrem-no, rapazes!

- O quê? A mim, amarrarem-me a mim? - exclamou este, libertando-se dos agressores, e, tirando o boné, arremessou-o ao chão.

Dir-se-ia que este gesto encerrava uma misteriosa ameaça. Os operários, que caíam sobre ele, detiveram-se, indecisos.

- Irmão, eu conheço muito bem as leis e sou pela ordem. Vou queixar-me à polícia, Hem! Julgas que não vou? A ninguém é permitido, no dia de hoje, assaltar a casa alheia, percebe? - acrescentou, apanhando o boné do chão.

- Pois vamos a isso! Que julgas tu? Vamos a isso! - repetiram por sua vez o serralheiro e o rapaz alto, chefe dos operários. E ambos se meteram a caminho do posto da polícia.

O serralheiro, com a cara coberta de sangue, seguia atrás deles. Operários e mirones acompanhavam-nos falando e gritando. A esquina da Rua Morosseika, diante de uma grande casa com tabuleta de sapateiro e as portadas das janelas todas fechadas, estavam uns vinte homens, de rosto triste, magros, de aspecto exausto, de camisões e cafetãs esfarrapados.

- Que pague o que nos deve! - dizia um deles, mestre sapateiro, esquálido, de barba rala e sobrancelhas espessas. Sugou-nos o sangue e agora que nos amolemos! Foi-nos entretendo, entretendo, toda a semana, e agora, que não podemos mais, desandou.

Ao ver o grupo que se aproximava calou-se e todos os seus companheiros se deram pressa em juntar-se as que, cheios de curiosidade, se aproximavam.

- Aonde vão vocês?

- É bem de ver, a polícia!

- Olha lá, é verdade que os nossos não levaram a melhor?

- Que estás tu para aí a dizer? Abre os ouvidos ao que se diz.

Sucediam-se perguntas e respostas O taberneiro, aproveitando a confusão, esgueirou-se de novo para o estabelecimento.

O rapaz alto, sem, dar sequer pelo desaparecimento do inimigo, sempre de mangas arregaçadas e grandes gestos, não se calava um só instante, atraindo a atenção de toda a gente. À volta dele é que as pessoas de preferência se comprimiam, esperando vê-lo tranquilizá-los a todos.

- E ele a dar-lhe com a ordem, com a lei, mas isso não é com a gente, é com as autoridades! Não acham que tenho razão, povo ortodoxo? - declamava a gosto. - Julgará ele que as autoridades também se foram embora? Então como havíamos nós de passar sem autoridades? Era uma ladroeira pegada.

- Tudo isso são tolices! - respondeu alguém do meio da turba. - Julgas que vão abandonar Moscovo? Meteram-te essa no bestunto e acreditaste. Soldados é o que há mais para aí. Não os deixarão entrar! Para isso aí estão as autoridades. Ouve o que este está a dizer - aconselhava, apontando para o rapaz alto, que perorava.

Perto de Kitai-Gorod, outro pequeno grupo rodeava um homem de capote de lã, com um papel na mão.

- Está a ler um ucasse! Estão a ler um ucasse - gritaram vozes, e toda a gente acorreu a ouvir o pregoeiro.

O homem de capote de lã lia a proclamação de 31 de Agosto. Ao ver-se rodeado por tanta gente pareceu perturbado, mas, a instâncias do operário que se havia aproximado dele, retomou a leitura com um ligeiro tremor na voz.

«Amanhã de madrugada irei encontrar-me com o príncipe Sereníssimo». «Sereníssimo!», repetiu o folgazão, com solenidade, sorrindo, de sobrancelhas carregadas...

«Para discutir com ele, agir e ajudar as nossas tropas a aniquilar esses bandidos. Havemos de os fazer passar um mau bocado...» O pregoeiro calou-se.

«Assim mesmo!», gritou o rapazola triunfante. «Isso é que vai ser uma lição...»

«E acabaremos com a raça desses intrusos. Voltarei à hora de jantar e então mãos à obra: entraremos em acção, acabaremos o que está principiado e não mais se ouvirá falar nesses bandidos.»

O pregoeiro leu estas últimas palavras no meio de um profundo silêncio. O rapaz alto deixou descair a cabeça, acabrunhado. Evidentemente o remate da proclamação a ninguém agradava. Sobretudo as palavras «Voltarei à hora de jantar» é que embaraçavam tanto o pregoeiro como os ouvintes.

A excitação do povo atingira tal calor que semelhante banalidade naquele momento não podia deixar de parecer prosaica e inadmissível. Toda a gente se teria sabido exprimir assim e um ucasse emanado das mais altas autoridades tinha obrigação de ser concebido noutros termos.

Toda a gente permanecia silenciosa, de cabeça baixa. O rapaz alto andava de um lado para o outro como que falando sozinho.

«Era preciso perguntar-lhe a ele?... Olhem, aí está ele!... Claro, vamos perguntar-lhe!... Que julgam? Sim, ele explicar-nos-á...», disseram, de súbito, várias vozes lá das últimas filas do público, e todas as atenções se volveram para a carruagem do chefe da polícia, o qual acabava de chegar à praça acompanhado de dois dragões a cavalo.

O chefe da polícia, por ordem do conde, fora lançar fogo às embarcações, e com isso ganhar uma boa maquia, que trazia consigo nas algibeiras. Ao ver aquela gente caminhar para ele gritou ao cocheiro que parasse.

- Que vem a ser isto? - inquiriu dos homens que um por um, timidamente, se aproximavam da carruagem.

- Que vem a ser isto? Que gente é esta? - repetiu, ao ver que lhe não respondiam.

- Excelência... - disse o homem do capote de lã. - Excelência, de acordo com os desejos de Sua Excelência o Conde, estes homens querem cumprir o seu dever sem poupar as suas vidas e não se trata de uma revolta, como se disse da parte de Sua Excelência...

- O conde não se foi embora, ainda aí está. Recebereis as suas instruções - disse o chefe da polícia. - Vamos embora! acrescentou, para o cocheiro.

A multidão juntara-se em volta dos que tinham ouvido a palavra do representante do Poder e via a carruagem afastar-se.

O chefe da polícia voltou-se assustado para onde a multidão acorria e disse qualquer coisa ao cocheiro. Os cavalos partiram à desfilada.

«Estão a comer-nos as papas na cabeça, rapazes! Vamos a casa do conde! Não o deixaremos escapar, rapaziada! Tem de nos prestar contas. Alto! Alto!», gritaram várias vozes, e a multidão precipitou-se, correndo, atrás da carruagem que se afastava.

Na peugada do chefe da polícia, o povo, em grande alarido, dirigiu-se para a Rua Lubianka.

«Os fidalgos e os comerciantes puseram-se a andar e nós, nós que arrebentemos para aqui! Seremos cães, porventura?», gritava a multidão.

Capítulo XXIV

No dia 1º de Setembro, pela noite, depois da sua entrevista com Kutuzov, o conde Rostoptchine regressou a Moscovo magoado e triste; não o tinham ouvido na reunião do conselho de guerra.

Kutuzov não prestara a mais pequena atenção à sua proposta no sentido de se defender a capital. Surpreendera-o muito a nova teoria adoptada pelo estado-maior segundo a qual o sossego da cidade e os sentimentos patrióticos dos seus habitantes eram não só coisas secundárias, mas desprezíveis e sem qualquer alcance. Depois da ceia estendeu-se, vestido como estava, em cima de um canapé. À uma hora da madrugada foi acordado por um correio que lhe trazia uma carta de Kutuzov. Pedia-lhe este, visto as tropas baterem em retirada pela estrada de Riazan, para além de Moscovo, que enviasse polícias proteger a sua passagem através da cidade. Não era novidade para Rostoptchine. Pressentira aquilo mesmo muito antes da sua entrevista da véspera com o general-chefe, no monte Polclonaia, no dia seguinte ao da batalha de Borodino, visto ter ouvido os generais chegados a Moscovo declararem unanimemente ser impossível travar uma batalha, e todos os dias, com o seu consentimento, saírem de Moscovo, com destino a lugar seguro, os bens da coroa e metade dos habitantes da capital já terem abalado. Mesmo assim, aquela ordem de Kutuzov, expedida como uma simples nota e recebida durante a noite, quando ele dormia o seu primeiro sono, surpreendeu-o e irritou-o extraordinariamente.

Mais tarde, quando quis explicar o que fizera naquele momento, repetiu, várias vezes, nas suas *Memórias,* que tivera então como objectivo principal *«manter a tranquilidade em Moscovo e evacuar os habitantes!»* Se fizermos fé nas suas palavras, tudo quanto fez foi irrepreensível. Porque não tinham levado, então, da cidade os tesouros moscovitas, as armas, os cartuchos, a pólvora, as reservas de trigo? Porque foram enganados milhares de habitantes com a afirmação de que a cidade não capitularia, o que fez que ficassem arruinados? Para que a tranquilidade fosse mantida, explica Restoptchine. Mas porque se evacuaram, então, montes e montes de papéis inúteis das repartições? Porquê o balão de Leppich e tantas outras coisas? Para que a cidade ficasse vazia, replica ele ainda. Basta a tranquilidade pública estar ameaçada para tudo se justificar. Também as chacinas do Terror só tiveram em vista a tranquilidade pública.

Em que se baseava então o conde Rostoptchine para temer que a tranquilidade pública, em 1812, viesse a ser perturbada em Moscovo?

Nem em Moscovo nem em qualquer outra parte da Rússia, aquando da chegada do inimigo, se passou fosse o que fosse parecido com uma rebelião. A 1 e 2 de Setembro ainda havia na capital mais de dez mil pessoas e além do ajuntamento no pátio da residência do governador, por ele próprio provocado, nenhum outro incidente ocorreu. Evidentemente que ainda se teria receado menos qualquer efervescência popular se depois de Borodino, quando o abandono de Moscovo se tornou coisa certa ou pelo menos verosímil, em vez de se haver exaltado o povo com a distribuição de armas ou a afixação de proclamações, Rostoptchine houvesse tomado as medidas necessárias para retirar as coisas preciosas, a pólvora, as munições e o dinheiro, e houvesse declarado francamente ao povo que a cidade ia ser abandonada.

Rostoptchine, homem impulsivo e sanguíneo, como vivera sempre nas altas esferas administrativas, apesar de todo o seu patriotismo, não fazia a mínima ideia de como era o povo que julgava governar. Depois da entrada dos Franceses em Smolensk, imaginara desempenhar o papel de guia do sentimento nacional no «coração da Rússia». Julgava ele, como todo o bom administrador, ser obrigação sua não só presidir à vida material dos habitantes de Moscovo, mas também guiar-lhes a disposição moral através de proclamações e de editais redigidos nesse estilo corriqueiro de que a massa popular, no seu próprio meio, não faz o mais pequeno caso, e que deixa de compreender sempre que o ouve na boca de personagens das classes elevadas. Este lindo papel de guia da moral popular agradava-lhe tanto, tão bem se lhe adaptara, que a necessidade de abandonar Moscovo sem realizar qualquer acto heróico o havia apanhado desprevenido. De súbito notou que o terreno que pisava lhe resvalava debaixo dos Pés. E decididamente não soube que fazer. Embora o pressentisse, recusou-se sinceramente até ao último minuto a acreditar no abandono da capital e nada fez na previsão de semelhante eventualidade. Se os habitantes se retiraram, foi contra a sua vontade. Se mandara transferir as repartições públicas, é que tinham sido os funcionários a pedir-lho, e só com relutância dera autorização para tal. Por si nunca pensara noutra coisa senão em desempenhar o papel que a si próprio atribuíra. Como é frequente nas pessoas de imaginação viva, de há muito sabia que Moscovo seria abandonada, mas só a razão lho dizia; no fundo do coração não acreditava. A imaginação não o acompanhava nesse novo domínio dos factos.

Todos os seus esforços, realmente eficazes e enérgicos - e não se cura aqui de saber até que ponto foi útil e qual a influência que exerceu no povo -, apenas serviram para excitar nos habitantes sentimentos que ele próprio experimentava: o ódio patriótico contra

os Franceses e a confiança em si mesmo.

Mas quando os acontecimentos ganharam proporções históricas, quando se tornou insuficiente exprimir apenas por palavras o ódio contra o inimigo, quando não foi possível proclamá-lo mesmo no campo de batalha, quando a autoconfiança se tornou inoperante para salvar Moscovo, quando toda a população, como um só homem, abandonando o que era seu, correu em torrentes para fora da cidade, mostrando, com este acto negativo, o prestígio do sentimento nacional, o papel que Rostoptchine escolhera perdeu subitamente todo o sentido. Viu-se, de chofre, fraco e ridículo, sem terra firme debaixo dos pés.

Ao receber a nota fria e autoritária de Kutuzov sentiu-se tanto mais irritado quanto era certo reconhecer-se culpado. O que lhe fora confiado, os bens do tesouro, que ele devia ter retirado, ficava em Moscovo. E agora era impossível levar dali fosse o que fosse.

«Quem tem a culpa disto?», dizia ele de si para consigo. «Eu não, com certeza. Tinha tudo preparado, mantive Moscovo, e não é pouco. E aqui está onde eles nos levaram! Miseráveis! Trai- dores!» Não lhe teria sido fácil determinar que eram esses traidores, esses miseráveis, mas sentia-se impelido, por necessidade, a odiar esses traidores que o haviam colocado na situação falsa ridícula em que se encontrava.

Durante toda a noite emitiu ordens que junto dele vinham receber de todos os pontos de Moscovo. Os da sua roda nunca o tinham visto tão taciturno e furioso.

«Excelência, vieram receber ordens da parte do director do Património... da parte do Consistório, do Senado, da Universidade, do asilo das crianças abandonadas. O ecónomo mandou saber... Pede... Que ordens se devem transmitir à corporação dos bombeiros? Estão aí da parte do director da cadeia... Da parte do director do manicómio...» Não lhe largaram a porta durante toda a santa noite.

A todos dava respostas rápidas e graves, dizendo que as suas ordens doravante eram inúteis, que a obra que preparara com todo o cuidado fora malograda por terceiros, responsáveis dos acontecimentos que sobreviessem.

- Diz a esse imbecil - respondeu ao pedido da Repartição do Património - que fique de sentinela aos seus documentos. E, tu, que tolice me estás tu a pedir a propósito dos bombeiros? Se têm cavalos, vão para Vladimir. Não os vão deixar aos Franceses.

- Excelência, está ali o director do manicómio. Que devo dizer-lhe?

- Que deves dizer-lhe? Que se vão todos, nada mais simples... E, quanto aos doidos, que os solte na cidade. Já que quem comanda o exército é doido, ficarão no seu devido lugar.

Quando lhe perguntaram qual o destino a dar aos presos da cadeia, gritou, furioso, para o director:

- Que quer que eu faça? Que lhe dê dois batalhões, que não temos, para os escoltar? Solte-os, é bem de ver!

- Excelência, há presos políticos: Miechkov, Verechtchaguine.

- Verechtchaguine! Ainda o não enforcaram?! - exclamou. - Tragam-no.

Capítulo XXV

Depois das nove da manhã, hora em que as tropas principiaram a atravessar Moscovo, ninguém mais veio pedir instruções ao conde. Todos que tinham tido oportunidade de retirar haviam abalado espontaneamente; os que tinham ficado, esses, só a si próprios haviam pedido conselho.

Rostoptchine mandara atrelar a sua carruagem para ir para Sokolniki, e ali estava, no seu gabinete sombrio, amarelento e calado, os braços cruzados.

Em tempo de paz, todo o governante julga sempre que dele depende toda a população confiada ao seu cuidado e, supondo-se indispensável, vê nisso a principal recompensa dos seus trabalhos e dos seus esforços. Enquanto o mar da história está sereno. é lógico que o governante-piloto que na sua ligeira embarcação manobra o leme do navio de grande calado que é o Estado julgue ser ele quem o faz mover. Mas assim que se levanta uma tempestade, logo que o mar se encapela e o navio é levado pela corrente, então a ilusão acaba. O navio prossegue na sua rota, independente e majestoso, e o leme do piloto já para nada serve. Esse homem, momentos antes todo-poderoso, centro de todas as energias, não passa então de um ser fraco, inútil e nulo.

Eis do que Rostoptchine se dava conta e era isso que o exasperava.

O chefe da polícia, aquele mesmo que fora detido pela turba, apresentou-se ao conde, acompanhado do ajudante-de-campo que vinha anunciar estarem prontos os cavalos. Ambos tinliam perdido a cor, e o chefe da polícia, ao dar contas da sua missão, anunciou que uma turba imensa invadira o pátio do palácio e queria ver o governador.

Rostoptchine, sem proferir palavra, levantou-se e, em passos rápidos, dirigiu-se para a varanda, deitando a mão ao fecho da janela. Depois desistiu de a abrir e aproximou-se de outra janela donde se via melhor o ajuntamento. Na primeira fila lá estava o operário alto, que continuava a perorar, muito grave, gesticulando. A seu lado via-se o serralheiro, taciturno, de cara ensanguentada. Pelas janelas abertas penetrava o rumor das vozes.

- Está pronta a carruagem? - perguntou Rostoptchine, afastando-se da janela.

- Saiba, Vossa Excelência que sim - disse o ajudante-de-campo. E Rostoptchine aproximou-se outra vez da janela.

- Que querem eles? - inquiriu do chefe da polícia. - Excelência, dizem que estão na

disposição de marchar contra os Franceses, de acordo com as ordens de Vossa Excelência. Dizem que foram atraiçoados. São uns desordeiros, Excelência. Custou ver-me livre deles. Excelência, tomo a liberdade de lhe propor...

- Pode, retirar-se, sei muito bem o que tenho a fazer - exclamou Rostoptchine, furioso.

Pôs-se por detrás das portas da varanda a observar a multidão, «Eis aqui o que fizeram da Rússia! Aqui está como me tratam», dizia de si para consigo, sentindo que lhe subia, do fundo da alma uma ira incontida contra aqueles a quem devia saber a responsabilidade de tudo que estava a acontecer. Como costuma suceder muitas vezes com os homens impulsivos, o conde não podia dominar a cólera que o tomava, embora procurasse ainda sobre quem lançá-la. *«Lá está ela, a populaça, a ralé, a plebe, que eles sublevaram pela sua estupidez. Precisam de uma vítima«,* pensava ele, olhando para o operário que fazia, grandes gestos. E ao mesmo tempo ocorreu-lhe que também ele precí-av2 de uma vítima, fosse quem fosse, sobre quem descarregar aquela ira.

- Está pronta a minha carruagem? - repetiu.

- Saiba Vossa Excelência que sim. Que ordena a respeito de Verechtchaguine? Está ali no alpendre à espera - disse o ajudante-de-campo.

- Ah! - exclamou Rostoptchine, como se tivesse uma ideia súbita. E, abrindo bruscamente a janela, caminhou resoluto varanda fora. O burburinho cessou repentinamente, as cabeças descobriram-se e, todos os olhos se dirigiram para o conde.

- Bons dias, rapazes! - disse, rápido, e em voz alta. - Obrigado por terdes vindo. Vou já ao vosso encontro, mas antes temos de regular as nossas contas com um malfeitor. Temos de castigar o bandido que foi o culpado da perda de Moscovo. Esperem!

O conde entrou rapidamente nos seus aposentos, batendo com janela.

Um murmúrio de satisfação percorreu a turba. «Vais ver como ele dá conta de todos esses bandidos. E tu a dizeres que eram uns franceses... Vai metê-los todos na ordem!», dizia aquela gente, como se se acusassem uns aos outros de falta de fé.

Alguns minutos depois um oficial apareceu, bruscamente, à porta, principal, deu uma ordem qualquer, e os dragões puseram-se em marcha. A multidão acorreu, ávida, para o lado do alpendre. Nesse momento chegava Rostoptchine, em passo rápido, e, iracundo, pôs-se a olhar à sua roda, como se procurasse alguém.

- Onde está ele? - interrogou.

Enquanto pronunciava estas palavras, viu surgir, do cunhal do edifício, entre dois dragões, um homem novo, de pescoço comprido e fino, a cabeça, meio tosqueada, os cabelos hirsutos. Vestia uma velha peliça de raposa, por certo elegante outrora, mas agora

forrada de pano azul, e umas calças de penitenciário, sujas, de linho, metidas nos canos de umas botas finas, por engraxar, e todas esbeiçadas. Das pernas delgadas e débeis pendiam pesadas correntes, que lhe embaraçavam o andar titubeante.

- Ah! - exclamou Rostoptchine, afastando o olhar do rapaz e pousando a vista no último degrau da escada do alpendre. - Tragam-no aqui!

O preso, arrastando as correntes, foi colocar-se, pesadamente, no local designado, metendo o dedo na gola da peliça, que o estava a afogar. Em seguida, depois de retorcer duas ou três vezes o longo pescoço, despedindo um suspiro, cruzou sobre o peito, resignadamente, umas mãos finas que nada tinham das de um operário.

Enquanto esta curta cena se desenrolava, o silêncio era absoluto, excepto rias últimas filas da turba, que se comprimia para -, aproximar, e aí ouviam-se tosses, lamentos, arrastar de pés e encontrões.

Rostoptchine, que aguardava que o homem fosse posto em evidência, passou a mão pela cara.

- Rapazes! - disse, numa voz metálica. - Este homem, Verechtchaguine, é o miserável culpado da perda de Moscovo.

O moço conservava-se na sua humilde atitude, de mãos cruzadas e o busto ligeiramente inclinado. A cara, desfigurada pela cabeça rapada, os traços arrepanhados de desespero, pendia-lhe para o chão.

Ao ouvir as primeiras palavras do conde endireitou-se, lentamente, e ergueu os olhos para ele, como se quisesse dizer qualquer coisa ou pelo menos encontrar o seu olhar. Mas Rostoptchine não olhava para ele. Então, no longo e delicado pescoço do acusado, uma veia dilatou-se como se fosse uma corda, fez-se-lhe muito azul ao pé da orelha e de repente toda a cara se lhe afogueou. Todos os olhares estavam fitos nele. Olhou para a multidão e, como que encorajado pela expressão que surpreendeu em todos os rostos, sorriu, triste e timidamente, e, baixando de novo a cabeça, procurou equilibrar-se melhor no degrau do alpendre,

- Atraiçoou o seu czar e a Pátria, vendeu-se a Bonaparte, de todos nós foi o único que desonrou o nome russo e é por causa dele que Moscovo está perdida - disse Rostoptchine, numa voz brusca e uniforme. E, de súbito, baixou os olhos para a vítima, que continuava na sua humilde postura. Como se aquela presença o fizesse perder a cabeça, levantou o braço e gritou quase, voltando-se para a multidão:

- Entrego-o nas vossas mãos. Justiça seja feita!

O povo continuava calado, comprimindo-se cada vez mais. No meio daquela massa compacta o ar, viciado, tornava-se irrespirável. Era impossível fazer qualquer movimento e

toda a gente se sentia opressa pela expectativa de um acontecimento desconhecido, incompreensível e terrível, Os que estavam nas primeiras filas, que viam e ouviam tudo, permaneciam imóveis, de olhos esbugalhados e a boca abe-ta, aguentando, com todas as suas forças, a pressão que vinha da retaguarda.

- Matem-no!... Que morra esse traidor e não desonre mais o nome russo! - gritou Rostoptchine. - Acutilem-no! Sou eu quem manda.

A multidão, sem apreender o sentido das palavras, mas arrastada pelo tom colérico do governador, soltou como que um gemido, avançou um pouco e voltou a recuar.

- Conde... - articulou Verechtchaguine, aproveitando aquela breve acalmia, numa voz tímida, mas ao mesmo tempo teatral. Conde, só Deus é juiz... - Ergueu a cabeça ao pronunciar estas palavras, e a grossa veia, visível no seu delicado pescoço, injectou-se-lhe de sangue. O rosto coloriu-se-lhe de repente para no mesmo momento perder a cor.

Não pôde concluir o que queria dizer.

- Acutilem-no! Ordeno!... - vociferou Rostoptchine, de repente tão pálido como Verechtchaguine.

- Desembainhar espadas! - gritou o oficial aos dragões, ao mesmo tempo que desembainhava a sua.

Outro impulso, ainda mais forte do que o primeiro, agitou a multidão, e, embatendo contra os da primeira fila, precipitou-os para a frente, empurrando-os até aos degraus do alpendre, O moço operário, cujo rosto dir-se-ia petrificado, o braço sempre erguido, achou-se ao lado de Rostoptchine.

- Acutilem-no! - ordenou o oficial numa voz quase indistinta.

Um dos soldados, a máscara transtornada pela ira, deixou cair a lâmina da espada na cabeça de Verechtchaguine.

- Ah! - gemeu o desgraçado, surpreendido com o súbito golpe, os olhos dilatados de espanto, sem compreender o que estava a passar-se. Um gemido de surpresa e horror, igual ao de Vereclitchaguine, percorreu a multidão:

- Oh!, meu Deus! - exclamou alguém.

Desditosamente, a vítima, depois da exclamação de surpresa, soltou um grito de dor, e foi esse grito que a perdeu. De súbito quebrou-se o freio da compaixão humana que se mantivera tenso até ao último grau, contendo a turba. O crime principiara e tinha de ir até ao fim.

Um urro terrível e furioso abafou o gemido do desgraçado. Uma vaga, a sétima e derradeira vaga que submerge um navio, cresceu das últimas filas, derrubou as da vanguarda e arrasou tudo. O dragão que dera a espadeirada quis vibrar-lhe outro golpe, mas

Verechtchaguine, com um grito de horror, procurando proteger-se com as mãos, atirou-se sobre a populaça. Tropeçou de encontro ao rapaz alto, que o agarrou pela gola, enterrando-lhe as unhas no pescoço, enquanto despedia um grito selvagem, e os dois rolaram aos pés da turba, que se lançou sobre eles.

Uns agrediam Vereclitchaguine, outros o agressor. Os gritos dos que se sentiam esmagados e daqueles que procuravam salvar o rapaz alto caído por terra ainda exasperavam mais o furor da multidão. Por muito tempo não puderam os dragões libertar o operário coberto de sangue e semimorto, e os homens que queriam dar por finda a obra principiada, os que espancavam, acutilavam, afogavam, trucidavam Verechtchaguine, esses, não conseguiam acabar a sua vítima. A multidão comprimia-os de todos os lados. Apanhados no meio da turba, ora eram arrastados para a direita ora para a esquerda, sem poderem vibrar-lhe o golpe de misericórdia nem tão-pouco o poderem abandonar.

«Um machado para acabar com ele! - Afogaram-no?... Traidor! Vendeu Cristo!... E ainda está vivo... Tem sete fôlegos!... Tem o que merece, ladrão!... Uma machadada! Ainda está vivo?»

Só quando a vítima deixou de se debater e aos gritos sucedeu um estertor prolongado a turba começou a abrir alas diante do cadáver estendido no chão, coberto de sangue. Todos se aproximavam, e ao verem o que tinham feito afastavam-se ao mesmo tempo horrorizados e estupefactos.

«Oh! Meu Deus! Que animal feroz é o povo! Como havia ele de escapar?», diziam uns.

«Tão novo!... Naturalmente era filho de um comerciante. Ah!, o povo... Dizem que não foi ele... Sim, não era ele o culpado... Oh, meu Deus! Parece que não foi ele que mataram. Dizem que ainda está vivo... Ah! Que mundo!... Não temem o castigo», comentavam os mesmos, olhando, com uma expressão repassada de piedade, o cadáver de rosto azulado, coberto de sangue e de pó, com o longo pescoço todo retalhado.

Um polícia zeloso, julgando não ser decente deixar aquele corpo no pátio de Sua Excelência, deu ordem aos dragões para o arrastarem para a rua. Dois soldados pegaram nas pernas partidas e puxaram o corpo. A cabeça rapada da vítima, sangrando, mascarrada de poeira, o longo pescoço tombado, levada de rastos, pulava pelo chão. A turba afastava-se do cadáver.

Na altura em que Vereclitchaguine caíra ao chão e todos em cima dele, Rostoptchine, que empalidecera de repente, em lugar de se encaminhar para a escada de serviço, onde o aguardavam os seus cavalos, sem que ele próprio soubesse porquê, de cabeça baixa e precipitadamente, dirigiu-se, ao longo do corredor, para as habitações do rés-do-chão.

Lívido, a maxila inferior tremia-lhe nervosamente, como se um febrão o sacudisse.

- Excelência, por aqui... Onde vai?... Por aqui, se faz favor - disse uma voz trémula e assustada.

Não estava em condições de poder responder, e, dando meia volta, docilmente, tomou o caminho que lhe indicavam. Diante da escada de serviço estacionava a sege. O ulular distante da multidão ouvia-se ali. Rostoptchine deu-se pressa em subir para, a carruagem, mandando seguir para a sua vivenda de Sokolniki.

Ao chegar à Rua Miasnitskaia, como já não ouvisse o clamor, lamentou ter deixado transparecer fraqueza. Contrariava-o a ideia de que os subordinados tivessem sido testemunhas da emoção e do susto que tivera. *«A populaça é terrível, é repulsiva»,* dizia de si para consigo. *«São como os lobos, que só com carne se saciam.» «Conde, só Deus é juiz!»* De súbito ressoaram-lhe ao ouvido estas palavras de Verechtchaguine, e um arrepio de gelo lhe arrepanhou a espinha. Foi momentânea, porém, esta impressão. Logo teve um sorriso de desdém. *«Eu tinha outros deveres a cumprir»,* disse com os seus botões. *«Era preciso apaziguar o povo. Muitas outras vítimas morreram e morrerão pelo bem público.»* E pôs-se a pensar nas suas obrigações para com a família, para com a capital que lhe havia sido confiada e para consigo próprio, não para com Fedor Vassilievitch Rostoptchine, o qual, pensava, devia ser sacrificado ao bem público, mas para com o governador da cidade, o representante do Poder, o delegado do czar. «Se eu fosse apenas um Fedor Vassilievitch qualquer, *a minha linha de conduta seria outra,* mas eu tinha de salvaguardar a vida e a dignidade do governador.»

Embalado suavemente pelas molas da carruagem e não ouvindo já os gritos medonhos da multidão, sentia uma grande tranquilidade física, e como sempre acontece, ao mesmo tempo que sossegava fisicamente, o espírito ia-lhe proporcionando argumentos conducentes à tranquilidade da alma. Esses argumentos nada tinham de novo. Desde que o mundo é mundo e os homens se matam uns aos outros, que ninguém cometeu qualquer crime para com o semelhante sem tratar de apaziguar a consciência apelando para aquilo a que se chama o bem público, aquilo que se supõe o bem dos outros.

Aos olhos do homem a quem a paixão não cega, tal bem não é coisa tão clara, mas aquele que acaba de cometer um crime, esse, sabe sempre em que ele consiste. Rostoptchine estava nessas condições.

Não só não se acusava do acto que cometera, como, nos seus raciocínios, esse acto lhe proporcionava motivos de satisfação por ter sabido agir como devia, por ter punido um criminoso ao mesmo tempo que aplacava a população.

«Verechtchaguine fora julgado e condenado à morte», raciocinava ele, «embora o Senado apenas o houvesse condenado a trabalhos forçados. Era um velhaco e um traidor.

Eu não podia deixá-lo impune e desta sorte *mato dois coelhos de uma cajadada;* dei uma vítima ao povo, para o acalmar, e puni um criminoso.»

Chegado que foi à sua casa de campo, e depois de ter dado as ordens necessárias para a instalação, tranquilizou-se por completo.

Meia hora mais tarde atravessava ele, ao trote de fogosos cavalos, os campos de Sokolniki, esquecido de todo do que se passara, o futuro aberto diante de si. Dirigia-se à ponte de Iauza. Onde estava Kutuzov, como lhe tinham dito.

Preparava, mentalmente, as amargas e acerbas censuras que iria dirigir ao Sereníssimo por virtude da sua deslealdade. Faria compreender àquela raposa da corte que a responsabilidade de todas as desgraças causadoras do abandono da capital e do que ele entendia a perda do país se devia inteiramente à sua relha cabeça de velho maluco. Pensando no que lhe iria dizer, mexia-se e remexia-se sobre as almofadas da carruagem, ao mesmo tempo que relanceava olhares furibundos à esquerda e à direita.

Os campos de Sokolniki estavam desertos. Apenas lá longe, junto do hospital e do manicómio, se viam pessoas vestidas de branco e alguns indivíduos isolados que pareciam seguir campos fora gesticulando e gritando.

Um destes deitou a correr para cortar o passo à carruagem de Rostoptchine. Este, o cocheiro e os dragões da escolta olhavam, num misto de curiosidade e horror, aqueles loucos em liberdade, especialmente o que corria para eles.

Cambaleando no alto das suas magras pernas, as abas do roupão a dar a dar, o louco corria a bom correr, sem apartar os olhos de Rostoptchine: gritava-lhe fosse o que fosse, em voz rouca, e gesticulava para que a carruagem parasse, A barba do louco eriçava-se aqui e ali em tufos irregulares e o seu rosto taciturno e grave era amarelo e descarnado. As pupilas, negras de azeviche, no meio da córnea amarelo- açafrão, erravam inquietas.

«Alto! Alto! Não ouves?», gritava em voz estentórea e, retomando fôlego, o louco proferia ameaças, acompanhadas de grandes gestos.

Alcançara a carruagem e corria ao lado dela.

«Mataram-me três vezes, três vezes ressuscitei de entre os mortos. Lapidaram-me, crucificaram-me... Ressuscitarei... Ressuscitarei... Rasgaram-me o corpo. O reino de Deus cairá por terra... Por três vezes o destruirei e por três vezes o restaura- rei!», gritava numa voz cada vez mais aguda.

Rostoptchine empalideceu subitamente como empalidecera no momento em que a turba se lançara sobre Verechtchaguine. Desviou o rosto.

- Anda, depressa! - gritou para o cocheiro, em voz trémula.

A carruagem rodou a toda a velocidade, mas por muito tempo ainda, lá para a

retaguarda, ficaram a ouvir-se os gritos desesperados do louco, cada vez mais longe, e diante dos olhos de Rostoptchine levantava-se, solitário, o rosto ensanguentado do traidor, com a sua peliça de pele, cheio de espanto e de medo...

Ainda que esta imagem fosse recente, ele sentia agora quão fundo ela lhe estava gravada no espírito. Percebia que aquele rasto de sangue não mais se lhe apagaria da memória. Antes, pelo contrário, se iria tornando mais e mais vivo, mais e mais cruel e doloroso, e que aquela tremenda recordação o iria perseguir até ao último dos seus dias. As suas palavras: «Entrego-o nas vossas mãos. Justiça seja feita!», ainda lhe ecoavam nos ouvidos. «Porque pronunciei eu estas palavras? Não prestei atenção ao que disse. Podia não as ter dito», pensava, «e então nada se teria passado do que se passou.» Revia o rosto, de princípio assustado, depois transfigurado de ira, do dragão que desferira o primeiro golpe e o olhar de silenciosa e humilde censura que lhe lançara o moço da peliça de raposa. «Mas não foi por mim que o fiz. Tinha de agir assim. *A plebe, o traidor... o bem público...*»

As tropas continuavam a comprimir-se na ponte de Iauza. Fazia muito calor. Kutuzov, carrancudo e triste, sentado num banco junto da ponte, entretinha-se a riscar a areia com o pingalim quando uma sege se aproximou com grande fragor. Um homem fardado de general e de chapéu de plumas aproximou-se dele ao mesmo tempo iracundo e assustado e pronunciou algumas palavras em francês. Era o conde Rostoptchine. Disse-lhe que vinha procurá-lo, porque já não existiam nem Moscovo nem capital e agora apenas restava o exército.

- Teria sido muito diferente, se Vossa Excelência não tivesse dito que não entregaria Moscovo sem combate. Nada disto tinha acontecido - acrescentou.

Kutuzov olhava para Rostoptchine como se não compreendesse o significado das suas palavras, fazendo esforços para ler na fisionomia do interlocutor. Este, perturbado, calou-se. O general-chefe abanou ligeiramente a cabeça e, sem desviar do conde o olhar perscrutador, disse tranquilamente:

- Não, não entregarei Moscovo sem combate.

Pensaria Kutuzov noutra coisa ao pronunciar estas palavras ou tê-las-ia dito propositadamente, sabendo que não tinham o mais pequeno sentido? O certo é que Rostoptchine não respondeu e afastou-se precipitadamente. E, coisa estranha, o todo-poderoso governador de Moscovo, o orgulhoso Rostoptchine, pegou no pingalim, aproximou-se da ponte e em altos berros pôs-se a dispersar os carros que se aglomeravam aí.

Capítulo XXVI

Às quatro horas da tarde, as tropas de Murat entraram em Moscovo. Na vanguarda marchava o destacamento dos hússares de Wurtemberg, e atrás, a cavalo, seguido de numerosa escolta, vinha o rei de Nápoles em pessoa.

A meio da Rua Arbate, nas imediações da Igreja de S. Nicolau. Murat mandou fazer alto para aguardar notícias da vanguarda a respeito da situação da fortaleza conhecida pelo nome de «Kremlin».

Em volta de Murat juntou-se um pequeno grupo de moscovitas que haviam ficado na capital. Todos contemplavam com tímida estupefacção esse general estrangeiro, de longa cabeleira, agaloado a ouro e cheio de plumas policromas.

- Olha lá, será o rei deles? Não está mal! - ouvia-se dizer em voz baixa.

Um intérprete aproximou-se do grupo.

- Tirem o chapéu... tirem o chapéu - disseram uns para os outros.

O intérprete dirigiu-se a um velho porteiro e perguntou-lhe se o Kremlin ainda ficava muito longe. Surpreendido e confuso ao ouvir o sotaque polaco do desconhecido e não percebendo ser russo o que ele falava, o porteiro, sem compreender a pergunta, escondeu-se atrás dos outros.

Murat aproximou-se do intérprete e disse-lhe que perguntasse onde estavam as tropas russas, um dos russos presentes compreendeu a pergunta e várias vozes responderam ao mesmo tempo. Um oficial do destacamento da vanguarda apresentou-se então e explicou a Murat que as portas da fortaleza estavam fechadas e que naturalmente havia ali uma emboscada.

- Está bem - disse Murat.

E, voltando-se para uma das personagens da escolta, deu instruções para que quatro peças ligeiras fossem mandadas avançar e se disparasse contra as portas da fortaleza.

Uma bateria destacou-se da coluna que vinha atrás e trotou Rua de Arbate além. Quando chegou ao cabo da Rua Vozdvijenka parou e tomou posições na praça. Vários oficiais franceses apontaram os canhões e puseram-se a observar o Kremlin com os seus óculos de alcance.

Os sinos do Kremlin tocaram a vésperas e o seu repique perturbou os Franceses.

Julgaram um toque a rebate. Vários soldados de infantaria correram direitos à porta de Kutafiev, barricada com vigas e trancas. Dois tiros se ouviram no momento em que o oficial, com o seu destacamento, chegou junto da fortaleza.

O general que estava junto das peças de artilharia gritou uma ordem e o oficial e os soldados retrocederam.

Ouviram-se ainda mais três descargas por trás da barricada. Instantaneamente, nos rostos do general, do oficial e dos soldados, até aí alegres, urgiu a expressão voluntária e concentrada de homens prontos a lutar e a morrer. Todos eles, do marechal ao soldado raso, compreenderam que não tinham diante de si a Rua Vozdvijenka ou Mokovai, a porta Kutafiev ou da Trindade, mas um novo campo de batalha onde era preciso lutar e arriscar a pele. E todos se preparavam para a batalha. Os gritos atrás da porta haviam serenado. As peças foram apontadas.

Os artilheiros acenderam as mechas. O oficial gritou *«Fogo!»* e dois silvos ressoaram um atrás do outro. A metralha foi incrustar-se na alvenaria da porta, nas vigas e nas trancas e duas nuvens de fumo se ergueram por cima da praça.

Alguns momentos depois de ter ressoado o fragor da descarga, um ruído estranho se ouviu por cima da cabeça dos franceses. Um grande bando de corvos erguera-se das muralhas e ficara a esvoaçar no céu, crucitando e batendo as asas. Ao mesmo tempo um grito humano isolado ressoou por detrás da barricada e no meio do fumo apareceu a silhueta de um homem de cabeça descoberta e cafetã. De espingarda na mão, apontava a arma aos franceses.

«Fogo», gritou pela segunda vez o oficial, e ao mesmo tempo ouviram-se um tiro de espingarda e duas detonações de artilharia. A porta voltou a desaparecer no meio da fumarada.

Por detrás das trancas nada mais se mexeu e os soldados franceses com os seus oficiais aproximaram-se. Junto da porta, estendidos, estavam três feridos e quatro mortos. Dois homens de cafetã fugiam correndo ao longo das muralhas em direcção da Rua Znamenka.

- *Tirem isto* - disse o oficial apontando para a barricada e para os cadáveres, e os franceses, depois de aplicarem aos feridos o golpe de morte, atiraram os corpos por cima do muro.

Quem eram os defensores do Kremlin? Nunca ninguém o soube. *«Tirem isto»:* eis tudo quanto se disse deles, E levaram-nos dali apenas para que eles não empestassem o lugar. Só Thiers lhes consagrou algumas linhas eloquentes: *«Esses miseráveis tinham invadido a cidadela sagrada, tinham-se apoderado das espingardas do arsenal e disparavam contra os franceses.*

Espadeiraram-se uns e purgou-se o Kremlin da sua presença.»

Vieram anunciar a Murat que o caminho estava livre. Os Franceses franquearam as portas e começaram a instalar o acampamento na Praça do Senado. Para acenderem as fogueiras, os soldados subiram ao palácio e atiraram pelas janelas as cadeiras de que precisavam.

Alguns destacamentos atravessaram igualmente o Kremlin e foram acantonar nas Ruas de Marosseika, Lubianka e Prokovka, outros ainda acamparam nas Ruas Vozdvijenka, Znamenka, Nikolska e Tverskaia. Em vez de se alojarem nas casas, como era costume nas cidades, os Franceses, ao verificarem a ausência dos habitantes, instalaram-se, como no campo de batalha, em plena rua.

Embora esfarrapadas, esfomeadas, extenuadas e reduzidas a metade dos seus efectivos, as tropas francesas nem por isso deixaram de entrar em Moscovo devidamente ordenadas. Era um exército esgotado e destroçado, mas ainda combativo e de temer. No entanto apenas se conservou exército até ao momento em que os soldados se dispersaram pelas casas da cidade. Desde que eles se viram instalados em todas essas casas ricas e desertas, o exército desapareceu para sempre, transformando-se num amálgama nem de civis nem de militares, num bando de bandidos. Quando, cinco semanas mais tarde, deixaram Moscovo, as tropas regulares tinham desaparecido por completo. Eram apenas um bando de salteadores levando consigo um nunca acabar de coisas que entendia indispensáveis e preciosas. Não pensavam mais na guerra, só cuidavam em conservar o produto das pilhagens. Tal como o macaco que tendo metido a mão na estreita boca de uma jarra para apanhar um punhado de nozes não a quer abrir para não deixar o que apanhou, e assim se perde, os Franceses, ao abandonarem Moscovo, tinham fatalmente de se perder, pois levavam consigo o produto dos seus roubos, não podendo, como o macaco, abandonar a presa. Dez minutos depois da ocupação por um regimento francês de qualquer bairro da cidade já não era possível distinguir os oficiais dos soldados. Através das janelas viam-se homens de capote e polainas, rindo e girando pelos quartos; nas caves e nos sótãos abasteciam-se de provisões; nos pátios abriam as portas dos armazéns e das cavalariças: nas cozinhas acendiam as lareiras e faziam o rancho, de mangas arregaçadas, assustando e fazendo rir mulheres e crianças. Eram muitos os homens nas lojas e nas casas: exército, porém, era coisa que já não existia.

Naquele mesmo dia circularam ordens sobre ordens, emanadas dos comandantes, para que os soldados fossem impedidos de circular na cidade, para que fossem proibidos os saques e as violênci4s, e determinando que houvesse à noite chamada geral. No entanto, apesar das medidas tomadas, os homens que ainda na véspera formavam o exército

espalhavam-se por toda a cidade confortável e vazia, onde abundavam as provisões. Como um rebanho faminto que avança, comprimido, ao longo de um campo de escassa pastagem espalhando-se logo que chega a uma farta pradaria, assim se dispersava o exército francês através daquela opulenta cidade.

Como dos habitantes poucos estavam, os soldados, à semelhança da água num areal, infiltravam-se por toda a parte e irradiavam por todos os lados a partir do Kremlin, o primeiro lugar onde haviam penetrado. Soldados de cavalaria que penetrassem numa casa abandonada com tudo que era preciso e até cavalariças com lugar de sobra para as montadas, nem por isso deixavam de se mudar para a casa vizinha que se lhes afigurasse preferível. Muitos ocupavam várias casas, riscando-as a giz, batendo-se com homens de outros destacamentos para lhes disputarem a propriedade. Antes mesmo de se instalarem em qualquer lado, havia soldados que percorriam as ruas, e ao verificarem que tudo estava abandonado introduziam-se onde pudessem pilhar objectos de valor. Os chefes encarregados de prender os que se dedicavam à pilhagem acabavam por se entregar à prática dos mesmos actos.

No Mercado Karetnii ainda havia estabelecimentos cheios de carruagens de, todo o género: os generais juntavam-se para escolherem aí seges e carros para seu uso. Os habitantes que haviam ficado na cidade convidavam os oficiais superiores a instalar-se em suas casas na esperança de assim impedirem que elas fossem saqueadas. Tantas eram as riquezas que dir-se-ia não terem fim. Por toda a parte, em torno dos locais ocupados pelos Franceses, havia outros, ainda não ocupados, em que eles julgavam vir a encontrar mais riquezas. E Moscovo ia-os absorvendo pouco a pouco. Assim como quando se deita água numa terra seca desaparecem a terra seca e a água, assim aquele exército esfomeado, uma vez naquela cidade opulenta, mas deserta, foi desaparecendo ao mesmo tempo que a própria cidade: resultado, muita lama, incêndios e saques por toda a parte.

Os Franceses atribuem o incêndio de Moscovo ao patriotismo feroz de Rostoptchine, os Russos, ao fanatismo dos Franceses. Moscovo ardeu por se encontrar nas mesmas condições de qualquer cidade de madeira, independentemente das suas cento e trinta. - Más bombas de incêndio. Moscovo tinha de arder, porque os seus habitantes a haviam deixado; o que era tão inevitável como arder o monte de aparas em que vão caindo fagulhas dia após dia. Uma cidade de madeira onde, mesmo com a presença dos habitantes e da polícia, quase todos os dias se registam incêndios, não pode deixar de arder se os proprietários das casas estão ausentes e se por toda a parte há soldados de cachimbo aceso e fogueiras em que preparam o rancho duas vezes por dia, em plena Praça do Senado,

atiçando o lume com as cadeiras dos palácios circunvizinhos. Em tempo de paz, basta que as tropas se alojem' numa aldeia para que os incêndios aumentem imediatamente. Como não hão-de aumentar as probabilidades de fogo numa cidade abandonada, construída de madeira, em que acampou um exército estrangeiro? Nem o patriotismo feroz de Rostoptchine nem o fanatismo dos Franceses tiveram que ver com o incêndio de Moscovo. A cidade ardeu por causa dos cachimbos, das cozinhas, dos acampamentos e da negligência dos soldados inimigos, instalados nas casas, mas não seus proprietários.

Se realmente houve incendiários, o que parece duvidoso, pois não se percebe qual o motivo de uma coisa dessas, além de que seria expor-se quem o fizesse a um perigo que a todos ameaçava, não vale a pena atribuir-se-lhes essa responsabilidade porque sem a sua intervenção o resultado teria sido praticamente o mesmo.

Por muito que agrade aos Franceses acusar Rostoptchine de ferocidade e aos Russos dizerem que Bonaparte era um malfeitor, ou colocarem nas mãos de seus compatriotas um archote heróico, é impossível admitir uma causa directa da catástrofe já que Moscovo tinha de arder, como arderia igualmente qualquer aldeia, qualquer fábrica, qualquer casa cujos proprietários se ausentassem e em que se consentisse que estranhos se instalassem para comer e dormir. Moscovo foi incendiada pelos seus habitantes, é um facto, mas não pelos habitantes que lá ficaram, antes por culpa daqueles que partiram. Invadida pelo inimigo, Moscovo não ficou intacta como Berlim, Viena e outras capitais pela simples razão de que os seus habitantes não vieram oferecer pão e sal aos Franceses nem lhes depuseram nas mãos a chave da cidade, preferindo, pelo contrário, abandoná-la.

Capítulo XXVII

A dispersão das tropas francesas pela cidade só na noite desse dia 2 de Setembro atingiu o bairro onde vivia Pedro.

Depois de dois dias em absoluto isolamento e passados de maneira extraordinária, Pedro encontrava-se à beira da loucura. Uma ideia fixa se havia apoderado de todo o seu ser. Nem ele mesmo sabia como isso pudera acontecer, mas a verdade é que essa ideia se apoderara dele de tal modo que não se recordava do passado nem compreendia o presente: tudo quanto via e ouvia se lhe afigurava um sonho.

Deixara a sua casa apenas para evitar as complicações da sua vida que no estado de espírito em que se encontrava não era capaz de resolver. Fora a casa de Osip Alexeievitch a pretexto de seleccionar os livros e os papéis do defunto, embora o fizesse na esperança de encontrar a tranquilidade e porque a lembrança daquele homem andava ligada no seu pensamento a um mundo de paz e de ideias etcrnas e superiores bem diferente de toda aquela confusão para que se sentia fatalmente arrastado. Procurava um refúgio tranquilo e foi encontrá-lo, de facto, em casa de Osip Alexeievitch. Quando, no mortal silêncio do gabinete, se encostou à poeirenta mesa de trabalho do defunto, vieram-lhe à memória, com toda a nitidez, as impressões que colhera naqueles últimos dias, especialmente as da batalha de Borodino, e então sentiu, numa irresistível evidência, toda a insignificância e toda a mentira que nele se encarnavam em comparação com a verdade, a simplicidade, a força daquela espécie de pessoas no seu espírito catalogadas sob o nome genérico de «eles». No momento em que Guerassime o veio arrancar à sua meditação estava ele decidido a tomar parte, ao lado do povo, na projectada defesa de Moscovo. E nessa intenção pedira a este criado que lhe arranjasse um cafetã e uma pistola, confessando-lhe estar resolvido a ficar escondido ali mesmo, em casa de Osip Alexeievitch. Durante o primeiro dia passado naquela solitária inacção e de- pois de tentar, debalde, concentrar-se nos manuscritos maçónicos, por vezes e confusamente lhe viera ao espírito o Significado cabalístico do seu nome relacionado com o de Bonaparte, de acordo com a conclusão a que chegara. No entanto esta ideia, a ideia de que ele, *le Russe Bésuhof,* estava predestinado a pôr termo ao reino da besta, não se lhe apresentara ainda senão como uma dessas vagas congeminações que atravessam o espírito sem nele deixar qualquer rasto profundo.

Só depois de adquirir o cafetã, aliás apenas na intenção de participar na defesa da cidade, e de encontrar os Rostov e Natacha, que lhe dissera: «Fica? Ah!, que bom que deve ser!», só depois disso lhe ocorreu que seria realmente bom, mesmo que Moscovo viesse a ser tomada, ficar na cidade e cumprir o que estava determinado.

No dia seguinte, movido pela ideia de se não poupar a si próprio para se mostrar digno «deles», dirigiu-se à barreira de Tri Gori. E ao voltar dali, convencido de que Moscovo não seria defendida, bruscamente deu-se conta de que o que até então lhe Parecera apenas possível se tornava agora uma necessidade implacável. Ocultando o nome, devia ficar em Moscovo, procurar aproximar-se de Napoleão, matá-lo, deixando-se matar, pondo assim termo às desgraças que pesavam sobre a Europa, na sua opinião todas da responsabilidade de tal monarca.

Pedro conhecia todos os pormenores do atentado de que Napoleão fora vítima em Viena, em 1809, obra de um estudante alemão, que fora fuzilado. E o perigo a que se expunha no cumprimento da sua missão ainda o exaltava mais.

Dois sentimentos igualmente fortes arrastavam Pedro ao cumprimento daquele objectivo: o primeiro era a necessidade de se sacrificar e de sofrer que nele despertara a desgraça que atingia todos. E esse mesmo sentimento que o impelira, no dia 25, até Mojaisk, arrastando-o para o fragor da batalha, levava-o agora a abandonar o seu palácio, o luxo a que estava habituado e o bem-estar que o rodeava, para viver assim, dormindo vestido e comendo o que comia Guerassime. O segundo era esse sentimento insensato e intrinsecamente russo que o levava a desprezar tudo quanto fosse fictício e convencional, tudo isso que a maioria das pessoas considera a coisa melhor no mundo. A primeira vez que esse sentimento se lhe revelara fora no Palácio Slobodski e apossara-se dele uma embriaguez estranha ao compreender, de súbito, que a riqueza, o poderio, a própria vida, tudo que o homem preserva e guarda cautelosamente, não tem o mais pequeno valor além da satisfação que dá àquele que dispõe da coragem de renunciar a isso mesmo. Era um sentimento semelhante àquele que leva o recruta a beber, beber, até se lhe esgotar o dinheiro e o bêbedo a quebrar vidros e espelhos sem razão, sabendo que os terá de pagar, um sentimento igual ao do homem que pratica acções que o senso comum qualifica de loucas, embora em verdade sejam a revelação de uma visão superior e quase sobre-humana das coisas da vida.

Desde o dia em que Pedro descobrira em si, pela primeira vez, este sentimento, passara a estar continuamente sob a sua influência, mas só agora, em verdade, lhe experimentava a plenitude da satisfação. E o certo é que já não podia voltar atrás, uma vez chegado onde chegara. A fuga de casa, a compra do cafetã e da pistola, o ter dito aos

Rostov que ficava em Moscovo, tudo isso deixaria de ter qualquer significado, seria estúpido e ridículo - coisa a que Pedro era muito sensível -, caso fizesse como os demais abandonando a cidade.

Como sempre acontece, o seu estado físico acompanhava o seu estado moral. A grosseira cozinha, a vodka que bebera nos últimos dias, o não ter à mão nem o seu vinho habitual nem os seus charutos, o não poder mudar de roupa, as duas noites em claro deitado vestido num estreito divã, tudo isto provocava nele lima excitação muito próxima da loucura.

Eram já duas horas da tarde. Os Franceses estavam em Moscovo. Pedro sabia-o, mas, em vez de agir, não pensava noutra coisa senão na sua empresa e ia-a congeminando nos seus mais ínfimos pormenores. Não fazia ideia clara nem de como realizaria o seu objectivo nem propriamente do facto em si da morte de Napoleão. Pelo contrário, no que ele pensava com uma clareza extraordinária e numa espécie de triste deleite era na sua própria morte, na sua própria heróica valentia.

«Sim, devo fazê-lo por todos ou então morrer!», exclamava para si mesmo. «Sim, aproximar-me-ei... e de repente... Com uma pistola ou um punhal? Pouco importa. Não sou eu, dir-lhe-ei, não sou eu quem te castiga, mas a mão da Providência!», acrescentou, pensando nas palavras que pronunciaria na altura em que desfechasse o golpe mortal. «Bom, agora aqui estou. Prendam-me, conduzam-me ao suplício!» E baixava a cabeça com uma expressão triste, mas decidida.

Assim discorria quando a porta do gabinete se abriu e no limiar apareceu Makar Alexeievitch, até aí mais tímido que outra coisa, desta vez completamente transformado. De blusa desabotoada, tinha o rosto afogueado e descomposto. Era evidente que se embriagara. Ao dar com os olhos em Pedro pareceu confuso, mas, ao reparar que ele próprio se mostrava perturbado, encheu-se de coragem e caminhou até meio do gabinete cambaleando.

- Têm medo - exclamou, numa voz rouca, mas decidida. - Cá por mim, não me rendo... Cá por mim... Não é verdade?

Teve uma hesitação, e de chofre, ao ver a pistola em cima da mesa, bruscamente pegou nela e precipitou-se no corredor.

Guerassime e o porteiro, que o tinham seguido, deitaram-lhe a mão no vestíbulo, tentando arrancar-lhe a arma. Pedro, que saíra atrás dele, observava, num misto de piedade e repulsa, aquele velho meio louco, Makar Alexeievitch, a máscara crispada pelo esforço, que empunhava a pistola e soltava gritos roucos, como se inimigos o assaltassem.

- As armas! Às armas! A eles, vamos a eles! Eu te digo, não me escapas!

- Basta! Basta! Tenha a bondade. Então que é isso. - dizia Guerassime, procurando arrastá-lo para a porta, sem violência.

- Quem és tu? Bonaparte? - vociferava Makar.

- Então? Isso não está certo. Vá para o seu quarto descansar um pouco. Deixe ver a pistola.

- Para trás, vilanagem! Não me toquem! Estas a ver isto? - prosseguia, brandindo a arma. - A eles!

- Agarra-o! - disse Guerassime para o porteiro. Pegando-lhe por debaixo dos braços, acabaram por arrastá-lo para a porta.

No vestíbulo ressoou então um tremendo alarido em que sobressaíam os gritos roucos e entrecortados do bêbedo.

De súbito, um grito agudo de mulher se ouviu no alpendre e cozinheira penetrou no vestíbulo,

- Aí estão eles, Pai do Céu!... Juro que são eles! São quatro a cavalo!... - gritava ela.

Guerassime e o porteiro soltaram Makar Alexeievitch e tio corredor, outra vez silencioso, ouviram-se, distintamente, pancadas na porta da rua.

Capítulo XXVIII

Pedro, decidido a não desvendar, até ao momento em que visse realizados os seus projectos, nem a sua identidade nem que falava francês, ficara de pé diante da porta entreaberta do corredor, pronto a desaparecer logo que visse entrar os franceses. Quando estes entraram. Pedro não se afastou da porta: uma curiosidade invencível o retinha ali.

Eram dois: um oficial de grande estatura, aspecto marcial e boa presença, e um soldado ou impedido, pequeno, delgado, curtido, de faces cavadas e, ar estúpido. O oficial, apoiado a uma bengala, coxeando, foi o primeiro a entrar. Depois de ter dado alguns passos, parou: sem dúvida lhe agradava a instalação, e, voltando-se para os soldados que tinham ficado à porta, gritou-lhes, numa voz tonitruante, de quem está habituado ao comando, que podiam trazer os cavalos. Feito o que, cofiando o bigode, num gesto galhardo, e erguendo alto o cotovelo, levou a mão à pala da barretina.

- *Bom dia, gentes* - disse em tom jovial, olhando em roda. Ninguém respondeu à sua saudação.

- *Você é o patrão?* - continuou ele, dirigindo-se a Guerassime.

Este, sem o perceber, lançou-lhe um olhar assustado.

- *Alojamentos, alojamentos* - repetia o oficial medindo o homenzinho com um olhar que vinha lá do alto da sua imensa estatura, protector e compassivo. - *Os Franceses são bons rapazes. Que diabo! Então! Não vale zangarmo-nos, meu velho.* - acrescentou, dando uma palmada familiar no ombro do velho, que continuava silencioso e aterrado.

- *Ora essa! Não pode ser. Então não se fala francês nesta casa?* - prosseguiu, olhando à roda e deparando-se-lhe o olhar de Pedro.

Este afastou-se da porta.

O oficial voltou-se, de novo, para Guerassime. Ordenou-lhe que lhe mostrasse os quartos.

- O meu amo não está... Eu não compreender... Meu quarto para si... - acabou por dizer o criado, estropiando as palavras para torná-las mais inteligíveis.

O oficial sorriu, passou a mão pelo nariz de Guerassime, num gesto que significava nada ter compreendido, e encaminhou-se, coxeando, para onde estava Pedro. Este tentou evitá-lo, mas nessa altura viu Makar Alexeievitch, que aparecia à porta da cozinha de pistola

em punho. Com uma astúcia de demente. Makar olhou para o francês, ergueu o cano da pistola e apontou-lha.

- A eles! - gritou o bêbedo, carregando no gatilho. Ao ouvir o grito, o oficial voltou-se enquanto Pedro se lançava sobre Makar. No momento em que Pedro deitava a mão à arma, conseguiu o bêbedo premir o gatilho e um estampido ensurdecedor ressoou enchendo a dependência de fumo. O francês, pálido, correu para a porta.

Pedro, esquecendo-se de que decidira não revelar que sabia francês, arrancou a pistola das mãos de Makar, atirou-a pelo ar e correu para o oficial, dizendo-lhe na língua dele:

- *Não está ferido?*

- *Parece-me que não* - volveu-lhe este, apalpando o corpo - *mas escapei por pouco desta vez.* - E apontou para a arranhadura que a bala fizera na escaiola da parede. - *Quem é aquele homem?* - acrescentou, medindo Pedro com um ar carrancudo.

- *Ah! Lamento muito o que acaba de acontecer* - deu-se pressa de responder Pedro, esquecendo por completo o papel que queria representar. - *Era um doido, um desgraçado, que não sabia o que fazia.*

O oficial aproximou-se de Makar Alexeievitch e pegou-lhe pela gola da blusa.

O bêbedo, de boca pendente, expressão aparvalhada, cambaleava, apoiando-se à parede.

- *Bandido, hás-de pagar-mas!* - vociferou o francês, retirando a mão. - *Nós, os Franceses, somos clementes depois da vitória, mas não perdoamos aos traidores.*- E disse isto num tom entre grave e solene, sublinhando as palavras com um gesto enérgico e teatral.

Pedro continuou, em francês, a implorar-lhe que se não vingasse daquele pobre bêbedo meio doido. O oficial ouvia-o, calado, sempre carrancudo, e, de repente, voltou-se, sorrindo, para onde estava Pedro, Durante algum tempo observou-o calado, No seu rosto de boa pessoa apareceu uma expressão de uma suavidade em que havia qualquer coisa de trágico, e estendeu-lhe a mão.

- *Salvou-me a vida! É francês!* - exclamou ele.

Para um francês não podia haver a mais pequena dúvida: só um francês seria capaz de praticar uma nobre acção, e salvar a vida a *Monsieur Ramballe, capitão do 13º ligeiro*, não podia deixar de ser uma nobre acção.

Entretanto Pedro julgou de seu dever desenganá-lo.

- *Sou russo* - apressou- se a dizer-lhe.

- *Ora, ora, ora, essa para cá não pega* - chasqueou, sorrindo, o francês, ao mesmo tempo que fazia um gesto pleno de incredulidade. - *Já me vai contar tudo. Que prazer encontrar um*

compatriota. Bom, que vamos fazer deste homem? - acrescentou, como se se dirigisse, realmente, a um compatriota.

O tom da voz, a expressão do oficial, queriam dizer que mesmo que Pedro não fosse, realmente, francês, nada tinha a objectar desde que lhe davam esse título, o mais belo neste mundo. Pedro voltara a explicar como aquele doido, antes de ele ter aparecido, como aquele bêbedo lhe tirara de cima da mesa a pistola carregada, que ainda não tivera tempo de lhe apanhar, e de novo voltou a pedir que não castigasse o desgraçado.

O francês arqueou o peito e fez um gesto verdadeiramente soberano.

- *Salvou-me a vida! É francês. Está a pedir-me essa concessão? Concedo-lha. Levem este homem* - articulou, num tom enérgico, e, travando do braço daquele a quem conferira a dignidade de francês por lhe haver salvo a vida, entrou com ele em casa.

Os soldados que tinham ficado na rua entraram no vestíbulo quando ouviram a detonação. Inquirindo do que acontecera, declararam estar prontos a castigar os culpados, mas o oficial, severo, deteve-os.

- *Eu os chamarei, quando precisar de vocês* - disse-lhes.

Os soldados retiraram-se e o impedido, que entretanto metera o nariz na cozinha, aproximou-se do oficial.

- *Capitão, eles têm sopa e um assado de carneiro na cozinha* - confiou-lhe - *Quer que lho traga?*

- *Traz. E vinho* - replicou o capitão.

Capítulo XXIX

Quando o oficial e Pedro entraram em casa, este entendeu de seu dever garantir mais uma vez ao companheiro que não era francês, manifestando desejos de se retirar; o oficial, porém, não consentiu. Era tão cortês, tão amável, tão benevolente e mostrava-se tão reconhecido para com aquele que lhe havia salvo a vida que Pedro não ousou repelir o convite que lhe dirigia, e instalaram-se os dois no salão, a primeira dependência onde ambos entravam. Como Pedro teimasse em afirmar que não era francês, o capitão, incapaz de compreender como se podia recusar semelhante honra, encolheu os ombros, dizendo que se tão grande era o seu empenho em fazer-se passar por russo, ele nada teria a objectar, mas que, fosse como fosse, a ele o ligava um reconhecimento etcrno.

Se este homem fosse capaz de compreender os sentimentos alheios e de adivinhar os do companheiro, era provável que Pedro se tivesse afastado, mas a incompreensão que mostrava por tudo que não fosse ele próprio obrigou-o a ceder.

- *Francês ou príncipe russo incógnito* - disse o capitão, relanceando os olhos à roupa branca de Pedro, bastante enxovalhada, mas assaz fina, e ao anel que ele trazia no dedo. - *Devo-lhe a vida e pode contar com a minha amizade. Um francês nunca esquece nem um insulto nem um serviço. Pode contar com a minha amizade. Só lhe digo isto.*

No seu tom de voz, na expressão do seu rosto, nos seus gestos, havia tanta bonomia, tanta nobreza, pelo menos do ponto de vista francês, que Pedro, respondendo, sem dar por isso, com um sorriso ao sorriso do francês, lhe apertou a mão que este lhe estendera.

- *Capitão Ramballe, do 13º ligeiro*, condecorado pela acção do dia - anunciou ele com um sorriso de fatuidade que lhe franziu os lábios debaixo do bigode. - *Poderá dizer-me agora a quem tenho a honra de falar tão agradavelmente em vez de estar na ambulância com uma bala deste doido no corpo?*

Pedro respondeu ser-lhe impossível declinar a sua identidade e, corando, pôs-se à procura de um nome qualquer e a explicar as razões que o impediam de lhe dar tal satisfação. O francês interrompeu-o bruscamente.

- *Por favor* - exclamou. - *Compreendo as suas razões, o senhor é oficial... oficial superior, talvez. Pegou em armas contra nós... Isso não é comigo. Devo-lhe a vida. Isso me basta. Sou todo vosso. É fidalgo?* - Pedro assentiu com a cabeça. - *Qual o seu nome de baptismo, se faz favor? Não preciso mais.*

Monsieur Pierre, diz o senhor... Muito bem. É tudo quanto desejo saber.

Serviram o carneiro e uma omeleta, trouxeram o samovar, vodka e vinho de uma adega russa. Ramballe convidou Pedro para o seu jantar e imediatamente se lançou sobre as vitualhas, como criatura esfaimada e bom garfo que devia ser, comendo, ávido, mastigando ruidosamente, dando estalos com a língua e exclamando:

- *Excelente! Delicado!*

Estava muito corado e o suor repassava-lhe a testa. Pedro, esfomeado também, com satisfação o acompanhou no jantar. Morel, o impedido, trouxe uma caçarola de água quente e meteu-lhe dentro uma garrafa de vinho tinto. Em cima da mesa pôs a botelha de kvass que achara na cozinha, bebida já famosa entre os Franceses, que lhe chamavam «limonada de porco», e Morel tecia os mais rasgados elogios à que encontrara. Como o capitão, porém, dispunha de excelente vinho, arranjado algures, ao atravessar a cidade, deixou que Morel bebesse o *kvass* e reservou para si o Bordéus. Amarrando um guardanapo ao gargalo da garrafa, encheu o seu copo e o de Pedro. Morta a fome e vazia a garrafa, o capitão, incendiado, pôs-se a falar, a falar.

- *Sim, meu caro Monsieur Pierre, contraí para consigo uma grande dívida salvando-me... das mãos desse louco. Não me faltam balas no corpo, como pode ver. Aqui tem uma em Wagram* - e mostrava uma cicatriz - *e duas em Smolensk* - prosseguia apalpando o gilvaz da cara. - *E esta perna, como está a ver que não quer andar. Foi na grande batalha de 7 no Moskova, que eu arranjei isto. Caramba, era belo! Valia a pena ver aquilo, um dilúvio de fogo. Sempre nos têm dado uns trabalhos! Podem orgulhar-se disso, cos diabos! E palavra, apesar desta tosse, estou de novo pronto a recomeçar. Lastimo os que não viram isto.*

- *Também lá estive.* - disse Pedro.

- *Quê, fala a sério?! Pois ainda bem* - continuou ele. - *Seja como for, vocês são uns inimigos às direitas. O grande reduto foi tenaz, caramba! E fizeram-nos pagar caro. Fui lá três vezes, aqui onde me vê. Por três vezes estivemos em cima das peças e por três vezes nos atiraram abaixo como um castelo de cartas. Oh!, era bonito, Monsieur Pierre. Os vossos granadeiros foram soberbos, com mil diabos! Seis vezes seguidas os vi cerrar fileiras e marchar como numa parada. Belos homens! O nosso rei de Nápoles, que sabe disto, gritou: Bravo! Ah! Soldados como nós!* - acrescentou, sorrindo após um silêncio. - *Ainda bem, ainda bem, Monsieur Pierre. Terríveis no combate... galantes com as belas, assim são os Franceses, não é verdade?* - concluiu, por fim, piscando o olho.

A alegria do capitão era tão ingénua e confiante, havia nele tanta franqueza e tanta satisfação própria que Pedro não pôde deixar de lhe responder com outro piscar de olhos. A palavra galantes levou o oficial a falar de Moscovo.

- *A propósito, diga-me cá, é verdade que as mulheres abandonaram todas Moscovo? Que ideia! Que*

podiam elas recear?

- *Então se os Russos entrassem em Paris as mulheres francesas não abandonariam a cidade?* - inquiriu Pedro.

- *Ah! Ah! Ah! Essa é forte!* - replicou o francês, rindo a bom rir, enquanto lhe dava palmadinhas nas costas. - *Paris? Mas Paris, Paris...*

- *Paris, a capital do mundo.* - rematou Pedro.

O capitão fitou-o atentamente. Tinha por costume calar-se, assim, no meio de uma conversa, fixando os olhos risonhos e amáveis no interlocutor.

- *Pode crer, se me não dissesse que era russo, ia apostar que era parisiense. O senhor tem esse não-sei-quê, esse...* - E voltou a percorrê-lo com os olhos, sem dizer palavra.

- *Estive em Paris, passei lá alguns anos* - replicou Pedro.

- *Oh! Isso vê-se logo. Paris!... Um homem que nunca foi a Paris é um selvagem. Um parisiense sente-se a duas léguas. Paris é Talma, a Duchesnois, Potier, a Sorbona, as avenidas.* - E, notando que o remate não correspondia ao começo, tratou de acrescentar: - *Não há senão um Paris no mundo. O senhor esteve em Paris e continuou russo. Nem por isso tenho menos estima por si.*

Sob a influência do vinho e depois daqueles dias de solidão metido em sombrios pensamentos, Pedro experimentava, involuntariamente, grande satisfação em conversar com aquele jovial simpático rapaz.

- *Para falarmos outra vez das vossas mulheres: dizem que são bem bonitas. Que raio de ideia irem enterrar-se na estepe com os Franceses em Moscovo! Não sabem o que perderam. Os vossos Mujiques ainda se compreende, mas vocês, pessoas civilizadas, tinham obrigação de nos conhecer melhor. Tomámos Viena, Berlim, Madrid, Nápoles, Roma, Varsóvia, todas as capitais do mundo... Temem-nos, mas gostam de nós. Vale a pena conhecer-nos... E depois o imperador...* - principiou ele; Pedro, todavia, interrompeu-o.

- *O imperador...* - repetiu ele, com um sorriso taciturno e enleado. - *Estará o imperador...*

- *O imperador? A generosidade, a clemência, a justiça, a ordem, o génio, eis o imperador! Sou eu, Ramballe, quem lho diz... Aqui onde me vê, ainda há oito anos era inimigo dele. Meu pai era conde emigrado... Mas aquele homem venceu-me. Empolgou-me. Não pude resistir ao espectáculo de grandeza e de glória que ele dava a França. Quando compreendi o que ele queria, quando vi que ele nos fazia uma cama de louros, então disse comigo; Ora aqui esta um soberano, e dediquei-me a ele. E aqui tem. Ó, sim, meu caro, é o maior homem, dos séculos passados e futuros.*

- *Está em Moscovo?* - perguntou Pedro, hesitante e sem esconder uma espécie de culpa.

O francês, sorrindo, observou, curioso, a expressão do interlocutor.

- *Não, deve entrar amanhã na cidade* - replicou, prosseguindo no seu diálogo.

A conversa foi interrompida por uns gritos, lá para os lados da porta principal, e pela

chegada de Morel, que vinha explicar ao capitão que os hússares wurteinburgueses teimavam em alojar os seus cavalos no pátio onde estavam já os deles, mal-entendido esse proveniente sobretudo do facto de os hússares não compreenderem o que lhes diziam,

O capitão ordenou que o sargento viesse à sua presença e em voz severa perguntou-lhe a que regimento pertencia, quem era o seu comandante e como ousava querer tomar conta de uma habitação já ocupada por outros militares. O alemão, que tinha dificuldade em perceber o francês, disse o nome do regimento a que pertencia e quem- era o seu comandante, mas, como nada percebera do que lhe diziam, replicou, misturando no alemão fragmentos de palavras francesas, que, na sua qualidade de sargento, nada mais fazia que cumprir as ordens que recebera do comandante, o qual lhe ordenara que ocupasse todas as casas daquele bairro, umas após outras. Pedro, que falava alemão, traduziu a resposta, para entendimento do capitão, e por sua vez transmitiu ao hússar o que lhe dissera o oficial. Tendo percebido, finalmente, o wurtemburguês cedeu, retirando com os seus homens. Em seguida o capitão francês veio até ao alpendre e numa voz de trovão deu ordens aos subordinados.

Quando voltou à sala, Pedro, de cabeça entre as mãos, continuava sentado no mesmo sítio. Havia amargura na sua cara. E, de facto, sofria naquele momento. Assim que o capitão o deixara só, compreendera, de súbito, a situação em que estava. O que naquela altura o fazia sofrer não era o facto de Moscovo ter sido tornada nem mesmo que aqueles venturosos soldados ali se tivessem instalado como em sua própria casa, concedendo-lhe, inclusivamente, a sua protecção, embora tudo isto fosse, em verdade, bastante penoso: o que o atormentava era a consciência da sua própria fraqueza. Alguns copos de vinho e dois dedos de conversa com, aquele galhardo militar, eis quanto bastara para c seu taciturno estado de espírito dos últimos dias, indispensável para levar a bom termo o seu projecto, desaparecer como por encanto. A pistola, o punhal, o disfarce, tudo estava preparado; Napoleão entraria em Moscovo no dia seguinte. E posto Pedro continuasse a considerar útil e nobre o acto pelo qual assassinaria semelhante bandido, o certo é que se sentia agora incapaz de o praticar. Procurava dominar a sua fraqueza e confusamente percebia não ser capaz, que todos os seus sombrios projectos de vingança, de assassínio, de sacrifício se haviam dissipado como fumo desde que se pusera a falar com aquele desconhecido.

O capitão voltou a entrar na sala, assobiando e arrastando perna.

A tagarelice do francês, que tanto o divertira até, ali, agora tornava-se-lhe, odiosa. Aquele assobio, aquele manquejar, a maneira que ele tinha de cofiar o bigode, tudo o incomodava, «Vou-me embora e não lhe dirijo mais a palavra», dizia de si para consigo. E no entanto continuava sentado sem se mover. Amarrava-o ali um estranho sentimento de

fraqueza. Conquanto o desejasse, não podia levantar-se nem podia partir,

O capitão, pelo seu lado, parecia, de contrário, na melhor disposição deste mundo. Andava de cá para lá, de olhos cintilantes e o bigode agitado, como se sorrisse interiormente ao lembrar-se de qualquer coisa divertidíssima.

- *Encantador* - exclamou, de súbito - *o coronel destes wurtemburgueses! É um alemão; mas bom rapaz, se fosse... mas alemão. A propósito, o senhor sabe então alemão?* - acrescentou, parando diante de Pedro.

Pedro fitou-o calado.

- *Como é que diz «asilo» em alemão?*

- *Asilo!* - repetiu Pedro - *«Asilo» em alemão: Unterkunft.*

- *Como diz?* - insistiu o capitão, incrédulo.

- *Unterkunft.*

- *Onterkoff* - voltou ele, fixando Pedro, por momentos, com olhos sorridentes. - *Os Alemães são uns animais orgulhosos. Não é verdade, Monsieur Pierre? Bom, mais uma garrafa de bordéus Moscovita, não é verdade? Morel, vai amornar-nos mais uma garrafa. Morel!* - chamou, folgazão.

Morel apareceu com as velas e uma garrafa. O capitão, assim que a sala se iluminou, relanceou a vista ao seu interlocutor e notou a transformação da sua máscara. Realmente inquieto e com uma simpatia toda cordial, inclinou-se para Pedro,

- *Então, estamos tristes?* - disse ele, pegando-lhe numa das mãos. - *Magoei-o? Tem alguma razão de queixa minha? Talvez por causa da situação?*

Pedro não respondeu, mas fitou-o nos olhos com simpatia. Não podia deixar de ser sensível a todas aquelas atenções.

- *Palavra de honra, mesmo sem falarmos do que lhe devo, tenho amizade por si. Haverá alguma coisa que eu possa fazer por si? Disponha de mim. A vida e a morte. Digo-lhe com a mão no coração* - acrescentou, fustigando a arca do peito.

- *Obrigado* - volveu-lhe Pedro.

O capitão olhou-o com o mesmo ar jovial de há pouco e o rosto iluminou-se-lhe.

- *Ah!, nesse caso, bebo à nossa amizade!* - exclamou, enchendo os dois copos.

Pedro pegou no copo cheio e virou-o de um só trago. Ramballe virou o seu também e voltou a apertar a mão de Pedro, deixando-se cair na cadeira, com os cotovelos na mesa, numa, atitude melancólica.

- *Sim, meu caro, chama-se a isto os caprichos do destino* - disse ele. - *Quem diria que eu seria soldado e capitão de dragões ao serviço de Bonaparte, como nós lhe chamávamos antigamente. E no entanto aqui estou eu em Moscovo. Sempre lhe direi, meu caro* - prosseguiu, numa voz agora ponderada e serena, como se fosse encetar uma longa história - *que o nosso nome é um dos mais antigos da*

França.

E, com a franqueza ingénua e ligeira dos Franceses, pôs-se a contar-lhe a história dos seus antepassados, da sua infância, da sua adolescência e da sua juventude, pondo-o ao corrente de tudo quanto dizia respeito à família e aos bens. «A minha pobre mãe», claro está, não faltava na história.

- Mas tudo isto mais não é que a cenografia da vida; o fundo e o amor. O amor. Não é verdade, Monsieur Pierre? - continuou ele cada vez mais animado. *- Mais um copo.*

Pedro bebeu de novo e de seguida encheu os copos.

- Oh, as mulheres, as mulheres! - E o capitão, cujo olhar se fizera langoroso, pôs-se a falar do amor e das suas aventuras galantes.

Tinham sido muitas e não era difícil de acreditar que assim fosse quando se atentava no seu ar conquistador, na sua bela figura e na vivacidade que punha no relato dos seus êxitos. Ainda que todas essas histórias fossem repassadas desse carácter um tudo-nada brejeiro, encanto e poesia do amor para os Franceses, o certo é que o capitão falava com tanta sinceridade e tanta convicção que dir-se-ia só ele, saber o que era o amor, e tal era a sedução que emprestava às suas heroínas que Pedro não podia deixar de o seguir interessadíssimo.

Evidentemente que o amor de que falava Ramballe nem era essa paixão sensual e rasteira que Pedro outrora experimentara pela mulher nem essa paixão romântica, exaltada por natureza, que Natacha lhe inspirava: para estas duas espécies de amor ia o desprezo do francês. Para ele, o primeiro era *«o amor dos carreteiros»,* e o segundo *«o amor dos néscios».* O amor que ele preferia andava relacionado a toda a sorte de combinações estranhas e situações extraordinárias, sua maior atracção para ele.

Assim, contou a história emocionante dupla paixão que tivera por uma marquesa de trinta e cinco anos e por uma filha desta, deliciosa e, inocente criatura de dezassete primaveras. O generoso debate entre mãe e filha e por fim o sacrifício daquela, que ofereceu ao amante a mão da filha, todos estes acontecimentos, embora remotos, faziam estremecer o capitão. E contou depois o curioso episódio, em que o marido tomara o lugar do amante e ele próprio, o amante, o lugar do marido. E a tudo isto acrescentou alguns pormenores cómicos das suas *recordações da Alemanha,* país em que o *asilo* se diz *Unterkunft, os maridos comem «choucroute» e as raparigas são louras.*

Por fim, veio a última aventura, na Polónia, de fresca data, que contou com grandes gestos e de uma animação muito particular. Salvara a vida a um polaco (coisa curiosa, , nas suas histórias, Ramballe salvava sempre a vida a qualquer pessoa). O polaco confiara-lhe a as encantadora mulher, uma *parisiense de coração,* enquanto abalava ao serviço da França. A

felicidade do capitão atingira o auge: a bela polaca ia fugir com ele. Mas ele, dominado por um sentimento de generosidade ainda mais forte, restituiu a mulher ao marido, dizendo-lhe: *«Salvei-lhe a vida e salvo-lhe a honra!»*. E ao repetir esta frase enxugou os olhos e abanou a cabeça como para afastar de si a emoção que o tomava lembrando-se daquela emocionante recordação.

Enquanto escutava o capitão. Pedro, perturbado pelo tardio e pelo vinho que bebera, revia, em imaginação, a vaga de reminiscências pessoais que o assaltavam. Todas aquelas histórias de amor lhe lembraram, de súbito, a sua própria paixão por Natacha, e havia nela cenas que comparava mentalmente às das histórias de Ramballe. A luta entre o dever e o amor trazia-lhe à memória os mais pequenos pormenores do seu último encontro ao pé da Torre de Sukariev. Então esse encontro pouco o impressionara e breve se lhe desvanecera do espírito. Mas agora, pelo contrário, afigurava-se-lhe importantíssimo e de um valor poético muito particular.

«Piotre Kirilitch, venha daí, já o reconheci.» Parecia estar a ouvir-lhe aquelas palavras, a ver-lhe os olhos, o sorriso, o chapelinho de viagem, as madeixas desgrenhadas do cabelo... E tudo isto se lhe afigurava qualquer coisa de terno e de comovedor.

Finda que foi a história da polaca, o capitão perguntou a Pedro se também tivera oportunidade de se sacrificar de igual modo, sentindo ciúme pelo marido legítimo.

Ao ouvir isto, Pedro levantou a cabeça e de repente sentiu uma grande necessidade de abrir o coração. Explicou que, para ele, o amor não era a mesma coisa. Disse-lhe que em toda a sua vida apenas amara uma mulher, uma só, e que esta mulher nunca lhe poderia vir a pertencer.

- *Essa agora!* - exclamou o capitão.

E explicou-lhe depois que amava essa mulher desde que a vira criança, mas que nunca ousara pensar nela, então nova de mais, e ele, por sua vez, filho ilegítimo e sem nome para lhe dar. Mais tarde, quando viera a ter um nome e a ser rico, não quisera pensar nela, pois a amava muito, a punha acima de tudo e de todos, e por isso mesmo acima de si próprio.

Ao chegar a esta altura das suas confidências perguntou ao capitão se ele o compreendia. Este, por um simples gesto, volveu-lhe que ainda mesmo que não compreendesse não era razão para ele interromper a sua história.

- *O amor platónico, as nuvens...* - murmurava.

Ou o vinho que bebera ou a necessidade de se abrir ou ainda a certeza de que aquele homem não conhecia nem nunca viria a conhecer qualquer das pessoas de quem ele falava, eis o que, sem dúvida, concorreu para a loquacidade de Pedro. Numa voz pastosa e os

olhos vagos, ei-lo que prossegue na história dos seus amores: contou-lhe o caso do seu casamento, a paixão de Natacha pelo seu melhor amigo, a traição desta e as suas relações com ela, tão pouco claras ainda. Compelido pelas perguntas de Ramballe, acabou por dizer o que de princípio escondera: a situação que ocupava na sociedade e até o seu verdadeiro nome.

O que mais impressionava o capitão em tudo isto era o facto de Pedro ser riquíssimo, de possuir dois palácios em Moscovo, de tudo ter abandonado, tendo ficado na cidade escondendo o seu nome e a sua posição, em vez de partir. Já a noite ia adiantada quando saíram juntos. O céu estava sereno e claro. A esquerda lobrigava-se o clarão do primeiro incêndio que estalava em Moscovo, em Petrovka. A direita, a lua nova brilhava no alto da cúpula celeste, enquanto do lado oposto esplendia o cometa, na alma de Pedro profundamente associado ao seu amor. A entrada da porta estavam Guerassime, a cozinheira e dois franceses. Ouviam-se as suas gargalhadas e as tentativas de conversa nas duas línguas, sem que chegassem a compreender-se uns aos outros. Todos contemplavam o resplendor do incêndio que alastrava pela cidade.

Nada havia, contudo, de ameaçador nesse pequeno incêndio longínquo no meio da imensa capital.

Ao contemplar o céu estrelado, a Lua, o cometa e o clarão do incêndio, Pedro sentiu que a alma se lhe inundava de alegria e enternecimento. «Que belo tudo isto é! Que é preciso mais?», dizia de si para consigo. Mas de súbito, ao lembrar-se do seu projecto, sentiu como que uma vertigem e viu-se obrigado a apoiar-se à parede para não cair.

Sem se despedir do seu novo amigo, afastou-se da porta em passos titubeantes e, entrando no seu quarto, estendeu-se no divã, adormecendo instantaneamente,

Capítulo XXX

O clarão do primeiro incêndio, no dia 2 de Setembro, foi visto de diferentes lados e produziu efeitos muito diversos nos habitantes que abandonavam a cidade e nas tropas que retiravam.

O comboio dos Rostov encontrava-se nessa noite nos Grandes Mitichtchi, a umas vinte *verstas* de Moscovo. No dia 1º de Setembro a sua partida fora tão tardia, a estrada estava de tal modo obstruída, tantas coisas tinham esquecido, mandadas buscar à última hora, que decidiram passar a noite apenas a cinco *verstas* da capital. No dia seguinte tinham-se levantado tarde e tantos foram os obstáculos ainda no caminho que apenas puderam chegar aos Grandes Mitichtchi. As dez horas, os Rostov, bem como os feridos que os acompanhavam, distribuíram-se pelos Pátios e as isbás daquela grande povoação. Criados, cocheiros e ordenanças dos feridos, depois de servirem os amos, comeram. Por sua vez deram de comer aos cavalos e vieram tomar ar para os alpendres.

Numa dessas isbás encontrava-se o ajudante-de-campo de Raievski: tinha o pulso quebrado e as tremendas dores que sentia obrigavam-no a gemer constantemente, ressoando os seus gemidos lúgubres na obscuridade da noite outonal.

Este ajudante-de-campo passara a primeira noite no mesmo local que os Rostov. A condessa dissera que não tinha podido conciliar o sono, e por isso, nos Mitichtchi, instalaram-se numa isbá menos confortável, mas mais afastada do pobre homem.

Um dos criados viu de repente, no meio das trevas da noite, do alto da boleia da carruagem que estacionava à entrada do pátio, um novo e pálido clarão. Era um novo incêndio e toda a gente sabia que os Pequenos Mitichtchi estavam a arder, incendiados pelos cossacos de Mamanov.

- Eh!, rapazes! Temos outro fogo! - exclamou.

Todos se voltaram na direcção indicada.

- Dizem que os cossacos de Mamanov deitaram o fogo aos pequenos Mitichtchi.

- Não. Não é isso. É muito mais longe. Olha bem. Parece em Moscovo.

Dois criados desceram as escadas do alpendre, dirigiram-se para a carruagem e treparam para o estribo.

- É mais à esquerda. Os Mitichtchi ficam para este lado, e o fogo é noutra direcção.

Outros criados vieram juntar-se ao primeiro.

- Aquilo é que arde! - disse um deles - Cá na minha. é fogo em Moscovo, ou em Suchtchevskaia ou então em Rogojskaia.

Ninguém replicou e por muito tempo todos ficaram a olhar para as labaredas daquele novo incêndio que se erguia no horizonte.

Um velho, a quem todos chamavam o criado de quarto do conde, um tal Danila Terentitch, aproximou-se do grupo para chamar Michka.

- Que estás tu aí a olhar, imbecil?... O conde está a chamar e ninguém há para o atender: anda, trata de lhe ires arrumar a roupa.

- Fui buscar água - replicou Michka.

- Que te parece. Danila Terentitch? Não achas que é em Moscovo aquele clarão? - perguntou um dos lacaios.

Danila Terentitch, ficou calado e todos os demais o imitaram. As labaredas ondulavam e cada vez se estendiam mais.

- Nosso Senhor nos valha! Com este vento e esta seca! - exclamou uma voz.

- Olha como aquilo caminha! Deus nos acuda! Que Nosso Senhor tenha piedade de nós!

- Não tarda que o apaguem. Vais ver!

- Quem o há-de apagar? - murmurou Danila Terentitch, que nada dissera até então e cuja voz era lenta e serena. - É, sim, é Moscovo, irmãos, é a nossa mãe das brancas muralhas... A voz quebrou-se-lhe de súbito e soluçou como os velhos costumam soluçar.

Era como se todos esperassem aquilo mesmo para compreenderem, finalmente, o tremendo significado daquele clarão. Suspiros e orações vieram sublinhar os soluços do velho criado do conde.

Capítulo XXXI

Quando voltou para junto do amo, o criado de quarto participou-lhe que Moscovo estava a arder. O conde enfiou o roupão e foi verificar com os seus olhos o que o criado dizia. Sónia, que ainda não estava despida, e Madame Schoss acompanharam-no. Natacha e a condessa ficaram sozinhas. Pétia, esse, já não estava com a família: partira com o seu regimento na direcção de Troitsa.

Quando lhe falaram do incêndio de Moscovo, a condessa principiou a chorar. Natacha, muito pálida, de olhos fixos, deixou-se ficar sentada no banco debaixo dos ícones, que nem um só instante abandonara desde que chegara, e não prestou a mais Pequena atenção ao que o pai dizia. Estava à escuta dos gemidos contínuos do oficial, que continuavam a ouvir-se apesar de virem de algumas casas mais adiante.

- Ah! Que horror! - exclamou Sónia, toda a tremer, assustadíssima, quando voltou para dentro. - Moscovo inteira está a arder. Que clarão medonho! Vai ver, Natacha, vê-se dali mesmo da janela - acrescentou, tentando arrancar a prima aos seus pensamentos. Mas Natacha fitou-a, como se não compreendesse o que lhe diziam e de novo fixou os olhos no canto da estufa. Desde manhã que estava mergulhada naquela espécie de letargia, desde que Sónia, com grande estranheza e irritação da condessa, não se sabe porquê, julgara necessário dizer-lhe que o príncipe André fora ferido e fazia parte do comboio. A condessa exaltara-se e repreendera Sónia como raramente o fizera. Sónia chorara, pedira perdão, e agora, como para reparar a sua falta. A todo o momento se mostrava solícita para com a prima.

- Olha, Natacha, que horroroso incêndio!

- Que está a arder? - perguntou Natacha. - Ah, sim, Moscovo! - E como para não melindrar Sónia e se ver livre dela aproximou a cabeça da janela, olhou para fora, de tal modo que era evidente nada ter visto, retomando em seguida a sua atitude anterior.

- Mas tu nada viste!

- Vi, vi - protestou Natacha, como implorando que a deixassem em paz.

Tanto Sónia como a condessa compreenderam que, acontecesse o que acontecesse. Natacha por nada poderia interessar-se, nem por Moscovo nem pelo incêndio.

O conde voltou a recolher-se atrás do tabique da isbá e deitou-se. A condessa

aproximou-se da filha, tocou-lhe na testa com as costas da mão, como costumava fazer quando ela estava doente, e aproximou-lhe os lábios da fronte, como se quisesse verificar se tinha febre.

- Apanhaste frio? Estás toda a tremer? Devias deitar-te. - disse-lhe a condessa.

- Deitar-me? Sim, vou deitar-me, sim, vou deitar-me já - murmurou Natacha.

Desde que lhe disseram que o príncipe André, gravemente ferido, seguia com eles, começara por fazer perguntas a seu respeito: queria saber quando e onde fora ferido, se o ferimento era grave, se o podia ver. Ao dizerem-lhe que o não podia ver, que era grave o ferimento, embora não mortal, ficou convencida de que, fizesse o que fizesse, nada mais saberia a esse respeito, e, ao ver que lhe não diziam toda a verdade, calou-se e nada mais perguntou. Durante todo o caminho conservara-se imóvel no fundo da carruagem, com os grandes olhos muitos abertos, esses olhos que a mãe tão bem conhecia e cujo estranho olhar tanto receava, e ali ficara sentada naquele banco. Em que pensava? Que decisão congeminava ou tomara já? A condessa suspeitava-a, sem saber ao certo, e esta incerteza atormentava-a e apavorava-a muito.

- Natacha, despe-te, minha querida; vem para a minha cama. - Só a condessa dispunha de cama; tanto Madame Schoss como as duas raparigas tinham de dormir na palha.

- Não, mãe, ficarei ali muito bem, no chão - replicou Natacha, com um movimento de impaciência e, aproximando-se da janela, abriu a vidraça.

Os gemidos do ajudante-de-campo ouviam-se agora mais distintamente. Natacha debruçou-se da janela para o ar húmido da noite e a condessa viu-lhe o pescoço delicado, arrepanhado pelos soluços, quando encostou a cabeça ao caixilho. Sabia muitíssimo bem que não era o príncipe André quem gemia. Sabia que ele estava deitado na isbá contígua à deles, da qual a separava apenas um vestíbulo, mas aquela queixa medonha, incessante, enchia-lhe os olhos de lágrimas. A condessa trocou um olhar com Sónia,

- Deita-te, querida, deita-te minha pequenina - disse ela, aflorando-lhe o ombro com a mão. - Vá, deita-te.

- Ah, sim!... Vou já deitar-me, já - disse Natacha, principiando a despir-se à pressa. Arrancava os cordões das saias.

Depois de tirar o vestido e enfiar uma camisa de noite, sentou-se, acocorada, em cima da cama de palha, no chão, e puxando para a frente os finos cabelos pôs-se a fazer uma trança. Os seus longos dedos afuselados moviam-se rapidamente. E ia voltando a cabeça, ora de um lado ora de outro, num gesto familiar. Os olhos, porém, dilatados, como se tivesse febre, permaneciam imóveis e fixos. Assim que acabou de se arranjar, deitou-se,

sem ruído, na coberta estendida em cima da palha, junto da porta.

- Natacha, deita-te no meio - disse-lhe Sónia.

- Estou bem aqui - replicou ela. - E tu deita-te, tu também - acrescentou, repreensiva. E enterrou a cabeça na almofada.

A condessa, Madame Schoss e Sónia despiram-se rapidamente e deitaram-se também. A única luz acesa era a lamparina diante dos ícones. Mas lá fora o céu estava iluminado pelo incêndio dos Pequenos Mitichtchi, a duas *verstas* dali, e ouviam-se os gritos dos homens na taberna saqueada pelos cossacos, à esquina da rua, enquanto os gemidos do oficial continuavam.

Por muito tempo esteve Natacha, imóvel, ouvindo os ruídos que vinham da isbá e lá de fora. Ouviu, primeiro, a mãe que rezava, suspirando, depois o ranger da cama quando ela se deitou e em seguida o ressonar estridente, tão seu conhecido, de Madame Schoss e a tranquila respiração de Sónia. A certa altura a condessa chamou-a, mas Natacha não respondeu.

- Acho que está a dormir, mãe - murmurou Sónia.

Depois de um curto silêncio, a condessa voltou a chamar, mas desta vez ninguém lhe respondeu.

Daí a pouco Natacha ouvia a pausada respiração da mãe. Não se mexia, embora tivesse o pèzinho nu gelado, pois o mantinha fora da roupa da cama, em contacto com o chão.

Como para comemorar a sua vitória sobre toda aquela gente adormecida, um grilo, na sua toca, pôs-se a cantar. Lá longe ouviu-se o cocorocó de um galo, enquanto outro, mais perto, lhe respondia. Na taberna já se não ouvia gritar. Continuava, porém, e sempre, a queixa do ajudante-de-campo. Natacha soergueu-se na cama.

- Dormes. Sónia? Mãe? - murmurou.

Ninguém lhe respondeu. Levantou-se sorrateiramente, persignou-se e pousou os delicados pés descalços no sobrado sujo e frio, que rangeu. Em passinhos rápidos, de gato, correu para, a porta e deitou as mãos ao fecho gelado.

Afigurava-se-lhe que as paredes da isbá vibravam em pancadas surdas e regulares: era o seu coração anelante que parecia rebentar de susto, de horror e amor.

Abriu a porta, transpôs o limiar e pousou os pés na terra húmida e fria do vestíbulo. O frio reanimou-a. No escuro tocou com o pé descalço no corpo de um homem que dormia, passou-lhe por cima e abriu a porta do quarto onde estava o príncipe André. Era grande a escuridão lá dentro. Num recanto, ao fundo, junto de uma cama onde se via um vulto estendido, uma vela de sebo pousada num banco ardia, fumarenta.

Desde que Natacha soubera, nessa manhã, que o príncipe André estava ali e ferido, resolvera vê-lo. Sabia porque considerava isso um dever seu, embora, tivesse a certeza também de que esse encontro seria para ela um suplício atroz.

Durante, todo o dia não pensou noutra coisa senão em vê-lo quando viesse a noite. Agora, porém, que o momento chegara, enchia-a de horror a ideia do espectáculo que se lhe ia apresentar. Até que ponto estaria ele desfigurado? Teria todos os seus membros? Estaria tão mal como o pobre do ajudante-de-campo, sempre a gemer? Sim, devia estar no mesmo estado. Na sua imaginação, aquela queixa horrível representava-o inteiro. Ao descobrir, ao canto, aquela forma vaga, cujos joelhos, soerguendo a coberta, se lhe afiguravam uns ombros, julgou ter diante de si qualquer coisa de monstruoso e deteve-se, apavorada. Mas uma orça irresistível a obrigou a continuar. Avançou cautelosamente, passo a passo, e achou-se no meio de um compartimento atulhado de coisas. No banco, debaixo dos ícones, estava deitado outro corpo, o de Timokine, e no chão ainda havia mais dois - um, o médico, e o outro, o criado do príncipe. Este soergueu-se e pronunciou quaisquer palavras. Timokine, cujo ferimento na perna muito o fazia sofrer, não dormia e olhava, de olhos muito abertos, a estranha aparição aquela menina apenas de camisa de noite branca, de camisola, e os cabelos apanhados na touca de dormir. As palavras pronunciadas pelo criado meio adormecido: «Que é preciso? Quem está aí?», levaram Natacha a apressar o Passo para mais depressa chegar onde estava deitado o vulto que de longe entrevira. Por mais mutilado e horrível que esse corpo estivesse, tinha de o ver. Passou junto do criado: o pavio da vela agitou-se, projectando uma luz mais viva, e ela pode ver distintamente o príncipe André, as mãos estendidas sobre a coberta, como sempre o conhecera.

Estava como sempre fora, mas o rosto afogueado pela febre, os olhos brilhantes fitos nela, numa grande exaltação, sobretudo o pescoço delicado, como o de uma criança, emergindo-lhe do colarinho entreaberto da camisa, tudo isso lhe dava à fisionomia um ar de candura e juventude que ela nunca lhe vira. Aproximou-se, e num movimento rápido, elástico e gracioso, ajoelhou diante dele. Ele sorriu-lhe e estendeu-lhe a mão.

Capítulo XXXII

Sete dias tinham decorrido desde que o príncipe André recuperara os sentidos na ambulância do campo de batalha de Borodino. Durante todo esse tempo esteve, por assim dizer, em estado de quase constante inconsciência. A febre e a inflamação dos intestinos, consequência, do ferimento que recebera, deviam ser-lhe fatais, na opinião do médico que o acompanhava. A verdade, porém, é que no sétimo dia tomou com apetite uma chávena, de chá com uma côdea de pão e o médico pode verificar que o estado febril baixara. Pela manhã recuperara a consciência. Na primeira noite após a partida de Moscovo, como estava bastante quente, permitira-lhe que dormisse no seu carro, mas nos Mitichtchi ele próprio pedira que o transportassem para debaixo de telha e lhe dessem uma chávena de chá. O sofrimento que lhe causou, porém, esse curto trajecto fê-lo gemer de dor e perder de novo os sentidos. Quando o deitaram na cama de campanha, por muito tempo ficou estendido de olhos fechados sem fazer o mais pequeno movimento. Depois abriu os olhos para murmurar: «E o chã?». A consciência que mostrava dos mais pequenos pormenores da vida surpreendeu o médico. Tomando-lhe o pulso, verificou, não sem grande surpresa e algum desgosto, que estava melhor. Não fora com grande satisfação que verificara o facto, pois, por experiência, sabia que o ferido não podia sobreviver e que se não morresse agora morreria pouco depois e no meio dos maiores sofrimentos, Desde Moscovo que se juntara ao grupo do príncipe André o major do seu regimento, Timokine, o militar de nariz rubicundo, ferido numa perna também na batalha de Borodino. Acompanhavam-nos o médico, o criado do príncipe, o cocheiro e duas ordenanças.

Trouxeram a chávena de chá ao príncipe André. Bebeu avidamente, enquanto os olhos febris se voltavam para a porta que ficava na sua frente, como a tentar lembrar-se de qualquer coisa muito confusa.

- Não quero mais. Timokine está aí? - perguntou.

Timokine arrastou-se no banco até junto dele.

- Presente, Excelência.

- Como vai essa ferida?

- A minha? Não vai mal. E a sua?

O príncipe André pôs-se a cismar, como se procurasse fosse o que fosse na memória.

- Poder-me-iam arranjar um livro? - disse ele.

- Que livro?

- O Evangelho. Não o tenho comigo.

O médico prometeu que lhe arranjaria um e perguntou-lhe como estava. O príncipe André respondeu de má vontade a todas as perguntas, mas com tino, depois pediu que lhe pusessem uma almofada debaixo para o aliviar um pouco das dores que sentia. O médico e o criado soergueram o capote que o cobria e, respirando a custo, tal o cheiro pestilencial que se derramava da ferida, puseram-se a examinar a terrível chaga. O médico não pôde esconder o seu descontentamento e, fazendo-lhe outro penso, voltou o ferido, o que lhe provocou gemidos de dor, levando-o a perder de novo os sentidos e a delirar, Repetia sem cessar que lhe trouxessem o livro e que lho pusessem ao lado.

- Que lhes custa? Preciso dele. Dêem-mo, façam favor. Ponham-no ali, nem que seja só por um momento - dizia, em voz queixosa.

O médico saiu para o vestíbulo na intenção de lavar as mãos.

- Ah! Malditos! Como hei-de eu confiar em vocês? - dizia para o criado, que lhe despejava água nas mãos. - Basta que me distraia um minuto. Ah! Não sei como ele pode suportar semelhantes dores!

- Julgava que o tínhamos tratado bem, Jesus, meu Deus. - exclamou o criado.

Pela primeira vez o príncipe André compreendeu onde estava e o que lhe acontecera. Lembrou-se de que fora ferido e que quando a sege parara nos Mitichtchi pedira que o levassem para uma isbá. Tendo então perdido de novo os sentidos, voltou a si quando o instalaram na isbá, ao pedir o chá, e ali lhe veio ao espírito tudo o que lhe acontecera. E reviu com toda a nitidez esse instante em que, na ambulância, ao ver quanto sofria o homem que ele mais detestava neste mundo, se sentira invadido por pensamentos que o haviam enchido de alegria. E eram esses mesmos pensamentos, conquanto mais confusos e nublados, que de novo se lhe apoderavam da alma. Percebeu que experimentava então uma felicidade desconhecida e sentiu que essa felicidade estava intimamente relacionada com o Evangelho, e por isso reclamara esse livro. Porém, as dores que tornou a sentir no momento em que lhe faziam o penso e o voltavam mais uma vez toldaram-lhe as ideias e quando voltou a ter consciência das coisas anoitecera por completo. Toda a gente dormia à sua volta. Um grilo cantava no vestíbulo; lá fora ouviam-se vozes e canções. As baratas corriam pela mesa, pelos ícones, pelos tabiques; uma grande mosca zumbia junto da cabeceira da cama, esvoaçando em volta da vela colocada junto do leito e escorrendo sebo.

Do ponto de vista mental, o príncipe André não estava em estado normal. O homem de espírito são aplica a sua faculdade de pensar, de sentir, de se recordar, simultaneamente,

a um número infinito de coisas, mas dispõe do poder e da força necessários, desde que se detém num objecto determinado, para concentrar nele toda a sua atenção. O homem de espírito não sabe interromper os seus pensamentos mais absorventes para saudar a pessoa que chega e voltar em seguida às suas reflexões. Mas a verdade é que o príncipe André, desse ponto de vista, se achava num estado de espírito completamente anormal. As suas faculdades mentais mostravam-se mais activas e mais lúcidas do que nunca, mas agiam independentes da sua vontade. As imagens e o pensamentos mais diversos ocupavam-lhe simultaneamente o espírito. Por vezes, o pensamento trabalhava com uma tal força, uma tal clareza e uma profundeza tais como jamais lhe seria possível de perfeita saúde, e de súbito, em plena elaboração mental, a cadeia dos pensamentos quebrava-se-lhe e via-se substituída por toda a sorte de representações inesperadas, sendo-lhe impossível refazê-la.

«Sim, uma felicidade desconhecida, que ninguém pode tirar ao homem, se me revelou», pensava, na meia obscuridade do quarto, fixando em frente, os olhos dilatados pela febre, «uma felicidade sobre que não têm o mais pequeno poder as forças físicas, as influências exteriores, a felicidade pura da alma, a felicidade do amor! Todos nós a podemos compreender, mas só Deus tem o poder de no-la dar a conhecer e de no-la revelar. Mas como nos revelou Deus esta lei de perfeita felicidade? Foi o Filho?...»

De súbito o fio dos pensamentos quebrou-se-lhe e sem poder saber se era o delírio que o levava consigo ou se ouvia, realmente, alguma coisa, pareceu-lhe perceber uma voz que sussurrava constante e cadenciadamente as mesmas sílabas lancinantes: «Piti... piti... !» Ao mesmo tempo, ao som dessa estranha música, sentia, em pleno rosto, erguer-se-lhe como que uma construção mágica e fantástica, formada de finas agulhas e levíssimas aparas. Dava conta, apesar de isso lhe ser muitíssimo penoso, de que devia esforçar-se por mantê-la em equilíbrio e impedir que essa construção caísse por terra, mas a verdade é que ela acabava por ruir e voltava a reedificar-se, lentamente, ao com- passo da mesma música cadenciada e pipilante. «Vai subindo; vai subindo! Vai subindo sempre!», dizia para consigo mesmo. E no meio destas impressões de música múrmura e do edifício que se levantava, via, por momentos, o círculo vermelho do pavio da vela, ouvia o restolhar das baratas e o zumbir da mosca embatendo contra a almofada da cama e a cara. E de cada vez que lhe tocava no rosto sentia como que uma sensação de queimadura, surpreendidíssimo por, embatendo ela precisamente no ponto onde se levantava o tal estranho edifício, o não deitar por terra. Além disso, outro fenómeno importante se verificava ainda. A porta havia qualquer coisa branca, como que uma esfinge, que c, esmagava a ele também.

«Não. Não pode ser. Talvez seja apenas a minha camisa em cima da mesa», pensava. «Ali estão as minhas pernas, e acolá a porta. Mas porquê, então, este edifício crescendo,

crescendo, e esta música: 'Piti... piti...'? Basta, peço-lhe, basta, é de mais!», implorava. E subitamente os pensamentos e os sentimentos o assaltaram de novo, claros, poderosos como habitualmente.

«Sim, o amor», disse consigo mesmo, de novo, completamente lúcido. «Mas não esse amor que se sente por alguma, coisa e por alguém, mas o amor como eu o senti pela primeira vez quando, no limiar da morte, se me deparou o meu inimigo e o amei. Senti então essa espécie de amor por assim dizer a essência da nossa alma e que dispensa perfeitamente o objecto amado. E ainda agora mesmo continuo a sentir esse bem-aventurado amor. Amar o próximo, amar os nossos inimigos, amar tudo e todos é amar Deus em todas as Suas manifestações. Amar alguém querido é amor de homem; só a um inimigo nos é dado amar com o amor de Deus. E aí está porque senti felicidade tamanha ao compreender que amava aquele homem. Que teria sido feito dele? Estará vivo ainda?... Quando queremos com um amor de homem, é-nos fácil passar do amor ao ódio, mas o amor de Deus, esse, não pode trair. Nada, nem a própria morte, o pode destruir. É a essência da própria alma. Odiei muita gente na minha vida. Mas a ninguém amei e odiei tanto como a ela.» E diante dos olhos surgia-lhe, com toda a nitidez, Natacha, não como outrora, envolta apenas em seus encantos exteriores. Pela primeira vez penetrava no intimo da sua própria alma. Percebia os seus sentimentos, as suas dores, a sua vergonha, o seu arrependimento. E agora, pela primeira vez, compreendia a crueldade da sua, repulsa, a crueldade do rompimento com ela. «Se ao menos me fosse dado, uma só vez, não queria mais, tornar a vê-la! Uma só vez tornar a ver-lhe os olhos e dizer-lhe...»

«Piti, piti, ti, ti...», titilava-lhe aos ouvidos, enquanto a mosca lhe embatia na cara. E de súbito sentiu-se arrebatado para esse inundo, misto de realidade e alucinação, onde havia tão estranhas visões. O edifício, sem se desmoronar, continuava a crescer. Tornou a ver o círculo vermelho da vela, a esfinge, a sua camisa, perfilada à porta. Mas, além disso, ouviu um estalido, uma aragem fresca lhe bafejou a cara, e eis que uma nova esfinge branca, de pé, surgiu à porta. E essa esfinge tinha o rosto pálido e os olhos brilhantes, exactamente como os de Natacha, em quem ele acabava de pensar.

«Oh!, que doloroso este delírio!», disse para si mesmo, procurando afastar dos olhos aquela aparição. Mas a forma que se erguia diante dele com o contorno de coisa real ia-se aproximando. Teria desejado voltar aos domínios do pensamento que acabava de abandonar, mas não lhe era possível e ei-lo irresistivelmente arrastado para as regiões do sonho. A voz tranquila e sussurrante continuava a entoar a sua cadenciada melodia. Qualquer coisa o sufocava, se erguia, e a estranha figura sempre diante dele. Para recuperar a noção das coisas chamou a si todas as forças de que dispunha. Esboçou um movimento,

mas, de súbito, zumbiram-lhe os ouvidos, a vista toldou-se-lhe e, como um homem que se afoga, perdeu os sentidos.

Quando voltou a si, Natacha, a Natacha de carne e osso, aquela a quem ele, entre todas as criaturas humanas, queria amar com esse novo amor, esse amor puro e divino que se lhe revelara, estava de joelhos diante dele. Compreendeu estar realmente em presença da verdadeira Natacha, e em vez de surpreendido sentiu-se tomado de uma tranquila alegria, Natacha, de joelhos, sem ousar mexer-se, os olhos pávidos fixos nele, sufocava os soluços que lhe abalavam o corpo. Estava pálida e tinha , expressão imóvel. Apenas a parte inferior do rosto se lhe agitava com um tremor nervoso.

O príncipe André suspirou aliviado, sorriu e estendeu-lhe a mão.

- Mas é... Que felicidade!

Natacha chegou-se mais para ele, sempre de joelhos, pegou-lhe cautelosamente na mão, inclinou sobre ela a cara e beijou-a mal a aflorando com os lábios.

- Perdoe-me! - murmurou, erguendo para ele os olhos. - Perdoe-me!

- Amo-a - disse ele. - Perdoe-me...

- Que lhe hei-de perdoar?

- Perdoe-me o que lhe fiz - murmurou ela, numa voz entrecortada e quase imperceptível, continuando a beijar-lhe a mão. - Amo-te, muito mais, muito melhor que antigamente - voltou ele, forçando-a a soerguer a cabeça, para lhe ver os olhos.

Os olhos de Natacha, rasos de lágrimas felizes, pousaram-se nos dele, timidamente, cheios de compaixão, de alegria e de amor. O seu rosto pálido e afilado, de lábios túmidos, não era belo, metia medo. Mas André não reparava nele, apenas via a beleza daqueles olhos cintilantes.

Um ruído de vozes se ouviu atrás deles.

O criado de quarto, Piotre, que entretanto despertara completamente, sacudia o médico. Timokine, sem dormir por causa das dores que o ferimento da perna lhe ocasionava, que vira toda a cena, encolhera-se no banco, puxando para si, cautelosamente, a roupa que o cobria.

- Que é? - perguntou o médico soerguendo-se na enxerga. Faça favor de se retirar, menina.

Nessa altura uma criada que viera atrás de Natacha a mandado da condessa batia à porta.

Como uma sonâmbula a quem despertassem no meio do sono. Natacha acompanhou-a e quando chegou ao quarto deixou-se cair a soluçar em cima da cama.

Desde aquele dia, durante a longa jornada dos Rostov, aproveitando as paragens e os

lugares onde pernoitavam, Natacha aparecia sempre junto de Bolkonski. O médico vira-se obrigado a reconhecer que nunca imaginara numa rapariga tanta firmeza e tanta habilidade para tratar de um doente. Apesar do horror que lhe causava a ideia de que o príncipe iria morrer durante a viagem e entre as mãos de sua filha, hipótese, segundo o médico, muito verosímil, a condessa viu-se obrigada a transigir. Ao ver reatadas aquelas relações chegou a pensar que se o príncipe se curasse talvez viessem a ficar noivos outra vez. A verdade, porém, é que ninguém falava em tal coisa e muito menos os próprios interessados, O dilema vida ou morte, suspenso não só sobre a cabeça de Bolkonski, mas sobre a Rússia inteira, em nada mais deixava pensar.

Capítulo XXXIII

No dia 3 de Setembro, Pedro acordou tarde. Doía-lhe a cabeça. O fato que não despira para dormir enrodilhava-se-lhe no corpo e sentia a vaga consciência de que cometera na véspera qualquer acto vergonhoso. Esse acto era a conversa íntima com o capitão Ramballe.

O relógio mareava onze horas, mas lá fora estava muito escuro. Pedro levantou-se, esfregou os olhos, e ao ver a pistola de punho incrustado que Guerassime voltara a pôr em cima da secretária lembrou-se onde estava e do que tinha a fazer precisamente nesse dia.

«Não estarei já atrasado?», interrogou-se a si mesmo. «Não, É de crer que ele não entre em Moscovo antes do meio-dia.» Não se permitiu sequer pensar no que tinha a fazer, tratou de o pôr em prática o mais depressa possível.

Depois de pôr algum alinho na roupa que o incomodava, pegou na pistola, decidido a partir. Só então, porém, lhe veio à mente como levar rua fora a arma de que precisava, já que a não podia levar na mão. Nem mesmo debaixo do amplo cafetã lhe seria possível esconder a grande pistola, e se a levasse à cintura ou debaixo do braço toda a gente daria por isso. Aliás, a pistola estava descarregada e não tivera tempo de a carregar de novo. «Um punhal também servia», dizia de si para consigo, embora mais de uma vez, ao pensar na realização daquele projecto, tivesse considerado o emprego do punhal o maior erro do estudante que em 1809 quisera matar Napoleão. No entanto, como o que lhe importava antes de mais nada não era realizar o acto projectado, mas provar a si próprio que não renunciava a ele e que estava disposto a tudo fazer para conseguir o seu fim, pegou . Pressa no punhal da bainha verde, cheio de mossas, que comprara aquando a pistola ao pé da Torre de Sukarieve, e escondeu-o debaixo do colete.

Depois de afivelar o cinturão do cafetã e de enterrar o barrete até aos olhos, cautelosamente, não fosse acordar alguém ou encontrar-se cara a cara com o capitão, atravessou o corredor e saiu para a rua.

O incêndio que na véspera tão pouca atenção lhe merecera estendera-se durante a noite por uma larga área. Moscovo ardia já por todos os lados. O fogo atingia ao mesmo tempo a Rua Karetnaia, o bairro do outro lado do rio, Gostini Dvor, a Povarskaia, onde ardiam as barcas, e os estaleiros de madeira junto à Ponte Dorogomilov.

Pedro pensava dirigir-se, através de ruas desviadas, à. Rua Povarskaia, e daí seguir até à de Arbate, donde seguiria para S. Nicolau Iavleni, onde de antemão assentara executar o acto que congeminara. A maior parte das casas tinha os portas e as portadas das janelas cerrados, Ruas e becos estavam desertos. No ar pairava o cheiro a fumo e a queimado. De vez em quando encontravam-se russos, de expressão tímida e inquieta e franceses, de ar marcial, seguindo pelo meio das calçadas. Tanto uns como outros olhavam para Pedro com espanto. A sua alta estatura, a sua corpulência e o seu rosto carrancudo e concentrado em que havia uma espécie de sofrimento já de si chamavam a atenção. Enquanto os russos o examinavam perguntando a si mesmos a que classe poderia pertencer aquele, indivíduo, os franceses seguiam-no com a vista, simplesmente porque, em vez de os olhar, a eles, como faziam os seus demais compatriotas, cheios de inquieta curiosidade, não lhes prestava a menor atenção. Junto ao portal de uma casa, três franceses, que tentavam explicar o que quer que fosse a uns russos, que os não compreendiam, detiveram Pedro para lhe, perguntar se ele sabia francês. Pedro abanou a cabeça negativamente e prosseguiu o seu. Mais adiante, uma sentinela de guarda a um armão pintado de verde gritou-lhe que se afastasse e só depois da segunda e ríspida advertência, ao ouvi-lo engatilhar a espingarda, compreendeu que devia seguir pelo outro lado da rua... Não via, nem ouvia o que se passava à sua roda. Dir-se-ia, levar consigo o seu projecto, apressado e apavorado, e sem poder esquecer o que lhe acontecera lia noite anterior, como quem transporta, cheio de medo de o perder, um objecto terrível que lhe não pertence. Ainda mesmo que o não tivessem retido no caminho, esse projecto não se teria realizado, pois havia mais de quatro horas naquele momento que Napoleão, depois de atravessar os arrabaldes de Dorogonulov, cruzara o Arbate para dirigir-se ao Kremlin, onde naquela altura, sorumbático e preocupado, no gabinete do czar, dava ordens pormenorizadas sobre a, extinção imediata do incêndio que lavrava em Moscovo, a repressão da pilhagem e a tranquilidade dos habitantes da capital. Pedro, contudo, ignorava-o Inteiramente absorto no presente, o que o atormentava, como acontece a todos os obstinados que se propõem realizar qualquer coisa impossível, não eram as dificuldades que teria, mas o facto de a sua natureza íntima recalcitrar contra um acto daquela espécie: tinha medo de fraquejar no momento decisivo, perdendo, assim, toda a consideração por si próprio. Embora cego e, surdo ao que se passava à sua roda, por instinto seguia caminho certo e não se enganava no meio do dédalo de ruas e ruelas que levavam a Povarskaia.

À medida que se aproximava, o fumo era cada vez mais denso. Por vezes fazia já um certo calor. Aqui e ali erguiam-se chamas dos telhados das casas. Havia mais gente nas ruas e as pessoas pareciam mais desassossegadas. Pedro, embora percebesse estar a passar-se

qualquer coisa de anormal, ainda não se dera conta de que se aproximara do coração do incêndio. Na altura em que metia por um caminho através de vastos terrenos devolutos, que por um lado iam até à Rua Povarskaia e pelo outro confinavam com os jardins do palácio do príncipe Gruzinski, ouviu, de súbito, muito perto, gritos desesperados de mulher. Estacou, como se de chofre acordasse de um sonho e ergueu a cabeça.

De um dos lados do caminho, sobre a erva seca e poeirenta, amontoavam-se móveis e objectos caseiros: colchões, samovares, ícones, baús. Junto de tudo aquilo sentava-se uma mulher magra e idosa, cujos dentes superiores eram grandes e salientes, com uma capa preta pelas costas e um gorro na cabeça. Balouçando-se e dizendo palavras sem nexo, soltava grandes soluços. Duas pequenitas, entre dez e doze anos, de vestiditos sujos e capitas de peles, olhavam para a mãe, muito pálidas, assustadas. Um rapazinho, mais novo ainda, dos seus sete anos, de cafetã pelas costas e um chapéu grande de mais na cabeça, chorava nos braços de uma velha ama. Sentada num baú estava uma criada sórdida, descalça, que, desfazendo a trança dos cabelos louros, arrancava as madeixas queimadas, cheirando-as. O marido da mulher magra e idosa, gordalhudo, de uniforme de funcionário público, mediana estatura, suíças encaracoladas e um pouco curvado, remexia, impassível, nos baús amontoados uns sobre os outros, a procura de roupa.

Vendo Pedro, a mulher quase se lhe atirou aos pés.

- Padres santos! Cristãos ortodoxos! Salve-nos, acuda-nos, meu senhor! Seja quem for, acuda-nos - gritava-lhe, soluçando. - Uma menina!... A minha filha!... A minha filha mais nova, deixaram-na lá... Está queimada! Oh!, oh! Foi para isso que eu lhe dei tanto mimo... Oh!, oh!, oh!

- Então, basta. Maria Nikolaievna - exclamava o marido, numa voz serena, naturalmente apenas para se desculpar diante do estranho. - É provável que a nossa irmã a tenha levado. Se assim não fosse, onde havia ela de estar?

- Monstro! Malandro! - gritou a mulher enfurecida, cessando, subitamente, de se lamentar. - Não tens coração, nem sequer tens pena da tua filha! Outro que fosses, tinha-la ido arrancar às chamas. Mas és um monstro, não és um homem, não és um pai. Ouça o senhor é um mancebo às direitas - continuou ela, mudando rapidamente de tom, e choramingando, voltada para Pedro. - O fogo andava na casa ao lado da nossa e - depois passou para o lado de cá. A minha criada principiou a gritar: «Fogo, fogo!» Tratámos logo de salvar as nossas coisas. Fugimos com o que tínhamos no corpo. - Aqui tem o que a gente pôde salvar... Este ícone, abençoado por Deus, e a cama do meu dote. Tudo o mais lá ficou. Juntámos as crianças. A Katetchka, nada! Oh!, oh!, oh! Senhor!... - E recomeçou a soluçar. - A minha filhinha morreu queimada! Morreu queimada!

- Mas onde ficou? - inquiriu Pedro.

Pela expressão animada que lhe entreviu, a mulher percebeu estar ele disposto a ajudá-la.

- Paizinho! Meu Paizinho! - soluçou ela, abraçando-se-lhe aos joelhos. - Meu benfeitor, sossega ao menos o meu coração... Aniska, estafermo, anda, acompanha-o - gritou ela, furiosa, para a criada, abrindo muito a grande boca e deixando ver ainda mais os imensos dentes.

- Venha comigo, venha comigo, eu... eu farei tudo que for possível - deu-se pressa em dizer Pedro numa voz embargada.

A criada emergiu lá do meio das malas e baús, deu um jeito à trança e com um grande suspiro meteu-se a caminho, descalça.

Dir-se-ia que Pedro voltava subitamente à vida depois de um longo desmaio. Ergueu a cabeça, os olhos fuzilaram-lhe, depois seguiu apressadamente atrás da criada, juntou-se a ela e enfiou pela Rua Povarskaia. Uma negra e espessa fumarada enchia a rua. Línguas de fogo rodopiavam dos telhados e das janelas. Grande multidão se agrupava nas imediações do incêndio. No meio da rua, um general francês arengava às pessoas que o cercavam. Pedro, ao lado da criada, ia aproximar-se do local onde estava o oficial francês quando um soldado lhe cortou o passo.

- *Não se pode passar* - gritou-lhe.

- Por aqui, Tiozinho - disse-lhe a criada. - Vamos por aqui, pela Rua de S. Nicolau.

Pedro deu meia volta e seguiu atrás da mulher, em grandes passadas, para poder acompanhá-la. Esta atravessou a rua a correr, voltou à esquerda, meteu por um beco e, depois de ultrapassar duas ou três casas, enfiou, à direita, por um portal.

- É mesmo ali - exclamou.

Atravessou o pátio correndo, abriu a cancela da divisória e, detendo-se, apontou a Pedro um pavilhãozinho de madeira a arder e do qual se desprendia muito calor. Metade já as chamas tinham devorado; o resto ainda ardia e uma labareda muito clara saía das aberturas das janelas e do tecto.

Assim que transpôs a cancela, o bafo do calor sufocou-o, recuando involuntariamente.

- Qual, qual é a vossa casa? - perguntou.

- Aquela! - choramingou a criada, apontando para o pavilhão. - É aquela a nossa casinha, aquela! E tu lá no meio das chamas, Katetchka, minha querida menina... - Diante da casa em chamas, Aniska julgava-se obrigada a dar testemunho dos seus sentimentos.

Pedro avançou direito ao pavilhão, mas o calor que dele irradiava era tal que viu-se

obrigado a contorná-lo e assim veio a, achar-se diante de um casarão que estava a arder num dos ângulos do telhado e em volta do qual enxameavam muitos franceses. De princípio não percebeu o que estavam a, fazer, carregando várias coisas, mas ao ver um deles vibrar duas sabradas num camponês para lhe arrancar das mãos uma capa de peles de raposa, compreendeu vagamente que andavam na pilhagem. Aliás, não teve tempo sequer de pensar duas vezes. O fragor das paredes e dos vigamentos desmoronando-se, o silvo das chamas, os gritos estridentes da multidão, os penachos de fumo, ora negros e espessos, ora mais transparentes e sulcados pela cintilação das fagulhas, das chamas, quer vermelhas, compactas, como medas de fogo, quer como escamas de ouro, trepando ao longo das paredes das casas, tudo isto e a sufocação que a carreira lhe causara e a transpiração produzida pelo calor criaram nele um estado de enervamento vulgar em tais circunstâncias. Tão violento foi o efeito nele produzido por tudo isto que de súbito se sentiu como que liberto dos pensamentos que o obcecavam. Dir-se-ia mais novo, mais alegre, mais ágil e decidido. Contornou o pavilhão pelo lado da casa e arremetia já pela parte ainda de pé, quando, precisamente por cima da cabeça, ouviu gritos, logo seguidos de um estalido e do som de qualquer coisa pesada que lhe veio cair ao lado.

Pedro voltou-se: uns franceses atiravam, de uma janela abaixo, a gaveta de uma cómoda cheia de objectos de metal. Outros soldados franceses, em baixo, aproximaram-se.

- *Bem, que é que ele quer?* - gritou um deles ao ver Pedro.

- *Uma criança nesta casa. Não viu uma criança?* - perguntou este.

- *Essa agora! Que está ele a dizer? Vai passear!* - exclamaram diversas vozes e um dos soldados, receoso de que Pedro lhe roubasse algumas das alfaias de prata e bronze que enchiam a gaveta, avançou para ele, ameaçador.

- *Uma criança?* - gritou um francês lá de cima. - *Ouvi piar alguém no jardim. Talvez seja o garoto do pobre diabo. É preciso sermos humanos...*

- *Onde está ele? Onde está ele?* - inquiriu Pedro.

- *Ali! Ali!* - gritou-lhe o francês, da janela, apontando-lhe para o jardim por detrás da casa.- Espere, eu vou lá abaixo.

E, realmente, momentos depois, o francês, um rapagão moreno, com uma mancha na cara, em mangas de camisa, saltava pela janela do rés-do-chão e, dando uma palmada no ombro de Pedro, corria com ele para o jardim.

- *Despachem-se* - gritava o francês aos camaradas- Começa a aquecer.

Travando do braço de Pedro, levou-o consigo para as traseiras da casa, por um caminho areado, e olhou em roda. Debaixo de um banco, deitada, estava uma pequenita dos seus três anos com um vestidinho cor-de-rosa.

- *Aqui tem o seu garoto. Ah!, é uma pequena! Ainda bem!* - exclamou ele. - *Adeus! É preciso sermos humanos. Somos todos mortais.* - E voltou para junto dos camaradas.

Sufocado de alegria, Pedro correu para a pequenita e quis pegar-lhe ao colo. Mas esta, uma pobre criança de aspecto enfermiço e expressão desagradável, tal qual a mãe, principiou a gritar assim que viu um estranho caminhar para ela, fugindo. Pedro conseguiu, no entanto, deitar-lhe a mão. Então os seus gritos recrudesceram, esperneando, sacudindo as mãos para lhe escapar e tentando mesmo mordê-lo. Um sentimento de repulsa e horror se apoderou de Pedro; dir-se-ia que Locara num animal repugnante. Teve de vencer a sua relutância para não abandonar ali mesmo a criança, e correu para a casa com o fardo nos braços. Já não era possível, contudo, seguir o mesmo caminho. Aniska já não estava onde ele a deixara, e então Pedro, estreitando contra si, num misto de carinho e repugnância, a pequenita, que gritava com desespero, abalou com ela, jardim fora, na esperança de encontrar outra saída.

Capítulo XXXIV

Quando, depois de atravessar vários pátios e becos, voltou ao jardim de Gruzinski, à esquina da Rua Povarskaia, sempre com a criança nos braços, Pedro principiou por não reconhecer o sítio onde estava, tanta a gente ali acumulada e tantos os salvados das casas em volta. Além das famílias russas e dos seus haveres arrancados ao fogo, viam-se ali soldados franceses de diversos regimentos. Pedro não reparou neles. Tinha pressa de encontrar a família do funcionário para entregar a criança à mãe e voltar prestar os seus serviços na esperança de ser útil. Parecia-lhe que ainda havia muita coisa a fazer e que era preciso não perder tempo. Excitado pela carreira e pelo calor das chamas, ainda mais sentia o ardor juvenil e a energia que se apossaram dele quando acorrera a salvar a criança. A pequenita calara-se, e fincando as mãozitas no cafetã de Pedro aninhava-se-lhe nos braços, olhando à roda com uns olhitos de animal bravio. Pedro mirava-a de quando em quando e sorria-lhe. Havia qualquer coisa de comovedor na expressão assustada daquela carinha inocente e enfermiça.

Do funcionário e da mulher nem rasto no lugar onde ele os deixara, E lá ia, em grandes passadas, de grupo em grupo, perscrutando toda a gente. Ao passar, em dada altura, viu uma família georgiana ou arménia: um velho, de belo tipo oriental, de tulupe debruada e botas novas, uma velha do mesmo tipo e uma rapariga. Esta última, muito nova, afigurou-se-lhe um exemplar perfeito de beleza oriental, com as suas sobrancelhas negras, arqueadas, de perfeito desenho, e o seu belo e longo rosto corado, de uma extraordinária doçura, se bem que absolutamente inexpressivo.

No meio de todos aqueles objectos espalhados pelo chão, entre aquela multidão, naquela praça, com a sua rica capa de cetim pelas costas e na cabeça o seu lenço violeta-vivo, dir-se-ia uma delicada planta de estufa abandonada à neve. Sentada em cima de uns embrulhos, um pouco à retaguarda da velha, pousava no chão os grandes olhos imóveis, talhados em amêndoa, de longas pestanas. Via-se perfeitamente que sabia ser bonita e que isso a preocupava. Tanto o surpreendeu a sua cara que Pedro, ao passar por ela, apressado, ao longo do tapume, a fitou várias vezes. Entretanto, tendo chegado ao extremo do tapume, e não vendo em parte alguma quem procurava, parou, indeciso.

A sua figura, com a criança ao colo, dava agora mais na vista alguns russos, homens e

mulheres, aproximaram-se dele.

- Perdeste alguém, amigo? És fidalgo, não és? De quem é essa criança? - perguntavam- lhe.

Pedro explicou que a criança era da mulher de capa preta que há pouco ali estava com os seus outros filhos e perguntou se porventura a não conheceriam e aonde fora.

- Devem ser os Anferov - interveio um diácono, dirigindo-se à mulher picada de bexigas... - Deus se amerceie de nós! - acrescentou ele na sua voz de baixo.

- Quê? Os Anferov? - respondeu uma mulher. - Os Anferov foram-se esta manhã. Talvez os Maria Nikolaievna ou então os Ivanov.

- Ele está a falar numa mulher e Nikolaievna é uma senhora - observou um lacaio.

- Devem conhecê-la. Tem os dentes muito grandes, é magra. - volveu Pedro.

- Sim, então é a Maria Nikolaievna. Fugiram para o jardim na altura em que estes lobos aqui apareceram - disse a velha, apontando para os soldados franceses,

- Oh! Senhor, misericórdia! - continuava o diácono.

- Por aqui, por aqui encontra-os. É, é ela. Estava a chorar a lamentar-se... - disse a, mulher. - Sim. é ela com certeza. Por aqui.

Mas Pedro já a não ouvia. Estava a observar uma cena a pouca distancia entre a família arménia e dois soldados franceses. Um deles, baixinho, vivo, envergava um capote azul cingido ao corpo por uma corda. Na cabeça trazia um quépi de polícia e estava descalço. O outro, em que Pedro especialmente atentara, era um rapazola alourado, com uma capa de lã, umas calças azuis, minto largas, e botas de montar todas rotas. O pequeno, que não tinha botas, aproximou-se dos arménios, disse-lhes qualquer coisa, apontou para os pés do velho e este deu-se pressa em descalçar-se. O outro postou-se diante da bela arménia e pôs-se a olhar pira ela, calado, de mãos nas algibeiras.

- Toma, toma a criança - disse Pedro, de súbito, e num tom autoritário, para a velha. - Tu encarregas-te de a entregares, hem! Estás a ouvir? - E depôs no chão a criança, que chorava, voltando-se para o grupo dos franceses e dos arménios.

O velho já estava descalço. O soldado francês que acabava de se apoderar da segunda bota batia uma contra a outra. O pobre homem, com as lágrimas nos olhos, murmurava qualquer coisa. Mas Pedro não prestava grande atenção a essa cena. Estava atento ao que se passava com o outro soldado, que entretanto, pouco a pouco, se fora aproximando da rapariga e lhe levara, mesmo, a mão ao pescoço.

A arménia ficara imóvel, com as suas longas pestanas baixas, como se nada visse nem desse pelo que se passava.

Ainda Pedro não chegara junto do francês, já o bandido arrancara o colar que a

arménia trazia ao pescoço. A pobre, levando as mãos à garganta, soltara um grito agudo.

- *Deixe a mulher!* - vociferou Pedro, agarrando-o pelos ombros e atirando-o ao chão.

O soldado caiu, levantou-se e deitou a fugir. Mas o companheiro, jogando fora as botas, sacou da baioneta, e caminhou ameaçador para Pedro.

- *Então, nada de tolices!* - gritou.

Pedro fora tomado por um desses seus acessos de fúria em que por nada dava e em que as forças se lhe multiplicavam. Caiu sobre o soldado, e antes que este pudesse servir-se da baioneta prostrara-o e cobria-o de murros. A multidão pôs-se a gritar, incitando-o. Nesse momento contudo desembocava da esquina da rua uma patrulha montada de ulanos franceses que a galope avançou sobre os dois, cercando-os. Pedro não deu pelo que depois se passou. Lembrava-se vagamente de ter esmurrado alguém, de lhe responderem na mesma moeda, acabando por lhe amarrarem as mãos atrás das costas enquanto um magote de soldados rodeava e revistava.

- *Ele tem um punhal, tenente!* - Eis as primeiras palavras que distintamente pôde compreender.

- *Ah!, uma arma!* - exclamou o oficial. E dirigindo-se ao soldado amador de botas, sob prisão como o próprio Pedro: - *Muito bem, explicarão tudo isso no Conselho de Guerra* - advertiu-o. E depois, voltando-se para Pedro: - *Fala francês?*

Pedro olhou em volta de si com os olhos injectados de sangue e não respondeu. Era de crer que o seu aspecto não fosse dos mais tranquilizadores, pois o oficial deu uma ordem em voz baixa e quatro ulanos saíram do pelotão indo colocar-se à direita e à esquerda do preso.

- *Fala francês?* - repetiu o oficial, conservando-se a respeitosa distancia. - *Mande vir aqui o intérprete.*

Um homenzinho de pequena estatura, vestido à paisana, saiu das fileiras. Pedro, pelo seu vestuário e a sua maneira de falar, Percebeu imediatamente tratar-se de um empregado de uma loja de Moscovo.

- *Não tem ar de homem do povo* - observou o intérprete, depois de um breve exame.

- *Oh!, oh! Tem todo o ar de ser um desses incendiários* - comentou o oficial. - *Pergunte-lhe o que é ele.*

- *Quem és tu?* - perguntou o intérprete. - *Deves responder às autoridades.*

- *Não tenho que lhes dizer quem sou. Sou vosso prisioneiro. Levem-me.* - disse Pedro, subitamente, em francês

- *Ah!, ah!* - exclamou o francês franzindo o sobrolho. - *Partamos!*

A multidão fizera roda em torno dos ulanos, Junto de Pedro estava a mulher

bexigosa de há pouco com a pequenita ao colo. Quando a patrulha se pôs em marcha, a mulher seguiu-a.

- Aonde te levam eles, santinho? - interrogou-o ela. - E a pequena, que hei-de eu fazer-lhe, se não for deles?

- *Que quer essa mulher?* - perguntou o oficial.

Pedro parecia embriagado. Ao ver a pequenita a quem salvara a vida ainda mais exaltado ficou.

- *Que diz ela?* - vociferou ele. - *Traz-me a minha filha, que eu acabei de salvar das chamas. Adeus!* - E, sem que ele próprio soubesse porque dissera tal mentira inútil, pôs-se a marchar, num passo enérgico e solene, entre a escolta francesa.

Esta patrulha fazia parte do número das patrulhas enviadas por Durosnel para diferentes bairros da cidade com a missão de dar caça aos salteadores e especialmente deitar a mão aos bandidos que, segundo a opinião nessa altura dominante no alto comando francês, haviam incendiado Moscovo. Depois de atravessar várias ruas, a patrulha deitou ainda a mão a cinco russos suspeitos, um boticário, dois seminaristas, um camponês, um lacaio, e a um certo número de salteadores. Mas, de todos os suspeitos, Pedro parecia o mais perigoso. Quando os conduziram à prisão militar, estabelecida num casarão junto da muralha de Zubovo, foi isolado dos outros e submetido a uma vigilância rigorosa.

FM DO LIVRO TERCEIRO

Livro Quarto

PRIMEIRA PARTE

Capítulo I

Entretanto, nas altas esferas de Petersburgo, a complicada luta dos partidários de Rumiantsov, dos Franceses, de Maria Feodorovna, do czarevitch, luta a que vinha juntar-se, como sempre, o zumbido dos moscardos cortesãos, continuava mais encarniçada do que nunca. Mas a vida tranquila, luxuosa, exclusivamente preocupada com miragens e aparências, essa prosseguia o seu curso habitual. Seriam precisos grandes esforços para essa gente se dar conta do perigo e das dificuldades que apresentava a situação do povo russo. Continuavam a celebrar-se as mesmas representações no teatro francês. Subsistiam os mesmos interesses e as mesmas intrigas de corte e hierarquia. Apenas nas muito altas esferas havia quem se preocupasse em conhecer a verdadeira situação. A boca pequena falava-se na maneira como as duas imperatrizes, em tão graves circunstâncias, procediam de forma completamente diferente. A imperatriz Maria Feodorovna, preocupada antes de mais nada com os estabelecimentos hospitalares e educativos confiados aos seus cuidados, tomara as suas medidas para que esses institutos fossem transferidos para Kazan e já mandara encaixotar tudo o que lhes pertencia. A imperatriz Elizabeth Alekseievna, pelo contrário, com o seu habitual patriotismo, quando lhe perguntaram quais as suas ordens, respondera que não tinha ordem alguma a dar relativamente aos estabelecimentos do Estado, pois isso era assunto que só ao imperador dizia respeito. E quanto a si própria declarara que seria a última pessoa a deixar Petersburgo.

A 26 de Agosto, no dia da batalha de Borodino, Ana Pavlovna dava uma recepção cujo principal atractivo consistia na leitura da carta do metropolita, escrita por ocasião do envio ao imperador da imagem do bem-aventurado S. Sérgio. Essa carta era considerada um modelo de patriotismo e de eloquência religiosa, Foi o príncipe Vassili, afamado pelo seu talento de declamação, quem se encarregou da leitura. Inclusivamente, já a lera para a própria imperatriz. O seu talento consistia especialmente em pronunciar em voz forte e cantante, passando do tom grave ao tom açucarado, e isso sem a mais pequena relação com o significado das palavras, de sorte que era perfeitamente ao acaso que avolumava o tom em certos passos, quase murmurando outros. Esta leitura, como, aliás, todas as recepções de Ana Pavlovna, tinha significado político, Deviam encontrar-se aí várias personalidades que corariam de vergonha por continuarem, a frequentar o Teatro francês e a quem queria

chamar-se à ordem insuflando-lhes sentimentos mais patrióticos. Já estava muita gente nos seus salões, mas a dona da casa ainda não vira entrar quem esperava, e assim toda a gente principiara a conversar antes que se iniciasse a leitura.

A notícia da última hora era o estado de saúde da condessa Bezukova. Dias antes sentira-se subitamente indisposta, tendo faltado a várias reuniões de que era o principal ornamento. Dizia-se que a ninguém recebia e que em vez de chamar as celebridades médicas de Petersburgo que habitualmente a tratavam, se confiara a um certo médico italiano, que estava a aplicar-lhe um método novo e completamente desconhecido.

Toda a gente sabia muito bem que a doença da encantadora condessa era devida ao embaraço em que a punha o ter de escolher entre dois maridos e que o tratamento do italiano visava sobretudo ajudá-la a sair desse embaraço. Mas diante de Ana Pavlovna ninguém ousava abordar esta questão delicada ou fazer-lhe sequer qualquer alusão.

- Dizem que a pobre condessa está muito mal, o médico é de opinião que se trata de uma angina de peito.

- A angina? Oh!, que doença terrível!

- Dizem que os rivais se reconciliaram por causa da angina... - Grande era o prazer com que pronunciavam a palavra angina...

- O velho conde faz pena, segundo dizem. Chorou como uma criança quando o médico lhe disse que o caso era grave.

- Oh!, que perda terrível! É uma mulher deslumbrante. - Está a falar da condessa - disse Ana Pavlovna, aproximando-se. - *Mandei saber do seu estado. Parece que esta um pouco melhor. Não há dúvida de que é a mais encantadora das mulheres* - acrescentou, sorrindo do seu próprio entusiasmo. - *Pertencemos a campos diferentes, mas isso não me impede de a apreciar como ela merece. É muito infeliz.*

Julgando que Ana Pavlovna, com estas últimas palavras, queria erguer ligeiramente a ponta do véu que envolvia aquela doença misteriosa, um rapazola, estouvadamente, permitiu-se mostrar-se surpreendido com o facto de se não terem chamado médicos conhecidos em vez de entregarem a condessa aos cuidados de um charlatão, capaz de lhe ministrar remédios perigosos.

- As suas informações podem ser melhores do que as manhãs. - replicou-lhe azedamente a dona da casa. - *Mas eu sei, de fonte segura, que este médico e um homem muito sabedor e muito competente. É um médico íntimo da rainha de Espanha.*

E depois de assim ter tapado a boca ao mancebo, voltou-se para onde estava Bilibine, que, noutra roda, de testa enrugada, se preparava para a desenrugar, pois ia dizer um mot., falava dos Austríacos.

- *Acho encantador* - dizia, a propósito do documento diplomático que acompanhava a Viena as bandeiras austríacas tomadas por Wittgenstein, o herói de Petropol, como lhe chamavam em Petersburgo.

- Como? - perguntou Ana Pavlovna, tentando calar os que falavam para que toda a gente pudesse ouvir o dito espirituoso, o qual, aliás, ela já conhecia.

Bilibine citou as próprias palavras do despacho diplomático, que ele mesmo redigira:

- *O imperador restitui as bandeiras austríacas, bandeiras amigas e descaminhadas que ele encontrou fora da estrada* - disse, desenrugando a testa.

- *Magnífico! Magnífico!* - confirmou o príncipe Vassili.

- *É a estrada de Varsóvia, talvez* - exclamou em voz alta e inopinadamente o príncipe Hipólito.

Toda a gente se voltou para ele, embora ninguém compreendesse o que ele queria dizer. O próprio Hipólito teve um olhar surpreendido. Também ele não compreendia, aliás como os outros, o que aquelas palavras queriam dizer. No decurso da sua carreira diplomática, mais de uma vez tivera ocasião de observar que as coisas ditas ao acaso eram às vezes consideradas muitíssimo espirituosas, e por isso a torto e a direito dizia o que lhe Passava pela cabeça. «Talvez isto tenha muito êxito e, se o não tiver, eles lá se encarregarão de tirar partido do que eu disse.» E, com efeito, no momento em que se ia fazer um silêncio algo embaraçoso, entravam no salão as personalidades insuficientemente patrióticas que Ana Pavlovna aguardava, e ela, sorrindo, enquanto ameaçava com o dedo o príncipe Hipólito, pedia ao príncipe Vassili que se aproximasse da mesa. Depois trouxe, duas velas, o manuscrito, e convidou-o a encetar a leitura. Toda a gente se calou.

«Mui augusto soberano e imperador!», exclamou o príncipe Vassili numa voz severa, lançando um olhar à sua roda que parecia inquirir se tinham alguma objecção a fazer. Como ninguém abrisse a boca, continuou: «Moscovo, a tua primeira capital, a Nova Jerusalém, vai receber o seu Cristo...», e sublinhou fortemente a palavra «seu», «...como uma mãe que se lança nos braços dos seus filhos bem-amados, e por entre as trevas, acautelando a glória brilhante do teu poder, canta com entusiasmo: Hossana! Bendito seja aquele que chega!»

O príncipe Vassili pronunciou estas últimas palavras em voz chorosa.

Bilibine contemplava com grande atenção as suas próprias unhas e vários convidados entreolhavam-se, receosos, como que a perguntarem uns aos outros de que seriam culpados. Ana Pavlovna antecipou-se a dizer em voz sussurrante, como as velhas ao tomarem a sagrada comunhão, as palavras que o príncipe Vassili ia dizer: «Que o audacioso e o impudente Golias...»

O príncipe Vassili prosseguiu, realmente:

«Que o audacioso e impudente Golias, vindo das fronteiras da França, inunda as terras da Rússia dos seus horrores mortíferos; a humilde fé, essa funda do David russo, abaterá, de súbito, a sua orgulhosa cabeça ávida de sangue, Esta imagem do bem-aventurado Sérgio, o defensor secular da paz da nossa pátria, será apresentada a Vossa Majestade Imperial. Lamento que as minhas débeis forças me impeçam de gozar da contemplação do vosso rosto. Envio ao Céu as mais fervorosas orações para que o Todo-Poderoso se digne multiplicar a raça dos justos e levar a bom termo os desejos de Vossa Majestade,»

- *Que força! Que estilo!* - diziam, elogiando ao mesmo tempo o autor e o leitor.

Reconfortados com aquela prova de eloquência, os convidados de Ana Pavlovna por muito tempo ainda conversaram sobre a situação da pátria, fazendo vários prognósticos sobre o resultado da batalha que se esperava para dentro de dias.

- *Vai ver* - dizia Ana Pavlovna - *que amanhã, dia do aniversário do imperador, vamos ter notícias frescas. Tenho cá os meus pressentimentos.*

Capítulo II

Os pressentimentos de Ana Pavlovna realizaram-se efectivamente. No dia seguinte, à hora dos ofícios diversos celebrados no palácio em honra do aniversário do soberano, o príncipe Volkonski foi chamado à porta da igreja e fizeram-lhe entrega de uma carta que vinha da parte do príncipe Kutuzov. Era o relato, datado de Tatarinovo, dia da batalha. Kutuzov dizia que os Russos não tinham recuado um só passo que fosse, que as perdas dos Franceses eram muito mais importantes que as dos Russos e que redigia o seu relatório, à pressa, no campo de batalha, sem ainda ter podido reunir todos os elementos necessários. Mas não havia dúvida de que se tratava de uma vitória.

Imediatamente, sem abandonarem a igreja, foram ditas orações de graças pela ajuda que o Criador trouxera aos seus fiéis e pela vitória alcançada.

Os pressentimentos de Ana Pavlovna tinham-se realizado e toda a manhã reinou na cidade como que uma jovial atmosfera festiva. Toda a gente estava convencida de que a vitória fora completa e alguns diziam já que Napoleão, prisioneiro, fora deposto e a França tinha novo soberano.

Longe dos acontecimentos e na atmosfera da corte era muito difícil conhecer os factos em toda a sua plenitude e importância. Apesar de tudo, os acontecimentos gerais concentravam-se num caso particular qualquer. A alegria dos cortesãos era provocada menos pela vitória anunciada que pelo facto de a notícia ter chegado precisamente no dia do aniversário do imperador, Era como que uma surpresa bem a propósito. Kutuzov falava igualmente de perdas russas, citava Tutchkov, Bagration, Kutaissov. Todas estas novas desagradáveis se concentraram involuntariamente em torno de um único facto, a morte de Kutaissov. Toda a gente o conhecia, o imperador estimava-o, era novo e homem interessante. Nesse dia as pessoas que se encontravam diziam entre si:

- Que estranho! Precisamente durante a cerimónia religiosa! Que perda, a de Kutaissov! Ah!, que pena!

- Que lhe disse eu de Kutuzov? - repetia agora o príncipe Vassili, orgulhoso das suas profecias. - Sempre disse que me parecia o único capaz de vencer Napoleão.

No dia seguinte, porém, não se receberam notícias do exército e a opinião pública começou a andar desassossegada. Os cortesãos sofriam pela incerteza em que estava o

imperador, que nada sabia também.

«Que situação terrível!», diziam eles, e já ninguém entoava cânticos a Kutuzov como no dia anterior, responsabilizando- o, pelo contrário, pela inquietação do monarca. O príncipe Vassili já não se jactava do seu protegido Kutuzov, calando-se quando falavam dele. Além disso, naquela noite tudo parecia conjurar-se para perturbar e desassossegar a população de Petersburgo: uma notícia pavorosa se espalhou. A condessa Helena Bezukova morrera subitamente vitimada pela terrível doença que fora motivo de comentários fúteis. Nas altas esferas dizia-se oficialmente que a condessa sucumbira a uma crise de angina de peito, mas nos meios particulares contava-se que o médico íntimo da rainha de Espanha lhe prescrevera, é certo, pequenas doses de um medicamento adequado à sua doença, mas que ela, atormentada pelas suspeitas do velho conde e sem notícias do marido - esse infeliz e depravado Pedro - ingerira uma grande porção dessa droga, expirando no meio de um sofrimento atroz antes que lhe pudessem prestar qualquer socorro. Dizia-se ainda que o príncipe Vassili e o velho conde seu pretendente tinham chamado a capítulo o médico italiano, mas que este exibira tais cartas da infeliz que ambos acharam por bem deixá-lo em paz.

Eis como as conversas de salão se concentravam nestes três pontos: a Incerteza, do imperador, o desaparecimento de Kutaissov e a morte de Helena.

Três dias depois daquele em que se recebera a informação de Kutuzov, chegou a Petersburgo um proprietário rural, procedente de Moscovo, que espalhou a notícia segundo a qual a capital fora abandonada aos Franceses. Era incrível! Em que situação ficava o czar? Kutuzov era um traidor e o príncipe Vassili, durante as visitas de pêsames de que fora alvo em virtude do falecimento da filha, disse de Kutuzov, que outrora lhe merecera os mais rasgados elogios, que não era de esperar outra coisa daquele velho cego e pervertido. Está claro que a dor por que passava justificava perfeitamente que se lhe perdoasse o esquecimento da sua opinião anterior.

- O que me surpreende é que se tenha confiado o destino da Rússia a um homem desta espécie.

Enquanto a notícia não teve confirmação oficial, ainda, havia a esperança de que fosse menos verdadeira, mas no dia seguinte recebeu-se do conde Rostoptchine a informação que se segue:

> *Um ajudante-de-campo do príncipe Kutuzov acaba de me trazer uma carta na qual me pede oficiais da polícia para acompanharem o exército ao longo da estrada de Riazan. E participa-me que tem o desgosto de me comunicar o abandono de Moscovo. Majestade! O acto*

de Kutuzov decide da sorte da capital e do vosso império. Toda a Rússia vai tremer ao ter conhecimento da perda de uma cidade que resume toda a nossa grandeza e em que repousam as cinzas dos vossos antepassados! Sigo o exército. Levo comigo tudo que é possível, só me resta chorar sobre o destino da minha pátria.

Ao receber este comunicado, o imperador mandou transmitir a Kutuzov, por intermédio do príncipe Volkonski, o rescrito seguinte:

Príncipe Mikail Ilarionovitch! Desde 29 de Agosto que estou sem notícias suas. Acabo de receber, por intermédio de Iaroslav, do governador de Moscovo, a triste notícia, datada de 1º de Setembro, de que o exército e o seu general tinham decidido abandonar a velha capital. Pode calcular o efeito que essa notícia me causou, e o seu silêncio ainda aumenta mais a minha estupefacção. Com esta lhe envio o general ajudante-de-campo príncipe Volkonski, que se encarregará de saber junto de si qual a posição do exército e as razões que o levaram, a tomar resolução tão infeliz.

Capítulo III

Nove dias depois do abandono de Moscovo, um enviado de Kutuzov chegou a Petersburgo com a comunicação oficial do facto. Era ele o francês Michaux, que, embora estrangeiro, russo de alma e coração, pelo menos ele assim o dizia. O imperador recebeu-o imediatamente no seu gabinete do palácio de Kameni-Ostrov. Michaux, que nunca estivera em Moscovo antes da campanha e que não falava russo, sentia-se muito comovido, como o escreveria mais tarde, ao apresentar-se diante de o nosso mui gracioso soberano para lhe anunciar o incêndio da cidade, cujas chamas lhe iluminavam a estrada.

Embora, certamente, o pesar de Monsieur Michaux não pudesse deixar de ser de uma espécie muito diferente do dos verdadeiros súbditos russos, tão aflita era a sua expressão ao Penetrar no gabinete que o imperador lhe perguntou imediatamente:

- *Traz-me más notícias, coronel?*

- *Muito más, Sire* - replicou Michaux, suspirando e baixando os olhos: - *O abandono de Moscovo.*

- *Terão entregado a minha velha capital sem combate?* - perguntou o imperador, sentindo, de súbito, a cólera apossar-se de si. Michaux transmitiu-lhe, respeitosamente, a mensagem de Kutuzov, dizendo não ser possível travar batalha diante das muralhas da cidade e que, perante a alternativa de perder ao mesmo tempo o exército e Moscovo ou apenas Moscovo, o marechal se vira obrigado a escolher a última solução.

O imperador ouvia, calado, sem olhar para o seu interlocutor.

- *O inimigo entrou na cidade?* - inquiriu.

- *Entrou, Sire, e a esta hora está em cinzas. Deixei-a toda em chamas.* - Estas palavras proferiu-as resoluto, mas o efeito que elas produziram lançaram-no em grande confusão.

Alexandre I principiou a respirar apressadamente e com dificuldade, tremeu-lhe o lábio inferior e acto contínuo os seus belos olhos azuis humedeceram-se de lágrimas.

Foi obra de segundos. De súbito, franziu as sobrancelhas e, como se reprovasse a sua própria fraqueza, ergueu a cabeça e disse a Michaux em voz firme:

- *Estou a ver, coronel, em presença de tudo que nos tem acontecido, que a Providência exige de nós grandes sacrifícios.... Estou pronto a submeter-me a todas as suas vontades; mas diga-me, Michaux, como lhe pareceu o exército, ao ver assim abandonar a minha velha capital, sem dispararem um tiro? Não*

reparou se havia desânimo?...

Ao ver que o seu mui gracioso soberano sossegara, Michaux sossegou também, mas a pergunta concreta do imperador, que exigia uma resposta igualmente concreta, lançou-o num certo embaraço.

- *Sire, consente que vos fale francamente como soldado leal que sou?* - disse ele para ganhar tempo.

- *Coronel, exijo-o sempre* - replicou o imperador - *Não me esconda nada, quero saber absolutamente o que se passa.*

- *Sire!* - exclamou Michaux com um sorriso quase imperceptível, tendo conseguido imprimir à sua resposta a forma de respeitoso jogo de palavras. - *Sire, deixei todo o exército, desde os chefes até ao soldado raso, sem excepção, tomado de um medo pavoroso, assustador...*

- *Como?* - interrompeu o imperador franzindo o sobrolho. - *Deixar-se-ão os meus russos abater pela desgraça... Nunca...*

Era o que Michaux esperava para utilizar o seu jogo de palavras.

- *Sire* - continuou, com um ligeiro e respeitoso sorriso. - *A única coisa que eles temem é que Vossa Majestade, por bondade de coração, se deixe convencer a fazer a paz. Todos estão mortos por combater e por provar a Vossa Majestade, com o sacrifício das suas vidas, quanto lhe são dedicados...*

- *Ah!* - exclamou o soberano, tranquilizado, batendo-lhe no ombro e assumindo uma atitude amável - *Tranquiliza-me, coronel.*

Permaneceu calado alguns instantes, de cabeça baixa.

- *Pois bem, volte para o campo de batalha* - continuou, perfilando a sua alta estatura, e com um gesto afável e magnânimo - *e diga aos nossos valentes, diga a todos os meus bons súbditos, por toda a parte por onde passar, que quando eu já não tiver nenhum soldado, eu próprio me porei à frente da minha querida nobreza, dos meus bons camponeses e bater-me-ei até ao último recurso do meu império. Ele ainda tem para me dar muito mais do que pensam os meus inimigos.* - E cada vez mais exaltado: - *Mas se estiver escrito nos decretos da Providência* - prosseguiu, erguendo para o céu os seus bonitos olhos cheios de suavidade e sentimento - *que a minha dinastia deva deixar de reinar no trono dos meus antepassados, então depois de esgotados todos os recursos em meu poder, preferirei deixar crescer a barba até aqui, e ir comer batatas com o último dos meus camponeses, a aceitar o vergonha da minha pátria e da minha querida nação, cujos sacrifícios tanto aprecio...*

Depois de ter pronunciado estas palavras com voz comovida, o imperador voltou a cara, como se quisesse esconder as lágrimas que lhe jorravam dos olhos, e deu alguns passos até ao fundo do seu gabinete. Aí permaneceu instantes, voltando, em largas passadas, direito a Michaux, e num gesto enérgico apertou-lhe a mão. O seu belo e meigo rosto afogueara-se e nos seus olhos cintilava a decisão e a cólera.

- *Coronel Michaux, não se esqueça do que eu lhe digo aqui; talvez um dia o recordemos com satisfação...* - E, falando assim, batia na arca do peito. - *Napoleão ou eu. Não pode continuar a reinar ao mesmo tempo. Aprendi a conhecê-lo, não me voltará a enganar.*

E, franzindo o sobrolho, calou-se. Michaux, embora estrangeiro, russo de alma e coração, lendo nos olhos do soberano a sua firmeza e a sua decisão, sentiu-se, naquele momento solene, entusiasmado pelo que acabava de ouvir, consoante o viria a escrever depois, e com as palavras seguintes exprimiu ao soberano, ao mesmo tempo, os seus próprios sentimentos e os do povo russo, de que se considerava como que porta-voz:

- *Sire!* - articulou ele. - *Vossa Majestade assina neste momento a glória da nação e a salvação da Europa.*

E o imperador, com um aceno de cabeça, despediu Michaux.

Capítulo IV

Nós, que não vivemos naquela época, em que metade da Rússia estava nas mãos do conquistador, os habitantes de Moscovo se refugiavam nas províncias mais longínquas e os levantamentos de milícias se sucediam uns aos outros com vista à defesa da pátria, imaginamos que então todos os russos, do mais elevado ao mais humilde, não tinham outro pensamento que não fosse o de sacrificar-se para salvar a pátria ou morrer com ela. Todos os relatos daquela época, sem excepção, falam de sacrifícios, de amor à pátria, de desespero e de heroísmo. Mas a realidade não era bem essa. Do passado apenas vemos as grandes linhas históricas, enquanto os interesses puramente humanos e pessoais nos passam despercebidos. No entanto, esses interesses puramente humanos e pessoais são muito mais importantes que os interesses colectivos. Os primeiros não deixam ver nem sentir os últimos. A maior parte dos homens daquela época não prestava a mais pequena atenção à marcha geral dos acontecimentos, inteiramente ocupada com os seus próprios interesses. E esses homens é que gozavam da fama de ser as criaturas mais indispensáveis desse tempo.

Aqueles que, pelo contrário, procuravam apreciar os acontecimentos de um ponto de vista elevado, tentando agir com devoção e heroísmo, esses eram tidos como inúteis na sociedade. As suas ideias divergiam em tudo das dos demais e tudo quanto levavam a cabo, na melhor das intenções, aos olhos da maior parte das pessoas não passava de inutilidades, como, por exemplo, os regimentos organizados por Pedro e Mamonov, que não faziam outra coisa senão saquear as aldeias e roubar as ligaduras preparadas pelas senhoras da sociedade, as quais nunca chegavam às ambulâncias. Até mesmo aqueles que, para exibirem os seus dotes de inteligência e as suas louváveis intenções, se davam a fazer comentários à situação eram acusados de duplicidade e de mentira ou de fazerem juízos temerários e malévolos sobre as pessoas que assim tornavam responsáveis de actos de que ninguém era culpado. Em história, ainda mais do que em qualquer outro assunto, devemos coibir-nos de provar dos frutos da, árvore de ciência. Só os actos inconscientes frutificam deveras e os homens que desempenham papel na história nunca percebem a importância do que fazem. Quando porventura acontece darem por isso, imediatamente os seus actos se tornam estéreis.

O significado dos acontecimentos que naquela altura se estavam a dar na Rússia era

tanto mais inapreensível quanto era certo os homens deles participarem muito intimamente. Tanto em Petersburgo como nas províncias distantes de Moscovo, as senhoras e os cavalheiros elegantemente fardados de milicianos deploravam a sorte da Rússia e da sua capital, falando em sacrifícios e noutras coisas semelhantes, enquanto que no exército, ao proceder-se à evacuação de Moscovo, quase nunca se falava desse acontecimento: era coisa em que ninguém pensava. Diante das casas a arder ninguém falava em vingar-se dos Franceses. Só se, pensava no terço do soldo que cada um ia receber, na etapa próxima, em Matrechka, na vivandeira, e em coisas do mesmo género.

Surpreendido pela guerra nas fileiras, Nicolau Rostov, sem a mais pequena ideia de sacrifício, e levado apenas pelas circunstâncias, tomava parte activa e prolongada na, defesa da pátria, E deste modo assistia ao desenrolar dos acontecimentos sem os tomar muito a peito nem se permitir sombrios pensamentos. Se lhe tivessem perguntado que pensava da situação, teria respondido que nada pensava, que isso era, da competência de Kutuzov e dos outros; ele nada mais sabia senão que se completavam os quadros dos regimentos, sinal de que a guerra ainda estava para lavar e durar e que, tendo em vista as circunstâncias actuais, não lhe seria difícil vir a obter o comando de um regimento dentro de um ou dois anos.

Graças a esta sua maneira de considerar os acontecimentos, não mostrou o mais pequeno ressentimento pelo facto de não ter tomado parte na última batalha, aceitando com prazer o encargo de se dirigir a Voroneje a fim de proceder à remonta da divisão, prazer que de modo algum fingiu não sentir e que os seus camaradas consideravam perfeitamente legítimo.

Poucos dias antes da batalha de Borodino recebera os documentos e o dinheiro preciso, tendo mandado adiante um destacamento de hússares, enquanto se dirigia para Voroneje.

Só quem tenha passado por isso, isto é, só quem tenha permanecido meses, ininterruptamente, em acampamentos, pode compreender a alegria que ele, sentia ao afastar-se da zona militar com os seus forrageadores, os seus comboios de abastecimentos e as suas ambulâncias. Quando, já longe dos soldados, das bagagens, de tudo que assinala a vida, bem pouco elegante, do acampamento, lhe foi dado ver aldeias com os seus camponeses e as suas camponesas, casas senhoriais, campinas onde o gado pastava, as estações de muda com os seus sonolentos guardas, tão grande foi o seu contentamento que se lhe afigurou ver tudo aquilo pela primeira vez. E uma das coisas que maior alegria lhe deu foi o voltar a ver mulheres frescas e risonhas, sem terem atrás de si, cortejando-as, dúzias de oficiais, mulheres que se mostravam contentes e se sentiam lisonjeadas com os

galanteios do jovem viajante.

Foi com a melhor disposição deste mundo que Nicolau Rostov chegou, pela noite, ao hotel de Voroneje, onde tratou de se regalar de tudo do que estivera privado por tanto tempo. E no dia seguinte, barbeado e de farda de gala, que há muito não vestia, ei-lo que se apresenta às autoridades. O comandante da milícia, velho funcionário civil com o grau de general, parecia contentíssimo com as suas funções militares e o posto que tinha. Recebeu Nicolau Rostov com a solenidade que se lhe afigurava inerente à sua categoria militar e interrogou-o, sobranceiro, como se a isso tivesse direito, aprovando-o ou reprovando-o, como homem que sabe o que diz e o que faz. Tão bem disposto estava Rostov que esta atitude o divertiu.

Depois de sair do gabinete do comandante da milícia, dirigiu-se à residência do governador. Este era um homenzinho vivo e solerte, muito amável e muito simples. Indicou a Nicolau as cavalariças onde poderia adquirir as montadas, recomendando-lhe um alquilador na cidade e um proprietário, a umas vinte *verstas* de Voroneje, senhor dos melhores cavalos da região, prometendo auxiliá-lo.

- É filho de Ilia Andreitch? Minha mulher é amiga íntima de sua mãe. Recebemos em nossa casa todas as quintas-feiras. É hoje quinta-feira. Venha, peço-lhe, sem cerimónia - disse-lhe ele, despedindo-se.

Depois da sua visita ao governador, Nicolau meteu-se numa telega com o sargento e dirigiu-se às coudelarias do proprietário indicado, que ficavam a umas vinte *verstas* da cidade. Tudo era fácil e divertido para ele naquela sua primeira visita a Vororteje, e o que é facto é que tudo correu como geralmente acontece quando uma pessoa está na melhor disposição deste mundo.

O proprietário referido era um velho solteirão, antigo oficial de cavalaria, competência em cavalos, caçador inveterado e senhor de um rico salão todo forrado de, tapetes, de uma vodka centenária, de um velhíssimo vinho da Hungria e de uma excelente cavalariça.

Trocadas poucas palavras, Nicolau adquiria, por seis mil rublos, dezassete potros escolhidos para figurarem em lugar de honra na sua remonta. Depois de um óptimo jantar, copiosamente regado com o tal vinho da Hungria, depôs dois beijos nas bochechas do seu anfitrião, com quem estava já tu cá tu lá, e meteu pés a caminho, de regresso à cidade, incitando a todo o momento o postilhão para chegar a horas de se apresentar na recepção do governador. Depois de se encharcar de água fria dos pés à cabeça, de mudar de roupa, de se perfumar, chegou a casa do governador um pouco já sobre o tarde, é certo, mas com uma desculpa na ponta da língua: Mais vale tarde do que nunca.

Não havia baile e ninguém tinha falado ainda em bailar, mas toda a gente sabia que Katerina Petrovna, sentada ao cravo, tocaria valsas e escocesas, e, por conseguinte, se acabaria por dançar. Eis porque todas as senhoras capazes disso se tinham apresentado com os seus vestidos de baile.

No ano de 1812 a vida numa cidade de província era exactamente igual ao que sempre fora, apenas com uma pequena diferença: haver muito mais animação em virtude da presença de multas famílias ricas de Moscovo, e que, como aliás em todas as coisas nessa época memorável, se sentia não se sabia o quê, uma grandeza, um heroísmo particular, e que as pessoas, em vez de falarem do estado do tempo e da saúde de cada um, falavam de Moscovo, do exército e de Napoleão.

Em casa do governador estava reunida a melhor sociedade de Voroneje.

Havia muitas senhoras e algumas delas que Nicolau conhecia já de Moscovo, mas nenhum homem em condições de rivalizar com o cavaleiro de S. Jorge, brilhante hússar da remonta, o cortês e distinto conde Rostov. Entre os convidados encontrava-se um italiano do exército francês, prisioneiro, e Nicolau sentia que a presença desse oficial ainda fazia sobressair mais o valor do herói russo que ele era em verdade, Dir-se-ia ser para ele como que um troféu vivo e que toda a gente pensava da mesma maneira. Eis porque se mostrou para com o oficial de uma cortesia em que se misturava um pouco de dignidade e de reserva.

Assim que entrou, com o seu uniforme de hússar, irradiando à sua volta o penetrante aroma das suas essências e do vinho que bebera, e assim que disse e por mais de uma vez lhe responderam: «Mais vale tarde do que nunca», todos os olhares se fixaram nele. De súbito percebeu que se tornara o favorito de todos, coisa sempre agradável, particularmente atraente na província e que naquele momento, depois de uma tão longa abstinência, literalmente o embriagava. Muitas eram as criadinhas dignas das suas olhadelas que ele vira nas estações de mudas, nas estalagens, no salão do proprietário da coudelaria, mas ali, nas salas do governador, suspensas do seu olhar, eram numerosas, inesgotáveis, afigurava-se-lhe, as senhoras e as formosas donzelas, Todas se mostravam dengosas com ele enquanto as pessoas de idade pensavam já em casá-lo e arrumar o doido do soldado. No número destas encontrava-se a esposa do governador, que acolheu Rostov como um parente muito próximo e desde logo o tuteou, tratando-o por Nicolau.

Efectivamente, Katerina Petrovna sentou-se ao cravo e pôs-se a tocar valsas e escocesas. As danças principiaram e então é que Nicolau pôde acabar de endoidecer toda a gente com a sua agilidade. A sua desenvoltura assombrou todo o mundo. Até ele próprio estava surpreendido com a maneira como dançava naquela noite. Nunca dançara assim em

Moscovo e teria mesmo considerado pouco decente e ordinária a ligeireza dos seus modos, caso não se tivesse sentido obrigado, naquele meio pequeno, a causar o espanto daqueles provincianos, graças a atitudes e maneiras deveras extraordinárias até na capital, mas que fariam aquela gente pensar serem habituais e ainda desconhecidas na província.

Durante toda a noite não fez outra coisa senão seguir com os olhos uma bonita e planturosa loura de olhos azuis, mulher de um funcionário local. Com essa ingénua convicção dos jovens folgazões, segundo a qual julgam que foi para eles e só para eles que vieram a este mundo e se criaram as mulheres dos outros. Rostov não largou essa senhora, tratando o marido com uma Amistosa familiaridade, algo cúmplice, como se eles soubessem já perfeitamente, ele e a mulher de tal marido, que ambos se entendiam muitíssimo bem. A verdade, porém, é que o marido parecia não partilhar de semelhante opinião e se mostrou por de mais frio para com o hússar.

No entanto, a bonomia do moço oficial era tamanha que, sem dar por isso, até ele próprio, marido, por várias vezes se deixou arrastar pela boa disposição do cortejador de sua mulher. No entanto, lá para o fim da noite, à medida que o rosto desta se animava e ganhava cor, o do marido cada vez parecia mais pálido e mais carrancudo, como se a animação que sentiam se manifestasse de modo inverso, quanto maior a dose da alegria da mulher tanto menor a dose da alegria do marido.

Capítulo V

Nicolau, ligeiramente reclinado na poltrona, sorrindo, muito chegado à senhora, ia-lhe dirigindo galanteios em que a comparava às deusas da mitologia.

Mexendo as pernas dentro do seu calção justo de montar, derramando à sua roda o aroma cálido a perfume, lançando olhares de admiração ora à sua dama ora a si próprio e à elegância dos seus pés calçados de botins bem justos, ia dizendo ser sua intenção raptar certa pessoa ali mesmo em Voroneje.

- E pode saber-se quem é?

- Urna encantadora mulher, uma mulher divina! Tem os olhos da cor do céu - dizia ele mirando a sua interlocutora - uma boca de coral, ombros de uma brancura... uma cintura de Diana... - O marido aproximou-se e de rosto sorumbático perguntou à mulher de que falavam.

- Ali! Nikita Ivanitch - exclamou Nicolau, levantando-se cheio de mesuras.

E, como se o quisesse convidar a tomar parte nos seus galanteios, principiou a contar-lhe os projectos que tinha de raptar uma linda mulher loura.

Teve um riso amarelo o marido, a mulher na francamente Mas a esposa do governador aproximou-se deles com uma expressão algo recriminadora.

- Ana Ignatievna queria falar-te. Nicolau - disse ela, e a maneira como pronunciou o nome dessa senhora não pôde deixar dúvidas a Rostov de que se tratava de alguém de alta distinção - Anda daí, Nicolau. Pois não é verdade que deixas que eu te trate assim?

- Com certeza, minha tia. E quem é essa senhora?

- Ana Ignatievna Malvintseva. Ouviu falar de ti à sobrinha, quem tu salvaste a vida. Lembras-te?...

- Salvei a vida a tantas - replicou ele.

- A sobrinha, a princesa Bolkonskaia. Está aqui, em Voroneje, com a tia. Coraste? Dar-se-á o caso que...

- De maneira nenhuma! Que está a dizer, minha tia?

- Bom! Está bem, está bem... Dás-me vontade de rir!

A mulher do governador levou-o até junto de uma senhora idosa, alta e corpulenta, com um toucado azul na cabeça, que acabava de jogar uma partida de cartas com as

pessoas mais importantes da cidade. Tratava-se de Madame Malvintseva, a tia materna da princesa Maria, abastada viúva, sem filhos, que vivia todo o ano em Voroneje. Estava de pé, tratando de pagar o que devia ao seu parceiro. Olhou para Rostov, franzindo as sobrancelhas, enquanto prosseguia resmungando com o general que lhe levara a melhor.

- Muito prazer em conhecê-lo - exclamou ela, estendendo a mão a Rostov. - Queira dar-me o prazer de vir a minha casa.

Pôs-se a falar da princesa Maria e do seu falecido irmão, por quem parecia não morrer de amores, e perguntou-lhe se ele sabia alguma coisa acerca do príncipe André, que também não parecia pessoa da sua estima, despedindo-se não sem lhe repetir convite.

Prometendo não deixar de a visitar, Nicolau corou de novo ao despedir-se dela. Quando ela falara da princesa Maria, um grande embaraço o tomara, receio mesmo, sem que ele desse por isso.

Ao deixar Madame Malvintseva ia de novo regressar ao baile, mas a mão rechonchuda da senhora governadora travou-lhe do braço e, dizendo-lhe que tinha necessidade de lhe falar, conduziu-o a um gabinete, donde, discretamente, se deram pressa de sair as pessoas que lá estavam.

- Sabes, meu caro - disse-lhe ela, imprimindo uma expressão grave ao seu rostozinho cheio de bonomia - tens ali um bom partido. Se quiseres, posso apresentar-te.

- De quem se trata, minha tia? - perguntou Nicolau.

- Eu pedirei a princesa em casamento. Katerina Petrovna, está inclinada para Lili, mas, pela minha parte, é a princesa que prefiro. Queres? Tenho a certeza de que a tua mãe me vai ficar reconhecida. E de resto é uma rapariga encantadora e nada feia, ao contrário do que as pessoas dizem.

- Claro que não, realmente - volveu Nicolau, como se se sentisse pessoalmente ofendido com essa opinião - Por mim, minha tia, como convém a um soldado, nada reclamo e nada recuso - acrescentou, sem se dar ao trabalho de pensar no que estava a dizer.

- Bom, pois então lembra-te de que não se trata de uma brincadeira.

- De que brincadeira está a falar?

- Está bem, está bem - exclamou a santa senhora, como se estivesse falando a si mesma. - E ainda há outra coisa, meu caro, entre outras. É muito assíduo junto da outra, da loura. Estou deveras com pena do marido...

- Porquê? Somos óptimos amigos - exclamou Nicolau com a maior simplicidade. Nunca lhe viera à cabeça que aquela maneira tão agradável de passar o tempo não pudesse ser muito divertida para outrem.

«Ora esta! Que tolice fui eu dizer a mulher do governador!», disse ele de si para consigo, de repente, durante a ceia. «Queres ver que me vai tratar do casamento... E Sónia?...» E ao despedir-se da dona da casa, quando ela lhe repetia, sorrindo: «Bom, já sabes. Não te esqueças...», chamou-a de parte:

- A verdade é que devo dizer-lhe, minha tia...

- Que foi? Que foi, meu amigo? Espera, vamos sentar-mos aqui.

Nicolau sentiu, de súbito, a imperiosa necessidade de contar àquela mulher, por assim dizer desconhecida para ele, os seus pensamentos mais íntimos, pensamentos que ele não teria confiado nem à própria mãe, nem à irmã, nem a qualquer amigo. Mais tarde, quando veio a lembrar-se dessa necessidade de comunicação inexplicável e injustificada, que tantas consequências graves teve para ele, afigurou-se-lhe, como de resto acontece a toda a gente, ter feito grossa asneira. Mas a verdade é que nem por isso aquele movimento de sinceridade e alguns outros pequenos-nadas deixaram de vir a ter para ele e para a família consequências da maior importância.

- Ora aqui tem de que se trata, minha tia. Há muito que a mãe me quer casar com uma herdeira rica, mas não posso com a ideia de um casamento de conveniência.

- Ah, sim! Percebo - contraveio a santa senhora.

- Mas o caso da princesa Bolkonskaia é outra coisa. Em primeiro lugar, devo dizer-lhe, com toda a franqueza, que me agrada muitíssimo, que me convém em absoluto. Além disso, desde que a vim a conhecer em circunstâncias tão estranhas, várias vezes tenho dito a mim mesmo que está ali o meu destino, Imagine! A mãe há muito tempo que pensava nela, mas nunca calhara eu encontrá-la. Não sei como isso foi; o certo é que nunca nos tínhamos visto. E é claro que eu não poderia ter Pensado em casar com ela desde que minha irmã Natacha estava noiva do irmão dela. E fui encontrá-la precisamente quando o casamento de Natacha se tinha dissolvido e depois de tudo o que se estava a passar... Sim, isto é que é a verdade... Nunca falei nisto a ninguém, nem nunca mais voltarei a falar em tal. Só a si o digo.

A senhora governadora travou-lhe do braço, como a agradecer-lhe.

- Conhece a Sónia, a minha prima? Quero-lhe muito. Prometi casar com ela e é com ela que hei-de casar... Como vê, não Posso pensar nessa história do casamento com concluiu ele, um Pouco hesitante e corando muito.

- *Meu caro, meu caro,* que estás tu a dizer? Mas Sónia nada tem de seu e tu próprio disseste que a fortuna de teu pai estava periclitante. E a tua mãe? Dás cabo dela, podes ter a certeza. E, além disso, se a Sónia é rapariga de sentimentos, que situação para ela! Uma mãe de cabeça perdida, uma fortuna por água abaixo... Sim, meu caro. Sónia e tu, vocês devem

compreender as circunstâncias.

Nicolau ficou calado. A verdade é que aquelas conclusões lhe não eram de todo desagradáveis.

- Em todo o caso, minha tia, é impossível - exclamou ele, suspirando, após alguns instantes de silêncio. - Além disso, resta saber se a princesa me quer, e ainda está de luto. Acha que se pode pensar nisso?

- *Julgas que te vou casar de hoje para amanhã? Há maneiras e maneiras* - obtemperou a mulher do governador.

- Que casamenteira me saiu, minha tia... - disse Nicolau, beijando-lhe a mãozinha rechonchuda.

Capítulo VI

Ao chegar a Moscovo, depois do seu encontro com Rostov, a princesa Maria encontrara o sobrinho na companhia do seu preceptor e uma carta do príncipe André com o itinerário que ela devia seguir para alcançar Voroneje e instalar-se em casa da tia Malvintseva.

As preocupações com a mudança, os cuidados com o destino do irmão, a instalação da nova casa, o ter de lidar com gente desconhecida, a educação do sobrinho, todas estas circunstâncias lhe sufocaram na alma aquele sentimento em que havia fosse o que fosse dessa tentação que tanto a fizera sofrer durante a doença e a morte do pai e especialmente no tempo que se seguiu ao seu encontro com Rostov. Estava muito triste. A mágoa que lhe causara a perda do pai, agravada pela desgraça que pesava sobre a Rússia, ainda agora, após trinta dias de vida tranquila, se mantinha viva e pungente. Estava desassossegada. Os perigos que ameaçavam o irmão, o ser querido que lhe restava, traziam-na em perpétuo tormento. A educação do sobrinho, tarefa que entendia superior às suas forças, preocupava-a muitíssimo. No entanto, ao verificar que fora capaz de reprimir a vaga de sonhos e esperanças que o aparecimento de Rostov erguera dentro dela, pudera sentir alguma serenidade.

No dia seguinte ao da noite da sua recepção, a mulher do governador apresentou-se em casa de Madame Malvintseva e pô-la ao corrente de todos os seus planos. Principiou por dizer que, em virtude das circunstâncias, não era de pensar num pedido em regra, mas que se podiam aproximar os dois jovens, proporcionando-lhes a forma de se conhecerem melhor. Tendo obtido a anuência da tia, aproveitou a ocasião para falar de Rostov diante da princesa Maria, tecendo-lhe largos elogios e contando como o vira corar quando pronunciara o nome dela. A princesa, em vez de se sentir feliz ao ouvir estas palavras na boca da esposa do governador, experimentou um grande mal-estar. Fora-se-lhe a harmonia interior e de novo acordaram nela os desejos, as dúvidas, os reproches e as esperanças.

Durante os dois dias que transcorreram entre essa notícia e a visita de Rostov, a princesa Maria não deixou de pensar na atitude que devia assumir para com ele. Ora resolvia não pôr os pés no salão quando ele entrasse em casa de sua tia, pois, estando de luto pesado, não achava próprio receber visitas, ora se dizia a si mesma que isso seria

pouco delicado da sua parte depois do que ele fizera por ela, ora ainda lhe ocorria a ideia de que a tia e a esposa do governador tinham intenções reservadas quanto a Rostov e a ela própria, o que, aliás, confirmara perfeitamente as piscadelas de olhos e os segredinhos que trocavam entre si, ora concluía não ter o direito de pensar em tais coisas, atribuindo tudo à sua própria inquietação. Era impossível, pensava, não ter em conta que, na sua situação, estando de luto rigoroso, aquela ideia do casamento só podia ser ofensiva para ela e para a memória do defunto. Na hipótese, porém, de que semelhante pedido viesse a efectivar-se, conjecturava, de antemão, o que Rostov lhe diria e o que ela teria de lhe responder, e os termos que empregaria ora se lhe afiguravam frios de mais ora demasiado significativos. Mas o que acima de tudo receava nesse encontro era deixar transparecer a perturbação que inevitavelmente a tomaria quando o voltasse a enfrentar.

O certo é, porém, que quando, no domingo, depois da missa, um criado a veio prevenir, no salão, de que o conde Rostov acabava de chegar, não foi grande a perturbação da princesa; corou ligeiramente e os olhos brilharam-lhe com uma luz radiante e nova.

- Já o conhece, tia? - perguntou em voz serena, surpreendida de poder aparentar tanta calma e naturalidade.

Quando Rostov entrou no salão, a princesa manteve-se por momentos de cabeça baixa, para dar tempo a que ele pudesse fazer os seus cumprimentos à velha senhora, mas exactamente na altura em que ele se voltou para ela ergueu a cabeça e os seus olhos brilhantes pousaram nos dele. Num movimento cheio de graça e dignidade, soergueu-se ligeiramente, sorrindo, estendeu-lhe a mão fina e delicada e pôs-se a falar numa voz em que pela primeira vez ressoavam notas verdadeiramente femininas. Mademoiselle Bourienne, que estava presente, não pôde deixar de se sentir surpreendida e pousou nela um olhar de espanto. A mais galante das mulheres não teria sido capaz de manobra mais hábil diante do homem a quem quisesse agradar.

«Será o luto que lhe fica bem, ou terá ela, realmente, ganho tanto sem que eu o tenha notado?...», interrogou Mademoiselle Bourienne os seus botões.

Se a princesa Maria estivesse naquele momento em condições de reflectir, não se teria sentido menos surpreendida que Mademoiselle Bourienne com a mudança operada nela própria. Mal entrevira aquele bonito rosto, que tão querido se lhe tornara, invadira-a como que uma energia nova que a compelia, sem que ela nada pudesse fazer em contrário, a falar e a agir. Mal ele entrou, o rosto transfigurou-se-lhe repentinamente. Assim como, ao iluminar-se uma lanterna, o desenho gravado nos seus vidros ressalta de uma beleza que se não adivinhava enquanto não havia luz, também os traços da princesa Maria ressaltaram de improviso. Pela primeira vez vinha à superfície o trabalho intimo que até então se elaborara

em segredo no fundo da sua alma. O mais recôndito da sua vida, e que tanto tormento lhe causava, os seus sofrimentos, os seus impulsos para o bem, o seu espírito de submissão, de amor e de sacrifício, tudo isso resplandecia agora nos seus luminosos olhos, no seu fino sorriso, em cada um dos traços do seu delicado rosto.

Nicolau deu-se conta de tudo tão franca e claramente como se lhe conhecesse toda a vida. Compreendeu que a criatura de eleição que tinha diante era bem melhor que todos os seres que conhecera até aí, e bem melhor, sem dúvida, do que ele próprio.

A conversa que entre eles se entabulou foi das mais simples insignificantes que imaginar se pode. Falaram da guerra, exagerando, como toda a gente, aliás, então, o desgosto que os acontecimentos causavam, falaram do seu último encontro, assunto que Nicolau procurou evitar, e referiram-se então à santa mulher do governador e aos seus parentes respectivos.

A princesa Maria evitou aludir ao irmão e desviou a conversa quando a tia lhe fez referência. Via-se perfeitamente que, se lhe era fácil falar banalmente das desgraças públicas, já o mesmo não podia fazer a respeito do irmão, desgraça que lhe tocava muito de perto. Nicolau reparou no facto, ao mesmo tempo que observava, com uma penetração nele invulgar, os mais pequenos matizes do carácter da sua interlocutora, observação que o levava a pensar que ela era realmente uma natureza excepcional e única em verdade a todos os títulos. Como acontecia à princesa Maria, também ele corava e se mostrava perturbado quando falavam dela, ou até mesmo quando apenas nela pensava. Na presença de Maria sentia-se, porém, como que desoprimido, não dizia palavra do que antecipadamente pensava dizer e as suas palavras de improviso eram sempre as que mais convinha.

Durante a sua curta visita, numa pausa da conversação, Nicolau, como acontece onde há crianças, pôs-se a acariciar o filho do príncipe André e perguntou-lhe se ele não gostaria de vir a ser hússar também. Pegou-lhe ao colo, sentou-o nos joelhos e fê-lo pular enquanto olhava para a princesa Maria. Esta seguia os movimentos do sobrinho querido nos braços do homem a quem amava, olhando carinhosa, tímida e feliz. Este terno olhar não passou despercebido a Nicolau, que, ao compreender-lhe o sentido, corou de satisfação e beijou a criança efusivamente.

A princesa Maria não saía de casa por causa do luto e Nicolau não achava conveniente continuar a visitá-la. Nem por isso contudo a mulher, do governador desistiu da sua tarefa casamenteira e, repetindo a Nicolau o que Maria dissera de lisonjeiro a seu respeito ou vice-versa, insistia com ele para que se declarasse. E nessa intenção preparou uma entrevista entre os dois jovens, em casa do arcipreste, antes da missa.

Embora Rostov lhe tivesse dito que não tinha qualquer declaração a fazer à princesa

Maria, prometeu não faltar à entre- vista.

Da mesma maneira que em Tilsitt não vacilara um momento em aceitar por bom o que lhe era recomendado como tal, assim agora, após breve luta, embora sincera, entre o desejo de organizar a sua vida consoante os seus próprios desejos e a inteira submissão às circunstâncias, escolheu o último partido, entregando-se ao destino para que se sentia irresistivelmente arrastado, Sabia muitíssimo bem que, depois das promessas que fizera a Sónia, declarar os seus sentimentos a Maria não era outra coisa senão cobardia. Mas, ao mesmo tempo, também sabia, e, mais, sentia isso mesmo no fundo da alma, que, confiando-se à influência do destino e das pessoas que o dirigiam, não só não procedia mal, como, pelo contrário, cumpria um acto da mais alta importância como nenhum outro da sua vida.

Após a sua entrevista com a princesa Maria, conquanto nada, na verdade, se tivesse modificado na sua existência, o certo é que todas as suas alegrias de outrora pareciam ter perdido o encanto e só um pensamento o ocupava - ela. Todavia os sentimentos que a princesa Maria lhe inspirava não só em nada se pareciam com os que havia sentido por outras raparigas que encontrara na sociedade como nada tinham de comum com o amor exaltado que outrora votara a Sónia. Como acontece a todo o mancebo de honestos sentimentos, sempre que pensava em tais raparigas era com a ideia de fazer delas esposas, representando-lhe a imaginação todas as cenas habituais da vida conjugal: uma mulherzinha, vestida de branco, sentada junto do samovar, a carruagem da senhora, as crianças que pronunciam pai e mãe, numa palavra, todas as banalidades quotidianas, e essas perspectivas de futuro, a seus olhos, não deixavam de se revestir de certo encanto. Contudo, ao pensar na princesa Maria, a quem o queriam dar por noivo, nada de semelhante lhe vinha ao espírito. Se porventura o tentava, as imagens que se lhe erguiam diante dos olhos apresentavam-se-lhe com qualquer coisa de falso e de malogrado. O único sentimento que lhe comunicavam era o sentimento de angústia.

Capítulo VII

A terrível nova da batalha de Borodino, em que houve tantas baixas dos Russos, bem como a notícia de que Moscovo caíra nas mãos dos Franceses, apenas chegaram a Voroneje em meados de Setembro. A princesa Maria, que só pelos jornais fora informada de que o irmão estava ferido e que nada sabia afinal sobre o seu estado, resolveu ir ao seu encontro. Assim, pelo menos, constou a Nicolau, que nunca mais a tornara a ver. Os acontecimentos, se não despertaram em Rostov instintos de violência, cólera ou vingança ou quaisquer outros do mesmo género, pelo menos inspiraram-lhe súbito desgosto e contrariedade, determinando-o a não prolongar por mais tempo a sua permanência em Voroneje, onde se sentia molesto e pouco à vontade. Todas as conversas lhe soavam a falso. Não sabia que pensar dos acontecimentos e sentia que só depois de regressar ao seu regimento veria claro em tudo isso. Precipitou as suas últimas aquisições de cavalos e eram mais frequentes agora as suas irritações contra o criado e contra o sargento, mais frequentes e imotivadas.

Alguns dias antes da sua partida, celebrou-se um tedéu na catedral em acção de graças por uma vitória das tropas russas e Nicolau assistiu a ele. Ficou alguns metros atrás do governador e foi com dignidade oficial que acompanhou todos os passos da cerimónia religiosa enquanto ia pensando nos assuntos mais diversos. Assim que terminou o fedeu, a mulher do governador acenou-lhe com a cabeça, chamando-o para junto de si.

- Viste a princesa? - perguntou- lhe ela, indicando-lhe com a cabeça uma senhora toda vestida de preto que estava ao pé do coro. Nicolau reconheceu-a imediatamente, não tanto pelo perfil que se deixava adivinhar debaixo do chapéu como por esse sentimento de retenção, receio e piedade que se apoderou dele. A princesa Maria, absorta nos seus pensamentos, persignava-se antes de sair da igreja.

Nicolau fitou, assombrado, o seu rosto. Era, de facto, a mesma fisionomia em que se lia sempre o trabalho subtil do pensamento interior, mas a luz que a iluminava era completamente outra. Reflectia-se em seus traços uma tocante expressão de dor, de oração e de esperança. Não esperou, como, aliás, acontecera da primeira vez, que a mulher do governador lho consentisse, não se interrogou a si próprio, sequer, se era ou não razoável dar aquele passo em plena igreja; aproximou-se dela e disse-lhe que soubera do seu novo

desgosto e que de todo o coração a acompanhava na sua dor, Assim que lhe reconheceu a voz, uma súbita luz lhe iluminou o rosto, derramando claridade sobre a sua mágoa e acordando nela a alegria.

- Apenas lhe queria dizer, princesa - murmurou Rostov -, que, se o príncipe André Nikolaievitch já não fosse do número dos vivos, os jornais tê-lo-iam dito, pois que é comandante de regimento.

A princesa olhou para ele sem apreender o sentido das suas palavras, mas satisfeita com a compaixão que lhe via no rosto.

- Na maior parte dos casos, os ferimentos provocados pelos estilhaços de granadas, quando não são logo mortais, não oferecem cuidados - acrescentou ele. - É de esperar que não seja coisa grave, estou convencido de que...

A princesa Maria interrompeu-o.

- Oh!, seria terrível... - principiou ela sem poder concluir a frase, de tão perturbada que estava, inclinando a cabeça, num movimento cheio de graciosidade, como acontecia a todos os seus gestos na presença dele. E, depois de um olhar de reconhecimento, saiu atrás da tia.

Naquela noite Nicolau não saiu, ficou em casa para fechar contas com os negociantes de cavalos. Quando acabou esse trabalho era demasiado tarde para ir a qualquer parte, embora relativamente cedo para se deitar, e assim ficou, sozinho, no seu quarto, a andar de um lado para o outro, cismando na vida, coisa que raramente lhe acontecia.

Já aquando do seu encontro perto de Smolensk a princesa Maria lhe causara uma viva impressão. Impressionara-o muito também o tê-la encontrado em circunstâncias tão excepcionais e o facto de a mãe lha ter recomendado como um rico partido.

O encontro em Voroneje ainda o impressionara mais. Desta vez notara sobretudo a beleza especial, toda de essência moral, que nela resplandecia. No entanto ia partir e não lhe ocorria a ideia de que teria pena de a não tornar a ver. O encontro na igreja, sentia-o claramente, ainda viera gravar nele a imagem da princesa Maria mais profundamente do que previra e mais funda- mente de que o exigia o seu sentimento de repouso. Aquele rosto fino, pálido e triste, aquele luminoso olhar, aqueles gestos harmoniosos e serenos, sobretudo aquela funda e comovida mágoa que por toda ela se espalhava, perturbavam-no e atraíam-no. Sobretudo nos homens, Nicolau não tolerava manifestações de uma vida espiritual superior e essa a razão por que não simpatizava com o príncipe André. Mas a princesa Maria, em virtude, precisamente, da expressão dolorosa em que se evidenciava toda a profundeza de um mundo espiritual que lhe era estranho, atraía-o de maneira irresistível.

«Que estranha mulher deve ser! É realmente um anjo!», dizia de si para consigo. Porque não hei-de eu ser livre? Porque me precipitei eu com a Sónia?» E involuntariamente ia-as comparando: à ausência, numa, e à abundância, noutra, dessa riqueza espiritual de que ele próprio era tão pouco provido e que por isso mesmo tanto estimava. Tentou imaginar o que aconteceria se porventura fosse livre: como pediria a sua mão e como viria ela a ser sua mulher? Mas não, não podia pensar em semelhante coisa. Sentiu-se pouco à vontade e diante dos seus olhos apenas se lhe vieram representar imagens confusas. Havia muito que traçara o quadro da sua existência futura com Sónia: era muito simples e muito claro, pois tudo aí estava previsto de antemão e ele nada ignorava, absolutamente nada, a respeito dela. Com a princesa Maria, contudo, não lhe era possível conceber qualquer futuro, uma vez que a não compreendia, que apenas se limitava a amá-la.

Pensar em Sónia era como penetrar num mundo de alegria e de graça. Pensar na princesa Maria trazia sempre consigo uma impressão de seriedade e até mesmo de temor.

«Como ela rezava!», dizia de si para consigo. «Era como se o fizesse com toda a sua alma. Sim, é aquilo a que se chama a fé que remove montanhas e tenho a certeza de que a sua oração será ouvida. Porque não poderei eu rezar assim para obter o que preciso? E de que preciso eu? De ser livre e desligar-me de Sónia. A mulher do governador tinha razão: o meu casamento com ela será uma fonte de desgostos, de dificuldades, uma grande mágoa para a mãe... e depois há a questão dos dinheiros... sim, de dificuldades... de grandíssimas dificuldades. Aliás, creio que a não amo de todo o coração. Não, não a amo como se deve amar. Meu Deus, salva-me desta situação sem recurso!», exclamou ele, de súbito, como se sentisse uma necessidade imperiosa de rezar. «Sim, as minhas orações removerão montanhas, mas o que é preciso é, ter fé e não rezarmos como o fazíamos quando éramos crianças, a Natacha e eu, quando pedíamos que a neve se transformasse em açúcar. Não, não são criancices desse género que eu tenho de pedir a Deus.»

E pousando o cachimbo algures, de mãos postas, ajoelhou diante dos ícones. Enternecido com a lembrança de Maria, pôs-se a rezar como o não fazia lia muito tempo. Tinha os olhos rasos de lágrimas e soluços na garganta quando Lavruchka apareceu à porta com uns papéis na mão.

- Idiota! Que vens aqui fazer, se não te chamei! - gritou-lhe, mudando, subitamente, de, atitude.

- É da parte do governador - disse Lavruchka, em voz sonolenta. - Chegou um correio com uma carta para si.

- Está bem, obrigado, podes retirar-te.

Havia duas cartas, uma da mãe e a outra de Sónia. Reconhecera a caligrafia de ambas

elas e principiou por abrir a de Sónia. Mal lera as primeiras linhas empalideceu, abrindo muito os olhos cheios de espanto e alegria.

«Não, não é possível!», disse em voz alta.

Não pôde ficar imóvel e ao tempo que lia a carta pôs-se a andar no quarto de um lado para o outro, Começou por lê-la alto, depois leu-a uma, duas vezes e, por fim, encolhendo os ombros e gesticulando de boca aberta e olhos fixos, deteve-se no meio do quarto. A oração que acabava de dirigir a Deus fora ouvida. Tamanha era a sua estupefacção, tão extraordinário o que acontecia, tão longe estava de ver realizados os seus desejos, que aquilo lhe não parecia a consequência da intervenção divina, mas puro acaso.

O nó górdio que lhe encadeava a liberdade fora cortado pela carta de Sónia de maneira inesperada e que nada fazia prever. A carta dela dizia que em virtude das desgraças dos últimos tempos, da perda de quase todos os bens dos Rostov em Moscovo, do desejo da condessa, por várias vezes manifestado, de o ver a ele desposar a princesa Bolkonski, e ainda em consequência do seu silêncio persistente, da frieza que lhe mostrara ultimamente, por todos esses motivos juntos, estava resolvida a desobrigá-lo da sua promessa e a restituir-lhe a sua inteira liberdade.

> *Seria para mim muito penoso - dizia-lhe ela- pensar que viria a ser causa de desgosto e desacordo numa família que tanto bem me tem feito. O único objectivo do meu amor é fazer a felicidade daqueles a quem amo. Por isso lhe peço, Nicolau, que retome a sua liberdade e que acredite que, apesar de tudo, ninguém lhe quer mais do que a sua Sónia.*

As duas cartas eram datadas de Troitsa. A segunda era da condessa. Descrevia-lhe os últimos dias passados em Moscovo, a partida, o incêndio da cidade e a ruína de todos os seus bens. E entre outras coisas dizia-lhe que o príncipe André, ferido, viajava com eles. Estava em estado gravíssimo, mas o médico, de momento, alimentava algumas esperanças. Sónia e Natacha eram as suas enfermeiras.

Munido com esta carta, Nicolau apresentou-se no dia seguinte em casa da princesa Maria. Nem ele nem ela fizeram qualquer comentário sobre os cuidados que Natacha dedicava ao príncipe André, mas aquela carta aproximou-os e criou entre eles como que uma espécie de parentesco.

No dia seguinte, Rostov acompanhou a princesa Maria a Iaroslav e dias depois regressou ao seu regimento.

Capítulo VIII

A carta de Sónia que dava satisfação aos desejos de Nicolau fora escrita em Troitsa. Eis os factos que a determinaram. De dia para dia se obstinava mais a velha condessa em casar seu filho com uma rica herdeira. Sónia, sabia-o ela muito bem, continuava a, ser o maior obstáculo à realização de tal projecto. E a vida desta durante os últimos tempos, sobretudo depois da carta, em que Nicolau falara do seu encontro em Bogutcharovo com a princesa Maria, tornara-se-lhe penosíssima. A condessa passava o tempo a feri-la com alusões cruéis e ofensivas.

Alguns dias antes da partida de Moscovo, a condessa, transtornada e inquieta com o que se estava a passar, mandou chamar Sónia e, entre lágrimas, reproches e súplicas, implorou-lhe que se sacrificasse desligando Nicolau dos seus compromissos e pagando-lhe a ela, condessa, deste modo, tudo que por ela tinha feito.

- Não sossegarei enquanto me não prometeres o que te peço.

Sónia chorou e respondeu entre soluços que faria tudo o que fosse possível, sem se comprometer, todavia, ao que lhe pediam. O certo era que o não podia fazer. Sacrificar-se-ia pela felicidade da família que a tinha recolhido e educado. A esse sacrifício estava habituada. A sua situação em casa dos Rostov era tal que para patentear os seus méritos só lhe restava a abnegação e por isso se habituara a sacrificar-se. Com alegria se dera conta até, aí de que todos os seus actos de abnegação a realçavam a seus olhos e, aos olhos dos outros, tornando-a mais digna de Nicolau, seu único e grande amor- Agora, porém, queriam que renunciasse, no fim de contas, aquilo mesmo que era a única recompensa do seu sacrifício e a única justificação da sua vida. E pela primeira vez se sentiu amargurada diante daquela gente que a recolhera e protegera para afinal a fazer sofrer ainda mais. E uma espécie de ódio a tomou contra essa Natacha que não só nunca passara por sofrimentos comparáveis aos seus, sem nunca se sacrificar por alguém, mas antes exigira o sacrifício dos outros e apesar disso de todos era querida e estimada. Pela primeira vez sentiu que o seu amor, até então inocente e tranquilo, se convertia numa violenta paixão capaz de a dominar e arrastar contra a religião e a virtude. Sob a influência de tal sentimento, Sónia, que a prática da dependência ensinara a ser dissimulada, respondera à condessa em termos vagos e gerais, evitando qualquer explicação mais demorada, decidida,

entretanto, a esperar por Nicolau, não para lhe restituir a palavra, mas, pelo contrário, para mais fortemente e para sempre se unir a ele.

As preocupações e os terrores dos últimos dias passados em Moscovo tinham-na feito esquecer um pouco os tristes pensamentos que a atormentavam. E por isso se sentira como que aliviada no meio de todas essas preocupações materiais. Quando veio a saber, porém, que o príncipe André estava em casa dos condes, à sua sincera piedade por Natacha e pelo ferido veio associar-se o sentimento, entre supersticioso e agradecido, de que a Providência não queria separá-la de Nicolau. Sabia que Natacha só ao príncipe André amava verdadeiramente e só a ele amara em verdade. E sabia também que neste momento, outra vez reunidos e em tão trágicas circunstâncias, de novo se entregariam ao seu amor, impedindo Nicolau, graças ao casamento da irmã com o príncipe, de pensar em desposar a princesa Maria.

Por mais horríveis que fossem os acontecimentos a que assistia, grande era a sua satisfação ao pensar que a Providência lhe viera em auxílio.

Após a primeira etapa de sua jornada, os Rostov detiveram-se no mosteiro de Troitsa. No albergue do convento tinham-lhes reservado três quartos, um dos quais para o príncipe André. O ferido parecia muito melhor nesse dia. Natacha estava junto dele.

No quarto contíguo o conde e a condessa conversavam respeitosamente com o superior do convento em visita aos antigos conhecidos e protectores. Sónia, junto deles, atormentava-a a curiosidade: que estariam a dizer um ao outro André e Natacha?

Através da porta ouvia-lhes o sussurro das vozes. Em determinado momento a porta abriu-se e Natacha, muito comovida, penetrou na dependência sem reparar no frade, que se ergueu, apanhando as grandes mangas do hábito, quando a viu aproximar-se. Dirigindo-se a Sónia, travou-lhe do braço.

- Natacha, que foi? Vem cá - disse-lhe a mãe.

Natacha aproximou-se para receber a bênção do frade, que a aconselhou a implorar o auxílio de Deus e do seu santo protector.

Quando o superior do convento se retirou, Natacha deu o braço à amiga e levou-a consigo para o quarto contíguo, onde não estava ninguém.

- Sónia, será verdade? Achas que se salvará? - perguntou-lhe ela - Ah, Sónia, que feliz e que infeliz eu sou! Sónia, minha querida, está tudo como dantes. O que importa é que ele viva! Mas não pode... porque... porque... - E os soluços embargaram-lhe a voz.

- Eu sabia-o! Louvado seja Deus! - exclamou Sónia. - Há-de viver! - A sua emoção não era menor do que a de Natacha diante daquela desgraça, e às suas apreensões vinham misturar-se pensamentos secretos. Abraçou-se à amiga, chorando e procurando consolá-la.

«O que importa é que ele viva!», repetia para si mesma. Depois de trocarem as suas confidências, enxugaram as lágrimas e ambas se aproximaram da porta. Natacha abriu-a cautelosamente e olhou para dentro. Sónia, a seu lado, conservava-se no limiar da porta entreaberta.

O príncipe André, deitado, tinha o busto soerguido por três almofadas. O seu rosto pálido estava tranquilo, tinha os olhos cerrados e respirava regularmente.

- Oh, Natacha! - exclamou Sónia, de súbito, agarrando-se ao braço da prima e recuando um passo.

- Que foi? Que foi? - inquiriu Natacha.

- É aquilo, é aquilo... - respondeu ela muito pálida, toda trémula.

Natacha fechou a porta cautelosamente e seguiu Sónia até ao vão da janela, sem compreender o que a amiga dizia.

- Lembras-te - disse Sónia, assumindo uma expressão ao mesmo tempo solene e aterrada. - Lembras-te de quando consultámos o oráculo do espelho... em Otradnoie, pelo Natal... lembras-te do que eu vi?...

- Lembro, lembro... - replicou Natacha, os olhos esbugalhados, recordando-se vagamente de que a prima lhe falara então do príncipe André, que vira deitado.

- Lembras-te? Vi-o e disse-o a todas, a ti e à Duniacha. Via-o estendido na sua cama. Tinha os olhos fechados, como neste momento, e, estendida sobre ele, uma coberta cor-de-rosa, e as mãos cruzadas. - Falava cada vez com maior animação, firmemente convencida de que todos os pormenores que acabava de ver não eram mais que a repetição exacta da visão de outrora.

Evidentemente que nada vira anteriormente e que apenas descrevera um fantasma produto da sua imaginação. No entanto essa ilusão afigurava-se-lhe agora uma recordação verdadeira. Dissera então que ele olhara para ela, lhe sorrira, que estava envolto em qualquer coisa vermelha, e agora recordava-se perfeitamente, tinha a certeza: a coberta da cama era cor-de-rosa, sim, efectivamente, cor-de-rosa, e ele tinha os olhos fechados.

- Sim, sim, é verdade, era uma coberta cor-de-rosa - confirmou Natacha, que se recordava agora também de que ela lhe falara nessa coberta, o que, a seus olhos, ganhava proporções de estranha e misteriosa previsão.

- Que quer isto dizer? - perguntou ela, pensativa.

- Ah!, não sei. É tudo tão extraordinário! - comentou Sónia, levando as mãos à cabeça.

Alguns minutos mais tarde André chamou, e Natacha foi para junto dele. Sónia, que nunca em sua vida sentira maior emoção ou estivera mais perturbada, deixou-se ficar junto

da janela pensando naquelas estranhas coincidências.

Nesse mesmo dia houve oportunidade de utilizar um correio para o exército e a condessa escreveu ao filho.

- Sónia - chamou, erguendo a cabeça, quando a sobrinha passou junto dela - Sónia, não escreves ao Nikolenka? - E, ao dirigir-lhe esta pergunta, a sua voz tremeu ligeiramente.

Nos seus olhos fatigados que ;i olhavam atrás das lentes dos óculos. Sónia adivinhou o que a condessa lhe queria dizer. Nesse olhar havia suplica, receio de uma recusa, embaraço por ter de fazer semelhante pedido e inimizade pronta a manifestar-se caso ela não transigisse.

Sónia aproximou-se da condessa e, ajoelhando, beijou-lhe as mãos.

- Eu vou escrever-lhe, mãe - disse ela.

Sónia sentia-se comovida - perturbada e enternecida por ver cumprido aquele misterioso presságio de outrora. Agora, que concluíra que a reconciliação do príncipe André e Natacha tornaria impossível o casamento de Nicolau com a princesa Maria, sentia-se contente por voltar de novo ao espírito de sacrifício que era toda a sua vida. Com os olhos rasos de lágrimas e a satisfação ele cumprir um acto realmente heróico, pôs-se a escrever, interrompendo-se, várias vezes para enxugar as lágrimas que lhe queimavam as órbitas, a carta comovedora que tão profundamente iria surpreender Nicolau.

Ao chegar ao corpo da guarda onde Pedro fora conduzido, os oficiais e os soldados principiaram por tratá-lo severamente, embora com algum respeito. Ainda não sabiam de quem se tratava - talvez fosse uma personalidade importante -, mas a luta que recentemente travara, com eles não os predispunha à indulgência.

Na manhã do dia seguinte, porém, quando se procedeu ao render da guarda, a nova, guarnição deixou de ter razões para o tratar da mesma maneira. Com efeito, esse homem corpulento de cafetã de mujique já não era aos olhos, deles aquele que tivera a mão leve para o salteador e para os soldados da patrulha e falara em tom solene de uma criança salva das chamas. Para eles era apenas o décimo sétimo prisioneiro russo às ordens do alto comando. Só o que o distinguia dos outros era o seu porte altivo, o seu ar meditativo e o facto de falar francês com extraordinária felicidade. Mas nesse mesmo dia Pedro foi encarcerado à mistura com outros suspeitos, pois o quarto particular onde ele estivera fora requisitado para um oficial.

Todos os russos que tinham sido detidos aquando ele pertenciam à mais baixa condição. E, reconhecendo que Pedro era um senhor, todos eles o mantinham à margem, tanto mais que falava francês, Pedro percebeu com desgosto que troçavam dele.

Na noite do dia seguinte veio a saber que todos os prisioneiros, e ele também naturalmente, iam ser julgados sob a acusação de incendiários. No terceiro dia levaram-no com os outros à presença de um general de bigode branco, dois coronéis e outros franceses de braçadeiras claras. Interrogaram-nos com a nitidez e a precisão de quem se considera superior a todas as fraquezas humanas, atitude habitual nos interrogatórios de prisioneiros. Perguntaram-lhes quem eram, onde estavam e com que intenções...

Todas estas perguntas, que deixavam de lado, sistematicamente, a essência do caso e tornavam desde logo impossível o esclarecimento do que mais importava, como acontece a todas as perguntas que se formulam nos tribunais, não tinham por fim outra coisa senão orientar as respostas dos acusados no sentido requerido, isto é, da sua culpabilidade. Sempre que o prisioneiro queria dizer qualquer coisa de pouco favorável à acusação, tratavam logo de desviar as suas palavras para o ponto desejado. Além disso dava-se com Pedro o que se costuma dar com todos os acusados onde quer que estejam: ignorava o objectivo daqueles interrogatórios. Supunha que só por indulgência ou cortesia adoptavam semelhante procedimento para com ele. Compreendia estar nas mãos daquela gente, que só a força ali o levara e só a força os fazia exigir respostas às suas perguntas e que aquela assembleia apenas se reunia para o inculpar. Perante tal situação, dizia de si para consigo, era inútil usar de astúcia. Todas as respostas que desse apenas serviriam para o incriminar. Perguntaram-lhe o que fazia quando fora preso: respondeu, com entono trágico, que levava aos país uma criança que ele salvara das chamas. A pergunta: «Porque jogava à pancada com um soldado?» respondeu que «defendia uma mulher, e que todo o homem honesto tinha o dever de defender uma mulher atacada, que...» Assim que isto disse, porém, mandaram-no calar: que não tinha nada a ver com o assunto. Que fazia ele no pátio da casa incendiada, onde fora visto por testemunhas? Replicou que «tinha ido ver o que se passava na cidade». Interromperam- no de novo. Não lhe perguntavam onde ia, mas porque se encontrava no local do fogo. E repetiram-lhe a primeira pergunta acerca da sua identidade. à qual não quisera responder. Pela segunda vez replicou que não podia responder a essa pergunta.

- Escrivão, tome nota. O seu caso é grave, muito grave mesmo - disse em tom severo o general de bigode branco e rosto corado.

No quarto dia após a prisão de Pedro, os incêndios principiaram na muralha de Zubovo.

Conduziram-no com mais treze detidos a Krimski Brod e meteram-nos na cocheira de um comerciante. Ao atravessar as ruas sentiu-se sufocado pelo fumo, que parecia espalhar-se agora pela cidade inteira. Viam-se chamas por todos os lados. Ainda então não

compreendia todo o significado do desastre e o espectáculo enchia-o de pavor.

Passou quatro dias nesse barracão, e pelo que diziam os soldados franceses soube que se aguardava de um momento para o outro a decisão do marechal sobre o destino dos detidos. Não lhe foi possível compreender todavia de que marechal se tratava.

Para aqueles soldados o nome de marechal representava o escalão supremo da autoridade.

Os dias que precederam 8 de Setembro, data em que os prisioneiros voltaram a ser interrogados, foram os mais penosos para Pedro.

Capítulo X

No dia 8 de Setembro, por conseguinte, um oficial superior, a avaliar pelas honras que a guarda lhe dispensou, veio visitar os prisioneiros. Este oficial, que pertencia sem dúvida ao estado-maior, procedeu, de lista em punho, à chamada dos russos, designando Pedro por aquele que não revela o seu nome». E depois de lhes lançar um olhar indiferente, ordenou ao oficial da escolta que os mandasse vestir convenientemente para se apresentarem diante do marechal. Uma hora mais tarde chegou a escolta, que conduziu Pedro e os companheiros ao campo Deviche. Depois da chuva que caíra, o dia estava claro e cheio de sol, e o ar extraordinariamente puro. O fumo não se conservava rente ao chão como no dia em que os haviam levado do corpo da guarda das muralhas de Zubovo; subia direito no ar sereno. Não se viam agora labaredas, mas de todos os lados se erguiam colunas de fumo, e Moscovo, de ponta a ponta, pelo menos quanto a Pedro era dado ver, estava reduzida a escombros.

Por toda a parte eram áreas devastadas, ruínas, muros enegrecidos no alto dos quais ainda se mantinham de pé as chaminés. Por mais que procurasse identificar essas ruínas, Pedro não conseguia descobrir o bairro em que estava. Aqui e ali havia igrejas intactas.

O Kremlin, que não fora atingido, alvejava, na distancia, com a suas torres e a igreja de Ivã, o Grande. Nas suas imediações brilhava a cúpula do Mosteiro Novodeviche, cujos sinos repicavam com particular sonoridade. Esses sinos fizeram lembrar a Pedro que era domingo e dia da Natividade da Virgem, mas parecia não haver ninguém para celebrar a festa. Tudo estava em ruínas. De vez em quando encontravam alguns russos esfarrapados e temerosos que se escondiam ao verem os franceses.

Era evidente que o ninho russo fora destruído e disperso, mas Pedro sentia inconscientemente que, destruída a ordem da vida russa, se estabelecera um regime muito diferente, particularmente severo, o regime francês. Disso se apercebia ao ver o aspecto alegre e marcial dos militares que o escoltavam, a ele e aos outros detidos, assim como o alto funcionário francês que caminhava ao encontro deles, numa carruagem tirada por dois cavalos e guiada por um soldado. E também se apercebia disso mesmo ao ouvir os alegres compassos de uma banda regimental que chegavam até ele vindos do lado esquerdo da esplanada. Compreendeu-o e sentiu-o sobretudo nessa mesma manhã quando o oficial veio

fazer a chamada dos prisioneiros. Fora capturado por simples soldados, fora baldeado de um lado para o outro, de cambulhada com dezenas de outros indivíduos. Podia ter pensado que iam esquecê-lo, confundi-lo com os outros. Mas não: as suas respostas no interrogatório pegavam-se-lhe ao corpo, «aquele que não revela o seu nome». E sob essa designação, que o assustava agora, o levavam não sabia para onde, embora lesse na cara dos guardas saberem-no eles muitíssimo bem, eles que os conduziam onde era mister. Sentia-se como o grão de pó que cai na engrenagem de uma máquina desconhecida, mas que trabalha maravilhosamente.

Conduziram Pedro e os seus companheiros ao campo Deviche, não longe o mosteiro, a uma grande casa branca cercada de extensos jardins. Era a casa, do príncipe Chteherbatov, que Pedro costumava frequentar, e onde residia, veio a sabê-lo pelos soldados, o marechal príncipe de Eckmühl.

Foram levados até ao alpendre e introduziram-nos dentro de casa um por um. Pedro foi o sexto a entrar. Através da galeria envidraçada, do vestíbulo e da antecâmara, que Pedro conhecia muitíssimo bem, fizeram-nos entrar num longo gabinete de tecto baixo à porta do qual havia um ajudante-de-campo.

Davout estava sentado na extremidade da sala, os óculos acavalados no nariz. Pedro aproximou-se. De olhos pousados no papel que procurava decifrar. Davout, perguntou em voz baixa: Quem sois?

Pedro ficou calado, pois sentia-se incapaz de articular palavra. A seus olhos, Davout não era apenas um general francês, mas um homem de conhecida crueldade. Ao ver aquele rosto frio em que havia qualquer coisa da expressão de um pedagogo severo que condescende em esperar um instante pela resposta pedida. Pedro disse de si para consigo que cada segundo de hesitação que mostrasse lhe poderia custar a vida: e no entanto não sabia que dizer. Repetir o que dissera quando do primeiro interrogatório parecia-lhe inútil: revelar o seu nome e a sua situação não só seria perigoso mas vergonhoso. Ficou calado. Sem lhe dar tempo, porém, a que ele tomasse uma decisão, Davout ergueu a cabeça, puxou os óculos para a testa e piscou os olhos, fixando Pedro atentamente.

- Conheço este homem - disse ele, num tom frio e monótono, evidentemente para o assustar.

Pedro sentiu que uma tenaz lhe apertava a testa.

- *Meu general, não me pode conhecer, eu nunca o vi...*

- *É um espião russo* - interrompeu Davout, dirigindo-se a outro general que estava presente e Pedro não vira.

E Davout virou-lhe as costas. Pedro, subitamente, pôs-se a falar em voz trémula.

- *Não, monsenhor* - disse ele, lembrando-se, de repente, que Davout era príncipe. - *Não, monsenhor, não me pode conhecer. Sou um oficial miliciano e nunca saí de Moscovo.*

- *Como se chama?* - repetiu o marechal.

- Besouhoff.

- *Que é que me prova que não está a mentir?*

- *Monsenhor!* - exclamou Pedro, numa voz mais súplice que ofendida.

Davout ergueu os olhos e olhou-o fixamente. Assim estiveram a olhar-se um ao outro durante alguns instantes. Eis a salvação de Pedro. Aqueles olhares, que esqueciam a situação respectiva de dois inimigos, juiz e acusado, estabeleceram entre eles relações simplesmente humanas. Ambos, naquele instante, sentiram, confusamente, muitas coisas, compreendendo que tanto um como outro eram feitos da mesma humanidade, dois irmãos.

Na altura em que Davout ergueu a cabeça de cima da sua lista, onde os seres humanos e o seu destino não eram mais do que números, Pedro, para ele, era apenas um incidente sem importância.

Sem receio de sobrecarregar a sua consciência com qualquer má acção, tê-lo-ia mandado fuzilar. Agora, porém, via nele um homem. Ficou um breve instante a reflectir.

- Como me prova a verdade do que me está a dizer? - disse ele friamente.

Pedro lembrou-se de Ramballe e citou o regimento deste, o seu nome e a rua onde ele vivia.

- *O senhor não é o que diz ser* - repetiu Davout.

Pedro, numa voz trémula e entrecortada, apresentou as provas do que afirmava.

Nesta altura o ajudante-de-campo entrou na sala e comunicou qualquer coisa ao seu superior.

Este pareceu sentir-se muito contente com a notícia e pôs-se a abotoar o dólman para sair. Dir-se-ia ter esquecido Pedro por completo.

O ajudante-de-campo, contudo, lembrou-lhe o prisioneiro que ele interrogava. Davout franziu o sobrolho, acenou com a cabeça na sua direcção e deu ordem para o levarem dali. Mas para onde? Eis o que Pedro ignorava. Levá-lo-iam para o barracão ou para o local do suplício do campo Deviche, que lhe tinham mostrado?

Voltou a cabeça e viu o ajudante-de-campo que interrogava o marechal.

- *Sim... sem dúvida!* - replicou este. De que se tratava? Não sabia.

Não foi capaz de saber, mais tarde, por quanto tempo havia caminhado e para onde o tinham levado. Num estado de completa, inconsciência, sem se dar conta do que se passava à sua roda, caminhou, caminhou, detendo-se quando os outros se detinham. Um único pensamento o preocupava no fim de contas, quem o condenara à morte? Não, com

certeza, aqueles que o haviam interrogado: nenhum deles o teria feito nem o desejaria fazer. Tão-pouco Davout, que o olhara com tanta humanidade. Um pouco mais e Davout teria reconhecido estarem enganados a seu respeito, A chegada do ajudante-de-campo o impedira disso. Naturalmente esse oficial não procedera de má-fé, mas teria sido preferível que não aparecesse. Quem pois o queria supliciar, acabar-lhe com a vida, a ele, Pedro, com todas as suas recordações, os seus desejos, as suas esperanças, os seus pensamentos? Quem? E concluía que afinal ninguém.

Se havia um culpado, era a ordem estabelecida, e essa ordem roubava-lhe a vida, aniquilava-o.

Capítulo XI

Da casa, do príncipe Chtcherbatov, os prisioneiros foram conduzidos directamente, através do campo Deviche. à esquerda do Mosteiro Dievitchi, e fizeram-nos entrar num pomar onde estava erguido um poste. Na retaguarda deste havia um grande fosso, ladeado de um monte de terra recentemente removida, e em volta dele, em semicírculo, grande multidão. Os russos eram poucos, e grande o número de soldados de Napoleão: alemães, italianos e franceses envergando os fardamentos mais variados. A direita e à esquerda do poste formava um destacamento de franceses, de arma ao ombro, capotes azuis, charlateiras vermelhas, polainas e barretinas.

Os condenados foram colocados em filas pela ordem em que figuravam na lista, na qual Pedro era o sexto, e conduziram-nos até junto do poste. De súbito ouviu-se o rufar de tambores em vários pontos. Ao ouvi-los, Pedro sentiu, por assim dizer, que a alma se lhe separava do corpo. Perdeu toda a capacidade de pensar e de se recordar. Apenas podia ver e ouvir. E só tinha um desejo: que aquela coisa horrível acabasse o mais depressa possível. Pousou os olhos nos seus companheiros.

Os dois da extremidade eram presidiários e tinham a cabeça rapada: um, grande e magricela, o outro, moreno, peludo, musculoso e de nariz achatado. O terceiro era um criado dos seus quarenta e cinco anos, de cabelo grisalho, corpulento e bem tratado. O quarto, um mujique, belo rapaz, de barba ruiva, em forma de leque, e olhos pretos, O quinto, um operário fabril, rapazola amarelento e delgado, dos seus dezoito anos, que vestia um guarda-pó.

Pedro ouviu os franceses discutir entre si se deviam fuzila-los individualmente ou dois a dois. «Dois a dois», respondeu, friamente, o oficial que comandava a força. Houve agitação nas fileiras dos soldados e todos se deram pressa. Não era a pressa de alguém que quer realizar uma tarefa de bom grado aceite por todos, mas a pressa em dar por findo um trabalho necessário, embora desagradável e repugnante.

Um funcionário francês, de braçadeira, aproximou-se pela direita das filas dos condenados e leu as sentenças em russo e francês. Em seguida, quatro soldados, dois a dois, a um sinal do oficial, tomaram conta dos penitenciários da extremidade. Estes marcharam direitos ao poste, pararam e, enquanto lhes preparavam os sacos para lhes

enfiar na cabeça, olharam à sua volta em silêncio como a fera cercada pelos caçadores que a vão abater.

Um deles persignava-se e voltava a persignar-se, o outro coçava as costas, esboçando um movimento de lábios em que havia como que um sorriso. Os soldados, rapidamente, vendaram-lhes os olhos, enfiaram-lhes os sacos pela cabeça e amarraram-nos ao poste.

Doze atiradores saíram das fileiras, em passo firme e cadenciado, e alinharam a uns oito passos do poste. Pedro virou a cara para não ver o que ia passar-se. De súbito soaram as detonações, que lhe pareceram mais estrondosas que os mais medonhos trovões, e de novo voltou a cara. Havia fumo no ar, e os franceses, pálidos e de mãos trémulas, faziam fosse o que fosse em volta do fosso. Os dois condenados seguintes foram levados também. Exactamente como os primeiros, e com os mesmos olhos, fitaram o público, como se não compreendessem nem pudessem acreditar no que lhes estava a acontecer. Impossível. Só eles sabiam o preço que a existência tinha para eles e não podiam compreender nem acreditar que lhes tirassem a sua única vida.

Pedro, para não ver, voltou de novo a cara e uma nova e tremenda detonação lhe soou aos ouvidos. No mesmo instante subiu no ar o mesmo fumozinho, o sangue espalhou-se no chão, e os franceses, de rostos pálidos e assustados, agitaram-se em volta do poste, empurrando-se uns aos outros com mãos trémulas. Pedro, com um grande suspiro, olhou em roda de si, como se perguntasse o que significava tudo aquilo. E a mesma pergunta se lia em todos os olhos que os de Pedro interrogavam.

Em todos os rostos, dos russos, dos soldados franceses, dos oficiais, em todos, sem excepção, encontrava o mesmo pavor, o mesmo horror, e também os mesmos sinais da luta travada em seus corações: «Quem foi, realmente? Todos sofrem o que estou a sofrer. Quem? Quem?» E esses pensamentos perpassaram-lhe pelo espírito como um relâmpago.

«Atiradores do 36º, em frente!», gritou uma voz.

Levaram o quinto prisioneiro, só esse, aquele que estava ao lado de Pedro. Mas não compreendeu logo que estava salvo, que tanto ele como os outros apenas ali tinham sido levados para assistir à execução. Cada vez era maior nele o sentimento de horror. Não sentia nem alegria nem apaziguamento. O quinto condenado era o operário fabril de guarda-pó. Assim que lhe puseram as mãos em cima, deu um salto e agarrou-se a Pedro, que, estremecendo, horrorizado, procurou desembaraçar-se dele. Não era capaz de dar um passo. Arrastaram-no pelas axilas enquanto ele gritava, Ao chegar ao poste, calou-se subitamente. Só agora parecia compreender. Teria percebido ser inútil gritar ou pensaria não ser possível que o fossem matar? E ali estava diante do poste, de pé, aguardando que lhe vendassem os olhos, como aos outros, e, como eles, parecia o mesmo animal ferido

olhando à, sua roda com olhos alucinados.

Pedro sentia não ser capaz de voltar de novo a cabeça e fechar os olhos. Atingira o auge da curiosidade e da emoção, como todos os presentes, perante aquele quinto fuzilamento. E também aquele condenado, como os demais, parecia finalmente calmo: embrulhava-se no guarda-pó enquanto esfregava um no outro os pés descalços.

Quando lhe vendaram os olhos, ele próprio ajeitou na, nuca o nó que o magoava e quando, em seguida, o amarraram ao poste ensanguentado, inclinou-se para trás, mas como essa posição tosse incómoda, voltou a endireitar-se e, de pés juntos, dócil, pôs-se no lugar conveniente. Pedro, de olhos fitos nele, seguia-lhe os mais pequenos movimentos,

Ouviu-se, naturalmente, a voz de fogo e os oito tiros soaram sem dúvida ao mesmo tempo. Mas, por mais que Pedro o tentasse recordar depois, não se lembrava de ter ouvido qualquer detonação Apenas viu o rapaz escorregar, de súbito desamparado, no meio das cordas que o prendiam. Sangue lhe apareceu em dois pontos, as cordas bambearam sob o peso do corpo e o fuzilado, a cabeça exageradamente pendida para diante, as pernas flectidas, sentou-se no chão. Pedro correu para ele. Ninguém o reteve. Em volta do cadáver moviam-se vultos pálidos e assustados. O queixo de um velho soldado de grandes bigodes que desatava as cordas estremecia convulsivamente. O corpo caiu. Os soldados, apressados, arrastaram-no para além do poste e jogaram-no na fossa.

Dir-se-ia que todos se sentiam criminosos e que só queriam fazer desaparecer o mais depressa possível os vestígios do seu crime.

Pedro olhou para o fundo do fosso e viu lá dentro o condenado, os joelhos ao pé da cabeça e um ombro mais alto do que e outro. Este ombro, em movimentos nervosos, baixava e subia regularmente. Mas as pazadas de terra principiavam já a cobrir o corpo. Um soldado, exasperado, gritou a Pedro que se afastasse. Este, sem perceber, continuou onde estava e ali ficou.

Assim que o fosso ficou coberto de terra, soou uma voz de comando. Pedro foi reconduzido ao seu lugar e o destacamento francês formado aos lados do poste fez meia volta e desfilou, marcando passo. Os vinte e quatro atiradores que tinham feito fogo iam-se incorporando nas fileiras à medida que o destacamento passava diante deles.

Pedro olhava agora sem ver os soldados que passavam diante dele dois a dois. Todos, menos um, reentraram nas suas companhias. Um soldado, muito novo, pálido como um morto, barretina atirada para a nuca, a espingarda voltada para o solo, continuava de pé diante do fosso no sítio onde fizera fogo. Cambaleando como um ébrio, dava um passo em frente, outro à retaguarda, para, se, manter de pé. Um velho sargento saiu das fileiras, pousou-lhe as mãos nos ombros e arrastou-o à força para o seu lugar, A multidão ia

dispersando.

Todos caminhavam de cabeça baixa, sem dizer palavra.

- *Isto os ensinará a deitar fogos!* - exclamou um dos franceses.

Pedro olhou para o soldado que falara: era alguém que tentava desculpar o que se consumara. Sem concluir a frase, teve um gesto de indiferença e seguiu o seu caminho.

Capítulo XII

Depois da execução separaram Pedro dos outros e deixaram-no só numa igrejinha saqueada e em ruínas.

Pela noite, o sargento da guarda penetrou na igreja acompanhado de dois soldados e comunicou-lhe que fora indultado e que transitaria dai para o futuro para o barracão dos prisioneiros de guerra, Sem perceber o que lhe diziam, levantou-se e seguiu os soldados. Conduziram-no à parte superior da esplanada, a uns barracões de pranchas e vigas queimadas e meteram-no num deles. Na obscuridade pode distinguir uns vinte homens. Olhou-os sem compreender quem eram e o que estavam ali a fazer. Percebia as palavras que diziam sem poder deduzir delas qualquer sentido. Nem sequer lhes compreendia o significado. Respondia as perguntas sem a mais pequena ideia de quem poderia ser que lhe falava e da maneira como compreenderia as respostas. Via diante de si figuras e corpos e tudo parecia não ter para ele o mais ligeiro significado.

Desde o momento em que assistira àquela terrível chacina executada por quem a levara a cabo sem vontade própria, dir-se-ia que na sua alma deixara de funcionar subitamente essa mola que tudo aguenta e dá vida ao conjunto. Tudo nele parecia desmoronado e um monte informe de ferro-velho. Nele, sem que se desse conta, extinguira-se a fé na harmonia do universo, na alma humana, na sua própria alma e até em Deus. Já passara por esse mesmo estado outrora, mas nunca sentira como agora os efeitos dessa crise. Até então, quando diante de uma dúvida, era ele próprio, por sua culpa, o causador dela, Então sen(ia, no fundo da sua alma, que a salvação lhe viria dos seus próprios excessos e das suas mesmas dúvidas, Agora dava-se conta de que, sem que ele tivesse culpa, o mundo se desmoronava diante dos seus olhos e que dele não restavam mais que absurdas ruínas. Sentia não estar nas suas mãos recuperar a fé na vida.

Distinguia, no meio da obscuridade, em volta de si, vultos que pareciam interessados na sua pessoa. Contavam-lhe coisas várias, faziam-lhe perguntas: depois levaram-no dali e encontrou-se num recanto do barracão, ao lado de indivíduos que se interpelavam mutuamente de várias direcções, rindo.

- Ora aí está ele, rapazes... esse príncipe «que» exclamou uma voz, no recanto oposto, pondo intenção particular na maneira como pronunciara aquele «que».

Calado e imóvel, Pedro, sentado na palha, encostado ao tapume, ora abria ora fechava os olhos. Quando os fechava, revia o rosto terrível do pobre operário fabril, cuja simplicidade o tornava ainda mais pavoroso, e revia também as caras, ainda mais terríveis no seu pavor, dos assassinos obrigados. Depois tornava a abri-los e olhava em volta de si, no meio da obscuridade, com um ar estúpido.

A seu lado, debruçado para ele, estava sentado um homenzinho cuja presença notara desde o primeiro instante graças ao cheiro a suor que dele se desprendia ao mais simples movimento.

Esse homem cuidava dos pés no meio das trevas, e embora Pedro lhe não visse a cara sentia-lhe os olhos pousados nele. Tentando ver através da obscuridade, percebeu que procurava descalçar-se. E a maneira como o fazia intrigava Pedro.

Depois de ter desatado os trapos que envolviam uma das pernas, imediatamente tratou da outra, sempre a olhar para Pedro. Enquanto com uma das mãos pendurava num prego os trapos, ia desfazendo os outros com a outra mão. Depois de se ter descalçado, também com toda a cautela, em movimentos regulares, pacientes, sem pressa, dependurou as botas numa escápula que lhe ficava por cima da cabeça, puxou de uma navalha, cortou qualquer coisa, voltou a fechá-la, e depois de se sentar mais comodamente abraçou os joelhos com as mãos e fitou Pedro com insistência. Uma agradável sensação de apaziguamento e de doçura se apoderava de Pedro observando os movimentos regulares daquele homem metódico ali no seu canto; até o cheiro que dele emanava lhe não era desagradável e ele próprio se pôs a olhá-lo também obstinada mente.

- Tem visto muita coisa na sua vida, cavalheiro? Hem? - exclamou, de súbito, o homenzinho.

Na voz cantante daquele homem havia tal inflexão de carinho e simplicidade que Pedro, ao querer responder-lhe, sentiu que lhe tremia o queixo e que as lágrimas lhe subiam aos olhos.

O homenzinho, sem lhe dar tempo a que se deixasse ganhar pela comoção, prosseguiu no mesmo tom:

- Não te aflijas, meu falcãozinho - disse nessa voz terna e acariciadora tão própria das velhas russas. - Não te aflijas, meu amigo; depois de uma hora de sofrimento, temos a vida inteira para viver, É o que te digo, meu amigo. E graças a Deus ainda estamos vivos e de boa saúde, Também eles são homens, uns bons e outros maus... - E, dizendo isto, inclinou-se para diante, num movimento ágil, levantou-se, tossindo, e afastou-se um pouco.

- Eh!, patife! Estás aí outra vez! - exclamou a mesma voz agradável na outra extremidade do barracão. - Estás aí outra patife! Lembras-te de mim? Bom, bom, basta.

Enxotando um cachorrinho que pulava à roda dele o soldado voltou para o seu lugar e sentou-se de novo. Trazia qualquer coisa embrulhada num trapo,

- Toma, come - disse, ele de novo em tom respeitoso. Tirou trapo batatas cozidas e ofereceu-as a Pedro. - Ao jantar houve sopa. Mas batatas, nem falar nisso!

Pedro não comera durante todo o dia e o cheiro das batatas pareceu-lhe agradável. Agradecendo ao soldado, pôs-se a comer.

- Assim, uma por uma - interveio este, sorrindo, pegando numa das batatas. - Assim é que é.

De novo puxou da navalha, cortou a batata, na palma da não, em duas partes iguais, salpicou-a de sal que tinha dentro do trapo e apresentou-a a Pedro.

- Batatas de primeira qualidade! - repetiu ele. - Come-as assim. - Dir-se-ia que, Pedro nunca em sua vida comera coisa tão boa.

Para mim tanto se me dá - murmurou Pedro. - Mas porque fuzilaram eles aqueles desgraçados? - O último ainda não tinha vinte anos.

- Chiu!... Chiu!... Não diga isso, não diga isso - deu-se pressa em responder o homenzinho, e, como se as palavras lhe viessem por si mesmas à boca e sem que ele desse por isso, continuou:

- Porque ficou o senhor em Moscovo?

- Não pensei que eles chegassem tão depressa. Foi por acaso E assim apanharam-no em casa?

- Não, saí para ver o fogo e foi então que eles me deitaram a mão e me julgaram como incendiário.

- Onde há justiça há injustiça - comentou o homenzinho.

- E tu, tu estás aqui há muito tempo? - interrogou Pedro, que acabara de comer a sua última batata.

- Eu? No domingo apanharam-me no hospital de Moscovo.

- És soldado?

- Do regimento de Apcheron. Estava a morrer de febre. Nada nos disseram. Éramos vinte ao todo. Nunca teríamos pensado.

- E aborreces-te aqui?

- Como não hei-de eu aborrecer-me, meu falcão? Cá por mim, chamo-me Platão e sou de Karataiev. - Acrescentou, para que a conversa corresse mais fácil para Pedro. - Na tropa chamavam-me Falcãozinho. Ah. Dois não me havia de aborrecer? Moscovo é a mãe das cidades. Pois não hei-de estar triste com tudo isto? Sim, mas a lagarta come a couve e morre também. Os velhos têm razão - continuou, mudando de assunto.

- Quê? Que disseste tu? - perguntou Pedro.

- Eu? Eu disse que homem põe e Deus dispõe - voltou, supondo repetir o provérbio que dissera antes. E prosseguiu: - E o senhor, o senhor, naturalmente, tem bens, tem casa? E a despensa sempre a abarrotar. E uma boa dona de casa? E os pais ainda vivos?

Embora Pedro, na obscuridade, não lhe pudesse ver a cara, sentia que os lábios do soldado, ao dizerem estas coisas carinhosas, esboçavam um sorriso cortês. E grande foi a sua aflição quando Pedro lhe disse que não tinha parentes, especialmente que não tinha mãe.

- A mulher, para dar conselhos; a sogra, para bem nos acolher, mas não que chegue à mãe. E tens filhos? - prosseguiu ele.

A resposta negativa de Pedro, condoeu-se igualmente e apressou-se a acrescentar:

- Ora, ora! Ainda és novo. Ainda podes ter filhos, graças a Deus! Desde que uma pessoa viva em paz...

- Oh, agora é-me indiferente! - disse Pedro, por dizer, sem dar por isso.

- Eh, meu homem! - replicou o soldado. - A miséria e à prisão todos irão.

Aninhou-se melhor, tossicou, dispondo-se, era bem de ver, para uma longa história.

- Sim, meu velho, também eu vivia na minha casa - principiou. - Vivíamos numa rica propriedade, tínhamos muita terra nossa, os camponeses viviam folgados e nós também, graças a Deus. A colheita rendia sete por uma. Vivíamos bem. Éramos tementes a Deus. E até que um dia...

E Platão Karataiev encetou uma história compridíssima: fora apanhar lenha à floresta vizinha, o guarda deitara-lhe a mão, fora vergastado, julgado e mandaram-no assentar praça.

- E que julgas, meu falcãozinho - prosseguiu, num tom em que se adivinhava o sorriso -, julgas que foi uma desgraça? Nada disso, tanto melhor assim! Se me não tivessem apanhado a mim, ao meu irmão competia assentar praça. E o meu irmão mais novo tinha cinco filhos à sua conta, enquanto que eu, eu, por mim, apenas deixei a mulher em casa. A filhinha que eu tive, Deus ma levou antes de assentar praça. Uma vez voltei a casa, de licença, é como te digo. Que vejo eu? Que todos viviam mais folgados do que antes: as capoeiras cheias de criação, as mulheres na lida da casa, os dois irmãos a ganhar a vida lá por fora. Só o Mikaila, o mais novo, estava em casa. E o pai volta-se para mim e diz-me: «Para mim, todos os filhos são iguais. Seja qual for o dedo que mordas, faz-te sempre doer. Se não te tivessem levado para a tropa a ti, Platão, tinham levado o Mikaila.» Chamou-nos a todos e mandou-nos pôr diante dos ícones. «Mikaila», disse ele, «chega-te aqui, roja-te aí no chão, e tu, mulher, faz o mesmo, e vocês, gente miúda, também. Perceberam?» E aqui tem,

meu velho. O destino é que manda e nós passamos a vida a dar sentenças: não está certo, não é assim que deve ser. A nossa felicidade, meu amigo, é como a água nas redes do pescador. Se puxamos por elas, as redes incham, mas quando as tiramos de dentro da água já estão vazias. É assim mesmo.

E Platão enterrou-se na sua palha.

Após alguns instantes de silêncio, voltou a soerguer-se.

- Quer-me parecer que estás com vontade de dormir - disse ele, e pôs-se a benzer-se precipitadamente, murmurando:

- Senhor Jesus Cristo, Santos Nicolau, Frol e Laura! Senhor Jesus Cristo, Santos Nicolau, Frol e Laura! Senhor Jesus Cristo, tem piedade de nós e salva-nos! - Finda a sua oração, prosternou-se no chão, voltou a erguer-se, suspirou e sentou-se na palha. - Faz com que durmamos como uma pedra, o Deus, e que acordemos como um calatch - murmurou ainda. Depois deitou-se, cobrindo-se com o capote.

- Que oração é essa? - perguntou Pedro.

- Que dizes? - retrucou Platão, que estava quase a dormir.

- Que foi que eu rezei? Rezei a Deus. E tu, tu não rezas?

- Rezo, sim, também rezo - volveu Pedro. - Mas que é isso de Frol e de Laura?

- Hem? São os patronos dos cavalos - respondeu ele. - Também devemos ter piedade dos animais. Eh, patife! Enroscou-se todo. Está quentinha, a filha de uma cadela! - acrescentou, passando a mão pelo lombo da cadelita deitada em cima das suas pernas: depois voltou-se para o outro lado e adormeceu instantaneamente.

Lá fora, na distância, ouviam-se gritos e queixas e através das fendas das tábuas do barracão via-se luz. Lá dentro, porém, reinavam as trevas e a serenidade. Levou tempo antes que Pedro pudesse conciliar o sono e ali esteve estendido na palha, no meio das trevas, os olhos muito abertos, a ouvir o ressonar de Platão, deitado perto dele. Sentia que o mundo moral que se desmoronara na sua alma se ia reedificando, pouco a pouco, mais belo, e sobre alicerces novos e inalteráveis.

Capítulo XIII

No barracão onde estava Pedro, e onde passou quatro semanas, havia, entre os vinte e três prisioneiros, três oficiais e dois funcionários.

De toda essa gente apenas lhe ficou na memória uma pálida lembrança, mas a figura de Platão Karataiev gravou-se-lhe nela para sempre, como a recordação mais viva e mais querida, como a personificação do que há de melhor e de mais são no povo russo. Quando no dia seguinte de madrugada lhe foi dado ver o rosto do seu vizinho, a impressão que tivera dos seus gestos envolventes confirmou-se. Com efeito, no seu capote de soldado francês cingido por uma corda, com o seu barrete e os seus laptis, todo ele era reboludo. Tinha a cabeça redonda como uma bola; redondos eram também o seu dorso, o seu peito, os seus ombros e até os seus braços, que ele mantinha sempre numa postura envolvente, corao para acariciar alguém. E até o seu sorriso e os seus grandes olhos castanhos e ternos eram redondos.

Devia ter os seus cinquenta anos, a ajuizar pelas campanhas em que tomara parte jutrora como soldado. Mas ele próprio não saberia nem poderia uízer que idade tinha. Porém os seus dentes fortes, de uma brancuna esplendorosa, que mostrava, alinhados, quando ria, e ria a cada passo, eram sãos e intactos, Não havia um fio branco na sua barba e nos seus cabelos, e o seu corpo era elástico e sobretudo forte e resistente.

Apesar de algumas rugas, no seu rosto havia inocência e mocidade. Tinha uma voz agradável e cantante. Uma das suas particularidades quando falava era a espontaneidade e a precipitação. Parecia não pensar nem no que dizia nem no que ia dizer, e esta presteza, a verdade das suas entoaçIes, conferiam-lhe um penetrante dom de persuasão.

Tais eram a sua resistência física e a sua vivacidade nos primeiros tempos de cativeiro que a doença e a fadiga nada queriam com ele. Todos os dias, de manhã e à noite, dizia: «Faz com que durmamos como uma pedra. Senhor, e que nos levantemos como um calatch.» De manhã, ao erguer-se, tinha sempre o mesmo movimento de ombros e dizia: «Quando nos deitamos, pomo-nos redondos, quando nos levantamos, estenderno-nos.» E, realmente, assim que se deitava lá estava ele a dormir como uma pedra, e assim que se estendia, sem um minuto de hesitação, punha-se logo a fazer qualquer coisa, exactamente como as crianças, que mal se levantam correm para o pé dos seus brinquedos. Tudo sabia

fazer, não com perfeição, mas ainda assim nada mal. Fazia o pão, cozinhava, cosia, aplainava madeira, remendava as botas, Estava sempre ocupado e só à noite se permitia conversar, coisa de que, aliás, muito gostava, e cantar. Não o fazia como os profissionais, que se sabem escutados, mas como as aves, pois lhe era tão necessário emitir sons como estender os membros ou caminhar, e o que cantava era sempre suave, terno, quase feminino e melancólico. Enquanto cantava estava sempre muito sério.

Desde que fora feito prisioneiro deixara crescer a barba e, abandonando por assim dizer tudo que nele era de empréstimo, estranho, soldadesco, ei-lo que volta a ser o que era, um mujique, um homem do povo.

«O soldado quando está de licença puxa a camisa para fora das calças» *(Voltar a ser mujique, pois o muiique usa a camisa por fora das calças, presa com um cinto. (N. dos T.)*, costumava dizer.

Não era do seu agrado falar do seu tempo de serviço, embora não se queixasse dessa época e repetisse muitas vezes que nunca fora castigado. Preferia contar histórias dos seus antigos tempos de «cristão», como dizia, em lugar de dizer camponês. Os provérbios de que esmaltava a conversa nada tinham que ver geralmente com esses ditos jocosos e inconvenientes de que tanto gosta, a soldadesca. Eram maneiras de dizer populares que, empregadas isoladamente, não têm sentido, mas, quando ditas a propósito, trasbordam de profunda sabedoria.

Era frequente contradizer-se, embora fosse sempre acertado e que dizia. Gostava de falar, e falava bem, adornando a, sua palavra de diminutivos carinhosos ou adágios, de que ele proprio era autor, pensava Pedro. O maior encanto das suas histórias era o facto de os acontecimentos mais vulgares, que teriam passado completamente despercebidos, revestirem-se na sua boca de verdadeira grandeza, Gostava muito de ouvir as histórias, sempre as mesmas, que um soldado narrava ao serão, mas o que mais o interessava era o que se contava da vida real. Então todo ele era alegria, e metia a sua colherada, fazia a sua pergunta, procurando extrair a moral do que se dizia. Não tinha afectos nem amizades como Pedro as compreendia, mas vivia amistosamente com todos os que o rodeavam e não gostava mais deste ou daquele, em especial, mas em geral de todos na presença dos quais se encontrava. Queria ao seu cachorrinho, aos seus camaradas, aos franceses, gostava de Pedro, que era seu vizinho. Este, no entanto, percebia perfeitamente que, apesar de todas as atenções para com ele, homenagem involuntária do soldado às qualidades morais do seu companheiro, se ele partisse, não teria sofrido com a sua falta. E Pedro principiou a sentir por Karataicv os mesmos sentimentos.

Platão Karataiev, para todos os seus demais companheiros de cativeiro, era um

soldado como outro qualquer chamavam- -lhe Falcãozinho ou Platocha, gracejavam com ele sem maldade, mandavam-no fazer isto e aquilo. Aos olhos de Pedro, contudo, ele era a imagem inacessível, etcrna, do espírito de simplicidade, de franqueza e de verdade, e assim como o vira na primeira noite ele lhe ficara gravado para sempre na memória.

Platão Karataiev nada sabia de cor além da sua oração. Quando principiava a falar dir-se-ia não saber como acabaria. Quando Pedro, por vezes, maravilhado com o sentido das suas palavras, lhe pedia que repetisse o que dissera, já não era capaz de se recordar do que acabara de dizer, e por isso mesmo lhe era impossível também repetir a letra da sua canção favorita. Falava-se aí no «meu querido álamo», dizia-se «estou triste», mas não se lhe podia perceber qualquer sentido coerente. Ele próprio não compreendia e ser-lhe-ia de todo impossível compreender o que significavam os termos isolados. Cada uma das suas palavras e cada um dos seus actos era a manifestação exterior de uma força inconsciente, a sua própria vida. E esta vida, tal qual ele a considerava, não tinha para ele qualquer sentido como vida em si mesma, só a compreendia como parte de um todo que ele a cada momento sentia presente. As suas palavras, os seus actos, emanavam dele tão regular, necessária e espontàneamente como o perfume emana de uma flor. Era-lhe impossível conhecer o preço e o valor dos seus actos e das suas palavras considerados isoladamente.

Capítulo XIV

Ao saber por Nicolau que seu irmão estava em Iaroslav com w Rostov, a princesa Maria, apesar das recomendações da tia, resolveu partir imediatamente, levando consigo o sobrinho, Não quis saber se era difícil ou não, se era mesmo impossível. O seu dever não só consistia em estar junto do irmão, moribundo talvez, como fazer tudo o que estivesse nas suas mãos para lhe levar o filho. Por isso se dispôs a partir. Se o príncipe André lhe não tinha escrito, era, sem dúvida, por se encontrar em estado de fraqueza extrema, ou então porque considerava aquela longa jornada muito difícil e perigosa para ela e para o filho.

Em poucos dias se preparou para a viagem. A sua equipagem era formada pela grande berlinda do príncipe em que viera para Voroneje, e por algumas britchkas e galeras para as bagagens.

Acompanhavam-na Mademoiselle Bourienne, Nikoluchka e o seu preceptor, a velha ama, três criadas, Tikon, um criado moço e um heiduque que a tia lhe arranjara para a escolta.

Não se podia pensar em seguir a via ordinária para Moscovo. Assim, pois, tiveram de seguir por Lipetsk, Riazan, Vladimir, Chuia, muito mais longe, e caminho difícil, em virtude de se não encontrarem com facilidade estações de posta, e perigoso, mesmo, pois se dizia haver franceses já nas imediações de Riazan.

Durante todo o penoso percurso a princesa Maria foi o espanto de Mademoiselle Bourienne, de Dessales e de toda a criadagem, tão grandes a sua decisão e actividade. Era a última a deitar-se a primeira a levantar-se. Nenhuma dificuldade a fazia recuar. Graças a esta energia, grande estímulo para o moral de seus companheiros, puderam alcançar Iaroslav em duas semanas.

Os últimos dias da sua permanência em Voroneje tinham sido para a princesa Maria os mais felizes da sua vida. O seu amor por Rostov já lhe não causava tormento nem inquietação. Enchia-lhe toda a alma, era, por assim dizer, parte integrante sua e deixara de lutar. Sem que o tivesse confessado a si própria claramente, convencera-se entretanto de que era amada e de que amava. Disso tivera a certeza aquando da última entrevista com Nicolau, no dia em que ele lhe viera comunicar que o irmão estava junto dos Rostov. Nicolau não se referira à hipótese de qualquer reconciliação projectada entre Natacha e

André no caso de este melhorar, mas lera-lhe no rosto que esta eventualidade o Preocupava. No entanto, a sua maneira de ser, discreta, terna e afectuosa, não se alterara; parecia, pelo contrário, sentir-se feliz que a aliança projectada lhe permitisse exprimir mais livremente , amizade que sentia por ela e que era já amor. Assim, pelo merios, raciocinara a princesa Maria. Era a primeira e a última vez na sua vida que ela própria amava e era amada, e nesta certeza se, sentia feliz e tranquila.

A felicidade que isto lhe dava irão a impedia de sentir uma grande mágoa por causa do estado do irmão. A própria traircluilidade moral de que, gozava favorecia nela os sentimentos de tristeza que dai lhe advinham. Tão inquieta se mostrara por isso mesmo durante os primeiros momentos, à partida de Voroneje, que as pessoas que a rodeavam, ao verem a sua expressão atormentada e o desespero que se lhe pintava no rosto, se convenceram de que ela ia adoecer durante a viagem. Felizmente as próprias dificuldades e preocupações da jornada, ocupação de todos os seus momentos, salvaram-na momentaneamente da dor em que se abismava e reanimaram-lhe a energia.

Como frequentemente acontece no decurso de uma viagem assim, absorvida pelas preocupações materiais do caminho, esquecera, por assim dizer, o seu objectivo. Mas ao aproxi m arem- se de Iaroslav, e quando pôde dar-se conta de que, não dentro de dias, mas de poucas horas, nessa mesma noite, as suas apreensões iam ser confirmadas, uma grande emoção tomou conta dela,

O *heiduque,* enviado para se informar do domicílio dos Roslov em Iaroslav e do estado do príncipe André, ao reencontrar as portas da cidade a grande berlinda, que acabava de chegar, e, vendo a palidez mortal da princesa, que espreitara pela portiijhola, sentiu-se aterrado.

- Informei-me de, tudo, Excelência - disse ele. - Os Rostov vivemn na praça, na casa do comerciante Bronikov. Não fica longe, mesmo na margem do Volga.

A princesa, ao verificar que ele não respondera à principal pergunta, a que dizia respeito ao estado de seu irmão, olhou para c, criado apavorada. Mademoiselle Bourienne foi quem o interrogou em vez da princesa.

- E o príncipe? - perguntou ela.

- Sua Exclência reside na mesma casa.

«Isso quer dizer que está vivo», disse de si para consigo a princesa, e perguntou em voz baixa:

- Como está ele?

- Os criados disseram-me que está sempre na mesma.

A princesa não perguntou o que queriam eles dizer com isso e relanceando os olhos

ao pequeno Nicolau, a criança de sete anos sentada diante dela muito contente por chegar a uma cidade, baixou a vista e nessa atitude se manteve até que a pesada carruagein, rangendo, oscilando e combaleando, se deteve finalmente, os estribos foram apeados com fragor.

Abriam-se as portinholas. A esquerda estendia-se uma grande toalha de água: era o rio: à direita um alpendre. No alpendre aguardavam-na os criados e uma rapariguinha, rosada e fresca, com uma grande trança preta, que, assim o julgou a princesa Maria, lhe sorriu um pouco afectadamente: era Soma. A princesa precipitou-se na escada, e ela disse-lhe: «Por aqui, por aqui! » E viu-se, na antecâmara, na presença de uma senhora idosa de tipo oriental, que vinha ao seu encontro, muito comovida. Era a velha condessa. Tomando nos braços a princesa Maria, beijou-a na cara.

- *Minha filha* - exclamou ela. - *Estimo-a muito e conheço-a há muito tempo.*

Apesar da emoção que sentia, a princesa Maria compreendeu de quem se tratava e disse de si para consigo que era preciso corresponder àquela efusão. E, sem saber muito bem o que fazia, disse-lhe em francês algumas palavras corteses no tom em que a condessa o fizera para com ela, e perguntou-lhe:

- Ele como está?

- O médico diz que o perigo passou - respondeu a condessa, com um suspiro e os olhos no céu que pareciam desmentir as suas palavras.

- Onde está ele? Pode ver-se, pode? - perguntou a princesa. - Imediatamente, princesa, imediatamente, miniia amiga. É o filho dele? - acrescentou ao ver entrar Nikoluchka na companhia de Dessales. - Caberemos todos, a casa é grande. Oh!, que encantadora eriançal

A condessa introduziu a princesa no salão. Sónia falava com Mademoiselle Bourienne enquanto a condessa acariciava o pequeno.

O velho conde veio cumprimentar a princesa. Mudara muito desde que ela o vira pela última vez. Então era um velhinho folgazão, muito alegre, cheio de si: agora não passava de um pobre homem desorientado e digno de piedade. Enquanto falava à princesa ia olhando à sua roda, assustado, como se temesse não fazer o que devia. Arrancado aos seus hábitos pelo desastre de Moscovo e o da sua própria ruína, perdera todo o contacto com a realidade e sentia que já não tinha lugar nesta vida.

Embora a dominasse o desejo de se ver na presença do irmão um pouco desorientada por lhe tomarem tanto tempo com as delicadezas e os cumprimentos pouco sinceros de que era alvo o sobrinho, a princesa ia fazendo as suas observações sobre o que via e compreendia que era sua obrigação submeter-se, pelo menos provisoriamente, a

maneiras de agir novas para ela. Isso era necessário, era-lhe penoso, mas aceitava as consequências.

- Esta é a minha sobrinha - disse o conde, apresentando Sónia -, ainda a não conhecia, não é verdade, princesa?

A princesa Maria voltou-se para onde ela estava e, procurando dominar os sentimentos de hostilidade que sentira por essa rapariga, beijou-a. O que lhe era mais penoso era o facto de sentir que o estado de espírito dos que a rodeavam não rimava com o que se passava no seu próprio coração.

- Onde está ele? - perguntou pela segunda vez, dirigindo-se a todos.

- Está lá em baixo. Natacha está junto dele - respondeu Sónia, corando. - Foram preveni-la. Mas deve estar cansada, princesa?

Lágrimas de despeito e e impaciência assomaram aos olhos dela. Desviou a cara e dispunha-se a perguntar à condessa por onde era o caminho para o quarto do irmão, quando uns passos leves, decididos, quase alegres, se ouviram à porta. A princesa voltou a cara e viu Natacha, que tanto lhe desagradara aquando da entrevista de Moscovo.

Mas, assim que os seus olhos pousaram nela, logo compreendeu estar ali a sua sincera companheira de sofrimento e por conseguinte a sua amiga. Precipitou-se ao seu encontro, abraçou-se a ela e rompeu em soluços encostada ao seu ombro.

Assim que Natacha, à cabeceira do príncipe André, soubera da chegada de Maria, saíra do quarto sem ruído, e no seu passo rápido, nesse seu passo de ritmo alegre que surpreendeu a visitante, correu ao encontro dela.

Ao entrar no salão, o seu rosto emocionado só exprimia um sentimento, o amor, um amor sem limites por ele, por tudo que dizia respeito ao homem a quem amava, uma compaixão imensa pelos outros e um desejo apaixonado de se sacrificar. Naquele instante no seu coração não havia o mais pequeno pensamento egoísta: uma possível união com ele não lhe passava pelo espírito.

O instinto delicado de Maria levou-a a ler tudo isso na cara dela e foi com uma alegria em que se misturava sofrimento que se deixou chorar sobre o ombro de Natacha.

- Vamos, vamos ter com ele, Maria - disse Natacha, levando-a consigo para outra sala.

A princesa levantou a cabeça, enxugou as lágrimas e quis interrogá-la. Sabia que Natacha lhe diria a verdade.

- Como... - disse ela, mas interrompeu-se imediatamente. Sentia que com palavras era incapaz de Interrogar e Natacha incapaz de responder, os seus olhos, a expressão do seu rosto falavam mais claramente.

Natacha olhou para ela, mas estava cheia de ansiedade e de incerteza, Devia dizer-lhe ou não tudo o que sabia? Confusamente, sentia que na presença daqueles olhos luminosos que a penetravam até ao fundo da alma não lhe seria possível não dizer tudo, toda a verdade, tal qual a sabia. Os lábios tremerem-lhe, um rieto se lhe esboçou em torno da boca e soluçou com a cabeça nas mãos.

A princesa Maria compreendeu tudo.

No entanto, ainda tinha alguma esperança e perguntou, sem que ela própria acreditasse no que dizia:

- E como está o seu ferimento? E o seu estado geral?

- Vai ver... vai ver - foi tudo quanto Natacha pôde articular.

Ficaram alguns momentos num quarto vizinho do do príncipe para que desaparecessem os vestígios das lágrimas e pudessem chegar junto dele com o rosto sereno.

- Como tem caminhado a doença? Há muito que está assim pior? Quando aconteceu «isso»? - perguntou Maria.

Natacha contou-lhe que nos primeiros tempos o seu estado febril e as dores lhe tinham posto a vida em perigo, mas que em Troitsa melhorara e o médico nada mais receava então senão a gangrena.

Esse perigo fora evitado: em Iaroslav, no entanto, veio a produzir-se uma supuração e o médico dissera que iria seguir, provavelmente, o seu curso regular. - Natacha estava perita em termos médicos. - A febre declarara -se-lhe de novo: mas o médico dizia que não tinha gravidade.

- Finalmerite, antes de ontem - continuou Natacha, reprimindo as lágrimas- «isso» apareceu bruscamente... Não sei como. Verá com os seus olhos o estado em que ele está.

- Está mais magro? Emagreceu? - perguntou a princesa.

- Não, não é isso, é pior. Verá. Ah! Maria. é bom de mais, não pode, não pode viver neste mundo, por isso...

Capítulo XV

Quando Natacha, com um movimento habitual, abriu a porta, deixando passar na sua frente a princesa Maria, esta sentiu que os soluços a sufocavam. Conquanto estivesse preparada para o encontro, e embora fizesse tudo para estar serena, sentia que não tinha coragem de o ver sem chorar.

Compreendera o que Natacha queria dizer com as suas palavras: «Isso aconteceu-lhe antes de ontm.» Percebera que aquilo queria dizer que ele se acalmara de repente e que essa acalmia, esse desprendimento, eram prenúncios de morte. Revia, naquele momento, o pequeno André que ela ccithecera na sua infância, esse rostozinho meigo, suave, humilde, essa expressão que ele tão poucas vezes tivera depois e que tão profundamente a comovia quando voltava a encontrar-lha no rosto. De antemão sabia que ele lhe iria dizer dessas palavras serenas e ternas como o pai lhe dissera antes de morrer e que não poderia suportar isso e que romperia a chorar. Mas, como mais tarde ou mais cedo tinha de Ícontecer, resolveu entrar. Estava quase sufocada pelos soluços quando, com os seus ohos míopes, distinguiu os contornos do corpo do irmão e reconheceu os seus traços: o rosto dele estava diante de si e os seus olhos vieram pousar-se nos dela.

Estendido num canapé, amparado por duas almofadas, tinha um roupão forrado de zibelina. Estava magro e pálido. Com uma das mãos, transparente e quase descarnada, pegava num lenço, enquanto com a outra, graças a imperceptíveis movimentos dos dedos, retorcia o fino bigode, que crescera muito. Os seus olhos pousaram-se na pessoa que entrava.

Ao ver aquela fisionomia e a expressão daquele olhar, Maria moderou o passo e sentiu que as lágrimas se lhe secavam rios olhos e os soluços se lhe retinham no peito. Aquela cara, aqueles olhos, intimidaram-na de súbito e sentiu-se como culpada.

«Culpada de quê?», perguntou-se a si própria. «De que tu vivas e que penses na vida, enquanto que eu...» respondeu-lhe aquele frio e severo olhar.

Quando dirigiu lentamente os olhos para a irmã e para Natacha, no seu olhar profundo, que não olhava para fora, mas antes parecia olhar para dentro, quase havia ódio.

O príncipe beijou a irmã, passando-lhe os braços em volta do pescoço, como era seu costume.

- Bons dias, Maria, chegaste por fim? - disse numa voz tão monótona e tão estranha como o seu olhar.

Se se tivesse posto a gritar desesperadamente, teria causado menos horror à irmã que o que lhe causara com o timbre daquela voz.

- Trouxeste contigo também o Nikoluchka? - perguntou com a mesma voz monótona e lenta, fazendo um grande esforço de memória.

- Como te sentes agora? - disse Maria, surpreendida de poder fazer semelhante pergunta.

- Minha querida amiga, isso deves perguntá-lo ao médico - replicou ele, e, num esforco ainda para se mostrar amável, acrescentou apenas dos lábios (via-se que não pensava no que dizia):

- Muito obrigada, querida amiga, por ter vindo.

A princesa Maria apertou-lhe a mão. Essa pressão fê-lo franzir as sobrancelhas imperceptivelmente. Calara-se e ela própria não sabia que dizer. E então compreendeu o que acontecera a André havia dois dias. Nas suas palavras, no tom da sua voz, sobretudo naquele frio olhar, quase hostil, adivinhava-se esse desprendimento de todas as coisas deste mundo tão terrível para quem está vivo. Parecia já nada compreender do inundo dos vivos, e não porque as suas capacidades intelectuais tivessem enfraquecido, mas porque o seu pensamento estava noutro lado, num mundo que não compreendem nem podem compreender os vivos e que por isso mesmo deles o afastava.

- Ah! Que estranho foi connosco o destino! - disse ele, rompendo o silêncio e apontando para Natacha: - Está a tratar-me, como vês.

A princesa Maria ouvia-o, mas sem compreender o que ele dizia. Como podia ele, esse André, tão delicado, tão terno, falar assim na presença daquela a quem amava e que o amava? Se ele tivesse pensado que poderia vir a curar-se não falaria com aquela frieza, aquele tom quase ofensivo. Se ele não soubesse que ia morrer, não teria tido piedade dela? Teria podido exprimir-se assim? A única explicação é que tudo se lhe tornara indiferente e que qualquer coisa se lhe revelara de muito mais importante.

A conversa, a cada momento interrompida, era fria e sem continuidade.

- Maria, passou por Riazan - disse Natacha.

André não sentiu qualquer surpresa ao ouvir chamar assim sua irmã, mas Natacha, que assim a chamara na presença dele, deu por isso pela primeira vez.

- E então? - inquiriu ele.

- Contaram-lhe que Moscovo ardeu, está completamente em ruínas: que, ao que parece...

Natacha calou-se: não podia continuar. Via-se que debalde ele tentava segui-la.

- Sim, Moscovo ardeu, dizem. Que coisa triste -pronunciou ele, de olhos fixos, repuxando maquinalmente as guias do bigode.

- Encontraste o conde Nicolau, Maria? - disse ele, de súbito, como se quisesse mostrar-se afectuoso. - Escreveu para cá a contar que tu lhe agradas muito - prosseguiu ele, num tom simples e calmo como se não pudesse compreender inteiramente a importância das suas palavras para a gente deste mundo. - Se ele te agrada também, é muito bom... casai-vos - concluiu, por fim, como se procurasse as palavras e tivesse acabado por encontrar a expressão desejada.

A princesa Maria, ao ouvir tais palavras, compreendeu quão longe o seu irmão estava já do mundo dos vivos.

- Porque falas tu de mim? - disse ela com calma, relanceando um olhar a Natacha.

Esta, sentindo pousar-se nela esse olhar, não ergueu os olhos.

O silêncio continuou.

- André, queres... queres ver o Nikoluchka? - exclamou Maria, de súbito, numa voz hesitante. - Está sempre a perguntar por ti.

O príncipe André sorriu imperceptivelmente pela primeira vez, mas a irmã, que conhecia muito bem o seu jogo fisionómico, descobriu, apavorada, que aquele sorriso não era de alegria ou de ternura por ouvir falar do filho, mas uma subtil zombaria para com ela, por tê-la visto empregar este último expediente na esperança de acordar nele qualquer sentimento.

- Pois sim, gostava muito de o tornar a ver. Está bom?

Quando lhe trouxeram o filho, que fitou o pai assustado, mas não chorou, pois ninguém chorava, o príncipe André abraçou-o sem saber que dizer-lhe.

Levaram de novo a criança, e a princesa Maria aproximou-se mais uma vez do irmão, beijou-o, e, sem poder reprimir as lágrimas por mais tempo, rompeu em soluços.

André olhou-a fixamente.

- Choras por Nikoluchka? - perguntou ele.

Maria respondeu com um aceno afirmativo de cabeça.

- Maria, tu conheces o Evange ... - E, de súbito, calou-se.

- Que queres tu dizer?

- Nada. Não deves chorar assim - disse ele, olhando-a com o mesmo frio olhar.

Quando a irmã principiou a chorar, André compreendeu que ela chorava porque o pequeno Nicolau ia ficar órfão. Fez então um grande esforço sobre si mesmo para retomar contacto com a vida e reaver o ponto de vista dos vivos.

«Sim, isso deve parecer-lhe triste», pensou ele, «e no entanto é tudo que há de mais simples!»

«As aves do céu não semeiam nem colhem, mas o nosso Pai celeste alimenta-as», pensou e veio-lhe à mente comunicar essa ideia à irmã, «Mas não, elas compreenderão isto à sua maneira ou antes não o compreenderão de todo! E o que elas não Podem compreender é que todos estes sentimentos que tão caros lhes são nos são puramente pessoais, que são inúteis estes pensamentos que tanto valor têm para nós. Não nos poderemos compreender mais!» E calou-se.

O filhinho do príncipe ia fazer sete anos. Mal sabia ler. Ainda nada aprendera. No decurso da sua vida veio a adquirir numerosos conhecimentos, experiência, o dom de observação. Mas ainda que dispusesse naquele momento de toda a ciência que adquiriu mais tarde, não teria apreendido melhor nem teria penetrado mais profundamente o sentido da cena que se desenrolou entre seu pai, a princesa Maria e Natacha. Compreendeu muito bem, saiu sem verter uma lágrima, aproximou-se de Natacha em silêncio, e, seguindo-a, olhou-a timidamente com os seus lindos olhos cismadores. Um movimento convulsivo lhe agitava o rosado lábio superior ligeiramente soerguido. Depois, escondendo a cabeça no colo de Natacha, rompeu a chorar.

Desse dia em diante evitou Dessales e esquivou-se às carícias da condessa. Ora se deixava estar sozinho, ora procurava a princesa Maria e Natacha, a qual parecia preferir à própria tia e que, suave e timidamente, o acariciava.

Maria, depois desta sua primeira visita ao irmão, compreendeu a expressão silenciosa do rosto de Natacha. Não mais lhe falou em esperanças de cura. Alternadamente com ela, assistia-lhe à cabeceira da cama. Não chorava, mas as orações prorrompiam-lhe dos lábios mudos, elevando-se a toda a hora para o Ser Eterno e Inacessível cuja presença tão vivamente se manifestava junto do moribundo.

Capítulo XVI

O príncipe André não só sabia que ia perecer como se sentia morrendo pouco a pouco, já estava meio morto. Tinha consciência plena do seu desprendimento de tudo que era terreno e sentia na alma uma estranha sensação de alegria e bem-estar. Aguardava sem pressa nem inquietação o inevitável. Essa coisa terrível, etcrna, desconhecída, longínqua, que ao longo de toda a sua vida ele sentira sempre a seu lado estava agora realmente ali, e graças àquele estranho bem-estar dir-se-ia quase compreensível, tangível.

Outrora receara a moi-te. Por duas vezes já sentira com verdadeira angústia a sua aproximação, o fim, e agora deixara de ter inedo. A primeira vez fora quando aquela granada rodopiara diante dele: olhando os prados, as árvores, o céu, sabia a morte a pairar sobre ele. Quando voltou a si, na ambulância, sentiu-se, de repente, como liberto da vida: na sua alma desabrochara essa flor do amor etcrno, livre, independente de todas as contingências, e de então para cá deixara de ter medo da morte e não mais pensara nela. Nas horas de dolorosa solidão e meio delírio após ter sido ferido, quanto mais se deixava absorver por esse mundo que se lhe revelara impregnado de amor etcrno tanto mais se desprendia, sem que desse por isso, da existência terrena.

Amar tudo e todos, sacrificar-se sempre por amor, era como não amar alguém, não viver vida terrelia. E à medida que inergulhava neste princípio de amor ia renunciando às coisas do mundo, ia vencendo a tremenda barreira que sem o amor se h-vanta entre a vida e a morte. E foi assim que durante este primeiro período da sua doença, sempre que pensava na morte próxima, para si mesmo dizia: «Pois bem, tanto melhor!»

Mas depois daquela noite em Mitichtchi, quando, no meio do seu delírio, lhe apareceu aquela que ele desejara tornar a ver, e, pegando-lhe na mão, a levou aos lábios, lágrimas de uma suave alegria lhe encheram os olhos e o amor da mulher, insensivelmente, de novo se insinuou no seu coração, prendendo-o outra vez à vida. Assaltaram-no pensamentos ao mesmo tempo alegres e inquietos, Lembrando-se de Kuraguine, na ambulâr.:ia, já não experimentava o sentimento de outrora. Agora atornienlava-o o desejo de saber se viveria e não ousava perguntá-lo os que o rodeavam.

A enfermidade seguia o seu curso natural, mas a modificação de que Natacha falara

apenas se produzira dois dias antes da chegada da princesa Maria. Era únicaniente a luta derradeira entre a vida e a morte, luta em que esta sairia vencedora. Era o reconhecimento de que ainda estimava a vida, que lhe oferecia o amor de Natacha. Era a última revolta de todo o seu ser perante o desconhecido.

Anoitecia, o principe André, como era costume depois das re,feições, estava febril e os pensamentos circulavam-lhe no cérebro com toda a nitidez. Sónia sentava-se a seu lado, André dormitava. De súbito tornou-o um grande sentimento de felicidade. «Oh! Ei-la que chega!», exclamou.

Efectivamente, Natacha, que acabava de chegar sem ruído, tomava o lugar de Sónia.

Desde que ela o tratava que o príncipe André experimentava como que a sensação física da sua presença. Natacha ocupava uma poltrona voltada a três quartos para ele. Por detrás ardia uma vela num castiçal. Fazia meia. Aprendera a fazer meia no dia em que André lhe dissera que ninguém tratava melhor dos doentes que as velhas amas, a fazer meia, e que essa ocupação para ele era muito apaziguadora. Os seus delgados dedos manejavam ágilmente as agulhas, e ele via-lhe perfeitimente o perfil cismador da cabeca inclinada. O novelo escorregou-lhe, dos joelhos, Natacha moveu-se para o ipanhar. Estremeceu, relanceou-lhe um olhar, colocando a mão diante dos olhos, para protegê-los da luz, e, rápida, ligeira, cautelosa, debruçou-se, apanhou o novelo e retomou a posição primitiva.

O príncipe André olhou-a, sem se mexer, e viu que, graças ac movimento que ela acabava de fazer, teria precisado de respirai fundo, mas que o não ousava, respirando a custo.

No mosteiro de Troitsa tinham falado do passado, e ele dissera-lhe que, se se curasse, etcrnamente agradeceria a Deus aquele sofrimento que voltara a aproximá-los, A partir de então, porém, nunca mais entre eles voltou a falar-se do futuro,

«Será possível que assim seja?», interrogava-se a si próprio, contemplando Natacha, ao mesmo tempo que ouvia o subtil ruido das agulhas de aço. «Não nos terá o destino reunido de maneira tão estranha senão para eu morrer?... Não se me teria revelado a verdade da vida senão para eu voltar a viver na mentira? Amo-a acima de todas as coisas neste mundo. Ora, se a arno assim, que me resta fazer?» E de súbito um grande suspiro se lhe despren, deu do peito, hábito que lhe viera no meio dos muitos sofrimentos por que passara.

Natacha, ao ouví-lo suspirar, pousou o braço, inclinou-se para ele, e, vendo que os olhos lhe brilhavam, aproximou-se mais no seu passinho leve.

- Não está a dormir?

- Não, estou a olhá-la há muito tempo; senti-a entrar. Só a Natacha me dá este sossego tão benigno... esta claridade. Apetec.e-me chorar de felicidade,

Natacha aproximou-se ainda mais. No seu rosto havia uma inef ável alegria.

- Natacha, amo-a de mais, amo-a acima de todas as coisas neste mundo.

- E eu... - voltou-se, por instantes. - Ama-me de mais, porquê? -disse ela.

- De mais porquê?... Acha, sente no fundo do seu coração que poderei salvar-me? Acredita que sim?

- Tenho a certeza, tenho a certeza! - quase gritou Natacha, agarrando-lhe apaixonadamente as duas mãos.

O príncipe André ficou calado.

- Era bom de mais! - E, pegando-lhe na mão, beijou-lha.

Uma grande felicidade agitava Natacha, mas de súbito lembrou-se de que ele não devia excitar-se daquela maneira, que precisava de repouso.

- Mas não dormiu - disse ela, refreando a felicidade que a tomava. - Procure descansar... peço-lhe.

Depois de lhe apertar outra vez a mão, abandonou-a, e Natacha, voltando para o pé da luz, retomou a sua primitiva atitude. Por duas vezes se voltou e por duas vezes viu que os olhos dele brilhavam ao encontrarem os seus. Então fitou uma mancha de malha que tinha entre as mãos e para si mesmo resolveu não voltar a olhar para André enquanto não chegasse àquele ponto.

Efectivamente, pouco depois, André fechava os olhos e adormecia. Não dormiu por muito tempo. De repente acordou banhado de suores frios. A ideia da vida e da morte acompanhara-o no seu curto sono, especialmente a ideia da morte. Sentia-a cada vez mais próxima.

«O amor? Que é o amor?», pensava ele. «O amor é o inimigo da morte. O amor é a vida. Tudo, absolutamente tudo que me é dado compreender, graças ao amor eu o compreendo. Tudo que é, tudo que existe, pelo amor existe. O amor é Deus; morrer é regressar, eu, parcela desse amor, à fonte geral e etcrna.» Estas ideias pareceram-lhe consoladoras, mas eram apenas ideias. Qualquer coisa lhes faltava, havia nelas fosse o que fosse de demasiado subjectivo, de demasiado ininteligível. Faltava-lhe evidência. E de novo recaiu nas suas inquietações e incertezas. Acabou por adormecer outra vez.

Sonhou estar deitado no quarto em que realmente se encontrava, mas de perfeita saúde, sem estar ferido. Diante dele havia uma multidão de pessoas vulgares indiferentes, e ele falava com elas, conversava disto e daquilo. Essas pessoas iam retirar-se. André, sentindo, confusamente, que nada disso tinha importância e que outra coisa o preocupava,

continua a trocar com essas pessoas, apesar da surpresa que o facto lhe causa, toda a espécie de ditos fúteis e graciosos. Pouco a pouco, contudo, as figuras desvanecem-se, e ele só tem uma preocupação: fechar a porta. Levanta-se, disposto a correr o fecho e a cerrá-la. Tudo agora depende de ser capaz de o conseguir. Dá-se pressa, as pernas não lhe obedecem, sabe que não chegará a tempo. Apodera-se dele uma tremenda angústia. Essa angústia é o medo da morte. A morte está ali, atrás da porta. E enquanto se extenua em esfor- ços impotentes, eis que do outro lado um ser terrífico a força. Esse ser, que nada tem de humano, e que é a morté, pretende arrombã-la, e é preciso impedi-lo. Agarra-se à porta, num apelo a todas as suas forças para que ao menos o ajudem a deter aquele espectro, já que não é capaz de a fechar. É fraco, não pode mais, e a porta cede um pouco impelida por essa criatura horrenda.

Tenta mais uma vez, mas a porta cede definitivamente. Esses seus últimos esforços, verdadeiramente sobre-humanos, são inúteis. Os batentes abrem-se sem ruído. «Aquilo» entra. É a morte. E o príncipe André sente-se morrer. Mas no instante, precisamente, em que a morte se apodera dele, lembra-se de que está a dormir, e, fazendo sobre si um grande esforço, acorda. «Sim, era a morte, não havia dúvida. Eu estava morto e acordei. Sim, a morte é um despertar.» De súbito uma grande claridade lhe ilumina a alma e a cortina que até então lhe escondia essa coisa desconhecida corre diante dele. Sentiu-se então como que liberto da força que até aí o encadeava e foi nessa altura que experimentou aquela estranha sensação de leveza que nunca mais o abandonou.

Tendo acordado banhado em suores frios, agitou-se no colchão, e Natacha perguntou-lhe o que tinha. André não lhe respondeu e, sem compreender o que ela dizia, fitou-a com uns olhos estranhos.

Eis o que acontecera na antevéspera da chegada da princesa Maria.

A partir desse momento, assim o médico o pôde verificar, a febre baixa que o consumia transformou-se em febre perniciosa. Mas Natacha não prestava a mais pequena atenção ao que o médico dizia. Para ela, mais assustador e mais certo ainda eram aqueles indícios morais do próximo fim.

A partir desse dia, André, como se acabasse de sair de un, sonho, principiou a abandonar a vida. E como é sempre moroso o despertar de um sonho, o mesmo aconteceu ao seu despertar da vida.

Este lento despertar não foi perturbado por qualquer incidente grave ou assustador.

Os seus últimos dias e as suas últimas horas decorreram penosamente, como de costume. A princesa Maria e Natacha, que nunca mais o abandonaram, puderam verificá-lo. Já não choravam, já não estavam inquietas, e nos últimos tempos elas próprias sentiam que

não era a ele, príncipe André, que tratavam. Ele já ali não estava, deixara-as. Tratavam apenas a sua mais recente recordação, o seu despojo mortal, por assim dizer. Tão alto haviam subido os seus sentimentos que o espectáculo terrível da morte já não tinha poder sobre elas. Era inútil avivarem mais a dor que as pungia, Já não choravam nem na presença dele nem na sua ausência, e nunca dele falavam entre si.

Sentiam não poderem exprimir por palavras o que dentro delas se passava.

Sempre, e cada vez mais, o viam, lentamente, tranquilamente, abismar-se no desconhecido, e era como se soubessem que assim tinha de ser e só assim estava certo.

Confessou-se, recebeu a comunhão. Toda a gente veio despedir-se. Quando lhe trouxeram o filho, pousou os lábios no rosto da criança e voltou a cara, não para esconder a mágoa e a dor, mas, assim, pelo menos, o pensaram a princesa e Natacha, por supor que era aquilo que lhe exigiam. Quando lhe pediram que lhe lançasse a bênção assim o fez, e, olhando em roda, parecia perguntar se pretendiam ainda mais alguma coisa.

A princesa Maria e Natacha estavam junto dele quando soltou o derradeiro suspiro.

- Acabou! - disse a princesa Maria ao notar que o corpo, durante alguns instantes imóvel, começava a arrefecer, Natacha aproximou-se, viu-lhe os olhos sem vida e cerrou-lhes as pálpebras. Fechou-lhe os olhos, mas não os beijou: limitou-se a inclinar-se sobre o que era a sua mais recente memória. «Para onde foi ele? Onde estará agora?...»

Quando, vestido e lavado, estenderam o corpo no caixão em cima da mesa, todos se aproximaram, chorando.

Nikoluchka soluçava, o coração trespassado por uma perplexidade dolorosa. A condessa e Sónia choravam de compaixão por Natacha e por aquele que já não era deste mundo. O velho conde, aflito, chorava pensando que não vinha longe a sua hora. E também Natacha e a princesa Maria choravam, não de dor, mas em virtude da piedosa emoção que lhes enchia a alma perante o simples e solene mistério da morte que acabava de cumprir-se na sua presença.

SEGUNDA PARTE

Capítulo I

A razão humana não pode compreender a correlação das causas e dos acontecimentos, mas a necessidade de em tudo achar uma causa é inerente ao espírito humano. Eis porque a inteligência, incapaz de penetrar as razões infinitas e infinitamente complicadas dos acontecimentos, as quais, cada uma de per si, podem fazer figura de causa, lança mão da primeira que lhe aparece, seja a mais acessível das coincidências, e proclama: Esta é a causa! Nos factos históricos que têm por objecto de estudo as acções humanas a mais vulgar coincidência costuma ser a vontade dos deuses, e depois a dos homens colocados em situação de destaque, os chamados «heróis da história». Basta, no entanto, aprofundar um pouco qualquer facto histórico, isto é, ver agir as massas de homens que tomaram parte nele, para nos persuadirmos de que não é a vontade deste ou daquele herói que conduz as massas, mas, muito pelo contrário, é essa mesma massa que a todo o momento é conduzida. Dir-se-á ser indiferente que os acontecimentos se expliquem desta ou daquela maneira. Mas entre aquele que afirma que os povos do Ocidente se dirigiram para o Oriente porque Napoleão assim o quis, e aquele que sustenta que tal coisa aconteceu porque assim tinha de acontecer, existe a mesma diferença que entre os que proclamam que a Terra está imóvel e que os planetas giram em torno dela e os que confessam ignorar o que mantém a Terra no espaço, embora saibam que há leis que regem o movimento da Terra e dos planetas. Não há nem pode haver outras causas dos factos históricos que não seja a causa de todas as causas, mas há leis que as conduzem, umas vezes des- conhecidas, outras acessíveis à nossa razão. A descoberta destas leis não é possível todavia senão na medida em que renunciar-mos deliberadamente a atribuir as causas à vontade de um só homem, como acontece com a descoberta das leis do movimento planetário, as quais apenas se tornaram viáveis a partir da altura em que se pôs de parte o princípio da imobilidade da Terra.

Depois da batalha de Borodino, da ocupação e do incêndio de Moscovo, o episódio mais importante da guerra de 1812 teria sido, na opinião dos historiadores, o movimento do exército russo ao deixar a estrada de Riazan para seguir pela de Kaluga, dirigindo-se para o campo de Tarutino, isto é, aquilo a que se chamou «a marcha de flanco» para Krasnaia Pakra. Atribuem eles a glória deste acto genial a diferentes pessoas e discutem a quem

pertence realmente. Os estrangeiros, de maneira geral, e os próprios Franceses, prestam jus ao génio militar dos generais russos sempre que falam desta marcha de flanco. Mas difícil de compreender é a razão por que os escritores militares, e de todos os demais na sua esteira, admitem que esta famosa marcha de flanco seja uma invenção profunda de um indivíduo determinado para salvar a Rússia e perder Bonaparte. Aliás é difícil de compreender, de facto, a genialidade deste movimento, pois a verdade é que se não carece de grande rasgo de inteligência para compreender-se que a melhor posição de um exército não atacado é aquela que lhe oferece mais nutrido abastecimento. Qualquer pessoa, até a menos esperta das crianças, sem grande esforço, compreenderia que, em 1812, a estrada de Kaluga era o caminho mais vantajoso para a retirada do exército depois da capitulação de Moscovo. E é impossível compreender-se à custa de que deduções chegam os historiadores a atribuir tamanha profundeza a esta manobra. E ainda mais difícil é admitir como podem eles descobrir que esta manobra salvava os Russos e perdia os Franceses, quando é certo que, muito pelo contrário, em consequência das circunstâncias que a precederam, a acompanharam ou se lhe seguiram, essa manobra poderia ter sido fatal para o exército russo, dando a vitória ao exército francês. Se, com efeito, a partir do momento em que esse movimento se realizou, a situação dos Russos beneficiou, não é razão para se dizer que a causa disso fosse esse mesmo movimento.

Não só podia não ter trazido qualquer vantagem ao exército russo esta marcha de flanco, como podia mesmo ter sido a causa da sua perda. Para isso bastava que outras circunstâncias não tivessem surgido. Que teria acontecido se se não tivesse dado o incêndio de Moscovo, se Murat não houvesse perdido o contacto com os Russos, se Bonaparte não tivesse sido forçado à inacção, se o exército russo houvesse travado batalha em Krasnaia Pakra, como queriam Bennigsen e Barclay? Que teria acontecido se os Franceses tivessem atacado os Russos durante a marcha sobre Pakra ou se, em seguida, Napoleão houvesse atacado os Russos em Tarutino, apenas com a décima parte da energia que empregara em Smolensk? Que teria acontecido se os Franceses tives- sem marchado sobre Petersburgo?... Em qualquer destas eventualidades a salvadora marcha de flanco teria redundado num desastre.

Por último, o que é ainda mais inconcebível, as pessoas que estudaram a história de peito feito não querem ver que a marcha de flanco não podia de maneira alguma ser atribuída à vontade de um só homem, que nunca ninguém a previra, que esta manobra, tal como aconteceu com a retirada de Fili, nunca fora em verdade encarada por quem quer que fosse no seu conjunto, mas era apenas o resultado de um número infinito de circunstâncias variadas, só sendo considerada em toda a sua amplitude quando se concluiu e já pertencia

ao passado.

No conselho de guerra de Fili o comando russo teve como ideia dominante a retirada, coisa óbvia, em linha recta, isto é, pela estrada de Njjni- Novgorod. A prova está no facto de a maioria das vozes se terem pronunciado nesse sentido e sobretudo na célebre conversa do general-chefe, após o conselho, com Lanskoi, intendente -geral. Lanskoi informou Kutuzov de que os abastecimentos tinham sido principalmente concentrados ao longo do no Oka, através do qual seria impossível transportá-los nos prin- cípios do Inverno. Foi esta, portanto, uma das primeiras razões que determinaram o abandono do plano de retirada em linha recta, aparentemente o mais natural. As tropas mantiveram-se, pois, mais ao sul, na estrada de Riazan, mais próximas, por conseguinte, dos seus abastecimentos. Posteriormente, a inactividade dos Franceses, que chegaram, mesmo a perder o contacto com os Russos, a preocupação de defender as manufacturas de Tula e sobretudo a vantagem de estar mais perto dos abastecimentos ebrigaram o exército a obliquar mais para sul ainda, na direc- ção da estrada de Tula. Depois de alcançarem, em marchas forçadas, a estrada de Tula, era intenção dos chefes militares não fazerem alto senão em Podolsk, e não se falava sequer, então, das posições de Tarutino, mas o caso é que uma série de circunstáricias diversas -a aparição dos Franceses, que tinham voltado a estabelecer contacto com o exército russo, projectos de batalha e sobretudo a abundância de provisões em Kaluga- levou as tropas russas a descerem ainda mais para o sul a fim de se fixarem no centro do campo de abastecimentos, dirigindo-se da estrada de Tula na direcção da de Kaluga, rumo a Tarutino. Só quando as tropas chegaram a Tarutino, mercê de um concurso de circunstâncias, e que os homens principiaram a convencer-se de que tinham desejado aquela manobra e que a liaviam planeado havia muito.

Capítulo II

A famosa marcha de flanco apenas consistiu, em ultinia analisu, no seguinte, os exércitos russos, que até ai haviam retirado no sentido contrario ao da invasão, desviaram-se, uma vez que o movimento invasor cessou, da linha recta, ate então seguida, e. w verificaram que não eram perseguidos, ericaminharam-se naturalmente, na direcção das maiores reservas de abastecimentos.

Admitindo que os exércitos russos nenhum chefe militur genial tivessem a comandá-los, que ninguém tivessem, mesmo, a comandá-los, não teriam podido fazer outra coisa, depois da sua retirada sobre Moscovo, senão descrever um arco de círculo na direcção do local onde se encontravam os abastecimentos e em que havia abundância de tudo.

O movimento da estrada, de Nijm para a de Riazan. Tula e Kaluga era tão óbvo que nessa mesma direcção seguiam os bandos de salteadores e de Petersburgo se impunha a Kutuzov o mesmo caminho. Em Tarutino foi por assim dizer repreendido pelo imperador por ter tomado a estrada de Riazan, e de Petersburgo indicaram-lhe essa mesma posicão em frente de Kaluga, onde aliás, ele já se eencontrava quando a carta do imperador lhe chegou às mãos.

Depois de rodar na direcção que a batalha de Borodino lhe impusera, a bola que era então o exército russo, após a supressão da força propulsora inicial, e na falta de novos impulsos, tomou o carninho que naturalmente se lhe impunha.

O mérito de Kutuzov não está nessa manobra estratégica a que charnaramgenial, mas no facto de ter percebido por si o que, siignificava esse acto. Só ele, a partir desse momento, compreendeu a importância da inactividade do exército francês: só ele teimou em aflirmar que a batalha de Borodirio fora uma vitoria; e só ele empregou toda a sua energia em evitar que o exército se entregasse a combates inúteis, embora, na sua qualidade de general-chefe devesse ser partidário da da ofensiva.

A fera atingida em Borodino continuava agora no ponto onde a linham deixado ao afastar-se, mas ainda não se sabia se estava viva, se se encontrava exausta ou se apenas o fingia. E de súbito a fera soltou um gemido.

Esse gemido de fera atingida anunciando o aniquilamento foi o envio de Lauriston ao campo de Kutuzov com uma proposta de paz.

Napoleão, persuadido, como sempre, de que tudo quanto fazia era perfeito, escreveu a Kutuzov nos termos que lhe vieram à cabeça, sem se dar ao cuidado de saber se era sensato o que escrevia:

Senhor Priucipe Kutuzov:

Envio-lhe um dos meus ajudantes-de-cuinpo para lhe falar de alguns assuntos de importànciа. Peço a Vossa Alteza que faça fé no que ele lhe dirá, sobretudo quando ele lhe exprimir os sentintentos de estima e de particular consideração que eu desde há muito nutro pela pessoa de Vossa Alteza. Como não e outro o firri, desta carta, iogo a Deus, Sr. Príncipe Kutuzov, que vos tenha sob a Sua santa quarda,

Moscovo. 30 de Outubro de 1812,
Assinado: Napoleão

- *Seria amaldiçoado pela posteridade se viesse a ser encarado como o primeiro motor de um acordo qualquer. Tal é o espirito presente da minha nação* - respondeu Kutuzov, e continuou a fazer tudo ao seu alcance para impedir o exército russo de passar à ofensiva.

Durante o mês em que o exército de Napoleão se entregara ío saque de Moscovo e o russo acampava, tranquilamente, em Tarutino, uma mudança importante se verificara quer nas forcas dos dois adversários, quer no espirito que os animava: o fiel da balança inclinou-se a favor dos Russos. Embora eles não conhecessem a situação exacta do exército francés e as mudanças tssaz rápidas que nele se tinham operado, a necessidade de passar a ofensiva traduzia-se agora em infinitos sintomas. Grande numero de razões os compelia a isso: a missão de Lauriston, abundância de abastecimentos em Tarutino, as notícias provenientes de todos os lados sobre a inactividade das tropas francesas e as desordens que entre elas lavravam, a reconstituição dos regimentos russos pela incorporação de novos recrutas, tempo, o prolongado repouso de que os soldados tinham beneficiado, a impaciência que em geral se manifesta entre as tropas em descanso ansiosas de cumprir a sua missão, a curiosidade de saber o que acontecera ao exército francês que há tanto tinham perdido de vista, a audácia com que os postos avançados russos perseguiam os franceses desgarrados nas imediações de Tarutino, os guerrilheiros e a emulação que daí resultava, o desejo de vingança que exaltava a alma de cada russo desde que os Franceses se encontravam em Moscovo, principalmente o sentimento obscuro, latente em todos, de que se modificara a situação das tropas frente a frente, e que eram os Russos que tinham agora superioridade

sobre o inimigo. Se a proporção das tropas era outra, a ofensiva tornava-se indispensável. E o certo é que, tal como acontece ao relógio pronto a dar horas quando os ponteiros percorrem os devidos pontos do mostrador, assim também nas altas esferas principiara um movimento acelerado de acordo com a mudança produzida entre as tropas.

Capítulo III

O exército russo era dirigido por Kutuzov e pelo seu estado-Maior e de Petersburgo pelo próprio imperador. Mesmo antes de receber a notícia do abandono de Moscovo, se estabelecera em Petersburgo o plano pormenorizado de toda a campanha, o qual fora remetido a Kutuzov para que este o pusesse em prática. Apesar das modificações ditadas pelas circunstâncias, este plano fora adoptado pelo estado-maior e por ele posto em execução. O general-chefe apenas observara que as disposições tomadas a distância são sempre difíceis de executar. Por isso, a fim de resolver as dificuldades que sobrevieram, a cada passo estavam a enviar mensageiros portadores de novas instruções para vigiar o cumprimento dessas ordens e transmitirem os seus relatórios, Além disso, o estado-maior do exército passara por modificações profundas. Era preciso substituir Bagration, que fora morto, e Barclay, que se afastara, ofendido por se ver em posição subalterna. Tinha-se examinado com a maior severidade e que era preciso fazer: dever-se-ia colocar A no lugar de B ou R no lugar de D, ou então D onde estava A? Dir-se-ia que apenas se tratava de ser agradável a A ou a B.

Em consequência da inimizade existente entre Kutuzov e o chefe do estado-maior. Bennigsen, mercê das intrigas obradas pelas pessoas de confiança enviadas pelo imperador e das modificações a fazer, os partidos achavam-se envolvidos numa rede muito mais complicada que de costume. A intrigava contra B, D contra C, etc., em todas as modificações e combinações possíveis,

O objectivo destas múltiplas intrigas estava sobretudo nas operações militares que cada um queria orientar à sua maneira, quando a verdade é que as operações prosseguiam independentemente de tudo o que se fizesse, consoante era mister que prosseguissem, isto é, sem nunca coincidirem com o que congeminavam os homens, pois a verdade era serem uma consequência das reacções mútuas das massas. Todas aquelas combinações se cruzavam, se enredavam, reflectindo nas altas esferas a imagem exacta do que devia realizar-se.

Numa carta endereçada a Kutuzov no dia 2 de Outubro, a qual ele não viria a receber senão depois da batalha de Tarutino, dizia o imperador:

Principe Mikail Ilarionovitch:

Desde o dia 2 de Setembro que Moscovo está nas mãos dos Franceses. Os seus últimos relatórios são datados de 20 e durante todo este tempo não só nada fez contra o inimigo no sentido de libertar a nossa primeira capital, como, in- clusivamente, nesses relatórios participa que continua a recuar. Serpukov já se encontra ocupada por um destacamento e Tula, com as suas fábricas indispensáveis ao exército, está em perigo. Por um relatório do general Wintzengerode, verifico que um corpo de exército inimigo de dez mil homens avança pela estrada de Petersburgo. Outro, composto de alguns milhares, encaminha-se para Dmitrov. Um terceiro segue pela estrada de Vladimir. E um quarto, bastante importante, está concentrado entre Ruza e Mojaisk. No dia 25 o próprio Napoleão estava em Moscovo. De acordo com todas estas indicações, e visto, que o inimigo dispersou as suas forças em destacamentos assaz iniportantes, e o próprio Napoleão ainda está em Moscovo com toda a sua guarda, será possível que as orças que se encontram na sua frente sejam tão poderosas que não possa tentar a ofensiva? É de supor, muito pelo contrário, com toda a verosimilhança, que o inimigo o esteja a perseguir com destacamentos ou, mais rigorosamente, com um corpo de tropas muito mais fraco que o exército que lhe esta confiado a si. É de crer que, tirando partido destas circunstância, e lhe seja possível, com vantagem evidente, atacar o inimigo, em número inferior às forças que comanda, e exterminá-lo ou, pelo menos, obrigá-lo a recuar, permitindo que continuem nas nossas mãos a maior parte dos distritos actualmente ocupados, e deste modo afastando o perigo que pesa sobre Tula e as demais cidades do interior, Se o inimigo estiver em condições de marchar com um importante corpo de tropas sobre Petersburgo, a fim de ameaçar esta capital, quase inteiramente desguarnecida, a responsabilidade será sua, pois a verdade é que com o exército de que dispõe, agindo com decisão e energia, tem nas suas mãos todos os meios para evitar esta nova desgraça. Lembre-se de que já tem de prestar contas à Pátria, indignada pela perda de Moscovo. Sabe, por experiência, que estou sempre disposto a recompensá-lo. Esta minha boa disposição não se pode dizer de qualquer modo afectada, mas tanto a Rússia como eu temos o direito de esperar de si todo o zelo, toda a firmeza e os êxitos que a vossa inteligência, os vossos talentos militares e a valentia das tropas que comanda nos autorizam a esperar.

Esta carta prova que em Petersburgo se sabia com exactidão qual o cômputo das tropas em presença, mas ainda ela vinha a caminho e já Kutuzov não podia impedir o exército sob o seu comando de tomar a ofensiva. A batalha já estava travada.

No dia 2 de Outubro, o cossaco Chapovalov, no decurso de uma patrulha, matou uma lebre e feriu outra. Ao perseguir esta ultima foi levado para longe da floresta e

deparou-se-lhe o flanco esquerdo do exército de Murat, que se encontrava nessas paragens sem qualquer precaução ou cobertura, Rindo, contou o cossaco aos camaradas como ia caindo nas mãos dos Franceses. Ao ouvir isto, o capitão contou o caso ao seu comandante.

Mandaram chamar o cossaco, interrogaram-no: os coman- dantes lembraram-se de aproveitar esta circunstância para capturar alguns cavalos, e um dos comandantes, que estava em relaçêes com graduados do exército, participou o caso a um general do estado-maior.

Ultimamente a situação estava muito tensa no estado-maior. Ermolovo, alguns dias antes, viera procurar Bennigsen para lhe pedir que usasse da sua influência sobre o general-chefe para que se desencadeasse a ofensiva.

- Se eu o não conhecesse - replicou Bennigsen - diria que era exactamente o contrário que pretendia, Basta que eu aconselhe seja o que for para o Sereníssimo fazer exactamente o contrário.

A nova divulgada pelo cossaco, e confirmada por várias patrulhas, veio demonstrar que as coisas estavam definitivamente maduras.

As cordas distenderam-se, o relógio estremeceu e as horas ressoaram. Apesar de todo o seu presumível poder, da sua inteligência, do seu conhecimento dos homens. Kutuzov acabou por tomar em consideração não só o pedido de Bennigsen, que, aliás, apresentara directamente ao imperador um relatório da situação, mas o desejo unânime dos generais, o presurnível apelo do imperador e as informações prestadas pelos cossacos. Não podendo deter um movimento que se tornara inevitável, deu ordens para que se fizesse o que ele considerava inútil e perigoso: aprovou o facto consumado.

Capítulo IV

O relatório de Bennigsen e as informações dos cossacos confirmando que o flanco esquerdo dos Franceses se encontrava descoberto levaram definitivamente a fixar a ofensiva para o dia 5 de Outubro.

No dia 4, de manhã, Kutuzov assinou a respectiva ordem. Toll leu-a a Ermolov, propondo-lhe que se encarregasse de tomar as últimas medidas.

«Está bem, está bem, agora não tenho tempo», disse este, e saiu.

O dispositivo estabelecido por Toll era excelente. Como acontecera com o de Austerlitz, aí se dizia, embora não em alemão:

A primeira coluna marcha em direcção a tal parte, a segunda coluna marcha (Em alemão no texto original. (N. dos T.) em direcção a tal outra, e assim por diante. Todas estas colunas, pelo menos no papel, chegavam ao local designado no momento previsto, esmagando o inimigo. Como sempre acontece em todo e qualquer dispositivo no papel, tudo estava admiràvelmente organizado, mas a verdade é que, como aliás sempre acontece com todos os dispositivos, nenhuma das colunas chegou a tempo aos lugares designados.

Quando houve número suficiente de exemplares do dispositivo, chamou-se um oficial que foi enviado a Ermolov com a ordem de o mandar por em execução. Este jovem oficial da guarda montada, ajudante-de-campo de Kutuzov, orgulhoso da missão que lhe tinham confiado, apresentou-se nas instalações de Ermolov.

- Não está - volveu-lhe um impedido.

O oficial dirigiu-se à instalação de um general onde Ermolov ia, muitas vezes.

- O general não está.

O oficial, montando de novo, dirigiu-se a casa de outro general.

- Não, o general saiu.

«Que grande contrariedade! Contanto que me não responsabilizem pelo atraso!», dizia ele, de si para consigo, enquanto percorria o acampamento de ponta a ponta. Houve quem lhe dissesse ter visto Ermolov com outros generais, e quem lhe sugerisse que naturalmente regressara ao seu aquartelamento. Sem comer, c oficial prosseguiu nas suas buscas até às seis horas da tarde. Ermolov não estava em parte 'alguma e ninguém sabia do seu paradeiro. Comeu qualquer coisa, mesmo de pé, em casa de um camarada, e voltou

para os postos -avançados à procura de Miloradovitch, que também não estava. Disseram-lhe encontrar-se num baile em casa do general Kikine e que naturalmente Ermolov também aí estaria.

- E onde fica isso?

- Lá adiante, em Etchkino - explicou- lhe um oficial de cossacos, apontando-lhe, na distância, uma casa senhorial. - Quê? Lá adiante? Para lá das linhas?

- Mandaram para ali dois dos nossos regimentos. Estão numa paródia doida! Têm duas bandas regimentais e três coros de cantores.

O oficial dirigiu-se para os lados de Etchkino. Já de longe, antes de chegar à casa senhorial, ouviu as notas alegres e bem destacadas de uma bailata de soldados.

«Pelos campos fora... Pelos campos fora.»

Pífaros e pandeiros acompanhavam o canto, e de quando em quando ouviam-se sons de vozes. Grande alegria sentiu o oficial ao ouvir aquelas canções, ao mesmo tempo que o acicatavam os remorsos por tanto tardar em transmitir a ordem importante de que era portador.

Já eram nove horas. Apeou-se do cavalo e subiu os degraus do alpendre da grande casa senhorial, intacta apesar de situada na linha entre Russos e Franceses. No vestíbulo e na sala de jantar passavam correndo lacaios ajoujados com vinhos e manjares. Os cantores estavam ao pé das janelas. Fizeram-no entrar e de súbito achou-se na presença de todos os principais generais do exército, inclusivamente da alta e imponente figur2 de Ermolov. De túnicas desabotoadas, muito corados, formando roda, riam a bom rir. No meio do salão, um deles, belo homem de pequena estatura, muito vermelho, bailava o trepak galhardamente.

- Ah!, ah!, ah! Bravo, Nicolau Ivanovitch! Ah!, ah!...

O mensageiro pensou que se se apresentasse naquele momento com ordens tão importantes seria duas vezes culpado, e resolveu esperar. Mas um dos generais viu-o, e, como se soubesse a razão que o trazia ali, chamou para ele a atenção de Ermolov. Este dirigiu-se-lhe, contrariado, e, depois de ouví-lo, pegou no papel de que ele era portador, sem dizer palavra.

- Julgas, talvez, que não desapareceu de propósito observou, nessa mesma noite, ao oficial emissário o seu camarada do estado-maior, referindo-se a Ermolov. - Pois enganas-te. Foi de propósito, de caso pensado. Quer fazer uma partida a Konovnitzine. Vais ver o pé-de-vento que se levanta amanhã.

Capítulo V

No dia seguinte, o velho Kutuzov, que dera ordens para que o chamassem muito cedo, fez as suas orações, vestiu-se, e com a desagradável impressão de que tinha de dirigir uma batalha nada do seu agrado, meteu-se na carruagem e dirigiu-se de Letachovka, a cinco verstas de Tarutino, para o local onde deviam reunir-se a, colunas que iam atacar. No caminho, quando não dormitava, apurava o ouvido, na esperança de ouvir o canhoneio que deveria principiar à direita da estrada, sinal do início da operação. Mas nada ouvia, Era uma manhã de Outono húmida e sombria. Ao aproximar-se de Tarutino notou que alguns soldados de cavalaria atravessavam a estrada por onde rodava a sua carruagem conduzindo, pela arreata, cavalos ao bebedouro. Atentou neles, mandou parar o carro e perguntou-lhes a que regimento pertenciam, Faziam parte da coluna que a essa hora devia encontrar-se já muito longe dali, pronta para uma emboscada. «Há engano, naturalmente», disse de si para consigo o velho general. Prosseguindo no seu caminho, viu regimentos de infantaria de armas ensarilhadas, cujos homens, em ceroulas, preparavam o rancho e acarretavam lenha. Mandou chamar um dos oficiais. Este disse-lhe não ter recebido qualquer ordem de ataque.

- Como é, que... - ia a dizer, mas calou-se e ordenou que chamassem o comandante. Entretanto apeou-se e, calado, ficou à espera, de cabeça baixa, a respiração opressa, passeando de um lado para o outro. Assim que apareceu o oficial do estado-maior que ele tinha convocado, um tal Eichen, Kutuzov ficou muito corado, não porque esse oficial fosse culpado de alguma coisa, mas apenas por tratar-se de alguém que podia ser vítima da cólera em que refervia. Trêmulo dos pés à cabeça, ofegante, tamanha era a ira do velho general que dir-se-ia capaz de se rolar no chão, num ataque de raiva Assim se lançou sobre o oficial, de punhos erguidos, gritando e cobrindo-o de grosseiras

Outro oficial que por acaso entretanto apareceu, o capitão Brozine, e que, aliás, nenhuma responsabilidade tinha no caso, teve de suportar os mesmos insultos-

- E este canalha quem é? Fuzilem-no Miserável! - vociferava, rouco, gesticulando, cambaleante.

Dir-se ia experimentar uma dor física, como era possível que ele, generalissimo, Sereníssimo, homem com poderes como ainda outro não tivera em toda a Rússia, se visse numa situação daquelas, ridicularizado por todo o exército? «Foi então debalde que tanto

rezei por este dia? Foi em vão que levei a noite inteira acordado a fazer cálculos minuciosos?», dizia de si para consigo. «Quando eu era o fedelho de um oficial ninguém se atreveria a fazer pouco de mim a este ponto, mas agora...» E a dor física que sentia era a mesma que se lhe tivessem aplicado castigo corporal. Não podia deixar de soltar gritos de raiva e dor. Não tardou, porém, que as forças o abandonassem, e compreendendo então que se zangara de mais, voltou a subir para a carruagem, regressando pelo mesmo caminho, sem dizer mais palavra

Este acesso de ira não voltou a repetir-se. Foi com um ligeiro piscar de olho que ele ouviu as justificações, a defesa e as instâncias de Bennigsen, de Konovnitzine e de Toll propondo-lhe que se transferisse para o dia seguinte o movimento que fracassara. Ermolov, esse, apenas apareceu dois dias depois. E Kutuzov teve de voltar a dar-lhe o seu consentimento.

Capítulo VI

No dia seguinte, ao fim da tarde, as tropas concentraram-se nos lugares indicados e a partida principiou durante a noite.

O tempo era bem de Outono. Havia nuvens no céu azul-violáceo, mas não chovia. A terra estava impregnada de humidade, embora não houvesse lama. As tropas marchavam em silêncio e so de vez em quando se ouvia o ressoar metálico da artilharia. Era proibido falar alto, fumar, riscar a pederneira. Tanto quanto possível, procurava-se impedir os cavalos de relinchar. O mistério que envolvia o empreendimento ainda o tornava mais atraente.

As tropas marchavam alegres. Algumas colunas fizeram alto, os homens ensarilharam armas e estenderam-se na terra fria, julgando-se chegados ao seu destino. A maioria, porém, marchou toda a santa noite e como era natural as tropas não puderam chegar onde era mister que chegassem,

O conde Orlov, Denissov e os seus cossacos, o destacamento menos numeroso, foram os únicos a chegar a horas ao local designado. Instalaram-se na orla extrema da floresta, ao longo do caminho que de Stromilovo levava a Dmitrovskoie.

Ainda não era manhã acordaram o conde Orlov, que dormi- tava. Tinham filado um desertor do campo francês. Era um sar,ento polaco do corpo de Poniatowski, Explicou, em polaco, que desertara, pois estava a ser vítima de uma injustiça: há muito já que devia ter sido promovido a oficial, era o mais valente de todos. Por isso os abandonara, disposto a vingar-se. Dizia ele que Murat pernoitava a uma versta do local onde se encontravam e que, se lhe proporcionassem uma escolta de cem homens, tinha a certeza de o apanhar vivo. O conde Orlov-Denissov quis saber a opinião dos seus camaradas. A proposta era por de mais atraente para repeli-la. Todos queriam partir, todos eram de opinião de que se devia tentar o feito. Após muitas discussões e conferências, o general Grekov, à frente de dois regimentos de cossacos, resolveu acompanhar o desertor.

- Mas lembra-te do que te digo - ameaçou Orlov-Denissov, despedindo-o -; se mentiste, mando-te enforcar como um cão, mas se falaste verdade tens cem ducados às tuas ordens.

Sem responder a estas palavras, o sargento montou a cavalo e, resoluto, abalou

seguido de Grekov. Desapareceram na floresta.

O conde Orlov, tiritando - a manhã estava fresca e a aurora Principiava a raiar-, apreensivo pela responsabilidade que assumira, depois de ceavalgar por algum tempo ao lado de Grekov, afastou-se da mata para perscrutar o campo inimigo, que vagamente se descobria agora a luz do sol-nascente e das fogueiras do bivaque que se iam apagando. As colunas russas deviam surgir pela direita, na vertente de uma colina descoberta. Olhou para esse lado, mas nada viu, embora o terreno fosse bem visível. No acampamento francês. Iwito ciiianto lhe era dado perceber, e graças ao auxílio dos penetrantes olhos do seu ajudante-de -campo, parecia notar-se uma certa agitação.

- Ah! Receio que seja tarde de mais - observou, depois do perscrutador olhar.

Como costuma acontecer muitas vezes ao afastar-se alguém da influência do homem em quem confia, afigurou-se-lhe subitamente que o sargento era um traidor, que mentira, e que apenas quisera comprometer o êxito do ataque distraindo aqueles dois regimentos só Deus sabia para onde.

Em que cabeça caberia poder surpreender-se o general-chefe no meio de tantas tropas!

- Não há dúvida, aquele ladrão mentiu - acrescentou. - Podemos mandá-lo retroceder -arguiu alguém do séquito, que, como Orlov, duvidava do êxito daquela empresa, agora diante do acampamento inimigo.

- Sim, realmente! Que acha? Devemos mandá-lo retroceder, ou não?

- Quer que o vá procurar?

- Pois bem. É melhor! Que volte para trás - disse o conde, subitamente resoluto. E acrescentou, depois de consultar o relógio: - Tarde de mais, já é dia alto.

O ajudante-de-campo, a galope, meteu pela floresta dentro, na intenção de alcançar Grekov. Quando voltou, o conde, excitado pelo fracasso da tentativa e da baldada espera das colunas de infantaria, que continuavam a não aparecer, e também pela proximidade do inimigo, resolveu atacar. Os homens do séquito partilhavam dos seus sentimentos.

Em voz baixa ordenou «Montar!», e cada um se dirigiu para o seu posto, persignando-se.

«Que Deus nos proteja!»

Um «hurra!» ressoou floresta além, e, pelotão após pelotão, os cossacos dispersaram-se, como grãos que caíssem de um saco, e, de lança em riste, cavalgaram direitos ao campo inimigo atravessando um riacho.

O primeiro francês que viu os cossacos soltou um grito de desespero e os outros, meio vestidos, acordados em sobressalto, abandonaram canhões, espingardas, cavalos e

deram às de vila-diogo.

Se os cossacos tivessem perseguido os fugitivos sem se preocupar com os despojos que estes deixavam após si, teriam, por certo, apanhado Murat e todos os que com ele se encontravam. Eis, aliás, o que os chefes pretendiam. Mas não foi possível obrigá-los a marchar enquanto houve que pilhar e prisioneiros a fazer. Ninguém mais ouviu as ordens dos comandantes. Ali se fizeram mil e quinhentos prisioneiros, se tomaram trinta e oito bocas de fogo, bandeiras, e, coisa muito mais importante para cossacos, cavalos, selas, cobertores e grande número de diversos objectos. Era preciso põr em lugar seguro os prisioneiros e os canhões, dividir os despojos, discutir, chegar-se mesmo a vias de facto, e de tudo isto houve um pouco.

Os Franceses, ao ver que não eram perseguidos, ganharam coragem, reuniram-se e abriram fogo. Orlov-Denissov, que continuava à espera das suas colunas, não avançou mais.

Entretanto, em virtude do dispositivo: «A primeira coluna marcha, etc.», os soldados de infantaria das colunas atrasadas, comandadas por Bennigsen e superiormente dirigidas por TolI, tinham-se posto em marcha de acordo com o programa estabelecido, e, na verdade, cumprindo as ordens, chegaram quando deviam, mas não ao local que lhes havia sido designado. Como era de esperar, os homens, que alegremente tinham partido, não tardaram a aborrecer-se. Em alta voz havia quem mostrasse o seu descontentamento, a desordem surgiu entre as fileiras, alguns retrocederam. Os ajudantes- de -campo galopavam por aqui e por ali, os generais gritavam, coléricos, discutiam entre si, diziam que se tinham enganado, que estavam atrasados, acusavam este ou aquele. Toda a gente, por fim, abandonou o terreno, e foi dali sem saber para onde. «Havernos de ir parar a algures!», exclamavam. E, com efeito, acabaram por chegar, mas não onde era mister, e, se alguns chegaram, era tarde de mais e sem outra utilidade além da de servirem de alvo ao inimigo. TolI, que nesta batalha desempenhara o papel de Weirother em Austerlitz, galopava em todos os sentidos, dando-se conta de que tudo se fizera ao contrário do que era preciso. E assim veio a encontrar-se no meio da floresta com o corpo de exército de Bagovut já dia claro e quando havia muito devia estar junto dos cossacos de Orlov-Denissov. Fora de si por causa daquele fracasso e desejoso de encontrar alguém sobre quem pudesse descarregar a sua ira, Toll galopou imediatamente ao encontro do comandante do corpo e pôs-se a increpá-lo violentamente e a dizer que o que ele pre- cisava era de ser fuzilado. Bagovut, velho e valente general, habitualmente sereno, exasperado também com todo aquele atraso, com aquelas ordens contraditórias e confusas, destemperou, ante a surpresa de todos, e, num ataque de cólera completamente imprevisto no seu temperamento, respondeu à letra a

Toll:

«Não aceito lições seja de quem for, e sei morrer com os meus soldados tão bem como qualquer outro», exclamou, prosseguindo avante, seguido da sua divisão.

Ao chegar a campo aberto, sob a fuzilaria dos Franceses, o valente Bagovut, num acesso de fúria, sem querer saber se era ou não útil travar batalha naquela altura, só com a sua divisão, marchou direito ao inimigo. Eis do que precisava naquele momento: perigo, balas, projécteis. Uma das primeiras balas prostrou-o e as que logo se lhe seguiram abateram muitos dos seus soldados. E assim, sem qualquer necessidade, ali esteve, exposta ao fogo dos Franceses, aquela divisão.

Capítulo VII

Entretanto, outra coluna devia atacar o inimigo, mas essa coluna estava junto de Kutuzov. Este sabia perfeitamente que daquela batalha, iniciada contra sua vontade, só podia resultar um fracasso, e por isso retinha as tropas tanto quanto lhe era possível, Não se movia do lugar em que estava.

Montado no seu cavalito cinzento, ali permanecia, calado, respondendo, preguiçosam ente, às propostas de ataque que lhe dirigiam.

- Não fala noutra coisa senão em atacar e está demonstrado que não sabemos fazer manobras complicadas - observou a Miloradovitch, que pedia que o deixasse seguir para a frente.

- O senhor não soube esta manhã deitar a mão a Murat nem chegar a tempo ao local que lhe estava designado. Agora nada mais há a fazer! - respondeu a outro general.

Quando lhe vieram anunciar que na retaguarda dos Franceses, segundo informações fornecidas pelos cossacos, desguarnecida até então, se enccitravam agora dois batalhões polacos, relanceou a vista, pelo canto do olho, a Ermolov, pessoa a quem ele desde a véspera não dirigia a palavra.

- Como vê, reclamam uma ofensiva, poem-se em prática diversos dispositivos, e quando chega o momento de agir nada está preparado, e o ininigo, prevenido, toma as suas precauções.

Ermolov piscou o olho e sorriu ligeiramente ao ouvir estas palavras. Percebeu a tempestade passara e que Kutuzov se limitaria àquela obse-vação.

- Diverte-se à minha custa - murmurou Ermolov, em voz muito baixa, tocando no joelho de Raievski, que estava a seu lado.

Pouco depois, Ermolov aproximou-se de Kutuzov e disse-lhe, respeitosamente:

- Ainda é tempo, alteza, o inimigo ainda se não foi embora... Se quiser dar ordens para a ofensiva. De outra maneira, guarda nem sequer cheirará a pólvora.

Kutuzov não respondeu e quando lhe participaram que Murat se retirava, deu ordem de marcha, embora de cem em cem passos mandasse fazer alto por três quartos de hora.

Toda a batalha se resumiu, portanto, à expedição dos cossacos de Orlov-Denissov e à perda inútil de algumas centenas de homens. O resultado desta batalha foi que Kutuzov

recebeu uma condecoração de diamantes, e Bennigsen igualmente, além de cem mil rublos; outros chefes obtiveram também pingues beneficios, consoante os postos, e houve de novo modificações no estado-maior.

«É sempre assim na Rússia, faz-se tudo ao contrário!», diziam, depois de Tarutino, os oficiais e os generais russos, como ainda hoje o repetem, para darem a perceber que, se houve um imbecil que fez tudo ao contrário, eles, no seu caso, teriam procedido de maneira muito diferente. A verdade, porém, é que aqueles que assim falam ou não conhecem o assunto de que se trata, ou então se enganam redondamente. As batalhas, seja a de Tarutino, a de Borodino ou de Austerlitz, nunca decorrem segundo as previsões daqueles que as dirigem. Eis um facto essencial.

Número infinito de forças independentes -em nenhuma outra circunstância é o homem mais livre que numa batalha, para ele questão de vida ou de morte - influem na marcha das operações, e esta marcha nunca poderá ser conhecida antecipadamente, nem nunca coincidirá com a direcção que lhe tenha fixado tal ou qual força individual única.

Quando sobre um determinado corpo agem, ao mesmo tempo de vários lados, variadas forças, a direcção do movimento não pode ser a de nenhuma dessas forças, mas como que a média de todas elas, o que em mecânica costuma exprimir-se pela diagonal do paralelogramo das forças.

Quando os historiadores, especialmente os franceses, afirmam que as suas guerras ou as suas batalhas se desenrolam segundo um plano antecipadamente estabelecido, a única conclusão que podemos tirar das suas descrições é que são inexactas.

O combate de Tarutino, evidentemente, não atingiu o resultado que Toll se propunha, isto é, conduzir as tropas em perfeita ordem ao ponto fixado pelo dispositivo, nem tão-pouco aquele que desejava o conde Orlov, isto é, fazer prisioneiro Murat, ou o de Bennigsen e de outros, o de esmagar instantâneamente o corpo inimigo; ou ainda o dos oficiais desejosos de tomarem Parte numa acção e de se distinguirem; ou o dos cossacos, que não conseguiram recolher todos os despojos que apanharam, e assim por diante. Mas se o objectivo real era justamente aquele que se alcançou e o que todos os russos unanimemente desejavam: expulsar os Franceses e destruir o seu exército. é evidente que a batalha de Tarutino, graças, precisamente, a isso mesmo, aos erros cometidos, foi a única eficiente naquele momento da campanha. Era difícil e mesmo impossível imaginar resultado de batalha mais favorável. Com os mais mesquinhos esforços, no meio dos maiores erros, e com perdas quase insignificantes, adquiriram-se os maiores resultados de toda a campanha: pass.ou-se da retirada à ofensiva. Foi demonstrada a fraqueza dos Franceses, e os Russos provocaram o choque que os exércitos de Napoleão esperavam para

empreender a fuga.

Capítulo VIII

Napoleão entra em Moscovo depois da brilhante vitória do Moskva; não há dúvida de que a vitória foi dele, pois o campo de batalha ficou nas mãos dos Franceses. Os Russos recuam e abandonam a capital. Moscovo, a abarrotar de provisões, de armas, de munições e de riquezas sem conta, está nas mãos de Napoleão.

O exército russo, duas vezes mais fraco que o francês, durante trinta dias não esboça a mais pequena tentativa de ataque. Não pode ser mais brilhante a posição de Bonaparte. Para cair com forças duas vezes superiores sobre os restos do exército russo e esmagá-lo; para propor uma paz, vantajosa ou, em caso de recusa, esboçar um movimento ameaçador sobre Petersburgo; para, mesmo no caso de desastre, retirar sobre Smolensk ou Vilna, em vez de ficar em Moscovo; numa palavra, para conservar a situação admirável em que os Franceses se encontravam, parece que não era necessário ser-se um génio militar extraordinário. Bastava fazer a coisa mais simples e mais fácil deste mundo: impedir que as tropas se entregassem ao saque, preparar roupas de Inverno, roupas que Moscovo estava em condições de fornecer para o exército inteiro, e regulamentar a distribuição de alimentos, os quais, na opinião dos historiadores franceses, eram suficientes para seis meses. Napoleão, esse génio dos génios, senhor de plenos poderes sobre o exército, segundo referem os historiadores, não soube pôr em prática esta coisa simplíssima.

E não só nada disto fez, mas serviu-se de todo o seu poder para escolher, de entre todas as medidas a tomar, a mais absurda e a mais nefasta; de tudo o que podia fazer - hibernar em Moscovo, marchar sobre Petersburgo ou sobre Nijni-Novgorod, ou retroceder, quer pelo norte, quer pelo sul, pela estrada que depois seguiu Kutuzov-, escolheu a mais absurda e mais perigosa: ficar em Moscovo até Outubro, deixando que os seus soldados saqueassem a cidade, e em seguida hesitar entre manter uma guarnição na capital, sair dela ao azar, aproximar-se de Kutuzov, não decidir travar batalha, passar pela direita, alcançar MaloIaroslavets sem correr o risco de um recontro; o não tomar a estrada que seguira Kutuzov, mas regressar a Mojaisk pela estrada escalavrada de Smolensk. Nada se pode imaginar de mais insensato nem de mais nefasto, como ficou amplamente provado pelas consequências. Admitindo que Napoleão tivesse como objectivo perder o seu exército, teria sido difícil aos mais hábeis estrategos imaginar plano de operações mais

eficaz para a destruição completa desse exército, e isso independentemente de tudo quanto o próprio exército russo pudesse ter feito nesse sentido!

E no entanto foi isto mesmo que o genial Napoleão acabou por fazer. E, apesar de tudo, afirmar que este perdeu o seu exército porque quis ou porque não passava de um tolo seria tão errado como dizer que ele levara as suas tropas até Moscovo por ter sido esse o seu desejo e porque era uma inteligência e um génio. Quer num quer no outro caso, a sua acção pessoal, não mais influente que a do mais insignificante dos seus soldados, limitou-se a conformar-se com as leis que presidiam ao acontecimento.

Estão em erro os historiadores que nos apresentam Napoleão intelectualmente deprimido em Moscovo, simplesmente porque os resultados não justificam a sua acção. Nesse momento, como antes e depois, em 1813, Napoleão serviu-se de toda a sua força moral para agir o melhor possível no interesse próprio e no interesse do seu próprio exército. Então a sua actividade não foi menos surpreendente do que a que empregou no Egipto, na Itália, na Áustria e na Prússia. A verdade é que não sabemos com precisão até que ponto se revelou o seu génio no Egipto, onde quarenta séculos contemplaram a sua grandeza, visto os seus feitos nos terem sido relatados por franceses. É-nos impossível apreciar no seu justo valor o génio por ele demonstrado na Áustria e na Prússia, pois a verdade é que não podemos conhecer os seus actos senão através de fontes francesas e alemãs, e os Alemães não podem explicar a capitulação sem combate do seu corpo de exército e capitulação sem cercos em forma das suas fortalezas desde que não recorram ao reconhecimento do génio que Bonaparte exibiu na guerra da Alemanha. No que diz respeito aos Russos, esses, graças a Deus, não têm qualquer razão para se inclinarem perante essas qualidades excepcionais no intuito de esconderem a sua vergonha. Os Russos pagaram caro de mais o direito de julgar os seus actos com justeza e sem disfarces e não estão dispostos a abandonar o diieito que lhes assiste.

A actividade de Napoleão em Moscovo foi tão espantosa e tão inspirada pelo génio como em qualquer outra parte. Ordens e planos não cessaram de lhe emanar da cabeça desde que entrou em Moscovo até, que partiu da capital russa. Não o impressionam nem a ausência dos habitantes nem das deputações, como o não impressiona o próprio incêndio da cidade. Não perde de vista nem o bem-estar do seu exército nem os movimentos do inimigo, tão-pouco esquece o bem-estar das populacões russas, a administração dos negócios públicos de Paris e as considerações diplornáticas relativas às condições de paz.

Capítulo IX

No ponto de vista militar, Napoleão, assim que entrou em Moscovo, deu ordens severas ao general Sebastiani para que seguisse exactamente os movimentos do exército russo e enviasse corpos de tropas em várias direcções, tendo prescrito a Murar que descobrisse o paradeiro de Kutuzov. Em seguida torna medidas severas para fortificar o Kremlin e estabelece um plano adinírável para a sua futura campanha na Rússia.

No ponto de vista diplomático convoca o capitão Iakovlev, irruinado e andrajoso, que não sabia como sair de Moscovo, para lhe expor detalhadamente a sua política, e a sua magnanimidade, e entrega-lhe uma carta para o imperador Alexandre, onde se, sente no dever de o pôr ao corrente do comportamento censurável de Rostoptchine, ordenando-lhe que a leve a Petersburgo. E expõe igualmente os seus magnânimos projectos a Tutolmina e manda também este ancião a Petersburgo como parlamentário.

No que diz respeito a assuntos judiciais, após os incêndios ordena que se procurem e punam os culpados. E o malfeitor do Rostoptchine é castigado, ordenando-se que lhe deitem fogo às próprias casas.

Em matéria administrativa, oferece a Moscovo uma constituição. Cria-se uma municipalidade e afixa-se a seguinte proelamação:

Habitantes de Moscovo!

São grandes as vossas desgraças, mas Sua Majestade o Imperador e Rei quer pôr termo aos vossos sofrimentos. Terríveis exemplos vos mostraram já a maneira como ele castiga a desobediência e o crime. Severas medidas foram tomadas para acabar com as desordens e dar lugar a que se restabeleça a segurança de todos os indivíduos, Unta administração paternal, composta de homens escolhidos de entre vós, formará a vossa municipalidade. O corpo administrativo chamará a si cuidar de vós, das vossas necessidades, dos vossos interesses. Os membros desta municipalidade distinguir-se-ão por urra faixa vermelha a tiracolo.

O governador civil, além da faixa, tera uma cinta branca. Fora das horas de serviço, porém, os membros da municipalidade apenas usarão braçadeira vermelha no braço esquerdo. A polícia municipal é instituída de acordo com o antigo regulamento, e graças à vigilãneia por

ela exercida a ordem na cidade já é outra. O Governo nomeou dois comissários-gerais, ou police-meister, e vinte comissários, ou tchastni pristavs, para todos os bairros da cidade. Conhecem-se pela braçadeira branca no braço esquerdo. Várias igrejas afectas a cultos diversos estão abertas e as solenidades religiosas realizam-se sem obstáculos. Os vossos concidadãos estão todos os dias a regressar aos seus lares e deram-se instruções para que lhes seja prestada ajuda e protecção, como é devido a quem sofre. Eis os meios pelos quais o Governo espera restabelecer a ordem e minorar as vossas privações. Mas para se chegar a este objectivo é preciso que junteis os vossos esforços aos desta gente, que esqueceis, e for possível, os sofrimentos por que acabais de passar, que tenhais esperanças num futuro menos cruel, que estejais convencidos de que a morte inevitável e infamante pesará sobre todos aqueles que atentem contra a vossa vida ou contra a vossa propriedade, e sobretudo que não tenhais dúvidas de que os vossos bens serão respeitados, que tal é o desejo do maior e do mais justo de todos os monarcas, Soldados e habitantes, seja qual for a vossa nacionalidade! Restabelecei a confiança pública, essa fonte de felicidade de todos os governos, vivei em paz, ajudai-vos e protegei-vos uns aos outros, uni-vos para combater as tentativas dos criminosos; obedecei às autoridades militares e municipais e não tarda que deixem de correr lágrimas dos vossos olhos.

No que dizia respeito a subsistências, Napoleão ordenou às tropas que viessem à vez a Moscovo. à rapina, para assim arranjarem alimentos para que o exército pudesse fazer face ao futuro. No que tocava à religião, deu ordeni de trazerem os popes e de recomeçarem nas igrejas as cerimónias religiosas.

Mandou afixar por toda a parte a seguinte proclamação, relativa às transacções comerciais e ao fornecimento de subsis- tências ao exército:

Pacíficos habitantes de Moscovo, homens de artes e ofícios que as desgraças afastaram da cidade, e também vós outros agricultores dispersos, escondidos pelos campos, aterrorizados sem qualquer fundamento, ouvi! A calma res- tabeleceu-se na capital e a ordem reina por toda a parte. Os vossos compatriotas abandonam sem medo os seus refúgios, pois sabem que serão respeitados. Qualquer acto de violência exercido contra eles ou em prejuízo dos seus bens é punido acto contínuo. Sua Majestade o Imperador e Rei protege-vos e só considera inimigos aqueles que de entre vós desobedecerem às suas ordens. É seu desejo pôr fim às vossas infelicidades e restituir-vos a vossos lares e a vossas famílias. Correspondei às suas benévolas medidas voltando a casa sem temor algum. Habitantes! Artesãos e trabalhadores laboriosos! Retomai as vossas actividades: os vossos lares, as vossas tendas, protegidas por patrulhas, esperam-vos, e o vosso trabalho será recompensado. E vós, camponeses, abandonai as florestas

onde vos refugiastes levados pelo medo, regressai às vossas isbás, certos de que vos saberemos proteger. Criaram-se nas cidades grandes armazéns onde os camponeses podenz colocar os produtos da lavoura que excedam as suas necessidades. Para garantir a livre circulação destes produtos, o Governo tomou as seguintes medidas: 1º De hoje em diante os camponeses, lavradores e demais habitantes dos arrabaldes de Moscovo, sem qualquer risco, podem trazer à capital os seus produtos e colocá-los em dois dos armazéns montados para esse fim, um na Rua Mokovaia e outro no Mercado Okotni. 2º Estes produtos serão adquiridos ao preço que se convencione entre o vendedor e o comprador; porém se aquele que vende não encontrar quem lhe pague preço justo tem o direito de tornar a levar a sua mercadoria, sem que ninguém o possa impedir. 3º Em vista disto, semanalmente, aos domingos e quartas-feiras, haverá feiras, e para esse efeito aos sábados e terças-feiras serão destacadas tropas em número sujiciente para protegerem os comboios ao longo de todas as estradas, até certa distância da capital. 4º Iguais medidas se adoptaram para proteger o regresso dos camponeses às suas aldeias. 5º Procurar-se-d restabelecer no prazo mais breve possível os mercados ordinários. Habitantes da cidade e das aldeias, e vós, artesãos, operários, qualquer que seja a vossa nacionalidade! Apelamos para vós, rogando-vos que vos conformeis com as paternais instruções de Sua Majestade o Imperador e Rei e que o ajudeis a contribuir para o bem-estar comum. Depositai a seus pés o respeito e a confiança e não vos demoreis a juntar-vos connosco!

No intuito de elevar o moral das tropas e do povo, havia frequentes paradas e distribuíam-se condecorações. O imperador percorria as ruas a cavalo, consolando os habitantes, e apesar das muitas preocupações que lhe causavam os negócios públicos aparecia nos espectáculos organizados segundo inspiração sua.

No que diz respeito a beneficência, a melhor virtude dos soberanos, Napoleão fez também tudo que dependia dele. Deu ordem para que se inscrevesse no frontão dos estabelecimentos de beneficênci,-: Casa de minha mãe, maneira de associar, assim, o terno afecto filial à magnanimidade do monarca. Visita o asilo das crianças abandonadas, dá a beijar a sua branca mão aos órfãos que salvou e conversa c ondescendentem ente com Tutolmine. Enfim, segundo o eloquente relato de Thiers, manda pagar o soldo dos seus soldados com o dinheiro russo por ele falsificada. «Relevando o emprego dos seus recursos por um acto digno de si e do exército francès, mandou distribuir socorros aos sinistrados. Mas como os víveres eram demasiado preciosos para serem dados a estrangeiros, a maior parte dos quais inimigos, Napoleão preferiu distribuir-lhes dinheiro para que eles se abastecessem fora da cidade, e mandou distríbuir-lhes rublos-papel.»

Enfim, no, desejo de manter a disciplina do exército, constantemente expede ordens

severas para que sejam punidas as infracções ao regulamento e o saque.

Capítulo X

Mas, coisa estranha, todas estas medidas, todas estas ordens e todos estes planos, em nada piores que os tomados em circunstâncias idênticas, não afectavam a essência da questão, como acontece aos ponteiros de um quadrante que, quando desligados do maquinismo, giram arbitrariamente e sem objectivo, alheios às engrenagens que os accionam.

No ponto de vista militar, este genial plano de campanha, a respeito do qual Thiers disse «que o seu génio nunca imaginara nada de mais profundo, de mais hábil e de mais admirável», e a propósito do qual., na sua polémica com M. Fain, se empenha em demonstrar ter sido redigido não a 4, mas a, 15 de Outubro, este plano nunca foi nem nunca poderia ter sido executado, pois a verdade é que em coisa alguma se aplicava às eircunstãneias de momento. A fortificação do KrernIin, que implicava a, demolição de a Mesquita, que assim chamava Napoleão à igreja de Basílio, o Bem- Aventurado, provou ser absolutamente inútil. As minas cavadas no subsolo do Kremlin apenas serviram para ajudar o imperador a por em prática o seu projecto de o fazer ir pelos ares aquando da sua partida de Moscovo, no mesmo espírito com que uma pessoa fustiga o soalho que fez cair uma criança.

A perseguição do exército russo, que tanto o preocupou, proporcionou aos observadores um espectáculo extraordinário. Os generais franceses perderam a pista de sessenta mil russos, e, segundo Thiers, só graças à habilidade, e talvez mesmo ao génio de Murat, foi possível encontrá-los, como se se tratasse de um simples alfinete perdido,

Na actividade diplomática, os argumentos que Napoleão desenrolou para demonstrar a sua generosidade e o seu espírito de justiça diante de Tutolmina e de IakovIev, o qual, entre parêntesis se diga, se preocupava sobretudo em arranjar um bom capote e uma carruagem, resultaram também inúteis, Alexandre I não recebeu esses embaixadores e não respondeu às cartas de que eram portadores. E no que diz respeito às suas medidas judiciárias? Apesar de ter sido executado grande número de falsos incendiários, o que restava de Moscovo acabou por arder.

E quanto às suas medidas administrativas? A constituição de uma municipalidade não só não deteve o saque, como só foi útil às pessoas que dela fizeram parte, as quais, a

pretexto de manterem a ordem, se entregaram à pilhagem ou apenas se de- ram ao cuidado de proteger o que era seu contra a pilhagem alheia.

No que toca a matéria religiosa, as medidas postas em prática no Egipto, como as visitas às mesquitas, que aí deram tão bons resultados, em Moscovo não produziram efeito algum. Os dois ou três padres que estavam em Moscovo procuraram pôr em execução a vontade imperial, mas um deles foi esbofeteado por certo soldado francês durante o serviço divino e acerca de outro escreveu um funcionário de Napoleão o que se segue: «O padre que eu descobrira, e a quem convidara a celebrar missa, limpou e fechou a igreja. Nessa noite vieram de novo arrombar as portas, partir os cadeados, rasgar os livros e praticar outras desordens.»

No que se refere a assuntos comerciais, a proclamação aos artesãos e camponeses não encontrou o mais pequeno eco. Já não havia «trabalhadores laboriosos»: e, quanto aos camponeses, esses deitaram a mão aos comissários portadores das proclamações que se aventuraram longe de mais e mataram-nos.

Tão-pouco deram resultado os espectáculos destinados a divertír o público e as tropas. Os teatros organizados no Kremlin e em casa de Posniakov foram imediatamente fechados, pois actores e actrizes viram-se despojados de tudo quanto tinham.

Também a beneficência foi estéril. Moscovo viu-se inundada de papel-moeda, quer falso quer verdadeiro, que logo perdeu todo o seu valor, Os Franceses, só preocupados em encher as algibeiras, apenas queriam ouro. Não só carecia de valor a moeda falsa que Napoleão distribuía tão generosamente pelos desgraçados, como as próprias moedas de prata se trocavam por moedas de ouro muito abaixo do seu valor.

Mas o exemplo mais impressionante da ineficácia das medidas tornadas nas altas esferas revelou-se na inutilidade dos esforços do imperador para deter a pilhagem e restabelecei, a disciplina.

Eis aqui informações das autoridades militares:

«O saque continua na cidade, apesar das ordens dadas para que cessasse. A ordem, por enquanto, não está restabelecida e ainda não lia um único comerciante que pratique comércio legal. Apenas os cantineiros se arriscam a vender, mas objectos proveiiientes do saque.»

«A parte do meu bairro continua a ser saqueada pelos soldados do 3º corpo, os quais, não se contentando em arrancar aos desgraçados refugiados nos subterrúncos o pouco que lhes resta, se mostram tão ferozes que os ferem à sabrada, como eu próprio Pude observar.»

«Nada de novo, além de que os soldados continuam a roubar e a saquear, 9 de Outubro.»

«O roubo e o saque continuam. Há um bando de ladrões no nosso bairro que é preciso mandar prender por uma força poderosa. 11 de Outubro.»

«O imperador está muito descontente com o facto de, apesar das ordens severas dadas para se acabar com a pilhagem, só ver chegar ao Kremlini destacamentos de merodistas da guarda. Na velha guarda renovaram-se ontem e hoje com mais intensidade do que nunca os actos de pilhagem. O imperador tem o desgosto de verificar que soldados de escol, destinados a defender a sua própria segurança, e que deviam dar exemplo de acatar as ordens, levam tão longe a desobediência que saqueiam os próprios armazén's e as lojas preparadas expressamente para o exército. Alguns tão baixo desceram que já não obedecem às sentinelas, antes as injuriam e as abatem a tiro.»

«O grande marechal do palácio queixa-se», escrevia o governador, *«de que, apesar das reiteradas proibições, os soldados continuam a fazer as suas necessidades em todos os pátios e até mesmo debaixo das janelas do imperador.»*

O exército francês, como um rebanho que pisasse aos pés o pasto destinado a salvá-lo da fome, dispersava-se e perecia, pouco a pouco, mercê daquela longa permanência em Moscovo. E a verdade é que se não movia.

Não se moveu até ao dia em que de súbito o assaltou um medo pânico, e isso veio a dar-se quando os soldados souberam que haviam sido capturados comboios na estrada de Smolensk e que se dera a batalha de Tarutino. A notícia desta batalha, inopinadamente levada ao conhecimento de Napoleão durante uma parada militar, despertou no imperador o desejo de castigar os Russos, como refere Thiers, e foi então que deu a ordem de marcha reclamada pelo exército inteiro.

Ao abalarem de Moscovo, os soldados levavam consigo tudo quanto tinham podido apanhar. O próprio Napoleão fugia com o seu tesouro. Perante os pesados carregamentos que o exército levava, segundo diz Thiers, Napoleão ganhou medo. Mas, com a sua experiência da guerra, não mandou queimar todas as bagagens supérfluas, como fizera com as carroças de um dos seus marechais, ao aproximar-se de Moscovo. Ao ver essas seges e essas carruagens apinhadas de soldados, achou que estavam bem e que esses carros podenam vir a ser utilizados mais tarde para transportar abastecimentos, doentes e feridos.

A situação do exército francês fazia lembrar a de uma fera atingida que sabe próximo o seu fim e já não atina com o que deve fazer. Estudar as hábeis manobras e os planos de campanha de Napoleão e do seu exército desde a entrada em Moscovo até à destruição deste é como estudar os pinchos e as convulsões de um animal ferido de morte. Acontece muitas vezes que esse animal, assustado Por um ruído qualquer, se atira para debaixo da

espingarda do caçador, corre direito a ele, volta para trás, precipitando deste modo o seu próprio fim. Eis o que fez Napoleão sob a pressão do seu exército. A notícia da batalha de Tarutino encheu de medo o animal, que se atirou para debaixo da espingarda, chegou até junto do caçador, voltou para trás e, por fim, como sempre acontece, se precipitou no caminho mais desvantajoso e mais perigoso, pois os seus trilhos já lhe eram conhecidos.

Tal como aos olhos dos selvagens a figura esculpida à proa do barco se lhes afigura a força que o faz mover, Napoleão, que nos é apresentado como o dirigente de todo este movimento, na realidade, durante todo este período da sua vida, foi apenas a criança que, agarrada às correias do interior de um carro, julga estar a dirigi-lo.

Capítulo XI

No dia 6 de Outubro, de manhã muito cedo, Pedro saiu da sua barraca, e, ao regressar a ela, deteve-se no limiar da porta a brincar com um cachorrito pardacento de pernas curtas e tortas que pulava à sua volta. Este animalzinho vivia na barraca e dormia com Karataiev. As vezes ousava sair à rua, mas voltava sempre para casa. A ninguém pertencia, naquele momento não era de quem quer que fosse e não dava por nome algum. Os Franceses chamavam-lhe Açor; um soldado apreciador de histórias, *Femgalka;* Karataiev e os outros, Sierii e às vezes Vislii *(Nomes vulgarmente dados aos cães na Rússia (N. dos T.).*

O pobre animal parecia não se preocupar com o facto de não ter dono, nem nome, nem raça bem definida, nem cor muito distinta. Trazia a empenachada cauda bem alçada, e as suas patitas tortas cumpriam tão bem ou tão mal a sua função que, por vezes, esquecendo-se de usar das quatro pernas, soerguia uma das da retaguarda, graciosamente, e nas outras três trotava agilmente. Para ele tudo era motivo de alegria: ora se esfregava no chão de barriga para o ar, ora se aquecia ao sol com modos pensativos e importantes, ou ainda brincava com um pedaço de Pau ou um bocado de palha.

Pedro, vestido com uma camisa suja esfarrapada, tudo quanto lhe restava dos seus antigos atavios, trazia pantalona de soldado amarradas nos artelhos, para andar mais quente, como o aconselhara Karataiev, um cafetã e um gorro de camponês. Mudara muito fisicamente. Não parecia tão gordo, embora mantivesse a mesma corpulência e a mesma força natural. Grande barba e farto bigode lhe revestiam os lábios e o mente. Por debaixo do gorro saíam-lhe umas farripas muito crescidas e emaranhadas inçadas de piolhos. Tinha no olhar Lima expressão decidida, serena e resoluta como nunca. O relaxamento que outrora se lhe lia nos olhos desaparecera para dar lugar a uma decisão e a uma energia prontas a agir e a lutar. Andava descalço.

Pedro ora mirava os campos, onde nessa manhã passavam comboios de carros e gente a cavalo, ora estendia a vista para além do rio, um pouco mais para longe, ora ainda punha os olhos no cachorrito que fingia mordê-lo, quando não rios seus próprios pés descalços, que se entretinha a mudar de posição, remexendo os sujos dedos polegares. De cada vez que fitava os pés descalços perpassava-lhe pelos lábios um sorriso de alegria e satisfação. Esse espectáculo trazia-lhe a mente tudo quanto sofrera o também o muito que

aprendera nos últimos tempos e era-lhe agradável lembrar-se de tudo isso.

O tempo ultimamente estava calmo e límpido, apenas pela manhã havia ligeiras geadas brancas: era, então, o Estio das mulheres.

Ao ar livre, enquanto havia sol, estava quente, e este calor, após o fresco estimulante das geadas matinais, não deixava, de ter os seus encantos.

Todos os objectos, próximos ou distantes, pareciam mergulhar nessa claridade feérica e cristalina como só há nessa época do Outono. Na distância divisavam-se os montes Vorobi, com a sua povoação, a sua igreja e uma casa branca. E as árvores despidas, a areia, as pedras, os telhados, o cata-vento verde da igreja, os cunhais da casa branca, lá longe, tudo isto, com uma nitidez quase irreal, se desenhava em finíssimos cor)tornos atrás da atmosfera diáfana. Num plano mais perto perfilavam-se as ruínas dessa casa senhorial, meio lambida pelo fogo, ocupada pelos Franceses, com os canteiros de lilases que adornavam o jardim ainda vestidos da sua sombria verdura. E até dessa casa meio arruinada e suja, cuja fealdade era hostil em dias sombrios, agora, iluminada por essa luz imóvel e viva, emanava uma espécie de apaziguadora beleza.

Um cabo francês, que, para estar à vontade, desabotoara o dólman, de gorro de polícia e cachimbo nos dentes, saiu de um dos ângulos do abarracamento e, com uma amistosa piscadela de olhos, aproximou-se de Pedro.

- *Que sol, hem?, Monsieur Kiril,* - assim lhe chamavam todos os franceses. - *Parece que estamos na Primavera.*

Encostando-se à ombreira da porta, ofereceu-lhe uma cachimbada, coisa que Pedro sempre recusava.

- *Se tivéssemos um tempo destes para caminhar* - principiou ele.

Pedro perguntou-lhe o que havia sobre a próxima partida, e por ele soube que quase todas as tropas iam deixar Moscovo e que naquele mesmo dia deveria sair uma ordem determinando o destino dos prisioneiros. Na barraca de Pedro havia um soldado. Sokolov de, nome, que estava na agonia, e Pedro chamou a atenção do cabo para, a necessidade de se tomarem quaisquer medidas acerca dele. Foi-lhe respondido que podia estar sossegado, que existiam ambulâncias e hospitais permanentes, que os doentes seriam tratados e que aliás as autoridades já tinham sido prevenidas.

- *E depois, Monsieur Kiril, basta que diga uma palavrinha ao capitão, bem sabe. Oh!, é um b.... que nunca se esquece de nada. Diga ao capitão, quando ele vier fazer a ronda, fará tudo por si...*

Esse capitão tinha às vezes longas conversas com Pedro e mostrava por ele certa parcialidade.

- *Estás a ver, Saint-Thomas, o que ele me dizia no outro dia: Kiril é, um homem instruído, que*

fala francês; é um fidalgo russo, que teve pouca sorte, mas e um homem. E ele lá se entende, o b... Se ele quer alguma coisa, que mo diga, não se lhe recusa nada. Quando uma pessoa tem estudos, gosta da instrução e das pessoas decentes. É por si que eu digo isto, Monsieur Kiril. No caso do outro dia, se não fosse o senhor, aquilo acabava mal.

Depois de dar à língua ainda algum tempo, foi-se o cabo.

O caso do «outro dia» a que ele se referira dizia respeito a uma altercação entre prisioneiros e franceses que Pedro conseguira harmonizar. Alguns dos presos que tinham ouvido a conversa entre o compatriota e o cabo francês perguntaram-lhe de que haviam falado. Como Pedro lhes dissesse que se falava numa próxima partida, um soldado francês, magro, amarelento e esfarrapado, aproximou-se deles. Enquanto levava dois dedos à pala da barretina, num gesto rápido e algo acanhado, à guisa de continência, perguntou-lhe se o soldado Platoche, a quem confiara a camisa para remendar, não estaria por ali.

Na semana anterior, os Franceses tinham recebido pano e cabedal para botas e haviam confiado aos prisioneiros o seu calçado e as suas camisas para remendar.

- Está pronta, está pronta, meu falcãozito - exclamou Karataiev, que aparecera à porta com a camisa dobrada,

Por causa do calor, e para estar mais à vontade, Karataiev estava apenas em ceroulas e vestia uma camisola negra como um tição. À maneira dos artesãos, amarrara os cabelos com pedaços de cânhamo, e a sua cara redonda ainda parecia mais redonda agradável do que habitualmente.

- Contratos são contratos. Se eu disse que estava pronta sexta-feira, está pronta sexta-feira - rematou Platão, sorrindo enquanto desdobrava a camisa.

O francês olhou inquieto à sua roda e, dominando a indecisão que o tomava, despiu rapidamente o uniforme e enfiou a camisa. Sobre o desnudo corpo delgado e amarelento trazia, a servir de camisa, um folgado colete de seda floreado, muito sebento, que mal lhe cobria a pele. Receando, sem dúvida, que os prisioneiros se rissem dele, deu-se pressa em meter a cabeça pelo decote da camisa. Mas ninguém disse fosse o que fosse.

- Fica-te bem - observou Platão, puxando-lhe pela camisa. Quando conseguiu meter a cabeça e os braços dentro da camisa, o francês, sem erguer os olhos, pôs-se a examinar as costuras.

- Que queres tu, falcãozito, isto aqui não é uma oficina de costura, faltam-me as ferramentas necessárias. É bem verdade o que se costuma dizer: sem ter com quê, nem a pulga um homem pode matar. - E todo ele, toda a redondeza da sua cara, era riso, satisfeitíssimo com o seu trabalho.

- *Está bem, está bem, obrigado; mas tu deves ter pano de sobra* - disse o francês.

- E ainda te ficará melhor depois de se te ajeitar ao corpo - comentou Karataiev, que continuava a admirar a sua obra. - Vais-te sentir bem e à vontade.

- *Obrigado, obrigado, meu velho, o resto...* - voltou o francês, sorrindo e metendo uma nota na mão de Karataiev. - *Mas o resto...*

Pedro percebeu que Platão não tinha grande empenho em compreender o que dizia o seu cliente, e olhava para ambos sem abrir a boca. Karataiev agradecia o que lhe davam e continuava a admirar a sua obra. O francês teimava em que ele lhe desse o resto do pano, e acabou por pedir a Pedro que lhe servisse de intérprete.

- E para que quer ele as sobras? - perguntou Karataiev. - Para nós podiam servir para fazermos umas ricas polainas para as pernas. Mas já que ele as quer...

E, de súbito, numa expressão triste, tirou de dentro da camisa um embrulhito com umas sobras de pano e entregou-lho sem olhar para ele.

- Que pena! - exclamou, voltando-lhe as costas. O francês pôs-se a examinar os bocados de pano, pareceu indeciso, interrogou Pedro com os olhos e como se este lhe tivesse dito alguma coisa:

- *Platoche, ouve lá, Platoche* - gritou, corando. - *Guarda-as para ti.* - E, estendendo-lhe o embrulho com as sobras do pano, deu meia volta e afastou-se.

- É como vês - comentou Karataiev, abanando a cabeça. - Dizem que não são cristãos. Mas sempre têm alma. Os velhos têm razão. Mão suada é dadivosa, mão enxuta é avara. Está nu e assim mesmo dá-me as sobras.

Karataiev ficou pensativo, calado, de olhos fitos nos bocados de pano.

- É o que te digo, amigo, vou fazer daqui umas ricas polainas - comentou, voltando a entrar na barraca.

Capítulo XII

Quatro semanas tinham decorrido desde que Pedro caíra prisioneiro. Embora os Franceses o tivessem querido transferir da barraca dos soldados para a dos oficiais, continuara sempre naquela onde o tinham metido no primeiro dia.

Em Moscovo, arruinada e incendiada, Pedro chegara quase ao limite extremo das privações que um homem pode suportar, porém a sua forte constituição e a sua saúde até então nunca experimentadas, e sobretudo o facto de essas privações se terem verificado pouco a pouco, fizeram que ele as suportasse não só com facilidade, mas até com alegria. Precisamente naquela altura atingia ele aquela serenidade e aquela satisfação de si próprio a que debalde aspirara outrora. Por muito tempo, no decorrer da sua vida, procurara, de vários modos e em várias direcções, aquela tranquilidade, aquele acordo consigo próprio, que tão profundamente o impressionara nos soldados durante a batalha de Borodino. Procurara-os na filantropia, na franco-maçonaria, nas distracções da vida mundana, no vinho, na heróica abnegação, no romanesco amor por Natacha; procurara-os pelas vias do puro pensamento e sempre e em toda a parte só encontrara decepções. Mas agora, espontaneamente, sem pensar nisso, ei-lo que achara essa serenidade nos horrores passados diante da morte, nas privações, aceitando e compreendendo a alma de Karataiev.

Os horríveis momentos que vivera durante a execução dos incendiários pareciam ter-lhe varrido para sempre do espírito e da memória os pensamentos e os sentimentos que o inquietavam até então e que tão importantes se lhe afiguravam. Já não pensava na Rússia, nem na guerra, nem na política, nem em Napoleão. Era evidente que nada disso lhe dizia respeito, que lhe não pertencia apreciar essas coisas e mesmo que o quisesse não podia. «A Rússia e o Verão não se casarão», costumava dizer, repetindo certo dito de Karataiev, e estas palavras tão simples davam-lhe uma serenidade estranha. Agora encarava como incompreensível e até ridículo o seu projecto de matar Bonaparte e bem assim as suas lucubrações à volta do algarismo cabalístico e da Besta do Apocalipse. A ira que a mulher lhe despertara e o receio de que o seu nome tivesse sido desonrado pareciam-lhe agora não só coisas vãs mas até ridículas.

Que lhe importava a ele que essa mulher levasse a vida que queria? Que lhe importava a ele principalmente que soubessem ou não que aquele prisioneiro era o conde

Bezukov?

Pensava muitas vezes na conversa que tivera com o príncipe André e dava-lhe inteira razão, embora lhe interpretasse o pensamento de maneira um pouco diferente. O príncipe André pensava e dizia que a felicidade apenas tinha carácter negativo, e isto não sem que o dissesse e pensasse com um misto de amargura e ironia. Pensando assim, parecia querer dizer que todas as aspirações do homem à felicidade positiva lhe não tinham sido dadas senão para o atormentar, insatisfeitas que sempre eram. Sem qualquer pensamento reservado, Pedro adoptara esta maneira de pensar. A ausência da dor, a satisfação de todas as necessidades, e, como consequência, a liberdade da escolha das suas próprias ocupações, isto é, do género de vida que mais lhe quadrava, afiguravam-se-lhe, a Pedro, incontestavelmente, o ideal da felicidade humana. Mas agora compreendera pela primeira vez o prazer de comer quando se tem fome, de beber quando se tem sede, de dormir quando se tem sono, de se aquecer quando se tem frio, de falar quando apetece ouvir uma voz humana. A satisfação das necessidades, uma boa alimentação, o asseio, a liberdade, agora, que estava privado de tudo isso, apareciam-lhe como o supra-sumo da felicidade, e a liberdade da escolha das suas ocupações, isto é., a própria vida, agora, que tão limitada lhe estava essa escolha, parecia-lhe coisa tão fácil que esquecia que o próprio excesso das comodidades da existência destrói toda a felicidade que resulta da satisfação das necessidades e que uma perfeita liberdade de acção, essa liberdade que lhe proporcionara a instrução, a fortuna, a posição na sociedade, torna a escolha das ocupações excessivamente difícil e por isso mesmo destrói a necessidade e o desejo de acção.

Todos os pensamentos de Pedro se reportavam agora ao momento em que o restituíssem à liberdade. E, no entanto, depois, e até ao fim dos seus dias, alegremente recordaria aquele mês de prisão e com entusiasmo falaria das fortes e inapagáveis alegrias que experimentara então e sobretudo da serenidade moral perfeita, da completa liberdade interior que só nessa quadra da sua existência profundamente conhecera.

No primeiro dia de cativeiro, quando, depois de se levantar muito cedo, viu, ao sair da barraca, as cúpulas e as cruzes sombrias do Mosteiro Novodievitchii, o orvalho gelado sobre a erva poeirenta, os cumes dos montes Vorobi e as orlas cobertas de arvoredo do no que serpeava perdendo-se na distância violácea; quando sentiu a brisa fresca soprar-lhe na cara e ouviu o grasnido das gralhas que debandavam de Moscovo através dos campos, quando, de súbito, a luz surgiu do Oriente, o Sol se ergueu, solene, por cima das nuvens, e as cúpulas, as cruzes, o orvalho, a distância, o rio, tudo resplandeceu no meio dessa alegre claridade, uma felicidade nova, uma alegria nunca experimentada o tomou, enchendo-o de desconhecido júbilo.

Este sentimento nunca o abandonara enquanto estivera prisioneiro. Pelo contrário, fora crescendo à medida que se agravavam as dificuldades da sua situação.

Nesta disposição de espírito e na aceitação de tudo que lhe acontecia e ainda no revigoramento das suas forças morais muito o ajudou a elevada opinião que dele tiveram sempre os seus companheiros de cativeiro desde que chegara ali. O saber vários idiomas, o respeito que lhe testemunhavam os Franceses, a sua simplicidade, a maneira que tinha de dar tudo quanto lhe pediam, particularmente os três rublos que semanalmente recebia como pré de oficial, a sua robustez física, que maravilhara os soldados ao verem-no enterrar com as mãos alguns cravos na parede da barraca, a sua humildade no trato com os camaradas, as suas maneiras, para eles incompreensíveis, ao quedar-se horas imóvel e sem fazer nada, cismando, tudo isto junto lhe dera, aos olhos deles, ares de criatura misteriosa. Estas qualidades, que até ali, na sociedade em que vivera, apenas lhe tinham sido prejudiciais e embaraçosas, a sua força, o seu desprezo pelas comodidades da vida, o seu ar distraído, a sua simplicidade, ali, entre aquela gente, quase faziam dele um herói. E Pedro sentia que esta opinião a seu respeito lhe criava obrigações.

Capítulo XIII

Durante a noite de 6 para 7 de Outubro começou a retirada dos Franceses. Demoliram-se as cozinhas e as barracas, carregaram-se as galeras, e soldados e bagagens puseram-se em marcha.

As sete da manhã um pelotão de franceses com uniforme de campanha, barretinas, arma ao ombro, mochila às costas e grandes bornais a abarrotar, alinhou diante dos abarracamentos e foi um nunca acabar de gritos e graçolas ao longo das fileiras.

No interior das barracas todos estavam a postos, vestidos, calçados, aguardando ordem de marcha. Só Sokolov, o soldado doente, pálido e magro, não estava nem equipado nem calçado, Sentado no seu canto, os olhos fora das órbitas, de grandes olheiras, castigado pelo sofrimento, interrogava em silêncio os seus companheiros indiferentes, gemendo de vez em quando. O que lhe ditava aquela queixa era menos a desinteria que o prostrava que o terror e a tristeza que lhe causavam a ideia de ficar só para ali.

Pedro, com umas botifarras que Karataiev lhe fizera de um pedaço de couro que um francês lhe trouxera para ele lhe pôr meias solas numas botas, à cinta uma corda que lhe cingia os rins, aproximou-se do enfermo e agachou-se junto dele.

- Escuta, Sokolov, eles não se vão embora de vez. Têm aqui um hospital. Naturalmente ainda vais ficar melhor do que nós - disse-lhe ele.

- Ai, meu Deus! Vou morrer! Ai, meu Deus! - gemia o desgraçado.

- Eu vou falar com eles - animou-o Pedro, dirigindo-se para a porta da barraca.

Nesse momento vinha entrando, acompanhado de dois soldados, o cabo que na véspera oferecera uma cachimbada a Pedro. Todos envergavam uniforme de campanha, com barretinas e bornais e o francalete por debaixo do queixo, o que lhes dava outro aspecto.

O cabo recebera ordem para conservar a porta fechada. Antes da partida, tinha de proceder à chamada dos prisioneiros.

- *Cabo, que vais tu fazer do doente?...* - perguntou Pedro.

E enquanto isto lhe dizia. Pedro perguntava a si próprio se realmente estaria falando com o cabo seu conhecido ou com outro homem, pois a verdade é que não parecia o mesmo.

O cabo, ao ouvir as palavras de Pedro, franziu o sobrolho e fechou a porta ruidosamente, soltando uma grosseria. A barraca ficou imersa numa semi-obscuridade. O rufar de tambores que de repente se ouviu dos dois lados da barraca abafava as queixas do doente.

«Ah! Aí está outra vez... », pensou Pedro, e um calafrio lhe percorreu a espinha. Voltara a encontrar na fisionomia transfigurada do cabo, no tom da sua voz, no rufar ensurdecedor dos tambores que tocavam a reunir, aquela força misteriosa e impassível que levava os homens a matarem-se uns aos outros mesmo sem quererem, essa força cujos efeitos vira aquando das execuções. Ter medo, procurar evitar esta força, suplicar ou admoestar aqueles que se lhe rendiam, era absolutamente inútil. Eis o que Pedro compreendia agora.

Era preciso esperar e ter paciência. Não voltou ao pé do doente e não lhe disse qualquer outra palavra de consolo. Ali ficou, de pé, junto da porta da barraca, mudo, as sobrancelhas franzidas.

Quando as portas voltaram a abrir-se e os prisioneiros, como um rebanho de carneiros, empurrando-se uns aos outros, se amontoaram à saída, Pedro abriu caminho pelo meio deles e avançou até junto do capitão que, no dizer do cabo, estava disposto a tudo fazer por ele. Também este capitão envergava fardamento de campanha e no seu frio rosto reflectia-se essa mesma coisa terrível traduzida nas palavras do cabo e no rufar dos tambores.

- *Toca a andar, toca a andar!* - gritava ele, olhando severamente os prisioneiros que se comprimiam uns contra os outros na sua frente.

Pedro, embora certo de que seria inútil o que ia tentar, aproximou-se dele.

- *Então, que é que há?* - exclamou o oficial, relanceando-lhe um frio olhar, como se o não conhecesse.

Pedro lembrou-lhe o doente.

- *Que diabo, ele pode caminhar!* - replicou o capitão, e sem olhar para Pedro: - Toca a andar, toca a andar! - prosseguiu.

- *Não pode, está a morrer* - insistiu Pedro.

- *Fazem favor!...* - gritou o capitão iracundo.

Tan, rataplã, continuavam os tambores. E Pedro compreendeu que aqueles homens estavam completamente dominados pelo poder da força misteriosa que ele sentia ali presente e que era inútil dizer fosse o que fosse.

Separaram os soldados dos oficiais prisioneiros e, deram-lhes ordem de marchar na vanguarda. Com Pedro, eram trinta - os soldados eram trezentos.

Pedro não conhecia os oficiais das outras barracas, que se apresentavam muito melhor. Olharam, desconfiados e hostis, Para ele e para as botas que tinha nos pés.

Bastante perto dele marchava um gordo major, que parecia respeitado por todos os demais: vestia um roupão tártaro de Kazan, cingido por uma toalha, a sua cara, opada e amarelenta, tinha qualquer coisa de iracundo. Uma das mãos, que segurava a bolsa do tabaco, apoiava-se na abertura da camisa e a no *chibuque (Cachimbo turco (N. dos T.)* . Resfolegando e soprando, resmoneava, zangado com toda a gente, dizendo que o empurravam, que todos estavam com pressa sem razão alguma, que não havia motivo para surpresas. Outro, pequenino e magricela, ia interrogando toda a gente, perguntando para onde os levavam o que percurso teriam de fazer naquele dia. Um funcionário, de uniforme de comissário e botas de feltro, corria daqui para ali, observando Moscovo e fazendo comentários em volta sobre este e aquele bairro ainda fumegantes. Outro ainda, um polaco, a avaliar pelo sotaque, discutia com o funcionário, pretendendo mostrar-lhe que se enganava a respeito dos bairros que ia designando.

- Para que serve discutir? - exclamou o major colérico. - Tanto faz que seja S. Nicolau como Vlass: é o mesmo. Como vêem, está tudo queimado e isso é um facto... Para que empurram? Não lhes chega o espaço que têm? - acrescentou, dirigido-se àquele que vinha atrás dele e que o não empurrava de lacto.

- Oh! Que terrível coisa fizeram! - exclamavam os prisioneiros, contemplando as ruínas. - E o Zamoskvorietche e Zubovo e o Kremlin... Olhem, não ficou nem metade. Eu bem lhes disse que tinha ardido todo o Zamoskvorietche, e é verdade. Aí têm.

- Bom, está bem, já sabem que ardeu a cidade inteira. De que lhes serve discutir? - resmungava o major.

Ao atravessarem Kamovniki, um dos poucos bairros intactos, ao pé da igreja, os prisioneiros correram de súbito todos para o mesmo lado, e ouviram-se exclamações de horror e repulsa.

- Oh! Que canalhas! Bem se vê que não são cristãos. Olhem, o morto, o morto... Borraram-lhe a cara.

Pedro também se aproximou da igreja para saber a causa daquelas exclamações, e viu então qualquer coisa encostada ao muro do templo. Pelos seus camaradas, que viam melhor do que ele, soube que era um cadáver de pé contra a grade e ao qual tinham besuntado a cara com sebo.

- *Marchem, caramba... Marchem... trinta mil diabos!* - vociferaram os soldados da escolta, e com renovada, ira puseram-se a destroçar a coronhada a multidão dos prisioneiros que

ficara para trás olhando o cadáver.

Capítulo XIV

Pelas ruelas de Kamovniki foram seguindo os prisioneiros com a sua escolta, mais as carroças e as galeras que vinham atrás deles, sem encontrar ninguém no caminho. Mas ao desembocarem junto dos armazéns de subsistências, deparou-se-lhes um grande comboio de artilharia que avançava, penosamente, entravado por um engarrafamento de viaturas particulares.

Ao chegarem à ponte, tiveram de estacar para darem tempo a que passassem os que iam na vanguarda. Passada a ponte, puderam ver que tanto na sua frente como na sua retaguarda tudo eram filas intermináveis de carros. À direita, no local em que a Calçada de Kaluga forma uma curva diante de Neskutchni, perdendo-se na distância, desfilavam filas imensas de soldados e de bagagens. Eram as tropas do corpo de Beauharmais, as primeiras a sair da cidade. Atrás, ao longo do cais e da ponte de Pedro, marchava, o corpo de exército de Ney, com as suas respectivas viaturas.

As tropas de Davout, de que os prisioneiros faziam parte, atravessaram o vau de Krimski e meteram por um troço da Rua de Kaluga. Mas a fila era tão longa que as últimas viaturas de Beauharmais ainda não tinham saído de Moscovo quando a vanguarda das tropas de Ney principiava a desembocar na Grande Ordinka.

Após terem atravessado o vau de Krimski, os prisioneiros, depois de darem alguns passos, pararam, para de novo se porem em marcha: de todos os lados se comprimiam contra eles cada vez mais homens e viaturas. Levaram mais de uma hora para Percorrer a escassa centena de passos que separa a ponte da Rua de Kaluga, e, ao chegarem à praça onde a Rua de Zamoskvorietche se encontra com a de Kaluga, pararam, comprimidos numa massa compacta, e ali ficaram algumas horas naquela encruzilhada. Por toda a parte se ouviam, num rindo semelhante ao do mar, e rolar das rodas, os passos dos soldados e gritos furiosos e intermináveis injúrias. Pedro, de pé, comprimido contra a parede de uma casa incendiada, ouvia aquele rumor que na sua imaginação se fundia com o rufar dos tambores.

Alguns oficiais prisioneiros, para verem melhor, treparam ao alto das paredes da casa junto à qual se encontrava Pedro.

- Tanta gente! Ah! Tanta gente!... Até há homens em cima dos canhões! Olhem para

as peles'... Ah!, que crápulas! O que eles roubaram! Olha para aquele, o que ele leva no carro... Deve ter tirado aquilo a um ícone... São alemães. é mais que certo! Onde estão os nossos camponeses?... Canalhas!... Olha para o que aquele leva. Nem pode andar! E aqueles, aqueles apanharam uma carruagem de fidalgo! E aquele além! Sentado em cima dos baús! Ah! Santos Padres! Isto é que foi roubar!

- Sim, sim! Chega-lhe nas ventas! Sim, senhor, não salinos daqui antes da noite! Olha, olha... Se calhar é do Napoleão. Repara! Que belos cavalos! Um escudo e a coroa! Parece uma casa desmontável! Olha, aquele perdeu o saco e, não deu por isso. Quê, mais zaragatas? Uma mulher com o filho. Não é qualquer peste. Claro, assim, hão-de deixar-te passar, Olhem! Nunca mais acaba! Moças russas, palavra de honra! Sim, moças russas1 Aquilo é que elas se rebolam nos carros.

De novo um acesso de curiosidade, como junto da igreja de Kamovniki, precipitou os prisioneiros para diante, e Pedro, graças à sua estatura avantajada, pôde ver por cima das cabeças o que assim chamava a atenção. Em três carruagens. à mistura com os armões da artilharia, aglomeradas umas sobre as outras, viam-se umas mulheres muito pintadas, com vestidos ultragarridos, que gritavam em altos berros.

Desde o momento em que Pedro dera pela presença daquela força misteriosa e brutal que a certa altura se apodera dos homens, nada lhe parecia já estranho nem horrível: nem aquele cadáver borrado de sebo, nem aquelas mulheres empilhadas dentro de um carro, nem mesmo os escombros do incêndio. Já nada o comovia: dir-se-ia que a sua alma, preparando-se para uma luta difícil, repelia de si toda a emoção capaz de a debilitar.

O carro das mulheres passara. Atrás dele vinha uma grande fileira de carroças, de soldados, de galeras: depois, de novo soldados, furgões, veículos; e outra vez soldados, armes e mais soldados: de quando em quando algumas mulheres.

Pedro ninguém via individualmente, mas apenas massas de gente em movimento.

Toda aquela gente, todos aqueles cavalos, pareciam impulsionados por uma força invisível. Em todos eles, afluindo das diversas ruas, não havia senão um único e mesmo desejo: passar o mais depressa que pudessem. Empurravam-se, irritavam-se, agrediam-se, viam-se dentes ranger, franziam-se sobrancelhas, injuriavam-se uns aos outros, e todos os rostos reflectiam a mesma expressão resoluta, cruel, fria, a expressão que o impressionara logo pela manhã na máscara do cabo, quando principiara a rufar o tambor.

Para o fim da tarde, o comandante do comboio conseguiu agrupar o seu destacamento, que entre gritos e zaragatas acabou por unir-se aos demais comboios, e os prisioneiros, escoltados por todos os lados, entraram, a pé, na estrada de Kaluga.

A marcha foi rápida, sem interrupções, e apenas pararam ao pôr do Sol. As carroças

alinharam umas atrás das outras e os homens prepararam-se para passar ali a noite. Toda a gente parecia irritada e descontente. Por muito tempo se ouviram, por todos os lados, injúrias, obscenidades, disputas. Uma carruagem que vinha atrás do comboio abalroou com uma carroça e meteu-lhe dentro os taipais com a lança dos cavalos. Acorreram vários soldados: uns fustigavam a cabeça das bestas atreladas à carruagem, para obrigá-las a recuar, outros agrediam-se entre si, e Pedro viu um alemão gravemente ferido na cabeça por uma espadeirada.

Aquela gente, ali parada em pleno campo, no meio das fria, trevas de uma noite de Outono, experimentava a desagradável sensação de quem desperta depois da confusão e da precipitação em que vivera à saída da capital. Todos pareciam compreender ser desconhecido o destino que levavam e que muitos tormentos e muitas dificuldades os aguardavam ainda.

Neste primeiro descanso, os soldados da escolta ainda trataram os prisioneiros com mais dureza que no momento da partida. Pela primeira vez receberam como ração carne de cavalo.

Desde os oficiais até ao mais humilde dos soldados, todos mostravam uma espécie de irritação particular para com os prisioneiros, contraste flagrante com o amistoso tratamento que até então tinham tido.

Essa irritação ainda mais se agravou quando, no momento de se fazer a chamada, verificaram que tinha fugido um soldado russo, que se queixara de uma indisposição de barriga. Pedro viu Um francês agredir um russo por se ter afastado da estrada e Ouviu o capitão seu amigo repreender severamente o sargento por causa do desaparecimento do prisioneiro, ameaçando-o com um conselho de guerra. Respondendo-lhe o sargento que o soldado estava, doente e não podia caminhar, o oficial replicou-lhe que havia ordens para fuzilar os retardatários. Pedro sentiu que aquela força fatal e bruta que pesara sobre ele na altura, da execução dos incendiários, aligeirando-se durante o período do cativeiro, voltava de novo a impor-se-lhe. Um grande terror se apoderou dele: mas ao mesmo tempo sentia que, enquanto esta força procurava esmagá-lo, outra, poderosa e independente dela, espécie de energia vital, crescia e lhe fortalecia a alma

Ceou papas de farinha e centeio e um pedaço de carne de cavalo e pôs-se a falar com os companheiros.

Nem Pedro nem qualquer dos outros aludiu ao que tinham, visto em Moscovo, nem tão-pouco à brutalidade dos Franceses nem à ordem de disparar sobre eles em caso de fuga. Como para contrabalançar a gravidade da situação que atravessavam, pareciam especialmente alegres e ruidosos. Lembravam recordações pessoais, cenas cómicas a que

tinham assistido durante a campanha, e as histórias que contavam faziam-nos esquecer o momento que passava.

Há muito que, se havia posto o Sol. Estrelas brilhantes surgiam aqui e ali no alto céu, O globo da lua cheia, cor de fogo, espalhava o seu fulgor no horizonte, balouçando-se de maneira estranha no meio da bruma acinzentada. Era como se fosse dia claro. O crepúsculo ainda não acabara e a noite ainda não principiara. Pedro, afastando-se do grupo dos seus novos amigos, atravessou pelo meio das fogueiras do acampamento para o outro lado da estrada onde lhe haviam dito haver também prisioneiros, Desejava conversar com eles. Uma sentinela francesa mandou-o fazer alto, ordenando-lhe que voltasse para trás.

Pedro obedeceu-lhe, mas, em vez de voltar para o bivaque onde estavam os companheiros, encaminhou-se para uma carroça desatrelada em que ninguém havia. Sentou-se no chão, acocorado, e de cabeça baixa, sob a caixa da carroça, por muito tempo ali ficou imóvel, absorto nos seus pensamentos. Passou-se mais de uma hora, Ninguém se lembrava dele. De súbito rompeu uma gargalhada tão franca e estrepitosa que toda a gente se voltou para ver donde partia aquela estranha jovialidade.

«Ah!, ah!, ah!», gargalhava Pedro. E em voz alta ia dizendo para si mesmo: «O soldado não me deixou passar, apanharam-me, encarceraram- me, fizeram-me prisioneiro. Mas a quem? A mim. à minha alma imortal?

«Ah!, ah!, ah…» E de tanto rir enchiam-se-lhe os olhos de lágrimas.

Um dos prisioneiros levantou-se e aproximou-se para ver qual a causa da hilaridade daquele homem gordo e estranho, Pedro deixou de rir, levantou-se e, afastando-se do indiscreto, olhou em torno de si.

O acampamento, ainda há momentos animado pelo crepitar das fogueiras e das conversas ruidosas, serenara até onde a vista alcançava; as chamas vermelhas empalideciam e apagavam-se. A lua cheia estava agora lá no alto do firmamento inundado de luar, As florestas e os campos, até então invisíveis para além do acampamento, avultavam ao longe. E para além dessas florestas , desses campos, a distancia infinita iluminada pelo luar parecia mover-se e chamá-lo para si. Ergueu os olhos para o céu, para as profundezas onde se perdiam as estrelas cintilando. «E tudo isto me pertence, tudo isto está em mim e tudo isto sou eu!», exclamou. «E a tudo isto deitaram eles a mão e tudo isto enceraram numa barraca de madeira!» Sorriu e foi deitar-se junto dos companheiros.

Capítulo XV

Nos primeiros dias de Outubro. Kutuzov voltara ainda a receber uma carta de Napoleão, com propostas de paz, que lhe fora confiada por um parlamentário, carta falsamente datada de Moscovo, pois o imperador já se encontrava para além do exército russo, na velha estrada de Kaluga. Kutuzov repetiu o que respondera à primeira que lhe fora apresentada por Lauriston: que não queria ouvir falar em paz.

Pouco tempo depois, o destacamento de guerrilheiros comandado por Dolokov, que operava à esquerda de Tarutino, comunicou que haviam desaparecido tropas francesas em Fominskoie, e que, essas tropas eram formadas pela divisão Broussier, a qual, isolada do resto do exército, facilmente podia ser dizimada. Soldados e oficiais exigiam, gritando, que os deixassem combater. Os generais do estado-maior, encorajados pela vitória fácil de Tarutino, insistiam com o generalíssimo para que a proposta de Dolokov fosse aceite. Kutuzov continuava a considerar inoportuna qualquer actividade. Foi então resolvido tomar uma medida intermédia: enviou-se um pequeno destacamento a Fominskoie com o propósito de atacar Broussier.

Por um estranho acaso, esta missão - a mais difícil e a mais importante de todas, como depois se verificou - foi confiada a Dokturov, esse pequeno e modesto Dokturov, que ninguém concebia a gizar planos de batalha, e lançar-se à frente dos seus regimentos, ou a espalhar cruzes às mãos-cheias peias baterias, esse homem que tinha fama de indeciso, e que, no entanto, em todas as operações contra os Franceses, de Austerlitz até 1813, estivera sempre na posição de comando onde a situação era mais difícil. Em Austerlitz fora o último a abandonar o dique de Augezd, reunindo os regimentos, salvando o que podia, quando todos debandavam ou tinham sido mortos e mais nenhum general havia na linha de fogo, Enfermo e cheio de febre, acorreu a Smolensk com vinte mil homens para defender a cidade contra o exército de Napoleão. Em Smolensk, num grande acesso febril, passa pelo sono na Porta de Malakov. O tiroteio desperta-o e a cidade aguenta-se todo o dia, Em Borodino, depois que Bagration foi morto e os Russos perderam, na sua ala esquerda, um por cada nove soldados, e quando toda a artilharia francesa despejava metralha sobre eles. é ainda este indeciso e imprevidente Dokturov quem vai substituir um general mal escolhido numa infeliz decisão de Kutuzov. E apresenta-se este miúdo, este

modestíssimo Dokturov, e Borodino transforma-se numa das mais brilhantes glórias russas. No entanto, embora sejam muitos os heróis celebrados em prosa e verso, de Dokturov ninguém fala.

Foi ainda Dokturov o general enviado a Fominskoie e daí a Malii Iaroslavets, local em que se travou a última verdadeira batalha contra os Franceses, e onde, de facto, verdadeiramente, principiou a derrocada dos exércitos napoleónicos. E, embora sejam muitos os génios e os heróis glorificados desta campanha, de Dokturov ou não se fala ou apenas se lhe dedicam algumas palavras de elogio equívoco. O silêncio à volta deste homem é a mais evidente prova dos seus méritos.

É natural que um homem que não conhece o funcionamento de uma máquina atribua grande importância ao cisco que por acaso se introduziu nas suas engrenagens e a não deixa funcionar. Sem conhecer a sua construção, esse homem não pode compreender que o órgão essencial da máquina é a pequena roda que gira sem ruído.

No dia 10 de Outubro, dia em que Dokturov, tendo percorrido metade do caminho para atingir Fominskoie, se deteve na povoação de Aristovo, onde se dispunha a executar com toda a exactidão a ordem recebida, o exército francês, que, impelido por um movimento compulsivo, chegara até junto da posição ocupada por Murat para aí travar batalha, segundo parece, imediatamente e sem motivo algum virou para a esquerda, pela estrada nova de, Kaluga, e penetrou em Fominskoie, onde até essa data só se encontrava Broussier. Naquele momento. Dokturov apenas tinha sob o seu comando o destacamento de Dolokov e dois outros, menos importantes, o de Figner e o de Sesslavine.

Na noite de 11 de Outubro, Sesslavine chegou a Aristovo e apresentou-se na sede do comando com um soldado francês da Guarda que acabava de ser feito prisioneiro. Este disse que as tropas que nesse mesmo dia tinham entrado em Fominskoie constituíam a guarda-avançada de todo o exército, que Napoleão se encontrava junto delas e que havia quatro dias que tinham deixado Moscovo. Nessa mesma noite, um criado-servo que chegava de Borovska, contou que vira um importante corpo de exército penetrar na cidade. Cossacos do destacamento de Dolokov confirmaram que a guarda francesa marchava pela estrada de Borovska. De harmonia com todas estas informações, tornou-se evidente que naquele ponto, onde esperavam encontrar apenas uma divisão, se achava todo o exército francês, que deixara Moscovo, e o qual seguia direcção imprevista, a velha estrada de Kaluga. Dokturov, hesitante, não sabia que decisão tomar, pois não via agora com clareza o que tinha a fazer. Recebera ordem para atacar Fominskoie. Mas aí, onde anteriormente apenas se encontrava Broussier, estava agora todo o exército francês. Ermolov teria desejado agir a seu talante, mas Dokturov insistiu na necessidade de se recorrer à decisão

do Sereníssimo. E foi resolvido enviar-se um relatório ao estado-maior.

Para essa missão escolheu-se Bolkovitinov, um oficial inteligente, o qual, além do relatório escrito, devia prestar completas explicações orais, A meia-noite, Bolkovitinov, depois de ter recebido o relatório e as respectivas ordens verbais, partiu a galope ao encontro do estado-maior, seguido de um cossaco e de cavalos de muda.

Capítulo XVI

A noite de Outono estava escura e quente. Há três dias que chovia, Depois de mudar duas vezes de cavalos e de ter percorrido trinta *verstas* em hora e meia, por uma estrada lamacenta e escorregadia, Bolkovitinov chegou a Letachovka às duas da madrugada. Apeando-se diante de uma isbá em cuja porta havia um letreiro com a inscrição «Estado-Maior», penetrou no vestíbulo escuro.

- É urgente, o general de serviço! Extremamente urgente! - disse ele a um homem que se perfilou, sobressaltado, no meio das trevas.

- Está muito doente desde ontem, ha duas noites que não dorme - deu-se pressa em responder um impedido baixando a voz. - É melhor acordar primeiro o capitão.

- É muito importante. Da parte do general Dokturov - insistiu Bolkovitinov, entrando, às apalpadelas - pela porta dentro.

O impedido adiantou-se-lhe e fez menção de acordar alguém que estava a dormir.

- Excelência, Excelência, um correio.

- Hem? Quê? Da parte de quem? - inquiriu uma voz ensonada.

- Da parte de Dokturov, Alexis Petrovitch. Napoleão está em Fominskoie -- disse Bolkovitinov, que, na obscuridade, não conseguia ver a pessoa que falara, reconhecendo, no entanto, pela voz, que não era Konovnitsine.

O homem pôs-se a bocejar e a espreguiçar-se.

- Não estou com vontade de o acordar - disse ele, tacteando nas trevas. - Está muito doente e naturalmente isso são boatos.

- Aqui tem o relatório - volveu Bolkovitinov - Tenho ordem de o entregar imediatamente ao general de serviço.

- Espere, vou acender a luz. Onde a meteste, malvado? - disse para o impedido o militar que acordara e, era Chtcherbinine, o ajudante-de-campo de Konovnitsine. - Ah! Aqui está ela, aqui está ela.

O impedido riscou a pederneira enquanto o oficial procurava vela tacteando no escuro.

- Ah, malandros! - exclamou, arreliado.

A claridade das chispas, Bolkovitinov reconheceu a cara moça de Chtcherbinine, que

tinha uma vela na mão, e a um canto, na sua frente, viu alguém que dormia. Era Konovnitsine.

Quando a chama da isca, primeiro azul, se tornou vermelha, Chtcherbinine acendeu a vela de sebo. As baratas que a devoravam fugiram e ele pôs-se a examinar o mensageiro. Bolkovitinov, coberto de lama, ao tentar enxugar-se com a manga da farda, mascarrou a cara.

- E quem prestou estas informações? - perguntou Chtcherbinine, pegando no sobrescrito.

- As informações são de confiança - replicou o correio. Prisioneiros, cossacos, espiões, são unânimes a dizer o mesmo.

- Não há outro remédio, tenho de o acordar - murmurou Chtcherbinine, erguendo-se e aproximando-se do homem que ressonava com a cabeça metida num barrete de dormir e o capote por cima. - Piotre Petrovitch! - chamou ele, Konovnitsine não se mexeu. - Ao estado-maior! - acrescentou, sorrindo, certo de que estas palavras chegariam para o acordar.

Com efeito, a cabeça com o barrete de dormir soergueu-se imediatamente. O belo e enérgico rosto de Konovnitsine, afogueado pela febre, permaneceu ainda por momentos numa espécie de entressonho, muito longe, por certo, da realidade. Depois teve um sobressalto e recuperou a sua expressão habitual cheia de serenidade e firmeza.

- De que se tratai? Da parte de quem? - perguntou imediatamente, mas sem grandes pressas, piscando os olhos em frente da luz da vela.

Enquanto ouvia o relatório oral do emissário abriu o sobrescrito e percorrer a mensagem com os olhos. Assim que terminou a leitura, pousou no sobrado os pés, onde enfiara meias de lã, e pôs-se a calçar as botas, Em seguida tirou o barrete de dormir, alisou o cabelo nas fontes e pôs a barretina.

- Vieste depressa! Vamos ao Sereníssinio.

Konovnitsine compreendera imediatamente a extrema importância das notícias trazidas pelo correio e, que não havia tempo a perder. Não sabia nem se perguntava a si mesmo se as notícias eram boas ou mas. Não pensava nisso nem estava disposto a interrogar-se sobre o assunto. Não o interessava. A guerra, para ele, não era nem questão de inteligência nem de raciocínio. Era qualquer coisa de muito diferente. Tinha a convicção profunda, e nunca expressa de que, evidentemente, tudo acabaria bem, mas que era preciso não acreditar em tal e muito menos não manifestar essa opinião. Havia apenas que cumprir a tarefa. E essa tarefa cumpria-a ele consagrando-lhe roda a sua energia.

Piotre Petrovitch Konovinitsine, assim como Dokturov, parece não terem sido incluídos na lista dos heróis de 1812 - os Barclay, os Raievski, os Ermolov, os Platov e os

Miloradovitch - apenas por uma questão de pura formalidade. Tal como a de Dokturov, a sua reputação era a de um homem de min escassas capacidades, conhecimentos e, assim como o seu émulo, também ele nunca gizara planos de campanha, embora sempre viesse a encontrar-se nos pontos em que a situação era mais grave. Desde que fora nomeado general de serviço que dormia de porta aberta e dava ordens para que o chamassem à chegada de qualquer correio, Era sempre o primeiro na linha de fogo Kutuzov repreendia-o por tanto se expor, e hesitava mesmo em dar-lhe ordens. Eis porque, como Dokturov, era uma dessas engrenagens invisíveis que sem fazer qualquer ruído constituem um dos órgãos essenciais de qualquer máquina.

Ao ver-se exposto à humidade da escura noite, assim que saiu da isbá, Konovnitsine sentiu-se mal, eram muito fortes as suas dores de cabeça e a barafunda que aquelas notícias iam causar na esfera das graúdas engrenagens do estado-maior, principalmente em Bennigsen, que desde Tarutino andava a ferro e fogo com Kutuzov, impressionava- o. Que propostas surgiriam? E as discussões que ia haver! As mudanças! Era penosa a impressão que lhe causava pensar nisso, tanto mais quanto considerava inevitável o que ia acontecer.

E, com efeito, Toll, a cujos aposentos se dirigiu para dar-lhe parte do ocorrido, pôs-se imediatamente a expor as suas ideias ao general seu companheiro de casa, e Konovnitsine, que o ouvia sem dizer palavra, com um ar cansado, viu-se obrigado a lembrar-lhe a conveniência de apresentarem o caso ao Sereníssimo.

Capítulo XVII

Kutuzov, como todos os velhos, pouco dormia de noite. De dia acontecia-lhe muitas vezes cabecear com sono; de noite estendia-se na cama sem se despir, e geralmente pensava, não dormia.

Era o que sucedia naquele momento. Estava estendido na cama, com a grande e pesada máscara, toda sulcada de cicatrizes, absorta em pensamentos e o único olho muito aberto na escuridão.

Desde que Bennigsen, que mantinha correspondência directa com o imperador e era preponderante no estado-maior, evitava Kutuzov, este sentia-se mais tranquilo, pois ninguém apertava com ele para lançar as tropas em aventurosas ofensivas.

A lição de Tarutino e do que se passara na véspera da batalha, lembrança que ainda o impressionava desagradavelmente, devia tê-los feito reflectir.

«Devem compreender que só temos a perder tomando a iniciativa de atacar», pensava, «A paciência e o tempo, eis os meus dois grandes heróis!» Estava certo de que se não devia arrancar a maçã da árvore enquanto ela estivesse verde. Quando amadurecer cairá por si; apanhar a maçã verde é estragar a fruta e a árvore. E a única coisa que podemos ganhar é os dentes botos. Caçador experimentado que era, estava seguro de que a fera fora atingida e ferida, sem dúvida, depois de sentir o peso do poderio russo. Se a ferida era mortal ou não, isso ainda o não sabia. Naquele momento, depois das diligências de Lauriston e de Berthier e das informações colhidas pelos guerrilheiros, estava quase certo de que seria mortal. Mas era preciso obter provas irrefutáveis esperar ainda,

«Estão sempre com vontade de ir ver se mataram a presa. Esperem, terão tempo de ver mais tarde», dizia ele de si para consigo. «Manobras e mais manobras, ataques e mais ataques. Para quê? Para se distinguirem! Como se fosse coisa muito agradável travar uma batalha! Parecem crianças. Não são capazes de contar como as coisas se passaram. O que eles querem é mostrar que se bateram bem. Mas não é disso que se trata neste momento.

«E que manobras são essas que eles me estão sempre a propor? Lá porque imaginaram dois ou três casos», acrescentou, pensando no general que lhe mandaram de Petersburgo, «julgara ter previsto todos os que podem surgir. As contingências são infinitas!»

Havia já um mês que Kutuzov perguntava a si mesmo ansiosamente se o ferimento de Borodino seria ou não mortal. É certo que os Franceses estavam na posse de Moscovo. Mas, por outro lado, sentia, com todas as fibras da sua alma, que o golpe terrível que lhe vibrara com todas as tropas russas tinha de ser mortal. Em todo o caso precisava de provas e havia um mês que as esperava. E quanto mais o tempo ia passando mais impaciente parecia.

Estendido na cama durante as longas insónias, fazia exacta- mente o mesmo que todos os seus jovens generais, aquilo mesmo por que os repreendia, Tal como eles, imaginava todos os casos possíveis. Só com uma diferença: que nada edificava sobre tais hipóteses e que não formulava apenas duas ou três, mas milhares. Quanto mais pensava maior era o número de circunstâncias que via. Representava-se a si mesmo toda a espécie de movimentos do grosso do exército napoleónico, em direcção a Petersburgo ou apenas de uma das suas partes, avançando sobre ele, graças a um envolvimento, E pensava, e era o que mais temia, na hipótese de Napoleão empregar para com ele as mesmas armas de que ele próprio se utilizava: no caso de ele ficar em Moscovo aguardando-o. Admitia mesmo que os Franceses fizessem um movimento de recuo sobre Medine e Iuknev, E, no entanto, a única coisa que não pudera prever fora precisamente o que veio a dar-se, a saber, esse vaivém de Napoleão, insensato, quase convulsivo, durante os onze dias após a evacuação de Moscovo, vaivém que tornou possível uma coisa em que Kutuzov não ousava ainda pensar: a destruição completa do exército francês. A informação de Dokturov sobre a divisão Broussier, as comunicações dos guerrilheiros sobre a desorientação que se sentia no exército napoleónico, o que constara acerca dos pormenores da partida de Moscovo, tudo confirmava a hipótese de que as tropas inimigas estavam perdidas e se dispunham a bater em retirada. No entanto, tudo isto eram suposições, talvez convincentes aos olhos de todos os jovens que o rodeavam, mas não aos seus. Com os seus sessenta anos de experiência, sabia a importância que devia atribuir-se aos boatos. E também sabia que quando se deseja muito qualquer coisa, pode uma pessoa acabar por preparar as notícias de sorte a que elas confirmem o que se deseja, tendo o cuidado de guardar silêncio sobre tudo que contradiga o que se pretende. Por isso, quanto mais desejava que fosse essa a solução, menos se permitia a si próprio acreditar nela. O problema do estado do exército francês absorvia todas as suas faculdades intelectuais: o mais, para ele, era acessório, o trem habitual da vida. Entre as suas ocupações quotidianas figuravam as conversas com o estado-maior, a correspondência com Madame de Staël, que punha em dia desde Tarutino, a leitura de romances, a distribuição de recompensas, as cartas que enviava para Petersburgo e outras coisas semelhantes, Porém, o seu único e mais ardente desejo era a derrota dos Franceses,

derrota que ele, aliás, e só ele, previa.

Na noite de 11 de Outubro Kutuzov ali estava, pois, com a cabeça entre as mãos, absorto em seus pensamentos.

Um ruído se ouviu tio quarto contíguo: era Toll, Konovnitsine e Bolkovitinov que chegavam.

- Quem está aí? Entre, entrem. Que há de novo? - interrogou ele.

Enquanto o criado acendia uma vela, Toll pô-lo ao corrente das notícias acabadas de chegar.

- Quem as trouxe? - perguntou o generalíssimo com tinia expressão tão severa e fria que Toll se sentiu impressionado quando lhe pode ver o rosto.

- Bolkovitivov, Excelência. Não pode haver dúvidas.

- Diga-lhe que entre, que entre!

Kutuzov, sentado na cairia com uma das pernas pendentes, deixava descair a volumosa barriga sobre a outra perna encolhida. Piscando o único olho para melhor ver o emissário, procurava ler-lhe no rosto o que absorvia.

- Conta, vamos, conta meu amigo. - disse ele a Bolkovitinov, na sua tranquila voz de ancião, apertando contra o peito a camisa entreaberta. - Vem cá, aproxima-te. Que notícias me, trazes tu? Hem! Napoleão abandonou Moscovo? É verdade? Hem?

Bolkovitinov pôs-se primeiro a expor-lhe em pormenor as instruções orais que recebera.

- Fala, fala depressa, não me atormentes - interrompeu- o Kutuzov.

O emissário, ao acabar a sua comunicação, calou-se, aguardando ordens. Toll tentou dizer fosse o que fosse, mas o general-chefe interrompeu-o com um gesto. Quis pronunciar qualquer coisa, mas o rosto contraiu-se-lhe de súbito; virou-se para o outro lado, para o recanto da isbá onde estavam os ícones.

- Senhor, criador nosso! Ouviste a nossa oração... - exclamou em voz trémula, juntando as mãos.- A Rússia está salva! Obrigado, meu Deus! - E rompeu a chorar.

Capítulo XVIII

A partir daquele momento e até ao fim da campanha, Kutuzov não teve outro objectivo senão o de impedir pela autoridade, pela astúcia ou pela súplica que as suas tropas se metessem em ofensivas ou executassem manobras que conduzissem a recontros estéreis com o inimigo, cuja perda desde esse momento era certa. É verdade que Dokturov se dirige para Maloiaroslavets, mas Kutuzov não se dá pressa em fazer que todas as tropas o sigam e ordena a evacuação de Kaluga, retirada que lhe parece perfeitamente possível.

Kutuzov recua por toda a parte, mas o inimigo, sem esperar que ele recue, foge em direcção oposta.

Os historiadores de Napoleão descrevem todas estas hábeis manobras em direcção a Tarutino e Maloiaroslavets e fazem prognósticos sobre o que teria acontecido se o imperador tivesse podido penetrar nas ricas províncias do Sul.

Mas a verdade é que, além de ninguém o impedir de penetrar nessas províncias, uma vez que o exército russo lhe abria o caminho para elas, esses historiadores esquecem-se de que nada podia já então salvar o exército napoleónico, visto ele transportar consigo inevitáveis germes de morte. Esse exército, que encontrara em Moscovo abundantes abastecimentos, e que, em vez de os conservar, os desperdiçara por completo, esse exército, que ao chegar a Smolensk, em lugar de repartir os mantimentos entre os seus homens, deixara que os pilhassem, estaria esse exército em condições de recuperar forças na província de Kaluga, cujos habitantes sentiam e pensavam como os de Moscovo e tinham, como eles, o fogo à sua disposição?

Tal exército irão tinha maneira de se refazer fosse onde, fosse. Depois de Borodino e do saque de Moscovo, havia nele elementos de decomposição por assim dizer químicos,

Os soldados deste, por assim dizer, ex-exército fugiam com os seus comandantes sem saber para onde, não desejando - tanto Napoleão como qualquer dos seus soldados - senão uma coisa: sair, pessoalmente, o mais breve possível, daquela situação sem apelo, de que todos se davam conta, embora confusamente.

Eis porque, em Maloiaroslavets, onde os generais, simulando um conselho de guerra, emitiram vários pareceres, o ultimo, o do cândido soldado que era Mouton, exprimindo o que estava no pensamento de todos, que o que havia a fazer era abalarem o mais depressa

possível, tapou a boca a toda a gente e ninguém, nem o próprio Napoleão, ousou objectar fosse o que fosse a essa indiscutível verdade.

No entanto, por mais que reconhecessem que era preciso partir, tinham vergonha ainda de confessar a necessidade da fuga. Era preciso um impulso exterior para vencer essa relutância humana. E esse impulso veio a produzir-se no momento necessário. Foi o que os Franceses chamaram o «hurra do imperador».

No dia seguinte, após este conselho de guerra, Napoleão, de madrugada, com o pretexto de inspeccionar as tropas e o campo das batalhas passadas e futuras, aventurou-se com a sua escolta até às primeiras linhas. Alguns cossacos que andavam na pilhagem surpreenderam o imperador e por pouco não lhe deitaram a mão. Se desta vez o não apanharam, salvou-o, precisamente, o que fora a causa da derrota dos Franceses: o saque, que naquele caso, como antes, em Tarutino, levou os cossacos a não pensarem noutra coisa. Sem repararem em Napoleão, entregaram-se à pilhagem, e assim o imperador pode escapar-se-lhe das mãos.

Desde que os rapazes do Dom tinham a possibilidade de o apanhar no meio do seu próprio exército, era evidente não haver outra coisa a fazer senão fugir o mais depressa possível pela estrada mais curta. Napoleão, com os seus quarenta anos e a sua barriguinha, já se não sentia com a elasticidade e a audácia de outrora, e compreendeu a advertência. O medo que os cossacos lhe provocaram levou-o a aceitar imediatamente o parecer de Mouton. E deu ordem de retirar, assim o dizem os seus historiadores, pela estrada de Smolensk.

O facto de Bonaparte se ter mostrado de acordo com Moutou e a circunstância de o seu exército ter batido em retirada não provam de maneira alguma que a decisão haja partido dele, mas apenas que as forças ocultas, agindo sobre os seus homens, e impelindo-os a tomar a estrada de Mojaisk, também agiam sobre Napoleão.

Capítulo XIX

Quando um homem se move, o seu movimento tem sempre uma finalidade. Para percorrer mil *verstas* é preciso, necessariamente, que o homem se figure que ao cabo dessas mil *verstas* há qualquer coisa de muito agradável à sua espera. Para se resolver a marchar tem de apetecer a terra prometida.

A terra prometida, para os Franceses, no momento em que invadiam a Rússia era Moscovo; na altura da retirada a terra prometida era a pátria. Mas a pátria estava muito longe, e o homem com mil *verstas* a percorrer tem, necessariamente, de principiar por se dizer a si próprio que fará hoje quarenta *verstas,* ao cabo das quais poderá descansar, dormir e olvidar o termo da jornada. O primeiro descanso fá-lo esquecer a meta a atingir e todos os seus desejos e todas as suas esperanças aí se concentram. E o que se verifica com o indivíduo isolado em mais alto grau se observa quando se trata da multidão.

Para os Franceses em retirada pela antiga estrada de Smolensk, a pátria estava ainda muito longe e por isso o termo mais próximo a que aspiravam todas as suas energias, mais ardentes ainda por se tratar de um exército inteiro, era Smolensk. Não que eles soubessem existir nessa cidade grandes reservas de mantimentos ou esperassem aí encontrar tropas francesas - ninguém lhes dissera uma coisa dessas, e não só os oficiais superiores como o próprio Napoleão sabiam perfeitamente serem escassos o mantimentos aí existentes. No entanto, essa perspectiva dava-lhes coragem para caminhar e para suportar as privações bem reais. E tanto os que sabiam como os que não sabiam, atraídos elo engodo, se precipitaram em, direcção a Smolensk como se caminhassem para uma terra da promissão.

Assim que atingiram a estrada real, os Franceses, com uma energia extraordinária, uma rapidez incrível, deram-se pressa de alcançar o fim almejado. Além das razões já apontadas, nova causa os compelia para diante em massa compacta: o seu grande número. Esta enorme massa, graças à própria lei da atracção, dos corpos, chamava a si os átomos individuais. Avançava num bloco de cem mil homens como se fosse um Estado inteiro em marcha.

Cada um de per si apenas desejava uma coisa: cair prisioneiro. Era a maneira de se livrar de todos aqueles horrores e de todo aquele sofrimento. Em primeiro lugar, no entanto, a força que os compelia para Smolensk arrastava-os a todos numa única e mesma

direcção. E mais: não podia um corpo de exército inteiro entregar-se a uma simples companhia e conquanto os soldados aproveitassem todas as oportunidades para se separarem uns dos outros e se servissem do mais pequeno pretexto para se entregarem, as ocasiões eram raras. A circunstância de serem muitos e a rapidez da marcha que levavam tiravam-lhes a possibilidade de o conseguirem e tornava-se difícil, e por assim dizer impossível para os Russos, deter um movimento em que punham toda a sua energia. O desgarramento interior deste corpo não podia acelerar além de uma certa medida o processo de decomposição que o ameaçava.

É impossível derreter instantaneamente uma bola de neve. Tem de decorrer um certo lapso de tempo antes que o calor o consiga, por maior que seja. Pelo contrário, quanto maior é o calor mais a neve endurece.

Eis o que nenhum dos chefes russos compreendera, à excepção de Kutuzov. Desde que se teve a certeza de qual a direcção que tomara o exército francês em fuga pela estrada de Smolensk, principiou a realizar-se o que Konovnitsine previra na noite de 11 de Outubro. Os altos postos não pensaram noutra coisa senão em distinguir-se, cortando a retirada aos Franceses, cercando-os, fazendo-os prisioneiros, aniquilando-os: todos, à compita, exigiam lima ofensiva.

Kutuzov era o único a empregar todas as suas forças - e as forças do comandante-chefe são por vezes escassas em casos destes - para se opor aos desígnios dos altos postos.

Não lhe era possível argumentar com eles como agora pode argumentar-se. Para quê uma batalha? Para quê cortar-lhes as estradas, perder homens, chacinar desumanamente tantos desgraçados? Para quê tudo isto, quando é certo que entre Moscovo e Viazma a terça parte deste exército se derreteu sem uma única batalha em forma? Na sua sageza de velho apenas lhes dizia o que lhes era possível, a eles, compreenderem, falando-lhes na «ponte de ouro» *(Kutuzov dissera para o inglês que acompanhava as operações como representante dos Aliados que preferia construir uma «ponte de ouro» par),; Franceses passarem que sacrificar os seus homens. (N. dos T.).* E eles zombavam do velho, caluniavam-no, mostrando a sua bravura no lombo da fera morta.

Em Viazma, Ermolov, Miloradovitch. Platov, ao verem-se perto dos Franceses, não puderam refrear os seus ímpetos e aniquilaram dois corpos de exército inimigos. Para informarem Kutuzov da sua intenção enviaram ao Sereníssimo, dentro de um sobrescrito. à guisa de relatório, uma folha de papel em branco.

E, apesar dos esforços do general-chefe para os reter, os soldados russos atacaram no intuito de tolher o passo aos Franceses. Segundo se disse, regimentos de infantaria marcharam para a linha de fogo com bandas e tambores à frente, perdendo e matando

milhares de homens. Mas quanto a tolherem-lhes o passo, não tolheram coisa alguma nem aniquilaram ninguém. E o exército francês, mais coeso graças ao perigo, prosseguiu na sua caminhada fatal em direcção a Smolensk, esgotando-se pouco a pouco.

TERCEIRA PARTE

Capítulo 1

A batalha de Borodino, a ocupação de Moscovo, que se lhe seguiu, e a retirada dos Franceses sem novos combates constituem acontecimentos históricos instrutivos.

Todos os historiadores estão de acordo em afirmar que a actividade externa dos povos e dos impérios se traduz nas suas colisões mútuas representadas pelas guerras e que a força política dos países aumenta ou diminui na razão directa dos êxitos militares maiores ou menores.

São sem dúvida estranhas as descrições dos historiadores em que se relata que tal ou qual rei ou imperador, em conflito com tal ou qual outro rei ou imperador, convocou o seu exército, se bateu contra o exército inimigo, saiu vitorioso, causou a morte de três, cinco, dez mil homens, em virtude do que conquistou determinado Estado e um povo inteiro composto de muitos milhões de habitantes. Que a derrota de um exército, apenas a centésima parte das forças de um povo inteiro, leve à submissão desse povo, eis o que não pode deixar de ser incompreensível. No entanto, estes factos, na medida em que chegam ao nosso conhecimento, confirmam a justeza do que se diz acerca das vitórias militares, causa essencial da grandeza dos povos. Ganha um exército uma batalha e imediatamente os direitos do vencedor prosperam em detrimento dos do vencido. É uma derrota que o atinge, e logo o povo perde os seus direitos na proporção do desastre sofrido, e se porventura o seu exército é esmagado não tem mais que submeter-se por completo.

Assim tem sucedido, diz a História, desde os tempos mais recuados até aos nossos dias. Todas as guerras de Napoleão confirmam afinal esta regra. A medida que os exércitos austríacos são derrotados, a Áustria perde certos dos seus direitos, enquanto os da França aumentam, crescendo o seu poderio proporcionalmente. As vitórias de Iena e de Auerstedt representam o fim da, independência da Prússia.

No entanto, em 1812, os Franceses obtêm a vitória em Moscovo, ocupam a cidade, e o certo é que, sem novas batalhas, não é a Rússia que deixa de existir, mas, em primeiro lugar, esse imenso exército de seiscentos mil homens e depois a própria França de Napoleão. Tentar pôr de acordo os factos com as leis históricas, afirmar que o campo de batalha de Borodino ficou nas mãos dos Russos, que depois de Moscovo se travaram combates que aniquilaram o exército napoleónico, eis o que é impossível,

Após a vitória dos Franceses em Borodino, não tornou a haver mais nenhuma batalha geral, nem sequer houve qualquer recontro importante, e, no entanto, o exército francês foi destruído. Que significa isto? Se se tratasse de um acontecimento da história da China, ainda poderíamos sustentar que se não tratava de um fenómeno histórico, recurso habitual dos historiadores quando alguma coisa não joga perfeitamente com as suas teorias. E ainda se se não tratasse senão de um conflito bastante episódico, em que apenas tivesse tomado parte número restrito de tropas, isso ainda nos habilitaria a, sustentar que estávamos perante uma excepção. Mas o acontecimento deu-se quando os nossos pais eram vivos e se debatia a questão de vida ou de morte da sua pátria, e essa guerra foi a maior de todas as guerras conhecidas.

O período da campanha de 1812 que vai de Borodino à expulsão dos Franceses não só demonstrou que uma batalha vitoriosa não é só por si razão suficiente da conquista de um país, mas nem sequer disso é mesmo sintoma. Provou, pelo contrário, que a força que decide do destino dos povos nem está nos conquistadores, nem nos seus exércitos, nem mesmo nas batalhas que eles travam. Está em qualquer outra coisa.

Os historiadores franceses, ao referirem-se à situação do exército napoleónico antes da sua retirada de Moscovo, afirmam que a ordem reinava em todos os corpos excepto na cavalaria, na artilharia e no trem hipomóvel, acrescentando existir falta de forragens para os cavalos e para o gado, penúria irremediável, uma vez que os camponeses dos arredores preferiam queimar a palha a, entregá-la aos Franceses.

A vitória não trouxe consigo os resultados habituais, porque os camponeses, os Karp e os Vlas, trataram de saquear Moscovo quando os Franceses abandonaram a capital, não dando provas, em geral, de grande heroísmo, e porque muitos outros preferiram queimar a palha a vendê-la ao invasor por elevado preço.

Imaginemos dois homens dispostos a bater-se em duelo à espada de acordo com todas as regras da esgrima. A peleja dura muito tempo. De súbito, um deles, ao sentir-se ferido e ao compreender que se não trata de uma brincadeira, pois é a sua própria vida que está em risco, joga fora, a espada e, deitando a mão ao primeiro cacete que lhe aparece, põe-se a riscar com ele. Suponhamos porém que esse duelista que com tanta oportunidade empregou o melhor meio e o mais simples para conseguir os seus fins, animado pela tradição cavalheiresca, procura ocultar a verdade e insiste em dizer que venceu o seu rival com todas as regras. Poder-se-á fazer uma pequena ideia da confusão que resultaria se ele porventura se pusesse a descrever o seu duelo?

O esgrimista que exige que o combate decorra de acordo com todas as regras do duelo é o francês; o adversário que jogou fora a espada e sacou do cacete é o russo:, as

pessoas que procuram tudo explicar pelas regras da esgrima são os historiadores que se ocuparam do acontecimento.

A partir do incêndio de Smolensk principiou uma guerra a que se não pode aplicar qualquer das tradições guerreiras conhecidas até então. O incêndio das cidades e das aldeias, a retirada após as batalhas, o golpe de Borodino e a nova retirada, os acontecimentos de Moscovo, a caça aos merodistas, a captura dos transportes., as guerras dos partidários, tudo isto estava à margem das regras ordinárias e das tradições bélicas.

Napoleão deu por isso, e desde o momento em que se deteve em Moscovo na atitude correcta imposta pela esgrima e se deu conta de que o adversário, em vez de brandir uma espada, manejava um cacete, logo se pôs a queixar-se a Kutuzov e a Alexandre, alegando que a guerra estava a ser conduzida de maneira contrária a todas as regras, como se em verdade pudesse haver regras para matar criaturas humanas. Mas, apesar das queixas dos Franceses e da vergonha que sentiam certas altas personalidades russas por se verem obrigadas a bater-se com cacetes quando desejavam seguir as regras, colocando-se em posição de em quarta, ou em terceira, e atacando em primeira, etc., o certo é que o cacete da guerra civil nacional se levantou com força majestosa e devastadora e sem querer saber dos gostos de cada um o das respectivas regras, simples e brutal, mas confiante nos seus golpes, caiu sobre os Franceses e zurziu-lhes as costas até os invasores ficarem completamente aniquilados.

Ditoso o povo que, ao contrário dos Franceses em 1813, os quais saudaram segundo os princípios da arte de esgrima, entregando a espada cortês, graciosamente, ao magnânimo vencedor, ditoso do povo que, num momento de provação, sem querer saber como se conduziriam os outros em caso semelhante, ergue, fácil e simplesmente, o primeiro cacete que lhe vem às mãos e zurze com ele o inimigo até que na alma lhe desponte, em vez da ofensa e da vergonha, o sentimento do desprezo e da compaixão.

Capítulo II

Uma das mais impressionantes e fecundas excepções às pretensas leis da guerra é a acção de indivíduos isolados contra as massas compactas de tropas. Eis um género de operações que vem a produzir-se sempre nas guerras de carácter nacional. Em lugar de se oporem em massa, os homens dividem-se em pequenos destacamentos, atacam isoladamente e fogem desde que enfrentados por grandes forças, atacando outra vez logo que a oportunidade se oferece. Foi o que fizeram os guerrilheiros em Espanha, assim agiram os montanheses no Cáucaso e os Russos em 1812 não procederam de outra maneira.

A esta forma de combater deu-se o nome de «guerra de guerrilhas» e ao designá-la dessa sorte pensou-se explicar a sua significação. Na verdade, pode considerar-se à margem de todas as regras e até mesmo em oposição aos princípios tácticos mais conhecidos e tidos por infalíveis. Segundo esses princípios, aquele que ataca deve concentrar as suas tropas de maneira a que na altura do combate se encontre mais forte que o adversário.

A guerra de guerrilhas, sempre bem sucedida, como a história o demonstra, desmente categoricamente tal princípio.

A contradição deve-se ao facto de que a arte militar supõe que a força de um exército está em relação com o número dos seus homens. Segundo ela, quanto mais numeroso é um exército mais forte resulta.

Os batalhões pesados têm sempre razão.

Ao sustentar esta afirmação, a ciência militar parece-se com a teoria da mecânica afirmando que as forças estão na relação directa das massas e que as forças são iguais entre si consoante as massas são ou não iguais, também.

A força como quantidade de movimento é o produto da massa pela velocidade.

Na guerra, a força das tropas é realmente o produto das massas, mas multiplicado por uma incógnita x.

A ciência militar, ao encontrar na história numerosos exemplos em que a massa dos soldados não coincide com a sua força real, pois pequenos destacamentos vencem por vezes grandes concentrações de tropas, admite confusamente a existência desse multiplicador desconhecido e procura descobri-lo, quer na construção geométrica de um

plano, quer na superioridade do armamento, quer, mais geralmente, no génio dos chefes. Mas os resultados obtidos por estes diversos multiplicadores estão longe de poderem explicar os factos históricos.

Basta, porém, renunciar a atribuir importância, como em geral acontece, para agrado dos heróis, às disposições tomadas pelo alto comando durante uma guerra, para se descobrir, finalmente, essa famosa incógnita.

Este *x* é o moral das tropas, isto é, o desejo mais ou menos vivo de os homens de que se compõe o exército se exporem ao perigo, independentemente da questão de saberem se se batem sob as ordens de um génio ou não, em duas ou três linhas, ou com cacetes ou espingardas capazes de disparar trinta tiros por minuto. Os que tiverem o desejo mais vivo de se bater serão os que se encontram nas condições mais favoráveis para a luta.

O moral das tropas, eis o multiplicador da massa cujo produto é a força. Precisar e definir o valor do moral, esse multiplicador desconhecido, eis o que a ciência da guerra tem de fazer.

A resolução deste problema apenas se tornará possível no dia em que deixemos de substituir arbitrariamente a incógnita, pelas condições que manifesta a força, quer dizer, as disposições tornadas, o armamento, etc., atribuindo-lhes o valor do multiplicador e- reconhecendo essa incógnita, em toda a sua integridade, como um maior ou menor desejo de bater-se e de expor-se ao perigo. Só então, ao exprimir por equações os factos históricos, e tendo em conta o valor relativo da incógnita, pode esperar-se encontrar esta última.

Dez homens, dez batalhões ou dez divisões, combatendo contra quinze homens, quinze batalhões ou quinze divisões, vencem-nos, quer dizer, mataram e fizeram prisioneiros todos os seus inimigos, perdendo os vencedores quatro unidades. Por conseguinte, de um lado caíram quatro e do outro quinze. Logo, 4 é igual a 15, ou seja, $4x = 15y$. Assim, pois, $x:y = 15:4$. Esta equação não dá o valor da incógnita, mas a relação entre as duas incógnitas. Ao aplicar o sistema das equações aos diferentes acontecimentos históricos considerados separadamente - batalhas, campanhas, períodos de guerra - poder-se-á obter uma série de números em que devem existir leis susceptíveis de se revelar.

A regra táctica que prescreve que se deve agir por massas no ataque e em ordem dispersa na retirada confirma, involuntariamente, a verdade segundo a qual o poderio de um exército depende do espírito que o anima. Para se levarem os homens para a linha de fogo é preciso muito maior disciplina - e essa disciplina apenas se consegue pelas massas em movimento - do que para escapar aos assaltantes. Mas toda a regra que não tenha em conta a questão do moral das tropas é infalivelmente falsa e está mesmo em absoluta

oposição com os factos, ali onde se manifestar uma violenta exaltação ou uma grande depressão no espírito do exército, principalmente nas guerras civis de carácter nacional.

Os Franceses, durante a sua retirada de 1812, quando, segundo a táctica, deveriam defender-se, isoladamente, concentram-se, pelo contrário, em massa, pois o certo é que, o moral das tropas estava de tal modo quebrantado que a massa era u única forma de manter a unidade. Os Russos, que, segundo a táctica, deveriam atacar em massa, dispersam-se, pelo contrário, uma vez que o seu moral era de tal ordem que os homens isolados não precisavam de ordem para combater os Franceses nem de disciplina para se exporem ao perigo e à fadiga.

Capítulo III

A guerra de guerrilha, principiou no dia em que os Franceses entraram em Smolensk.

Muito antes de esta guerra vir a ser reconhecida oficialmente pelo Governo russo, já muitos milhares de homens do exército inimigo - desertores, merodistas, forrageadores - haviam sido exterminados pelos cossacos e pelos camponeses e com tão poucos escrúpulos como se se tratasse de cães danados. Denis Davidov foi o primeiro, com o seu faro patriótico, a reconhecer a importância desta terrível guerra de cacete, sem quaisquer preocupações com as regras da arte militar, matava numerosos franceses, e a ele pertence a glória de, ter principiado por regularizar esta nova maneira de combater.

No dia 24 de Agosto estava organizado o primeiro destacamento de guerrilheiros, e a ele logo se seguiram muitos outros. Quanto mais se prolongava a campanha maior era o número destes destacamentos.

Os guerrilheiros iam destruindo, por partes, o grande exército. Varriam as folhas que caíam da árvore seca que era o exército francês e por vezes chegavam a abanar-lhe o tronco. No mês de Outubro, enquanto os Franceses fugiam em direcção a Smolensk, formavam-se centenas destes destacamentos com efectivos e carácter diferentes. Tinham uns a aparência de tropas regulares, com infantaria, artilharia, estado-maior e fartos abastecimentos: outros apenas eram constituídos por cavalaria e cossacos; havia alguns, pouco importantes, formados por tropas mistas de infantaria e de cavalaria; e outros, enfim, compostos de camponeses e de proprietários rurais, completamente desconhecidos. Só um sacristão, à frente de um grupo de guerrilheiros, conseguiu num mês fazer centenas de prisioneiros, e a mulher de um estaroste, uma tal Vassilissa, dizimou um centenar de franceses.

Nos últimos dias de Outubro atingia a guerra de guerrilhas seu apogeu. Passara o período inicial durante o qual os guerrilheiros se surpreendiam com a sua própria audácia, receando a cada momento ver-se cercados pelos Franceses. Quase não desmontavam dos seus cavalos e escondiam-se nas florestas, sempre a espera de serem perseguidos. Agora as guerrilhas estavam organizadas, e todos sabiam claramente o que podiam ou não fazer para atacar o inimigo. Só os comandantes de destacamento, que no séquito do estado-maior, consoante as ordens recebidas, se mantinham afastados dos Franceses, consideravam

impossível certos empreendimentos. Os comandantes dos pequenos grupos de guerrilheiros, já bastante experimentados e que perseguiam o inimigo de perto, consideravam realizáveis coisas em que os demais nem sequer teriam ousado pensar. Quanto aos cossacos e aos camponeses que se infiltravam nas próprias linhas inimigas, esses pensavam que doravante tudo era possível.

No dia 22 de Outubro. Denissov, que comandava um destacamento de guerrilheiros, encontrava-se, tanto ele como os seus companheiros, em pleno entusiasmo pela nova guerra. Desde madrugada que andava em campo com os seus homens. Durante o dia inteiro tinham espiado, através das grandes florestas que marginavam a estrada, um imenso comboio de material de cavalaria e de prisioneiros russos, o qual, separado do resto do exército, se dirigia para Smolensk, fortemente escoltado, como tinham sabido por alguns espiões e por prisioneiros evadidos. A passagem deste comboio havia sido assinalada não só a Denissov e a Dolokov, o qual, comandante também de um pequeno grupo de guerrilheiros, operava nas mesmas paragens, mas outrossim aos comandantes de fortes destacamentos e aos respectivos estados-maiores.

Toda a gente estava, pois, avisada e, como dizia Denissov, todos aguçavam o dente de antemão. Dois dos comandantes destes destacamentos, um polaco e outro alemão, quase ao mesmo tempo, mandaram pedir a Denissov que se juntasse a eles para atacarem juntos.

- Não, amigo, eu sei o que faço - disse Denissov, depois de ler as duas missivas. E respondeu ao alemão que, apesar do sincero desejo que tinha de obedecer às ordens de um general tão brilhante e tão ilustre, se via obrigado a privar-se dessa honra, uma vez que se encontrava já sob as ordens do polaco. E com a mesma pena escreveu ao general polaco informando-o de que se encontrava já comprometido com o alemão.

Se tomou estas disposições foi porque tinha a intenção, sem informar disso o alto comando, de atacar o comboio de acordo com Dolokov e de se apoderar dele com os seus escassos recursos, No dia 22 de Outubro dirigia-se da povoação de Milculino para a de Chamchevo. A esquerda da estrada, entre essas duas aldeias, sucediam-se matas espessas, que por vezes vinham mesmo bordejar o caminho, afastando-se dele, outras vezes, para cima de uma *versta*. Foi essa floresta que Denissov bateu todo o dia, ora entrando por ela dentro até ao mais espesso da mata, ora surgindo na sua orla, sem nunca perder de vista os movimentos dos Franceses. De manhã, não muito longe de Mikulino, num dos pontos em que as árvores chegavam à estrada, os seus cossacos haviam capturado dois carros cobertos carregados de selas de cavalaria e arreios, os quais tinham caído num atoleiro. Desde então e até à noite observara o inimigo sem o atacar. Era preciso não dar o alarme para que os

Franceses se aproximassem tranquilamente de Chamchevo, e então, reunindo-se a Denissov, que à noitinha devia encontrar-se em certo local da floresta, a uma *versta* da povoação, para com ele estabelecer contacto, cairiam, dos dois lados ao mesmo tempo, inesperadamente, sobre o comboio e de uma só vez apoderar-se-iam dele, destruindo-o.

Na retaguarda, a duas *verstas* de Mikulino, num ponto em que a floresta vinha até à estrada, tinham ficado seis cossacos emboscados para dar o alarme assim que aparecessem novas colunas francesas.

Para lá de Chamchevo, Dolokov devia igualmente explorar a estrada na intenção de saber a que distância poderiam encontrar-se outras tropas inimigas. Calculavam-se em mil e quinhentos os homens que serviam de escolta ao comboio. Denissov dispunha de duzentos homens: Dolokov pouco mais teria. Mas a superioridade numérica do inimigo não detinha Denissov. A única coisa que queria saber é que tropas eram essas; e com esse objectivo precisava de «prendre langue» *(Expressão em francês no texto original. (N. dos T.)*, isto é, capturar um prisioneiro. O ataque matutino às carroças cobertas fora tão inesperado que os franceses da escolta tinham sido todos mortos e apenas haviam aprisionado vivo um pequeno tambor, o qual, porque seguia na retaguarda, nada pôde dizer de preciso acerca da composição da coluna.

Tentar um segundo ataque afigurava-se perigoso a Denissov, pois não convinha alertar a coluna inteira. Eis porque enviou a Chamchevo um camponês chamado Tikon Chtcherbatov, um dos ,seus partidários, com a missão de capturar pelo menos um dos furriéis franceses da vanguarda que se deviam encontrar ali.

Capítulo IV

Era um dia de Outono chuvoso e temperado. O céu e o horizonte estavam envoltos na mesma aguada turva. Ora tombava uma espécie de neblina ora, de repente, se punham a cair obliquamente grossas gotas de água.

Denissov, envolto numa burka *(Capote sem mangas. (N. dos T.)* e de gorro de peles na cabeça, ensopado até aos ossos, montava um cavalo de raça, magro e de flancos escorridos. Tanto ele como a montada, que abanava a cabeça e arrebitava as orelhas, se encolhiam e olhavam desassossegados sob a chuva que os fustigava. O rosto de Denissov, esquálido e picado por uma espessa e curta barba preta, parecia desconfiado e pouco contente.

A seu lado cavalgava o ajudante, um capitão de cossacos, fardado da mesma maneira, montando um corcel do Dom muito bem tratado.

O terceiro companheiro era o capitão de cossacos Lovaiski, que vestia idêntico fardamento. Tratava-se de um homem comprido e chato como uma prancha, louro, de tez branca, com uns olhitos claros e um ar de calma segurança que lhe transparecia não só no rosto como em todo o corpo. Embora não fosse fácil dizer em que consistia a particularidade daquele cavaleiro e do seu cavalo, bastava relancear-lhe um olhar para se ver que, se Denissov, encharcado e de má catadura, dava a impressão de alguém que monta a cavalo um pouco por acaso, o capitão de cossacos, esse, pelo contrário, parecia à sua vontade, tranquilo como sempre, e que ele e o seu cavalo dir-se-iam uma só peça. A frente cavalgava o guia, um camponês, molhado até aos ossos, de cafetã cinzento sujo e gorro branco.

A retaguarda, a certa distancia, montado num cavalo quirguiz magro e franzino, de grandes crinas e cauda farta, a boca ensanguentada pelo freio, trotava um jovem oficial com o capote azul dos Franceses.

A seu lado cavalgava um hússar que levava na garupa um garoto fardado à francesa, todo esfarrapado e de quépi azul na cabeça, Fincado com as mãos vermelhas de frio às costas do hússar, para as aquecer batia com as pernas nuas contra os flancos do cavalo enquanto relanceava olhares assustados à sua roda. Era o tamborzito capturado pela manhã.

Atrás deles, alinhados a três e quatro de fundo, trotavam os hússares pela estreita

vereda coberta de folhas da floresta, depois vinham os cossacos, uns envoltos em burkas, outros envergando capotes franceses e outros ainda com as gualdrapas dos cavalos pela cabeça. Os ginetes, quer os baios quer os alazões, pareciam pretos tanta a chuva que os ensopava. As crinas encharcadas colavam-se-lhes às cabeças singularmente delgadas, Um vapor espesso irradiava-lhes do corpo. Fardas, selas, arreios, tudo estava ensopado, viscoso, lustroso, como, aliás, a terra e as folhas mortas que recobriam o caminho. Os homens, direitos nas selas, mantinham-se imóveis para que a água que lhes escorria pelo corpo pudesse aquecer e para que os não trespassasse a que continuava a cair-lhes em cima. No meio dos cossacos rodavam duas carroças cobertas, tiradas por cavalos franceses, selados à cossaca, que faziam estalar os ramos secos e esparrinhar a água das poças.

Ao contornar um lodaçal do caminho, o cavalo de Denissov ladeou e o cavaleiro bateu com um joelho numa árvore. «Diabos te levem!», gritou ele, furioso. E, rangendo os dentes, fustigou o cavalo com duas ou três chicotadas que o esparrinharam de lama a ele e aos companheiros. Não estava de boa catadura. Sentia-se ensopado e faminto, pois desde manhã que nada comia. E depois Dolokov ainda não dera sinal de vida o soldado que fora «*prendre tangue*» nunca mais aparecera.

«Não se arranja outra oportunidade como esta para assaltarmos um comboio. Atacar sozinho seria muito arriscado e adiar a expedição é o mesmo que dizer que outro destacamento de mais peso nos levará a presa», dizia ele com os seus botões, sempre de olhos fitos no horizonte, na esperança de descobrir o mensageiro esperado que Dolokov lhe enviaria. Ao chegarem a uma clareira, que deixava a descoberto o horizonte à direita, Denissov estacou.

- Vem lá gente - disse.

O capitão olhou para onde Denissov apontava.

- São dois, um oficial e um cossaco. Mas o tenente-coronel que não. - observou o capitão de cossacos, que gostava de empregar palavras pouco usadas entre os seus homens.

Os referidos cavaleiros, que desciam uma encosta, deixaram de ver-se, para voltarem a aparecer alguns minutos depois. A frente, e chicoteando o cavalo para o manter a galope, vinha um oficial esguedelhado, molhado até aos ossos, com as calças arregaçadas até aos joelhos. Atrás dele, de pé nos estribos, trotava um cossaco. O oficial, rapazola muito novo, gordalhudo e rubicundo, os olhos muito vivos, alegríssimos, aproximou-se de Denissov e entregou-lhe um sobrescrito todo molhado.

- Da parte do general - disse ele - Desculpe se vem um pouco molhado...

Denissov, franzindo as sobrancelhas, pegou no sobrescrito e abriu-o.

- Só me diziam que era perigoso, muito perigoso - ia dizendo o oficial, voltado para o

capitão de cossacos, enquanto Denissov lia a mensagem. - Por isso o Komarov e eu tratámos de tomar as nossas precauções - acrescentou, apontando o cossaco que o acompanhava. - Cada um traz duas pisto... O que é? - perguntou ao ver o tamborzito. - Um prisioneiro? Já se bateram? Posso falar com ele?

- Hem? Rostov? Pétia! - exclamou subitamente Denissov, que tinha acabado de ler a missiva - Porque não disseste que eras tu? - E Denissov, voltando-se para o oficial, estendeu-lhe mão, muito sorridente: era Pétia Rostov.

Todo o caminho Pétia estudara a atitude que devia tomar diante de Denissov, a atitude que convinha a um homem feito, a um oficial, sem fazer a mais pequena alusão ao seu antigo conhecimento. Mas assim que Denissov se sorriu para ele, a cara de Pétia iluminou-se, corou de satisfação e esqueceu-se por completo do ai, marcial que estudara para a oportunidade. Pôs-se a contar-lhe como passara diante dos Franceses e a satisfação que sentia por cumprir a missão que lhe fora confiada e como já estivera sob o fogo do inimigo em Viazma, onde por sinal se distinguira o hússar que era ele próprio.

- Pois é verdade, estou contentíssimo por te ver - interrompeu Denissov, em cujo rosto reaparecera a expressão preocupada.

- Mikail Feoklitich - exclamou, virando-se para o capitão de cossacos. - Cá temos outra vez o alemão. Este está adido a ele.

E explicou que o papel que acabavam de lhe entregar encerrava um novo pedido do general alemão para que Denissov se lhe juntasse no intuito de atacarem o comboio.

- Se não nos apoderamos dele amanhã, deitam-lhe a mão mesmo nas nossas barbas - concluiu.

Enquanto Denissov falava com o capitão, Pétia, desorientado pelo tom frio do oficial e persuadido de que a causa disso eram as suas calças arregaçadas, tratou de as puxar para baixo dissimuladamente, procurando assumir uma atitude o mais marcial que podia.

- Que ordens tem Vossa Excelência a dar-me? - inquiriu de Denissov, levando a mão à pala da barretina e retomando a postura de um ajudante-de-campo na presença do seu general, a tal atitude que ele estudara de antemão. - Ou deverei continuar aqui ao pé de Vossa Excelência?

- Ordens?... - repetiu Denissov pensativo. - Podes ficar aqui até amanhã?

- Oh! Com todo o gosto... Posso ficar ao pé de si? - inquiriu Pétia.

- Que ordens te deu o general, no fim de contas? Que voltasses imediatamente? - perguntou Denissov.

Pétia corou.

- Nada me disse. Então? Posso ficar? - interrogou ele. - Bom, fica.

E, voltando-se para os subordinados, Denissov deu-lhes instruções para a força se dirigir ao ponto designado na floresta e ai fazer alto. Em seguida mandou o oficial que montava o cavalo quirguiz, desempenhando junto dele funções de ajudante-de-campo, saber onde se encontrava Dolokov e se chegaria pela noite. Entretanto, ele próprio, na companhia do capitão de cossacos e de Pétia, pensava dirigir-se para a orla da floresta, nas imediações de Chamchevo, no intuito de observar a posição dos Franceses, que atacaria no dia segui-te.

- Vamos, barbaças - ordenou ele para o camponês que desempenhava as funções de guia. - Leva-nos a Chamchevo. Denissov, Pétia e o capitão, seguidos de alguns cossacos e do hússar encarregado do prisioneiro, tomaram o caminho à esquerda, através de uma ravina, na intenção de alcançarem a orla da floresta.

Capítulo V

A chuva cessara, caía apenas uma cacimba e os ramos das árvores gotejavam. Denissov, o capitão e Pétia seguiam silenciosos o camponês, de gorro na cabeça e laptis nos pés, que caminhava ligeiro e sem ruído por cima das raízes e das folhas molhadas, encaminhando-se para a orla da floresta.

Ao chegar a um talude, o guia parou e, depois de inspeccionar o sítio, dirigiu-se para um renque de árvores bastante afastadas umas das outras. Quando chegou junto de um carvalho, ainda coberto de folhagem, pôs-se a chamar com um misterioso aceno de mão.

Denissov e Pétia aproximaram-se. Dali podiam ver-se os Franceses. Logo adiante da floresta havia um campo de trigo sobre uma colina. Ã direita, para além de uma abrupta ravina, descobria-se um povoado e uma casa senhorial com o telhado desmantelado. Na povoação, na casa, ao longo da colina, no jardim, junto do poço e ao pé do tanque, em todo o percurso da estrada que da ponte subia para a aldeia, numa distância de mais de duzentas sagenas, entreviam-se grupos de homens através da neblina flutuante. Ouviam-se distintamente os gritos, que soltavam em língua estrangeira, incitando os animais a transpor a rampa e chamando uns pelos outros,

- Traz o prisioneiro - disse Denissov, em voz baixa, sem perder de vista os Franceses.

O cossaco apeou-se, ajudou o garoto a desmontar e conduziu-o junto de Denissov. Este apontou-lhe os Franceses e perguntou-lhe que tropas eram aquelas. O prisioneiro, que enfiara as mãos transidas de frio nas algibeiras, ergueu os olhos assustados para o oficial e, embora fosse seu desejo dizer o que sabia, de tal modo se lhe entaramelou a língua que apenas se limitou a responder afirmativamente às perguntas que lhe faziam. Denissov franziu as sobrancelhas, voltou-lhe as costas e disse para o capitão de cossacos quais as suas intenções.

Pétia, azafamado e curioso, ora fitava o tamborzito, ora Denissov, ora o capitão de cossacos, ora ainda os Franceses lá adiante, na aldeia, e na estrada além, para nada perder do espectáculo.

- Quer o Dolokov venha ou não, temos de cair em cima deles, não acham? - exclamou Denissov esfregando as mãos e os olhos a brilhar de satisfação.

- Sim, o sítio é bom - confirmou o capitão de cossacos.

- Destacaremos a infantaria pela parte de baixo, pelo lado dos pântanos - prosseguiu Denissov. - Infiltrar-se-á até ao jardim. Tu e os cossacos saltam por ali - continuou, apontando para a mata por detrás da povoação - e eu, com os meus hússares, por aqui. E ao primeiro tiro de espingarda...

- Não se pode atravessar o barranco, há ali um lodaçal. Os cavalos são capazes de se atolar. É preciso ir um pouco mais pela esquerda.

Quando assim conversavam em voz baixa, no barranco, para lados do tanque, soou um tiro, viu-se um fumozinho branco, e logo outro tiro, seguido de grande algazarra, jovial, ao que parecia, de todos os franceses que estavam na ladeira. No primeiro momento, Denissov e o capitão de cossacos recuaram. Tão perto estavam do inimigo que supuseram serem eles a causa dos tiros e os gritos. Mas não, No terreno pantanoso, em baixo, patinhava um homem vestido de encarnado. Eis, evidentemente, a causa dos tiros e do clamor.

- Mas e o nosso Tikon - exclamou o capitão.

- Realmente. é ele!

- Patife! - vociferou Denissov.

- Escapará? - murmurou o capitão, piscando os olhos.

O homem, a quem chamaram Tikon correu para o rio, e chafurdando, com a água a saltar de todos os lados, desapareceu por momentos, para logo em seguida, coberto de lodo negro, emergir da água, de gatas, afastando-se a correr. Os Franceses, depois de o perseguirem algum tempo, acabaram por desistir

- Não é peco! - comentou o capitão.

- Que grande animal! - voltou Denissov, enfadado com o que via. - Que terá estado ele a fazer ate agora?

- Quem é? - inquiriu, Pétia.

- É o nosso espião. Tinha-o mandado saber coisas.

- Ah!, sim! - acrescentou Pétia, aprovando com um aceno de, cabeça, embora não tivesse percebido patavina do que Denissov dissera.

Tikon Chtcherbatii, dos homens mais úteis do grupo, era um camponês de Pokrovskoie, dos sítios de Gjat. Quando no princípio da sua actividade de guerrilheiro. Denissov apareceu naquela terreola, e, consoante o seu costume, falou com o estaroste sobre o que havia acerca dos Franceses, este respondeu-lhe, como aliás todos os seus parceiros, cheio de prudência, dizendo que para falar a verdade não sabia coisa alguma. Mas como Denissov lhe explicasse que pensava atacar os Franceses e lhe perguntasse se não

havia, inimigos por aqueles sítios, o funcionário acabou por dizer que vira, realmente, alguns salteadores, mas que em todo o povoado só uma pessoa sabia do assunto, um tal Tikon Chtcherbatii. O oficial mandou chamar Tikon, felicitou-o, e, na presença do estaroste, disse-lhe qualquer coisa a respeito da fidelidade ao czar e à pátria e do ódio que todos os seus filhos deviam alimentar pelos Franceses.

- Não fizemos mal algum aos Franceses - disse Tikon, um pouco embaraçado com os elogios de Denissov. - É como quem diz, apenas rios divertimos com eles. Matámos aí duas dúzias de salteadores, mas não lhes fizemos mal algum...

No dia seguinte, quando Denissov, que já esquecera o tal camponês, deixava a aldeia, vieram dizer-lhe que Tikon se juntara ao grupo dos guerrilheiros e pedia licença para se alistar. Denissov consentiu.

Ao princípio Tikon foi encarregado dos serviços mais pesados, de acender o lume, de ir buscar água, de esfolar os cavalos, mas não tardou a mostrar ser excelentemente dotado para aquele género de guerra. A noite despedia para os assaltos e voltava sempre com roupas e armas que pilhara aos Franceses e quando para tal recebia ordens regressava, mesmo, com os seus prisioneiros. Denissov dispensou-o, pois, dos trabalhos pesados, passou a, levá-lo consigo nas suas expedições e colocou-o entre os cossacos.

Tikon não gostava por aí além de montar a cavalo. Preferia caminhar a pé, sem nunca se distanciar muito dos cavaleiros. Andava armado com um mosquete, que trazia consigo mais por graça que por outra coisa, com um chuço e com um machado, de Que se servia como o lobo se serve dos dentes, tão capaz de com ele matar pulgas como de quebrar os ossos mais duros. Tão habilmente rachava ao meio, de um só golpe, uma prancha de madeira como aparava finas réguas ou talhava uma colher pegando no machado pela cabeça. Desempenhava no grupo um cargo particular, excepcional. Sempre que havia qualquer coisa a fazer perigosa ou especialmente difícil, como desatolar um carro. â força de músculos, ou arrancar de um atoleiro, puxando-lhe pela cauda, o cavalo que se atolou ou ainda arrancar-lhe a pele ou infiltrar-se pelo meio dos Franceses, ou percorrer numa só jornada cinquenta *verstas,* chocarreando, toda a gente apontava Tikon.

- Que diabo, faz isso com uma, perna às costas, ninguém pode com a vida dele! - diziam.

Certo dia um francês a quem Tikon acabava de deitar a mão alvejou-o à queima-roupa, atingindo-o nas espáduas. E este ferimento, que Tikon tratou a sua maneira, com copinhos de aguardente por dentro e por fora, converteu-se em pretexto de intermináveis gracejos por todo o destacamento, gracejos a que ele, aliás, se prestava de bom grado.

- Que contas tu de novo, irmão? Chegaram para ti, hem? - diziam, rindo, os cossacos.

Tikon, de cariz macambúzio e mal humorado, ia cobrindo os Franceses de divertidos impropérios. O resultado desta aventura foi passar a não trazer tão frequentemente como até ai prisioneiros franceses.

Era o mais útil e o mais valente de todos os homens do grupo. Ninguém sabia tão bem como ele preparar uma emboscada, nem ninguém matara ou capturara tantos franceses. E assim se converteu no bobo favorito de todos os hússares e cossacos, aceitando de boa mente a promoção. Nessa mesma noite, efectivamente, tinham-no enviado a Chamchevo colher informações. Mas ou fosse porque se não contentara em abordar só um francês, ou porque dormira toda a noite, escondido atrás de uns arbustos, ei-lo que, mal desponta o dia, tenta introduzir-se no meio do inimigo. E foi assim que viera a ser descoberto, como Denissov pudera ver do alto do seu observatório.

Capítulo VI

Depois de trocar ainda algumas impressões com o capitão de cossacos acerca do projectado ataque do dia seguinte, por que definitivamente se decidira, em virtude da proximidade dos Franceses. Denissov virou de rédea, voltando ao ponto de partida.

- Bom, amigo, agora vamos tratar de nos enxugarmos - disse para Pétia.

Quando chegaram à casa do guarda na floresta, parou, inspeccionando os arredores. E viu, então, avançando do matagal, um homem de longas pernas e grandes braços balouçantes. De cafetã curto, laptis nos pés e um gorro de Kazan na cabeça, trazia uma espingarda em bandoleira e um machado à cinta. Ao ver Denissov tratou de arremessar qualquer coisa para uma moita e, tirando o gorro encharcado, de abas caídas, aproximou-se do chefe. Era Tikon. As suas faces picadas das bexigas e sulcadas de rugas, os olhitos pespontados, resplandeciam de satisfação. Erguendo muito a cabeça e como se fizesse o possível para não rir, parou diante de Denissov.

- Onde te meteste, homem? - perguntou-lhe este.

- Eu? Andei à caça aos Franceses - deu-se pressa em dizer Tikon resolutamente na sua rouca voz de baixo, mas cantante.

- Que estavas tu ali a fazer em pleno dia, animal? Então, apanhaste algum?...

- Apanhar, apanhei - respondeu ele.

- E onde está?

- Sim, apanhei um logo de princípio; ainda não nascera o dia - prosseguiu Tikon, afastando os pés chatos enfiados nos laptis - e levei-o comigo para a floresta. Mas só então vi que para nada prestava. E disse com os meus botões: «Volto lá e apanho outro que me sirva melhor.»

- Ah, patife! Foi por isso - exclamou Denissov para o capitão de cossacos. - E porque o não trouxeste, então?

- Para que o queria eu? - interrompeu Tikon de má catadura. - Para nada prestava. Como se eu não soubesse do que o meu oficial precisa?

- Sempre me saíste um animal! E então?...

- Fui arranjar outro - prosseguiu Tikon. - Arrastei-me até à floresta e deitei-me no chão. - E ei-lo que se atira ao chão de barriga para baixo a explicar o que fizera. - E lá vem

um. Salto-lhe em cima deste jeito. - E dizendo o que, dá um pulo cheio de agilidade. - «Vamos», virei-me para ele. «toca daí para o meu coronel.» Então o homem não se me põe a gritar? E aí me caem em cima mais quatro, de baionetas desembainhadas. Mas eu saco do machado e aí vai disto. «Vamos, desamparem-me a loja!», ameacei-os. - E Tikon pôs-se a repetir com o braço o gesto que fizera, assumindo uma expressão terrível e arqueando o peito.

- Sim, sim, nós bem vimos do nosso esconderijo como davas às de vila-diogo pelo pântano dentro - disse o capitão, cujos olhos cintilavam.

Pétia a custo reprimia o riso, fazendo-o apenas porque os outros se conservavam muito sérios. E ia fitando Denissov, depois o capitão e Tikon, sem poder compreender o que tudo aquilo significava.

- Bom, deixa-te de tolices - disse Denissov, que parecia furioso. - Porque não trouxeste tu o primeiro?

Tikon, coçando as costas com uma das mãos e a cabeça com a outra, pôs-se de súbito a rir, um franco riso animal, que lhe descobria a cova de um dente, origem da alcunha por que era conhecido: Chtcherbatii. Denissov sorriu e Pétia prorrompeu numa alegre gargalhada, que Tikon acompanhou.

- É o que lhe digo, para nada prestava - continuou ele. - Estava muito mal vestido; para que teria servido trazê-lo? E que insolente, Excelência. «Eu, um filho de um amaral» *(Palavra francesa deformada pelo povo russo. Queria dizer «general». (N. dos T.)*, dizia ele, «Não vou!»

- Animal! - voltou Denissov. - Era interrogá-lo...

- Mas eu interroguei-o - continuou Tikon. - E ele disse-me: «Não sei coisas por aí além. Sim, os nossos são muitos, mas não valem nada. Basta dar-lhes um grito e eles caem-vos todos no papo.» - E Tikon, enquanto falava, ia fixando o chefe com, o seu olhar alegre e decidido.

- Bom, estou a ver que tenho de aplicar-te o correctivo se continuas a fazer-te parvo - disse Denissov severamente.

- - Para que se há-de zangar? - voltou Tikon. - Julga que eu não sei o que são os seus Franceses? Deixe só que escureça um pouco, e eu lhe trarei quantos quiser, três de uma só vez, se for preciso.

- Vamos, a caminho - exclamou Denissov, e até chegarem ao posto conservou-se calado e com cara de poucos amigos. Tikon ia atrás e Pétia ouvia os cossacos que riam com ele e o troçavam por causa das botas que ele escondera numa moita. Quando se lhe foi o riso que lhe provocaram as palavras de Tikon, Pétia percebeu que este matara o francês e

um sentimento de desgosto o pungiu. E depois, pousando os olhos no pobre tambor, o coração apertou-se-lhe, Mas foi obra de um momento, Percebeu que devia conservar a cabeça direita, mostrar-se mais marcial, e com um olhar cheio de embófia interrogou o capitão de cossacos sobre o empreendimento do dia seguinte, para que o não julgassem indigno da companhia em que estava.

O oficial que Denissov expedira veio ao seu encontro, no meio do caminho, com a notícia de que Dolokov ia chegar de um momento para o outro e que da sua parte tudo caminhava bem.

De súbito Denissov recuperou a, sua boa disposição e, chamando Pétia, pôs-se a conversar com ele:

- Vamos, conta-me o que tens feito.

Capítulo VII

Pétia, ao sair de Moscovo e depois de se ter separado dos pais, juntara-se ao seu regimento, sendo daí a pouco colocado como oficial de ordenança de um general que comandava um importante destacamento. Desde que fora promovido a oficial, e sobretudo desde que ingressara no exército activo, tomando parte na batalha de Viazma, estava sempre num estado de espírito alegre e excitado, pois se sentia um homem e não queria perder a ocasião de se comportar como herói. Tudo quanto vira e experimentara no exército o encantava, embora tivesse a impressão de que onde ele não estava é que se praticavam os mais belos actos de bravura. Assim vivia no desejo de estar onde não estava.

No dia 21 de Outubro, quando o general falou em designar alguém para delegado junto do destacamento de Denissov, tais foram os pedidos que ele lhe fez que este lhe não pôde recusar autorização de partir. Lembrando-se, porém, da loucura que Pétia cometera em Viazma, pois, em vez de seguir por onde o tinham mandado, se pusera a galopar para as linhas inimigas debaixo do fogo dos Franceses, disparando a pistola, proibiu-o, formalmente, de tomar parte fosse em que operação fosse sob o comando de Denissov. Eis porque Pétia corara e se sentira embaraçado quando Denissov lhe perguntou se podia ficar junto dele. Antes de chegar à orla da floresta, dissera de si para consigo que ia voltar imediatamente, mas assim que viu os Franceses e Tikon e que soube que nessa mesma noite, naturalmente, haveria um ataque, graças a mobilidade de ideias a que os jovens são sujeitos, resolveu que o seu general, a quem até ai respeitara, não valia grande coisa, pois era alemão, e que Denissov, esse, era um herói e que o capitão de cossacos também e que Tikon ia pelo mesmo caminho, e que seria uma vergonha abandoná-los naquela difícil emergência.

Já era noite quando os três chegaram à casa do guarda. Na semi-obscuridade lobrigavam-se cavalos selados, cossacos, hússares, que armavam tendas na clareira ou acendiam fogueiras no fundo de um barranco para que os Franceses não vissem fumo. No vestíbulo da pequena isbá, um cossaco, de mangas arregaçadas, trinchava um cordeiro e, na sala viam-se três oficiais do destacamento de Denissov que preparavam uma mesa servindo-se de uma porta. Para se enxugar, Pétia despiu o uniforme molhado e pôs-se imediatamente a ajudar os oficiais a dispor a mesa para a ceia. Passados dez minutos, estava

pronta a mesa com a sua toalha e os seus guardanapos. Havia vodka, um frasquito de rum, pão branco, sal e cordeiro assado.

Abancado à mesa na companhia dos oficiais, Pétia partia à mão o cordeiro suculento e oloroso, cuja gordura lhe escorria pelos dedos, expandindo-se numa ternura infantil por toda a gente, certo de que todos sentiam o mesmo por ele.

- Que acha, Vassili Fedorovitch? - perguntou a Denissov. - Acha que não faz mal que eu aqui fique até amanhã? - E, sem esperar resposta, ele próprio respondeu: - Sim, deram-me ordens para me informar, e é o que estou a fazer... Mas só lhes peço uma coisa, que me deixem ir ao ponto principal... Não preciso de recompensas... Mas gostaria...

De dentes cerrados, lançou um olhar cheio de altivez à sua roda, erguendo a cabeça e fazendo um gesto ameaçador.

- Sim, onde a batalha for mais acesa - confirmou Denissov, sorrindo.

- Sim, por favor, dêem-me um comando qualquer, por mais insignificante que seja, que eu comande, pelo menos. Sim, que lhes custa? Ah! Quer a minha navalha? - continuou, dirigindo-se a um dos oficiais que se preparava para trinchar a carne. E puxou da navalha. O oficial achou-a muito bonita.

- Fique com ela, faça favor. Tenho muitas iguais... - disse Pétia corando. - Ah! Santos Padres! Tinha-me esquecido completamente - exclamou, de súbito. - Tenho ali umas passas magníficas, sem grainhas, sabe. Temos um cantineiro novo. Que coisas óptimas ele tem! Comprei-lhe dez libras de passas. Estou habituado as guloseimas. Querem?... - E precipitou-se para o vestíbulo, à procura do seu cossaco, voltando daí a pouco com uma alcofa com umas cinco libras de passas. - Toca a comer, meus senhores, fazem favor de se servir. Não precisarão de uma cafeteira? - continuou, dirigindo-se ao capitão de cossacos - Comprei uma de primeira ordem ao meu cantineiro! Tem coisas tão bonitas! E é um homem sério. E isso é o mais importante. Vou mandar-vo-lo. Talvez as vossas pederneiras estejam gastas, isso acontece. Tenho algumas comigo. Ali, naquele saco, umas cem. Comprei-as baratíssimas. Façam favor, tirem as que quiserem, todas, se for preciso...

De súbito calou-se, muito enleado, corando, como se se perguntasse se não estaria dizendo muita tolice.

E relembrou tudo o que se passara horas atrás, procurando inteirar-se se não teria cometido outras tolices, A figura do tamborzito veio-lhe à memória. «Nós, aqui, que bem que estamos, mas ele, que será feito dele? Onde o teriam metido? Ter-lhe-iam dado de comer? Não lhe teriam feito mal?» Ao lembrar-se, porém, de que mentira a propósito das pederneiras, nada ousou perguntar a respeito dele.

«Se eu lhes perguntasse, seriam capazes de dizer que era um garoto a perguntar por

outro garoto!», disse com os seus botões. «Mas amanhã eu lhes direi se sou um garoto! Que vergonha haveria em perguntar por ele? Ora, tanto faz!» E, de súbito, corando muito e olhando bem para os oficiais, como para ver se eles não troçariam dele, acrescentou:

- Dão-me licença que eu mande chamar o rapazito prisioneiro? Não lhe poderíamos dar qualquer coisa a comer?...

Claro, pobre pequeno - contraveio Denissov, que nada tinha a censurar à ideia do moço oficial. - Chama-o. Chama-se Vincent Bosse. Chama-o.

- Vou buscá-lo - disse Pétia.

- Muito bem, muito bem, vai, anda. Coitado do pequeno! - repetiu Denissov.

Pétia já ia a caminho da porta, porém voltou para trás, aproximou-se de novo dos oficiais e chegou-se a Denissov.

- Consinta que o beije, meu amigo - exclamou. - Ah! Assim, sim, como é bonito da sua parte!

E, depois de o beijar, saiu correndo.

- Bosse! Vincent! - gritou no limiar da porta.

- Quem chama, meu oficial? - respondeu uma voz na obscuridade.

Pétia explicou que chamava o rapazito que fora feito prisioneiro nesse dia.

- Ah! Vessionii! - exclamou o cossaco.

Os cossacos de Vincent já o tinham feito nada menos que Vessionii enquanto os camponeses e os soldados lhe chamavam Vissénia. Em qualquer dos casos, a alusão à «Primavera» assentava como uma luva, na juventude do tamborzito *(Vesna quer dizer «a Primavera», vessionú «primaveril». (N. dos T)*

.- Está a aquecer-se lá em baixo no acampamento. Eh! Vissénia! Vissénia! Vessionii! - gritavam vozes na obscuridade à mistura com a sua gargalhada. - Ah!, o garoto é manhoso! - exclamou um cossaco ao lado de Pétia. - Ainda agora lhe deram de comer, Aquilo é que era uma fome!

Ouviram-se passos nas trevas, pés descalços que chapinhavam na lama e o tambor apareceu à porta da isbá.

- *Ah!, sois vós!* - disse-lhe Pétia. - *Quer comer? Não tenha medo, ninguém lhe faz mal.* - E, timidamente, carinhosamente, pousou-lhe a mão no braço. - *Entre, entre.*

- *Obrigado, senhor* - murmurou o garoto, numa voz hesitante e quase infantil, limpando os pés cheios de lama no limiar da porta.

Pétia tinha vontade de lhe dizer muita coisa, mas não ousava. Ali, estava de pé, ao lado dele, no vestíbulo, sem saber o que havia de fazer. Por fim, pegou-lhe na mão e apertou-a entre as suas.

- *Entre, entre* - repetia, em voz baixa e com todo o carinho.

«Ah! Que poderei eu fazer por ele?», disse de si para consigo, ao abrir a porta e deixando que ele passasse adiante. Assim que o garoto entrou na sala, Pétia conservou-se afastado dele, pensando que naturalmente lhe não ficaria bem dar-lhe importância de mais. Limitou-se a apertar, na algibeira, o dinheiro que trazia consigo, pensando se não lhe ficaria mal passar-lho para as mãos.

Capítulo VIII

Denissov mandou que dessem ao tamborzito vodka e um pedaço de cordeiro e que lhe vestissem um cafetã russo, para que ele se não confundisse com os demais prisioneiros, no intuito de o conservar no seu destacamento. Mas a atenção de Pétia em breve se desviou do pobre pequeno graças à chegada de Dolokov. Ouvira falar muito da extraordinária bravura deste homem e da sua crueldade para, com os Franceses. Assim que ele entrou, nunca mais Pétia o perdeu de vista, procurando assumir ares importantes, de cabeça muito erguida, para não parecer indigno da companhia, O aspecto exterior de Dolokov impressionou o jovem oficial pela sua extrema correcção.

Denissov envergava o *tchekmene (Cafetã curto. (N. dos T.)*, usava a barba crescida e trazia ao peito uma imagem de Nicolau, o Taumaturgo. Tanto na sua maneira de falar como nos seus modos, procurava dar a entender que não pertencia ao exército regular. Pelo contrário, Dolokov, que outrora, em Moscovo, dava nas vistas com o seu trajo persa, apresentava-se agora como o mais elegante dos oficiais da Guarda. Escrupulosamente barbeado, vestia a túnica almofadada do seu regimento, com a cruz de S. Jorge na botoeira, e na cabeça trazia um gorro pequeno muito simples. Depois de despir o capote todo molhado, sem cumprimentar ninguém, aproximou-se de Denissov e imediatamente se pôs a falar do ataque. Este explicou-lhe quais as intenções dos grandes destacamentos quanto à captura do comboio, falou-lhe da missão de Pétia e da resposta que dera aos dois generais. Por fim, pô-lo ao corrente de tudo quanto sabia acerca do destacamento francês.

- Está bem, Mas é preciso saber que tropas são estas e de quantos homens dispõem - observou Dolokov. - É preciso ir ver. Não nos devemos meter nisto sem sabermos ao certo quantos homens temos pela frente, Gosto de fazer as coisas com limpeza. Não haverá aqui alguém, entre os senhores oficiais, que esteja disposto a acompanhar-me ao acampamento inimigo? Tenho um uniforme francês a mais.

- Eu, eu, eu acompanho-o! - exclamou Pétia,

- Não é, preciso - atalhou Denissov - E, quanto a ti, não te deixarei sair daqui por nada deste mundo.

- Que história é esta? - volveu Pétia - Porque não posso eu ir?

- Porque é inútil.

- Perdão, porque... porque... vou mesmo, e é que vou! Leva-me? - inquiriu, dirigindo-se a Dolokov.

- E porque não?... - replicou este, distraidamente, pois estava a observar o tambor francês - Há muito que tens contigo este garoto? - perguntou a Denissov.

- Aprisionaram-no hoje, mas nada sabe e resolvi conservá-lo ao pé de mim.

- Ah! E os outros, onde os guardas? - inquiriu Dolokov.

- Onde os guardo? Expeço-os contra recibo - volveu Denissov, muito corado. - E posso dizer que nenhuma morte me pesa na consciência. Pois não será mais simples evacuar trinta ou trezentos homens para a cidade, com uma boa escolta, a manchar a nossa honra de soldado?

- Ora aí está uma dessas gentilezas que ficariam bem na boca deste condezito de dezasseis anos - volveu Dolokov, com um frio sorriso. - Mas tu há muito que te devias ter deixado disso.

- Eu nada digo, insisto apenas em ir consigo.

- Quanto a nós, amigo, já é tempo de pormos de lado todas estas lindas coisas - prosseguiu Dolokov, como se sentisse prazer especial em falar de um assunto que exasperava Denissov. - Vamos a ver porque ficaste com este? Naturalmente porque tiveste perna dele. E depois a gente sabe muitíssimo bem o valor que eles dão aos tais recibos. Remetes-lhes cem, e ao destino chegam apenas trinta. Ou morrem de fome ou matam-nos pelo caminho. Pois não dará o mesmo resultado deixarmo-nos de fazer prisioneiros?

O capitão de cossacos, que piscava os olhos claros, aprovou com um aceno de cabeça.

- Não discuto se o resultado é ou não o mesmo. Seja como for o que não quero é tomar essa responsabilidade. Achas tu que eles morrem da mesma maneira? É possível, mas não nas minhas mãos.

Dolokov soltou uma gargalhada.

- Julgas que não terão recebido mais de vinte vezes ordem para me apanharem? E o certo é que se nos apanhassem, a mim ou a ti, apesar de todos os teus sentimentos cavalheirescos, íamos acabar igualmente enforcados. - E após alguns momentos de silêncio: - E não ficamos por aqui. Precisamos de falar a sério. O meu cossaco que me traga a minha bagagem. Tenho dois uniformes franceses. Bom!

- Vens então comigo, não é verdade? - perguntou a Pétia.

- Vou, vou, está decidido - exclamou o rapaz, que fitara Denissov, corando muito.

Durante a discussão dos dois oficiais acerca da maneira de tratar os prisioneiros, Pétia sentira-se embaraçado, embora não tivesse percebido muito bem o que eles

pensavam, realmente, a respeito desses homens. «Se as pessoas de idade e experimentadas pensam assim. é que assim tem de ser, com toda a certeza», dizia ele com os seus botões. «Assim é que está certo. Mas é preciso que Denissov se não convença de que eu estou disposto a obedecer-lhe em tudo, que me pode dar ordens. Seja como for, hei-de acompanhar Dolokov ao acampamento francês. Se ele o pode fazer, porque não hei-de eu fazê-lo também?»

A todas as admoestações de Denissov, Pétia replicou que também ele estava habituado a fazer as coisas como era mister, e não à maluca, e que de resto nunca pensava no perigo.

- E a verdade, tem de o confessar. é que se não soubermos precisamente quantos soldados eles têm... arriscamo-nos a expor a vida de centenas de homens, e nós, nós somos apenas dois. Enfim, quero tanto ir que vou seja como for. E não procure impedir-me - acrescentou - porque então ainda seria pior.

Capítulo IX

Depois de enfiarem os capotes franceses e de se cobrirem com as barretinas do exército napoleónico, Pétia e Dolokov dirigiram-se à clareira donde Denissov examinara o acampamento do inimigo, Assim que saíram da floresta, protegidos pelas trevas cerradas da noite, desceram até ao fundo do barranco. Ao chegarem aí, Dolokov disse aos cossacos que o acompanhavam que esperassem por ele ali, e a trote meteu pela estrada em direcção à ponte. Pétia, emocionadíssimo, cavalgava a seu lado.

- Se eles nos atacarem, vivo é que me não apanham. Tenho a minha pistola - disse em voz baixa.

- Não fales russo - ripostou Dolokov em voz baixa também. Nesse instante, nas trevas, soou o grito*: «Qui vive?»,* ao mesmo tempo que se ouvia o engatilhar de uma espingarda.

Pétia sentiu que o sangue lhe subia à cara e levou a mão à pistola.

- *Lanceiros do 6º* - gritou Dolokov, sem travar a marcha do seu cavalo.

A negra figura da sentinela destacava-se na ponte.

- *A senha.*

Dolokov refreou o cavalo e continuou a passo.

- *Diga-me cá, o coronel Gérard está aí?* - perguntou.

- *A senha* - repetiu a sentinela, sem responder e atravessando-se no caminho.

- *Quando um oficial faz a ronda, as sentinelas não pedem a senha...* - exclamou Dolokov fora de si, arrojando o cavalo sobre a sentinela. - *Pergunto-te se está cá o coronel.*

E sem esperar resposta da sentinela, que se afastara, indiferente, pôs-se a subir a ladeira a passo.

Ao divisar a silhueta de um homem que atravessava a estrada, mandou-o parar para lhe perguntar onde estavam o comandante do regimento e os respectivos oficiais. O soldado, que levava um saco às costas, parou, aproximou-se do cavalo de Dolokov, passou-lhe a mão pelo lombo e contou, com a maior simplicidade e no tom mais amistoso deste mundo, que os oficiais estavam um pouco mais acima, na rampa, à direita, no pátio de uma quinta, que assim designou a casa senhorial.

Dolokov prosseguiu estrada além. Dos dois lados, nos acampamentos, ouviam-se

conversas em francês. Entrou no pátio da casa senhorial. Junto do portão desmontou, aproximou-se de uma grande fogueira em volta da qual um grupo de homens conversava em voz alta. Numa marmita, sobre as chamas, fumegava o rancho de um soldado, o qual, de quépi e capote azul, todo banhado pela luz da fogueira, remexia a panela com uma vareta de espingarda.

- *Oh!, é duro de roer* - dizia um dos oficiais na sombra, do outro lado.

- *Este lhes dará o arroz, cambada* - respondeu outro, rindo. Ambos se calaram ao ouvirem, no meio das trevas, os passos de Dolokov e de Pétia, que se aproximavam com os cavalos pela arreata.

- *Bom dia, meus senhores!* - saudou Dolokov em voz clara e vibrante.

Os oficiais agitaram-se no escuro e um deles, um alto, de pescoço esgalgado, deu a volta à fogueira para se aproximar.

- *É você, Clément?* - exclamou ele. - *Donde diabo...?* - Mas não concluiu a frase, reconhecendo o engano em que caíra. Franziu as sobrancelhas e saudou Dolokov como desconhecido, que era, perguntando-lhe que desejava.

Dolokov contou-lhe que ele e o seu camarada procuravam reunir-se ao seu regimento, e em seguida, dirigindo-se ao grupo, perguntou se eles não saberiam, porventura, onde se encontrava o 6.o de lanceiros. Ninguém sabia, e Pétia percebeu que os estavam examinando com hostilidade e desconfiança. Toda a gente se calou por momentos.

- *Se conta com a sopa da noite, chega tarde* - disse, junto da fogueira, a voz de alguém que continha o riso.

Dolokov respondeu que já haviam comido e que tinham de prosseguir no seu caminho aquela mesma noite.

Entregou as rédeas do cavalo ao soldado que mexia o rancho e pôs-se de cócoras diante das chamas, ao lado do oficial do pescoço esgalgado. Este, mirando Dolokov com obstinação, perguntou-lhe mais uma vez a que regimento pertencia. Dolokov fingiu não ouvir e pôs-se a fumar por um cachimbo curto, francês, que retirara da algibeira enquanto perguntava aos oficiais se as estradas estavam em segurança, pois dizia-se que os cossacos andavam pelos campos.

- *Esses bandidos estão em toda a parte* - replicou o oficial que estava perto da fogueira.

Dolokov sustentou que os cossacos não eram perigosos senão para os retardatários como ele e o seu companheiro, mas que não seriam capazes de atacar os grandes destacamentos. Ninguém respondeu.

«É agora que ele se vai embora», dizia Pétia com os seus botões, de pé diante da

fogueira, escutando a conversa. Dolokov rompeu o silêncio para perguntar quantos homens tinham eles no batalha, quantos batalhões havia e quantos eram os prisioneiros. A propósito destes, observou:

- Que raio de ideia trazer esses cadáveres a reboque. Era melhor fuzilar essa canalha. - E ao dizer isto, soltou uma gargalhada tão estranha que. Pétia, pensando que os franceses iam descobrir o embuste, deu um passo à retaguarda.

Ninguém respondeu fosse o que fosse à gargalhada de Dolokov, e um dos oficiais na sombra, enrolado no capote estendido no chão, soergueu-se, e murmurou qualquer coisa ao ouvido de, um camarada. Dolokov ergueu-se então e chamou o soldado que segurava os cavalos.

«Teremos cavalos ou não?», murmurou Pétia de si para consigo, aproximando-se de Dolokov.

Os cavalos apareceram.

- *Bom dia, meus senhores* - disse Dolokov.

Pétia teria gostado de pronunciar «boa noite», mas foi-lhe impossível articular a palavra. Os oficiais sussurraram qualquer coisa entre si. Dolokov levou tempo a montar, porque o cavalo não havia maneira de estar quieto. Depois saiu a passo pelo portão do pátio. Pétia acompanhava-o, desejoso de se voltar para ver se não eram perseguidos, mas não ousava fazê-lo. Ao atingir a estrada, Dolokov, em vez de se meter pelos campos, seguiu ao longo da povoação. A determinada altura parou para escutar. «Estás a ouvir?», murmurou. Pétia reconheceu que se falava russo ali, e junto das fogueiras viu as silhuetas negras dos prisioneiros. Depois de terem descido até à ponte, cruzaram a sentinela que continuava de guarda, e nada lhes disse, alcançando em seguida o barranco onde os esperavam os cossacos.

- Bom, agora adeus. Diz ao Denissov que lá o espero de madrugada, ao primeiro tiro - observou Dolokov, afastando-se. Pétia, porém, agarrou-o, por um braço.

- Ah! É um herói! Ah! Que bem! Magnífico! Muito gosto de si!

- Bom, bom - replicou Dolokov.

Pétia, porém, não o largava, e Dolokov viu, no meio das trevas, que o rapaz se debruçava para ele, querendo beijá-lo. Dolokov beijou-o, rindo, e dando meia volta desapareceu no meio da noite.

Capítulo X

No regresso à casa do guarda, Pétia encontrou Denissov no vestíbulo. Agitado, inquieto, furioso consigo próprio por tê-lo deixado partir, estava à espera dele.

- Louvado seja Deus! Sim, louvado seja Deus! - repetia enquanto ia ouvindo o relato entusiasta de Pétia. - Diabos te levem, tiraste-me o sono! Graças a Deus, agora vai deitar-te. Ainda podemos dormir um bocado até de madrugada.

- Não, não - discordou Pétia. - Não tenho sono. E se adormeço, já sei, não acordo mais. De resto, não costumo dormir antes das batalhas.

Pétia permaneceu, pois, ainda algum tempo na isbá, recordando os pormenores da expedição e pensando no que iria suceder no dia seguinte. Depois, vendo que Denissov adormecera, levantou-se e saiu.

Cá fora as trevas eram cerradas. A chuva deixara de cair, mas as folhas das árvores gotejavam. Ali perto via-se o vulto negro das tendas dos cossacos e dos cavalos atados uns aos outros. Lá para trás desenhava-se o perfil de dois carroções rodeados de cavalos e na ravina as fogueiras apagavam-se. Nem todos os cossacos e hússares estavam a dormir: aqui e ali. à mistura com o ruído das gotas de água que caíam e do mastigar dos cavalos que roíam a sua aveia, ouviam-se vozes murmurar.

Pétia saiu do vestíbulo, perscrutou a obscuridade e aproximou-se dos carroções. Estendido sobre um deles um homem ressonava, enquanto à sua volta cavalos selados comiam aveia. Nas trevas reconheceu o seu cavalo, o Karabak, e aproximou-se dele.

- Eh, Karabak, amanhã temos que fazer - disse-lhe, beijando-lhe o focinho.

- Ainda está acordado? - murmurou o cossaco estendido em cima do carroção.

- Estou, mas escuta... Chamas-te Likatchov, não é? Acabo de chegar. Fomos visitar os Franceses.

E Pétia contou ao cossaco, por miúdo, não só a expedição em que tomara parte, mas porque participara nela e como era preferível arriscar a vida a deixar que os outros fossem às cegas para o combate.

- Sim, sim, mas era melhor que dormisse - observou o cossaco.

- Não, estou habituado - replicou ele. - As pederneiras da tua pistola não estão gastas? Se quiseres algumas, tenho aqui. Se precisas, toma lá.

O cossaco ergueu a cabeça e espreitou cá para fora, para melhor examinar o que se passava.

- Gosto de fazer as coisas com todo o cuidado - continuou Pétia. - Há alguns que não tomam precauções e depois é tarde. Não gosto disso.

- Tem razão - volveu o cossaco.

- E olha, espera lá, rapaz, afia-me o sabre, se queres. Está rombo... - Mas, para não mentir, calou-se. Nunca mandara afiar o sabre. - Posso contar contigo?

- Claro, porque não?

Likatchov levantou-se, remexeu no fundo da carroça, e daí a pouco Pétia ouvia o ruído bem marcial do aço contra a pedra de afiar. Trepou para cima do carroção e sentou-se. O cossaco continuava a sua tarefa.

- E os rapazes, estão todos a dormir? - perguntou Pétia.

- Uns dormem, outros não.

- E o garoto, que está ele a fazer?

- Vessionii? Está lá adiante, deitado no vestíbulo. Depois de tanto medo que teve, adormeceu. Que contente ele estava!

Pétia ficou depois calado por muito tempo, sempre de ouvido à escuta. Ouviram-se passos na escuridão e um vulto apareceu.

- Que estas tu a afiar? - perguntou o recém-chegado, aproximando-se.

- O sabre deste senhor.

- Muito bem - replicou o homem que Pétia supôs ser um hússar. - Não haverá por aqui uma tigela?

- Há, sim, ali, ao pé da roda.

O hússar pegou na tigela.

- Não falta muito para amanhecer - disse ele, bocejando, enquanto se afastava.

Pétia sabia que estava no meio da floresta, entre os soldados de Denissov, a uma *versta* da estrada real. Sabia que estava sentado em cima de uma carroça apanhada aos Franceses, à volta da qual havia cavalos amarrados, sabia que ali ao pé estava o cossaco Likatchov tratando de lhe afiar o sabre, sabia que aquela mancha negra lá adiante era a casa do guarda e que a mancha vermelho-clara em baixo era a fogueira do bivaque que se apagava, sabia que o homem que viera buscar a tigela era um hússar com sede, Sabia tudo isto, e era como se de nada quisesse saber. Flutuava num reino encantado onde nada se parecia com a realidade. Talvez que aquela mancha preta fosse, de facto, a casa do guarda, mas também podia ser uma caverna que se abria até às entranhas da Terra. E talvez que efectivamente aquela mancha encarnada fosse, realmente, lume, mas também podia ser o

olho de um monstro enorme. Bem podia ser estar sentado numa carroça, mas talvez aquilo não fosse uma carroça, mas uma torre altíssima, do alto da qual, se porventura lhe acontecesse vir a cair, voaria na direcção da terra durante um dia, durante um mês, sem nunca mais poder chegar ao chão. Era possível que ao pé da carroça apenas estivesse o cossaco Likatchov, mas também podia acontecer que esse homem fosse o homem melhor, mais valente, mais extraordinário, maior, que existisse no mundo, um homem que ninguém conhecesse. E também podia ser que houvesse por ali um hússar procurando água no barranco, mas também podia acontecer que se tivesse desvanecido e desaparecido e ninguém o tivesse visto.

Nada o surpreendia mais do que o que os seus olhos viam. Ei-lo num mundo encantado onde tudo era possível.

Ergueu os olhos ao céu. E o céu, tal qual como a terra, era um sítio encantado. Iluminava-se e no topo das árvores corriam nuvens rápidas que pareciam descobrir as estrelas, As vezes parecia que o firmamento se limpava por inteiro e via-se então aparecer um céu negro e puro. Ora aquelas manchas escuras lhe pareciam nuvens, ora a abóbada celeste se lhe afigurava muito alto por cima da sua cabeça, ora descer de tal sorte que lhe seria possível tocar-lhe com a ponta dos dedos.

Pétia fechou os olhos e sentiu que a cabeça lhe andava à roda Ouviam-se as gotas de água que continuavam a cair, as conversas sussurradas, os cavalos a escarvar o chão e a agitar-se, algures o ressonar de alguém.

Zig, zig, zig.... fazia o aço do sabre que o cossaco afiava e de súbito Pétia ouviu uma orquestra harmoniosíssima, que tocava um hino qualquer desconhecido e de uma solene suavidade. Como Natacha, e ainda mais que Nicolau, também ele gostava muito de música, mas nunca pensara aprender a tocar, por isso os motivos que espontaneamente lhe chegaram ao ouvido lhe pareciam tão novos. E a música era cada vez mais vibrante. A melodia ampliava-se como se de um instrumento fosse passando a outro. Era uma fuga, mas Pétia não fazia a mais pequena ideia disso. Cada um dos instrumentos, ora como se fossem violinos, ora como se fossem trombetas, embora de som muito mais fino e muito mais puro, tocava o seu motivo próprio, que, sem chegar ao fim da sua modelação, se fundia noutro, que principiava por assim dizer o mesmo motivo, e depois ainda com outro e com outro ainda, confundindo-se todos, por fim, para se separarem e voltarem a confundir-se num cântico religioso e solene ou numa ária triunfal clara e brilhante.

«Ah!, mas estou a sonhar», dizia Pétia de si para consigo, perdendo por assim dizer o equilíbrio. «São os meus ouvidos que ressoam. Ou talvez seja a minha orquestra própria a tocar. Então, mais uma vez. Vamos, minha orquestra! Vamos!..»

Fechou os olhos. E de todos os lados, como se viessem de muito longe, vibravam acordes em uníssono ou se dissipavam, para de novo se fundirem, e outra vez o hino recomeçava, solene e cheio de suavidade. «Ah! Que maravilha! E pelo tempo que quero e como quero!», dizia de si para consigo. E tentava reger aquela imensa orquestra.

«Mais piano, agora mais piano, até deixar de se ouvir.» E os sons obedeciam-lhe. «Vá, agora mais alto, mais alegre. Mais, mais, mais alegre.» E de desconhecidas profundezas irradiavam acordes largos e magníficos. «E agora, vós, as vozes!», comandava ele. E vozes de homem chegavam da distância, e em seguida vozes de mulher, e essas vozes iam crescendo, pouco a pouco, até atingirem tinia imponente vibração. Pétia sentia-se ao mesmo tempo temeroso e fascinado com aquela surpreendente beleza.

O canto alargava, transformando-se numa solene marcha Triunfal, enquanto as árvores continuavam a gotejar, o aço a ranger e os cavalos a relinchar e a escarvar o chão, sem que nada perturbasse o coro, mas como se fizesse parte nele.

Pétia não saberia dizer o tempo que isto teria durado. Sentia um infinito prazer, estava como que deslumbrado e só lamentava não poder partilhar com outro tudo quanto experimentava. Foi a voz afável de Likatchov que o acordou.

- Aqui o tem, Excelência. Pode rachar um francês ao meio.

Pétia despertou do seu torpor.

- Já é manhã, já é dia! - exclamou ele.

Agora já se viam os cavalos, até então invisíveis. Através dos ramos despidos de folhas transparecia uma claridade húmida. Pétia espreguiçou-se, saltou do alto da carroça, puxou de um rublo da algibeira e deu-o a Likatchov. Depois brandiu o sabre, para o experimentar, e enfiou-o a seguir na bainha. Os cossacos, entre- tanto, selavam os cavalos.

- Aí vem o comandante - exclamou Likatchov.

Denissov, que saía da isbá, chamou Pétia e deu-lhe ordem de se preparar para partir.

Capítulo XI

Rapidamente, na semi-obscuridade, cada um lançou mão do seu cavalo, ajustou o selim e ocupou o seu lugar. Denissov, de pé junto da casa do guarda, dava as suas ordens. A infantaria, patinhando na lama, foi a primeira a partir, desaparecendo daí a pouco, por entre as árvores, no meio da neblina matinal. O capitão de cossacos deu as instruções aos seus homens. Pétia, com o cavalo pela arreata, aguardava, impaciente, o momento de montar. Embora tivesse mergulhado a cara em água fria, sentia no rosto, e especialmente nos olhos, um ardor febril. Já não tinha arrepios ao longo da espinha, mas todo o seu corpo se agitava em movimentos nervosos.

- Está tudo pronto? - interrogou Denissov. - Venham os cavalos!

Os cavalos apareceram. Denissov repreendeu o seu cossaco porque a sela estava mal afivelada, depois saltou para a, garupa do ginete. Pétia meteu o pé no estribo. Como de costume, o cavalo procurou mordisca-lo na perna, mas ele, leve como uma pluma, saltou-lhe para cima e lançando um golpe de vista aos hússares que principiavam a mover-se na sua retaguarda aproximou-se de Denissov.

- Vassili Federovitch, não se esquece de me dar um comando, não é verdade? Peço-lhe - disse ele.

Dir-se-ia que Denissov se esquecera da existência de Pétia. Relanceou-lhe um olhar.

- Só te peço uma coisa - disse-lhe com severidade - que me obedeças e que não metas o nariz onde não és chamado. Durante o resto do percurso, Denissov não voltou a trocar palavra com ele, cavalgando em silêncio. Principiava a clarear por sobre os campos quando chegaram à orla da floresta. Denissov disse qualquer coisa em voz baixa ao capitão de cossacos e os seus homens desfilaram diante deles. Depois de eles passarem, Denissov pôs-se a descer a encosta atrás da coluna, Escorregando e retesando as patas, atingiram os cavalos o fundo do barranco. Pétia ia ao lado de Denissov. Cada vez tremia mais. O dia ia raiando e a neblina apenas envolvia agora os objectos muito distantes. Ao chegar ao fundo, Denissov, voltando-se, fez um aceno de cabeça ao cossaco mais perto dele.

- O sinal! - ordenou.

O cossaco ergueu a mão e um tiro ressoou. No mesmo instante, os cavalos despediram a galope, enquanto se ouviam gritos de todos os lados e novos tiros ressoavam.

No mesmo momento, igualmente, Pétia esporeou o cavalo e soltou-lhe as rédeas, e sem ouvir Denissov, que o chamava, aos gritos, debandou a galope. Afigurara-se-lhe, de súbito, no momento em que ressoou o primeiro tiro, que tudo ficara claro como se fosse dia alto. Alcançou a ponte. Os cossacos galopavam diante dele. Em cima da ponte esbarrou com um retardatário e continuou galopando. Por diante dele, alguns homens, franceses, naturalmente, passavam, assodados, do lado direito da estrada para e, lado esquerdo. Um deles estatelou-se na lama mesmo debaixo das patas do seu cavalo.

A porta de uma casa um grupo de cossacos fazia fosse o que fosse. Um grito terrível saiu do grupo. Pétia, que passava nesse instante a galope, a primeira coisa que viu foi o rosto pálido e convulsionado de um francês que sustinha a vara de uma lança apontada ao peito.

«Hurra!... Rapazes!...», gritou Pétia. E esporeando o cavalo, excitado pela corrida, meteu pela rua da povoação. Diante dele ressoaram tiros. Cossacos, hússares e prisioneiros russos esfarrapados corriam pelos dois lados da rua, soltando gritos estridentes e ininteligíveis. Um francês, de cabeça descoberta, o rosto vermelho e crispado, de capote azul, defendia-se dos hússares com a baioneta. Quando Pétia chegou junto dele, já estava prostrado no chão. «Outra vez tarde de mais», disse de si para consigo o moço oficial, num relâmpago, e dirigiu-se para o ponto onde a fuzilaria era mais nutrida. No pátio da casa senhorial em que estivera nessa mesma noite com Dolokov o tiroteio crepitava. Os Franceses, entrincheirados atrás da espessa sebe do jardim, visavam os cossacos amontoados junto da porta principal. Assim que chegou ali, Pétia viu logo, através da fumarada. Dolokov, o rosto pálido e esverdeado, que gritava aos seus homens:

- Cerquem-nos pelo outro lado! Esperem a infantaria!

- Quê? Esperar?... Hurra! - exclamou Pétia e, sem mais detenças, avançou para o local onde o tiroteio e a fumarada eram maiores.

Uma salva se ouviu, balas perdidas assobiaram e vieram cravar-se aqui e ali. Dolokov e os cossacos enfiaram, atrás de Pétia, pelo portão do pátio. Os Franceses, no meio de uma densa fumarada, atiravam fora as armas e saíam da sebe para se precipitar em na direcção dos cossacos, enquanto outros galgavam a encosta em direcção ao tanque. Pétia continuava a galopar pelo pátio dentro, mas abandonara as rédeas, os braços gesticulavam-lhe de maneira estranha e ia tombando cada vez mais para cima da sela. O cavalo, que pousara as patas sobre os carvões ardentes de uma fogueira visível graças à claridade da manhã, parou bruscamente e o cavaleiro foi precipitado no chão, Os cossacos ainda viram agitar-se os braços e as pernas de Pétia enquanto a cabeça lhe descaía sem vida. Uma bala atravessara-lhe o crânio.

Depois de trocar algumas palavras com o comandante do destacamento francês que saíra do edifício com um lenço amarrado à ponta da espada, em sinal de rendição, Dolokov desmontou e aproximou-se de Pétia, estendido no chão, imóvel, com os braços em cruz.

- Este já tem a sua conta - disse, franzindo o sobrecenho. E foi ao encontro de Denissov, que nessa altura aparecia à porta do pátio.

- Morto? - exclamou, ao ver o corpo de Pétia estendido no chão e evidentemente sem vida.

- Já tem a sua conta - repetiu Dolokov, como se sentisse prazer em empregar essa expressão, e seguiu na direcção dos prisioneiros que os cossacos cercavam. - Nada de prisioneiros! gritou ele para Denissov.

Denissov não respondeu. Aproximou-se de Pétia, desmontou, e de mãos trémulas voltou para si o rosto do moço, empapado em sangue e lama, já de uma palidez cadavérica.

«Estou habituado às guloseimas, óptimas passas, tomem-nas todas... » Lembrava-se das palavras dele Os cossacos olhavam-no estupefactos: soluços em que havia fosse o que fosse dos uivos de um cão lhe saíam do peito, enquanto desviava a cabeça e, cambaleante, se aproximava da sebe para se segurar de pé.

Entre os prisioneiros russos libertos por Denissov e Dolokov encontrava-se Pedro Bezukov.

Capítulo XII

As autoridades francesas não tinham tomado novas disposições para o transporte do destacamento de prisioneiros de que fazia parte Pedro durante a retirada. No dia 22 de Outubro já não se encontrava com as tropas com que saíra de Moscovo. Metade do comboio de biscoitos que os seguira durante as primeiras jornadas fora pilhada pelos cossacos e a outra metade seguira adiante. Dos cavaleiros que abriam a marcha, nem falar: todos tinham desaparecido, A artilharia, que nos primeiros dias constituíra a guarda avançada, fora substituída pelas imensas bagagens do marechal Junot, que eram escoltadas pelos westfalianos. Atrás dos prisioneiros vinham as bagagens da cavalaria.

A partir de Viazma, as tropas, que até aí marchavam em três colunas, transformaram-se num verdadeiro rebanho. Os indícios de desorganização que Pedro observara já durante a primeira jornada eram agora evidentes.

A estrada, de um lado e outro, estava juncada de cadáveres de cavalos; soldados esfarrapados, retardatários de diversas armas, que se sucediam continuamente, ora se reuniam à coluna em marcha, ora ficavam de novo para trás.

Por várias vezes, durante a marcha, houvera rebates falsos. Os soldados da escolta pegavam nas armas, disparavam ao acaso, fugiam a mais não poderem, esbarrando uns nos outros, e depois tornavam a formar, acusando-se mutuamente dos seus loucos terrores. O depósito da cavalaria, os prisioneiros e as bagagens de Junot, que compunham a coluna, formavam ainda uma espécie de todo, mas esse mesmo todo ia-se desfazendo rapidamente. O depósito, que de princípio era formado por cento e vinte viaturas, estava reduzido a sessenta no máximo: todas as outras tinham sido pilhadas ou abandonadas. Algumas das viaturas das bagagens de Junot também se haviam perdido. Três, pelo menos, tinham sido assaltadas por retardatários do corpo de exército de Davout. Pedro percebera, pelas conversas dos alemães, que esse comboio era guardado com mais cuidado que o dos prisioneiros e que um soldado que fazia parte da escolta, um alemão, fora fuzilado por ordem do marechal, por lhe terem encontrado uma colher de prata com as suas insígnias.

Mas o grupo mais reduzido era o dos prisioneiros. Dos trezentos e trinta homens que o formavam à partida de Moscovo, restavam agora menos de cem. E causavam maior embaraço às tropas que os escoltavam que o depósito de cavalaria ou as bagagens de Junot.

Esses soldados compreendiam muito bem que as selas de cavalaria ou as colheres do Sr. Marechal podiam tentar este ou aquele, mas para que estarem de sentinela, eles, cheios de fome e de frio, a esses russos, esfomeados e transidos como eles, que iam ficando pelo caminho ou enregelavam nos acampamentos e contra os quais havia ordem de fuzilamento? Eis o que não podiam compreender e os descoroçoava. Eles, tia mesma penosa condição, tinham medo de se deixar comover diante desses desgraçados, agravando a sua própria situação, e esse o motivo por que os tratavam cada vez mais severamente.

Em Dorogobuje, enquanto os soldados da escolta, depois de fecharem os prisioneiros numa cavalariça, foram pilhar as lojas, alguns dos cativos abriram um buraco na parede e fugiram. Apanhados daí a pouco, eram passados pelas armas.

O regime fixado na altura da saída de Moscovo, segundo o qual os oficiais deviam estar separados dos soldados, há muito fora abolido. Todos os que podiam caminhar seguiam juntos, e Pedro, após a terceira jornada, voltara a encontrar-se com Karataiev e o seu cãozito arruivado, de pernas tortas, que o adoptara como dono.

Dois dias após a partida de Moscovo, Karataiev fora de novo acometido p(,.Ias febres que o tinham levado ao hospital e à medida que piorava Pedro afastava-se dele instintivamente. Não dava muito por isso, mas o certo é que devia fazer um grande esforço sobre si mesmo para se aproximar dele, os gemidos do desgraçado quando se deitava no fim da jornada e o cheiro acre que exalava afastavam Pedro e tornavam menos íntimas as suas relações. Enquanto estivera fechado no abarracamento, Pedro adquirira a convicção, não racional, mas graças ao sentimento íntimo de todo o seu ser, de que o homem nascera para a felicidade, de que a felicidade estava nele, homem, na satisfação das suas tendências naturais, e de que todas as desgraças eram antes consequência de excessos que propriamente de privações. Mas depois daquelas três últimas semanas de marcha, nova e consoladora verdade se lhe revelara, a saber, que neste mundo nada há de verdadeiramente terrível. Assim como o homem nunca consegue ser perfeitamente feliz e livre, também não há situação alguma em que seja completamente infeliz e escravo, Assim como há limite para o sofrimento, também há limite para a liberdade, e esses limites tocam-se mutuamente. Agora sabia que o homem que sofre porque, deitado em cama de rosas, o magoa uma ruga das suas pétalas, era tão infeliz como ele próprio, dormindo na terra húmida e nua, com frio por um lado e calor pelo outro. Lembrava-se de que quando, outrora, enfiava nos pés uns escarpins de baile muito apertados sofria tanto ou mais que actualmente, que caminhava descalço, pois as botas há muito as não podia calçar e tinha os pés cobertos de pústulas. Sabia que na altura do seu casamento, na aparência perfeitamente livre, não era mais livre que neste momento, que passava a noite fechado numa cavalariça. De todos os

sofrimentos de que mais tarde se lembrava, e então o deixavam quase insensível, o pior fora o ver os pés cheios de feridas e crostas.

A carne de cavalo agradava-lhe e era nutritiva; essa espécie de sabor a pólvora do sal de nitro empregado em vez do sal propriamente dito era mesmo agradável; o frio não era muito intenso: de dia tinham sempre calor durante as marchas e à noite acendiam fogueiras; os piolhos que o devoravam aqueciam-no. Só uma coisa o fizera sofrer realmente nos primeiros tempos: os pés.

Na segunda jornada, ao examinar as feridas ao clarão das fogueiras, dissera de si para consigo que não poderia dar mais um passo; mas quando os companheiros se puseram a caminho lá os foi seguindo, embora coxeando, e assim que os pés lhe aqueceram não mais os sentiu, embora ficasse aterrado quando à noite tornou a olhar para eles. E decidiu não lhes pôr mais a vista em cima e pensar noutra coisa.

Só agora, realmente, sabia até que ponto o homem pode resistir e quanto valia o poder de distracção que lhe foi dado, espécie de válvula de segurança das caldeiras a vapor para quando a pressão ultrapassa a normal.

Não queria ver nem ouvir fuzilar prisioneiros retardatários, embora para cima de cem já lá ficassem para trás. Já não pensava em Karataiev, que, de dia para dia mais fraco, não tardaria, evidentemente, a ter o destino dos demais. E nele próprio ainda pensava menos. Quando mais difícil se tornava a situação, quando mais sombrio se lhe antolhava o futuro, mais ele se desprendia de tudo o que o cercava e mais suaves e consoladores eram os seus pensamentos, as suas recordações e os seus devaneios de imaginação.

Capítulo XIII

A 22, por volta do meio-dia, subia Pedro uma ladeira coberta de lama escorregadia, atento às irregularidades do terreno e aos sítios em que punha os pés. De quando em quando erguia os olhos para o grupo dos companheiros e de novo voltava a pousá-los no chão. Não assistia a um espectáculo novo. Sierii, o cachorrito das pernas tortas, pulava pela berma da estrada, e de vez em quando, para mostrar ligeireza e contentamento, erguia uma das patas traseiras e trotava nas outras três, voltando daí a pouco ., trotar nas quatro para ladrar aos corvos que pousavam em cima dos cadáveres. Sierii sentia-se ali muito mais feliz e contente que em Moscovo. Por toda a parte havia cadáveres de cavalos e de homens, em variado estado de decomposição, em que ele podia saciar-se à vontade, e o trânsito contínuo das tropas, mantendo os lobos a distância, permitia-lhe refastelar-se.

Desde manhã que chovia, e não havia esperança de deixar de chover, pois, mesmo quando o céu clareava, era para chover ainda mais, após uma breve pausa. A estrada, alagada, não podia absorver mais água e as valetas eram verdadeiros rios.

Pedro, de olhos no chão, à medida que caminhava, contava pelos dedos, de três em três passos. Para si mesmo, pensando na chuva, dizia: «Vamos, vamos, mais, mais, continua.»

Dir-se-ia já não ter em que pensar, mas na realidade a sua alma cada vez mergulhava mais fundo em pensamentos graves e consoladores. Eis a subtil lição que extraía da conversa da véspera com Karataiev.

Na véspera, durante o descanso da noite, transido de frio junto de uma fogueira apagada, Pedro levantara-se e aproximara-se da fogueira vizinha, que ardia melhor. Junto dela, Platão, envolto na sua capa, como um padre na sua casula, contava aos soldados, na sua voz de enfermo, cheia e agradável, mas fraca, uma história que Pedro já conhecia. Passava da meia-noite. Era , hora em que lhe descia o febrão e o deixava habitualmente mais animado. Assim que Pedro se aproximou da fogueira, ouviu a voz débil do pobre homem e lhe viu o lastimoso rosto vivamente iluminado, sentiu confranger-se-lhe o coração. Quis afastar-se, tanto o afligia o estado do desgraçado, mas, como não havia outra fogueira acesa, acocorou-se ali mesmo, procurando não olhar para ele.

- E então, como vai essa saúde? - perguntou-lhe Pedro.

- A saúde? Chorarmos a nossa saúde não impede que Deus nos dê a morte - respondeu Karataiev, que logo continuou a sua história.

- E aqui tens, meu amiguinho - prosseguiu, com um sorriso que lhe iluminava o pálido e magro rosto e os olhos brilhantes. - Aqui tens, meu amiguinho...

Há muito que Pedro conhecia aquela história. Karataiev contara-lha cinco ou seis vezes, sempre com grande satisfação. Mas, embora a conhecesse muito bem, dir-se-ia ouvi-la pela primeira vez. A animação contida do narrador comunicava-se-lhe a ele, Era a história de um velho mercador que vivia no meio dos seus, honestamente e no temor de Deus. Certo dia, com um dos seus camaradas, dirigiu-se à, feira de Makarié.

Pernoitaram numa estalagem, e no dia seguinte o seu companheiro foi encontrado morto e roubado. Debaixo da almofada do honesto mercador encontraram uma faca cheia de sangue. Julgaram-no, flagelaram-no, arrancaram-lhe as narinas «como era de justiça e de acordo com as leis estabelecidas», acrescentava, Karataiev, e por fim foi enviado para as galés.

-...E aqui tens, meu amiguinho. - Nesta altura da história que Pedro apareceu. - Passaram dez ou mais anos, E o velho nas galés, obediente a tudo, sem fazer mal a ninguém. Só pedia a Deus que o levasse. Pois bem! - Uma noite os condenados reuniram-se, como nós neste momento. O velhinho estava com eles. E puseram-se a contar uns aos outros porque tinham sido condenados e porque eram culpados perante Deus. 'rodos contaram a sua história: um deles matara um homem, outro, dois; este era incendiário, aquele, servo fugitivo. Interrogaram o velho: «E tu, avô, porque padeces?» «Eu, meus irmãos», disse ele, «eu sofro pelos meus pecados e pelos pecados dos outros, E a verdade é que não matei nem furtei o que era de outros, muito pelo contrário, costumava dar aos pobres. Eu, meus irmãos, era mercador e tinha o meu pé-de-meia.» Eis, palavra por palavra, o que ele lhes disse. E contou-lhes, por miúdo, tudo o que se passara, «Por mim», disse-lhes ele, «não me queixo. Isto só quer dizer que Deus me escolheu. Só tenho pena de uma coisa, da minha velha e dos meus filhos.» E então pôs-se a chorar. E eis que por acaso, no meio deles, está o homem que matara o mercador. «Onde foi isso, avó?», inquiriu ele. «Há quanto tempo? Em que mês?» - E o velho deu conta de tudo. O coração do outro confrange-se-lhe. Eis que se aproxima do velho e, zás, ajoelha-se-lhe aos pés. «É por minha causa», diz ele, «é por minha causa, velho, que aqui estás. Podem crer, rapazes, este homem está inocente. Fui eu», confessou, «que matei o homem e escondi a faca debaixo da almofada enquanto ele dormia. Perdoa-me, avô, perdoa-me em nome de Cristo!»

Karataiev calou-se, os olhos fitos na chama, sorrindo docemente. Depois ajeitou as achas.

- E o velho disse: «Deus te perdoará: de resto, todos somos pecadores diante de Deus. É pelos meus pecados que sofro.» E ele próprio se pós a chorar amargamente. E que pensas tu, meu falcãozinho - acrescentou Karataiev, cujo rosto se iluminava por uma espécie de sorriso de triunfo, como se, no que tinha a dizer agora, estivesse todo o encanto e todo o valor da sua história. - Que te parece? o verdadeiro assassino foi confessar-se às autoridades. «Matei», disse ele, «matei seis almas humanas» - era um grande malfeitor - «mas a que me mete mais dó é a deste pobre velho. Não quero que ele chore por minha causa.» Escreveram tudo num papel e mandaram esse papel para a justiça, Era muito longe, foi preciso muito tempo para que o tribunal resolvesse, para que escrevessem todos os papéis que eram precisos, como as autoridades costumam fazer, claro está. A questão foi até à presença do czar. Por fim veio o ucasse do imperador: «Ponha-se o mercador em liberdade e dê-se-lhe uma recompensa, de acordo com o que foi resolvido.» Chegou o papel. Puseram-se à procura do velho. Onde está esse velho condenado inocentemente? Chegou o papel do czar. Procuram. - Aqui o queixo de Karataiev teve um tremor convulsivo. - Deus já lhe tinha perdoado. Morrera. Pois é o que te digo, meu falcãozinho - concluiu ele; por muito tempo, calado, sorrindo, ficou a olhar o espaço diante dele. Não era a história em si, mas o seu misterioso significado e aquela serena exaltação que iluminava o rosto de Karataiev enquanto ele falava, o misterioso significado dessa exaltação, era tudo isso que enchia agora a alma de Pedro de uma felicidade indefinível.

Capítulo XIV

- A postos! - gritou, de, súbito, uma voz. Uma alegre agitação se produziu entre os prisioneiros e os soldados da escolta, na esperança de um acontecimento importante e feliz. Por todos os lados se ouviram vozes de comando, e à esquerda da coluna apareceram, galopando, cavaleiros bem vestidos, montados em bons cavalos. Todos os rostos exprimiram a tensão que em geral se produz aquando da chegada de grandes personalidades. Os prisioneiros amontoaram-se a um lado para deixar a estrada desimpedida. Os soldados da escolta alinharam:

- O imperador! O imperador! O marechal! O duque!

Mal acabara de desfilar a escolta, chegava uma carruagem tirada por cavalos cinzentos, no meio de grande fragor. Pedro viu, à passagem, uma figura de rosto sereno, cheio e branco, com um bicorne na cabeça. Era um dos marechais. O seu olhar deteve-se na alta estatura de Pedro que sobressaía no meio da multidão, e, pela maneira como franziu as sobrancelhas e virou a cara, a prisioneiro julgou perceber que procurava ocultar um sentimento de piedade.

O general comandante do depósito, muito corado e cara de susto, esporeou o cavalo para seguir a carruagem. Alguns oficiais formaram grupo e os soldados juntaram-se em torno deles. Todos pareciam perturbados e inquietos.

- Que é que há? Que disse ele? - repetiam.

Enquanto o marechal passava, como os prisioneiros se tinham aglomerado, Pedro viu Karataiev, em quem ainda não pusera os olhos nessa manhã. Embrulhado no capote, estava sentado, encostado a um álamo. No seu rosto, com a mesma expressão de enternecida suavidade que tinha na véspera ao contar a sua história, havia agora um calmo sorriso.

Fitava Pedro com os seus bondosos olhos redondos velados de lágrimas, e via-se que o chamava, como se lhe quisesse falar. Mas Pedro tinha medo de si mesmo. Fingiu não ver esse olhar e desviou a cara apressadamente.

Quando a coluna retomou a marcha, Pedro olhou para trás. Karataiev continuava sentado à beira da estrada, encostado ao álamo; dois franceses, apontando-o, diziam qualquer coisa entre si. Não mais se voltou e subiu a ladeira a coxear. Lá para trás, para o

sítio onde estava Karataiev, um tiro soou. Ouviu-o nitidamente, mas nesse mesmo instante lembrou-se de que quando o marechal aparecera calculava ele o número de jornadas que ainda teriam até Smolensk. Voltou aos seus cálculos. Dois soldados franceses, um dos quais com a espingarda ainda fumegante, passaram por ele a correr. Muito pálidos, enquanto um deles o olhava com timidez, Pedro descobriu-lhe no rosto a mesma expressão que vira estampada na cara do soldado aquando da execução dos incendiários. E Pedro reconheceu-o: era o mesmo que na antevéspera queimara a camisa estando a enxugá-la na fogueira do bivaque e que fora troçado pelos camaradas.

Lá para trás, para onde ficara Karataiev, um cão uivou. «Porque está aquele imbecil a uivar?», disse Pedro com os seus botões. Os soldados prisioneiros que marchavam a seu lado não voltaram a cabeça, como ele, para onde soara o tiro e depois o uivo do cão. Uma expressão sinistra se lhes pintava na cara.

Capítulo XV

O depósito de cavalaria, os prisioneiros e as bagagens do marechal fizeram alto na aldeia de Chamchevo. Toda a gente se juntou em volta dos bivaques. Pedro aproximou-se de uma das fogueiras, comeu um pedaço de carne de cavalo, deitou-se, de costas para a fogueira, e adormeceu imediatamente. Mergulhou num sono tão pesado como em Mojaisk, depois da batalha de Borodino.

Tal como então, também agora os acontecimentos reais se confundiram com visões imaginárias, e uma voz, a sua própria voz ou a de qualquer outra pessoa, repetiu-lhe as mesmas frases que ouvira nessa altura.

- A vida é tudo. A vida é Deus. Tudo vai e vem, tudo se move, e esse movimento é Deus. E enquanto há vida, há a satisfação de reconhecermos a divindade. Amar a vida é amar a Deus. O mais difícil e meritório é amar a vida nas suas dores, nos seus sofrimentos imerecidos.

«Karataiev!» Esse nome surgiu-lhe de súbito no pensamento, e de súbito viu, como se estivesse vivo, um velho mestre, de que há muito se esquecera, que na Suíça lhe ensinara geografia. «Espera», dizia-lhe o velho, mostrando-lhe o globo terrestre. Esse globo era uma esfera viva, oscilando e sem contornos definidos. Toda a sua superfície era formada por gotas de água muito uni- das umas às outras, e essas gotas de água evoluíam, deslocavam-se, ora unindo-se numa gota mais grossa, ora dividindo-se de novo. Cada gota procurava dilatar-se, ocupar o maior espaço possível, mas, como as outras faziam o mesmo, apertavam-na, obrigando-a a desaparecer, por momentos, e misturando-se com ela outras vezes.

«Eis a imagem da vida», dizia-lhe, o velho.

«Como é simples e claro», pensava Pedro. «Com o não compreendi eu há mais tempo?»

Deus está no centro e cada uma das gotas tenta alargar-se, na esperança de O reflectir na sua maior extensão. E cresce, alarga-se, comprime-se e desaparece da superfície, mergulha e volta depois a sobrenadar. Por exemplo, Karataiev dilatou-se e desapareceu. *«Compreende, meu filho?»,* dizia-lhe o mestre.

- *Compreendeu. Caramba!* - gritava uma voz, e Pedro acordou.

Endireitou-se, ficando sentado no chão. Ao clarão da fogueira, sentado de cócoras, um francês, que acabava de empurrar um soldado russo, assava um pedaço de carne na ponta da vareta de uma espingarda. As suas mãos vermelhas e peludas, de dedos curtos e musculosos, manejavam a vareta com perícia. O seu rosto, de cor terrosa e sobrecenho franzido, recebia em cheio o clarão das brasas.

- *Isso é-lhe indiferente* - resmungou, dirigindo-se a um soldado de pé atrás dele. - *Bandido! Ala!*

O soldado que manuseava a vareta da espingarda relanceou um soturno olhar para o lado onde estava Pedro. Este voltou-se e pôs-se a fitar o escuro. Um dos prisioneiros, esse mesmo que o francês empurrara, estava sentado junto da fogueira e parecia acariciar com a mão fosse o que fosse. Pedro olhou mais atentamente e viu o cachorrito arruivado abanando a cauda, ao pé do soldado.

- Ah!, voltou? - disse Pedro. - Eh! Pla. Mas não pode concluir.

De súbito, na imaginação, misturaram-se-lhe ao mesmo tempo e olhar que lhe lançara Platão sentado de encontro à árvore, o tiro que ressoara para esses lados, os uivos o cão e a expressão comprometida dos dois franceses passando a correr diante dele, com a espingarda ainda fumegante. E juntando a isso o desaparecimento de Karataiev só então pareceu compreender que o desgraçado fora abatido. No mesmo instante, porém, sem saber como, passou-lhe por diante dos olhos a varanda da sua casa de Kiev, onde passara uma noite de Verão com uma linda polaca, Sem relacionar estas lembranças com as impressões de momento, e sem nada concluir, Pedro fechou os olhos, e o quadro que evocara - a noite de Estio -, trazendo-lhe à ideia um banho refrescante e a esfera líquida em movimento, fê-lo sentir-se afundar numa massa de água onde todo ele desaparecia.

Antes do nascer do Sol acordou com um vivo tiroteio e uma grande algazarra. Os franceses corriam como loucos.

- Os cossacos - gritava um deles e instantes depois Pedro estava rodeado de caras russas.

Levou tempo a compreender o que se passava. Ouviam-se por todos os lados exclamações entusiastas dos seus compatriotas.

- Meus irmãos! Meus amigos! Meus queridos camaradas! - gritavam, com as lágrimas nos olhos, velhos soldados, apertando nos braços cossacos e hússares.

Estes cercavam os prisioneiros e ofereciam-lhes, à discrição, pão, roupas, botas. Pedro, no meio deles, soluçava, incapaz de articular palavra. Porém, tomando nos braços o primeiro soldado que lhe apareceu, beijou-o, chorando.

Dolokov estava de pé diante do portão da casa em ruínas assistindo ao desfile das

tropas francesas desarmadas. Estas, desorientadas com o que acontecera, falavam entre si em alta voz, mas, ao passarem diante de Dolokov, que fustigava as botas com a chibata, fitando-as com olhos frios e vidrados, onde nada de bom se lia, calavam-se. Ao lado dele, o cossaco contava os prisioneiros, marcando a giz, na porta, centena por centena.

- Quantos? - perguntou-lhe Dolokov.

- É a segunda centena - respondeu-lhe ele.

- Toca a andar, toca a andar! - dizia Dolokov, que aprendera com os franceses esta expressão. E o seu olhar, quando se encontrava com o dos prisioneiros, despedia centelhas de crueldade.

Denissov, de ar triste e cabeça descoberta, seguia atrás dos, cossacos que transportavam o corpo de Pétia Rostov, que ia a enterrar num fosso aberto no jardim.

Capítulo XVI

A partir de 28 de Outubro, data em que principiaram os frios, a retirada francesa assumiu um aspecto trágico. Alguns homens morriam gelados, outros tentavam aquecer-se junto de fogueiras; outros ainda, embrulhados em quentes peliças, continuavam a fuga, levando nas seges os bens do imperador, dos reis e dos duques. No conjunto, porém, nada mudara no estado de decomposição do exército em retirada.

De Moscovo a Viazma, os seiscentos e treze mil homens de que se compunha o exército francês ficaram reduzidos a pouco mais de trinta e seis mil, sem contar a Guarda, a qual, durante toda a campanha, outra coisa não fizera que pilhar. Dos seus trinta e seis mil homens, no máximo não apareceram no campo de batalha mais de cinco mil. Eis o primeiro termo da proporção que pode determinar exactamente o que veio a ocorrer depois. O exército francês liquefez-se e desapareceu, na mesma proporção, de Moscovo a Viazma, de Smolensk ao Beresina, do Beresina a Vilna, independentemente do frio mais ou menos intenso, em consequência da perseguição que lhe moviam os Russos, dos obstáculos que encontravam no caminho ou de todas as outras circunstâncias isoladamente. Berthier escrevia ao amo nos termos seguintes, e toda a gente sabe quanto se afastam da verdade os chefes que descrevem a situação do seu exercito:

> *Creio dever levar ao conhecimento de Vossa Majestade o estado das suas tropas nos vários corpos de exército, o qual pude verificar em diferentes pontos de há dois ou três dias para cá. Estão por assim dizer em debandada. Os soldados que seguem as bandeiras são apenas a quarta parte dos efectivos em todos os regimentos; os demais marcham isoladamente, em diversas direcções, e por conta própria, na esperança de encontrarem que comer e para se verem livres da disciplina. Em geral consideram Smolensk o ponto onde se reorganizarão. Nestes últimos dias, numerosos soldados deitaram fora as armas e os cartuchos. Perante tal estado de coisas, o serviço de Vossa Majestade exige, sejam, quais forem os objectivos ulteriores, que as tropas se reorganizem em Smolensk, principiando por desembaraçá-las dos não combatentes, ou seja, dos homens a pé, das bagagens inúteis e do material de artilharia, em desproporção com as forças actuais. Além de dias de descanso são necessários mantimentos para os soldados extenuados pela fome e pela fadiga; nos últimos dias morreram muitos nas*

estradas e nos bivaques. Este estado de coisas vai de mal a pior e faz-nos recear, caso se lhe não dê pronto remédio, não termos mão nas tropas para as obrigar a combater.

9 de Novembro, a trinta verstas de Smolensk.

Ao atingirem Smolensk, para os soldados uma espécie de terra de promissão, matam-se uns aos outros pelo pão para a boca, assaltam os seus próprios armazéns e quando tudo se acaba continuam a sua rota.

Todos caminhavam sem saber porque avançavam nem onde iam e ainda menos do que ninguém o sabia o próprio Napoleão, esse génio, ele que não recebia ordens de quem quer que fosse. Mas nem por isso deixavam de seguir os velhos hábitos, ele e os seus generais; lá continuavam, como sempre, a expedir instruções, mensagens, relatórios, ordens do dia, e a dizer uns para os outros: *«Sire, meu primo, príncipe de Eckmühl, rei de Nápoles.»* No entanto, todas estas ordens, todos estes relatórios, não passavam do papel. Já nada se executava, porque nada podia ser executado, e, apesar de todos os pomposos títulos que se davam uns aos outros, sentiam que não passavam de pobres e miseráveis criaturas, que muito mal haviam feito, e agora tinham de prestar contas. E, embora se fingissem interessados pelo destino do exército, só numa coisa pensavam, lá no seu íntimo: fugirem o mais depressa que pudessem e salvarem-se, se ainda fossem a tempo.

Capítulo XVII

Os movimentos das tropas russas e francesas durante a retirada de Moscovo ao Niémen fazem lembrar o jogo da cabra-cega. E como se vendassem os olhos dos jogadores, e um deles, de tempos a tempos, tocasse numa sineta a desafiar o outro. De princípio, toca destemido, mas, quando se vê em posição desvantajosa, trata de fugir do parceiro em silêncio; e, no entanto, cai-lhe amiúde nas mãos.

Nos primeiros tempos, os exércitos de Napoleão assinalavam a sua presença: foi isso no início da retirada pela estrada de Kaluga. Mais tarde, quando meteram pela de Smolensk, fugiram, com o badalo da sineta bem seguro, e por mais de uma vez, pensando que escapavam, foram cair no papo dos Russos.

Graças à rapidez da fuga dos Franceses perseguidos pelos Russos, e à fadiga dos cavalos que daí resultava, a melhor maneira de conhecerem, aproximadamente, a posição do inimigo, isto é, os reconhecimentos de cavalaria, era coisa que não existia. Além disso, resultado das mudanças rápidas na situação recíproca dos dois exércitos, as informações, quaisquer que fossem, não chegavam a tempo. Se no dia 2 do mês vinham a saber que e exército inimigo se encontrava no dia 1 em tal sítio, no dia 3, data em que era possível empreender qualquer acção, o dito exército já fizera duas jornadas de marcha e ocupava outra posição,

Um dos exércitos fugia, o outro perseguia-o. A partir de Smolensk, várias eram as estradas que se ofereciam aos Franceses. Era de supor que após quatro dias de permanência ali lhes fosse possível saber com exactidão onde estava o inimigo, permitindo-lhes traçar um plano favorável e tentar nova campanha. Mas, passados esses quatro dias, os bandos escaparam-se pela direita e pela esquerda, sem um movimento definitivo ou um percurso previsto, tomando a antiga estrada, a mais perigosa, a estrada por Krasnoie e Orcha, via já por eles percorrida.

Supondo terem o inimigo na retaguarda, e não na vanguarda, fugiram, deixando entre eles intervalos de mais de vinte e quatro horas de marcha. A frente vinha o imperador, depois os reis e os duques. O exército russo, persuadido de que Napoleão ia meter pela direita e atravessar o Dniepre, aliás a única estrada razoável, seguiu esta direcção, desembocando na estrada real para Krasnoie. E foi ali, como se jogassem a cabra-cega, que

os Franceses encontraram a vanguarda russa. Tomados de pânico perante a inesperada aparição, pararam, mas depressa se puseram em fuga, abandonando os que vinham atrás deles. Eis (,orno, durante três dias, passaram corpos separados uns atrás dos outros através da torrente das forças russas, primeiro o do vice-rei, depois o de Davout, em seguida o de Ney, Abandonaram-se mutuamente à sua infeliz sorte, perdendo as bagagens, a artilharia, metade dos homens, fugindo, com um único pensamento: contornarem os Russos pela direita a coberto da noite..

Ney, que, apesar da infeliz situação das tropas , talvez precisamente por essa circunstância, ficara para trás ocupado a fazer saltar as muralhas de Smolensk, que a ninguém incomodavam, só para castigo da terra que determinara a sua perda, era o último a marchar com o seu corpo de dez mil homens. Reunira-se a Napoleão em Orcha, reduzido a mil homens, depois de ter espalhado o resto, bem como os canhões, em marchas nocturnas através dos bosques para alcançar o Dniepre.

De Orcha prosseguiram a sua rota para Vilna, sempre a jogar à cabra-cega com o exército que os perseguia. No Beresina, nova confusão: muitos afogaram-se, outros renderam-se: mas os que conseguiram atravessar o no lá continuaram. Entretanto o seu grande chefe enfiava uma peliça, sentava-se num trenó e fugia sozinho, abandonando os companheiros. Os que puderam fizeram o mesmo, os que não puderam deixaram-se apanhar ou morreram.

Capítulo XVIII

Dir-se-ia que perante esta fuga doida dos Franceses, quando eles faziam tudo para se perderem a si mesmos, quando todos os seus movimentos, desde o desvio pela estrada de Kaluga até à fuga atrás do chefe do exército, eram desprovidos de qualquer bom senso, dir-se-ia que, ao menos, para este primeiro período da campanha, os historiadores, que atribuem a acção das massas à vontade de um só homem, confessassem o erro das suas teorias ao descreverem esta retirada. Montanhas de livros se escreveram sobre esta campanha e em toda a parte se encontram exaltadas as disposições tomadas por Napoleão, a argúcia dos seus planos e das suas manobras e o génio dos seus marechais.

Explicam-nos, por uma série de profundos raciocínios, o motivo da retirada dos Franceses de Maloiaroslovets por uma estrada devastada quando se lhes deixava a passagem livre por uma região rica em abastecimentos e se lhes oferecia o caminho paralelo que seguiu posteriormente Kutuzov para os perseguir. Também se nos explica assim a retirada de Smolensk para Orcha. Em seguida traçam-nos um quadro do comportamento heróico de Napoleão em Krasnoie, onde, ao que parece, teve intenção de travar batalha e pôr-se à frente das suas tropas. E mostram-no-lo de um lado para o outro, com uma vara de olmo na mão, dizendo

- *Já estou farto de fazer de imperador, é tempo de fazer de general.* - O que o não impediu, pouco depois, de prosseguir na fuga, abandonando à sua triste sorte todos os corpos de exército dispersos que o seguiam.

Descrevem-nos igualmente a bravura dos marechais, particularmente a de Ney, bravura que se limitou a operar um desvio pela floresta a fim de atravessar o Dniepre de noite e fugir na direcção de Orcha, depois de perder as bandeiras, a artilharia e nove décimos dos efectivos.

Enfim, o abandono pelo grande imperador do seu heróico exército é-nos apresentado como uma grande acção e um rasgo de génio. Até mesmo o empreendimento final da sua fuga, que em qualquer língua só pode ter um nome, a última das cobardias, acto que envergonharia uma criança, até mesmo isso encontra a sua justificação na pena dos historiadores.

Quando já lhes não é possível estenderem mais o fio elástico dos raciocínios, quando

o acto é realmente contrário ao que os homens chamam o bem e a justiça, recorrem. à míngua de argumentos. à noção de grandeza. A grandeza parece excluir a possibilidade de apreciar o bem e o mal. O mal não existe para o que é grande. Quem é grande nunca poderá ser acusado de uma atrocidade.

«É grande!», dizem os historiadores, e então deixa de existir o bem e o mal, para só haver o que é grande e o que não é *grande.* O que é *grande* é o bem, o que não é *grande* é, o mal. O grande é, segundo eles, privilégio de indivíduos especiais que recebem a classificação de heróis. Napoleão, muito bem embrulhado numa peliça, volta para casa, deixando morrer não só companheiros, mas pessoas que, assim ele o confessou, arrastara atrás de si. Para si mesmo diz: sou o *grande*, e a alma tranquiliza-se-lhe.

«Do sublime ao ridículo vai apenas um passo», dizia Napoleão, e o sublime era ele próprio. E de há cinquenta anos para cá o universo inteiro repete: *«Sublime! Grande! Napoleão, o Grande! Do sublime ao ridículo vai apenas um passo!»*

E a ninguém ocorre que confessar que a grandeza está para além do bem e do mal é como reconhecer ao mesmo tempo a sua inferioridade e a sua infinita pequenez. Para nós, que recebemos de Cristo a medida do bem e do mal, nada existe fora dessa medida. Não há autêntica grandeza sem espontaneidade, bondade e verdade.

Capítulo XIX

Haverá algum russo que ao ler as descrições do último período da campanha de 1812 não tenha experimentado um penoso sentimento de despeito, descontentamento e inquietação? Quem não terá perguntado a si próprio: porque não fizeram prisioneiros, porque não exterminaram todos os franceses, tendo três exércitos muito superiores em número a cercá-los, e eles, em debandada, morrendo de fome e de frio, se entregavam em massa, e sabendo nós, assim no-lo diz a história, que o objectivo dos Russos era precisamente deter, cortar a retirada e capturar todos os franceses?

Como se explica que o exército russo, menos numeroso que o francês, tenha travado a batalha de Borodino e não haja atingido o seu objectivo quando cercava o inimigo por três lados e a sua intenção era aniquilá-lo? Tinham então os Franceses tão grande superioridade sobre nós que os não podíamos bater mesmo cercados por forças esmagadoras? Como pôde acontecer uma coisa destas?

A história, pelo menos a que se vangloria de tal nome, responde que a culpa foi de Kutuzov, Tormassov, Tchitchagov, deste e daquele, que não fizeram estes ou aqueles movimentos.

Mas porque não fizeram eles esses movimentos? Partindo do princípio de que eram culpados de não terem sabido atingir o objectivo previsto, porque não foram eles submetidos a conselho de guerra e devidamente castigados? E, se se admite que Kutuzov, Tchitchagov e os outros são culpados de tais reveses, não se compreende, mesmo nas condições em que se encontravam as tropas russas em Krasnoie e no Beresina - e em ambos os casos a sua superioridade era esmagadora -, não se compreende porque o exército francês não foi capturado com os seus marechais, os seus reis e o seu imperador, uma vez que essa era a finalidade dos Russos.

A explicação deste facto estranho, dada pelos historiadores russos, qual seja que Kutuzov se teria oposto ao ataque, cai pela base, pois toda a gente sabe que a vontade do general-chefe não evitara o ataque em Viazma e em Tarutino.

Porque é que este exército russo, que, com forças inferiores, em Borodino, alcançou uma vitória sobre um inimigo em pleno vigor, veio a ser vencido por bandos desorganizados de franceses em Krasnoie e no Beresina, quando dispunha, então, de

superioridade esmagadora?

Se o objectivo dos Russos era cortar a retirada ao exército francês e aprisionar o imperador e os seus marechais, o certo é que esse objectivo não só não foi alcançado, como todos os esforços no sentido de o conseguir foram malogrados de maneira lamentável, de tal modo que o último período da campanha se apresenta, com justa razão, como uma série de vitórias dos Franceses e que os historiadores russos se enganam redondamente ao considerá-lo vitorioso.

Os historiadores russos, forçados a admitir a lógica, chegam fatalmente a esta conclusão, e a verdade é que, não obstante as suas pomposas frases sobre a coragem e a dedicação, se vêem obrigados a admitir que a retirada de Moscovo é assinalada por uma série de vitórias de Napoleão e de derrotas de Kutuzov.

No entanto, pondo de parte todas as questões de amor-próprio nacional, sente-se que esta conclusão encerra em si uma contradição, pois essa série de vitórias levou os Franceses ao aniquilamento total, enquanto as derrotas dos Russos os levaram ao esmagamento do inimigo e à libertação da Pátria.

A razão desta contradição está no facto seguinte: que os historiadores, que estudam os acontecimentos de harmonia com a correspondência dos imperadores e dos generais e segundo relatórios, relações ou planos, pressupõem um objectivo errado, que nunca existiu no período final da guerra de 1812, o qual era cortar a retirada aos exércitos franceses e capturar Napoleão com os seus marechais. Nunca existiu semelhante objectivo, nem podia existir, visto não ter o mais pequeno sentido e ser absolutamente impossível de alcançar.

Semelhante finalidade não tinha o mais pequeno sentido, primeiro porque o exército derrotado de Napoleão fugia da Rússia o mais depressa que podia, isto é, procedia exactamente de acordo com os desejos dos Russos.

Para quê operações contra os Franceses, quando eram eles próprios quem retirava a toda a pressa?

Em segundo lugar, era absurdo cortar a retirada a quem se empenhava em fugir com toda a força.

Em terceiro lugar, era estúpido sacrificar as próprias forças para esmagar os exércitos franceses, os quais, sem causas exteriores, desapareciam numa proporção tal que, sem que se opusesse qualquer obstáculo à sua fuga, se lhes tornava mesmo assim impossível transpor a fronteira (como o vieram a conseguir em Dezembro) senão reduzidos à centésima parte dos seus efectivos.

Em último lugar, o projecto para aprisionar o imperador, os reis e os duques era ridículo, pois a captura de tais personalidades só teria servido para prejudicar a política

russa, como o reconheceram os melhores diplomatas da época. Joseph de Maistre e outros. E ainda era mais insensato quererem os Russos apoderar-se dos corpos franceses quando as tropas russas estavam reduzidas a metade antes de Krasnoie e seria precisa uma divisão de escolta para guardar os prisioneiros, quando era certo que os soldados russos nem sempre tinham a sua ração completa e que os franceses já capturados morriam de fome.

Esta profunda concepção segundo a qual se deveria cortar a retirada aos exércitos franceses e aprisionar Napoleão faz lembrar a atitude de um hortelão que para enxotar o gado que lhe espezinha a horta corre à porta da quinta e se põe a bater na cabeça dos animais. Só um excesso de ira justificaria semelhante atitude. Mas nem isto era de invocar para justificação dos autores do projecto, pois a verdade é que não tinham tido sequer o horto espezinhado.

Aliás, cortar a retirada a Napoleão e ao seu exército era uma operação não só absurda, mas impossível.

Impossível, primeiro, porque, se é verdade que a experiência ensina que um movimento executado a cinco *verstas* de um campo de batalha nunca se harmoniza com o plano primitivo, era tão inverosímil que Tchitchagov, Kutuzov e Wittgenstein chegassem a tempo ao local determinado que pode dizer-se impossível. Tal a opinião de Kutuzov ao saber da existência do plano, dizendo que uma diversão a grandes distâncias não pode dar o resultado esperado.

Em segundo lugar, impossível porque, para se conseguir paralisar a força da inércia que fazia recuar o exército francês, era preciso dispor de tropas a incomparavelmente superiores àquelas que os Russos tinham.

Em terceiro lugar, ainda impossível porque a expressão militar de «cortar a retirada» a um exército não tem sentido. Pode cortar-se um bocado de pão, mas um exército, de maneira nenhuma. Cortar a retirada a um exército, isto é, cortar-lhe o caminho, não é coisa que se possa fazer, pois há sempre maneira de contornar o obstáculo, e há a noite, durante a qual todo e qualquer movimento se torna desapercebido, coisa de que os especialistas militares Puderam persuadir-se graças a Krasnoie e ao Beresina. É absolutamente impossível aprisionar seja quem for, a menos que o aprisionado consinta, pela mesma razão de que então é possível apanhar uma andorinha, a não ser que ela venha pousar na nossa mão. Capturam-se aqueles que se entregam, como os Alemães, segundo as regras da estratégia e da táctica. Mas os Franceses não viam nisso vantagem alguma, pois em fuga ou capturados só a fome e o frio os esperavam.

Em quarto lugar, sobretudo, deve considerar-se que desde que o mundo é mundo nunca houve guerra em condições tão terríveis como a de 1812, e que os exércitos russos,

para perseguirem os Franceses, haviam posto em jogo todas as suas forças e não podiam fazer mais sem se aniquilarem a si próprios.

Durante a sua marcha de Tarutino para Krasnoie, os Russos Perderam cinquenta mil doentes e retardatários, quer dizer, um número de homens igual à população de uma importante cidade de província. Metade do exército perdeu-se, sem combate.

A propósito deste período da campanha em que as tropas, sem botas e sem agasalhos, com abastecimentos insuficientíssimos, sem vodka, tiveram de passar as suas noites, durante meses, no meio da neve, com temperaturas de quinze graus negativos em que os dias apenas tinham sete ou oito horas de luz solar e as noites eram sem fim, o que tornava impossível toda a disciplina eficaz: em que os homens, não como numa batalha, onde não vêem a morte diante dos olhos senão durante algumas horas, Passavam meses inteiros receando, a cada instante, morrer de fome e de frio; em que, no decurso de um mês, metade do exército soçobrou, a este propósito vêm os historiadores contar-nos tranquilamente como Miloradovitch se viu obrigado a fazer uma marcha de flanco em tal sítio, Tormassov em tal outro e Tchitchagov se viu forçado a deslocar-se para determinado ponto, deslocação levada a cabo com neve para cima dos joelhos dos homens, e como fulano caiu em cima do inimigo e lhe cortou a retirada, etc.

Os Russos, reduzidos, por morte, a metade dos seus efectivos, fizeram tudo o que puderam e deviam fazer para atingir um objectivo digno e a culpa não é sua se outros russos houve que, fechados em quartos confortáveis, gizaram planos que se não podiam pôr em prática.

Esta contradição estranha, que se não compreende nos nossos dias, entre os factos e as descrições dos historiadores resulta apenas de estes terem querido fazer a história dos belos discursos de certos generais em vez de contarem os acontecimentos.

Interessante para eles são as palavras de Miloradovitch, as condecorações recebidas por este ou por aquele general, os planos propostos. Os cinquenta mil desgraçados que ficaram nos hospitais ou caíram por terra não lhes interessam, porque não dizem respeito aos seus estudos.

E, no entanto, basta voltarmos as costas ao exame dos relatórios e dos planos para vermos remexer essas centenas de milhares de homens que tomaram parte directa e imediata nos acontecimentos e tudo o que anteriormente nos parecia insolúvel se nos apresentar desde logo como a solução mais fácil e mais simples.

O intento de cortar a retirada a Napoleão e ao seu exército apenas existiu na imaginação de meia dúzia de indivíduos. Era irrealizável, por absurdo e impossível.

O povo só queria uma coisa: libertar o solo pátrio da invasão. Esse objectivo

alcançou-se, primeiro sem a intervenção fosse de quem fosse, visto que os Franceses fugiam e bastava deixá-los fugir; em segundo lugar, graças à guerra patriótica que exterminava os Franceses; e por fim porque um poderoso exército russo seguia de perto o inimigo, pronto a utilizar a força caso os Franceses parassem no caminho.

O exército russo devia agir como o chicote no dorso do animal que foge. E os pastores hábeis sabem que a melhor maneira de conduzir o gado é segurar o chicote ameaçador no ar sem fustigar a cabeça dos animais.

QUARTA PARTE

Capítulo I

Quando o homem vê morrer um animal, fica aterrorizado. A qualidade de ser vivo de que ele próprio participa desaparece diante dos seus olhos, deixa de existir. Mas quando aquele que morre é um ser humano, e um ser querido, além desse horror perante a vida que desaparece, o homem sente um dilaceramento, uma ferida moral que, como o ferimento físico, em certos casos leva à morte, noutras cura-se e por vezes também continua sensível e receia os contactos exteriores.

Depois da morte do príncipe, Natacha e a princesa Maria passaram ambas por essa experiência. Prostradas moralmente, esmagadas sob a terrível nuvem da morte que se estendera sobre elas, deixaram de ser capazes de olhar a vida cara a cara. Preservavam cuidadosamente a sua ferida, que ainda sangrava, contra qualquer contacto capaz de a irritar. Uma carruagem que passava depressa de mais na rua, o anunciarem estar o jantar na mesa, a pergunta de uma criada relativa ao fato que era preciso preparar, e, ainda mais, uma palavra de simpatia pouco sincera, ou expressa de maneira superficial, tudo lhes irritava dolorosamente a ferida, produzindo-lhes a impressão de um ultraje, rompendo a calma que lhes era necessária para estarem atentas ao coro terrível e severo que não deixava de lhes ressoar na imaginação e as impedia de contemplar as distâncias misteriosas e infinitas que por instantes se haviam desvendado diante delas.

Só quando estavam sós nada as feria ou lhes fazia mal. Trocavam poucas palavras entre si. Quando falavam, era das coisas mais insignificantes. Tanto uma como outra evitavam toda a espécie de alusões ao que pudesse ser o futuro.

Admitirem sequer a possibilidade de um futuro era uma ofensa à sua saudade. E ainda eram mais cautelosas em evitar que nas suas conversas se filtrasse fosse o que fosse alusivo ao defunto. Afigurava-se-lhes que as provas e as impressões por que tinham passado não podiam exprimir-se por meio de palavras.

Parecia-lhes que qualquer alusão a pormenores da sua vida quebrava a majestade e a santidade do mistério que passara diante dos seus olhos.

A discrição que punham rias palavras, o silêncio em relação a qualquer coisa que o pudesse lembrar, a maneira de se manterem sempre na reserva, só concorriam para lhes aguçar a sensibilidade.

Mas é tão impossível uma dor pura e perfeita como uma pura e perfeita alegria, A princesa Maria, de então para cá única senhora do seu destino, tutora e educadora do sobrinho, foi a primeira a ouvir a voz da vida chamando-a para fora dessa atmosfera de tristeza em que vivera as duas primeiras semanas. Teve de responder a cartas de parentes seus. O quarto em que dormia Nikoluchka era húmido e a criança principiou a tossir.

Alpatitch chegou a Iaroslav com as suas contas, propondo e aconselhando o regresso a Moscovo, pois a casa da Vozdvienka ficara intacta e apenas precisava, para ser ocupada, de algumas pequenas reparações. A vida não parava e era preciso viver. Por mais penoso que fosse para ela sair daquela solidão contemplativa em que vivera até aí, por mais escrúpulos e por mais que lhe custasse deixar Natacha sozinha, a vida reclamava-a, e ela não tinha outro remédio se não submeter-se-lhe. Verificou as contas de Alpatitch, aconselhou-se com Dessales a respeito do sobrinho e preparou as coisas para regressar a Moscovo.

Natacha, só, evitava vê-la sequer desde que ela se pusera a preparar a partida.

A princesa Maria pediu licença à condessa para que Natacha a acompanhasse, e o pai e a mãe consentiram da melhor vontade, pois notavam que as forças físicas da filha diminuíam a olhos vistos. Pensavam que uma mudança de ares lhe seria favorável e que podia consultar os médicos de Moscovo.

- Não irei a parte alguma - respondeu Natacha às propostas que lhe fizeram -, só desejo uma coisa, que me deixem em paz - E dizendo isto fugiu, retendo dificilmente as lágrimas menos de dor que de despeito e cólera.

Desde que se sentira abandonada pela companheira e entregue sozinha à sua dor passava a maior parte do tempo no quarto, enterrada no canto do divã, entretendo os dedos finos e ágeis nalgum trabalho maquinal, os olhos fixos obstinadamente, e sem verem, num ponto qualquer na sua frente. Esta solidão esgotava-a, fazia-lhe mal, mas era-lhe necessária. Quando alguém entrava no quarto, levantava-se imediatamente, mudava de atitude, modificava a expressão do olhar e punha-se a ler ou a coser, esperando, impaciente, que o importuno voltasse a sair. Parecia-lhe sempre estar a ponto de compreender e penetrar o terrível e, acabrunhador problema que lhe tomava todas as forças espirituais.

No fim de Dezembro, com um vestido de lã preto, a trança negligentemente amarrada no alto da cabeça, magra e pálida, Natacha estava acocorada no seu divã, desfiando inconscientemente a ponta do cinto, os olhos fitos no àrigulo da porta.

Olhava o ponto donde ele partira para a outra vida. E essa outra vida em que ela não pensara antes, que se lhe afigurava tão distante, tão inverosímil, era-lhe agora próxima e familiar, muito mais inteligível que a vida presente, onde só havia futilidades e ruínas,

sofrimento e dor.

Olhava para o ponto onde ela sabia que ele estava, mas não podia vê-lo senão como o vira nos últimos tempos. Via-o como ele estava em Mitichtchi, em Troisa, em Iaroslav.

Via-lhe o rosto, ouvia-lhe a voz, repetia as suas próprias palavras e as que ele lhe dirigia e por vezes imaginava ainda frases que poderiam ter trocado.

Ele ali estava, estendido na poltrona, com o casaco forrado de veludo, a cabeça apoiada na mão magra e pálida. Tem o peito metido para dentro e os ombros salientes, os lábios cerrados, os olhos brilhantes e rugas lhe aparecem e desaparecem na testa pálida. Uma das suas pernas agita-se nervosamente de maneira quase insensível. Natacha pensa que ele está lutando naquele momento contra uma dor pungentíssima. Que dor? Porquê essa dor? Que sente ele? Que espécie de dor é a sua?, pensa Natacha. Ele, porém, reparou que ela está inquieta, ergueu os olhos e pôs-se a falar sem sorrir.

«Que coisa horrível ligar-se uma mulher para toda a vida a um homem doente. É um suplício perpétuo.» E, falando assim, olhava-a escrutadoramente. Natacha, como sempre, responde-lhe sem reflectir no que lhe diz: «Isso não pode continuar assim, não pode ser, há-de recuperar a saúde por completo.»

Só agora podia ler no seu pensamento e reviver os seus sentimentos de então. Lembrava-se do triste e severo olhar que por muito tempo pousara nela quando falara e compreendeu a espécie de reproche e de desespero que esse olhar encerrava.

«Era de considerar», dizia ela agora, «horrível ele permanecer sempre naquele sofrimento. Falei então desse modo porque, efectivamente, seria horrível para ele, mas ele interpretou as minhas palavras de outra maneira. Julgou que eu queria dizer que seria horrível para mim. Nessa altura ainda ele tinha amor à vida, ainda tinha medo de morrer. Fui estúpida, brutal. Falei sem reflectir. Estava a pensar em coisa muito diferente. Se eu me tivesse expressado como realmente pensava, ter-lhe-ia dito que seria feliz vendo-o agonizante, sempre agonizante diante dos meus olhos, que preferia isso a sofrer como hoje sofro. Hoje nada mais existe, ninguém. Teria ele compreendido o fundo do meu pensamento? Não, não o compreendeu nem nunca o poderá conhecer. E agora nunca, nunca mais poderei reparar a falta que cometi.» E lá está ele a dirigir-lhe as mesmas palavras e mental- mente ela a responder-lhe de maneira totalmente diferente. Fá-lo calar e diz-lhe: «Isso é horrível para si, mas não para mim. Sem si, a vida, para mim, não tem sentido, e sofrer consigo seria, para mim, a maior das felicidades.» E ele, então, pega-lhe na mão e aperta-a entre as suas, como nessa medonha noite, quatro dias antes do fim. E imaginava palavras de ternura e amor que então lhe não saíram dos lábios, mas que lhe dizia agora, «Amo-te!... Sim, amo-te, amo-te», repetia ela, juntando convulsivamente as mãos e

apertando os dentes uns contra os outros com a maior violência.

E então invadia-a uma dor menos amarga e as lágrimas saltavam-lhe dos olhos. De súbito, porém, perguntava a si própria a quem estava a falar. «Onde está ele e quem é ele agora?» E de novo se sentia submersa numa cruel incerteza, que lhe detinha as efusões, e de sobrancelhas carregadas fixava os olhos no espaço, na direcção onde ele podia estar. E pouco a pouco julgava ter penetrado o mistério... No momento, porém, em que julgava que o incognoscível se lhe ia revelar, um golpe violento no fecho da porta lhe impressiona o ouvido. Sem pedir licença, o rosto pálido e descomposto, entra no quarto Duniacha, a criada.

- Depressa, o pai, depressa - exclama Duniacha vivamente e retendo os soluços. - Uma desgraça, Piotre Ilitch... Uma carta.

Capítulo II

A aversão que Natacha sentia por toda a gente ainda era mais acentuada pelas pessoas da família. Todos os seus, o pai, a mãe, Sónia, lhe eram tão próximos, tão familiares, via-os tanta vez, que as suas palavras, os sentimentos que eles exprimiam, lhe pareciam uma ofensa a esse mundo ideal em que vivia naqueles últimos tempos, e testemunhava-lhes não só indiferença, mas uma espécie de hostilidade. Ouviu sem compreender Duniacha, que lhe falava de Piotre Ilitch e de uma desgraça.

«De que desgraça me está ela a falar, que desgraça pode ter acontecido? Para eles, os dias decorrem sempre da mesma maneira, por hábito, tranquilamente», dizia de si para consigo.

Ao entrar no salão viu o pai sair bruscamente do quarto da condessa, o rosto contraído e banhado de lágrimas. Via-se que saíra do quarto contíguo para poder expandir a sua dor. Ao ver Natacha fez um gesto de desespero e soltou uns soluços convulsivos que lhe contraíram a grossa e plácida figura.

- Pétia... Pétia... Depressa... Ela... chama-te. - E, a chorar como uma criança, aproximou-se, em passos miúdos, de uma cadeira, as pernas a tremer. Deixou-se cair nela, cobrindo a cara com as mãos.

De súbito como que uma descarga eléctrica percorreu Natacha dos pés à cabeça. Sentiu um golpe terrível no coração, Julgou que qualquer coisa se rompera nela e que ia morrer. Mas a dor foi imediatamente seguida do sentimento de se haver libertado da interdição de viver que sobre ela pesava. A presença do pai, os gritos medonhos e selvagens da mãe, ressoando no aposento vizinho, fizeram-na esquecer a sua própria dor.

Correu para o pai, mas este, num gesto impotente, indicou-lhe a porta do quarto. A princesa Maria, pálida e trémula, surgiu no limiar da porta, e, pegando na mão de Natacha, disse-lhe qualquer coisa. Natacha, sem a ver, sem a ouvir, encaminhou-se rapidamente para o quarto contíguo, parou, irresoluta, alguns instantes, depois correu para a mãe.

A condessa estava estendida numa poltrona, sacudida por estranhas convulsões nervosas, e batia com a cabeça na parede. Sónia e a criada seguravam-lhe os braços.

- Natacha, chamem a Natacha!... Não é verdade... Mentem... Onde está a Natacha? - gritava, repelindo as pessoas que a rodeavam. - Vão-se todos embora, não é verdade!

Mataram-no!... Ah! Ah! Ah!... Não é verdade!

Natacha ajoelhou-se, inclinou-se para ela, tornou-a nos braços, levantou-a com uma força inesperada e, voltando para a sua a cara da mãe, encostou-lhe os lábios.

- Mãe!... Mãezinha!... Estou aqui, minha mãezinha dizia-lhe ela muito baixinho e incessantemente.

Não a deixou um só minuto; lutava ternamente contra ela, pedia almofadas, água, desapertava-lhe o vestido.

- Minha querida mãe!... Minha mãezinha! - continuava, beijando-a na cabeça, nas mãos, nas faces, e sentindo lágrimas inexauríveis correr-lhe, em torrente, pela cara abaixo.

A condessa apertou-lhe a mão, fechou os olhos e serenou por momentos. De súbito ergueu-se com uma energia insuspeitada, lançou à sua volta um olhar esgazeado, e, vendo Natacha, estreitou-lhe com toda a força a cabeça entre as mãos. Em seguida, voltando contra o seu esse rosto contraído pela dor, fitou-o longamente.

- Natacha, gostas de mim? - disse-lhe muito baixinho, num tom confiante - Natacha, tu não me enganas? Vais dizer-me toda a verdade.

Natacha fitou-a com os olhos velados pelas lágrimas. Parecia implorar-lhe o seu perdão e o seu amor.

- Minha querida mãezinha - repetia, dilatando todas as f orças do seu amor, como a tentar chamar a si parte da dor que esmagava a mãe.

E na sua luta impotente contra a realidade, esta, recusando-se a acreditar que pudesse continuar a viver, uma vez que o seu querido filhinho morrera na flor da idade, de novo se evadiu para o mundo do delírio, fugindo, assim, à terrível evidência.

Natacha nunca soube dizer depois o que passara naquele dia, naquela noite, no dia seguinte e na noite do dia seguinte. Não dormiu e não deixou a mãe um só instante. O seu amor obstinado, paciente, que não procurava explicar nem consolar, envolvia-a por todos os lados e a cada momento numa ternura que era como que um apelo à vida.

Na terceira noite a condessa serenou por alguns instantes e Natacha aproveitou a circunstância para fechar os olhos, a cabeça apoiada no braço de uma poltrona. Ao ouvir a cama ranger abriu os olhos e viu a mãe sentada no leito a falar baixo sozinha.

- Como me sinto feliz que tenhas voltado. Estás cansado, meu menino, queres tomar chá?

Natacha, ao ouvir estas palavras, aproximou-se da cama. - Que grande e lindo que tu és! - continuava a condessa, apertando o braço da filha.

- Mãezinha, que estás tu a dizer? - Natacha, acabou-se, acabou-se.

E, abraçando a filha, pela primeira vez rompeu a chorar.

Capítulo III

A princesa Maria adiara a partida. Sónia e o conde haviam tentado debalde substituir Natacha. Reconheciam que só ela seria capaz de deter a mãe à beira de um desespero vizinho da loucura. Durante três semanas Natacha manteve-se continua- mente ao lado da condessa; dormia numa poltrona, dava-lhe de comer e beber, falava-lhe constantemente, pois sabia que só a sua voz terna e carinhosa a podia serenar.

A ferida moral da pobre senhora não podia curar-se. A morte de Pétia levara-lhe o melhor da sua vida. Um mês depois de ter conhecimento da terrível notícia, essa mulher de cinquenta anos, ágil e robusta, ao voltar a sair pela primeira vez, não passava de uma velha meio morta, sem o mais pequeno interesse na vida. No entanto a ferida que fulminara a condessa, por sua vez chamara à vida Natacha.

Por estranha que pareça, a verdade é que a ferida moral produzida por um desregramento do espírito cicatriza-se, pouco a pouco, como uma ferida física, renovando ela própria os seus tecidos, graças à força vital que vem de dentro.

Assim cicatrizou a ferida de Natacha. Julgava ela que a vida se lhe acabara. Mas, de súbito, o amor pela mãe deu-lhe a prova de que a essência da sua vida, o amor, continuava a viver dentro dela. Despertando o amor, também despertara a vida.

Os últimos dias do príncipe André já tinham unido Natacha e a princesa Maria. Esta nova desgraça ainda mais as aproximou. Maria adiara para mais tarde a sua partida e durante aquelas três últimas semanas cuidara de Natacha como de uma criança doente. As semanas passadas ao pé da mãe tinham abalado gravemente as forças físicas da jovem.

Certa vez a princesa Maria, ao reparar que Natacha, em pleno dia, tinha arrepios de febre, levou-a para o seu quarto e obrigou-a a deitar-se, mas quando Maria, depois de puxar os estores, ia sair, chamou-a.

- Não me apetece dormir, Maria. Fica ao pé de mim.

- Estás fatigada, procura dormir.

- Não, não. Porque me trouxeste para aqui? Ela vai chamar-me.

- Está muito melhor. Falou hoje com muito juízo - disse Maria.

Natacha, estendida na cama, olhava para Maria na obscuridade do quarto.

«Parece-se com ele?», interrogava-se ela. «Parece-se e não se parece. Há nela qualquer

coisa de particular, de estranho, de completamente novo, que eu não conheço. E gosta de mim. Que haverá no seu coração? Nada que não seja de primeira ordem. Mas em que pensa ela? Que opinião tem de mim? Sim. é uma bela alma.»

- Macha - chamou-a timidamente, puxando para si a mão da amiga. - Macha, não vás pensar que sou má. Sim, Macha, minha querida Macha. Gosto muito de ti. Sejamos amigas, amigas completas.

E Natacha, abraçando-a, beijou-lhe o rosto e as mãos. A princesa Maria, um pouco confusa, respondeu, no entanto, com alegria a estas efusões.

A partir daquele dia houve entre elas uma amizade apaixonada e carinhosa, só possível entre mulheres. Beijavam-se a todo o momento, diziam uma à outra palavras ternas e passavam quase todo o tempo juntas. Quando uma se ausentava, logo a outra ficava inquieta e se dava pressa em ir ao seu encontro. Sentiam-se mais em paz consigo próprias juntas que quando separadas e entregues a si mesmas. Um sentimento mais forte mesmo que a amizade as unia: a convicção de não poderem viver uma sem a outra.

Algumas vezes ficavam horas inteiras sem falar; outras, assim que se deitavam, punham-se a tagarelar até de manhã. A princesa Maria falava da sua infância, da mãe, do pai, dos seus sonhos; e Natacha, que outrora se afastara com tranquila indiferença daquela vida de abnegação e submissão, dessa abnegação cristã de que desconhecia a poesia, agora, que estava unida a Maria por laços tão ternos, adorava o seu passado, compreendia uma vida cujo sentido até aí lhe escapara. Não pensava em praticar aquela submissão e aquela abnegação absolutas, pois estava habituada a outras satisfações, mas compreendia e apreciava noutrem virtudes que antes lhe eram inacessíveis. A princesa Maria, ao ouvir a história da infância e da primeira juventude de Natacha, descobriu, pela sua parte, um mundo desconhecido para ela: a fé na vida e nos seus prazeres.

Quase nunca falavam dele, realmente, para não perturbarem, assim pelo menos o supunham, a elevação dos sentimentos que lhes enchiam a alma, e o silêncio que mantinham fizera que elas, Pouco a pouco, sem mesmo darem por isso, acabassem por esquecê-lo.

Natacha estava magra e pálida, e tão fraca que todos se preocupavam com a sua Saúde, o que lhe dava um certo prazer. Outras vezes, porém, sentia-se subitamente dominada, senão pelo medo da morte, pelo menos pelo receio de estar doente, de per- der as forças e a beleza, e surpreendia-se a contemplar espantada as suas mãos descarnadas ou, pela manhã, a mirar no espelho o rosto que se lhe afigurava repuxado e doentio. De si para consigo dizia que assim tinha de ser, mas nem por isso deixava de ser triste e assustador.

Um dia, depois de subir umas escadas apressadamente, sentiu-se sufocar. Acto

contínuo imaginou um motivo para voltar a descer as escadas e de novo subi-las, na intenção de observar e medir as suas forças.

De outra vez, ao chamar Duniacha, faltou-lhe a voz. Chamou-a de novo, embora estivesse a ouvir-lhe os passos, com essa voz do peito que usava para cantar e ficou-se à escuta.

Não o sabia nem poderia acreditar que assim fosse, mas a verdade é que sob a espessa camada de húmus que lhe revestia a alma, parecia despontar já uma plantazinha tenra que não tardaria a crescer e a estender os seus vigorosos rebentos sobre a dor que a esmagava, dor que não tardaria muito a não ser visível nem perceptível. A sua ferida cicatrizara pelo interior.

No fim de Janeiro a princesa Maria partiu para Moscovo e o conde insistiu para que Natacha a acompanhasse na intenção de consultar os médicos.

Capítulo IV

Depois do choque dos exércitos em Viazma, onde Kutuzov não pudera refrear o desejo das suas tropas ansiosas por aniquilar e cortar a retirada ao inimigo, o movimento de recuo dos Franceses, perseguidos pelos Russos, continuou até Krasnoie sem outra batalha. A fuga era tão rápida que o exército russo não podia acompanhar os Franceses. Havia falta de cavalos na cavalaria e na artilharia e não se sabia com precisão onde o inimigo estava.

Os homens, extenuados por esta marcha ininterrupta, à razão de quarenta *verstas* em vinte e quatro horas, não podiam andar mais depressa.

Para que possa compreender-se o grau de esgotamento do exército russo basta verificar-se o seguinte: se desde Tarutino esse exército não perdera, entre mortos e feridos, mais de cinco mil homens, além de uma centena de prisioneiros, e se à saída de Tarutino contava cem mil homens, o certo é que, ao chegar a Krasnoie os seus efectivos não iam a mais de cinquenta mil,

A rapidez da perseguição agia sobre o exército russo de maneira tão dissolvente como a fuga no exército francês. A única diferença estava nisto: que o exército russo avançava a seu talante, sem a ameaça que a cada momento pesava sobre o exército francês, que via os retardatários doentes caírem nas mãos do inimigo. Os Russos sempre estavam em sua casa. A causa principal das perdas do exército napoleónico foi a rapidez da sua marcha e a prova incontestável está nas perdas idênticas das tropas russas.

Kutuzov, tanto em Tarutino como em Viazma, fez tudo o que pôde para não entravar a retirada mortífera dos Franceses, como queriam Petersburgo e os generais do exército, antes, pelo contrário, favoreceu-a, facilitando o movimento avante dessas tropas.

Mas, além da lassidão das tropas e das perdas que sofreram, consequência da marcha acelerada. Kutuzov ainda tinha outro motivo para moderar os seus ímpetos e ganhar tempo. Evidentemente que o objectivo dos Russos era perseguir os Franceses. A estrada que estes seguiam não era conhecida daí, quanto mais os Russos lhe seguiam o rastro, mais distanciados eles estavam. Só seguindo-os a uma distância respeitável era possível, metendo por atalhos, cortar os ziguezagues que o inimigo efectuava na sua marcha. As sábias manobras propostas pelos generais traduziam-se em toda a sorte de movimentos de tropas, numa multiplicação das jornadas e a única coisa razoável a fazer era reduzir o número

destas marchas. Foi esse o objectivo que Kutuzov procurou realizar energicamente, durante toda a campanha, de Moscovo a Vilna, não temporariamente ou ao acaso, mas com um tal espírito de continuidade que dele se não desviou uma só vez.

Kutuzov, não graças a um esforço de raciocínio ou mercê dos seus conhecimentos militares, mas instintivamente, com todas as fibras do seu ser, sentia que todos os seus soldados acreditavam na derrota dos Franceses, que o inimigo fugia e que era necessário reconduzi-lo. Ao mesmo tempo, porém, tanto ele como os seus homens, davam-se conta do fardo que representava esta campanha inaudita na sua rapidez e na estação do ano em que se realizava.

Quanto aos generais, sobretudo os que não eram russos, e não queriam outra coisa senão distinguir-se, provocar surpresa, aprisionar um duque ou um rei, esses eram de opinião de que, para travar batalha e vencer, o movimento era preciso. E nada teria sido mais absurdo e mais culpável. Kutuzov limitava-se a encolher os ombros quando general após general lhe vinham apresentar os seus planos de movimentos com soldados mal calçados, sem roupas quentes e esfomeados. Num mês, sem travar batalha, o exército russo perdera metade dos seus efectivos, e nas condições mais favoráveis ainda tinha de percorrer até à fronteira uma distancia maior do que a que percorrera já.

Esta ânsia de se distinguirem, de manobrarem, de esmagarem ou cortarem a retirada ao inimigo, manifestava-se sobretudo sempre que os Russos vinham a encontrar-se na presença do exército francês.

Assim aconteceu em Krasnoie, onde julgaram ter pela frente uma das três colunas francesas e onde vieram a defrontar o próprio Napoleão e dezasseis mil homens. Apesar de todos os esforços de Kutuzov para evitar um conflito funesto e poupar os seus homens, as tropas russas extenuadas levaram três dias a aniquilar os bandos franceses.

Toll redigiu o dispositivo: *«die erste Kolonne marschirt» (Em alemão no texto original «A primeira coluna marcha, etc.». (N dos T.)*, etc., E, como sempre, nada se fez segundo o dispositivo. O príncipe Eugénio de Wurtemberg fuzilava do alto de um monte os franceses que fugiam e pedia reforços, que nunca chegaram. Os Franceses, iludindo os Russos, durante a noite, espalharam-se, esconderam-se lias florestas e acabaram por escapar-se-lhes.

Milarodovitch, que dizia não querer saber das necessidades materiais do seu destacamento, e nunca ninguém encontrava onde era preciso, esse «cavaleiro sem medo e sem mácula», como se cognominava a si mesmo, esse amador de entendimentos com os Franceses, enviou-lhes parlamentários com a intimação de se renderem, perdeu o seu tempo e acabou por fazer, precisamente, que lhe não tinham ordenado.

- Rapazes, ofereço-vos esta coluna - dizia ele para os seus soldados de cavalaria,

mostrando-lhes os Franceses.

E a cavalaria, em cima de cavalos que mal se podiam mexer, instigados à força de espora e sabre, marchou a trote curto, penosamente, sobre a coluna que ele lhe oferecia, isto é, sobre um bando de homens mortos de fome e enregelados. E a coluna, lançando fora as suas armas, fez o que há muito desejava: rendeu-se.

Em Krasnoie fizeram vinte e seis mil prisioneiros, tomaram centenas de canhões e um bastão, que se dizia ser de marechal, houve discussões sobre quem mais se distinguira, e sentiram-se contentes com isso, lamentando muito, todavia, não terem capturado Napoleão ou outro qualquer herói, um marechal, por exemplo, e disso se acusaram uns aos outros, responsabilizando sobretudo Kutuzov.

Estes homens, que só davam ouvidos às suas próprias paixões, não passavam de cegos instrumentos de uma triste e inexorável fatalidade. Mas estavam convencidos de que eram heróis e julgavam cumprir a mais bela e a mais nobre das missões. Acusavam Kutuzov e diziam que desde que a campanha principiara não fizera outra coisa senão impedi-los de vencer Napoleão, que apenas pensava em satisfazer as suas paixões e não queria abandonar as suas «casas de pano», pois só aí se sentia em sossego: que em Krasnoie detivera o exército, pois, ao saber da presença de Napoleão, perdera por completo a cabeça; que estava em contacto com ele e que fora comprado pelo imperador dos Franceses, etc. *(Memórias de Wilson. (Nota de Tolstoi).*

Não só os contemporâneos, cegos de paixão, falaram assim. A posteridade proclamou Napoleão grande e os historiadores estrangeiros disseram que Kutuzov era um velho cortesão, débil, manhoso e corrupto. E os Russos, esses, pintaram-no como uma criatura indefinível, espécie de palhaço, apenas útil em determinado momento, graças ao seu nome essencialmente eslavo.

Capítulo V

Durante os anos de 1812 e 1813, Kutuzov foi francamente acusado pelos seus erros. O imperador estava descontente com ele. Uma história escrita nessa altura dizia que ele era um cortesão lisonjeador e embusteiro, que tremia só de ouvir o nome de Napoleão e, mercê dos erros que cometera em Krasnoie e no Beresina, privara o exército russo de obter uma completa vitória sobre os Franceses *(História do Ano 1812, por Bogdanovitch; retrato de Kutuzov e dissertações sobre os resultados insuficientes da batalha de Krasnoie. (Nota de Tolstoi)..*

Tal é o destino dos homens superiores que não se atribuem a si próprios o título de «grandes homens», tão contrário ao temperamento russo, dessas raras e únicas personalidades que, interpretando os desígnios da Providência, a ela submetem os seus próprios. O ódio e o desprezo da multidão castigam estes homens por haverem previsto leis superiores.

Para os historiadores russos, por estranho e penoso que isso pareça, Napoleão, esse insignificante instrumento da história, que nunca e em circunstância alguma, nem mesmo no exílio, deu provas de dignidade humana, esse Napoleão é motivo de entusiasmo e exaltações: é grande. Kutuzov, pelo contrário, ele, que desde o começo, em 1812, até ao fim da sua acção, de Borodino a Vilna, nem uma só vez se contradisse por palavras ou actos, esse homem, que é o exemplo mais notável da história de sacrifício e clarividência do futuro na realidade presente. Kutuzov, aos olhos deles, não passa de qualquer coisa de indefinível e lamentável e parece quase sempre envergonhado de falar de si próprio e dos acontecimentos em que participou.

E no entanto é difícil conceber uma personagem histórica cujos actos tenham sido dirigidos com maior perseverança para um só e único fim. É difícil imaginar escopo mais nobre e mais de acordo com a vontade de todo um povo. E ainda é mais difícil encontrar na história um objectivo de antemão assinalado que haja sido mais completamente realizado que aquele que se propôs Kutuzov em 1812.

Kutuzov nunca falou dos «quarenta séculos que nos contemplam do alto das Pirâmides», dos sacrifícios que fez pela pátria, do que tencionava fazer ou do que realizou; nunca falou propriamente de si próprio, nunca se propôs representar um papel. Sempre teve o aspecto do homem mais simples e mais comum, dizendo as coisas mais simples e

mais banais. Escrevia às filhas e a Madame de Staël, lia romances, gostava do convívio das mulheres bonitas, gracejava com os generais, os oficiais e os soldados, e nunca desmentia as pessoas que lhe queriam provar fosse o que fosse. Quando Rostoptchine, na ponte de Iauza, lhe veio fazer censuras pessoais, acusando-o de responsável pela perda de Moscovo e declarando-lhe: «Pois quê, o senhor prometera entregar a cidade sem combate?», ele respondeu-lhe: «Mas não a entregarei sem combate!», quando é certo que a cidade a essa hora já caíra nas mãos dos Franceses.

Quando, tendo-o procurado em nome do imperador, Araktcheiev lhe disse ser preciso nomear Ermolov para o comando da artilharia, ele respondeu-lhe: «Sim, era precisamente isso que eu dizia», embora momentos antes tivesse dito exactamente o contrário. Que lhe importava a ele, a única pessoa no meio daquela gente absurda que o cercava que compreendia então o sentido formidável dos acontecimentos, que lhe importava que a infeliz sorte da capital fosse atribuída a Rostoptchine ou a ele próprio? E se isso lhe não importava, como lhe havia de importar o nome do comandante da artilharia?

Não só nestes casos, mas constantemente, este velho, que adquirira, pela sua experiência da vida, a convicção de que tudo quanto se possa pensar ou dizer está longe de influir na direcção dos homens, apenas dizia palavras insignificantes, as primeiras que lhe vinham à cabeça. Contudo este homem, que tão pouca importância atribuía às suas palavras, nunca em toda a sua vida activa pronunciou uma palavra que não tivesse em vista o objectivo único que se propusera no decurso de toda a guerra. No entanto, a involuntariamente, é certo, apesar de ter a certeza, bem triste, de que o não compreenderiam, mais de uma vez, em circunstâncias muito diferentes, exprimiu o fundo do seu pensamento. Não foi ele, depois da batalha de Borodino, causa inicial das dissensões com os homens que o rodeavam, o único a exprimir a opinião de que aquela batalha constituía uma vitória, opinião que repetiu tanto oralmente como nos seus relatórios e até nos seus relatos, até à sua derradeira hora? Só ele também se atreveu a dizer que a perda de Moscovo não era a perda da Rússia. Na sua resposta a Lauriston, que pedia a paz, não é certo ter afirmado que a paz não era possível porque o povo a não queria? Não foi ele o único, durante a retirada dos Franceses, que garantiu que os movimentos russos eram inúteis, que as coisas se arranjariam por si melhor do que o que se podia desejar, que ao inimigo que foge «ponte de euro», que não tinham sido necessários nem o combate de Tarutino nem os de Viazma ou de Krasnoie, que era preciso atingir a fronteira com forças suficientes, que não daria um soldado russo por dez franceses?

E foi só ele, esse homem que nos pintam como se fosse um cortesão, e que dizem ter

mentido a Araktcheiev para agradar ao imperador, foi ele quem ousou, em Vilna, sabendo que desagradava ao seu monarca, afirmar que a continuação da guerra para lá da fronteira seria prejudicial e sem sentido.

Não disse estas palavras apenas para provar que compreendia muitíssimo bem o sentido dos acontecimentos. Os seus actos, todos, sem excepção alguma, visaram este tríplice objectivo: concentrar todas as suas forças no intuito de fazer frente aos Franceses, vencer o, inimigo e por fim expulsá-lo da Rússia, minorando quanto possível os sofrimentos do povo e do exército.

Só ele, Kutuzov, o contemporizador, cujo lema era: «Paciência e Tempo», só ele, o inimigo dos actos decisivos, trava a batalha de Borodino dando aos preparativos dela uma solenidade sem exemplo. Esse Kutuzov, que em Austerlitz previra que a batalha seria perdida em Borodino, a despeito da opinião dos generais que afirmavam certa a derrota, a despeito do exemplo único na história de um exército vitorioso que abandona o campo de batalha, afirma, só e até à morte, contra a opinião de todo o mundo, que essa batalha constitui uma vitória. Só ele, enquanto dura a retirada, insiste para que se não travem novos combates, que eram inúteis, sustentando que se não devia começar nova guerra, nem atravessar a fronteira.

Hoje, desde que se ponham de lado todos esses objectivos que só um reduzido número de homens concebia, é fácil darmo-nos conta dos acontecimentos, pois estão a ver-se agora todas as suas consequências.

Mas como é que esse velho, sozinho contra a opinião de todos os outros, pôde adivinhar tão bem o instinto popular na inteligência dos factos que nunca o atraiçoou?

Essa extraordinária clarividência tinha a sua fonte no sentimento patriótico que nele vibrava em toda a sua força e em toda a sua pureza.

O povo, por estranhas vias, soube reconhecer naquele homem esse sentimento intenso e escolher esse velho, então do desagrado do monarca, contra a vontade do czar, para que fosse ele a, conduzir a guerra patriótica. E só esse sentimento o colocou em tal altura moral e fez que, generalíssimo, empregasse todos os seus esforços, não para que fossem mortos e exterminados os seus homens, mas salvos e poupados.

Esta figura simples, modesta e por conseguinte magna figura, não podia amoldar-se à forma mentirosa do herói europeu, pseudo-dominador dos povos, que a história imaginou.

Não há grandes homens para o seu criado de quarto, porque o criado de quarto tem a sua maneira pessoal de compreender a grandeza.

Capítulo VI

O dia 5 de Novembro foi o primeiro dia da batalha conhecida pela «batalha de Krasnoie». Para a noite, depois de muitos debates e de falsas manobras dos generais, após numerosas expedições de ajudantes-de-campo portadores de ordens contraditórias, quando se tornou evidente que o inimigo fugia por todos os lados e que era impossível travar batalha, Kutuzov seguiu de Krasnoie para Dobroie, para onde fora transferido, durante o dia, o quartel-general.

Fazia um tempo claro e frio. Kutuzov, seguido de uma imponente comitiva de generais, que em voz baixa exprimiam o seu descontentamento, dirigia-se para Dobroie, montado no seu bem nutrido cavalo branco. Ao longo da estrada, em volta das fogueiras, juntavam-se os prisioneiros franceses capturados durante o dia, num total de sete mil. A pequena distância da aldeia um grande grupo desses prisioneiros esfarrapados, embrulhados nos primeiros trapos que tinham encontrado à mão, falava em tom elevado, junto de uma longa fila de peças francesas desatreladas. Quando o general-chefe se aproximou, as conversas cessaram e todos os olhares convergiram para Kutuzov, que, com um gorro branco de rebordos vermelhos, embrulhado numa capa almofadada, caminhava lentamente, as costas vergadas e esbarrondado sobre o cavalo. Um general ia-lhe explicando onde tinham sido apreendidas as peças e capturados os prisioneiros.

Kutuzov, preocupado, não ouvia o que lhe diziam. Piscava o seu único olho com uma expressão descontente e observava os prisioneiros, de aspecto particularmente lamentável. A maior parte deles tinham as faces e o nariz gelados e os olhos vermelhos, inchados e lacrimosos.

Um grupo encontrava-se mesmo junto do caminho, e dois soldados, um dos quais com a cara cheia de pústulas, rasgavam à mão um pedaço de carne crua. No olhar furtivo que lançaram aos generais havia qualquer coisa de terrível e bestial e o soldado do rosto em ferida teve uma expressão feroz quando viu Kutuzov, voltando-se em seguida e continuando a sua tarefa.

O general-chefe contemplou por algum tempo esses dois soldados. Com uma expressão cada vez mais preocupada, abanava pensativamente a cabeça. Noutro ponto reparou num soldado russo que, rindo e batendo familiarmente no ombro de um francês,

lhe falava amistosamente, Kutuzov teve idêntico abanar de cabeça.

- Que estás tu a dizer? - perguntou ele ao general que continuava a fazer o seu relatório, procurando chamar-lhe a atenção para as bandeiras francesas capturadas que, hasteadas, se encontravam diante do regimento Preobrajenski.

- Ah! As bandeiras! - exclamou Kutuzov, arrancando-se, penosamente, ao curso das suas reflexões.

E lançou à sua roda um olhar distraído. Milhares de olhos, à sua volta, se fixaram nele, aguardando o que ele ia dizer. Diante do regimento Preobrajenski parou, soltou um profundo suspiro e fechou os olhos. Alguém da comitiva fez sinal aos soldados que empunhavam as bandeiras para que se aproximassem e estes agruparam-se em volta do general-chefe, empunhando os estandartes. Kutuzov esteve calado alguns instantes, e, sem grande prazer, apenas como se se submetesse às circunstâncias, ergueu a cabeça e pôs-se a falar. A chusma dos oficiais envolveu-o. Kutuzov percorreu-os atentamente com o olhar, reconhecendo alguns.

- Agradeço-vos a todos! - disse, primeiro virado para os soldados e depois para os oficiais. E no silêncio que reinava as suas palavras destacavam-se nitidamente. - Agradeço-vos o vosso penoso e fiel serviço, A vitória é completa e a Rússia não vos esquecerá. Que a glória seja convosco para sempre!

Calou-se e olhou em volta de si.

- Abaixa-lhe, abaixa-lhe a cabeça! - gritou ele a um soldado que inclinava, sem querer, a águia francesa diante da bandeira do regimento Preobrajenski. - Mais, mais para baixo, assim. Hurra!, rapazes! - gritou, dirigindo-se aos soldados com uma contracção nervosa do queixo.

- Hurra! Hurra! - rugiram milhares de vozes.

Enquanto os soldados gritavam, ele, debruçado sobre a sela, inclinava a cabeça, e pelo seu único olho perpassou-lhe um lampejo ligeiramente trocista.

- Ouçam-me, rapazes - principiou, quando as vozes se calaram.

E de súbito a sua voz e a expressão do rosto mudaram por completo. Já não era o general quem falava, mas um velho, simplesmente, que queria agora comunicar coisas urgentes aos seus camaradas.

Houve uma agitação no meio dos oficiais e nas fileiras dos soldados, todos tentando ouvir o melhor possível o que ele ia dizer.

- Ouçam, rapazes. Eu bem sei que é duro, mas que havemos de fazer? Tenham paciência. Já não é por muito tempo. Vamos acompanhar os nossos hóspedes e depois toca a descansar. O czar não esquecerá os vossos serviços. É duro, mas, seja como for, vocês

estão naquilo que vos pertence: em vossa casa. Mas esses, olhem para eles, onde estão eles? - acrescentou, apontando para os prisioneiros. - Estão em pior estado que os mais miseráveis bandidos, Quando eram poderosos, não tínhamos que nos compadecer deles, mas agora também os podemos lamentar. São homens como nós. Não é verdade, rapazes?

Kutuzov olhou à sua volta, e em todos os olhares atentos, respeitosamente interrogadores, fixados nele, havia simpatia pelas suas palavras. O rosto cada vez se lhe iluminava mais do seu bom sorriso de velho, que lhe abria estrelas de rugas nas comissuras dos lábios e no canto dos olhos. Calou-se e baixou a cabeça: dir-se-ia irresoluto.

- Mas, para falar verdade, quem os mandou cá vir? É bem feito, com mil bombas! - disse, de súbito, erguendo a cabeça. Brandindo o látego, abalou a galope, pela primeira vez em toda a campanha, no meio dos risos e dos hurras alegres dos soldados, que principiavam a destroçar.

Evidentemente que nem todos os soldados tinham compreendido as palavras de Kutuzov. Ninguém seria capaz de repetir textualmente este discurso, solene no princípio e de uma simplicidade cheia de bonomia nas suas últimas frases. A verdade, porém, é que o seu sentido íntimo não só foi bem compreendido, mas chegou ao fundo da alma dos soldados. Esses sentimentos de grandeza majestosa aliados à piedade para com o inimigo e à consciência de que a razão estava do seu lado, expressos na imprecação característica do velho, correspondiam ao que eles próprios sentiam, Essa a razão por que soltaram prolongadas e alegres aclamações. Quando em seguida um dos generais veio perguntar ao generalíssimo se ele queria seguir de carruagem. Kutuzov respondeu-lhe com um soluço, tão viva era a emoção que, sentia.

Capítulo VII

A 8 de Novembro, último dia dos combates de Krasnoie, já era noite quando as tropas chegaram aos bivaques. O dia fora tranquilo, frio e com alguns raros flocos de neve que esvoaçavam pelo ar. Para a noite o tempo clareou: através da neve ligeira surgiu um céu estrelado, negro-violeta, e o frio tornou-se mais vivo.

O regimento de fuzileiros, que partira de Tarutino com três mil homens e estava agora reduzido a novecentos, foi um dos primeiros a chegar ao ponto indicado, uma aldeia situada na estrada real. Os forrageiros que tinham saído ao seu encontro declararam que todas as isbás estavam ocupadas por doentes ou cadáveres de franceses, a cavalaria e o estado-maior. Apenas restava uma para o comandante do regimento.

Este último dirigiu-se à isbá devoluta. O regimento atravessou a povoação e ensarilhou armas nas últimas casas à beira da estrada.

Como um grande animal de muitos braços, o regimento pôs-se a organizar o seu alojamento e a tratar do rancho. Parte dos soldados, com neve até aos joelhos, dispersou-se pela mata de álamos, à direita da aldeia, e logo se ouviram machados e pederneiras, estalar de ramos quebrados e vozes joviais; outra parte azafamava-se em volta das viaturas regimentais e dos cavalos agrupados no mesmo sítio. Dos carros tiraram marmitas e biscoitos e deram aos cavalos a sua ração. Ainda outros soldados se espalharam pela aldeia em busca de instalações para o estado-maior, retirando os cadáveres dos franceses que atulhavam as isbás, arrastando pranchas, lenha ou palha arrancada dos tectos das casas para alimentar as fogueiras, demolindo os tabiques para com eles arranjar abrigos.

No extremo da povoação, uns quinze homens tratavam de derrubar, no meio de alegre gritaria, o alto tabique de uma granja cujo telhado já fora arrancado.

- Força, força, empurremos todos juntos! - gritavam, e no meio das trevas ouvia-se o ruído seco da divisória que estremecia, completamente coberta de neve. O rangido era cada vez maior e por fim toda aquela massa cedeu com os soldados que a ela se apoiavam. Ouviram-se grandes risadas e altos gritos.

- Agarrem-na os dois. Tragam uma alavanca! Assim! Onde é que te meteste?

- Força! Todos ao mesmo tempo!... Força, rapazes!... Cantem... A compasso!

Todos se calaram: depois uma voz bastante fraca, de timbre agradável, entoou uma

canção. No final da terceira estrofe, quando a última nota se extinguiu, vinte vozes gritaram em coro: - Uuupa! - Uuupa! Todos à uma, rapazes! Isto vai!

Apesar dos esforços de todos, o tabique não se movia, e no meio do silêncio que reinou de novo ouviu-se o resfolgar dos peitos cansados.

- E então vocês, os da 6ª! Diabos vos levem! Ajudem aqui!... A gente depois vos ajudará noutra coisa!

Uns vinte homens da 6ª companhia que iam passando juntaram-se aos que faziam força, e daí a pouco o tabique, que tinha cinco sagenas de comprido por uma de altura, seguia aos ombros dos soldados, ajoujados, pelas ruas da povoação além.

- Eh, tu, lá adiante! Porque páras? Assim não. - Os gracejos, as interpelações joviais sucediam-se.

- Que estão vocês a fazer? - gritou, de súbito, um sargento, numa voz de comando, correndo atrás dos homens que levavam às costas o tabique - Estão aí os patrões! Está aí o general! Ah!, seus malandros! Eu ajustarei contas com vocês! - E deixou cair o punho fechado em cima do primeiro soldado que lhe passou à mão. - Não podem fazer menos barulho?

Os soldados calaram-se. Aquele que apanhara o murro do sargento, resmoneando, pôs-se a limpar a cara, que sangrava por ter batido contra o tabique.

- Ah! Raios o partam! Isto é maneira de bater num homem? Pôs-me a cara em lindo estado! - exclamou, sem levantar a voz, quando o sargento se afastou.

- Hem? Não gostaste!? - gracejou um deles. E os soldados prosseguiram a sua marcha, procurando não gritar num tom tão elevado.

A saída da aldeia tornaram de novo à risota e aos ditos inofensivos.

Na isbá diante da qual os soldados tinham passado estava reunido o alto comando, e enquanto bebiam chá os oficiais iam discutindo animadamente o dia que findara e as manobras projectadas para depois. Tinham proposto uma marcha de flanco sobre a esquerda, cortando a retirada ao vice-rei e capturando-o.

Quando os soldados chegaram com o tabique demolido, já por toda a parte estavam acesas as fogueiras do rancho. A lenha estralejava, a neve derretia-se e as sombras negras dos soldados enchiam o espaço coberto de gelo espezinhado.

Por todos os lados se ouviam machados e pederneiras. Tudo se fazia sem ordens de comando. Acumulavam lenha para a noite, levantavam barracas para os comandantes, a sopa cozia nas marmitas, limpavam-se as espingardas e os fardamentos.

O tabique que a 8ª companhia transportara foi colocado em semicírculo do lado do vento, firmado no chão por estacas, e, abrigado por ele, montaram um bivaque. Tocou a

recolher, fez-se a chamada, os homens cearam e aninharam-se para a noite diante das fogueiras, uns remendando as botas, outros fumando cachimbo, outros despindo-se para catar os piolhos.

Capítulo VIII

Dir-se-ia que nas condições extremamente penosas em que se encontravam naquele momento os soldados russos, sem botas de Inverno nem peliças e acampando a céu aberto, com temperaturas de dezoito graus abaixo de zero, sem mesmo saberem o que era rancho regulamentar, pois a pitança nem sempre chegava a horas, deviam oferecer o mais lamentável e o mais desolador dos espectáculos. E no entanto nunca os soldados tinham estado tão alegres e animados, nem mesmo durante a época em que se encontravam em situação material mais favorável. E isto explica-se, pois, à medida que o tempo ia passando, do meio deles desaparecia tudo quanto era tristeza e fraqueza. Todos os que se haviam debilitado física ou moralmente ficavam para trás. O que estava ali agora era a fina flor do exército, do ponto de vista moral e do vigor físico.

Atrás do abrigo da 8ª companhia abrigara-se uma grande multidão. Tinham-se-lhe juntado dois sargentos e as fogueiras ardiam ali melhor que em qualquer outra parte. Para se ter o direito de estar sentado atrás do tabique era mister fornecer lenha para o fogo.

- Eh! Makaiev, que estás a fazer?... Perdeste-te ou foste comido pelos lobos? Anda, traz-me lenha - gritava um soldado ruivo de ventas iluminadas, com os olhos vermelhos muito piscos por causa do fumo, e que nem assim deixava a fogueira. - Anda, traz lenha, vadio! - dizia ele para o camarada.

Não era sargento nem cabo, mas soldado vigoroso, por isso se dava ao luxo de mandar nos mais fracos. O soldado magro, pequenito, de nariz aguçado, a que ele chamara vadio, ergueu-se docilmente e preparava-se para cumprir a ordem recebida quando surgiu junto da fogueira a silhueta fina e agradável de um moço soldado sobraçando um molho de lenha.

- Traz para aqui! Bem bom!

Quebraram os ramos, deitaram-nos na fogueira, e, soprando e agitando os capotes, não tardou que o lume, reanimado, se pusesse a crepitar. O moço soldado de, bela figura firmou as mãos na cinta e pôs-se a bater vigorosamente com os pés no chão.

- «Ah, mãezinha, a cacimba está fria, mas é bonita!» - cantarolou ele, suspirando entre cada sílaba da canção.

- Eh!, era melhor que remendasses as botas em vez de dançares! - gritou-lhe o

soldado ruivo ao ver a badalar uma das solas do dançarino.

O dançarino deteve-se, arrancou o bocado de sola e atirou com ela para a fogueira.

- É o que estás vendo, irmão - disse ele, sentando-se. E tirou do bornal um pedaço de pano azul, resto de um uniforme francês, e embrulhou-o em volta do pé. - As duas lá se foram acrescentou, estendendo os pés para a fogueira.

- Não tarda que nos estejam a dar umas novas. Segundo dizem, quando chegar o fim, recebemos o pré a dobrar.

- Pois não queres saber? Esse filho de uma cadela do Petrov ficou pelo caminho - disse um sargento.

- Sim, já tinha dado por isso há tempo - comentou outro. - Que queres? Soldados de papelão!...

- Na 3ª, parece que ontem faltaram nove a chamada. - Sabes?, quando nos gelam os pés, a gente não pode andar, - Deixa-te de tolices! - comentou o sargento.

- Querias tu, naturalmente, que te sucedesse o mesmo - disse um velho soldado dirigindo-se, mal-humorado, ao que falara em pés gelados.

- E que julgas tu? - interveio, de súbito, soerguendo-se, numa voz estrídula e trémula, o soldado de nariz aguçado a quem tinham chamado vadio. - Por mais que uma pessoa esteja fresca e bem disposta, vamos emagrecendo, apesar de tudo, e quando a gente emagrece lá está a morte à nossa espera. Olhem, eu não posso mais - acrescentou, de repente, em tom enérgico, dirigindo-se ao sargento. - Mande-me baixar ao hospital. Estou tolhido de reumatismo, De outra maneira, acabo pelo caminho, como os outros.

- Basta, basta! - disse tranquilamente o sargento.

O soldado enfezado calou-se e a conversa continuou.

- Isso é que foi hoje um apanhar de franceses! Mas a respeito de botas, valha a verdade, nem um par para amostra comentou um soldado para mudar de assunto.

- São os cossacos quem lhas tiram. Limparam a isbá para instalar o coronel e tiraram-nos todos lá de dentro. Corta o coração vê-los, rapazes - exclamou então o soldado que dançara. - Tiraram-lhes tudo. Um deles ainda estava vivo, e lá ia dizendo qualquer coisa na sua língua.

- E é gente apurada, rapazes - voltou o primeiro. - São brancos, brancos como os álamos, E alguns parecem valentes, é o que te digo, e há os que são nobres.

- É verdade, tens razão. Recrutam homens de todas as classes.

- E não sabem uma palavra de russo - prosseguiu o outro com um ingénuo espanto. - Perguntei a um a que coroa pertencia, e ele pôs-se a arengar qualquer coisa lá na língua dele. São tipos estranhos.

- Sim, rapazes, é curioso - continuou o que se surpreendera com a brancura da pele dos Franceses. - Disseram os camponeses que em Mojaisk, quando contaram os mortos, depois da batalha, que hão-de eles ver? Havia quase um mês que tinham morrido. E estavam ali estendidos, diziam eles, brancos como uma folha de papel, e limpos, nem sombra de cheiro.

- Ora, é por causa do frio - objectou um deles.

- Sempre és muito esperto! O frio? Mas fazia calor! E se fosse por causa do frio também os nossos não apodreciam. E quando aparecia um dos nossos estava sempre coberto de bichos, e de tal maneira, diziam eles, que era preciso pôr um lenço na boca e virar a cara para o lado quando carregavam com eles. Não se podia aguentar. Enquanto os franceses estavam brancos como uma folha de papel, e nem sombra de cheiro.

Toda a gente se calou.

- É talvez por causa do que comem - disse o sargento. - Comem que nem senhores.

Ninguém objectou fosse o que fosse.

- E esse camponês de Mojaisk, onde se travou a batalha, contou que evacuaram mortos de mais de dez aldeias, que os andaram a acarretar durante vinte dias e que não conseguiram levá-los todos. E que havia por lá cada lobo, dizem eles...

- Sim, aquela, sim, foi uma verdadeira batalha - comentou o velho soldado. - Nunca mais a esqueceremos. Mas o que depois aconteceu... Só para fazer sofrer os soldados.

- Queres saber, tio? Antes de ontem foram atrás deles. E eles não nos deixam sequer aproximar. Deitam fora as armas e põem-se logo de joelhos! «Perdão!», dizem eles. E aqui tens outra. Parece que o Platov já por duas vezes esteve a ponto de deitar a mão ao próprio Polião. Mas ele não sabe a palavra mágica. Prende-o, prende-o, mas aí está, o outro, uma vez nas suas mãos, transforma-se num pássaro e lá vai ele a voar, a voar. E dizem também que não há maneira de o matarem.

- És danado para a mentira, Kisseliev!

- Quê? Mentiras? É a verdade pura!

- Pois bem, eu, se o tivesse apanhado, tinha-o enterrado vivo. E com uma estaca de faia, ainda por cima. A gente que ele tem matado!

- Seja como for, há-de ter a sua conta, não escapa. - concluiu o velho soldado, bocejando.

A conversa ficou por ali e os soldados aninharam-se para dormir.

- Olha lá para cima. Aquilo é que são estrelas! Que me dizes? As mulheres puseram a roupa a, enxugar! - disse um soldado que admirava a Via Láctea.

- É sinal de que vamos ter ano farto, rapazes!

- Era precisa mais lenha na fogueira.

- Temos as costas quentes e a barriga fria, Não é brincadeira!

- Oh! Deus meu!

- Que estás tu a empurrar, é só para ti o fogo, porventura? Não querem ver como ele se estende!

No meio do silêncio que se começava a estabelecer ouviu-se o ressonar de alguns homens. Os outros continuavam a dar voltas e reviravoltas para se aquecerem, trocando entre si raras palavras. De um bivaque afastado um cento de passos chegava um rumor de gargalhadas.

- Estás a ouvir o que eles se divertem na 5ª? - disse um soldado. - E a quantidade de gente que eles lá têm! Levantou-se para ver o que se passava na 5ª companhia. - Tem graça! - disse ele, quando voltou. - Apareceram dois franceses. Um deles está todo gelado, mas o outro, aquilo é que é divertido! Está a cantar cantigas lá deles.

- Então vamos ouvi-lo.

E alguns soldados encaminharam-se para a 5ª companhia.

Capítulo IX

A 5ª companhia estava mesmo junto da floresta. Uma grande fogueira ardia no meio da neve, iluminando os ramos das árvores carregados de gelo.

No meio da noite, os homens daquela companhia tinham ouvido, na floresta, um ruído de passos e de ramos pisados.

- Rapazes! Um urso! - disse um deles.

Todos levantaram a cabeça, de ouvido alerta, e viram surgir da floresta, iluminadas pela chama da fogueira, duas formas humanas amparando-se uma à outra, estranhamente vestidas.

Eram dois franceses que se haviam escondido na mata. Pronunciando palavras numa voz rouca em língua desconhecida dos soldados, aproximaram-se da fogueira. Um deles, bastante alto, de barretina de oficial, parecia muito debilitado. Assim que chegou, deixou-se cair praticamente no chão. O outro, soldado raso, mais pequeno, gordinho, com os queixos amarrados, parecia em melhor estado. Ajudou a erguer o companheiro e pronunciou algumas palavras mostrando a boca. Os soldados russos juntaram-se à sua volta, estenderam uma manta sobre o doente e deram-lhes cacha e vodka.

O oficial doente era Ramballe e o soldado dos queixos amarrados o seu impedido, Morel.

Morel, depois de emborcar a vodka e engolir uma marmita de cacha, sentiu-se, de repente, tomado por um verdadeiro acesso de alegria, e pôs-se, sem se calar, a contar uma quantidade de coisas absolutamente incompreensíveis para os soldados russos. Ramballe não quis comer e ficou encostado, sem dizer palavra junto da fogueira, fitando os soldados russos com os seus olhos vermelhos vazios de expressão. De vez em quando soltava um profundo suspiro, depois voltava a ficar silencioso. Morel, apontando-lhe para as charlateiras, procurava explicar aos soldado que era oficial e que era preciso aquecê-lo. Um oficial russo que se aproximara mandou perguntar ao coronel se não quereria dai, hospitalidade a um oficial francês. O coronel deu ordem para o conduzirem e os soldados persuadiram Ramballe a aceitar o convite. Este ergueu-se e tentou caminhar, mas tropeçou e teria caído se um soldado o não tem amparado.

- Então, que é isso? Não podes andar? - disse a Ramballe um soldado, trocista.

- Imbecil! Que estás tu a dizer? - acorreram logo outros, indignados com o gracejo do camarada. - Não passas de um rústico, sim, de um rústico.

Rodearam Ramballe, dois pegaram-lhe por debaixo dos braços e transportaram- no para a isbá do coronel. Ramballe, com os braços à roda do pescoço dos que o levavam, murmurava em voz lamentosa:

- *Oh!, meus valentes, oh!, meus valentes, meus bons amigos! Isto é que são homens! Oh!, meus valentes, meus bons amigos*! - E, como uma criança, deixava descair a cabeça ora no ombro de um ora no ombro do outro dos homens que o ajudavam. Entretanto, Morel instalara-se no melhor lugar, no meio de uma roda de curiosos.

O atarracado francês, de olhos inchados e lacrimosos, o lenço amarrado aos queixos como uma mulher, tinha vestido uma peliça de senhora. Naturalmente já de grão na asa, abraçava-se ao soldado que lhe ficava ao lado e cantava, em voz entrecortada rouca, uma canção francesa. Os soldados riam a bandeiras despregadas.

- Anda, ensina-nos a cantiga. Como é isso? Eu apanho logo música. Como é isso? - pedia-lhe o rústico, apreciador de cantigas, que Morel abraçava carinhosamente.

- *Viva Henrique IV! Viva esse valente rei!* - cantarolava Morel, piscando os olhos. - *Esse diabo a quatro...*

- *Vivariká! Vif seruvaru!, sidiablaka... (Algaravia russa que pretende reproduzir a letra da melodia francesa. (N. dos T.)* - repetia o soldado gesticulando e seguindo, realmente, a música da canção.

- Bravo! Bravo! exclamavam várias vozes, à mistura com gargalhadas.

Morel ria também.

- Bem, anda, mais, mais!

- *Que teve o triplo talento de beber, de batalhar e de ser um galanteador...*

- Caramba! Isto soa bem ao ouvido! Agora tu, Zaletaiev, repete!...

- *Kiu, kiu, kiu...* - entoou Zaletaiev com dificuldade, fazendo um momo com os lábios - *lietriptala dié bu dié ba a dietravagala (Algaravia russa que pretende reproduzir a letra da melodia francesa. (N. dos T.).*

- Muito bem! Muito bem! Pareces mesmo um francês! Ah! Ah! Ah! Olha lá, ainda tens fome?

- Dá-lhe mais cacha. Não é tão depressa que ele se ,ai sentir farto.

Deram-lhe uma nova tigela de cacha e Morel, muito risonho, pôs-se logo a emborcá-la. A soldadesca nova estava alegre na sua companhia. Os velhos soldados, que achavam, impróprias aquelas necedades, formavam grupo à parte, mas de quando em quando, soerguendo-se nos cotovelos, olhavam para o francês e sorriam.

- Eles também são homens - observou um deles, e aconchegando-se no capote. - Até o absinto deita raízes. *(O absinto é considerado planta de mau agoiro. (N. dos T.)*

- Oh! Meu Deus, meu Deus! Tantas estrelas! Que geleira aí vem!

Tudo foi serenando As estrelas, como se soubessem que já mais ninguém havia para as ver, iam cintilando, qual delas a mais brilhante, no céu de breu. Ora chispando, ora apagando-se ou chispando ainda mais, dir-se-ia participarem umas as outras qualquer misteriosa e alegre notícia.

Capítulo X

As tropas francesas continuavam a decompor-se regularmente segundo uma progressão matemática. A travessia do Beresina, sobre que se escreveu tanta coisa, não foi mais que um incidente intercalar na obra de destruição e de modo algum um episódio decisivo da campanha. Se muito se escreveu, se ainda continua a escrever-se a este respeito, é que, do lado francês, esta ponte, que foi pelos ares, sintetizava, por assim dizer, as desgraças, até aí mais ou menos iguais umas às outras, experimentadas pelo exército francês, num espectáculo trágico, que para sempre ficou na memória de todos. Se os Russos, pela sua parte, muito comentaram este caso, é porque, longe do teatro da guerra, em Petersburgo, um plano estabelecido por Pfuhl previra a ratoeira estratégica do Beresina. Ali toda a gente estava, convencida de que na realidade tudo se passaria como estava previsto no plano e por isso mesmo atribuíram à passagem do no a perda dos Franceses. A verdade, porém. é que as consequências foram muito menos desastrosas para eles, em homens e canhões, que as de Krasnoie, por exemplo, como se pode provar com algarismos.

O caso do Beresina só numa coisa é importante: em ter demonstrado de maneira evidente e incontestável que todos os planos para cortar a retirada ao inimigo eram errados e que a única coisa sensata era o que exigia Kutuzov e a massa das tropas, isto é, que se seguisse o inimigo de perto. Os Franceses fugiam cada vez mais depressa, não pensando noutra coisa senão em chegar onde queriam. Fugiam como um animal ferido e não lhes era possível deterem-se no caminho. E isso ficou bem demonstrado menos pela própria organização da travessia do no que pela passagem das pontes. As pontes tinham ido pelos ares, e toda aquela gente, soldados desarmados, habitantes de Moscovo, mulheres e crianças que acompanhavam as bagagens dos Franceses, graças à velocidade adquirida, em vez de se resignar a esperar, precipitou-se para a frente, para dentro das barcas, e para cima das águas geladas.

Compreendia-se esta precipitação. Tão má era a situação dos que fugiam como a dos que os perseguiam. Conservando-se ao lado dos seus, na sua desgraça, cada um esperava o auxílio do camarada, tinha o seu lugar entre eles. Se se entregassem aos Russos, era para continuarem na mesma desgraçada situação, passando a ser contados entre os últimos com

direito a receber mantimentos. Os Franceses não precisavam de informações precisas para saberem que metade dos prisioneiros nas mãos dos Russos - e o certo é que estes não sabiam que destino dar-lhes, por mais que quisessem salvá-los - morriam de fome e de frio. Pressentiam que assim tinha de ser. Os chefes russos mais compassivos e que mais simpatias tinham pelos Franceses, os próprios franceses ao serviço dos Russos, nada podiam fazer pelos prisioneiros. A ma situação em que se encontrava o exercito russo concorria para a perdição dos Franceses. Era impossível tirar pão e roupa a soldados esfomeados e cheios de privações para dá-los aos Franceses, evidentemente inofensivos, nem sequer hostis ou culpados, simplesmente inúteis. Alguns o fizeram, mas só excepcionalmente.

Voltar para trás era a perdição certa: avançar, a esperança. Tinham-se queimado as embarcações, só havia uma salvação, a fuga em comum, e todas as forças francesas tendiam para essa meta

Quanto mais demorada era a retirada, mais lamentável o aspecto que ofereciam os restos do exército francês, sobretudo depois do Beresina, que fizera nascer, graças ao plano de Petersburgo, esperanças particulares, e mais se exasperavam as paixões dos chefes russos, que se culpavam uns aos outros e principalmente Kutuzov. Diziam que ele seria chamado à responsabilidade pelo malogro do plano do Beresina estabelecido em Petersburgo, o que tornava maior o descontentamento, o desdém e a troça que ele inspirava. Claro que tanto a troça, como as provas de desconsideração exprimiam-se de uma forma respeitosa, e de tal sorte que o próprio interessado nem sequer podia perguntar de que o acusavam. Não lhe falavam a sério; quando lhe apresentavam qualquer informação ou lhe pediam uma decisão, dir-se-ia cumprirem uma cerimónia fúnebre. Por detrás das suas costas piscavam o olho uns aos outros e faziam o que podiam para o enganar.

Todos aqueles homens, precisamente porque o não podiam compreender, estavam convencidos de que era inútil discutir com semelhante velho, incapaz de entender jamais a profundidade dos seus planos, o qual sempre lhes respondia com uma das suas frases, para eles frases apenas, como a da «ponte de ouro» e que não era possível chegar à fronteira com aqueles bandos de esfarrapados, e coisas no mesmo género. Há muito que lhe conheciam semelhante estribilho. Tudo quanto ele dizia: que era preciso esperar pelos mantimentos, que os homens não tinham botas para calçar, tudo era de uma simplicidade infantil, enquanto eles propunham coisas complicadíssimas e sábias. E daí tornar-se evidente que Kutuzov não passava de um velho imbecil enquanto eles, cabos-de-guerra geniais, ali estavam sem poderes para realizar o que congeminavam.

Depois da junção do exército de Kutuzov com o do preclaro almirante Wittgenstein, herói de Petersburgo, todas essas malévolas disposições e todas essas intrigas do estado-maior se agravaram ainda mais. Kutuzov, ao dar por isso, limitava-se a despedir um suspiro e a encolher os ombros. Só uma vez, depois do Beresina, se zangou e escreveu a Bennigsen, o autor das informações particulares enviadas ao imperador, a carta seguinte:

> *Rogo a Vossa Excelência que, ao receber esta carta, se apresente em Kaluga, em virtude do seu estado de saúde pouco satisfatório, onde aguardara ordens ulteriores de Sua Majestade Imperial.*

Como resultado do afastamento de Bennigsen, o grão-duque Constantino Pavlovitch, que havia tomado parte na primeira fase da campanha e fora afastado por Kutuzov, foi reintegrado no exército. Ao chegar informou o general-chefe de que o czar estava muito descontente com os ligeiros êxitos das tropas russas e a lentidão dos seus movimentos e anunciou-lhe que o imperador tinha a intenção de visitar pessoalmente, o exército. Kutuzov, esse velho, tão experimentado cortesão quão bom militar, que em Agosto desse ano fora nomeado generalíssimo contra a vontade do imperador, que determinara o abandono de Moscovo, esse homem compreendeu imediatamente que a sua hora tinha soado, que o seu papel acabara e que os supostos poderes que ainda lhe pertenciam lhe iam ser retirados. E não só como cortesão compreendia que assim era. Percebia que a acção militar em que desempenhara o seu papel estava no fim, que a sua missão terminara. Por outro lado, principiava ao mesmo tempo a sentir que o corpo, quebrado pela idade, cansado, pedia descanso.

Capítulo XI

No dia 29 de Novembro, Kutuzov entrou em Vilna, na sua querida Vilna, como ele dizia. Duas vezes na sua carreira fora governador da cidade. Na rica Vilna, que se conservava intacta, além das comodidades de que por tanto tempo estivera privado, encontrava velhos amigos e boas recordações. Liberto, de súbito, de todas as preocupações oficiais e militares, entregou-se a uma vida regular e tranquila, na medida em que o permitiam as paixões que germinavam à sua roda, como se tudo que se estivesse a passar naquele momento, e que ainda tinha de se cumprir como acontecimento histórico, lhe fosse de todo indiferente.

Tchitchagov um dos mais ardorosos partidários da ideia de se cercarem e derrotarem os Franceses, que a princípio quisera levar a cabo uma diversão militar na Grécia, e depois em Varsóvia, mas que nunca se apresentava onde o mandavam, esse homem célebre pela ousadia com que falara ao imperador, que ao mesmo se considerava protector de Kutuzov, pois, quando si fora à Turquia, em 1811, incumbido da missão de concluir a paz, ao saber que a paz já fora concluída, dissera ao imperador que o mérito de tal missão pertencia a Kutuzov - Tchitchagov foi o primeiro a receber o generalíssimo junto do castelo de Vilna, onde este devia hospedar-se. Com o seu uniforme de marinheiro, de espada à cinta, o chapéu debaixo do braço, apresentou a Kutuzov o seu relatório sobre o estado da guarnição e as chaves da cidade. A deferência um tanto desdenhosa que a juventude testemunhava a um velho que ela entendia chegado â segunda meninice traduzia-se no mais alto grau na maneira de agir de Tchitchagov, ao corrente das acusações que faziam ao generalíssimo.

Na conversa que teve com ele, Kutuzov dissera-lhe, entre outras coisas, que as suas bagagens tornadas em Borissov, com toda a sua baixela, estavam intactas e lhe iam ser entregues.

- É para me dizer que eu não tenho que comer... Estou habilitado, pelo contrário, a fornecer-lhe seja o que for, mesmo que pretenda oferecer banquetes - respondeu-lhe Tchitchagov acaloradamente. Queria mostrar-se importante em cada uma das palavras que dizia e estava persuadido de que essa era a intenção do seu interlocutor.

Kutuzov teve um sorriso fino e penetrante e respondeu encolhendo os ombros:

- É apenas para lhe dizer o que lhe estou a dizer.

Ao contrário do que o imperador queria, o generalíssimo mandou que se detivesse em Vilna a maior parte das suas tropas. Na opinião das pessoas que o rodeavam, decaíra muito fisicamente durante a sua permanência nesta cidade. Só muito ao de leve se preocupava com os assuntos militares, deixando que os generais fizessem tudo, e enquanto aguardava a chegada, do imperador entregava-se ao prazer.

Tendo saído de Petersburgo com a sua comitiva no dia 7 de Dezembro - o conde Tolstoi, o príncipe Volkonski, Araktcheiev e outros - o imperador chegou a Vilna no dia 11, dirigindo-se imediatamente ao castelo no seu trenó de viagem.

Apesar do frio que fazia, esperavam-no, cá fora, uma centena de generais e de oficiais do estado-maior, de uniforme de gala, bem como uma guarda de honra do regimento Semionovski.

O correio que precedia o czar chegou ao castelo, numa troika, coberto de suor, e gritou:

- O imperador!

Konovnitsine precipitou-se no vestíbulo para advertir Kutuzov, que esperava no compartimento do porteiro.

Um minuto depois, Kutuzov, no seu uniforme de gala, com todas as condecorações e cobrindo-lhe o peito por completo, uma faixa a apertar-lhe o ventre, surgia no alpendre em passos titubeantes. Cobriu a cabeça, como se estivesse a comandar o exército, pegou nas luvas, desceu com dificuldade os degraus do alpendre e pegou no relatório que ia ser apresentado ao czar.

Um grande alarido se ouviu, uma troika passou vertiginosa a toda a gente fixou os olhos no trenó que chegava, a galope, onde se destacavam as silhuetas do imperador e de Volkonski.

Apesar de mais de cinquenta anos de experiência, esta chegada não deixou de impressionar, como sempre, o velho general. Apalpou-se, febrilmente, à pressa, ajeitou o gorro e as condecorações, enquanto o imperador, apeando-se do trenó, erguia para ele os olhos. Depois apresentou-lhe o relatório, dominando a emoção que o tomava, sem perder o aprumo militar, e pôs-se a falar numa voz comedida e insinuante.

O imperador olhou-o rapidamente da cabeça aos pés, franziu as sobrancelhas por segundos, mas, dominando-se imediatamente, aproximou-se e, de braços abertos, apertou-o contra o peito, Esta atitude do imperador, acordando-lhe velhas impressões e pensamentos íntimos, produziu em Kutuzov o efeito habitual: rompeu em soluços.

O imperador saudou os oficiais, a guarda de honra do Semionovski e, apertando mais

uma vez a mão do generalíssimo, penetrou com ele no castelo.

Quando ficou só com o marechal exprimiu-lhe o seu descontentamento por causa da morosidade na perseguição dos Franceses, dos erros cometidos em Krasnoie e no Beresina e pó-1o ao corrente dos seus planos sobre a futura campanha no estrangeiro. Kutuzov não fez a mais pequena observação nem teve o mais pequeno comentário. No seu rosto havia a mesma expressão submissa de sete anos antes, ao receber as ordens do soberano no campo de batalha de Austerlitz.

Quando, no seu andar pesado e cambaleante, saiu do gabinete do imperador e, de cabeça baixa, atravessou o salão, uma voz deteve-o.

- Sereníssimo! - dizia-lhe alguém.

Kutuzov ergueu a cabeça e ficou a olhar por muito tempo o conde Tolstoi, que estava diante dele, com um minúsculo objecto dentro de uma salva de prata. Dir-se-ia não compreender o que queriam dele.

De súbito pareceu recordar-se, um sorriso imperceptível lhe perpassou pelo rosto entumecido, e, inclinando-se respeitosamente, numa grande vénia, pegou no objecto que estava na salva. Era a cruz de S. Jorge de 1ª classe.

Capítulo XII

No dia seguinte, o marechal ofereceu um jantar seguido de baile, que o imperador honrou com a sua presença. Kutuzov recebia a cruz de S. Jorge de 1ª classe; o imperador prestava-lhe as maiores honras; mas o descontentamento do soberano não era segredo para ninguém. Tinham-se respeitado as conveniências e ele fora o primeiro a dar o exemplo. Mas toda a gente sabia que o velho era culpado e já para nada prestava. Como Kutuzov ordenasse, de acordo com um velho costume dos tempos de Catarina, que no momento em que o imperador entrasse na sala de baile lhe depusessem aos pés os estandartes tomados ao inimigo, o soberano, descontente, franziu o sobrolho e pronunciou algumas palavras, onde alguns julgaram surpreender esta frase: «Velho comediante! »

O descontentamento do czar ainda se tornou mais evidente durante a permanência em Vilna quando verificou que Kutuzov não queria ou não podia compreender a utilidade da campanha projectada. No dia seguinte ao da sua chegada, o imperador dissera aos oficiais reunidos à sua volta:

- Os senhores não salvaram apenas a Rússia, os senhores salvaram a Europa. - E então todos compreenderam que a guerra não findara.

Só Kutuzov não podia compreender e dizia a quem o queria ouvir que uma nova guerra não melhoraria a situação nem aumentaria a glória da Rússia, mas, muito pelo contrário, concorreria para piorar e diminuir o alto prestígio de que o país então desfrutava, segundo ele. Esforçava-se por demonstrar ao imperador a impossibilidade de convocar mais tropas, aludindo ao penoso estado das populações, à possibilidade de qualquer malogro, etc. Era evidente que, numa tal disposição de espírito. Kutuzov não podia deixar de constituir um empecilho para a guerra prevista.

Para evitar qualquer conflito com o velho, acharam perfeitamente natural uma escapatória, como se fizera com Barclay aquando de Austerlitz e no começo da campanha: retirar o poder ao generalíssimo para o confiar ao próprio imperador, sem ruído nem inúteis explicações.

Nessa intenção, procedeu-se, pouco a pouco, a uma reorganização do estado-maior e todo o poder efectivo de Kutuzov foi suprimido e transmitido ao imperador. Toll, Konovnitsine, Ermolov, foram encarregados de outras missões. Dizia-se abertamente que

o marechal estava muito enfraquecido e de saúde abalada.

Era preciso, realmente, que a sua saúde estivesse muito abalada para transmitir as suas funções àquele que o devia substituir. E de facto estava enfermo.

Tal como vera outrora da Turquia, o mais natural e simplesmente que é possível, a fim de reunir a milícia em Petersburgo e depois colocar-se à frente do exército no momento em que era indispensável, agora, o mais natural e simplesmente, e da mesma forma progressiva, terminado o seu papel, substituíam-no por uma nova engrenagem, a engrenagem que a situação requeria.

A guerra de 1812 não devia conservar o seu carácter estritamente russo de guerra patriótica, mas assumir outro, tornar-se uma guerra europeia.

Depois da marcha dos povos do Ocidente para o Oriente, devia verificar-se uma, marcha do Oriente para o Ocidente, e para levar a cabo esta nova guerra era necessário um homem novo, dotado de qualidades que Kutuzov não tinha, com outras vistas, outros objectivos. Para realizar esta marcha dos povos em sentido inverso e restabelecer as fronteiras, Alexandre I, eis o homem indispensável, tão indispensável quanto o fora Kutuzov para salvação e glória da Rússia.

Kutuzov era refractário a estas noções: Europa, equilíbrio, Napoleão. Não podia entendê-las. O representante do povo russo, esse russo, enquanto russo, já nada tinha a fazer naquela hora em que o inimigo estava esmagado e a Rússia liberta e no pináculo da glória. O representante da guerra patriótica só tinha agora um caminho a seguir: morrer, E assim o fez.

Capítulo XIII

Pedro, como sempre costuma acontecer, só sentiu o peso das privações a que estivera sujeito durante o cativeiro no dia em que as desventuras acabaram. Assim que foi posto em liberdade, dirigiu-se a Orel e no dia seguinte, na altura de se meter a caminho para Kiev, adoeceu. Três meses ficou de cama em Orel. Segundo os médicos, sofria de uma febre biliosa. Apesar de todos os cuidados que lhe dispensaram, não obstante as sangrias e os remédios, conseguiu recuperar a saúde.

Pouca impressão lhe ficou do período que decorreu entre a sua libertação e o ter adoecido. Ficara-lhe apenas a lembrança de um tempo húmido e sombrio, ora de chuva ora de neve, de um enfraquecimento físico considerável, de dores nos pés e nas ilhargas; de uma série de pessoas infelizes e sofredoras: da curiosidade importuna dos oficiais e dos generais que lhe faziam perguntas; das dificuldades que tivera para arranjar um carro e cavalos: e, acima de tudo, do adormecimento moral que o prostrara durante todo esse tempo, No dia em que fora libertado vira passar o corpo de Pétia Rostov; soube também que o príncipe André ainda vivera um mês depois de ferido e que só recentemente morrera em Iaroslav, em casa dos Rostov. Denissov, ao participar-lhe esta notícia, aludiu, de passagem, à morte de Helena, pois supunha que Pedro estivesse informado disse, há muito. Todos estes pormenores o deixaram, porém, então quase indiferente. Sentia-se incapaz de apreciar a importância de todos estes acontecimentos. Só uma coisa o preocupava abandonar o mais depressa possível aquelas paragens, onde os homens se matavam uns aos outros, em busca de um refúgio mais sossegado em que pudesse coordenar as suas ideias, repousar e reflectir sobre todas essas coisas estranhas e novas que acabava de saber. Mas assim que, chegou a Orel caiu de cama. Quando melhorou, descobriu junto da sua cabeceira, além dos seus dois criados. Terenti e Vaska, vindos de Moscovo, a princesa mais velha, sua prima, que vivia numa propriedade de Pedro em Elets e que viera tratá-lo ao saber que ele fora libertado e estava doente.

Durante toda a sua convalescença, as impressões daqueles últimos meses, que se lhe tinham tornado familiares, apenas se foram apagando pouco a pouco. Lentamente se ia habituando a não ser enxotado todas as manhãs como se fosse um animal, a não ser expulso da sua cama quente, ter todos os dias jantar, chá e ceia. Mas, a dormir, sonhava

muitas vezes encontrar-se ainda na penosa situação do cativeiro. E levou muito tempo igualmente a compreender as coisas que lhe contaram: a morte do príncipe André, a morte da mulher, a derrota dos Franceses.

A sua alma sentia-se invadida por um agradável sentimento de liberdade completa, inata no homem e que se lhe não pode arrebatar, a liberdade que sentira pela primeira vez durante a jornada que fizera ao sair de Moscovo. O que o surpreendia, porém, é que a liberdade moral, independentemente, de facto.

das circunstâncias exteriores, lhe fosse concedida com tal liberdade, tal abundância, ao mesmo tempo que a liberdade material, Estava só numa cidade estranha onde ninguém conhecia. Ninguém exigia dele fosse o que fosse; ninguém lhe dava ordens. Tinha tudo que podia desejar; a lembrança da mulher, que fora para ele um tormento constante, desaparecera, visto ela própria ter desaparecido também.

«Oh, que bem que se está! Que bom que é!», dizia de si para consigo, quando aproximavam dele uma mesa limpa e bem posta, com um prato de sopa bem cheiroso em cima, ou então quando, à noite, se deitava na sua cama macia e asseada ou ainda se lembrava que a mulher já não existia e que os Franceses tinham sido derrotados. «Ah!, que bom! Que bom!»

E apenas por hábito antigo perguntava a si mesmo: «E agora? Que vou eu fazer agora?» Ao que respondia imediatamente: «Nada. Vou viver. Ah!, que bom!»

Já não existia para ele o problema de um objectivo na vida, problema que tanto o atormentara outrora e que tão afincadamente procurara resolver. Esse objectivo já não era sequer um objectivo provisório, válido apenas para o momento presente: sentia que fora completamente abolido e que na realidade já não podia existir. E esta ausência completa de objectivo na vida dava-lhe a alegre sensação de uma liberdade sem limites, que o enchia de felicidade.

Não podia ter um objectivo, porque agora tinha fé, não fé em certas regras, em certas palavras ou pensamentos convencionais, mas num Deus vivo e sempre presente. Outrora procurava Deus nas missões que a si próprio se impunha. Quando procurava um objectivo para a vida, era Deus que no fim de contas procurava. E de repente, durante o cativeiro, descobrira, não por meio de palavras ou raciocínios, mas graças a uma espécie de íntima revelação, o que a sua velha ama tantas vezes lhe dissera: «Deus está em toda a parte.» No cativeiro aprendera que o Deus de Karataiev era bem maior, mais infinito, mais inacessível que o Grande Arquitecto do Universo dos franco-mações. Dir-se-ia que achara a seus pés o que andava buscando muito longe de si. Toda a sua vida pusera os olhos lá longe, por cima da cabeça da multidão, quando não tinha mais que olhar para diante de si. Até então não

conseguia descobrir em parte alguma o inacessível, o grande, o infinito. Apenas sentia que o infinito existia algures e procurava-o. Em tudo o que o rodeava, em tudo o que lhe era dado compreender, só via interesses acanhados, mesquinhos, absurdos, os interesses que a vida nos revela. E armava-se de uma espécie de óculo moral para olhar ao longe, para onde esses interesses mesquinhos, essas pequenas coisas exteriores, escondidas na névoa da distância, se lhe afiguravam como que revestidas de grandeza, verdadeiras imagens do infinito, pela simples razão de que as não via com nitidez. Assim se lhe entremostrava a vida europeia, a política, a maçonaria, a filosofia, a filantropia. Agora, porém, que se dava conta da sua fraqueza, quando o seu espírito penetrava nessas misteriosas profundezas, era para descobrir aí também essa mesma mesquinhez, esse mesmo absurdo, existentes na vida quotidiana. Agora aprendera a ver o infinito em toda a parte, em tudo, por isso achava perfeitamente natural que para usufruir da contemplação das coisas eternas já não precisasse desse óculo que lhe permitia lobrigar para além dos homens; admirava, à sua volta, com alegria, o espectáculo eternamente mutável, eternamente grande, inacessível e infinito da vida. E quanto mais de perto olhava esse espectáculo mais tranquilo e feliz se sentia. O terrível porquê que outrora fazia ruir todas as construções do seu espírito deixara de existir para ele. Agora essa interrogação angustiosa tinha uma resposta simples. Deus existia, esse Deus - o assentimento do qual nem um só cabelo cairá da cabeça !o homem.

Capítulo XIV

Pedro pouco mudara exteriormente. Na aparência era o mesmo de sempre. Como antigamente, era uma pessoa triste e menos preocupada com o que tinha diante dos olhos do que com o que ocorria dentro dele próprio. A única diferença entre o passado e o presente era que, nos tempos antigos, quando se esquecia do que estava à sua roda, e não percebia o que lhe diziam, tinha uma expressão preocupada e inquieta, como se procurasse compreender qualquer coisa longínqua que lhe escapava. Agora, quando estava distraído, tinha nos lábios um imperceptível sorriso, um pouco irónico, para com o que estava diante dos seus olhos, para ouvir o que lhe diziam, estando, claro está, a pensar numa coisa completamente diferente. Outrora, conquanto tivesse sempre um ar bondoso, parecia infeliz; por isso, sem querer, afastava de si a simpatia. Hoje, no seu rosto pairava sempre um sorriso de homem contente com a vida, nos seus olhos havia bondade para todos e parecia perguntar: «Estarão todos satisfeitos como eu?» E as pessoas sentiam-se bem na sua presença.

Antigamente falava muito, entusiasmava-se a falar e pouco ouvia os demais. Agora raramente achava interesse em falar e sabia ouvir tão bem que lhe confiavam espontaneamente os segredos mais íntimos.

Sua prima, a princesa, que nunca gostara dele e que nutria mesmo por ele uma certa hostilidade após a morte do velho conde, pois ficara na sua dependência, depois daquele tempo, em Orel, onde viera para mostrar a Pedro que, apesar da ingratidão, entendera dever seu assistir-lhe na sua doença, com grande surpresa sua, e não sem despeito, principiara a sentir por ele uma certa afeição. E a verdade é que Pedro nada fizera pai ganhar a sua simpatia. Limitara-se a examiná-la com curiosidade. Até aí ela sentira no olhar dele indiferença e ironia, e diante dele, como diante de muitas outras pessoas, retraía-se, para apenas lhe mostrar a sua hostilidade combativa. Agora, pelo contrário, tendo percebido que ele penetrava no mais recôndito da sua natureza, primeiro desconfiada, depois grata, mostrou-lhe os lados melhores do seu carácter.

O mais astucioso dos homens não teria sido capaz de ganhar a confiança da princesa ainda que evocasse as melhores recordações da sua juventude e lhe falasse comovidamente. A astúcia de Pedro limitou-se a mostrar interesse em acordar sentimentos humanos naquela

criatura azeda, seca e orgulhosa.

«Sim, é um homem de bom coração quando não está sob influência de gente má mas de pessoas como eu», dizia ela com os seus botões.

A mudança que nele se operara fora notada igualmente, de certo modo, pelos próprios criados Terenti e Vaska. Achavam-no agora muito mais simples. As vezes Terenti, depois de ajudar a despir o amo, tomando conta das botas e do fato, desejava-lhe boas-noites e demorava-se junto dele antes de sair, na esperança de que ele lhe dirigisse a palavra. Geralmente Pedro, quando percebia que o criado tinha vontade de falar, retinha-o junto de si.

- Conta-me lá, como arranjavam vocês de comer? - perguntava-lhe.

E Terenti punha-se a descrever-lhe as ruínas de Moscovo, a falar-lhe do falecido conde, e ali ficava, por muito tempo, com a roupa nos braços, falando ou ouvindo o amo, e quando se afastava era com o sentimento agradável de se sentir muito próximo de Pedro e quase seu amigo.

O médico que o tratava e o visitava todos os dias, embora se julgasse na obrigação, como todo o médico que se preza, de se dar ares de quem não tem um minuto a perder, pois o seu tempo é precioso para a humanidade que sofre, passava horas junto dele a contar-lhe as suas anedotas favoritas e a fazer observações sobre a sua clientela em geral e em particular as senhoras.

- É verdade, dá prazer falar com um homem assim. É raro na província - dizia ele.

Em Orel encontravam-se alguns oficiais do exército francês prisioneiros e o médico trouxe um dia consigo um deles, um italiano.

Passou então a visitar Pedro e a princesa achava graça à ternura que ele mostrava para com o primo.

Via-se que o italiano só se sentia feliz junto de Pedro e a conversar com ele, contando-lhe o seu passado, as suas questões de família, os seus amores, expandindo-se contra os Franceses e particularmente contra Napoleão.

- *Se todos os russos se parecem consigo* - dizia-lhe ele -, *é um sacrilégio guerrear um povo como o vosso.* Embora eles vos tenham feito sofrer tanto, não se sente em vós qualquer ódio contra eles.

E Pedro apenas conquistara esta apaixonada simpatia do italiano pelo facto de lhe ter revelado os tesouros que guardava na alma e despertado nele admiração.

Nos últimos tempos que passou em Orel foi visitado por um dos seus antigos conhecidos do mundo maçónico, o conde Villarski, o mesmo que em 1807 o recebera na loja em que ele ingressara.

Villarski casara com uma russa muito rica, com grandes propriedades na província de Orel, e naquela altura desempenhava funções provisórias na intendência local.

Ao saber da presença de Bezukov em Orel, embora nunca tivesse sido da sua intimidade, veio visitá-lo, dando-lhe muitas provas de amizade e simpatia, como geralmente acontece com as pessoas que se encontram no meio de um deserto. Enfadava-se em Orel e era com grande satisfação que se encontrava com alguém do seu meio, e preocupado, assim ele o supunha, com interesses semelhantes aos seus.

Mas, com grande surpresa sua, Villarski bem depressa se deu conta de que Pedro não o acompanhava no seu interesse pela vida actual e que se deixara cair, assim ele o pensava, pelo menos, na apatia e no egoísmo.

- *Está a ficar bota-de-elástico, meu caro* - dizia-lhe ele.

No entanto, o convívio com Pedro dava-lhe muito mais satisfação agora que antigamente e vinha visitá-lo todos os dias. Quanto a Pedro, a presença de Villarski, as suas conversas, faziam-lhe parecer estranho e inverosímil o facto de ele próprio, e muito recentemente, ter podido ser um homem do mesmo género.

Villarski, casado e pai de família, ocupado ao mesmo tempo com os interesses da mulher, as suas funções e os filhos, considerava estas diversas preocupações como obstáculo à realização da sua vida e menosprezava-as por o obrigarem a não pensar senão no seu bem-estar pessoal e no dos seus. As questões militares, administrativas, políticas e os problemas maçónicos absorviam-lhe por completo a atenção. E Pedro, sem pretender levá-lo a modificar o seu ponto de vista, sem se atrever a julgá-lo, com o seu ar manso e a sua tranquila ironia, que não o deixava nunca, ia estudando aquele fenómeno estranho, mas tão das suas relações.

No seu trato com Villarski, com a princesa, com o médico, com toda a gente com quem privava então, evidenciava-se-lhe um novo traço de carácter que atraía as simpatias gerais: o reconhecer a toda a gente o direito de pensar, de sentir e de encaixar as coisas à sua maneira e a certeza de que não era possível convencer fosse quem fosse com palavras. As particularidades individuais que outrora o irritavam profundamente eram agora, por assim dizer, a razão do interesse apaixonado que votava aos homens. As diferenças, as contradições, por vezes radicais, que verificava entre as diversas opiniões e as suas próprias davam-lhe satisfação e provocavam-lhe um sorriso ligeiramente irónico e condescendente.

Nas coisas práticas sentia em si, com surpresa, como que um ponto de apoio que outrora lhe faltava. Antigamente todos os problemas monetários, sobretudo os pedidos de dinheiro que na sua qualidade de homem rico o assediavam com frequência, lançavam-no em grandes incertezas e em embaraços inextricáveis «Dou ou não dou?», interrogava-se a si

próprio. «Eu tenho dinheiro e ele não o tem e precisa dele. Mas fulano ainda tem mais necessidade. Qual deles terá mais precisão? E não serão ambos dois intrujões?» E não saía disto, acabando por dar dinheiro aos dois, por dar todo o dinheiro que tinha. E mostrava a mesma indecisão perante as questões que pusessem em jogo os seus interesses, por um lado entendendo que era assim que devia proceder e pelo outro que devia agir precisamente ao contrário.

Actualmente, com grande surpresa sua, não via nestas questões a mais pequena dúvida e a menor dificuldade. Havia nele um juiz, o qual, regendo-se por leis desconhecidas dele próprio, decidia o que devia fazer-se ou não.

Em assuntos de dinheiro, continuava, como sempre, desinteressado. Mas agora sabia, sem contestação, o que devia ou não fazer. Teve ocasião, pela primeira vez, de aplicar os seus novos princípios quando, certo dia, um coronel francês prisioneiro o veio visitar, lhe falou largamente dos seus empreendimentos e por fim quase lhe exigiu quatro mil francos para remeter à mulher e aos filhos. Pedro recusou-se a emprestar-lhos sem a mais pequena hesitação e o menor embaraço, ele próprio surpreendido com a simplicidade e a facilidade com que decidira o que outrora lhe teria parecido extraordinariamente difícil. E, ao mesmo tempo que se recusava a emprestar dinheiro ao coronel, conseguia que o italiano, ao deixar Orel, aceitasse uma determinada importância que com certeza lhe fazia muita falta. Procedeu de maneira idêntica quando chegou o momento de resolver a questão das dívidas da mulher e da reedificação das suas casas na cidade e na aldeia.

Recebeu em Orel a visita do principal administrador das suas propriedades e procedeu com ele ao balanço dos prejuízos que tivera. O incêndio de Moscovo, de acordo com os seus cálculos, custara-lhe aproximadamente dois milhões de rublos.

O administrador, em compensação, fez-lhe ver que, apesar destes prejuízos, os seus rendimentos não só não tinham diminuído, mas aumentariam mesmo caso ele se recusasse a pagar as dívidas da condessa, que ninguém o podia obrigar a satisfazer, e desistisse de reconstruir as suas casas de Moscovo e as da aldeia, que lhe custavam oitenta mil rublos por ano e não lhe davam o mais pequeno rendimento.

- Sim, sim, tem razão - disse ele com ar satisfeito. - Sim, sim, tem razão, nenhuma necessidade tenho disso. A minha ruína ainda me enriqueceu mais.

Mas em Janeiro chegou Savelitch de Moscovo, que lhe falou tia situação da cidade, do orçamento que o arquitecto fizera para a restauração das casas e apresentou-lhe o caso como coisa arrumada.

Entretanto, Pedro recebia cartas do príncipe Vassili e de vários amigos de Petersburgo. Falavam-lhe nas dívidas da mulher. E ele então disse de si para consigo que as

sugestões do administrador, que de princípio o haviam encantado, não eram de aproveitar e que devia ir a Petersburgo regularizar os assuntos da mulher e a Moscovo restaurar casas. Não sabia, porque devia agir deste modo, mas tinha a certeza de que assim é que estava certo. Em virtude desta decisão, os seus rendimentos diminuíam de três quartas partes. Mas assim tinha de ser: era o que ele sentia.

Como Villarski tinha de ir a Moscovo, decidiram partir juntos. Durante todo o período da sua convalescença em Orel, Pedro experimentara um sentimento de alegria, de liberdade, como que um recomeçar da, vida. E agora, no decurso da viagem, em contacto com o ar livre, as suas impressões ainda mais se exaltaram. Sentia o contentamento de um estudante em férias. As pessoas que encontrava, o postilhão, os donos das estações de muda, os mujiques que via na estrada ou nas povoações, todos assumiam a seus olhos um sentido novo. A presença de Villarski, as suas observações, as suas contínuas queixas contra a pobreza, a grosseria, o atraso da Rússia em relação à Europa, despertavam nele uma alegria compassiva. Onde Villarski via fermentos de morte via ele um poder vital extraordinariamente rico, graças ao qual, no meio daqueles vastos espaços cobertos de neve, se mantinha são esse povo tão particular e único no seu género. Não discutia as opiniões do amigo, parecia mesmo estar de acordo com ele, pois de si para consigo dizia que a melhor maneira de evitar discussões sem qualquer resultado era fingir que concordava com ele. E sorria, divertido, enquanto ele falava.

Capítulo XV

Assim como é difícil explicar as idas e vindas das formigas quando vêem o seu formigueiro arrasado, umas carregando os ovos e os cadáveres e outras voltando ao ninho, tropeçando, perseguindo-se, lutando, também não seria fácil dizer o que impelia os Russos, depois da partida dos Franceses, a agrupar-se naquele local a que outrora se dera o nome de Moscovo. Se se observarem as formigas dispersas em volta do seu formigueiro, compreender-se-á que, apesar da ruína completa do seu lar, mercê da sua tenacidade, da sua energia, da actividade daqueles inumeráveis insectos, tudo perderam, salvo o princípio inabalável e imaterial que constitui a força da sua colónia. O mesmo acontecia em Moscovo em Outubro. Embora estivesse privada das suas autoridades, das suas igrejas, das suas riquezas, das suas casas, a cidade era a mesma que fora em Agosto. Tudo estava destruído salvo o que nela havia de imaterial, de verdadeiramente pode roso e de indestrutível.

Os objectivos que impeliam todos aqueles que, vindos de toda a parte, afluíam a Moscovo depois de evacuada pelo inimigo, eram os mais diversos, e sobretudo pessoais, e principalmente, nos primeiros tempos, de uma natureza bestial e perfeitamente selvagem. Um único sentimento era comum a todos: o desejo de regressar ao local onde fora Moscovo para cada um se entregar à sua própria actividade.

Ao fim de uma semana, Moscovo contava já quinze mil habitantes, duas semanas mais tarde tinha vinte e cinco mil e assim por diante. No Outono de 1813, aumentando sempre, a população da cidade atingia um número de almas muito superior ao da população de Moscovo de 1812.

Os primeiros russos que deram entrada em Moscovo foram os cossacos do destacamento Wintzengerode, os mujiques das aldeias vizinhas e os habitantes que tinham fugido, escondendo-se nos arredores. Estes, ao entrarem na cidade em ruínas e encontrando-a a saque, saquearam-na também. Continuaram o que os Franceses tinham principiado. Os mujiques, com as suas carroças, vinham buscar o que se encontrava abandonado nas casas e ao longo das ruas. Os cossacos levaram consigo, para o seu acampamento, o que puderam; os proprietários de imóveis apoderavam-se do que encontravam nas casas alheias e diziam que tudo isso era seu.

Depois dos primeiros saques, vieram outros, e outros ainda, e a pilhagem, à medida

que aumentava o número dos salteadores, tornava-se mais difícil e obedecia a normas mais metódicas.

Os Franceses tinham encontrado a cidade abandonada, mas haviam conservado todas as formas de uma administração regular, com o seu comércio, os seus ofícios, as repartições públicas, a religião. A maior parte das vezes tratava-se de corpos sem vida, mas que ainda assim mesmo existiam. Ainda havia galerias comerciais, lojas, armazéns, entrepostos de farinhas, bazares, oficinas, ateliers, geralmente abastecidos de mercadorias; e havia palácios, casas ricas cheias de luxuosos artefactos; havia hospitais, prisões, escritórios, igrejas, catedrais. À medida que os Franceses foram ficando, todas estas formas de vida urbana desapareciam pouco a pouco e por fim a cidade transformara-se num vasto campo de saqueio.

Quanto mais se prolongava o saque dos Franceses tanto mais se esgotavam as riquezas de Moscovo e os recursos dos próprios saqueadores. Pelo contrário, o dos Russos, nos primeiros dias do seu regresso à capital, quanto mais se prolongava tanto maior era o número dos que nele tomavam parte, contribuindo para restabelecer rapidamente a riqueza da cidade e a sua vida regular.

Assim como o sangue aflui ao coração, afluíam a Moscovo, vindos de diversos pontos, além dos saqueadores, pessoas de toda a sorte, atraídas quer pela curiosidade, quer pelo desejo de se tornarem úteis, quer por interesse, proprietários, eclesiásticos, pequenos e grandes funcionários, comerciantes, artesãos, mujiques.

Ao cabo de uma semana, os mujiques que entravam na cidade com os seus carros vazios para levarem os objectos que encontravam eram detidos pelas autoridades e obrigados a transportar os mortos para fora da cidade. Outros, ao saberem do que sucedera aos companheiros, trouxeram trigo, aveia, feno, e em virtude da concorrência que faziam uns aos outros, os preços baixaram a um nível inferior ao antigo. Os *artels (Associações de trabalho comunitário. (N dos T.)* dos carpinteiros, atraídos pelos bons salários, apareciam todos os dias e por toda a parte reconstruíam ou reparavam as casas que tinham ardido. Comerciantes abriam lojas em abarracamentos. Nas ruínas iam-se organizando estalagens, hotéis. O clero restabelecia o serviço religioso em muitas das igrejas que haviam ficado intactas. Donatários traziam alfaias religiosas que haviam sido roubadas. Funcionários instalavam em pequenas divisórias as suas mesas cobertas de pano preto e as suas estantes. As autoridades e a polícia procediam à distribuição dos bens abandonados pelos Franceses. Os proprietários das casas em que os Franceses tinham acumulado muitos objectos valiosos diziam que estavam a ser lesados, porque tudo fora levado para o Palácio das Facetas. Outros sustentavam que os Franceses tinham concentrado num mesmo local

muitos objectos roubados de diversas casas e diziam não ser justo entregarem aos proprietários essas casas com tudo o que lá estava dentro. Insultavam a polícia, tentavam suborná-la. Duplicavam o valor dos bens do Tesouro queimados, exigiam socorros em dinheiro. O conde Rostoptchine redigia, as suas proclamações.

Capítulo XVI

No fim de Janeiro, Pedro chegava a Moscovo e instalava-se numa das alas da sua residência que ficara intacta. Visitou Rostoptchine, algumas das suas relações que tinham regressado à capital e dispôs-se a partir no dia seguinte para Petersburgo. Toda a gente celebrava a vitória: a vida formigava na capital em ruínas, que principiava a renascer. Todos o acolhiam com satisfação; todos o queriam ver para saber das suas aventuras. Pedro, evidentemente, mostrava-se bem disposto com toda a gente que encontrava. Mas mantinha uma certa reserva, para não se comprometer com coisa alguma. A todas as perguntas que lhe faziam, importantes ou insignificantes, como, por exemplo: «Onde ia instalar-se? Reconstituiria o seu palácio? Quando partia para Petersburgo? Não se importava de tomar conta daquela caixinha?», respondia: «Sim, talvez, acho que...»

Soubera que os Rostov estavam em Kostroma, e raramente pensava em Natacha. Se por acaso isso acontecia, era como se se tratasse de uma agradável recordação de um passado que acabara. Sentia-se feliz não só por se ter visto livre das obrigações da vida, mas também por um sentimento que, pensava ele, voluntariamente a si mesmo impusera.

Três dias depois de ter chegado, soube por Drubetslkoi que a princesa Maria estava em Moscovo. A morte, os sofrimentos, os últimos dias do príncipe André, vinham-lhe frequentemente ao espírito e agora muito mais vivamente do que nunca. Tendo sabido durante o jantar que a princesa Maria estava instalado na sua casa de Vozdvijenka, poupada pelo fogo, ali se apresentou nessa mesma noite.

Pelo caminho ia pensando no seu amigo, nas varias vezes em que estivera com ele e sobretudo no seu último encontro em Borodino. «Será possível que ele tenha morrido no estado de irritação em que eu o vi nessa altura?», perguntava a si mesmo. <Não se lhe teria revelado a vida antes de morrer?» E pensava em Karataiev, na morte desse homem, e involuntariamente comparava um com o outro, tão diferentes e ao mesmo tempo tão próximos pelo afecto que ambos lhe inspiravam e pela maneira como ambos tinham vivido e haviam morrido.

Os pensamentos mais graves o dominavam ao aproximar-se da antiga casa do velho príncipe. A casa pouco sofrera. Via-se que fora atingida aqui e ali, mas mantinha íntegro o seu carácter. O velho lacaio que o acolheu, de rosto severo, parecendo querer lembrar ao

visitante que a ausência do príncipe em nada alterava a ordem estabelecida, disse-lhe que a princesa acabava de se recolher para os seus aposentos, e que recebia aos domingos.

- Vai dizer-lhe que estou aqui. Talvez ela me queira receber - volveu-lhe Pedro.

- Às suas ordens - replicou o criado. - Queira ter a bondade de entrar para o salão dos retratos.

Alguns minutos depois, o lacaio voltou a aparecer acompanhado de Dessales. Este último fez saber a Pedro, da parte da princesa, que era com o maior prazer que o recebia, e lhe pedia, se não se importava de lhe perdoar a sem-cerimónia, que subisse aos seus aposentos.

A princesa estava numa salinha iluminada apenas por uma vela e junto dela via-se alguém vestido de preto. Pedro lembrou-se de que era costume ter sempre a seu lado damas de companhia, em que ele mal reparava. «Deve ser uma das damas de companhia», dizia com os seus botões ao ver a senhora de preto.

A princesa ergueu-se, pressurosa, ao vê-lo entrar, e estendeu-lhe a mão.

- Sim - disse ela, depois de ele lhe beijar a mão, surpreendida com a mudança que notava no seu rosto -, aqui está a situação em que nos voltamos a ver. Nos últimos dias falou várias vezes de si - prosseguiu ela, volvendo os olhos para a senhora de preto, com um embaraço que não escapou à observação de Pedro.

- Fiquei tão contente quando soube que tinha sido posto em liberdade. Foi essa a única alegria que temos tido há já muito tempo.

De novo lançou um olhar inquieto à sua companheira e quis continuar, mas Pedro interrompeu-a.

- Imagine que eu nada sabia a respeito dele - disse-lhe. - Julguei que tinha sido morto. Tudo que soube me chegou por terceiras pessoas. Disseram-me que ele encontrara os Rostov... Que estranha coincidência!

Pedro falava animadamente. Por sua vez, volveu os olhos para a pessoa presente e, ao ver a simpatia e a curiosidade com que ela o ouvia, pensou, como acontece muitas vezes no decurso de uma conversa, que aquela senhora era uma criatura bondosa e simpática, que de modo algum seria a mais naquela conversa íntima com a princesa Maria.

As suas últimas palavras relativas aos Rostov pareceram aumentar mais ainda o embaraço da sua interlocutora. Os olhos dela afastaram-se de novo de Pedro para pousarem na senhora desconhecida, e disse:

- Será possível que a não reconheça?

Pedro examinou mais atentamente o rosto pálido e delgado, de olhos pretos, da desconhecida, cuja boca se arrepanhava de maneira estranha. Aquele olhar atento pousado

nele afigurava-se-lhe o olhar de uma parente, tinha qualquer coisa de íntimo, de que ele perdera o hábito.

«Não, não pode ser», disse de si para consigo. «Este magro, pálido e severo rosto, estes traços envelhecidos! Não pode ser! Trata-se de uma ilusão!» Mas nesse mesmo instante a princesa pronunciou o nome de Natacha e aquele rosto cujos olhos estavam fitos nele, penosamente, com esforço, como uma porta enferrujada que se abre, foi iluminado por um sorriso e aquela porta subitamente aberta projectou nele uma lufada dessa felicidade que há muito esquecera e em que, sobretudo naquele instante, estava muito longe de pensar. Esta lufada de ar fresco apoderou-se dele, envolveu-lhe o ser inteiro. Quando a desconhecida principiou a sorrir, acabaram as dúvidas: era realmente Natacha e ele amava-a.

Instantaneamente, revelava-lhe a ela e a Maria, e sobretudo a si próprio, um segredo que até então ignorava. Corou sob a impressão de uma alegria em que havia qualquer coisa de doloroso, Quis dissimular a sua emoção. Mas quanto mais se esforçava por isso tanto mais proclamava, e mais eloquentemente do que o poderiam fazer as palavras mais claras, a Maria, a si próprio e igualmente a Natacha que a amava, que amava Natacha.

«Naturalmente é o resultado da surpresa», pensava ele. Mas assim que retomou a conversa com a princesa Maria, assim que olhou de novo Natacha, uma vermelhidão mais intensa ainda se lhe espalhou pela cara e mais do que nunca se sentiu tomado por uma suave e alegre angústia. Enredou-se no seu discurso e calou-se.

Não reparara nela de principio porque não esperava de maneira alguma encontrá-la ali, e não a reconhecera porque uma mudança muito grande se operara nela. Emagrecera e empalidecera. Mas não fora apenas isso que o impedira de a reconhecer, Esse rosto, esses olhos, onde outrora a alegria de viver estampava um riso permanente, quando ele entrou e quando a viu de princípio, tinham perdido por completo essa iluminação interior. Apenas lhe restava o olhar, atento e bom, cheio de uma afectuosa tristeza.

A perturbação de Pedro não se reflectiu em Natacha, mas um prazer muito vivo lhe iluminou quase invisivelmente o rosto.

Capítulo XVII

- Veio passar alguns dias comigo - disse a princesa Maria. -

O conde e a condessa estão a chegar de um momento para o outro. Natacha precisa de consultar um médico. Trouxe-a à força.

- Sim, todas as famílias têm os seus desgostos - disse Pedro, dirigindo-se a Natacha. - Sabe que isso se deu no próprio dia em que fomos libertados? Eu estava presente. Que rapaz encantador ele era!

Natacha olhou-o e apenas respondeu com um cintilar dos olhos cheios de lagrimas.

- Que havemos de fazer para a consolar? - continuou ele. - Porque havia de morrer esse rapazinho tão gentil e cheio de vida? - Sim, que difícil deve ser viver no nosso tempo sem o amparo da fé... - acorreu a princesa Maria.

- Sim, sim, tem toda a razão - deu-se pressa em responder Pedro.

- Porquê? - perguntou Natacha, fitando Pedro nos olhos.

- Como! Porquê? - continuou a princesa. - Só a ideia do que nos espera ali...

Natacha, sem a deixar concluir, interrogou de novo Pedro com os olhos.

- Porque - prosseguiu Pedro - só aquele que crê num Deus que nos encaminha pode suportar uma perda como a da princesa... ou como a sua.

Natacha já entreabria a boca para falar, mas calou-se. Pedro voltou-se para a princesa Maria e interrogou-a sobre os últimos dias do amigo.

A emoção de Pedro desaparecera quase por completo, mas ao mesmo tempo sentia que se desvanecera também toda a sua liberdade de outrora. Dizia para si mesmo que daí para o futuro todas as suas palavras, todos os seus actos estariam submetidos a um juiz a cuja opinião queria mais que a qualquer outra coisa neste mundo. Quando falava, preocupava-o agora a impressão que as suas palavras podiam ter em Natacha. Não procurava adrede dizer o que porventura lhe agradasse, mas, dissesse o que dissesse, submetia-se ao ponto de vista dela.

A princesa Maria, contrariada, como sempre, falou-lhe dos Últimos momentos do príncipe André. Mas as perguntas de Pedro, o seu olhar inquieto, a emoção que se lhe denunciava no rosto, obrigaram-na a descer a pormenores que ela receava recordar.

- Sim, sim... - dizia Pedro, debruçando-se todo para a princesa Maria e seguindo

avidamente a sua narrativa. - Sim, sim, então sossegou? Acalmou-se? Com todas as forças da sua alma só desejava uma coisa, ser perfeitamente bom, não temer a morte. Os seus defeitos, se porventura os tinha, não vinham dele. Com que então serenou? Que felicidade para ele ter tornado a vê-la. - acrescentou, voltando-se, bruscamente, para Natacha, e fitando-a com os olhos cheios de lágrimas.

Percorreu-a um estremecimento nervoso, Franziu as sobrancelhas e por instantes baixou os olhos. Hesitou: devia ou não falar dele?

- Sim, foi uma grande felicidade - disse ela, em voz grave e serena. - Para mim foi uma grande felicidade. - Calou-se. - E ele... ele... também me disse que realizara os seus desejos quando me viu junto de si.

A voz quebrou-se-lhe. Corou, apoiou convulsivamente as mãos nos joelhos e, fazendo um grande esforço sobre si mesma, ergueu a cabeça e pôs-se a falar com emoção.

- De nada sabíamos quando saímos de Moscovo. Não tinha tido coragem de perguntar por ele. Foi Sónia quem me disse de repente que ele estava ali connosco. Não podia pensar, não me podia passar pela cabeça o estado em que ele estava. Só tinha um desejo: vê-lo, estar com ele - acrescentou, numa voz trémula e entrecortada.

E, sem deixar que a interrompessem, contou o que ainda a ninguém confidenciara, tudo quanto sofrera durante as três semanas que durara a viagem e que estivera em Iaroslav.

Pedro escutava-a, de boca aberta, sem afastar os olhos cheios de lágrimas do rosto de Natacha. Naquele momento não pensava nem no príncipe André, nem lia sua morte, nem no que ela contava. Ouvindo-a, apenas sentia uma grande piedade pela dor que ela experimentava contando-lhe o passado.

A princesa, que fazia tudo para conter as lágrimas, estava sentada ao lado de Natacha ouvindo pela primeira vez a história que unira o irmão e Natacha durante os últimos dias.

Dir-se-ia que Natacha aliviava a alma com aquelas palavras que ao mesmo tempo a atormentavam dolorosamente e lhe davam uma espécie de secreta alegria.

Misturava os pormenores mais pueris às minudências mais íntimas e dir-se-ia que não podia calar-se mais. Por várias vezes repetiu as mesmas coisas.

A voz de Dessales ressoou à porta, perguntando se Nikholuchka podia entrar para dar as boas-noites.

- E aqui tem. é tudo .. - disse Natacha por fim,

Ergueu-se apressadamente no momento em que entrava Nikholuchka, correu para a porta e, batendo com a cabeça no batente oculto por detrás do reposteiro, saiu, violentamente, soltando um doloroso gemido, em que o desgosto e a dor se confundiam.

Pedro, de olhos fitos na porta por onde ela desaparecera, perguntava a si mesmo porque sentira subitamente que ficava só neste mundo.

A princesa Maria arrancou-o da sua meditação, apresentando-lhe o sobrinho, que acabava de entrar no quarto.

Nikholuchka, que se parecia muito com o pai, tão profundamente impressionou Pedro, sobretudo na disposição de espírito em que se encontrava, que este se levantou apressadamente depois de o beijar, retirou-se para o vão de uma janela e puxou do lenço para esconder as lágrimas. Quis despedir-se da princesa Maria, mas esta reteve-o.

- Natacha e eu estamos às vezes acordadas até às três horas da manhã. Fique, peço-lhe. Vou mandar servir a ceia. Desça; nós vamos já ter consigo.

No momento em que ele sala, a princesa disse-lhe: - Foi a primeira vez que falou dele assim.

Capítulo XVIII

Conduziram Pedro a uma grande sala de jantar bastante iluminada e alguns minutos depois ouviram-se os passos da princesa e de Natacha, que entravam. Natacha estava serena e retomara o seu ar severo, em que se não traía o mínimo sorriso. A princesa Maria, Natacha e Pedro sentiam todos esse mal-estar que se segue habitualmente a um desabafo íntimo e sério: não é possível retomar a conversa, porque receamos dizer futilidades; ficar calados embaraça-nos, pois desejaríamos falar, e o mutismo em que se cai parece forçado. Sentaram-se à mesa em silêncio. Os criados afastaram as cadeiras e depois aproximaram-nas da mesa. Pedro desdobrou o guardanapo, decidido a romper o silêncio, e olhou para as duas senhoras. Também elas não desejavam outra coisa: nos seus olhos brilhava a alegria de viver e pareciam confessar que na vida, além da dor, há outras coisas.

- Quer vodka, conde? - disse a princesa Maria, e estas simples palavras bastaram para dissipar as sombras do passado. - Fale-nos de si - acrescentou ela. - O que se diz de si é extraordinário.

- É verdade - replicou Pedro, com esse sorriso de doce ironia, habitual agora no seu rosto. - A mim próprio me contaram coisas tão extraordinárias que nem em sonhos podem acontecer. Maria Abramovna, aquando de uma das minhas visitas, contou-me tudo que me aconteceu ou tudo que me deve ter acontecido. Stepan Stepanitch, esse ensinou-me o que eu devia dizer. Estou quase convencido de que é coisa cómoda ser-se um homem interessante. Sou convidado para toda a parte e ninguém se cansa de me contar histórias a meu próprio respeito.

Natacha, sorridente, abriu a boca para falar.

- Contaram-nos - acudiu a princesa, interrompendo-a. - que o incêndio de Moscovo lhe custou dois milhões. É verdade?

- A verdade é que sou hoje três vezes mais rico do que era replicou ele.

Embora a liquidação das dívidas da mulher e o restauro das suas casas muito reduzissem a sua fortuna, continuava a dizer estar três vezes mais rico.

- Seja como for, o que eu certamente ganhei com tudo isto foi a liberdade... - principiou ele, num tom sério, mas não quis continuar, compreendendo que o assunto era demasiado pessoal.

- E conta reconstruir as suas casas?

- Conto, o Savelitch assim o quer.

- Diga-me, ainda estava em Moscovo quando soube da morte da condessa? - perguntou a princesa Maria, que logo corou, pois dera-se conta de que esta pergunta, depois de ele aludir à sua liberdade, podia levá-lo a atribuir a estas palavras uma intenção que elas não tinham.

- Não - respondeu Pedro, sem ver nada de embaraçoso na interpretação que a princesa parecia dar à sua referência à liberdade. - Soube-o em Orel e não pode calcular quanto essa notícia me emocionou. Nada tínhamos de um casal exemplar - prosseguiu ele com vivacidade, ao notar que Natacha parecia curiosa de saber como ele se referiria à mulher. - Mas a sua morte causou-me uma tremenda impressão. Quando duas pessoas discutem uma com a outra, acabam ambas por andar mal. E o remorso de uma, se a outra desaparece, torna-se repentinamente horrível. E depois uma morte daquelas... sem amigos, sem consolações. Tenho muita, muita pena dela. - E ao concluir estas palavras pôde verificar com satisfação que Natacha as aprovava.

- E eis como o senhor está de novo celibatário e candidato ao casamento - observou a princesa Maria.

De repente Pedro corou muito e procurou não erguer os olhos para Natacha. Quando, por fim, voltou a olhar para ela, Natacha tinha um ar frio, severo, até mesmo um pouco desdenhoso - pelo menos assim lhe pareceu.

- É verdade que viu Napoleão e que falou com ele, como nos disseram? - perguntou a princesa Maria.

Pedro pôs-se a rir.

- Não, de maneira nenhuma, As pessoas julgam que ter estado prisioneiro é como ter sido hóspede de Napoleão. Não só nunca o vi, como nem sequer ouvi mesmo falar dele. A gente com quem eu estava era de muito mais baixa condição.

A ceia chegava ao fim, e Pedro, que de princípio se recusara a falar do seu cativeiro, pouco a pouco foi mudando de intenção.

- E também não é verdade ter ficado em Moscovo para matar Napoleão? - perguntou-lhe Natacha, com um imperceptível sorriso. - Foi o que eu pensei quando se encontrou com certas senhoras ao pé da Torre Sukariev. Lembra-se?

Pedro confessou que ela adivinhara, e daí a pouco, para responder às perguntas de Maria, e principalmente às de Natacha, estava a fazer um relato pormenorizado das suas aventuras.

De princípio exprimiu-se com essa indulgente ironia que punha agora nos seus juízos

sobre os outros e sobre ele próprio, mas depois, quando chegou à altura de falar dos horrores e dos sofrimentos a que assistira, entusiasmou-se, sem dar por isso, e falou com a emoção contida de um homem que recorda momentos pungentes da sua existência.

A princesa Maria olhava ora Pedro ora Natacha com um meigo sorriso. Em tudo quanto ele contava só via Pedro e a sua grande bondade. Natacha, com os cotovelos em cima da mesa, seguia a narrativa, mudando de expressão à medida que Pedro falava, e parecendo viver com ele todos os pormenores. O seu olhar, as suas exclamações, as suas breves perguntas, mostravam que ela apreendia justamente o sentido das coisas. Via-se que não compreendia apenas a trama da história, mas o seu significado íntimo, significado que as próprias palavras não podiam exprimir. O episódio da mulher e da criança a quem ele procurou socorrer, causa do seu cativeiro, contou-o ele da seguinte maneira: «O espectáculo era horrível, havia crianças abandonadas, outras que morriam no meio das labaredas... Vi arrancar uma às chamas mesmo diante de mim... A algumas mulheres tiravam-lhes, à força, o que traziam em cima de si, até lhes arrancavam os brincos das orelhas...» Nesta altura Pedro corou, balbuciando: - Então apareceu uma patrulha, que levou todos os homens, todos os homens que não andavam a saquear. E eu lá fui, levado com eles.

Parece-me que não está a dizer tudo. Naturalmente fez alguma coisa - disse Natacha, que acrescentou: -... alguma coisa bonita.

Pedro prosseguiu na sua narrativa. Quando chegou à altura do episódio da execução dos incendiários, quis evitar referir-se aos pormenores demasiadamente impressionantes, mas Natacha exigiu que ele não omitisse fosse o que fosse.

Pedro, que se levantara da mesa e andava de um lado para o outro, seguido pelo olhar atento de Natacha, ia nesse momento principiar a falar de Karataiev, mas calou-se.

- Não, não poderão compreender tudo o que me ensinou esse analfabeto, esse inocente.

- Podemos, sim, podemos, fale! - interveio Natacha. - Que lhe aconteceu?

- Mataram-no quase à minha vista.

E Pedro contou o que se passara quando arrastado na retirada do exército francês, e numa voz trémula de emoção referiu a doença e a morte de Karataiev.

As suas aventuras nunca lhe tinham avultado diante dos olhos como agora, que a elas se referia. Tudo por que passara tomava a seus olhos como que um sentido novo. Enquanto contava a Natacha o que lhe acontecera, sentia esse prazer raro do homem a quem as mulheres escutam, não essas mulheres espirituosas, que apenas se preocupam em fixar algumas frases do que ouvem para com elas guarnecer o seu repertório e na primeira

altura ornamentarem com elas as sentenças que lhes saem do acanhado cérebro, mas esse prazer que dá o ser-se ouvido por uma dessas autênticas mulheres capazes de saber discernir e chamar a si o que há de melhor no que se lhes comunica. Natacha, sem dar por isso, toda ela era ouvidos: não perdia uma entoação, um olhar, um estremecimento do rosto ou um gesto de Pedro. Apanhava no ar, mal lhe saía da boca, cada uma das suas palavras e guardava-as no fundo do coração, entreaberto para recebê-las. Adivinhava o misterioso trabalho que se estava a realizar na alma daquele que falava.

A princesa Maria ouvia, interessada, a narrativa, mas outra coisa nesse momento lhe absorvia a atenção: dava-se conta de que era possível que Natacha e Pedro se amassem e pudessem vir a ser felizes. E esta ideia, que pela primeira vez lhe ocorria, inundava-a de júbilo.

Eram três horas da manhã. Criados de rosto triste e severo vieram substituir as velas sem que ninguém desse por isso. Pedro concluía a sua narrativa. Natacha continuava a fitar nele, obstinadamente, o seu olhar brilhante e cheio de animação, como se quisesse adivinhar qualquer coisa que ele não dissera. Pedro, perturbado e feliz, olhava-a de soslaio e ia pensando no que poderia dizer agora para mudar o curso da conversa. A princesa Maria continuava calada. Nenhum deles se lembrava de que eram três horas da madrugada e boas horas para se irem deitar.

- Queixamo-nos das desgraças e dos sofrimentos - disse Pedro -, mas se neste mesmo instante me viessem dizer: «Queres voltar ao que eras antes do cativeiro ou preferes tornar a viver o que passaste?», eu responderia: «Por Deus! Antes uma vez mais o cativeiro e a carne de cavalo!» Julgamos nós que ao sermos atirados para fora do caminho trilhado tudo está perdido, quando, pelo contrário, é então que começa uma nova vida, a verdadeira vida. Enquanto há vida há felicidade. Há muita, muitíssima esperança no futuro. E é pensando em si, Natacha, que eu principalmente o digo.

- Tem razão, tem razão - exclamou Natacha, seguindo os seus próprios pensamentos. - Eu própria não desejava outra coisa senão tornar a viver o que vivi.

Pedro olhou-a atentamente.

- Sim, não queria mais nada! - afirmou ela.

- É falso, é falso - gritou Pedro. - Tenho culpa porventura de estar vivo e de querer continuar a viver? E esse é o seu caso.

De súbito, Natacha apertou a cabeça nas mãos e principiou soluçar.

- Que tens tu, Natacha? - inquiriu Maria.

- Nada, não tenho nada. - E sorriu para Pedro no meio das suas lágrimas. - Adeus, são horas de dormir.

Pedro levantou-se e pediu licença para se retirar.

Como de costume, a princesa Maria e Natacha reuniram-se no quarto de dormir e trocaram impressões sobre o que Pedro dissera. Maria, porém, não emitiu qualquer juízo acerca do comportamento de Pedro; e Natacha tão-pouco.

- Bom, adeus. Maria! - disse Natacha. - Queres saber? AS vezes tenho medo de acabarmos por esquecê-lo, caso continuemos a não querer falar dele.

Referia-se ao príncipe André. Maria suspirou fundo e com esse suspiro queria dizer que pensava da mesma maneira. Mas não ousou traduzi-lo em palavras.

- Será possível esquecer? - disse ela.

- Não calculas o bem que me fez ter contado hoje o que se passou - voltou Natacha. - Foi penoso, doloroso, mas fez-me bem, muito bem. Estou convencida de que foi realmente amigo dele. E por isso lhe contei tudo... Achas que fiz mal? - perguntou, de súbito, corando.

- Ao Pedro? Ah! Não! Ele é tão bom, tão bom! - disse Maria.

- Notaste, Maria? - prosseguiu ela, com um ligeiro sorriso travesso, que a princesa há muito lhe não via. - Agora está muito limpo, muito asseado, muito fresco, parece que acabou de sair do banho, de um banho moral, entenda-se. Não achas?

- Acho - assentiu a princesa Maria. - Mudou muito, e para melhor.

- E traz um redingote de bom talhe e já não usa os cabelos compridos. Não há dúvida, parece que acaba de sair do banho... Como o pai, antigamente...

- Agora compreendo porque ele não gostava de mais ninguém como gostava dele - replicou Maria, pensando no irmão.

- É verdade. E no entanto nada se parecem. Há quem diga que as amizades entre homens se fundam sempre nos contrastes. Acho que deve ser verdade. Crês, realmente, que ele se não parece com ele em coisa alguma?

- Seja como for, é uma óptima pessoa.

- Bem, adeus - rematou Natacha.

E o sorriso trocista continuou por muito tempo a errar-lhe no rosto.

Capítulo XIX

Levou tempo primeiro que Pedro se decidisse a deitar-se naquela noite. Andava de um lado para o outro no seu quarto, era franzindo o sobrolho, como se lhe atravessassem o cérebro penosos pensamentos, ora encolhendo os ombros, com um súbito estremecimento, ora com um sorriso feliz nos lábios.

Pensava no príncipe André, em Natacha, no amor. Tinha ciúmes do passado, censurava-se a si próprio por esses mesmos sentimentos, desculpava-se. Eram seis horas da manhã e ainda ele continuava a passear de um lado para o outro.

«Mas que há-de uma pessoa fazer se as coisas são assim? Que há-de fazer? Era preciso que tudo se tivesse passado assim», dizia de si para consigo. E, despindo-se rapidamente, deitou-se, feliz e comovido, mas liberto de toda a incerteza. «Por mais extraordinário e por impossível que pareça esta felicidade, é preciso fazer tudo para casarmos um com o outro», pensava ele.

Alguns dias antes deste encontro fixara para a sexta-feira seguinte o dia da sua partida para Petersburgo. Quando acordou no dia imediato, quinta-feira, Savelitch veio pedir instruções para preparar as malas.

«Que vou fazer a Petersburgo? Que tenho lá que fazer? Quem preciso de visitar ali?», perguntava-se a si mesmo, muito surpreendido. «Ah! Sim, resolvera ir a Petersburgo há muito já, antes de isto ter acontecido. Mas para fazer o quê? No entanto sempre irei, provavelmente. Que bom e atencioso ele é! Pensa em tudo!», cismava, olhando para a boa e velha pessoa do Savelitch. «E que sorriso agradável ele tem!»

- Decididamente, estás resolvido a continuar servo, Savelitch? - perguntou-lhe ele.

- Que hei-de fazer da liberdade, Excelência? Estava aqui bem no tempo do falecido senhor conde, que Deus tenha em descanso! E com V. Ex.a é o mesmo, a gente não tem razão de queixa. E os teus filhos?

Os meus filhos continuarão como nós, Excelência. Quando os amos são como V. Ex.a, a vida não é difícil.

- Sim, mas os meus herdeiros? - disse Pedro - Posso vir a casar-me... É coisa que muito bem pode acontecer - acrescentou, com um ligeiro sorriso.

- E permita que lhe diga, Excelência, era muito acertado que o fizesse.

«Julga ele que é coisa simples», disse Pedro com os seus botões. «Não sabe quanto é grave, quanto é medonho! Ou é muito cedo ou tarde de mais... é medonho!»

- Que manda V, Exa? Sempre parte amanhã? - inquiriu Savelitch.

- Não, ainda não. Eu prevenir-te-ei. Desculpa as maçadas que te dou - observou ele, e, olhando para o criado, sorrindo, disse de si para consigo: «É extraordinário que ele não perceba que já se não trata de Petersburgo e que antes de mais nada é preciso resolver este caso. De resto, estou certo de que ele sabe, mas finge ignorá-lo. Devo falar-lhe nisso? Que pensará ele? Não, para outra vez.»

Ao almoço. Pedro contou à prima a visita que fizera na véspera à princesa Maria e como encontrara em casa dela, com grande surpresa sua, Natacha Rostov.

Ela fingiu nada ver nisso de extraordinário: era como se ele lhe dissesse que vira uma Ana Semionovna qualquer.

- Conhece-a? - perguntou Pedro.

- Conheço a princesa - replicou ela. - Ouvi dizer que a casam com o jovem Rostov. Era para eles um bom casamento. Parece que estão completamente arruinados.

- Não me refiro à princesa Maria, mas a Natacha. Conhece-a?

- Ah!, sim, ouvi falar nessa história. É muito triste!

«Não me entende ou finge que não entende», disse Pedro para si mesmo. «É melhor nada lhe dizer.»

A prima preparara-lhe as coisas para a viagem.

«Ah! São muito bons para mim!», pensou Pedro. «Porque trazem eles tudo isto? Não é possível que seja por interesse. Que estranho! »

Nesse dia o chefe da polícia veio avisá-lo de que convinha mandar um homem de confiança ao Palácio das Facetas tomar parte na distribuição dos objectos que estavam a repartir entre os proprietários.

«E também este», pensou Pedro, olhando com curiosidade para o polícia, «que desempenado oficial, que belo homem e que boa pessoa! Hoje, ocupar-se com futilidades destas! E, no entanto, dizem que não é sério e que obtém lucros ilícitos. Que estupidez! E de resto porque não há-de ele obter lucros ilícitos? Foi educado assim! Fazem todos o mesmo, Mas que bela cabeça! Que ar amável! E que sorriso agradável quando olha para nós!»

Pedro foi jantar a casa da princesa Maria.

Ao atravessar as ruas, pelo meio das casas incendiadas, sentiu-se impressionado com a beleza das ruínas. Aquelas chaminés, aquelas paredes derruídas, lembravam-lhe o Reno e o Coliseu, em longas filas nos bairros devastados pelo fogo. Os cocheiros, os carroceiros

que ele encontrava, os carpinteiros que serravam vigas, os comerciantes e os lojistas, todos acolhiam Pedro com caras radiosas e pareciam dizer-lhe: «Ah! Cá está ele! Vamos lá a ver o que vai passar-se!»

Ao entrar na casa da princesa Maria pareceu-lhe ter-se enganado: que não estivera ali na véspera, que não se encontrara com Natacha nem lhe falara. «Não teria eu inventado tudo isto? Naturalmente vou entrar e ninguém vejo!» Mas, assim que entrou em casa, por todo o ser, graças a uma espécie de imediata privação do livre arbítrio, sentiu a presença dela. Vestia o mesmo vestido preto de harmoniosas pregas e estava penteada como na véspera, e no entanto muito diferente. Se ela estivesse na noite anterior como naquele momento, tê-la-ia reconhecido assim que chegara.

Estava tal qual como ele a conhecera ainda quase criança e depois quando noiva do príncipe André. Uma centelha de ingénua alegria lhe inundava a face; um ar gracioso e estranhamente travesso lhe amenizava a expressão.

Pedro jantou e teria ficado até tarde, mas a princesa Maria tinha de assistir aos ofícios da noite, e ele acompanhou-as. No dia seguinte chegou muito cedo, comeu lá em casa e demorou-se tanto que, não obstante a satisfação que lhes dava a presença do hóspede, e apesar do prazer que Pedro tinha em estar naquela casa, a conversa esmoreceu daí a pouco, arrastando-se sobre assuntos insignificantes e por vezes com as suas pausas. De vez em quando Maria e Natacha entreolhavam-se como a perguntar uma à outra quando se retiraria ele. Pedro percebeu, e apesar disso não foi capaz de se resolver a partir. Sentia-se embaraçado, pouco à vontade, mas ia ficando sempre; não podia levantar-se e despedir-se.

A princesa Maria, que não via solução para o caso, tratou de se levantar e despedir-se, pretextando uma enxaqueca.

- Com que então, parte amanhã para Petersburgo? - disse-lhe ela.

- Não, não parto - replicou Pedro vivamente, num tom surpreendido e quase zangado. - Ou talvez sim, Veremos amanhã. Em todo o caso, faço tenção de lhes apresentar as minhas despedidas. Virei receber as suas ordens. - Enquanto falava, estava de pé, corando diante da princesa, sem se decidir a partir.

Natacha estendeu-lhe a mão e desapareceu. A princesa Maria, em lugar de a imitar, deixou-se cair numa poltrona e pôs-se a fixar Pedro, severa e atentamente, com o seu olhar luminoso e profundo. A lassidão que ela sentira até aí desaparecera agora por completo. Soltou um prolongado suspiro e pareceu disposta a ter com ele uma longa conversa.

Toda a perturbação e todo o embaraço de Pedro desapareceram mal Natacha saíra da sala, dando lugar a uma viva animação. Aproximou a poltrona da da interlocutora.

- Eu queria dizer-lhe... - principiou ele, respondendo ao olhar da princesa, como se

de facto ela lhe tivesse falado. - Princesa, socorra-me. Que hei-de eu fazer? Acha que posso esperar? Princesa, minha querida amiga, ouça-me. Eu sei, eu bem sei que a não mereço. Sei que não é altura de lhe falar. Mas eu queria ser para ela como um irmão. Ou antes, não, não quero isso; nem quero nem penso...

Calou-se, e passou a mão pelos olhos.

- Ah! - prosseguiu, fazendo um grande esforço para falar coerentemente. - Não sei desde quando a amo. Mas a ela, só a ela amei na minha vida, e amo-a tanto que não posso conceber a vida sem ela. Não é fácil resolver-me a pedir-lhe neste momento que case comigo, mas cada vez que me lembro de que ela poderá vir a ser minha mulher e posso deixar passar a oportunidade... sim, a oportunidade... é terrível. Diga-me, acha que posso ter esperança? Minha querida princesa! - Calou-se alguns instantes e, vendo que ela não lhe respondia, pegou-lhe na mão.

- Estou a pensar no que me disse - respondeu ela por fim. - E aqui tem a minha opinião a esse respeito. Tem razão em pensar que falar-lhe neste momento em amor...

Não prosseguiu. Queria dizer que falar-lhe agora de amor não era possível; mas calou-se, porque na antevéspera, verificara, ao reparar na alteração súbita da, fisionomia de Natacha, que esta, em vez de se ofender, no caso de Pedro lhe declarar os seus sentimentos, dir-se-ia, no fundo do seu coração, não desejar outra coisa

-... falar-lhe agora... é impossível - concluiu, no entanto, a princesa.

- Então, que hei-de fazer?

- Confie em mim - volveu ela. Eu sei...

Pedro fitou-a nos olhos.

- O quê, o quê?... - implorou ele.

- Eu sei que ela gosta de si... ou, antes, que virá a gostar de si - rectificou.

Ainda não acabara de pronunciar estas palavras já Pedro lhe agarrava nas mãos desvairadamente.

- Porque diz isso? Acha que posso esperar? Acha?...

- Acho - afirmou a princesa, sorrindo. - Escreva aos pais e deixe-me preparar as coisas. Falar-lhe-ei quando o momento se oferecer. É esse o meu desejo e o coração diz-me que tudo se arranjará.

- Ah! Será possível? Que feliz eu sou! Será possível? Será possível?... Tão grande felicidade? - balbuciou ele, beijando-lhe is mãos.

- Vá para Petersburgo: parece-me ser o melhor. Eu lhe escreverei... - disse ela.

- Ir-me embora? Para Petersburgo? Sim, está bem. Mas amanhã, ainda posso vir amanhã?

Pedro veio no dia seguinte apresentar as suas despedidas. Natacha estava menos animada que nos dias anteriores: mas, pousando nela os olhos. Pedro sentia nada mais existir no mundo, nem ele, nem ela, além da sua própria felicidade. «Será possível? Não, não pode ser», repetia a cada olhar, a cada gesto e a cada palavra dela, sentindo a alma a transbordar de júbilo.

Quando, na altura das despedidas, lhe pegou na mão fina e pálida, reteve-a por instantes entre as suas.

«Será possível que esta mão, este rosto, este tesouro de seduções que eu desconheço, será possível que tudo isto venha a pertencer-me para sempre, a serem-me coisas familiares? Ah!, não é possível!...»

- Adeus, conde - disse-lhe ela a meia voz. - Esperá-lo-ei com impaciência - acrescentou muito baixinho.

Estas palavras tão simples, o olhar e a expressão que as acompanharam, constituíram para ele, durante os dois meses de ausência, a constante saudade e os felizes sonhos. <Esperá-lo-ei com impaciência...» «Sim, sim, pois não foi isso que ela me disse? Que me esperaria com impaciência? Ah!, que feliz eu sou! como se pode ser tão feliz?», repetia ele a cada passo de si para consigo.

Capítulo XX

Pedro nada sentia agora que se pudesse parecer com o que experimentara em circunstância semelhante, aquando do seu noivado com Helena.

Não repetia agora, como então, com uma secreta vergonha, as palavras que lhe dizia. Não dizia, como nessa altura, para consigo mesmo: «Ah!, porque lhe não disse eu isto, porquê? Porque lhe disse 'Amo-vos!'?» Agora, pelo contrário, tanto as suas palavras como as dela, repetia-as para si mesmo, com todos os jogos da fisionomia e os sorrisos que acompanhavam as palavras, sem querer alterar nada, nem acrescentar fosse o que fosse. Nem estava sempre a perguntar-se a si mesmo se fazer isto ou aquilo seria bem ou mal. Uma única apreensão acompanhava os seus devaneios: «Não será tudo isto um sonho? Não se teria enganado a princesa Maria? Não estarei a ser demasiado presunçoso e confiante? Tenho confiança, mas de repente pode muito bem acontecer que a princesa Maria lhe fale de mim e ela lhe responda, sorrindo: É curioso! Com certeza está enganado. Pois será possível que ele não veja que é um homem, um homem simples, enquanto que eu .. Sou tão diferente, sou-lhe tão superior!'.»

Eram frequentes nele estas angústias. E não fazia qualquer projecto. A sua felicidade afigurava-se-lhe tão inverosímil que, se, viesse a realizar-se, nada mais poderia existir para ele. Acabar-se-ia todo.

Uma espécie de loucura da felicidade, de que não se julgaria capaz, se apoderara dele de repente. A existência, não só para ela mas para o universo inteiro, parecia resumir-se exclusivamente no seu amor e na esperança de vir a ser amado, Outras vezes toda a gente lhe parecia preocupada com uma única coisa: a sua, felicidade futura. Afigurava-se-lhe que todos os que o rodeavam estavam alegres como ele, procurando apenas dissimular a sua alegria, fingindo-se ocupados com isto e aquilo. «A mais pequena palavra, o mais pequeno gesto», pensava. «eram uma alusão a sua felicidade.» As pessoas que o encontravam surpreendiam-se, frequentem ente, com o seu piscar de olhos e os seus sorrisos, que pareciam atribuir-lhes uma conivência secreta. Quando dava porque podiam desconhecer-lhe a felicidade, punha-se a lamentar de todo o coração essa pessoa e sentia-se na obrigação de explicar que tudo quanto podia preocupá-la não passava de futilidades, coisas indignas de reter a atenção de quem quer que fosse.

Quando lhe propunham que aceitasse determinadas funções ou emitiam qualquer opinião diante dele sobre a política ou a guerra, sugerindo que este ou aquele resultado podiam determinar o bem-estar geral, ele ouvia com o seu sorriso doce e compassivo e causava o espanto dos interlocutores graças às insólitas observações que fazia. Mas, em compensação, tanto os que lhe pareciam compreender verdadeiramente a vida, isto é, os seus próprios sentimentos, como os infelizes, que o não compreendiam, todos se lhe apresentavam naquela altura sob a luz resplandecente dos seus próprios sentimentos. Sem o mais pequeno esforço, via em todos o que cada um tinha de bom e de digno de ser amado.

Depois de examinar os assuntos e a papelada da mulher, apenas sentiu por ela um profundo sentimento de piedade, pois que Helena não conhecera a felicidade que era a sua então. O príncipe Vassili, muito orgulhoso com o seu novo lugar e, a sua nova condecoração, para ele não passava agora de um pobre e digno velho.

Mais tarde Pedro veio a recordar muitas vezes estes dias de louca felicidade. Todos os juízos que então fizera a respeito das pessoas e das circunstâncias ficaram para ele como juízos exactos para sempre. Não só não renegou depois as suas opiniões de antanho sobre os homens e as coisas, mas, pelo contrário, quando tinha dúvidas e incertezas intimas, recorria às opiniões que tivera nessa altura e verificava serem sempre exactas.

«É possível», dizia ele com os seus botões, «que eu fosse então estranho e ridículo, mas não era tão louco como parecia. Pelo contrário, nessa altura sentia-me mais perspicaz e inteligente do que nunca. Compreendia tudo o que valia a pena compreender na vida, porque... era feliz.»

A sua loucura consistia em não espera.-, como anteriormente, para gostar das pessoas, razões pessoais para o fazer, consequência do que ele chamava o mérito de cada um. O amor transbordava-lhe do coração; não tinha necessidade de pretextos para amar ou então encontrava razões às mãos-cheias para justificar o amor que sentia.

Capítulo XXI

Desde a noite em que Natacha, depois da partida de Pedro, dissera à princesa Maria, com um sorriso alegre e irónico, que Pedro parecia ter acabado de sair do banho, na sua alma surgiu um sentimento oculto e desconhecido Para ela, mas invencível.

Subitamente, a sua expressão, o seu andar, o seu olhar, a sua voz, tudo se modificou nela. Uma vida nova, aspirações inesperadas à felicidade, despertaram nela e exigiram satisfação. Desde essa mesma noite pareceu esquecer tudo o que lhe acontecera. Daí para o futuro não voltou a queixar-se uma única vez, não tornou a fazer qualquer alusão ao passado e não mais hesitou em fazer projectos para o futuro. Não falava muito de Pedro, mas quando a princesa Maria se lhe referia, uma chama, de há muito apagada no seu olhar, inflamava-se e os lábios crispavam-se-lhe num estranho sorriso.

A princesa Maria começou por estranhar a mudança que se operara em Natacha, e, quando lhe percebeu a causa, sentiu como que mágoa. «Tinha tão pouco amor a meu irmão que bem depressa o pôde esquecer?», interrogava-se ela a si mesma quando sozinha. Na presença de Natacha, porém, não dava a perceber qualquer azedume e não fazia referência a coisa alguma. A energia vital que se apoderara da sua amiga era tão irresistível e tão inesperada em si mesma que não se sentia no direito de a acusar, sequer na intimidade da sua alma.

Quanto a Natacha, essa, entregava-se tão completamente e com tanta sinceridade aos seus novos sentimentos que nem sequer procurava esconder que a alegria tomara nela o lugar da tristeza.

Depois da explicação que a princesa Maria tivera com Pedro, naquela noite, ao entrar no quarto. Natacha deteve-a no limiar da porta.

- Disse qualquer coisa, não disse? Disse qualquer coisa? - repetiu ela,

E havia nela uma alegria, ao mesmo tempo ligeiramente pesarosa, como se estivesse a pedir desculpa de se sentir tão alegre.

- Tive tentações de escutar à porta, mas tinha a certeza de que me dirias tudo.

Era sincera a maneira como a olhava e comovedora a emoção que a agitava, mas, apesar disso, a princesa Maria não deixou de principiar por se sentir ferida.

A lembrança do irmão e do amor que ele tivera por Natacha de novo lhe veio ao

espírito.

«Mas que havemos de fazer? Não pode ser de outra maneira», disse para si mesma.

E, com tristeza e certa severidade, repetiu a Natacha o que Pedro lhe dissera. Grande foi a surpresa de Natacha ao saber que ele ia partir para Petersburgo.

- Quê? Para Petersburgo? - repetia ela, como se não compreendesse-

Ao reparar porém na tristeza que se pintara no rosto da princesa Maria, percebeu porquê, e de súbito rompeu a chorar, - Maria - exclamou ela - indica-me o que devo fazer. Tenho medo de ser má. Tudo que disseres eu o farei orienta-me... Gostas dele?

- Gosto - disse Na tacha, em voz surda.

- Porque choras então? Sinto-me feliz por ti - continuou Maria, que, graças àquelas lágrimas, lhe perdoava inteiramente a alegria.

- Não será tão depressa. Pensa só que grande felicidade para nós quando eu for a mulher dele e tu a mulher de Nicolau.

- Natacha, peço-te, não falemos nisso. Falemos só de ti. Ficaram ambas caladas.

- Mas diz-me uma coisa: porque vai ele para Petersburgo? - voltou Natacha, de súbito. E como que respondendo a, si mesma: - Assim deve ser... Não é, Maria? Assim deve ser...

Epílogo

PRIMEIRA PARTE

Capítulo 1

Sete anos tinham passado. O agitado mar que submergira a Europa regressara às suas margens. Parecia ter sossegado, mas as forças que haviam impelido a humanidade, ocultas porque as leis a que obedecem nos não são conhecidas, continuavam a actuar. Embora tudo parecesse tranquilo à superfície das águas, a humanidade continua a estar submetida a um movimento ininterrupto, como o do tempo. Diversos agrupamentos humanos se combinaram, para em seguida se dissolverem, causas novas de formação e deslocação dos estados, de amálgamas de nações se preparam,

As vagas não se encaminham agora, como antes, de uma só vez, de uma margem à outra: a tempestade ruge nas profundezas. As personalidades históricas não são como outrora arrastadas pelas vagas de uma margem para a outra: parecem agora turbilhonar no mesmo sítio. Outrora presidiam, à frente das tropas, aos movimentos das massas, por meio de guerras, de campanhas, de batalhas; agora tomam parte nos surdos movimentos da tempestade por meio de combinações políticas e diplomáticas, de leis, de tratados...

Esta intervenção de certas personagens tem para os historiadores o nome de reacção.

As descrições que eles fazem da acção que, segundo eles, veio a provocar o que chamam a reacção, trasbordam de severas críticas. Toda a gente notável da época, de Alexandre e Napoleão a Madame de Staël, Fotius. Schelling, Fichte, Chateaubriand, etc., passaram diante deste severo tribunal, onde foram absolvidos ou condenados, consoante contribuíram para o progresso ou para a reacção.

Segundo eles, durante este período houve igualmente uma reacção na Rússia, cujo principal obreiro foi Alexandre I, esse mesmo Alexandre que, sempre na sua opinião, consideram o iniciador das medidas liberais do seu reinado e o salvador da Rússia.

Hoje, na Rússia, desde o mais humilde dos estudantes ao mais sábio dos historiadores, não há uma só pessoa que não atire pedras a Alexandre pelos erros por ele praticados nessa altura.

«Devia ter procedido desta e daquela maneira. Em tal circunstância procedeu bem, em tal outra procedeu mal. Comportou-se muitíssimo bem nos primeiros tempos do seu reinado e em 1812; mas procedeu mal concedendo uma constituição à Polónia, organizando a Santa Aliança, dando plenos poderes a Araktcheiev, encorajando Galitsine e

o misticismo e depois Chichkov e Fotius. Procedeu mal ocupando-se das questões internas do exército e deslocando o regimento Semionovski.»

Seriam precisas páginas e páginas para enumerar todos os reproches que lhe fazem os historiadores em nome do bem da humanidade, de que dispõem a sua talante.

Que significam estes reproches?

Os actos de Alexandre que eles aprovam, a saber: as tentativas liberais do seu reinado, a luta contra Napoleão, a sua firmeza em .1812, a campanha de 1813, não provém da mesma fonte - tradições de família, razões de educação, experiência constituinte da própria personalidade do imperador - que os que eles censuram, a saber: a Santa Aliança, a restauração da Polónia, a reacção dos anos 20.

Mas em que consistem em essência esses reproches? Consistem em dizer que uma personagem histórica como Alexandre, colocada no ponto mais alto do poder humano, no ponto onde converge, por assim dizer, a luz deslumbrante que vem de toda a parte, exposta, por isso mesmo, à mais poderosa das influências que se conhecem, a intriga, o ludibrio, a lisonja e o orgulho, inseparáveis do Poder; sentindo-se a todo o momento responsável por tudo o que estava a realizar-se na Europa; personagem, aliás, que nada tem de imaginária, mas que é viva, e bem viva, tão viva como qualquer de nós com os seus hábitos, as suas paixões, as suas inclinações para o bem, o belo e o verdadeiro; que uma tal personagem, há uns cinquenta anos atrás, não tenha sido, não dizem um prodígio de virtude, disso não a acusam, mas que não tenha tido sobre o bem da humanidade as mesmas ideias que actualmente qualquer professor dado à ciência desde a juventude, isto é, habituado a tomar notas, a frequentar cursos e a registá-los em seguida por escrito.

Mas se se supõe que Alexandre se enganou, há cinquenta anos, sobre o bem dos povos, somos levados a presumir que o historiador que hoje em dia emite tais juízos muito bem poderá, dentro de alguns anos, parecer errado igualmente no que hoje se julga ser o mesmo bem. Tal suposição é tanto mais natural e necessária que, se se acompanhar a evolução da história, ver-se-á que com cada novo autor muda o ponto de vista sobre o em que consiste esse bem da humanidade. De tal maneira que o que parecia ser bem passou a ser mal dez anos depois e reciprocamente. E, o que é mais, simultaneamente surgem opiniões contraditórias sobre o mesmo assunto. Há historiadores que consideram mérito de Alexandre a constituição da Polónia e a Santa Aliança, e há os que consideram esses mesmos actos motivos de reproche.

Quer se trate de Alexandre ou de Napoleão, não pode dizer-se que a sua acção foi útil ou nociva, uma vez que se não sabe em que ordem de coisas foi ela útil ou nociva Se os seus actos desagradam a este ou àquele é apenas porque vão de encontro à noção limitada

que este ou aquele têm do que é o bem. Se o bem para mim está no facto de a casa de meu pai não ter sido destruída em Moscovo em 1812 ou na glória dos exércitos russos, ou na prosperidade das Universidades de Petersburgo ou outras ou na liberdade da Polónia, no poder da Rússia, no equilíbrio europeu ou ainda numa civilização europeia de um género a que se dá o nome de progresso, devo confessar que, além destes escopos, esta ou aquela personagem histórica tinha outros, mais gerais, que eu não posso compreender.

Admitamos que a pretensa ciência tem o poder de reduzir todas as contradições e que dispõe para as personagens e os acontecimentos históricos de um modo infalível de medir o que é o bem e o que é o mal.

Suponhamos que Alexandre poderia proceder de maneira completamente diferente. Suponhamos que tinha podido, de acordo com as indicações dos que o acusam, dos que pretendem conhecer os objectivos finais da humanidade, que ele tinha podido cumprir o programa de interesse nacional, de liberdade, de igualdade e de progresso que os seus críticos actuais acham que devia ter realizado e, segundo eles. é o único válido.

Suponhamos que um tal programa era possível e prático e que Alexandre o pudera aplicar. Que teria acontecido à acção dos indivíduos que se opuseram às tendências do governo de então, essa acção que, segundo os historiadores, foi boa e útil? Nada do que fizeram teria sido realizado: toda a vida teria sido extinta.

Pretender-se que a vida dos homens seja sempre dirigida pela razão é destruir toda a possibilidade de vida.

Capítulo II

Se admitirmos, como os historiadores, que os grandes homens conduzem a humanidade para determinados objectivos - a grandeza da Rússia ou da França, o equilíbrio europeu, a expansão das ideias revolucionárias, o progresso geral ou qualquer outra coisa - então é impossível explicar os fenómenos históricos sem recorrer à intervenção do azar e do génio.

Se a finalidade das guerras do princípio do século foi a grandeza da Rússia, esta podia ter sido alcançada sem qualquer das guerras precedentes e sem a invasão, Se essa finalidade era a grandeza da França, tinha sido possível alcançá-la sem a Revolução e sem o Império. Se fosse a propagação de certas ideias, a imprensa tinha-a podido realizar muitíssimo melhor do que os soldados. Se era o progresso da civilização, ternos de concordar que há meios mais eficazes que a destruição das pessoas e das riquezas.

Porque se passaram então as coisas assim, e não de maneira diferente? Muito simplesmente porque foi assim que se passaram, «O azar estabeleceu determinada situação: o gemo tirou dela partido», dizem os historiadores. Mas que vem a ser o azar? Que é o génio?

Como estas palavras nada significam de realmente existente, não se podem definir. Apenas indicam uma certa maneira de compreender os fenómenos. Ignoro a causa de determinado acontecimento; reconheço que a não posso vir a conhecer, e por isso falo no azar. Vejo uma força que produz resultados que ultrapassam a craveira dos acontecimentos ordinários: não compreendo como as coisas se deram, e invoco o génio.

Num rebanho de carneiros, o carneiro que o pastor fecha todas as noites num cercado especial para que seja alimentado à parte e venha a ficar duas vezes mais nutrido do que os outros deve necessariamente parecer um génio. E pelo facto, precisamente, de este carneiro ter sido criado à parte, com uma alimentação especial, o ser vendido para o talho deve considerar-se uma circunstância genial ligada a toda uma série de circunstâncias extraordinárias.

Basta, porém, que os outros carneiros deixem de acreditar que o que acontece é apenas o resultado de se pretender realizar os objectivos próprios dos criadores de gado; basta-lhes admitir que os objectivos em vista podem ser-lhes ininteligíveis, para que eles

encarem a engorda de um dos seus pares um acontecimento com a sua unidade e o seu desenvolvimento lógico. Ignorando a razão desse acontecimento, saberão pelo menos que ele se não produziu de improviso e que não terão necessidade de recorrer nem ao azar nem ao génio.

Só quando renunciamos a conhecer a meta próxima e compreensível, e ao admitirmos que a meta final nos é inacessível, podemos ver encadeamento e lógica na vida das personagens históricas; descobriremos a razão da desproporção existente entre os seus tetos e, a capacidade comum a toda a gente e dispensaremos de uma vez para sempre tanto o azar como o génio.

Basta reconhecermos que, a razão das agitações dos povos europeus nos é desconhecida, que apenas conhecemos factos, primeiro as matanças em França, depois na Itália, em África, na Prússia, na Áustria, na Espanha, na Rússia, e que tudo isso não passa de uma deslocação do Ocidente para o Oriente, depois do Oriente para o Ocidente, para que não só renunciemos a admitir qualquer coisa de excepcional e de genial nos caracteres de Napoleão e de Alexandre, mas até para que não seja possível vermos neles homens diferentes dos outros. Não teremos mais necessidade de explicar por um feliz azar as mínimas circunstâncias que fizeram destes homens o que eles foram; tornar-se-nos-á evidente que essas circunstâncias eram necessárias.

Se renunciarmos a conhecer a meta final das coisas, compreenderemos que, da mesma maneira que uma planta não pode ler outra cor nem outras sementes, não podemos imaginar duas pessoas cujos actos correspondam melhor que os dos dois imperadores, numa tal escala e até nos mais pequenos pormenores, à missão que lhes foi atribuída.

Capítulo III

O facto essencial e fundamental dos acontecimentos do princípio do século XIX consiste numa deslocação em massa dos povos da Europa Ocidental para o Oriente, depois do Oriente para o Ocidente. Para que os povos do Ocidente tenham podido levar a marcha bélica até Moscovo foi necessário: 1º, que formassem um conjunto militar suficientemente poderoso para suportar o choque da massa dos guerreiros do Oriente; 2º, que renunciassem a todas as suas tradições e aos seus hábitos; 3º, que, para levar a bom termo o seu empreendimento, tivessem à sua frente um homem capaz de justificar aos seus próprios olhos e aos olhos deles as fraudes, os saques e as chacinas que o acompanharam.

O primeiro grupo, oriundo da Revolução Francesa, insuficientemente forte, dissolve-se depressa; ao mesmo tempo são destruídos os velhos hábitos e as tradições antigas; depois forma-se, pouco a pouco, um novo grupo e mais considerável, novas tradições se estabelecem e então prepara-se para desempenhar o seu papel o homem que irá colocar-se à frente do futuro movimento e chamar a si toda a responsabilidade dos acontecimentos que devem seguir-se.

Este homem, sem convicções, sem passado, sem tradições, sem nome, que nem sequer é francês, graças a um concurso de circunstâncias, insinua-se entre os partidos que agitam então a França e sem fazer parte de nenhum deles vem a ser guindado a uma alta esfera.

A grosseria dos seus companheiros, a fraqueza e a nulidade dos seus adversários, o cinismo na mentira, a mediocridade brilhante e vaidosa desse homem, levam-no ao comando do exército. O ar espaventoso das tropas de Itália, a nula vontade de se baterem que tinham os seus rivais, a sua audácia e a sua vaidade pueril asseguram-lhe a glória das armas. Uma série de circunstâncias felizes acompanha-o por todos os lados. O afastamento em que os dirigentes o mantêm é-lhe útil. As tentativas que faz para mudar de rota não frutificam: recusam aceitar os seus serviços na Rússia, falha igualmente na Turquia. Durante a guerra de Itália, por várias vezes, vê-se a dois passos da perdição e sempre qualquer circunstância imprevista o livra de apuros. Os exércitos russos, precisamente os que lhe podiam ofuscar a glória, mercê de várias combinações diplomáticas, não põem o pé na Europa enquanto ele ali se mantém.

No seu regresso de Itália encontra o governo de Paris num tal estado de decomposição que aqueles que dele fazem parte têm fatalmente de se apagar e desaparecer. E espontaneamente se lhe apresenta a maneira de sair de uma situação perigosa: a expedição à África, absurda e sem qualquer razão de ser. E os mesmos felizes acasos o acompanham. Malta, considerada inexpugnável, rende-se sem um tiro. Os actos mais imprudentes são coroados de êxito. A armada inimiga, que pouco depois não deixará passar um único barco, deixa as águas livres a uma esquadra inteira. Em África comete-se toda uma série de abominações sobre uma população quase desarmada. E os homens que cometem esses crimes, e sobretudo o seu chefe, estão persuadidos de que tudo isso é heróico, que estão a cobrir-se de glória e que os seus empreendimentos são dignos de rivalizar com os de César e de Alexandre da Macedónia.

Este ideal de glória e de grandeza que consiste não só em não recuar perante seja que crime for, mas em vangloriar-se disso mesmo, atribuindo aos crimes uma espécie de valor sobrenatural, esse ideal que, de então para o futuro, será o escopo desse homem e dos seus acólitos, elabora-se plenamente em África. Tudo o que faz o faz com êxito. A peste não o contagia. As cruéis chacinas de prisioneiros não lhe são imputadas como crime. A sua partida de África, de uma imprudência infantil, que nada justifica, acto de flagrante ingratidão para com os seus companheiros em desgraça, é considerada um mérito, e pela segunda vez a armada inimiga o deixa fugir. É então que, aturdido pelos crimes praticados e que lhe deram sorte, pronto a desempenhar o seu papel, mas ainda sem objectivo, chega a Paris. A decomposição do governo republicano, que um ano antes o teria podido perder, atingiu o mais alto grau, e a presença desse homem novo, alheio aos partidos, só pode concorrei- para a sua salvação,

Não tem qualquer plano. Tem medo de tudo, mas os partidos agarram-se a ele e pedem-lhe auxílio.

Com o ideal de glória e de grandeza que forjou na Itália e no Egipto, com a louca admiração de si próprio, com a audácia revelada para o crime, com o cinismo que pratica na mentira, só ele é capaz de justificar os acontecimentos que vão seguir-se.

É o homem necessário para o lugar que o espera e é por isso que, independentemente da sua vontade, apesar da sua irresolução, da sua falta de planos, de todos os erros que comete, é arrastado a uma conspiração para tomar conta do Poder e essa conspiração é coroada de êxito.

Introduzem-no à força numa reunião do Directório. Assustado, quer fugir, julgando-se perdido. Finge uma síncope. Diz coisas insensatas, que lhe poderiam ter sido fatais, Mas os membros do Directório, até então altivos e prudentes, ao perceberem que

desempenharam o seu papel, ainda se mostram mais perturbados do que ele próprio, e dizem exactamente o contrário do que deviam para manterem o Poder e aniquilar o adversário.

Um azar, milhões de azares concedem-lhe o Poder e todos os homens parecem combinados para lhe consolidar a autoridade. É, o azar que leva os governantes da França de então a inclinarem-se diante dele é o azar que determina Paulo I a reconhecê-lo; é, o azar que contra ele trama uma conspiração, a qual, em vez de lhe abalar o Poder, o consolida. É o azar que põe a mercê dele o duque de Enghien e o compele, inopinadamente, a mandá-lo assassinar, demonstrando à populaça, desta sorte - meio mais poderoso que nenhum outro -, que o direito lhe pertence, visto que dispõe da força. É o azar que o faz reunir todos os recursos de que dispõe para levar a cabo uma expedição contra a Inglaterra, empreendimento que evidentemente lhe poderia ser fatal, mas a expedição não se realiza, caindo, de súbito, sobre Mack e os Austríacos, que se rendem sem combate. É o azar, secundado pelo génio, que lhe concede a vitória em Austerlitz e é ainda graças ao azar que não só a França, mas todas as nações da Europa, com excepção da Inglaterra, a qual não tomará parte nos acontecimentos subsequentes, que todos os povos, apesar do horror e da aversão que os crimes deste homem lhes inspiram, e conhecem o seu poder, o título que a si próprio se atribuiu e o seu ideal de grandeza e de glória, que todos acham magnífico e sensato.

Como para se exercitarem e prepararem para se porem em movimento, as forças do Ocidente, por várias vezes, em 1805, 1806, 1807, 1809, dirigem-se para o Oriente, cada vez mais poderosas e mais numerosas. Em 1811, o grupo de homens que se formou em França une-se, numa massa considerável, com os povos do Centro da Europa, A medida que esta massa de homens vai crescendo, maiores as razões de se justificar assistem àquele que as comanda. Durante os dez anos de preparação deste grande movimento estabelece entendimentos com todos os monarcas da Europa. Os poderosos deste mundo, despojados de toda a autoridade, para opor a este ideal de glória e de grandeza encarnado num Napoleão, e desprovido de todo o bom senso, não dispõem de qualquer outro ideal razoável. Um por um se dão pressa de mostrar-lhe a sua insignificâ1cia. O rei da Prússia manda a própria mulher solicitar as boas graças do grande homem: o imperador da Áustria considera alta mercê o facto de ele se dignar receber no seu leito a filha dos Césares: o Papa, guardião do sagrado tesouro espiritual dos povos, põe a religião ao serviço da glorificação deste homem. Não é Napoleão quem se prepara para desempenhar o seu papel mas são aqueles que o rodeiam quem o compele a aceitar a responsabilidade dos acontecimentos presentes e futuros. Não era acto, crime, desonestidade, cometido por ele

que se não transforme imediatamente em grande façanha na boca dos que o rodeiam. Os Alemães, para o lisonjear, nada têm de melhor que celebrarem as vitórias de Iena e de Auerstedt,. Não é só nele que reside a grandeza, mas nos antepassados, nos irmãos, nos sobrinhos, nos cunhados. Tudo para o despojar dos últimos lampejos da razão, preparando-o para o seu terrível papel. E quando chega o momento de estar preparado tudo à sua volta está preparado também.

A invasão avança para o Oriente, atinge o seu objectivo final: Moscovo. A capital é tomada. O exército russo encontra-se num estado de aniquilamento tal como nenhum outro exército o esteve nas precedentes guerras, de Austerlitz a Wagram. E de súbito, em vez destes golpes do génio e do azar que de maneira tão persistente o conduziram, graças a uma cadeia ininterrupta de êxitos, ao objectivo previsto, surge uma série inumerável de azares contrários, desde a constipação de Borodino até ao gelo e à centelha que incendiou Moscovo, e o génio é substituído por rasgos de estupidez e de vilania sem precedentes.

A invasão precipita-se, põe-se em fuga de novo e tudo desde ai passa a ser, constantemente, não a seu favor, mas contra ele. Produz-se um movimento em sentido inverso, do Oriente para o Ocidente, em tudo parecido com o anterior, do Ocidente para o Oriente.

As mesmas tentativas prévias como em 1805, 1807, 1809, antes da marcha geral; a mesma aglutinação dos diversos elementos para se formar a massa colossal: a mesma adesão dos povos do centro da Europa: a mesma hesitação a meio do caminho e a mesma multiplicação da velocidade à medida que se aproxima da meta.

Paris, o objectivo último, é atingida. O governo imperial e o exército são destruídos. Napoleão já não tem razão de ser: todos os seus actos de então para cá são lamentáveis e repugnantes. Mas eis que um acaso inexplicável se produz. Os aliados odeiam esse homem, a quem atribuem todas as suas infelicidades. Despojado da sua força e do seu poderio, convicto de crimes e de perfídias, deveria ter-lhes surgido diante dos olhos como lhes aparecera dez anos antes: um verdadeiro bandido à margem da lei. Graças, porém, a uma estranha circunstância, ninguém o viu nesse aspecto. Ainda não estava terminado o seu papel. Este homem, este bandido fora da lei, é enviado para uma ilha, apenas a dois dias de jornada da França, cuja jurisdição lhe é entregue, com um corpo de guarda próprio e milhões que lhe pagam não se sabe porquê.

Capítulo IV

O fluxo da maré dos povos principia a recolher-se aos limites das suas margens. As vagas refluem e sobre o apaziguado mar flutuam os diplomatas, convencidos de que esse apaziguamento é obra sua.

Mas, de súbito, o mar agita-se de novo. Os diplomatas persuadem-se de que são eles e que é o desacordo que lavra entre si que constitui a causa deste novo afluxo de violências: aguardam a guerra entre os soberanos; a situação afigura-se-lhes insolúvel. No entanto, a maré, o refluxo que eles esperam, não surge do lado donde supunham que viria, A mesma vaga se levanta do mesmo ponto de partida, de Paris. Produz-se então o último movimento vindo do Ocidente, agitação nova que deve resolver as dificuldades diplomáticas, que parecem insolúveis, e pôr fim aos movimentos bélicos desse período-

O homem que arrasou a França volta só, sem conspiração prévia, sem soldados. Qualquer sentinela o podia, ter prendido, mas, por estranho azar, não só ninguém lhe deita a mão como todos acolhem, entusiasmados, o homem a quem na véspera maldiziam e a quem irão amaldiçoar um mês depois.

Este homem era, necessário ainda para justificar o último acto. O último acto terminou.

Depois de representar o seu papel, o actor recebe ordem para despir as roupas de cena e para se despojar dos adereços: ninguém já precisa dele. Alguns anos decorrem ainda em que ele, na solidão da sua ilha, continua a representar para si próprio uma miserável comédia, intrigando e mentindo, para justificar os seus actos, quando essa justificação é inútil e prova ao mundo inteiro o que em verdade era o que todos supunham ser a força numa época em que uma mão invisível a guiava.

Uma vez terminado o drama e despojado o actor das suas roupas de cena, o encenador apontava para ele:

- Aqui tendes aquele em quem acreditastes! Ei-lo! Vede agora como não era ele, mas eu quem o conduzia.

Cegos pela violência do impulso recebido, os povos levaram tempo a perceber.

Sequência e fatalidade maiores ainda se encontram na vida de Alexandre I, ele que se achou à frente do movimento em sentido inverso, o do Oriente para o Ocidente.

Que era preciso ao homem que, eclipsando todos os demais, se encontrava a dirigir esse movimento?

Sentimento da justiça, visão geral dos interesses europeus não obscurecidos por mesquinhas considerações. Ascendente moral superior sobre os demais soberanos da época. Qualidades pessoais de doçura e sedução. Ter sido pessoalmente ofendido por Bonaparte. E tudo isso se associou em Alexandre I. Tudo isso fora preparado pelos numerosos azares que tinham semeado a sua vida passada: a educação, as tendências liberais, os conselheiros que o rodeavam, Austerlitz, Tilsitt, Erfurth.

Durante a guerra patriótica, a sua personalidade apaga-se, pois não é necessária. Mas, logo que surge a necessidade de uma guerra europeia geral, ei-lo que aparece no seu lugar no momento dado; e, promovendo a união de todos os povos, condu-los ao fim em vista.

O objectivo é finalmente atingido. Depois da última guerra de 1815 encontra-se com poderes como homem algum ainda tivera. Como usou deles?

Alexandre, o pacificador da Europa, esse homem que desde a sua mais tenra juventude só pensou na felicidade dos seus povos, esse homem que foi o primeiro iniciador das reformas liberais na sua pátria, agora que, ao que parecia, dispunha do mais lato poder, e por conseguinte dos meios de realizar a felicidade com que sonhara, ao mesmo tempo que Napoleão, no exílio, se entrega a planos mentirosos e pueris, destinados, segundo ele, a promover a felicidade da humanidade, caso lhe voltassem a conceder os poderes de que desfrutara, Alexandre, que cumprira a sua missão e se sente nas mãos de Deus, reconhece, de súbito, a inanidade de todo esse falso poder, retira-se, confia o Poder a homens a quem despreza e contenta-se em murmurar:

- Não é por nós, não é por nós, mas por Ti, Eterno! Sou um homem como qualquer outro; deixem-me viver como um simples mortal e pensar na minha alma e em Deus!

Assim como o Sol e cada átomo do éter constituem esferas perfeitas em si, nada mais que átomos do todo imenso, cuja imensidade é inacessível ao homem, cada indivíduo transporta consigo os seus próprios fins ao mesmo tempo que serve fins comuns incompreensíveis à humanidade.

A abelha pousada numa flor picou uma criança. Esta tem medo das abelhas e diz que esses insectos só servem para picar os homens. O poeta, por sua vez, admira a abelha que esvoaça na corola das flores e afirma que o seu papel consiste em extrair o néctar das plantas. O apicultor, notando que as abelhas recolhem o pólen e o transportam para as colmeias, conclui que o papel delas é recolher o mel. E aqueloutro que estudou de perto a vida do enxame mantém que a abelha recolhe o pólen para sustento das abelhas jovens e a criação da rainha e que o seu papel, por conseguinte, é o da conservação da espécie. O

botânico observa que a abelha, transportando o pólen da planta dióica para o órgão feminino, o fecunda, e nesta fecundação vê ele o papel do insecto. Outro, ao estudar as variações das plantas, descobre que a abelha contribui para essa variação e julga-se no direito de concluir que foi criada para desempenhar tal papel. Na realidade, nenhuma das observações que o espírito humano está em condições de fazer atende ao objectivo derradeiro da abelha, Quanto mais a inteligência procura erguer-se à compreensão das razões últimas, tanto mais evidente se lhe torna que essas razões lhe são inacessíveis.

O homem apenas pode atingir a correlação existente entre a vida da abelha e os demais fenómenos vitais. E o mesmo acontece com a penetração das razões últimas dos factos históricos relativos aos indivíduos e aos povos.

Capítulo V

O casamento de Natacha e Bezukov, que se realizou em 1813, foi o último acontecimento feliz da velha família Rostov, Nesse mesmo ano morria o conde Ilia Andreitch e, como sempre acontece em tais circunstâncias, o desaparecimento do chefe provocou a dissolução de toda a família.

Os acontecimentos do ano anterior, o incêndio de Moscovo, a fuga da família, o falecimento do príncipe André, o desespero de Natacha, a morte de Pétia, a grande dor da condessa, todas estas coisas, umas atrás das outras, tinham prostrado o velho conde, Parecia não atingir ou não ter forças para compreender a gravidade de todas estas desgraças, e, vergando a cabeça, branca diante da crueldade do destino, dir-se-ia aguardar e desejar mesmo que novas catástrofes pusessem termo aos seus dias, Ora parecia esmagado e abatido ora tomado de uma agitação e de uma actividade sem sentido.

O casamento de Natacha entreteve-o, temporariamente enquanto se ocupava dos seus preparativos solenes. Organizou jantares e ceias e fez tudo para se mostrar alegre, mas a sua alegria não era como a de outrora, comunicativa: naqueles que o conheciam e estimavam causava um efeito penoso.

Depois da partida dos noivos, recaiu na sua modorra e principiou a queixar-se de tédio. Alguns dias mais tarde caiu doente e recolheu à cama, Desde o princípio da doença, e apesar do que diziam os médicos, convenceu-se de que não tornaria- a levantar-se. A condessa passou quinze dias sentada à sua cabeceira, sem se despir. Cada vez que lhe apresentava os remédios, o conde beijava-lhe a mão em silêncio e soluçava. Horas antes da sua morte, pediu perdão à mulher, de lágrimas nos olhos, e mentalmente ao filho por haver dilapidado os seus bens, o maior pecado de que se acusava. Depois de ter comungado e recebido a extrema-unção, morreu tranquilamente. No dia seguinte a residência dos Rostov estava cheia de amigos que vinham prestar as últimas homenagens ao defunto. Muitas vezes tinham jantado e dançado em sua casa, não poucas vezes haviam zombado dele, mas, comovidos e unânimes em reconhecer quão injustos haviam sido, diziam, como para se desculpar: «Sim, apesar de tudo, era boa pessoa. Já não há hoje homens assim... E, depois, fraquezas toda a gente as tem...»

Ocorreu a morte inesperada do conde precisamente na altura em que os seus

negócios estavam tão embrulhados que ninguém podia dizer o que teria acontecido se a situação se mantivesse por um ano mais.

Nicolau encontrava-se em Paris com o exército russo quando soube da morte do pai. Pediu imediatamente para passar à reserva, e, sem mesmo aguardar esse facto, solicitou uma licença e partiu para Moscovo. O estado das finanças familiares tornou-se conhecido um mês depois da morte do conde e grande foi a surpresa de toda a gente perante a imensidade do total que atingiram as dívidas de que ninguém sabia a existência. O passivo elevava-se ao dobro dos bens existentes.

Os parentes e os amigos aconselharam Nicolau a renunciar à herança. Este entendia, porém, que semelhante procedimento, seria como uma censura à sagrada memória do pai, e recusou-se a fazer o que lhe aconselhavam, aceitando a herança com o encargo de pagar as dívidas.

Os credores, que se haviam mantido calados enquanto o (,onde vivera, coibidos pelo sentimento de simpatia que lhes inspirava a sua generosidade, decidiram todos fazer valer os seus direitos. Todos queriam ser os primeiros a receber, como sempre acontece, e os que tinham em seu poder letras de crédito, como Mitenka e outros, foram os mais exigentes. Nicolau não tinha descanso e os que se haviam mostrado condescendentes com o velho conde, responsável pelos seus prejuízos, se porventura prejuízos tinham, não mostravam agora para com o jovem herdeiro a mais ligeira benevolência, embora ele não tivesse culpa do que acontecera e apenas houvesse aceitado espontaneamente o encargo de os indemnizar.

Nenhuma das combinações propostas por Nicolau veio a ser aceite. As propriedades foram vendidas em hasta pública por preço irrisório e ainda ficou por pagar metade das dívidas. Nicolau aceitou os trinta mil rublos que lhe ofereceu o cunhado Bezulcov para satisfazer as dividas de dinheiro. E para pagar as demais e evitar a cadeia com que os credores o ameaçavam arranjou um emprego.

Tornar a vestir a farda, retomando o seu lugar no exército, onde, na primeira vaga, seria nomeado comandante de regimento, era coisa em que não podia pensar, pois agora a mãe agarrava-se a ele como a uma tábua de salvação.

Eis porque, apesar da pouca vontade de permanecer em Moscovo, entre as pessoas que o tinham conhecido nos velhos tempos, aceitou um emprego na administração civil, e, despindo a farda que tanto estimava, instalou-se com a mãe e Sónia num andarzinho de Sivtsev-Vrajek.

Natacha e Pedro viviam então em Petersburgo, sem suspeitarem da situação de Nicolau. Depois do dinheiro que aceitara emprestado do cunhado, fez o possível para lhe

ocultar a indigência em que vivia. As suas dificuldades eram tanto maiores quanto era certo que, com os mil e duzentos rublos dos seus honorários, não só tinha de manter Sónia, a mãe e a si próprio, mas guardar uma aparência que não deixasse a condessa suspeitar do estado de pobreza a que tinham chegado. A velha condessa não compreendia a vida sem os hábitos de luxo a que estava afeita desde a infância, e a cada momento, ignorando o mal que fazia ao filho, estava a reclamar ora a carruagem, que não tinham, para visitar qualquer amiga, ora uma iguaria cara para si, ora vinhos finos para o filho ou dinheiro para uma surpresa a Natacha, a Sónia ou ao próprio Nicolau.

Sónia governava a casa, cuidava da tia, lia-lhe em voz alta, aturava os seus caprichos e a sua secreta inimizade e ajudava Nicolau a esconder da velha senhora a situação em que se encontravam. Nicolau sentia ter contraído uma dívida para com Sónia, que de maneira nenhuma poderia pagar, por tudo que ela fizera pela mãe, e, apesar de deslumbrado com a sua paciência e a sua dedicação, evitava, no entanto, manter com ela qualquer intimidade.

Era como se no seu foro íntimo a censurasse por ser tão perfeita e em tudo irrepreensível. Sónia dispunha de tudo que mais estimado é pelo mundo; mas pouco tinha daquilo que é preciso para uma mulher ser amada. E Nicolau compreendia que quanto mais apreciava a dedicação dela menos seria capaz de a amar. Tomara à letra a carta em que ela lhe restituíra a liberdade e agora a atitude que mantinha para com Sónia era a de quem quer frisar que o que entre eles ocorrera pertencia ao passado e não podia repetir-se.

A situação financeira de Nicolau ia de mal a pior. A ideia que alimentara de poder vir a entesourar algum dinheiro dos seus honorários não passara de sonho. Não só não pôde economizar, mas viu-se obrigado, dentro de pouco, para ocorrer às exigências da mãe, a contrair pequenas dívidas. Não via maneira de evitar aquele beco sem saída. Repugnava-lhe a ideia de desposar uma herdeira rica, como lhe aconselhavam alguns dos seus parentes. A outra solução, a morte da mãe, era coisa em que não queria pensar. Nada desejava, não contava com coisa alguma e no fundo do seu coração sentia uma espécie de sombrio e amargo refrigério na aceitação resignada do seu destino. Procurava evitar os antigos conhecimentos, que lhe prodigalizavam consolações ao mesmo tempo que lhe faziam ofertas humilhantes: fugia de distracções e divertimentos; em casa a sua única ocupação era fazer paciências com a mãe, andar no quarto para trás e para diante sem dizer palavra e fumar cachimbo sobre cachimbo. Dir-se-ia querer preservar ciosamente aquela triste disposição de espírito, a única coisa que o ajudava a suportar a penosa situação em que vivia.

Capítulo VI

No princípio do Inverno, a princesa Maria chegou a Moscovo. A maledicência da cidade logo a pôs ao corrente da triste situação dos Rostov: «O filho estava a sacrificar-se pela mãe», eis o que se dizia.

«Era o que eu esperava», dizia ela de si para consigo, sentindo com alegria que aquilo só podia fortalecer o seu amor por Nicolau. Em virtude das suas relações amistosas e quase familiares com todos os Rostov, tratou de os visitar. No entanto alguma inquietação sentia ao lembrar-se do que se passara em Voroneje entre ela e Nicolau. Fazendo um grande esforço sobre si mesma, decorridas que foram algumas semanas, decidiu, apesar de tudo, levar a cabo essa visita.

Foi Nicolau quem a veio receber em primeiro lugar, pois, para atingir os aposentos da condessa, era preciso atravessar o seu quarto. Ao vê-la, em vez de se mostrar contente, como Maria esperava, assumiu um ar frio, seco e altivo que ela lhe desconhecia. Inquiriu da sua saúde, conduziu-a junto da mãe e desapareceu após alguns minutos de conversa.

Quando Maria saiu dos aposentos da condessa, Nicolau, com ares cerimoniosos e ostensiva reserva, acompanhou-a até ao vestíbulo. Não respondeu palavra às perguntas que ela lhe fez sobre a saúde da condessa. «Isso que lhe importa? Deixe-me em paz», parecia ler-se-lhe nos olhos.

- E que vem ela fazer aqui? De que precisa? Não posso aturar estas damas e as suas amabilidades! - exclamou, em voz alta, sem poder dominar-se, quando a carruagem da princesa se afastou.

- Ah! Parece impossível falares assim, Nicolau - replicou Sónia, dissimulando a custo a alegria que sentia. - É tão boa rapariga e a mãe gosta tanto dela!

Nicolau não respondeu e teria desejado não voltar a falar desta visita. Mas a velha condessa a cada passo lha recordava, Elogiava Maria, teimava com o filho para que lhe fosse pagar a visita, manifestava desejos de a ver mais vezes, e, no entanto, sempre que falava dela, estava mal disposta. E Nicolau procurava calar-se de propósito quando ela abordava o assunto e o silêncio do filho exasperava a mãe.

- É uma rapariga muito digna e encantadora - dizia-lhe a condessa- É preciso que a vás visitar. Será para ti pelo menos uma distracção; muito te deves aborrecer connosco.

- Não penso nisso, mãe.

- Antigamente procuravas vê-la e agora dizes que não pensas nisso. Realmente não te compreendo, meu filho. Aborreces-te e depois, de repente, preferes não ver ninguém.

- Nunca disse que me aborrecia.

- Quê? Acabas de dizer-me que a não queres ver. Mas ela é uma menina muito digna e que sempre te agradou, e agora dizes o que te vem à cabeça só para a não visitares. Escondem-me seja o que for.

- Nada lhe escondemos, mãe.

- Ainda se eu te estivesse a pedir qualquer coisa desagradável, mas não, apenas te peço que faças uma visita. Parece-me um dever de cortesia... Sim, pedi-te, mas não volto a falar-te nisso, visto que tens segredos para tua mãe.

- Está bem, irei, já que assim, o quer.

- Por mim, tanto se me dá. É por ti que o desejo.

Nicolau suspirou, mordeu o bigode, e principiou uma paciência, procurando distrair a atenção da mãe.

No dia seguinte e nos dias que se lhe seguiram deu-se a mesma cena.

Depois da visita aos Rostov e após o acolhimento frio e inesperado que Nicolau lhe fizera, a princesa Maria teve de reconhecer que lhe não competia tornar a visitá-los.

«Não esperava outra coisa», dizia para si mesma, ferida no seu amor-próprio. «Nada tenho de comum com ele e apenas desejava ver aquela pobre velha que sempre foi boa para mim e a quem muito devo.»

No entanto estas reflexões não bastavam para sossegá-la. Estava arrependidíssima de ter dado aquele passo. Embora tivesse tornado a firme resolução de não mais voltar a pôr os pés naquela casa e de esquecer tudo o que se passara, o certo é que se sentia sempre numa posição falsa. E quando a si própria perguntava o que a atormentava tanto tinha de reconhecer serem as suas relações com Rostov. Sentia perfeitamente que não podiam ser os sentimentos íntimos que ele nutria por ela que lhe haviam ditado ,aquele tom friamente cortês e para si mesma dizia que esse tom escondia fosse o que fosse... Tinha de esclarecer por qualquer preço aquele ponto e compreendia que sem isso lhe não seria possível recuperar a paz de espírito.

Certo dia, em pleno Inverno, encontrava-se ela na sala de estudo do sobrinho, auxiliando-o nos seus deveres, quando lhe vieram anunciar a chegada de Nicolau Rostov. Na firme resolução de não trair o seu segredo e de não deixar transparecer a sua perturbação, mandou chamar Mademoiselle Bourienne para que ela a acompanhasse ao salão. Assim que olhou para Nicolau compreendeu que ele viera apenas pagar uma dívida

de cortesia, e a si mesma jurou não abandonar o tom reservado que ele próprio usava para com ela.

Falaram da saúde da condessa, dos seus amigos comuns, das ultimas notícias sobre a guerra e, assim que decorreram os dez minutos impostos pelas conveniências sociais, Nicolau ergueu-se, pedindo licença para se retirar.

Com a ajuda de Mademoiselle Bourienne, a princesa pudera manter muitíssimo bem a conversa travada, mas no ultimo instante, quando Nicolau se levantou, sentiu-se tão cansada de falar de coisas que de maneira nenhuma lhe interessavam, pesou-lhe tanto a ideia de que nunca tivera por assim dizer alegrias na vida, que, abandonando-se aos seus pensamentos, os olhos muito brilhantes fitos diante de si, assim ficou, imóvel, sem reparar mesmo em que ele se erguera para sair.

Nicolau pousou nela o olhar e, para fingir que não dera pela distracção da princesa, dirigiu algumas palavras a Mademoiselle Bourienne, continuando a olhar para Maria. A princesa permanecia imóvel e no seu delicado rosto pintava-se um' profundo sofrimento. Então uma grande piedade se apoderou repentinamente dele e confusamente sentiu ser talvez a causa da dor que se pintava nos seus traços. Desejou ampará-la, dizer fosse o que fosse de amável, mas nada lhe ocorreu.

- Adeus, princesa - articulou.

Como se tivesse despertado, a princesa, muito corada, suspirou.

- Ah, queira perdoar-me! - exclamou ela. - Vai-se já embora, conde? Bem, adeus! E a almofada para a condessa?

- Espere, eu vou buscá-la - acorreu Mademoiselle Bourienne, saindo da sala.

A princesa e Nicolau ficaram diante um do outro, calados, olhando-se de vez em quando.

- É verdade, princesa - disse, por fim. Nicolau, com um sorriso triste. - Parece que foi ontem, mas o tempo que lá vai desde o dia em que nos vimos pela primeira vez em Bogutcharovo! Que infelizes nos sentíamos então e no entanto que não daria eu para voltar atrás... mas o passado não volta.

A princesa, enquanto ele falava, pousava nele os olhos cintilantes, Parecia querer perscrutar o significado oculto das suas palavras para compreender os sentimentos que ele sentia por ela.

- É verdade, sim - assentiu. - Mas não tem que deplorar o passado, conde. E pelo que sei da sua vida actual, alguma coisa de muito terno ficará para sempre em si, pois a abnegação que tem mostrado...

- Não quero os seus elogios - atalhou ele, interrompendo-a com vivacidade - Muito

pelo contrário, passo a vida a acusar-me... Mas não vale a pena falar nisso, é um assunto bastante triste e pouco interessante.

E de novo o seu olhar assumiu a expressão fria e seca que tivera antes. A princesa, porém, vira nele o homem a quem conhecera e amara e era com esse mesmo homem que estava falando.

- Pensei que me permitiria que lhe falasse assim - disse ela. - Havia tanta intimidade... consigo e com a sua família, que julguei não ser indiscreta a simpatia que lhe mostrasse. Mas enganei-me - acrescentou com tremor na voz.- Não sei por- quê - continuou ela, com mais firmeza- antigamente era outro e eu...

- Há muitas razões para isso - replicou ele sublinhando as últimas palavras. - Muito obrigado, princesa. - Às vezes acontecem tantas coisas... - acrescentou em voz baixa.

«É isso então? É isso então!», disse a princesa consigo mesma, ouvindo uma voz secreta que lhe falava. «Ah!, o que eu amava nele não era apenas este olhar alegre, franco e bom, não era só o seu aspecto exterior que me agradava; adivinhava nele uma alma nobre e íntegra, cheia de abnegação. Agora está pobre e eu sou rica... É isso... Sim, se não fosse isso...» E recordando-se da carinhosa simpatia que ele lhe testemunhara outrora, ao ver o seu rosto bom e triste, compreendeu, de súbito, a razão da sua frieza.

- Porquê, conde, porquê? - quase gritou, de repente, aproximando-se dele involuntariamente. - Porquê? Diga-me. Tem de me dizer. - E porque ele se calasse, ela prosseguiu: - Não sei que razões são as suas, conde. Mas sofro... confesso-lhe. Não me retire a sua boa amizade de outrora. Ser-me-ia tão penoso! - E ao dizer isto tinha lágrimas na voz.- Tenho tido tão poucos momentos felizes na vida, que tudo que perco me é penoso... Perdoe-me, adeus! - E, rompendo em soluços, deu alguns passos para a porta.

- Princesa! Por amor de Deus! Um instante! - exclamou ele, tentando retê-la. - Princesa!

A princesa voltou-se. Olharam-se por momentos de olhos nos olhos em silêncio e o passado longínquo e impossível tornou-se, de súbito, qualquer coisa de próximo, de possível e de certo.

Capítulo VII

No Outono de 1813, Nicolau desposou a princesa Maria e veio instalar-se com a mulher, a condessa Rostov e Sónia em Lissia Gori.

Em quatro anos, sem tocar nos bens da mulher, conseguiu pagar o resto das dívidas e reembolsar, mesmo. Pedro, graças à pequena herança que recebera de uma prima.

Três anos mais tarde, em 1820, tão bem gerira as suas terras que pôde comprar uma pequena propriedade nas vizinhanças de Lissia Gori e encetara negociações para recuperar Otradrioie, seu sonho favorito.

Tendo começado por se ocupar das suas coisas apenas por necessidade, de tal modo se apaixonou pela exploração agrícola que dela fez por assim dizer sua única ocupação. Tornou-se proprietário de hábitos muito simples. Não apreciava as inovações, principalmente inglesas, então na moda, troçava dos tratados de agricultura, não gostava dos produtos manufacturados, dos produtos caros, das sementes de trigo seleccionadas e em geral não se dedicava a qualquer cultura especial. Tinha sempre em vista a propriedade inteira, na sua totalidade, e não uma das suas partes. Para ele o que importava não era o azoto e o oxigénio que se encontram no solo e no ar nem a charrua ou o adubo especial, mas sim o instrumento que põe em acção ao mesmo tempo o azoto, o oxigénio, o adubo e a charrua, isto é, o trabalhador, o camponês. Desde que meteu ombros aos trabalhos agrícolas e lhes pode estudar todos os aspectos, o principal objecto das suas preocupações foi o trabalhador. Não era este, para ele, um instrumento, senão um fim em si mesmo e um verdadeiro Juiz. Tratou, em primeiro lugar, de lhe compreender as necessidades, tentando saber o que para ele era bom e o que era mau. Fingindo tomar decisões e dar ordens, aprendia com ele, estudando os seus métodos, ouvindo o que dizia e o que aconselhava a respeito do que devia ou não fazer-se. E só no dia em que compreendeu os gostos e os desejos dos camponeses, no dia em que aprendeu a falar com eles e atingiu o sentido oculto das suas palavras, no dia em que se sentiu no meio deles como no seio de uma verdadeira família, se votou, ardorosamente, a dirigi-los, isto é, a prestar-lhes os serviços que estava no direito de exigir E o certo e que a administração de Nicolau deu os mais brilhantes resultados.

Assim que chamou a si a administração das terras, nomeou, sem se equivocar, por

uma espécie de intuição, para as funções de administrador, de estaroste e de delegado aqueles indivíduos que os próprios mujiques teriam escolhido se a eles competisse esse direito; nunca tinha necessidade de os substituir. Antes de analisar as qualidades químicas do adubo, antes de se entregar cálculos do «deve e haver», como costumava dizer por brincadeira, queria saber o número de cabeças de gado de que dispunham os seus mujiques, fazendo o possível para que eles tivessem mais. Conservava as famílias numerosas, não consentindo que elas se pulverizassem. Perseguia, e, expulsava-os até, em caso de necessidade, os preguiçosos, os depravados e os que torciam o nariz ao trabalho.

Durante as sementeiras, as mondas e as colheitas vigiava com iguais cuidados as suas culturas e as elos seus camponeses. E poucos proprietários tinham as suas terras tão bem tratadas fecundas como as dos seus homens.

Não gostava de tratar com os *dvoroviii:* chamava-os «parasitas» e, segundo se dizia, dava-lhes demasiada liberdade, estragando-os muitas vezes. Quando se via obrigado a proceder contra qualquer deles, sobretudo quando se tratava de castigar algum, era grande o seu embaraço e pedia conselho a toda a gente em casa, mas não hesitava em oferecer para soldado qualquer dvorovii *(servos domésticos. (N. dos T.)* em lugar de um mujique. Em relação a estes nunca mostrava hesitação nas medidas a tomar. De antemão sabia que iria ser aprovado por todos, quer se tratasse de um ou mais indivíduos.

Não se permitia sobrecarregar de trabalho ou castigar qualquer camponês a seu bel-prazer, nem tão-pouco recompensá-lo para sua satisfação pessoal. Não lhe seria fácil dizer em que código se baseava para fazer isto ou não fazer aquilo, mas o certo é que tinha a lei gravada no fundo da alma, firme e inalterável.

Por vezes, perante um fracasso ou uma desordem, falava com despeito do «novo povo russo», com quem não queria tratar, e estava persuadido de que detestava o mujique.

A verdade, porém. é que lhe queria muito, ao «novo povo russo», e à sua maneira de viver, e essa era a razão por que compreendera tão bem e tão bem assimilara o único método que dava bom resultado na exploração das terras.

A condessa Maria tinha ciúmes do amor do marido pelo povo e lamentava não poder compartilhar dele, mas era-lhe impossível compreender as alegrias e as preocupações que Nicolau encontrava junto de um mundo tão afastado e tão diferente do seu. Não podia compreender porque tinha ele modos tão animados e satisfeitos quando, a pé desde alta madrugada, e depois de passar toda a manhã no campo ou na eira, voltava a casa para tomar chá, depois das sementeiras, da monda ou da colheita. Não compreendia donde lhe vinha o entusiasmo ao contar-lhe a ela como o abastado camponês Matvei Ermichíne e sua família passara a noite inteira a recolher as sementes quando os demais ainda não tinham

principiado a colheita e ele já levantara medo nas suas terras. Não compreendia a alegria que ele mostrava quando, ao passar pela varanda, sorria piscando-lhe o olho se via cair sobre os ressequidos campos de aveia uma chuvinha tépida ou se, em dias de monda ou de colheita, quando o vento afastava as nuvens tempestuosas, chegava, muito corado, coberto de suor, vindo da eira, com o cabelo a cheirar a artemisa e hortelã-pimenta, e dizia, esfregando as mãos: «Bom, bom, mais um dia e estará concluída a nossa colheita e a dos mujiques.»

A princesa Maria ainda mais surpreendida ficava quando, ao transmitir a Nicolau - tão bom coração e sempre pronto a fazer-lhe todas as vontades- o pedido de algum camponês ou de alguma mulher, que lhe rogavam intercedesse para que os isentassem do trabalho, o via recusar obstinadamente, zangando-se muito e aconselhando-a a que não voltasse a interferir no que não lhe dizia respeito. Compreendia então que ele vivia num mundo à parte, um mundo a que apaixonadamente se votara, e que se regia por leis muito acima do seu entendimento.

Às vezes, quando procurava entendê-lo e lhe falava do mérito que ele tinha ao promover o bem-estar dos seus camponeses, Nicolau, enfadado, repontava. «Não é nada disso. Nunca tal coisa me passou pela cabeça. Nada faço a pensar neles. O bem-estar do próximo não passa de romantismo e sentimentalidade, histórias de mulheres. O que é preciso é que os nossos filhos não venham a cair na miséria. Tenho de consolidar a nossa fortuna enquanto estou vivo, e nada mais. E para isso convém que as coisas estejam cada uma no seu lugar. Preciso de disciplina... Só isso e nada mais!», acrescentava cerrando os punhos com vigor. «E depois é justo que assim seja, pois se o camponês andar nu, tiver fome e não possuir senão um cavalo, não poderá trabalhar nem para mim nem para ele.»

A verdade é que, naturalmente porque Nicolau não pensava fazer fosse o que fosse pelos outros, levado por qualquer noção de virtude, tudo em que se metia resultava próspero. Os seus bens aumentavam a olhos vistos; os camponeses das vizinhanças acorriam a pedir-lhe que os comprasse, e por muito tempo, depois da sua morte permaneceu entre aqueles povos a memória do seu bom governo: «Era um patrão às direitas... Em primeiro lugar estava o interesse do camponês e depois o dele. É certo que nos não poupava. Mas a verdade é que era um verdadeiro patrão!»

Capítulo VIII

A única coisa que às vezes atormentava Nicolau nas suas relações com os servos era o seu carácter impulsivo, agravado por velhos costumes de hússar que o levava a ter a mão leve. Ao princípio nada via nisso de repreensível, mas, no segundo ano de casado, as suas ideias sobre a matéria sofreram modificação.

Um dia, em pleno Estio, convocara ele o estaroste de Bogutcharovo, o sucessor do falecido Drone. Acusavam-no de vários roubos e negligências. Viera ao encontro do homem até ao alpendre e às primeiras respostas que ele lhe deu no vestíbulo ressoaram gritos e pancadas. Ao regressar a casa para almoçar procurou a condessa, que estava a trabalhar, de cabeça baixa, no bastidor, e contou-lhe, conforme seu hábito, o que fizera nessa manhã e especialmente a história do estaroste. A condessa Maria, ora muito corada ora pálida, escutava-o, imóvel, sem levantar a cabeça, e nada disse em resposta às palavras do marido.

- Canalhas! - exclamava ele, exaltando-se só de pensar na cena que houvera. - Ainda se ele me tem dito que era por estar bêbedo, mas nem isso... Que tens tu, Maria? - perguntou, de súbito.

A mulher ergueu a cabeça, quis dizer fosse o que fosse, mas de novo se inclinou, cerrando os lábios.

- Que tens? Que tens tu, minha querida?

A condessa Maria, que estava longe de ser uma beldade, ficava sempre bonita quando chorava. Nunca a dor física ou o despeito a faziam chorar, mas apenas a mágoa e a piedade. E então os seus olhos luminosos transpareciam de um inexprimível encanto.

Nicolau pegara-lhe na mão, e ela, incapaz de se conter, rompeu a chorar.

- Nicolau, eu vi tudo... Sim, é culpado, mas tu, porque é que tu... Nicolau. - E tapou a cara com as mãos.

Nicolau não disse palavra, corou muito e, afastando-se, pôs-se a andar de um lado para o outro na sala. Compreendera o que provocara as lágrimas da mulher, mas não lhe era possível, assim, de repente, reconhecer que ela tinha razão, que o que ele estava habituado a ver desde criança, o que ele considerava a mais trivial das coisas, podia ser digno de censura. «São esquisitices, delicadezas, coisas de mulheres. E daí quem sabe se ela

terá razão?», perguntava-se a si próprio. Sem considerar o caso arrumado, voltou a olhar para aquele rosto em que se misturavam o amor e a mágoa e compreendeu então que ela tinha razão e que ele próprio se sentia culpado aos seus próprios olhos havia muito tempo já.

- Maria - disse-lhe ele, em voz baixa, aproximando-se dela - Isto não voltará a acontecer, dou-te a minha palavra de honra, Nunca mais - repetiu em voz trémula, como uma criança que pede perdão.

As lágrimas da condessa correram mais ainda. Pegou-lhe na mão e beijou-a.

- Nicolau, quando quebraste o teu camafeu? - disse ela, para mudar de conversa, fitando a mão onde ele usava um anel com a cabeça de Laocoonte.

- Foi hoje. Ainda por causa disso. Oh, Maria, não me tornes a falar em tal - exclamou, corando. - Dou-te a minha palavra de honra que isto não tornará a acontecer. E que este anel sirva para eu me lembrar pelo tempo for - acrescentou, mostrando o camafeu partido.

Desde então, sempre que tinha qualquer explicação com os estarostes ou com os feitores e sentia o sangue afluir-lhe à cabeça e crisparem-se-lhe os punhos, fazia girar o anel no dedo e baixava os olhos diante daquele que era causa do seu exaspero. No entanto, por duas vezes no mesmo ano perdeu a cabeça e das duas vezes tratou de se confessar à mulher renovando-lhe a promessa de ser aquela a última vez.

- Maria, deves desprezar-me, com certeza - dizia-lhe ele. - É o que eu mereço.

- Se sentes que não és capaz de te dominar, afasta-te, afasta-te quanto antes - respondia a condessa, contristada, para o consolar.

Entre os nobres da província, Nicolau gozava de consideração, mas era pouco querido. Os interesses da nobreza não lhe davam cuidado. Por isso uns o consideravam orgulhoso e outros pouco inteligente. Todo o seu tempo, das sementeiras da Primavera até às colheitas, o dedicava aos cuidados das suas terras. No Outono, com o mesmo interesse com que cuidava os campos, ia à caça, demorando-se às vezes a caçar um mês ou dois. No Inverno ia de visita às povoações afastadas ou então entretinha-se a ler. Gostava, sobretudo, de livros de história: e todos os anos destinava determinada verba para esse fim. E assim ia organizando uma biblioteca séria, como costumava dizer, impondo-se a si mesmo a obrigação de ler, de fio a pavio, os livros que comprava. Quando se instalava para ler no seu gabinete assumia uns ares especiais: a ocupação que de princípio a si próprio impusera como uma disciplina tornara-se-lhe depois familiar, proporcionando-lhe uma satisfação de certa espécie, como a que se costuma sentir quando se faz uma tarefa muito séria. Excepto quando tinha de sair por causa da sua vida de lavrador, passava a maior parte

do tempo, durante o Inverno, na intimidade dos seus, preocupando-se, nos mínimos pormenores, com a vida dos filhos e da mãe. A sua união com a mulher era cada vez mais completa e de dia para dia descobria nela novos tesouros de bondade.

Sónia vivia com eles desde o casamento de Nicolau. Algum tempo antes da boda, este, censurando a conduta que tivera e louvando a da jovem, contou à futura mulher tudo que entre eles se passara. Pedira-lhe que fosse afectuosa e boa para a prima. Maria deu-se bem conta de quanto o marido era culpado e ela própria se sentira responsável para com Sónia. Concluiu que fora a sua situação financeira que decidira a escolha de Nicolau e que nada tinha que censurar à rapariga, procurando estimá-la quanto pudesse, Mas a verdade é que não só o não conseguia, como dava, frequentemente, porque ele não queria bem, não podendo evitar que assim fosse.

Um dia abriu-se com Natacha, acusando-se de se sentir injusta.

- Sabes? - disse-lhe Natacha. - Lembras-te, com certeza, do Evangelho. Pois há lá um passo que diz respeito exactamente à situação de Sónia.

- Qual? - perguntou Maria, surpreendida.

- «Porque a qualquer que tiver será dado e terá em abundância: mas o que não tiver, até o que tem será tirado.» *(S. Mateus, XXV, 29)* Lembras-te? É ela quem não possui. Porquê? Não sei. Não creio que haja nela a mais pequena sombra de egoísmo: e no entanto tiram-lhe tudo, tudo lhe tiraram, Por vezes sinto por ela uma piedade imensa. Muito desejei outrora vê-la casada com Nicolau mas tive sempre o pressentimento de que isso nunca aconteceria. Sónia é a «flor estéril». Sabes? Como aquela que cresce junto dos morangueiros. Por vezes tenho pena dela, mas outras chego a pensar que ela não sente estas coisas como nos as sentiríamos.

E apesar de Maria ter explicado a Natacha que as palavras do Evangelho tinham uma significação diferente daquela que ela lhes dava, não podia impedir-se, sempre que via Sónia, de dizer que Natacha tinha razão. Com efeito, dir-se-ia que Sónia não era muito afectada pela situação e que se resignara ao fado de «flor estéril!». Parecia gostar menos das pessoas, individualmente, que da família no seu conjunto. Era como o gato, que se prende mal, à casa que aos habitantes dela. Cuidava da velha condessa, acarinhava e enchia de mimos as crianças, estava sempre pronta a prestar pequenos serviços de que era capaz, e toda a gente aceitava os seus cuidados, a verdade diga-se, com bem fraco reconhecimento por ela...

A quinta de Lissia Gori fora restaurada, mas nunca mais mantida no pé em que estivera no tempo do falecido príncipe.

As construções, levadas a cabo no tempo em que havia dificuldades, eram muito

modestas. A grande casa, com os seus antigos alicerces de alvenaria, era de madeira, argamassada apenas no interior. Os grandes quartos, de soalho de madeira, por pintar, tinham divãs muito duros e muito simples, poltronas, mesas e cadeiras de abeto, cortado na própria quinta, e feitas pelos marceneiros servos. A casa era espaçosa, com dependência para a criadagem, e quartos particulares para hóspedes. Os parentes dos Rostov e dos Bolkonski vinham muitas vezes a Lissia Gori com toda a sua família, e ali ficavam meses inteiros, chegando a trazer consigo dezasseis cavalos e dezenas de criados. Além disso, quatro vezes por ano, por altura do aniversário e dos santos dos nomes dos donos da casa, chegavam a apresentar-se ali quase cem convidados de uma só vez, que ficavam um ou dois dias. No resto do tempo a vida dos Rostov decorria regularmente no meio das suas ocupações habituais, os seus chás, os seus jantares, as suas ceias, em geral preparados com os produtos da quinta.

Capítulo IX

Era o dia 5 de Dezembro de 1820, véspera de S. Nicolau. Nesse ano, Natacha, marido e filhos desde o Outono se encontravam em casa do irmão. Pedro partira para Petersburgo, onde fora por assuntos particulares e, segundo dissera, por umas três semanas. Mas já lá iam mais de seis e ele ainda não voltara. Era esperado de um momento para o outro.

Além dos Bezukov, era hóspede dos Rostov, nesse dia 5 de Dezembro, um velho amigo de Nicolau, o general reformado Vassili Fedorovitch Denissov.

Nicolau sabia que no dia 6, em que se celebrava a sua festa e os hóspedes afluíam, tinha de despir o bechmé *(Jaqueta comprida, bordada. (N. dos T.)*, enfiar o redingote, calçar botas finas e, dirigindo-se à nova igreja que ele próprio mandara construir, receber as felicitações, oferecer refrescos, falar das eleições da nobreza e das colheitas. Julgava-se, porém, no direito de passar a véspera desse dia como habitualmente. Antes de jantar, verificou as contas do bormistra de uma aldeia de Riazan, na propriedade do sobrinho da mulher, escreveu duas ou três cartas de negócios e deu uma volta pela eira, o curral e a cavalariça. Depois de tomar medidas preventivas contra a bebedeira geral prevista para o dia seguinte, dia da festa da paróquia, entrou na sala de jantar e, sem ter tempo sequer de trocar duas palavras a sós com a mulher, foi sentar-se à longa mesa de vinte talheres onde estava toda a gente da casa. Sentados estavam a mãe, a velha Madame Bielova, dama de companhia da condessa, a mulher, os seus três filhos, a preceptora, Sónia, Denissov, Natacha, os três filhos desta, a respectiva preceptora e o velho arquitecto do príncipe Mikail Ivanitch, que vivia os seus últimos dias em Lissia Gori.

A condessa Maria sentava-se na outra cabeceira da mesa. Mal o marido se instalara no seu lugar, logo ela concluiu, pela maneira como desdobrou o guardanapo e afastou, com um gesto brusco, os copos que tinha diante, que ele não estava bem disposto, coisa que, aliás, lhe acontecia algumas vezes, sobretudo antes da sopa e quando sucedia sentar-se à mesa vindo directamente das terras. Maria conhecia muito bem os seus hábitos e quando ela própria estava de maré aguardava, tranquilamente, que ele ingerisse a sopa para principiar a conversar com ele, obrigando-o a reconhecer não ter razão para estar de mau humor. Mas naquele dia esquecera-se completamente de o observar; entristecia-a o facto de

estar zangado com ela sem razão e sentia-se muito infeliz. Perguntou-lhe onde estivera. Nicolau respondeu muito secamente. Inquiriu ainda se as coisas corriam bem na propriedade. O tom um pouco afectado que ela tomara ao fazer-lhe essa pergunta levou-o a franzir o sobrolho. E respondeu com duas palavras.

«Não me enganei», pensou Maria, «mas o que o teria irritado contra mim?» A maneira como ele respondera dava-lhe claramente a entender ser ela a causa da sua má disposição e que era com ela que não queria falar. Embora compreendendo não se lhe dirigir em tom natural, a condessa Maria não pôde impedir-se a si própria de lhe fazer algumas perguntas.

Entretanto a conversa, graças a Denissov, tornou-se mais geral e animada, e a condessa Maria não voltou a dirigir directamente a palavra ao marido. Quando se levantaram da mesa e todos foram cumprimentar a condessa velha, Maria pegou na mão de Nicolau, beijou-a e perguntou porque estava ele zangado.

- Sempre tens cada ideia! Nunca me passou pela cabeça estar zangado - respondeu ele.

Maria, porém, pela maneira como Nicolau acentuou a palavra «sempre», percebeu que ele queria dizer: «Efectivamente estou zangado, mas não direi porquê.»

Entendiam-se tão bem os dois que a própria Sónia e a velha condessa, que, por ciúme, teriam desejado que eles se não entendessem, nada lhes podiam assacar a tal respeito. Mas a verdade é que tinham os seus momentos de mau humor. Por vezes após uma quadra de «bom tempo fixo», sentiam, de súbito, um contra o outro, uma espécie de hostilidade; isso dava-se geralmente durante os períodos de gravidez da condessa: eis o que acontecia naquela altura.

- *Senhores e senhoras,* tenho a dizer-lhes que estou a pé desde as seis horas da manhã - exclamou Nicolau, em voz alta, num tom brincalhão, que a condessa julgou adrede para a irritar. - Amanhã tenho de continuar. Por isso me vou deitar.

E sem nada mais dizer à condessa Maria retirou-se para o gabinete, onde se estendeu num divã.

«É sempre assim», disse Maria consigo mesma. «Dirige a palavra a toda a gente excepto a mim. Sim, bem vejo que lhe inspiro repugnância. Sobretudo quando estou neste estado.» Relanceou um olhar ao ventre soerguido e no espelho viu o rosto afilado, amarelento e pálido e os seus olhos ainda maiores.

Tudo lhe deixou uma impressão penosa: os gritos e as risadas de Denissov, a conversa de Natacha e sobretudo o olhar que lhe deitou Sónia.

Sónia era para ela motivo de perpétua irritação.

Depois de ter estado algum tempo com os convidados, sem nada compreender, de

resto, do que eles diziam, saiu em bicos de pés e dirigiu-se para o quarto das crianças.

Os pequenos, com cadeiras, brincavam às viagens a Moscovo e convidaram a mãe a acompanhá-los. Pôs-se a brincar com eles, mas sempre atormentada com a ideia do marido e do mau humor que ele mostrara. Levantou-se e encaminhou-se, na ponta dos pés, pesadamente, para o gabinete do divã.

«Talvez ele não esteja a dormir: podemos ter uma troca de palavras», dizia ela consigo mesma. Andriucha, o filho mais velho, viera atrás dela, caminhando igualmente nas pontas dos pês. A mãe não dera por ele.

- *Querida amiga, parece-me que ele está a dormir; está fatigado* - disse Sónia, que estava no salão. - Cuidado, não o acorde o Andriucha.

Maria tinha a impressão de que encontrava Sónia a todo o momento no seu caminho.

Voltando a cabeça, a condessa viu atrás dela o pequeno, c, reconhecendo que Sónia tinha razão, e, precisamente por isso. ,o muito a custo não pronunciou uma palavra dura, Nada disse, e, para fingir que lhe não dava ouvidos, deixou que Andriucha a acompanhasse: depois de levar o dedo ao nariz, a recomendar silêncio, aproximou-se da porta. Sónia saiu por outra. Do quarto em que, Nicolau dormia vinha a sua respiração pausada da qual ela conhecia, os mais ténues matizes. Ouvi-la era quanto bastava para que Maria visionasse a sua bela e grande testa, os seus bigodes, o conjunto desse rosto que, no silêncio da noite, tantas vezes contemplara enquanto ele dormia. Nicolau, de súbito, agitou-se e tossiu. E na mesma altura, atrás da porta. Andriucha pôs-se a gritar: «Pai, olhe a mãezinha.» Maria, empalideceu, fez sinal ao filho para que se calasse. Este não tornou a abrir a boca e houve uns segundos de penoso silêncio. Ela sabia que o marido não gostava que o acordassem. Ouviu-se atrás da porta outro tossicar e a voz enfadada de Nicolau que dizia:

- Não posso descansar um minuto que seja. Maria, és tu? Para que o trouxeste contigo?

- Foi apenas de passagem. Não sabia... Desculpa...

Nicolau tossicou ainda e depois calou-se. Maria afastou-se levando o pequeno para o quarto das crianças. Cinco minutos depois. Natacha, menina dos seus três anos, de lindos olhos pretos, a preferida do pai, ao saber que este estava a dormir que a mãe se encontrava no salão, correu para junto dele sem mãe dar por isso. Fez ranger a porta, empurrando-a com decisão e, em passinhos apressados, aproximou-se do divã, erguendo-se em bicos de pés para beijar a mão do pai, que estava deitado, de costas para ela, com a cabeça apoiada num dos braços. Nicolau voltou-se: no seu rosto havia um sorriso de enternecimento.

- Natacha! Natacha! - murmurou a condessa Maria, em voz abafada, atrás da porta. - O paizinho quer dormir, Anda!

- Não, mãezinha, ele não quer dormir - replicou Natacha com decisão. - Está a rir-se.

Nicolau pousou os pés no chão, levantou-se e tomou a nos braços.

- Entra. Macha - disse para a mulher. Esta entrou e sentou-se ao pé do marido.

- Não sabia que ele vinha atrás de mim – explicou timidamente. - Vim sem pensar.

Nicolau, com a filha nos braços, ergueu os olhos para ela ao ver o embaraço que se lhe pintava no rosto, enlaçou-a com o outro braço e beijou-lhe os cabelos.

- Dás licença que eu dê, um beijo à mãezinha? - perguntou à pequena.

Esta, risonha e, travessa, apontou-lhe para o sítio onde ele beijara a mãe:

- Outra vez - exclamou.

- Não sei onde foste descobrir que eu estava mal disposto. - disse Nicolau, respondendo deste modo à pergunta que lia nos lábios da mulher.

- Não podes calcular como me sinto infeliz quando está assim.. Penso sempre...

- Maria, então, não digas tolices. Não tens vergonha? - exclamou Nicolau, jovial.

- Julgo sempre que não podes gostar de mim, que sou feia... e sobretudo... agora, neste...

- Oh, que tola me saíste! Não é belo o que é belo, mas sim o que agrada. Só das Malvinas *(Romance muito popular na Rússia de que as Malvinas eram as conhecidas protagonistas. (N. dos T.)* se gosta por serem belas; mas gosto eu da minha mulher da mesma maneira? Não. Gosto dela de outro modo, como não sei dizer. Quando não estás ao pé de mim ou entre nós se levanta qualquer arrufo. é como se me sentisse perdido: para mais nada sirvo. E que diabo, amo eu os meus dedos? Não. E no entanto que experimentem cortar-me algum.

- Sim, bem sei, compreendo. Então não me queres mal? - Tremendamente! - exclamou ele, sorrindo. Depois levantou-se, e, passando a mão pelos cabelos, principiou a andar no quarto de um lado para o outro.

- Sabes, Maria, de que me lembrei? - principiou, agora que reinava a paz entre os dois e como se pensasse em voz alta. Nem sequer se perguntava a si próprio se ela estaria disposta a ouvi-lo: isso pouco lhe importava. Desde que pensava em qualquer coisa, também ela o devia acompanhar. E falou-lhe no desejo que tinha de persuadir Pedro a ficar com eles até à Primavera.

Maria ouviu-o sem o interrogar proferiu, depois, as suas observações e por sua vez pôs-se a pensar também.

Os seus pensamentos tinham por objecto os filhos.

- Já tem maneiras de mulher - disse em francês, apontando para a pequenita Natacha- Vocês acusam-nos de não termos lógica. Se eu lhe digo: «O pai quer dormir», ela responde-me: «Não, está a rir-se.» E tem razão - acrescentou, sorrindo com um ar feliz.

- É verdade! É verdade!

E Nicolau, tomando-a nos braços vigorosos, ergueu-a ao ar, empoleirou-a nos ombros, segurou-a pelas pernas e pôs-se a andar de um lado para o outro. Pai e filha estavam no céu.

- Fazes mal, não é justo - murmurou Maria, muito baixo, em francês. - Estragá-la.

- Que queres que eu faça?... Procuro não o dar a entender...

Neste momento, no vestíbulo e na antecâmara ouviu-se como que o ruído de um objecto levantado com esforço e passos que pareciam de alguém que entrava.

- Chegou alguém.

- Deve ser o Pedro. Vou ver - disse Maria, saindo,

Durante a ausência da mulher, Nicolau entregou-se a um galope, à volta do quarto, com a filha às cavaleiras. Quando estava sem fôlego, tirou-a dos ombros e apertou-a contra o peito. Os passos que acabara de dar lembravam-lhe passos de baile e ao contemplar aquele rostozinho redondo e resplandecente de alegria pensou no que ela viria a ser mais tarde, quando ele, já velho, a levasse pela primeira vez ao baile. E isso recordou-lhe o falecido pai a dançar com a filha do Danilo Cooper.

- É ele, é ele. Nicolau - exclamou daí a pouco a condessa Maria, entrando no quarto. - Ah!, agora a nossa Natacha já volta à vida. É ver como ela está animada e como acaba de o receber, por ele vir atrasado. Vamos, depressa, corramos. Deixa-a agora em paz - acrescentou, sorrindo para a pequenita, que se estreitava contra o pai.

Nicolau saiu levando a filha pela mão. Maria ficou só por momentos.

«Ah! Nunca, nunca na minha vida pensei que alguém pudesse ser tão feliz!», murmurou ela. Um sorriso lhe iluminou o rosto. Mas no mesmo momento teve um suspiro e no seu olhar profundo uma suave tristeza se reflectiu. Além da felicidade que ela sentia naquele momento existia outra, inacessível nesta vida, e naquele instante foi nessa felicidade que pensou.

Capítulo X

Natacha casara-se nos primeiros dias da Primavera de 1813: em 1820 já tinha três filhas e um filho, o benjamim, que ela tanto desejara e criava ao peito. Engordara, e era difícil reconhecer nesta mãe nova e vigorosa a frágil e inquieta Natacha de outrora. Tinham-se-lhe acentuado os traços fisionómicos e na sua doçura um pouco flácida havia qualquer coisa de nítido. Já não tinha aquela animação fogosa que era o seu grande encanto de outros tempos. Agora só transparecia nela a exuberância da vida física, a alma não se lhe via. Era uma formosa fêmea, possante e fecunda. Raramente se acendia nela a chama de outrora. Só em circunstâncias como a daquele dia, quando o marido voltava a casa depois de uma longa ausência, quando qualquer dos filhos principiava a convalescer após um período de doença ou quando recordava, junto da condessa Maria, o príncipe André, pois nunca falava dele diante do marido - para lhe não despertar ciúmes, muito raramente ainda quando, em condições verdadeiramente excepcionais, era levada a cantar, prenda que abandonara desde que se casara. Mas nos raros momentos em que esta antiga chama e reanimava, a encantadora mulher ressurgia ainda mais sedutora,

Desde que se casara vivera com o marido em Moscovo, em Petersburgo, nas propriedades dele nos arredores daquela cidade, e junto da mãe, isto é, em casa de Nicolau. A jovem condessa Bezukov frequentava pouco a sociedade e aqueles que a tinham conhecido não simpatizavam muito com ela. Não era nem muito graciosa nem muito amável. Não é que gostasse da solidão, não sabia se gostava ou não de estar só e pendia a crer até que não, mas, por assim dizer grávida todo o tempo ou a criar os filhos, ocupada com os mil pormenores da vida do marido, não podia entregar-se a tudo isso senão renunciando à vida da sociedade. Todos os que a tinham conhecido em solteira se surpreendiam com a transformação que nela se operara, como se isso fosse realmente qualquer coisa de extraordinário. Só a velha condessa compreendera, com o seu instinto maternal, que os arrebatamentos da jovem Natacha apenas se traduziam, no fundo no desejo de encontrar um marido e de fundar uma família, como, aliás, ela própria o proclamara certo dia em Otradnoie, por brincadeira, embora mais a sério do que pensava. E grande era o espanto da condessa perante a surpresa das pessoas que não compreendiam a sua Natacha, repetindo-lhes que ela sempre disse que viria a ser esposa e mulher modelos.

- Exagera tanto o seu amor pelo marido e pelos filhos - acrescentava - que chega a parecer absurdo.

Natacha não seguia a regra ideal que certos homens superiores aconselham, principalmente franceses, segundo a qual uma mulher depois de casada não deve desleixar-se, pondo de lado todos os recursos da valorização dos seus encantos: pelo contrario, deve cuidar ainda mais de si que antes do casamento e procurar seduzir o marido como o tentara fazer antes de casada, Natacha abandonara de vez todos os cuidados com os seus atractivos e entre eles o mais poderoso: o talento de cantora. Renunciara ao canto precisamente por ser esse o maior dos seus encantos. Não se preocupava agora em ter boas maneiras, em falar com elegância, em assumir diante do marido as atitudes que mais a valorizassem, nem em vestir lindos vestidos, ou ter exigências que o poderiam vir a importunar. Procedia de maneira inteiramente oposta aos conselhos que é costume dar-se a uma rapariga. Sentia que os atractivos que o instinto outrora lhe (-,usinara a utilizar seriam agora simplesmente ridículos aos olhos do marido, a quem ela se entregara, desde o primeiro minuto, completamente, com toda a sua alma, sem nada lhe ocultar dos seus sentimentos mais íntimos. Compreendia que o vínculo que os uma nada tinha que ver com toda essa poesia que o atraíra para ela: era feito de coisas indefiníveis e bem mais sólidas, muito parecidas com os laços que prendem a alma ao corpo.

Fazer caracóis, usar anquinhas, cantar romanzas na intenção de prender o marido, parecia-lhe coisa tão despropositada como adornar-se para agrado de si mesma. Arranjar-se para agradar aos outros talvez lhe desse satisfação, nem ela sabia: mas a verdade é que não tinha tempo para isso. A principal razão que a levava a menosprezar ao mesmo tempo o canto, a maneira de vestir e a distinção na linguagem era apenas esta: não ter tempo para nada.

É sabido que o homem tem a faculdade de se deixar absorver completamente por um único objecto, por mais insignificante que seja. E também é sabido que não há objectos insignificantes em si mesmos que se não tornem de uma importância extraordinária desde que a atenção se concentre neles.

O absorvia Natacha por completo era a família, isto é, o marido, que havia mister manter de portas adentro, para que lhe pertencesse a ela e a mais ninguém, e as crianças, que era preciso dar à luz depois criá-las e educá-las.

E depois ela dava-se, não apenas em espírito, mas com toda a alma, com todo o ser, às suas ocupações, e quanto mais estas ganhavam importância a seus olhos menos se sentia capaz de se entregar a qualquer outra ocupação: concentrava sobre o mesmo objectivo toda a sua actividade e não tinha tempo sequer de lazer o que lhe parecia necessário.

As discussões e os argumentos acerca dos direitos da mulher, c12s relações entre cônjuges, das liberdades e direitos que a cada um deles competem, embora não constituíssem, como hoje, «problemas», já então existiam, mas tais questões eram-lhe completamente alheias e nem sequer as entendia.

Esses problemas, então, como aliás hoje em dia, só existiam para as pessoas que encaravam o casamento apenas pela satisfação que os esposos eram capazes de proporcionar um ao outro, Isto é, por um dos seus aspectos, e não pelo seu verdadeiro fim, que é a família.

Se àqueles que entendem que a finalidade das refeições é a alimentação dos indivíduos não se pode perguntar se este ou aquele manjar lhes proporciona prazer, o mesmo acontece com os que só vêem no casamento uma maneira de constituir família.

Se a finalidade de uma refeição é alimentar o corpo, aquele, que ingira sucessivamente duas refeições obterá, talvez, grande satisfação, mas não o fim proposto, pois a verdade é que o estômago não poderá digerir essas duas refeições.

Se a finalidade do casamento é a família, aquele ou aquela que queira ter várias mulheres ou vários homens, talvez venha a tirar daí grande prazer, mas o que não terá, em caso algum, é uma família.

Dado que a finalidade do comer é alimentar-se o homem e a do casamento constituir família, o problema resume-se a não se comer mais do que o estômago pode digerir e a não se ter mais mulheres ou mais maridos do que os necessários para a família, isto é, a não se ter mais do que uma mulher ou mais do que um marido. A Natacha era necessário um marido. Tinha um. Esse marido dava-lhe uma família. E assim não só não sentia necessidade de ter um marido melhor, mas também, como as suas energias morais só a compeliam a consagrar-se a esse marido e à sua família, não via qualquer interesse em pensar no que poderia acontecer caso as coisas se passassem de outra maneira.

Em geral, a sociedade não lhe agradava; preferia muito mais o convívio dos parentes, da condessa Maria, do irmão, da mãe, de Sónia. Esta sociedade agradava-lhe porque lhe permitia, sem estar penteada, sem estar arranjada, em trajes matinais, sair precipitadamente do quarto das crianças, a alegria no rosto, mostrando as fraldas raiadas de amarelo em vez de verde e poder dizer que o seu filho estava agora muito melhor.

A tal ponto Natacha se mostrava descuidada no seu porte, que o penteado, as palavras que lhe saíam pela boca fora, os ciúmes que sentia de Sónia, da preceptora, de todas as mulheres, fossem belas ou feias, era assunto habitual das zombarias daqueles que a rodeavam. A opinião geral era que Pedro estava sob o tacão da bota da mulher, e em verdade assim parecia.

Desde os primeiros dias do seu casamento que Natacha lhe fizera saber quais as suas exigências. Pedro surpreendeu-se muito com a atitude da mulher - nova para ele -, segundo a qual todos os minutos da sua vida, dele, marido, dali para diante, deviam pertencer-lhe a ela e à família. E se estas exigências o surpreendiam, ao mesmo tempo, lisonjeado, ia-se submetendo a elas.

A submissão de Pedro era tal que não só, claro está, se não atrevia a fazer a corte ou mesmo a falar um pouco mais amavelmente a outra mulher, como não ousava ir jantar mais ao seu clube, sem outra intenção apenas que matar o tempo, ou fazer qualquer despesa supérflua ou empreender qualquer longa viagem, a menos que fosse para tratar de negócios, incluindo no número destes as suas ocupações intelectuais, inacessíveis à inteligência dela, mas a que no entanto atribuía alta importância, Em compensação, Pedro em casa tinha plenos direitos para dispor não só de si mesmo, mas de toda a família. Natacha, na intimidade do lar, era escrava do marido; em casa, tinham de andar em bicos de pés quando Pedro lia ou escrevia fechado no gabinete. Qualquer fantasia que ele tivesse imediatamente a via realizada. E bastava que exprimisse um desejo para Natacha se precipitar a satisfazê-lo.

Toda a casa se movia sob as pseudo-ordens de Pedro, isto é, de harmonia com os seus gostos, que a mulher tudo fazia por adivinhar.

O seu modo de vida, o ponto onde deviam residir, os conhecimentos, as amizades, as ocupações de Natacha, a educação das crianças, tudo obedecia à vontade de Pedro, tratando ela de lhe adivinhar os mais pequenos desejos. E na verdade conseguia surpreender os mínimos pensamentos do marido, e desde que se julgava na posse deles com firmeza sustentava o que julgava ter previsto. Se o próprio Pedro mudava então de parecer, era ela a primeira a combatê-lo com as próprias armas.

Foi o que aconteceu, por exemplo, durante a época difícil, memorável para Pedro, em que Natacha, depois do nascimento do seu primeiro filho, assaz débil, se viu obrigada a tomar, sucessivamente, três amas, caindo doente, tanto a incomodou este percalço, e ele lhe expôs, um dia, as ideias de Rousseau, com as quais estava inteiramente de acordo, acerca dos perigos da amamentação antinatural pelas amas. Aquando do segundo parto, e apesar da oposição da mãe, dos médicos e do próprio marido, que todos se opunham a que ela amamentasse a criança, alegando ser coisa então inaudita e até funesta, teimou em fazê-lo e a partir de então foi ela quem deu de mamar aos filhos.

Acontecia frequentemente, em momentos de má disposição, questionarem os dois esposos, mas passado tempo, com grande surpresa e não menor alegria, Pedro vinha a verificar, tanto nas palavras como nos actos da mulher, a influência das ideias causa da

disputa. E não só verificara que eram as suas próprias que ela punha em prática como se apercebia de que essas ideias estavam agora despojadas dos exageros a que o conduzira a paixão no momento em que as sustentara.

Depois de sete anos de casado, Pedro adquiria, com grande satisfação, a consciência de que não era má pessoa, sobretudo pelo facto de se ver reflectido na mulher. Sentia que nele o bom e o mau se misturavam, neutralizando-se mutuamente. Na mulher, porém, apenas se reflectia o que nele era verdadeiramente bom: tudo o que não tinha essa qualidade via-se posto de parte. E não era a lógica que intervinha nesta penetração das inteligências, mas uma força misteriosa e imediata.

Capítulo XI

Dois, meses antes, Pedro, já em casa dos Rostov, recebera un carta do príncipe Fedor chamando-o a Petersburgo para discutir importantes assuntos que iriam ser debatidos pelos membros de uma sociedade de que ele era um dos principais fundadores.

Ao ler esta carta, Natacha, que lia toda a correspondência do marido, embora muito lhe custasse separar-se de Pedro, logo aí o entusiasmou a ir a Petersburgo. Atribuía grande importância às actividades intelectuais e abstractas do marido, embora as não compreendesse, e receava ser, a este respeito, um empecilho na sua vida. Pedro, depois de ler a carta, e de lhe ter perguntado, com um tímido olhar, que pensava ela do caso, ouviu-a dizer que partisse, embora fixando-lhe desde logo o dia em que deveria voltar. E foi assim que ele teve uma folga de quatro semanas.

Havia já quinze dias que o prazo findara e Natacha passava a vida receosa, triste e irritada.

Denissov, que aparecera em Lissia Gori por aqueles dias, descontente como estava, velho militar que era, com o facto de se ver na situação de general reformado, encarava com desapontamento, e também uma certa tristeza, a Natacha que em nada se parecia com aquela criatura a quem quisera outrora.

Tudo quanto via e ouvia agora na feiticeira de tempos idos eram olhares repassados de tristeza e enfado, respostas incoerentes ou tagarelices sobre as crianças.

Durante todo aquele tempo mostrara-se sempre macambúzia e irritada, sobretudo quando a mãe, o irmão, Sónia ou a, condessa Maria, para a consolar, procuravam desculpar Pedro e aventar hipóteses sobre os motivos do seu atraso.

- Sempre essas tolices, essas burrices, essas dissertações que para nada servem e essa absurda sociedade - dizia Natacha, sem reparar que falava de coisas a que atribuía a mais alta importância.

E lá ia para o quarto das crianças, dar de mamar a Pétia, o seu filhinho. Ninguém era capaz de lhe dizer nada mais razoável e, consolador que esse ser de três meses, suspenso do seu seio, quando lhe sentia o remexer da boca e o bafo do narizito.

Aquele ser minúsculo dizia-lhe: «Estás irritada, estás cheia de ciúmes, desejarias vingar-te dele, estás com medo, mas eu sou ele. Eu sou ele. E a isto nada havia a responder.

Era a pura verdade.

Natacha durante, aqueles quinze dias de inquietação muitas vezes procurou consolar-se junto da criança, e tantos cuidados lhe deu que a aleitou de mais e ela caiu doente. Se, por um lado, isso a atormentou muito, pelo outro era o que lhe convinha de momento. Os cuidados que teve de ter com a criança fizeram-na suportar mais facilmente a ausência do marido. Dava de mamar ao filho quando a carruagem de Pedro se ouviu junto do alpendre e a criada velha, que sabia quanto isso poderia alegrar a ama, apareceu subitamente, e sem dizer nada, à, porta do quarto, o rosto banhado de alegria.

- Chegou? - inquiriu Natacha, vivamente, num sussurro, sem fazer o mais pequeno movimento, não fossa acordar o filho.

- Chegou, sim, minha ama - disse a criada em voz baixa.

O sangue, subiu-lhe à cara e involuntariamente fez menção de se erguer, mus era-lhe impossível correr ao encontro do marido. A criança abriu os olhos: «Estás aí, parecia dizer, e preguiçosamente pôs-se a remexer os lábios à procura do peito.

Natacha retirou-lhe, suavemente o seio, embalou-o, entregou-o à criada e, apressada, dirigiu-se para a saída. Ao pé da porta deteve-se, como que movida por um sentimento de remorso, pois tão grande era a sua alegria que ia deixar o filho antes do tempo, e voltou-se. A criada, com o cotovelo erguido, deitava a criança no berço.

- Vá vá. Minha senhora, vá descansada murmurou ela, sorrindo, com a familiaridade que habitualmente havia entre ambas.

E Natacha, em passos rápidos, dirigiu-se para o vestíbulo.

Denissov, que vinha a sair do gabinete, de cachimbo na boca, para se dirigir ao salão, viu nela, imediatamente, a antiga Natacha. Do seu rosto, como que transfigurado, emanava uma luz clara e radiante,.

- Chegou! - exclamou ela, ao passar, correndo, e Denissov sentiu que o regresso de Pedro, de quem ele não gostava, aliás, o encantava afinal. Quando chegou ao vestíbulo, Natacha viu um homem de alta estatura, com uma peliça, que desatava o nó da manta do pescoço, «É ele! É verdade. Ele aí está», dizia ela para si mesma. E, correndo para ele, enlaçou-o, apertou-o ele, encontro ao peito, depois, afastando-se, fitou o rosto vermelho e feliz de Pedro, coberto de geada. «Sim, é ele, feliz, contente...»

E de súbito vieram-lhe à lembrança as inquietações que a tinham atormentado naqueles últimos quinze dias. A alegria que lhe inundava o rosto desvaneceu-se; franziu as sobrancelhas e lançou sobre Pedro uma torrente de reproches e de palavras pouco amáveis.

- Sim, sentes-te feliz, estás muito contente, fartaste-te de te divertir... E eu, durante todo este tempo?... Ao menos que te lembrasses das crianças. Estou a amamentar, o leite

estragou-se... Pétia esteve a morrer. E tu, todo este tempo, sentias-te alegre. Olhem que alegre ele está...

Pedro sabia que não era culpado, pois lhe fora impossível voltar mais cedo; sabia que aquele destempero da mulher era despropositado e que, aliás, estaria sanado dentro de dois ou três minutos; sabia, sobretudo, que ele próprio estava muito bem disposto. Teria gostado de sorrir, mas não ousou sequer pensar nisso. Com uma expressão assustada e lastimosa, baixava a cabeça.

- Não me foi possível. Juro-te por Deus! E o Pétia, como está ele?

- Agora já está bom. Vamos vê-lo. Não tens vergonha! Se visses o estado em que me encontro quando tu não estás, o que me atormentei...

- Não estás doente?

- Vamos, anda - continuou ela, sem lhe largar o braço.

E entraram nos aposentos que ocupavam.

Quando Nicolau e a mulher se puseram à procura de Pedro, estava ele no quarto dos filhos e tinha na sua enorme mão direita o bebé, que acabara de acordar. Fazia-lhe festas e a redonda carinha da criança, de boca desdentada, muito aberta, iluminava-se com um sorriso feliz. A borrasca passara e agora um sol alegre iluminava o rosto de Natacha, que contemplava enternecidamente o marido e o filho.

- E sempre falaste com o príncipe Fedor? - perguntou ela.

- Sim, falei.

- Vês como ele a segura bem? - Natacha referia-se à cabeça da criança. - Ah!, o medo que eu tive!... Viste a princesa, a nossa prima? É verdade estar enamorada desse...

- Imagina, sim...

Nesse momento entraram Nicolau e a condessa Maria. Pedro, sempre com o filho ao colo, debruçou-se e beijou os dois, enquanto ia respondendo às perguntas que lhe faziam, Mas, de facto, apesar do interesse que a conversa podia ter, o que absorvia por completo a atenção do pai era o bebé, com a sua touquinha e a sua cabeça pouco segura.

- Que lindo! - dizia a condessa Maria, mirando o pequeno e fazendo-lhe festas. - O que não compreendo - prosseguiu ela, voltando-se para o marido - é que tu não aprecies o encanto destes maravilhosos pedacinhos de carne.

- É verdade, não posso - volveu Nicolau, olhando para o petiz friamente - Esse pedaço de carne. Anda daí, Pedro. - Isso não o impede de ser um pai carinhoso – acrescentou ela, como para desculpar o marido -, mas só quando os filhos têm mais de um ano, ou então...

- O Pedro, esse, sabe muito bem servir de ama-seca - exclamou Natacha. - Diz que a

mão é precisamente do tamanho do rabinho dele, Olhem.

- Sim, sim, mas para isto não - protestou Pedro, rindo, e, pegando na criança, entregou-a à criada.

Capítulo XII

Como sempre acontece em todas as famílias, em Lissia Gori formavam-se vários mundos distintos, os quais, conservando embora as suas particularidades, graças a mútuas concessões, se fundiam num todo harmonioso. O mais pequeno incidente que se verificasse em casa, alegre ou triste para um grupo, era importante para todos; no entanto, cada um deles tinha motivos particulares para se sentir contente ou para se afligir com este ou aquele incidente.

Assim, a chegada de Pedro foi considerada acontecimento alegre e importante para todos.

Os criados, os juizes mais fiéis dos seus amos, pois os julgam não por conversas ou manifestações exteriores, mas pelos seus actos e conduta, estavam satisfeitos com o regresso do marido de Natacha. Sabiam que enquanto ele ali estivesse o conde não iria todos os dias percorrer as propriedades e seria mais alegre e mais indulgente, e, além disso, porque nos dias de festa todos receberiam bons presentes.

As crianças e as suas preceptoras também estavam contentes, porque ninguém havia como ele para animar as pessoas. Só Pedro sabia executar no cravo a «escocesa» - a única peça que tocava -, capaz de servir, dizia ele, para acompanhar todas as danças deste mundo, e de resto também lhos teria trazido presentes.

Nikolenka, que então andava pelos quinze anos, rapazinho de cabelos louros encaracolados e lindos olhos, de expressão inteligente, embora doente e delicado, não podia conter a sua alegria, pois o tio Pedro, como ele lhe chamava, era objecto de toda a sua admiração e do seu entusiasmo. Ninguém particularmente o ensinara, contudo, a gostar de Pedro, a quem só via de longe em longe. A condessa Maria, que o educara, servira-se de toda a sua influência para que o sobrinho gostasse do tio Nicolau como ela própria gostava: Nikolenka, gostava, realmente, dela, mas na sua afeição havia uma certa dose de reserva. Pelo contrário, adorava o tio Pedro. Não aspirava a ser nem hússar, nem a ter a cruz de S. Jorge como Nicolau: queria ser instruído, inteligente e bom como Pedro. Na presença deste, o rosto do pequeno iluminava-se, e quando ele lhe dirigia a palavra, corando de satisfação, a comoção embargava-lhe a voz. Escutava com avidez tudo quanto ele dizia, e depois, com Dessales ou sozinho consigo mesmo, lembrava-se do que ouvira e comentava

as suas palavras.

O passado do tio, as suas desditas antes da guerra de 1812, de que ele, pelo que sabia, pudera engendrar uma confusa e poética imagem, as suas aventuras em Moscovo, o seu cativeiro, Platão Karataiev, de que Pedro lhe falara, o seu amor por Natacha, a quem ele também amava à sua maneira, sobretudo a amizade pelo pai, de quem ele se não recordava, tudo isto o revestia a seus olhos de qualquer coisa de sagrado e lhe dava o prestígio de um herói.

As palavras que lhe ouvira referentes ao pai e a Natacha, a emoção de Pedro sempre que falava do defunto, o enternecimento contido e piedoso quando se aludia ao seu nome, deixavam adivinhar a esse rapazinto, em quem o amor despontava, que o amara aquela senhora e a confiara, ao morrer, ao seu amigo. E esse pai, de quero ele não podia lembrar sequer os traços, era para ele como que uma divindade, de que ninguém podia aproximar-se e em quem não podia pensar sem o coração apertado e os olhos cheios de lágrimas de orgulho Por isso foi grande a sua alegria ao ver chegar Pedro.

Os convidados também se sentiam felizes por tornar a vê-lo estava sempre animado e servia de agente de ligação entre todos os membros da sociedade.

Os adultos da casa, sem contar a mulher, mostravam-se contentes com um amigo que punha toda a gente à vontade e a ninguém maçava.

As mulheres de idade, além de estarem muito satisfeitas com as lembranças que ele lhes trouxera, sentiam-se felizes por ver Natacha retomar a sua boa disposição.

Pedro dava por todas estas diferenças no acolhimento que recebia de toda aquela gente e procurava contentá-la.

Pedro, o homem mais distraído e esquecido que existia, comprara, de acordo com um rol feito pela mulher, tudo o que era necessário, sem esquecer as encomendas da mãe e do irmão, nem o tecido para o vestido de Madame Bielova, nem os brinquedos para os sobrinhos. Nos primeiros tempos do seu casamento, esta exigência da mulher nada esquecer do que era preciso comprar- parecera-lhe estranha e surpreendeu-se muito ao vê-la zangada e muito vermelha quando, da primeira vez que se ausentara, se esquecera, efectivamente, de tudo. Mas depois habituou-se.

Sabendo que Natacha nada lhe pedia para ela própria e que só o encarregava de trazer coisas para os outros quando ele se oferecia. Pedro experimentava agora um prazer infantil, que estava longe de imaginar, em encarregar-se de comprar todas estas lembranças e nunca se esquecia de ninguém. Se porventura ,acontecia a mulher repreendê-lo era apenas porque adquiria coisas em excesso e demasiadamente caras. A todos os seus restantes defeitos, na opinião da maior parte das pessoas, como desleixo no vestir, qualidade aos

olhos de Pedro, juntava agora Natacha o ser também avarenta.

Desde que vivia em família, e família que obrigava a grandes despesas. Pedro notara, com grande surpresa, que despendia duas vezes menos que anteriormente e que a sua fortuna, afectada nos últimos tempos, sobretudo por causa das dívidas da sua primeira mulher, principiava a restabelecer-se.

As suas despesas tinham diminuído porque levava uma vida mais regular. Vira-se livre do luxo a que o obrigava a mudança constante de trem de vida e o certo é que de maneira nenhuma desejaria voltar atrás. Costumava dizer de si para consigo que daí em diante e até ao fim dos seus dias tudo seria imutável m sua vida, que não estava nas suas mãos mudar fosse o que fosse nos seus hábitos, e era isso que diminuía muito as suas

Radiante. Pedro ia abrindo os seus embrulhos.

- É bonito, não é? - exclamava, desdobrando um corte de tecido como um mercador que elogia a mercadoria.

Natacha, sentada diante dele, com a filha mais velha rios joelhos, ia olhando, com os olhos muito vivos, ora o marido ora o que ele mostrava.

- Este é para Madame Bielova? Muito bem. - E apalpava o tecido para apreciar a qualidade. - Foi a um rublo a archina, não é verdade?

Pedro disse o preço.

- É caro - observou Natacha.- Muito vão gostar as crianças, e a mãe também. Mas fizeste mal em comprares-me isso - acrescentou, mirando, sorridente, uma travessa de ouro, cravejada de pérolas, como então se usava.

- Foi Madame Adèle quem insistiu para que eu a comprasse - explicou ele. - «Compre, compre», disse-me ela.

- Quando terei ocasião de a pôr? - murmurou Natacha, pondo-a na cabeça. - Será para a Machenka quando for senhora. Talvez ainda então estejam na moda. Bom, agora vamos.

Depois de juntarem as prendas, dirigiram-se em primeiro lugar ao quarto das crianças, depois aos aposentos da condessa. Esta, como de costume, na companhia de Madame Bielova, entregava-se à tarefa de fazer paciências, quando Pedro e Natacha entraram no salão com os embrulhos debaixo dos braços.

Já fizera sessenta anos a condessa. Tinha os cabelos todos brancos e sobre eles usava uma touca cuja fita lhe passava por debaixo do queixo. Muito cheia de rugas, tinha o lábio superior metido para dentro e os olhos nublados.

Depois da morte do filho e do marido, sucessivamente e num curto espaço de tempo, vivia sob a impressão de estar esquecida neste mundo, já sem finalidade e sem razão

de ser. Comia, bebia, dormia, velava, mas realmente não vivia. A vida já lhe não dava qualquer sensação, boa ou má. Só dela esperava descanso, e esse descanso apenas o podia encontrar na morte. Mas como a morte ainda não chegara, não tinha remédio senão ir vivendo enquanto esperava ou pelo menos ir-se servindo do que lhe restava de vida. Nela se notava em alto grau o que sempre pode observar-se nas crianças de tenra idade ou nas pessoas muito idosas. Dir-se-ia não ter qualquer objectivo exterior à sua própria vida, mas apenas a necessidade de pôr em acção as suas diversas inclinações e aptidões. Precisava de comer, de dormir, de reflectir, de conversar, de chorar, de fazer pequenos trabalhos, de se encolerizar, somente porque tinha estômago, cérebro, músculos, nervos ou fígado. Todos estes actos os realizava ela sem a isso ser provocada por qualquer coisa de exterior, ao contrário das pessoas na força da vida, que desenvolvem actividade na medida em que podem alcançar o objectivo que visaram. Não falava, por exemplo, senão por necessidade física de utilizar os pulmões e a língua. Como uma criança, chorava pela necessidade que tinha de se assoar. O que para os outros era um fim, para ela era mero pretexto.

Eis porque, pela manhã, quando se dava o caso de ter comido na véspera qualquer coisa pesada, sentia a necessidade de se encolerizar e então servia-se do primeiro pretexto que lhe aparecia, como a surdez de Madame Bielova.

Da outra extremidade da sala, dizia-lhe, por exemplo, em voz baixa:

- Quer-me parecer que hoje está mais calor, minha querida.

E Madame Bielova respondia-lhe:

- É verdade, chegaram!

Então ela resmungava, num assomo de ira:

- Meu Deus, que surda e que estúpida!

Outro pretexto para se encolerizar era o rapé, que ora lhe parecia demasiadamente seco ora demasiadamente húmido ou mal raspado. Estes acessos de ira faziam-lhe afluir a bílis ao rosto e as criadas tinham assim indícios certos de quando voltaria Madame Bielova a estar surda e húmido o rapé. Assim como tinha necessidade de fazer circular a bílis, também precisava, de tempos a tempos, de exercitar o que ainda lhe restava de inteligência, e para isso recorria às paciências. Se precisava de chorar, tinha à sua disposição o falecido conde. Se precisava de preocupações, tinha Natacha e a saúde dela. Se porventura carecia de dizer coisas desagradáveis, ali estava a condessa Maria. Se precisava de pôr à prova os seus órgãos vocais, o que em geral acontecia, depois da sesta, no quarto penumbroso, o pretexto era contar sempre as mesmas histórias ao mesmo auditório.

Toda a gente compreendia o estado da velha condessa, embora ninguém falasse disso, e todos procuravam esforçar-se por lhe satisfazer os desejos. Apenas certos olhares

ou alguns tristes sorrisos trocados entre Nicolau, Pedro, Natacha ou Maria davam a perceber que compreendiam a situação.

Estes olhares ainda queriam dizer outra coisa. Diziam que ela chegara ao fim da sua tarefa nesta vida, que nem sempre fora o que era agora, que todos nós chegaremos um dia a ser como ela, e que deviam dar graças a Deus por aturar-lhe os caprichos, suportando essa criatura outrora tão querida, outrora tão cheia de vida como eles e agora digna de piedade. Com essa troca de olhares queriam apenas dizer, *memento morí*.

E em casa só as pessoas más ou pouco inteligentes, ou então as crianças, não compreendiam isso e troçavam da condessa.

Capítulo XIII

Quando Pedro e a mulher chegaram ao salão, a condessa, como de costume, estava ocupada, a exercer as suas faculdades intelectuais numa grande paciência, Embora tivesse por hábito repetir, sempre que Pedro ou o filho voltavam de fora, invariavelmente, as mesmas palavras: «Já era tempo, meu filho: muito temos esperado. Enfim! Louvado seja Deus!», ou então, quando lhe entregavam uma lembrança: «Não é pelo presente, meu filho... Obrigado por teres pensado numa velha como eu...», desta vez era notório que o regresso de Pedro lhe não dava satisfação alguma, pois a obrigava a interromper a paciência. Dando-a por finda, dedicou então a sua atenção aos presentes, Estes eram um lindo estojo com um baralho de cartas, uma chávena de porcelana de Sèvres, azul-claro, em cujo pires havia um friso de pastorinhas, e uma tabaqueira de ouro com o retrato do conde, que Pedro encomendara a um miniaturista de Petersburgo, objecto que a condessa há muito ambicionava. Como não queria chorar naquela altura, deixou de lado o retrato e interessou-se, principalmente, pelo estojo,

- Obrigada, meu amigo, deste-me muita satisfação - disse-lhe ela, repetindo o que dizia sempre. - Mas o melhor de tudo foi teres voltado. Não calculas o que por cá vai quando tu não estás. Tens de ralhar com a tua mulher. Que significa, isto? Sem ti anda como doida. Nada vê, de nada se lembra. Olha para isto, Ana Timofeievna - acrescentou -, que]indo estojo o nosso filho nos trouxe.

Madame Bielova elogiou os lindos presentes e admirou a sua riqueza.

Pedro, Natacha, Nicolau, a condessa Maria, Denissov, todos tinham muita coisa a dizer mas não diante da velha condessa, não para esconderem dela qualquer coisa, mas porque a pobre senhora estava sempre tão longe da maior parte dos assuntos que eles viam-se obrigados a responder a mil e uma perguntas. Às vezes nada oportunas, e a repetir o mesmo muitas vezes, explicando-lhe que este morrera, aqueloutro casara, coisas que ela não havia maneira de compreender. Apesar disso, todos se reuniram, como de costume, no salão, em volta do samovar, e Pedro viu-se obrigado a responder a várias perguntas supérfluas, que a ninguém interessavam e que a condessa lhe fez, inquirindo se o príncipe Vassili estava mais velho, se a condessa Maria Aleksieevna se lembrava dela e se lhe mandara cumprimentos, etc.

Esta conversa, para todos enfadonha, mas obrigatória, ocorreu durante o chá. Em volta da mesa redonda do samovar, presidida por Sónia, reuniam-se, todos os adultos. As crianças, as preceptoras e os preceptores já tinham tomado chá e tagarelavam na sala vizinha. Cada um dos presentes ocupava o seu lugar habitual. Nicolau estava junto do fogão, diante da mesinha onde era servido, Deitada junto dele, numa poltrona, via-se a velha cadela Milka, filha da primeira Milka, com o focinho todo branco, onde avultavam uns grandes olhos negros. Denissov, de cabelos frisados, bigodes e suíças grisalhos, estava ao pé da condessa Maria, o dólman de general desabotoado. Pedro sentava-se entre a mulher e a condessa velha. Contava-lhes coisas que, pensava ele, talvez pudessem interessar à pobre senhora e que ela seria capaz de compreender. Referia-lhe toda a sorte de acontecimentos mundanos, a respeito de pessoas que outrora tinham pertencido ao seu meio, meio então cheio de vida e actividade, mas que, actualmente, quase todas dispersas pelo mundo, findavam os seus dias como ela, colhendo as últimas sementes da rica sementeira da mocidade. O certo é que estes contemporâneos da velha condessa, a seus olhos, eram a única gente séria que em verdade ainda existia no mundo. Pela expressão animada do marido, Natacha podia depreender quão interessante fora a sua viagem, e que muitas coisas teria a contar se tivesse ousado fazê-lo diante da condessa. Denissov, que não era da família e que por conseguinte não podia acompanhar a descrição de Pedro, interessava-se muito, homem descontente que era, pelo que se passava em Petersburgo, instigando Bezukov, constantemente, a que lhe fornecesse pormenores quer sobre a história recente do regimento Semionovski, quer sobre Araktcheiev, quer sobre a sociedade bíblica, Pedro, uma vez por outra, deixava-se conduzir e principiava a contar, mas Nicolau e Natacha lã estavam que logo o forçavam a repetir o que havia sobre a saúde do príncipe Ivan ou da condessa Maria Antonovna.

- E que vêm a ser todas essas loucuras de um tal Gossner e da Tatarinovna? - perguntava Denissov, - Isso continua?

- Se continua? - exclamou Pedro. - Evidentemente. A sociedade bíblica, mas é o governo em peso!

- Que queres dizer, meu caro amigo? - interrompeu a condessa, que, tendo acabado de tomar o seu chá, procurava agora um pretexto para zangar-se. - Que estás tu para aí a dizer do governo? Não percebo nada.

- Sim, mãe, a mãe sabe - interveio Nicolau, ciente de como deviam traduzir-se aquelas novidades na língua da velha condessa. - Foi o príncipe A. N. Galitsine quem organizou uma sociedade; e dizem que muito poderosa.

- Araktcheiev e Galitsine - explicou Pedro, imprudentemente. - O governo agora são

eles. E que governo! Vêem conspirações por todo o lado, têm medo de tudo.

- Quê? O príncipe Alexandre Nikolaievitch, de que o acusam? É um homem às direitas. Conheci-o, noutros tempos, em casa de Maria Antonovna - replicou a condessa, mortificada. E ofendida porque todos se calavam, continuou:- Não é bonita essa maneira de acusar toda a gente. Que mal pode haver numa sociedade evangélica?- E levantou-se, no que todos a imitaram, afastando-se, com uma expressão severa, para sentar-se diante de uma mesa na sala contígua.

Houve um silêncio embaraçoso, de repente interrompido por vozes e gargalhadas das crianças na sala ao lado, Era evidente que alguma coisa de invulgar acontecera entre a criançada.

- Pronto! Pronto! - gritava a pequenina Natacha mais alto que todas as outras crianças,

Pedro relanceou um olhar à condessa Maria e a Nicolau - entretanto não perdia de vista Natacha - e sorriu de contentamento.

- Que linda música! - exclamou.

- Foi a Ana Makarovna quem acabou as meias - disse a condessa Maria.

- Vamos ver! - propôs Pedro, levantando-se de um salto. Sabes porque gosto tanto desta música? - acrescentou, detendo-se à porta. - São eles os primeiros a anunciar-me que tudo corre bem. Hoje, quando cheguei, à medida que me aproximava de casa, crescia o receio em mim. Mas mal entrei no vestíbulo, que ouço eu? Andriucha na às gargalhadas e pensei: «Então tudo corre bem...»

- Sim, tens razão, já sei o que é - confirmou Nicolau. - Não preciso de lá ir. As meias são uma surpresa para mim. Pedro entrou na sala das crianças; os gritos e os risos cresceram.

- Então? Ana Makarovna! - dizia a voz de Pedro - Chega-te aqui para o meio da sala. Sou eu quem manda. Quando eu disser: um, dois, três, põe-te aqui neste lugar e mostra as tuas mãos. Bom, comecemos - e depois de uma curta pausa: - um, dois, três!...

- Duas! Duas! - gritaram as crianças entusiasmadas. Tratava-se das duas meias que Ana Makarovna, graças a um segredo só dela, sabia fazer ao mesmo tempo. No fim, terminado o trabalho, retirava uma das meias de dentro da outra, solenemente, na presença das crianças.

Capítulo XIV

Pouco depois, as crianças entraram no salão para dar as boas-noites. Beijaram toda a gente; preceptores e preceptoras, com uma vénia, saíram. Apenas ficou Dessales com o seu aluno. Dessales, em voz baixa, disse entretanto a Nikolenka, ainda no salão, que se retirasse.

- *Não, Monsieur Dessales, vou pedir à minha tia para me deixar ficar - replicou* Nikolenka, em voz baixa também.

E dirigindo-se à tia:

- Tia, consente que eu fique?

Havia uma expressão de súplica no rosto emocionado da criança. A condessa Maria, ao vê-lo tão agitado, não pôde deixar de dizer a Pedro:

- Quando o Pedro aqui está, não pode separar-se de si.

- *Eu já lho levo, Monsieur Dessales; boa noite* - disse Pedro, apertando a mão do preceptor suíço: depois, sorrindo, dirigiu-se à criança: - Efectivamente ainda não nos tínhamos visto. Oh, Maria, que parecido ele está... - acrescentou.

- Com meu pai? - inquiriu o rapazinho, que corou muito, enquanto olhava Pedro dos pés à cabeça, com olhos brilhantes e cheios de entusiasmo.

Pedro respondeu com um aceno de cabeça afirmativo e prosseguiu a conversa interrompida. A condessa Maria trabalhava ao bastidor; Natacha seguia o marido com os olhos. Nicolau e Denissov levantaram-se, pediram os respectivos cachimbos, acenderam-nos, enquanto Sónia, triste e obstinadamente sentada ao lado do samovar, lhes servia chá. Interrogavam Pedro sobre a viagem. Nikolenka, com o seu ar enfermiço, o cabelo encaracolado e os olhos brilhantes, permanecia sentado a um canto, sem que ninguém desse por ele. De quando em quando voltava para Pedro a cabeça encaracolada e o pescoço delgado, que emergia do colarinho revirado da camisa, e estremecia, murmurando fosse o que fosse para si mesmo, como se experimentasse um sentimento violento e novo.

A conversa girava em torno das intrigas das altas esferas administrativas, onde em geral se concentra todo o interesse da política interna de um pais. Denissov, descontente com o governo por causa dos seus fracassos no serviço, saboreava com prazer todos os disparates que, segundo ele, se estavam a praticar em Petersburgo, comentando o que dizia

Pedro em termos enérgicos e duros.

- Antigamente era preciso que uma pessoa fosse alemã, agora é necessário dançar com a Tatarinova e Madame de Küdner, ler... Eckartsliausen e quejandos. Ah! Não aparecer ai outra vez o nosso valente Bonaparte. Acabava-lhes com a parvoíce. Parece impossível, confiarem a um alemão o regimento Semionovski! - vociferava ele.

Embora Nicolau não tendesse, como Denissov, a achar tudo reprovável, o certo é que também considerava coisa importante e digna de atenção criticar o governo a propósito da nomeação de Fulano para ministro ou de Sicrano para governador de tal província, ou o que dissera o imperador ou certo ministro. Graças à intervenção destes dois interlocutores, a conversa ficou-se pela intriga habitual dos meios administrativos.

Natacha, que conhecia os mínimos gestos e pensamentos do marido, adivinhou que ele teria desejado conduzir a conversa noutro sentido e abordar o objecto da sua preocupação íntima - o assunto que o levara a Petersburgo para se aconselhar com o seu novo amigo, o príncipe Fedor- e, perguntando-lhe em que situação estavam as coisas, conseguiu o que ele desejava.

- De que se trata? - perguntou Nicolau,

- Da mesma coisa de sempre - respondeu Pedro olhando em torno de si. - Toda a gente reconhece que as coisas vão mal, que isto não pode durar e que o dever de todo o homem de bem é reagir na medida das suas forças.

- E que podem fazer os homens de bem? - interrogou Nicolau, franzindo ligeiramente as sobrancelhas.- Que é possível fazer?

- Aí está...

- Vamos para o meu gabinete - disse Nicolau.

Natacha, sempre à espera que a chamassem para dar de ma- mar ao bebé, ao ouvir a voz da criada dirigiu-se para o quarto das crianças. A condessa Maria acompanhou-a- Os homens encaminharam-se para o gabinete e Nikolenka Bolkonski, sem o tio dar por isso, seguiu atrás deles, sentando-se, no escuro, perto da janela, junto da secretária do tio,

- Bom, que propões tu? - perguntou Denissov.

- Sempre as mesmas quimeras! - comentou Nicolau.

- Bom, trata-se do seguinte - principiou Pedro, sem se sentar, caminhando de um lado para o outro, ou detendo-se bruscamente, com silvos na voz e gestos bruscos. - Trata-se da situação em Petersburgo. O imperador já de nada quer saber. Está inteiramente entregue ao misticismo. (Pedro, por então, não perdoava a ninguém tendências místicas.) Só pensa no sossego próprio e esse sossego só o pode conseguir graças a essas criaturas sem, eira nem beira, que perseguem e oprimem toda a gente, os Magnitski, os Araktcheiev

e *tutti quanti* - Tens de concordar que se te não ocupasses pessoalmente das tuas terras e apenas quisesses viver sossegado, quanto mais cruel fosse o teu administrador tanto mais facilmente conseguirias o que desejavas, não é verdade? - disse Pedro, dirigindo-se a Nicolau.

- Sim, claro, isto é - - balbuciou este.

- Por conseguinte, tudo vai por terra. Nos tribunais prevarica-se; no exército reina a violência: o passo de parada, as colónias militares. O povo vive tiranizado; toda a cultura está asfixiad2. Tudo que é novo, tudo que é honesto, é perseguido. Todos compreendem que isto não pode durar muito. Está muito esticada a corda e terá de acabar por partir-se. - Pedro falava como ,s fala sempre que se julgam os actos de qualquer governo desde que no mundo há governos. - E aqui têm o que eu lhes disse em Petersburgo.

- A quem? - perguntou Denissov.

- Sabes bem a quem me refiro - replicou Pedro, olhando-o com um olhar significativo -: ao príncipe Fedor e a todos os outros. Fomentar a instrução é excelente, bem entendido, É um belo programa, e pronto. Mas nas circunstâncias presentes é precisa outra coisa.

Nesta altura Nicolau deu conta de que o sobrinho os acompanhara. Afivelando uma expressão sombria, aproximou-se dele.

- Que fazes tu aqui?

- Deixa-o! - interveio Pedro, e travando-lhe do braço continuou. - Não basta - disse-lhes eu -, agora é precisa outra coisa. Visto estarem todos para ai, sem bulir um dedo, à espera que a corda se parta, e visto que todos são de opinião de que vai dar-se uma inevitável catástrofe, e preciso que o maior número possível de homens se encontre reunido e de mãos dadas para resistir à convulsão geral. Toda a juventude, toda a forca e sente para ali atraída, e ali se corrompe, A este são as mulheres que o perdem: àquele o favoritismo àqueloutro a vaidade e o dinheiro, e assim passam para o outro campo. Pessoas independentes e livres como vocês e eu já não existem. Disse-lhes: ampliai a vossa esfera de acção, que a vossa palavra de ordem não ,c.a apenas a virtude, mas a independência e a actividade.

Nicolau que esquecera completamente o sobrinho, puxou duma cadeira, num gesto brusco, sentou-se e, enquanto ouvia Pedro, o seu descontentamento acentuava-se, tossindo e franzindo cada vez mais as sobrancelhas.

- E qual o objectivo dessa actividade? - exclamou. - Quais serão as vossas relações com o governo?

- As nossas relações? As de verdadeiros colaboradores. Se o governo reconhecer a

nossa sociedade, não precisa de ser secreta. Não só lhe não será hostil, como será formada de autênticos conservadores. Será uma associação de cavalheiros em toda a acepção da palavra. Estaremos presentes para impedir que um Pugatchov acabe por estrangular os teus filhos e os meus e que um Araktcheiev me mande para uma colónia militar, Para isso mesmo nos uniremos, com esse objectivo único: o bem e a segurança de todos.

- Sim, mas será uma sociedade secreta, e por conseguinte hostil ao governo e prejudicial portanto. Só poderá vir a fazer mal.

- Porquê? A Tugendbund, que salvou a Europa - ainda então ninguém ousava dizer que fora a Rússia que a salvara -, fez algum mal? A Tugendbund, pelo contrário, é a linha da virtude, é o amor, a assistência mútua, o que Cristo pregou na cruz...

Natacha, que entrara no meio da discussão, contemplava o marido, desvanecida. No eram as suas palavras que a comoviam. Nem sequer lhe interessavam. Era tão simples o que ele dizia! De há tanto conhecia as suas ideias! De resto, sabia sempre de antemão o que emanava da sua alma. Se estava desvanecida, era apenas em virtude da animação e do entusiasmo que lhe via no rosto.

Esquecido por todos, Nikolenka contemplava Pedro com uma expressão de alegria e entusiasmo ainda mais viva do que a de Natacha. As palavras de Pedro inflamavam-lhe o coração. Enquanto ouvia ia quebrando, num gesto maquinal, a cera e as penas que estavam em cima do tampo da secretária do tio.

- Não se trata, de resto, exactamente do que tu pensas: eis o que era a Tugendbund alemã e aquilo que eu proponho.

- Sim, sim, filho, isso é bom para os devoradores de salsichas, essa tal Tugendbund. Cá, por mim, não a compreendo, nem a admito - exclamou Denissov, numa voz forte e enérgica. Tudo vai de mal a pior, concordo; mas, quanto a essa Tugendbund, nada percebo. Mas, em compensação, o bund *(Jogo de palavras com o vocábulo Bund, que em alemão quer dizer «união» e em russo significa «Sublevação». (N. dos T.)* é outra coisa. Eu sou o homem que lhes convém ! *(Liga secreta russa. N. dos T.)*

Pedro sorriu, e Natacha também, mas Nicolau franziu ainda mais as sobrancelhas, descontente, tentando provar a Pedro não haver que recear qualquer convulsão e que o perigo de que ele falava só existia na sua cabeça. Pedro demonstrou-lhe o contrário e, como sabia melhor e mais habilmente defender a sua tese, não tardou que Nicolau se visse derrotado. Então perdeu a cabeça, e com tanto mais energia quanto era certo lá no fundo, graças a uma intuição mais poderosa que toda a sorte de raciocínios, saber que incontestavelmente tinha razão.

- Pois eu dir-te-ei - exclamou ele, erguendo-se e atirando fora o cachimbo, num gesto

brusco - Não posso apresentar-te provas. Entendes que tudo vai mal e que haverá uma revolução, pois eu não vejo as coisas dessa maneira. Dizes que o juramento é coisa convencional. Eis o que te responderia. Tu bem sabes que és o meu melhor amigo. Pois bem: se tu constituísses uma sociedade secreta, se te pusesses a fazer uma política de oposição ao governo, fosse ela qual fosse, o meu dever seria colocar-me ao lado deste. E, supondo que Araktcheiev me dava ordens nessa altura para eu marchar contra vocês à frente de um esquadrão e de vos passar a fio de espada, não hesitaria um segundo. E depois disto podes dizer o que quiseres.

Após estas palavras reinou no gabinete um silêncio embaraçoso. Natacha foi a primeira a falar para defender o marido e atacar o irmão. A sua defesa, posto débil e inábil, atingiu o alvo. A conversa prosseguiu, mas já não naquele tom hostil e irritado que Nicolau lhe imprimira.

Quando se levantaram para cear, Nikolenka Bolkonski aproximou-se de Pedro, muito pálido, os olhos luminosos e cintilantes.

- Tio Pedro... Tu... Não... Se meu pai fosse vivo... seria da sua opinião? - perguntou-lhe.

Pedro compreendeu imediatamente a que complicado, estranho e intenso trabalho se dera, durante a discussão o cérebro do rapazinho. E, recordando-se do que dissera, lamentou que ele o tivesse ouvido. No entanto era preciso responder-lhe.

- Acho que sim - disse, um pouco embaraçado, afastando-se.

O jovem Nicolau baixou a cabeça e foi então que reparou nos estragos que fizera na secretária. Corou e disse para o tio, mostrando-lhe os restos da cera e das penas partidas:

- Desculpe-me, tio, foi sem querer.

- Está bem, está bem - tornou-lhe Nicolau, ainda agitado pela ira, sacudindo tudo aquilo de cima da secretária.

Dominando, a custo, a irritação, acrescentou, enquanto se retirava:

- Nada tinhas que fazer aqui.

Capítulo XV

Durante a ceia não mais se falou de política nem de sociedades secretas. A conversa abordou, com grande satisfação ele Nicolau, as recordações de 1812, que Denissov evocara, e Pedro mostrou-se particularmente bem disposto e inspirado. Quando se separaram, estavam de novo os melhores amigos deste mundo Depois da ceia, Nicolau despiu-se no gabinete, deu ordens ao seu administrador e em seguida, de roupão, dirigiu-se ao quarto de cama onde a mulher ainda estava sentada à secretária a escrever.

- Que estas a escrever. Maria? - perguntou.

A condessa Maria corou. Teve receio de que o marido não aprovasse o que ela escrevia.

Efectivamente desejava esconder-se dele, embora lhe desse satisfação ter sido por ele surpreendida e sentir-se obrigada a desvendar-lhe o seu segredo.

- É o meu diário. - disse ela, mostrando-lhe um caderninho azul, enegrecido pela sua caligrafia miúda e firme.

- Um diário? - exclamou Nicolau, com certa zombaria, pegando no caderno.

Eis o que estava ali escrito em francês:

> *4 de Dezembro. Hoje, Andriucha, o meu filho mais velho, ao acordar, não quis vestir-se, e Louise mandou-me chamar.*
>
> *Tivera um capricho e estava birrento. Tentei repreendê-lo, mas ainda ficou mais irritado. Então resolvi deixá-lo ficar, levei comigo os outros, com a criada, e disse-lhe que já não gostava dele. Ficou muito tempo calado, surpreendido com o que eu dissera, e depois abraçou-se a mim a chorar, de tal maneira que me custou consolá-lo. Via-se que o que mais o penalizava era eu estar zangada. À noite, quando lhe entreguei o boletim do dia, pôs-se de novo a chorar, abraçado a mim. Com ternura tudo se pode conseguir dele.*

- Que vem a ser isto do boletim do dia? - inquiriu Nicolau. Dou agora, todas as noites, aos mais velhos, notas pelo seu comportamento.

Nicolau fitou os olhos radiantes da condessa Maria pousados nele, e continuou a folhear o caderno. No diário da condessa estava anotado tudo que a mãe julgava digno de

registo na vida de seus filhos, com observações sobre o carácter de cada um e ideias gerais acerca dos métodos educativos.

Na maior parte não passavam de pormenores insignificantes, embora o não parecessem aos olhos da mãe e até do pai quando pela primeira vez veio a tomar conhecimento deles.

Com data de 5 de Dezembro, lia-se o seguinte:

> *Mítia fez travessuras à mesa. O pai deu ordem para lhe não servirem a sobremesa, e assim fizeram. Mas que ar lastimoso e ávido o seu enquanto olhava para os irmãos comendo o doce! E concluí que castigá-lo daquela forma, privando-o de guloseimas, apenas servirá para lhe espicaçar a gula. Hei-de falar nisto a Nicolau.*

Nicolau pousou o caderno e pôs-se a olhar a mulher, os luminosos olhos da condessa, fitos nele, pareciam perguntar se ele aprovava ou reprovava o diário. Não havia dúvida de que aprovava e que todo ele era admiração pela mulher.

«Naturalmente, não valia a pena descer a tantos pormenores, nem mesmo seria preciso semelhante diário», pensava Nicolau, mas aquela permanente e continuada contenção de espírito da mulher, exclusivamente concentrada nos filhos, não podia deixar de lhe causar admiração. Se Nicolau tivesse podido analisar os seus próprios sentimentos, compreenderia que no fundo do grande e dedicado amor que a mulher lhe inspirava havia uma profunda admiração pelo seu estofo moral, por esse mundo superior em que ela naturalmente vivia e lhe era quase inacessível a ele.

Orgulhava-se de a ver tão inteligente e tão boa, confessava ser-lhe muito inferior no ponto de vista da elevação dos sentimentos e era grande a satisfação que sentia ao pensar que uma alma assim não só lhe pertencia como era parte de si mesmo.

- Aprovo-te completamente, inteiramente, minha querida - disse-lhe compenetrado, e após uma pequena pausa continuou: - Hoje portei-me mal. Tu não estavas presente nessa altura. Tivemos uma discussão, o Pedro e eu, e perdi a cabeça. Mas não podia deixar de ser. É uma verdadeira criança. As vezes pergunto a mini próprio que seria dele se Natacha o não trouxesse tão aperreado.

- Queres saber o que ele foi fazer a Petersburgo?... Organizaram lá...

- Sim, bem sei - atalhou Maria. - Natacha contou-me.

- Pois calcula - continuou Nicolau, exaltando-se à lembrança da discussão que tivera - , quer fazer-me acreditar que o dever de todo o homem de bem é conspirar contra o governo, quando o juramento e o dever... Tenho pena de que não estivesses presente.

Caíram-me todos em cima, inclusivamente o Denissov e a Natacha... Natacha tem muita graça. Embora o tenha debaixo do tacão do sapato, quando há qualquer discussão, nada sabe dizer; repete o que ele diz,- Enquanto falava, Nicolau, sem querer, recaía numa tendência natural: criticar as pessoas que mais caras lhe eram e a quem mais estimava.

Esquecia, no entanto, que o que afirmava de Natacha se lhe aplicava a ele e à mulher, ponto por ponto.

- Sim, já tinha notado - corroborou Maria.

- Quando lhe disse que o dever e o juramento prestado estavam acima de tudo, respondeu-me não sei como. Tenho pena de que não estivesses presente. Que lhe terias respondido?

- Por mim acho que tens toda a razão. E foi o que disse à Natacha. Pedro acha que a miséria e o sofrimento são gerais hoje em dia, que a imoralidade triunfa por toda a parte, e que é nosso dever ajudar o próximo. Claro que tem razão, mas esquece que temos outras obrigações mais instantes que Deus nos impôs, e que, se é justo que nos arrisquemos, não devemos arriscar os nossos filhos.

- Pois. Foi isso mesmo que eu lhe disse - continuou Nicolau, que, realmente, julgava ter pronunciado precisamente aquelas palavras. - Mas eles teimaram nas suas ideias do amor do próximo e do cristianismo. E tudo isto diante de Nikolenka, que se meteu no escritório - me pôs tudo de pernas para o ar.

- Ah! Muito me preocupa o Nikolenka. É uma criança tão fora do vulgar! Tenho medo de que os cuidados com os nossos filhos me obriguem a esquecê-lo um pouco. Todos nós temos os nossos filhos, a nossa família, mas ele, ele não tem ninguém. Está sempre só com os seus pensamentos.

- Então, não acho que tenhas razão para te censurares, Tens sido para ele uma verdadeira mãe, a mais carinhosa das mães. E, podes crer, estou muito contente com isso. É um rapaz encantador, um óptimo rapaz. Dir-se-ia em êxtase, hoje, a ouvir o Pedro. E calcula, no momento em que nos levantámos para cear, reparei que partira tudo que estava em cima da minha secretária. Aliás, foi ele o primeiro a acusar-se. Nunca o apanhei a dizer uma mentira. Sim, é uma criança encantadora, um óptimo rapaz! - repetiu Nicolau, que, bem no fundo, não gostava muito do sobrinho, aproveitando, no entanto, todas as oportunidades para o elogiar.

- Mas nada há que chegue a uma mãe - replicou a condessa Maria. - É bem verdade e isso é que me atormenta. É uma criança maravilhosa: mas preocupa-me muito. Não lhe faz bem viver isolado.

- Evidentemente, e não será por muito tempo. Este Verão levo-o a Petersburgo -

disse Nicolau- Não há dúvida, o Pedro sempre foi e será sempre um lunático - prosseguiu, voltando ao assunto da discussão, que parecia tê-lo impressionado muito. E a mim que me importa o que está a passar-se para esses lados e que Araktcheiev seja má rês? Em que me poderia isso ter interessado, por exemplo, quando me casei? Estava tão cheio de dívidas que por pouco não me metiam na cadeia e minha mãe nada podia ver nem compreender? Depois vieste tu, os filhos, a nossa vida. Julgas que me agrada trabalhar de manhã até à noite? Mas esta é a verdade, eu sei que tenho de trabalhar para garantir a tranquilidade da mãe, pagar o que te devo e não deixar que os meus filhos fiquem tão pobres como eu.

Maria teria gostado de lhe observar que os homens não vi- vem só de pão, que ele atribuía demasiada importância ao que chamava os seus negócios, mas para si mesma dizia que não devia falar assim e que se o fizesse seria inútil. Contentou-se em pegar-lhe na mão e beijá-la. Nicolau interpretou este gesto da mulher como uma aprovação e a confirmação do que ele acabava de dizer, e depois de ter permanecido algum tempo calado, a pensar, continuou, em voz alta, o curso dos seus pensamentos.

- Sabes, Maria - prosseguiu -, chegou hoje o Ilia Mitrofanovitch (era o administrador). Vem da aldeia de Tambov e disse-me que ofereceram oitenta mil rublos pela floresta.

E pôs-se a contar-lhe, muito animado, que dentro de muito pouco lhe seria possível voltar a comprar Otradnoie:

- Dentro de dez anos posso deixar os nossos filhos numa excelente situação.

A condessa Maria ouvia o marido sem perder o mais pequeno pormenor do que ele dizia. Quando sucedia Nicolau principiar a pensar assim em voz alta, às vezes interrogava-se sobre o que dissera e quando percebia que ela estivera a pensar noutra coisa, ficava furioso. Eis porque ela se via obrigada a um grande esforço, uma vez nada daquilo lhe interessar por aí além. Olhava-o, e, se não pensava noutra coisa, pelo menos os seus sentimentos estavam muito longe. Sentiu um amor submisso e terno por esse homem cuja inteligência não conseguia chegar por vezes ao seu nível e nem por isso o amava menos, antes mais e com apaixonada ternura. Além deste amor que a absorvia por completo e a impedia de compreender todos os pormenores dos projectos do marido, outros pensamentos lhe vinham à cabeça perfeitamente estranhos ao assunto da conversa. Pensava no sobrinho. O que o marido dissera acerca da comoção que ele sentira escutando Pedro impressionara-a muito: recordava certos aspectos do seu carácter delicado e sensível, e ao mesmo tempo pensava nos filhos. Não fazia distinção entre uns e o outro, mas, ao comparar os seus sentimentos, notava, com tristeza, faltar qualquer coisa no seu afecto por Nikolenka.

As vezes queria parecer-lhe que esta diferença era o resultado da idade, mas no fundo

sentia-se culpada para com ele e no seu foro íntimo prometia corrigir-se e fazer o impossível, isto é, querer, neste mundo, ao marido, aos filhos, a Nikolenka e ao próximo em geral como Cristo à humanidade. Na sua alma havia sempre uma aspiração ao infinito, ao eterno e à perfeição, por isso nunca podia ter sossego. No seu rosto havia severos vestígios dos profundos tormentos secretos de uma alma oprimida pelo corpo. Nicolau contemplava-a nesse momento.

«Meu Deus!», pensava, «que seria de nós se ela nos faltasse? Eis o que me pergunto sempre que a vejo com esta expressão!» E de pé, diante do ícone, pôs-se a rezar as orações da noite.

Capítulo XVI

Quando ficaram sós, Natacha e o marido principiaram a conversar como apenas o sabem fazer os casados, isto é, trocando entre si breves pensamentos, compreendendo-se por meias palavras, sem lógica, graças a qualquer coisa de muito especial. Tão habituada estava Natacha a falar com o marido desta maneira que lhe bastava ouvi-lo pôr uma certa sequência nas ideias para compreender que não estavam perfeitamente de acordo. Quando ele principiava a argumentar, falando muito devagar, e ela também, era certo e sabido que acabariam zangados.

Mal ficaram sós, Natacha, os olhos muito abertos, repassados de alegria, aproximou-se de Pedro e, pegando-lhe bruscamente na cabeça, apertou-a contra o coração, exclamando: - Ah, agora és meu e só meu! Já não te deixarei mais! - E então travou-se entre eles uma dessas conversas alheias à lógica. E o certo é que a multiplicidade dos assuntos abordados, em vez de prejudicar a clareza do que diziam, apenas significava que se entendiam perfeitamente.

Assim como no sonho tudo é inverosímil e absurdo menos o sentimento que o conduz, também naquela troca de ideias, contraria a toda a lógica, apenas era claro e compreensível o sentimento que animava o que diziam.

Natacha contava a Pedro a maneira de viver do irmão, o que ela própria sofria quando ele. Pedro, não estava em casa e o muito que gostava de Maria, cada vez mais, a quem considerava muito melhor do que ela própria. E ao dizer que confessava, sinceramente, reconhecer a superioridade de Maria, exigia, ao mesmo tempo, que ele, Pedro, a preferisse a ela. Natacha, a preferisse a Maria e a todas as demais mulheres e que lho provasse, agora sobretudo, depois de ter estado em Petersburgo, onde vira tantas outras mulheres.

Pedro contou-lhe então que lhe tinham parecido insuportáveis todas essas reuniões e todos esses jantares com as senhoras da alta sociedade.

- Perdi o costume de falar com senhoras - disse ele. Nada há mais enfadonho, De resto tinha muito que fazer. - Natacha olhou-o fixamente e continuou:

- Maria é encantadora! E como ela compreende as crianças! Parece que lhes lê na alma. Ontem, por exemplo, o Mitenka leve um ligeiro capricho...

- Parece-se tanto com o pai! - atalhou Pedro.

Natacha percebeu porque fizera Pedro aquela observação; a lembrança da discussão com o cunhado era-lhe penosa e queria saber o que pensava disso Natacha.

- Tens razão. Nicolau tem a fraqueza de só admitir o que todos reconhecem. Por mim compreendo perfeitamente que tu não aches isso bom senão enquanto serve para encetar uma carreira - disse ela, repetindo o que lhe ouvira a ele um dia.

- É verdade - continuou Pedro. - Para Nicolau as ideias e os raciocínios são um divertimento, uma espécie de passatempo. Está a formar uma biblioteca e impôs a si mesmo que não comprará qualquer novo livro enquanto não tiver lido o que comprou antes, seja ele de Sismondi, de Rousseau ou de Montesquieu - acrescentou, sorrindo. - De resto, sabes tão bem como eu... - Com estas palavras quis deitar um pouco de água na fervura, mas Natacha, para dar-lhe a perceber que era inútil, interrompeu-o.

- Dizes tu, então, que para ele as ideias não passam de divertimento...

- Para mim, pelo contrário, só o que não são ideias e divertimento. Durante a minha estada em Petersburgo via-os a todos como num sonho. Quando uma ideia me preocupa, tudo o mais, para mim, é apenas um espectáculo divertido.

- Que pena tenho de não ter assistido ao teu encontro com os pequenos! - exclamou Natacha. - Qual se mostrou mais alegre? Lisa, naturalmente?

- Sim - replicou Pedro, retomando o curso das suas preocupações. - Nicolau entende que não temos necessidade de pensar. Aí esta uma coisa impossível para mim. Em Petersburgo posso dizer-to, tinha a impressão de que, sem mim, tudo iria por água abaixo, cada um puxava a brasa à sua sardinha. Consegui reuni-los a todos e então a minha ideia tornou-se simples e clara. Não digo que nos devamos opor a este ou àquele. Podemos enganar-nos. O que digo é o seguinte: caminhemos de mãos dadas com todos os que amam a justiça e tenhamos todos uma só bandeira, a bandeira da virtude militante. Sim, esse príncipe Sérgio é homem inteligente e bela pessoa.

Natacha não tinha dúvidas quanto ao valor da ideia de Pedro, mas uma coisa a perturbava: Pedro era seu marido. «Poderá um homem tão importante e tão útil à sociedade ser ao mesmo tempo meu marido? Como foi possível?» E apetecia-lhe dizer isso mesmo. «Quem são as pessoas competentes para julgar se realmente ele é superior a todos os outros?», perguntava ela a si mesma enquanto fazia perpassar pela mente todas as pessoas a quem Pedro tinha em alta estima. Pelo que ele lhe dissera, nenhuma lhe merecia o respeito de Platão Karataiev.

- Sabes em quem estou a pensar? - perguntou-lhe ela. - Em Platão Karataiev! Que faria ele? Aprovar-te-ia neste momento? Pedro não se surpreendeu com a pergunta.

Apreendera o pensamento íntimo da mulher.

- Platão Karataiev? - repetiu ele, e ficou pensativo, procurando, sinceramente, fazer uma ideia do que pensaria esse homem dos seus projectos.- Não compreenderia, e, quem sabe?, talvez no fim de contas os aprovasse.

- Quero-te muito! - exclamou, de súbito. Natacha. - Muito

- Não, não os aprovaria - acrescentou Pedro, depois de curta reflexão. - A nossa vida conjugal, sim, essa aprová-la-ia. Tanto desejava encontrar por toda a parte a felicidade, a beleza, a tranquilidade! Teria orgulho -m que ele nos pudesse ver. Estás sempre a queixar-te da separação. Mas não podes calcular a plenitude de sentimentos que inspiras depois de uma separação...

- Era o que faltava a - principiou Natacha.

- Mas não. Nunca deixo de te querer muito. E não se pode gostar mais, mas sobretudo... - Não terminou a frase, e os seus olhares, que se encontraram, concluíram o seu pensamento.

- Que tolice - exclamou Natacha, subitamente. - Fala-se muito costuma dizer-se que é nos primeiros da lua-de-mel e tempos de casadas que as pessoas são mais felizes. Não, pelo contrário. é depois, o melhor tempo é agora. Se ao menos não tivesses de te ausentar... Recordas-te do que discutíamos? E a culpa era sempre minha, era eu sempre a culpada. E agora nem sequer me lembro porque discutíamos.

- Era sempre a mesma coisa - disse Pedro, sorrindo-se. - O ciúme.

- Não digas isso, não me faças sofrer! - exclamou Natacha, enquanto nos seus olhos brilhava uma chama fria e maldosa. - Viste-a? - acrescentou, depois de um breve silêncio.

- Não e mesmo se a visse não a reconheceria.

Calaram-se ambos.

- Queres saber? Quando estavas a falar no gabinete de Nicolau, eu olhava para ti - voltou ela, tentando dissipar a nuvem que se erguera- Parecem-se como duas gotas de água, tu e o pequeno - referia-se ao filho. - Ah!, tenho de ir vê-lo... São horas... E tenho pena de me ir embora.

Calaram-se de novo por momentos. Depois, repentinamente, voltaram-se ao mesmo tempo um para o outro e puseram-se a conversar. Pedro retomou a conversa, animado e cheio de convicção, Natacha sorrindo, meigamente, com um ar feliz. Calavam-se, alternadamente , para que o outro falasse.

- Que queres dizer? Fala, anda, fala tu primeiro.

- Fala tu; eu nada tenho para dizer - replicou Natacha.

Pedro continuou a falar do assunto que abordara. Expunha com satisfação o tema do

êxito das negociações de Petersburgo. Estava convencido, de facto, naquele momento, de que fora chamado a imprimir uma direcção nova à sociedade russa e ao mundo inteiro.

- Queria apenas dizer que as ideias com grande projecção são sempre muito simples. No fundo a minha ideia é que se os criminosos estão unidos entre si, e são uma força, o mesmo devem fazer as pessoas de bem. É muito simples!

- É

- E tu, que querias dizer?

- Nada, tolices.

- Mas, seja como for, fala...

- Nada, é o que te digo, tolices - insistiu Natacha, radiante, com um sorriso nos lábios, cada vez mais resplandecente. - Queria apenas falar-te do Pétia, Hoje a criada veio buscá-lo quando eu o tinha ao colo. Pôs-se a rir, fechou os olhos e agarrou-se a mim. Pensava ele que escondendo-se o não viam. Que engraçado! Lá está ele a chorar. Adeus! - E Natacha desapareceu.

Entretanto, no andar inferior, no quarto de dormir de Nikolenka Bolkonski, estava acesa, como sempre, uma lamparina, pois a criança tinha um medo irreprimível da escuridão, Dessales dormia, as costas apoiadas em quatro almofadas, e o seu perfil grego desenhava-se na penumbra, enquanto ressonava calmamente. Nikolenka acabara de acordar, repassado de suores frios, os olhos muito abertos, e, sentado na cama, olhava, fixamente diante dele. Acordara no meio de um tremendo pesadelo. Sonhara que ele e Pedro estavam de capacete como numa das estampas do seu Plutarco. Iam os dois à frente de um grande exército. Esse exército eram linhas brancas oblíquas que enchiam o espaço como essas teias de aranha que se vêem, em pleno Outono, flutuar nos ares e a que Dessales chamava os fios da Virgem. Diante deles estava a glória, representada por aqueles fios aéreos, apenas um pouco mais consistentes. Ambos se deixavam levar, alegres e ligeiros, aproximando-se cada vez mais do objectivo. De súbito, os fios que os faziam avançar principiam a enfraquecer e a misturar-se, e um grande peso não os deixa caminhar. Nicolau Ilitch, o tio, para diante deles numa atitude severa e, ameaçadora. «Foram vocês quem fez isto», diz-lhe, apontando os pedaços da pena e da cera. «Sou vosso amigo, mas Araktcheiev ordenou e eu vou matar o primeiro de vós que der mais um passo.» Nikolenka relanceou um olhar a Pedro: mas Pedro desaparecera. Quem o substituía era o pai, o príncipe André. Não tinha forma nem contornos definidos, mas era ele, com certeza. Ao vê-lo, Nikolenka sente que o amor o enfraquece: sente que não tem força, que se transformou em qualquer coisa mole, quase fluida. O pai acaricia-o e consola-o. Mas eis que o tio Nicolau Ilitch continua a caminhar para eles. Cheia de terror, a criança acorda. «Vi

meu pai, que me acariciou», disse para si mesmo. Apesar de haver em casa dois retratos do príncipe André, muito parecidos. Nikolenka nunca o vira representado sob forma humana. «Sim, era meu pai que ainda há Pouco estava comigo e me acariciava. Aprovava a minha conduta e a do tio Pedro. Diga-me o que disser, obedecer- lhe- ei. Mucius Scevola queimou a mão. Pois não terei oportunidade de fazer o mesmo na minha vida? Eles querem, bem sei, que me instrua. Serei sábio. E quando acabar a minha instrução, então agirei. Só peço a Deus que venha um dia a encontrar-me na situação dos grandes homens de Plutarco, Farei o que eles fizerem. Farei mesmo melhor. Toda a gente o saberá, todos gostarão de mim, elogiar-me-ão.» De repente sentiu que os soluços lhe estrangulavam a garganta e principiou a chorar.

- *Está mal disposto?* - perguntou Dessales.

- *Não* - respondeu Nikolenka, voltando a deitar-se.

«É bom, e eu gosto dele. é um homem excelente», murmurou pensando em Dessales. «E o tio Pedro? Oh!, que maravilha, E meti pai? Meu pai! Sim, farei tudo para que ele se orgulhe de mim..»

SEGUNDA PARTE

Capítulo 1

= objecto da história é a vida dos povos e da humanidade. Mas abarcar com palavras, sem outros intermediários, descrever, em suma, não a vida da humanidade, mas a de um único povo, pode parecer tarefa impossível.

Todos os historiadores antigos, para descreverem e abarcarem a vida de um povo e conseguirem isso, que parece impossível, adoptam um único e mesmo processo, Descrevem os actos dos indivíduos que governam esse povo, e esses actos para eles é como se fossem os actos desse povo inteiro.

Quando se lhes perguntava como podiam esses indivíduos separados fazer agir os povos a seu talante e quem dirigia a vontade desses indivíduos, respondiam que a vontade divina submetia os povos à vontade de um homem eleito e depois Que esta mesma divindade dirigia a vontade desse homem para um objectivo previamente estabelecido.

Para os antigos, portanto, a, questão ficava resolvida pela fé numa intervenção imediata da divindade nas acções humanas. A história moderna rejeitou estas duas afirmações.

Pareceria que ao rejeitar a crença dos antigos na subordinação dos homens à vontade divina e a um objectivo determinado para o qual são conduzidos, a história moderna, em vez de estudar as manifestações da autoridade, devia investigar as causas do seu estabelecimento. No entanto, eis o que a história moderna não faz. Rejeitando, em teoria, os pontos de vista dos historiadores antigos, na prática segue-lhes os passos.

No lugar dos indivíduos dotados de poder divino e guiados pela vontade divina coloca ou heróis providos de qualidades extraordinárias e sobre-humanas ou simplesmente indivíduos de méritos muito diversos, quer sejam monarcas, quer simples jornalistas, dirigindo as massas. No lugar dos fins instituídos outrora pela divindade a certos povos, Judeus, Gregos ou Romanos, arrastando a humanidade, coloca o bem do povo francês, alemão ou inglês, ou ainda, mercê de uma generalização mais abstracta, o bem da civilização em geral, representado, vulgarmente, pelos povos que habitam o pequeno recanto noroeste do grande continente.

A história moderna desprezou as teorias dos antigos sem as substituir na realidade por outras novas, e a lógica obrigou os historiadores, que por assim dizer renegaram o

poder divino dos reis e o /atum dos antigos, a admitirem por uma outra via uma conclusão semelhante, qual seja, primeiro, que os povos são conduzidos por indivíduos particulares, e, segundo, que existe um objectivo para o qual se encaminham as nações e a humanidade. Todos os historiadores modernos, de Gibbon a Buckle, apesar do seu desacordo aparente, não obstante a dessemelhança dos seus pontos de vista, reconhecem, no fundo, estes dois princípios inevitáveis:

Em primeiro lugar, o historiador não tem que descrever senão os actos dos indivíduos separados que, na sua opinião, dirigem a humanidade. Para uns, esses indivíduos são os monarcas, os grandes capitães, os ministros; para outros, além dos monarcas, os oradores, os sábios, os reformadores, os filósofos, os poetas. Em segundo lugar, o historiador conhece o objectivo para o qual a humanidade se encaminha: para uns, é a grandeza de Roma, da Espanha, da França: para outros, a liberdade, a igualdade, a civilização, de um certo género, desse pequeno recanto do mundo que se chama Europa.

Em 1789 estalou uma revolução em Paris; essa revolução cresceu, alastrou e tornou-se por fim num movimento dos povos do Ocidente para Oriente. Por várias vezes esse movimento se produz e vem a chocar com um movimento contrário de Oriente para Ocidente. Em 1812 o referido movimento chegou ao seu ponto extremo, Moscovo: depois, um movimento perfeitamente simétrico com o primeiro se realiza em sentido contrário, arrastando consigo, tal qual como da primeira vez, os povos centro-europeus. Este segundo movimento atinge o seu ponto de origem, Paris, e apazigua-se,

Durante este período, que abrange quase vinte anos, uma grande superfície de terra fica em pousio, casas são queimadas, o comércio muda de direcção: milhões de indivíduos se arruinam, enriquecem, emigram, e milhões de cristãos que professam a lei do amor do próximo matam-se mutuamente.

Que significam estes factos? Donde veio tudo isto? Quem levou esta gente a queimar as casas e a matar os seus semelhantes? Quais as causas destes acontecimentos? Que força obrigou os homens a agir deste modo? Eis as simples, ingénuas e mais que legítimas perguntas que a humanidade formula quando encontra diante de si os monumentos e as tradições deste movimento pretérito.

Para resolver essas questões, o bom senso dirige-se à ciência histórica, cujo objectivo é o estudo dos povos e da humanidade.

Se a história ainda admitisse as teorias dos historiadores antigos, responderia que a divindade, para recompensar ou castigar o seu povo, deu a Napoleão o poder e dirigiu-lhe a vontade no sentido de atingir os seus fins divinos. E a resposta seria completa e clara. Pode crer-se ou não na missão divina de Napoleão; para aquele que acredita, porém, tudo se

torna inteligível na história desse tempo e nada há nela que surpreenda.

Mas os historiadores modernos não podem responder desta forma. A ciência já não admite, como os antigos, a intervenção da divindade; por isso as suas respostas têm de ser outras.

Dizem eles então: se quereis saber o que significa este movimento, donde saiu e qual a força que produziu esses acontecimentos, escutai:

«Luís XIV era muito orgulhoso e autoritário; tinha estas e aquelas amantes e estes e aqueles ministros e governou mal a França. Os seus sucessores eram criaturas fracas, que por sua vez também governaram mal. Tiveram estes favoritos e aquelas amantes. Além disso, por esse tempo homens houve que escreveram livros. No fim do século XVIII reuniram-se em Paris algumas dúzias de indivíduos que principiaram a dizer que todos os homens eram iguais e livres. E isto fez que em toda a França os homens principiassem a matar-se uns aos outros. Foram eles quem mandou matar o rei e muito mais gente. Nessa mesma altura havia em França um homem de génio, Napoleão, Por toda a parte saía vitorioso, quer dizer, fazia que se matasse muita gente e isso lhe conferia o génio. Não se sabe porque carga de água foi, inclusivamente, matar africanos e tão bem lhes tratou da pele, tão manhoso e inteligente era, que no regresso a França submetia todo o mundo à sua vontade. E todo o mundo lhe obedecia. Depois de se ter proclamado imperador, foi de novo matar gente na Itália, na Áustria e na Prússia, E aqui matou mesmo muita gente. Na Rússia vivia então o imperador Alexandre, que decidira restabelecer a ordem na Europa, e por esse motivo travava luta com Napoleão. De súbito, porém, no ano de, 1807, tornou-se seu amigo, embora em 1812 de novo se zangue com ele e ambos recomecem a matar muita gente. E Napoleão levou consigo seiscentos mil homens até a Rússia e conquistou Moscovo, fugindo, em seguida, repentinamente, desta cidade, e foi então que o imperador Alexandre, graças aos conselhos de Stein e de outros, soube unir a Europa e armá-la contra o perturbador da sua tranquilidade. Todos os aliados de Napoleão se tornaram, subitamente, inimigos seus e toda essa gente marchou contra as novas forças reunidas por ele. Os aliados venceram Napoleão, entraram em Paris, obrigaram-no a renunciar ao trono e mandaram-no para a ilha de Elba, sem o privarem do titulo de imperador e dando-lhe as maiores provas de consideração, quando cinco anos antes e um ano mais tarde o considerariam um bandoleiro fora da lei. E Luís XVIII principiou a reinar, esse mesmo rei de quem os Franceses e os aliados até então sempre haviam troçado, Quanto a Napoleão, depois de chorar diante da sua velha guarda, abdicava e partia para o exílio. Em seguida hábeis estadistas e diplomatas, principalmente Talleyrand, que, conseguindo sentar-se primeiro que ninguém em certa poltrona, pudera por esse meio fazer recuar as fronteiras da

França, conferenciaram em Viena, e esta conferência tornou os povos felizes ou infelizes. E eis que de um momento para o outro diplomatas e monarcas principiam a guerrear-se e estão de novo prestes a dar ordens aos seus soldados para voltarem a matar-se uns aos outros. É então que Napoleão desembarca, com um batalhão de soldados, e os Franceses, mesmo os que o odiavam, se lhe submetem todos. Os monarcas aliados zangam-se e mais uma vez marcham para a guerra a combater os Franceses. E venceram esse génio que era Napoleão e levaram-no para a ilha de Santa Helena, proclamando, de súbito, que ele era um bandoleiro. Ali, o exilado, longe dos seus dilectos e da sua bem-amada França, morre aos poucos, legando os seus grandes feitos à posteridade. E na Europa produziu-se uma reacção e todos os soberanos recomeçaram a oprimir os seus povos.»

Seria erróneo pensar que estamos brincando e que acabamos de fazer uma caricatura da história. Pelo contrário, apenas demos uma pálida imagem das explicações absurdas e incoerentes que nos proporcionam todos os historiadores sem excepção, desde os autores de memórias e de histórias dos diversos povos até aqueles que escreveram histórias universais ou tratados de um novo género acerca da evolução das civilizações.

O que há de estranho e de cómico em semelhantes deduções resulta do facto de a história moderna ser semelhante a um homem surdo que responde a perguntas que ninguém lhe faz.

Se o objectivo da história está nas descrições dos movimentos da humanidade e dos povos, a primeira pergunta que se lhe deve fazer, e à qual deve responder, para que tudo o mais se torne inteligível, é a seguinte: qual a força que move os povos? A esta pergunta a história moderna dá-se pressa em responder dizendo-nos ou que Napoleão era um homem de génio ou então que Luís XIV era muito orgulhoso, ou ainda que vários escritores escreveram certos livros.

Tudo isto é muito possível e a humanidade está pronta a aceitar que assim seja, mas não é isso que ela quer saber. Tudo isso poderia ser interessante se admitíssemos que um poder divino, que só de si dependesse e que fosse sempre igual a si mesmo, governasse os povos por intermédio dos Napoleões, dos Luíses XIV ou destes ou daqueles escritores. Nós, porém, não admitimos um poder desse género. Por isso, antes de se falar hoje de todos estes grandes homens, é preciso mostrar as relações que existem entre eles e o movimento dos povos.

Se em lugar deste poder divino aparece uma força nova, é preciso explicar em que consiste essa nova força, pois é ela que confere todo o seu valor à obra da história.

Os historiadores parecem supor que esta força se explica por si mesma e é conhecida de todos. No entanto, apesar do desejo que se possa ter de a supormos conhecida, o leitor

de grande número de obras históricas será levado a duvidar de que esta força, compreendida de maneira tão diferente pelos próprios historiadores, seja, de facto, de todos conhecida.

Capítulo II

Qual é então a força que move os povos?

Os autores de biografias individuais e os historiadores dos povos tornados separadamente admitem que essa força seja como que um poder inerente aos heróis e às grandes personalidades. Segundo eles, os acontecimentos produzem-se exclusivamente graças à vontade dos Napoleões, dos Alexandres ou de cada uma das personagens de que a história escreve a vida. As respostas que eles dão às perguntas formuladas são satisfatórias, mas apenas quando consultamos um historiador para- cada acontecimento.

Assim que os historiadores das diversas nacionalidades ou de diferentes opiniões se põem a descrever um mesmo acontecimento, as suas afirmações perdem imediatamente todo o valor, pois a verdade é que a força em causa cada um deles a interpreta não só de maneira diferente, mas, por vezes, de maneira absolutamente oposta. Este sustenta que determinado acontecimento foi provocado pela força de Napoleão, aquele pela de Alexandre e um terceiro pela de uma terceira personalidade, seja ela qual for. Além disso, os historiadores desta categoria opõem-se uns aos outros inclusivamente para explicarem a força sobre a qual repousa o poder de uma só e mesma personalidade. Thiers, que é bonapartista, afirma que o poder de Napoleão se fundava nas suas virtudes e no seu génio: Lanfrey, que é republicano, afirma que era baseada no bandoleirismo e na mentira, E, assim, ao mesmo tempo que invalidam, mutuamente, as suas asserções, destroem pela mesma razão esta noção de uma força causa de acontecimentos, não proporcionando resposta alguma ao problema essencial da história.

Os historiadores da história universal, que têm de se ocupar de todos os povos, parecem combater os pontos de vista dos historiadores da história particular no que respeita à força que conduz os acontecimentos. Para eles esta força não é o poder inerente aos heróis e aos potentados, mas a resultante de muitas outras forças dirigidas em sentidos diversos. Quando descrevem uma guerra ou uma conquista, procuram as causas dos acontecimentos não no poder de um único indivíduo, mas nas mútuas reacções de grande número de pessoas ligadas a esses acontecimentos.

De acordo com esta teoria, sendo o poder das personagens históricas a resultante de muitas forças, não poderia ser considerado, ao que parece, como uma força que por si

mesma, e só por si, conduzisse os acontecimentos tendo com eles uma relação de causa e efeito. Ora pensam que a personagem histórica é o produto do seu tempo e que o seu poder não é mais que o resultado de forças diferentes, ora que o seu poder é essa mesma força que conduz os acontecimentos. Gervinus, Schlosser, por exemplo, e outros, ora demonstram que Napoleão é produto da Revolução Francesa, das ideias de 1789, etc., ora afirmam terminantemente que a campanha de 1812 e outros acontecimentos com que não simpatizam apenas são o resultado da vontade de Napoleão falsamente dirigida e que as ideias de 1789 foram detidas no seu desenvolvimento pela arbitrariedade do imperador. As ideias da Revolução Francesa e a predisposição geral dos espíritos produziram o poder de Napoleão. E este mesmo poder abafou as ideias e essa corrente geral.

Esta estranha contradição não é acidental. Não só se encontra a cada passo, como de uma longa série de semelhantes contradições é feita a história escrita pelos autores de que falámos. Essa contradição provém de que, ao entrarem na análise, os historiadores universais se detêm a meio caminho.

Para se encontrarem resultados iguais às forças componentes ou que fazem as suas vezes é necessário que a soma das resultantes seja igual à das componentes. Eis uma das condições que nunca é realizada pelos historiadores universais, pois, para explicar a força que lhes serve de componente, devem necessariamente admitir, além das resultantes insuficientes, uma força ainda inexplicada agindo como componente.

O historiador particular, ao descrever, quer a campanha de 1813, quer a restauração dos Bourbons, afirma claramente que esses acontecimentos foram provocados apenas pela vontade de Alexandre, Mas o historiador universal Gervinus, para contrabalançar semelhante opinião, esforça-se por mostrar que estes dois acontecimentos são devidos, não só a Alexandre, mas à acção de Stein, de Metternich, de Madame de Staël, de Talleyrand, de Fichte, de Chateaubriand e de outros. Sem dúvida, o historiador subdividiu o poder de Alexandre nos seus componentes: Talleyrand. Chateaubriand, etc.: a soma destes componentes, a saber, a acção mútua de Chateaubriand, de Talleyrand, de Madame de Staê1 e de outros não é, evidentemente, igual à resultante ou ao que faz as suas vezes, isto é, ao facto de, milhões de franceses se terem submetido aos Bourbons. Do facto de Chateaubriand, Madame de Staël e outros terem trocado entre si tais ideias resulta apenas que entre eles havia essas relações, mas não que milhes de homens tenham obedecido a este ou àquele. E a fim de explicar como esta submissão de tanta gente é uma consequência das relações entre si destas personagens, ou seja, que os componentes iguais a A dão um resultado igual a mil A, o historiador vê-se obrigado a, admitir a forca do poder que ele nega, visto que a considera apenas como o resultado de outras forças, quer dizer, deve

admitir uma força inexplicável que actua segundo a resultante. E é o que fazem, efectivamente, os historiadores universais. E por esse motivo não só contradizem os historiadores particulares como se contradizem também a si mesmos.

A gente do campo, consoante quer que chova ou faça bom tempo, como não faz ideia clara do que se passa na atmosfera, diz que o vento dissipa as nuvens ou que o vento as concentra. Agem da mesma maneira os historiadores universais. às vezes quando estão para aí virados, quando isso está de acordo com as suas teorias, afirmam que o Poder é uma consequência dos acontecimentos: outras, quando têm necessidade de provar qualquer outra coisa, sustentam que, pelo contrário, é o Poder que os produz.

Uma terceira categoria de historiadores, os que se consideram historiadores das civilizações, acertando o passo pelos historiadores da história universal, que consideram, por vezes, os escritores, senhoras mesmo, como forças conduzindo os acontecimentos, compreendem, no entanto, essa força de maneira completamente diferente. Encontram-na naquilo a que chamam civilização, numa actividade moral dos povos.

Estes historiadores são partidários decididos dos seus predecessores, os historiadores da história universal. Com efeito, se se podem explicar os acontecimentos históricos pelas relações que existem entre estes ou aqueles indivíduos, porque não explicá-los pelo facto de Sicrano ou Beltrano ter escrito este ou aquele livro? Esses historiadores elegem, entre os numerosos indícios que acompanham cada fenómeno humano, aqueles que têm valor moral e sustentam que esses indícios são a causa deles. Mas, apesar de todos os esforços neste sentido. é preciso muito boa vontade para se admitir que exista alguma coisa de comum entre a acção moral das ideias e o movimento dos povos. Pode dizer-se mesmo que em caso nenhum é de admitir que essa acção dirija os actos dos homens. Fenómenos tais como as chacinas da Revolução Francesa, consequência da propagação das ideias de igualdade, as guerras cruéis e as execuções, resultado da predicação da lei do amor, contradizem uma tal suposição.

Admitamos mesmo que todas as dissertações confusas e subtis que as histórias nos proporcionam são exactas. Admitamos que os povos são conduzidos por essa força indefinível a que se chama ideia, o problema essencial da história fica, não obstante, sem solução, ou, então, ao antigo poder dos monarcas, à influência já admitida dos conselheiros e outras personalidades virá justificar-se a nova força da ideia, cuja relação com as massas se torna necessário explicar. Pode admitir-se que, tendo Napoleão o Poder, determinado acontecimento se haja dado: pode admitir-se, com, um pouco de boa vontade, que Napoleão tenha sido, simultaneamente com outras forças actuantes, a causa dos acontecimentos; mas que um livro como o Contrato Social tenha compelido os Franceses a

matarem-se uns aos outros, eis o que se não pode compreender sem se explicar a causa da relação desta força nova com o próprio acontecimento.

Não ha dúvida de que existe uma relação entre todos os que vivem numa mesma época, e que, portanto, pode estabelecer-se uma certa relação entre a acção intelectual dos indivíduos e os movimentos históricos, da mesma maneira que se pode estabelecer relação entre os movimentos da humanidade e o comércio, os misteres, a arte da jardinagem e tudo quanto se quiser. Mas como pode esta actividade intelectual surgir aos olhos dos historiadores da civilização como a causa ou a expressão de todo um movimento histórico, eis o que é difícil compreender. Só é possível explicar essa conclusão da maneira seguinte: em primeiro lugar, a história é obra dos sábios e por isso lhes é natural e agradável pensar que graças a eles e aos da sua classe a humanidade inteira se agita, como seria natural e agradável aos comerciantes, aos agricultores, aos soldados, pensarem a mesma coisa, embora estes nada digam porque não escrevem história; em segundo lugar, a acção moral, a actividade espiritual, a civilização, a cultura, o poder das ideias, todas estas coisas são noções obscuras e indeterminadas. à sombra das quais é muito cómodo empregar palavras que têm uma significação ainda menos definida e que por isso mesmo estão aptas a servir a qualquer teoria.

Mas sem falar já da qualidade intrínseca da história deste género, pois será útil sem dúvida a alguém ou servirá para qualquer coisa, a história da civilização, com que principiam a estar cada vez mais de acordo as histórias universais, é notável pelo facto de, ao estudar detalhadamente as diferentes doutrinas religiosas, filosóficas e políticas, tomando-as como causa dos acontecimentos, de cada vez que tem de escrever um facto verdadeiramente histórico, como, por exemplo, a campanha de 1812, o relata, a seu pesar, como o produto do Poder, dizendo abertamente que a referida campanha é uma consequência da vontade de Napoleão. E, ao falarem deste modo, os historiadores, inconscientemente, mostram-se em contradição consigo mesmos ou admitem que esta força histórica nova que imaginaram não dá a explicação dos fenómenos e que a única maneira de os compreender e admitir o poder de um só que eles parecem não reconhecer.

Capítulo III

Urna locomotiva movimenta-se. Pergunta-se porquê. O camponês diz que é o Diabo que a empurra Outro que ela se desloca porque as rodas giram. Um terceiro afirma que a causa do movimento é o fumo que o vento leva.

Nada há a objectar ao camponês. Para isso seria preciso demonstrar-lhe que o Diabo não existe ou que outro da sua classe lhe explicasse que não é o Diabo, mas um alemão que a põe em marcha. Só assim, mercê da contradição, se daria conta de que nem um nem outro tem razão. No que diz respeito ao que atribui o movimento ao girar das rodas contradiz-se a si próprio, pois, uma vez no campo da análise, será obrigado a avançar um pouco mais: ser-lhe-á necessário explicar o movimento das rodas. E só terá o direito de se deter na busca dos motivos quando tiver chegado à última causa do movimento da locomotiva, ao vapor comprimido dentro do êmbolo. Para aquele que explica o movimento pelo fumo que o vento leva, ao notar que a explicação pelas rodas nada explica, lançará mão do primeiro indício que lhe apareceu para apresentá-lo como uma causa.

A única noção capaz de explicar o movimento da locomotiva é a de uma força igual ao movimento visível.

A única noção por meio da qual se pode explicar o movimento dos povos é a de uma força igual a esse movimento geral dos povos.

No entanto, os diversos historiadores compreendem neste conceito forças muito diversas e em nenhum caso iguais ao movimento verificado. Uns falam de uma força inerente aos heróis, da mesma maneira que o camponês fala no Diabo no caso da locomotiva; outros, de uma força que na realidade é produzida por diversas outras forças, como aquele que invoca o movimento das rodas: outros, por fim, a influência moral, como acontece com aquele que alude ao fumo que o vento leva.

Enquanto se não escreverem senão histórias particulares, a dos Césares, dos Alexandres, dos Luteros ou dos Voltaires, e não a de todos os indivíduos, sem excepção alguma, que tomaram parte num acontecimento, não haverá possibilidade de descrever os movimentos da humanidade sem a noção de uma força compelindo-os para um fim. E a única noção no género que os historiadores conhecem é a do Poder.

Esta noção é o único mecanismo que permite manipular os materiais da história no

seu estado actual e aquele que o quis quebrar, como Buckle, sem nada ter para o substituir, mais não fez que privar-se a si mesmo do último expediente ao seu alcance para desempenhar o seu papel. A noção do Poder na explicação dos fenómenos da história é indispensável e a melhor prova disso está no facto de os autores da história universal ou da civilização que pretendem renunciar a ela, a ela recorrem, inevitavelmente, a todo o instante.

Até agora, as obras históricas, no que diz respeito às questões que interessam a humanidade, parecem-se muito com a moeda corrente: notas de banco e moeda sonante. As biografias e histórias dos povos parecem-se com as notas de banco. Podem circular e cumprir a sua função, sem prejuízo seja para quem for, e até com vantagem, enquanto não se põe o problema de quem garante o seu valor. Basta pormos de lado o que dizem a propósito da intervenção da vontade dos heróis nos acontecimentos, e as histórias de Thiers são interessantes, instrutivas, e terão, inclusivamente, uma certa poesia. Mas da mesma maneira que se põe em dúvida o valor real das notas de banco quando se diz que a facilidade com que são fabricadas dá lugar a que se façam em grande número, ou quando chega o momento de as converter no ouro que representam, também se duvida do valor exacto das histórias deste género quando se considera que há realmente demasiadas ou quando nos perguntamos com ingenuidade qual poderá ter sido a força que fez que Napoleão fizesse tudo isso, isto é, quando se quer trocar essas notas de banco em circulação pelo ouro puro das realidades.

Os autores de histórias universais ou da civilização assemelham-se às pessoas que, para ocorrer aos inconvenientes das notas de banco, decidissem fabricar moeda sonante, e apenas sonante. As notas de banco ainda podem induzir em erro aqueles que nada conhecem; a moeda sonante, mas sem valor real, a ninguém pode enganar. Da mesma maneira que o ouro só é verdadeiramente ouro quando pode ser empregado, além de moeda de troca, como valor intrínseco, assim os autores de histórias universais não disporão de um valor ouro senão quando forem capazes de responder a esta questão essencial: que poder é esse? Esses historiadores respondem contraditoriamente a essa pergunta, enquanto os que escrevem sobre a civilização a eliminam inteiramente e falam de outra coisa. E da mesma maneira que as moedas que se parecem com o ouro se não podem usar senão entre as pessoas que consentem em aceitá-las nessas condições ou entre as que ignoram o que vale o ouro, assim os historiadores referidos, sem responderem aos Problemas essenciais da humanidade, procuram, por fins particulares, essa moeda corrente para as universidades e a uma quantidade de leitores amadores de livros sérios, como eles costumam dizer.

Capítulo IV

Ao repelir o critério dos antigos sobre a submissão divina da vontade do povo a um ser eleito e sobre a submissão desta vontade à divindade, o historiador não pode dar um passo sem se contradizer, caso não escolha uma destas duas alternativas: regressar à crença dos antigos na participação directa da divindade nas obras humanas ou explicar concretamente a significação da força que produz os acontecimentos históricos e a que se dá o nome de, Poder.

Regressar à primeira alternativa é impossível. A crença está destruída: e eis porque é necessário explicar o que significa o Poder.

Napoleão ordenou que se reunisse um exército e que se marchasse para a guerra. Tão habituados estamos a formular as coisas desta maneira, de tal modo penetrou nos hábitos semelhante pensamento que se nos afigura mesmo absurdo perguntarmos como estes seiscentos mil homens pegaram em armas pelo facto de Napoleão ter pronunciado estas ou aquelas palavras. Napoleão dispunha do Poder, por isso as suas ordens foram cumpridas.

Semelhante resposta é satisfatória se acreditarmos que o Poder lhe foi dado por Deus. Mas desde que não admitamos semelhante hipótese torna-se necessário definir o que vem a ser este Poder de um único homem sobre todos os demais.

Esse Poder não pode consistir numa superioridade física do ser forte sobre o fraco, superioridade esta baseada na aplicação ou na ameaça de aplicação da força física: por exemplo, o caso de Hércules. Tão-pouco se pode basear na preponderância da força moral, como pensam, na sua ingenuidade, certos historiadores ao afirmarem que as personagens históricas são os heróis, isto é, criaturas dotadas desse poder particular da alma e da inteligência a que se dá o nome de génio. Não pode basear-se nesta superioridade porque, sem nada dizer acerca desses heróis, como Napoleão, cujas qualidades morais são muito discutíveis, a história não prova que os Luíses XI ou os Werniches, que tiveram à sua mercê milhões de homens, possuírem qualquer qualidade moral particular, pois a verdade é terem sido geralmente inferiores, no ponto de vista moral, a qualquer dos milhões de indivíduos a quem governaram.

Se a origem do Poder não reside, portanto, nem nas qualidades físicas nem nos méritos morais da pessoa detentora do Poder, torna-se evidente ser preciso procurá-la, fora

dessa pessoa, nas suas relações com as massas.

Assim interpreta o Poder a ciência do direito, essa caixa de cambio da história, a qual oferece ouro puro em troca da concepção histórica do Poder.

O Poder é a soma das vontades das massas transportada, graças a um consentimento tácito ou explícito, para os governantes eleitos por aquelas.

No domínio da ciência jurídica, em que se raciocina de maneira puramente abstracta sobre a forma de pôr de acordo o Estado e o Poder, tudo isso é muito fácil; mais, quando aplicada à história, esta definição exige esclarecimentos.

A ciência do direito considera o Estado e o Poder da mesma maneira que os antigos consideravam o fogo, como uma coisa que existe em si mesma. Para a história, pelo contrário, o Estado e o Poder não passam da essência de um fenómeno, tal como para a física moderna o fogo já não é um elemento, mas um fenómeno.

Desta diferença fundamental da concepção da história e da ciência do direito resulta que esta pode dissertar livremente sobre a maneira como se deve, segundo ela, organizar o Poder e sobre o que é esse Poder considerado fora do tempo, mas não pode dar solução alguma aos problemas históricos relativos ao Poder quando submetido às flutuações da temporalidade.

Se o Poder é a soma das vontades transmitida ao governo, representará Pugatchev a vontade das massas? E, se assim não é, porque havia de a representar Napoleão I? Porque é que Napoleão III, ao ser preso em Bolonha, foi considerado um criminoso e porque foram dados como criminosos também, mais tarde, todos aqueles que o prenderam?

Nas revoluções palacianas, em que se encontram envolvidas, por vezes, apenas duas ou três pessoas, a vontade das massas também é transmitida a nova personagem? Quando se trata de conflitos internacionais, é a vontade das massas transmitida ao conquistador? Teria sido transferida, em 1808, a Napoleão a vontade da Liga do Reno? E a vontade do povo russo também lhe teria sido transferida, igualmente, em 18O9, quando as tropas russas, aliadas às francesas, marcharam contra a Áustria?

Todas estas perguntas admitem uma tríplice resposta, Primeira. Reconhecendo que a vontade das massas é sempre incondicionalmente transmitida àquele ou aqueles que elas escolheram como governantes e que, por conseguinte, toda a intervenção de um novo poder, toda a luta contra o poder transmitido, não deve ser considerada como uma violação do poder verdadeiro.

Segunda. Reconhecendo que a vontade das massas se transmite aos governantes sob determinadas condições e mostrando que toda a restrição, e inclusivamente a anulação do Poder, provém das infracções cometidas pelos governantes relativamente às condições sob

as quais lhe foi outorgado o Poder.

Terceira. Reconhecendo que a vontade das massas se transmite aos governantes condicionalmente, mas segundo condições desconhecidas e indefinidas, e que a aparição de vários poderes, as suas lutas e as suas derrotas provêm tão-só de um maior ou menor cumprimento pelo governante dessas condições desconhecidas, segundo as quais a vontade das massas se transmite de um a outro indivíduo.

Os historiadores explicam de uma destas três maneiras a relação das massas com os seus governantes.

Certos historiadores não compreendem a significação do Poder por razões de ingenuidade. Os mesmos historiadores particulares e biógrafos de que falámos anteriormente parecem reconhecer que a soma da vontade das massas se transmite incondicionalmente às personagens históricas. Por isso, ao descreverem um só poder qualquer, supõem que é esse o absoluto e verdadeiro, e que qualquer outro que o contradiga não é um poder, mas um atentado, isto é, uma violência.

A sua teoria, boa para os períodos primitivos e pacíficos da história, aplicada aos períodos complicados e tempestuosos da vida dos povos, durante os quais surgem outros poderes, que lutam entre si, apresenta um inconveniente, por exemplo: o historiador legitimista tratará de demonstrar que a Convenção, o Directório e Bonaparte apenas eram violações do Poder, enquanto o republicano e o bonapartista quererão provar, aquele, que o verdadeiro Poder reside na Convenção e, este, que se radica no Império e que tudo o mais não passa de violação. É evidente que, perante todas estas contradições, as explicações dadas pelos historiadores apenas podem convir a crianças muito crianças.

Reconhecendo o erro de semelhante concepção, outros historiadores dizem que o Poder é fundado sobre a transmissão condicional aos governantes da soma das vontades das massas e que as personagens históricas só dispõem desse Poder nas condições necessárias à execução do programa que a vontade do povo lhes prescreve por acordo tácito. Mas em que consistem estas condições, eis o que eles não dizem e, se porventura o fazem, é contradizendo-se mutuamente a cada instante.

Cada historiador, segundo a opinião que tem acerca do que constitui o objectivo do movimento dos povos, representa essas condições na grandeza, na riqueza, na liberdade, na instrução dos cidadãos franceses ou de outra nação. Mas, sem falar das contradições dos historiadores em relação a estas condições, e admitindo, inclusivamente, a existência de um programa comum a todos, veremos como os factos históricos contradizem quase sempre essa teoria. Se as condições segundo as quais o Poder é transmitido consistem na riqueza, na liberdade e na instrução do povo, porque reinaram felizes Luís XIV ou Ivan IV até ao

fim dos seus reinados e Luís XVI e Carlos I foram sentenciados pelo povo? A esta pergunta os historiadores respondem que a actividade de Luís XIV, contrária ao programa traçado, veio a reflectir-se em Luís XVI. Mas porque não ter-se reflectido em Luís XIV ou em Luís XV? Porque havia de reflectir-se precisamente em Luís XVI? Qual o prazo em que se exerce essa reflexão? No há nem pode haver resposta para estas perguntas. De acordo com este critério, tão-pouco é possível explicar como a soma das vontades permanece durante séculos nas mãos de determinados governantes e cios seus herdeiros e depois, repentinamente, pelo espaço de cinquenta anos, se transmite à Convenção, ao Directório, a Napoleão, a Alexandre, a Luís XVIII, de novo a Napoleão, a Carlos X, a Luís Filipe, ao governo republicano e a Napoleão, o Pequeno. Ao explicar estas transferências, que se cumprem tão rapidamente, das vontades de uma personagem a outra personagem, e sobretudo as relações internacionais, as conquistas, as alianças, os historiadores devem reconhecer, a seu pesar, que uma parte desses acontecimentos não é já a essência da transferência regular das vontades, mas apenas o azar, que depende ora da astúcia, ora do erro, ora da perfídia ou da debilidade de um diplomata, de um monarca ou de um chefe de partido. De maneira que a maior parte dos fenómenos históricos, os distúrbios, as revoluções e as conquistas não se apresentam aos olhos desses historiadores como transferências livres de vontades, mas como o resultado da vontade falsamente dirigida de uma ou várias pessoas, isto é, ainda uma transgressão do Poder. Eis porque os acontecimentos históricos são infracções à teoria dos historiadores referidos.

Estes historiadores são no género desses botânicos que, tendo observado que certas plantas nascem das sementes de dois cotilédones, sustentam que tudo quanto cresce sai de dois cotilédones e que a palmeira, o cogumelo e até o carvalho, quando em sua plena florescência, já sem duas folhas iguais, são excepções à regra.

Os historiadores da terceira categoria reconhecem que a vontade das massas se transmite condicionalmente às personagens históricas, mas que desconhecemos essas condições. Dizem que essas personagens históricas têm o Poder apenas por serem portadoras da vontade das massas, a qual lhes é transmitida-

Mas, então, se a força que move os povos não está nas personagens históricas, mas no próprio povo, em que consiste a importância dessas personagens?

Os historiadores dizem que são eles quem exprime a vontade das massas, que os seus actos representam exactamente a vontade do povo.

Neste caso, porém, surge a seguinte pergunta: são todos os actos destas personagens ou só uma parte da sua actividade que exprimem a vontade das massas? Se toda a actividade destes homens é o reflexo dessa vontade, como pensam alguns, as biografias de

Napoleão e de Catarina II, cheias de pequeninas intrigas de corte, serão a expressão da vida dos povos, o que é, evidentemente, uma insensatez, Mas se é apenas um parte dos seus actos que representa a vida dos povos, como pensam outros historiadores mais filósofos, então, para se definir qual o lado da actividade da personagem histórica que exprime a vida do povo. é preciso saber antes em que consiste essa vida.

Ao defrontarem-se-lhes estas dificuldades, os historiadores referidos inventam uma espécie de entidade muito vaga e inconsistente, dentro da qual pode classificar-se grande número de acontecimentos possíveis, e sustentam que esta pura abstracção é, o objectivo do movimento da humanidade, As abstracções mais vulgares admitidas por quase todos os historiadores são a liberdade, a igualdade, a instrução, o progresso, a civilização, a cultura. Admitindo como objectivo do movimento da humanidade qualquer destas abstracções, pegam nas pessoas que deixaram atrás de si maior nomeada, os reis, os ministros, os grandes capitães, os grandes escritores, os reformadores, os papas, os jornalistas, e estudam-nos na medida em que eles teriam, na sua opinião, favorecido ou combatido esta ou aquela entidade reconhecida. Mas como não esta provado que o objectivo da humanidade consiste na liberdade, na igualdade, na instrução ou na civilização, e já que o vínculo entre as massas e os governantes ou os propagadores da cultura se baseia apenas na suposição arbitrária de que a vontade das massas se transmite sempre às personagens de primeira plana, a actividade de milhões de homens que emigram, incendeiam as suas casas, abandonam o cultivo das terras e se matam uns aos outros nunca se explica pelos actos de uma dezena de personagens que não queimam as suas casas, não se dedicam à agricultura e não matam o seu semelhante.

A história demonstra isto cada passo. Porventura o movimento dos povos do Ocidente, nos fins do século XVIII, e a sua marcha para o Oriente, se explica pela actividade de Luís XIV, Luís XV, Luís XVI ou das suas amantes, dos seus ministros, ou pela vida de Napoleão, de Rousseau, de Diderot, de Baumarchais e de outros? Porventura o movimento do povo russo para Oriente - para Kazan ou para a Sibéria - se explica pelos pormenores que se conhecem do carácter doentio de Ivan IV e pela sua correspondência com Kursbski?

Porventura pode explicar-se o movimento dos povos durante as cruzadas pela vida dos Godofredos, dos Luíses e das suas esposas? Para nós, o movimento dos povos para Oriente permanece incompreensível, sem qualquer objectivo, sem chefe, com uma multidão de vagabundos, e Pedro, o Eremita, à frente. E ainda é mais incompreensível a cessação desse movimento na altura em que as personagens históricas activas lhe tinham encontrado um fim razoável e santo: a libertação de Jerusalém. O papa, os reis e os

cavaleiros incitavam o povo a libertar a Terra Santa, mas o povo negava-se a fazê-lo, pois a causa desconhecida que o havia impulsionado antes já não existia. A história dos Godofredos e dos trovadores não pode englobar a vida dos povos. Esta história continua a ser o que foi, e a vida dos povos, as suas aspirações, permanecem desconhecidas.

A história dos escritores e dos reformadores explica-nos ainda menos a vida dos povos.

Uma história da civilização pode proporcionar-nos esclarecimentos sobre as aspirações, a vida ou as ideias de um escritor ou de um reformador. Sabemos que Lutero tinha, um feitio assomadiço e pronunciou estas e aquelas palavras: sabemos que Rousseau era desconfiado e escreveu estes e aqueles livros; mas não podemos saber porque, depois da Reforma, os povos se mataram uns aos outros e porque, depois da Revolução Francesa, fizeram o mesmo.

Unir estas duas histórias, como o fazem os historiadores modernos, é escrever a história de monarcas e escritores, mas não a história dos povos.

Capítulo V

A vida dos povos não pode confundir-se com a de um reduzido número de indivíduos, uma vez que se não conhece o vínculo que une uns aos outros. A teoria segundo a qual este vínculo se baseia na transmissão da sorna das vontades às personagens históricas é uma hipótese que a experiência histórica não confirma.

Esta teoria pode, sem dúvida, explicar muita coisa no domínio jurídico; é talvez necessária para os seus próprios fins, mas aplicada à história, assim que surgem revoluções, conquistas, guerras civis, logo que aparece a verdadeira história, nada mais explica.

Esta teoria parece irrefutável precisamente porque o acto da transmissão da vontade do povo não pode ser verificado, visto nunca ter existido.

Seja qual for o acontecimento que se realize, seja qual for a personagem que o dirige, a teoria está sempre a tempo de dizer que esta personagem veio a encontrar-se à frente do acontecimento porque a soma das vontades lhe foi transmitida-

As soluções que esta teoria traz aos problemas históricos parecem-se com o que diria um homem que, ao ver um rebanho em marcha, sem se preocupar com as diversas condições do pastoreio, os diferentes lugares do campo ou a direcção dada pelo pastor, atribuísse a causa desta ou daquela direcção que o rebanho tome ao animal que vai adiante.

«O rebanho caminha nesta direcção porque o animal que vai à frente o conduz e a soma das vontades de todos os outros é transferida para esse chefe.» Assim falam os historiadores da primeira categoria, os que admitem a transferência absoluta do Poder.

«Se os animais que caminham na vanguarda do rebanho porem substituídos, é porque a soma das vontades de todos os animais passa de um dirigente para outro, desde que esse animal os conduz na direcção que todo o rebanho escolheu.» Assim se exprimem os historiadores que admitem que a soma da vontade das massas é transferida aos dirigentes em condições que eles julgam conhecer. Nesse caso acontece multas vezes que o historiador observador do movimento, ao encarar a direcção escolhida, considera como guias aqueles que, no momento da mudança de direcção das massas, já não se encontram à cabeça, mas ao lado, e algumas vezes mesmo atrás.

«Se os animais que vão à frente mudam a todo o momento e se a direcção seguida pelo rebanho muda também constantemente, isso é o resultado do facto de os animais,

para tomarem a direcção que antecipadamente conhecemos, transmitirem as suas vontades a certos animais mais em evidência do que outros. Por isso, para se estudar o movimento do rebanho, temos de observar todos os animais que vemos e que seguem em qualquer parte do rebanho.» Assim falam os historiadores da terceira categoria, que reconhecem como expressão de uma certa época todas as personagens históricas, desde os monarcas aos jornalistas. A teoria da transferência da vontade das massas a uma personagem histórica não passa de uma perífrase, quer dizer, a repetição da mesma pergunta por outras palavras.

Qual a causa dos acontecimentos históricos? O Poder. Que é o Poder? O Poder é a soma das vontades transferidas para uma só personagem. Em que condições se transmitem as vontades das massas a uma única personagem? Quando essa personagem exprime a vontade de todos os outros. Por outras palavras, o Poder é o Poder, Como quem diz: o Poder não é mais que o Poder. Por outras palavras ainda, o Poder não é mais que uma palavra cujo significado nos é desconhecido.

Se o domínio do conhecimento se limitasse às noções abstractas, submetendo ao exame do espírito crítico a explicação que a ciência nos dá do Poder, concluiríamos que o Poder mais não é que uma palavra e que na realidade esse Poder não existe. Mas para o conhecimento dos fenómenos possui o homem, além das noções abstractas, a arma da experiência, com a qual comprova os resultados das suas ideias puras. E a experiência proclama que o Poder não é uma palavra, mas um fenómeno que realmente existe.

Sem falar que nenhuma descrição da actividade colectiva se pode fazer sem compreender o Poder, a existência do Poder fica demonstrada tanto pela história como pela observação dos acontecimentos contemporâneos.

Cada vez que tem lugar um acontecimento histórico, aparecem um ou vários homens graças à vontade dos quais esse acontecimento se realiza. Sob o mando de Napoleão III, os Franceses vão ao México. O rei da Prússia e Bismark ordenam, e o exército dirige-se para a Boémia. Napoleão I dá as suas ordens e os exércitos marcham contra a Rússia. Alexandre I faz um gesto e os Franceses submetem-se aos Bourbons. A experiência mostra-nos que, seja qual for o acontecimento que se produz, esse acontecimento depende sempre da vontade de uma ou de várias pessoas que o ordenaram.

Segundo o velho costume de se reconhecer a participação divina nas obras humanas, os historiadores querem ver a causa do acontecimento na expressão da vontade da personagem investida do Poder; mas esta conclusão não está confirmada nem pelo raciocínio nem pela experiência.

Por um lado, o raciocínio demonstra que as expressões da vontade do homem, as suas palavras, não são mais que, uma parte da actividade geral que se exprime mediante um

acontecimento, como, por exemplo, uma guerra ou uma revolução. Por isso, desde que se não admite uma força incompreensível e sobrenatural, um milagre, também se não pode admitir que as palavras sejam a causa directa do movimento de milhões de homens, Por outro lado, se se admite, inclusivamente, que as palavras não são a causa de um acontecimento, a história demonstra que, em muitas ocasiões, a expressão da vontade das personagens históricas não produz qualquer efeito, quer dizer que, com frequência, não só se não cumprem as suas ordens como também que às vezes sucede o contrário do que se ordenou.

Sem admitir a participação divina nas obras da humanidade, não podemos aceitar o Poder como causa dos acontecimentos.

Do ponto de vista da experiência, o Poder não é mais que uma dependência entre a expressão da vontade de uma personagem e o cumprimento dessa vontade por outros homens.

Para explicarmos as condições desta dependência, antes de mais nada devemos restabelecer o conceito da expressão da vontade, relacionando-o com o homem e não com a divindade.

Se a divindade dá ordens e, exprime ,a sua vontade, como nos mostra a história dos antigos, então a expressão dessa vontade não depende do tempo e não é provocada por coisa alguma, uma vez que a divindade não se encontra em relação com o acontecimento. Mas, ao falar-se de ordens, quer dizer, da expressão da vontade dos homens que actuam no tempo e estão vinculados entre si, para explicarmos o vínculo existente entre as ordens e os acontecimentos devemos estabelecer o seguinte:

Primeiro: as condições de todos os acontecimentos que se realizam, a continuidade do movimento ininterrupto no tempo, assim como a da pessoa que dá as ordens. Segundo: a condição do vínculo necessário em que se encontra a pessoa que, dá as ordens em relação àqueles que as cumprem.

Capítulo VI

Só a expressão da vontade da divindade, que não depende do tempo, pode relacionar-se com uma série de acontecimentos que devem realizar-se dentro de alguns anos ou de alguns séculos, e só a divindade, que não é provocada por coisa alguma, pode determinar, por sua própria vontade, a direcção do movimento da humanidade, enquanto o homem actua sempre no tempo participando ele próprio no acontecimento.

Restabelecendo a primeira condição admitida, a condição do tempo, veremos que nem uma única ordem pode cumprir-se sem outra precedente que torne possível a execução da última.

Nunca ordem alguma aparece arbitrariamente, sem conter em si mesma toda uma série de acontecimentos. Cada ordem dada deriva de outra e nunca está relacionada com um conjunto de acontecimentos, mas sempre com um só momento do acontecimento.

Quando, por exemplo, dizemos que Napoleão ordenou ás suas tropas que marchassem para a guerra, unimos, numa mesma ordem expressa, uma série de ordens consecutivas dependentes umas das outras. Napoleão não podia ordenar a marcha sobre a Rússia e nunca fez semelhante coisa. Um dia deu ordem para se escreverem estes ou aqueles documentos destinados a Viena, a Berlim e Petersburgo; no dia seguinte publicou este ou aquele decreto ou ordem do dia ao exército, à armada, à intendência, etc. Deu milhares de ordens, as quais formaram uma série de acontecimentos que conduziram as tropas francesas à Rússia.

Durante todo o seu reinado, Napoleão foi dando ordens relativas à expedição a Inglaterra. A nenhum outro empreendimento consagrou tantos esforços nem tanto tempo e, no entanto, nem uma só vez tentou levar a cabo o seu projecto. Em compensação, organizou a marcha sobre a Rússia, país com o qual, repetira várias vezes, considerava vantajoso aliar-se. Isto quer dizer que a suas primeiras ordens não correspondem a uma série de acontecimentos, coisa que sucede às segundas.

Para que se cumpra com toda a segurança o que o homem ordena, tem de tratar-se de uma ordem susceptível de ser executada. No entanto, é impossível saber de antemão o que pode e o que não pode executar-se, não só num acontecimento tão complicado como a campanha da Rússia, em que tomaram parte milhões de, homens, mas, inclusivamente,

num acontecimento mais simples, pois quer num quer no outro podem surgir sempre numerosos obstáculos. Por cada ordem executada há sempre numerosas ordens que o não chegam a ser. As ordens impossíveis não estão vinculadas ao acontecimento e não podem ser cumpridas. Só se levam a cabo as que são possíveis, as que se encadeiam na série consecutiva de ordens que correspondem a uma série de acontecimentos.

A ideia falsa de que a ordem que precede o acontecimento é a causa desse mesmo acontecimento deriva do facto de, no momento em que o acontecimento se produz, as únicas ordens entre os milhares de ordens dadas de acordo com o acontecimento foram executadas e esquecemos as que o não foram porque o não podiam ser. Além disso, a fonte principal do nosso erro a este respeito provém de que, nos relatos históricos, toda uma série inumerável de pequenos e muito variados factos, como, por exemplo, tudo que podia atrair as tropas francesas à Rússia, se confunde num acontecimento único, segundo o resultado que produziu, e para responder a esta confusão toda uma série de ordens igualmente se funde na expressão única de uma vontade.

Diremos: quis fazer a campanha da Rússia e fê-la. Na realidade, nunca encontrámos nos seus actos fosse o que fosse de parecido com a expressão de semelhante vontade, enquanto descobrimos séries de ordens ou de expressões da sua vontade dirigidas da maneira mais diversa e mais indeterminada. Da soma de ordens de Napoleão não cumpridas derivou uma série levada a cabo na campanha de 1812, não porque estas ordens se distinguissem das outras, das não cumpridas, mas porque coincidiam com uma série de factos que conduziram as tropas francesas à Rússia. Quando se pinta com um modelo à vista, o pintor não tem de se preocupar com a maneira de usar as tintas e o sitio do que as há-de aplicar, pois as tintas se encontram colocadas de acordo com os contornos da figura desenhada do modelo.

Da mesma maneira, ao examinar, no tempo, a, relação existente entre as ordens e os acontecimentos, vemos que em nenhuma circunstância podem ser aquelas as causas dos acontecimentos, apenas existindo entre umas e outras certa dependência.

Para se compreender em que consiste essa dependência é, necessário restabelecer-se a outra condição omitida de cada ordem, que não provém da divindade, mas do homem e se estriba no facto de que aquele que ordena participa pessoalmente no acontecimento.

A relação entre o que ordena e os que recebem as ordens, eis, precisamente, o que se chama Poder. Esse Poder consiste no seguinte:

Para uma acção comum, os homens formam sempre certos grupos nos quais, apesar da diferença dos objectivos visados por cada um na acção conjunta, as relações entre os que nela tomam parte são sempre as mesmas.

Ao unirem-se desta maneira têm sempre em si relações tais que o maior número deles toma a maior parte da participação directa no empreendimento e o menor numero a mais pequena De todos os agrupamentos formados pelos homens para realizar actos colectivos, um dos mais concretos e definidos é o exército.

Todo o exército se compõe de membros os mais humildes na hierarquia militar, soldados rasos, sempre o maior número, de outros, de patente mais elevada, os cabos, os sargentos, menos numerosos, e ainda de outros de patente ainda mais elevada, menos numerosos ainda, e assim por diante até à mais alta autoridade militar, a qual é constituída apenas por uma só pessoa.

A organização do exército poder-se-ia perfeitamente representar por um cone cujo maior diâmetro seria ocupado pelo soldado raso, as secções menores, ocupadas pelas patentes sucessivamente mais elevadas, até ao topo do cone, onde estaria o general-chefe.

Os soldados, que são os mais numerosos, formam a parte inferior e a base. É o soldado, directamente, quem fere, corta, queima, saqueia, e para executar estas tarefas recebe sempre ordens dos que estão situados na escala acima; o soldado raso, por si, nunca dá ordens. Os sargentos, menos numerosos, raramente executam a mesma tarefa que o soldado raso; mas já dão ordens. O oficial ainda mais raramente age, e dá mais ordens. O general limita-se a dizer às tropas que marchem e quase nunca se serve das suas próprias armas. O com andante- chefe não pode tomar já parte directa na acção e limita-se a emitir as medidas gerais que fazem mover as massas. Eis o que se passa exactamente com qualquer reunião de indivíduos associados numa acção comum, quer seja um empreendimento agrícola, comercial ou de qualquer outra espécie.

Assim, pois, sem separar artificialmente as partes que formam o cone, e se confundem entre si, isto é, as patentes do exército ou títulos e situações de qualquer organização colectiva, depreende-se da lei que os homens, para levarem a bom termo uma obra de iniciativa comum, combinam de tal sorte a acção que empreendem que quanto mais directa é a parte que tomam nessa obra menos têm que dar ordens e tanto mais numerosos são. Quanto menos nela participam directamente tanto mais ordens dão e menos numerosos são, e erguendo-se, assim, desde as camadas inferiores, chega-se a um único e derradeiro indivíduo, que participa directamente na obra menos que todos os outros e mais do que nenhum exerce a sua influência por meio de ordens.

Esta é a relação entre os homens que comandam e aqueles que recebem as ordens, relação que constitui a essência do conceito chamado Poder.

Ao restabelecer as condições do tempo em que se cumprem os acontecimentos, conviemos que uma ordem se executa unicamente quando está relacionada com uma série

de factos correspondentes.

Ao restabelecer as condições necessárias da união entre o que ordena e o que executa, vimos que quem ordena toma menor parte no acontecimento e que a sua actividade está consagrada exclusivamente ao exercício das funções do mando.

Capítulo VII

Quando se está a produzir um acontecimento qualquer, os homens exprimem as suas opiniões e os seus desejos em relação a ele, e, embora o próprio acontecimento derive da acção colectiva de muitos homens, é evidente que uma das expressões ou desejos formulados se realiza sem falta, ainda que seja de maneira aproximada. Quando uma das opiniões manifestadas se realiza, encadeia-se ao acontecimento como se fosse a ordem que o precedeu.

Um grupo de homens arrasta um tronco. Cada um deles dá a sua opinião sobre a maneira de o arrastar e o local para onde deve ser conduzido. Concluída que seja a tarefa, verifica-se ter sido realizada como o dissera um dos trabalhadores. E foi ele quem deu a ordem. E eis aqui a ordem e o poder sob a sua forma primitiva: aquele que mais trabalhou com as suas próprias mãos foi o que menos pôde reflectir sobre o que fazia e, por conseguinte, o que menos pôde pensar no que resultaria da acção comum. Não podia dar ordens. O que deu mais ordens pôde actuar menos com as mãos mercê da actividade verbal que exerceu. Numa reunião de homens que dirigem a sua actividade para um objectivo único, a categoria dos que tomam parte directa na obra comum encontra-se tanto mais fraccionada quanto maior a actividade que desenvolvem para dar ordens.

Quando actua só, o homem leva sempre dentro de si um certo número de considerações, que já guiaram, pensa ele, a sua actividade passada, capazes de justificar os seus actos presentes e dirigi-los na previsão do que fará. Os grupos de homens agem precisamente da mesma maneira quando deixam àqueles que não tomam parte na acção o cuidado de imaginar as considerações, as justificações, as previsões aplicáveis ao acto comum.

Por causas que nos são conhecidas ou desconhecidas, os Franceses matam-se uns aos outros. E em relação com tal acontecimento surge a justificação concomitante, que consiste em sustentar que isso era necessário para o bem da França, a liberdade e a igualdade. Os homens deixam de se matar uns aos outros, e imediatamente chega a justificação do acontecimento pela, necessidade que havia de manter a unidade de Poder, da luta contra a Europa, etc. Caminha-se do Ocidente para o Oriente matando o semelhante, e a empresa é acompanhada de discursos sobre a glória da França, a baixeza da Inglaterra, etc. A história

mostra-nos como estas justificações nada têm que ver com o bom senso, se contradizem umas às outras, da mesma maneira que o assassinato de um homem para proclamar os direitos do homem e a matança de milhões de homens para humilhar a Inglaterra. Mas estas justificações, no ponto de vista dos contemporâneos, têm uma importância decisiva e eliminam a responsabilidade moral dos homens que originam os acontecimentos. Os fins provisórios lembram as escovas colocadas diante da viatura destinada à limpeza da via pública: limpam o caminho da responsabilidade moral dos homens. Sem tais justificações não se poderia explicar o problema extremamente simples que se nos apresenta quando examinamos qualquer acontecimento. «Como é possível que milhões de homens cometam colectivamente crimes, guerras, matanças, etc.?»

Dadas as complicadas formas actuais da vida política e social da Europa, poder-se-á imaginar um acontecimento qualquer que não esteja prescrito, decretado, ordenado pelos soberanos, os ministros, os parlamentos, os jornais? Haverá qualquer obra colectiva que não encontre a sua justificação na unidade do Estado, nas necessidades nacionais, no equilíbrio europeu, na civilização? Deste modo todo e qualquer acontecimento que venha a cumprir-se coincide necessariamente com algum desejo expresso, e uma vez que encontra uma justificação passa a ser encarado como obra da vontade de uma ou mais pessoas.

Qualquer que seja a direcção de um navio ver-se-á sempre diante dele a corrente das ondas que ele corta. Para as pessoas que se encontram a bordo o único movimento visível será o dessa corrente.

Só ao observarmos de perto, momento a momento, esse movimento das ondas e ao compará-lo ao movimento do navio nos convenceremos de que o movimento da corrente está definido a cada momento pelo navio e que caímos nesse erro pelo facto de avançarmos imperceptivelmente.

Chegaremos à mesma conclusão se seguirmos passo a passo os movimentos das personagens da história (quer dizer, ao restabelecer as condições necessárias de tudo que se realiza, as condições da continuidade do movimento no tempo) sem perder de vista o vínculo necessário entre as personagens históricas e as massas.

Suceda o que suceder, sempre resultara que o acontecimento era o previsto e ordenado. Seja qual for a direcção do navio, a corrente, que não contribui nem para o guiar nem para aumentar a sua velocidade, produz-se à proa e de longe terá para nós o efeito de uma agitação absolutamente independente e que ainda por cima parece dirigir o navio.

Ao examinar somente as expressões da vontade das personagens históricas que podem relacionar-se com os acontecimentos sob a forma de ordens, os historiadores supõem que os factos estão subordinados às ordens. Ao examinar os mesmos

acontecimentos e a relação em que se encontram as massas com as personagens históricas, chegamos à conclusão de que as personagens históricas e as suas ordens se encontram na dependência dos acontecimentos. A prova indiscutível desta conclusão reside no facto de que, seja qual for o número de ordens dado, o acontecimento não chega a produzir-se se não existem além delas outros motivos. Mas enquanto um acontecimento qualquer se realiza entre todas as vontades que incessantemente se manifestam, acharemos alguma de tal natureza que em virtude do seu sentido e do tempo pode considerar-se como uma ordem ao relacioná-la com o acontecimento,

Ao chegar a esta conclusão, estamos capazes de responder concreta e positivamente aos dois problemas essenciais da história:

Primeiro: que é o Poder?

Segundo: qual a força que produz os movimentos dos povos? Primeiro: o Poder é a relação entre uma personagem determinada e outros homens, segundo a qual, quanto menos intervenha aquela na acção tanto mais opiniões, suposições e justificações exprime a respeito da obra comum que se realiza.

Segundo: não é o Poder, a actividade intelectual, e nem mesmo a união das duas coisas, que produz o movimento dos povos, como pensam os historiadores, mas a actividade de todos os homens que tomam parte num acontecimento e que se agrupam sempre de tal maneira que os que participam de modo mais directo aceitam uma menor responsabilidade e vice-versa.

Do ponto de vista moral, o Poder é o que se rios apresenta como causa de um acontecimento, Do ponto de vista físico, aqueles que se submetem ao Poder é que parecem ser a sua causa. Mas como a actividade moral não é possível sem a actividade física, a causa de um acontecimento não se encontra numa nem na outra, mas na união das duas.

Por outras palavras: o conceito da causa é inaplicável ao fenómeno que estudamos.

Em última análise, chegamos ao círculo eterno, a esse limite extremo a 'que chega, em todos os domínios do pensamento, o espírito humano quando não pretende jogar com o assunto, A electricidade produz o calor, o calor gera a electricidade. Os átomos atraem-se, os átomos repelem-se.

Quando falamos das reacções recíprocas do calor e da electricidade ou dos átomos, nada podemos dizer da causa dos fenómeno dizemos que isso se produz assim porque é absurdo que aconteça de outra maneira, porque assim deve ser, porque é essa a lei. O mesmo se dá com os fenómenos históricos. Ignoramos por- que se deu esta ou aquela revolução, apenas sabemos que para a realização deste ou daquele acto os homens se uniram de tal maneira, e que todos tomaram parte nisso, e acrescentamos que é assim por

ser inadmissível de outra maneira, por ser essa a lei.

Capítulo VIII

Se a história tivesse de se ocupar de fenómenos exteriores, bastaria a prova desta lei tão simples e evidente para a nossa missão estar terminada, Mas a lei da história aplica-se ao ser humano. Uma pequena partícula de matéria não nos pode dizer que não sente em absoluto a necessidade da atracção ou da repulsão e que essa necessidade não é certa, Em compensação o homem, que é o objecto da história, diz sem rodeios: «Sou livre e não me submeto a qualquer lei.»

Este problema do livre arbítrio, ainda que não expresso, está presente a cada passo na história.

A todos os historiadores sérios veio a deparar-se-lhes, a pesar seu, este problema. Todas as contradições, todas as incertezas da história, todas as falsas vias em que se insinua, não são mais que o resultado de este problema estar por resolver.

Se a vontade do homem é livre, isto é, se cada um de tios pode agir como quer, a história inteira não passa de uma série de azares incoerentes.

Se num período de mil anos surgisse, entre milhões de homens, um só com a possibilidade de proceder livremente, quer dizer, de proceder a seu talante, é evidente que esse acto livre, contrário às leis, destruiria a possibilidade da existência de leis, fossem elas quais fossem, relativas à humanidade.

E basta que exista uma só lei capaz de dirigir as acções dos homens para não poder haver livre arbítrio, uma vez que, em tal caso, a vontade dos homens deve submeter-se à referida lei.

Nesta contradição se resume o problema do livre arbítrio, com que se têm preocupado, desde os mais remotos tempos, as melhores inteligências humanas, e que desde esses recuados tempos se apresenta em toda a sua importância.

Este problema consiste em que, ao tomar o homem como objecto de observação de um ponto de vista qualquer, seja teológico, histórico, ético ou filosófico, nos encontramos com a lei geral da necessidade a que está submetido, como tudo o que existe. Mas se o considerarmos do nosso próprio ponto de vista, o ponto de vista da nossa consciência, sentimo-nos livres.

Esta consciência é um elemento do nosso conhecimento absolutamente separado e

independente da razão. Graças à razão, observa-se o homem a si mesmo: mas é só pela consciência que ele se conhece.

Sem consciência, nenhuma observação é possível, nenhuma aplicação da razão.

Para compreender, observar, concluir, o homem deve, antes de tudo, ter a consciência de que está vivo. E o homem só se reconhece vivo enquanto se reconhece dotado de vontade, ou, como quem diz, quando tem consciência da sua vontade. E a vontade do homem, a essência da sua existência, não a concebe ele nem a pode conceber senão livre.

Quando, no decurso das observações que faz sobre si mesmo, o homem descobre que a sua vontade encontra pela frente sempre a mesma lei, quer seja a necessidade de se alimentar ou o funcionamento do seu cérebro ou qualquer outra coisa, esta necessidade não a pode ele compreender senão como uma restrição ao exercício da sua vontade. O que não é livre não pode ser limitado. A vontade do homem aparece ilimitada precisamente porque ele a concebe e não pode concebê-la senão livre.

Quando uma pessoa diz: «Não sou livre, e no entanto levanto e deixo cair a minha mão», todos compreendem que esta resposta ilógica é a prova indiscutível da liberdade.

Esta resposta é a expressão da consciência não submetida à razão. Se a consciência da liberdade não fosse uma fonte particular e independente da razão, estaria submetida ao raciocínio e à experiência. Mas na realidade essa dependência nunca se verifica e é inconcebível.

Uma série de experiências e de raciocínios prova a cada homem que, tomado como objecto de observação, está submetido a certas leis, e que o homem se submete a elas e não luta contra a lei da atracção ou da impenetrabilidade. Mas a mesma série de experiências e de raciocínios mostra-lhe ser impossível a liberdade absoluta que reconhece em si mesmo, que todos os seus actos dependem do seu organismo, do seu carácter e das causas que actuam sobre ele. O homem, porém, nunca se submete às conclusões dessas experiências e desses raciocínios.

Uma vez que a experiência e o raciocínio lhe fizeram compreender que a pedra cai de cima para baixo, o homem crê, indiscutivelmente, nisso, e em todas as circunstâncias aguarda que se cumpra a lei que aprendeu.

Mas, ao verificar, também de modo indiscutível, que a sua vontade está submetida a leis, não crê nem pode crer nesse fenómeno,

Ainda que a experiência e o raciocínio mostrem ao homem que, estando nas mesmas condições e dotado do mesmo carácter, tara sempre o mesmo, ao encontrar-se pela milionésima vez perante o acto que vai realizar sente a indiscutível segurança de que pode

proceder de outra maneira, isto é, a seu talante. Todo o homem, selvagem ou pensador, a quem se demonstre, mediante a lógica e os raciocínios, ser impossível imaginar dois actos diferentes nas mesmas condições, sente que sem essa representação insensata - a essência da liberdade - não pode conceber a vida. Sente que isso existe, por impossível que pareça, pois sem essa representação da liberdade não só não compreenderia a vida, como não poderia viver um instante que fosse.

Não poderia viver porque todas as aspirações dos homens, todas as exigências da vida, são apenas desejos de aumentar a liberdade.

A riqueza e a pobreza, a glória e a obscuridade, o Poder e a submissão, a força e a fraqueza, a saúde e a doença, a cultura e a ignorância, o trabalho e o ócio, a saciedade e a fome e a virtude e o vício mais não são que graus maiores ou menores da liberdade.

Imaginar um homem privado de liberdade é imaginá-lo privado de vida.

Se o conceito de liberdade se apresenta à razão como uma contradição insensata, como a possibilidade de cometer dois actos e diferentes nas mesmas circunstâncias, ou como um acto sem causa, isso prova somente que a consciência não está submetida a razão. Sem esta consciência de uma liberdade indestrutível, irrefutável, não submetida à experiência nem à razão, reconhecida e sentida por todos os homens sem excepção. é impossível representar-se o ser humano, e isto constitui o outro aspecto do problema.

O homem é uma criatura de Deus todo-poderoso, misericordioso e omnisciente. Que é, pois, o pecado, cujo conceito deriva da consciência da liberdade do homem? Eis um problema de teologia.

Os actos dos homens estão submetidos a leis gerais e imutáveis que se traduzem pela estatística. Em que consiste, pois, a responsabilidade do homem ante a sociedade, cujo conceito deriva do reconhecimento da liberdade? Eis um problema de direito.

Os actos dos homens são uma consequência do seu carácter inato e das influências que sobre ele actuam. Qual, pois, a noção do bem e do mal para actos que se dizem livres? Eis um problema de ética.

O homem, fundido com a vida geral da humanidade, está submetido às leis que regem esta vida. Mas o mesmo homem diz-se independente do resto dos seus semelhantes e representa-se a si mesmo como livre. Como deve considerar-se o passado dos povos e da humanidade? Eis um problema de história.

Somente no nosso tempo, nestes tempos de vulgarização da ciência, graças à arma mais poderosa que se conhece para combater a ignorância, que é a imprensa, o problema do livre arbítrio se encontra num terreno em que nem sequer pode existir. Na nossa época, a maioria dos homens considerados de ideias avançadas, quer dizer, uma turba de

ignorantes, aceitou os trabalhos dos naturalistas que se ocupam apenas de um aspecto do problema como uma solução do mesmo.

Não há alma nem liberdade, porque a vida de um homem se traduz no movimento dos músculos e os movimentos destes estão submetidos à actividade dos nervos. Não há alma nem liberdade, porque num remoto período de tempo desconhecido descendemos do macaco. Eis o que dizem, escrevem, imprimem, sem suspeitar que há mil anos todas as religiões e todos os pensadores não só reconheceram, como nem sequer se lembraram de repelir a mesma lei da necessidade, que com tanto zelo tratam de demonstrar, agora por meio da fisiologia e da zoologia comparadas. Não se dão conta de que nesse problema o papel das ciências naturais apenas serve de instrumento para esclarecer uma parte do problema, pois o facto de que, do ponto de vista da observação, a razão e a vontade não passam de secreções do cérebro, e o homem, seguindo a lei geral, pode proceder de animais inferiores num remoto período de tempo desconhecido, não faz mais que explicar, por um lado novo, a verdade reconhecida há milhares de anos por todas as religiões e todas as teorias filosóficas, a saber: que do ponto de vista da razão o homem está submetido às leis da necessidade. Mas não dão um passo mais além na solução do problema, que tem outra faceta: a do reconhecimento da liberdade.

Que os homens descendam do macaco num remoto período desconhecido de tempo é tão compreensível como o facto de terem sido formados de um pedaço de barro num período determinado (no primeiro caso x é o tempo; no segundo, o processo) e a pergunta acerca de como pode concordar a consciência da liberdade do homem com a lei da necessidade, a que está sujeito, não pode resolver-se através da filosofia nem da zoologia comparadas, pois na rã, no coelho e no macaco somente podemos observar a actividade muscular e nervosa, enquanto que no homem verificamos existir além disso a consciência dessas actividades.

Os naturalistas e os seus émulos que esperam resolver esse problema fazem-nos lembrar estucadores a quem tivessem mandado estucar um dos lados da parede de uma igreja, os quais, aproveitando a ausência do contramestre, num acesso de zelo, cobrissem de gesso as janelas, as imagens, as vigas e as paredes, tudo, regozijando-se por terem levado a cabo um trabalho irrepreensível do ponto de vista do seu ofício.

Capítulo IX

A solução do problema da liberdade e da necessidade na história oferece esta vantagem sobre os outros ramos da ciência em que o mesmo problema é debatido: que, na história, não diz respeito à essência mesma da vontade humana, mas às manifestações dessa vontade no passado e em condições determinadas.

A história, na resolução deste problema, relativamente às outras ciências, encontra-se na situação de uma ciência experimental em face das ciências puramente especulativas.

A história não tem por objecto a própria vontade do homem, mas a ideia que fazemos dela.

Eis porque, no que diz respeito a história, não nos encontramos - esse o caso da teologia, da moral ou da filosofia - na presença do mistério insolúvel dos dois contrários, a liberdade e a necessidade, A história estudou aspectos da vida humana em que a união destes dois contrários é já um facto consumado.

Na vida real, cada acontecimento histórico, cada acto humano, compreendem-se com muita clareza e nitidez, sem que se lhes note qualquer espécie de contradição, embora todos os acontecimentos nos apareçam em parte livres e em parte necessários.

Para resolver o problema da união da liberdade com a necessidade, da essência destas duas noções, a filosofia da história pode e deve enfronhar-se numa via contrária à que tomam as outras ciências. Em vez de se esforçar por definir em si mesmas as noções de liberdade e de necessidade e de submeter os fenómenos vitais às definições obtidas, a história deve extrair da enorme massa dos fenómenos que se lhe apresentam, sempre na dependência da liberdade e da necessidade, uma definição destas duas noções.

Seja como for que examinemos os actos de um homem ou de vários, não podemos concebê-los senão como o produto da liberdade, por um lado, e das leis da necessidade, pelo outro.

Que se trate das migrações dos povos e das invasões dos bárbaros, da política de Napoleão III ou do acto de um homem realizado apenas há uma hora e que consistiu em escolher este ou aquele caminho, entre vários, para um passeio, nunca nos encontramos diante da mínima contradição. A parte da liberdade ou da necessidade que dirigiu os seus actos está claramente definida para nós.

Muito amiúde se verificam divergências de opinião sobre a maior ou menor liberdade de determinado acto, consoante o ponto de vista de que se examine o fenómeno; mas sempre, em todos os casos, nos aparece o acto humano como uma certa mistura, de liberdade e necessidade.

Em cada caso examinado vemos uma certa dose de liberdade e uma certa dose de necessidade. E quanto mais liberdade descobrimos num acto tanto menos necessidade e reciprocamente.

A relação entre a liberdade e a necessidade diminui e aumenta consoante o ponto de vista em que nos colocamos, mas conserva-se sempre inversamente proporcional.

O homem que se afoga e ao querer salvar-se se agarra a outro e o arrasta consigo, a mãe esfomeada que, extenuada de amamentar o filho, rouba para comer, aquele que, submetido a disciplina militar, mata um homem Indefeso, são menos culpados, isto é, menos livres e mais sujeitos à lei da necessidade aos olhos daquele que sabe em que condições essas pessoas se encontravam, mais livres, pelo contrário, aos olhos daquele que ignora que esse homem se estava a afogar, que aquela mãe tinha fome, que aquele soldado estava nas fileiras, etc. Da mesma maneira, o homem que cometeu um crime vinte anos atrás, e que depois viveu tranquilamente sem ser nocivo à sociedade, nos aparece menos culpável vinte anos depois, por se encontrar sujeito às leis da necessidade; mas quem examine o seu acto no dia seguinte ao crime vê nele uma manifestação do livre arbítrio. Qualquer acto de um louco, de um bêbedo ou de um homem excitado é menos livre e mais sujeito às leis da necessidade aos olhos daquele que conhece o estado em que se encontrava o seu autor, mais livre e menos sujeito às leis da necessidade aos olhos do que ignora esse estado. Nestes vários casos, a noção da liberdade aumenta ou diminui consoante aumenta ou diminui o conceito de necessidade, dependendo sempre do ponto de vista de que se ajuíza o acto. Assim, pois, quanto maior nos parece a necessidade, menor se nos antolha a liberdade, e vice-versa.

A religião, o bom senso, a ciência do direito e a própria ciência histórica não interpretam de outra maneira as relações entre a necessidade e a liberdade.

Todos os casos, sem excepção, nos quais aumenta ou diminui a ideia que temos da liberdade e da necessidade, podem resumir-se em três. É preciso examinar o autor de um acto em relação a: 1ª, o mundo exterior: 2ª, o tempo: 3ª, as causas que o determinaram.

A primeira base de observação considera as relações mais ou menos visíveis do indivíduo com o mundo exterior, a ideia mais ou menos clara que se pode ter do lugar definido que ele ocupa no meio em que vive, como consequência deste exame é que o homem que se afoga é menos livre e mais sujeito às leis da necessidade que aquele que se

encontra em terra firme e que os actos do homem que vive em estreitas relações com os outros homens, numa localidade muito povoada, ou os de um homem tolhido pela família, pela função que desempenha, pelos seus empreendimentos, são incontestavelmente menos livres e mais sujeitos à necessidade que os de um homem só e isolado.

Se examinarmos um indivíduo isolado sem o relacionarmos com o que o rodeia, todos os seus actos nos parecem livres. Mas se virmos a mínima relação entre esse homem e quanto o rodeia, as suas relações com o homem que lhe fala, com o livro que lê, com o trabalho que está fazendo, inclusivamente com o ar que respira ou com a luz que banha os objectos à sua roda, verifica-mos que cada uma dessas circunstâncias exerce influência sobre ele e guia, pelo menos, uma parte da sua actividade. E quantas mais influências destas observamos mais diminui a ideia que fazemos da sua liberdade, aumentando a ideia que fazemos da necessidade a que está submetido.

A segunda base consiste na relação temporal, mais ou menos visível, de um homem com o mundo, o conceito mais ou menos claro do lugar que ocupam no tempo os actos do homem. Eis a base graças à qual a queda do primeiro homem, que teve por consequência, a origem do género humano, se apresenta, evidentemente, menos livre que o casamento de um homem contemporâneo: eis a base graças à qual a vida e a actividade dos homens que viveram há séculos e estão ligados a mim pelo tempo não podem parecer-me tão livres como a vida contemporânea, cujas consequências ignoro ainda.

Neste aspecto, a gradação da liberdade e da necessidade maiores ou menores depende do lapso de tempo maior ou menor desde a realização do acto até à apreciação desse mesmo acto.

Se examino um acto que pratiquei há um minuto em condições quase as mesmas em que me encontro actualmente, esse acto parece-me absolutamente livre. Mas se aprecio um acto realizado há um mês, ao encontrar-me em circunstâncias diferentes, a meu pesar, se não tivesse realizado esse acto, não existiriam muitas coisas inúteis, agradáveis e necessárias que derivam dele. Se me traslado com a memória a um acto mais remoto, a um acto de há dez anos ou mesmo mais, então as suas consequências ainda se me apresentarão mais evidentes e ser-me-á difícil representar-me seja o que for, caso aquele acto remoto nunca tivesse existido.

Quanto mais retroceder na minha memória, ou, o que vem a dar na mesma, quanto mais projectar no futuro o meu juízo, tanto mais duvidosos me parecerão os meus raciocínios acerca, da liberdade do acto realizado,

A guerra austro-prussiana é-nos apresentada como uma consequência indiscutível dos actos do astuto Bismarck, etc.

As guerras napoleónicas, ainda que não sem certas reservas, apresentam-se-nos ainda como resultado da vontade de heróis. Mas nas cruzadas, em compensação, vemos um acontecimento que ocupa um lugar determinado e sem o qual não teria existido a história moderna da Europa, embora, segundo o critério dos historiadores contemporâneos das cruzadas, aquele feito se apresentasse apenas como o resultado da vontade de várias personagens. Quando se trata, por exemplo, da migração dos povos, a nenhuma pessoa do nosso tempo ocorreria pensar que a renovação do mundo europeu dependera da vontade de Átila. Quando mais para trás transportamos o objecto da observação, mais duvidosa rios parece a liberdade dos homens que produzem os acontecimentos e mais evidente a lei da necessidade.

A terceira base é o maior ou menor acesso para nós a esse vínculo infinito de causas que exige a razão e em que cada fenómeno compreensível, e por conseguinte cada acto de um homem, deve ter o seu lugar determinado, como a continuação dos actos precedentes e a causa dos actos seguintes.

É a base graças à qual os nossos actos e os dos nossos semelhantes nos aparecem tanto mais livres e menos sujeitos às leis da necessidade quanto mais conhecemos as leis fisiológicas, psicológicas e históricas do acto. Por outras palavras, quanto mais simples o acto observado tanto menos complicações apresenta ao espírito do homem cujo acto merece a nossa atenção.

Quando não conseguimos compreender a causa de uma acção realizada, como seja um crime, um facto virtuoso ou ainda um facto indiferente do ponto de vista do bem e do mal, atribuímos aquela uma maior parte de liberdade. Se se tratava de um crime, exigimos o castigo: se se tratava de um acto virtuoso, é quando mais apreciamos a acção. No raso de uma acção indiferente reconhecemos uma maior originalidade e liberdade. Mas, se apenas conhecemos uma das numerosas causas, admitimos já uma certa parte de necessidade, somos menos exigentes relativamente à vingança do crime, reconhecemos um mérito menor no acto virtuoso e menos liberdade no que nos parecia original. O facto de um criminoso ter sido educado entre meliantes atenua a sua culpabilidade. É mais compreensível o sacrifício de um pai ou de uma mãe - sacrifício com possibilidades de recompensa - que um sacrifício sem causa.

Assim, pois, o primeiro nos parece menos meritório e menos livre.

Admiramos menos o fundador de uma seita ou de um partido, ou um inventor, quando sabemos como e com quê a sua actividade foi levada a cabo. Se os actos examinados são simples e dispomos de grande soma de actos semelhantes para as nossas observações, a ideia que teremos da sua necessidade ainda será mais completa.

O acto vergonhoso do filho de um pai desonrado, a má conduta de uma mulher caída em certo meio, o regresso à embriaguez de um bêbedo, etc., eis actos que nos parecerão tanto menos livres quanto melhor compreendemos a causa. Se o homem cuja conduta examinamos foi pouco desenvolvido no ponto de vista da inteligência, se for uma criança, um louco, um tolo, desde que sabemos as causas dos seus actos e a inconsciência do seu carácter e do seu espírito, vemos nisso já uma tão grande parte de necessidade e uma tão pequena de liberdade que desde logo reconhecemos a causa que provocou a acção: teríamos, inclusivamente, podido prevê-la.

Nestes três elementos de apreciação se baseia a irresponsabilidade dos crimes reconhecida, em todas as legislações, bem como a existência das circunstâncias atenuantes. A responsabilidade parece maior ou menor consoante o conhecimento das condições em que se encontra o homem cujo acto julgamos, segundo o maior ou menor lapso de tempo transcorrido desde a realização do acto até ao momento de ser julgado e segundo a maior ou menor compreensão do mesmo,

Capítulo X

Assim, pois, a ideia que fazemos da liberdade e da necessidade de um acto diminui ou aumenta gradualmente segundo são maiores ou menores a conexão com o mundo exterior, a perspectiva do tempo e a dependência das causas do fenómeno da vida do homem que estudamos.

De maneira que, se examinarmos uma situação em que o vínculo do homem com o mundo exterior é mais conhecido, maior o período do tempo desde a realização do acto até ao momento de o ajuizarmos e as causas da referida acção mais evidentes, recebemos a representação de uma necessidade maior e de uma liberdade menor. Mas, se ajuizarmos o homem numa menor dependência das condições exteriores, se um acto foi levado a cabo num momento muito próximo do tempo presente e se as causas que o motivaram não são incompreensíveis, então recebemos a representação de uma necessidade menor e de uma liberdade maior.

Mas tanto num como no outro caso, por muito que alteremos o nosso ponto de vista, por mais esforços que façamos para explicarmos a relação em que se encontra o homem com o mundo exterior, por mais compreensível que se nos afigure, por mais que tratemos de alargar ou encurtar o período de tempo, por mais que nos pareçam compreensíveis ou incompreensíveis as causas, nunca poderemos representar-nos a necessidade completa nem a liberdade absoluta.

Primeiro, De qualquer modo que se nos represente o homem livre das influências do mundo exterior, nunca atingiremos o conceito da liberdade no espaço. Cada acto humano se encontra inevitavelmente submetido a certas condições em virtude do que o rodeia, inclusivamente sujeito ao seu próprio corpo. O meu acto parece-me livre, mas, ao perguntar a mim mesmo se me seria possível levantar a mão em todas as direcções, vejo que a levantei naquela em que havia menos obstáculos para levar a cabo o acto realizado, obstáculos que se encontram nos corpos que me rodeiam, assim como na constituição do meu próprio corpo. Se de todas as direcções possíveis escolho uma, faço-o por ser a que apresenta menos obstáculos. Para que o meu acto seja livre é necessário que não haja nenhum. Para representarmos a nós próprios um homem completamente livre temos de imaginá-lo fora do espaço, o que evidentemente é impossível.

Segundo. Por mais que nos aproximemos do momento que julgamos o tempo presente, nunca conseguiremos obter o conceito de liberdade no tempo, pois, se examinamos um acto cometido há um segundo, devemos não obstante reconhecer a não liberdade deste, uma vez que está encadeado ao momento que se cumpriu. Posso levantar a mão? Levanto-a; mas pergunto a mim próprio se podia não a ter levantado nesse momento que já passou. Para convencer-me disso, no momento que se segue não levanto a mão. Mas não a levantei precisamente no momento em que me perguntava a mim mesmo se tinha liberdade de acção?

O tempo passou e não está na minha mão detê-lo; a mão que levantei então não é a mão que se move agora, assim como a atmosfera que me envolvia quando fiz esse movimento não é já a mesma. O momento em que se realizou o primeiro movimento é irrevogável, e então só pude fazer um movimento, qualquer que fosse, mas só um. O facto de no momento seguinte não ter levantado a mão não demonstra que a não podia levantar. Mas, como apenas pude fazer um movimento num momento determinado, não há dúvida de que não podia ser outro. Para conceber livre o referido movimento precisamos de o representar no momento presente, no limite do tempo passado e do futuro, quer dizer, fora do tempo, o que é impossível.

Terceiro. Por maiores que sejam as dificuldades de compreensão da causa, nunca chegaremos a representar-nos a liberdade completa, quer dizer, a ausência da causa. Por mais incompreensível que nos pareça a causa da manifestação da vontade de um acto qualquer, nosso ou do nosso semelhante, a primeira exigência do espírito consiste na suposição e na busca, mas o facto de querer cometer um acto que careça de causa é a causa do meu acto.

Mas supondo mesmo que imaginávamos um homem completamente livre de toda a influência, apenas encarando um seu acto momentâneo e partindo do princípio de que esse acto não era determinado por causa alguma, se admitirmos o resto infinitamente pequeno da necessidade igual a zero, nem sequer então chegaríamos ao conceito da liberdade completa do homem, pois o ser que não aceita as influências do mundo exterior, que está fora do tempo, e não depende das causas, já não é homem sequer.

Mesmo assim, nunca poderemos representar-nos os actos de um homem submetido apenas à lei da necessidade sem intervenção da liberdade.

Primeiro. Por maior que seja o nosso conhecimento das condições do espaço em que o homem se encontra, esse conhecimento nunca poderá ser completo, visto o número dessas condições ser infinitamente grande, tal qual como o espaço, que é infinito. Assim, pois, desde que todas as condições, todas as influências a que o homem está sujeito, não

estão definidas, não se pode falar em necessidade absoluta, subsiste uma parte de liberdade.

Segundo. Por mais que alarguemos o período do tempo da realização do fenómeno ao momento em que o julgamos, esse período de tempo será finito, enquanto que o tempo é infinito. Eis porque tão-pouco nesse aspecto poderá existir liberdade completa.

Terceiro. Por mais compreensível que seja a série de causas de um acto qualquer, nunca a conheceremos toda, visto ser infinita e nunca podermos obter uma necessidade absoluta.

Além de tudo isto, se admitíssemos, inclusivamente, que o resto da liberdade é igual a zero e reconhecêssemos, num caso qualquer, como, por exemplo, no de um homem moribundo, de um embrião ou de um idiota, a ausência completa de liberdade, aniquilaríamos por esse facto a ideia mesma que examinamos, pois desde o momento em que não há liberdade não existe o homem. Assim, pois, a representação do acto de um homem submetido apenas à lei da necessidade, sem o mais pequeno vislumbre de liberdade, é tão impossível como a representação de um acto humano inteiramente livre.

Por conseguinte, para se representar o acto de um homem sujeito unicamente à lei da necessidade, sem liberdade, tem de admitir-se o conhecimento de uma quantidade infinita de condições no espaço durante um período infinitamente grande no tempo e uma série infinita de causas.

Para representarmos, pelo contrário, um homem absolutamente livre, não sujeito à lei da necessidade, teríamos de o figurar fora do espaço, do tempo e, da dependência de causas.

No primeiro caso, seria, necessário rejeitar a necessidade sem a liberdade, pois chegaríamos a formular as leis da necessidade, quer dizer, obteríamos um continente sem conteúdo.

No segundo caso, se a liberdade fosse possível sem a necessitaríamos uma liberdade incondicionada fora do espaço, do tempo e das causas, que, pelo próprio facto de ser incondicionada e não limitada por coisa alguma, nada seria em si mesma seria mais que um conteúdo sem continente.

Chegaríamos, assim, a estes dois princípios de que se compõe toda a filosofia do homem: aflorarríamos a essência inacessível da vida e das leis que a definissem.

A razão proclama: 1º, o espaço, com todas as formas que lhe dão o aspecto que ele assume, a matéria, é infinito, e não pode ser concebido de outra maneira: 2º, o tempo é um movimento infinito que nunca se detém e não pode ser concebido de outra maneira: 3º, o encadeamento das causas e dos efeitos não tem princípio e não pode ter fim.

A consciência diz: 1º, só eu existo e nada mais pode existir senão eu, por

conseguinte, eu contenho o espaço; 2º, eu meço o tempo que corre mediante o momento imóvel do presente, único em que me reconheço vivo, por conseguinte, estou fora do tempo; 3º, estou fora das causas, pois sinto-me a mim própria a causa de todas as manifestações da vida.

A razão formula as leis da necessidade, a consciência exprime a essência, da liberdade.

A liberdade, que nada limita, é a essência da vida na consciência do homem. A necessidade sem conteúdo é a razão do homem com as suas três formas.

A liberdade é o objecto do exame. A necessidade, a que examina. A liberdade, o conteúdo, a necessidade, o continente.

Separando estas duas fontes do conhecimento, uma para outra na relação do continente para o conteúdo, chega-se a noções que se excluem mutuamente, e que são incompreensíveis, acerca da liberdade e da necessidade.

Só pela sua, união se pode chegar a ter uma ideia clara do homem.

Fora destas duas noções, as quais, na sua opinião, são relações do continente para o conteúdo, não há possibilidade de compreender-se a vida.

Tudo que dela sabemos se resume numa relação entre a liberdade e a necessidade, isto é, entre a consciência e as leis da razão.

Tudo quanto sabemos do mundo da natureza se limita a uma certa relação entre as forças da natureza e a necessidade ou entre a essência da vida e as leis da razão.

As forças vitais da natureza estão colocadas fora de nós e não são apreensíveis pela nossa consciência; chamamos-lhes atracção universal, inércia, electricidade, força vital, etc., mas a força vital do homem é apreendida pela nossa consciência e chamamos-lhe liberdade.

Mas da mesma maneira que esta força da atracção universal que todo o homem verifica é inacessível na sua essência e não pode ser compreendida senão na medida em que conheçamos as leis da necessidade à qual ela está sujeita, desde o conhecimento primitivo de que todos os corpos são pesados até à lei de Newton, também é inacessível em si mesma esta força da liberdade de que todo o homem tem consciência e não nos é inteligível senão na medida em que conheçamos as leis da necessidade às quais ela se encontra sujeita, principiando pelo facto de que todo o homem é mortal, até ao conhecimento das leis mais complicadas da economia e da história.

Cada um dos nossos conhecimentos não é mais que a adaptação da essência da vida às leis da razão.

A liberdade do homem distingue-se de qualquer outra força, porque é reconhecida pela nossa consciência, mas aos olhos da razão em nada se distingue das outras. As forças

da atracção, da electricidade ou da afinidade química apenas se distinguem umas das outras pelo facto de serem definidas separadamente pela razão.

Assim, a força da liberdade humana, aos olhos da razão, não se distingue das outras forças da natureza senão pela definição que dela dá esta mesma razão. Quanto à liberdade sem a necessidade, isto é, sem as leis da razão que traçam os seus limites, em nada se distingue da força da atracção ou do calor ou da força germinativa, para a razão não passa de uma manifestação sensível, momentânea e indeterminada da vida.

E da mesma maneira que o estudo da essência indeterminada da energia que move os corpos celestes, do calor, da electricidade, da afinidade química ou da força vital constituem a astronomia, a física, a química, a botânica, a zoologia, etc., também a essência da força que é a liberdade forma o objecto da história. Mas da mesma maneira que as manifestações dessa essência desconhecida da vida constituem o objecto de cada ciência, quando a sua essência em si é da esfera da metafísica, também as manifestações da liberdade no espaço, no tempo e na sua dependência das causas são o objecto da história, embora a liberdade em si mesma releve a metafísica.

Nas ciências experimentais, ao que nelas nos é conhecido chamamos leis de necessidade; ao que nelas nos é desconhecido, força vital. A força vital é o resíduo desconhecido do que sabemos da essência da vida.

Seja como for, na história, ao que nos é conhecido chamamos as leis da necessidade, ao que nos é desconhecido, liberdade. A liberdade, para o historiador, mais não é que esse resíduo desconhecido do que chamamos as leis da vida.

Capítulo XI

A história estuda as manifestações da liberdade humana nas suas ligações com o mundo exterior, no tempo e na sua dependência das causas, isto é, delimita esta liberdade com as leis da razão. Eis por que a história só pode ser uma ciência na medida cm que esta liberdade for delimitada por essas leis.

Em história, reconhecer a liberdade humana como uma força capaz de influir tios acontecimentos históricos, isto é, não sujeitos às leis, é como admitir em astronomia o livre movimento dos corpos celestes.

Aceitar semelhante liberdade é suprimir a possibilidade de leis, quer dizer, a possibilidade da própria ciência. Basta que haja um acto humano livre para não existirem nem leis históricas nem qualquer possibilidade de nos darmos conta dos factos históricos.

Na história, as vontades humanas parecem mover-se segundo uma linha com uma das extremidades no infinito e a outra no espaço, no tempo e na dependência das causas, a consciência que se tem da liberdade humana no instante presente.

Quanto mais se afasta, aos nossos olhos, o campo deste movimento tanto mais visíveis se tornam as leis que o dirigem, Apreender e definir estas leis, eis a missão da história.

Se nos quedarmos no ponto de vista em que a ciência actualmente se coloca, se continuarmos a seguir o caminho por onde ela se insinua e buscarmos as causas dos fenómenos no livre arbítrio humano, torna-se impossível formular-se leis, pois, por mais que se limite a liberdade humana, desde o momento em que a reconhecemos como uma força não sujeita as leis, toda a existência de leis se torna impossível.

Só limitando esta liberdade até ao infinito, isto é, considerando-a como uma grandeza infinitesimal, nos convenceremos da impossibilidade absoluta de atingir as causas, e é então que, em vez da procura das causas, a história considerará missão sua a procura das leis.

A procura destas leis de há muito foi iniciada e os novos processos de pensamento de que a história deve apoderar-se elaboram-se ao mesmo tempo que a antiga história se destrói a si mesma, separando cada vez mais as causas dos fenómenos.

É o caminho de todas as ciências humanas. Ao chegar ao infinitamente pequeno, a matemática, a mais exacta das ciências, abandona o método da separação e aceita o novo

processo de totalização dos desconhecidos infinitamente pequenos.

Sob outra forma, mas por este mesmo caminho, seguem as outras ciências. Quando Newton formulou a lei da, gravitação, não disse que o Sol ou a Terra tinham a propriedade de se atraírem mutuamente, disse que todos os corpos, do maior ao mais pequeno, se comportavam como se se atraíssem uns aos outros, isto é, deixando de lado o problema da causa do movimento dos corpos, enunciou uma propriedade comum a todos, do infinitamente grande ao infinitamente pequeno. As ciências naturais procedem da mesma maneira: abandonam a procura das causas para pesquisarem as leis. Também a história segue esse caminho. E se o objecto da história é o estudo dos movimentos dos povos, e não a descrição de alguns episódios da vida dos homens, ei-la que deve, afastando a noção das causas, procurar as leis comuns a todos os elementos infinitamente pequenos da liberdade, iguais, indissoluvelmente vinculados entre si e infinitamente pequenos.

Capítulo XII

Desde que foi descoberta e provada a lei de Copérnico, basta o facto de, se reconhecer que não é o Sol, mas a Terra, que se move para toda a cosmografia dos antigos ficar aniquilada. Rebatendo este sistema, podia regressar-se à antiga opinião sobre o movimento dos corpos, mas sem isso não era possível, ao que parece, continuar o estudo do mundo de Ptolomeu. No entanto, mesmo depois da descoberta do sistema de Copérnico, o mundo de Ptolomeu continuou a ser por muito tempo objecto de estudo.

Desde que se provou que a percentagem de nascimentos e de crimes está sujeita a leis matemáticas e que certas condições geográficas, políticas ou económicas definem tal ou qual forma de governo e certas relações entre a população e a Terra são as causas dos movimentos dos povos, as bases sobre que se edificava a história caíram por terra.

Repelindo as leis novas, era possível conservar a antiga opinião acerca da história, mas, não o fazendo, parecia impossível continuar o estudo dos acontecimentos históricos admitindo serem estes produzidos pelo livre arbítrio dos homens, pois, se, graças a certas condições geográficas, etnográficas ou económicas, se forma qualquer constituição ou se produz qualquer movimento de um povo, não poderia examinar-se como causa a vontade daqueles homens a quem nós imaginamos estabelecendo uma constituição ou incitando o movimento de um povo.

No entanto, a história antiga continua a ser estudada com as leis da estatística, da geografia, da economia política, da filologia comparada e da geologia, as quais contradizem rotundamente o citado princípio.

Durante muito tempo houve na filosofia física uma luta pertinaz entre as correntes antigas e as modernas. A teologia defendia o ponto de vista antigo e acusava o novo de atacar a revelação. Mas, quando a verdade venceu, a teologia estabeleceu-se no novo terreno com a mesma firmeza de antes.

Existe igualmente uma luta tenaz nos tempos actuais entre a velha e a nova opinião no domínio da história, e a teologia defende igualmente a velha corrente e acusa a nova de destruir a revelação.

Tanto num como no outro caso e tanto de uma parte como da outra, a luta provoca paixões e asfixia a verdade. Por um lado, surge o medo e a compaixão pelo edifício erecto

através dos séculos; pelo outro, a paixão de destruir.

Os homens que lutavam contra a verdade nascente da filosofia física julgavam que, ao reconhecer a sobredita verdade, a fé em Deus e na criação do mundo cairia por terra. Os defensores das leis de Copérnico e de Newton, como Voltaire, por exemplo, julgavam que as leis da astronomia destronavam a religião e empregavam como arma, contra ela, as leis da atracção.

Da mesma maneira dir-se-ia que no nosso tempo bastaria reconhecer a lei da necessidade para se aniquilar o conceito da alma, do bem e do mal, bem como todas as instituições governamentais e eclesiásticas assentes nesse conceito.

Como Voltaire, no seu tempo, os defensores não reconhecidos da lei da necessidade empregam hoje a referida lei como uma arma contra a religião. Mas, como as leis de Copérnico na astronomia, a lei da necessidade na história não só não se destrói como se afirma cada vez mais no terreno no qual estão assentes a instituições do Estado e da Igreja.

Como antigamente, em relação ao problema da astronomia, agora, em relação à história, todas as opiniões distintas assentam em reconhecerem ou não a unidade absoluta que serve de medida para os fenómenos visíveis. Na astronomia essa medida era a imobilidade da Terra; na história, a independência do indivíduo, a liberdade.

Assim, como, para a astronomia, a dificuldade do reconhecimento do movimento da Terra provinha do facto de haver que renunciar à sensação espontânea da imobilidade da Terra e dos planetas, para a história, a dificuldade do reconhecimento da submissão do indivíduo às leis do espaço, do tempo e das causas consiste em renunciar à sensação espontânea da dependência da individualidade. Mas, da mesma maneira que, na astronomia, a nova opinião sustentava: «É verdade que não sentimos o movimento da Terra, mas, admitindo a sua imobilidade, depara-se-nos o absurdo: pelo contrário, se reconhecemos que se move, embora não a sentindo mover, é a lei que encontramos», na história, a corrente nova diz: «É verdade que não sentimos a nossa dependência: mas, ao admitirmos a nossa liberdade, encontramos o absurdo: pelo contrário, reconhecendo a nossa dependência do mundo exterior, do tempo e das causas, é a lei que encontramos.»

No primeiro caso era preciso renunciar à consciência da imobilidade no espaço e reconhecer um movimento que não se sen- tia: no segundo, também é necessário renunciar à liberdade, que não existe, e reconhecer a dependência, que não sentimos.

FIM

Apêndice

Algumas palavras de Leon Tolstoi
sobre "Guerra e Paz"

O momento em que entra no prelo a obra em que trabalhei durante cinco anos de maneira ininterrupta e exclusiva, nas mais favoráveis condições, desejaria, à guisa de prefácio ao livro, expor aqui o que penso dela e antecipar-me, portanto, aos mal-entendidos que porventura vierem a surgir no espírito do leitor. Não queria que o leitor visse e encontrasse nesta obra o que eu não quis ou não soube lá introduzir e gostaria que ele se mostrasse atento, precisamente, ao que eu lá quis meter, embora, nas condições em que me encontrava, não viesse a propósito insistir. Nem as circunstâncias nem o meu saber me permitiriam realizar plenamente o que era minha intenção e aproveito a hospitalidade que me oferece uma revista da especialidade para expor em resumo e em poucas palavras, dirigindo-me àqueles a quem o assunto possa interessar, a opinião do autor sobre a sua própria obra.

Em primeiro lugar, que vem a ser Guerra e Paz? Não é um romance, um poema muito menos, e não é sequer uma crónica histórica. Guerra e Paz é o que o autor quis e pôde exprimir pela forma como o exprimiu. Semelhante declaração de indiferença relativamente às formas convencionais da produção artística em prosa talvez pudesse parecer presunçosa se fosse intencional e se não houvesse já exemplos, anteriores. A história da literatura russa, de Puchkine para cá, não só nos proporciona muitos exemplos de idêntico afastamento das formas recebidas da Europa, como nos não dá mesmo qualquer exemplo contrário. A principiar nas Almas Mortas, de Gogol, e a acabar na Recordação da Casa dos Mortos, de Dostoievski, não existe na nossa literatura qualquer obra em prosa, que se eleve um pouco acima do normal, que se haja submetido inteiramente à forma do romance, do poema ou da novela.

Em segundo lugar, o carácter da época, como mo fizeram ver numerosos leitores na altura do aparecimento da primeira parte desta obra, parece insuficientemente definido. Eis o que tenho a dizer quanto a esta observação. Sei muitíssimo bem qual é esse carácter do tempo que se não encontra no meu romance: os horrores da servidão, o encarceramento

das mulheres, a flagelação dos filhos adultos, a Saltitchika, etc., mas o certo é que, embora essas circunstâncias sejam de todos conhecidas, não creio que sejam exactas e não quis reproduzi-las. O estudo da correspondência, das memórias, das tradições da época, não me, revelou exemplos de horror e violências piores que os que vemos actualmente e que sempre vimos. Nesse tempo, tal como hoje, amava-se, desejava-se, procurava-se a verdade, a virtude, era-se arrastado por paixões; a vida intelectual e moral era tão complicada como hoje, por vezes, mesmo, até mais requintada nas altas esferas. Se essa época ficou na memória das pessoas pelo seu carácter arbitrário e grosseiro, foi apenas porque as tradições, as memórias, os romances e as novelas nos transmitiram os seus casos mais típicos em matéria de violência e de brutalidade.

Concluirmos, pois, que o carácter dominante desses tempos era a grosseria é tão injusto como depreendermos que em tal ou qual localidade apenas existem árvores pelo simples facto de só árvores se verem da eminência donde as olhamos. Esta época tem, evidentemente, um carácter próprio, como acontece a todas as épocas, carácter que lhe vem do afastamento em que viviam as altas esferas das outras classes sociais, da filosofia re1iantc, das particularidades da educação, do uso da língua francesa e de outras coisas equivalentes. Eis o carácter que procurei conservar o melhor que pude.

Em terceiro lugar, referir-me-ei ao emprego da língua francesa numa obra russa. Porque fiz eu falar não só os russos, mas os franceses também, ora russo ou francês? Esta censura, a de fazer falar francês personagens e escrever em francês num livro russo, assemelha-se à que alguém fizesse ao ver num quadro manchas pretas, sombras, que não existissem na realidade. O pintor não tem culpa de que a sombra representada no seu quadro se afigure a alguns observadores como uma mancha negra que não existe na realidade: só lhe poderemos assacar responsabilidades se as suas sombras estiverem mal colocadas ou demasiado carregadas. Pintando a época dos princípios do século ' representando personagens russas de certa sociedade e Napoleão e franceses que tomaram parte tão directa na vida de então, deixei-me arrastar mais do que seria preciso a imprimir forma e boleio francês à minha linguagem e ao meu pensamento. Eis porque sem negar que as sombras que - apliquei no meu quadro possam ser inexactas e pouco fluidas, apenas desejaria que aqueles que acham ridículo Napoleão falar ora francês ora russo se dessem conta de que isso não acontece senão porque, como sucede à pessoa que olha para um retrato, não vêem o rosto com a sua luz e as suas sombras, mas apenas a mancha negra em cima do nariz.

Em quarto lugar, os nomes dos meus actores, Bolkonski, Drubetskoi, Bilibine, Kuragume, lembram nomes russos conhecidos. Ao colocar, ao lado de personagens

históricas, outras que nada têm de histórico, não me soava bem ao ouvido fazer falar o conde Postoptchine com um príncipe Pronski, Strielski ou com qualquer outro príncipe ou com qualquer outro conde cujos nomes inventasse. Os nomes de Bolkonski ou Drubetskoi, conquanto não sejam nem Volkonski nem Trubestjoi, soam como nomes conhecidos e naturais no meio aristocrático. Não me era possível inventar sempre para as minhas personagens nomes que, como os de Bezukov ou de Rostov, ressoassem de molde a não destoar, e consegui iludir a dificuldade recorrendo, ao acaso, a nomes de famílias conhecidas, aos quais apenas mudei algumas letras. Ser-me-ia muito desagradável que a semelhança destes nomes fictícios com nomes reais pudesse fazer acreditar ter eu querido representar alguém realmente existente, tanto mais quanto é certo que o género literário que em geral se ocupa de personagens ainda vivas ou tendo existido nada tem de comum com aquele que cultivo.

Maria Dmitrievna Akrosimova e Denissov são as únicas personagens a quem eu, involuntariamente, e por descuido, atribui nomes muito próximos de duas pessoas reais particularmente características e estimadas na sociedade do tempo. A minha única desculpa está só no relevo particular que estas duas personagens assumem na, obra e a culpa que me cabe a tal respeito limita-se apenas à sua apresentação, estando eu certo de que o leitor concordará que nada lhes acontece que não se pareça com a realidade. Todas as demais são inteiramente inventadas e não têm para mim protótipos, quer no passado quer no presente.

Em quinto lugar, aludirei ao desacordo que se verifica entre as minhas descrições dos factos históricos e as narrativas dos historiadores. O historiador e o artista, na descrição de uma época, têm objectivos totalmente diferentes. Assim como não faria sentido que o historiador apresentasse uma personagem histórica no seu conjunto com toda a complicação dos pormenores da sua existência, também falsearia o seu objectivo se representasse o seu herói sempre numa atitude histórica, Kutuzov não estava sempre montado num cavalo branco com um óculo na mão ,i examinar o inimigo. Rostoptchine não tinha sempre um archote na mão para deitar fogo à sua casa de Voronovo, coisa que aliás nunca chegou a fazer; a imperatriz Maria Feodorovna não estava sempre de pé, com um manto de arminho, a mão apoiada no código. A imaginação popular é que representa assim as figuras históricas.

Para o historiador, desde que se trate da colaboração desta ou daquela personalidade numa grande obra, existem heróis; para o artista, no ponto de vista das reacções perante os mil incidentes da existência, não pode nem deve haver heróis, mas homens apenas. O historiador é por vezes obrigado a forçar a verdade para fazer com que concordem todos os actos de uma personagem histórica com a ideia que ele faz dela. O artista, pelo

contrário, considera esta ideia preconcebida incompatível com o seu desígnio e trata apenas de compreender e de nos mostrar, não o autor deste ou daquele acto, mas um homem.

Na descrição dos próprios acontecimentos, a diferença ainda é mais pronunciada e essencial.

O historiador apenas se ocupa do resultado adquirido, o artista ocupa-se do facto em si mesmo. O historiador, quando descreve uma batalha, diz: «O flanco esquerdo de tal exército, transferido para tal localidade, derrotou o inimigo, mas foi obrigado a retroceder; então a cavalaria, que se lançou ao ataque, derrotou o inimigo, etc.» Não se pode exprimir de outra maneira. Mas, para o artista, estas palavras não têm o mais pequeno sentido e nada têm que ver mesmo com o próprio assunto. O artista, guiado pela sua própria experiência ou instruído pela leitura de correspondências, memórias ou narrativas, faz uma ideia do acontecimento que teve lugar e muitas vezes, como, por exemplo, no caso de uma batalha, a dedução que o historiador se permite extrair da intervenção destas ou daquelas tropas é absolutamente oposta à do artista. A divergência dos resultados explica-se pelas fontes em que um e outro colheram os seus elementos. Para o historiador, prosseguindo com o exemplo da batalha, a fonte principal está nos relatos dos diversos comandantes e do general-chefe. O artista, esse, nada pode colher de tais relatos; nada lhe dizem, nada lhe explicam. Pelo contrário, evita-os, pois acha-os forçadamente mentirosos. Não é preciso dizer-se que em matéria de batalhas cada um dos adversários pinta os acontecimentos de maneira inteiramente oposta; em todas as descrições de batalhas há necessariamente mentiras, consequência da obrigação de se descrever em poucas palavras os actos de milhares de indivíduos espalhados por áreas de muitas *verstas,* dominados por uma grande excitação moral, resultado do medo, da vergonha e da morte.

Nas descrições de batalhas dizem-nos, geralmente, que determinadas tropas foram lançadas na refrega em tal ponto, que depois receberam ordem de recuar, etc., como se a disciplina que submete dezenas de milhares de homens à vontade de um só no papel pudesse ter o mesmo efeito quando se joga a vida e se está diante da morte. Todo o homem que algum dia fez a guerra sabe a que ponto isto é inexacto *(Quando apareceu a primeira parte da minha obra e a minha descrição da batalha de Schoengraben, vieram contar-me o que disseram Nicolau Nikolaievitch Muraviov-Karski dessa descrição e as suas palavras fortaleceram a minha convicção. N. N. Muraviov, comandante-chefe, declarou que nunca lera uma descrição mais fiel da batalha e que a sua experiência pessoal o convencera de que não é possível, no decurso de um combate, executar as ordens do general-chefe.).* No entanto é sobre suposições deste género que se baseiam os relatos, e por conseguinte as descrições militares. Visitai o campo de batalha depois do combate, um ou dois dias mesmo mais tarde, antes de redigidos os relatos, e interrogai os

soldados, os chefes, grandes e pequenos, acerca da forma como as coisas se passaram. Esses homens dir-vos-ão o que sentiram e viram e de todos esses relatos ficar-vos-á uma imagem penosa e confusa, embora grandiosa, complicada e variada até mais não poder; e ninguém, nem mesmo o general-chefe, esse ainda menos do que os outros, vos poderá dizer como as coisas se passaram realmente. Dois ou três dias mais tarde, no entanto, principiaram a chegar os relatos; os tagarelas põem-se a contar como decorreram as coisas que eles não viram: enfim, fixa-se um relato geral de acordo com o qual se forma a opinião do exército. Todos se sentem contentes por poderem confrontar as suas dúvidas e as suas incertezas com esse quadro cheio de mentiras, embora claro e lisonjeiro. Decorrido seja um mês ou dois, interrogar alguém que tenha tomado parte na operação; no seu relato já não existe aquela impressão fresca e directa da vida que anteriormente nos impressionara. Agora já fala de acordo com um texto escrito. Foram desse género os relatos que me fizeram de Borodino muitos dos que nessa batalha tomaram parte, pessoas inteligentes e de espírito amplo. Todos me diziam as mesmas coisas, ora de acordo com a descrição inexacta de Mikailovski-Danilevski, ora de acordo com a de Glinka e de outros. Até mesmo os pormenores que me proporcionavam, embora os narradores tivessem estado a muitas *verstas* de distância uns dos outros, eram idênticos.

Depois da tomada de Sebastopol, o comandante da artilharia, Krijanovki, comunicou-me os relatos dos oficiais do seu corpo de exército dos diferentes bastiões e pediu-me que reunisse num só todos estes relatos, mais de vinte. Tenho pena de os não ter copiado. Era um espécime típico da mentira ingénua e obrigatória inerente a todo o relato militar. Suponho que muitos dos meus camaradas autores desses relatos ao lerem estas considerações lerão vontade de rir, lembrando-se como, por ordem dos seus comandantes, escreveram o que não tinham podido saber.

Todos os que estiveram na guerra sabem quanto os Russos são capazes de cumprir bem o seu dever e quanto, pelo contrário, são capazes de descrever o que viram com as lisonjas mentirosas habituais em semelhantes casos. Toda a gente sabe que nos exércitos russos são em geral estrangeiros que recebem a missão de relatar tais acontecimentos.

Tudo isto me ocorre para mostrar que a mentira é obrigatória nas descrições militares que serviram de documentos aos historiadores e ajudar a fazer compreender por isso mesmo que o artista se encontra, inevitavelmente, muitas vezes em desacordo com o historiador na maneira de compreender os acontecimentos. Mas, além desta inexactidão, por assim dizer forçada, dos historiadores da época que me interessa, verifiquei neles uma maneira de falar particularmente resumida, naturalmente por virtude do agrupamento dos factos, pondo-os dê acordo com o carácter trágico dos acontecimentos, dando-lhes um

tom de relato particular, enfático, em que a mentira e a alteração da verdade prevalecem não só sobre os mesmos factos, mas também sobre o seu significado. Por vezes, ao ler as duas principais obras históricas sobre esta época, a de Thiers e a de Mikailovski-Danilevski, me perguntei a mim mesmo como era possível publicarem-se semelhantes livros e terem leitores. Sem falar na exposição feita em tom sério e compenetrado dos mesmos acontecimentos documentados com referências de maneira diametralmente oposta num e noutro, encontrei nos dois relatos descrições tais que me deixaram perplexo, sem saber se devia rir ou chorar, sobretudo depois de mo inteirar de que tais obras constituem os únicos monumentos históricos que se referem a esta época e contam milhes de leitores. Apenas citarei um exemplo colhido no ilustre historiador Thiers. Depois de ter referido que Napoleão levou consigo notas falsas, acrescenta:

«Ressalvando o emprego destes meios por um acto de benemerência digno dele e do exército francês, mandou distribuir socorros às vítimas dos incêndios. Mas como os víveres eram demasiado preciosos para serem repartidos por muito tempo a estrangeiros, a maior parte dos quais inimigos. Napoleão preferiu dar-lhes dinheiro, e mandou-lhes distribuir rublos-papel.»

Lido ao acaso, este passo choca pelo seu estouvamento - para não dizer a sua imoralidade -, já que resulta simplesmente absurdo. No entanto, no contexto do livro, no seu devido lugar, já não choca, pois corresponde inteiramente ao tom geral do relato, que é enfático, solene e desprovido de sentido preciso.

Eis, pois, como as tarefas do historiador e do artista são inteiramente diferentes e como o meu desacordo com os historiadores na descrição dos acontecimentos e no retrato das personagens a ninguém deve surpreender. Mas o artista não deve perder de vista que a ideia que o povo tem das personagens e dos acontecimentos não provém da fantasia, mas, sim, da forma como os documentos foram agrupados pelos histor1adores. E eis aqui porque, apesar de compreender de maneira diferente estas personagens e estes acontecimentos, o artista, tal qual como o historiador, deve guiar-se pelos documentos históricos. Em todas as páginas do meu romance em que falam e actuam personagens históricas nada inventei, mas servi-me de materiais que encontrei e que constituíram, no decorrer do meti trabalho, toda uma biblioteca. Se me não parece oportuno agora citar aqui os títulos das obras consultadas, estou pronto a fazê-lo quando foi, necessário.

E, finalmente, a minha sexta argumentação, e a mais importante, diz respeito ao valor mínimo que tomam os pseudo-grandes homens nos acontecimentos históricos,

Graças ao estudo de uma época tão trágica, tão rica em acontecimentos consideráveis e tão próxima de nós, cujas tradições, as mais diversas, ainda se mantêm tão vivas, cheguei

a absoluta convicção de que a nossa inteligência não pode apreender causas dos acontecimentos que se produzem. Dizer-se,, o que parece muito simples para todos, que as causas dos acontecimentos de 1812 foram o espírito de conquista, de Napoleão e a firmeza, patriótica de Alexandre Pavlovitch é tão absurdo como afirmar que as causas da queda do Império Romano devem procurar-se no facto de um certo bárbaro ter encaminhado os seus povos para o Ocidente quando um imperador romano governava mal os seus estados, ou como sugerir que uma grande montanha que foi minada acabou por ruir mercê de golpe de picareta do último trabalhador que a escavou.

Um acontecimento de tal magnitude, em que milhões de indivíduos se mataram uns aos outros, em que caiu mais de meio milhão de homens, não pode ter sido causado pela vontade de uma pessoa. Da mesma maneira que um só trabalhador não pode ter escavado toda uma montanha, também um só homem não pode ter conduzido à morte quinhentos mil homens. Mas então onde procurar as causas? Certos historiadores dão como causa desse acontecimento o espírito de conquista dos Franceses, o patriotismo da Rússia. Outros falam das ideias democráticas que os exércitos de Napoleão difundiram e da necessidade que tinha a Rússia de entrar em relações com a Europa, etc.... Mas como se mataram uns aos outros milhões de homens? Quem lhes deu essa ordem? Parece evidente para todos que nenhum deles podia estar melhor e que todos estavam ameaçados de se encontrarem depois muito pior. Porque terem, então, praticado esse acto? Podem fazer-se e fazem-se inúmeras deduções retrospectivas sobre as causas desse absurdo acontecimento, mas todas essas explicações, tão numerosas, todas tendentes ao mesmo fim, apenas provam que essas causas são muitas mas que nenhuma delas pode ser a causa.

Porque se mataram uns aos outros estes milhões de homens quando é certo que desde que o mundo é mundo se sabe, que, quer do ponto de vista físico quer do moral, isso constitui uma má acção?

Porque isso era inevitável é que, agindo desta sorte, obedeciam a uma lei zoológica elementar, como as abelhas cujos zângãos, no Outono, se exterminam uns aos outros. Não pode dar-se outra resposta a esta terrível pergunta.

Eis aqui uma verdade não só evidente mas de tal modo inata em todos os homens que não careceria de demonstração se por outro lado não tivéssemos a consciência de ser livres sempre que realizamos qualquer acto, seja ele qual for.

Considerando a história de um ponto de vista universal, estamos incontestável mente persuadidos da existência de uma lei eterna que preside aos acontecimentos. Mas ao considerá-la de um ponto de vista pessoal, convencemo-nos do contrário.

O homem que mata o seu semelhante; Napoleão, mandando transpor o Niémen; eu

ou vós, apresentando um requerimento para obter determinado lugar, levantando ou baixando a mão, todos estamos absolutamente convencidos de que os nossos actos se fundamentam em razões e dependem do nosso livre arbítrio e que só de nós depende agir desta ou daquela maneira. E esta convicção de tal modo é natural em nós e tão cara nos é que, apesar das deduções da história e da estatística criminal, que nos provam a ausência de liberdade nos actos dos outros, generalizamos a todos os actos a nossa consciência de sermos livres.

A contradição parece irredutível. Quando ajo estou persuadido de que sigo o meu livre arbítrio, mas quando encaro o meu acto no quadro geral da vida da humanidade, no seu sentido histérico, fico convencido de que era predestinado e inevitável. Onde está, então, o erro?

As observações psicológicas sobre a tendência do homem para introduzir fraudulentamente e de maneira instantânea em cada facto realizado toda uma série de raciocínios pressupostamente livres, o que noutra parte explicarei mais pormenorizadamente, confirmam a afirmação de que a consciência que ele tem de ser livre ao cumprir uma certa espécie de actos é errónea. Mas as mesmas observações provam que existe uma outra série de actos em que a consciência de se ver livre não é retrospectiva, mas instantânea e indiscutível. Eu posso, indiscutivelmente, digam o que disserem os materialistas, praticar um acto ou abster-me de o praticar desde o momento em que o acto não me diz respeito só a mim. Acabo neste momento, indiscutivelmente, graças à minha exclusiva vontade, de levantar ou de baixar a mão. Posso neste momento deixar de escrever. Indubitavelmente, sem qualquer obstáculo e graças unicamente à minha vontade, transporto-me, em pensamento, neste instante à América ou formulo no meu espírito um problema qualquer de matemática. Para experimentar a minha liberdade, posso erguer e baixar com força a minha mão. Faço esse gesto. Mas junto de mim está uma criança, ergo para ela a mão e com força equivalente quero baixá-la sobre a criança. Mas não o posso fazer. Um cão lança-se sobre essa criança, não posso não erguer a mão para o cão. Sou um soldado que está nas fileiras e não posso deixar de acompanhar os movimentos do regimento. Não posso, durante uma batalha, deixar de partir para o ataque com os meus camaradas e não fugir quando todos fogem à volta de mim. Não posso, sendo testemunha de defesa de um acusado, abster-me de falar ou não saber antecipadamente o que vou dizer. Não posso deixar de piscar os olhos quando vejo iminente sobre mim qualquer pancada.

Assim, há actos de duas espécies, uns dependentes, outros que não dependem da minha vontade. E o erro que determina esta oposição provém apenas de que a consciência

que eu tenho de ser livre, a qual legitimamente acompanha cada um dos actos referentes ao meu eu, na mais alta abstracção do meu ser, transporto-a ilegalmente àqueles dos meus actos realizados em relação com outros homens e que dependem da concordância de outras vontades com as minhas. É muitíssimo difícil fixar-se os limites do domínio da liberdade e da dependência e esta delimitação constitui o papel essencial e único da psicologia. Mas quando observamos as condições em que se revela a nossa maior liberdade e a nossa maior dependência, não podemos deixar de ver que quanto mais abstractos os nossos actos e por menos relacionados com os actos dos outros, mais livres são, e que quanto mais solidários dos outros, menos livres são. Ao elo mais forte, mais indestrutível, mais penoso e mais durável que nos une aos nossos semelhantes é que se dá o nome de poderio, poderio este que, no seu verdadeiro sentido, mais não é que a maior dependência que pode ter-se da parte dos outros.

Com razão ou sem ela, plenamente convencido destas verdades, no decurso do meu trabalho, ao descrever os factos históricos de 1805, 1807 e sobretudo de 1812, nos quais se revela, com maior relevo, esta lei da fatalidade *(É preciso notar que quase todos os que escreveram sobre o ano de 1812, viram nesses acontecimentos qualquer coisa de particular e de fatal.),* não me [foi possível atribuir valor excepcional aos factos e aos gestos que, ao que parece, dirigiram tais acontecimentos, mas os quais, menos ainda que os outros autores do drama, neles introduziram uma parte de actividade verdadeiramente humana e livre. Esses actos não me interessam senão na medida em que ilustra nesta lei da fatalidade, a qual, na minha opinião, rege a história e essa outra lei psicológica que compele o homem que realiza o acto menos livre possível a imaginar imediatamente toda uma série de deduções retrospectivas destinadas a provar a si próprio que é livre.

Conde Leon Tolstoi

Arquivos Russos, 1868.

Esta obra foi digitalizada e revisada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure :

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

http://groups.google.com/group/digitalsource